

AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TERRY GOODKIND



A PRIMEIRA REGRA
DO MAGO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Espada da Verdade
**A Primeira
Regra do Mago**

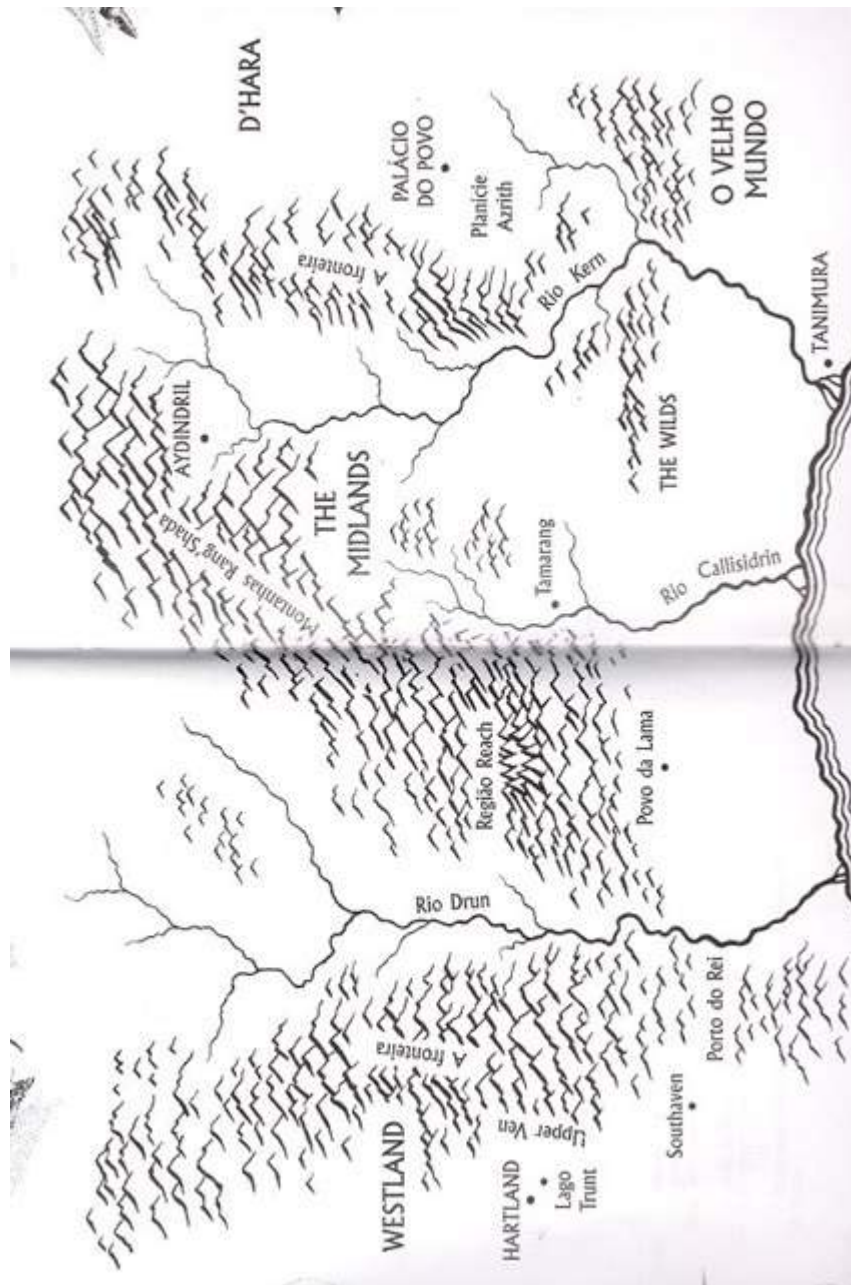


TERRY GOODKIND

Título original:
Wizard's First Rule

Digitalização do grupo PDL por:
Nanda (até capítulo 16), Tata Lopes, Juliana Rodrigues, Fernanda
Fantini, Sabrina Ikeda, Mariana Ely, Tammy Bittencourt, Yasmin
Deschain, Bia Monteiro, Lu Rebello, João Henrique.

Formatação e capa:
LeYtor



AGRADECIMENTOS



Quero agradecer a certas pessoas especiais:

Meu pai, Leo, por jamais me mandar ler, mas que estava constantemente lendo, o que aguçou minha curiosidade.

Minhas boas amigas, Rachel Kahlandt e Gloria Avner, por aceitarem a tarefa de ler o manuscrito e oferecerem opiniões valiosas e por sua crença inabalável, quando eu mais precisava delas.

Meu agente Russell Galen, pela coragem de empunhar pela primeira vez a espada e tornar meus sonhos realidade.

Meu editor James Frenkel, não só por seu excepcional talento editorial, orientação e aperfeiçoamento deste livro, como também por seu ilimitado bom humor e paciência para me ensinar a ser um escritor melhor, ao longo do caminho.

À boa gente de Tor, sem exceção, por seu entusiasmo e trabalho árduo.

A duas pessoas muito especiais, Richard e Kahlan, por me escolherem para contar sua história. Suas lágrimas e seus triunfos comoveram meu coração. Jamais serei o mesmo outra vez.

CAPÍTULO 1



Era uma trepadeira estranha. Folhas foscas variegadas colavam-se a um talo que se enrolava fortemente em volta do tronco macio de um abeto balsâmico. Seiva escorria do tronco ferido e galhos secos pendiam flácidos como se a árvore estivesse tentando emitir um gemido no ar úmido e frio da manhã. Vagens brotavam da trepadeira aqui e ali em todo o seu comprimento, quase parecendo à procura cautelosa de testemunhas.

Foi o cheiro que primeiro chamou sua atenção, o cheiro de alguma coisa em decomposição que tivesse sido repugnante mesmo em vida. Richard passou os dedos no cabelo Espesso, enquanto sua mente erguia a névoa de desespero que descera sobre ele ao ver a trepadeira. Ele procurou outras, mas não viu qualquer trepadeira. Tudo o mais parecia normal. Os bordos da Floresta Ven, lá no alto, já começavam a se tingir de vermelho, orgulhosamente exibindo o novo manto na brisa leve. Com as noites ficando mais frias, logo seus primos do Bosque Hartland, ao sul, os imitariam. Os carvalhos, os últimos a ceder à estação, vestiam ainda heroicamente seus mantos verdes.

Tendo passado a maior parte da vida nos bosques, Richard conhecia todas as plantas, senão pelo nome, pela aparência. Desde que Richard era pequeno, seu amigo Zedd o levava com ele, quando ia procurar ervas especiais. Ensinou a Richard quais delas devia procurar, onde elas cresciam e por quê, e dava nomes a tudo que viam. Muitas vezes eles apenas conversavam, o velho sempre o tratando como igual, perguntando tanto quanto respondendo. Zedd despertara a fome que Richard tinha de aprender, de saber.

Mas aquela trepadeira, Richard tinha visto só uma vez antes e não nos bosques. Encontrou um broto dela na casa do pai, no frasco de vidro azul de cerâmica feito por Richard quando era pequeno. Seu pai era negociante e viajava muito, à procura de itens exóticos e raros. Pessoas ricas muitas vezes o procuravam, interessadas no que ele podia ter encontrado. Aparentemente ele gostava era da procura, mais que da descoberta, e sempre parecia feliz em se descartar de alguma coisa e partir à procura de outras.

Desde muito cedo, Richard gostava de passar tempo com Zedd, quando seu pai Viajava. Seu irmão Michael, alguns anos mais velho, não se interessava pelos bosques nem pelas divagações instrutivas de Zedd, preferindo passar o tempo com pessoas ricas. Há uns cinco anos Richard saíra de casa para morar sozinho, mas sempre visitava a casa do pai, ao contrário de Michael, que estava sempre ocupado e nunca tinha tempo para visitas. Quando viajava, o pai deixava um bilhete para Richard no frasco azul contando as novidades, um caso ou alguma coisa interessante que tinha visto.

No dia em que, há três semanas, Michael apareceu e disse que seu pai fora assassinado, Richard foi à casa do pai, apesar de o irmão insistir para que não fosse dizendo que ele não podia fazer nada. Havia muito Richard tinha passado da idade em que fazia tudo que o irmão dizia. Procurando poupá-lo, o povo da cidade não deixou que ele visse o corpo. Mas ele viu as poças de sangue marrom e seco no assoalho de madeira. Quando Richard se aproximou, as vozes se calaram, a não ser para oferecer simpatia, o que mais aprofundou a enorme dor. Ele os ouviu comentar, em murmúrios, as histórias e os rumores sobre coisas além da fronteira.

Magia.

Richard ficou chocado com a desordem deixada na pequena casa do pai, como se o interior tivesse sido atingido por uma tempestade. Pouca coisa estava intocada. O vidro azul de mensagens ainda estava na prateleira e, dentro dele, Richard encontrou o broto da trepadeira, que pôs no bolso. Não tinha idéia do que seu pai queria dizer com aquilo.

A dor da perda e a depressão o dominaram e, embora tivesse ainda o irmão, sentia-se abandonado. O fato de ser um homem

adulto não oferecia santuário para a sensação de desamparo, de estar sozinho no mundo, um sentimento que conhecera antes, quando era mais jovem e sua mãe morreu. Mesmo com o pai viajando constantemente, ficando fora de casa às vezes durante semanas, Richard sempre sabia que ele estava em algum lugar, e que voltaria. Agora, nunca mais ia voltar.

Michael não permitiu que ele participasse da procura do assassino. Disse que tinha os melhores homens do exército fazendo isso e queria que Richard ficasse fora, para seu próprio bem. Assim, Richard simplesmente não mostrou o broto da trepadeira para Michael e saía sozinho todos os dias à procura da planta. Durante três semanas, percorrei as trilhas dos Bosques Hartland, todas elas, mesmo as que quase ninguém conhecia, mas não encontrou a trepadeira.

Finalmente, contrariando o próprio julgamento, resolveu dar ouvidos aos murmúrios da sua mente e foi à Floresta Vem, ao norte, perto da fronteira. Os murmúrios no fundo de sua mente o atormentavam com a sensação de que, de algum modo, ele sabia alguma coisa sobre o motivo do assassinato do pai. Eles o desafiavam e tantalizavam com pensamentos fora do seu alcance e riam dele por não descobrir. Richard tentou se convencer de que estava sendo enganado pela dor do pai e que nada daquilo era real.

Pensou que, quando encontrasse a trepadeira, teria uma resposta. Agora a tinha encontrado e não sabia o que pensar. Os murmúrios não mais o provocavam, mas agora eram cheios de ansiedade. Richard sabia que era sua mente e ordenou a si mesmo que parasse de tentar dar aos murmúrios uma vida própria. Zedd lhe tinha ensinado a ser mais sensato.

Richard olhou para o grande pinheiro agonizante. Pensou outra vez na morte do pai. A trepadeira estava lá e agora matava aquela árvore. Não podia ser coisa boa. Embora não pudesse fazer nada pelo pai, não ia permitir que a trepadeira provocasse outra morte. Segurou com força o talo enrolado, puxou e, com músculos poderosos, arrancou as gavinhas do tronco da árvore.

Foi quando a trepadeira o mordeu.

Uma das vagens saltou e picou as costas da sua mão esquerda. Richard pulou para trás, surpreso. Examinando o pequeno ferimento, encontrou um espinho enfiado no corte. A questão estava respondida. A trepadeira significava encrenca. Estendeu a mão para a faca para retirar o espinho, mas não a encontrou. Surpreso a princípio, logo compreendeu que não devia permitir que sua depressão o fizesse esquecer algo tão básico como levar a faca quando ia ao bosque. Com as unhas, tentou retirar o espinho. Começou a ficar preocupado e percebeu que o espinho parecia vivo, contorcendo-se e afundando cada vez mais no corte. Quanto mais tentava tira-lo, mais o espinho se aprofundava. Uma onda quente de náusea tomou conta dele quando tentou abrir mais o ferimento, por isso ele parou. O espinho desapareceu sob o sangue que pingava de sua mão.

Olhando em volta, Richard viu as folhas de um vermelho-escuro de uma pequena árvore carregada de frutos vermelhos. Debaixo da árvore, encaixada na dobra de uma raiz, ele encontrou o que procurava: uma planta aum. Aliviado, arrancou cuidadosamente a haste tenra quase pela base e esfregou de leve o líquido espesso e claro no ferimento. Sorriu, pensando no ensinamento de Zedd. A planta aum facilitava a cicatrização. As folhas macias com leve penugem sempre o faziam se lembrar de Zedd. O suco do aum diminuía a dor da picada, mas não a preocupação com a impossibilidade de remover o espinho. Ainda o sentia se contorcendo e se aprofundando cada vez mais.

Richard se agachou e, com os dedos, fez um buraco no solo, plantou o aum e o fixou com terra em volta da haste, para que pudesse reviver.

Os sons da floresta estavam silenciosos. Richard olhou para cima, apertando os olhos quando uma sombra escura se projetou no solo, saltando por cima de galhos e folhas. O ar se encheu de um farfalhar sibilante. O tamanho da sombra era assustador. Pássaros voaram rapidamente para todos os lados, saindo dos seus abrigos nas árvores, com gritos de alarme. Richard continuou a olhar pra cima, procurando entre as aberturas dos galhos verdes e dourados, tentando ver de onde vinha a sombra. Por um momento ele viu algo

enorme. Grande e vermelho. Não tinha idéia do que podia ser, mas a lembrança dos rumores sobre coisas que vinham da divida dos estados o deixou gelado até os ossos.

A trepadeira era um problema, ele pensou outra vez. Aquela coisa no céu também era. Lembrou o que o povo sempre dizia: "Problemas geram três filhos", e teve certeza que não queria conhecer o terceiro.

Procurando ignorar o medo, ele começou a correr. Isso era só conversa de gente supersticiosa, pensou. Tentou imaginar o que podia ser tão grande e vermelho. Era impossível, nada do que voava tinha aquele tamanho. Talvez fosse uma nuvem ou um artifício da luz. Mas não conseguiu se enganar. Não era uma nuvem.

Olhando para cima, sem parar de correr, tentando ver outra vez a sombra, seguiu para a trilha que circundava a encosta. Richard sabia que no outro lado da trilha havia uma descida íngreme, de onde poderia ver o céu sem o empecilho das árvores. Galhos de árvores molhados pela chuva da noite anterior lhe batiam no rosto enquanto ele corria pela floresta, saltando por cima de árvores caídas e de pequenos regatos forrados de pedras. O mato lhe batia nas calças. Retalhos de sol o faziam olhar para cima, mas negavam a vista que ele queria. Respirava rápida e entrecortadamente, o suor no seu rosto era frio e ele sentia as batidas do coração, enquanto descia descuidadamente a encosta. Finalmente saiu de baixo das árvores e entrou na trilha, quase caindo.

Olhando para o céu, ele viu a coisa muito distante e agora pequena demais para ser identificada, mas teve a impressão de que tinha asas. Apertando os olhos e protegendo-os com a mão contra a claridade, ele procurou se certificar de que tinha asas e se movia. A sombra deslizou para trás de uma colina e desapareceu. Richard nem teve tempo de ver se era realmente vermelha.

Ofegante, Richard saltou em um bloco de granito ao lado da trilha, sem perceber que amassava gravetos mortos de uma árvore nova ao seu lado, olhando para baixo, para o Lago Trunt. Talvez fosse melhor contar a Michael o que tinha acontecido, falar da trepadeira e da coisa vermelha no céu. Sabia que Michael ia rir da

última parte. Muitas vezes, Richard também tinha achado graça naquelas mesmas histórias.

Não, Michael só ficaria zangado com ele por ter ido até o norte, para perto da divisa, contrariando suas ordens para não tomar parte na procura do assassino. Sabia que o irmão se importava com ele, por isso sempre estava chamando sua atenção. Agora que estava crescido, podia rir das ordens constantes de Michael, mas ainda tinha de enfrentar seu desagrado.

Richard partiu outro graveto e, frustrado, o atirou numa rocha plana. Resolveu que não devia considerar-se o único. Afinal, Michael estava sempre dizendo a todo mundo o que devia fazer, até a seu pai.

Afastou da mente aquele julgamento do irmão. Hoje era um grande dia para Michael. Seria empossado no cargo de Primeiro Conselheiro. Ficaria encarregado de tudo agora, não apenas da cidade de Hartland como antes, mas de todas as cidades e vilarejos de Westland, até do povo do campo. Responsável por tudo e por todos. Michael merecia o apoio de Richard, precisava dele. Michael também tinha perdido o pai.

Naquela tarde haveria uma cerimônia e uma grande comemoração na casa de Michael. Gente importante estaria lá, vindo dos rincões mais distantes de Westland. Richard deveria estar presente também. Pelo menos a comida seria boa. Richard só então percebeu que estava faminto.

Ali sentado, olhou para o lado oposto ao Lago Trunt, lá embaixo. Daquela altura, a água clara revelava partes alternadas de pedra e o mato verde em volta dos poços profundos. Na beira da água, a Trilha Hawkers seguia sinuosa, saindo do meio das árvores e entrando, em alguns lugares perfeitamente visível, em outros escondida. Richard tinha estado muitas vezes naquela parte da trilha. Na primavera a trilha era molhada e lamacenta ao lado do lado, mas afora, quase no fim do ano, estaria seca. Em regiões mais ao norte e ao sul, a trilha seguia pelo meio da Floresta Ven, passando perigosamente perto da fronteira. Por isso, a maioria dos viajantes a evitava, preferindo as trilhas dos Bosques Hartland.

Richard era guia florestal e conduzia com segurança os viajantes pelas florestas de Hartland. A maior parte era de dignitários que queriam mais o prestígio de um guia local do que orientação sobre o caminho.

Richard percebeu um movimento. Sem saber o que era, olhou atentamente para um ponto no lado oposto do lago. Quando olhou outra vez, onde a trilha passa por trás de um grupo de árvores, teve certeza: era uma pessoa. Talvez se amigo Chase. Quem mais a não ser um guarda da fronteira podia estar por ali?

Richard desceu da pedra, afastando os gravetos, e deu um passo à frente. O vulto seguiu pela trilha até sair do meio das árvores, na beira do lago. Não era Chase, era uma mulher. Uma mulher de vestido. Que mulher estaria andando ali tão longe, na Floresta Ven, de vestido? Richard a viu seguir ao lado da praia do lado, desaparecendo e reaparecendo na trilha. Não parecia estar com pressa, mas também não estava passeando. Movia-se com o passo ritmado de um caminhante experiente. Isso fazia sentido. Ninguém morava perto do Lago Trunt.

Outro movimento chamou sua atenção. Richard examinou os vultos. Atrás dela havia outros. Três, não, quatro homens, que usavam mantos com capuz, próprios para andar na floresta, seguiam, mantendo alguma distância. Moviam-se cautelosamente. De pedra em pedra, de árvore em árvore. Esperando, movendo-se. Richard olhou atentamente para os vultos.

Eles a seguiam furtivamente.

Richard teve certeza. Aquele era o terceiro problema.

CAPÍTULO 2



Richard ficou paralisado, sem saber o que fazer; Não tinha certeza de que os quatro homens estavam mesmo seguindo a mulher, pelo menos não até ser tarde demais. Afinal, não era da sua conta. Além disso, ele nem tinha levado sua faca. Que chance tinha um homem desarmado contra quatro? Ele viu a mulher continuar seu caminho pela trilha. Viu os homens atrás dela.

Que chance tinha aquela mulher?

Ele se agachou, com os músculos retesados. Com o coração disparado, tentava não pensar no que podia fazer. O sol da manhã lhe aquecia o rosto e o medo acelerava sua respiração. Richard sabia da existência de um pequeno atalho que saía da trilha Hawkers, um pouco à frente de onde a mulher estava. Apressadamente, tentou se lembrar do lugar exato. A primeira bifurcação do atalho à esquerda da mulher continuava, dando volta ao lado e na colina à sua esquerda, seguindo para onde ele estava. Se a mulher ficasse na trilha principal, Richard podia esperar por ela e avisá-la da presença dos homens. E depois? Além disso, iria demorar muito; os homens a alcançariam antes. Então teve uma idéia. Ergueu-se e começou a correr na trilha.

Se pudesse alcançá-la antes dos homens e antes do atalho, poderia levá-la para a bifurcação certa. A trilha seguida para fora das árvores, para plataformas abertas, longe da fronteira, na direção da cidade de Hartland, onde ela teria ajuda. Se agissem rapidamente, Richard poderia esconder as pegadas da mulher. Os homens não saberiam que os dois tinham tomado à trilha lateral. Pensariam que ela continuava na principal, pelo menos por algum

tempo, o suficiente para enganá-los e levar a mulher para lugar seguro.

Ainda ofegante por causa da corrida anterior, Richard corria o mais depressa possível. A trilha seguia agora para as árvores. Assim pelo menos ele não precisava preocupar-se em ser visto pelos homens. Raios de sol surgiram em flashes enquanto ele corria, Velhos pinheiros ladeavam a trilha, com um tapete macio de agulhas que abafava seus passos.

Depois de algum tempo, ele começou a procurar a trilha lateral. Não tinha certeza de quanto tinha corrido, a floresta não tinha qualquer ponto de referência e Richard não lembrava exatamente onde ficava o atalho. Era pequeno e fácil de passar despercebido. Esperando encontrá-lo a cada curva, ele continuou a correr. Tentava imaginar o que diria à mulher quando finalmente a alcançasse. Sua mente corria com a mesma velocidade das pernas. Ela poderia pensar que ele era um dos homens que a seguiam ou ficar com medo dele ou até não acreditar nele. Richard não teria muito tempo para convencê-la a seguir com ele, que ele a queria ajudar.

Chegando ao alto de uma pequena subida, ele procurou outra vez o atalho, mas não o viu e continuou a correr. Sua respiração estava agora entrecortada. Richard sabia que, se não alcançasse o atalho antes dela, ficariam encurralados e a única opção seria correr mais do que os quatro homens ou lutar. Ele estava muito cansado para qualquer uma dessas coisas. Pensando nisso, apressou ainda mais o passo. O suor lhe escorria nas costas, grudando a camisa no corpo. O ar frio da manhã tinha se transformado em um calor abafado, mas ele sabia que era impressão, por causa do esforço que estava fazendo. A floresta passava como uma névoa nos dois lados da trilha.

Um pouco antes de uma curva fechada para a direita, chegou finalmente ao atalho, quase passando por ele. Procurou rapidamente qualquer sinal de a mulher já houvesse passado por ali e seguido pela trilha menor. Não encontrou nada. Aliviado, Richard se ajoelhou e sentou nos calcanhares, exausto.

A primeira parte estava feita. Tinha chegado antes dela. Agora tinha de fazer com que ela acreditasse nele antes que fosse tarde demais.

Apertando com a mão o lado do corpo onde sentia uma dor aguda e ainda tentando tomar fôlego, começou a imaginar se não ia parecer tolo. E se ela estivesse apenas brincando com os irmãos? Todos, menos ele, iam dar boas risadas.

Olhou para o ferimento na mão. Estava vermelho e latejava. Lembrou-se da coisa no céu. Pensou no modo com que a mulher andava, como quem ia a algum lugar, não como alguém que estivesse brincando. Era uma mulher, não uma menina. Lembrou-se do medo que sentiu quando viu os quatro homens. Quatro homens seguindo cautelosamente uma mulher. A terceira coisa estranha daquela manhã. O terceiro filho do problema. Não, Richard balançou a cabeça, aquilo não era uma brincadeira, ele sabia o que tinha visto. Não era um jogo. Eles a estavam perseguindo.

Richard se ergueu. Ondas de calor emanavam do seu corpo. Inclinando para frente com as mãos segurando os joelhos, respirou profundamente algumas vezes antes de ficar de pé.

Então a jovem mulher surgiu na curva, bem à frente dele. Por um momento, Richard prendeu a respiração. O cabelo castanho era farto, brilhante e comprido, complementando o contorno do corpo. Era alta, quase da altura dele, e devia ter mais ou menos a mesma idade. O vestido era diferente de todos os que Richard já tinha visto, quase branco, decote quadrado, interrompido apenas por uma pequena bolsa quadrada de couro na cintura. A textura do tecido era fina e macia, quase cintilante, sem nenhum dos enfeites que ele estava acostumado a ver nas mulheres, nenhum estampado, nenhuma cor que distraísse a atenção do modo pelo qual acariciava o corpo. Elegante na sua simplicidade. Ela parou de repente e a saia ondulou suavemente sobre suas pernas.

Richard se aproximou e parou a três passos dela, para não parece ameaçador. Ela ficou imóvel, com os braços ao lado do corpo. Suas sobancelhas tinham o arco gracioso das asas de uma ave de rapina em pleno vôo. Os olhos verdes fitavam os dele sem medo. A conexão era tão intensa que ameaçava consumir sua noção de

individualidade. Richard sentia que sempre a conhecera, que ela sempre fora parte dele, que seus anseios eram os dele. Ela o prendeu com o olhar como uma garra de ferro, procurando seus olhos como quem procura a alma, buscando resposta para alguma coisa. Estou aqui para ajudar, ele pensou. Estava sendo mais sincero do que nunca.

A intensidade do olhar diminuiu, libertando-o. Nos olhos dela, ele viu uma coisa que o atraiu mais do que tudo: inteligência. Viu a claridade da chama que havia nela e teve a sensação da completa integridade da mulher. Richard se sentiu seguro.

Um alarme soou em sua mente e o fez lembrar porque estava ali e que o tempo era precioso.

— Eu estava lá em cima — apontou para o alto da colina — e vi você. — Ela olhou para onde ele apontava. Richard olhou também e percebeu que estava apontando para um emaranhado de galhos. De onde estavam não podiam ver a colina porque as árvores bloqueavam a vista. Ele abaixou o braço, tentando ignorar o engano. Os olhos dela se voltaram para os dele, esperando.

Richard começou outra vez em voz baixa.

— Eu estava no alto de uma colina, acima do lago. Vi você na trilha ao lado praia. Alguns homens a perseguem.

Sem nenhum sinal de emoção, ela continuou a olhar nos olhos dele.

— Quantos?

Richard estranhou a pergunta, mas respondeu.

— Quatro.

Ela ficou pálida.

Virou a cabeça para trás, para o bosque, examinando as sombras, depois voltou-se outra vez para Richard; os olhos verdes procuraram os dele.

— Você resolveu me ajudar? — A não ser pela palidez, não havia qualquer sinal de emoção no rosto bonito.

Antes de ter tempo para pensar, Richard disse: — Resolvi.

A expressão dela se abrandou.

— O que acha que devemos fazer?

— Há um pequeno atalho que começa aqui. Se seguirmos por ele e os homens continuarem na trilha principal, podemos escapar da perseguição.

— E se eles também tomarem o atalho?

— Esconderei nossas pegadas. — Richard balançou a cabeça, tentando tranquilizá-la. — Eles não farão isso. Olhe, não temos tempo...

— E se fizerem? — interrompeu ela. — Então, qual é o seu plano?

Richard olhou para ela, calado por um momento.

— Eles são muito perigosos?

Ela ficou tensa.

— Muito.

O modo com que ela disse a palavra o fez começar a respirar outra vez. Por um momento, uma expressão de intenso terror passou pelos olhos dela.

Richard passou os dedos no cabelo.

— Bem, o atalho é estreito e escondido. Não poderão nos encurralar.

— Você tem uma arma?

Richard balançou negativamente a cabeça, furioso demais para revelar em voz alta seu esquecimento.

Ela disse: — Então vamos, depressa.

Uma vez tomada a decisão, ficaram em silêncio para que os homens não os localizassem. Rapidamente Richard escondeu os sinais da sua passagem e fez sinal para que ela fosse na frente, de modo que ele ficasse entre ela e os perseguidores. Ela não hesitou. Seu vestido flutuou quando ela se moveu rapidamente. A folhagem viçosa do Ven avançava nos dois lados, fazendo da trilha uma passagem estreita, verde e escura, entre o mato alto e os galhos. Não dava para ver nada em volta. Mas pelo menos o que ele podia ver, estava livre. Ela seguiu rapidamente, sem precisar de encorajamento.

Depois de algum tempo, chegaram a uma subida pedregosa e as árvores rarearam, melhorando a vista. A trilha seguida sinuosa por trechos profundamente sombreados, atravessando ravinas

cobertas de folhas. Folhas secas espalhavam-se à passagem dos dois. Pinheiros e abetos deram lugar a árvores grandes, a maior parte videiros; os galhos ondulavam no alto e pequenas manchas de sol dançavam no solo da floresta, os troncos brancos dos abetos com pintas negras pareciam centenas de olhos. A não ser pelo crocitar de alguns corvos, era um lugar silencioso e calmo.

Na base do muro de granito que a trilha seguia, Richard levou um dedo aos lábios e fez sinal para que ela andasse com cuidado, para evitar ecos que os traíssem. Ele ouvia o crocitar dos corvos ecoando pelas colinas. Richard conhecia aquele lugar, a parede de rocha podia levar os sons a quilômetros de distância. Ele apontou para as rochas cobertas de musgo no solo da floresta. Fez sinal indicando que os dois deviam subir nas rochas para não quebrar com os pés os gravetos escondidos debaixo das folhas. Afastou algumas folhas mostrando os gravetos e fingiu que os quebrava, depois levou a mão em concha à orelha. Ela fez sinal de que compreendia, ergueu a saia com uma das mãos e começou a subir as rochas.

Richard tocou no braço dela. A jovem olhou para trás e ele gesticulou, fingindo que caía, avisando que o musgo tornava as pedras escorregadias. Ela sorriu e assentiu com a cabeça, mostrando ter compreendido. O sorriso inesperado o aqueceu, aparando as arestas do medo. Richard se permitiu uma pequena dose de confiança na fuga, enquanto ela passava de uma rocha coberta de musgo para outra.

À medida que a trilha ficava mais íngreme, o número de árvores diminuía. A rocha no solo impossibilitava o crescimento das raízes. Logo as únicas árvores cresciam nas frinchas, eram nodoas, retorcidas e pequenas, não oferecendo proteção contra o vento, que podia arrancá-las daquela base precária.

Eles saíram silenciosamente do meio das árvores para as prateleiras de rocha. A trilha nem sempre era marcada com clareza e havia muitos desvios falsos. Ela frequentemente o consultava com o molhar e ele indicava o caminho, apontando em silêncio. Richard se perguntava qual seria o nome dela, mas o medo dos quatro homens o mantinha calado. Embora a trilha fosse íngreme e difícil, ele nunca

precisava diminuir a marcha. Ela era hábil e rápida na escalada. Richard notou que ela calçava botas de couro macio, do tipo usado para viagem.

Havia mais de uma hora tinham saído do meio das árvores, subindo sempre, sob o sol. Seguiam para o leste, nas prateleiras de rocha antes de a trilha virar para oeste, adiante. Os homens, se os tinham seguido, teriam de olhar para o sol para vê-los. Os dois andavam com o corpo dobrado para frente e ele sempre olhava para trás, à procura de algum sinal dos homens. Quando os vira na margem do Lago Trunt, estavam bem escondido, mas ali era aberto demais para se esconder. Ele não viu nada e começou a se sentir melhor. Não estavam sendo seguidos, os homens não estavam perto, provavelmente se encontravam a quilômetros de distância na Trilha Hawkers. Quanto mais longe da fronteira e mais perto da cidade, melhor se sentia. Seu plano dera resultado.

Não vendo sinal de estar sendo seguido, Richard, mais aliviado, gostaria de parar para descansar, pois sua mão ferida latejava, mas a mulher não parecia precisar ou querer descanso. Continuava a andar como se os homens estivessem rentes aos seus calcanhares. Richard se lembrou da expressão dela quando perguntou se eles eram perigosos e perdeu toda a vontade de descansar.

À medida que a manhã avançava, o ar ficava quente demais para aquela época do ano. O céu estava claro, puro azul, com apenas poucas nuvens brancas. Uma das nuvens tinha a forma ondulante de uma serpente, com a cabeça abaixada e a cauda para cima. Por ser uma forma pouco comum, Richard se lembrou de ter visto aquela mesma nuvem mais cedo — ou na véspera. Precisava de recordar, para contar a Zedd da próxima vez em que estivesse com ele. Zedd sabia ler as nuvens e, se Richard não lhe contasse, teria que agüentar um sermão de uma hora sobre o significado das nuvens. Provavelmente Zedd estava naquele momento vendo nuvens estranhas, pensando se Richard estaria vendo também.

A trilha os levou para a face sul da Montanha Blunt, onde atravessava um penhasco escarpado que dera o nome à montanha. Atravessando o penhasco no meio, a trilha oferecia uma vista panorâmica da parte sul da Floresta Ven e à esquerda, entre nuvens

e névoa, quase escondidos atrás do muro de rocha, dos picos altos e escarpados da fronteira, Richard viu árvores marrons agonizantes, destacando-se no tapete verde. Mais próximas da divisa, as árvores mortas eram em maior número. Era a trepadeira, ele pensou.

Os dois avançavam rapidamente na trilha do penhasco. Estavam completamente desabrigados, em campo aberto, e podiam ser vistos facilmente, mas depois do penhasco a trilha seguia para os Bosques de Hartland e para a cidade. Mesmo que os homens tivessem descoberto o erro e procurassem segui-los, Richard e a mulher estavam muito à frente deles.

Aproximando-se do lado oposto da face do penhasco, a trilha alargava, permitindo que duas pessoas andassem lado a lado. Apoiando-se com a mão na rocha, Richard olhou para o lado, para os campos do penhasco, centenas de metros abaixo. Depois olhou para trás. Não havia ninguém. Quando ele voltou para a trilha, a mulher parou de repente, a saia do vestido rodopiando em volta das suas pernas.

Na trilha, na frente deles, até há pouco vazia, viram dois homens, Richard era maior do que a média, mas os homens eram muito maiores do que ele. Os capuzes dos mantos escuros ocultavam seus rostos, mas não escondiam os corpos musculosos. Richard tentou compreender como os homens tinham chegado antes deles.

Os dois viraram, prontos para correr. Da rocha acima deles, duas cordas desceram e outros dois homens saltaram para a trilha, com um baque surdo. Bloqueavam qualquer caminho de fuga. Eram tão grandes quanto os dois primeiro. Fivelas e correias de couro sob os mantos prendiam um arsenal que cintilava à luz do sol.

Richard se virou rapidamente para os dois primeiros. Eles calmamente tiraram os capuzes. Tinham os cabelos espessos e louros, pescoços grossos e rostos fortes e bonitos.

— Você pode passar, rapaz. Nosso negócio é com a moça. — A voz era profunda, quase amistosa. Porém, a ameaça era cortante como uma lâmina afiada. Ele tirou as luvas de couro e as enfiou no cinto, sem olhar para Richard. Evidentemente não o considerava um obstáculo. Parecia ser o chefe, os outros três esperavam em silêncio.

Era a primeira vez que Richard se via numa situação como aquela. Sempre conseguia evitar encrencas. Nunca se descontrolava e geralmente podia transformar carrancas em sorriso, com seu modo afável. Quando falar não adiantava, ele era bastante rápido e forte para fazer cessar ameaças antes que alguém saísse ferido e, quando necessário, dele simplesmente ia embora. Sabia que aqueles homens não estavam interessados em conversa e evidentemente não tinham medo dele. Richard desejou poder ir embora.

Olhou para os olhos verdes e viu uma mulher orgulhosa pedindo a sua ajuda.

Aproximou-se dela e disse em voz baixa e firme: — Não vou abandoná-la.

Viu alívio no rosto dela.

Com um leve suspiro, ela pôs a mão no braço dele.

— Fique na frente deles, não deixe que me ataquem todos de uma vez — murmurou ela — e tenha o cuidado de não tocar em mim quando eles atacarem. — Apertou o braço de Richard para se certificar de que ele havia compreendido. Richard não compreendeu o motivo das instruções, mas inclinou de leve a cabeça, concordando. — Que os bons espíritos estejam conosco — disse ela. Com as mãos aos lados do corpo, virou-se para os dois homens que estava atrás; o rosto estava calmo e impassível.

— Siga seu caminho, rapaz. — A voz do líder era áspera agora. Os ferozes olhos azuis fulguravam. Ele rilhou os dentes. — É a última vez que digo.

Richard engoliu em seco.

Tentou parecer seguro.

— Nós dois vamos passar. — parecia que seu coração ia sair pela boca.

— Não hoje — disse o líder com convicção. Tirou do cinto uma ameaçadora faca curva.

O homem ao seu lado tirou da bainha, presa às costas, uma adaga. Com um sorriso cruel, passou a lâmina na parte interior do próprio antebraço musculoso, tingindo o ferro de vermelho. Atrás, Richard ouviu outra adaga sendo desembainhada. Paralisado de

terror, ele pensou que tudo estava acontecendo depressa demais. Não tinham a menor chance.

Por um breve momento, ninguém se moveu. Richard estremeceu quando os deram grito de guerra de homens preparados para morrer lutando. Atacaram com um ímpeto assustador. O homem com a adaga a girou acima da cabeça e investiu contra Richard. Ouviu um dos que estavam atrás agarrar a mulher, enquanto o homem com a espada se lançava sobre eles.

Então, um pouco antes do homem alcançá-lo, ouviram um impacto no ar, como um trovão silencioso e violento, que fez seu corpo todo gritar de dor. A poeira de levantou em círculo em volta deles, como num ringue.

O homem com a adaga também sentiu dor e por um momento a sua atenção se desviou de Richard para a mulher. Quando ele voltou a atacar, Richard se encostou na parede de rocha e com os dois pés o atingiu com toda a força bem no meio do peito. O homem arregalou os olhos, surpreso, e caiu para trás, nas rochas, com a adaga ainda segura nas duas mãos acima da cabeça.

Atônito, Richard viu o outro homem que estava atrás dele despencar no espaço, com o peito ferido sangrando. Antes que tivesse tempo de pensar no que podia ter acontecido, o chefe com a faca curva passou por ele e investiu contra a mulher. Com uma das mãos empurrou Richard contra a parede com toda a força. O golpe tirou o ar dos pulmões de Richard e ele bateu a cabeça na rocha. Lutando para não perder a consciência, seu único pensamento era que precisava impedir que o homem a alcançasse.

Reunindo forças que desconhecia ter, Richard segurou o pulso do líder e o fez virar para trás. A lâmina cintilou à luz do sol. Richard viu a fúria selvagem nos olhos azuis do homem. Richard nunca sentiu tanto medo.

Naquele momento, sabia que ia morrer.

Parecendo sair do nada, o último homem com uma adaga coberta de sangue lançou-se contra o líder, trespassando o corpo dele com a espada. A colisão foi tão violenta que os dois despencaram do alto do penhasco. O último homem caiu gritando de

raiva o tempo todo da queda e só parou quando chegou às pedras, lá embaixo.

Richard, perplexo, olhou para baixo. Relutante, virou-se para a mulher, temendo o que ia ver, apavorado, imaginando que ela devia estar ferida e morta. Ela, porém, estava sentada no chão, encostada no muro de pedra, parecendo exausta, mas ilesa. Seu olhar era distante. Tudo acabou tão depressa que ele não podia compreender o que tinha acontecido nem como. Richard e a mulher estavam sozinhos no súbito silêncio.

Ele se deixou cair ao lado dela, numa rocha aquecida pelo sol. Sua cabeça doía muito por causa da pancada na rocha. Richard podia ver que a mulher estava bem, por isso não perguntou. Estava arrasado demais para falar e percebeu que ela também estava. A mulher viu que tinha sangue na mão e a limpou na parede de pedra, adicionando mais uma mancha vermelha. Richard teve vontade de vomitar.

Não acreditava que estavam vivos. Não parecia possível. O que foi aquele trovão sem som? E a dor que ele sentiu? Nunca sentira nada igual. Estremeceu, lembrando. Fosse o que fosse, tinha algo a ver com ela e salvou sua vida. Alguma coisa sobrenatural tinha acontecido e ele não tinha certeza que de queria saber o que era.

Ela encostou a cabeça na rocha e virou-se para ele.

— Eu nem sei seu nome. Quis perguntar antes, mas estava com medo de falar. — Com um gesto vago indicou a ribanceira. — Eu estava com tanto medo deles... Não queria que nos encontrassem.

Richard pensou que ela ia chorar. Olhou pra ela. Não, não is, mas ele estava quase chorando. Fez um gesto afirmativo, mostrando que compreendia.

— Meu nome é Richard Cypher.

Os olhos verdes o examinaram atentamente e a brisa levou alguns fios de cabelo para seu rosto.

Ela sorriu.

— Poucos teriam ficado para me defender. — Richard achou a voz dela tão atraente quanto sua dona. Combinava com a fagulha de

inteligência dos olhos. Ele quase ficou sem poder respirar. — Você é uma pessoa rara, Richard Cypher.

Intensamente embaraçado, Richard sentiu o rosto em fogo. Ela desviou a vista, afastando os fios de cabelo do rosto, fingindo não ter notado.

— Eu sou... — Deu a impressão de que ia dizer alguma coisa e depois desistiu. Olhou pra ele. — Eu sou Kahlan. Meu sobrenome é Amnell.

Richard olhou nos olhos dela por um momento.

— Você é uma pessoa muito rara, Kahlan Amnell. Poucas teriam resistido como você resistiu.

Ela não corou, mas sorriu outra vez. Um sorriso estranho, especial, sem mostrar os dentes, com os lábios fechados, como quem vai contar um segredo. Os olhos cintilavam. Era um sorriso de confraternização.

Richard levou a mão ao galo dolorido na parte de trás da cabeça e olhou para os dedos para ver se estavam sangrando. Não estavam, embora, na sua opinião, o certo era que estivessem. Olhou outra vez para ela, ainda imaginando o que tinha acontecido, o que ela havia feito e como. Tinha havido um trovão sem som e ele havia jogado um dos homens do alto do penhasco; um dos dois que estavam atrás dele matou o companheiro em lugar de matar Kahlan, depois o líder e então se matou.

— Muito bem, amiga Kahlan, pode me dizer como estamos vivos e aqueles homens estão mortos?

Ela olhou pra ele, surpresa.

— Está falando sério?

— Sobre o quê?

Ela hesitou.

— Amiga.

Richard deu de ombros.

— Claro. Você acabou de dizer que eu a defendi. É o tipo de coisa que um amigo faz, não é? — ele sorriu.

Kahlan virou o rosto.

—Eu não sei. — Olhou para baixo e segurou a manga do vestido. — Nunca tive um amigo. Exceto talvez minha irmã...

Richard sentiu dor na voz dela.

— Muito bem, pois tem um agora. — disse ele, com a maior animação possível. — Afinal, passamos por uma coisa assustadora juntos. Nós nos ajudamos e sobrevivemos.

Ela simplesmente assentiu, balançando a cabeça. Richard olhou para o Ven, a floresta onde ele se sentia tão à vontade. O verde das árvores era vibrante e opulento à luz do sol. Olhou para a esquerda, para os grupos de árvores escuras, agonizantes entre o viço das outras. Até aquela manhã, quando ele encontrou a trepadeira que o mordeu, não tinha idéia de que ela estava perto da fronteira, espalhando-se nos bosques. Richard raramente subia ao Ven, próximo a fronteira. Os velhos nem chegavam perto. Outros se aproximavam quando seguiam pela Trilha Howkers ou quando estavam caçando, mas ninguém ia até muito perto. A fronteira era morte. Diziam que ir à fronteira significava não apenas morte, mas também perda da alma. Os guardas da fronteira se encarregavam de fazer com que ninguém se aproximasse.

Richard olhou pra ela.

— E sobre a outra parte? A parte sobre estarmos vivos. Como aconteceu?

Kahlan não o olhou.

— Acho que os bons espíritos nos protegeram.

Richard não acreditou. Porém, por mais que quisesse saber as respostas, era contra sua natureza obrigar uma pessoa a dizer o que não queria. Seu pai lhe ensinara a respeitar o direito das pessoas de guardar segredo. Quando chegasse a hora, ela contaria seus segredos, se quisesse; ele não ia forçá-la.

Todos têm segredos. Richard certamente tinha os seus. Na verdade, com o assassinato do pai e tudo que tinha acontecido nesse dia, esses segredos despertavam no fundo de sua mente.

— Kahlan — disse ele, tentando adotar um tom tranquilizador —, ser amigo significa que você não precisa me contar o que não quer e que continuarei sendo seu amigo.

Sem olhar para ele, ela assentiu com um gesto.

Richard se levantou. A cabeça doía, a mão latejava e agora sentia dor no peito onde o homem o tinha empurrado. Ainda por

cima estava com fome. Michael! Tinha esquecido a festa do irmão. Olhou para o sol e viu que ia se atrasar. Não queria perder o discurso de Michael. Levaria Kahlan, contaria a Michael o ataque dos homens e conseguiria alguma proteção para ela.

Estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Kahlan o olhou, surpresa. Ele continuou com a mão estendida. Kahlan olhou nos olhos dele e aceitou a ajuda,

Richard sorriu.

— Nunca um amigo estendeu a mão para ajudar você a se levantar?

Ela desviou os olhos.

— Não.

Richard viu que ela estava embaraçada e mudou de assunto.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Há dois dias. — disse ela, sem emoção.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Então deve estar mais faminta do que eu. Vou levá-la ao meu irmão. — Olhou para a borda do penhasco. — Temos de contar a ele sobre os corpos. Michael saberá o que fazer. — Voltou-se outra vez para ela. — Kahlan, você sabe quem eram aqueles homens?

Os olhos verdes ficaram frios.

— São chamados de quad, os quatro. São... bem... são assassinos. São mandados para matar... — procurando se controlar, continuou. — Eles matam pessoas. — Seu rosto recuperou a expressão calma. — Acho que talvez quanto menos pessoas souberem quem eu sou, mais seguros estaremos todos.

Richard ficou surpreso. Nunca ouvira nada igual. Passou a mão no cabelo, tentando pensar. Pensamentos escuros e sinistros começaram a perturbá-lo outra vez. Por alguma razão, Richard temia o que ela podia dizer, mas tinha de perguntar.

Olhou nos olhos dela, dessa vez esperando a verdade.

— Kahlan, de onde vem o quad?

Ela o olhou por um momento.

— Devem ter me localizado quando saí dos Midlands e atravessei a fronteira.

Richard ficou gelado e um arrepio subiu por seu braço até a nuca, eriçando o cabelo curto. A raiva despertou no seu íntimo e seus segredos se agitaram.

Ela devia estar mentindo. Ninguém atravessava a fronteira.

Ninguém.

Ninguém podia sair dos Midlands ou entrar. A fronteira havia selado o acesso muito antes de ele nascer.

Midlands era uma terra de magia.

CAPÍTULO 3



A casa de Michael era uma estrutura maciça de pedra branca, bem distante da rua. Telhados de ardósia em ângulos variados se juntavam em desenhos complicados, encimados por um vitral que levava claridade ao salão central. A passagem da rua até a casa era protegida do sol brilhante da tarde por enormes carvalhos brancos, passando por trechos de gramas antes de chegar ao jardim formal, com desenhos simétricos dos dois lados. O jardim estava florido. Como estavam no inverno, quase no fim do ano, Richard sabia que as flores tinham sido cultivadas em estufas especialmente para a ocasião.

Pessoas bem vestidas passeavam nos jardins, fazendo com que Richard de repente se sentisse deslocado. Certamente ele estava horrível com sua roupa de floresta suja e manchada de suor, mas não quis perder tempo indo até sua casa para se trocar. Além disso, ele estava preocupado e pouco se importava com a própria aparência. Tinha coisas mais importantes na cabeça.

Por outro lado, Kahlan não parecia tão deslocada. O vestido estranho e belo não denunciava o fato de que ela também acabava de sair da floresta. Considerando todo o sangue que tinham visto no Penhasco Blunt, era surpreendente que ela não tivesse vestígio algum no vestido. Kahlan de algum modo conseguiu ficar afastada enquanto os homens se mataram.

Percebendo a preocupação de Richard quando ela disse que vinha de Midlands, do outro lado da fronteira, Kahlan não tocou mais no assunto. Richard precisava de tempo pra pensar e não insistiu. Então Kahlan perguntou sobre Westland, como era o povo na sua cidade. Ele falou da sua casa no bosque, do quanto gostava de

morar longe da cidade e que servia de guia dos viajantes que atravessaram os Bosques de Hartland a caminho da cidade.

— Sua casa tem lareira? — perguntou ela.

— Tem.

— Você usa?

— Sim, uso sempre pra cozinhar — disse ele. — Por quê?

Ela deu de ombros e olhou para a paisagem.

— É que sinto falta de me sentar á frente do fogo, só isso.

Por mais estranho que tivesse sido aquele dia, além da dor de perder o pai, Richard gostou de ter com quem falar, embora ela procurasse esconder habilmente seus segredos.

— Convite, senhor? — alguém disse com voz profunda, saindo da sombra da entrada.

Convite? Richard virou para trás para ver quem tinha falado e viu o sorriso malicioso. Richard sorriu também. Era seu amigo Chase. Apertou as mãos do guarda da fronteira, num cumprimento caloroso.

Chase era um homem grande, rosto escanhado, cabelo castanho-claro, sem nenhum sinal de começo de calvice, cabelo grisalho nos lados. Sobrancelhas espessas sombreavam os olhos castanhos intensos que olhavam para tudo à sua volta, mesmo quando estava falando. Esse hábito geralmente dava a impressão — errônea — de que ele não prestava atenção. Apesar do tamanho, Richard sabia que Chase podia ser espontaneamente rápido quando era preciso. Ele usava um suporte para facas no lado do cinto e no outro lado uma maça de batalha com seis lâminas. O punho de uma adaga aparecia acima do ombro esquerdo e uma besta completamente equipada com dardos com pontas de aço pendia de uma correia de couro do lado esquerdo.

Richard ergueu uma sobrancelha e disse:

— Parece que você está disposto a defender a sua parte do banquete...

O sorriso desapareceu dos lábios de Chase.

— Não estou aqui como convidado. — Olhou para Kahlan.

Richard percebeu o embaraço do amigo. Segurou o braço de Kahlan e a puxou para frente. Kahlan não pareceu surpresa nem

com medo.

— Chase, essa é minha amiga Kahlan. — Sorriu pra ela. — Esse é Dell Brandstone. Todos o chamam de Chase. É um velho amigo meu. Estamos seguros com ele. — Voltou-se para Chase. — Você pode confiar nela também.

Kahlan olhou para o homem grande, sorriu e inclinou levemente a cabeça.

Chase inclinou também a cabeça e o assunto estava resolvido. A palavra de Richard era tudo de que ele precisava. Examinou a multidão, demorando o olhar em algumas pessoas, verificando o interesse que demonstravam nos três. Ele os puxou para o lado, para a sombra, fugindo da luz chata do sol.

— Seu irmão chamou todos os guardas da fronteira. — Fez uma pausa, olhando em volta. — Para sua guarda pessoal.

— O quê? Isso não faz sentido! — disse Richard, incrédulo. — Ele tem a Guarda Doméstica e o exército. Para que precisa dos guardas da fronteira?

Chase apoiou a mão no cabo de uma das facas.

— Na verdade, pra quê não sei. — Não demonstrou a menor emoção. Raramente demonstrava. — Talvez ele só nos queira para causar impacto. As pessoas têm medo dos guardas. Você tem estado no bosque desde a morte do seu pai, não estou dizendo que não faria o mesmo nessa situação. Só estou dizendo que há algum tempo você não vem por aqui. Coisas estranhas têm acontecido, Richard. Pessoas chegam e saem no meio da noite. Michael as chama de “cidadãos preocupados”. Ele andou falando algumas tolices sobre conspirações contra o governo. Os guardas estão por toda a parte.

Richard olhou em volta mas não viu guarda algum. Sabia que isso não queria dizer nada. Se um guarda da fronteira não quisesse ser visto, podia estar pisando no pé da pessoa, que ela nem perceberia.

Chase tamborilou os dedos no cabo de uma faca, vendo Richard procurar os guardas.

— Dou minha palavra. Meus rapazes estão todos aí, pode estar certo.

— Como você sabe que Michael não tem razão, depois do assassinato do pai do Primeiro Conselheiro e tudo o mais?

Com seu melhor olhar de desprezo, Chase disse: — Eu conheço todo o lixo de Westland, não há conspiração alguma. Podia até ser divertido se houvesse, mas acho que sou apenas parte da decoração. Michael disse que devo “ficar visível”. — Seu rosto ficou tenso. — E sobre o assassinato do seu pai... bem, George Cypher e eu nos conhecíamos há muito tempo, desde antes de você nascer, antes da fronteira. Ele era um bom homem. Eu me orgulhava de poder chamá-lo de amigo. — A raiva apareceu nos seus olhos. — Andei fazendo alguma pressão. — Mudou o peso do corpo de um lado para outro e olhou em volta, antes de se virar outra vez para Richard: — Intensamente. O bastante para que eles denunciassem a própria mãe, se fosse o caso. Ninguém sabe de nada e acredite, se alguém soubesse, teria enorme prazer em encerrar a conversa. Pela primeira vez, meu método de pressionar não deu resultado. — Cruzou os braços e voltou a sorrir, olhando para Richard de cima a baixo. — Por falar em lixo, o que você tem feito? Parece um dos meus fregueses.

Richard olhou para Kahlan, depois outra vez para Chase.

— Estivemos no alto Ven. — Richard abaixou a voz. — Fomos atacados por quatro homens.

Chase ergueu uma sobrancelha.

— Alguém que eu conheço?

Richard balançou negativamente a cabeça. Chase ficou intrigado.

— Então para onde esses quatro homens foram depois de atacar vocês?

— Você conhece a trilha que atravessa o Penhasco Blunt?

— É claro.

— Eles estão no fundo do penhasco. Precisamos ter uma conversa.

Chase descruzou os braços e olhou para os dois.

— Vou dar uma olhada. — Franziu as sobrancelhas. — Como vocês conseguiram?

Richard trocou um rápido olhar com Kahlan, depois olhou para o guarda.

— Acho que os bons espíritos nos protegeram.

Chase olhou desconfiado para os dois.

— Foi mesmo? Bom, acho melhor não contar isso para Michael agora. Não acho que ele acredite em bons espíritos. — Olhou outra vez atentamente para os dois. E, se achar necessário, vocês dois podem ficar na minha casa. Estão seguros lá.

Richard pensou nos filhos de Chase e concluiu que não queria arriscar a vida deles, mas também não queria discutir o assunto, por isso simplesmente assentiu com a cabeça.

— Acho melhor entrarmos. Michael deve estar sentindo minha falta.

— Mais uma coisa — disse Chase —, Zedd quer ver você. Está muito nervoso com alguma coisa. Diz que é importante.

Richard olhou para cima e viu a mesma nuvem com forma de serpente.

— Acho que também preciso falar com ele. — Deu alguns passos para entrar na casa.

— Richard — disse Chase, com um olhar que teria intimidado qualquer pessoa —, diga o que estava fazendo no Ven.

Richard não se esquivou da pergunta.

— O mesmo que você. Tentando descobrir alguma coisa.

O rosto de Chase se abrandou, com a sugestão de um sorriso.

— Conseguiu?

Richard fez que sim com a cabeça e ergueu a mão esquerda vermelha e dolorida.

— E a coisa morde.

Os dois homens entraram na casa no meio de outros convidados, atravessando o chão de mármore branco, até chegar ao salão central da reunião. Colunas e paredes de mármore cintilavam estranhamente, onde a claridade da clarabóia as iluminava. Richard preferia o calor da madeira, mas Michael dizia que qualquer pessoa pode fazer o que quiser com a madeira, mas se você quer mármore tem de contratar uma porção de gente que more em casas de madeira, para fazer o trabalho.

Richard se lembrava do tempo antes da morte de sua mãe, quando ele e Michael brincavam de terra, fazendo casas e fortes com gravetos. Michael o tinha ajudado então. Richard queria fazer todo o possível para ajudar Michael agora.

Conhecidos o cumprimentavam e ele respondia com um sorriso frio ou um rápido aperto de mãos. Como Kahlan era de uma terra estranha, com surpresa Richard notou o quanto ela parecia à vontade entre toda aquela gente importante. Richard já tinha imaginado antes que ela devia ser importante. Gangues de assassinos não perseguem gente sem importância.

Richard achava difícil sorrir para todos. Se os rumores sobre as coisas que vinham do outro lado da fronteira fossem reais, então Westland corria perigo. As pessoas que moravam no campo nas regiões remotas de Hartland tinham pavor de sair à noite e contavam histórias de gente que fora encontrada parcialmente devorada. Richard dizia que sem dúvida tinham morrido de alguma causa natural e animais selvagens haviam encontrado os corpos. Isso acontecia com frequência. Eles diziam que era animais que vinham do céu. Para Richard, isso apenas superstição tola.

Até agora.

Mesmo no meio de toda aquela gente, Richard se sentia extremamente sozinho. Estava confuso e não sabia o que fazer. Não sabia a quem pedir ajuda. A presença de Kahlan era a única coisa que o fazia se sentir melhor, mas ao mesmo tempo ela o assustava. A luta no penhasco o assustou. Richard queria ir embora com ela.

Zedd devia saber. Ele tinha morado em Midlands antes de ser instalada a fronteira, mas nunca falava nisso. E havia também a sensação estranha de que tudo aquilo tinha alguma coisa a ver com a morte do seu pai e a morte do seu pai tinha algo a ver com seus segredos, os segredos que o pai contara só a ele.

Kahlan pôs a mão no braço dele.

— Richard, sinto muito. Eu não sabia... o que aconteceu com seu pai. Sinto muito.

Com tudo que tinha ocorrido naquele dia, Richard tinha quase esquecido, até o momento em que Chase falou na morte do seu pai. Quase. Ele deu de ombros.

— Obrigado. — Esperou que uma mulher de vestido azul com franzidos de renda branca no pescoço, nos punhos e na frente, passasse por eles. Olhou para o chão para não ter de retribuir o sorriso dela, se ela sorrisse. — Foi há três semanas. — Ele contou a Kahlan parte do que tinha acontecido. Ela ouviu com simpatia.

— Eu sinto muito, Richard. Talvez você prefira ficar sozinho.

Richard sorriu com dificuldade.

— Não, tudo bem. Já estive muito tempo sozinho. Ajuda ter com quem falar.

Com um leve sorriso, ela concordou e continuaram a andar. Richard imaginou onde Michael estaria. Era estranho ele ainda não ter aparecido.

Embora ele tivesse perdido o apetite, Kahlan não comia havia dois dias. Com toda aquela comida apetitosa à sua volta, Richard pensou que ela devia ter um controle notável. O cheiro delicioso começava a fazer com que ele mudasse de idéia sobre seu apetite.

Inclinou-se para ela.

— Com fome?

— Muita.

Ele a levou a uma mesa longa com comida artisticamente arrumada. Havia travessas de lingüiças e carnes fumegantes, batatas cozidas, peixe seco de vários tipos, galinha, peru, vegetais cortados em tiras, grandes terrinas de sopa de repolho com lingüiça, sopa de cebola e sopa condimentada, travessas com pães, queijos, frutas e bolos e barris de vinho e de cerveja. Criadas estavam sempre atentas, para manter as travessas cheias.

Kahlan olhou atentamente para elas.

— Algumas das criadas têm cabelo comprido. Isso é permitido?

Richard olhou também, um pouco confuso.

— Sim. Qualquer pessoa pode ter o cabelo do modo que quiser. Veja — ergueu o braço junto ao peito e apontou, inclinándose para ela. — Essas mulheres lá adiante são conselheiras, algumas têm cabelo curto, outras comprido. Como quiserem. — Olhou de soslaio para ela. — Alguém manda você cortar o cabelo?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não. Ninguém nunca me mandou cortar o cabelo. E que, de onde eu venho, o comprimento do cabelo de uma mulher tem certo significado social.

— Isso quer dizer que você é uma pessoa importante — dourou a pílula com um sorriso — porque seu cabelo é longo e bonito.

Ela sorriu sem alegria.

— Alguns acham. Só posso esperar que, depois desta manhã, você tenha compreendido. Nós todos só podemos ser o que somos, nada mais, nada menos.

— Muito bem, se eu perguntar alguma coisa que um amigo não deve perguntar, pode me dar um pontapé.

O sorriso dela, com os lábios fechados, se iluminou. O sorriso de quem compartilha alguma coisa o fez sorrir também.

Richard voltou a atenção para a comida e encontrou um dos seus pratos favoritos: pequenas costeletas com molho picante; pôs algumas em um prato pequeno e branco e deu a ela.

— Experimente isto primeiro, é do que eu mais gosto.

Kahlan segurou o prato com o braço estendido, olhando desconfiada para as costeletas.

— Isto é carne de que criatura?

— Porco — disse ele, um pouco surpreso. — Você sabe, de porco. Experimente, posso garantir que é a melhor coisa que tem aqui.

Convencida, ela aproximou o prato e comeu a carne. Richard comeu seis costeletas, saboreando cada pedaço.

Ele serviu os dois de salsichas.

— Experimente algumas destas também.

Outra vez desconfiada, ela perguntou: — Do que são feitas?

— De carne de porco e de boi, alguns temperos, não sei quais. Por quê? Há alguma coisa que você não come?

— Algumas — disse ela evasivamente, antes de comer as salsichas. — Por favor, quer me dar um pouco de sopa apimentada?

Ele serviu sopa em uma bonita tigela com borda dourada e a entregou a ela. Kahlan trocou o prato pela tigela, segurou-a com as duas mãos e experimentou. Ela sorriu.

— É boa, igual à que eu faço. Acho que minha terra natal não é tão diferente da sua.

Acabando de tomar a sopa, sentindo-se bem por ter dito aquilo, ela pegou uma fatia de pão, onde pôs algumas tiras de carne de galinha, e trocou a tigela pelo pão. Foi para um lado do salão, para comer. Ele a seguiu, uma vez ou outra trocando apertos de mão. As pessoas ocasionalmente prestavam atenção ao vestido dela. Quando chegou a um canto vazio perto de uma coluna, Kahlan se voltou para ele.

— Quer, por favor, me trazer um pedaço de queijo?

— Claro. Qual queijo?

Ela examinou a multidão.

— Qualquer um.

Richard voltou para a mesa, abrindo caminho entre os convidados, e apanhou dois pedaços de queijo, comendo um deles enquanto voltava para ela. Kahlan pegou o queijo, mas em vez de comer, abaixou o braço e o deixou no chão, como se tivesse esquecido que o segurava.

— Tipo errado de queijo?

Ela disse com voz distante: — Detesto queijo. — Olhava para além dele, para um ponto do salão.

Richard perguntou, intrigado, com uma vaga irritação na voz: — Então, por que pediu?

— Fique olhando para mim — disse ela, voltando-se para ele.

— Lá adiante estão dois homens, no outro lado da sala. Estão nos vigiando. Eu queria saber se estavam interessados em mim ou em você. Quando pedi o queijo, eles o observaram quando foi até a mesa e voltou. Não prestaram atenção a mim. Estão vigiando você.

Richard pôs as mãos nos ombros dela e a virou para ele. Olhou para o outro lado da sala.

— São dois ajudantes de Michael. Eles me conhecem. Provavelmente estão imaginando por onde eu andei e por que estou tão mal vestido. — Olhou nos olhos dela e disse em voz baixa e suave: — Está tudo bem, Kahlan. Relaxe. Aqueles homens desta manhã estão mortos. Você está a salvo agora.

Ela balançou a cabeça.

— Outros virão. Eu não devia estar com você. Não quero arriscar sua vida mais do que já arrisquei.

— É impossível que outro quad localize você aqui em Hartland.
— Ele sabia o bastante sobre localizar pessoas para ter certeza de que dizia a verdade.

Kahlan pôs um dedo sob o colarinho de Richard e puxou o rosto dele para ela. Ele viu a intolerância furiosa nos olhos verdes.

Ela falou devagar, num murmúrio ríspido: — Quando deixei minha terra, cinco magos lançaram encantamentos nas minhas pegadas para que eles não soubessem para onde eu ia, ou me seguissem, e depois se matarem para não poder contar a ninguém!
— Seus dentes rilhavam de fúria e havia lágrimas nos seus olhos. Ela começou a tremer.

Magos! Richard ficou petrificado. Afinal, conseguiu respirar, gentilmente tirou a mão dela do seu colarinho e a segurou entre as suas. Com voz quase inaudível, disse: — Peço desculpas.

— Richard, estou morrendo de medo. — Ela tremia mais agora.
— Se você não estivesse lá esta manhã, não sei o que seria de mim. Morrer teria sido a melhor coisa. Você não conhece aqueles homens.
— Ela tremia incontrolavelmente, cedendo afinal ao medo.

Richard sentiu um arrepio. Levou Kahlan para trás da coluna, onde não podiam ser observados.

— Eu sinto muito, Kahlan. Não sei do que se trata. Você pelo menos sabe alguma coisa, mas eu estou completamente no escuro. Também estou assustado. Esta manhã, no penhasco... nunca senti tanto medo. E, na verdade, não fiz muita coisa para nos salvar.

— O que você fez — ela procurava as palavras — foi o bastante para fazer diferença. O bastante para nos salvar. Por mais que pense que foi pouco, bastou. Se não tivesse me ajudado... Não quero ficar aqui e prejudicar você.

Ele apertou a mão dela.

— Não estarei em perigo. Tenho um amigo, Zedd. Ele sabe o que fazer para que você fique segura. Zedd é um pouco estranho, mas é o homem mais inteligente que conheço. Se alguém sabe o que é preciso para isso, esse alguém é Zedd. Se você pode ser seguida em qualquer lugar, não adianta fugir, eles a encontrarão.

Vou levá-la a Zedd. Assim que Michael fizer seu discurso, você vai para a minha casa. Pode se sentar na frente do fogo e de manhã eu a levo a Zedd. — Sorrindo, ele apontou com o queixo para uma janela próxima. — Veja isso.

Ela se virou e viu Chase no lado de fora de uma janela alta, arredondada. O guarda da fronteira olhou para trás e piscou para ela e deu-lhe um sorriso caloroso, antes de continuar a vigiar a área.

— Para Chase, um quad seria divertido. Enquanto ele se encarregava deles, contava para você a história de um problema de verdade. Ele a está vigiando desde que falei sobre os homens.

Ela sorriu breve e fracamente.

— Há mais. Pensei que estaria a salvo em Westland. Devia estar. Richard, atravessei a fronteira só com ajuda de magia. — Ela tremia ainda, mas começava a se controlar, ajudada pela força dele. — Não sei como aqueles homens atravessaram a fronteira. Não deviam poder. Não deviam saber que eu tinha deixado Midlands. De algum modo, as regras mudaram.

— Trataremos disso amanhã. Por enquanto, você está a salvo. Além disso, outro quad levaria dias para chegar até aqui. Isso nos dará tempo para fazer nossos planos.

— Obrigada, Richard Cypher. Meu amigo. Mas saiba que se tiver certeza de que trago perigo para você, irei embora antes que seja prejudicado. — Enxugou com a mão os olhos cheios de lágrimas. — Continuo com fome. Podemos comer mais um pouco?

— Claro. O que você quer?

— Um pouco mais dos seus pequenos tesouros.

Voltaram para a mesa e comeram, enquanto esperavam a chegada de Michael. Richard se sentia melhor, não por causa do que ela havia contado, mas porque pelo menos sabia um pouco mais e porque a tinha feito sentir-se segura. De algum modo, ele encontraria as respostas para o problema de Kahlan e ficaria sabendo o que acontecia com a fronteira. Por mais que temesse as respostas, precisava saber.

Um murmúrio se ergueu entre os convidados e todos se viraram para a entrada da sala. Era Michael. Richard segurou a mão de Kahlan e a levou para perto de onde estava o irmão.

Quando Michael subiu na plataforma, Richard ficou sabendo o porquê da demora do irmão. Ele estava esperando que a luz do sol incidisse naquele lugar para que pudesse ser iluminado em sua glória e visto por todos.

Michael, além de ser mais baixo do que Richard, era mais pesado e menos musculoso. O sol iluminava seu cabelo castanho farto e rebelde. Usava orgulhosamente um bigode. Vestia calça branca folgada e, sobre a túnica de mangas largas, um cinto de ouro. Ali de pé, iluminado pelo sol, Michael positivamente cintilava com o mesmo brilho sobrenatural do mármore das colunas e das paredes. Destacava-se em alto relevo sobre o fundo escuro.

Richard ergueu a mão para chamar sua atenção. Michael sorriu para o irmão, olhando nos olhos dele por um momento, quando começou a falar, antes de se voltar para o público.

— Senhoras e senhores, hoje aceitei o posto de Primeiro Conselheiro de Westland. — Um rugido de aprovação soou na sala. Michael ouviu sem se mover, depois ergueu os braços de repente, pedindo silêncio. Esperou até haver silêncio total. — Todos os conselheiros de Westland me escolheram para nos conduzir nestes tempos difíceis porque eu tenho a coragem e a visão para nos levar a uma nova era. Há muito tempo, olhamos para o passado e não para o futuro! Por muito tempo, perseguimos velhos fantasmas, cegos para novas soluções. Por muito tempo, ouvimos os que procuram nos arrastar para a guerra e ignoramos os que nos guiarão para a paz!

A multidão delirou. Richard estava atônito. Do que Michael estava falando? Que guerra? Não havia ninguém contra quem guerrear!

Michael levantou as mãos outra vez, mas não esperou pelo silêncio completo.

— Não vou ficar parado enquanto Westland é ameaçada por esses traidores! — Ele estava corado e furioso. A multidão rugiu outra vez, agora levantando os punhos fechados. Cantaram o nome de Michael. Richard e Kahlan se entreolharam. — Cidadãos preocupados identificaram esses covardes, esses traidores. Neste exato momento, enquanto juntamos nossos corações para um

objetivo comum, os guardas da fronteira nos protegem enquanto o exército localiza esses homens que conspiram contra o governo. Não são criminosos comuns, como podem pensar, mas homens respeitados, de grande autoridade!

Murmúrios percorreram a multidão. Richard estava perplexo. Seria verdade? Uma conspiração? Seu irmão não chegara aonde estava sem saber o que acontecia. Homens de autoridade. Isso certamente explicava por que Chase não sabia de nada.

Michael, na faixa de luz do sol, esperou que os murmúrios cessassem. Quando falou outra vez, foi com voz baixa e calorosa.

— Mas isso é história. Hoje olhamos para nosso novo caminho. Um dos motivos pelos quais fui escolhido para Primeiro Conselheiro foi porque, como cidadão de Hartland, passei a vida toda à sombra da fronteira. Uma sombra que escureceu todas as nossas vidas. Mas isso é olhar para o passado. A luz de um novo dia sempre expulsou as sombras da noite, mostrando que nossos temores são apenas os fantasmas de nossas mentes.

"Devemos olhar para a frente, para o dia em que a fronteira não mais existirá, pois nada dura para sempre, certo? E quando esse dia chegar, devemos estar prontos para estender a mão amiga e não uma espada, como alguns querem. Isso só conduz à futilidade da guerra e de mortes desnecessárias.

"Devemos gastar nossos recursos para lutar contra um povo do qual há tanto tempo fomos separados, um povo de ancestrais de grande parte de nós? Devemos estar prontos para usar a violência contra nossos irmãos e irmãs simplesmente porque não os conhecemos? Que desperdício! Nossos recursos devem ser usados para eliminar o sofrimento entre nós. Quando chegar o momento, talvez não nesta nossa vida, mas ele chegará, devemos estar preparados para dar as boas-vindas aos nossos irmãos há tanto tempo separados de nós. Não devemos juntar as duas nações apenas, mas as três! Pois algum dia, assim como a fronteira entre Westland e Midlands desaparecerá, desaparecerá também a fronteira entre Midlands e D'Hara e os três serão um só país! Podemos esperar o dia em que comemoraremos a alegria da

reunião, se tivermos coragem! E essa alegria começara aqui, hoje, em Hartland!

"Por isso resolvi remover os que nos querem lançar na guerra contra nossos irmãos, simplesmente porque algum dia as fronteiras desaparecerão. Isso não significa que não precisemos do exército, pois nunca se pode saber onde estão as verdadeiras ameaças no nosso caminho para a paz, mas sabemos que não precisamos inventá-las."

Michael estendeu a mão para a platéia.

— Nós, nesta sala, somos o futuro. É nossa responsabilidade como conselheiros de Westland levar a palavra por todo o país! Levem nossa mensagem de paz às boas pessoas. Elas verão a verdade nos seus corações. Por favor, ajudem-me. Quero que nossos filhos e nossos netos sejam os beneficiários do que edificamos hoje aqui. Quero traçar um caminho para a paz, que nos leve ao futuro. Desse modo, quando chegar o momento, as gerações futuras serão beneficiadas graças a nós.

Michael parou, de cabeça baixa e os dois punhos fechados contra o peito. A luz do sol fulgurava sobre ele. Os ouvintes estavam tão comovidos que ficaram em completo silêncio. Richard viu homens com lágrimas nos olhos e mulheres chorando abertamente. Todos os olhos estavam em Michael, que estava imóvel como uma pedra.

Richard estava atônito. Nunca ouvira o irmão falar com tanta convicção e eloqüência. Tudo parecia fazer sentido. Afinal, ali estava ele com uma mulher do outro lado da fronteira, vinda de Midlands, e ela já era sua amiga.

Mas quatro homens tinham tentado matá-lo. Não exatamente, ele pensou; eles queriam matar Kahlan e ele estava no caminho. Eles o mandaram ir embora e foi ele quem decidiu ficar e lutar. Richard sempre teve medo das pessoas do outro lado da fronteira, mas agora era amigo de uma delas, como Michael havia dito.

Começava a ver o irmão sob uma nova luz. As pessoas se comoveram com suas palavras de um modo com que Richard jamais tinha visto. Michael pedia pela paz e pela amizade com outros povos. Que podia haver de errado nisso?

Por que ele se sentia tão inquieto?

— E agora, à outra parte — continuou Michael —, os que sofrem realmente à nossa volta. Enquanto nos preocupávamos com as fronteiras que nunca nos fizeram mal, muitas das nossas famílias, nossos amigos e vizinhos sofriam e morriam. Foram mortes trágicas e desnecessárias, em acidentes com fogo. Sim, foi isso que eu disse. Fogo.

Todos murmuraram, confusos. Michael começava a perder seu elo com o povo. Aparentemente ele esperava isso. Olhou de rosto em rosto, deixando crescer a confusão e então dramaticamente estendeu a mão e apontou. Para Richard.

— Ali está! — gritou ele. Todos olharam. Centenas de olhos se fixaram em Richard. — Ali está meu amado irmão! — Richard tentou se encolher. — Meu adorado irmão, que partilhou comigo — bateu com o punho fechado no peito — a tragédia de perder nossa mãe num incêndio! O fogo tirou nossa mãe de nós quando éramos muito jovens e nos fez crescer sozinhos, sem seus cuidados e seu amor, sem sua orientação. Não foi um inimigo imaginário do outro lado da fronteira quem a levou de nós, mas um inimigo de fogo! Ela não nos podia consolar, quando nos machucávamos, quando chorávamos no meio da noite. E o mais doloroso é que isso não precisava ter acontecido.

As lágrimas brilhavam à luz do sol e desciam pelo rosto de Michael.

— Desculpem -me, amigos, perdoem-me, por favor — enxugou as lágrimas com um lenço, — E que esta manhã ouvi falar de outro fogo que levou outra boa e jovem mãe e o pai, deixando a filha órfã. Minha dor voltou e não consegui ficar calado. — Todos agora estavam outra vez solidamente com ele. As lágrimas corriam livremente. Uma mulher passou o braço pelos ombros de Richard, que estava atordoado, e murmurou que sentia muito. — Imagino quantos de vocês partilharam minha dor e a do meu irmão; eu convivo com ela todos os dias. Por favor, aqueles que tiveram um ente querido ou um amigo ferido, ou mesmo morto pelo fogo, por favor, levantem a mão.

Muitas mãos se levantaram e alguns choraram alto.

— Aí está, meus amigos — disse ele com voz rouca, abrindo os braços —, aí está o sofrimento entre nós. Não precisamos procurar fora desta sala.

Richard tentou engolir o nó que sentia na garganta, quando a lembrança daquele horror lhe voltou vívida. Um homem que imaginou que seu pai o tinha enganado, enraivecido, derrubou um lampião de cima da mesa, enquanto Richard e o irmão dormiam no quarto dos fundos. Enquanto o homem espancava seu pai e o arrastava para fora de casa, sua mãe tirou Richard e Michael da casa em chamas, depois correu para dentro outra vez para salvar alguma coisa, nunca souberam o quê, e morreu queimada. Seus gritos fizeram o homem voltar à realidade e ele e seu pai tentaram salvá-la, mas não conseguiram. Repleto de culpa e arrependimento, ele saiu correndo, chorando e gritando que sentia muito.

Isso, seu pai dissera uma centena de vezes, era o resultado de um homem perder a cabeça. Michael não dava importância, mas Richard levava a sério as palavras do pai. Elas criaram nele o medo da própria raiva e, sempre que se via ameaçado por ela, Richard a abafava.

Michael estava errado. O fogo não matara sua mãe, foi a raiva que a matou. Com os braços caídos aos lados do corpo, cabeça baixa, Michael falou com voz suave outra vez.

— O que podemos fazer sobre o perigo do fogo? — Balançou a cabeça tristemente. — Eu não sei, meus amigos.

"Mas estou criando uma comissão para estudar o problema e peço a todos os cidadãos interessados que nos ajudem com sugestões. Minha porta está sempre aberta, juntos podemos fazer alguma coisa. Juntos faremos alguma coisa.

"Agora, meus amigos, por favor, permitam-me confortar meu irmão, pois creio que lembrar essa tragédia pessoal foi uma surpresa para ele e devo pedir que me perdoe."

Desceu da plataforma e o povo abriu caminho para ele. Algumas mãos se estenderam para tocá-lo. Michael as ignorou.

Richard se levantou e olhou severamente para o irmão. Todos se afastaram. Só Kahlan ficou ao lado dele, tocando-lhe levemente o braço. Os convidados voltaram para a comida, conversando

animadamente sobre os próprios problemas e o esqueceram, Richard ficou firme e sufocou sua fúria.

Sorrindo, Michael bateu-lhe no ombro.

— Grande discurso — ele se congratulou. — O que você achou?

Richard olhou para os desenhos do chão de mármore.

— Por que você tinha de falar na morte dela? Por que contar para todo mundo? Por que a usou desse modo?

Michael passou o braço pelos ombros dele.

— Sei que foi doloroso e peço desculpas, mas é tudo para um bem maior. Você viu as lágrimas nos olhos deles? As coisas que comecei vão nos levar a todos para uma vida melhor e ajudarão Westland a ganhar preeminência. Acredito em tudo que eu disse, temos de olhar para o desafio do futuro com animação, não com medo.

— E o que quis dizer com o caso das fronteiras?

— As coisas estão mudando, Richard. Tenho de ficar na frente delas. — O sorriso desapareceu. — Foi tudo que eu quis dizer. As fronteiras não durarão para sempre. Não acredito mesmo que alguma vez precisaram existir. Nós todos devemos estar preparados para enfrentar isso.

Richard mudou de assunto.

— O que descobriu sobre o assassinato de nosso pai? Encontraram alguma coisa? Michael tirou o braço do ombro dele.

— Ora, Richard, cresça. George foi um grande tolo. Estava sempre tomando coisas que não lhe pertenciam. Provavelmente foi apanhado com alguma coisa que pertencia a pessoa errada. Uma pessoa esquentada que tinha um facão.

— Você sabe que isso não é verdade! — Richard detestava quando Michael chamava o pai de George. — Ele nunca roubou coisa alguma em toda a vida!

— Só porque a pessoa de quem se tira alguma coisa está morta há muito tempo não quer dizer que você esteja no seu direito. Evidentemente, alguém queria essa coisa de volta.

— Como sabe de tudo isso? — perguntou Richard. — O que você descobriu?

— Nada! Basta o bom senso. A casa foi completamente revistada! Alguém procurava alguma coisa. Não encontraram. Como George não quis dizer onde estava, eles o mataram. Nada mais do que isso. Os investigadores disseram que não havia qualquer sinal da presença dos assassinos. Provavelmente jamais saberemos quem foi. — Michael olhou irado para ele: — Acho melhor você aprender a se conformar.

Richard suspirou. Tinha sentido, estavam procurando alguma coisa. Não devia zangar-se com Michael por não descobrir os culpados. Michael tentou. Richard imaginou como era possível não haver qualquer sinal dos assassinos.

— Desculpe. Talvez você tenha razão, Michael. — Teve um súbito pensamento. — Quer dizer que não teve nada a ver com a conspiração? Não foram os homens que estão atrás de você?

Michael sacudiu a mão negativamente. — Não, não, não. Não teve nada a ver com isso. Esse problema já foi resolvido. Não se preocupe comigo. Estou a salvo, tudo está bem.

Richard balançou a cabeça afirmativamente. Michael agora parecia aborrecido.

— Então, irmãozinho, por que você está tão malvestido? Não podia pelo menos ter se lavado um pouco? Você foi avisado com bastante antecedência. Há semanas sabia desta festa.

Antes que Richard pudesse responder, Kahlan falou. Richard tinha se esquecido dela ali ao seu lado.

— Por favor, perdoe seu irmão. Não foi culpa dele. Ele foi me servir de guia em Hartland e eu me atrasei. Peço que ele não seja desonrado aos seus olhos por minha causa.

Michael olhou para ela de cima a baixo.

— E você é...

Kahlan empertigou o corpo.

— Eu sou Kahlan Amnell.

Michael inclinou a cabeça com um pequeno sorriso.

— Então você não é a acompanhante do meu irmão, como pensei. De onde você veio?

— De um lugar pequeno, muito distante. Tenho certeza de que você não conhece. Michael não contestou a afirmação e se voltou

para Richard.

— Você vai passar a noite aqui?

— Não. Preciso ver Zedd. Ele quer falar comigo.

O sorriso de Michael desapareceu.

— Você devia procurar amigos melhores. Não ganha nada passando o tempo com aquele velho estranho. — Olhou para Kahlan. — Você, minha cara, será minha convidada esta noite.

— Tenho outros planos — disse ela, cautelosamente.

Michael a abraçou, pôs a mão no traseiro dela, puxou-a para ele e pôs a perna entre as pernas dela.

— Mude seus planos. — Seu sorriso era frio como uma noite de inverno.

— Tire. Suas. Mãos. — A voz dela era dura e perigosa. Eles se entreolharam.

Richard ficou atônito. Não podia acreditar que o irmão estivesse fazendo aquilo.

— Michael, pare com isso!

Os dois o ignoraram e continuaram desafiadores, com os rostos muito próximos, olhos nos olhos. Richard, perto deles, não sabia o que fazer. Percebia que ambos não queriam que ele interferisse. Ficou tenso, pronto para ignorar essa impressão.

— Você é deliciosa — murmurou Michael. — Acho que posso me apaixonar por você.

A respiração de Kahlan era lenta e controlada.

— Você não sabe nem da metade. — A voz também estava controlada. — Agora, tire as mãos.

Michael não tirou e ela vagorosamente encostou a unha do dedo indicador na cavidade abaixo do pescoço dele. Lentamente, muito lentamente, sempre olhando nos olhos dele, Kahlan começou a levar o dedo para baixo, cortando a carne. O sangue escorreu em filetes. Por um breve momento, Michael não se moveu, mas então seus olhos não mais puderam disfarçar a dor. Ele abriu os braços e cambaleou para trás.

Sem olhar para os dois, Kahlan saiu da casa.

Richard não pôde evitar um olhar furioso para o irmão e saiu atrás dela.

CAPÍTULO 4



Richard correu para alcançá-la. O vestido de Kahlan e o cabelo longo flutuavam atrás dela, iluminados pelo sol do fim da tarde. Ela chegou a uma árvore, parou e esperou. Pela segunda vez naquele dia, ela limpou o sangue da mão. Richard lhe pôs a mão no ombro e Kahlan voltou para ele o rosto calmo, sem emoção.

— Kahlan, peço desculpas...

Ela o interrompeu.

— Não se desculpe. O que seu irmão fez, não foi a mim, ele fez a você.

— A mim? Como assim?

— Seu irmão tem inveja de você. — O rosto dela se suavizou.

— Ele não é idiota, Richard. Ele sabe que estou com você e ficou com inveja.

Richard segurou o braço dela e começou a andar para longe da casa de Michael. Estava furioso com o irmão e ao mesmo tempo envergonhado da sua fúria. Era como se estivesse desapontando seu pai.

— Isso não é desculpa. Ele é o Primeiro Conselheiro, tudo que o povo pode desejar. Desculpe se não consegui evitar isso.

— Eu não queria que você evitasse. Competia a mim. O que ele quer é o que você tem. Se você o tivesse detido, possuir-me se tornaria uma competição que ele teria de vencer. Agora ele não está mais interessado em mim. Além disso, o que ele fez a você, falando sobre sua mãe, foi pior. Você gostaria de que eu o tivesse impedido de continuar?

Richard olhou para a frente. Dominou a raiva.

— Não, isso não competia a você.

A medida que andavam, as casas eram menores, mais juntas umas das outras, mas todas limpas e bem cuidadas. Alguns dos moradores aproveitavam o bom tempo para fazer reparos antes do inverno. O ar estava limpo, fresco e seco e por isso Richard tinha certeza de que a noite seria fria, o tipo de noite para um fogo de toras de bétula, cheiroso e não muito quente. Os jardins com as cercas brancas davam lugar a canteiros maiores na frente de pequenos chalés afastados da rua. Richard arrancou uma folha de carvalho de um ramo baixo.

— Você parece saber coisas sobre as pessoas. É muito perceptiva, quero dizer, sobre o que as pessoas fazem.

Ela deu de ombros.

— Sim, acho que sou.

Arrancando pequenos pedaços da folha, ele perguntou: — Por isso eles a perseguem?

Ela olhou para ele e, quando seus olhos se encontraram, respondeu: — Eles me perseguem porque têm medo da verdade. Uma das razões pelas quais confio em você é que você não teme a verdade,

Ele sorriu com o elogio. Gostou da resposta, mesmo sem saber ao certo o que significava.

— Você não pretende me dar um pontapé, pretende?

Com um sorriso malicioso, ela disse: — Você está chegando muito perto. — Pensou por um momento, o sorriso desapareceu e ela continuou: — Desculpe, Richard, mas por enquanto você tem de confiar em mim. Quanto mais eu contar, maior é o perigo para nós dois. Continuamos amigos?

— Continuamos amigos. — Richard jogou fora o que restava da folha. — Mas algum dia você vai me contar tudo.

— Se eu puder, prometo que conto.

— Ótimo — disse ele, alegremente —, afinal, sou um dos que "procuram a verdade". Kahlan parou de repente, segurou a manga dele e o fez virar para ela.

— Por que disse isso?

— O quê? "Os que procuram a verdade?" É como Zedd me chama. Desde que eu era pequeno. Ele diz que sempre insisto em

saber a verdade das coisas, por isso me chama de "Seeker, aquele que procura a verdade". — Surpreso com a agitação dela, Richard apertou os olhos: — Por quê?

Ela recomeçou a andar.

— Esqueça.

Richard sentiu que havia tocado em um assunto sensível. Sentiu outra vez a necessidade de saber as respostas. Eles a perseguiam porque tinham medo da verdade, ele pensou, e ela ficou agitada quando ele disse que era "o que procura a verdade". Talvez a agitação fosse porque Kahlan temia por ele também.

— Pode pelo menos me dizer quem são "eles"? Os que a perseguem?

Olhando para a frente, ela continuou a caminhar ao lado dele. Richard não sabia se Kahlan ia responder, mas finalmente ela respondeu.

— São seguidores de um homem muito cruel. O nome dele é Darken Rahl. Por favor, não me pergunte mais por enquanto. Não quero pensar nele.

Darken Rahl. Muito bem, agora ele sabia o nome.

O sol da tarde estava atrás das colinas dos Bosques Hartland, deixando o ar esfriar enquanto passavam pelas colinas ondulantes da floresta. Andavam em silêncio. Richard não tinha vontade de falar, sua mão latejava e ele estava um pouco tonto. Um banho e uma cama quente era tudo de que precisava. Era melhor dar a cama para ela, ele pensou. Podia dormir na sua cadeira favorita, a que rangia. Era bom também. O dia fora longo e todo o seu corpo doía.

Atravessando um grupo de bétulas, seguiram por uma pequena trilha que passava pela casa de Richard. Ele a viu andar à sua frente, na trilha estreita, afastando teias de aranha do rosto e dos braços, partindo os fios tênues.

Richard estava ansioso para chegar a casa. Além da faca e de outras coisas que esquecera de levar, precisava de uma coisa muito importante dada por seu pai.

Seu pai o fizera guardião de um segredo, o guardião de um livro secreto e dera a ele algo que devia guardar para sempre, como

prova de que era o verdadeiro dono do livro, prova de que não o tinha roubado, mas que o guardava para protegê-lo. Era um dente triangular, com três dedos de largura. Richard o pendurou em uma tira de couro para usar no pescoço, mas, como a faca e a mochila, tinha saído de casa estupidamente sem ele. Estava impaciente para pendurá-lo no pescoço. Sem ele, seu pai seria um ladrão, exatamente como Michael dizia.

No alto, depois de uma área aberta de rochas nuas, as árvores de bordo, os carvalhos e as bétulas davam lugar aos abetos. O solo da floresta perdia seu verde para um tapete marrom de agulhas de pinheiros. Enquanto andavam, uma estranha sensação começou a se apossar dele. Segurou gentilmente a manga de Kahlan entre dois dedos e a puxou para trás.

— Deixe que eu vá na frente — disse ele, em voz baixa. Ela obedeceu sem fazer perguntas. Na meia hora seguinte, ele seguiu mais devagar, examinando o solo e todos os galhos próximos da trilha. Parou na base da última escarpa à frente da sua casa e os dois se agacharam atrás de uma moita de samambaias.

— Qual o problema? — perguntou ela.

Richard balançou a cabeça.

— Talvez nenhum — murmurou ele —, mas alguém passou pela trilha esta tarde. — Pegou uma pinha amassada e a examinou brevemente antes de jogar fora.

— Como você sabe?

— Teias de aranha. — Olhou para cima. — Não há teias de aranha atravessando a trilha. Alguém as afastou. As aranhas não tiveram tempo de tecer outras, por isso não há teia alguma.

— Mais alguém mora ao lado desta trilha?

— Não. Mas pode ter sido um viajante de passagem. Mas a trilha não é muito usada.

Kahlan ficou perplexa.

— Quando eu estava andando na frente, havia teias de aranha por toda a trilha. Eu as tirava do rosto a cada dez passos.

— E disso que estou falando — murmurou ele. — Ninguém passou por aquela parte da trilha o dia todo, mas depois daquela área aberta não vi mais teia alguma.

— Como é possível?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei. Alguém saiu do bosque para a clareira e seguiu pela trilha, um caminho muito difícil — olhou nos olhos dela — ou caiu do céu. Minha casa fica logo depois dessa colina. Vamos ficar atentos.

Começaram a subir cautelosamente, Richard à frente, os dois examinando o bosque. Ele queria correr na outra direção, para longe dali, mas não podia. Não ia fugir sem o dente que o pai tinha confiado à sua guarda.

No topo da subida se agacharam atrás de um grande pinheiro e olharam para baixo, para a casa dele. As janelas estavam quebradas e a porta que ele sempre trancava estava, aberta. Suas coisas estavam espalhadas no chão.

Richard se levantou.

— Foi saqueada como a casa do meu pai.

Ela segurou na camisa dele e o fez abaixar outra vez.

— Richard — murmurou ela zangada —, seu pai deve ter chegado a casa como nós agora. Talvez tenha entrado como você ia entrar e eles o esperavam.

Ela estava certa, é claro. Richard passou a mão no cabelo. Pensando. Olhou para a casa. A parte detrás dava para o bosque e a porta, para a clareira. Como era a única porta, era por onde quem estivesse lá dentro esperaria que ele entrasse. Era à frente da porta que esperariam.

— Muito bem — murmurou ele —, mas preciso apanhar uma coisa lá dentro. Não vou embora sem isso. Podemos ir pelos fundos, eu pego o que preciso e vamos embora.

Richard preferia não a levar, mas não queria deixar Kahlan esperando sozinha na trilha. Passando pelo bosque, pelo mato alto, deram uma volta, bem longe da casa. Quando ele chegou ao lugar em que teria de se aproximar dos fundos da casa, fez sinal a ela para parar. Kahlan não gostou da idéia, mas ele não estava disposto a discutir. Se houvesse alguém lá dentro, Richard não queria que a pegassem também.

Deixando Kahlan debaixo de um abeto, Richard seguiu cautelosamente para a casa, fazendo um caminho sinuoso, procurando as áreas cobertas de agulhas de pinheiros para não passar pelas folhas secas. Quando finalmente viu a janela do quarto, parou, imóvel, escutando. Não ouviu som algum. Cuidadosamente, com o coração disparado, ele continuou devagar, abaixado. Sentiu movimento no solo. Uma cobra passou por cima do seu pé. Richard esperou que ela passasse.

Nos fundos da casa, ele pôs a mão no parapeito da janela e ergueu a cabeça, olhando para dentro. A maior parte do vidro estava quebrada e o quarto, em completa desordem. As cobertas da cama espalhadas. Livros rasgados, as páginas no chão. No outro lado, a porta da sala da frente estava entreaberta, não o bastante para ver a sala. Sem nada que a segurasse, era naquele ponto que a porta sempre parava.

Devagar, ele pôs a cabeça para dentro e olhou para a cama. Debaixo da janela ficavam os pés da cama e, dependuradas neles, a mochila e a tira de couro com o dente, exatamente onde as tinha deixado. Ergueu o braço, pronto para pular a janela.

Ouviu um rangido na sala da frente, um rangido que ele conhecia bem. Ficou gelado de medo. Era o rangido da cadeira. Nunca a tinha consertado porque parecia parte da personalidade da cadeira e não tinha coragem de alterar isso. Silenciosamente, ele se abaixou outra vez no lado de fora da janela. Não havia dúvida de que alguém estava na sala da frente, sentado na sua cadeira, esperando por ele.

Um movimento o fez olhar para a direita. Um esquilo, num toco de árvore apodrecido. Por favor, ele pediu em silêncio, não comece a tagarelar, me mandando sair do seu território. O esquilo olhou para ele por longo tempo, depois saltou para uma árvore, subiu rapidamente e desapareceu.

Richard soltou a respiração, ergueu o corpo e olhou pela janela outra vez. A porta continuava entreaberta. Rapidamente, ele estendeu o braço e tirou a mochila e a tira de couro do pé da cama, com os olhos arregalados e atento a qualquer barulho da sala. A faca estava em uma mesinha no outro lado da cama. Não dava para

apanhá-la. Passou a mochila para fora da janela, com cuidado para não deixar bater nos pedaços de vidro quebrado.

Com seus troféus na mão, Richard voltou rápida e silenciosamente pelo caminho, por que tinha vindo, resistindo ao forte desejo de sair correndo. Olhava para trás a todo momento, para se certificar de que não estava sendo seguido. Pendurou a tira de couro no pescoço e a pôs debaixo da camisa. Nunca deixava que vissem o dente. Era só para os olhos do guardião do livro secreto.

Kahlan o esperava no mesmo lugar. Quando o viu, levantou-se rapidamente. Richard levou um dedo aos lábios, recomendando silêncio. Com a mochila pendurada no ombro esquerdo, pôs a mão gentilmente nas costas dela. Não querendo voltar pelo mesmo caminho, ele a gruiu através do bosque até onde a trilha continuava acima da sua casa. Teias de aranha cruzavam a trilha, brilhando aos últimos raios do sol poente e os dois respiravam aliviados. Essa trilha era mais longa e muito mais difícil, mas levava aonde ele queria ir. À casa de Zedd.

A casa de Zedd ficava muito longe para ser alcançada antes do anoitecer e à noite a trilha era muito traiçoeira, mas ele queria pôr a maior distância possível entre eles e fosse quem fosse que o esperava. Enquanto havia luz, eles caminhariam.

Friamente, ele imaginou se a pessoa que estava em sua casa era a mesma que tinha assassinado seu pai. Sua casa foi revistada com a de seu pai. O homem podia estar esperando por ele, como tinha esperado seu pai? Seria a mesma pessoa? Richard queria ter podido enfrentá-lo, ou pelo menos ver quem era, mas algo no seu íntimo dizia que devia ir embora.

Tratou de controlar os pensamentos. Estava deixando a imaginação vagar à solta. É claro que algo o avisou do perigo, aconselhando-o a ir embora. Naquele dia, já conseguira sair vivo uma vez. Seria tolice confiar na sorte novamente. Duas vezes seria arrogância da pior espécie. O melhor era mesmo ir embora.

Mas gostaria de ter visto quem era, ter certeza de que não havia qualquer conexão. Por que alguém revistaria sua casa, como a do seu pai? E se fosse a mesma pessoa? Ele queria saber quem era o assassino do seu pai. Queria muito.

Embora não tivessem permitido que ele visse o corpo do pai, Richard queria saber como ele fora morto. Chase contou, muito gentilmente, mas contou. A barriga estava aberta e os intestinos espalhados pelo chão. Como alguém podia ter feito isso? E por quê? Richard ficava nauseado só de pensar. Engoliu o nó na sua garganta.

— E então? — a voz dela o arrancou dos seus pensamentos.

— O quê? Então o quê?

— Então, conseguiu pegar o que queria?

— Consegui,

— E o que era?

— O que era? Minha mochila. Eu precisava da minha mochila.

Ela se virou para ele com as mãos na cintura e as sobrancelhas franzidas.

— Richard Cypher, quer me fazer acreditar que arriscou a vida para apanhar uma mochila?

— Kahlan, você está muito perto de levar um pontapé. — Ele não conseguiu sorrir.

Com a cabeça inclinada para o lado, ela continuou a olhar interrogativamente para ele, mas aquela observação a desanimou.

— É justo, meu amigo — disse ela —, bastante justo.

Richard percebeu que Kahlan estava acostumada a ter resposta quando fazia uma pergunta.

Quando a luz se foi e as cores ficaram cinzentas, Richard começou a pensar em lugares para passar a noite. Já tinha usado para isso muitos pinheiros caprichosos. Havia uma entrada de uma clareira logo ao lado do caminho em que estavam. Dava para ver árvore alta destacando-se contra o céu cor-de-rosa, acima de todas as outras. Richard levou Kahlan até ela.

O dente pendurado no pescoço o fazia pensar. Seus segredos o faziam pensar. Ele desejou que seu pai jamais o tivesse feito guardião do livro secreto. Um pensamento ignorado quando estava na casa voltou à sua mente. Os livros tinham sido rasgados num assomo de raiva. Talvez porque nenhum era o livro certo. E se eles estivessem procurando o livro secreto? Mas era impossível; ninguém, a não ser o dono, sabia de sua existência.

E seu pai... e ele... e a coisa a que o dente pertencia. Era uma idéia absurda e ele resolveu não pensar mais nisso. Tentou não pensar.

O medo do que tinha acontecido no Penhasco Blunt e do que o esperava em sua casa parecia ter minado suas forças. Andando no solo coberto de musgo, seus pés pareciam quase pesados demais para se levantar do chão. Logo depois de atravessar o mato para a clareira, ele parou para espantar uma mosca que lhe picava o pescoço.

Kahlan segurou seu pulso, antes que pudesse terminar o gesto.

Com a outra mão, tapou a boca de Richard.

Ele ficou imóvel.

Olhando nos olhos dele, Kahlan balançou a cabeça, levou a mão que segurava o pulso para sua nuca, enquanto a outra continuava sobre sua boca. Richard percebeu que ela estava apavorada, com medo de que ele fizesse algum barulho. Lentamente ela o fez se abaixar e Richard fez sinal de que compreendia.

Os olhos dela o prendiam tanto quanto suas mãos. Kahlan aproximou o rosto e Richard sentiu o calor do seu hálito.

— Escute — sua voz era tão baixa que Richard teve de se concentrar para ouvir. — Faça exatamente o que vou dizer. — A expressão dos olhos dela o fez ter medo até de piscar. — Não importa o que aconteça, não se mexa. Do contrário, estamos mortos. — Ela esperou. Richard fez que sim com a cabeça. — Deixe a mosca picar. Ou estamos mortos. — Esperou outra vez. Ele assentiu outra vez.

Com leve movimento dos olhos, ela indicou um ponto no outro lado da clareira. Richard virou a cabeça devagar. Não viu nada. Ela continuava com a mão sobre a boca de Richard, que ouviu alguns rosnados, como de um javali.

Então ele viu.

Instintivamente, Richard se encolheu. Kahlan apertou a mão sobre sua boca. No outro lado da clareira, a luz do sol poente refletia os olhos verdes fixos nele. O vulto estava de pé, como um homem, e era mais alto do que ele. Richard calculou que devia pesar três vezes mais. Moscas picavam seu pescoço, mas ele tentou ignorá-las.

Richard olhou outra vez para ela. Kahlan não olhou para o animal, ela sabia o que os esperava no outro lado da clareira. Continuou a olhar para Richard para ver se ele reagia de modo a trair sua presença. Ele inclinou a cabeça outra vez assentindo, para tranqüilizá-la. Só então ela tirou a mão que tampava sua boca e segurou seu pulso, prendendo-o contra o solo. Filetes de sangue escorriam no pescoço de Kahlan, que continuava imóvel no musgo macio, ignorando as picadas das moscas. Richard sentia cada picada no pescoço. Os rosnados eram curtos e baixos e eles viraram a cabeça para olhar.

Com velocidade espantosa, o animal se lançou para o centro da clareira, movendo-se meio de lado. Rosnava sem parar. Olhos verdes brilhantes procuravam a presa, sacudindo a cauda no ar. O animal inclinou a cabeça para o lado e empinou as orelhas curtas e redondas, escutando. O corpo todo era coberto de pêlo, exceto o peito e o estômago, revestidos de pele rosada macia e brilhante, sobre músculos fortes. Moscas adejavam sobre alguma coisa espalhada na pele esticada. Levando a cabeça para trás, o animal abriu a boca e sibilou no ar frio da noite. Richard viu o hálito quente se transformar em vapor entre dentes do tamanho dos seus dedos.

Para não gritar de terror, Richard se concentrou nas picadas das moscas. Não podiam fugir, a coisa estava muito perto e ele sabia que era muito rápida.

Um grito subiu do solo, bem à frente deles. Richard estremeceu. O animal imediatamente investiu para eles, correndo de lado. Os dedos de Kahlan apertaram o pulso dele, mas foi o único movimento que ela fez. Richard, paralisado, viu o animal saltar.

Um coelho com as orelhas cobertas de moscas, pulou à frente deles, gritando outra vez e foi imediatamente derrubado com um único golpe. Bem acima deles, o animal eviscerou o coelho, passando as entranhas da pequena presa na pele rosada do peito e da barriga. As moscas, até as que picavam Richard e Kahlan, voaram para o animal, para o banquete. O resto do coelho foi levantado pelas pernas traseiras, partido ao meio e devorado.

Terminando o repasto, o animal inclinou a cabeça outra vez, escutando. Os dois estavam bem debaixo dele, prendendo a

respiração. Richard tinha vontade de gritar.

Asas grandes surgiram nas costas da criatura. Contra a pouca luz, Richard via as veias pulsando sob as membranas finas das asas. Com um último olhar em volta, o animal atravessou a clareira, correndo de lado. Endireitou o corpo e voou, desaparecendo na direção da fronteira. As moscas foram com ele.

Os dois se deitaram de costas, ofegantes, exaustos por causa da tensão do medo. Richard pensou nos camponeses que falavam de coisas que vinham do céu e que comiam gente. Nunca acreditou. Acreditava agora.

Alguma coisa na mochila espetava suas costas e quando não pôde mais suportar rolou para o lado e levantou o corpo apoiado em um cotovelo. Estava encharcado de suor, que agora parecia gelo no ar frio da noite. Kahlan continuou de costas de olhos fechados, respirando rapidamente. Alguns fios de cabelo estavam grudados no rosto, mas o resto se espalhava no chão. Ela estava coberta de suor também; tinha sangue em volta do pescoço. Richard sentiu uma tristeza imensa por ela, pensando nos terrores de sua vida. Queria que Kahlan não tivesse de enfrentar os monstros que ela parecia conhecer tão bem.

— Kahlan, o que era aquela coisa?

Ela se sentou, respirou profundamente e olhou para ele. Ergueu a mão e pôs o cabelo atrás da orelha, deixando o resto sobre os ombros.

— Um gar de cauda comprida.

Estendeu o braço e pegou pelas asas uma mosca. Devia ter ficado presa nas dobras da camisa dele e foi amassada quando ele deitou de costas.

— Esta é uma mosca de sangue. Os gares as usam para caçar. As moscas atraem a presa, o gar as apanha. Esfregam parte da caça na barriga, para as moscas. Temos muita sorte — Ela pôs a mosca de sangue bem debaixo do nariz dele. — Os gares de cauda longa são burros. Se fosse um gar de cauda curta, estaríamos mortos. Os gares de cauda curta são maiores e muito mais espertos. — Parou por um momento, para ver se tinha toda a atenção dele. — Eles contam suas moscas.

Richard estava assustado e exausto, confuso e sentindo dor. Queria que aquele pesadelo dela acabasse. Com um gemido de frustração, deitou-se de costas outra vez, sem se importar mais com o que espetava suas costas.

— Kahlan, depois que aqueles homens nos atacaram e você não quis me dizer nada mais sobre o que está acontecendo, eu não insisti. — Ele fechou os olhos. Não podia suportar o olhar dela. — Agora alguém está me perseguindo também. Pelo que sei, pode ser a mesma pessoa que matou meu pai. Não se trata mais só de você. Eu também não posso voltar para casa. Acho que tenho o direito de saber o que está acontecendo. Sou seu amigo, não seu inimigo.

"Certa vez, quando eu era pequeno, tive uma febre e quase morri. Zedd encontrou uma raiz que me salvou. Até hoje foi a única vez em que eu estive perto da morte. Hoje isso aconteceu três vezes. O que eu..."

Ela pôs um dedo sobre os lábios dele.

— Você tem razão. Vou responder às suas perguntas. Exceto as que forem a meu respeito. Por enquanto, a essas ainda não posso responder.

Richard se sentou e olhou para ela. Kahlan começava a tremer de frio. Tirou da mochila uma manta e a envolveu com ela.

— Você me prometeu um fogo — disse ela, tremendo —, pretende cumprir a promessa?

Richard não pôde deixar de rir. Levantou-se.

— Claro. Há um pinheiro amigo do outro lado da clareira. Ou, se quiser, há outros na trilha, um pouco adiante.

Ela olhou para ele, preocupada.

— Não tem problema — sorriu ele —, procuraremos outro pinheiro na trilha.

— O que é um pinheiro amigo?

CAPÍTULO 5



Richard afastou os galhos da árvore.

— Este é um pinheiro amigo — disse ele —, amigo de qualquer viajante.

Estava escuro lá dentro. Kahlan afastou os galhos para que à luz da lua ele pudesse acender a pederneira. Nuvens passavam na frente da lua e os dois podiam ver sua respiração no ar frio. Richard já havia passado a noite ali, quando ia para a casa de Zedd e quando voltava e tinha feito um pequeno poço de pedras. Havia madeira seca e no outro lado uma pilha de relva seca que ele usava como cama. Como não tinha sua faca, ficou satisfeito por ter deixado madeira pronta. O fogo acendeu imediatamente, enchendo o interior da casca da árvore com luz bruxuleante.

Richard não podia ficar de pé sob os galhos que saíam diretamente do tronco. Os galhos eram nus até o tronco, com agulhas nas pontas, formando um interior vazio. Os mais baixos encostavam no chão. A árvore era resistente ao fogo, desde que se tomasse cuidado. A fumaça do pequeno fogo espiralou para o centro, perto do tronco. As agulhas de pinheiro eram tão grossas que até quando chovia forte, ali dentro era seco. Richard tinha esperado muita chuva passar abrigado em um pinheiro amigo. Ele gostava dos pequenos abrigos quando viajava por Hartland.

Agora estava especialmente satisfeito. Antes do encontro com o gar de cauda longa, havia na floresta plantas e animais que ele respeitava, mas nada de que tivesse medo.

Kahlan se sentou à frente do fogo com as pernas cruzadas. Tremia de frio ainda e agasalhou-se com a manta formando um capuz, preso debaixo do queixo.

— Nunca ouvi falar em pinheiros amigos. Não costumo parar nos bosques quando viajo, mas eles parecem um ótimo lugar para dormir. — Parecia mais cansada do que ele.

— Quando foi a última vez em que você dormiu?

— Há dois dias, acho. Tudo está confuso em minha mente.

Richard ficou surpreso por ela conseguir ficar de olhos abertos. Quando fugiam do quad, ele mal podia acompanhá-la. Era o medo que dava forças a ela.

— Por que há tanto tempo?

— Seria muito imprudente — disse ela — dormir na fronteira. — Ela olhava para o fogo, como sob a magia do abraço quente, a luz lhe dançando no rosto. Soltou o manto debaixo do queixo e pôs as mãos perto do fogo.

Imaginando o que havia na fronteira e o que podia acontecer se dormisse, Richard estremeceu.

— Com fome?

Inclinando a cabeça, ela fez que sim.

Richard tirou uma panela da mochila e saiu para enchê-la d'água no pequeno regato pelo qual tinham passado. Sons da noite enchiam o ar, tão frio que parecia prestes a se quebrar se ele não tivesse cuidado. Mais uma vez censurou-se por ter saído de casa sem a capa que usava na floresta. A lembrança do que estava à sua espera na casa o fez tremer mais ainda.

Cada inseto que aparecia o fazia recuar, com medo de que fosse uma mosca de sangue e várias vezes parou de repente, e depois respirava aliviado quando via que era um grilo da neve, uma mariposa ou um planipene. Sombras derretiam e se materializavam quando as nuvens passavam na frente da lua. Contra a vontade, ele olhava para o céu. As estrelas piscavam, aparecendo e desaparecendo, nuvens, como tiras de gaze, moviam-se silenciosamente no alto. Todas, menos uma que não se movia.

Ele voltou gelado até os ossos e pôs a panela com água sobre o fogo, equilibrada em três pedras. Richard começou a se sentar no lado do fogo, mas mudou de idéia e se sentou ao lado de Kahlan, dizendo para si mesmo que era por causa do frio. Quando ouviu os dentes de Richard batendo, Kahlan pôs metade da manta em volta

dos ombros dele. Era bom sentir a manta aquecida pelo corpo dela e Richard ficou quieto, deixando-se envolver pelo calor.

— Eu nunca tinha visto nada nem parecido com um gar. Midlands deve ser um lugar horrível.

— Há muitos perigos. — Com um sorriso tristonho, ela continuou: — Há também muitas coisas fantásticas e mágicas. É um lugar maravilhosamente belo. Mas os gares não são de lá. São de D'Hara!

Ele parou, admirado:

— D'Hara! Do outro lado da segunda fronteira?

Até seu irmão citá-lo no discurso, Richard só ouvira aquele nome nos murmúrios cautelosos dos mais velhos. Ou em uma praga. Kahlan continuou a olhar para o fogo.

— Richard — parou, como se tivesse medo de dizer o resto —, não há mais uma segunda fronteira. A fronteira entre Midlands e D'Hara foi derrubada. Desde a primavera.

O choque fez com que ele sentisse que os vagos habitantes de D'Hara tivessem dado um assustador e gigantesco passo para mais perto. Tentava entender o que acabava de ouvir.

— Talvez meu irmão seja melhor profeta do que ele mesmo sabe.

— Talvez — disse ela, sem muita convicção.

— Embora seja difícil ser profeta predizendo coisas que já aconteceram — ele olhou para ela de soslaio.

Kahlan sorriu, enrolando uma mecha de cabelo.

— Quando o vi pela primeira vez, minha impressão foi de que você não era nenhum tolo. — A luz do fogo cintilava nos olhos verdes. — Obrigada por provar que eu estava certa.

— Michael está em uma posição onde pode saber de coisas que os outros não sabem. Talvez esteja tentando preparar o povo, fazer com que se acostume com a idéia, para que, quando vier a descobrir, não entre em pânico.

Michael sempre dizia que a informação é a moeda do poder e não deve ser gasta frivolamente. Depois que foi eleito conselheiro, encorajava as pessoas a levar-lhe as informações. Até mesmo a

história de um camponês tinha sua atenção e, se fosse provada verdadeira, recebia um presente.

A água começou a ferver. Richard se inclinou para a frente, passou um dedo na correia da mochila e a puxou para ele. Depois arrumou outra vez a manta. Tirou da mochila o pacote de vegetais desidratados e pôs parte na panela. Do bolso tirou um guardanapo com quatro salsichas, que ele partiu ao meio e acrescentou à mistura.

Kahlan perguntou surpresa: — De onde veio tudo isso? Da festa do seu irmão? — Sua voz sugeria desaprovação.

— Um bom homem da floresta — disse ele, lambendo os dedos e olhando para ela — sempre planeja com bastante antecedência e tenta saber de onde virá sua próxima refeição.

— Ele não vai gostar dos seus modos.

— Eu também não gosto dos dele. — Sabia que ela não ia discutir aquele assunto. — Kahlan, não pretendo justificar o que ele fez. Desde que nossa mãe morreu, Michael se tornou uma pessoa difícil. Mas sei que ele se importa com as pessoas. Um bom conselheiro deve se preocupar. Deve estar sempre sob pressão. Sei que eu jamais ia querer essa responsabilidade. Mas isso sempre foi o que ele quis, ser uma pessoa importante. E agora que é Primeiro Conselheiro, tem tudo que queria. Ele devia estar satisfeito, mas parece ainda menos tolerante. Está sempre muito ocupado, sempre dando ordens, sempre de mau humor. Talvez, quando tenha conseguido o que queria, veja que não era o que esperava.

— Pelo menos, você teve o bom senso de escolher as melhores salsichas.

Isso aliviou a tensão e eles riram.

— Kahlan, eu não compreendo a fronteira. Eu nem sei o que ela é, só sei que serve para separar as terras, para que haja paz. E, é claro, todo mundo sabe que quem entra na fronteira não volta vivo. Chase e os guardas da fronteira patrulham para que as pessoas fiquem longe.

— Os jovens daqui não aprendem a história das três nações?

— Não. Sempre achei estranho porque eu queria saber, mas nunca ninguém me disse muita coisa. As pessoas me acham

estranho porque quero saber e faço perguntas. Os mais velhos ficam desconfiados e dizem que não lembram, que foi há muito tempo ou dão outra desculpa qualquer.

“Meu pai e Zedd me disseram que moravam em Midlands. Antes da construção da fronteira, vieram para Westland. Conheceram-se aqui, antes de eu nascer. Disseram que, quando não havia a fronteira, era terrível e havia muitas lutas. Que não havia nada que eu precisava saber, a não ser que foi um tempo horrível e que era melhor esquecer.”

Kahlan quebrou um graveto seco e o jogou no fogo, e uma chama ambarina brilhante subiu no ar.

— Bem, é uma longa história. Se quiser, posso contar uma parte. — Olhou para ele e Richard inclinou a cabeça, assentindo.

— Há muito tempo, muito antes de nossos pais terem nascido, D'Hara era apenas uma confederação de reinos, bem como Midlands. O mais cruel dos reis de D'Hara foi Panis Rahl. Ele era ganancioso. Desde o primeiro dia do seu reinado, começou a tomar toda D'Hara, um reino depois do outro, muitas vezes antes de a tinta secar num tratado de paz. Ele acabou governando toda D'Hara, mas não estava satisfeito. Isso só serviu para abrir mais seu apetite e logo voltou a atenção para as terras que são hoje os Midlands. Midlands era uma confederação de reinos também, livres para governar cada um ao seu modo, desde que vivessem em paz.

"Depois que Rahl conquistou toda D'Hara, o povo de Midlands percebeu o que estava acontecendo e resolveu que não seria uma presa fácil. Sabia que assinar um tratado de paz com Rahl era o mesmo que assinar um convite para a invasão. Então, escolheu continuar livre e se uniu, através do conselho de Midlands, para a defesa comum. Muitos dos reinos livres não se davam bem, mas sabiam que, se não lutassem lado a lado, morreriam separados, um de cada vez.

"Panis Rahl lançou toda a força de D'Hara contra eles. A guerra se prolongou por muitos anos."

Kahlan quebrou outro graveto e o jogou no fogo.

— Quando suas legiões finalmente esmoreceram e foram contidas, Rahl se voltou para a magia. Em D'Hara também há magia,

não só em Midlands. Naquele tempo havia magia em todo o lugar. As terras não eram separadas, não havia fronteiras. Panis Rahl foi cruel no uso da magia contra o povo livre. Foi terrivelmente brutal.

— Que tipo de magia? O que ele fez?

— Trapaças, doenças, febres, mas o pior de tudo foi o povo da sombra.

— Povo da sombra? O que era isso?

— Sombras no ar. O povo da sombra não tinha forma definida, nem tinha vida como a conhecemos, eram seres criados pela magia. — Deslizou a mão no ar, na frente deles. — Flutuavam sobre os campos ou sobre os bosques. Armas não adiantavam contra eles. Espadas e flechas passavam por eles como se fossem fumaça. Não era possível se esconder, o povo da sombra podia ver as pessoas em qualquer lugar. Eles tocavam em uma pessoa e todo o corpo dela ficava coberto de bolhas e inchado e finalmente se abria todo. Ninguém tocado por uma sombra sobrevivia. Batalhões inteiros foram dizimados.

Kahlan pôs a mão outra vez dentro da manta.

— Quando Panis Rahl começou a usar a magia desse modo, um grande e honrado feiticeiro passou a defender a causa de Midlands.

— Como se chamava esse grande e honrado feiticeiro?

— Isso é parte da história. Tenha paciência e espere que eu chegue lá.

Richard pôs alguns temperos na sopa, ouvindo com atenção o que ela dizia.

— Muitos milhares morreram nas batalhas, mas a magia matou muitos mais. Foi um tempo de trevas, depois de todos aqueles anos de luta, ver tantas pessoas levadas pela magia de Rahl. Mas, com a ajuda do grande mago, que refreava a magia de Rahl, suas legiões tiveram de voltar para D'Hara.

Richard pôs um galho de bétula no fogo.

— Como esse grande e honrado mágico deteve o povo da sombra?

— Ele convocou os clarins de batalha do exército. Quando o povo da sombra chegou, nossos homens tocaram as cornetas e as

sombras foram varridas por magia, desfazendo-se no ar. O curso da batalha era agora a nosso favor.

— As guerras tinham sido devastadoras, mas concluíram que atacar D'Hara para destruir Rahl e suas forças seria muito dispendioso. Porém, alguma coisa tinha de ser feita para impedir que Rahl tentasse outra vez, como todos sabiam que tentaria e muitos tinham mais medo da magia do que das hordas de D'Hara e não queriam enfrentá-la outra vez. Queriam viver em um lugar sem magia. Westland foi criada para eles. Então, agora eram três nações. As fronteiras foram criadas com a ajuda da magia... mas os que vieram para cá não eram mágicos.

Richard a viu virar a cabeça para o lado.

— Então, o que eles são?

Embora Kahlan não estivesse olhando para ele, Richard a viu fechar os olhos por um momento. Pegou a colher da mão dele e provou a sopa, que ainda não estava pronta, depois o olhou, como que perguntando se queria saber realmente. Richard esperou.

Kahlan olhou para o fogo.

— As fronteiras são parte do mundo subterrâneo, o domínio dos mortos. Foram chamadas ao nosso mundo por meio de magia, para separar as três terras. São como uma cortina que fecha nosso mundo. Uma fenda no mundo dos vivos.

— Está dizendo que ir à fronteira é como cair no outro mundo através de uma abertura? No mundo subterrâneo?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Nosso mundo ainda está aqui. O submundo está lá, no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Fica a dois dias de caminhada pela terra onde está a fronteira, o mundo subterrâneo. É uma região deserta. Toda vida que toca o mundo subterrâneo, ou que é tocada por ele, está tocando na morte. Por isso ninguém pode atravessar a fronteira. Quem entra nela está entrando na terra dos mortos. Ninguém volta dos mortos.

— Então, como é que você voltou?

Olhando para o fogo, ela respondeu: — Com magia. A fronteira foi trazida para cá por meio da magia, então os magos concluíram que podiam me fazer passar por ela com segurança, com a ajuda e

a proteção da magia. Foi extremamente difícil para eles fazerem o encantamento. Estavam lidando com coisas que não compreendiam completamente, coisas perigosas e não foram eles que evocaram a fronteira para esse mundo, por isso não tinham certeza de que daria certo. Nenhum de nós sabia o que esperar. — Sua voz soou fraca, distante. — Embora eu a tenha atravessado, temo que jamais serei capaz de deixá-la completamente.

Richard estava perplexo, horrorizado com a idéia de que Kahlan havia passado por uma parte do mundo subterrâneo, o mundo dos mortos, mesmo com a ajuda de magia. Não dava para imaginar. Os olhos assustados de Kahlan encontraram os seus, olhos que tinham visto coisas que ninguém jamais vira.

— Conte o que você viu lá — murmurou ele.

Muito pálida, ela voltou a olhar para o fogo. Uma acha de bétula estalou, sobressaltando-a. Seu lábio inferior começou a tremer e seus olhos se encheram de lágrimas que refletiam as chamas; ela, porém, não estava vendo o fogo.

— No começo — disse ela —, era como andar sobre os lençóis de fogo frio que vemos no céu do norte à noite. — Ela começou a arfar. — Dentro era algo além de escuridão. — Abriu muito os olhos cheios de lágrimas. Com um leve gemido, continuou: — Há... alguém... comigo.

Virou-se para ele, confusa, como se não soubesse onde estava. A dor que viu nos olhos dela o fez entrar em pânico — uma dor provocada por suas perguntas. Kahlan cobriu a boca com a mão e as lágrimas desceram por seu rosto. Fechou os olhos e deu um gemido baixo e triste. Ele sentiu um arrepio.

— Minha... mãe — soluçou ela. — Há muitos anos eu não a via... e... minha irmã... Dennee... Estou tão sozinha... com medo... — Chorando, começou a respirar com dificuldade.

De algum modo, ele a estava perdendo para os poderosos espectros do que tinha visto no mundo subterrâneo, como se a estivessem puxando para afogá-la. Nervoso, Richard pôs as mãos nos ombros dela e a virou para ele.

— Kahlan, olhe para mim! Olhe para mim!

— Dennee... — murmurou ela, ofegante, tentando se livrar das mãos dele.

— Kahlan!

— Estou tão sozinha... estou com medo...

— Kahlan! Estou aqui com você! Olhe para mim!

Ela continuou a chorar convulsivamente, respirando com dificuldade. Abriu os olhos, mas eles estavam vendo outro lugar.

— Você não está sozinha, estou aqui! Não vou deixá-la!

— Estou tão sozinha! — disse ela, num lamento.

Richard a sacudiu, tentando fazer com que o ouvisse. A pele de Kahlan estava pálida e fria. Ela lutava para respirar.

— Estou aqui. Você não está sozinha! — Desesperado, ele a sacudiu outra vez, mas em vão. Ele a estava perdendo.

Procurando controlar o pânico crescente, Richard fez a única coisa de que se lembrou. Quando teve de enfrentar o medo no passado, aprendera a usar o controle. Havia força no controle. Foi o que fez. Talvez pudesse dar a ela alguma parte da sua força. Fechando os olhos, afastou o medo, bloqueou o pânico e procurou se acalmar. Focalizou a mente na própria força. Na quietude da sua mente, bloqueou o medo e a confusão e centralizou os pensamentos na força da paz. Não deixaria que o mundo subterrâneo a levasse.

Disse o nome dela com voz calma.

— Deixe-me ajudá-la. Você não está sozinha. Estou aqui com você. Deixe-me ajudá-la. Use a minha força.

Segurou os ombros dela com força. Kahlan tremia e soluçava e lutava para respirar. Ele visualizou passar sua força para ela, por meio das mãos, através do seu contato. Visualizou esse contato estendendo-se para a mente de Kahlan, dando a ela toda sua força e trazendo-a de volta, para longe da escuridão. Ele seria a centelha de luz e de vida que a traria de volta a este mundo, de volta para ele.

— Kahlan, estou aqui. Não vou deixar você. Confie em mim. — Apertou gentilmente os ombros dela. — Volte para mim. Por favor!

Ele imaginou a luz branca e quente em sua mente, esperando para ajudá-la. Por favor, queridos espíritos, ele pediu, façam com

que ela veja essa luz. Façam com que a ajude. Façam com que ela use a minha força.

— Richard? — Ela disse seu nome, como se o estivesse procurando. Ele apertou outra vez os ombros dela.

— Estou aqui. Não vou deixar você. Volte para mim.

Kahlan começou a respirar outra vez. Seus olhos focalizaram o rosto dele. Aliviada, ela o reconheceu e começou a chorar de modo mais normal. Encostou nele e se agarrou como se estivesse agarrando uma rocha dentro do rio. Ele a abraçou e deixou que chorasse no seu ombro, dizendo o tempo todo que tudo estava bem. Estava com tanto medo de perdê-la para o mundo subterrâneo que não queria mais largá-la.

Richard apanhou a manta e a pôs outra vez nos ombros dela, agasalhando-a do melhor modo possível. O calor aos poucos voltava ao corpo de Kahlan, outro sinal de que agora estava salva, mas Richard ficou perturbado com a rapidez com que o mundo subterrâneo a tinha apanhado. Achava que isso não devia acontecer. Kahlan não estivera lá por muito tempo e ele não sabia exatamente como a resgatara, mas sabia que quase fora tarde demais.

A luz suave do fogo iluminava brandamente o interior do pinheiro e no silêncio parecia outra vez um refúgio seguro. Uma ilusão, Richard sabia. Ele a abraçou, acariciou seu cabelo, embalou-a por longo tempo. Algo no modo com que ela se agarrava a ele dizia que havia muito tempo ninguém a abraçava ou a confortava.

Ele não sabia coisa alguma sobre magos nem magia, mas ninguém ia mandar Kahlan atravessar a fronteira, atravessar o mundo subterrâneo, sem uma razão poderosa. Richard perguntou-se o que poderia ser tão importante.

Kahlan se afastou dele, embaraçada.

— Desculpe. Eu não devia ter tocado você desse modo. Eu estava...

— Está tudo bem, Kahlan. A primeira responsabilidade de um amigo é ter à disposição um ombro para chorar.

Ela concordou com um gesto, mas não levantou a cabeça. Richard sentiu os olhos dela quando tirou a sopa do fogo para esfriar

um pouco. Pôs outra acha de madeira no fogo e as fagulhas subiram, rodopiando com a fumaça.

— Como você faz isso? — perguntou ela com voz suave.

— Faço o que?

— Como faz perguntas que encham minha mente com imagens e me fazem responder, mesmo quando não quero?

Ele deu de ombros, um pouco constrangido.

— Zedd também me pergunta isso. Acho que é uma coisa inata em mim. Às vezes penso que é uma maldição. — Olhou para ela. — Desculpe, Kahlan, por perguntar o que você viu lá. Foi uma coisa impensada. Às vezes meu bom senso não consegue dominar a curiosidade. Sinto muito ter provocado essa dor. Você foi arrastada de volta para o mundo subterrâneo, mas isso não devia ter acontecido, devia?

— Não, não devia. Foi quase como se quando pensei no que tinha visto, alguém estivesse esperando para me puxar de volta. Se não fosse você, eu podia ter me perdido lá. No escuro eu vi uma luz. Você fez alguma coisa que me trouxe de volta.

Richard apanhou a colher, pensativo.

— Talvez apenas o fato de você não estar sozinha.

Kahlan ergueu os ombros levemente.

— Talvez.

— Tenho só uma colher. Podemos partilhar. — Tirou uma colherada de sopa da panela, assoprou e provou. — Não é meu melhor trabalho, mas é melhor do que ter o olho espetado por um pedaço de pau. — Isso teve o efeito desejado: Kahlan sorriu. Richard deu a colher a ela.

— Se eu tenho de ajudar você a escapar do próximo quad para continuar viva, preciso de respostas. E acho que não temos muito tempo.

— Eu compreendo. Tudo bem.

Esperou que ela tomasse um pouco de sopa e então continuou: — Então, o que aconteceu depois que as fronteiras foram instaladas? O que o grande mago fez?

Antes de dar a colher a ele, Kahlan tirou da panela um pedaço de salsicha.

— Mais uma coisa aconteceu antes das fronteiras. Enquanto o grande mago controlava a magia, Panis executou sua vingança final. Mandou um quad a D'Hara... Eles mataram a mulher e a filha do mago.

Richard olhou para ela.

— O que o mago fez a Rahl?

— Ele conteve a magia de Rahl e o prendeu em D'Hara até a fronteira estar pronta. Naquele mesmo momento, ele mandou uma bola de fogo mágico através dela, para tocar na morte, dando a ela o poder dos dois mundos. Então as fronteiras ficaram prontas.

Richard nunca tinha ouvido falar em fogo mágico, mas achou que não precisava de explicação.

— O que aconteceu com Panis Rahl?

— Bem, as fronteiras estavam ali, por isso ninguém pode dizer ao certo, mas não acredito que alguém quisesse trocar seu destino pelo de Panis Rahl.

Richard deu a colher a ela e, enquanto ela tomava mais um pouco de sopa, ele tentou imaginar a fúria justa de um mago. Kahlan devolveu a colher e continuou:

— No começo tudo foi bem, mas então o conselho de Midlands começou a fazer coisas que o grande mago considerava corruptas. Algo a ver com magia. Ele descobriu que o conselho havia renegado acordos sobre o controle do poder da magia. Ele disse que a cobiça e as coisas que eles estavam fazendo provocariam horrores maiores do que os da guerra. Eles achavam que sabiam melhor do que ele como a magia devia ser controlada. Fizeram um cargo político de uma posição que só devia ser ocupada por alguém indicado por um mago, por mais ninguém. Ele ficou furioso e disse que era um cargo para o qual só um mago podia encontrar a pessoa certa e só um mago podia indicá-lo. O grande mago havia preparado outros magos, mas, por cobiça, eles ficaram do lado do conselho. O grande mago ficou possesso e disse que sua mulher e sua filha tinham morrido em vão. Como castigo, ele disse que faria a pior coisa possível para eles: deixaria que sofressem as conseqüências dos seus atos.

Richard sorriu. Aquilo parecia uma coisa que Zedd diria.

— Ele disse que se eles sabiam tão bem como as coisas deviam ser feitas, não precisavam dele. Recusou-se a continuar ajudando-os e desapareceu. Mas antes de partir lançou uma teia de mago...

— O que é uma teia de mago?

— É um encantamento. Quando ele partiu, lançou o encantamento sobre todos, fazendo com que esquecessem seu nome e suas feições. Por isso ninguém sabe seu nome nem quem ele é.

Imersa em pensamentos, Kahlan jogou um graveto no fogo. Richard voltou a tomar a sopa enquanto esperava a continuação da história. Ela continuou depois de alguns minutos.

— No começo do último inverno, começou o movimento.

Ele tirou a colher da boca e ergueu os olhos.

— Que movimento?

— O movimento Darken Rahl. Pareceu brotar do nada, de repente multidões nas maiores cidades estavam cantando seu nome, chamando-o de "Pai Rahl", dizendo que ele era o maior homem de paz do mundo. O mais estranho é que ele é filho de Panis Rahl, de D'Hara, do outro lado da fronteira. Como podiam saber alguma coisa a seu respeito? — Ela fez uma pausa para que ele ponderasse o significado daquilo.

— Então, os gares começaram a atravessar a fronteira. Mataram muita gente antes que todos aprendessem a não sair mais à noite.

— Mas como eles atravessaram a fronteira?

— A fronteira estava enfraquecendo, mas ninguém sabia. Começou a se desfazer de cima para baixo, por isso os gares conseguiram passar. Na primavera, ela desapareceu por completo. Então, o Exército Popular da Paz, o exército de Darken Rahl, marchou sobre as cidades maiores. Em vez de lutar contra ele, o povo de Midlands jogava flores nos soldados. Quem não jogasse flores era enforcado.

Richard arregalou os olhos.

— O exército os matava?

Kahlan olhou para ele.

— Não. Os que jogavam flores os matavam. Diziam que eram uma ameaça para a paz, por isso os matavam. O Exército Popular da Paz não precisou levantar um só dedo. O movimento dizia que era uma prova de que Darken Rahl só queria a paz, uma vez que seu exército não matava os dissidentes. Depois de um tempo, o exército interferiu e acabou com as mortes. Os dissidentes eram mandados para escolas de esclarecimento, para aprender tudo sobre a grandeza do Pai Rahl, sobre o quanto ele é um homem de paz.

— E eles aprenderam nessas escolas de esclarecimento o quanto Darken Rahl é grande?

— Ninguém é tão fanático quanto um convertido. A maior parte deles passa o dia sem fazer nada, cantando o nome dele.

— Então, Midlands não reagiu?

— Darken Rahl se apresentou perante o conselho e pediu que se juntassem a ele em uma aliança para a paz. Os que concordaram foram considerados campeões da harmonia. Os que não concordaram foram detidos como traidores e executados sumariamente pelo próprio Darken Rahl.

— Como foi...

Ela levantou a mão e fechou os olhos.

— Darken Rahl usa uma faca curva no cinto. Tem grande prazer em fazer uso dela. Por favor, Richard, não me peça para dizer o que ele fez com aqueles homens. Meu es-tômago não agüenta lembrar.

— Eu ia perguntar qual foi a reação dos magos.

— Ah! Bem, isso começou a abrir os olhos deles.

"Rahl então proibiu o uso da magia e declarou fora da lei quem fizesse uso dela. Você deve entender que em Midlands a magia é parte da vida de muitas criaturas. É como dizer que você é criminoso por ter dois braços e duas pernas e que esses membros devem ser cortados. Então ele declarou o fogo fora da lei."

Richard ergueu os olhos.

— O fogo? Por quê?

— Darken Rahl não explica suas ordens. Mas os magos usam o fogo. Mesmo assim, Rahl não teme os magos. Ele tem mais poder do que o pai tinha, mais do que qualquer mago. Seus seguidores

inventam uma porção de razões. A principal é a de que o fogo foi usado contra o pai de Darken Rahl, portanto, é sinal de desrespeito à casa de Rahl.

— Por isso você queria sentar na frente do fogo.

— Acender o fogo no lugar errado em Midlands, sem aprovação de Darken Rahl ou de seus seguidores, é pedir para ser morto. — Ela passou um graveto na terra. — Talvez em Westland também. Seu irmão parece prestes a declarar o fogo fora da lei. Mas...

Richard a interrompeu.

— Nossa mãe morreu em um incêndio. — Seu tom de voz era um aviso: — Por isso Michael se preocupa com o fogo. Só por isso. E ele não disse nada sobre o fogo ser declarado fora da lei, só que quer fazer alguma coisa para que não aconteça com outras pessoas o que aconteceu com nossa mãe. Não há nada de errado em não querer que as pessoas se machuquem.

Kahlan ergueu os olhos para ele.

— Ele não pareceu se incomodar em machucar você.

Richard respirou profundamente, dominando a irritação.

— Sei que foi o que pareceu. Mas você não o compreende. É o jeito dele. Sei que ele não teve intenção de me magoar. — Richard dobrou os joelhos e passou os braços em volta deles. — Depois da morte de nossa mãe, Michael começou a passar mais tempo com os amigos. Ele fazia amizade com qualquer pessoa que julgasse importante. Alguns eram pomposos e arrogantes. Meu pai não gostava de alguns dos amigos dele e dizia isso a Michael. Eles discutiam por causa disso.

"Uma vez meu pai chegou a casa com um vaso que tinha pequenas figuras esculpidas na parte de cima, como se estivessem dançando na beirada. Estava orgulhoso com sua descoberta. Disse que o vaso era antigo e achava que podia conseguir uma moeda de ouro por ele. Michael disse que podia conseguir mais. Eles discutiram e finalmente meu pai deixou Michael levar o vaso para vender. Michael voltou e jogou quatro moedas de ouro na mesa. Meu pai olhou para as moedas por longo tempo. Então disse, em voz muito baixa, que o vaso não valia quatro moedas de ouro e quis saber o que Michael tinha dito às pessoas. Michael disse: 'O que elas

queriam ouvir.' Meu pai estendeu o braço para apanhar as quatro moedas, mas Michael as cobriu com a mão. Pegou três e disse que só uma era para meu pai, porque era o que ele esperava ganhar. Então meu irmão disse: 'Esse é o valor dos meus amigos, George.'

"Foi a primeira vez que Michael o chamou de George. Meu pai nunca mais deixou que ele vendesse nada para ele.

"Mas quer saber o que Michael fez com o dinheiro? Assim que meu pai saiu para outra viagem, ele pagou grande parte das dívidas da família. Não comprou nada para ele.

"Às vezes Michael faz as coisas de modo rude, como hoje, quando falou de nossa mãe e apontou para mim, mas eu sei... sei que ele está sempre pensando no que é melhor para todos. Ele não quer que alguém sofra danos com o fogo. Nada mais do que isso. Não quer que alguém passe pelo que passamos. Só está tentando fazer o melhor para todos."

Kahlan não ergueu os olhos. Passou o graveto na terra por mais algum tempo e depois o jogou no fogo.

— Desculpe, Richard, eu não devia ser tão desconfiada. Sei quanto é doloroso perder a mãe. Tenho certeza de que você está com a razão. — Olhou para ele e perguntou: — Você me perdoa?

Richard sorriu e inclinou a cabeça, assentindo.

— É claro. Acho que se eu tivesse passado por tudo que você passou, pensaria sempre o pior também. Desculpe se me irritei. Se me perdoar, deixo você acabar com a sopa.

Kahlan sorriu e Richard deu a ela o resto da sopa.

Ele queria ouvir o final da história, mas esperou algum tempo, vendo-a comer e perguntou: — Então, as forças de D'Hara conquistaram toda Midlands?

— Midlands é muito grande. O Exército Popular da Paz ocupou somente as cidades maiores. Em muitas regiões o povo ignora a aliança. Rahl, na verdade, não se importa. Para ele é um problema secundário. Ele voltou a atenção para outra coisa. Os magos descobriram que seu verdadeiro objetivo era a magia contra a qual o grande mago havia aconselhado, a magia que eles tinham usado mal por ganância. Com a magia que Darken Rahl pretende usar, ele será senhor de tudo, sem precisar lutar contra ninguém.

"Cinco dos magos compreenderam que estavam errados, que o grande mago, afinal, estava certo. Procuraram o perdão dele, tentando salvar Midlands e Wesdand do que aconteceria, se Darken Rahl conseguisse a magia que procurava. Então começaram a procurar o grande mago, mas Rahl também o está procurando."

— Você disse cinco magos. Quantos são ao todo?

— Eram sete: o grande mago e seis alunos. O mais velho desapareceu, um dos outros vendeu seus serviços a uma rainha, coisa muito desonrosa para um mago. — Ela parou de falar, pensando por um momento. — Como eu já contei, os outros cinco estão mortos. Antes de morrer procuraram por toda a Midlands, mas não encontraram o grande mago. Ele não está em Midlands.

— Então eles acreditam que ele esteja em Westland?

Kahlan pôs a colher na panela vazia.

— Sim, ele está aqui.

— E eles acham que esse grande mago pode deter Darken Rahl, embora eles não pudessem? — Alguma coisa estava errada com a história e Richard não tinha certeza de que queria saber o que vinha em seguida.

— Não — disse ela, depois de uma pausa —, ele não tem poder suficiente para enfrentar Darken Rahl. O que eles queriam, o que precisamos para nos salvar e nos proteger do que vai acontecer é que o grande mago faça uma indicação que só ele pode fazer.

Pelo cuidado com que ela escolheu as palavras, Richard percebeu que Kahlan estava tentando passar ao largo de segredos sobre os quais ele não queria perguntar, por isso não perguntou. Fez outra pergunta:

— Por que eles mesmos não vieram procurá-lo e pedir a ele para indicar a pessoa certa?

— Porque temiam que ele se negasse e eles não tinham o poder de obrigá-lo.

— Cinco magos não tinham poder sobre ele?

Ela balançou a cabeça e sorriu tristemente.

— Eram alunos dele, candidatos a magos. Não nasceram magos, não nasceram com o dom. O grande mago nasceu de um pai que era mago e de mãe feiticeira. Está no seu sangue, não apenas

na sua cabeça. Eles jamais poderão ser o mago que ele é. Simplesmente não têm o poder de obrigá-lo a fazer qualquer coisa. — Ela se calou.

— E... — Richard não disse nada mais. Com seu silêncio, fez Kahlan saber qual era sua próxima pergunta e que ele queria a resposta.

Finalmente ela respondeu, num murmúrio:

— Então eles me mandaram porque eu tenho esse poder.

O fogo estalou e sibilou. Richard sentiu a tensão e sabia que aquilo era tudo que Kahlan diria a respeito, por isso ficou calado para que ela se sentisse segura. Ele pôs a mão no braço dela e Kahlan pôs a mão sobre a dele.

— Como você vai reconhecer o mago?

— Tudo que sei é que preciso encontrá-lo logo, do contrário nós todos estamos perdidos.

Richard pensou por um momento.

— Zedd nos ajudará — disse ele finalmente. — Ele pode ler as nuvens. Encontrar as pessoas perdidas é o que faz quem lê as nuvens.

Kahlan olhou para ele, desconfiada.

— Isso parece magia. Não devia haver qualquer magia em Westland.

— Ele diz que não é. Que qualquer pessoa pode aprender. Está sempre tentando me ensinar. Caçoa de mim sempre que eu digo que parece que vai chover. Arregala os olhos e diz: "Magia! Você deve ser mágico, meu rapaz, para ler as nuvens e predizer o futuro desse modo."

Kahlan riu. Era um som bom de se ouvir. Richard não queria insistir com ela, embora houvesse muitas pontas soltas na história, muita coisa que ela não estava contando. Pelo menos ele sabia mais do que antes. O importante era encontrar o mago e ir embora; outro quad viria atrás dela. Eles teriam de ir para oeste enquanto o mago fazia fosse o que fosse que precisava fazer.

Ela tirou alguma coisa da pequena bolsa que tinha na cintura. Desamarrando num cordão, abriu um saquinho de um tecido

encerado que continha uma substância bege. Enfiou um dedo na substância cremosa e virou-se para ele.

— Isto vai ajudar na cicatrização das picadas. Vire a cabeça.

A pomada aliviou o ardor. Richard reconheceu o perfume de algumas das plantas e ervas de que era feita. Tinha aprendido com Zedd a fazer uma pomada parecida, só que com aum, que tirava a dor de ferimentos superficiais. Depois de passar a pomada nele, Kahlan a passou no próprio pescoço. Richard estendeu a mão dolorida.

— Ponha um pouco aqui também.

— Richard! O que foi isso?

— Fui picado por um espinho grande esta manhã.

Ela passou cuidadosamente a pomada no ferimento.

— Nunca vi um espinho fazer isso.

— Era um espinho muito grande. Tenho certeza de que amanhã estará melhor.

A pomada não amenizou a dor tanto quanto ele esperava, mas Richard disse que tinha aliviado, para não preocupá-la. Sua mão não era nada, comparada com as coisas que Kahlan precisava fazer. Ele a viu amarrar o cordão do pequeno saco e guardá-lo na bolsa. Sua testa estava franzida.

— Richard, você tem medo de magia?

Ele pensou cuidadosamente antes de responder:

— A magia sempre me fascinou, sempre me pareceu interessante. Mas agora sei que certa magia deve ser temida. Porém, acho que é como as pessoas: procuramos ficar longe de algumas e outras temos sorte em conhecer.

Kahlan sorriu, aparentemente satisfeita com a resposta.

— Richard, antes de dormir, preciso cuidar de uma coisa. É uma criatura de magia. Se não tiver medo, deixo que você a veja. É uma oportunidade rara. Poucos a viram e poucos a verão. Mas tem de prometer que vai se afastar por algum tempo quando eu disser, sem perguntar quando voltar. Estou muito cansada e preciso dormir.

Richard sorriu, sentindo-se honrado.

— Prometo.

Abrindo outra vez a bolsinha da cintura, Kahlan tirou dela um vidro redondo com rolha. Linhas azuis e prateadas espiralavam em volta da parte inferior do vidro. Havia luz dentro dele.

Os olhos verdes de Kahlan procuraram os dele.

— A criatura é um fogo-fátuo. Seu nome é Shar. O fogo-fátuo não pode ser visto durante o dia, só à noite. Shar é parte da magia que me ajudou a cruzar a fronteira, ele foi meu guia. Sem ele eu teria me perdido.

Os olhos de Kahlan se encheram de lágrimas, mas sua voz continuou firme e calma.

— Esta noite, ele morre. Não pode viver mais tempo longe da sua terra e dos seus iguais e não tem forças para atravessar a fronteira outra vez. Shar sacrificou a vida para me ajudar porque, se Darken Rahl conseguir o que ele quer, todos iguais a ele morrerão.

Tirou a rolha e pôs o pequeno vidro na palma da mão.

Uma pequena centelha de luz saiu do vidro, flutuou no ar fino e frio do interior do pinheiro amigo, iluminando tudo com sua luz prateada. A luz diminuiu de intensidade quando parou no ar, entre os dois. Richard estava atônito. Olhava boquiaberto, encantado.

— Boa noite, Richard Cypher — disse a criatura, com voz fraca.

— Boa noite para você, Shar. — A voz era também pouco mais de um murmúrio.

— Obrigado por ajudar Kahlan hoje. Fazendo isso está ajudando também os da minha espécie. Se você alguma vez precisar da ajuda dos fogos-fátuos, diga meu nome que eles o ajudarão, pois nenhum inimigo pode saber como me chamo.

— Obrigado, Shar, mas Midlands é o último lugar aonde pretendo ir. Ajudarei Kahlan a encontrar o mago, mas depois iremos para oeste, bem longe dos que nos querem matar.

O fogo-fátuo pareceu girar no ar por algum tempo, pensando. A luz prateada parecia quente e segura.

— Se é o que você quer, deve fazer — disse Shar.

Richard ficou aliviado. O pequeno ponto de luz girou outra vez no ar, entre eles. Shar parou.

— Mas lembre-se disto: Darken Rahl está atrás de vocês dois. Ele não descansará. Não vai desistir. Se fugirem, ele os encontrará.

Não há dúvida. Vocês não têm defesa contra ele. Darken Rahl matará os dois. Muito em breve.

Richard sentiu a boca seca. Mal conseguia engolir. Pelo menos o gar seria rápido, ele pensou, e então tudo estaria acabado.

— Shar, não podemos escapar de modo algum?

A luz girou outra vez, iluminando rapidamente seu rosto e os galhos do pinheiro. Shar parou outra vez.

— Se você está de costas para ele, seus olhos não estão. Ele pegará você. Ele gosta disso.

Richard olhou para a pequena luz.

— Mas não podemos fazer nada?

O pontinho de luz girou outra vez e parou muito perto dele.

— Melhor perguntar, Richard Cypher. A resposta que quer está dentro de você. I Deve procurá-la, do contrário ele matará os dois. Em breve.

— Quando? — Sua voz estava mais dura, não podia evitar. A luz recuou um pouco, girando. Richard não ia perder essa oportunidade de saber pelo menos alguma coisa na qual pudesse se basear. Shar parou outra vez.

— No primeiro dia do inverno, Richard Cypher. Quando o sol estiver no céu. Se Darken Rahl não os matar antes e se ele não for detido, então, no primeiro dia do inverno, todos da minha espécie morrerão. Vocês dois morrerão. Ele terá prazer com isso.

Richard tentava decidir qual o melhor meio de interrogar um ponto de luz.

— Shar, Kahlan está tentando salvar os da sua espécie. Eu estou tentando ajudá-la. Você está dando sua vida para ajudar Kahlan. Se falharmos, todos morrem, você acaba de dizer. Por favor, pode me dizer se há alguma coisa que nos ajude contra Darken Rahl?

A luz girou, fazendo um pequeno círculo dentro dos galhos do pinheiro, iluminando por onde passava. Parou outra vez na frente de Richard.

— Já dei a resposta. Está em você. Procure ou morrerá. Desculpe, Richard Cypher, eu quero ajudar. Não sei a resposta. Sei apenas que está em você. Sinto muitíssimo.

Richard concordou com a cabeça e passou a mão no cabelo. Não sabia quem estava mais frustrado, se Shar ou se ele mesmo. Viu Kahlan sentada calmamente, olhando para o fogo-fátuo. Shar girou e esperou.

— Muito bem, pode dizer por que ele quer me matar? É porque ajudo Kahlan ou há outros motivos?

Shar chegou mais perto.

— Outros motivos? Segredos?

— O quê? — Richard se levantou bruscamente. O fogo-fátuo subiu também no ar para ficar na sua altura.

— Não sei por quê. Sinto muito. Só sei que ele vai matá-lo.

— Qual é o nome do mago?

— Boa pergunta, Richard Cypher. Sinto muito. Não sei.

Richard se sentou e cobriu o rosto com as mãos. Shar girou no ar, lançando raios de luz, e voou em círculos lentos em volta da cabeça dele. Richard sabia que, mesmo no fim da vida, Shar tentava confortá-lo. Shar estava morrendo e procurando conforta-lo. Richard tentou engolir o nó na garganta para poder falar.

— Shar, obrigado por ajudar Kahlan. Minha vida, curta como parece que será, já foi prolongada porque ela evitou que eu fizesse uma tolice. Obrigado por ajudar minha amiga a atravessar a fronteira. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

O fogo-fátuo voou até ele e lhe tocou a testa. A voz dele parecia muito mais em sua mente do que nos ouvidos.

— Lamento, Richard Cypher. Não sei as respostas para salvar sua vida. Acredite que, se eu soubesse, eu as daria. Mas conheço o bem que há em você e acredito em você. Sei que está em você o que é preciso para ter sucesso. Haverá momentos em que vai duvidar de si mesmo. Não desista, Richard. Lembre-se de que acredito em você, sei que pode realizar o que é preciso. Você é uma pessoa rara, Richard Cypher. Acredite em si mesmo. E proteja Kahlan.

Richard instintivamente fechou os olhos. As lágrimas lhe desceram pelo rosto e o nó na garganta lhe prendeu a respiração.

— Não há gares por perto. Agora, deixe-me só com Kahlan. Minha hora chegou.

— Adeus, Shar. Foi uma grande honra conhecer você.
Richard saiu sem olhar para nenhum dos dois.

Depois que ele saiu, o fogo-fátuo flutuou para Kahlan e dirigiu-se a ela como devia.

— Madre Confessora, meu tempo está passando depressa. Por que não disse a ele quem você é?

Kahlan olhava para o fogo, com os ombros curvados para a frente e as mãos no colo.

— Shar, eu não posso. Não ainda.

— Confessora Kahlan, isso não é justo. Richard Cypher é seu amigo.

As lágrimas desceram dos olhos de Kahlan.

— Não compreende? É por isso que não posso dizer. Se eu disser, ele não será mais meu amigo, não vai mais se importar comigo. Você não sabe o que é ser uma Confessora, ser temida por todos. Ele olha nos meus olhos, Shar. Poucos ousaram fazer isso. Ninguém jamais olhou para mim como ele. Seus olhos me fazem sentir-me a salvo. Ele faz meu coração sorrir.

— Outros podem contar a ele antes que você conte, Confessora Kahlan. Isso será pior.

Kahlan olhou para o fogo-fátuo.

— Vou contar antes que isso aconteça.

— Você está fazendo um jogo perigoso, Confessora Kahlan — avisou Shar. — Ele pode se apaixonar por você antes. Então, quando contar, vai magoá-lo imperdoavelmente.

— Não deixarei que isso aconteça.

— Ele vai ser o escolhido?

— Não!

O fogo-fátuo se virou ao ouvir a exclamação de Kahlan e se aproximou dela.

— Confessora Kahlan, você é a última da sua espécie. Darken Rahl matou todas as outras. Até sua irmã Dennee. Você é a Madre Confessora. Deve escolher um companheiro.

— Não posso fazer isso com uma pessoa querida. Nenhuma Confessora faria. — soluçou ela.

— Desculpe, Madre Confessora. Mas é você quem tem de escolher.

Kahlan dobrou as pernas, passou os braços em volta e encostou a testa nos joelhos, Seus ombros subiam e desciam com os soluços, o cabelo espesso a envolvia. Shar voou lentamente em volta da cabeça dela, emitindo raios de luz prateada, confortando sua companheira. Continuou a voar em círculos até Kahlan parar de chorar. Então voltou para a frente dela.

— É difícil ser Madre Confessora. Eu sinto muito.

— Difícil — concordou Kahlan.

— É muita coisa sobre seus ombros.

— Muita — concordou Kahlan outra vez.

Shar pousou de leve no ombro de Kahlan e ficou quieto, enquanto a jovem olhava para as pequenas e lentas chamas. Depois de algum tempo, Shar saiu do ombro e flutuou para a frente dela.

— Queria ficar mais com você. Foram bons dias. Queria ficar com Richard Cypher. Faz boas perguntas, mas não posso demorar mais. Desculpe. Estou morrendo.

— Tem minha palavra, Shar, de que eu daria a vida, se necessário, para deter Darken Rahl. Para salvar os iguais a você e os outros.

— Acredito em você, Confessora Kahlan. Ajude Richard. — Aproximou-se mais dela. — Por favor. Antes que eu morra. Pode tocar em mim?

Kahlan se afastou de Shar até encostar no tronco da árvore.

— Não... por favor... não — implorou ela, balançando a cabeça.— Não me peça isso. — Seus olhos se encheram de lágrimas outra vez. Levou os dedos trêmulos aos lábios, tentando não chorar.

Shar se adiantou.

— Por favor, Madre Confessora. Sinto muita dor da solidão, longe dos outros. Nunca mais estarei com eles. É uma dor enorme. Estou morrendo. Por favor. Use seu poder. Toque em mim e deixe-me beber a doce agonia. Deixe que eu morra com o gosto do amor. Sacrifiquei minha vida para ajudá-la. Nunca lhe pedi nada. Por favor?

A luz de Shar diminuía. Kahlan, chorando, continuou com a mão esquerda sobre os lábios. Finalmente ergueu a mão direita e

tocou em Shar com dedos trêmulos.

O ar se encheu com o estrondo silencioso do trovão. O impacto violento estremeceu o pinheiro, provocando uma chuva de agulhas, algumas caindo no fogo. A cor de Shar se tornou rosa brilhante, crescendo em intensidade.

Disse, com voz muito fraca: — Obrigado, Kahlan. Adeus, meu amor.

A centelha de luz e de vida se extinguiu.

Depois do trovão sem som, Richard esperou algum tempo para voltar. Kahlan estava com os braços em volta das pernas, com o queixo encostado nos joelhos, olhando para o fogo.

— Shar? — perguntou.

— Ele se foi — disse Kahlan, com voz distante.

Richard segurou o braço dela e a levou para a esteira de relva seca. Ela foi sem resistência, em silêncio. Richard a cobriu com a manda e empilhou em cima dela um pouco de relva, para aquece-la durante a noite, e se deitou ao lado dela. Kahlan se virou de lado, dando as costas para ele e encostando o ombro nele como uma criança se encosta nos pais quando em perigo. Richard também sentia a ameaça. Alguma coisa se aproximava deles. Uma coisa mortal.

Kahlan adormeceu imediatamente. Richard sabia que devia estar sentindo frio, mas não sentia. Sua mão latejava. Sentia calor. Pensou no trovão sem som. Imaginou como Kahlan ia convencer o mago a fazer o que ela queria. A idéia o assustava. Antes de ter tempo para pensar mais, ele também adormeceu.

CAPÍTULO 6



No dia seguinte, Richard percebeu que a mordida da trepadeira estava provocando febre. Ele não tinha apetite. Às vezes sentia um calor insuportável e o suor lhe grudava a camisa ao corpo, então tinha arrepios de frio. Sua cabeça latejava, provocando náuseas. Não podia fazer nada, a não ser procurar a ajuda de Zedd, mas como estavam quase chegando à casa dele, resolveu não dizer nada a Kahlan. Sonhos haviam perturbado seu sono, provocados pela febre ou pelas coisas que sabia agora. O que Shar tinha dito era o que mais o preocupava: procure a resposta ou morrerá.

O céu estava levemente nublado; a luz cinzenta e fria anunciava a chegada do inverno. As árvores grandes e muito juntas eram um obstáculo à brisa fria, fazendo da trilha um santuário repleto de perfume das árvores de bálsamo, um refúgio contra o sopro do inverno acima delas.

Atravessaram um pequeno regato perto de um bebedouro de castores e chegaram a um trecho cheio de flores silvestres amarelas e azul-claras que cobriam o solo de um vale com poucas árvores. Kahlan parou para colher algumas flores. Encontrou um pedaço de madeira em forma de concha e arranjou as flores nele. Richard imaginou que ela devia estar com fome. De uma das macieiras, sua velha conhecida, apanhou algumas frutas e encheu a mochila, enquanto Kahlan cuidava das flores. Era sempre uma boa idéia levar comida quando visitava Zedd.

Richard terminou antes de Kahlan e esperou, encostado em um tronco, imaginando o que ela estava fazendo. Quando ficou satisfeita com o arranjo, ela ergueu a beirada do vestido, ajoelhou-se ao lado do pequeno lago e pôs na água a madeira com as flores. Sentou-se

nos calcanhares com as mãos cruzadas no colo olhando por um tempo a pequena jangada de flores deslizar na água calma. Quando se virou e o viu encostado no tronco, levantou-se e foi ficar ao lado dele.

— Uma oferta aos espíritos de nossas mães — explicou ela — para pedir proteção e ajuda na procura do mago. — Olhou para ele, preocupada. — Richard, qual o problema?

Ele deu uma das maçãs a ela.

— Não é nada. Tome, coma isto.

Kahlan afastou a mão dele e o segurou pelo pescoço, com os olhos verdes furiosos.

— Por que você fez isso? — perguntou ela.

Richard ficou chocado; alguma coisa lhe dizia para ficar parado.

— Você não gosta de maçã? Desculpe. Vou procurar outra coisa para comer.

A fúria deu lugar à dúvida.

— Como você chamou isto?

— Maçã — disse ele, imóvel. — Você não sabe o que é maçã? São boas para comer, eu garanto. O que pensou que fosse?

Ela afrouxou a mão no pescoço dele.

— Vocês comem essas... maçãs?

Richard continuou imóvel.

— Sim. O tempo todo.

Embaraçada, ela soltou o pescoço dele e encostou os dedos nos lábios. Arregalando os olhos, disse: — Richard, desculpe, eu não sabia que se podem comer essas coisas. Em Midlands, qualquer fruto vermelho é um veneno mortal. Pensei que você queria me envenenar.

Desaparecida a tensão, Richard riu. Kahlan riu também, enquanto dizia que não tinha graça. Ele deu uma mordida na maçã e ofereceu outra a ela. Kahlan aceitou, mas olhou para a fruta por longo tempo, antes de mordê-la.

— Urmmm, estas coisas são gostosas. — Então, parecendo intrigada, levou a mão à testa dele.

— Achei que havia alguma coisa errada. Você está ardendo de febre.

— Eu sei. Mas não podemos fazer nada até chegarmos à casa de Zedd. Estamos quase lá.

A casa atarracada de Zedd apareceu na trilha. Uma tábua que saía do telhado coberto de relva servia de rampa para seu velho gato, que subia melhor do que descia. As janelas tinham cortinas de renda e floreiras no lado de fora. As flores estavam murchas e secas, com a mudança da estação. As paredes de troncos de árvores eram velhas e cinzentas, mas uma porta azul-vivo dava as boas vindas aos visitantes. A não ser pela porta, toda a casa parecia parte do mato que a rodeava, de querer passar despercebida. Não era grande, mas tinha uma varanda na frente.

A cadeira da "razão" de Zedd estava vazia. Era a cadeira em que ele se sentava para pensar até descobrir a razão de alguma coisa que aguçava sua curiosidade. Certa vez, ele permaneceu na cadeira durante três dias inteiros, tentando descobrir por que as pessoas estavam sempre discutindo sobre quantas estrelas havia no céu. Pessoalmente, ele não se importava com isso. Achava uma questão trivial e só imaginava por que as pessoas passavam tanto tempo discutindo o assunto. Finalmente, ele se levantou e disse que era porque qualquer pessoa podia dar sua opinião, sem medo de poder comprovar que estava errada. Tendo resolvido o assunto, Zedd entrou em casa e comeu avidamente durante três horas inteiras.

Richard chamou Zedd mas não teve resposta. Sorriu para Kahlan.

— Aposto que sei onde ele está. Lá atrás, na sua rocha das nuvens, estudando o mais recente conjunto de nuvens.

— Rocha das nuvens? — perguntou Kahlan.

— É o lugar favorito dele para observar as nuvens. Não me pergunte por quê. Desde que o conheço, sempre que ele vê uma nuvem interessante, corre para a rocha para observá-la. — Richard tinha crescido com a rocha e não estranhava esse comportamento, era apenas parte do velho homem.

Eles seguiram pelo mato alto que cercava a casa e subiram até o topo de uma colina sem vegetação, onde ficava a rocha das nuvens. Zedd estava de pé na rocha plana de costas para eles, os

braços magros estendidos e o cabelo branco e ondulado como um manto, a cabeça inclinada para trás.

Zedd estava completamente nu.

Richard revirou os olhos, Kahlan desviou os seus. Pele pálida e ressecada lhe cobria os ossos, fazendo-o parecer frágil como um graveto. Mas Richard sabia que Zedd não tinha nada de frágil. Porém, suas nádegas eram caídas e flácidas.

Um dedo muito magro apontou para o céu.

— Eu sabia que você vinha, Richard. — A voz era tão fina quanto o resto.

A roupa simples sem adornos, a única que tinha, estava amontoada atrás dele. Richard a apanhou e Kahlan, sorrindo, virou de costas para evitar maior embaraço.

— Zedd, temos companhia. Vista-se.

— Quer saber como eu sabia que você estava vindo? — perguntou ele, sem se mover.

— Eu diria que tem algo a ver com uma nuvem que vem me seguindo nos últimos dias. Espere, deixe-me ajudá-lo.

Zedd se voltou rapidamente, agitando os braços.

— Dias! Danação! Essa nuvem vem seguindo você há três semanas! Desde que seu pai foi morto! Eu não vejo você desde a morte de George. Por onde andou? Ando à sua procura por toda a parte. Posso achar um inseto no celeiro com mais facilidade do que você, quando não quer ser encontrado!

— Estive ocupado. Levante os braços para vestir isto. — Richard enfiou a roupa nos braços de Zedd e o ajudou a ajeitá-la no corpo magro.

— Ocupado! Ocupado demais para olhar para cima uma vez ou outra? Danação, Richard, você sabe de onde é essa nuvem? — Os olhos de Zedd estavam preocupados, sob as sobrancelhas erguidas.

— Não pragueje — disse Richard. — Eu diria que ela é de D'Hara.

Zedd sacudiu os braços.

— D'Hara! Sim! Muito bem, meu rapaz! Diga, como você descobriu? Foi pela textura? Pela densidade? — Zedd ficava cada vez

mais excitado enquanto acabava de se vestir, com dificuldade para ajeitar a roupa.

— Nenhuma das duas. É uma suposição baseada em informação independente. Zedd, como eu já disse, temos companhia.

— Sim, sim, eu ouvi na primeira vez. — Descartou o fato, balançando a mão no ar. — Informação independente, você diz. — Passou o indicador e o polegar no queixo. Seus olhos castanhos se iluminaram. — Isso também é muito bom. Muito bom, sem dúvida! Essa informação também disse que não é uma coisa boa? É claro que disse. — ele mesmo respondeu. — Por que você está suando? — Encostou a mão na testa de Richard — Está com febre. Trouxe alguma coisa para comer?

Richard já tinha uma das maçãs na mão. Sabia que Zedd estaria com fome. Zedd estava sempre com fome. O velho homem mordeu a maçã avidamente.

— Zedd, por favor, ouça. Estou com problemas e preciso de sua ajuda.

Zedd apoiou a mão magra na cabeça de Richard enquanto mastigava e com o polegar levantou uma pálpebra. Inclinou-se para a frente e com o rosto muito perto do de Richard examinou seu olho, depois fez o mesmo no outro.

— Eu sempre ouço o que você diz, Richard. — Sentiu o pulso de Richard. — E concordo, você está com problemas. Dentro de três horas, talvez quatro, não mais do que isso, você estará inconsciente.

Richard ficou chocado, Kahlan preocupada. Zedd sabia tudo sobre febres, entre outras coisas, e nunca afirmava nada com tanta precisão se não tivesse certeza. Richard sentia fraqueza nas pernas desde que tinha acordado com arrepios e sabia que estava piorando.

— Você pode fazer alguma coisa para ajudar?

— Provavelmente, mas depende da causa. Agora deixe de ser mal-educado e me apresente à sua namorada.

— Zedd, esta é minha amiga, Kahlan Amnell.

O velho homem olhou atentamente para os olhos dele.

— Ah, então eu me enganei? Ela não é sua namorada? — riu Zedd. Caminhou até Kahlan, fez uma curvatura exagerada, ergueu

um pouco a mão dela, que beijou de leve, e disse: — Zeddicus Zu'l Zorander, humildemente ao seu dispor, minha cara jovem. — Endireitou o corpo e olhou para ela. Quando seus olhos se encontraram, o sorriso de Zedd desapareceu e ele arregalou os olhos. Sua expressão amável se transformou em fúria. Soltou a mão de Kahlan como se fosse uma serpente venenosa. Voltou-se para Richard.

— O que você está fazendo com esta criatura?

Kahlan estava calma e impassível. Richard ficou consternado.

— Zedd...

— Ela tocou em você?

— Bem, eu... — Richard tentava lembrar as vezes em que ela o tinha tocado, quando Zedd o interrompeu outra vez.

— Não, é claro que não. Posso ver que não tocou. Richard, você sabe o que ela é? — Voltou-se para Kahlan: — Ela é...

O olhar de Kahlan era um aviso frio de perigo e Zedd ficou calado.

Richard disse com voz calma, mas firme: — Sei exatamente o que ela é: ela é uma amiga. Uma amiga que ontem me salvou de ser morto como meu pai e depois me salvou de ser morto por um animal chamado gar. — Kahlan relaxou. O velho homem olhou para ela por mais algum tempo e depois para Richard: — Zedd, Kahlan é minha amiga. Nós dois estamos com muitos problemas e precisamos nos ajudar um ao outro.

Zedd ficou calado, procurando olhar nos olhos de Richard. Então balançou a cabeça afirmativamente.

— Problemas, sem dúvida.

— Zedd, precisamos de sua ajuda. Por favor? — Kahlan ficou ao lado dele. — Não temos muito tempo. — Zedd não parecia disposto a fazer parte daquilo, mas Richard continuou, olhando nos olhos dele. — Ontem, depois que a encontrei, ela foi atacada por um quad. Outro virá logo. — Viu o que estava procurando, uma rápida centelha de ódio dissolvendo-se em empatia.

Zedd olhou para Kahlan como se a estivesse vendo pela primeira vez. Os dois se entreolharam por longo tempo. À menção do quad, ele viu a expressão atormentada de Kahlan. Zedd se

adiantou e a abraçou protetoramente, encostando a cabeça dela no seu ombro. Kahlan o abraçou também agradecida, escondendo as lágrimas entre as pregas do manto dele.

— Está tudo bem, minha cara, você está segura aqui — disse ele suavemente. — Vamos para casa e você pode me falar desse problema; precisamos tratar da febre de Richard. — Ela assentiu, sem tirar a cabeça do ombro dele.

Então Kahlan se afastou de Zedd.

— Zeddicus Zu'l Zorander, nunca ouvi esse nome.

Ele sorriu orgulhoso, o movimento dos lábios desenhando uma porção de rugas profundas no rosto.

— Tenho certeza de que não, minha cara, tenho certeza de que não. A propósito, você sabe cozinhar? — Passou o braço pelos ombros dela e começaram a descer a colina. — Estou com fome e há anos não faço uma refeição decente. — Olhou para trás. — Venha, Richard, enquanto você ainda pode.

— Se você tratar a febre de Richard, faço uma sopa bem temperada — disse ela.

— Sopa bem temperada! — disse Zedd encantado. — Há anos não tomo uma sopa bem temperada. Richard não é muito bom na cozinha.

Richard os acompanhou, sentindo que perdera grande parte de suas forças por causa da tensão emocional. O modo casual com que Zedd estava tratando a febre o assustava. Sabia que era o que o velho amigo fazia para não o assustar com a gravidade da doença. Sentia latejar a mão ferida.

Como Zedd era de Midlands, Richard tinha esperado conseguir a compaixão dele mencionando o quad. Ficou aliviado e um pouco surpreso com a súbita atitude amistosa dos dois. Para se tranquilizar, ele tocou no dente pendurado no seu pescoço.

Mas estava bastante perturbado com o que sabia agora. Perto de um canto atrás da casa ficava a mesa onde Zedd gostava de fazer suas refeições ao ar livre quando o tempo estava bom. Podia olhar as nuvens enquanto comia. Zedd os fez sentar juntos em um banco, entrou em casa e voltou com cenouras, cerejas, queijo e suco de maçã, que pôs na mesa lisa gasta pelo uso; sentou-se no

banco de frente para eles. Deu a Richard uma caneca com um líquido marrom grosso com cheiro de amêndoas e mandou que ele tomasse devagar.

Olhou para Richard e disse:

— Fale do problema.

Richard contou como fora picado pela trepadeira e contou da coisa que tinha visto no céu, contou o encontro com Kahlan no Lago Trunt e como Foram seguidos pelos quatro homens. Contou toda a história, com todos os detalhes que podia lembrar. Zedd gostava de saber todos os detalhes, por menos importantes que fossem. Ocasionalmente, Richard parava para tomar um gole da bebida marrom. Kahlan comeu algumas cenouras e cerejas e tomou suco de maçã, mas não comeu queijo. Ela balançava a cabeça afirmativamente ou ajudava quando ele não conseguia se lembrar de alguma coisa. A única coisa que ele omitiu foi a história das três terras contada por Kahlan e a conquista de Midlands por Darken Rahl. Achou que seria melhor ela mesma contar. Quando terminou, Zedd o fez voltar ao começo, querendo saber o que Richard fazia no alto Ven.

— Quando fui a casa do meu pai depois do assassinato, olhei no vidro de mensagens, praticamente a única coisa que estava inteira. Encontrei um pedaço de trepadeira. Por três semanas procurei a trepadeira para descobrir o que significava a mensagem do meu pai. Quando a encontrei, bem, foi o que picou minha mão.
— Ficou satisfeito por terminar a história. Sentia a língua grossa.

Zedd mordeu uma cenoura, pensando.

— Como era a trepadeira?

— Era... Espere, está ainda no meu bolso. — Tirou o broto e o pôs na mesa.

— Danação! — murmurou Zedd. — É uma trepadeira serpente!

Richard sentiu o sangue gelar. O nome estava no livro secreto. Esperava, sem muita esperança, que não significasse o que ele temia. Zedd recostou no banco.

— Bem, a parte boa é que agora eu sei qual a raiz que devo usar para curar a febre. A parte ruim é que precisamos procurá-la.
— Pediu para Kahlan contar brevemente sua parte da história, pois

precisava fazer algumas coisas e não tinha muito tempo. Richard pensou na história que ela havia contado no pinheiro amigo na noite anterior e imaginou como ela podia contar brevemente.

— Darken Rahl, filho de Panis Rahl, pôs as três caixas de Orden em uso — disse ela simplesmente. — Eu vim procurar o grande mago.

Richard ficou apavorado.

Do livro secreto, o Livro de sombras contadas, o livro que seu pai o fizera decorar antes de destruir, a frase surgiu em sua mente: E quando as três caixas de Orden forem postas em uso, a serpente crescerá. O pior pesadelo de Richard — o pior pesadelo de todo o mundo — estava para acontecer.

CAPÍTULO 7



Com a dor e o atordoamento provocados pela febre, Richard mal percebeu quando sua cabeça encostou na mesa. Ele gemeu e sua mente rodopiou com as implicações do que Kahlan acabava de contar para Zedd, a realização da profecia do Livro secreto das sombras contadas. Logo, Zedd estava ao seu lado, fazendo-o se levantar do banco, pedindo a Kahlan para ajudar a levá-lo para dentro. Andando ajudado por eles, a todo momento o chão parecia fugir debaixo dos seus pés. Eles o deitaram na cama e o cobriram. Ele os ouvia falar mas não entendia o que diziam. As palavras se confundiam em sua mente.

A escuridão o envolveu, então surgiu a luz. Ele parecia flutuar para cima e despencar espiralando. Imaginava quem era e o que tinha acontecido. O tempo passou enquanto o quarto girava e rolava e se inclinava. Ele se agarrou na cama, temendo ser lançado para fora. Às vezes sabia onde estava e tentava desesperadamente se agarrar às coisas que conhecia, mas deslizava novamente para a escuridão.

Voltou a si outra vez e compreendeu que o tempo havia passado, mas não sabia quanto. Estava escuro? Talvez fosse porque as cortinas estavam fechadas. Alguém lhe aplicava uma toalha molhada e fria na testa. Sua mãe lhe acariciava o cabelo. O toque das mãos dela era reconfortante. Ele quase podia ver seu rosto. Ela era muito boa, sempre tomava conta dele.

Até morrer. Ele queria chorar. Ela estava morta. Mas acariciava seu cabelo. Era impossível, tinha de ser outra pessoa. Mas quem? Então se lembrou. Era Kahlan. Disse o nome dela em voz alta.

Kahlan acariciava seu cabelo.

— Estou aqui.

A lembrança chegou como uma torrente: o assassinato do seu pai, a trepadeira que o picou. Kahlan, os quatro homens no penhasco, o discurso do seu irmão, alguém esperando por ele em sua casa, o gar, o fogo-fátuo dizendo para ele procurar a resposta ou morrer, o que Kahlan disse sobre as três caixas de Orden em uso e seu segredo, o Livro das sombras contadas.

Lembrou quando seu pai o levou ao lugar secreto no bosque e disse que tinha salvado o Livro das sombras contadas da ameaça do animal que o guardava, até a vinda do mestre. Ele o levava para Westland para livrá-lo das mãos cobiçosas, mãos que o guardião do livro não sabia que o ameaçavam. Seu pai disse que o perigo existia enquanto existisse o livro, mas não podia destruir o conhecimento que havia nele, não tinha esse direito.

Pertencia ao guardião do livro e devia ser mantido a salvo até poder ser devolvido. O único meio de fazer isso era memorizar o livro e depois queimá-lo. Só assim o conhecimento seria preservado, mas não roubado, como, do contrário, certamente seria.

Seu pai escolheu Richard. Escolheu Richard, e não Michael, por motivos pessoais. Ninguém podia saber do livro, nem mesmo Michael. Disse que Richard podia nunca encontrar o guardião e nesse caso o livro passaria para seu filho e depois para o filho do seu filho e assim por diante, pelo tempo que fosse necessário. Seu pai não podia dizer quem era o guardião porque não sabia. Richard perguntou como ia reconhecer o guardião, mas seu pai disse que ele devia encontrar a resposta sozinho e jamais contar a ninguém, nem mesmo a seu irmão, nem a seu melhor amigo, Zedd.

Richard jurou por sua vida.

Seu pai jamais leu o livro, só Richard. Dia após dia, semana após semana, com intervalos apenas quando viajava, seu pai o levou ao lugar secreto no interior do bosque, onde se sentava e via Richard ler e reler o livro.

Quase sempre, Michael estava fora com os amigos e não se interessava pelos bosques, nem quando estava em casa, e não era incomum Richard visitar Zedd, portanto, ninguém tinha motivo para saber das freqüentes visitas ao bosque.

Richard escrevia o que memorizava e comparava com o livro. Seu pai queimava os papéis e o fazia escrever outra vez. O pai sempre pedia desculpas pela carga que estava pondo nos ombros de Richard. Pedia perdão ao filho no fim de cada dia no bosque.

Richard nunca se ressentiu de ter de ler o livro. Para ele, a confiança do pai era uma honra. Escreveu o livro do começo ao fim centenas de vezes sem erro, antes de ter certeza de que jamais esqueceria uma só palavra. Sabia, pelo conteúdo do livro, que qualquer palavra omitida significava desastre.

Quando garantiu ao pai que estava tudo memorizado, os dois devolveram o livro ao lugar secreto nas rochas e o deixaram lá durante três anos. Depois disso, quando Richard passara a fase da adolescência, voltaram em um dia de outono e seu pai disse que se Richard fosse capaz de escrever o livro todo, sem nenhum erro, podiam ter certeza de que estava memorizado e podiam queimá-lo. Richard escreveu do começo ao fim, sem hesitação. Estava perfeito.

Fizeram uma fogueira com bastante lenha, até o calor os obrigar a se afastar do fogo. Richard segurou nos braços o Livro das sombras contadas e passou a mão na capa de couro. Segurou nos braços a incumbência do pai, a confiança de todos e sentiu o peso. Entregou o livro ao fogo. Naquele momento, ele deixou de ser criança.

As chamas envolveram o livro, abraçando, acariciando, consumindo. Cores e formas subiram em espiral com um longo rugido. Estranhos raios de luz subiram para o céu. O vento agitou os mantos de ambos, enquanto o fogo absorvia folhas e gravetos, aumentando as chamas e o calor.

Fantasmas apareceram, com os braços abertos, como que alimentados pelas labaredas; suas vozes corriam para longe com o vento. Os dois pareciam feitos de pedra, incapazes de um movimento, sem poder sequer desviar a vista do espetáculo. O calor abrasador se transformou em vento, frio como o de uma noite do mais rigoroso inverno, provocando arrepios nos dois, prendendo sua respiração. Logo, o frio se foi e o fogo se transformou numa luz branca que consumia tudo com sua claridade, como se os dois estivessem expostos ao sol. De repente, desapareceu. No seu lugar,

silêncio. O fogo se apagou. Filetes de fumaça saíram lentamente da madeira enegrecida subindo no ar do outono. O livro desapareceu.

Richard sabia o que tinha visto: tinha visto magia.

Richard sentiu a mão no ombro e abriu os olhos. Era Kahlan. Na luz que entrava pela porta entreaberta, ele a viu sentada em uma cadeira ao lado da sua cama. O gato grande de Zedd dormia enrodilhado no colo dela.

— Onde está Zedd? — perguntou Richard, com olhos sonolentos.

— Foi procurar a raiz de que você precisa — respondeu Kahlan, com voz suave e confortadora. — Há horas anoiteceu, mas ele disse para não nos preocuparmos se ele demorar para achar a raiz. Disse que você ia dormir e acordar, mas estará bem até sua volta. Disse que a bebida que ele lhe deu o manterá a salvo.

Pela primeira vez, Richard viu que ela era a mulher mais bela que já tinha visto. Seu cabelo lhe emoldurava o rosto e os ombros e ele quis tocá-lo, mas não tocou. Bastava sentir a mão dela no seu ombro para saber que não estava sozinho.

— Como você está? — Sua voz era suave e tão gentil, que Richard não compreendia por que Zedd ficara com medo dela.

— Eu preferia lutar contra outro quad do que contra a trepadeira serpente.

Com seu sorriso especial, o sorriso de estar compartilhando alguma coisa com ele ela enxugou a testa de Richard com a toalha. Ele segurou o pulso dela. Kahlan parou e olhou nos olhos dele.

— Kahlan, Zedd é meu amigo há muitos anos. É como um segundo pai para mim Prometa não fazer nada para magoá-lo. Eu não poderia suportar.

Ela o tranqüilizou com um olhar.

— Eu também gosto dele. Muito. Ele é um bom homem, como você disse. Não tenho intenção de magoá-lo. Só quero que me ajude a encontrar o grande mago.

Ele segurou o pulso dela com mais força e disse:

— Prometa.

— Richard, tudo vai dar certo. Ele nos ajudará.

Lembrou-se dos dedos no seu pescoço e do olhar dela quando pensou que ele quria envenená-la com a maçã.

— Prometa.

Ela pôs a outra mão no rosto dele.

— Desculpe, Richard, mas não posso.

Richard soltou o pulso dela, virou a cabeça e fechou os olhos quando ela tirou a mão do seu rosto. Pensou no livro, em tudo que ele significava e compreendeu que seu pedido era egoísta. Ele a enganaria para salvar Zedd, só para fazer com que ele morresse com eles? Condenaria todos os outros à morte ou à escravidão só para que seus amigos vivessem mais alguns meses? Podia condená-la à morte também, por nada? Sentiu vergonha da própria ignorância. Não tinha o direito de pedir aquela promessa. Ela estaria errada se promettesse. Ficou satisfeito por Kahlan não ter mentido. Mas sabia que só porque Zedd quisera saber o problema dos dois não significava que ele os ajudaria com qualquer coisa do outro lado da fronteira.

— Kahlan, esta febre está me fazendo dizer tolices. Por favor, perdoe-me. Jamais conheci alguém com sua coragem. Sei que está tentando nos salvar. Zedd nos ajudará, eu trato disso. Prometa apenas que vai esperar até eu estar melhor. Dê-me um tempo para convencê-lo.

Ela apertou o ombro dele.

— Isso eu posso prometer. Sei que você se importa com seu amigo. Eu ficaria desapontada se não se importasse. Isso não faz de você um tolo. Descanse agora.

Ele tentou não fechar os olhos, porque quando fechava tudo começava a girar loucamente outra vez. Mas falar esgotara suas forças e logo a escuridão o reclamou. Seus pensamentos foram outra vez sugados pelo vazio. Às vezes ele voltava até a metade do caminho e vagava em sonhos perturbadores, outras vezes andava em lugares vazios até de ilusões.

O gato acordou e empinou as orelhas. Richard dormia. Sons que só o gato podia ouvir o fizeram saltar do colo de Kahlan, ir até a porta e se sentar, esperando. Kahlan esperou também e, como o

gato não eriçou o pêlo, ela continuou ao lado de Richard. Uma voz fraca disse do lado de fora da casa:

— Gato? Gato! Onde você se meteu? Muito bem, pode ficar aqui fora então. — A porta se abriu com um rangido. — Ah, você está aí — o gato saiu correndo para fora. — Faça como quiser — disse Zedd. — Como está Richard? — perguntou.

Quando ele entrou, Kahlan respondeu: — Ele acordou várias vezes, mas agora está dormindo. Encontrou a raiz?

— Do contrário não estaria aqui. Ele disse alguma coisa quando acordou?

Kahlan sorriu para o velho homem.

— Só que estava preocupado com você.

Ele foi para a sala da frente, resmungando.

— Não sem razão.

Sentado à mesa, ele descascou as raízes, cortou-as em pedacinhos redondos, que pôs em uma panela com água e a dependurou no suporte sobre o fogo. Jogou as cascas e duas achas de lenha no fogo e depois foi até o armário e retirou uma porção de vidros de tamanhos diferentes. Sem hesitar, escolheu um vidro depois do outro, derramando pós de várias cores em um almofariz de pedra preta.

Com um pilão branco, ele moeu os pós vermelhos, azuis, amarelos, marrons e verdes juntos, até tudo ficar da cor de lama seca. Enfiou a ponta do dedo na mistura e a levou à boca para experimentar. Ergueu uma sobrancelha, estalou os lábios e pensou por um momento. Finalmente sorriu e balançou a cabeça afirmativamente, satisfeito. Pôs o pó na panela e mexeu com uma colher que tirou de um gancho do lado da lareira. Mexeu devagar, vendo a mistura começar a ferver. Durante quase duas horas, ele mexeu e vigiou. Quando finalmente decidiu que o trabalho estava feito, pôs a panela na mesa para esfriar.

Zedd apanhou uma tigela e um pedaço de pano e depois de algum tempo chamou Kahlan. Ela atendeu rapidamente e ele lhe ensinou como segurar o pano enquanto ele derramava a mistura.

Girou o dedo no ar.

— Agora torça o pano. Quando todo o líquido sair, jogue no fogo o pano e o que ficou nele — Kahlan olhou para ele, intrigada. Zedd ergueu uma sobrancelha. — A parte que fica no pano é veneno. Richard deve acordar a qualquer momento. Então daremos a ele o líquido da tigela. Continue a torcer. Vou ver como ele está.

Zedd entrou no quarto, inclinou-se sobre Richard e viu que ele estava inconsciente. Voltou-se e viu Kahlan de costas, fazendo seu trabalho. Pôs o dedo médio na testa de Richard. Os olhos de Richard se abriram.

— Minha cara — disse ele, virando-se para a sala da frente —, estamos com sorte. Ele acaba de acordar. Traga a tigela.

Richard piscou os olhos. -

— Zedd? Você está bem? Tudo está bem?

— Sim, sim, tudo está bem.

Kahlan levou a tigela, segurando-a com cuidado, tentando não derramar nada. Zedd ajudou Richard a se sentar para beber o líquido. Quando terminou, ele o ajudou a se deitar outra vez.

— Isso vai fazer você dormir e baixar a febre. Da próxima vez em que acordar, estará bem, dou minha palavra, portanto, não se preocupe mais e descanse.

— Obrigado, Zedd... — Richard adormeceu antes de ter tempo para falar mais.

Zedd saiu do quarto e voltou com um prato de estanho, insistindo para que Kahlan se sentasse na cadeira.

— O espinho não vai resistir à raiz — explicou ele. — Tem de sair do corpo dele. — Pôs o prato debaixo da mão de Richard e sentou na beirada da cama, para esperar. Ouviam a respiração pesada de Richard e os estalos do fogo na sala; fora isso, a casa estava quieta. Foi Zedd quem primeiro quebrou o silêncio.

— É perigoso para uma Confessora viajar sozinha, minha cara. Onde está seu mago?

Ela voltou para ele os olhos cansados.

— Meu mago vendeu seus serviços a uma rainha.

Zedd franziu a testa, desapontado.

— Ele abandonou as responsabilidades com a Confessora? Qual o nome dele?

— Giller.

— Giller — repetiu o nome com desprezo, depois se inclinou um pouco para ela. — Então por que não veio outro com você?

Kahlan olhou para ele muito séria.

— Porque estão todos mortos, mortos pelas próprias mãos. Antes de morrer, reuniram-se e urdiram uma teia para que eu passasse com segurança pela fronteira, guiada por um fogo-fátuo. — Zedd se levantou. Tristeza e preocupação marcavam seu rosto e ele passou a mão no queixo. — Você conhecia os magos? — perguntou ela.

— Sim, sim. Vivi muito tempo em Midlands.

— E o grande? Você o conhece também?

Zedd sorriu, arrumou o manto e sentou outra vez.

— Você é persistente, minha cara. Sim, eu conheci o velho mago. Mas mesmo que você possa encontrá-lo, acho que ele não vai querer nada com esse negócio. Não estará inclinado a ajudar Midlands.

Kahlan inclinou-se para a frente e segurou as mãos dele entre as suas. Falou com voz suave mas intensa.

— Zedd, muita gente desaprova o Alto Conselho de Midlands e sua ganância. Desejariam que não fosse assim, mas são apenas pessoas comuns, sem direito de dar opinião. Tudo que querem é viver em paz. Darken Rahl deu para o exército a comida reservada para o próximo inverno. Eles a desperdiçaram, deixaram apodrecer ou venderam para as pessoas de quem a roubaram. A fome já chegou. Neste inverno muitos morrerão. O fogo foi declarado fora da lei. O povo tem frio.

"Rahl diz que tudo é culpa do grande mago, por não ter se apresentado para o julgamento como inimigo do povo. Ele diz que o grande mago é o culpado. Não explica como, mas muitos acreditam nele. Muitos acreditam em tudo que Rahl diz, mesmo quando o que podem ver seja suficiente para convencê-los do contrário.

"Os magos estavam sob ameaça constante e proibidos por lei de usar a magia. Sabiam que mais cedo ou mais tarde seriam usados contra o povo. Podem ter cometido erros no passado e desapontado seu professor, mas a coisa mais importante que

aprenderam foi que devem proteger o povo e de modo algum fazer mal a ele. Como seu maior ato de amor pelo povo, deram suas vidas para deter Darken Rahl. Acho que seu mestre ficaria orgulhoso.

"Mas isso não é só sobre Midlands. A fronteira entre D'Hara e Midlands foi derrubada e a que separa Midlands de Westland está caindo e logo também desaparecerá. O povo de Westland será conquistado pela coisa que mais teme: magia. Magia terrível e assustadora como jamais imaginaram."

Zedd não demonstrou emoção, não fez qualquer objeção, não deu qualquer opinião, apenas ouviu e continuou a permitir que ela segurasse suas mãos.

— O grande mago pode argumentar contra tudo que eu disse, mas o fato de Darken Rahl pôr em uso as três caixas de Orden é uma coisa completamente diferente. Se ele tiver sucesso, então logo no primeiro dia do inverno será tarde demais para todos. Isso inclui o mago. Rahl já o procura, o que ele quer é vingança pessoal. Muitos morreram porque não sabiam citar o nome dele. Quando Rahl abrir a caixa certa, terá poder absoluto sobre todas as coisas vivas e então o mago lhe pertencerá. Ele pode se esconder em Westland o tempo que quiser, mas, no primeiro dia do inverno, isso termina. Darken Rahl o terá nas mãos.

Havia amargura nos olhos dela.

— Zedd, Darken Rahl usou quads para matar todas as outras Confessoras. Encontrei minha irmã depois que terminaram com ela. Morreu nos meus braços. Com todas as outras mortas, só eu ainda estou viva. Os magos sabiam que seu mestre não queria ajudar, por isso me mandaram como última esperança. Se ele for tolo a ponto de não compreender que me ajudando estará ajudando a si mesmo, terei de usar meu poder para obrigá-lo a ajudar.

Zedd ergueu uma sobrancelha.

— E o que um velho mago pode fazer contra o poder desse Darken Rahl? — Agora era ele quem segurava as mãos dela.

— Ele deve nomear um Seeker, "o que procura".

— O quê! — Zedd levantou-se de um salto. — Minha cara, você não sabe do que está falando.

Confusa, Kahlan recuou um pouco.

— Como assim?

— "Os que procuram" nomeiam a si próprios. O mago apenas reconhece o que aconteceu e oficializa a nomeação.

— Não compreendo. Pensei que o mago escolhesse a pessoa certa.

Zedd passou a mão no queixo.

— Bem, isso é verdade de certa forma, mas de trás para diante. Um verdadeiro "que procura" capaz de fazer diferença deve provar que é um "que procura". O mago não aponta para alguém e diz: "Aqui está a Espada da Verdade, você será o Seeker." Ele realmente não tem escolha no assunto. Não é uma coisa para a qual alguém possa ser treinado. A pessoa simplesmente é "o que procura" e prova isso por suas ações. Um mago deve observar a pessoa durante anos para ter certeza. "O que procura" não precisa ser a pessoa mais inteligente do mundo, mas tem de ser a pessoa certa e ter as qualidades certas. Um verdadeiro "O que procura" é uma pessoa rara.

"O que procura é o ponto de equilíbrio do poder. O conselho transformou a nomeação em um cargo político, como um osso para ser lançado a um dos cães bajuladores aos seus pés. Era uma posição muito requisitada por causa do poder que possui. Mas o conselho não compreendeu. Não era a posição que dava o poder à pessoa. Era a pessoa que dava poder ao cargo."

Ele chegou mais perto dela.

— Kahlan, você nasceu depois que o conselho usurpou esse poder, por isso pode ter visto um "que procura" quando era muito jovem, mas naquele tempo eles não eram verdadeiros. Você nunca viu um verdadeiro "que procura" — seus olhos pareciam maiores, sua voz baixa e cheia de sentimento. — Eu vi um verdadeiro Seeker fazer um rei estremecer com uma única pergunta. Quando um Seeker empunha a Espada da Verdade... — Ele ergueu as mãos e revirou os olhos, satisfeito. — Fúria justa pode ser uma coisa extraordinária de se ver. — Kahlan sorriu vendo o entusiasmo dele. — Pode fazer o bom estremecer de alegria e o mau tremer de medo. — O sorriso desapareceu dos seus lábios. — Mas as pessoas raramente acreditam na verdade quando a vêem e menos ainda

quando não querem acreditar e por isso a posição do "que procura" é muito perigosa. Ele é um obstáculo para os que desejam subverter o poder. Ele provoca relâmpagos de muitos lados. Quase sempre fica sozinho e freqüentemente não dura muito.

— Conheço bem essa sensação — disse ela, com a sugestão de um sorriso.

Zedd se inclinou mais para ela.

— Contra Darken Rahl, duvido que mesmo um deles dure muito tempo. E, então, o que acontece?

Kahlan segurou outra vez as mãos dele.

— Zedd, devemos tentar. É nossa única chance. Se não a aproveitarmos, não temos nada mais.

Ele endireitou o corpo, afastando-se dela.

— Qualquer pessoa que o mago escolha não conhece Midlands. Não terá qualquer chance lá. Será uma sentença de morte rápida.

— Esse é o outro motivo pelo qual eu fui mandada. Para ser seu guia e ficar ao lado dele, oferecer minha vida, se preciso, e protegê-lo. As Confessoras passam a vida viajando. Já estive em quase toda a parte de Midlands. Desde que nasce, a Confessora aprende várias línguas. Precisa, porque nunca sabe para onde será chamada. Eu falo todas as línguas principais e a maioria das menos importantes. E, quanto a provocar relâmpagos, uma Confessora tem uma boa parte. Se fosse fácil nos matar, Rahl não precisaria encarregar os quads desse trabalho. E muitos deles morreram ao tentar nos assassinar. Posso ajudar a proteger "o que procura", se for preciso com minha vida.

— O que você pretende, minha cara, vai pôr em risco não só a vida do "que procura", minha cara, como a sua também.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Estou sendo caçada agora. Se você conhece um meio melhor, diga.

Antes que Zedd pudesse responder, Richard gemeu. O velho olhou para ele e se levantou. — Está na hora.

Com Kahlan ao lado, Zedd levantou o braço de Richard e segurou a mão ferida sobre o prato de estanho, onde o sangue

pingou com um leve som surdo. O espinho caiu com um som molhado. Kahlan estendeu a mão para apanhá-lo.

Zedd segurou o pulso dela.

— Não faça isso, minha cara. Agora que foi expelido do seu hospedeiro, está ansioso para encontrar outro. Veja.

Ela recolheu a mão e Zedd pôs o dedo magro no prato a alguns milímetros do espinho, que serpenteou para o dedo, deixando um rastro de sangue. Ele retirou o dedo e deu o prato a ela. — Segure por baixo e leve para a lareira. Ponha o prato no fogo virado para baixo e deixe-o lá.

Enquanto ela fazia isso, Zedd limpou o ferimento e aplicou uma pomada. Quando Kahlan voltou, ele segurou a mão de Richard e ela a envolveu em ataduras. Zedd observava as mãos dela, enquanto Kahlan trabalhava.

— Por que não disse a ele que você é uma Confessora? — perguntou Zedd, com severidade.

A resposta foi dada no mesmo tom.

— Por causa da sua reação quando me conheceu. — Parou por um momento e seriedade desapareceu da sua voz. — De algum modo, nos tornamos amigos. Não tenho experiência disso, mas tenho muita de ser Confessora. Tenho visto reações como a sua durante toda a minha vida. Quando eu for embora com o Seeker, contarei para ele. Até lá, eu gostaria muito de ter a amizade dele. É pedir muito desejar o simples prazer humano de ter um amigo? A amizade acabará quando eu contar.

Quando ela parou de falar, Zedd levantou-lhe o queixo com um dedo e disse, com um sorriso carinhoso: — Quando vi você pela primeira vez, reagi tolamente. Basicamente pela surpresa de ver uma Confessora. Eu não esperava ver mais alguma na minha vida. Deixei Midlands para me livrar da magia. Você era uma intrusa na minha solidão. Peço desculpas por minha reação e por fazê-la se sentir indesejável. Espero ter me penitenciado. Tenho grande respeito pelas Confessoras, talvez mais do que você possa imaginar. Você é uma boa mulher e é bem-vinda à minha casa.

Kahlan fitou os olhos dele por longo momento.

— Muito obrigada, Zeddicus Zu'l Zorander.

A expressão de Zedd era agora mais ameaçadora do que a de Kahlan quando se viram pela primeira vez. Ela ficou imóvel com o dedo dele ainda debaixo do seu queixo com medo de mover os olhos.

— Quero que saiba, Madre Confessora — sua voz era pouco mais do que um murmúrio e letal —, que esse rapaz é meu amigo há muito tempo. Se você o tocar com seu poder ou se o escolher, terá de se entender comigo. E não vai gostar disso. Entendeu?

Ela engoliu em seco e conseguiu assentir com um leve movimento da cabeça.

— Entendi.

— Ótimo. — A ameaça desapareceu do rosto dele e a calma voltou. Tirou a mão do queixo dela e começou a se voltar para Richard.

Kahlan respirou e, não querendo ser intimidada, segurou no braço dele, fazendo com que se voltasse outra vez para ela.

— Zedd, não farei isso com ele, não por causa do que você disse, mas porque gosto dele. Quero que compreenda.

Olharam-se por longo tempo, medindo mutuamente as forças. O sorriso malicioso de Zedd voltou, mais encantador do que nunca.

— Se me fosse dado escolher, minha cara, eu ia preferir assim.

Ela relaxou, satisfeita por ter deixado as coisas claras e o abraçou rapidamente. O abraço foi retribuído com a maior boa vontade.

— Há uma coisa que você não disse. Não pediu minha ajuda para encontrar o mago.

— Não. E por enquanto não vou pedir. Richard teme que, se eu pedir agora, você vai negar. Prometi não pedir antes que ele possa falar com você. Dei minha palavra.

Zedd pôs o dedo magro no queixo.

— Muito interessante. — Pôs a mão no ombro dela num gesto conspiratório e mudou de assunto. — Quer saber, minha cara, você poderia ser uma boa Seeker.

— Eu? Mulheres podem ser Seekers?

Ele levantou uma sobrancelha.

— É claro. Alguns dos melhores Seekers foram mulheres.

— Eu já tenho um trabalho impossível — ela franziu a testa. — Não preciso de mais um.

Zedd riu, divertido, os olhos brilhando.

— Talvez tenha razão. Agora é tarde demais, minha cara. Vá para a minha cama no outro quarto e procure dormir, você precisa. Eu tomo conta de Richard.

— Não! — ela balançou a cabeça e se sentou na cadeira. — Não quero deixá-lo por enquanto.

Zedd deu de ombros.

— Faça como quiser. — Passou por trás dela e deu uma pancadinha tranqüilizadora no seu ombro. — Como quiser. — Gentilmente fez pequenos círculos com os dedos médios nas têmporas dela. Com um leve gemido, Kahlan fechou os olhos. — Durma, minha cara — murmurou ele —, durma. — Ela apoiou os braços cruzados na beirada da cama e encostou a cabeça neles. Dormiu profundamente. Depois de cobri-la com um cobertor, Zedd foi para a sala da frente, abriu a porta, e olhou a noite.

— Gato! Venha cá, quero você. — O gato correu para dentro e se esfregou nas pernas de Zedd, balançando a cauda erguida. Zedd se inclinou e coçou atrás das orelhas dele. — Entre e durma no colo da jovem. Para aquecê-la. — O gato foi para o quarto e o velho homem saiu para o ar frio da noite.

O vento açoitava o manto de Zedd na trilha estreita, no meio do mato alto. As nuvens eram finas, iluminadas pela claridade da lua, suficiente para ver o caminho, embora ele não precisasse. Percorrera milhares de vezes aquela trilha.

— Nada é fácil — resmungava ele.

Perto de um grupo de árvores, ele parou, escutando. Lentamente se virou para trás, examinando as sombras e os galhos curvados, ondulando na brisa e farejou o ar. Procurava qualquer movimento estranho.

Certa mosca picou seu pescoço. Ele a matou com um tapa, zangado, e a tirou do pescoço.

— Mosca de sangue. Danação! Foi exatamente o que pensei — queixou-se.

Saindo do mato, alguma coisa se lançou sobre ele intempestivamente, atacando com asas, pêlos e dentes. Com as mãos na cintura, Zedd esperou. Quando a coisa estava quase em cima dele, ergueu a mão e o gar de cauda curta parou de repente. Era um gar com quase uma vez e meia a altura de Zedd e duas vezes mais feroz do que um gar de cauda longa. O animal rosnou e piscou os olhos, os músculos grandes retesaram-se, procurando combater a força que o impedia de continuar o ataque, furioso por não ter ainda conseguido matar o velho homem.

Zedd ergueu um dedo e o chamou para mais perto. O gar, ofegando de raiva, se inclinou para ele. Zedd espetou o queixo dele com o dedo.

— Qual é o seu nome? — sibilou ele. O animal rosnou duas vezes e emitiu um som surdo. Zedd assentiu, inclinando a cabeça. — Vou me lembrar. Diga me, você quer viver ou morrer? — Em vão, o gar tentou se afastar. — Ótimo. Então vai fazer exatamente o que vou dizer. Em algum lugar, entre aqui e D'Hara, quads estão vindo para cá. Vá atrás deles e mate os quatro. Depois, volte para D'Hara, para o lugar de onde veio. Se fizer isso, eu o deixo viver, mas vou me lembrar do seu nome e, se não matar o quad ou se voltar aqui depois de executar minhas ordens, eu o mato e deixo que suas moscas o devorem. Concorda com meus termos? — O gar rosnou, concordando. — Ótimo. Então vá. — Zedd retirou o dedo do queixo do gar.

Desesperado para fugir, o animal tatalou as asas freneticamente sobre o mato alto. Finalmente levantou vôo. Zedd o viu adejar em círculos, à procura dos quads. À medida que a presa se movia para o leste, os círculos pareciam diminuir de tamanho até o velho homem não o ver mais. Só então ele continuou a subir a colina. De pé ao lado da rocha das nuvens, Zedd apontou para ela e começou a girar o dedo magro como quem mexe um cozido. A rocha maciça estremeceu, tentando acompanhar o movimento do dedo de Zedd, tentando girar.

Com um estalo, rachaduras apareceram na sua superfície. A massa pesada lutava contra a força que a dominava. A estrutura granular da pedra começou a amolecer. Incapaz de manter seu

estado natural, a textura da rocha se liquefez o bastante para acompanhar o movimento do dedo de Zedd. Gradualmente Zedd aumentou a velocidade da mão até a rocha líquida, girando, emitir um raio de luz.

A intensidade da luz crescia, acompanhando o aumento da velocidade do movimento. Cores e fagulhas giravam no ar, sombras e formas apareciam no centro da luz e desapareciam, à medida que a claridade aumentava. A luz ameaçava incendiar o ar em volta dele. Um rugido surdo como o uivo do vento saiu de uma fissura. Os odores do outono se transformaram na claridade de inverno, depois no odor do solo recentemente arado da primavera, de flores do verão e voltaram ao outono. Iluminação forte e pura substituiu as cores e as fagulhas.

A rocha se solidificou de repente e Zedd subiu nela, para chegar à luz. A claridade empalideceu e era agora um brilho fraco que rodopiava como fumaça. Na frente dele estavam duas aparições, meras sombras. Onde devia haver contornos nítidos, as formas se dissolviam como uma leve lembrança, mas eram ainda reconhecíveis e, ao vê-las, o coração de Zedd acelerou.

A voz de sua mãe soou oca e distante.

— O que o perturba, filho? Por que nos chama depois de tantos anos? — Estendeu os braços para ele.

Zedd também estendeu os braços mas não conseguiu tocar nela.

— Estou perturbado com o que a Madre Confessora me contou.

— Ela diz a verdade.

Zedd fechou os olhos, inclinou a cabeça e abaixou os braços.

— Então é verdade que todos os meus alunos, exceto Giller, estão mortos?

— Você é o único que resta para proteger a Madre Confessora.

— Ela deslizou para mais perto. — Você deve escolher um Seeker.

— O Alto Conselho plantou essas sementes — protestou ele. — Agora você quer que eu ajude? Eles ignoraram meus conselhos. Deixe que vivam e morram por sua ganância.

O pai de Zedd se aproximou.

— Meu filho, por que ficou zangado com seus alunos?

Zedd se irritou.

— Porque eles se puseram na frente dos seus deveres para ajudar o povo.

— Compreendo. E qual a diferença do que você está fazendo agora? — O eco da voz dele pairou no ar.

Zedd fechou os punhos.

— Minha ajuda foi oferecida, mas recusada.

— E quando não foi assim, quando não existiram os cegos, os tolos, os gananciosos? Você permitiria com tanta facilidade que fizessem o que querem? Deixaria simplesmente que eles o impedissem de ajudar os que precisam de ajuda? O fato de você ter abandonado seu povo pode ter um motivo que pareça justo para você, ao contrário das ações dos seus alunos, mas o resultado é o mesmo. No fim, eles reconheceram seu erro e fizeram as coisas certas, as coisas que você ensinou. Aprenda com seus alunos, filho.

— Zeddicus — disse a mãe —, você deixaria Richard morrer também e todos os outros inocentes? Indique o Seeker.

— Ele é muito jovem.

Ela balançou a cabeça e disse, com um sorriso sereno: — Ele não terá oportunidade de envelhecer.

— Ele não passou ainda no teste final.

— Darken Rahl procura Richard. A nuvem que o acompanha foi enviada por Rahl para localizá-lo. A trepadeira serpente foi posta no vidro por Darken Rahl, esperando que Richard a procurasse e fosse picado. A trepadeira serpente não devia matá-lo. Darken Rahl queria apenas que ele adormecesse com a febre até poder capturá-lo. — A aparição se aproximou, sua voz era agora mais amorosa: — No seu coração, você sabe que o tem observado, esperando que ele demonstre ser a pessoa certa.

— Do que adianta? — Zedd fechou os olhos e encostou o queixo no peito. — Darken Rahl tem as três caixas de Orden.

— Não — disse seu pai —, ele só tem duas. Ainda está à procura da terceira.

Zedd abriu os olhos rapidamente e levantou a cabeça.

— O quê? Ele não tem todas?

— Não — disse sua mãe —, mas logo terá.

— E o livro? Certamente ele deve ter o Livro das sombras contadas?

— Não. Ele o procura.

Zedd pôs um dedo no queixo, pensando.

— Então há uma chance — murmurou. — Que tolo ativaria duas caixas de Orden antes de ter as três e o livro?

O olhar de sua mãe ficou gelado.

— Um tolo muito perigoso. Ele viaja pelo mundo subterrâneo. — Zedd ficou tenso e a respiração se prendeu em sua garganta. Os olhos de sua mãe pareciam pene-trar nele. — Foi assim que ele conseguiu cruzar a fronteira e recuperar a primeira caixa, viajando pelo mundo subterrâneo. Foi assim que ele começou a destruir a fronteira, de dentro do mundo subterrâneo. Ele comanda uma parte desse mundo, e mais, a cada vez que o visita. Se você resolver ajudar, tome cuidado, não atravesse a fronteira, nem deixe que o Seeker a atravesse. Rahl espera que vocês façam isso. Se entrarem na fronteira, estarão em suas mãos. A Madre Confessora atravessou porque ele não esperava. Darken Rahl não cometerá o mesmo erro outra vez.

— Mas então, como posso ir a Midlands? Não posso ajudar se não for a Midlands. — A voz de Zedd estava tensa de frustração.

— Lamentamos, mas não sabemos. Acreditamos que deve haver um meio, mas não o conhecemos. Por isso você deve indicar um Seeker. Se ele for a pessoa certa, encontrará um meio. — As formas começaram a bruxulear e a desaparecer.

— Esperem! Preciso ter a resposta às minhas perguntas! Por favor, não me deixem!

— Lamentamos, mas não temos escolha. Estamos sendo chamados para trás do véu.

— Por que Rahl está perseguindo Richard? Por favor, ajudem-me.

A voz do seu pai soou fraca e distante.

— Não sabemos. Você deve procurar as respostas sozinho. Nós o treinamos muito bem. Você tem mais talento do que jamais tivemos. Use o que aprendeu e o que você sente. Nós o amamos,

filho. Até isso ser resolvido, de um modo ou de outro, não podemos voltar para você. Com Orden ativado, voltar significaria rasgar o véu.

Sua mãe beijou a própria mão e a estendeu para ele, Zedd fez o mesmo para ela e eles se foram.

Zeddicus Zu'l Zorander, o grande e digno mago, ficou sozinho na rocha do mago dada por seu pai e contemplou a noite, com pensamentos de mago.

— Nada é fácil.

CAPÍTULO 8



Richard acordou de repente. A luz quente do meio-dia encheu o quarto e o aroma maravilhoso e picante da sopa condimentada lhe encheu os pulmões. Estava no seu quarto na casa de Zedd. Olhou para os tão conhecidos nós da madeira nas paredes e os rostos que ele imaginava que formavam voltaram a olhá-lo. A porta do quarto estava fechada. Uma cadeira esperava, vazia, perto da cama. Richard se sentou na cama, empurrou as cobertas para baixo e viu que estava ainda com a roupa da véspera. Procurou o dente debaixo da camisa e suspirou aliviado quando viu que ainda estava lá. Pela janela mantida entreaberta por um pequeno pedaço de madeira, entrava o ar fresco e o som do riso de Kahlan. Zedd devia estar contando histórias, ele pensou. Richard olhou para sua mão esquerda. Estava envolta em ataduras, mas não doía mais quando flexionava os dedos. A cabeça também não doía. Na verdade, ele se sentia maravilhosamente bem. Faminto, mas muito bem.

No centro do quarto havia uma banheira com água quente, sabonete e toalhas limpas ao lado. Roupas limpas de guia florestal estavam dobradas sobre uma cadeira. A água do banho estava deliciosamente convidativa. Mergulhou a mão e sentiu que estava morna. Zedd devia saber quando ele ia acordar. Conhecendo Zedd como conhecia, isso não era surpresa.

Richard se despiu e entrou na banheira. O sabonete cheirava quase tão bem quanto a sopa. Ele gostaria de se demorar na banheira, mas estava desperto demais para isso e ansioso pela companhia de Zedd e Kahlan. Tirou as ataduras da mão e com surpresa viu o quanto já havia cicatrizado em tão pouco tempo.

Quando saiu do quarto, Kahlan e Zedd estavam sentados à mesa à sua espera. Richard notou que o vestido de Kahlan fora lavado e aparentemente ela também tomara banho. O cabelo estava limpo e brilhava à luz do sol. Olhos verdes se ergueram brilhantes para ele. Uma grande tigela com sopa o esperava na mesa, ao lado dela, acompanhada de queijo e pão.

— Eu não esperava dormir até o meio-dia — disse ele, passando a perna por cima do banco. Os dois riram. Richard olhou desconfiado para eles.

Kahlan ficou séria.

— Você está acordando no segundo meio-dia.

— Sim — disse Zedd—, você dormiu durante o primeiro. Como se sente? Como está sua mão?

— Estou bem. Obrigado, Zedd, por me ajudar. Obrigado a vocês dois. — Abriu e fechou os dedos para mostrar a melhora. — A mão está muito melhor, mas coça.

— Minha mãe sempre dizia que, quando coça, é sinal de que está melhorando.

Richard sorriu para ela.

— A minha também. — Com a colher, tirou da sopa um pedaço de batata e um cogumelo e experimentou. — Tão boa quanto a minha — disse ele para Kahlan.

Kahlan estava sentada de lado, virada para ele, com o cotovelo na mesa e o queixo apoiado na palma da mão. Sorriu.

— Zedd diz que é diferente.

Richard olhou para Zedd, ofendido. Zedd olhou para o céu, com atenção exagerada.

— Ele diz mesmo? Eu gostaria de fazer Zedd lembrar disso quando me pedir para fazer a sopa.

— Francamente — disse ela em voz baixa, mas não o bastante para que Zedd não pudesse ouvir —, pelo que eu vi, acho que ele é capaz de comer terra se alguém preparar para ele.

Richard riu.

— Vejo que você já o conhece bem.

— Vou dizer uma coisa, Richard — disse o velho homem, apontando com um dedo magro, resolvido a levar a melhor —, ela

pode fazer a terra parecer gostosa. Você faria bem se aprendesse isso.

Richard mergulhou um pedaço de pão na sopa. Ele sabia que aquela brincadeira era para aliviar a tensão, um modo de passar o tempo, enquanto os dois esperavam que ele acabasse de comer. Kahlan dera sua palavra de que esperaria por ele para pedir a ajuda de Zedd. Aparentemente a promessa fora cumprida. E o modo de Zedd era bancar o inocente e esperar você perguntar alguma coisa primeiro, para poder julgar o que ele já sabia. Nesse dia, Richard não podia permitir esse jogo. As coisas eram diferentes agora.

— Mas há uma coisa que não me faz confiar nela — disse Zedd sombria e ameaçadoramente.

Richard parou de mastigar. Engoliu a comida e esperou, sem olhar para nenhum dos dois.

— Ela não come queijo! Creio que nunca poderei confiar em uma pessoa que não gosta de queijo. Não é natural.

Richard relaxou. Zedd estava apenas brincando com sua mente, como ele dizia. Seu velho amigo parecia ter o dom de apanhá-lo desprevenido e sentir prazer com isso. Richard olhou para o sorriso inocente de Zedd e sorriu também. Enquanto ele se deliciava com a sopa, Zedd mordiscava um pedaço de queijo para acentuar o que acabava de dizer. Kahlan comia devagar um pedaço de pão para defender seu argumento. O pão estava delicioso. Kahlan ficou satisfeita quando Richard disse isso.

Quase no fim da refeição, Richard decidiu que era hora de falar de coisas sérias.

— Algum sinal do próximo quad?

— Não. Eu estava preocupada, mas Zedd leu as nuvens para mim e disse que aparentemente eles tiveram algum problema, uma vez que não estavam em lugar algum.

Richard olhou de soslaio para Zedd.

— Isso é verdade?

— Tão verdadeiro quanto sapos assados. — Zedd usava essa expressão desde que Richard era pequeno, para fazer humor e mostrar que ele podia sempre confiar no velho amigo para dizer a

verdade acima de tudo. Richard imaginou que tipo de "problema" o quad podia ter tido.

Bem ou mal, ele conseguira mudar o estado de espírito à mesa. Sentia a impaciência de Kahlan para entrar no assunto e sentia impaciência em Zedd também. Kahlan virou de frente para a mesa e, com as duas mãos no colo, esperando Richard, temia que, se ele não tratasse o assunto do modo correto, ela faria o que viera fazer e Richard não poderia evitar.

Richard terminou sua refeição e empurrou a tigela com os polegares, ao mesmo tempo em que olhava nos olhos de Zedd. O bom humor de Zedd tinha desaparecido, mas, fora isso, de modo algum ele demonstrava o que estava pensando. Simplesmente esperava. Era a vez de Richard e depois de começar não podia mais voltar atrás.

— Zedd, meu amigo, precisamos da sua ajuda para deter Darken Rahl.

— Eu sei. Você quer que eu encontre o mago.

— Não, isso não será necessário. Eu já o encontrei. — Richard sentiu o olhar surpreso de Kahlan, mas continuou a olhar para Zedd. — Você é o grande mago.

Kahlan começou a se levantar do banco. Sem tirar os olhos de Zedd, Richard estendeu a mão e segurou o braço dela, obrigando-a a se sentar outra vez. Zedd continuou, sem demonstrar nenhuma emoção. Sua voz soou macia e firme.

— E o que o faz pensar isso, Richard?

Richard respirou longa e profundamente e pôs as mãos na mesa, cruzando os dedos. Olhou para as mãos enquanto falava.

— Quando Kahlan me contou pela primeira vez a história das três terras, ela disse que o conselho providenciou para que a morte da mulher e da filha do grande mago pelas mãos de um quad não tivesse qualquer significado e como castigo o mago fez a pior coisa possível para eles: ele os deixou sofrer as conseqüências dos seus atos.

"Isso parecia exatamente o que você faria, mas eu ainda não tinha certeza. Precisava descobrir um modo de saber. Quando você viu Kahlan pela primeira vez e ficou furioso por ela ter vindo de

Midlands, eu disse que ela fora atacada por um quad. Observei seus olhos. Eles me disseram que eu estava certo. Só quem sofreu uma perda como você sofreu teria aquela expressão no olhar. E você mudou sua atitude para com ela depois disso. Completamente. Só quem conheceu pessoalmente o terror teria esse tipo de empatia. Mas mesmo assim não confiei no meu instinto. Eu esperei."

Olhou para Zedd enquanto falava.

— Seu maior erro foi dizer a Kahlan que ela estava a salvo aqui. Você não mentiria, especialmente sobre uma coisa como essa. E você sabe o que é um quad. Como um homem velho pode tornar algum lugar seguro, sem magia? Não é possível, mas o velho mago pode. O próximo quad desapareceu, você mesmo disse, teve algum problema. Eu acho que ele encontrou um problema de mago. Você foi fiel à sua palavra. Sempre é.

Richard abrandou a voz.

— Eu sempre soube, por milhares de pequenas coisas, que você era mais do que dizia ser, que era uma pessoa especial. Sempre me senti honrado com a sua amizade. E sei que, como meu amigo, você faria qualquer coisa, qualquer coisa que fosse necessária para me ajudar, se minha vida estivesse em perigo, assim como eu faria qualquer coisa por você. Confio minha vida a você: ela agora está em suas mãos. — Richard detestou fechar a armadilha desse modo, mas a vida de todos eles estava em perigo. Tinham de enfrentar diretamente a situação.

Zedd apoiou as mãos na mesa e inclinou-se para a frente.

— Nunca senti tanto orgulho de você, Richard. — Seus olhos diziam que estava sendo sincero. — Você tem razão. — Levantou-se e foi para o outro lado da mesa. Richard levantou-se também e eles se abraçaram. — Também nunca me senti tão triste por você. — Zedd o abraçou com força por mais um momento. — Sente-se. Eu volto já. Tenho uma coisa para você. Você dois esperem um momento.

Zedd tirou os pratos da mesa e entrou na casa. Kahlan parecia preocupada. Richard pensou que ela ficaria feliz por terem encontrado o mago; ela, porém, parecia mais assustada do que qualquer outra coisa. As coisas não estavam saindo como esperava.

Zedd voltou com uma coisa comprida nas mãos. Kahlan se levantou. Richard viu que Zedd segurava a bainha de uma espada. Kahlan ficou na frente dele antes que Zedd chegasse à mesa e segurou ansiosa seu manto.

— Não faça isso, Zedd. — Sua voz era desesperada.

— Não é escolha minha.

— Zedd, por favor não, qualquer outra pessoa, mas não Richard...

Zedd a interrompeu.

— Kahlan, eu a preveni. Eu disse que é ele quem faz a escolha. Se eu escolher outra pessoa e não a verdadeira, nós todos morreremos. Se conhece um modo melhor... diga!

Ele a empurrou para o lado, foi para o lado oposto da mesa ao que Richard estava e pôs a espada na frente dele. Richard se sobressaltou. Olhou da espada para os olhos de Zedd.

— Isso pertence a você — disse o mago. Kahlan lhes deu as costas.

Richard olhou para a espada. A bainha de prata, com ornatos de ouro nas curvas e nas saliências do desenho, brilhava. As guardas abaixo do punho destacavam-se agressivamente. Fio trançado de prata cobria o punho, entrelaçados ao lado da trança de prata, fios de ouro formavam a palavra Verdade. É a espada de um rei, Richard pensou. A mais bela arma que já tinha visto.

Lentamente ele se levantou. Zedd segurou a bainha pela ponta e entregou o punho a Richard.

— Desembainhe.

Como num transe, Richard segurou o punho e puxou a espada. A lâmina emitiu um som metálico que encheu o ar. Richard nunca ouvira uma espada produzir aquele som. Segurou o punho com firmeza, sentindo quase dolorosamente na palma e nos dedos da outra mão a pressão das saliências do fio de ouro que escrevia a palavra Verdade em cada lado do punho. Inexplicavelmente, parecia exatamente correto. O peso estava certo. Richard sentiu como se uma parte de si mesmo estivesse agora completa.

Uma fúria despertou dentro dele, procurando uma direção. De repente, ele se deu conta da existência do dente pendurado no seu

pescoço.

À medida que a fúria crescia, uma força passava da espada para ele. Seus sentimentos sempre tinham parecido independentes e completos. Aquilo era como ver a imagem no espelho tomar vida. Era um espectro terrível. Sua fúria se alimentava com a força da espada e a fúria da espada se alimentava com a sua. Juntas, as duas tempestades espiralavam através dele. Sentiu-se um espectador indefeso, sendo arrastado. Era uma sensação assustadora e ao mesmo tempo sedutora, quase uma violação. Percepções terríveis da própria fúria se contorciam com uma promessa tantalizadora. As emoções mágicas o envolviam, envolviam sua fúria, pairavam no ar com ela. Richard procurou controlar a raiva. Estava prestes a entrar em pânico. Prestes a se entregar.

Zeddicus Zu'l Zorander inclinou a cabeça para trás e ergueu os braços. Para o céu, ele bradou: — Um aviso aos que estão vivos e aos que estão mortos! O Seeker foi escolhido!

Um trovão no céu claro estremeceu o solo e rolou na direção da fronteira.

Kahlan ajoelhou-se na frente de Richard, com a cabeça abaixada, as mãos nas costas.

— Empenho minha vida na defesa do Seeker.

Zedd se ajoelhou ao lado dela, com a cabeça abaixada.

— Empenho minha vida na defesa do Seeker.

Os olhos de Richard, com a espada da Verdade na mão, estavam arregalados, em estonteante confusão.

— Zedd — murmurou ele —, em nome de tudo que é sagrado, diga-me o que é um Seeker.

CAPÍTULO 9



Com ajuda de uma das mãos no joelho, Zedd se levantou, ajeitou o manto em volta do corpo magro e estendeu a mão para Kahlan, que olhava para o chão. Aceitando a mão dele, ela também se levantou. Seus olhos estavam tristes. Zedd olhou para ela por um momento e Kahlan fez sinal de que estava bem.

Zedd se voltou para Richard.

— O que é um Seeker? Uma pergunta sábia na sua nova capacidade, mas difícil de responder.

Richard olhou para a espada cintilante que tinha na mão, não muito certo de desejar ter alguma coisa com aquilo. Embainhou a espada, satisfeito por se livrar dos sentimentos que ela provocava, e a segurou com as duas mãos.

— Zedd, eu nunca vi isto antes. Onde você a guardava.

Zedd sorriu com orgulho.

— No armário, em casa.

Richard olhou para ele, incrédulo.

— Não há nada no armário a não ser pratos, panelas e seus pós.

— Não nesse armário — disse ele, em voz baixa como para evitar que ouvissem —, no meu armário de mago!

Richard disse, intrigado: — Eu nunca vi esse armário.

— Danação, Richard! Você não devia ver! É um armário de mago, e invisível.

Richard se sentiu mais do que um pouco idiota.

— E há quanto tempo tem isto?

— Não sei.

A voz de Zedd ficou severa. .

— A indicação do Seeker é tarefa do mago. O Alto Conselho erroneamente resolveu tomar a si essa incumbência. Não tinham o cuidado de encontrar a pessoa certa. Davam o posto a quem queriam no momento ou a quem oferecia mais. A espada pertence ao Seeker enquanto ele viver ou até enquanto quiser continuar como Seeker. Enquanto se procura um novo Seeker, a espada da Verdade pertence aos magos. Ou mais precisamente, pertence a mim, uma vez que indicar Seekers é minha responsabilidade. O último homem que a possuiu se... — Olhou para cima, como que procurando no céu a palavra certa — ...envolveu com uma feiticeira. Assim, enquanto ele estava distraído, fui a Midlands e retomei o que me pertence. Agora ela é sua.

Richard sentiu que estava sendo levado para alguma coisa que não era da sua escolha. Olhou para Kahlan. Ela parecia ter se livrado da angústia e estava outra vez indecifrável.

— Foi para isso que você veio? Era o que você queria que o mago fizesse?

— Richard, eu queria que o mago nomeasse um Seeker. Eu não sabia que era você.

Ele começava a se sentir encurralado e olhou de um para o outro.

— Vocês dois pensam que de algum modo eu posso nos salvar. É isso que estão pensando, que posso deter Darken Rahl. Um mago não pode detê-lo, mas eu devo tentar? — O terror inundou seu coração.

Zedd se aproximou e pôs a mão no ombro dele.

— Richard, olhe para o céu. Diga o que você vê. — Richard olhou e viu a nuvem em forma de serpente. Não precisou responder. Zedd apertou com os dedos magros o ombro dele. — Venha. Sente-se; vou dizer tudo que você precisa saber. Então você decide. Venha. — Passou o outro braço em volta dos ombros de Kahlan e levou os dois para o banco. Foi para seu lugar, no outro lado da mesa. Richard pôs a espada na mesa entre eles, para significar que o assunto ainda estava para ser resolvido. Zedd arregaçou um pouco as mangas.

— Existe certa magia — começou ele — antiga e perigosa, de imenso poder. Ela vem da terra, da própria vida. É contida em três recipientes chamados de as três caixas de Orden. A magia permanece latente até as três caixas serem ativadas. Não é fácil fazer isso. Exige uma pessoa que tenha adquirido conhecimento com muito estudo e tenha grande poder pessoal. Quando uma pessoa tem pelo menos uma das caixas, a magia de Orden pode ser ativada. Então, essa pessoa tem um ano a partir daquele momento para abrir a caixa, mas deve ter as três, antes disso. Elas funcionam juntas, não é possível simplesmente abrir uma delas. Se a pessoa que as ativa não conseguir obter as três e não as abrir dentro do tempo designado, ela perde a vida para a magia. Não há como voltar atrás. Darken Rahl deve abrir uma das caixas ou morrer. No primeiro dia do inverno, termina seu ano de prazo.

O rosto de Zedd estava tenso e determinado, com rugas profundas. Ele se inclinou um pouco para a frente.

— Cada caixa tem um poder diferente, que é liberado quando ela é aberta. Se Rahl abrir a caixa certa, ele ganha a magia de Orden, a magia da própria vida, o poder sobre todas as coisas vivas e mortas. Terá poder e autoridade indiscutíveis. Será um mestre com domínio imutável sobre todos os povos. Quem não gostar, ele pode matar com um pensamento, do modo que quiser, seja quem for, esteja longe ou perto.

— É uma terrível magia — disse Richard.

Zedd se recostou no banco e tirou as mãos da mesa. Balançou a cabeça.

— Não, não é bem assim. A magia de Orden é o poder da vida. Como todos os poderes, simplesmente existe. Quem a usa é que determina como vai usá-la. A magia de Orden pode ser usada para ajudar o crescimento das plantações, curar doentes, acabar com conflitos. Depende de quem a usa. O poder não é bom nem mau, ele simplesmente existe. Compete à mente do homem determinar como vai ser usado. Acho que nós todos sabemos qual o uso que Darken Rahl escolherá.

Zedd fez uma pausa, como sempre fazia, para que Richard absorvesse o que acabava de dizer. Com expressão determinada,

esperou. Kahlan também parecia decidida a fazer com que ele compreendesse completamente a natureza sinistra do que Zedd dizia. Richard, é claro, não precisava pensar muito, uma vez que sabia tudo aquilo do Livro das sombras contadas. O livro era explícito. Richard sabia que Zedd apenas tocava de leve a extensão do cataclisma que assolaria a terra se Darken Rahl abrisse a caixa certa. Sabia também o que aconteceria se uma das outras caixas fosse aberta, mas não podia revelar esse conhecimento, por isso teve de perguntar:

— E se ele abrir as outras?

Zedd se inclinou outra vez para a mesa. Esperava a pergunta.

— Se abrir a caixa errada, a magia o possui. Ele morre. — Zedd estalou os dedos. — Assim. Estamos salvos, a ameaça foi removida. — Chegou mais perto franzindo as sobrancelhas e olhou severamente para Richard. — Abra a caixa errada e todos os insetos, todas as hastes de relva, todas as árvores, todos os homens, mulheres e crianças, todas as coisas vivas serão incineradas. Será o fim de qualquer tipo de vida. A magia de Orden é como a própria magia da vida e a morte é parte de tudo que vive; assim, a magia de Orden está ligada à morte tanto quanto à vida.

Zedd se recostou outra vez no banco, aparentemente arrasado só por falar na catástrofe. Embora já soubesse, Richard ficou abalado ouvindo a descrição. De certo modo, parecia mais real quando ligada a um nome. Quando aprendeu no livro tudo parecia tão abstrato, tão hipotético, que ele nunca havia pensado na possibilidade de vir a acontecer. Sua única preocupação era preservar o conhecimento do livro, para devolvê-lo ao seu guardião. Queria poder dizer a Zedd o que sabia, mas o juramento feito ao seu pai não permitia. Além disso, devia continuar a fazer perguntas sobre coisas que já sabia.

— Como Rahl vai saber qual caixa deve abrir?

Zedd arrumou as mangas do manto e olhou para as mãos sobre a mesa.

— Ativar as caixas confere à pessoa certas informações privilegiadas. Talvez essas informações digam a ele como descobrir qual a caixa que deve ser aberta.

Isso fazia sentido. Ninguém conhecia o livro, a não ser seu guardião e, ao que parecia, a pessoa que ativava as caixas. O livro não fazia qualquer referência a esse respeito, mas parecia lógico. Uma idéia o fez estremecer. Darken Rahl devia estar atrás dele por causa do livro. Ele quase não ouviu Zedd retomar a explicação.

— Porém, Rahl fez uma coisa fora do comum. Ele pôs as caixas em uso antes de ter as três.

Richard voltou a prestar atenção imediatamente. — Ele deve ser idiota ou muito confiante.

— Confiante — disse o mago. — Eu saí de Midlands por duas razões. A primeira, porque o Alto Conselho resolveu nomear o Seeker. A segunda, porque eles manipularam as caixas de Orden. O povo acreditou que o poder das caixas era apenas uma lenda. Acharam que eu era um velho tolo por dizer que não era uma lenda, e sim verdade. Recusaram-se a ouvir minhas advertências.

Bateu com a mão fechada na mesa, sobressaltando Kahlan.

— Eles riram de mim! — Estava vermelho de raiva, o rubor se destacava contra a brancura dos cabelos. — Eu queria que as caixas fossem separadas e, com magia, escondidas em um lugar onde jamais pudessem ser encontradas. Mas o Conselho queria que fossem dadas a pessoas importantes, como troféus para serem exibidos. Eles as usaram para pagar favores recebidos ou promessas cumpridas. Isso expôs as caixas a mãos gananciosas. Eu não sei o que aconteceu com elas durante todos estes anos. Rahl tem uma, mas não as três. Pelo menos não até agora. — Os olhos de Zedd brilhavam de fervor. — Você compreende, Richard? Não precisamos enfrentar Darken Rahl; tudo que temos a fazer é encontrar pelo menos uma das caixas antes que ele a encontre.

— E mantê-la fora do alcance dele, o que pode ser mais difícil do que encontrá-la — observou Richard, deixando as palavras pairarem no ar por um momento. Teve uma idéia: — Zedd, você acha que uma das caixas pode estar aqui em Westland?

— É pouco provável,

— Por quê?

Zedd hesitou.

— Richard, eu nunca disse a você que sou um mago, mas você nunca perguntou, portanto, eu não menti. Só menti uma vez para você. Eu disse que vim para cá antes de a fronteira ser erguida, porque não podia dizer a verdade. Você compreende, para criar uma Westland livre de magia, não devia haver qualquer uma aqui, quando a fronteira foi criada. A magia podia vir depois da existência da fronteira, mas não antes. Uma vez que eu tenho magia, minha presença teria evitado que isso acontecesse, por isso tive de ficar em Midlands até depois e só então vim para cá.

— Todos têm seus pequenos segredos. Não o censuro por isso. Mas aonde quer chegar?

— Quero dizer que sabemos que nenhuma das caixas podia estar aqui antes da fronteira ser erguida, do contrário a magia teria evitado. Portanto, estavam todas em Midlands antes da existência da fronteira, por causa da magia, e eu não trouxe caixa alguma comigo, logo, devem estar em Midlands.

Richard refletiu por algum tempo, sentindo apagar a centelha de esperança. Voltou a pensar no assunto de que estavam tratando.

— Você ainda não me disse o que é um Seeker. Nem qual é minha parte nisto tudo.

Zedd juntou as mãos.

— Um Seeker é uma pessoa que não dá satisfações a ninguém, a não ser a si mesmo. Ele é uma lei à parte. A Espada da Verdade pertence a ele para usar como quiser e, dentro dos limites da própria força, ele pode fazer qualquer pessoa se responsabilizar por qualquer coisa. — Zedd levantou uma das mãos para evitar perguntas e objeções de Richard. — Sei que isso é vago. O problema para explicar isso é que é igual a todo o poder. Como eu já disse, o modo como o poder é usado faz dele o que é. Por isso é importante encontrar a pessoa certa, a pessoa que use sabiamente o poder. Um Seeker faz exatamente o que o nome diz: ele procura. Ele procura as respostas para as coisas. Coisas que ele escolhe. Se for a pessoa certa, procurará as respostas que podem ajudar os outros, não apenas a ele. O objetivo do Seeker é ter liberdade para questionar, ir aonde quiser, perguntar o que quiser, aprender o que quiser,

encontrar respostas para o que quer saber e, se for preciso, fazer seja o que for que a resposta exija.

Richard se empertigou e disse em voz alta: — Está dizendo que um Seeker é um assassino?

— — Não vou mentir para você, Richard, houve um tempo em que as coisas eram assim.

Richard ficou rubro.

— Não serei um assassino.

Zedd deu de ombros.

— Como eu disse, um Seeker é o que ele quiser ser. Idealmente é o que faz justiça. Não posso dizer muito mais porque nunca fui um. Não sei o que se passa em suas cabeças, porém sei reconhecer a pessoa certa.

Zedd arregaçou as mangas outra vez, olhando para Richard.

— Mas eu não escolho o Seeker, Richard. O verdadeiro Seeker se escolhe. Eu só o identifico. Há anos você é um Seeker, sem saber. Eu o tenho observado e é isso que você faz. Está sempre procurando a verdade. O que pensa que estava fazendo no alto Ven? Estava procurando a resposta da trepadeira ao assassinato do seu pai. Podia ter deixado isso para outros mais qualificados e, como as coisas acabaram, talvez tivesse sido mais certo. Mas seria contra a sua natureza, a natureza do Seeker. Ele não deixa as coisas para os outros porque quer saber por si mesmo. Quando Kahlan disse a você que estava procurando um mago perdido desde antes de ela ter nascido, você tinha de saber quem ele era e o encontrou.

— Mas isso foi só porque...

Zedd o interrompeu.

— Não importa. É irrelevante. Só uma coisa importa: você procurou e encontrou. Eu salvei você com a raiz que encontrei. Importa se foi fácil para mim encontrá-la? Não. Eu encontrei a raiz, você está bem. Isso é o que importa. O mesmo com o Seeker. Não importa como ele encontre a resposta, mas apenas que encontre. Como eu disse, não há regras. Neste momento, você deve descobrir algumas respostas. Eu não sei como e não me importo, o que importa é que você descubra. Se você diz "Isso é simples", melhor, porque não temos muito tempo.

A hesitação de Richard desapareceu.

— Quais respostas? — perguntou ele.

Zedd sorriu e seus olhos brilharam.

— Eu tenho um plano, mas você deve descobrir um meio de nos fazer atravessar a fronteira.

Zedd balançou a cabeça.

— Não. Eu disse ir para o outro lado da fronteira, não atravessá-la. Eu sei como atravessar, mas não posso fazer isso. É exatamente o que Rahl espera. Se tentarmos, ele nos matará. Se tivermos sorte. Devemos ir para o outro lado, sem atravessar a fronteira. É muito diferente.

— Zedd, lamento, mas é impossível. Não sei como passar para o outro lado. Não vejo como posso fazer isso. A fronteira é o mundo subterrâneo. Se não a pudermos atravessar, ficaremos presos aqui. O único propósito da fronteira é impedir que alguém faça exatamente o que você está me pedindo. — Richard sentia-se incapaz. Dependiam dele e não tinha nenhuma resposta.

Zedd disse, bondosa e gentilmente: — Richard, você não se deve criticar desse modo. O que você diz quando pergunto como você deve resolver um problema difícil?

Richard sabia do que Zedd estava falando, mas relutava em responder porque dar uma resposta só o levaria para mais fundo no problema. Zedd ergueu uma sobrancelha, esperando. Richard olhou para a mesa, passando a unha do polegar na madeira.

— Pense na solução, não no problema.

— E neste momento você está fazendo a coisa de trás para diante. Está se concentrando em descobrir por que o problema é impossível. Não está pensando na solução.

Richard sabia que Zedd estava certo, mas isso não era tudo.

— Zedd, acho que não sou qualificado para ser um Seeker. Não sei coisa alguma sobre Midlands.

— Às vezes é mais fácil tomar uma decisão quando você não está sobrecarregado com o peso do conhecimento da história — disse o mago.

Richard respirou profundamente.

— Não conheço o lugar. Ficarei perdido lá.

Kahlan pôs a mão no braço dele.

— Não, não ficará. Eu conheço Midlands melhor do que qualquer outra pessoa. Sei onde é seguro e onde não é. Serei sua guia. Você não ficará perdido. Prometo.

Richard desviou os olhos dos olhos verdes. Era insuportável pensar que podia desapontar Kahlan, mas a sua fé e a de Zedd eram injustificáveis. Ele não sabia nada sobre Midlands, sobre magia, como encontrar algumas caixas ou como deter Darken Rahl. Não sabia como fazer nada disso! E a primeira coisa que pediam era que descobrisse um modo de passar para o outro lado da fronteira!

— Richard, sei que pensa que o estou incumbindo dessa responsabilidade insensatamente, mas não fui eu quem o escolheu. Foi você quem demonstrou ser o Seeker. Eu apenas reconheci o fato. Sou mago há muito tempo. Você não sabe o que isso significa, mas tem de confiar em mim quando digo que sou qualificado para reconhecer a pessoa certa. — Zedd pôs a mão no braço de Richard, estendendo o braço sobre a mesa e sobre a espada. Com o olhar sombrio, continuou: — Darken Rahl está atrás de você. Pessoalmente. A única razão que posso imaginar para isso é que, com a percepção que recebeu da magia de Orden, ele também sabe que você é o Seeker e por isso o procura para eliminar a ameaça.

Richard ficou surpreso. Talvez Zedd tivesse razão. Talvez fosse por isso que Rahl o procurava. Ou talvez não. Zedd não sabia do livro. Tinha a impressão de que sua mente ia explodir e, de repente, se levantou da mesa e começou a andar de um lado para outro, pensando. Zedd cruzou os braços. Kahlan apoiou o cotovelo na mesa. Os dois o observaram em silêncio.

O fogo-fátuo tinha dito para ele procurar a resposta ou morrer. Não disse que era necessário ser um Seeker. Ele podia encontrar as respostas ao seu modo, como sempre fazia. Não precisou da espada para descobrir quem era o mago, mas, na verdade, isso não foi difícil.

Mas que havia de errado em empunhar a espada? Que mal podia haver em procurar essa ajuda? Não precisava tornar-se um assassino, nem outra coisa qualquer. Podia usá-la para ajudá-los. Era tudo de que precisavam ou tudo que queriam, nada mais.

Mas Richard sabia por que não queria. Não gostou do que sentiu quando desembainhou a espada. Foi uma sensação boa e isso o assustou. Sua ira foi despertada assustadoramente, fazendo-o sentir o que jamais havia sentido. O que mais o preocupava era ter sido uma boa sensação. Não queria sentir que era bom ter raiva, não queria perder o controle. Raiva era uma coisa errada. Foi o que seu pai ensinou. Raiva matara sua mãe. Richard mantinha sua ira atrás de uma porta fechada que ele não queria abrir. Não, faria do seu modo, sem a espada. Não precisava dela, não precisava daquelas sensações.

Richard se voltou para Zedd, que continuava sentado com os braços cruzados. A luz do sol acentuava as sombras das rugas do seu rosto. As linhas e os ângulos do rosto familiar pareciam de certo modo diferentes, severas, determinadas, mais como as de um verdadeiro mago. Os olhos dos dois se encontraram firmemente por algum tempo. Richard estava decidido. Diria não ao seu amigo. Ele ajudaria e ficaria ao lado deles. Sua vida também dependia disso. Mas não seria o Seeker. Antes que ele tivesse tempo de começar a falar, Zedd disse: — Kahlan, conte a Richard como Darken Rahl interroga as pessoas — falou com voz baixa e calma. Não olhou para Kahlan, mas continuou a olhar para Richard.

Com voz quase inaudível, Kahlan disse: — Zedd, por favor.

— Conte a ele. — Dessa vez seu tom foi mais duro, mais incisivo. — Conte o que ele faz com a faca curva que leva no cinto.

Richard olhou para o rosto pálido dela. Depois de um momento, Kahlan estendeu a mão e com os olhos verdes tristonhos, chamou-o para perto dela. Por um instante, ele ficou parado, desconfiado, mas então se adiantou e segurou a mão da jovem. Kahlan o puxou para ela. Richard se sentou, esperando e temendo o que ia ouvir.

Kahlan afastou o cabelo para trás da orelha e acariciou com a ponta dos dedos a mão direita de Richard, segura entre as suas. Seus dedos eram suaves, macios e quentes. O tamanho da mão de Kahlan fazia com que a dele parecesse enorme. Ela falou em voz baixa, sem erguer os olhos.

— Darken Rahl pratica uma forma antiga de magia chamada antropomancia. Ele adivinha as respostas às suas perguntas, examinando entranhas de seres humanos.

Richard sentiu acender sua ira.

— E de uso limitado, o máximo que ele pode ter é um sim ou um não e às vezes um nome. Mesmo assim, ele continua a usar. Eu lamento, Richard. Perdoe-me por estar contando isso.

Lembranças da bondade do seu pai, do seu riso, do seu amor, da sua amizade, dos momentos que tinham passado juntos com o livro secreto e milhares de pequenas coisas invadiram sua mente numa torrente de angústia. As cenas e os sons convergiram em sombras vagas e ecos vazios e desapareceram. No lugar delas, surgiram lembranças das manchas de sangue no chão, dos rostos pálidos das pessoas, imagens da dor e do terror do seu pai e das coisas que Chase tinha contado. Richard não tentou afastá-las, ao contrário, chamou-as avidamente para sua lembrança. Mergulhou nos detalhes, sentiu o extremo tormento. A dor subiu de um poço profundo de sua alma. Evocada descuidadamente, ela chegou gritando. Em sua mente, ele acrescentou a figura sombria de Darken Rahl, o sangue pingando vermelho das mãos, de pé ao lado do corpo do seu pai, segurando a lâmina vermelha e brilhante. Richard manteve a visão na sua frente, examinando-a, inspecionando-a, absorvendo-a em sua alma.

O quadro estava completo agora. Ele tinha suas respostas. Sabia como tinha sido. Como seu pai morreu. Até aquele momento era tudo que estava sempre procurando — respostas. Em toda a sua vida, nunca fora além da simples procura.

Tudo mudou de repente, num momento incandescente.

A porta que guardava sua ira e a parede da razão que controlava seu temperamento se incendiaram na chama ardente do desejo. Uma vida inteira de pensamento racional evaporou perante sua fúria escaldante. A lucidez se tornou refugio no cadinho da necessidade derretida.

Richard apanhou a Espada da Verdade e a segurou com força até as juntas da sua mão ficarem esbranquiçadas. Tensionou os músculos do rosto. Sua respiração acelerou. Ele não via nada à sua

volta. O calor da fúria manou da espada, não da sua vontade, chamando o Seeker.

O peito de Richard arfava com a dor escaldante de saber o que tinha acontecido com seu pai e, com esse conhecimento, havia também uma conclusão. Pensamentos a que ele jamais se havia permitido tornaram-se seu único desejo. Cautela e consequência desapareceram num dilúvio de sede de vingança.

Naquele momento, ele só queria, só precisava matar Darken Rahl. Nada mais tinha sentido.

Estendeu a outra mão para o punho da espada, para desembainhá-la. Zedd pôs a mão sobre a dele. Os olhos do Seeker se ergueram, furiosos com a interferência.

— Richard — disse Zedd —, acalme-se.

O Seeker, flexionando os músculos poderosos, olhou furiosamente para os olhos tranquilos de Zedd. Uma parte dele, nas profundezas de sua mente, tentava detê-lo, procurava recuperar o controle. Ele ignorou o aviso. Inclinou-se para o mago rilhando os dentes.

— Eu aceito a posição de Seeker.

— Richard — disse Zedd calmamente —, está tudo bem. Relaxe. Sente-se.

O mundo voltou apressado à sua mente. Ele diminuiu a intensidade do desejo de matar, mas não da sua fúria. Não apenas a porta como também a parede que continha sua ira tinham desaparecido. O mundo que o rodeava tinha voltado mas era um mundo visto com olhos diferentes — olhos que ele sempre tivera, mas tinha medo de usar: os olhos de um Seeker.

Richard percebeu que estava de pé. Não se lembrava de ter se levantado. Sentou-se outra vez ao lado de Kahlan, tirou as mãos da espada. Algo dentro dele se resignou a conter sua fúria. Entretanto, não mais como antes. Não a trancou atrás de uma porta, mas a puxou para fora, sem medo, preparando-a para quando precisasse dela outra vez.

Uma parte do seu antigo eu voltou à sua mente, reivindicando-o, normalizando sua respiração, raciocinando com ele. Richard se sentiu liberado, pela primeira vez sem medo e sem vergonha do seu

temperamento. Sentou-se para se livrar da tensão, para relaxar os músculos.

Olhou para o rosto calmo e imperturbável de Zedd. O velho homem com a cabeleira branca emoldurando o rosto anguloso e inteligente olhou para ele, avaliando-o com a leve sugestão de um sorriso nos cantos da boca.

— Congratulações — disse o mago. — Você passou no teste final para se tornar um Seeker.

~

Confuso, Richard disse: — Como assim? Você já me designou para o cargo.

Zedd balançou a cabeça lentamente.

— Eu já disse. Você não ouviu? Um Seeker se escolhe sozinho. Antes de ser Seeker, você precisava passar por um último teste. Teria de provar que é capaz de usar toda a sua mente. Durante muitos anos, Richard, você manteve uma parte dela fechada. Sua ira. Eu precisava saber se você podia libertá-la, recorrer a ela. Eu muitas vezes o vi zangado, mas sem nunca admitir isso para você mesmo. Um Seeker que não se pode permitir o uso da própria fúria seria incapaz e fraco. É a força da ira que fornece o impulso para vencer. Sem a ira, você teria recusado a espada e eu deixaria, porque então você teria provado que não tinha o que era preciso. Mas isso é irrelevante agora. Você provou que não é mais prisioneiro dos seus temores. Mas tenha cuidado. Por mais importante que seja poder usar sua ira, é igualmente importante ser capaz de controlá-la. Você sempre teve essa habilidade. Não a perca neste momento. Sua ira deve ser suficientemente sensata para saber qual o caminho que deve tomar. Às vezes liberar a fúria é um erro muito maior do que contê-la.

Richard assentiu solenemente, inclinando a cabeça. Lembrou o que sentiu ao empunhar a espada quando tomado pela ira, como sentiu seu poder, a sensação de se entregar a um impulso primitivo, que vinha dele e da espada.

— Esta espada tem magia — disse ele cautelosamente. — Eu senti.

— Sim, tem. Mas, Richard, a magia é só um instrumento, como qualquer outro. Quando você usa uma pedra de amolar para afiar a faca, está simplesmente fazendo a faca funcionar melhor para determinado fim. O mesmo com a magia. Ela apenas afia a intenção. — Os olhos de Zedd estavam claros e vivos. — Algumas pessoas têm mais medo de ser mortas pela magia do que, digamos, por um golpe de faca, como se de certo modo ficassem menos mortos por uma pancada ou por uma lâmina do que por algo invisível. Mas ouça bem o que vou dizer. Morto é morto. Porém, o medo da magia pode ser uma arma poderosa. Não esqueça isso.

O sol do fim da tarde aquecia o rosto de Richard e com o canto dos olhos ele via a nuvem. Rahl também devia estar vendo. Richard se lembrou do homem quad no Penhasco Blunt, de como ele passou a lâmina da espada no braço, tirando sangue antes de atacar. Naquele dia, ele não compreendeu, mas compreendia agora. Richard estava sedento por uma luta.

As folhas das árvores próximas adejavam com o leve vento do outono, cintilando com as primeiras pinceladas de dourado e vermelho. O inverno estava chegando, o primeiro dia de inverno logo estaria ali. Ele pensou em como podia levá-los para o outro lado da fronteira. Tinham de encontrar uma das caixas de Orden e, quando a encontrassem, encontrariam Rahl.

— Zedd, chega de jogos. Sou o Seeker agora, chega de testes. Certo?

— Tão certo quanto sapos assados.

— Então estamos perdendo tempo. Tenho certeza de que Rahl não está perdendo o dele. — Voltou-se para Kahlan. — Quero que você prometa que servirá de guia quando chegarmos a Midlands.

Ela sorriu vendo a impaciência dele e assentiu, inclinando a cabeça. Richard então disse a Zedd: — Mostre como a magia funciona, mago.

CAPÍTULO 10



Com um sorriso maroto, Zedd entregou o cinturão a tiracolo para Richard. O couro finamente trabalhado era antigo e flexível. A fivela de ouro e prata combinava com a bainha. Estava ajustada para uma cintura pequena, menor que a de Richard. Zedd ajudou a reajustar o cinturão no ombro direito e prendeu a Espada da Verdade.

Zedd os levou para a borda do mato, entre as longas sombras das árvores próximas, onde havia duas pequenas árvores de bordo, o tronco de uma delas com a espessura do pulso de Richard, a outra fina como o de Kahlan.

— Desembainhe a espada — disse ele a Richard. O som metálico singular encheu o ar do fim de tarde quando a espada saiu da bainha. Zedd se aproximou. — Agora, vou mostrar a coisa importante dessa espada, mas para isso preciso que você abdique por um tempo do posto de Seeker e permita que eu nomeie Kahlan no seu lugar.

Kahlan olhou para Zedd, desconfiada.

— Eu não quero ser Seeker.

— Só para efeito de demonstração, minha cara. — Fez sinal para Richard entregar a espada a ela. Kahlan hesitou antes de segurar a espada com as duas mãos. O peso era desconfortável e ela deixou que a ponta encostasse no chão coberto de relva. Zedd sacudiu as mãos acima da cabeça dela com um gesto imponente.

— Kahlan Amnell, eu a nomeio Seeker. — Ela continuou a olhar desconfiada. Zedd pôs um dedo debaixo do queixo de Kahlan, levantando a cabeça dela. Os olhos dele tinham uma intensidade feroz. Com o rosto muito perto do dela, disse em voz baixa: —

Quando saí de Midlands com esta espada, Darken Rahl usou a magia para trazer para cá a maior dessas duas árvores para marcar o lugar e poder me encontrar quando quisesse. Assim poderia me matar. O mesmo Darken Rahl que mandou matar Dennee. — Os olhos dela ficaram sombrios. — O mesmo Darken Rahl que rastreia você para matar, como matou sua irmã. — O ódio flamejou nos olhos dela. Cerrou os dentes, com os músculos do rosto tensos. A Espada da Verdade se ergueu. Zedd ficou atrás dela. — Esta árvore é dele. Você deve detê-lo.

A lâmina cintilou no ar de outono com uma velocidade e uma força que Richard mal podia acreditar. O arco do movimento atingiu a árvore maior com um estalo, como um milhão de gravetos se quebrando de uma vez. Lascas voaram por todo o lado. A árvore pareceu pairar no ar por um momento e então caiu perto do toco cortado, com um ruído surdo. Richard sabia que teria precisado de pelo menos dez golpes com um bom machado para derrubar a árvore.

Zedd tirou a espada das mãos de Kahlan e ela caiu de joelhos balançando o corpo, e com um gemido cobriu o rosto com as mãos. Richard imediatamente se abaixou ao lado dela.

— Kahlan, o que foi?

— Eu estou bem. — Pôs a mão no ombro dele e se levantou. Muito pálida, forçou um leve sorriso. — Mas demito-me do posto de Seeker.

Richard se voltou para o mago.

— Zedd que bobagem foi essa? Darken Rahl não pôs essa árvore aqui. Tenho visto você regar e cuidar das duas. Mesmo que encoste uma faca no meu pescoço, direi que você as plantou em memória de sua mulher e sua filha.

Zedd disse, com leve sorriso: — Muito bem, Richard. Aqui está a sua espada. Você é o Seeker outra vez. Agora, meu jovem, corte a árvore pequena. Depois eu explico.

Aborrecido, Richard segurou a espada com as duas mãos, sentindo a ira tomar conta dele. Atacou a árvore com um golpe poderoso. A ponta da lâmina sibilou, cortando o ar. Um pouco antes

de atingir a árvore, a espada parou, como se o ar tivesse ficado espesso demais.

Richard recuou, surpreso. Olhou para a espada e tentou outra vez. A mesma coisa ocorreu. A árvore não foi tocada. Ele olhou furioso para Zedd que, com os braços cruzados, sorria como quem sabe das coisas.

Richard embainhou a espada.

— Muito bem, o que está acontecendo?

Zedd ergueu as sobrancelhas, inocentemente.

— Você viu com que facilidade Kahlan cortou a árvore maior?

— Richard olhou para ele, intrigado. Zedd sorriu.

— Mesmo que fosse de ferro, a lamina teria cortado da mesma forma. Mas você é mais forte do que ela e não conseguiu sequer arranhar a árvore menor.

— Sim, Zedd, notei isso.

Zedd franziu a testa, fingindo surpresa.

— E por que você acha que isso aconteceu?

A irritação de Richard desapareceu. Era assim que Zedd dava suas aulas, fazendo com que ele descobrisse as respostas.

— Eu diria que tem algo a ver com a intenção. Ela pensou que a árvore era má, eu não pensei isso.

Zedd levantou um dedo magro.

— Muito bem, meu jovem!

Kahlan cruzou as mãos.

— Zedd, eu não compreendo. Destruí a árvore; ela, porém, não era má. Era inocente.

— Esse, minha cara, foi o objetivo da demonstração. A realidade não é relevante. A percepção é tudo. Se você pensa que é o inimigo, pode destruir, seja verdade ou não. A magia interpreta apenas sua percepção. Não permitirá que você faça mal a quem julga ser inocente, mas destruirá quem você julga ser o inimigo, dentro de certos limites. Só o que você acredita e não a verdade dos seus pensamentos é o fator determinante. Richard hesitou.

— Isso não deixa margem de erro. Mas e se não se tiver certeza?

Zedd ergueu uma sobrancelha.

— Acho melhor ter certeza, meu jovem, do contrário pode se meter em uma grande encrenca. A magia pode ler coisas em sua mente das quais você nem desconfia. Você tanto pode matar um amigo quanto poupar um inimigo.

Richard tamborilou com os dedos no punho da espada. Olhou para os raios dourados do sol poente através das árvores. Lá em cima, a nuvem em forma de serpente tinha um lado avermelhado e o outro púrpura. Na verdade, não importava, ele decidiu. Sabia o que estava procurando e não tinha dúvida de quem era o inimigo. Não tinha a menor importância. — Há mais uma coisa. Mais uma coisa importante — disse o mago. — Quando você usa a espada contra um inimigo, paga um preço. Não é mesmo, minha cara. — Olhou para Kahlan. Ela fez que sim com a cabeça e olhou para o chão. — Quanto mais poderoso o inimigo, mais alto o preço. Sinto muito ter sido necessário fazer isso com você, Kahlan, mas é a lição mais importante para Richard. — Com um leve sorriso, ela demonstrou que compreendia.

— Nós dois sabemos — disse Zedd a Richard — que às vezes matar é a única opção que deve ser classificada como a coisa certa. Sei que não preciso dizer que é sempre uma coisa terrível cada vez que você mata. Você vive com isso para sempre e uma vez feita, não pode ser desfeita. Você paga um preço no seu íntimo, você se sente inferior por ter matado.

Richard assentiu. A morte do homem no Penhasco Blunt ainda o incomodava. Não se arrependia. No momento, não teve escolha, mas em sua mente via ainda o rosto do homem quando despencou do penhasco.

Zedd disse, com olhar intenso: — É diferente quando você mata com a Espada da Verdade por causa da magia. A magia executou sua escolha e exige um preço. Não existe puro bem ou puro mal, muito menos nas pessoas. Os melhores de nós têm maus pensamentos e praticam más ações e os piores têm pelo menos alguma virtude. Um adversário não é aquele que pratica atos odiosos sem motivo. Ele tem sempre uma razão que os justifica. Meu gato come ratos. Isso faz dele um gato perverso? Acho que não e o gato também não acha, mas aposto que os ratos têm uma

opinião diferente. Todos os assassinos acham que a vítima deve morrer.

"Sei que você não quer acreditar nisso, Richard, mas precisa ouvir. Darken Rahl faz essas coisas porque acha que é certo. Vocês dois são mais iguais do que você pensa. Você quer se vingar dele pela morte do seu pai e ele quer se vingar de mim pela morte do pai dele. Para você, ele é o mal, mas para ele o mal é você. Tudo não passa de percepção. Quem vence acha que está com razão. O perdedor sempre pensará que foi injustamente tratado. O mesmo acontece com a magia de Orden: o poder simplesmente está lá, um o usa para vencer o outro."

— Iguais? Você ficou louco? Como pode pensar que somos iguais? Ele anseia pelo poder! Arriscará a destruição do mundo para conseguir! Eu não quero poder, só quero ser deixado em paz! Ele assassinou meu pai! Ele o eviscerou! Está tentando matar a nós todos! Como pode dizer que somos iguais? Você fala como se ele sequer fosse perigoso!

— Você não prestou atenção ao que eu acabo de ensinar? Eu disse que vocês são iguais na medida em que ambos acham que estão certos. E isso faz Darken Rahl mais perigoso do que pode imaginar porque em todo o resto vocês são diferentes. Darken Rahl tem prazer em tirar a vida das pessoas. Tem sede da dor alheia. Sua noção, Richard, do que é direito tem limites, a dele não. Ele é consumido por um desejo de submeter toda oposição por meio de tortura e todos que não se curvam a ele são considerados da oposição. Sua consciência estava clara quando ele usou as mãos para extrair as entranhas do seu pai enquanto ele ainda respirava. Sentiu prazer porque sua noção distorcida do que é direito lhe dá permissão. Por isso ele é tão diferente de você. Por isso ele é tão perigoso. — Apontou para Kahlan. — Você não prestou atenção? Não viu o que ela fez com a espada? E que ela fez o que você não conseguiu fazer?

— Percepção — murmurou Richard. — Ela fez aquilo porque pensou que estava certa.

Zedd ergueu um dedo.

— Ah! É a percepção que torna mais perigosa a ameaça. — Zedd abaixou o dedo e espetou com ele o peito de Richard, a cada palavra. — Exatamente... como... a espada.

Richard pôs o polegar debaixo do boldrié a tiracolo e respirou profundamente. Tinha a sensação de andar sobre areia movediça, mas depois de conviver com Zedd durante tanto tempo não podia ignorar o que ele dizia só porque era difícil de compreender. Mas ele queria simplicidade.

— Quer dizer que não é só o que ele faz que o torna perigoso, mas também o que ele acha que pode justificar?

Zedd deu de ombros.

— Deixe-me dizer com outras palavras. De quem teria mais medo: de um homem de cem quilos que quer roubar um pão de você e sabe que está errado ou de uma mulher de cinqüenta quilos que acredita, erroneamente, mas de todo o coração, que você roubou seu filho?

Richard cruzou os braços.

— Eu fugiria da mulher. Ela não desistiria. Não ouviria explicação alguma. Ela seria capaz de qualquer coisa.

Havia ferocidade nos olhos de Zedd.

— Assim é Darken Rahl! Porque pensa que está certo, ele é muito mais perigoso.

Richard disse, com olhar também feroz: — Eu estou certo.

O rosto de Zedd se abrandou.

— Os ratos pensam que estão certos também mas meu gato os devora assim mesmo. Estou tentando ensinar-lhe uma coisa, Richard. Não quero que você caia nas garras dele.

Richard descruzou os braços e suspirou.

— Eu não gosto, mas compreendo. Como você sempre diz, nada é fácil. Embora tudo isso seja interessante, não me vai impedir de fazer o que devo, o que acredito ser a coisa certa. Então, que negócio é esse de pagar um preço pelo uso da Espada da Verdade?

Outra vez Zedd espetou o peito de Richard com o dedo magro.

— O pagamento é a dor de ver todo o mal que existe em nós, todos os defeitos, todas as coisas de que não gostamos de ver em nós mesmos ou de admitir que existem. E você vê o bem em quem

— você matou, sofre pela culpa do que fez. — Zedd balançou a cabeça tristemente. — Por favor, acredite, Richard, que a dor não vem só de você, porém, o mais importante vem da magia, extremamente poderosa, uma dor extremamente poderosa. Não a subestime. Ela é real e castiga seu corpo e sua alma. Você a viu em Kahlan e foi por matar uma árvore. Se fosse um homem, teria sido profunda. Por isso a ira é tão importante. A raiva é a única armadura que você tem contra a dor. Ela dá uma certa proteção. Quanto mais forte o inimigo, maior a dor. Contudo, quanto mais forte a raiva, mais forte é o escudo. Faz com que você se importe menos com a verdade do que fez. Em alguns casos, é suficiente para não sentir a dor. Por isso, as coisas horríveis que eu disse para Kahlan, coisas que ferem, e a fiz sentir uma raiva imensa. Foi para protegê-la quando ela usou a espada. Você vê porque eu não permitiria que você a usasse se não fosse capaz de usar sua raiva? Estaria indefeso perante a magia e ela o faria em pedaços.

Richard estava um pouco assustado com o que viu nos olhos de Kahlan, depois que ela usou a espada, mas não se deixou dissuadir. Olhou para as montanhas da fronteira. Elas se destacavam com seu tom rosa-pálido à luz do sol poente. Atrás delas, a noite chegava do leste. A noite se aproximava deles. Precisava encontrar um caminho para o outro lado da fronteira, para a escuridão. A espada o ajudaria, era isso que importava. Havia muita coisa em jogo. Tudo na vida tem seu preço, ele pagaria esse preço.

O velho amigo lhe pôs as mãos nos ombros e olhou nos seus olhos. A expressão de Zedd era de alerta soturno.

— Agora preciso dizer uma coisa de que você não vai gostar. — Apertou os ombros de Richard. — Não pode usar a Espada da Verdade em Darken Rahl.

— O quê?

Zedd o sacudiu.

— Ele é muito poderoso. A magia de Orden o protege durante esses anos de procura. Se você tentar usar a espada, estará morto antes que ela o alcance.

— Isso é loucura! Primeiro você quer que eu seja o Seeker e aceite a espada e agora diz que não posso usá-la — Richard estava

furioso. Sentia-se enganado.

— Só contra Rahl, ela não funciona! Richard, eu não fiz a magia, só sei como funciona. Darken Rahl também sabe. Ele pode tentar fazer com que você use a espada contra ele. Sabe que, se fizer isso, você morre. Se se deixar dominar pela raiva e usar a espada contra ele, Rahl vencerá. Você estará morto e ele terá as caixas.

Kahlan franziu a testa, frustrada.

— Zedd, concordo com Richard. Isso faz com que seja impossível. Se ele não pode usar sua arma mais poderosa, então...

Zedd a interrompeu: — Não! Isto — bateu de leve na cabeça de Richard com a mão fechada —, esta é a arma mais importante de um Seeker. — Espetou o peito de Richard com o dedo comprido. — E esta.

Os três ficaram em silêncio por algum tempo.

— O Seeker é a arma — disse Zedd enfaticamente. — A espada é apenas um instrumento. Você pode encontrar outro meio. Precisa encontrar.

Richard pensou que devia ficar contrariado, zangado, frustrado, esmagado, mas não ficou. Eliminou suas primeiras opiniões e refletiu além delas. Sentia-se estranhamente calmo e determinado.

— Lamento, meu caro. Eu gostaria de poder mudar a magia, mas eu...

Richard pôs a mão no ombro de Zedd.

— Tudo bem, meu amigo. Você tem razão. Devemos deter Rahl. É isso que importa. Tenho de saber a verdade para conseguir e você me deu a verdade. Agora depende de mim como usá-la. Se conseguirmos uma das caixas, a justiça se encarregará de Rahl. Eu não preciso ver. Só preciso saber que foi feito. Eu disse que não seria um assassino e não serei. A espada será valiosa, tenho certeza, mas, como você disse, é só um instrumento e é assim que eu a usarei. A magia da espada não é um fim. Não posso cometer esse erro, do contrário serei um falso Seeker.

À luz do fim do dia, Zedd bateu de leve e afetuosamente no ombro de Richard.

— Você compreendeu, meu jovem. Tudo. — Um largo sorriso iluminou seu rosto. — Escolhi bem o Seeker. Posso me orgulhar disso. — Richard e Kahlan riram.

O sorriso de Kahlan desapareceu.

— Zedd, eu cortei a árvore que você plantou em memória de sua mulher. Isso me preocupa. Sinto profundamente ter feito isso.

— Não sinta, minha cara. A lembrança dela nos ajudou. Ela ajudou a mostrar a verdade ao Seeker. Nenhum outro tributo é mais apropriado.

Richard não os ouvia. Olhava para o leste, para o muro maciço das montanhas, procurando soluções. Passar para o outro lado, ele pensava, passar para o outro lado sem cruzar a fronteira. Como? E se fosse impossível? Se não houvesse qualquer caminho sem atravessar a fronteira? Ficariam presos ali, enquanto Darken Rahl procurava as caixas? Morreriam sem nenhuma chance? Desejou ter mais tempo e menos limitações. Censurou-se por estar desejando e não pensando.

Se ao menos soubesse que podia ser feito, podia pensar em como fazer. Alguma coisa no fundo de sua mente queria vir à tona, insistindo em afirmar que ele conhecia a verdade. Havia um meio, tinha de haver. Se ao menos soubesse que era possível...

A noite chegou viva, repleta de sons. Sapos coaxavam nos lagos e nos regatos, pássaros noturnos piavam nas árvores e os insetos se moviam na relva. Das montanhas distantes, vinha o uivo dos lobos, ecoando lamentoso e soturno contra a parede escura dos montes. De algum modo, tinham de atravessar aquelas montanhas, atravessar o desconhecido.

As montanhas eram como a fronteira, ele pensou. Não se podiam atravessá-las, mas era possível ir para outro lado. Era só encontrar uma passagem, um desfiladeiro. Seria possível? Existiria uma passagem?

— Para onde você vai, meu jovem?

— Para Midlands — respondeu Richard, virando a cabeça para trás.

~

Só no meio do segundo prato de cozido, Zedd parou de comer o tempo suficiente para falar.

— Então, qual é o seu plano? Existe mesmo um caminho para o outro lado da fronteira?

— Existe.

— Tem certeza? Como é possível? Como podemos passar para o outro lado sem atravessar a fronteira?

Richard sorriu, mexendo o cozido com a colher.

— Você não precisa se molhar para atravessar um rio.

A luz do lampião tremeluzia nos rostos de Kahlan e Zedd. Kahlan jogou um pedaço de carne para o gato, que esperava ao seu lado. Zedd comeu outra fatia de pão antes de perguntar: — E como você sabe que há um caminho?

— Há um caminho. Isso é tudo que importa.

Zedd disse, com ar inocente: — Richard — comeu mais duas colheradas de cozido —, somos seus amigos. Não há segredos entre nós. Pode nos contar.

Richard olhou dos grandes olhos verdes para os do mago e riu alto.

— Estranhos já me disseram mais sobre eles mesmos.

Zedd e Kahlan recuaram instintivamente e se entreolharam, mas não ousaram repetir a pergunta.

Conversaram, enquanto comiam, sobre o que precisavam levar, o quanto podiam fazer para se preparar em tão curto tempo e quais eram suas prioridades. Fizeram uma lista de tudo que podiam lembrar, cada um contribuindo com o que achava útil. Tinham muito que fazer em pouco tempo. Richard perguntou a Kahlan se ela viajava freqüentemente por Midlands. Ela disse que era quase tudo que fazia.

— E você usa esse vestido quando viaja?

— Uso — ela hesitou. — As pessoas me reconhecem por ele. Não preciso ficar nos bosques. Aonde quer que eu vá, as pessoas sempre providenciam comida e um lugar para eu ficar e qualquer coisa de que eu possa precisar.

Richard imaginou por que. Não perguntou, mas sabia que o vestido era mais do que uma coisa comprada em uma loja.

— Bem, com nós três sendo caçados, acho que não queremos ser reconhecidos. Creio que devemos ficar o mais longe possível das pessoas, procurar os caminhos nos bosques. — Kahlan e Zedd concordaram. — Precisamos arranjar roupas de viagem para você, roupas próprias para andar na floresta, mas não temos nada que sirva. Precisamos encontrar alguma coisa no caminho. Eu tenho uma capa com capuz. Por enquanto servira para aquecê-la.

— Ótimo — disse ela, sorrindo. — Estou cansada de sentir frio e sei bem que um vestido não é a roupa própria para andar na floresta.

Kahlan terminou antes deles e pôs no chão o prato com o que tinha sobrado, para o gato. O gato parecia ter o mesmo apetite que Zedd e começou a comer antes que o prato chegasse ao chão.

Falaram sobre cada item que iam levar e planejaram como iam se arranjar sem outros. Não podiam prever quanto tempo duraria a viagem, mas Westland era um lugar grande e Midlands maior ainda. Richard gostaria de poder ir à sua casa, porque costumava sair para longas viagens e tinha as provisões necessárias, mas era muito arriscado. Preferia procurar as coisas de que precisavam em outro lugar, ou passar sem elas, a enfrentar o que o esperava lá. Não sabia onde iam passar para o outro lado da fronteira, mas isso não o preocupava. Tinha ainda toda a manhã para pensar. Bastava o alívio de saber que havia um caminho.

O gato levantou a cabeça. Atravessou a metade da distância para a porta e parou, com o pêlo das costas eriçado. Todos notaram e ficaram em silêncio. Havia luz de fogo na janela, mas não era da lareira. Vinha de fora.

— Sinto o cheiro de piche queimado — disse Kahlan.

Num instante, os três ficaram de pé. Richard apanhou a espada das costas da cadeira, quase antes de se levantar. Foi até a janela, mas Zedd não perdeu tempo e correu para a porta, com Kahlan atrás. Richard viu vagamente archotes antes de também correr para a porta.

Espalhados na relva alta na frente da casa, havia um grupo de uns cinquenta homens, alguns com archotes, mas a maioria com armas primitivas, machados, forcados, foices ou cabos de machados.

Todos com roupas de trabalho. Richard reconheceu muitos deles, bons homens, honestos, trabalhadores, homens de família. Mas naquela noite não pareciam bons. Pareciam furiosos. Zedd ficou no centro da entrada, com as mãos na cintura, sorrindo para eles, a luz vermelha dos archotes tingindo de rosa seus cabelos brancos.

— O que é isto, rapazes? — perguntou ele.

Os homens confabularam em voz baixa e vários deles deram um passo a frente. Richard conhecia o que falou em nome dos outros.

— Estamos com problemas. Problemas causados por magia! E você é o responsável. Você é um feiticeiro.

— Um feiticeiro? — perguntou Zedd, atônito. — Um feiticeiro?

— Foi o que eu disse, um feiticeiro. — Os olhos escuros de John se voltaram para Richard e Kahlan. — Vocês não têm nada a ver com isso. Nosso negócio é com o velho. Vão embora ou terão a mesma sorte que ele. — Richard não podia acreditar que homens que ele conhecia estivessem dizendo aquilo.

Kahlan se adiantou e se pôs na frente de Zedd; as pregas do seu vestido adejavam em volta das pernas quando ela parou. Com os braços ao lado do corpo e os punhos fechados, ela avisou ameaçadoramente: — Vão embora, antes que venham a se arrepender do que fizeram.

Os homens se entreolharam, alguns com um sorriso de mofa, uns poucos fazendo comentários grosseiros em voz baixa, outros rindo. Kahlan ficou firme, olhando para eles. O riso emudeceu.

— Então — disse John, com desprezo — temos de lidar com dois feiticeiros. — Os homens aplaudiram gritando e brandindo suas armas. John, com seu rosto redondo e gorducho, sorriu desafiadoramente.

Lenta e deliberadamente, Richard se pôs na frente de Kahlan e, levando uma das mãos para trás, fez Zedd e Kahlan recuar. Com voz calma e amistosa, ele disse: — John, como vai Sara? Há algum tempo não vejo vocês. — John não respondeu. Richard olhou para os outros. — Conheço muitos de vocês, sei que são boas pessoas. Sei que não querem fazer isso. — Olhou outra vez para John. — Leve seus homens e voltem para suas famílias. Por favor, John.

John apontou o cabo do machado para Zedd.

— Esse velho é um feiticeiro! Vamos acabar com isso. — Apontou para Kahlan. — E ela! A não ser que você queira a mesma coisa, Richard, vá embora! — Todos gritaram, concordando. Os archotes chiavam e estalavam e o ar cheirava a piche queimado e a suor. Quando viram que Richard não ia embora, começaram a avançar.

Richard desembainhou a espada. Os homens recuaram um pouco quando o zunido metálico encheu o ar. John continuou firme, muito vermelho e furioso. O som cessou e só se ouvia o chiar dos archotes. Começaram os murmúrios, dizendo que Richard estava do lado dos feiticeiros.

John atacou, brandindo o cabo do machado para Richard. A espada cintilou no ar, partindo a arma de John com um estalo. Só sobraram alguns centímetros do cabo na mão de John. O pedaço cortado voou para longe, no escuro da noite, caindo em algum lugar com um baque surdo.

John ficou paralisado, um pé no chão, o outro na varanda, com a ponta da Espada da Verdade encostada debaixo do queixo. A lâmina polida brilhou à luz dos archotes. Richard, retesando os músculos para se controlar, inclinou-se para a frente e ergueu o rosto de John com a ponta da espada. Em voz muito baixa, mas mortalmente gelada, que fez John prender a respiração, ele disse: — Mais um passo, John, e sua cabeça vai se juntar ao cabo do machado. — John não se moveu nem respirou. — Para trás — sibilou Richard.

John obedeceu, mas quando voltou para o meio dos companheiros, recobrou a coragem.

— Não pode nos deter, Richard, estamos aqui para salvar nossas famílias.

— Salvar do quê? — exclamou Richard. Apontou a espada para outro homem. — Frank! Quando sua mulher ficou doente, não foi Zedd quem deu a ela uma poção que a curou? — Apontou a espada para outro. — E você, Bill, não vinha perguntar a Zedd sobre as chuvas, querendo saber quando viriam para que seus homens pudessem colher o que plantaram? — Virou a espada para seu

atacante. — E você, John, quando sua filhinha se perdeu na floresta, não foi Zedd quem leu as nuvens a noite inteira, depois saiu, encontrou-a e a trouxe de volta, a salvo, para você e Sara? — John e alguns outros abaixaram a cabeça. Richard, zangado, embainhou a espada. — Zedd tem ajudado a maioria de vocês. Ajudou a curar suas febres, encontrou pessoas perdidas e partilhou com vocês tudo que tem.

Alguém gritou lá de trás: — Só um feiticeiro podia fazer tudo isso.

— Ele nunca fez mal a nenhum de vocês! Ajudou quase todos! Por que vocês iam querer fazer mal a um amigo?

Por alguns minutos, os homens resmungaram confusamente, mas logo voltaram ao ataque.

— A maior parte do que ele fez foi magia — gritou John. — Magia de um feiticeiro! Ninguém das nossas famílias está a salvo com ele por perto.

Antes que Richard pudesse responder, Zedd o puxou pela manga. Richard se voltou para o rosto sorridente do velho homem. Zedd não parecia nem um pouco preocupado. Ao contrário, parecia estar se divertindo a valer.

— Impressionantes — murmurou ele. — Impressionantes vocês dois. Mas, se me der licença, quer deixar que eu trate disso daqui para a frente? — Levantou uma sobrancelha e voltou-se para os homens. — Boa noite, senhores. E um prazer ver vocês todos.

Alguns deles retribuíram o cumprimento. Outros levantaram os chapéus, embaraçados. — Se quiserem ter a bondade, antes de me despachar, deixem-me conversar por um momento com meus dois amigos aqui. — Todos assentiram com a cabeça. Zedd levou Kahlan e Richard um pouco para trás, para longe dos homens e se inclinou para eles.

— Uma lição sobre poder, meus amigos. — Encostou um dedo magro no nariz de Kahlan. — Muito pequena. — Então, encostou o dedo no nariz de Richard. — Demais. — Encostou o dedo no próprio nariz e disse: — A coisa certa. — Pôs as mãos no queixo de Kahlan. — Se eu deixasse você tratar disso, minha cara, sepulturas seriam cavadas esta noite. As nossas três, entre outras. Mas, mesmo assim,

foi muito nobre. Obrigado por se interessar por mim. — Pôs a mão no ombro de Richard. — Se eu deixasse que você tratasse disso, muitas sepulturas seriam abertas e só nós sobraríamos para fazer esse trabalho. Sou velho demais para cavar tantos buracos no solo e temos coisas mais importantes para fazer. Mas você também foi muito nobre, comportou-se honrosamente. — Bateu de leve no ombro de Richard e em seguida pôs um dedo debaixo do queixo de cada um.

— Agora quero que me deixem tratar deste assunto. O problema não é o que vocês estão dizendo a esses homens. O problema é que eles não estão escutando. É preciso ter toda a atenção deles para ser ouvido. — Ergueu uma sobrancelha e olhou de um para o outro. — Observem e aprendam o que for possível. Ouçam minhas palavras; elas, porém, não terão efeito algum sobre vocês. — Tirou os dedos dos queixos deles e, sorrindo, dirigiu-se aos homens.

— Senhores! John, como vai sua filhinha?

— Ela está bem — murmurou ele —, mas uma das minhas vacas teve um bezerro com duas cabeças.

— Foi mesmo? E como você acha que isso aconteceu?

— Acho que aconteceu porque você é um feiticeiro!

— Pronto Você disse isso outra vez. — Zedd balançou a cabeça confuso. — Eu não compreendo Os senhores querem acabar comigo porque você acha que tenho magia ou sua intenção é simplesmente me humilhar dizendo que sou mulher?

Us homens ficaram confusos.

— Não sabemos do que está falando — alguém disse.

— Bem é simples. Mulheres são feiticeiras. Os homens são chamados de bruxos ou mágicos. Se me chamam de feiticeiro, estão dizendo que sou mulher. Então, o que vai ser? Mulher ou bruxo?

Mais discussão confusa, então John disse, zangado: — Estamos dizendo que você é um bruxo e pretendemos tirar sua pele por isso.

— Minha nossa! — disse Zedd, batendo com a ponta do dedo no lábio inferior. — Ora, eu não tinha idéia de que vocês eram tão corajosos. Na verdade, corajosos demais.

— Por que diz isso? — perguntou John.

Zedd deu de ombros.

— Bem, o que vocês pensam que um bruxo é capaz de fazer?

Mais confabulação. Começaram a gritar sugestões. Ele pode fazer vacas com duas cabeças provocar chuva, encontrar pessoas perdidas, fazer crianças nascerem mortas, tornar fracos homens fortes e fazer com que suas mulheres os abandonem. Mas isso não parecia suficiente, por isso novas idéias eram gritadas. Fazer a água ferver, aleijar as pessoas, transformar um homem em sapo, matar com um olhar, evocar demônios e, em geral, tudo o mais.

Zedd esperou que acabassem e levantou os braços para eles.

— Aí está. Exatamente como eu disse, vocês são os homens mais corajosos que já vi. Pensar que armados apenas com forcados e cabos de machados vocês estejam disposto a lutar contra um bruxo que tem todos esses poderes. Minha nossa, quanta coragem!
— Zedd calou-se e balançou a cabeça, admirado. Os homens começaram a ficar preocupados.

Zedd continuou então, num tom monótono e arrastado, relacionando as coisas que um bruxo podia fazer, descrevendo com detalhes uma variedade de coisas, desde frivolidades, até coisas terríveis. Os homens, petrificados, ouviam atentamente. Ele continuou a falar por mais de meia hora. Richard e Kahlan escutavam, mudando constantemente de posição, entediados e cansados. Os homens, de olhos arregalados nem piscavam. Pareciam estátuas; a dança das chamas dos archotes era o único movimento no meio deles.

O estado de espírito mudou. Não havia mais raiva. Agora só havia medo. A voz do mago mudou também. Não era mais amável e gentil, nem mesmo monótona. Era dura, ameaçadora.

— Assim, homens, o que acham que devemos fazer agora?

— Achamos que você deve nos deixar ir para casa, ilesos — veio a resposta. Todos balançaram a cabeça, concordando.

O mago sacudiu um dedo no ar na frente deles.

— Não, eu não acho. Têm de compreender, vocês vieram até aqui para me matar. Minha vida é a coisa mais preciosa que eu tenho e vocês pretendiam tirá-la. Não posso deixar isso sem castigo.
— Murmúrios de lamento e medo subiram da multidão. Zedd se

adiantou para a beirada da varanda. Os homens recuaram. — Como castigo por tentarem tirar a minha vida, eu tiro de vocês não suas vidas, mas aquilo que é mais precioso, mais querido, mais valioso! — Com um gesto largo, passou a mão no ar, acima das cabeças deles. Os homens prenderam a respiração. — Pronto, está feito — declarou ele. Richard e Kahlan se desencostaram da parede.

Por um momento, ninguém se mexeu. Então, um dos homens enfiou a mão no bolso e começou a procurar alguma coisa.

— Meu ouro desapareceu.

Zedd revirou os olhos.

— Não, não, não. Eu disse a coisa mais preciosa, mais querida. Aquilo de que você mais se orgulha.

Todos ficaram confusos por um momento. Então, algumas sobancelhas se ergueram com alarme. Outro homem enfiou a mão no bolso e procurou, com os olhos arregalados de medo. Ele gemeu e desmaiou. Os que estavam perto dele se afastaram. Logo outros estavam pondo a mão no bolso, procurando cautelosamente. Mais gemidos e lamentos e logo todos seguravam as virilhas, em pânico. Zedd sorriu satisfeito. A desordem se instalou entre eles. Homens pulavam para cima e para baixo, chorando, agarrando a virilha, correndo em círculos, pedindo socorro, caindo no chão e soluçando,

— Agora dêem o fora daqui. Fora! — gritou Zedd. Virou-se para Richard e Kahlan com um sorriso maroto. Piscou para eles.

— Por favor, Zedd — pediam alguns homens. — Compreendemos agora que Richard estava certo. Você tem sido nosso amigo. Nunca nos fez mal algum. — Todos gritaram concordando. — Você só nos ajudou e nós fomos uns idiotas. Queremos pedir perdão. Sabemos que, como Richard disse, estávamos errados, que o uso da magia não faz de você um homem mau. Por favor, Zedd, não deixe de ser nosso amigo agora. Por favor, não nos deixe deste jeito. — Todos pediram perdão.

Zedd bateu com o dedo no lábio inferior.

— Bem... — Olhou para cima, pensando — acho que posso fazer com que as coisas voltem a ser como eram. — Os homens se aproximaram. — Mas só se todos aceitarem meus termos. Acho que são bastante justos. — Eles estavam prontos para concordar com

qualquer coisa. — Muito bem, então. Se vocês concordarem em dizer para todos que o uso da magia não torna a pessoa má, que o que conta são seus atos e se forem para casa, para suas famílias e disserem que quase cometeram um erro terrível esta noite e explicarem por que estavam errados, então todos ficarão como antes. Não é justo?

Todos concordaram que era. — Mais do que justo — disse John. — Obrigado, Zedd. — Os homens começaram a ir embora, rapidamente. Zedd ficou olhando.

— Ah, senhores, mais uma coisa — eles pararam —, por favor, apanhem suas ferramentas do chão. Sou um homem velho e posso tropeçar e me machucar. — Olhando para ele cautelosamente, começaram a apanhar as armas, depois andaram um pouco e saíram correndo.

Richard ficou em um lado de Zedd, Kahlan no outro. Zedd pôs as mãos na cintura, vendo os homens que se afastavam. — Idiotas — murmurou ele. Estava escuro. A única luz vinha da janela da frente da casa atrás deles e Richard mal podia ver o rosto de Zedd, mas sabia que ele não estava sorrindo. — Meus amigos — disse o velho homem —, foi um cozido preparado com mão invisível.

— Zedd — perguntou Kahlan, desviando os olhos do rosto dele —, você fez mesmo... bem, você sabe, desaparecer a masculinidade deles?

Zedd riu baixinho.

— Isso seria uma mágica e tanto! Muito além das minhas possibilidades. Não, minha cara, foi só um truque, eu só os fiz pensar que tinha feito isso. Simplesmente os convenci da verdade da coisa, deixei tudo por conta de suas mentes.

Richard voltou-se para o mago.

— Um truque? Só um truque? Pensei que você tivesse usado magia de verdade. — Parecia desapontado.

Zedd deu de ombros.

— Às vezes um truque bem feito pode funcionar melhor do que a magia. Na verdade, eu diria que um bom truque é magia verdadeira.

— Assim mesmo, foi apenas um truque.

O mago levantou um dedo.

— Resultados, Richard. É isso que conta. Pelo seu modo, todos eles teriam perdido a cabeça.

Richard sorriu.

— Zedd, acho que alguns deles teriam preferido isso ao que você fez. — Zedd riu. — Então era isso que você queria nos ensinar? Que um truque pode funcionar tão bem quanto a magia?

— Sim, mas também algo mais importante. Como eu disse, foi um cozido preparado com mão invisível, a mão de Darken Rahl. Mas ele cometeu um erro esta noite. É um erro usar força insuficiente para terminar um trabalho. Fazendo isso, você dá ao inimigo uma segunda chance. Essa é a lição que quero que aprendam. Aprendam bem, vocês podem não ter uma segunda chance quando chegar sua hora.

Richard perguntou, intrigado: — Então por que ele fez isso?

Zedd deu de ombros.

— Eu não sei. Talvez porque ainda não tenha poder suficiente em Westland, mas foi também um erro tentar porque só serviu para nos prevenir.

Entraram na casa. Tinham muito que fazer antes de dormir. Richard começou a rever a lista mentalmente, mas foi distraído por uma sensação estranha.

De repente, como um jorro de água fria, compreendeu o que estava sentindo. Richard conteve uma exclamação de alarme. Com os olhos arregalados, agarrou o manto de Zedd.

— Temos de sair daqui! Agora mesmo!

— O quê?

— Zedd! Darken Rahl não é tolo. Ele quer se sentir a salvo, confiante! Ele sabia que somos bastante inteligentes para nos livrar daqueles homens, de um modo ou de outro. Na verdade, ele queria que isso acontecesse, queria que nos congratulássemos com nossa esperteza enquanto ele nos atacava pessoalmente. Ele não tem medo de você. Você disse que ele é mais forte do que um mago, não tem medo da espada e nem de Kahlan. Está vindo para cá neste momento, esta noite! Darken Rahl não cometeu um erro, esse era o seu plano. Você mesmo disse, às vezes um truque é melhor do que

a magia. É o que ele está fazendo. Foi tudo um truque para nos distrair!

Kahlan empalideceu.

— Zedd, Richard tem razão. É assim que Rahl pensa, a marca da maneira como ele age. Ele gosta de fazer as coisas de um modo que você não espera. Temos de sair daqui agora mesmo.

— Maldição! Eu fui um velho tolo. Você está certa. Devemos sair agora, mas não posso ir sem a minha rocha. — Foi para o lado da casa.

— Zedd, não temos tempo!

O velho homem já subia a colina, correndo no escuro, o manto ondulando atrás dele. Kahlan entrou na casa com Richard. Tinham se deixado embalar pela preguiça. Richard não podia acreditar que tivesse subestimado Rahl daquele modo. Apanhando a mochila no canto da lareira, correu para seu quarto, certificando-se de que o dente estava pendurado no seu pescoço. Voltou com o manto que usava na floresta. Pôs o manto sobre os ombros de Kahlan e olhou rapidamente em volta, para ver se podia levar mais alguma coisa, mas não tinha tempo para pensar em nada que valesse suas vidas, por isso segurou o braço dela e foram para a porta. Zedd já os esperava ofegante na relva, na frente da casa.

— E a rocha? — perguntou Richard. De modo nenhum Zedd podia erguê-la, muito menos carregá-la.

— No meu bolso — disse o mago, com um sorriso. Richard não tinha tempo para pensar em como isso era possível. O gato apareceu de repente, percebendo a urgência, roçando nas pernas deles. Zedd o pegou no colo. — Não posso deixar você aqui, Gato. Problemas estão chegando. — Abriu a mochila de Richard e pôs o gato dentro.

Com uma sensação estranha, Richard olhou em volta, esquadrinhando a escuridão, à procura de alguma coisa fora do lugar, alguma coisa escondida. Não viu nada, mas sentia olhos vigiando. Kahlan perguntou:

— O que foi?

Mesmo sem ter visto nada, ele sentia os olhos. Devia ser o medo, pensou.

— Nada. Vamos.

Richard os levou para uma área com poucas árvores, sua conhecida, que sabia atravessar até com os olhos vendados, e seguiram para a trilha que os levaria para o sul. Moviam-se rapidamente em silêncio, exceto Zedd, que ocasionalmente resmungava o quanto fora tolo. Depois de algum tempo, Kahlan observou que ele se censurava demais.

Eles todos foram enganados e todos sentiam a culpa, mas conseguiram escapar e era isso que importava.

Era uma trilha fácil, quase uma estrada, e os três caminhavam lado a lado, Richard no meio com Zedd à direita e Kahlan à esquerda. O gato, com a cabeça para fora da mochila, olhava para todo lado. Gostava de viajar assim desde pequeno. O luar era suficiente para iluminar o caminho. Richard viu alguns pinheiros caprichosos destacando-se contra o céu, mas não podiam parar. Tinham de sair dali. A noite estava fria, mas o esforço do passo rápido o aquecia. Kahlan estava envolta na capa com capuz.

Depois de mais ou menos uma hora, Zedd os fez parar. Tirou do bolso um punhado de pó e o jogou para trás, na trilha. Fagulhas prateadas saltaram de sua mão tilintando, até desaparecerem no escuro.

Richard olhou para trás.

— O que é isso?

— Só um pouco de poeira mágica. Cobrirá nossas pegadas e Rahl não vai saber para onde fomos.

— Ele tem ainda a nuvem para nos seguir.

— Sim, mas isso só indica uma área geral. Se continuarmos a andar, não servirá muito para ele. Só quando você pára, como parou na minha casa, ele pode localizá-lo.

Continuaram para o sul, passando por pinheiros perfumados e pela área alta das montanhas. No alto de uma subida, ouviram um rugido e viraram para trás. A distância, além da floresta, viram uma imensa coluna de fogo subindo para o céu, chamas amarelas e vermelhas iluminando o escuro da noite.

— É a minha casa. Darken Rahl está lá. — Zedd sorriu. — Parece que está zangado.

Kahlan tocou no ombro dele.

— Eu sinto muito, Zedd.

— Não se preocupe, minha cara. É só uma velha casa. Poderíamos ter sido nós.

Continuaram a andar.

— Você sabe para onde estamos indo? — perguntou Kahlan a Richard.

Bruscamente, Richard percebeu que sabia.

— Sei — sorriu, feliz por estar dizendo a verdade.

Os três seguiram rapidamente pela trilha, nas sombras escuras da noite.

À frente, dois animais alados enormes vigiavam com olhos verdes famintos e brilhantes e então mergulharam silenciosamente em linha reta. Com as asas junto ao corpo para maior velocidade, lançaram-se nas costas da presa.

CAPÍTULO 11



Foi o gato que o salvou. Com um berro, ele saltou por cima da cabeça de Richard fazendo-o se abaixar, não o bastante para o gar não o atingir, mas o bastante para diminuir o impacto. As garras arranharam dolorosamente suas costas e o jogaram no chão, tirando-lhe todo o ar dos pulmões. Antes que ele pudesse respirar, o gar subiu nas suas costas, impedindo que Richard pudesse pegar a espada. Quando caiu, ele viu Zedd ser atirado contra as árvores por outro gar, que agora atravessava a relva atrás dele.

Richard se preparou para as garras que ele sabia que viriam. Antes que o gar pudesse rasgar seu corpo, Kahlan, no lado da trilha, começou a atirar pedras no animal. Elas apenas ricocheteavam na cabeça do gar, mas serviram para distraí-lo por um momento. O gar rugiu, com a boca escancarada, parecendo cortar em dois o ar da noite, e manteve Richard preso como um camundongo debaixo das suas garras. Richard lutava com todas as forças para se levantar, com os pulmões queimando, ansiando por ar. Moscas de sangue picavam seu pescoço. Ele levou a mão para trás, puxando os pêlos do animal, tentando se livrar do braço nas suas costas. Pelo tamanho, ele sabia que era um gar de cauda curta, muito maior do que o de cauda longa que tinha visto antes. A espada estava debaixo dele. Espetando dolorosamente sua barriga. Não conseguia alcançá-la. Tinha a impressão de que as veias do seu pescoço iam se romper.

Richard começava a perder a consciência. Os sons dos gritos e dos rugidos do gar ficavam cada vez mais fracos. Kahlan continuava a jogar pedras e chegou perto demais. O gar estendeu um dos braços com incrível rapidez e a agarrou pelos cabelos. Com isso, o

animal mudou o peso do corpo o suficiente para que Richard pudesse respirar, mas não se mover. Kahlan gritou.

Surgindo do nada, o gato, todo ele dentes e unhas, pulou para o rosto do gar. O gato uivava, arranhando furiosamente os olhos do animal. Com um dos braços seguindo Kahlan, ele ergueu o outro para afastar o gato.

Richard rolou para o lado e se levantou, desembainhando a espada. Kahlan gritou outra vez. Richard brandiu a espada furiosamente e cortou o braço que a segurava. Ela caiu para trás, livre. Urrando, o gar atingiu Richard com as costas da outra mão antes que ele tivesse tempo de erguer outra vez a espada. Com a força do golpe, Richard voou e caiu de costas.

Sentou-se, sentindo o mundo girar e oscilar. A espada não estava mais na sua mão, atirada no meio da relva. O gar, no centro da trilha, gritava de dor e de raiva, com o sangue jorrando do que restava do seu braço. Olhos verdes cintilantes procuravam freneticamente objeto do seu ódio. Fixaram-se em Richard. Não viu Kahlan em lugar algum.

À sua direita, nas árvores, um flash de luz branca intensa iluminou tudo. O som violento de uma explosão martelou dolorosamente seus ouvidos e o deslocamento de ar o atirou contra uma árvore e derrubou o gar. Chamas se ergueram entre as árvores. Lascas gigantescas de madeira e outras coisas passaram voando, deixando um rastro de fumaça.

Richard começou a procurar freneticamente a espada, quando o gar se levantou com um berro. Richard tateou o solo, desesperado e quase cego com a claridade da explosão. Podia ver o gar se aproximando. Sua fúria se acendeu. Podia senti-la na espada também. A magia da espada chegou a ele, chamada por seu dono. Richard a chamou, ansioso para tocá-la. Sabia exatamente onde ela estava, como se a tivesse nas mãos. Ele foi para o outro lado da trilha.

No meio do caminho, o gar o atingiu com um pontapé tão forte que Richard viu as coisas passando mas não compreendeu o que eram. Só tinha certeza de que, cada vez que respirava, sentia uma dor intensa no lado esquerdo. Não sabia onde estava a trilha nem

onde ele estava, em relação a ela. Moscas de sangue batiam no seu rosto. Não conseguia orientar-se. Mas sabia onde estava a Espada da Verdade.

Richard mergulhou para ela.

Por um instante, seus dedos tocaram na espada. Por um instante, ele pensou ter visto Zedd. Então o gar o segurou. Levantou Richard do chão com o braço direito e passou as asas repulsivas em volta dele, segurando-o muito junto a ele, com os pés balançando no ar. Richard gritou de dor no lado esquerdo do corpo. Olhos verdes incandescentes fitaram os dele e o animal estalou a boca enorme, mostrando a ele seu destino. A boca se abriu, Richard sentiu o hálito fétido no rosto e viu a goela escura. Presas molhadas brilharam à luz da lua.

Richard golpeou com os pés, com toda a força o toco do braço cortado do gar. O animal lançou a cabeça para trás, urrou de dor e o soltou.

Zedd apareceu do meio das árvores, a uns doze metros do gar. Richard, de joelhos, pegou a espada. Zedd estendeu a mão para a frente. Fogo, o fogo do mago, emanou dos seus dedos e voou no ar, sibilando estridentemente. O fogo cresceu e rolou, iluminando tudo, transformando-se em uma bola azul e amarela de chama líquida que gemia e se expandia, uma coisa viva. Atingiu as costas do gar com um baque surdo, delineando a silhueta do animal gigantesco contra a luz. No espaço de uma respiração, as chamas azuis e amarelas envolveram o gar. Moscas de sangue voaram como fagulhas e desapareceram. O fogo crepitava, consumindo a criatura. O gar desapareceu no calor azul. O fogo rodopiou por um momento e também se foi. O cheiro de pêlo queimado e de fumaça encheu o ar. De repente, a noite ficou quieta.

Richard deitou no chão, exausto e sentindo dor. Os arranhões nas suas costas estavam cheios de terra e de cascalhos e a dor no lado esquerdo o atormentava a cada respiração. Ele só queria ficar ali deitado, nada mais. A espada estava ainda na sua mão. Deixou que o poder da arma o envolvesse e lhe desse forças. Permitiu que a fúria o fizesse ignorar a dor.

O gato lambeu o rosto de Richard com a língua áspera e esfregou a cabeça nele.

— Obrigado, Gato — conseguiu dizer. Zedd e Kahlan apareceram. Os dois se abaixaram e seguraram seus braços para ajudá-lo a se levantar.

— Não! Vocês vão me machucar. Deixem que eu me levanto sozinho.

— Qual é o problema? — perguntou Zedd.

— O gar deu um pontapé no meu lado esquerdo. Está doendo muito.

— Deixe-me ver. — O velho homem examinou gentilmente as costelas de Richard. Richard se encolheu de dor. — Bem, não vejo qualquer osso espetado para fora. Não pode ser tão grave.

Richard tentou não rir, pois sabia que ia sentir mais dor.

— Zedd, aquilo não foi um truque. Dessa vez foi magia.

— Dessa vez foi magia — confirmou o mago. — Mas Darken Rahl deve ter visto também, se é que estava olhando. Temos de sair daqui. Fique deitado quieto, deixe-me ver se posso ajudar.

Kahlan se ajoelhou no outro lado e pôs a mão sobre a dele, a que segurava a espada, a que segurava a magia. Quando a mão dela tocou a dele, Richard sentiu uma onda de força que o sobressaltou e quase o deixou sem ar. De algum modo, sentiu que a magia o estava alertando e protegendo.

Kahlan sorriu para ele. Ela não havia sentido nada.

Zedd pôs uma das mãos sobre as costelas de Richard e, com um dedo debaixo do queixo dele, começou a falar com voz suave, calma e tranqüilizadora. Ouvindo Zedd, Richard ignorou a reação da espada ao toque de Kahlan. Seu velho amigo disse que tinha três costelas machucadas e que estava envolvendo-as com magia para proteger e reforçar os ossos até que se soldassem. Falou mais, mas as palavras pareciam não ter importância. Quando finalmente Zedd terminou, Richard teve a impressão de acordar de um sono profundo.

Ele se sentou. A dor diminuiu bastante. Ele agradeceu ao mago e ficou de pé. Pôs a espada de lado, pegou o gato e lhe agradeceu outra vez. Deu o gato a Kahlan enquanto procurava a mochila e a

encontrou ao lado da trilha. Os arranhões nas costas doíam, mas trataria deles quando chegassem ao lugar para onde estavam indo. Quando os outros dois não estavam olhando, ele tirou o dente do pescoço e guardou no bolso.

Richard perguntou a Zedd e Kahlan se estavam feridos. Zedd pareceu ficar insultado com a pergunta. Insistiu em dizer que não era tão frágil quanto parecia. Kahlan afirmou que estava bem graças a ele. Richard disse que esperava jamais entrar em uma competição de atiradores de pedras com ela. Com um largo sorriso, ela pôs o gato na mochila. Depois apanhou a capa e a pôs nos ombros; Richard pensou na reação da espada quando tocada por ela.

— Acho melhor irmos — lembrou Zedd.

Depois de mais ou menos dois quilômetros, vários caminhos menores cruzavam com a trilha que seguiam. Richard os levou para um deles. O mago espalhou mais pó mágico para esconder suas pegadas. O caminho agora era estreito e eles andavam em fila indiana, com Richard na frente, Kahlan no meio e Zedd atrás. Os três olhavam para o céu uma vez ou outra. Embora fosse desconfortável, Richard caminhava com a mão no punho da espada.

~

Sombras passavam de um lado para outro à luz da lua, sobre a pesada porta de carvalho e suas dobradiças de ferro quando o vento curvava os galhos próximos da casa. Kahlan e Zedd não quiseram pular a cerca de estacas pontudas de madeira, por isso Richard os deixou no outro lado. Ergueu a mão para bater na porta quando um punho enorme o segurou pelos cabelos e encostou-lhe uma faca no pescoço. Richard ficou imóvel.

— Chase? — murmurou ele, esperançoso.

A mão soltou seu cabelo.

— Richard! O que está fazendo andando por aí sorratamente no meio da noite? Você sabe muito bem que não deve espionar a minha casa.

— Não estou andando sorratamente. Eu não queria acordar a casa toda.

— Você está cheio de sangue. Quanto desse sangue é seu?

— Quase todo, sinto dizer. Chase, vá abrir o portão. Kahlan e Zedd estão esperando ali adiante. Precisamos de você.

Chase, praguejando, pisando em gravetos e bolotas com os pés descalços, abriu o portão e os fez entrar na casa.

Emma Brandstone, mulher de Chase, era bondosa e agradável, sempre com um sorriso no rosto largo. Era o oposto de Chase. Emma ficaria mortificada se soubesse que havia intimidado alguém, ao passo que o dia de Chase não seria completo se isso não acontecesse. Mas Emma era igual a Chase em uma coisa: nada parecia perturbá-la ou surpreendê-la. Tipicamente, parecia perfeitamente calma àquela hora da noite, vestida com uma camisola, o cabelo grisalho preso atrás da cabeça, fazendo chá enquanto os outros se sentavam à mesa. Ela sorria como se fosse normal ter visitas cheias de sangue no meio da noite. Mas, com Chase, aquilo às vezes era normal.

Richard pendurou a mochila nas costas da cadeira, tirou o gato de dentro dela e o deu a Kahlan. Ela o pôs no colo e o gato começou a ronronar enquanto Kahlan passava a mão nas costas dele. Zedd se sentou no outro lado da mesa. Chase vestiu uma camisa e acendeu vários lampiões pendurados nas vigas de carvalho do teto. Chase tinha abatido as árvores e cortado as vigas. Os nomes dos filhos estavam gravados em uma delas. Atrás da sua cadeira havia uma lareira feita com pedras colecionadas em suas viagens através dos anos. Cada pedra tinha forma, cor e textura diferentes. Chase contava para quem quisesse ouvir de onde vinha cada pedra e qual a dificuldade que tinha encontrado para consegui-la. No centro da sólida mesa de pinho, havia uma travessa simples de madeira, cheia de maçãs.

Emma tirou a travessa com as maçãs, pôs no lugar dela o bule de chá e depois serviu as canecas. Disse para Richard tirar a camisa e virar na cadeira para ela limpar seus ferimentos, uma tarefa com a qual estava acostumada. Com uma escova dura e água com sabão, esfregou as costas dele como se estivesse limpando uma panela suja.

Richard mordeu o lábio, às vezes prendendo a respiração, e fechou os olhos com força para suportar a dor. Emma pediu

desculpas por machucá-lo e disse que precisava tirar toda a sujeira para evitar que ficasse pior. Quando terminou a limpeza, bateu de leve nos ferimentos com uma toalha para enxugar e aplicou um unguento frio enquanto Chase providenciava uma camisa limpa. Richard vestiu a camisa com alívio, pois representava uma proteção contra um novo tratamento daquele tipo.

Emma sorriu para os três visitantes.

— Alguém quer comer?

Zedd levantou a mão.

— Bem, eu gostaria de... — Richard e Kahlan olharam furiosos para ele. Zedd afundou na cadeira. — Não. Nada para nós. Obrigado.

Emma, de pé ao lado de Chase, passou a mão carinhosamente na cabeça dele. Chase, embaraçado, mal conseguia tolerar aquela manifestação pública de afeto. Finalmente, ele se inclinou para a frente, usando a desculpa de servir o chá.

Com ar preocupado, Chase empurrou o vidro de mel na mesa.

— Richard, desde que o conheço você tem um talento especial para evitar encrencas. Mas ultimamente parece que está perdendo o jeito.

Antes que Richard tivesse tempo de responder, Lee, uma das filhas de Chase, apa-receu na porta, esfregando os olhos cheios de sono. Chase olhou zangado para ela. A menina fez beicinho, ameaçando chorar.

Chase suspirou.

— Você é a menina mais feia que conheço.

A ameaça de choro se transformou em um largo sorriso. Lee correu para o pai, abraçou com força as pernas dele e encostou a cabeça no seu joelho. Chase passou a mão na cabeça dela.

— Volte para a cama, menina.

— Espere — disse Zedd. — Lee, venha cá. — Ela foi para o outro lado da mesa. — Meu velho gato anda reclamando que não tem criança alguma com quem brincar. — Lee olhou para o colo de Kahlan. — Você conhece alguma criança que ele pode visitar?

A menina arregalou os olhos.

— Zedd, ele pode ficar aqui! Vai se divertir conosco!

— É mesmo? Bem, então ele ficará aqui por algum tempo.

— Muito bem — disse Emma —, agora vá para a cama.

— Emma, será que podia me fazer um favor? — perguntou Richard. — Você tem alguma roupa de viagem que Kahlan possa usar?

Emma olhou para Kahlan.

— Bem, os ombros dela são largos demais para minhas roupas e as pernas muito compridas, mas as meninas mais velhas têm coisas que podem servir muito bem. — Sorriu para Kahlan e estendeu a mão. — Venha, querida, vamos ver o que podemos arranjar.

Kahlan deu o Gato a Lee e aceitou a mão da menina.

— Espero que Gato não os incomode. Ele insiste em dormir na cama.

— Não tem problema — disse Lee, animada —, está tudo bem.

Saíram da sala e Emma sensatamente fechou a porta. Chase tomou um gole de chá.

— E então?

— Bem, você sabe a conspiração de que meu irmão está falando? É pior do que ele imagina.

— É mesmo — disse Chase, evasivamente.

Richard desembainhou a Espada da Verdade e a pôs na mesa, entre os dois. A lâmina cintilou. Chase se inclinou para a frente, com os cotovelos na mesa e levantou a espada com as pontas dos dedos. Rolou a lâmina nas palmas, examinando com atenção, passando os dedos na palavra Verdade gravada no punho e de cada lado da lâmina, verificando o corte. Não demonstrou nada além de curiosidade.

— Não é um nome comum para uma espada, mas geralmente o nome é gravado na lâmina. Eu nunca vi gravado no punho. — Chase esperou que alguém dissesse algo a respeito.

— Chase, você já viu esta espada antes — censurou Richard. — Você sabe o que é.

— Eu vi. Mas nunca tão de perto. — Ergueu os olhos escuros e intensos. — O que quero saber é o que você está fazendo com ela.

Richard olhou para ele com a mesma intensidade.

— A espada me foi dada por um grande e nobre mago.

Chase pareceu intrigado. Olhou para Zedd.

— Qual é a sua parte nisso, Zedd?

Zedd se inclinou para a frente, com um leve sorriso.

— Eu dei a espada a ele.

Chase recostou na cadeira, balançando a cabeça devagar.

— Louvados sejam os espíritos — murmurou ele. — Um verdadeiro Seeker. Finalmente.

— Não temos muito tempo — disse Richard —, preciso saber algumas coisas sobre a fronteira.

Com um suspiro, Chase se levantou e foi até a lareira. Apoiou um braço na moldura e olhou para as chamas. Richard e Zedd esperaram, enquanto o homem grande passava a mão na madeira nua da moldura da lareira, como se estivesse procurando as palavras certas.

— Richard, você sabe qual é o meu trabalho?

Richard deu de ombros.

— Manter as pessoas longe da fronteira, para o bem delas.

Chase balançou a cabeça.

— Você sabe como se livrar de lobos?

— Caçando-os, acho.

O guarda da fronteira balançou a cabeça outra vez.

— Com isso podemos pegar alguns, mas outros nascerão e, no fim, você terá a mesma quantidade deles. Se quiser mesmo ter menos lobos, você caça o alimento deles. Pega coelhos em armadilhas, por assim dizer. Se houver menos alimento, menos filhotes nascerão. Isso resulta em menos lobos. Esse é o meu trabalho. Eu caço coelhos.

Richard sentiu uma onda de frio.

— A maioria das pessoas não entende a fronteira, nem o que fazemos. Pensam que é apenas pôrecm prática uma lei idiota. Muitos têm medo da fronteira, em geral os velhos. Outros pensam que sabem o que estão fazendo e vão até lá para caçar ilegalmente. Não têm medo da fronteira, por isso fazemos com que tenham medo dos guardas. Isso é algo real para eles e nós mantemos essa realidade. Eles não gostam, mas, com medo de nós, ficam longe.

Para alguns é apenas um jogo, para ver se conseguem vencer. Não esperamos apanhar todos, na verdade, isso não importa. O que importa é assustar muitos deles, de modo que os lobos da fronteira não tenham coelhos suficientes para sobreviver.

"Nós protegemos as pessoas, mas não ao evitar que cheguem até a fronteira. Quem é idiota a esse ponto está além da nossa ajuda. Nossa tarefa é manter a maior parte longe da fronteira, manter a fronteira o mais frágil possível para que as coisas que vivem lá não saiam e se apossassem de todos. Todos os guardas já viram coisas que escaparam. Nós todos compreendemos, outros não. Ultimamente mais e mais coisas têm escapado. O governo do seu irmão pode nos pagar, mas não compreende também, nossa fidelidade não é para ele, nem para qualquer determinação da lei. Nosso único dever é proteger o povo das coisas que saem da escuridão. Nós nos consideramos um poder soberano. Obedecemos às ordens que não prejudiquem nosso trabalho. Assim, as coisas continuam amistosas. Mas se chegar a hora, bem, seguimos a nossa causa, nossas próprias ordens."

Ele se sentou outra vez à mesa, inclinado para a frente, apoiado nos cotovelos.

— Essencialmente só obedecemos às ordens de uma pessoa porque nossa causa é parte da causa principal dela. Essa pessoa é o verdadeiro Seeker — pegou a espada com as duas mãos e a deu a Richard —, empenho minha vida e minha lealdade ao Seeker.

Richard disse, comovido: — Obrigado, Chase. — Olhou para o mago por um momento, depois outra vez para o guarda da fronteira. — Agora vou dizer o que está acontecendo e depois o que eu quero.

Richard e Zedd contaram toda a história. Richard queria que Chase soubesse de tudo para compreender que não poderia haver meios esforços, que teriam de vencer ou morrer, não por sua escolha, mas pela escolha de Darken Rahl. Chase olhava de um para o outro enquanto falavam, compreendendo a gravidade do que diziam, sombriamente ouvindo a história da magia de Orden. Não precisaram convencê-lo da verdade. Chase tinha visto muito mais do que eles jamais saberiam. Fez poucas perguntas e ouviu com atenção.

Gostou de ouvir o que Zedd tinha feito com os homens que queriam acabar com ele. Sua risada estrondosa encheu a sala até seus olhos se encherem de lágrimas.

A porta se abriu e Kahlan e Emma entraram. Kahlan vestia uma roupa própria para a floresta, calça verde-escura com um cinto largo, camisa bege, capa escura e tinha nos ombros uma mochila resistente. As botas e a bolsa na cintura eram as dela. Parecia pronta para viver nos bosques. Porém, o cabelo, o corpo e sua postura diziam que ela era mais do que isso.

Richard a apresentou a Chase.

— Minha guia.

Chase levantou uma sobrancelha.

Emma viu a espada e, por sua expressão, Richard percebeu que ela sabia. Ela se aproximou do marido, não mais lhe acariciando a cabeça, mas simplesmente lhe pondo a mão no ombro, só para estar ao seu lado. Sabia que problemas a visitavam nessa noite. Richard embainhou a espada e Kahlan se sentou ao seu lado, enquanto ele contava o resto dos eventos da noite. Quando terminou, todos ficaram em silêncio por alguns minutos.

— O que posso fazer para ajudar, Richard? — perguntou Chase, finalmente.

Richard falou com voz suave, mas firme: — Diga-me onde fica a passagem.

Chase ergueu os olhos bruscamente.

— Que passagem? — Sua velha atitude defensiva era evidente.

— A passagem para o outro lado da fronteira. Eu sei que existe. Só não sei onde fica e não tenho tempo para procurar. — Richard não tinha tempo para aquele tipo de jogo e sentiu a fúria crescer dentro dele.

— Quem disse a você que existe uma passagem?

— Chase, responda à minha pergunta.

Chase disse, com um leve sorriso: — Com uma condição. Eu levo você até lá.

Richard pensou nos filhos dele. Chase estava acostumado com o perigo, mas isso era diferente.

— Não será necessário.

Chase olhou para Richard como se o estivesse avaliando.

— É, para mim. É um lugar perigoso. Vocês três não sabem no que estão se metendo. Não deixarei que vão sozinhos. E a fronteira é minha responsabilidade. Se quiser que eu diga, então eu vou também.

Todos esperaram, enquanto Richard pensou por um momento. Chase não estava blefando e o tempo era precioso.

— Chase, será uma honra para nós contarmos com sua companhia.

— Muito bem. — Chase bateu com a mão na mesa. — O nome do desfiladeiro e Porto do Rei. Fica em um lugar horrível chamado Southaven. Quatro ou cinco dias a cavalo, se formos pela Trilha Hawkers. Como vocês estão com pressa, é por lá que devem ir. Dentro de poucas horas vai amanhecer. Vocês três precisam dormir um pouco. Emma e eu providenciaremos as provisões.

CAPÍTULO 12



Parecia a Richard que tinha acabado de se deitar quando Emma o chamou e levou todos para baixo, para tomar café. O sol ainda não tinha aparecido e não viram mais ninguém na casa, mas os galos já anunciavam o novo dia. O aroma da comida despertou seu apetite. Emma, sorrindo, porém sem a animação da noite anterior, serviu um reforçado café da manhã e disse que Chase já tinha tomado o seu e estava carregando os cavalos. Richard sempre achou Kahlan encantadora com seu vestido. Notou que os novos trajes em nada diminuían seu encanto. Enquanto ela conversava com Emma sobre as crianças e Zedd elogiava a comida, Richard se preocupava com o que aconteceria.

A claridade dentro da casa diminuiu um pouco quando Chase surgiu emoldurado pela porta. Kahlan se sobressaltou quando o viu. Chase vestia uma cota de malha sobre a túnica bege de couro, calça preta de couro pesado, botas e uma capa. Luvas negras de punho comprido estavam presas no cinto também negro, com fivelas grandes adornadas com o emblema dos guardas da fronteira. Carregava armas suficientes para um pequeno exército. Em um homem comum, o efeito teria sido cômico, mas em Chase era assustadora a imagem clara da ameaça, letal como cada arma que levava. Chase tinha duas expressões básicas o tempo todo, a primeira um ar de falso e ignorante desinteresse, a segunda fazia com que parecesse preparado para participar de uma carnificina. Naquele dia, ele estava usando a segunda.

Quando saíram, Emma entregou um embrulho a Zedd.

— Galinha frita — disse ela. Com um largo sorriso, Zedd beijou a testa dela. Kahlan a abraçou e prometeu que devolveria a roupa.

Richard deu um abraço apertado. — Tenha cuidado — murmurou ela no ouvido dele. Chase aceitou graciosamente o beijo dela no rosto.

Chase entregou a Kahlan uma faca longa com bainha, dizendo que ela devia usar sempre. Richard perguntou se podia tomar uma faca emprestada também, pois deixara a sua em casa. Chase imediatamente achou o que queria no meio de todas as suas armas, soltou-a da tira de couro e deu a faca para Richard.

Kahlan olhou para todo aquele arsenal.

— Você acha que vai precisar de tudo isso?

Com um sorriso de canto de boca, disse ele: — Se eu não levar, sei que vou precisar.

O pequeno grupo, Chase na frente seguido por Zedd, depois Kahlan, com Richard atrás, partiu num passo confortável pelos Bosques Hartland. A manhã de outono estava clara e o ar frio. Um gavião revoou acima deles, sinal de alerta no começo de uma viagem. Um aviso totalmente desnecessário, pensou Richard.

No meio da manhã, tinham deixado o Vale Hartland para trás e passado para a Floresta Ven. Tomaram a trilha Hawkens abaixo do Lago Trunt e seguiram para o sul, com a nuvem em forma de serpente acompanhando-os. Richard estava satisfeito por estar levando a nuvem para longe da casa e dos filhos de Chase. Estava preocupado por ter de viajar tanto para o sul para atravessar a fronteira, pois o tempo era precioso. Mas Chase tinha dito que, se havia outra passagem, ele não conhecia.

As florestas de madeira de lei deram lugar a conjuntos de pinheiros antigos. Passar entre eles era como viajar por um desfiladeiro. Os troncos se erguiam a alturas estonteantes e só então apareciam os galhos e Richard se sentia pequeno na sombra profunda das velhas árvores. Ele sempre se sentia à vontade viajando. Viajava sempre e os lugares conhecidos por que passavam agora pareciam outra das suas viagens, mas essa era diferente. Iam a lugares onde ele nunca havia estado. Lugares perigosos. Chase estava preocupado e os tinha avisado. Só esse fato dava o que pensar, pois Chase não era homem de se preocupar com coisas pequenas. Na verdade, Richard sempre pensou que ele se preocupava muito pouco.

Richard observou os outros três: Chase, uma aparição toda de negro montado no seu cavalo, armado até os dentes, temido pelo povo que ele protegia, bem como por aqueles que ele perseguia, mas, de algum modo, não pelas crianças; Zedd, o mago pequeno e magro que parecia um graveto, modesto, pouco mais do que um sorriso, cabelos brancos, roupas simples, contentando-se em carregar nada mais do que um embrulho com galinha frita, mas dono do fogo dos magos e quem sabe do que mais, e Kahlan, corajosa, determinada, com algum poder secreto, enviada para ameaçar um mago, obrigá-lo a nomear um Seeker. Os três eram seus amigos, mas cada um deles, a seu modo, o inquietava. Ele se perguntava qual seria o mais perigoso. Eles o seguiam sem questionar, porém ao mesmo tempo também o levavam. Os três juraram proteger o Seeker com suas vidas. Porém, ninguém, naquele pequeno grupo, sozinho ou com os outros, era páreo para Darken Rahl. Sua tarefa parecia sem esperança.

Zedd já estava "atacando" a galinha. Periodicamente ele atirava um osso por cima do ombro. Depois de algum tempo, lembrou-se de oferecer um pedaço aos outros. Chase declinou e continuou atento ao caminho, prestando atenção especialmente ao lado esquerdo da trilha, na direção da fronteira. Os outros aceitaram. A galinha tinha durado mais do que Richard pensou. Quando a trilha se alargou, ele emparelhou seu cavalo com o de Kahlan e seguiu ao lado dela. Ela tirou a capa quando o ar ficou mais quente e sorriu para ele com aquele sorriso especial que não dava a ninguém mais. Richard teve uma idéia.

— Zedd, um mago pode fazer alguma coisa com aquela nuvem?

O mago olhou para cima com os olhos entrecerrados, depois olhou para Richard.

— Eu já pensei nisso. Acho que posso, mas quero esperar mais um pouco, até estarmos mais longe da família de Chase. Não quero fazer com que ela a procure.

No fim da tarde, encontraram um casal de velhos, gente dos bosques que Chase conhecia. Pararam enquanto o guarda da fronteira falava com o casal. Ele se sentava relaxado na sela, o couro

estalando, escutando o que eles tinham ouvido sobre coisas que saíam da fronteira. Agora Richard sabia que eram mais do que rumores. Chase tratou o casal com respeito, como tratava quase todos. Mesmo assim, estava claro que eles o temiam. Disse a eles que estava tratando do assunto e aconselhou-os a não saírem de casa à noite.

Prosseguiram até muito depois de anoitecer e então acamparam junto aos pinheiros; na manhã seguinte, reiniciaram a viagem quando o sol apareceu atrás das montanhas da fronteira. Richard e Kahlan bocejavam. As árvores agora escasseavam e passavam por trechos de campo aberto, claros e verdes, cheirosos à luz do sol seguindo pela região montanhosa para o sul, o caminho temporariamente levando-os para longe das montanhas da fronteira. Ocasionalmente passavam por pequenas fazendas. Os donos se escondiam quando viam Chase.

Agora a região não era muito familiar para Richard, que raramente ia tão longe para o sul. Ele estava muito atento, notando os pontos de referência por onde passavam. Depois do almoço frio ao sol, a estrada começou a virar para mais perto das montanhas e no fim da tarde estavam tão perto da fronteira que começaram a encontrar esqueletos cinzentos de árvores mortas pela trepadeira serpente. Nem mesmo o sol conseguia clarear o bosque denso. Chase parecia distante, mais sério, observando tudo cuidadosamente. Desmontou várias vezes, puxando o cavalo, examinando o solo, à procura de rastros.

Atravessaram um regato que descia das montanhas, água correndo preguiçosamente, fria e enlameada. Chase parou e se sentou, olhando para as sombras. Os outros esperaram, entreolhando-se e olhando para a fronteira. Richard reconheceu o cheiro de morte da trepadeira. O guarda da fronteira os levou um pouco mais adiante, depois desmontou outra vez e se agachou, examinando o solo. Levantou-se e entregou as rédeas do seu cavalo a Zedd. Disse simplesmente: — Esperem. — Eles o viram desaparecer entre as árvores e esperaram em silêncio. O cavalo grande de Kahlan espantava as moscas enquanto comia a relva.

Chase voltou, calçando as luvas negras e, tirando as rédeas das mãos de Zedd, disse: — Quero que vocês três continuem. Não esperem por mim e não parem. Fiquem na estrada.

— O que há? O que você descobriu? — perguntou Richard.

Chase virou-se para trás, com expressão sombria.

— Os lobos estiveram comendo. Vou enterrar o que restou e depois vou para o outro lado, entre a fronteira e vocês. Preciso verificar uma coisa. Lembrem-se do que eu disse. Não corram, mantenham um bom passo e fiquem atentos. Se acharem que estou de-morando, nem pensem em voltar para me procurar. Sei o que estou fazendo e vocês nunca me encontrariam. Voltarei quando puder. Continuem a andar e não saiam da estrada.

Chase montou, virou o cavalo de direção e saiu a galope, os cascos jogando para os lados pedaços de terra com relva.

— Vão em frente! — gritou Chase, virando a cabeça para trás. Mas, antes de ele desaparecer no meio das árvores, Richard o viu pegar uma adaga que levava nas costas.

Sabia que Chase estava mentindo. Ele não ia enterrar coisa alguma. Richard não gostou de deixar o amigo sair assim sozinho, mas Chase tinha passado quase toda a vida sozinho ali ao lado da fronteira e sabia o que estava fazendo: o necessário para protegê-los. Richard tinha de confiar no julgamento dele.

— Vocês ouviram Chase — disse o Seeker. — Vamos.

À medida que cavalgavam na floresta, as rochas cresciam de tamanho, obrigando-os a desviar ora para um lado, ora para outro. O arvoredo era tão fechado que a luz do sol praticamente fora expulsa da floresta; a estrada era um túnel, no meio do mato alto. Richard não gostou da sensação de estar fechado e, enquanto seguiam rapidamente, vigiavam as sombras densas à esquerda. Galhos pendiam no meio da estrada e eles tinham de se abaixar a todo momento. Ele pensava em como Chase podia viajar em um bosque tão cerrado.

Quando o caminho era mais largo, Richard seguia à esquerda de Kahlan, tentando ficar entre ela e a fronteira. Segurava a rédea com a mão esquerda, deixando a direita livre para empunhar a

espada. Kahlan estava envolta na capa de Richard, mas ele viu que ela mantinha uma das mãos perto da faca.

Vindo de longe, da esquerda, ouviram uivos, como os de uma alcatéia, mas não eram lobos. Era alguma coisa da fronteira.

Os três se viraram para o som. Os cavalos estavam apavorados e queriam correr. Tiveram de contê-los, puxando as rédeas, mas ao mesmo tempo deixando-os soltos o bastante para trotar. Richard compreendia o que os animais sentiam. Também sentia a urgência de correr, mas Chase foi explícito quando disse para não deixar que corressem. Devia ter motivo para isso e eles continuaram a controlar o passo. Quando os uivos começaram a ser intercalados por gritos de gelar o sangue, que arrepiaram o cabelo na sua nuca, ficou mais difícil conter os cavalos. Eram gritos selvagens, gritos da necessidade de matar, exigentes, desesperados. Os três mantiveram os cavalos no trote durante mais uma hora, mas o som parecia segui-los. Não podiam fazer nada a não ser continuar a ouvir os sons dos animais da fronteira.

Sem poder suportar por mais tempo, Richard fez seu cavalo parar e virou de frente para o bosque. Chase estava lá, sozinho com os animais. Não agüentava mais deixar o amigo enfrentar aquilo sozinho. Precisava ajudar.

Zedd disse: — Temos de continuar em frente, Richard.

— Ele pode estar com problemas. Não podemos deixar que os enfrente sozinho.

— É o trabalho dele, deixe que ele faça o que tem de fazer.

— Neste momento, seu trabalho não é o de um guarda da fronteira, mas sim nos levar à passagem.

O mago voltou para trás até onde Richard estava e disse suavemente: — Esse é o trabalho dele, Richard. Ele jurou proteger sua vida com a dele. É o que está fazendo possibilitando que você chegue à passagem. Tem de pôr isso na cabeça. O que você está fazendo é mais importante do que a vida de um homem. Chase sabe. Por isso nos proibiu de procurá-lo.

Richard disse, incrédulo: — Espera que eu deixe um amigo ser morto se puder evitar? — Os sons dos uivos estavam mais perto.

— Espero que você não o deixe morrer por nada!

Richard olhou atônito para o velho amigo.

— Mas talvez possamos fazer alguma diferença.

— E talvez não. — Os cavalos pateavam, inquietos.

— Zedd tem razão — disse Kahlan. — Ir atrás de Chase não é um ato de coragem; continuar em frente, quando você quer ajudar, é.

Richard sabia que eles estavam certos, mas não queria admitir. Olhou zangado para Kahlan.

— Você pode estar na posição dele algum dia! Então, o que vai querer que eu faça?

Ela olhou para ele.

— Vou querer que você continue seu caminho.

Richard não sabia o que dizer. Os gritos que vinham do bosque estavam mais perto. Kahlan não demonstrou qualquer emoção.

— Richard, Chase faz isso o tempo todo, ele vai ficar bem — disse Zedd para tranquilizá-lo. — Eu não me surpreenderia se ele estivesse se divertindo. Logo mais ele terá uma boa história para contar. Você conhece Chase. Uma parte da história, pelo menos, será verdade. Richard ficou zangado com os dois e com ele mesmo. Esporeou o cavalo, passando à frente. Não queria mais falar. Eles o deixaram com seus pensamentos, deixaram que seguisse trotando à frente. Irritava-o o fato de Kahlan pensar que ele a abandonaria em perigo. Ela não era guarda da fronteira. Não gostava da idéia de que salvá-los podia significar deixar que fossem mortos. Não tinha sentido. Pelo menos, Richard não queria ver sentido algum nisso.

Tentou ignorar os berros e uivos do bosque. Depois de algum tempo, os sons dos gritos se afastaram. O bosque parecia sem vida, sem pássaros, sem coelhos, até sem camundongos nas árvores retorcidas, nos arbustos e nas sombras. Richard prestava atenção, para se certificar de que os dois o seguiam. Não queria virar para trás, não queria olhar para eles. Depois de algum tempo, os uivos cessaram. Richard imaginou se seria um bom sinal ou não.

Queria pedir desculpas a eles, queria dizer que temia pelo amigo, mas não podia. Chase devia estar bem, ele pensou. Ele era o chefe dos guardas da fronteira, não era tolo e não ia se meter em uma coisa com que não pudesse lidar. Pensou se haveria alguma

coisa com que Chase não pudesse lidar. Pensou se poderia contar a Emma se alguma coisa acontecesse ao seu marido.

Estava deixando a imaginação correr solta. Chase estava bem e ficaria furioso com Richard por ter pensado essas coisas, por ter duvidado dele.

Imaginou se Chase voltaria antes da noite. Deviam parar quando a noite chegasse, se ele não tivesse voltado? Não. Chase tinha dito para não fazerem isso. Teriam de continuar viagem a noite inteira, se preciso, até Chase voltar. Tinha a impressão de que as montanhas pairavam ameaçadoramente acima deles, prontas para atacar. Richard nunca estivera tão perto da fronteira.

Preocupado com Chase, sua ira desapareceu. Richard se virou para trás e olhou para Kahlan. Ela sorriu calorosamente e Richard retribuiu o sorriso, sentindo-se melhor.

Tentou imaginar como seria aquele bosque antes da morte de tantas árvores; devia ter sido um belo lugar, verde, aconchegante, seguro. Talvez seu pai tivesse passado por ali quando atravessou a fronteira, por essa mesma estrada, com o livro.

Imaginou se todas as árvores próximas da outra fronteira morreram antes de a fronteira ruir. Talvez ele pudesse esperar que a fronteira caísse. Talvez não fosse preciso se afastar tanto do caminho, indo para o sul, até Porto do Rei. Mas por que pensava que ir para o sul era se afastar do caminho? Ele não conhecia nada de Midlands, portanto, por que um lugar seria melhor do que outro? A caixa que procuravam podia tanto estar no sul quanto no norte.

O bosque ficava cada vez mais sombrio. Havia algumas horas não viam o sol, mas era certo que estava se pondo. Não gostava da idéia de viajar à noite naquele bosque, mas a idéia de dormir ali parecia pior. Virou-se para trás para se certificar de que os outros o seguiam de perto.

O som distante de água corrente quebrou o silêncio da noite, aumentando à medida que eles avançavam, e logo chegaram a um pequeno rio com uma ponte de madeira. Antes de atravessar, Richard parou. Inexplicavelmente, não gostou da aparência da ponte; alguma coisa estava errada. Não faria mal algum ser cauteloso. Levou o cavalo para a margem do rio e olhou debaixo da

ponte. As vigas que a suportavam eram ancoradas em blocos de granito. Faltavam os pinos que a prendiam.

— Alguém danificou a ponte. Pode suportar o peso de um homem, mas não de um cavalo. Parece que temos de nos molhar.

Zedd franziu as sobrancelhas.

— Eu não quero me molhar.

— Muito bem, você tem idéia melhor? — perguntou Richard.

Zedd segurou o queixo com o polegar e o indicador.

— Tenho — anunciou ele. — Vocês dois atravessam, eu seguro a ponte. — Richard olhou para ele como se o mago estivesse louco. — Vão, vai dar tudo certo.

Empertigado no cavalo, Zedd abriu os braços para os lados, palmas para cima e inclinou a cabeça para trás, respirou profundamente e fechou os olhos. Relutante e cautelosamente, os dois atravessaram a ponte. No outro lado, viraram os cavalos para trás. O cavalo do mago começou a atravessar sem que fosse preciso incitá-lo e Zedd continuou com os braços abertos, a cabeça para trás e os olhos fechados. Quando chegou ao outro lado, abaixou os braços e olhou para os dois. Richard e Kahlan o olhavam atônitos.

— Talvez eu estivesse errado — disse Richard. — Talvez a ponte tivesse agüentado o peso.

Zedd sorriu.

— Talvez. — Sem olhar para trás, ele estalou os dedos. A ponte desmoronou e caiu na água com estrondo. As vigas gemeram quando foram separadas pela corrente e levadas no abaixo. — Por outro lado, talvez não. Eu não podia deixar a ponte daquele jeito. Alguém podia se machucar.

Richard balançou a cabeça.

— Algum dia, meu amigo, vamos nos sentar e ter uma longa conversa. — Virou o cavalo e seguiu em frente. Zedd olhou para Kahlan e deu de ombros. Ela sorriu, piscou um olho e foi atrás de Richard.

Continuaram pela trilha sombria, vigiando o bosque. Richard tentava imaginar o que Zedd podia fazer. Deixou que o cavalo escolhesse o caminho na noite que chegava, imaginando até onde iria aquele mundo morto e se a estrada os levaria finalmente para

fora dele. A noite começava a trazer vida para o bosque, gritos estranhos e rangidos. Seu cavalo relinchava para coisas invisíveis. Richard bateu com a mão no pescoço do animal para acalmá-lo e olhou para cima, à procura de sinais de gares no céu. Mas não podia ver o céu. Porém, se os gares aparecessem, teriam muita dificuldade para surpreender os três, pois o dossel de galhos retorcidos e mortos evitaria que se aproximassem silenciosamente.

Talvez as coisas nas árvores fossem ameaça maior do que os gares. Richard não sabia nada sobre elas e não tinha certeza de que queria saber. Percebeu que seu coração batia com força.

Depois de mais ou menos uma hora, ouviu o som de alguma coisa se aproximando entre os arbustos, à sua esquerda. Andava quebrando galhos. Pôs o cavalo a meio galope e certificou-se de que Kahlan e Zedd faziam o mesmo. Fosse o que fosse, continuava com eles. Não iam poder passar à frente. Teriam o caminho bloqueado. Talvez fosse Chase, Richard pensou. Mas talvez não fosse.

Richard apanhou a Espada da Verdade, inclinando-se para a frente e apertando os lados do cavalo com as pernas, fazendo-o galopar. Seus músculos ficaram tensos quando o animal começou a correr. Agora não sabia se Kahlan e Zedd o acompanhavam, mas nem pensou nisso. Concentrou-se em tentar enxergar no escuro a frente, procurando ver qualquer coisa que viesse na sua direção. A fúria começava a passar dos limites, tudo que ele sentia era uma escaldante necessidade de atacar. Agressivamente, ele investia com força letal. O som das patas do seu cavalo impedia que ouvisse a coisa no bosque, mas sabia que estava lá, sabia que estava chegando.

Então viu o vulto negro movendo-se contra as formas das árvores. Saiu do bosque para a estrada doze metros à frente. Richard ergueu a espada e investiu, mentalmente resolvendo o que ia fazer. O vulto esperou, imóvel.

No último momento, Richard viu que era Chase, com o braço erguido para detê-lo e a silhueta de uma clava denteada na mão.

— Fico satisfeito por ver que você está alerta — disse o guarda da fronteira.

— Chase! Você quase me matou de medo!

— Você também me assustou por um momento. — Kahlan e Zedd se aproximaram. — Sigam-me de perto. Richard, fique atrás com a espada desembainhada.

Chase virou o cavalo e saiu no galope, com os três atrás. Richard não sabia se estavam sendo perseguidos ou não por alguma coisa. Chase não parecia preparado para uma luta, mas mandou que ficasse com a espada desembainhada. Richard estava atento à retaguarda. Todos seguiam com as cabeças abaixadas, para evitar bater nos galhos. Era perigoso correr a cavalo no escuro, mas Chase sabia disso.

Chegaram a um cruzamento, o primeiro daquele dia, e, sem hesitar, o guarda da fronteira foi para a direita, afastando-se da fronteira. Logo tinham saído do bosque e o luar iluminava um campo aberto com colinas ondulantes e poucas árvores. Chase diminuiu o passo depois de algum tempo e todos o acompanharam.

Richard embainhou a espada e se aproximou dos outros.

— O que foi tudo isso?

Chase prendeu a clava no cinto.

— Coisas na fronteira estão nos seguindo. Quando saíram da fronteira para atacar, eu estava lá para estragar seu apetite. Algumas voltaram para a fronteira. Outras continuaram a seguir de dentro, onde não posso persegui-las. Por isso, eu não queria que vocês andassem muito depressa. Eu não poderia acompanhá-las através do bosque, elas passariam à minha frente e alcançariam vocês. Eu os trouxe para longe da fronteira porque queria afastar seu cheiro delas durante a noite. É muito perigoso viajar tão perto da fronteira à noite. Acamparemos em uma daquelas colinas adiante. — Virou para trás e olhou para Richard. — Por falar nisso, por que você parou lá atrás? Eu disse para não parar.

— Eu estava preocupado com você, ouvi os uivos. Eu ia ajudá-lo, mas Kahlan e Zedd me fizeram desistir. — Richard pensou que Chase ia ficar zangado, mas ele não ficou.

— Obrigado, mas não faça isso outra vez. Enquanto você estava lá parado pensando, eles quase o pegaram. Zedd e Kahlan estavam certos. Não discuta com eles na próxima vez.

— Chase — perguntou Kahlan —, você disse que eles tinham pegado alguém, pegaram mesmo?

O rosto de Chase era uma pedra fria à luz da lua.

— Sim, um dos meus homens. Não sei qual. — Voltou para a estrada e seguiu em silêncio.

Acamparam em uma colina alta para poder ver qualquer coisa que se aproximasse. Chase e Zedd cuidaram dos cavalos enquanto Richard e Kahlan acendem o fogo, tiravam das mochilas pão, queijo e frutas secas e começaram a preparar um ensopado simples. Saíram juntos à procura de lenha entre as poucas árvores. Richard disse que os dois formavam uma boa equipe. Kahlan sorriu e virou a cabeça. Richard segurou o braço dela e a fez se voltar para ele.

— Kahlan, se fosse você, eu iria defendê-la — disse ele, querendo dizer mais.

Ela olhou nos olhos dele.

— Por favor, Richard, nunca mais diga isso. — Puxou o braço da mão dele e voltou para o acampamento. Quando Chase e Zedd terminaram de cuidar dos cavalos e se aproximaram do fogo, Richard viu que a bainha que pendia do ombro de Chase estava vazia, sem a adaga. Um dos seus machados e várias facas tinham também desaparecido. Não que isso o deixasse indefeso, de modo algum.

A maça que pendia da cintura estava coberta de sangue, suas luvas também e ele tinha respingos de sangue em todo o corpo. Sem dizer nada, Chase pegou uma faca e tirou um dente amarelo de sete centímetros que estava preso entre as duas lâminas da maça e o jogou fora. Depois de limpar o sangue das mãos e do rosto, ele se sentou na frente do fogo com os outros.

Richard jogou alguns gravetos no fogo.

— Chase, o que eram aquelas criaturas que nos perseguiram? E como é possível para elas saírem da fronteira e entrarem nela?

Chase serviu-se de um terço de um pão e olhou para Richard.

— São chamadas sabujos do coração. Têm duas vezes o tamanho de um lobo, peito largo, cabeça meio achatada, focinho comprido cheio de dentes. Ferozes. Não sei bem qual é a sua cor. Só caçam à noite, isto é, até hoje. Mas estava muito escuro naquele

bosque e de qualquer modo, eu estava um pouco ocupado. Eu nunca tinha visto tantos juntos.

— Por que são chamados sabujos do coração?

Chase mastigou um pedaço do pão e olhou para Richard intensamente.

— Isso é uma questão bastante discutida. Os sabujos do coração têm orelhas grandes e redondas, boa audição. Algumas pessoas dizem que podem encontrar um homem pelas batidas do coração. — Richard arregalou os olhos. Chase deu outra mordida no pão e mastigou por um minuto. — Outros dizem que têm esse nome porque é assim que eles matam: atacam o peito da vítima. A maioria dos predadores ataca a garganta, mas não os sabujos do coração, eles vão direto para o coração e têm dentes bem grandes que fazem um "bom" trabalho. É a primeira coisa que eles comem. Se houver mais de um, eles brigam pelo coração.

Zedd se serviu de ensopado e serviu outro prato para Kahlan.

Richard estava perdendo o apetite, mas tinha de perguntar:

— E você, o que acha?

Chase deu de ombros.

— Bem, eu nunca fiquei quieto, no escuro, bastante perto da fronteira para que eles pudessem ouvir meu coração. — Deu outra mordida no pão, olhando para o próprio peito enquanto mastigava. Afastou do corpo a malha pesada. Richard viu dois rasgões na malha. Pedacos de dentes amarelos estavam presos nos elos de metal. A túnica de couro debaixo dela estava cheia de sangue dos cães do coração. — Os que fizeram isto tiveram a lâmina da minha adaga quebrada no peito e eu estava ainda no meu cavalo. — Olhou para Richard e ergueu uma sobrancelha. — Isso responde à sua pergunta?

Richard sentiu um arrepio.

— E como é que eles podem entrar na fronteira e sair dela?

Chase pegou o prato de ensopado que Kahlan serviu para ele.

— Eles têm algo a ver com magia na fronteira, foram criados com isso. São os cães de guarda da fronteira, por assim dizer. Podem entrar e sair sem que a fronteira os impeça. Mas também estão ligados a ela e não podem ir muito longe. Com o

enfraquecimento da fronteira, eles se afastam cada vez mais. Isso faz com que seja perigoso viajar pela Trilha Hawkers, mas ir por outro caminho acrescentaria uma semana à viagem até Porto do Rei. O atalho que tomamos é o único que se afasta da fronteira até chegarmos a Southaven. Eu sabia que precisava alcançá-los antes que vocês passassem por ele, senão teríamos de passar a noite no bosque, com eles. Amanhã, durante o dia, quando for seguro, mostro a fronteira para vocês, mostro como está se enfraquecendo.

Richard inclinou a cabeça assentindo e todos voltaram aos próprios pensamentos.

— Eles são bege — disse Kahlan suavemente. Todos olharam para ela. Olhando para o fogo, ela explicou: — Os sabujos do coração são bege e têm pêlo curto, como o das costas de um gamo. Agora são vistos em Midlands por toda a parte, tendo sido libertados quando a outra fronteira desmoronou. Enlouquecidos com a falta de objetivo, agora eles aparecem até de dia.

Os três homens ficaram imóveis, pensando nas palavras dela. Zedd até parou de comer.

— Que ótimo! — disse Richard, em voz baixa. — E o que mais Midlands tem pior do que isso?

Não era uma pergunta, mas uma imprecação. O fogo crepitava nos rostos deles.

Com o olhar distante, Kahlan murmurou: — Darken Rahl.

CAPÍTULO 13



Longe do acampamento, encostado em uma rocha fria, agasalhado com a capa, Richard olhava para a fronteira. O vento fraco era um bafejo de gelo. Chase dera a ele o primeiro turno de vigia, Zedd teria o segundo e o guarda, o terceiro. Kahlan protestou quando não foi designada para turno algum, mas acabou obedecendo a Chase.

O luar iluminava o campo aberto entre onde ele estava e a fronteira. Era um trecho de colinas baixas, poucas árvores e pequenos regatos, um lugar de aparência agradável, considerando que estava tão próximo dos bosques sombrios da fronteira. Sem dúvida, os bosques haviam sido agradáveis no passado, antes de Darken Rahl ativar as caixas, começando a destruição da fronteira. Chase achava que os sabujos do coração não podiam chegar tão longe, mas, se ele estivesse enganado, Richard queria vê-los antes que chegassem. Passou os dedos sobre a palavra Verdade, no punho da espada, delineando distraidamente as letras, olhando para o céu, disposto a não deixar que os gares o pegassem de surpresa outra vez. Gostou de ter sido designado para o primeiro turno de vigia, porque não estava com sono. Estava cansado, mas não com sono. Mesmo assim, bocejou.

As montanhas que faziam parte da fronteira erguiam-se no começo da escuridão, além do tapete emaranhado dos bosques, como as costas de um animal escuro grande demais para se esconder. Richard imaginou que coisas olhavam para ele de dentro daquela boca enorme. Chase tinha dito que as montanhas da fronteira diminuía à medida que se aproximavam do sul e desapareciam por completo no lugar para onde estavam indo.

Inesperadamente, Kahlan, envolta na capa, apareceu do escuro e se sentou muito perto dele, para se aquecer. Ela não falou, simplesmente se sentou-se. Mechas soltas do cabelo sedoso lhe tocavam o lado do rosto. O cabo da sua faca espetava o lado do corpo dele, mas Richard não disse nada, temendo que ela se afastasse. Não queria que ela mudasse de posição.

— Os outros estão dormindo? — perguntou ele em voz baixa, olhando para trás. Ela fez que sim com a cabeça. — Como você sabe? — perguntou Richard sorrindo. — Zedd dorme com os olhos abertos.

Ela sorriu também.

— Como todos os magos.

— É mesmo? Pensei que fosse só Zedd.

Vigiando o vale, procurando ver qualquer movimento, Richard sentiu o olhar de Kahlan. Olhou para ela.

— Não está com sono? — Kahlan estava tão perto, que bastava murmurar.

Ela deu de ombros. A brisa leve levou o cabelo para o rosto dela. Kahlan o pôs para trás e seus olhos encontraram os dele.

— Eu queria pedir desculpas.

Richard queria que ela deitasse a cabeça no seu ombro.

— Por quê?

— Pelo que eu disse, que não queria que você fosse me ajudar. Não quero que pense que não dou valor à nossa amizade. Mas o que estamos fazendo é mais importante do que qualquer pessoa.

Richard percebeu que ela queria dizer muito mais. Olhou nos olhos dela, sentindo o hálito quente no rosto.

— Kahlan, você tem alguém? — Temia uma flecha no coração, mas precisava perguntar: — Alguém que a espera? Um amor?

Richard olhou longamente para os olhos verdes. Kahlan não desviou o olhar, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não é tão simples assim, Richard.

— Sim, é. Você tem ou não tem.

— Tenho obrigações.

Por algum tempo, pareceu que ela ia contar alguma coisa, contar seu segredo.

Ela estava muito bonita ao luar, mas não era só isso, era o que havia dentro dela, desde sua inteligência e coragem até sua presença de espírito, e o sorriso especial reservado só para ele.

Richard mataria um dragão, se existissem dragões, só para ver aquele sorriso. Sabia que jamais ia querer tanto outra pessoa. Não poderia haver mais ninguém.

Ele queria desesperadamente abraçá-la. Queria experimentar-lhe os lábios macios. Mas inexplicavelmente tinha a mesma sensação de quando viu a ponte. Uma forte sensação de perigo, mais forte do que seu desejo de beijá-la. Algo dizia que, se fizesse isso, estaria sendo ousado demais. Lembrou como a magia fulgurou quando ela pôs a mão sobre a dele, no punho da espada. Estava certo quanto à ponte, por isso não a abraçou.

Kahlan desviou os olhos dos dele.

— Chase disse que os próximos dois dias serão difíceis. Acho melhor eu dormir um pouco.

Richard sabia que o que quer que fosse que ela estivesse pensando, ele não podia dar qualquer opinião. Não podia obrigá-la. Kahlan tinha de resolver sozinha.

— Você tem uma obrigação para comigo também — disse ele. Kahlan olhou outra vez para ele, intrigada, e Richard sorriu. — Prometeu que seria minha guia. Pretendo cobrar essa promessa.

Ela assentiu, balançando a cabeça, com vontade de chorar. Beijou a ponta do dedo, encostou-a no rosto dele e voltou para o escuro da noite.

Muito tempo depois que ela se foi, ele sentia ainda a ponta do dedo dela no rosto.

A noite estava quieta e Richard tinha a impressão de ser a única pessoa acordada no mundo inteiro. As estrelas tremeluziam como a poeira mágica de Zedd congelada e a lua o olhava silenciosamente. Nem os lobos uivavam. A solidão ameaçava tomar conta dele.

Chegou a desejar que alguma coisa o atacasse, para ter com que se preocupar. Desembainhou a espada e começou a polir a lâmina já polida com a ponta da capa. A espada era sua para ser usada como ele achasse melhor, foi o que Zedd disse. Kahlan

gostasse ou não, ele a usaria para protegê-la. Ela estava sendo caçada. Com a espada, evitaria que qualquer coisa tocasse nela.

Pensando nos que a perseguiam, os quads e Darken Rahl, sentiu despertar sua ira. Queria que aparecessem agora para acabar com a ameaça. Desejou ardentemente que viessem Seu coração acelerou. Os músculos do seu rosto ficaram tensos.

Percebeu então que era a ira da espada passando para ele. A arma estava desembainhada e a idéia de alguma coisa ameaçando Kahlan provocava sua fúria. Ficou admirado com a rapidez com que essa ira passara para ele silenciosamente, invisível, sedutora. Simples percepção, o mago dissera. O que a espada mágica percebia nele?

Richard embainhou a espada e afastou a raiva, sentindo outra vez a melancolia e voltou a vigiar o campo e o céu. Levantou-se e andou um pouco para ativar a circulação, depois se sentou outra vez, tristemente, encostado na rocha.

Uma hora antes de terminar seu turno, ouviu passos cautelosos. Era Zedd, com um pedaço de queijo em cada mão, sem a capa, vestido apenas com seu manto.

— O que esta fazendo acordado? Não é hora ainda do seu turno.

— Achei que você gostaria da companhia de um amigo. Tome, trouxe um pedaço de queijo para você.

— Não, obrigado. Estou falando do queijo. Mas aceito a parte do amigo.

Zedd se sentou ao lado dele, dobrando os joelhos magros contra o peito, puxando o manto sobre eles, como se estivesse dentro de uma barraca.

— Qual é o problema?

Richard deu de ombros.

— Kahlan, eu acho. — Zedd ficou calado. Richard olhou para longe. — Ela é a primeira coisa em minha mente quando acordo de manhã e a última coisa à noite, antes de dormir. Nunca me senti assim antes, Zedd, nunca me senti tão só.

— Compreendo. — Zedd pôs o queijo em cima de uma pedra.

— Sei que ela gosta de mim, mas tenho a impressão de que está me mantendo afastado. Quando armávamos o acampamento esta noite, eu disse que, se fosse ela quem estivesse em perigo, como Chase estava, eu iria ajudá-la. Ela disse que não queria que eu fizesse isso, mas queria dizer muito mais. Queria dizer que não quer eu vá atrás dela, ponto final.

— Boa menina — murmurou Zedd.

— O quê?

— Eu disse que ela é uma boa menina. Nós todos gostamos dela. Mas, Richard, ela é também outras coisas. Ela tem responsabilidades.

Richard olhou intrigado para o amigo.

— E que outras coisas são essas?

Zedd se inclinou um pouco para trás.

— Não me cabe dizer. Ela é quem tem de responder a essa pergunta. Pensei que já o tivesse feito. — O velho homem pôs o braço sobre os ombros largos de Richard. — Se isto o faz sentir-se melhor, ela só não disse ainda, porque gosta de você mais do que devia gostar. Tem medo de perder sua amizade.

— Você conhece os segredos dela e Chase também, posso ver nos olhos dele. Todos sabem, menos eu. Ela tentou me dizer esta noite, mas não conseguiu. Kahlan não precisa se preocupar em perder minha amizade. Isso nunca vai acontecer.

— Richard, ela é uma pessoa maravilhosa, mas não é para você. Não pode ser.

— Por quê?

Zedd fingiu tirar poeira da manga, para evitar os olhos de Richard.

— Dei minha palavra de que deixaria que ela contasse. Você tem de confiar em mim. Ela não pode ser o que você quer. Procure outra mulher. O mundo está cheio delas. Metade da população é feminina, pode escolher à vontade. Escolha outra.

Richard passou os braços em volta dos joelhos dobrados e olhou para longe.

— Está certo.

Zedd ergueu os olhos, surpreso, depois sorriu e bateu de leve nas costas do amigo.

— Está certo, mas com uma condição. — Richard olhou para os bosques da fronteira. — Você responde a uma pergunta sinceramente. Se puder responder afirmativamente, eu faço o que você me pede.

— Uma? Uma pergunta só? — perguntou Zedd, cautelosamente, encostando o dedo magro no lábio inferior.

— Uma pergunta.

Zedd pensou por um momento.

— Muito bem. Uma pergunta.

Richard olhou para ele ferozmente.

— Antes de se casar com sua mulher, se alguém — vamos fazer uma coisa, vou facilitar para você —, se alguém em quem você confiava, um amigo, alguém que você amava como a um pai, se essa pessoa dissesse para você escolher outra, você teria obedecido?

Zedd desviou os olhos e respirou profundamente.

— Maldição! A esta altura eu devia ter aprendido a não deixar que um Seeker me fizesse alguma pergunta. — Apanhou o queijo e deu uma mordida.

— Foi o que pensei.

Zedd jogou o queijo longe, no escuro.

— Isso não altera os fatos, Richard! Não pode dar certo com vocês dois. Não estou dizendo isso para magoar você. Amo você como a um filho. Se eu pudesse mudar o funcionamento do mundo, eu mudaria. Queria que não fosse assim, por você, mas é assim que funciona. Kahlan sabe e, se você tentar, vai magoá-la. Eu sei que você não quer isso.

Richard disse, com voz calma e baixa: — Você mesmo disse. Eu sou o Seeker. Há um meio e vou encontrar.

Zedd balançou a cabeça tristemente.

— Eu queria que houvesse, meu caro, mas não há.

— Então, o que devo fazer? — perguntou Richard, com um murmúrio entrecortado.

O velho amigo o abraçou com força no escuro. Richard estava desanimado.

— Apenas seja amigo dela, Richard. É disso que ela precisa. Você não pode ser nada mais.

Richard inclinou a cabeça, assentindo.

Depois de algum tempo, o Seeker, com um olhar desconfiado, empurrou o mago.

— Por que você veio até aqui?

— Para me sentar com um amigo.

Richard balançou a cabeça.

— Você veio como mago, longe dos outros, para aconselhar um Seeker. Agora diga por que está aqui.

— Muito bem. Vim na minha capacidade de mago dizer ao Seeker que ele quase cometeu um grave erro hoje.

Richard tirou as mãos dos ombros de Zedd, mas continuou a olhar para ele.

— Eu sei disso. Um Seeker não se pode arriscar quando com isso arrisca a vida de todos os outros.

— Mas você ia fazer isso assim mesmo — insistiu Zedd.

— Quando você me fez Seeker, aceitou o que é ruim e o que é bom. É uma responsabilidade nova para mim. Acho difícil ver um amigo com problemas e não ajudar. Sei que não posso mais me dar a esse luxo. Considere-me advertido.

Zedd sorriu.

— Bem, essa parte foi bem. — Ficou calado por algum tempo e seu sorriso desapareceu. — Mas, Richard, o caso é maior do que isso. Você tem de compreender que, como Seeker, pode causar a morte de pessoas inocentes. Para deter Rahl, precisa ignorar as pessoas que podiam ser salvas com sua ajuda. Um soldado no campo de batalha sabe disso. Se ele parar para ajudar um companheiro, pode ser ferido nas costas por uma espada e, desse modo, se ele quiser vencer, deve continuar lutando, apesar dos pedidos de socorro dos companheiros. Você deve poder fazer isso para vencer, pode ser o único meio. Deve ficar insensível para conseguir. Esta é uma luta pela sobrevivência e nesta batalha os que pedem socorro provavelmente não serão soldados, mas inocentes.

Darken Rahl matará qualquer um para vencer. Os que lutam ao lado dele farão o mesmo. Você precisa também fazer isso. Goste ou não, o agressor faz as regras. Você deve agir de acordo com elas, do contrário na certa morrerá.

— Como alguém pode lutar ao lado dele? Darken Rahl quer dominar todos, quer ser o dono de tudo. Como podem lutar ao lado dele?

O mago se recostou na rocha e olhou para as montanhas, como se estivesse vendo mais do que havia nelas. Disse tristemente:

— Porque, Richard, muitas pessoas precisam ser dominadas para progredir. No seu egoísmo e na sua ganância, elas vêem as pessoas livres como opressoras. Querem um líder que corte as plantas mais altas, para que o sol possa chegar até elas. Para essas pessoas, nenhuma planta deve ser mais alta do que a mais baixa e, desse modo, todas podem ter a luz. Preferem seguir uma luz, independentemente do combustível usado, a acender uma vela.

— Alguns deles pensam que, quando Rahl vencer, ele sorrirá para eles e os recompensará, por isso são tão cruéis quanto ele, para conseguir-lhe as graças. Alguns simplesmente são cegos para a verdade e lutam pelas mentiras que ouvem. E alguns, quando a luz orientadora é acesa, descobrem que estão presos com grilhões, mas é tarde demais. — Zedd alisou as mangas do seu manto e suspirou.

— Sempre houve guerras, Richard. Cada guerra é uma luta assassina entre inimigos. Porém, nenhum exército jamais marchou para a batalha pensando que o Criador está do lado do inimigo,

Richard balançou a cabeça: — Não tem sentido.

— Tenho certeza de que os seguidores de Rahl pensam que somos monstros sedentos de sangue, capazes de qualquer coisa. Devem ter ouvido longas histórias da crueldade e da brutalidade do inimigo. Tenho certeza também de que nenhum deles sabe muita coisa sobre Darken Rahl. — O mago franziu a testa, seus olhos inteligentes muito vivos. — Pode ser uma perversão da lógica, mas nem por isso menos ameaçadora ou letal. Os seguidores de Darken Rahl só precisam nos esmagar, não precisam compreender nada mais. Mas, para vencer um inimigo mais forte, é preciso usar a cabeça.

Richard passou a mão no cabelo.

— Isso me deixa encurralado num espaço muito pequeno. Talvez tenha de provocar a morte de inocentes, mas não posso matar Darken Rahl.

Zedd olhou para ele.

— Não. Eu nunca disse que você não pode matar Darken Rahl. Eu disse que não pode usar a espada para matá-lo.

Richard olhou com atenção para o velho amigo, o luar iluminando fracamente o rosto angular de Zedd. Fagulhas de pensamento se acendiam no seu espírito sombrio.

— Zedd — perguntou ele, em voz baixa —, você teve de fazer isso? Já teve de deixar morrer pessoas inocentes?

Zedd respondeu, com expressão dura e pensativa: — Na última guerra, e outra vez, agora, enquanto estamos falando. Kahlan me disse que Rahl mata as pessoas para conseguir saber meu nome. Ninguém sabe, mas ele continua a matar, na esperança de que no fim alguém possa dizer. Eu podia me entregar para ele para parar a matança, mas então não poderia ajudar a derrotá-lo e muitos mais morreriam. É uma escolha dolorosa: deixar que alguns morram horrivelmente ou deixar que muitos mais morram do mesmo modo.

— Eu sinto muito, meu amigo. — Richard apertou mais a capa contra o corpo, gelado de fora para dentro e de dentro para fora. Olhou para a paisagem quieta, depois outra vez para Zedd. — Eu conheci o fogo-fátuo Shar, antes de ele morrer. Ele deu a vida para ajudar Kahlan a chegar aqui, para que outros possam viver. Kahlan também carrega o peso de deixar que outros morram.

— Sim — disse Zedd, suavemente. — Sinto um aperto no coração quando penso nas coisas que os olhos de Kahlan viram. E no que seus olhos talvez verão.

— Faz com que meu problema sobre nós dois pareça muito pequeno.

Zedd disse, gentil e compassivamente: — Mas nem por isso dói menos.

Richard examinou outra vez a paisagem.

— Zedd, mais uma coisa. Antes de chegarmos à sua casa, ofereci certa maçã para Kahlan.

Zedd riu, surpreso.

— Você ofereceu uma fruta vermelha a uma pessoa de Midlands? É o mesmo que uma ameaça, meu jovem. Em Midlands, qualquer fruta vermelha é um veneno mortal.

— Sim, eu sei disso agora, mas não sabia quando a ofereci.

Zedd se inclinou para a frente e ergueu uma sobrancelha.

— O que ela disse?

Richard olhou para ele.

— Não foi o que ela disse, mas sim o que fez. Ela me agarrou pelo pescoço. Por um momento, vi nos seus olhos que Kahlan ia me matar. Não sei como, mas tenho certeza de que era o que ia fazer. Ela hesitou o tempo suficiente para que eu pudesse explicar. O caso é que Kahlan era minha amiga e muitas vezes salvou minha vida, mas naquele momento ela ia me matar. — Richard fez uma pausa. — Isso é parte do que você estava dizendo, não é?

Com um longo suspiro, Zedd assentiu: — Sim. Richard, se você suspeitasse de que eu era um traidor, não tivesse certeza, apenas suspeitasse, sabendo que, se fosse verdade, nossa causa estaria perdida, poderia me matar? Se não tivesse tempo nem meios para descobrir a verdade, somente acreditasse que eu era um traidor, e só você soubesse, podia me matar imediatamente? Poderia me atacar a mim, seu velho amigo, com intenção de matar? Com violência suficiente para fazer o trabalho?

O olhar de Zedd parecia queimá-lo. Richard ficou atônito.

— Eu... eu não sei.

— Pois acho melhor saber que o faria, do contrário não ia poder continuar a perseguir Rahl. Não teria a determinação necessária para viver, para vencer. Você talvez tenha de tomar decisões de vida ou morte imediatamente. Kahlan sabe disso, ela conhece as conseqüências se falhar. Ela tem a determinação.

— Contudo, ela hesitou. Pelo que você diz, ela cometeu um erro. Eu podia dominá-la. Ela devia ter me matado antes que eu tivesse oportunidade de fazer isso. — Richard franziu a testa. — E estaria errada.

Zedd balançou a cabeça lentamente.

— Não se lisonjeie, Richard. Ela estava com as mãos no seu pescoço. Qualquer coisa que você fizesse não poderia ser feita a tempo. Tudo de que ela precisava era pensar. Kahlan estava no controle e podia se dar ao luxo de permitir que você se explicasse. Ela não cometeu erro algum.

Um pouco abalado, Richard ainda não estava convencido.

— Mas você não estaria na mesma situação, não poderia ser um traidor, bem como eu jamais faria mal a ela. Não vejo a lógica.

— A lógica é que, embora eu não seja um traidor, se você desconfiar que sou, deve estar preparado para agir. Precisa ter a força de fazer isso, se necessário. A lógica é que, mesmo Kahlan sabendo que você é um amigo e não faria mal a ela, quando pensou que estava tentando matá-la, estava preparada para agir. Se você não a tivesse feito acreditar em você imediatamente, ela o mataria.

Richard ficou em silêncio por alguns momentos, olhando para o amigo.

— Zedd, se fosse o inverso, se você pensasse que eu sou um perigo para a nossa causa, você sabe, poderia...

O mago franziu a testa e, sem o menor sinal de emoção, disse:
— Num piscar de olhos.

A resposta chocou Richard, mas ele compreendeu, embora o cenário fosse absurdo. Qualquer coisa que não fosse um compromisso total podia significar fracasso para eles. Se fracassassem, Rahl não seria misericordioso. Eles morreriam. Era simples assim.

— Ainda quer ser Seeker? — perguntou Zedd.

Richard olhou para longe.

— Quero.

— Com medo?

— Morrendo de medo.

Zedd bateu de leve no joelho dele.

— Ótimo. Eu também. Eu me preocuparia se não estivéssemos com medo.

O Seeker olhou friamente para o mago.

— Pretendo deixar Darken Rahl morrendo de medo também.

Zedd sorriu: — Você será um bom Seeker, meu jovem. Tenha fé.

Richard estremeceu mentalmente à idéia de Kahlan matá-lo só por ele lhe ter oferecido uma fruta vermelha.

— Zedd — perguntou ele, intrigado —, por que todas as frutas vermelhas em Midlands são mortalmente venenosas? Isso é natural?

O mago balançou a cabeça tristemente.

— Porque, Richard, as crianças adoram frutas vermelhas.

Richard ficou mais intrigado.

— Isso não tem sentido.

Zedd olhou para baixo, passando o dedo na terra por um momento.

— Foi mais ou menos nesta época do ano, durante a última guerra. A colheita estava feita. Descobri certa magia feita por magos há muito tempo. Uma coisa como as caixas de Orden. Era uma magia venenosa, de cor específica e só podia lançar um encantamento. Eu não sabia ao certo como era usada, mas sabia que era perigosa. — Zedd respirou profundamente e pôs as mãos no colo. — Panis Rahl a encontrou e descobriu um meio de fazer funcionar. Ele sabia que as crianças gostavam de frutas e que—ria desfechar um golpe no nosso coração. Usou a magia para envenenar todas as frutas vermelhas. É mais ou menos como o veneno da trepadeira serpente. Lento, a princípio. Levamos longo tempo para perceber o que provocava a febre e a morte, Panis Rahl deliberadamente escolheu algo de que podia ter certeza — crianças e não apenas adultos comeriam as frutas. — Com voz quase inaudível, ele continuou, olhando para a escuridão: — Muita gente morreu. Muitas crianças.

Richard estava atônito.

— Se foi você quem encontrou a magia, como foi parar nas mãos de Panis Rahl?

O olhar de Zedd seria capaz de gelar um dia de verão.

— Eu estava treinando um jovem aluno. Certo dia, eu o surpreendi brincando com uma coisa proibida. Eu tinha dúvidas sobre ele. Sabia que alguma coisa estava errada, mas gostava muito dele e não dei ouvidos às minhas suspeitas. Resolvi deixar para

pensar à noite. Na manhã seguinte, ele fora embora e também a magia construída que eu havia encontrado. Ele era um espião de Panis Rahl. Se eu tivesse agido quando devia e o tivesse matado, toda aquela gente, todas aquelas crianças não teriam morrido.

Richard engoliu em seco.

— Zedd, você não podia saber.

Pensou que o velho amigo ia gritar, ou chorar, ou ir embora furioso, mas Zedd apenas deu de ombros.

— Aprenda com meu erro, Richard. Se você aprender, então todas aquelas vidas não terão sido sacrificadas em vão. Talvez essa história seja uma lição que ajudará a salvar todos do que Darken Rahl pretende fazer se vencer.

Richard esfregou os braços, tentando se aquecer.

— Por que as frutas vermelhas não são venenosas em Westland?

— Toda magia tem limites. Essa tinha um limite de distância do local em que era usada. Estendia-se até a fronteira entre Westland e Midlands. A fronteira não podia ser erigida onde estava o veneno, do contrário Westland teria magia também.

No silêncio frio e escuro, Richard pensou por algum tempo. Finalmente, perguntou: — Há algum modo de eliminar a magia? Fazer com que as frutas vermelhas deixem de ser venenosas?

Zedd sorriu. Richard estranhou aquele sorriso, mas gostou de ver.

— Está pensando como um mago, meu jovem. Pensando em desfazer a magia. — Pensativo, olhou outra vez para a noite. — Deve haver um meio de retirar o encantamento. Eu teria de estudar e ver o que pode ser feito. Se derrotarmos Darken Rahl, pretendo me dedicar a isso.

— Ótimo. — Richard fechou mais a capa. — Todos deviam poder comer maçã quando têm vontade. Especialmente as crianças. — Olhou para o mago. — Zedd, prometo que não vou esquecer essa lição. Não o desapontarei. Não deixarei que todas aquelas pessoas que morreram sejam esquecidas.

Zedd sorriu e passou a mão afetuosamente no braço de Richard.

Os dois amigos ficaram em silêncio, partilhando a quietude da noite e da compreensão mútua, pensando no que não podiam saber: o que viria em seguida.

Richard pensou no que precisava ser feito sobre Panis Rahl e Darken Rahl. Pensou em como tudo parecia desanimador. Pense na solução — ele se disse —, não no problema. Você é o Seeker.

— Quero que você faça uma coisa, mago. Acho que está na hora de desaparecermos. Rahl nos segue há muito tempo. O que você pode fazer com aquela nuvem?

— Acho que tem razão. Eu só queria saber como está ligada a você para poder desligá-la, mas ainda não descobri. Portanto, tenho de fazer outra coisa. — Pensativamente levou a mão ao lado do queixo. — Choveu ou o céu esteve nublado desde que ela o está seguindo?

Richard tentou se lembrar de todos os dias. A maior parte do tempo passara pensando na morte do pai. Parecia tanto tempo...

— Na noite anterior à que eu encontrei a trepadeira serpente, choveu no Ven, mas quando cheguei lá o céu tinha clareado. Não, não choveu. Não me lembro de ter visto o céu nublado desde a morte do meu pai. Pelo menos, nada mais do que algumas nuvens altas e finas. O que significa isso?

— Bem, significa que acho que há um meio de enganar a nuvem, mesmo que eu não possa desligá-la. Uma vez que o céu esteve claro todo esse tempo, quer dizer que provavelmente é obra de Rahl. Ele moveu as outras nuvens para longe, para melhor localizar essa. Simples, mas eficiente.

— Como ele pôde levar as nuvens para longe?

— Ele lançou um encanto nessa para repelir as outras nuvens e de algum modo a ligou a você.

— Então por que você não lança um encantamento mais forte nela para atrair as outras nuvens? Antes que ele se dê conta, ela estará perdida e Rahl não poderá encontrá-la para tentar superar sua magia. Se ele usar magia mais forte para afastar as outras nuvens dessa, não vai saber o que você fez e o forte encantamento que move as nuvens para longe quebrará o elo que tem comigo.

Zedd olhou para ele incrédulo.

— Maldição, Richard, você pegou a coisa direitinho! Meu jovem, acho que você daria um excelente mago.

— Não, obrigado, já tenho um emprego impossível.

Zedd recuou um pouco, com a testa franzida, mas não disse nada. Tirou do bolso uma pedra e a jogou no chão, na frente deles. Ficou de pé e com os dedos traçou um círculo acima da pequena pedra até que, de repente, ela estalou e se transformou em uma pedra grande.

— Zedd, essa é a sua pedra da nuvem!

— Na verdade, meu jovem, é uma pedra de mago. Foi presente do meu pai há muito tempo.

Os dedos do mago moveram-se cada vez mais depressa até uma luz aparecer, com fagulhas e cores, girando no ar. Ele continuou o movimento, misturando e combinando a luz. Tudo era silêncio, mas sentia-se no ar o cheiro agradável de chuva de primavera. Finalmente, o mago pareceu satisfeito.

— Suba na rocha, meu jovem.

Inseguro no princípio, Richard subiu na luz. Sentiu um formigamento e calor na pele como se estivesse deitado ao sol de verão, sem roupa, depois de nadar. Entregou-se ao calor morno com uma sensação de segurança. Suas mãos flutuaram para os lados até ficarem na horizontal. Inclinou a cabeça para trás e respirou profundamente. Era maravilhoso, como boiar na água, só que ele estava flutuando na luz. Sentia uma satisfação completa. Sua mente flutuava conectada com tudo a sua volta. Ele era as árvores, a relva, os insetos, os pássaros, os animais, a água, o próprio ar, não um ser separado, mas parte do todo. Compreendia as conexões de tudo de um novo modo, se via sem importância e poderoso ao mesmo tempo. Era uma sensação maravilhosa. Subiu ao ar num pássaro que revoava no alto, viu o mundo através dos olhos dele, caçou com ele, faminto, procurando camundongos, viu a fogueira do acampamento, as pessoas dormindo.

Richard deixou sua identidade se espalhar ao vento. Era um e era todos, sentia o calor das suas necessidades, o cheiro do medo, aquecia-se na sua alegria, compreendia seus desejos e depois deixava que tudo derretesse no nada, até se formar um vazio onde

ele estava sozinho no universo, a única coisa viva, só ele existia. Então deixou a luz inundá-lo, a luz que trazia os outros que tinham usado a pedra: Zedd, o pai de Zedd e os magos antes deles, durante anos sem conta, milhares de anos, todos eles. Sua essência o inundou, compartilhava suas mentes e as lágrimas desceram por seu rosto com toda aquela maravilha.

Zedd estendeu as mãos para a frente, espalhando sua poeira mágica, que rodopiou em volta de Richard brilhante e fluida, até ele ficar no centro do vórtice. As fagulhas apertaram o círculo e se reuniram sobre seu peito. Com um tinido como um candelabro de cristal no vento, a poeira subiu para o céu como uma pipa, até alcançar a nuvem. A nuvem recebeu a poeira mágica e se iluminou de dentro para fora com cores ondulantes. Em todo o horizonte, relâmpagos lampejaram, titãs esgarçadas cortaram o céu em todas as direções, ansiosas, na expectativa.

De repente, os relâmpagos cessaram, a iluminação da nuvem diminuiu e desapareceu e a luz da tocha do mago recolheu-se até apagar. De repente, tudo ficou em silêncio. Richard estava ali outra vez, de pé em uma simples rocha. Olhou arregalado para o rosto sorridente de Zedd.

— Zedd — disse ele —, agora eu sei por que você está sempre subindo nesta rocha. Nunca em toda a minha vida senti nada igual. Eu não tinha idéia.

Zedd sorriu sabiamente.

— Meu jovem, você é dotado naturalmente. Estendeu os braços do modo certo, sua cabeça tinha a inclinação adequada e arqueou as costas como devia. Você se adaptou como um filhote de pato à água. Você tem todos os atributos de um ótimo mago. — Inclinou-se alegremente para Richard. — Agora imagine fazer isso sem roupa.

— Faz diferença? — perguntou Richard, atônito.

— É claro. A roupa interfere com a experiência. — Zedd pôs o braço em volta dos ombros de Richard. — Algum dia deixo você tentar.

— Zedd por que você me fez fazer isso? Não era necessário. Você mesmo podia ter feito.

— Como está se sentindo agora?

— Eu não sei. Diferente. Relaxado. Com a mente mais clara. Acho que não tão desanimado, não tão deprimido.

— Por essa razão eu o fiz fazer isso, meu amigo, porque você precisava. Teve uma noite difícil. Não posso mudar os problemas, mas posso fazer com que se sintam melhor.

— Obrigado, Zedd.

— Vá dormir um pouco. Agora é minha vez de vigiar. — Piscou para Richard. — Se algum dia mudar de idéia sobre ser um mago, terei orgulho em trazê-lo para a irmandade.

Zedd levantou a mão. Do escuro, o pedaço de queijo que ele tinha jogado fora flutuou de volta para ele.

CAPÍTULO 14



Chase parou o cavalo.

— Aqui. É um bom lugar para acampar.

Levou os três para fora da trilha, atravessando um longo trecho cheio de abetos há muito tempo mortos, os esqueletos cinza-prateados quase completamente nus, apenas com alguns galhos e minúsculos filetes de musgo verde opaco. O solo macio estava repleto de corpos decompostos de mariposas. A vegetação marrom de pântano, com as folhas em desordem por causa de tempestades passadas, parecia um mar de serpentes. Os cavalos andavam cautelosamente, escolhendo o caminho entre o emaranhado. O ar quente, pesado de umidade, cheirava a deterioração. Uma nuvem de mosquitos os acompanhava, as únicas coisas vivas que Richard via. Embora fosse um espaço aberto, era pouca a claridade que vinha do céu repleto de nuvens que pairavam opressivamente perto do solo. A névoa se arrastava entre os galhos secos das árvores ainda de pé, deixando-as molhadas e escorregadias.

Chase foi na frente, seguido por Zedd, depois Kahlan, com Richard na retaguarda, vigiando-os no caminho difícil. A visibilidade era limitada a menos de trinta metros e embora Chase não parecesse preocupado, Richard estava atento. Qualquer coisa podia se aproximar sorrateiramente sem que eles vissem. Os quatro davam palmadas nos mosquitos e, exceto por Zedd, mantinham as capas bem fechadas. Richard tinha ótima noção de direção, mas estava satisfeito por ser levado por Chase. Tudo no pântano era igual e ele sabia, por experiência, que era possível se perder facilmente.

Desde a noite anterior, quando subiu na rocha do mago, sentia menos pesada sua responsabilidade e maior a oportunidade de ser parte de algo que valia a pena. Não sentia menos o perigo, mas tinha a impressão de estar mais forte a necessidade de deter Rahl. Via sua parte no plano das coisas como uma chance de ajudar aqueles que não podiam lutar contra Darken Rahl. Sabia que não podia recuar. Isso seria seu fim e o de muitos outros.

Richard olhou para Kahlan, o corpo movendo-se de um lado para o outro, acompanhando o ritmo do passo do cavalo. Desejou poder levá-la a lugares que conhecia nos Bosques Hartland, lugares secretos de beleza e de paz, longe, nas montanhas, mostrar a ela a cachoeira com a caverna atrás, almoçar às margens de um pequeno lago na floresta, levá-la à cidade, comprar-lhe alguma coisa bonita, levá-la a um lugar onde estaria segura. Queria que ela pudesse sorrir sem ter de se preocupar a cada minuto com a possível aproximação do inimigo. Depois da noite anterior, Richard sentia que a primeira parte, sua fantasia de estar com ela, era apenas um desejo vazio.

Chase ergueu a mão, fazendo-os parar.

— Este é o lugar.

Richard olhou em volta. Estavam ainda no meio de um pântano infundável e seco. Não via qualquer fronteira. Tudo parecia o mesmo em todas as direções. Amarraram os cavalos em um tronco caído e seguiram Chase, a pé, até um pouco mais adiante.

— A fronteira — disse Chase, erguendo um braço e apontando.

— Não vejo nada — disse Richard.

Chase sorriu.

— Veja. — Continuou a andar lentamente com passo firme. À medida que se adiantava era envolto por uma luminosidade verde, no começo quase invisível. Ficou mais forte, mais clara até que, depois de uns vinte passos tornou-se um lençol de luz verde fechando-se cada vez mais em volta dele e ficando menos nítida a uns trinta centímetros dos lados e acima, crescendo a cada passo. Era como vidro verde, ondulado e distorcido, mas Richard podia ver as árvores mortas através dele. Chase parou e voltou. O lençol verde e depois a luminosidade enfraqueceram e desapareceram. Richard

sempre pensou que a fronteira fosse uma espécie de muro, uma coisa que podia ser vista.

— É isso? — disse Richard, um pouco desapontado.

— O que mais você quer? Agora, veja isto. — Chase procurou no chão alguns galhos mais fortes. A maioria estava apodrecida e se quebrou com facilidade. Finalmente encontrou um, com cerca de quatro metros de comprimento. Ele o levou para a luz, até chegar ao lençol verde. Segurando o galho pelo lado mais grosso, ele o passou pela parede de luz. A quase dois metros de distância, a ponta do galho desapareceu como se o tivessem empurrado para a frente, até Chase segurar o que parecia um graveto de um metro e não um galho de quatro metros. Richard ficou atônito. Podia ver através do muro, mas não a outra extremidade do graveto. Não parecia possível.

Assim que Chase o empurrou até onde era seguro, o graveto saltou violentamente. Não se ouviu qualquer som. Chase puxou o graveto e voltou para os outros. Mostrou para eles a ponta partida de um graveto de dois metros. A ponta estava coberta de baba.

— Sabujos do coração — disse ele, com um sorriso.

Zedd parecia entediado. Kahlan não achava nada divertido. Richard estava perplexo. Vendo que sua platéia era de uma única pessoa, Chase agarrou a camisa de Richard e o arrastou para um lado.

— Venha, vou mostrar como é. — Chase passou o braço direito pelo braço esquerdo de Richard e prosseguiram. — Vá devagar, ele avisou. Eu aviso quando tivermos chegado até onde é seguro. Não largue meu braço. — Continuaram a andar vagarosamente.

A luz verde apareceu. A cada passo se tornava mais intensa, mas era diferente da que envolvera Chase quando foi sozinho. Naquela vez, a luz apareceu nos lados e acima de Chase, mas agora estava em toda a parte. Ouvia-se um zumbido, como de um enxame de abelhas. A cada passo que davam o som ficava mais profundo, porém não mais alto. A luz ver também era mais escura, bem como o bosque em volta, como se a noite estivesse chegando. Então o lençol verde surgiu à frente deles, materializando-se do nada, com o

brilho verde em toda a parte. Richard mal podia ver o bosque. Olhou para trás e não viu Zedd e Kahlan.

— Calma agora — avisou Chase. Prosseguiram devagar, dentro da luz verde. Richard sentia a pressão no corpo todo.

Então todo o resto desapareceu, como se estivessem em uma caverna, à noite, com uma luminosidade verde em volta dos dois. Richard segurou com força o braço de Chase. O zumbido parecia vibrar dentro do seu peito.

Com o passo seguinte, o lençol verde mudou de repente.

— Chegamos ao limite — a voz de Chase ecoou. O muro era agora escuro e transparente, como se Richard estivesse olhando para um lago escuro no bosque. Chase ficou imóvel, olhando para ele.

Richard distinguia vultos no outro lado do muro, espectros flutuando no fundo.

Os mortos no seu covil.

Alguma coisa se moveu rapidamente mais perto deles.

— Os sabujos — disse Chase.

Richard teve uma estranha sensação de ansiedade. Desejo da escuridão. Então o zumbido não era apenas um som, mas sim vozes.

Vozes que murmuravam seu nome.

Milhares de vozes distantes o chamavam. Os vultos negros se juntavam, chamando seu nome, estendendo os braços para ele.

Richard de repente teve uma sensação de profunda solidão, sentiu a solidão da sua vida, de todas as vidas. Por que precisava sofrer quando eles o esperavam, de braços abertos? Nunca mais ficaria sozinho. Os vultos negros se aproximaram no escuro, chamando-o e ele começou a ver seus rostos. Era como se estivesse olhando para água turva. Eles chegaram mais perto. Ele queria atravessar aquela parede. Queria estar com eles.

Então viu seu pai.

O coração de Richard disparou. O pai o chamou com voz lamentosa. Estendeu os braços, tentando desesperadamente alcançar o filho. Ele estava muito perto, no outro lado da parede. O coração de Richard parecia prestes a se partir. Havia tanto tempo que não via o pai! Chama por ele, queria desesperadamente tocá-lo.

Nunca mais sentiria medo. Bastava alcançar seu pai. Então estaria seguro.

Seguro. Para sempre.

Richard tentou ir até o pai, tentou atravessar a parede. Alguma coisa segurou-lhe o braço. Irritado, ele tentou se livrar. Alguém o impedia de alcançar seu pai. Ele gritou para quem quer que fosse que o deixasse ir. Sua voz soou oca e vazia.

Então, sentiu-se sendo puxado para longe do pai.

A fúria cresceu dentro dele. Alguém tentava puxar seu braço. Richard estendeu a mão para a espada. Sua mão foi segura por um punho de ferro. Gritando, furioso, descontrolado, ele lutou para pegar a espada, mas as mãos grandes o seguraram com firmeza e o arrastaram para longe do pai. Richard continuou a lutar em vão.

A parede verde se ergueu de repente, substituindo a escuridão quando ele foi puxado para trás, por Chase, através da luz verde. O mundo voltou de repente. Estava outra vez no pântano seco e morto.

Richard voltou à realidade, chocado com o que quase tinha feito. Chase soltou sua mão que segurava a espada. Tremendo, Richard se apoiou no ombro dele, tentando recuperar o fôlego e os dois saíram da luz verde. Uma sensação de alívio o envolveu.

Chase se inclinou para ele, procurando ver seus olhos.

— Tudo bem?

Richard fez que sim com a cabeça, chocado demais para falar. Ver o pai trouxera de volta a dor devastadora da perda. Tinha de se concentrar somente em fazer voltar ao normal sua respiração, em ficar de pé. Sua garganta doía. Só então se deu conta de que estivera o tempo todo sufocado, sem perceber.

O terror se apossou de sua mente quando se lembrou do quanto estivera perto de atravessar a parede para a morte. Estava completamente despreparado para aquilo. Se Chase não estivesse ali, estaria morto. Tinha tentado se entregar ao mundo subterrâneo. Sentia como se não se conhecesse. Como podia ter desejado se entregar? Era assim tão fraco? Tão frágil?

Sua cabeça girava dolorosamente. Não podia livrar-se da visão do rosto do pai, do modo como ele o chamou, desesperado. Queria estar com ele. Seria tão fácil! A imagem o obcecava, se recusando a deixá-lo.

Ele não queria que ela se fosse, queria voltar para lá. Sentia como se estivesse sendo puxado, por mais que resistisse.

Kahlan esperava por eles quando saíram da luz verde. Passou o braço protetoramente pela cintura dele, fazendo-o soltar o braço de Chase. Com a outra mão, virou a cabeça de Richard para ela.

— Richard. Escute, pense em outra coisa qualquer. Concentre-se. Tem de pensar em outra coisa. Quero que se lembre de cada cruzamento em todas as trilhas de Hartland. Pode fazer isso para mim? Por favor? Faça isso agora. Lembre-se de todos eles.

Ele assentiu e começou a se lembrar das trilhas.

Kahlan se virou para Chase furiosa e o esbofeteou com toda a força.

— Seu miserável! — gritou ela. — Por que fez isso? — Esbofeteou outra vez o rosto dele, com mais força, com o cabelo quase cobrindo o rosto. Chase não tentou detê-la. — Você fez de propósito! Como pôde fazer isso! — Ergueu a mão pela terceira vez, mas Chase segurou o pulso dela.

— Quer que eu diga ou prefere continuar batendo em mim?

Ela livrou a mão, olhando furiosa para ele. O cabelo estava preso de um lado, atravessando o rosto.

— Passar por Porto do Rei é perigoso. Não é um caminho reto, mas sinuoso. Em alguns trechos, é muito estreito, os dois muros da fronteira quase se tocam. Um passo a mais para qualquer lado e você está perdida. Você atravessou a fronteira, Zedd também. Vocês compreendem. Não se pode ver até começar a entrar, antes disso não sabemos que está ali. Eu sei, porque passei minha vida ali. É mais perigoso agora porque a fronteira está desmoronando e fica mais fácil entrar. Quando chegarmos à paisagem, se alguma coisa começar a persegui-la, Richard pode passar para o outro lado sem perceber.

— Não é desculpa! Você podia ter avisado Richard!

— Nunca vi uma criança que tivesse respeito pelo fogo até ser queimada pelo menos uma vez. Não adianta falar. Se Richard não soubesse como é antes de chegarmos a Porto do Rei, ele não chegaria ao fim da passagem. Eu o levei de propósito. Para mostrar. Para mantê-lo vivo.

— Podia ter contado a ele!

Chase balançou a cabeça.

— Não. Ele precisava ver.

— Chega! — disse Richard, finalmente com a cabeça clara. Todos se viraram para ele. — Ainda está para chegar o dia em que um de vocês três não me faça morrei de medo. Mas sei que todos fazem isso para o meu bem. Neste momento, tenho de me preocupar com coisas mais importantes. Chase, como sabe que a fronteira está se desfazendo? O que está diferente?

— A parede está se partindo. Antes, não se podia ver o escuro através do verde. Não se podia ver nada do outro lado.

— Chase tem razão — disse Zedd. — Eu podia ver daqui.

— Em quanto tempo ela estará desmoronada? — perguntou Richard ao mago.

Zedd deu de ombros.

— É difícil dizer.

— Então adivinhe! — disse Richard. — Dê uma idéia. Seu melhor palpite.

— Pelo menos duas semanas. Mas não mais de seis ou sete.

Richard pensou por um minuto.

— Pode usar sua magia para reforçá-la?

— Não tenho esse poder.

— Chase, acha que Rahl está a par da existência de Porto do Rei?

— Como posso saber?

— Muito bem, alguém já atravessou a passagem?

Chase pensou na pergunta.

— Não que eu saiba.

— Eu duvido — acrescentou Zedd. — Rahl pode viajar pelo mundo subterrâneo, não precisa da passagem. Ele está demolindo a fronteira, não acredito que se importe com um pequeno desfiladeiro.

— Importar-se é diferente de conhecer — disse Richard. — Acho que não devíamos estar parados aqui e me preocupa a idéia de que ele saiba para onde estamos indo.

Kahlan afastou o cabelo do rosto.

— Como assim?

Richard olhou para ela.

— Você pensa que viu sua mãe e sua irmã quando estava dentro da fronteira?

— Eu pensei que fosse. Você acha que não?

— Não acho que aquele fosse meu pai. — Olhou para o mago.
— O que você acha?

— É impossível dizer. Ninguém sabe realmente muita coisa sobre o mundo subterrâneo.

— Darken Rahl sabe — disse Richard, amargamente. — Não acredito que meu pai me quisesse daquele modo. Mas sei que Rahl quer, portanto, a despeito do que meus olhos viram, o mais provável é que fossem os discípulos de Darken Rahl tentando me atrair. Você disse que não podemos atravessar a fronteira porque eles estão à nossa espera para nos pegar. Acho que foi o que eu vi, seus seguidores do mundo subterrâneo. E eles sabem onde eu toquei na parede. Se estou certo, isso significa que Rahl logo saberá onde estamos. Não quero ficar aqui para verificar se estou certo.

— Richard tem razão — disse Chase. — E temos de chegar ao Pântano Skow antes do cair da noite, antes de os sabujos do coração saírem da fronteira. É o único lugar seguro daqui até Southaven. Chegaremos a Southaven amanhã antes da noite e lá estaremos livres dos sabujos. No dia seguinte, visitaremos uma amiga minha, Adie, a mulher do osso. Ela mora perto da passagem. Precisaremos da sua ajuda para atravessar o desfiladeiro. Mas, esta noite, nossa única chance é o pântano.

Richard ia perguntar o que era uma mulher do osso e por que precisavam dela para atravessar, quando um vulto escuro mergulhou do ar atacando Chase com tanta violência que o atirou contra várias árvores caídas. Com velocidade espantosa, o vulto negro se enrolou nas pernas de Kahlan, como um chicote, erguendo-a do chão. Ela

gritou chamando Richard e ele se lançou para ela. Segurando um no pulso do outro, foram carregados na direção da fronteira.

Os dedos de Zedd lançaram fogo sobre as cabeças deles. O fogo chiou e desapareceu. Outro tentáculo negro enlaçou o mago velozmente, atirando-o para longe. Richard enganchou o pé em um tronco. Apodrecido, o tronco se partiu. Ele girou o corpo, tentando firmar os calcanhares no chão. Suas botas escorregaram no mato molhado do pântano. Ele enfiou os calcanhares no solo mas não teve força para evitar que os dois fossem arrastados. Ele precisava libertar as mãos.

— Passe os braços em volta da minha cintura — gritou ele.

Kahlan obedeceu e segurou com força. A coisa negra sinuosa enrolada em suas pernas ondulou, segurando com mais força. Kahlan gritou. Richard desembainhou a espada, enchendo o ar com o tilintar sonoro.

A luz verde começou a brilhar em volta deles, que começaram a ser arrastados para dentro dela.

A fúria o dominou. O que Richard mais temia estava acontecendo, alguma coisa tentava levar Kahlan. A luz verde ficou mais clara. Arrastado no chão, ele não podia alcançar a coisa que os puxava. Kahlan segurava firme na sua cintura, as pernas dela estavam muito longe e a coisa que as segurava mais longe ainda.

— Kahlan, solte-me!

Apavorada demais, Kahlan apertou mais a cintura dele, ofegando desesperadamente de dor. O lençol verde se ergueu enquanto eles eram arrastados para dentro dele. O zumbido soava alto nos seus ouvidos.

— Solte-me! — gritou ele outra vez.

Tentou tirar as mãos dela da sua cintura. As árvores do pântano começaram a desaparecer na escuridão. Richard sentia a pressão da parede verde. Não podia acreditar na força com que Kahlan o segurava. De costas, arrastado pelo chão, tentou alcançar as mãos dela, mas não conseguiu. Sua única chance era se levantar.

— Kahlan, você tem de me soltar ou estamos mortos! Não deixarei que eles a levem! Confie em mim. Largue! — Richard não

sabia se estava dizendo a verdade, mas tinha certeza de que era sua chance.

Kahlan, com a cabeça apertada contra o estômago de Richard, olhou para ele, com o rosto contorcido de dor enquanto a coisa negra a apertava. Com um grito, ela soltou as mãos.

Imediatamente Richard ficou de pé. Quando se levantou de um salto, a parede escura se materializou na sua frente. Seu pai estendeu os braços. Richard liberou toda a raiva, brandindo a espada com toda a força que tinha. A lâmina atravessou a barreira, atravessou a coisa que ele sabia que não era seu pai. O vulto escuro gritou e explodiu numa nuvem de nada.

Os pés de Kahlan estavam na parede, a coisa negra enrolada firmemente nas suas pernas, apertando e puxando. Richard ergueu a espada. A necessidade de matar o dominou.

— Richard, não! É minha irmã!

Ele sabia que não era, assim como o outro vulto não era seu pai. Entregou-se por completo à necessidade ardente e desferiu o golpe. Outra vez a espada atravessou a parede, atingindo a coisa repulsiva que segurava Kahlan. Numa confusão de flashes, gritos sobrenaturais e gemidos agudos, as pernas de Kahlan foram soltas e ela caiu de bruços no chão.

Sem olhar para ver o que mais estava acontecendo, Richard pôs o braço debaixo da cintura dela e a ergueu num único movimento. Segurou Kahlan junto a ele e recuou com a espada erguida contra a parede, atento a qualquer movimento, a qualquer agressão. Eles saíram da luz verde.

Richard continuou a andar até ter certeza de estar livre e chegou além de onde estavam os cavalos. Quando finalmente parou e a soltou, Kahlan se voltou e o abraçou, tremendo. Com esforço, Richard tentou dominar a raiva que o mandava voltar e atacar. Sabia que precisava embainhar a espada para amenizar aquela raiva, aquela necessidade, mas não ousava ainda.

— Os outros onde estão? — perguntou ela em pânico. — Temos de encontrá-los.

Kahlan se afastou dele e começou a correr para a fronteira. Richard a segurou pelo pulso, quase a erguendo do chão.

— Fique aqui! — gritou ele muito mais zangado do que precisava, empurrando-a para baixo.

Richard encontrou Zedd inconsciente. Quando se inclinou para o velho homem, alguma coisa lhe passou rapidamente por cima da cabeça. A sua fúria explodiu. Richard virou-se com a espada em riste e cortou ao meio o vulto negro. Um dos pedaços rolou, gritando estridentemente para dentro da fronteira e a outra parte se evaporou no ar. Richard ergueu Zedd só com um braço, pôs o mago no ombro como um saco de cereais e o levou para Kahlan, deitando-o cuidadosamente no chão. Ela pôs a cabeça do mago no colo e examinou os ferimentos. Richard voltou correndo, meio agachado, mas o ataque esperado não aconteceu. Ele queria que tivesse acontecido, estava ansioso por uma luta, sedento para atacar. Encontrou Chase com parte do corpo preso debaixo de um tronco caído. Richard segurou a cota de malha e o tirou dali. O sangue escorria de um ferimento no lado da cabeça de Chase. O ferimento estava cheio de folhas e terra.

A mente de Richard disparou, tentando imaginar o que devia fazer. Não podia levantar Chase só com um braço e não queria largar a espada. Sabia que não queria pedir a ajuda de Kahlan, queria que ela ficasse longe de tudo aquilo. Segurou com força a túnica de couro do guarda e começou a arrastá-lo. O mato escorregadio do pântano facilitava de certo modo, mas mesmo assim era difícil, porque ele tinha de desviar de várias árvores caídas. Surpreendentemente, nada o atacou. Talvez ele tivesse ferido gravemente ou até mesmo matado a coisa. Imaginou se era possível matar algo que já estava morto. A espada tinha magia. Richard não sabia do que ela era capaz. Não tinha certeza de que as coisas na fronteira estavam mortas. Finalmente chegou onde Kahlan estava com Zedd e arrastou Chase para perto dela. O mago continuava inconsciente. Kahlan estava pálida e preocupada.

— O que vamos fazer?

Richard olhou em volta.

— Não podemos ficar aqui e não podemos deixá-los. Vamos pôr os dois nos cavalos e sair daqui. Trataremos dos ferimentos quando estivermos a uma distância segura.

Olhando para todos os lados, Richard embainhou a espada e ergueu Zedd para a sela. Chase foi mais difícil. Ele era grande e todas as suas armas, pesadas. O sangue continuava a sair do lado da cabeça dele, empapando-lhe o cabelo e o movimento de erguê-lo para a sela aumentou a hemorragia. Richard resolveu que o ferimento tinha de ser tratado imediatamente. Tirou da mochila um líquido feito com folha de aum e uma tira de pano. Fez uma compressa sobre o ferimento e Kahlan passou a atadura em volta da cabeça de Chase. O pano ficou cheio de sangue quase imediatamente, mas Richard sabia que em pouco tempo o aum deteria a hemorragia.

Richard ajudou Kahlan a montar. Sabia que a dor nas pernas era mais forte do que ela queria admitir. Deu a ela as rédeas do cavalo de Zedd, montou e segurou as do cavalo de Chase. Então procurou se orientar cuidadosamente. Sabia que não seria fácil encontrar a trilha, a neblina se adensava, a visibilidade era cada vez menor. Parecia que fantasmas os vigiavam nas sombras. Richard não sabia se devia ir na frente ou atrás de Kahlan, nem qual o melhor modo de protegê-la, por isso seguiu ao lado dela. Zedd e Chase não estavam amarrados e podiam facilmente escorregar das selas, por isso tinham de ir devagar. Os abetos mortos pareciam todos iguais e eles não podiam seguir em linha reta porque tinham de fazer a volta nas árvores mortas. Richard dava palmadas nos mosquitos que tentavam entrar na sua boca.

O céu era igual em toda parte, cinza escuro. Não era possível saber onde estava o sol para se orientar. Depois de algum tempo, Richard não tinha certeza de estar no caminho certo, tinha a impressão de que já deviam ter chegado à trilha. Procurou se orientar por algumas árvores tomando-as como pontos de referência e, quando chegavam a uma delas, procurava outra mais adiante, esperando que estivessem seguindo uma linha reta. Para fazer isso, tinha de alinhar pelo menos três árvores a fim de garantir a direção, mas não era possível, por causa da névoa.

Não tinha certeza de não estar caminhando em círculos. Mesmo que estivesse seguindo em linha reta, não sabia se estava indo para a trilha.

— Tem certeza de que estamos no caminho certo? — perguntou Kahlan. — Tudo parece igual.

— Não. Mas pelo menos não encontramos a fronteira.

— Você acha que devemos parar e cuidar deles?

— Não é seguro. Ao que eu sei, podemos estar a três metros da fronteira.

Kahlan olhou em volta, preocupada. Richard pensou em fazer Kahlan esperar com os outros dois e seguir em frente à procura da trilha, mas descartou a idéia. Temia não conseguir encontrá-la outra vez. Tinham de ficar juntos. Ele começou a imaginar o que fariam se não encontrassem o caminho para fora dali antes do anoitecer. Como podiam se proteger dos sabujos do coração? Se fossem muitos, nem a espada poderia detê-los. Chase tinha dito que precisavam chegar ao pântano antes da noite. Não disse por quê, nem como o pântano podia protegê-los. A vegetação marrom do pântano era como um vasto oceano, com grupos de árvores grandes.

Um carvalho apareceu à esquerda, depois outros, alguns com folhas verde-escuras, brilhantes, molhadas pela névoa. Não tinham entrado por ali. Richard os levou um pouco para a direita, seguindo a margem do pântano morto, esperando estar indo de volta para a trilha.

Sombras os vigiavam atrás dos arbustos, entre os carvalhos. Richard disse a si mesmo que sua imaginação fazia com que as sombras parecessem ter olhos. Não havia vento, qualquer movimento, qualquer som. Ficou irritado por estar perdido. Ele era um guia, perder-se era indesculpável.

Richard suspirou aliviado quando finalmente viu a trilha. Desmontaram rapidamente e examinaram os dois feridos. Zedd continuava na mesma, mas o ferimento de Chase não sangrava mais. Richard não tinha idéia do que fazer com eles. Não sabia se a inconsciência era devida a um golpe recebido ou obra de magia da fronteira. Kahlan também não sabia.

— O que acha que devemos fazer? — perguntou ela.

Richard tentou não demonstrar sua preocupação.

— Chase disse que devemos ir para o pântano, do contrário seremos atacados pelos sabujos. Não vai adiantar nada pararmos aqui para atendê-los e eles acordarem; os sabujos podem vir. Temos duas opções, deixá-los aqui ou levá-los conosco. De modo algum os deixarei. Vamos amarrar os dois nas selas e partir para o pântano.

Kahlan concordou. Rapidamente amarraram os amigos nas selas. Richard mudou o curativo de Chase e limpou um pouco o ferimento. A névoa se transformou em garoa. Ele procurou os cobertores nas mochilas, tirou-os dos envelopes encerados, cobriu com eles os amigos e pôs o encerado por cima, passando uma corda em cada um.

Quando terminaram, Kahlan inesperadamente o abraçou com força por um momento, afastando-se antes que Richard tivesse tempo de retribuir o gesto.

— Obrigada por me salvar — disse ela suavemente. — A fronteira me apavora. — Olhou timidamente para ele. — E se ousar lembrar que eu disse para não procurar me salvar, eu mato você. — Ela sorriu.

— Nem uma palavra. Prometo.

Richard sorriu também e puxou o capuz da capa para a cabeça dela, protegendo o cabelo da chuva. Puxou seu próprio capuz também e seguiram pela estrada.

O bosque estava deserto. A chuva pingava do emaranhado de galhos acima deles. Galhos chegavam até o meio da trilha como garras procurando prender cavalos e cavaleiros. Apesar de conduzidos por eles, os cavalos trotavam cautelosamente no centro da trilha, virando a cabeça para um lado e para o outro, com as orelhas empinadas, como para ouvir as sombras. A mata era tão densa dos dois lados que de modo nenhum poderiam fugir para o meio das árvores se fosse preciso. Kahlan aconchegou mais a capa. Era continuar ou voltar. E não havia como voltar. Cavalgaram até o cair da noite.

Quando a morte do dia começou a roubar a luz cinzenta do céu, ainda não tinham chegado ao pântano e não tinham idéia de quanto faltava para chegar. Ao longe, do meio da mata cerrada, ouviram uivos. Prenderam a respiração.

Os sabujos do coração estavam chegando.

CAPÍTULO 15



Os cavalos não precisaram de encorajamento para correr. Voaram pela estrada a toda a velocidade, sem que os cavaleiros tentassem detê-los, energizados pelos uivos dos sabujos. Água e lama espirravam das suas patas, a chuva lhes escorria das costas e lama lhes cobria as barrigas e as pernas. Quando os sabujos gritavam, os cavalos relinchavam de medo.

Richard fez Kahlan seguir na frente, para ficar entre ela e os perseguidores. Os sons dos sabujos eram ainda distantes, vindos do lado da fronteira, mas ele sabia que era uma questão de tempo até serem alcançados. Se pudessem virar para a direita, afastando-se da fronteira, havia uma chance de fuga, mas a mata era espessa e impenetrável. Mesmo que achassem uma abertura, teriam de seguir devagar, seria morte certa se tentassem. A única chance era continuar na estrada e chegar ao pântano antes de serem alcançados. Richard não sabia quanto faltava, só sabia que tinham de chegar.

As cores do dia transformavam-se num cinza sombrio à medida que a noite avançava. A chuva batia no seu rosto com gotas pequenas e frias aquecidas pelo suor e descia pelo pescoço. Richard via os dois amigos saltarem e sacudirem nas selas, esperando que estivessem bem amarrados, esperando que não estivessem gravemente feridos, esperando que logo recobrassem a consciência. A corrida não podia fazer bem a eles. Kahlan não olhava para trás. Atenta ao que fazia, seguia no galope com a cabeça abaixada.

A estrada cheia de curvas serpenteava entre os carvalhos impossivelmente deformados e as formações rochosas. As árvores mortas eram agora mais raras. Folhas de carvalho de freixos e de

bordo escondiam dos cavaleiros os últimos vestígios do dia, escurecendo mais ainda a estrada. Os sabujos se aproximavam quando a estrada começou a descer para um bosque de cedros. Um bom sinal, Richard pensou. O cedro geralmente crescia em solo úmido.

O cavalo de Kahlan desapareceu no começo de uma descida. Richard chegou à beirada da encosta íngreme e a viu outra vez, descendo para uma bacia seca. O topo emaranhado das árvores estendia-se a distância, pelo menos até onde ele podia ver com a chuva fraca e a pouca luz. Era o Pântano Skow, finalmente.

Era intenso o cheiro de madeira molhada e apodrecida quando ele a seguiu na disparada entre as espirais de névoa que se moviam e giravam à sua passagem. Gritos agudos e pios roucos soavam atrás deles, cada vez mais perto. Trepadeiras lenhosas pendiam dos galhos escorregadios e contorcidos das árvores, cujas raízes apareciam na água como garras, e trepadeiras menores espiralavam em volta de tudo que tivesse força para sustentá-las. Tudo parecia crescer em cima de alguma coisa, procurando tirar vantagem. Água escura e estagnada surgiu sob conjuntos de arbustos, envolvendo grupos de árvores de troncos grossos e espessos e tapetes de lentilha d'água boiavam na água, parecendo gramados bem cuidados. A vegetação luxuriante parecia engolir o som das patas dos cavalos, permitindo apenas a passagem dos ecos nativos através da água.

A estrada se estreitou, transformando-se numa trilha que lutava para se manter acima da água escura e foi preciso diminuir o passo dos cavalos para evitar que quebrassem uma perna nas raízes. Richard viu que, quando o cavalo de Kahlan passava, a superfície da água formava preguiçosos círculos concêntricos quando coisas se moviam debaixo dela. Ouviu os sabujos no topo da bacia. Kahlan se virou para ouvir os uivos. Se ficassem na trilha, os sabujos os alcançariam numa questão de minutos. Richard olhou em volta e desembainhou a espada. O tilintar da lâmina ecoou na água turva. Kahlan parou e olhou para ele.

— Ali — Richard apontou com a espada para o outro lado da água — naquela ilha. Parece ter altura suficiente para estar seca. Talvez os sabujos do coração não saibam nadar.

Era uma tênue esperança, mas Richard não tinha outra idéia. Chase tinha dito que estariam seguros no pântano, mas não disse como. Era a única coisa que podia pensar. Kahlan não hesitou. Levou o cavalo na direção da ilha, puxando Zedd. Richard a seguiu de perto com Chase atrás, vigiando a trilha, vendo movimentos entre as árvores. A água parecia não ter mais de metro e vinte de profundidade, com o fundo lamacento. O mato arrancado da lama flutuava na superfície quando o cavalo de Kahlan entrou na água, seguindo para a ilha.

Então ele viu as cobras.

Corpos escuros coleavam na água, logo abaixo da superfície, nadando rumo a eles, vindo de todas as direções. Algumas erguiam a cabeça, esticando a língua vermelha para fora da boca. Eram marrons com manchas cor de cobre, quase invisíveis na água escura e mal perturbavam a superfície quando se moviam. Richard nunca vira cobras tão grandes. Kahlan olhava para a ilha e ainda não as tinha visto. A terra seca estava muito longe. Ele sabia que não as alcançariam antes que as cobras os atacassem.

Richard olhou para trás, para ver se podiam voltar para terreno mais alto. No lugar onde tinham deixado a trilha, viu os vultos escuros dos sabujos rosnando. As cabeças abaixadas, os corpos grandes e negros andavam de um lado para o outro, querendo entrar na água para alcançar a presa, mas apenas uivando.

Richard abaixou a ponta da espada até tocar na água, arrastando-a na superfície, formando uma pequena esteira, preparando-se para o golpe na primeira serpente que se aproximasse. Então aconteceu uma coisa surpreendente. Quando a espada entrou na água, as cobras viraram de repente e fugiram o mais depressa possível. De algum modo, a magia da espada as assustou. Richard não sabia ao certo por que a magia funcionava assim, mas ficou feliz.

Seguiam entre os grandes troncos das árvores que se erguiam como colunas no lodaçal. Afastavam as trepadeiras e as faixas de

musgo. Quando passavam por trechos mais rasos, a ponta da espada não alcançava a água. As serpentes voltavam imediatamente. Richard se inclinou para baixo, a ponta da espada entrou na água e as cobras fugiram outra vez. Richard tentou imaginar o que aconteceria quando chegassem à terra seca. As serpentes os seguiriam. A magia da espada as manteria longe deles como na água? As cobras podiam ser um problema tão sério quanto os sabujos.

A água escorria do cavalo de Kahlan quando subiu na ilha. Havia alguns choupos no lugar mais alto, no centro e nos cedros na beirada da água na outra extremidade da pequena ilha, porém a maior parte era coberta de junco e íris. Para ver o que acontecia, Richard tirou a espada da água. As cobras começaram a nadar para ele. Quando saiu da água, algumas viraram e foram embora, outras ficaram na beira d'água, mas nenhuma o seguiu na terra seca.

Quase no escuro, Richard deitou Zedd e Chase no chão, debaixo dos choupos. Tirou lonas das mochilas e as estendeu entre as árvores, fazendo um pequeno abrigo. Tudo estava molhado, mas como não havia vento, o abrigo improvisado evitava que a chuva os atingisse. Não havia possibilidade de fazer uma fogueira por enquanto, pois toda a madeira estava molhada. Pelo menos a noite não estava fria. Sapos coaxavam na escuridão molhada. Richard pôs duas velas grossas num pedaço de madeira, para iluminar o abrigo.

Juntos, examinaram Zedd. Não parecia haver qualquer ferimento, mas ele continuava inconsciente. Chase também estava na mesma.

Kahlan passou a mão na testa de Zedd.

— Não é bom sinal os olhos de um mago estarem fechados assim. Não sei o que se pode fazer.

Richard balançou a cabeça.

— Eu também não. Ainda bem que eles não têm febre. Talvez haja um curandeiro em Southaven. Farei macas que os cavalos podem puxar. Acho que será melhor do que continuar a viagem como vieram até aqui.

Kahlan apanhou mais dois cobertores para manter os amigos aquecidos, depois ela e Richard se sentaram ao lado das velas, com

a água pingando em volta deles. Olhos amarelos brilhantes esperavam na trilha, no escuro, entre as árvores. Os olhos acompanhavam o movimento dos sabujos do coração, de um lado para o outro. Ocasionalmente Richard e Kahlan ouviam rosnados de frustração. Eles vigiavam seus caçadores no outro lado da água.

Kahlan olhou para os olhos cintilantes dos sabujos.

— Por que será que não nos seguiram?

— Acho que têm medo das cobras.

Kahlan deu um pulo, olhando em volta rapidamente, empurrando com a cabeça a lona que os cobria.

— Cobras? Que cobras? Não gosto de cobras — disse ela.

Richard ergueu os olhos.

— Cobras d'água grandes. Elas fugiram quando eu mergulhei a pontada espada na água. Acho que não nos precisamos preocupar, elas não subiram para terra seca atrás de nós. Acho que não há perigo.

Ela olhou em volta cautelosamente, aconchegou-se mais na capa e se sentou mais perto dele dessa vez.

— Você podia ter me avisado — disse ela, franzindo a testa.

— Eu não sabia, até que as vi, e os sabujos estavam bem atrás de nós. Acho que não tive muita escolha e não quis assustar você.

Kahlan ficou calada. Richard tirou da mochila uma salsicha e um pão duro, as últimas coisas que tinham para comer. Cortou o pão ao meio e cortou a salsicha, dando alguns pedaços a ela. Apararam água da chuva em xícaras de lata. Comeram em silêncio, vigiando para detectar qualquer tipo de ameaça, ouvindo o ritmo da chuva.

— Richard — perguntou ela, finalmente —, você viu minha irmã na fronteira?

— Não. Fosse o que fosse que pegou você, não parecia uma pessoa e aposto que a coisa que eu abati antes não pareceria com meu pai para você. — Ela balançou a cabeça: — não, não parecia. — Penso — disse ele — que eles só aparecem sob a forma de uma pessoa que você quer ver, para enganar.

— Acho que tem razão — suspirou ela, dando uma mordida no pedaço de salsicha. Quando acabou de mastigar, acrescentou: — Fico contente. Detestaria pensar que tive-mos de machucá-los.

Richard concordou. O cabelo dela estava molhado e uma parte grudada nos lados do rosto. — Porém, há mais uma coisa que achei estranha. Quando aquela coisa da fronteira, fosse o que fosse, atacou Chase, o golpe foi rápido e certo e antes que pudéssemos fazer alguma coisa ela agarrou você com toda facilidade. O mesmo se deu com Zedd; ela o pegou na primeira investida. Mas quando voltei para atacá-la, ela tentou, mas não me acertou e não tentou outra vez.

— Eu notei — disse ela. — Quando atacou você, ela errou o alvo. Era como se não soubesse que você estava ali. Sabia onde nós três estávamos, mas parecia não conseguir encontrar você.

Richard pensou por um momento.

— Talvez fosse a espada.

Kahlan deu de ombros.

— Fosse o que fosse, fico feliz por ter acontecido.

Richard não tinha certeza de que foi por causa da espada. As cobras tinham medo da espada e fugiam dela. A coisa da fronteira não demonstrou medo, era como se simplesmente não conseguisse encontrá-lo. Outra coisa o intrigava. Quando ele atacou a coisa que parecia seu pai, não sentiu dor. Zedd disse que teria de pagar um preço por matar alguém com a espada e que ele sentiria a dor do que tinha feito. Talvez fosse porque a coisa já estava morta. Talvez tudo estivesse na sua cabeça, nada daquilo era real. Não podia ser. Era bastante real para atacar seus amigos. A certeza de que não era seu pai que tinha abatido começou a vacilar.

Acabaram de comer em silêncio, enquanto ele pensava no que podia fazer por Zedd e por Chase e concluiu que era nada. Zedd tinha medicamentos com ele, mas só Zedd sabia como usá-los. Talvez fosse magia da fronteira que os tivesse deixado daquele jeito. Zedd tinha magia, mas era também o único que sabia como usar.

Richard tirou uma maçã da mochila e a cortou em fatias, retirou as sementes e deu metade a Kahlan. Ela chegou mais perto e apoiou a cabeça no braço dele.

— Cansada? — perguntou Richard.

Ela inclinou a cabeça assentindo, depois disse: — E estou dolorida em lugares que não posso mencionar. — Comeu outra fatia

da maçã. — Você sabe alguma coisa sobre Southaven?

— Ouvi outros guias mencionarem, quando passaram por Hartland. Pelo que dizem, é um lugar de ladrões e desajustados.

— Não parece um lugar que tenha um curandeiro. — Richard não respondeu. — Então, o que vamos fazer?

— Eu não sei, mas eles vão melhorar, vão ficar bons.

— E se não ficarem? — insistiu ela.

Richard tirou o pedaço de maçã da boca e olhou para ela.

— Kahlan, o que você está tentando dizer?

— Estou dizendo que devemos nos preparar para deixá-los.

Para continuar.

— Não podemos — respondeu ele com firmeza. — Precisamos dos dois. Lembra quando Zedd me deu a espada? Ele disse que queria que eu levasse todos para o outro lado da fronteira. Ele disse que tinha um plano. Não me contou o que era. — Olhou para os sabujos no outro lado da água. — Precisamos deles — repetiu.

Kahlan tirou a casca do pedaço de maçã.

— E se eles morrerem esta noite? Então, o que faremos? Temos de continuar.

Richard sabia que Kahlan olhava para ele, mas não olhou para ela. Compreendia a necessidade de Kahlan de deter Rahl. Ele sentia o mesmo e não permitiria que coisa alguma os impedisse, mesmo se significasse deixar os amigos, mas não tinham chegado a esse ponto ainda. Sabia que ela estava apenas tentando se certificar de que Richard tinha a convicção necessária, a determinação exigida. Kahlan desistira de muito por causa da missão e perdera muito para Rahl, assim como ele. Ela queria saber que ele era capaz de continuar na liderança, a qualquer custo.

A luz das velas iluminava suavemente seu rosto, um pequeno brilho no escuro. Reflexos das chamas dançavam nos seus olhos. Richard sabia que não era agradável para ele dizer aquilo.

— Kahlan, eu sou o Seeker, compreendo o peso da responsabilidade. Farei tudo que for necessário para deter Rahl. Qualquer coisa. Acredite. Porém, não desperdiçarei as vidas dos meus amigos facilmente. Por enquanto temos muito com que nos preocupar. Não vamos inventar mais problemas.

A chuva pingava das árvores, ecoando na escuridão vazia. Kahlan pôs a mão no braço dele, como que para se desculpar. Sabia que não tinha do que se desculpar, estava apenas tentando enfrentar a verdade, uma possível verdade. Ele quis tranqüilizá-la.

— Se eles não melhorarem — disse ele, olhando nos olhos dela — e se houver um lugar seguro onde eu possa deixá-los com uma pessoa de confiança, então faremos isso e seguiremos nossa viagem.

— Era tudo que eu queria saber.

— Eu sei. — Richard terminou de comer a maçã. — Por que você não dorme um pouco? Eu fico de vigia.

— Não vou poder dormir — disse ela, indicando os sabujos —, não com eles nos vigiando desse modo. Nem rodeada por cobras.

Richard sorriu.

— Muito bem então, que tal me ajudar a fazer as padiolas para serem puxadas pelos cavalos? Assim poderemos sair daqui de manhã, logo que os sabujos se forem.

Retribuindo o sorriso, Kahlan se levantou. Richard tirou uma espécie de machado de guerra do arsenal de Chase e descobriu que funcionava tão bem na madeira quanto em carne e em osso. Richard não tinha certeza de que Chase aprovaria usar uma das suas armas preciosas daquele modo, na verdade, achava que não. Richard sorriu; mal podia esperar para contar a ele. Podia imaginar a desaprovação do amigo. É claro. Chase teria de acrescentar algo à história cada vez que a contasse. Para Chase, uma história sem acréscimos era como carne sem molho, completamente seca.

Seus amigos tinham de melhorar, ele pensou. Simplesmente tinham. Ele não suportaria se não ficassem bons.

Terminaram depois de várias horas. Kahlan ficou muito perto dele com medo das cobras e dos sabujos do coração que os vigiaram o tempo todo. Richard tinha pensado em usar a besta de Chase para tentar matar alguns deles, mas finalmente decidiu não fazer isso. Os sabujos não podiam alcançá-los e iriam embora com o nascer do dia.

Quando acabaram, examinaram os dois amigos e depois se sentaram outra vez ao lado das velas. Richard sabia que Kahlan

estava cansada — ele mal podia manter os olhos abertos —, ela, porém, não queria deitar-se para dormir, por isso ele a fez se encostar nele. Logo a respiração de Kahlan ficou mais lenta e ela adormeceu. Foi um sono agitado. Richard percebeu que ela estava tendo pesadelos. Quando Kahlan começou a choramingar e se agitar, ele a acordou. Com a respiração acelerada, Kahlan estava quase chorando.

— Pesadelos? — perguntou ele, passando as costas dos dedos na cabeça dela.

Kahlan fez que sim com a cabeça encostada nele.

— Eu estava sonhando com a coisa da fronteira que segurou minhas pernas. Sonhei que era uma cobra enorme.

Richard passou o braço em volta dos ombros dela e a apertou contra ele. Kahlan não reclamou, mas dobrou os joelhos e os abraçou, sempre encostada em Richard. Richard se preocupou, pensando que ela podia ouvir seu coração disparado. Se ouviu, não disse nada e logo adormeceu outra vez. Ele ouvia a respiração de Kahlan, ouvia os sapos e a chuva. Ela dormiu calmamente. Ele fechou os dedos em volta do dente pendurado no seu pescoço debaixo da camisa. Vigia os sabujos do coração. Eles o vigiavam.

Kahlan acordou quase ao raiar do dia, quando ainda estava escuro. Richard estava com dor de cabeça de tão cansado. Kahlan insistiu para que ele deitasse para dormir um pouco enquanto ela vigiava. Richard não queria, queria continuar abraçado a ela, mas estava com muito sono para discutir.

Quando ela o sacudiu gentilmente, já era dia. Luz fraca e cinzenta filtrava-se entre o verde escuro do pântano e através da névoa espessa que fazia com que o mundo parecesse pequeno e fechado. A água em volta deles parecia temperada com vegetação apodrecida, uma sopa onde ocasionalmente apareciam círculos concêntricos provocados pela vida invisível sob a superfície. Olhos negros afastavam os pés de lentilha-d'água, vigiando-os.

— Os sabujos foram embora — disse ela. A roupa de Kahlan parecia mais seca do que na noite anterior.

— Há quanto tempo? — perguntou ele, esfregando os braços para ativar a circulação.

— Vinte, talvez trinta minutos. Quando o dia chegou, eles se foram.

Kahlan deu a ele uma xícara de chá quente. Richard olhou interrogativamente pra ela.

— Eu segurei em cima da vela até ficar quente.

Richard ficou surpreso com a inventividade dela. Kahlan deu a ele um pedaço de fruta seca e comeu outro pedaço. Richard viu o machado de guerra encostado na perna dele e concluiu que Kahlan sabia como ficar de vigia.

Caía ainda uma chuva fina. Pássaros estranhos soltavam gritos rápidos e raivosos no outro lado do pântano e outros respondiam a distância. Insetos pairavam acima da água e ocasionalmente ouvia-se um ruído de mergulho.

— Alguma mudança em Zedd ou Chase? — perguntou ele.

Ela respondeu com relutância.

— A respiração de Zedd está mais lenta.

Richard foi imediatamente examinar o mago. Zedd mal parecia vivo, acinzentado e emaciado. Richard encostou o ouvido no peito do velho homem e sentiu o coração batendo normalmente, mas ele respirava mais devagar e sua pele estava fria e pegajosa.

— Acho que agora estamos livres dos sabujos. É melhor ver se conseguimos ajuda — disse ele.

Richard sabia que Kahlan estava com medo das cobras — ele também estava e disse isso a ela — mas Kahlan não deixou que o medo interferisse no que tinham de fazer. Confiou no que ele disse, que as cobras não chegavam perto da espada e atravessou a água sem hesitação, quando Richard disse que podiam ir.

Tiveram de atravessar a água duas vezes, uma com Zedd e Chase e outra para levar as partes das padiolas que só podiam ser usadas em terra seca.

Atrelaram os cabos das padiolas aos cavalos, mas ainda não podiam usá-las porque as raízes expostas da trilha provocavam solavancos. Teriam de esperar até sair do pântano.

A manhã ia em meio quando chegaram a uma estrada melhor. Pararam para acomodar os dois amigos nas padiolas e cobri-los com cobertores e lona. Com satisfação, Richard viu que o arranjo

funcionava bem, não os atrasava de modo algum e a lama ajudava as padiolas a escorregar no chão. Almoçaram sem desmontar, passando a comida de um para o outro, enquanto seguiam caminho. Pararam só para verificar se Zedd e Chase estavam bem e continuaram sob a chuva.

Chegaram a Southaven antes da noite. A cidade era pouco mais que um conjunto de casas e prédios decrepitos entre os carvalhos e as faias, quase como se quisessem dar as costas à estrada, a perguntas, a olhos honestos. Nenhum parecia jamais ter sido pintado. Algumas casas tinham remendos de lata onde a chuva tilintava. No centro, havia uma loja e ao lado dela um prédio de dois andares. Uma tabuleta amassada indicava que era uma estalagem sem nome. Luz amarela de lampião nas janelas do primeiro andar era a única cor no cinzento do dia e do prédio. O lixo se amontoava em desordem ao lado do prédio e a casa ao lado parecia se inclinar, solidária à pilha de lixo.

— Fique perto de mim — disse Richard, quando desmontaram.
— Os homens são perigosos.

Kahlan sorriu estranhamente com o canto da boca.

— Estou acostumada com essa espécie de gente.

Richard se perguntou o que isso queria dizer, mas ficou calado.

Quando entraram, todos os olhos se voltaram para eles. O lugar era mais ou menos o que Richard esperava. Lâmpioes a óleo iluminavam uma sala cheia da fumaça ardida de cachimbo. As mesas dispostas desordenadamente eram rústicas, algumas não mais do que tábuas sobre barris. Não havia cadeiras, só bancos.

Uma porta fechada à esquerda provavelmente dava para a cozinha. À direita, na sombra, uma escada sem corrimão levava aos quartos. O assoalho, com uma série de caminhos abertos entre a sujeira, tinha manchas escuras de líquido derramado.

Os homens eram uma coleção de caçadores de peles, viajantes e problemas. Muitos tinham barbas maltratadas. Quase todos eram grandes. O lugar cheirava a cerveja, fumaça e suor.

Kahlan ficou ao lado dele, orgulhosa e calma. Não era facilmente intimidada. Richard pensou que talvez o certo seria ela se

intimidar. Ela se destacava no meio da ralé como um anel de ouro na mão de um pedinte. Sua postura aumentava o embaraço do ambiente. Quando ela retirou o capuz, sorrisos apareceram por toda a parte, revelando uma coleção de dentes tortos e ausentes. O olhar faminto dos homens não combinava com os sorrisos. Richard desejou que Chase estivesse acordado.

Alarmado, ele percebeu que teriam problemas.

Um homem forte deu alguns passos à frente e parou. Vestia uma camisa sem mangas e um avental que parecia jamais ter sido branco. O alto da cabeça calva e brilhante refletia a luz dos lampiões e os pêlos crespos dos braços competiam com a barba. Enxugou as mãos num trapo imundo e o pôs num ombro.

— Posso fazer alguma coisa por vocês? — perguntou o homem secamente. Esperou, girando um palito na boca.

Com o tom de voz e com os olhos, Richard procurou dar a entender que não queria encrenca.

— Há um curandeiro nesta cidade?

O proprietário olhou para Kahlan e outra vez para Richard.

— Não.

Richard notou que, ao contrário dos outros homens, ele mantinha os olhos no lugar devido, quando olhava para Kahlan. Isso era importante.

— Então queremos um quarto — abaixou a voz. — Temos dois amigos feridos li fora.

Tirando o palito da boca, o homem cruzou os braços.

— Não quero encrenca.

— Eu também não — disse Richard em tom deliberadamente ameaçador.

O homem examinou Richard de alto a baixo, os olhos demorando um pouco na espada. Com os braços ainda cruzados, olhou para os olhos de Richard.

— Quantos quartos vai querer? A casa está cheia.

— Um basta.

Um homem grande se levantou no centro da sala. Tinha cabelos ruivos compridos e emaranhados e os olhos muito juntos um

do outro. A barba estava molhada de cerveja. Uma pele de lobo lhe pendia do ombro. Sua mão descansava no cabo de uma longa faca.

— Você tem aí uma prostituta cara, rapaz — disse o homem ruivo. — Acredito que não vai se importar se passarmos algum tempo no seu quarto?

Richard olhou para o homem. Sabia que aquele desafio só podia acabar em sangue. Não mexeu os olhos, mas sua mão se moveu lentamente para a espada. Sua fúria explodiu antes mesmo dos seus dedos chegarem ao punho.

Aquele era o dia em que teria de matar outros homens.

Muitos deles.

Os dedos de Richard se apertaram em volta do filete trançado do punho e as juntas ficaram brancas. Kahlan puxou a manga do braço que segurava a espada. Disse o nome dele em voz baixa, acentuando as últimas palavras, como a mãe de Richard fazia quando o avisava para ficar fora de alguma coisa. Richard olhou para ela. Com um sorriso encantador para o homem ruivo, ela disse com voz rouca: — Vocês não entenderam. Hoje é meu dia de folga. Fui eu que o contratei para passar a noite. — Deu uma palmada na nádega de Richard. Com força. Ele ficou tão surpreso que não se mexeu. Kahlan passou a língua no lábio superior, olhando para o homem ruivo. — Mas se ele não mostrar que vale o que estou pagando, você será o primeiro que chamarei. — Sorriu outra vez sedutoramente.

Houve um momento de silêncio pesado. Richard resistiu com todas as forças ao impulso de empunhar a espada. Prendeu a respiração enquanto esperava para ver onde aquilo ia parar. Kahlan continuou a sorrir para o homem de um modo que só aumentava sua fúria.

Vida e morte se enfrentaram nos olhos do homem. Ninguém se moveu. Então ele caiu na gargalhada. Todos riram alto e com vontade. O homem se sentou e os outros recomeçaram a conversar, ignorando Richard e Kahlan. Richard respirou. O proprietário os fez recuar um pouco, sorrindo respeitosamente para Kahlan.

— Muito obrigado, senhora. Estou feliz por sua cabeça ser mais rápida do que a mão do seu amigo. Este lugar pode não parecer

grande coisa para vocês, mas é meu e a senhora acaba de evitar que fosse destruído.

— De nada — disse Kahlan. — Tem um quarto para nós?

O homem tornou a pôr o palito no canto da boca.

— Tenho um lá em cima, no fim do corredor, à direita, com tranca na porta.

— Temos dois amigos lá fora — disse Richard. — Gostaria que me ajudassem a levá-los para o quarto.

O homem indicou a sala com a cabeça.

— Não vale a pena deixar que vejam que têm dois companheiros feridos. Vocês dois subam para o quarto, como eles esperam que façam. Meu filho está na cozinha. Levaremos seus amigos pela escada dos fundos, para que ninguém veja. — Richard não gostou da idéia. — Tenha um pouco de fé, meu amigo — disse o homem em voz baixa —, ou pode prejudicar seus amigos. A propósito, meu nome é Bill.

Richard olhou para Kahlan. A expressão dela era inescrutável. Olhou outra vez para o proprietário. Era um homem decidido, duro, mas não parecia desonesto. Mesmo assim, o que estava em jogo era a vida dos seus amigos. Procurou fazer com que sua voz não soasse tão ameaçadora quanto se sentia.

— Muito bem, Bill, faremos como você diz.

Com um breve sorriso, Bill assentiu e rolou o palito na boca.

Richard e Kahlan subiram para o quarto e esperaram. O teto era baixo demais. A parede ao lado da cama estava coberta de manchas de cuspo. No canto oposto, havia uma mesa com três pés e um pequeno banco. Um lampião a óleo em cima da mesa iluminava fracamente o quarto sem janelas. Era só o que havia. O ar cheirava a ranço. Richard andou de um lado para o outro, parecendo pouco à vontade. Finalmente, aproximou-se dela.

— Não acredito que você fez aquilo.

Kahlan olhou nos olhos dele.

— O que importa é o resultado, Richard. Se eu tivesse deixado você fazer o que queria, estaria arriscando sua vida. Por nada que valesse a pena.

— Mas aqueles homens pensam...

— E você se importa com o que eles pensam?

— Não, mas... — Richard corou.

— Jurei proteger a vida do Seeker com minha vida. Farei o que for necessário para proteger você. — Ergueu uma sobancelha. — Qualquer coisa.

Frustrado, ele procurou as palavras para dizer o quanto estava zangado, mas não com ela. Estivera à beira de um cometimento letal. Muito perto. Recuar era extremamente difícil. Sentia ainda o sangue pulsando com o desejo da violência. Era difícil compreender o modo com que a raiva alterava seu raciocínio com aquele desejo, quanto mais explicar para ela. Mas olhar nos olhos verdes de Kahlan o acalmava, esfriando sua fúria.

— Richard, você tem de manter a mente no lugar certo.

— Como assim?

— Darken Rahl. É onde ela deve estar. Aqueles homens lá embaixo não nos interessam. Devemos apenas passar por eles. Nada mais. Não desperdice seu pensamento com eles. Concentre sua energia no trabalho que tem de fazer.

Richard respirou fundo e assentiu.

— Você tem razão. Desculpe-me. Você fez uma coisa corajosa esta noite. Por menos que eu tenha gostado.

Ela o abraçou suavemente, encostando a cabeça no peito dele. Bateram de leve na porta. Depois de se certificar de que era Bill, Richard abriu. O proprietário e o filho carregaram Chase para dentro e o puseram cuidadosamente no chão. Quando o filho, um jovem magro, viu Kahlan, apaixonou-se imediata e perdidamente. Richard compreendia aquele sentimento, mas não gostou,

Bill apontou com o polegar.

— Este é meu filho Randy. — Randy estava em transe, olhando para Kahlan. Bill se voltou para Richard, enxugando a chuva da cabeça calva com o pano que tinha no ombro. O palito continuava na sua boca.

— Você não me disse que seu amigo era Dell Brandstone.

Richard ficou imediatamente alerta.

— Isso é problema?

Bill sorriu.

— Não para mim. O guarda e eu tivemos nossas diferenças, mas ele é um homem justo. Nunca me causou problemas. Às vezes ele dorme aqui, quando está em missão oficial. Mas os homens lá embaixo fariam ele em pedaços se soubessem que ele está aqui.

— Eles poderiam tentar — corrigiu Richard.

Um leve sorriso ergueu os cantos dos lábios de Bill.

— Vamos apanhar o outro.

Quando saíram, Richard deu duas moedas de prata a Kahlan.

— Quando voltarem, dê ao garoto uma dessas para levar os cavalos para o estábulo e cuidar deles. Diga que se ele passar a noite vigiando os cavalos e os tiver prontos para seguir viagem ao nascer do dia, você dará a outra moeda.

— Por que você acha que ele vai fazer isso?

Richard riu.

— Não se preocupe, ele fará, se você pedir. Apenas sorria.

Bill voltou, carregando Zedd nos braços fortes. Randy vinha atrás, carregando as mochilas. Bill deitou cuidadosamente o mago no chão, ao lado de Chase. Olhou para Richard, depois para o filho.

— Randy, vá buscar uma bacia para a jovem senhora e uma jarra com água. E uma toalha. Limpa. Ela pode querer se lavar.

Randy saiu do quarto, sorrindo e tropeçando nos pés. Então Bill olhou intensamente para Richard e tirou o palito da boca.

— Esses dois estão mal. Não vou perguntar o que aconteceu porque um homem esperto não me diria e eu acho que você é um homem esperto. Não temos um curandeiro aqui, mas tem uma pessoa que talvez possa ajudar eles, uma mulher chamada Adie. Eles chamam ela de mulher do osso. Muita gente tem medo dela. Aqueles homens lá embaixo nem chegam perto da casa dela.

Richard se lembrou de Chase ter dito que Adie era sua amiga.

— Por quê? — perguntou ele.

Bill olhou para Kahlan e outra vez para Richard, entrecerrando os olhos.

— Porque são supersticiosos. Acham que ela traz azar e também porque mora perto da fronteira. Dizem que as pessoas de quem ela não gosta têm o mau hábito de morrer de repente. Não estou dizendo que é verdade. Não acredito nessas coisas. Acho que

é tudo invenção deles. Ela não é curandeira, mas sei de pessoas a quem ela ajudou. Talvez possa ajudar seus amigos. Pelo menos espero que possa, porque eles não vão durar muito tempo sem ajuda.

Richard passou a mão no cabelo.

— Como encontramos essa mulher do osso?

— Vire à esquerda na trilha, na frente do estábulo. Mais ou menos uma hora a cavalo.

— E por que você está nos ajudando?

Bill sorriu e cruzou os braços musculosos.

— Digamos que estou ajudando o guarda. Ele mantém alguns dos meus outros fregueses longe daqui e os guardas me dão um bom lucro nos negócios aqui e no meu armazém ao lado. Se ele sair desta, não esqueça de dizer que fui eu quem ajudou a salvar sua vida. — Ele riu divertido. — Ele vai ficar danado.

Richard sorriu. Ele compreendia. Chase detestava que o ajudassem. Bill conhecia bem Chase.

— Farei questão de dizer que você salvou a vida dele. — Bill ficou satisfeito. — Agora, como essa mulher do osso mora sozinha, perto da fronteira e vou pedir sua ajuda, acho que seria uma boa idéia levar alguma coisa para ela. Pode preparar alguns su-primentos?

— Claro. Sou um fornecedor aprovado, sou reembolsado por Hartland. É claro que o conselho ladrão leva quase tudo de volta, com os impostos. Posso registrar nos meus livros para o governo pagar, se esta é uma missão oficial.

— Sim, é.

Randy voltou com a bacia, água e toalhas. Kahlan pôs uma moeda de prata na mão dele e pediu para cuidar dos cavalos. Ele olhou para o pai. Bill aprovou.

— Diga qual é o seu cavalo, que eu tomo cuidado extra — disse Randy, com um largo sorriso.

Kahlan sorriu também.

— Todos são meus. Cuide bem de cada um deles. Minha vida depende disso.

Randy ficou sério.

— Pode contar comigo. — Sem saber o que fazer com as mãos, finalmente as enfiou nos bolsos. — Não vou deixar ninguém chegar perto deles. — Recuou para a porta e quando só sua cabeça estava dentro do quarto acrescentou: — Quero que saiba que não acredito em uma só palavra do que aqueles homens lá em baixo estão dizendo de você. E eu disse isso para eles.

Kahlan não pôde deixar de sorrir.

— Obrigada, mas não quero que corra riscos por minha causa. Por favor, fique longe daqueles homens. E não diga que falou comigo. Isso só vai servir para que fiquem mais atrevidos.

Randy sorriu e foi embora. Bill revirou os olhos para o alto e balançou a cabeça. Voltou-se para Kahlan com um sorriso.

— Você não consideraria a possibilidade de ficar aqui e casar com o garoto? Seria bom para ele ter uma companheira.

Dor e pânico surgiram como um flash nos olhos de Kahlan. Ela se sentou na cama, olhando para o chão.

— Eu estava só brincando, moça — Bill se desculpou. Virou para Richard — Vou trazer um prato de comida para cada um. Batatas cozidas e carne.

— Carne? — perguntou Richard desconfiado.

Bill riu.

— Não se preocupe, eu não ia ousar servir carne estragada para aqueles homens. Podia ficar sem cabeça.

Voltou logo e pôs dois pratos com comida na mesa.

— Obrigado pela ajuda.

Bill ergueu uma sobrancelha.

— Não se preocupe, tudo vai para o livro. De manhã, eu o trago para você assinar. Há alguém em Hartland que pode reconhecer sua assinatura?

Richard sorriu.

— Acho que sim. Meu nome é Richard Cypher. Meu irmão é Primeiro Conselheiro.

Bill se encolheu de repente, chocado.

— Desculpe-me. Não por seu irmão ser Primeiro Conselheiro, mas por não saber. Quero dizer, se soubesse, teria dado acomodações melhores. Podem ficar na minha casa. Não é grande

coisa, mas é melhor do que isto. Vou levar suas coisas agora mesmo.

— Bill, está tudo certo — Richard pôs a mão nas costas dele, tranquilizando-o. O homem, de repente, pareceu menos feroz — Meu irmão é Primeiro Conselheiro, eu não sou. O quarto está ótimo. Está tudo ótimo.

— Tem certeza? Tudo? Não vai mandar o exército para cá, vai?

— Você foi uma grande ajuda, de verdade. Eu não tenho nada a ver com o exército.

Bill não estava convencido.

— Você está com o chefe dos guardas da fronteira.

Richard disse, com um sorriso: — Ele é meu amigo. Há muitos anos. O velho também. Eles são meus amigos, isso é tudo.

Os olhos de Bill brilharam.

— Bem, se isso é verdade, que tal eu acrescentar alguns quartos extras no livro? Uma vez que eles não vão saber que vocês todos ficaram juntos.

Ainda sorrindo, Richard deu uma pancadinha nas costas do homem.

— Isso seria errado, Bill. Eu não assinaria.

Bill suspirou e depois disse com um largo sorriso:

— Então, você é amigo de Chase. — Sacudiu a cabeça. — Agora eu acredito. Nunca consegui que aquele homem aumentasse alguma coisa no meu livro em todo esse tempo.

Richard pôs algumas moedas de prata na mão do homem.

— Mas isto não é errado. Aprecio o que está fazendo por nós. Apreciaria também se misturasse um pouco de água na cerveja esta noite. Homens bêbados morrem facilmente. — Bill sorriu, entendendo. Então Richard acrescentou: — Você tem fregueses perigosos.

O homem olhou demoradamente para Richard, olhou para Kahlan e para Richard outra vez.

— Esta noite tenho — concordou.

Richard olhou severamente para ele.

— Se alguém passar por aquela porta esta noite, é um homem morto, sem eu fazer perguntas.

— Vou ver o que posso fazer para evitar isso. Nem que eu tenha de socar algumas cabeças. — Foi até a porta. — Comam seu jantar antes que esfrie. E tome conta dessa senhora, ela tem uma boa cabeça. — Piscou um olho para Kahlan. — E é uma bela cabeça.

— Mais uma coisa, Bill. A fronteira está enfraquecendo. Dentro de algumas semanas terá caído. Trate de se cuidar.

Bill respirou profundamente. Segurando a maçaneta, olhou nos olhos de Richard por um momento.

— Acho que o conselho nomeou o irmão errado. Mas afinal, eles não chegam a conselheiros por fazer a coisa certa. Venho chamar vocês quando o sol aparecer e tudo estiver calmo.

Quando ele saiu, Richard e Kahlan se sentaram muito juntos no banco, para comer. O quarto ficava nos fundos da casa e os homens estavam no andar térreo, na frente, portanto era mais quieto do que Richard tinha imaginado. Tudo que ouviam era um murmúrio abafado. A comida também era melhor do que ele esperava, ou talvez fosse por estar faminto. A cama parecia maravilhosa também porque ele estava exausto. Kahlan notou.

— Você dormiu só uma ou duas horas a noite passada. Eu fico com o primeiro turno de vigia. Se aqueles homens resolverem vir até aqui, só bem mais tarde juntarão coragem suficiente. Se vierem, é melhor que você esteja descansado.

— É mais fácil matar gente quando se está descansado? — Ele se arrependeu imediatamente de ter dito aquilo, não teve intenção de parecer amargo. Percebeu que segurava o garfo como se fosse uma espada.

— Desculpe, Richard, não foi o que eu quis dizer. Estou dizendo que não quero que você seja ferido. Se estiver cansado não poderá se proteger tão bem. Eu temo por você.

Ela empurrou a batata no prato com o garfo. Sua voz era pouco mais do que um murmúrio.

— Lamento que você tenha entrado nesta confusão. Não quero que precise matar pessoas. Eu não quis que tivesse de matar aqueles homens lá embaixo. Essa foi uma das razões pelas quais fiz aquilo, para que você não precisasse matá-los.

Richard olhou para ela. Kahlan olhou para o prato. Seu coração doeu, vendo a expressão de mágoa no rosto dela. Bateu de leve no ombro dela.

— Eu não perderia esta viagem por nada do mundo. Assim, tenho tempo para estar com meus amigos. — Ela olhou para ele e Richard sorriu.

Sorrindo também, Kahlan encostou a cabeça no ombro dele por um segundo, antes de comer a batata. O sorriso dela o aqueceu.

— Por que você quis que eu pedisse ao garoto para cuidar dos cavalos?

— Resultados. O que você disse foi muito importante. O pobre rapaz está perdidamente apaixonado. Como foi você quem pediu, ele cuidará dos cavalos melhor do que nós cuidaríamos. — Ela olhou para ele como se não acreditasse. — Você tem esse efeito sobre os homens — garantiu Richard.

O sorriso de Kahlan foi substituído por uma expressão tristonha. Richard sabia que estava se aproximando demais dos segredos dela, por isso não disse nada mais. Quando terminaram de comer, ela foi até a bacia, molhou a ponta da toalha e foi até Zedd. Passou a toalha no tosto dele ternamente, depois olhou para Richard.

— Ele está na mesma, não piorou. Por favor, Richard, deixe que eu faça a primeira vigia e procure dormir um pouco.

Ele concordou, deitou na cama e adormeceu em poucos segundos. No começo da manhã, ela o acordou para o segundo turno de vigia. Richard lavou o rosto com água fria, tentando acordar melhor, depois se sentou no banco encostado na parede, esperando qualquer sinal de alarme. Comeu um pedaço de fruta seca para tirar o gosto ruim da boca.

Uma hora antes do nascer do sol, bateram urgentemente na porta.

— Richard — disse uma voz abafada —, é Bill. Abra a porta. A gente está com problemas.

CAPÍTULO 16



Kahlan saltou da cama esfregando os olhos quando Richard tirou a tranca da porta. Ela empunhou a faca. Bill, ofegante, entrou rapidamente e fechou a porta. Gotas de suor lhe brotavam da testa.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou Richard.

— Tudo estava tranqüilo. — Bill engoliu em seco, tomando fôlego. — Então apareceram dois homens. Saíram do nada. Homens grandes, pescoços grossos, cabelos louros. Bonitos. Armados até os dentes. O tipo de homens que você evita olhar nos olhos. — Respirou fundo algumas vezes.

Richard olhou rapidamente para Kahlan. Não havia dúvida sobre quem eram os homens. Aparentemente o problema criado pelo mago não fora bastante para os quad.

— Dois? — perguntou Richard. — Tem certeza de que não havia mais?

— Eu só vi dois e foi o bastante para mim. — Os olhos de Bill estavam apavorados sob as sobrancelhas crespas. — Um estava bem ferido, com o braço numa tipóia, cortes de garras no outro braço. Isso não parecia incomodar ele. Começaram a perguntar sobre uma mulher que parecia muito com a senhora aqui. Só que ela não está usando o vestido branco que eles descreveram. Começaram a subir a escada discutindo quem ia fazer o quê com ela. Seu amigo ruivo atacou um deles e cortou o pescoço do homem de orelha a orelha. O outro matou uma porção dos meus fregueses imediatamente. Nunca vi nada assim. Então, de repente ele não estava mais ali. Desapareceu no nada. Há sangue por toda parte.

— Os que sobraram estão lá embaixo, discutindo para resolver quem vai ser o primeiro a... — Olhou para Kahlan. Enxugou a testa

com as costas do braço. — Randy está levando os cavalos para os fundos da casa, vocês têm de sair agora. Vão para a casa de Adie. O sol vai nascer daqui a uma hora, os sabujos vão embora dentro de duas horas, portanto, vocês estarão seguros. Mas não se demorem.

Richard segurou as pernas de Chase, Bill os ombros. Disse para Kahlan trancar a porta e apanhar suas coisas. Com Chase nos braços desceram a escada dos fundos e saíram para o escuro e para a chuva. A luz dos lampiões que vinha das janelas se refletia nas poças d'água, delineando com luz amarela os vultos negros dos cavalos. Randy esperava, preocupado, segurando os cavalos. Puseram Chase numa padiola e subiram correndo, o mais silenciosamente possível. Bill pegou Zedd nos braços, enquanto Richard e Kahlan vestiam as capas e apanhavam as mochilas. Os três, Bill, Richard e depois Kahlan, desceram a escada.

Quando saíram correndo, quase tropeçaram em Randy, caído no chão. Richard ergueu os olhos a tempo de ver o homem ruivo investir para a ele. Saltou para trás, por pouco escapando da longa faca. O homem caiu de bruços na lama. Com rapidez surpreendente, ele se ajoelhou, furioso e então ficou imóvel, com a ponta da espada a dois centímetros do nariz. O ar vibrou com o som do aço. O homem olhou para cima, enraivecido. Água e lama escorriam do seu cabelo longo. Richard girou a espada e o golpeou com força na cabeça, com o lado da lâmina. Ele caiu desacordado.

Bill pôs Zedd na padiola enquanto Kahlan virava Randy com o rosto para cima. Um olho estava fechado e inchado. A chuva batia no rosto dele. Randy gemeu. Quando seu olho bom viu Kahlan, ele abriu um largo sorriso. Aliviada, ela o abraçou rapidamente e o ajudou a se levantar.

— Ele me atacou de surpresa. — Randy se desculpou: — Desculpe.

— Você é um jovem corajoso. Não tem por que se desculpar. Obrigada por nos ajudar. — Virou-se para Bill: — Você também.

Bill sorriu e inclinou a cabeça. Zedd e Chase foram rapidamente cobertos com cobertores, lonas e as mochilas. Bill disse que os suprimentos para Adie já estavam no cavalo Chase. Richard e Kahlan montaram. Ela atirou a moeda de prata para Randy.

— Pagamento no ato da entrega, conforme prometido — disse ela. Randy apanhou a moeda.

Richard se inclinou na sela, segurou as mãos de Randy, agradeceu profusamente, depois apontou zangado para Bill.

— Você! Quero que acrescente tudo nos livros. Inclua os danos, todo seu tempo e trabalho, até as lápides dos túmulos. Quero que acrescente um preço justo por salvar nossas vidas. Se o conselho não quiser aprovar o pagamento, diga que salvou a vida do irmão do Primeiro Conselheiro e que Richard Cypher disse que, se não pagarem, exigirei pessoalmente a cabeça do responsável e a espetarei num poste, na frente do jardim da casa do meu irmão!

A risada de Bill ecoou acima do barulho da chuva. Richard segurou as rédeas para impedir que o cavalo continuasse a dançar inquieto de um lado para o outro. Apontou para o homem de braços na lama. Estava furioso.

— Eu só não matei esse homem porque ele matou um homem pior do que ele, com isso, sem saber, salvou a vida de Kahlan. Mas ele é culpado de assassinato, de intenção de matar e intenção de estuprar. Sugiro que o enforcem antes que ele acorde.

Bill olhou para ele.

— Feito.

— Não esqueça o que eu disse sobre a fronteira. Problemas virão. Cuide-se bem.

Bill passou os braços cabeludos em volta dos ombros do filho.

— Não vou esquecer. — Com um leve sorriso, acrescentou: — Vida longa para o Seeker.

Richard olhou para ele surpreso e então sorriu. O sorriso amainou um pouco o calor da sua raiva.

— Assim que vi você — disse Richard — achei que não era um homem perspicaz. Vejo que me enganei.

Richard e Kahlan puxaram os capuzes para a frente e partiram, sob a chuva, para a casa da mulher do osso.

A chuva rapidamente afogou as luzes de Southaven, deixando os cavaleiros no escuro. Os cavalos de Chase escolhiam cuidadosamente o caminho na trilha. Treinados pelo guarda da fronteira para isso, sentiam-se à vontade em condições adversas. A

madrugada lutava interminavelmente para trazer luz ao novo dia. Mesmo depois de Richard saber que o sol tinha nascido, o mundo continuava na meia-luz entre noite e dia, na manhã fantasma. A chuva ajudou a esfriar sua raiva ardente.

Eles sabiam que o último membro quad devia estar em algum lugar e ficaram atentos a qualquer sinal de ameaça. Sabiam que, mais cedo ou mais tarde, ele os atacaria. A incerteza de quando perturbava sua concentração. A preocupação com o que Biil tinha dito, que Zedd e Chase não durariam muito tempo, atormentava-o. Se aquela mulher, Adie, não pudesse ajudar, ele não sabia o que fariam. Se ela ajudasse, seus dois amigos não morreriam. Richard não imaginava o mundo sem Zedd. O mundo sem seus truques e sua ajuda e seu conforto seria um mundo morto. Sentia um nó na garganta pensando nisso. Zedd teria dito para não se preocupar com o que ia acontecer, mas sim com o que tinha acontecido e o que estava acontecendo.

Mas o que acontecera e o que estava acontecendo era quase tão ruim. Seu pai assassinado. Darken Rahl prestes a obter as três caixas. Seus dois melhores amigos perto da morte. Ele estava sozinho com uma mulher de quem gostava, mas não devia gostar. Ela ainda escondia bem guardados muitos segredos.

Richard percebia que Kahlan lutava mentalmente contra isso. Às vezes, quando ele sentia que estava se aproximando dela, via sofrimento e medo nos olhos de Kahlan. Logo estariam em Midlands, onde as pessoas sabiam quem ela era. Richard queria que ela contasse, não saber por outra pessoa. Se ela não contasse logo, teria de perguntar. Contra sua natureza ou não, teria de perguntar.

Absorto em pensamentos, ele nem notou que estavam na trilha havia mais de quatro horas. A floresta bebia a chuva. As árvores eram vultos ameaçadores no meio da névoa, o musgo nos seus troncos era vibrante e viçoso. Destacava-se nos troncos das árvores e no chão verde e esponjoso. O líquen nas rochas brilhava amarelo vivo e cor de ferrugem na umidade. Em alguns lugares, a água escorria no meio da trilha, transformando-a num regato. Os cabos da padiola de Zedd mergulhavam na água, passando sobre pedras e raízes, sacudindo a cabeça dele de um lado para o outro nos trechos

mais acidentados. Os pés do velho homem ficavam a poucos centímetros da água quando cruzavam os regatos no meio da trilha.

Richard sentiu o cheiro doce da fumaça de madeira no ar parado. Bétula. Percebeu que o trecho em que entravam era um pouco diferente. A chuva caía em quieta reverência na floresta. Todo o lugar parecia, de certo modo, sagrado. Sentiu-se um intruso, perturbando a paz de eras sem conta. Queria dizer alguma coisa a Kahlan, mas falar parecia um sacrilégio. Compreendeu por que os homens da estalagem não chegavam perto: sua presença seria uma violação.

Chegaram a uma casa que se fundia tanto com a paisagem que era quase invisível ao lado da trilha. Um filete de fumaça espiralava da chaminé, subindo na névoa. As toras das paredes eram antigas e marcadas pelo tempo, combinando com a cor das árvores, perturbando nada além do solo em que se erguiam. A casa parecia nascer do solo da floresta, com as árvores altas protegendo-a. O telhado era coberto por certa massa de folhas largas. Um telhado menor e pontudo cobria uma varanda com espaço para no máximo três pessoas. Richard viu uma janela quadrada na frente e outra no lado da casa, nenhuma com cortinas.

Na frente da casa, samambaias no meio do caminho se inclinavam e balançavam quando a chuva caía nelas. A névoa dava brilho ao verde-claro. Um caminho estreito se abria no meio delas.

No centro das samambaias, bem no meio do caminho, estava uma mulher alta, mais alta do que Kahlan, não tão alta quanto Richard. Vestia um manto simples, bege, de tecido rústico, com símbolos e decorações vermelhos e amarelos na gola. O cabelo era fino e liso, um misto de preto e cinza, repartido no meio, dividido pelo queixo forte e quadrado. A idade não lhe tinha roubado a beleza dos traços. Apoiava-se numa muleta. Tinha só um pé. Richard parou os cavalos na frente dela.

Os olhos da mulher eram completamente brancos.

— Eu ser Adie. Quem ser vocês? — Richard sentiu um arrepio ouvindo a voz áspera, rouca, raspante.

— Quatro amigos — disse Richard, respeitosamente. A chuva leve tamborilava quase em silêncio.

Rugas finas cobriam o rosto dela. Tirou a muleta debaixo do braço e cruzou as mãos sobre ela. Os lábios finos de Adie se ergueram num sorriso.

— Um amigo — disse ela. — Três pessoas perigosas. Eu decido se serão amigos. — Balançou a cabeça de leve, pára cima e para baixo.

Richard e Kahlan se entreolharam. Ele ficou alerta. Sentia desconforto ali sentado na sela como se falar com ela lá de cima sugerisse desrespeito. Ele desmontou. Kahlan fez o mesmo. Segurando as rédeas, ficou na frente do cavalo, com Kahlan ao lado.

— Eu sou Richard Cypher. Esta é minha amiga Kahlan Amnell.

A mulher estudou o rosto dele com os olhos brancos. Richard não tinha idéia se ela podia ver, mas não sabia como isso era possível. Ela se voltou para Kahlan e disse algumas palavras com sua voz áspera, numa língua que Richard não conhecia. Kahlan olhou para a mulher e inclinou de leve a cabeça.

Foi uma saudação. Um cumprimento de deferência. Richard não reconheceu as palavras Kahlan ou Amnell. Os cabelos da sua nuca arrepiaram.

A mulher se dirigira a Kahlan com seu título.

Estava com Kahlan o tempo suficiente para saber, pela postura dela, as costas retas e a cabeça erguida, que estava alerta. Seriamente alerta. Se fosse um gato, estaria com as costas arqueadas, o pêlo eriçado. As duas mulheres se defrontaram, a idade descartada por um momento. Avaliaram qualidade que ele não podia ver. Aquela mulher podia fazer mal a eles e Richard sabia que a espada não os poderia proteger.

Adie olhou outra vez para Richard.

— Ponha em palavras o que você precisa, Richard Cypher.

— Precisamos da sua ajuda.

Adie sacudiu a cabeça.

— Verdade.

— Nossos dois amigos estão feridos. Um deles, Dell Brandstone, me disse que é seu amigo.

— Verdade — repetiu Adie.

— Outro homem em Southaven nos disse que você poderia ajudar. Em troca da sua ajuda, trouxemos suprimentos. Achamos que seria justo oferecer alguma coisa a você.

Adie se inclinou para ele.

— Mentira! — Bateu com a mão na muleta. Richard e Kahlan recuaram um pouco. Richard não sabia o que dizer. Adie esperou.

— É verdade. Os suprimentos estão aqui. — Virou-se um pouco, indicando o cavalo de Chase. — Achamos que seria justo...

— Mentira! — Bateu outra vez na muleta.

Richard cruzou os braços, começando a se irritar. Seus amigos estavam morrendo enquanto ele discutia com aquela mulher.

— O que é mentira?

— Isso ser mentira. — Bateu com a muleta no chão. — Foi você quem pensou em trazer suprimentos. Você foi o único que resolveu trazer. Não você e Kahlan. Você. “Nós” ser mentira. “Eu” ser verdade.

Richard descruzou os braços.

— Que diferença faz? Eu, nós, o que importa?

Adie olhou para ele.

— Um ser verdade, o outro ser mentira. Que outra diferença podia haver?

Richard cruzou os braços outra vez, franzindo a testa.

— Chase deve ter muita dificuldade para contar a você as histórias das suas aventuras.

O leve sorriso voltou.

— Verdade. — Balançou a cabeça, inclinou-se um pouco para ele, e ergueu a mão. — Traga seus amigos para dentro.

Ela virou, pôs a muleta debaixo do braço e caminhou para casa. Richard e Kahlan trocaram um olhar e foram buscar Chase, guardando os cobertores. Ele fez Kahlan segurar os pés do guarda da fronteira e ficou com a parte mais pesada. Assim que passaram pela porta com Chase, Richard descobriu por que ela era chamada de mulher do osso.

Ossos de toda espécie estavam empilhados contra as paredes escuras. Todas as paredes estavam cobertas. Em uma delas, estantes abrigavam crânios. Crânios de animais que Richard não

conhecia. A maioria deles era ameaçadora, com dentes longos e curvos. Pelo menos, nenhum era humano, ele pensou. Alguns formavam colares. Outros eram decorados com penas e contas coloridas, com círculos de giz em volta. Havia ilhas de ossos no canto, que pareciam sem importância. Os que estavam nas paredes eram exibidos cuidadosamente, com espaço em volta para demonstrar sua importância. Na moldura da lareira, estava uma costela da grossura do braço de Richard, da sua altura, com símbolos que ele não conhecia gravados em linhas escuras em todo o comprimento. Eram tantos os ossos em volta dele, que Richard tinha a impressão de estar na barriga de um animal morto.

Deitaram Chase e Richard olhou em volta. Água da chuva escorria de Kahlan, de Chase e de Richard. Adie estava ao lado dele, com toda a sua altura. Tão seca quanto os ossos que os rodeavam. Estivera na chuva, mas estava seca. Richard reconsiderou a sensatez de ter ido à casa dela. Se Chase não tivesse dito que Adie era sua amiga, ele não estaria ali.

Olhou para Kahlan.

— Vou buscar Zedd. — Era mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Ajudo a carregar os suprimentos — ofereceu Kahlan, olhando rapidamente para Adie.

Richard deitou Zedd aos pés da mulher do osso. Juntos, ele e Kahlan puseram os suprimentos na mesa. Depois ficaram ao lado dos amigos, na frente de Adie, olhando para os ossos. Adie os observava.

— Quem é este? — perguntou ela, apontando para Zedd.

— Zeddicus Zu'1 Zorander. Meu amigo — disse Richard.

— Mago! — disse Adie, indignada.

— Meu amigo! — exclamou Richard, furioso.

Adie calmamente voltou para ele seus olhos brancos e Richard enfrentou o olhar. Zedd ia morrer se não recebesse ajuda e Richard não ia permitir que isso acontecesse. Adie se inclinou para a frente e pôs a mão enrugada sobre o estômago de Richard.

Surpreso, ele ficou imóvel enquanto ela passava a mão lentamente em círculo, como quem procura alguma coisa. Adie

retirou a mão e a cruzou sobre a outra na muleta. Com um leve sorriso, ergueu os olhos.

— A raiva justa de um verdadeiro Seeker. Bom. — Olhou para Kahlan. — Você não tem nada a temer da parte dele, minha filha. Ser a raiva da verdade. Ser a raiva dos dentes. Os bons não precisam temer ela. — Com a ajuda da muleta, deu alguns passos para Kahlan. Pôs a mão sobre o estômago dela e repetiu o processo. Quando terminou, apoiou a mão na muleta e balançou a cabeça afirmativamente. Olhou para Richard.

— Ela tem o fogo. A ira queima dentro dela também. Mas ser a ira da língua. Deve ser temida. Todos devem temer. Será perigoso se ela libertar essa ira.

Richard olhou desconfiado para Adie.

— Não gosto de enigmas, dão margem a uma interpretação errada. Se quer me dizer alguma coisa, diga claramente.

— Diga claramente — ela o imitou. Entrecerrou os olhos. — O que ser mais forte, os dentes ou a língua?

Richard respirou profundamente.

— A resposta é óbvia, os dentes. Portanto, escolho a língua.

Adie olhou para ele com ar de censura.

— Às vezes sua língua se move quando não deve. Faça com que fique parada. — comandou com sua voz raspante.

Um pouco embaraçado, Richard ficou quieto.

Adie sorriu.

— Está vendo?

Richard franziu a testa.

— Não.

— A ira dos dentes ser força por contato. Violência pelo toque. A magia da Espada da Verdade ser a magia da raiva dos dentes. Cortando. Rasgando. A ira da língua não precisa tocar, mas ser força do mesmo modo. Corta com mesma rapidez.

— Não tenho certeza do que isso significa — disse Richard.

Adie estendeu o braço e encostou o dedo comprido no ombro dele. Uma visão tomou conta da mente de Richard, uma visão que era lembrança da noite anterior. Viu os homens na estalagem.

Estava na frente deles com Kahlan, e os homens se preparavam para o ataque.

Ele empunhava a espada da Verdade, pronto para a violência, se fosse necessário, para detê-los, sabendo que nada menos do que derramamento de sangue seria suficiente. Então viu Kahlan ao seu lado, falando com os homens, detendo-os com suas palavras, passando a língua nos lábios. Dando sentido sem falar. Estava apagando o fogo deles, desarmando os depravados sem tocá-los, fazendo o que a espada não podia fazer. Ele começou a compreender o que Adie dizia.

Kahlan ergueu a mão rapidamente e segurou o pulso de Adie, tirando a mão dela do ombro de Richard. Havia perigo no seu olhar e Adie percebeu.

— Empenhei minha vida em defesa do Seekcr. Não sei o que você está fazendo. Perdoe-me se estiver reagindo exageradamente. Não há intenção de desrespeito, mas nunca me perdoarei se falhar na minha missão. Há muita coisa em jogo.

Adie olhou para a mão que segurava seu pulso.

— Eu compreendo, minha filha. Me perdoe se sem pensar eu alarmei você.

Kahlan segurou o pulso dela por mais um momento, para acentuar sua intenção. Adie apoiou a mão em cima da muleta. Olhou para Richard.

— Os dentes e a língua trabalham juntos. O mesmo se dá com a magia. Você comanda a magia da espada, a magia dos dentes. Mas isso dá a você a magia da língua também. A magia da língua funciona porque tem o respaldo da espada. — Virou a cabeça lentamente para Kahlan. — Você tem ambos, minha filha. Dentes e língua. Você usa eles juntos, um apoiando a outra.

— E o que é a magia de um mago? — perguntou Richard.

Adie olhou para ele, considerando a pergunta.

— Tem muitos tipos de magia, dente e língua são apenas dois deles. Os magos conhecem todas, menos as do mundo subterrâneo. Os magos usam quase todas que eles conhecem. — Olhou para Zedd. — Ele ser homem muito perigoso.

— Ele nunca me mostrou nada além de bondade e compreensão. É um homem bondoso.

— Verdade. Mas ser também perigoso — repetiu Adie.

Richard deixou passar.

— E Darken Rahl? Sabe qual tipo de magia ele usa?

Adie entrecerrou os olhos.

— Oh sim — sibilou ela. — Eu sei quem ele é. Ele pode usar todas as magia que os magos usa e as que os magos não pode usar. Darken Rahl pode usar o mundo subterrâneo.

Richard sentiu um arrepio. Queria perguntar qual era o tipo de magia de Adie, mas não perguntou. Ela olhou para Kahlan.

— Esteja avisada, minha filha, você tem o verdadeiro poder da língua. Será terrível se algum dia você liberar ele.

— Não sei do que está falando — disse Kahlan, intrigada.

— Verdade — assentiu Adie. — Verdade. — Estendeu o braço e gentilmente pôs a mão no ombro de Kahlan, puxando-a para ela. — Sua mãe morreu antes que você virasse mulher, antes que chegasse à idade em que ela podia ensinar.

Kahlan conteve a emoção.

— O que você pode me ensinar?

— Nada. Sinto muito, mas não entendo como funciona. Ser uma coisa que só sua mãe ia poder ensinar, quando você tivesse idade. Como sua mãe não ensinou, o ensinamento está perdido. Mas o poder continua lá. Fique avisada. Só porque não te ensinaram, não quer dizer que não pode se manifestar.

— Você conheceu minha mãe? — perguntou Kahlan, num murmúrio doloroso.

Adie olhou compassivamente para Kahlan e balançou a cabeça afirmativamente — Lembro-me do nome da sua família. E me lembro dos olhos verdes dela, não é fácil esquecer eles. Você tem mesmos olhos. Quando ela estava grávida de você, eu conheci ela.

Uma lágrima desceu pelo rosto de Kahlan e ela disse, com o mesmo murmúrio doloroso: — Minha mãe usava um colar com um pequeno osso. Ela me deu quando eu era pequena. Eu o usei até... até Dennee, a jovem que eu chamava de irmã... quando Dennee

morreu, eu o enterrei com ela. Ela sempre gostou dele. Você deu aquele colar para minha mãe, não deu?

Adie fechou os olhos.

— Sim, minha filha. Dei a ela por proteger filha que ia nascer, pra que ela estivesse segura, pra que crescesse forte como a mãe. Tô vendo que deu certo.

Kahlan abraçou a velha mulher.

— Obrigada, Adie! — disse ela, chorando — Por ajudar minha mãe. — Adie segurou a muleta com uma das mãos e passou a outra nas costas dela com genuína simpatia. Depois de alguns momentos, Kahlan se afastou e enxugou as lágrimas.

Richard viu a brecha e a aproveitou com determinação.

— Adie — disse ele com suavidade —, você ajudou Kahlan antes de ela nascer. Ajude-a agora. A vida dela e as vidas de muitos outros estão em jogo. Darken Rahl está atrás dela, atrás de mim. Preciso que ajude esses dois homens. Por favor, ajude-os. Ajude Kahlan.

Adie sorriu de leve. Balançou a cabeça afirmativamente.

— O mago escolhe bem seus Seekers. Felizmente para você, paciência não é um requisito para o posto. Fique tranquilo, eu não deixaria você trazer os dois se não tivesse intenção de ajudá-los.

— Bem, talvez você não possa ver — insistiu ele —, mas Zedd especialmente está muito mal. Mal respira.

Adie olhou para ele com tensa tolerância.

— Diga-me — perguntou com sua voz áspera —, você conhece o segredo de Kahlan, o que ela esconde de você?

Richard ficou calado, tentando não demonstrar emoção. Adie se voltou para Kahlan.

— Diz pra mim, minha filha, conhece o segredo que ele esconde de você? — Kahlan não disse nada. Adie olhou outra vez para Richard. — O mago conhece o segredo que você esconde dele? Não. Você conhece o segredo que o mago esconde de você? Não. Três pessoas cega. É, parece que posso ver melhor do que vocês...

Richard tentou imaginar qual o segredo que o mago escondia dele. Ergueu uma sobrancelha. — E qual desses segredos você conhece, Adie?

Ela apontou um dedo para Kahlan.

— Só o dela.

Richard ficou aliviado, mas não demonstrou. Ficara quase em pânico.

— Todos têm segredos e o direito de guardá-los quando é preciso. — disse ele.

Com um largo sorriso, Adie disse: — Isso ser verdade, Richard Cypher.

— Agora, vamos tratar desses dois? — perguntou Richard.

— Você sabe como curar ele? — perguntou ela.

— Não. Se soubesse, evidentemente já os teria curado.

— Sua impaciência é perdoada, tem o direito de temer pela vida dos seus amigos. Não tenho nada contra isso. Mas pode ficar descansado, eles estão recebendo ajuda desde que entraram aqui.

Richard ficou confuso.

— É mesmo?

— Foram derrubados por animais do mundo subterrâneo. Vão demorar algum tempo para acordar, dias. Quantos, não sei. Mas estão secos. Falta d' água será a morte deles, por isso eles devem acordar o tempo suficiente para tomar água ou eles vão morrer. O mago respira lentamente não por estar pior, mas porque é assim que os magos guardam sua força nos momentos de crise — caem em sono profundo. Eu devo acordar os dois para beber. Vocês não vão poder falar com eles, nenhum dos dois vai reconhecer vocês, por isso não se assustem. Vá até aquele canto, traga balde com água.

Richard levou a água e ajudou Adie a se sentar com as pernas cruzadas, ao lado de Zeed e Chase. Adie puxou Kahlan para perto dela. Pediu a Richard para apanhar um osso da estante.

Um pedaço do osso parecia muito com o osso da coxa humana. Era recoberto por uma pátina marrom e parecia muito antigo. Na abertura do osso, havia símbolos que Richard não reconheceu. Em uma das extremidades, duas calotas cranianas, uma de cada lado. Tinham sido cortadas em duas meias esferas e cobertas com uma pele seca. No centro de cada pele, havia um nó que parecia um umbigo. Dispostos regularmente em volta de cada pele, onde elas se esticavam por cima da beirada do crânio, tufo de cabelo negro

estavam atados com uma fieira de contas que combinavam com as da gola do manto de Adie. As calotas pareciam humanas. Alguma coisa dentro delas chocalhava.

Richard entregou respeitosamente o objeto para Adie e indagou:

— O que faz esse barulho?

Sem erguer os olhos, ela disse: — Olhos secos.

Adie sacudiu o osso gentilmente de um lado para o outro acima das cabeças de Zedd e de Chase, murmurando um canto na língua estranha com que tinha falado com Kahlan. Os olhos secos fizeram um ruído oco, como de madeira.

Kahlan, sentada com as pernas cruzadas ao lado dela, baixou a cabeça. Richard, um pouco afastado, observava as duas.

Depois de dez ou quinze minutos, Adie fez sinal para ele chegar mais perto. Zedd, de repente se sentou e abriu os olhos. Richard compreendeu que Adie queria que desse água a ele. Ela continuou a cantar, enquanto ele encheu a concha com água e a levou à boca de Zedd. Ele bebeu com sofreguidão. Richard ficou entusiasmado vendo o velho homem se sentar e abrir os olhos, mesmo que não pudesse falar nem soubesse onde estava. Zedd bebeu meio balde d'água. Quando terminou, deitou e fechou os olhos. Então foi a vez de Chase e ele bebeu a outra metade da água.

Adie entregou a Richard o chocalho de osso e pediu que o levasse de volta a prateleira. Depois pediu para apanhar a pilha de ossos do canto e dispor metade sobre Zedd e a metade sobre Chase, orientando sobre a posição correta de cada osso, alinhando-os um modo que só ela compreendia. Finalmente mandou arrumar costelas formando círculos no centro no peito de cada um. Quando Richard terminou, ela elogiou seu bom trabalho, mas Richard não sentiu orgulho algum, porque ela orientara cada movimento. Adie ergueu para ele os olhos brancos.

— você sabe cozinhar?

Richard lembrou quando Kahlan disse que sua sopa variada era muito parecida com a que ela fazia. Adie era de Midlands. Talvez gostasse de alguma coisa da sua terra natal. Sorriu para ela.

— Será uma honra preparar uma sopa variada para você.

Ela bateu palmas, encantada.

— Que maravilha! Faz tempo não tomo uma boa sopa variada.

Richard foi para o outro lado da sala, se sentou à mesa e começou a cortar legumes e misturar temperos. Durante mais de uma hora enquanto trabalhava, observou as duas mulheres sentadas no chão conversando naquela língua estranha. Duas mulheres pondo em dia notícias de casa, ele pensou, feliz. Richard estava de bom humor. Finalmente alguém estava ajudando Zedd e Chase. Alguém que conhecia o problema. Quando terminou, levou a sopa ao fogo; não quis perturbá-las — aparentemente elas estavam se divertindo —, por isso perguntou a Adie se podia cortar lenha para ela. Adie gostou da idéia. Richard saiu e tirou do pescoço o cordão de couro com o dente, guardou-o no bolso, tirou a camisa e a deixou na varanda. Levou a espada e foi para os fundos da casa, onde Adie tinha dito que encontraria a pilha de madeira para cortar. Pondo as toras no trono cortado, ele cortou uma porção de achas de lenha. A maior parte da madeira era bétula, mais fácil de ser cortada por uma mulher velha. Richard escolheu as toras de bordo da rocha, excelente para fazer fogo, mas duro para cortar. O bosque perto da casa era denso e escuro, mas não ameaçador. Era convidativo, aconchegante, seguro. Mas o último homem quad estava em algum lugar, caçando Kahlan.

Richard pensou em Michael, desejando que ele estivesse bem. Michael não sabia o que o irmão estava fazendo e provavelmente se perguntava onde ele estaria. Devia estar preocupado. Richard tinha planejado ir à casa de Michael quando saísse da casa de Zedd, mas não teve tempo. Quase foram apanhados por Rahl. Gostaria de ter falado com o irmão. Michael correria grande perigo quando a fronteira desaparecesse.

Quando cansou de cortar os toros, cortou em achas menores. Era bom para os músculos, transpirar com trabalho braçal, fazer alguma coisa que não o obrigava a pensar. A chuva fria era agradável a seu corpo quente, facilitando o trabalho. Para se divertir, imaginava que a madeira era a cabeça de Darken Rahl cada vez que a cortava com o machado.

Para variar, às vezes imaginava que era um gar. Quando o pedaço de madeira era muito duro, imaginava que era a cabeça do homem ruivo.

Kahlan saiu da casa e perguntou se ele estava pronto para comer. Richard nem percebera que começava a escurecer. Quando ela voltou para dentro, ele foi até o poço e derramou um balde de água fria na cabeça, para lavar o suor. Kahlan e Adie estavam sentadas à mesa e como só havia duas cadeiras, Richard levou uma tora de madeira para se sentar. Kahlan pôs um prato de sopa na frente dele, com uma colher.

— Você me deu um presente maravilhoso, Richard — disse Adie.

— E qual foi esse presente? — Ele assoprou a colher para esfriar a sopa.

Ela voltou para ele os olhos brancos.

— Sem ofensa, você me deu tempo para falar com Kahlan na minha língua nativa. Não imagina que alegria foi para mim. Você é homem muito perceptivo. Um verdadeiro Seeker.

Com um largo sorriso, Richard disse: — Você também me deu uma coisa muito preciosa. A vida dos meus amigos. Obrigado, Adie.

— E sua sopa é maravilhosa — acrescentou ela, com tom surpreso.

— Sim. — Kahlan piscou um olho para ele. —Tão boa quanto a que eu faço.

— Kahlan me falou de Darken Rahl e da queda da fronteira — disse Adie. — Isso explica muita coisa. Ela disse que você sabe da existência de uma passagem e você quer entrar em Midlands. Agora deve resolver o que quer fazer. — Tomou uma colherada de sopa.

— Como assim?

— Eles precisam ser acordado todos os dias para tomar água e comer um mingau. Seus amigos pode dormir por vários dias, cinco, talvez dez. Você decide, como Seeker, se quer esperar por eles ou seguir viagem. A gente não pode ajudar nisso, você resolve.

— Será muito trabalho para você sozinha.

Adie concordou.

— Sim. Mas não tanto quanto procurar caixas e deter Darken Rahl. — Tornou mais sopa, olhando para ele.

Richard mexeu distraidamente a sopa no prato, com a colher. Fez-se um longo silêncio. Ele olhou para Kahlan, mas a moça não demonstrou nada. Richard sabia que Kahlan não queria interferir com sua decisão.

Olhou outra vez para a sopa.

— Cada dia que passa — disse ele, finalmente, em voz baixa — traz Rahl para mais perto da terceira caixa. Zedd me disse que tinha um plano. Não quer dizer que seja um bom plano. E pode não haver tempo para executá-lo quando ele acordar. Podemos perder antes de começar. — Olhou nos olhos verdes de Kahlan. — Não podemos esperar. Não podemos correr esse risco, há muita coisa em jogo. Devemos partir sem eles. — Kahlan sorriu tranqüilizadamente. — Eu não estava pensando em deixar que Chase fosse conosco. Tenho um trabalho mais importante para ele.

Adie pôs a mão macia e quente sobre a dele.

— Não é escolha fácil. Não é fácil ser Seeker. A dificuldade do que espera vocês tá além dos seus piores temores.

Richard forçou um sorriso.

— Pelo menos ainda tenho a minha guia.

Os três ficaram em silêncio, pensando no que ainda precisava ser feito.

— Vocês dois devem ter uma boa noite de sono — disse Adie. — Vão precisar. Depois do jantar, eu digo a você o que você precisa saber sobre passagem. — Olhou de um para o outro e disse com voz mais áspera: — E eu conto como perdi meu pé.

CAPÍTULO 17



Richard pôs o lampião ao lado da mesa perto da parede e o acendeu com um graveto tirado da lareira. Os sons da chuva leve e das criaturas da noite entravam pela janela. Os pios e chamados dos pequenos animais noturnos eram familiares para ele, reconfortantes sons de casa. Sua casa. Aquela era a última noite em sua terra natal, pois no dia seguinte estaria em Midlands. Como seu pai tinha feito. Sorriu pensando na ironia. Seu pai trouxera de Midlands o *Livro de Sombras Contadas* e agora ele o levava de volta.

Sentou-se na tora redonda de madeira, de frente para Kahlan e Adie.

— Então diga, como encontraremos a passagem?

Adie recostou na cadeira e passou a mão no cabelo.

— Você já encontrou. Você tá na passagem. Pelo menos na estrada dela.

— E que precisamos saber para atravessar?

— A passagem ser um vazio no mundo subterrâneo, mas ainda a terra dos mortos. Vocês tão vivos. Os animais caçam vivos quando eles têm tamanho suficiente para interessar eles.

Richard olhou para o rosto impassível de Kahlan, depois outra vez para Adie.

— Que animais?

O dedo longo de Adie apontou para as paredes da sala.

— São os ossos dos animais. Seus amigos foram tocados por coisas do mundo subterrâneo. Os ossos confunde seus poderes. Por isso eu disse que seus amigos estavam sendo ajudados desde o momento em que eles chegaram aqui. Os ossos mantêm mal longe

daqui. Os animais não podem me encontrar porque sentem o mal nos ossos e isso cega eles, fazendo eles pensar que sou um deles.

Richard se inclinou para a frente.

— Se levarmos alguns ossos conosco, estaremos protegidos?

Com seu sorriso que enrugava os olhos, Adie disse: — Muito bem. É exatamente o que devem fazer. Esses ossos dos mortos têm magia suficiente para proteger vocês. Mas tem mais. Ouça com atenção.

Richard cruzou as mãos.

— Vocês não podem levar seus cavalos, a trilha é pequena demais para eles. Não cabem em vários trechos. Vocês não devem sair da trilha. E não devem parar para dormir.

Vão levar um dia, uma noite e a maior parte do dia seguinte para atravessar.

— Por que não podemos parar para dormir? — perguntou Richard.

Adie olhou de um para o outro, com seus olhos brancos.

— Tem outras coisas na passagem, além dos animais. Elas vão pegar vocês se vocês pararem.

— Coisas? — perguntou Kahlan.

Adie fez que sim com a cabeça.

— Eu vou sempre à passagem. Se vocês tiverem cuidado, é seguro. Se não, as coisas vão pegar vocês. — A voz raspante ficou mais baixa. — Eu fiquei confiante demais. Um dia, eu andei por muito tempo e eu me cansei. Eu estava muito segura de mim mesma, claro que sabia dos perigo, por isso sentei encostada em uma árvore e cochilei. Só por uns minuto. — Passou a mão na perna. — Enquanto eu dormia, um sugador grudou no meu tornozelo.

Kahlan perguntou: — O que é um sugador?

Adie olhou para eles em silêncio por um momento.

— Um sugador ser um animal com armadura nas costas e espetos na parte de baixo. Muitas perna, cada uma com uma garra afiada, boca como de sanguessuga, cheia de dentes. Ele se enrola de um modo que só aparece a carapaça. Enfia as garras na carne

para que a pessoa não possa arrancar ele e aí põe a boca na vítima e suga sangue, segurando com as garras o tempo todo.

Kahlan pôs a mão no braço de Adie. A luz do lampião tingia de rosa os olhos brancos. Richard não se moveu, os músculos estavam tensos.

— Eu tava com meu machado. — Kahlan fechou os olhos e abaixou a cabeça. — Eu tentei matar o sugador ou pelo menos arrancar ele de mim. O sugador é uma das criaturas mais lentas da passagem, porém é mais rápido do que um tolo adormecido. — Olhou nos olhos de Richard. — Eu só podia fazer uma coisa para salvar minha vida. Eu não agüentava mais a dor, os dente dele raspava meu osso. Amarrei uma tira de pano com força na coxa e apoiei a perna em uma tora de madeira. Eu usei o machado para cortar meu pé na altura do tornozelo.

O silêncio na pequena casa era tenso. Só os olhos de Richard se moveram para encontrar os de Kahlan. Viu refletida neles a compaixão que ele próprio sentia pela velha mulher. Não podia imaginar a coragem necessária para cortar o próprio pé com um machado. Richard chegou a sentir náusea. Os lábios finos de Adie se recurvaram num sorriso tristonho. Estendeu os braços sobre a mesa e segurou com força as mãos de Richard e de Kahlan.

— Conto esta história não para que vocês sintam pena de mim. Conto para que vocês não sejam vítimas de algumas coisas que existe na passagem. O medo às vezes pode significar segurança.

— Então acho que estaremos muito seguros.

Ainda sorrindo, Adie continuou: — Ótimo. Há mais uma coisa. Há um lugar onde duas paredes da fronteira são muito juntas uma da outra, elas quase se tocam. Este lugar se chama Estreito. Quando chegarem a uma rocha do tamanho desta casa, partida ao meio, esse é o lugar. E adiante, vocês devem passar entre as paredes da fronteira. É o lugar mais perigoso do desfiladeiro. — Pôs a mão no ombro de Kahlan e apertou a mão de Richard, olhando de um para o outro. — Eles vão chamar vocês da fronteira. Eles querem que vocês vão para eles.

— Quem? — perguntou Kahlan.

Adie se inclinou para ela.

— Os mortos. Pode ser uma pessoa que você conheça, que esteja morta.

Kahlan mordeu o lábio.

— É mesmo essa pessoa?

Adie balançou a cabeça.

— Não sei, minha filha. Mas não acredito que seja.

— Eu também não — Disse Richard, quase mais para se convencer.

— Ótimo — disse Adie. — Continue pensando assim. Ajudará você a resistir. Vocês vão ficar tentado a atender o chamado. Se vocês fizerem isso, estão perdido. E lembrem-se, no Estreito é mais importante ficar na trilha. Um ou dois passos para qualquer lado será demais porque as paredes da fronteira são muito junta. Vocês não vão poder recuar. Nunca mais.

Richard respirou profundamente.

— Adie, a fronteira está ruindo. Antes de ser derrubada, Zedd me disse que dá para ver a mudança. Chase disse que antigamente não se podia ver dentro dela e que agora os seres do mundo subterrâneo estão saindo. Você acha que ainda é seguro passar pelo Estreito?

— Seguro? Eu nunca disse que é seguro. Muitos cheios de cobiça, mas sem força de vontade, tentaram passar, mas nunca chegaram ao outro lado. — Inclinou-se para ele. — Enquanto a fronteira estiver lá, a passagem também vai estar. Vocês fique na trilha. Pensem no seu objetivo. Ajudem um ao outro, se for preciso, que vocês vão passar.

Adie olhou para ele com atenção. Richard se voltou para os olhos verdes de Kahlan, imaginando se poderiam resistir à fronteira. Lembrou-se da vontade que sentiu de entrar. No Estreito, teriam a fronteira dos dois lados. Sabia o medo que Kahlan tinha do mundo subterrâneo, com razão. Ela estivera lá. Ele também não estava ansioso para chegar perto.

Richard pensou por um momento.

— Você disse que o Estreito fica no centro da passagem. E se for noite? Como vamos enxergar para não sair da trilha?

Adie apoiou a mão no ombro de Kahlan para se levantar.

— Venham — disse ela, pondo as muletas debaixo dos braços. Eles a seguiram vagorosamente até as prateleiras. Os dedos finos apanharam uma bolsa de couro. Desatou o cordão que a fechava e, virando a bolsa, pôs uma coisa na palma da mão.

Voltou-se para Richard.

— Estenda a mão.

Ele obedeceu. Adie pôs a mão sobre a dele e Richard sentiu um peso macio. Na sua língua nativa, ela disse algumas palavras em voz baixa.

Richard viu na palma da sua mão uma pedra do tamanho de um ovo de galinha silvestre. Macia e polida, era tão escura que parecia capaz de sugar a luz da sala. Não dava nem para discernir a superfície, só se via uma camada brilhante. Debaixo dela, tudo era vazio e escuro.

— Isto ser uma pedra da noite. — disse Adie com voz pausada.

— E o que faço com ela?

Adie hesitou, olhando para a janela por um breve momento.

— Quando você achar que está escuro demais, você pega pedra da noite que ela vai dar luz suficiente para ver o caminho. Ela só funciona nas mãos do dono e só se ela é dada de boa vontade pelo dono anterior. Vou dizer pro mago que pedra tá com você. Ele tem magia necessária para encontrar ela e vai poder encontrar você.

Richard hesitou.

— Adie, esta pedra deve ser valiosa. Não tenho o direito de aceitar.

— Tudo é valioso na condição certa. Pra um homem que ta morrendo de sede, a água é mais preciosa do que ouro. Pra um homem que ta se afogando, a água não vale nada, só problema. Neste momento, você ser um homem com muita sede. Sede para deter Darken Rahl. Leva a pedra da noite. Se você sentir peso da obrigação, pode devolver ela um dia.

Richard assentiu, pôs a pedra na bolsa de couro e a guardou no bolso. Adie virou outra vez para a prateleira e apanhou um colar delicado, erguendo-o para que Kahlan pudesse ver. Algumas contas vermelhas e amarelas estavam dispostas em volta de um pequeno

osso redondo. Os olhos de Kahlan se iluminaram e ela abriu a boca, surpresa.

— Igual ao de minha mãe — disse ela, maravilhada.

Adie passou o colar pela cabeça dela e Kahlan levantou o cabelo. Kahlan olhou para o colar, tocando-o e sorrindo.

— Por enquanto, ele vai te esconder dos animais do desfiladeiro e um dia, quando você tiver esperando um, o filho vai te proteger e o colar o ajudará a crescer forte como você.

Kahlan abraçou com força a velha mulher, por longo tempo. Quando se separaram, Kahlan parecia preocupada e falou na língua que Richard não entendia. Adie simplesmente sorriu e bateu de leve no ombro dela.

— Vocês dois precisam dormir agora.

— E eu? Também não preciso de um osso para me esconder dos animais?

Adie olhou para o peito dele. Lentamente estendeu o braço, encostou a mão na camisa dele e tocou no dente. Retirou a mão e olhou nos olhos de Richard. De algum modo, ela sabia da existência do dente. Richard prendeu a respiração.

— Tu não precisa de osso, hartlandês. Os animais não pode te ver.

Seu pai dissera que a coisa que guardava o livro era um animal malvado. Compreendeu que, por causa do dente, as coisas da fronteira não puderam encontrá-lo, como encontraram os outros. Se não fosse pelo dente, ele teria sido derrubado como Zedd e Chase, e Kahlan estaria no mundo subterrâneo. Richard tentou evitar qualquer sinal de emoção. Adie percebeu e não disse nada. Kahlan pareceu confusa, mas também ficou calada.

— Durmam agora — disse Adie.

Kahlan recusou a cama oferecida por Adie. Ela e Richard estenderam seus cobertores perto do fogo e Adie foi para seu quarto. Richard pôs mais lenha na fogueira, lembrando que Kahlan gostava de ficar perto do fogo. Sentou-se ao lado de Zedd e Chase por um momento, passando a mão nos cabelos brancos do mago, ouvindo sua respiração. Detestava ter de deixar os amigos. Temia o que os esperava. Imaginou se Zedd saberia onde procurar as caixas.

Richard gostaria de saber o plano de Zedd. Talvez fosse uma espécie de truque do mago contra Darken Rahl.

Kahlan se sentou no chão, na frente do fogo, com as pernas cruzadas, observando Richard. Quando ele voltou para o cobertor, ela deitou de costas, puxando o cobertor até a cintura. A casa estava quieta e dava a sensação de segurança. A chuva continuava. Era bom estar perto do fogo. Richard estava cansado. Voltou-se para Kahlan, apoiado num cotovelo e com a cabeça na mão. Ela olhou para o teto, girando o colar de ossos entre os dedos. Richard viu o movimento da respiração no peito dela.

— Richard — murmurou ela, sempre olhando para o teto. — Eu sinto muito ter de deixar os dois.

— Eu sei — disse em voz baixa. — Eu também sinto.

— Espero que não sinta que eu o forcei a fazer isso por causa do que eu disse quando estávamos no pântano.

— Não. Foi a decisão certa. A cada dia o inverno está mais próximo. Não adiantaria esperarmos com eles, enquanto Rahl encontra a caixa. Aí estaremos todos mortos. A verdade é a verdade. Não posso ficar zangado com você por ter dito aquilo.

Ouvindo o fogo estalar e sibilar, olhou para ela, para o cabelo no chão em volta do seu rosto. Podia ver uma veia pulsando no pescoço dela. Pensou que Kahlan tinha o pescoço mais delicioso que já vira. Às vezes ela parecia tão bonita que ele quase não suportava olhar e ao mesmo tempo não podia afastar os olhos. Ela continuava a girar entre os dedos as contas do colar.

— Kahlan. — Ela olhou para ele. — Quando Adie disse que o colar protegeria você e algum dia protegeria seu filho, o que você respondeu?

Kahlan olhou para ele por longo tempo.

— Eu agradei, mas disse que não acho que viverei bastante para ter um filho.

Richard sentiu um arrepio nos braços.

— Por que disse isso?

Movendo os olhos rapidamente, estudando o rosto dele, ela disse: — Richard, na minha terra a loucura impera, uma loucura que você não pode imaginar. Eu sou uma só. Eles são muitos. Vi gente

melhor do que eu se revoltar e ser trucidada. Não estou dizendo que acho que fracassaremos, mas não acho que viverei para saber.

Mesmo sem que ela dissesse, Richard sabia que ela achava que ele também não viveria. Kahlan tentava não o alarmar, mas ele acreditava que morreria também. Por isso ela não queria que Zedd lhe desse a Espada da Verdade, que o fizesse Seeker. Era como se seu coração subisse para a garganta. Kahlan acreditava que os estava levando para a morte.

Talvez estivesse certa, ele pensou. Afinal, ela sabia mais do que ele o que estariam enfrentando. Ela devia estar apavorada por voltar a Midlands. Mas, uma vez lá, não tinham para onde fugir. O fogo-fátuo tinha dito que fugir seria a morte.

Richard beijou as pontas dos dedos e tocou com eles o osso do colar. Olhou para os suaves olhos dela.

— Acrescento meu juramento de proteção à do osso. — disse ele num murmúrio. — Para você agora e para o filho que você terá no futuro. Não trocaria um dia que passo com você por uma vida de escravidão. Aceitei o posto de Seeker voluntariamente. E, se Darken Rahl levar o mundo todo à loucura, então morreremos com uma espada em nossas mãos, não com grilhões em nossas asas. Não permitiremos que seja fácil para eles nos matar, pagarão um alto preço. Lutaremos até o último suspiro se for preciso e na nossa morte infligiremos um ferimento nele que o levará à morte.

Com um sorriso que lhe iluminou os olhos, ela disse: — Se Darken Rahl conhecesse você como eu conheço, teria razão para perder o sono. Agradeço aos bons espíritos o Seeker não ter motivo para ter raiva de mim. — Encostou a cabeça no braço. — Você tem um talento especial para me fazer sentir melhor, Richard Cypher, mesmo quando fala da minha morte.

— Para isso são os amigos — sorriu ele.

Kahlan fechou os olhos e Richard a olhou por algum tempo, até o sono chegar suavemente. Seu último pensamento antes de adormecer foi pra ela.

O primeiro sinal da manhã foi úmido e escuro, mas sem chuva. Kahlan despediu-se de Adie com um abraço. Richard olhou nos olhos

brancos da velha mulher.

— Devo pedir a você uma tarefa importante. Quero que dê a Chase uma mensagem do Seeker. Diga a ele que deve voltar para Hartland e avisar ao Primeiro Conselheiro que a fronteira desaparecerá muito em breve. Ele deve dizer a Michael que precisa mobilizar o exército para defender Westland das forças de Rahl. Devem estar preparados para lutar contra uma invasão. Não devem deixar que Westland caia como Midlands. Qualquer força que aparecer deve ser considerada invasora. Chase deve dizer a Michael que foi Rahl quem matou nosso pai e os que vierem não virão em paz. Estamos em guerra e eu já entrei na batalha. Se meu irmão ou o exército ignorarem meu aviso, Chase deve abandonar o serviço do governo e fazer com que os guardas da fronteira se unam para lutar contra as legiões de Rahl. Seu exército praticamente não encontrou oposição quando tomou Midlands. Se tiverem de derramar sangue para tomar Westland, talvez percam o entusiasmo. Chase deve dizer a ele para não ter misericórdia com o inimigo, para não fazer prisioneiros. Não tenho qualquer prazer em dar essas ordens, mas é assim que Rahl luta e ou o enfrentamos nos seus termos ou morremos. Se Westland for tomada, espero que os guardas cobrem um preço muito alto antes de serem vencidos. Quando Chase tiver os guardas e o exército reunidos, ele pode vir me ajudar, se quiser, pois acima de tudo precisamos evitar que Rahl consiga as três caixas. — Richard olhou para baixo. — Peça-lhe para dizer ao meu irmão que eu o amo e sinto falta dele. — Ergueu os olhos para Adie. — Pode lembrar de tudo isso?

— Acho que não poderia esquecer nem se quisesse. Vou dizer ao guarda suas palavras. O que quer que eu diga ao mago?

Richard sorriu.

— Que lamento não poder esperar por ele, mas sei que ele compreende. Quando puder, ele me encontrará por meio da pedra da noite. A essa altura, espera já ter encontrado uma das caixas.

— Força para o Seeker. — disse Adie com sua voz áspera — e para você também, minha filha. Tempos difíceis esperam vocês.

CAPÍTULO 18



A trilha tinha largura suficiente para Richard e Kahlan andarem lado a lado. As nuvens eram baixas e ameaçadoras, mas não chovia. Os dois estavam bem agasalhados com suas capas. Agulhas de pinheiro marrons e úmidas forravam o caminho dentro da floresta. Eram poucos os arbustos entre as árvores grandes, proporcionando visão por uma boa distância.

Samambaias cobriam o solo em renques de folhagem e troncos mortos aqui e ali pareciam dormir na cama de agulhas. Esquilos censuravam a intrusão e pássaros cantavam com monótona insistência.

Richard arrancou algumas agulhas do galho de uma pequena árvore de abeto balsâmico e as esfregou entre os dedos.

— Adie é mais do que ela parece — disse ele.

Kahlan olhou para ele.

— Ela é uma feiticeira.

Richard disse surpreso: — É mesmo? Eu não sei o que é exatamente uma feiticeira.

— Bem, ela é mais do que nós e menos do que um mago.

Richard cheirou a fragrância de agulhas do abeto balsâmico que tinha entre os dedos e depois jogou fora. Talvez ela fosse mais do que ele, pensou, mas certamente não era mais do que Kahlan. Lembrou o olhar de Adie quando Kahlan segurou o pulso dela. Um olhar de medo. Lembrou a expressão de Zedd quando a viu pela primeira vez. Qual era o seu poder, capaz de assustar uma feiticeira e um mago? O que ela fazia para provocar aquele trovão silencioso? Kahlan fizera duas vezes, uma contra o Quad e outra com Shar, o fogo-fátuo.

Richard lembrava a dor provocada depois. Uma feiticeira maior do que Kahlan? Ele duvidava.

— Por que Adie mora aqui na passagem?

Kahlan empurrou o cabelo para trás do ombro.

— Ela se cansou de as pessoas a procurarem constantemente, querendo encantamento e poções. Queria ficar sozinha para estudar seja o que for que uma feiticeira estuda, uma espécie de invocação como ela diz.

—Você acha que ela estará segura quando a fronteira desaparecer?

— Espero que sim. Eu gosto dela.

— Eu também — sorriu ele.

A trilha em alguns trechos tinha subidas íngremes, obrigando-os a andar um atrás do outro nas encostas e nas arestas rochosas. Richard deixava Kahlan seguir em frente para poder vigiá-la, evitando que ela se desviasse da trilha. Às vezes ele tinha de apontar o caminho, visível para seus olhos experientes de guia, mas não para os dela. Árvores cresciam nas rachaduras das rochas que se erguiam acima deles. A névoa esvoaçava entre as árvores. Raízes entre as aberturas das rochas serviam de apoio da subida. As pernas de Richard doíam por causa do esforço para descer barrancos escuros na trilha.

Richard pensava na que fariam quando chegassem a Midlands. Dependia antes do plano de Zedd para quando estivessem atravessando a passagem e agora estavam sem Zedd, sem um plano. Sentia-se como um tolo entrando daquele modo em Midlands. O que ia fazer quando chegassem lá? Ficar parado e olhar em volta, adivinhar onde estava a caixa e ir buscá-la? Não era um bom plano. Não tinham tempo para andar a esmo, esperando encontrar alguma coisa por acaso. Ninguém estaria à sua espera para dizer o que devia fazer.

Chegaram a uma formação rochosa íngreme. A trilha subia em linha reta. Richard examinou o terreno. Era mais fácil dar a volta, melhor do que escalar a rocha, mas finalmente, pensando que a fronteira podia estar em qualquer lugar, desistiu da idéia. A trilha

seguia por ali por algum motivo. Richard foi à frente, segurando a mão de Kahlan, ajudando-a a subir.

Os pensamentos o atormentavam alguém havia escondido uma das caixas, do contrario Rahl já estaria com ela. Se Rahl não conseguia encontrá-la, como Richard a encontraria? Não conhecia ninguém em Midlands, não sabia onde procurar. Não podiam procurar a caixa. Tinham de encontrar alguém que soubesse onde estava.

Magia, ele pensou de repente. Midlands era uma terra de magia. Talvez alguém com magia pudesse dizer onde estava a caixa. Tinham de encontrar alguém com a magia certa. Adie pôde dizer coisas sobre ele, sem nunca ter visto Richard antes. Devia haver alguém com esse tipo de magia, capaz de dizer onde estava à caixa e nunca a ter visto.

Então, é claro, precisavam convencer essa pessoa a contar a eles. Mas talvez se alguém escondesse esse conhecimento de Darken Rahl, ficaria satisfeito por ajudá-los. Parecia que havia muitos desejos e esperanças nesses pensamentos.

Mas Richard sabia de uma coisa. Mesmo que Rahl conseguisse todas as caixas, sem o livro não podia distinguir uma da outra. Enquanto andava, Richard recitava mentalmente o *Livro das Sombras Contadas*, tentando encontrar um meio de deter Rahl. Como era um livro de instruções para o uso das caixas, devia indicar um meio para evitar que fossem usadas, mas Richard não encontrou essa indicação. A explicação do que cada caixa fazia, diretrizes para determinar a identidade das caixas e como abrir uma delas ocupava uma pequena parte no fim do livro. Richard compreendia bem essa parte, que era clara e precisa. Porém a maior parte do livro tratava de orientações para se defender de coisas inesperadas, resolvendo problemas que podiam evitar que o dono das caixas tivesse sucesso. O livro começava dizendo como verificar a verdade nas instruções.

Se ele pudesse criar um daqueles problemas, poderia deter Rahl, pois ele não tinha o livro. Mas era impossível criar a maioria dos problemas, pois tratavam de ângulos do sol e das nuvens no dia da abertura da caixa. E grande parte ele não entendia. Era sobre coisas de que nunca ouvira falar. Richard disse a si mesmo para

parar de pensar no problema e pensar na solução. Ia reler o livro novamente. Esvaziou a mente e recomeçou a recitar o livro.

A verificação da verdade das palavras do Livro das Sombras Contadas, quando ditas por outra pessoa e não lida por aquele que comanda a caixa, só pode ser feita com o uso de um Confessor...

No fim da tarde, Richard e Kahlan transpiravam, com o esforço da caminhada. Quando cruzaram um pequeno regato, Kahlan molhou um pano e lavou o rosto com ele. Richard achou uma boa idéia. Quando chegaram ao próximo regato, ele parou para fazer o mesmo e se abaixou para molhar o pano.

Quando se levantou, Richard viu a sombra. Ficou imóvel imediatamente.

No bosque, havia alguma coisa meio escondida atrás da árvore. Não era uma pessoa, mas tinha quase o mesmo tamanho, com forma definida. Parecia a sombra de alguém pairando no ar. A coisa não se movia. Richard piscou os olhos, para verificar se estava mesmo vendo aquilo. Talvez fosse só um truque da luz da tarde, a sombra de uma árvore.

Kahlan continuou a andar. Richard a alcançou rapidamente e pôs as mãos nas costas dela, para evitar que parasse. Inclinou-se sobre o ombro de Kahlan e murmurou no ouvido dela.

— Olhe para a esquerda, lá no meio das arvores. Diga o que você vê.

Sempre com a mão nas costas dela, Richard a fez continuar a andar enquanto olhava. Kahlan afastou o cabelo de um lado e olhou. Então ela viu a coisa.

— O que é? — murmurou ela, olhando para ele.

Richard ficou um pouco surpreso.

— Eu não sei. Pensei que você talvez pudesse me dizer.

Kahlan balançou a cabeça. A sombra continuava imóvel. Talvez não fosse nada, um artifício da luz. Richard tentou se convencer disso, mas sabia que não era verdade.

— Talvez seja um dos animais de que a Adie falou e ele não nos pode ver — sugeriu ele.

Kahlan olhou para ele.

— Animais têm ossos.

Kahlan tinha razão, mas Richard esperava que ela concordasse com a idéia. Continuavam a andar rapidamente. A sombra não se moveu e logo a perderam de vista. Richard respirou aliviado. Parecia que o colar de ossos de Kahlan e o dente que ele trazia no pescoço os escondiam. Comeram pão, cenoura e carne defumada sem parar de andar. Nenhum dos dois sentiu prazer naquela refeição. Seus olhos não cessavam de vigiar o bosque. Embora não tivesse chovido o dia inteiro, tudo estava ainda molhado e ocasionalmente a água pingava das árvores. Os dois vigiavam a floresta, a procura de algum sinal de perigo. Não virão nada.

O fato de não verem nada começou a preocupar Richard. Não havia esquilos, nem pássaros, nenhum animal. Tudo estava quieto demais. A luz do dia começou a desaparecer.

Logo chegariam ao Estreito. Ele se preocupava com isso também. A idéia de ver outra vez as coisas da fronteira era assustadora. A idéia de ver seu pai outra vez o apavorava. Sentia um nó no estômago, lembrando — se do que Adie tinha dito, que os da fronteira os chamariam. Lembrou o quanto seus chamados eram sedutores. Devia estar preparado para resistir. Tinha de ser forte. Kahlan quase fora levada para o subterrâneo quando estavam dentro dos galhos do pinheiro, na noite do dia em que ele a conheceu. Quando estavam com Zedd e Chase, alguma coisa tentava leva — lá outra vez. Richard temia que o osso não a protegesse quando chegassem tão perto.

A trilha ficou plana e mais larga e eles puderam andar lado a lado outra vez. Richard estava cansado e ainda tinha uma noite e um dia antes de poder descansar. Atravessar o Estreito no escuro e exausto não parecia uma boa idéia, mas Adie insistira para que não parassem. Richard não podia contrariar uma pessoa que conhecia tão bem a passagem. Sabia que a história do sugador ia mantê-lo acordado.

Kahlan olhou para o bosque e se virou para trás. Parou de repente, segurando o braço dele. Na trilha, a menos de dez metros atrás deles estava uma sombra.

Como a outra, ela estava imóvel. Richard podia ver o bosque através dela, como se fosse de fumaça, Kahlan segurou o braço dele

com força e eles continuaram a andar meio de lado, olhando a coisa. Depois de uma curva do caminho, perderam-na de vista. Apressaram o passo.

— Kahlan, se lembra de ter falado do povo-sombra que Panis Rahl mandou? Essa coisa pode ser um deles?

Kahlan disse, preocupada: — Eu não sei. Nunca vi um, isso foi na última guerra, eu ainda não tinha nascido. Mas as histórias eram sempre as mesmas: elas flutuavam. Nunca ouvi dizer que ficassem imóveis como essa.

— Talvez seja por causa dos ossos. Talvez saibam que estamos aqui, mas não nos podem ver e continuam procurando.

Ela apertou mais a capa contra o corpo, evidentemente com medo da idéia, mas não disse nada. Na noite que chegava, continuaram a caminhar muito perto um do outro, partilhando os mesmos pensamentos alarmantes. Outra sombra apareceu ao lado da trilha, Kahlan apertou o braço dele. Passaram devagar, quietos, olhando para ela. A sombra não se moveu.

Richard teve a impressão de que ia entrar em pânico, mas sabia que não podia. Tinham de ficar na trilha e usar a cabeça. Talvez as sombras estivessem tentando fazer com que fugissem, saindo da trilha e acidentalmente entrando no mundo subterrâneo. Olhavam em volta e para trás. Quando Kahlan virou a cabeça, um galho roçou-lhe o rosto. Ela saltou para cima de Richard. Quando viu o que era, pediu desculpas. Richard sorriu tranquilizadamente.

As agulhas dos pinheiros tinham gotas de chuva e de névoa e de quando em quando à brisa leve movia os galhos e a água pingava. No escuro quase completo da noite era difícil saber se havia sombras em volta deles ou se eram somente vultos escuros das árvores. Duas vezes tiveram certeza de que eram sombras perto da trilha. Mas não se moviam. Pareciam vigiar. Embora não tivessem olhos.

— O que vamos fazer se nos atacarem? — perguntou Kahlan, com voz tensa.

A mão de Kahlan começava a machucar seu braço. Richard soltou os dedos dela e os segurou entre os seus.

— Desculpe — disse ela com um sorriso embaraçado.

— Se nos atacarem, a espada os deterá — respondeu ele confiante.

—Porque tem tanta certeza?

— A espada deteve as coisas na fronteira.

Kahlan pareceu satisfeita com a resposta. Richard queria também estar satisfeito. Um silêncio de morte envolvia a floresta, exceto por um suave som raspante que Richard não sabia o que era. Não se ouvia qualquer dos costumeiros sons da noite. Galhos escuros balançavam com a brisa, acelerando seu coração.

— Richard — disse Kahlan em voz baixa-, não deixe que eles toquem em você, o toque deles é mortal. Mesmo que não sejam o povo-sombra, não sabemos o que pode acontecer. Não podemos deixar que nos toquem.

Richard apertou a mão dela.

Ele resistia à tentação de empunhar a espada. Talvez fossem muitas para a espada, se é que a magia da espada funcionava contra as sombras. Se não houvesse outra escolha, usaria a espada, mas, por enquanto, seu instinto dizia para não usar.

O bosque ficava cada vez mais escuro. Os troncos das árvores eram pilares negros na quase noite. Richard sentia olhos por toda parte. A trilha começava a atravessar a encosta da montanha e rochas escuras erguiam-se à esquerda. Restos da chuva pingavam e escorriam na rocha. Ele ouvia as gotas caindo no chão. A trilha descia para a direita. Quando olhavam para trás outra vez, havia três sombras, quase invisíveis. Continuaram a andar. Richard ouviu novamente o leve som raspante dos dois lados do bosque. Não era um som conhecido. Ele sentia, mas do que via, as sombras nos dois lados e atrás deles. Algumas muito perto da trilha. Só na frente o caminho estava livre.

— Richard — murmurou Kahlan-, não acha que deve usar a pedra da noite? Mal posso ver o caminho. — Ela apertou com força a mão dele.

Richard hesitou.

— Não quero usar enquanto não precisar realmente. Tenho medo do que pode acontecer.

— Como assim?

— Bem, essas sombras ainda não nos atacaram. Talvez não possam ver por causa dos ossos. — fez uma pausa. — Mas se puderem ver a luz da pedra?

Kahlan mordeu o lábio, preocupada. Com dificuldade, seguiam a trilha que desviava de árvores, rochas e raízes, cortando caminho na encosta. O som raspante estava mais perto, em volta deles. Pareciam... pareciam garras andando nas rochas, ele pensou.

Duas sombras estavam na frente, muito próximas, com a trilha entre eles. Kahlan chegou muito perto de Richard, prendendo a respiração. Escondeu o rosto no ombro dele quando passaram por elas. Richard o abraçou com força. Sabia como Kahlan estava se sentindo. Ele estava aterrorizado também. Seu coração batia forte. Pareciam que estavam indo longe demais a cada passo, penetrando muito profundamente. Ele olhou para trás, mas no escuro não dava para ver se as sombras estavam na trilha.

Bruscamente, um vulto negro surgiu na frente deles. Era uma rocha enorme, partida ao meio.

O Estreito.

Encostaram-se na rocha, na frente da fenda. Estava escuro demais para ver a trilha ou se havia algumas sombras muito perto. Não podiam seguir a trilha no estreito sem a luz da pedra da noite. Era perigoso demais. Um passo em falso e estariam mortos. No silêncio, o leve ruído raspante estava mais perto em volta deles. Richard tirou do bolso a bolsa de couro. Desatou o cordão e pôs a pedra da noite na palma da mão.

Luz quente brilhou na noite, iluminando o bosque, desenhando sombras fantasmagóricas. Richard levantou a pedra para ver melhor.

Ouviu a exclamação abafada de Kahlan.

Na luz amarelada, viram uma parede de sombras, centenas delas, umas muito junto das outras. Formavam um semicírculo a menos de seis metros dos dois. O chão estava repleto de criaturas com as costas curvas, que pareciam pedras. Mas não eram pedras. Faixas de armadura cinzenta cruzavam-se em suas costas, espetos agudos apareciam debaixo delas.

Sugadores.

Eram eles que faziam aquele som, as garras nas rochas. Moviam-se com um passo estranho, ondulando de um lado para o outro os corpos abaulados. Não era um passo rápido, mas regular. Alguns estavam muito perto.

Pela primeira vez, as sombras começaram a se mover, flutuando, pairando no ar, fechando o círculo.

Kahlan, petrificada, encostou-se na rocha com os olhos arregalados. Richard estendeu a mão, segurou o camisolão dela e a levou para a abertura da rocha. As paredes eram molhadas e escorregadias. O espaço era tão pequeno que Richard tinha impressão de que seu coração ia subir até a garganta. Ele não gostava de lugares apertados. Começaram a andar de costas, virando uma vez ou outra para ver o caminho. Richard estendeu a mão com a pedra da noite, iluminando as sombras que se aproximavam. Sugadores arrastaram-se para abertura da rocha.

Richard ouvia a respiração rápida de Kahlan ecoando no espaço confinado. Continuaram a andar de costas, os ombros roçando na rocha. Água fria cheia de limo lhes encharcava as camisas. Em um trecho, tiveram de se abaixar e virar de lado porque a fenda era mais estreita, as duas partes quase se juntando, dando apenas para uma pessoa passar abaixada.

Folhas e galhos da floresta caídos da fenda decompunham-se na umidade, com um cheiro forte de coisa podre. Continuaram andando de lado e finalmente chegaram ao fim do Estreito. As sombras pararam quando chegaram à abertura da rocha. Os sugadores, não.

Richard chutou um que chegou muito perto, atirando-o para longe, no meio das folhas e gravetos. Caindo de costas, ele esperneou com as patas no ar, rosnando e sibilando. Contorcendo-se e balançando, até conseguir virar. Então o sugador se ergueu nas patas cheias de garras e, com um rosnado rouco, aproximou outra vez.

Os dois se viraram rapidamente para seguir a trilha. Richard iluminou a trilha do Estreito com a pedra da noite.

Richard ouviu a exclamação surpresa de Kahlan.

A luz quente iluminou a encosta onde devia estar a trilha do Estreito. Até onde a vista alcançava tudo era um monte de entulho. Rochas, galhos de árvores, lascas de madeira e lama. Um deslizamento acabava de atingir a encosta.

A trilha do Estreito tinha desaparecido.

Deram um passo para frente, para ver melhor. A luz verde da fronteira apareceu, surpreendendo-os. Recuaram imediatamente.

— Richard...

Kahlan agarrou o braço dele.

Os sugadores estavam de pé. As sombras flutuavam na abertura da rocha.

CAPÍTULO 19



Archotes em suportes ornamentados iluminavam as paredes da cripta com luz bruxuleante, refletindo no granito rosado do salão abobadado, emprestando o cheiro do breu à fragrância das rosas no ar morto e parado. Rosas brancas trocadas todas as manhãs durante as últimas três décadas enchiam os cinquenta e sete vasos de ouro presos nas paredes debaixo dos cinquenta e sete archotes que representavam os anos da vida do falecido. O assoalho era de mármore branco, para que qualquer pétala de rosa que caísse não ficasse muito tempo no chão. Os criados eram atenciosos e devotados ao trabalho. Se não fossem, eram imediatamente decapitados. Guardas vigiavam a tumba dia e noite para garantir que os archotes estivessem sempre acesos, que nenhuma pétala de rosa ficaria no chão. E naturalmente se encarregavam das execuções.

A criadagem era recrutada do campo de D'Hara. Ser membro da criadagem da cripta era uma honra, por lei. A honra prometia morte rápida no caso de execução. A morte lenta em D'Hara era muito temida e comum. Os novos recrutas, Para que não falassem mal do rei morto na cripta, tinham as línguas cortadas.

O mestre, nas noites em que ficava em casa no Palácio do Povo, visitava a tumba. Nenhum criado ou guarda podia estar presente nessas visitas. Tinham estado muito ocupados durante a tarde substituindo os archotes e verificando cada uma das centenas de rosas brancas, sacudindo-as de leve para se certificar de que nenhuma tinha pétalas soltas, pois se um archote apagasse durante a visita real ou se uma pétala de rosa caísse, o resultado era a morte.

O caixão estava sobre uma única coluna pequena no centro do imenso salão, parecendo flutuar. O caixão recoberto de ouro cintilava á luz dos archotes. Símbolos gravados cobriam os lados e continuavam num círculo em volta do salão, cinzelados no granito debaixo dos archotes e nos vasos de ouro, instruções numa língua muito antiga compreendida só por poucas pessoas além do filho; nenhuma dessas pessoas, a não ser o filho, morava em D'Hara. Todos os outros de D'Hara que entendiam havia muito tempo tinham sido mortos. Algum dia, os que sobraram teriam também o mesmo destino.

A criadagem e os guardas da cripta tinham saído. O mestre visitava a tumba do pai. Dois dos seus guardas pessoais vigiavam cada um de um lado da porta maciça elaboradamente cinzelada. Os uniformes de couro, sem mangas, e com cota de malha, acentuavam o tamanho deles, os contornos dos músculos; as braçadeiras que usavam logo acima do cotovelo, com pontas afiadas, serviam na luta corpo a corpo, para despedaçar o adversário.

Darken Rahl passou os dedos delicados nos símbolos gravados na tumba do pai. Um manto imaculadamente branco, tendo como único enfeite uma faixa estreita bordada, com fio de ouro em volta do pescoço e na frente, cobria o corpo magro até poucos centímetros do chão. Darken Rahl não usava jóias, a não ser a faca em forma curva na bainha de ouro gravada em relevo, com símbolos que avisavam aos espíritos que deviam abrir caminho. O cinto que prendia a faca era tecido com fios de ouro. Seu cabelo louro, fino e liso, chegava quase até os ombros. Os olhos tinham um tom azul dolorosamente belo. Seus traços destacavam os olhos.

Muitas mulheres tinham sido levadas à sua cama. Por causa da sua beleza e do seu poder, grande parte delas ia entusiasmada. Outras, apesar da beleza, por causa do poder. Não interessava a ele se iam de boa vontade ou não. Se fossem pouco sensatas e demonstrassem repulsa quando viam as cicatrizes, elas o entretinham de um modo que jamais teriam imaginado.

Darken Rahl, como seu pai antes dele, considerava as mulheres apenas um recipiente da semente do homem; a terra em que essa semente nascia não merecia atenção. Darken Rahl, como seu pai

antes dele, não tinha esposa. Sua mãe nada mais foi do que a primeira a cultivar sua semente maravilhosa e depois foi descartada, como era de praxe. Se tinha irmãos, não sabia, nem importava; ele era o primogênito, toda a glória era sua. Nasceu com o dom e foi para ele que o pai passou o conhecimento. Se tinha irmãos ou irmãs, não passavam de simples ervas daninhas, que deviam ser arrancadas se descobertas.

Darken Rahl disse mentalmente as palavras, passando os dedos sobre os símbolos. Embora fosse da maior importância seguir exatamente as diretrizes, ele não temia cometer algum erro; as instruções estavam gravadas a fogo em sua memória. Mas gostava de reviver a sensação da passagem, a sensação de pairar entre a vida e a morte. Saboreava a ida ao mundo subterrâneo para comandar os mortos. Esperava com impaciência a próxima jornada.

Passos ecoaram na cripta. Darken Rahl não se preocupou nem demonstrou interesse, mas os guardas desembainharam as espadas. Ninguém tinha permissão para entrar na cripta com o mestre. Quando viram quem era, ficaram onde estavam e embainharam as espadas. Isto é, ninguém a não ser Demmin Nass.

Demmin Nass, O braço direito de Rahl, que iluminava os pensamentos escuros do mestre, era tão grande quanto seus comandados. Entrou, ignorando os guardas, os músculos finamente cinzelados destacando-se em relevo á luz dos archotes. A pele do seu peito era macia como a do peito dos jovens pelos quais tinha uma fraqueza. Em vívido contraste, seu rosto era marcado por marcas de varíola. O cabelo louro cortado muito curto espetava-se numa coleção de pontas aguçadas. Do meio da sua sobrancelha direita, uma faixa de cabelos negros subia até a cabeça, pelo lado direito. Isso tornava fácil reconhecê-lo à distância, o que era apreciado por aqueles que tinham motivo para reconhecer Demmin Nass.

Darken Rahl, absorto na leitura dos símbolos, não ergueu os olhos quando os guardas desembainharam suas espadas, nem quando as guardaram nas bainhas outra vez. Embora seus guardas fossem formidáveis, eram desnecessários, meros ornamentos da sua posição. Ele tinha poder para anular qualquer ameaça. Demmin Nass

ficou tranqüilo, esperando que o mestre terminasse a leitura. Quando Darken Rahl se voltou, o cabelo louro e o manto branco ondularam com o movimento. Demmin inclinou a cabeça respeitosamente.

— Meu senhor Rahl — sua voz era profunda, áspera. Continuou com a cabeça abaixada.

— Demmin, meu velho amigo, é bom ver você outra vez. — A voz de Rahl era clara, quase líquida.

Demmin empertigou o corpo e disse, com ar descontente: — Meu senhor Rahl, a Rainha Milena me entregou uma lista de exigências.

Darken Rahl olhou para além do comandante, como se ele não tivesse ali, lentamente molhando com a língua as pontas dos três primeiros dedos da mão direita e os passando cuidadosamente nos lábios e nas sobrancelhas.

— Você trouxe o menino?- perguntou Rahl, ansioso.

— Sim, meu senhor Rahl. Ele o espera no Jardim da Vida.

— Ótimo. — Um leve sorriso apareceu no rosto bonito de Rahl.

— Ótimo. E ele não tem muita idade? É ainda um menino?

— Sim, meu senhor Rahl, ele é um menino. — Demmin desviou a vista dos olhos azuis de Rahl.

Rahl examinou o rosto do homem.

— Você não o tocou, certo?- O sorriso desapareceu. — Ele deve ser imaculado.

— Não, meu senhor Rahl!- garantiu Demmin, olhando para o mestre. — Eu nunca tocaria no seu guia do espírito. O senhor proibiu!

Darken Rahl molhou outra vez os dedos e alisou as sobrancelhas, dando um passo para Demmin.

— Eu sei que você queria Demmin. Foi difícil para você olhar sem tocar? — O sorriso voltou, provocante, e desapareceu. — Sua fraqueza já me causou problemas.

— Eu resolvi o problema!- protestou Demmin, abrandando a voz profunda. — Prendi o mercador Brophy pelo assassinato daquele menino.

— Sim — disse Rahl secamente — e então ele levou o caso a uma Confessora, para provar sua inocência.

Demmin contraiu o rosto, frustrado.

— Como eu podia saber que ele ia fazer isso? Como ia esperar que um homem fizesse isso voluntariamente?

Rahl levantou a mão. Demmin ficou calado.

— Você devia ter sido mais cuidadoso. Devia ter levado em conta as Confessoras. E esse trabalho já foi feito?

— Todos menos uma — admitiu Demmin. — O quad que foi trás de Kahlan, a Madre Confessora, fracassou. Tive de mandar outro.

Darken Rahl franziu a testa.

— A Confessora Kahlan foi quem ouviu a confissão do mercador Brophy e o declarou inocente, não foi?

Demmin assentiu, balançando a cabeça devagar, o rosto contorcido de raiva.

— Ela deve ter conseguido ajuda, do contrário o quad não teria falhado.

Rahl ficou calado, olhando para Demmin, que finalmente quebrou o silêncio.

— É uma coisa sem importância, meu senhor Rahl, que não merece seus pensamentos.

Darken Rahl ergueu uma sobrancelha.

— Eu decido o que é importante e o que merece minha atenção. — Sua voz era suave, quase bondosa.

— É claro, meu senhor Rahl. Por favor, perdoe-me. — Demmin não precisava ouvir zanga na voz de Rahl para saber que pisava em terreno perigoso.

Rahl molhou os dedos outra vez e os passou nos lábios. Olhou nos olhos de Demmin.

— Demmin, se você tocou no menino, eu vou saber.

Uma gota de suor pingou no olho de Demmin.

— Meu senhor Rahl — Disse ele num murmúrio rouco —, eu daria minha vida alegremente pelo senhor. Jamais tocaria no seu guia do espírito. Eu juro.

Darken Rahl olhou atentamente para ele por um momento, depois balançou a cabeça afirmativamente.

— Como eu disse, de qualquer modo eu saberia. E sabe o que faria com você se mentisse para mim. Não tolero que mintam para mim. É errado.

— Meu senhor Rahl — Disse Demmin, ansioso para mudar de assunto —, e sobre as exigências da Rainha Milena?

Rahl deu de ombros.

— Diga a ela que concordo com todas as suas exigências em troca da caixa.

Demmin olhou para ele, incrédulo.

— Mas, meu senhor Rahl, o senhor não viu a lista.

Rahl deu de ombros inocentemente.

— Isso sim, é uma coisa que não merece meu tempo ou meu pensamento.

Demmin passou outra vez o peso do corpo de um lado para o outro, fazendo estalar a túnica de couro.

— Meu senhor Rahl, não compreendo por que o senhor faz esse jogo com a rainha. É humilhante receber uma lista de exigências. Facilmente podemos amassá-la como a sapa gorda que ela é. Basta me dar a ordem e a permissão para fazer minhas exigências, em seu nome.

Com leve sorriso, Rahl olhou atentamente para o rosto marcado do seu leal comandante.

— Ela tem um mago, Demmin — Murmurou ele, os olhos azuis intensos.

— Eu sei. — Demmin cerrou os punhos com força. — Giller. Basta me pedir, senhor Rahl, que trago a cabeça dele.

— Demmin, por que pensa que a rainha Milena contratou um mago para seu serviço? — Demmin deu de ombros e Rahl mesmo respondeu: — Para proteger a caixa. Ela acredita que é também sua proteção. Se matarmos a rainha ou o mago, podemos descobrir que ele escondeu a caixa com magia e teremos de perder tempo procurando. Portanto, por que tanta pressa? Por enquanto, o caminho mais fácil é atender aos pedidos dela. Se a rainha me der trabalho, eu me encarrego dela e do mago. — Andou

vagarosamente em volta do caixão do pai, passando os dedos nos símbolos gravados, com os olhos em Demmin. — E, de qualquer modo, quando tivermos a última caixa, suas exigências não terão sentido.- Voltou para perto do homem grande e parou na frente dele.- Mas há outro motivo, meu amigo.

Demmin Inclinou a cabeça para um lado.

— Outro motivo?

Darken Rahl se aproximou dele e abaixou a voz: — Demmin, você mata seus amiguinhos antes... Ou depois?

Demmin recuou um pouco, enfiando um polegar no cinto. Pigarreou e finalmente respondeu:

— Depois.

— E por que depois? Por que não antes? — perguntou Rahl, franzindo a testa, fingindo-se intrigado.

Demmin evitou os olhos do mestre, olhou para o chão e passou o peso do corpo para o outro pé. Darken Rahl continuou com o rosto muito perto do dele, observando, esperando. Em voz baixa para que os guardas não ouvissem, ele disse:- Eu gosto quando eles se contorcem.

Um sorriso moveu lentamente os lábios de Rahl.

— Esse é o outro motivo, meu amigo. Eu também gosto quando eles se contorcem, por assim dizer. Quero ter o prazer de ver a rainha se contorcer antes de matá-la. — Molhou com a língua as pontas dos dedos outra vez e passou nos lábios.

Um sorriso de compreensão apareceu no rosto marcado.

— Direi a Rainha Milena que o pai Rahl graciosamente concorda com seus termos.

Darken Rahl pôs a mão no ombro musculoso de Demmin.

— Muito bem, meu amigo. Agora mostre o menino que trouxe para mim.

Sorrindo, os dois foram até a porta. Antes de chegar a ela. Rahl parou de repente virou-se para trás, o manto ondulando em volta dele.

— O que foi esse barulho? — Perguntou.

A não ser pelo silvo dos archotes, a cripta estava tão silenciosa quanto o rei morto. Demmin e os guardas olharam cuidadosamente

em volta.

— Ali! — Rahl estendeu o braço.

Todos olharam. Uma única pétala de rosa branca estava no chão. Darken Rahl ficou rubro, os olhos ferozes. Sacudindo os punhos fechados com força, seus olhos se encheram de lágrimas de raiva. Estava furioso demais para falar. Recobrando a calma, estendeu a mão para a pétala branca no chão de mármore frio. Como tocada por uma brisa, a pétala se ergueu no ar e flutuou pelo salão, pousando na mão estendida de Rahl. Ele passou a língua na pétala e, voltando-se para um dos guardas, grudou-a na testa dele.

O guarda musculoso olhou para Darken Rahl impassível. Sabia o que o Mestre desejava e, com leve inclinação da cabeça, fez meia-volta e saiu do salão com um movimento ágil, desembainhando a espada.

Darken Rahl empertigou o corpo, alisou o cabelo e o manto com a palma da mão. Respirou profundamente, deixando a raiva sair com o ar dos pulmões. Olhou para Demmin, que esperava calmamente ao seu lado.

— Não peço nada mais a eles. Só que tomem conta da tumba do meu pai. Têm tudo de que precisam, são alimentados, vestidos e cuidados. É um pedido simples. — Continuou com ar de mágoa: — Por que zombam de mim com seu descuido? — Olhou para o caixão do pai, depois outra vez para Demmin. — Você acha que sou muito rigoroso com eles?

O comandante disse, com olhar duro: — Não rigoroso o bastante. Se não fosse tão compassivo, se não permitisse a eles uma punição rápida, talvez os outros aprendessem a tratar seus pedidos com mais zelo. Eu não seria tão leniente.

Darken Rahl assentiu distraído. Depois de algum tempo, respirou outra vez profundamente e saiu da sala com Demmin ao seu lado e o guarda seguindo-os a uma distância respeitosa. Passaram por longos corredores de granito polido iluminados por archotes, por escadas em espiral de pedra branca, por mais corredores com janelas que traziam luz para escuridão. A pedra cheirava a umidade e bolor. Vários níveis acima, o ar ficou fresco

outra vez. Sobre pequenas mesas de madeira lustrosa, dispostas em intervalos regulares, vasos com flores frescas perfumavam os aposentos.

Quando chegaram a um par de portas com uma cena de encostas e florestas gravada em relevo, o segundo guarda juntou-se a eles, após cumprir a missão. Demmin puxou as argolas de ferro e as duas portas se abriram suave e silenciosamente para uma sala com painéis de carvalho, que brilhavam á luz das velas e dos lampiões sobre mesas pesadas.

Estantes com livros alinhavam-se em duas paredes e uma imensa lareira aquecia a sala de dois andares. Rahl parou rapidamente para consultar um velho livro encadernado de couro sobre um pedestal. Então ele e seu comandante atravessaram um labirinto de salas, quase todas cobertas com os mesmos painéis de carvalho. Alguns eram pintados com cenas rurais de D'Hara, florestas e campos, animais e crianças. Os guardas os seguiam a distância, atentos, mas em silêncio: as sombras do mestre.

Toras de lenha estalavam e as chamas dançavam na lareira de tijolos, a única luz em um dos menores cômodos pelos quais tinham passado. Nas paredes, havia troféus de caça, cabeças de todo o tipo de animais. Galhadas se projetavam iluminadas pelas chamas. Darken Rahl parou de repente, a luz do fogo tingindo de rosa seu manto.

— Outra vez — murmurou ele.

Demmin parou também e olhou interrogativamente para ele.

— Outra vez ela vem á fronteira. Ao mundo subterrâneo. — Molhou as pontas dos dedos com a língua e os passou cuidadosamente nos lábios e nas sobrancelhas, com um olhar fixo.

— Quem? — perguntou Demmin.

— A Madre Confessora. Kahlan. Ela tem a ajuda de um mago, você sabe.

— Giller está com a rainha — disse Demmin —, não com a Madre Confessora.

Um leve sorriso curvou os lábios de Darken Rahl.

— Não Giller — murmurou ele. — O velho. O que eu procuro. O que matou meu pai. Ela o encontrou.

Demmin ficou surpreso. Rahl foi até a janela da sala. Feita de pequenos quadrados de vidro e redonda em cima, eram duas vezes mais altas do que ele. A luz do fogo cintilava na faca de forma curva que ele tinha no cinto. Cruzando as mãos nas costas, olhou para o campo escuro, para a noite, para coisas que outros não podiam ver.

Voltou-se então para Demmin, o cabelo louro roçando seus ombros.

— Por isso ela foi a Westland. Não para fugir do quad, mas para encontrar o grande mago. — Seus olhos azuis cintilavam. — Ela me prestou um grande favor, meu amigo, descobriu o mago. Foi sorte ela ter passado pelo povo do mundo subterrâneo. A sorte está realmente do nosso lado. Está vendo, Demmin, por que eu digo para não se preocupar tanto? É meu destino ter sucesso, todas as coisas colaboram para meus objetivos.

Demmin franziu a testa.

— Só porque em quad fracassou não quer dizer que ela encontrou o mago. Quads fracassaram antes.

Rahl molhou as pontas dos dedos devagar. Chegou perto do homem grande.

— O velho nomeou um Seeker — murmurou ele.

Demmin descruzou as mãos, surpreso.

— Tem certeza?

Rahl assentiu com a cabeça.

— O velho mago jurou nunca mais ajudá-los. Há muitos anos que ninguém o via. Ninguém sabia dizer seu nome, nem mesmo para salvar a própria vida. Agora a Confessora atravessa a fronteira para Westland, o quad desaparece e um Seeker é nomeado. — Sorriu para si mesmo. — Ela deve ter tocado nele, para fazer com que ele a ajudasse. Imagine a surpresa do mago quando viu Kahlan. — O sorriso desapareceu, ele fechou os punhos. -Eles estavam quase em minhas mãos. Os três, mas me distraí com outras coisas e eles escaparam. Por enquanto. — Pensou por um momento e então disse: — O segundo quad vai falhar também, você sabe. Não esperam encontrar um mago.

— Então mandarei um terceiro e explico a eles a existência do mago — prometeu Demmin.

— Não. — Rahl molhou as pontas dos dedos pensativamente.
— Ainda não. Por enquanto, vamos esperar e ver o que acontece.
Talvez ela esteja destinada a me ajudar outra vez. -

Pensou por um momento. — Ela é atraente? A Madre Confessora?

Demmin disse carrancudo: — Eu nunca a vi, mas alguns dos meus homens viram. Brigaram para decidir quem iria no quad, quem ficaria com ela.

— Não mande outro quad por enquanto. — Darken Rahl sorriu.
— Está na hora de eu ter um herdeiro. — Balançou a cabeça. — Ela será minha — declarou ele.

— Se ela tentar atravessar a fronteira, está perdida — avisou Demmin.

Rahl deu de ombros.

— Talvez ela seja mais esperta do que isso. Já demonstrou que é inteligente. Seja como for, ela será minha. — Olhou para Demmin.
— Seja como for, vai se contorcer para mim.

“Os dois são perigosos, o mago e a Madre Confessora. Podem criar problemas. Confessoras subvertem a palavra de Rahl, são um aborrecimento, nada mais. Eu mesmo a matarei, se ela criar problemas, mas depois que me der um filho. O filho de uma Confessora. O mago não pode fazer mal como fez ao meu pai. Vou vê-lo se contorcer e depois o matarei. Lentamente.”

— E o Seeker? — Demmin estava apreensivo.

Rahl deu de ombros.

— Ele representa menos ainda do que um inconveniente.

— Meu senhor Rahl, não preciso lembrar que o inverno se aproxima.

O mestre ergueu uma sobrancelha, a luz do fogo dançou nos seus olhos.

— A rainha tem a última caixa. Logo será minha. Não precisamos nos preocupar.

Demmin aproximou o rosto carrancudo do dele.

— E o livro?

Rahl respirou rapidamente.

— Depois de viajar pelo mundo subterrâneo, revistarei outra vez o rapaz Cypher. Não se preocupe mais, meu amigo. A sorte está do nosso lado.

Rahl saiu da sala, acompanhado por Demmin, os guardas como das sombras atrás deles.

O jardim da vida era uma sala cavernosa no centro do Palácio do Povo. Janelas altas com vitrais forneciam luz às plantas. Nessa noite o luar passava por elas. Do lado de fora da sala havia canteiros de flores com caminhos entre eles. Atrás das flores erguiam-se pequenas árvores, muros baixos de pedra cobertos de trepadeiras e plantas bem cuidadas completavam a paisagem. A não ser pelas janelas lá no alto, imitava um jardim externo. Um lugar de beleza. Um lugar de paz.

No centro da sala um gramado quase formava um círculo, interrompido por uma coluna de pedra branca com uma laje de granito em cima, lisa, a não ser pelas ranhuras gravadas perto da borda na parte de cima, que levava a uma pequena abertura no chão, num canto. Era sustentada por dois pequenos pedestais afunilados. Atrás da laje havia um bloco de pedra polida ao lado de uma escavação para fazer fogo. No bloco estava uma velha tigela de ferro coberta com figuras de animais, que serviam de pernas para a parte de baixo, redonda. A tampa de ferro, também com a forma de meia esfera, tinha só um animal em cima; um Shinga, uma criatura do mundo subterrâneo, de pé nas pernas traseiras, formava a asa da tigela. No centro do gramado havia uma área de areia de feiticeiro, circundada por archotes que queimavam com chamas fluídas. Símbolos geométricos se entrecruzavam na areia branca.

No centro da areia estava o menino, enterrado de pé até o pescoço.

Darken Rahl se aproximou devagar, com as mãos cruzadas nas costas. Demmin esperava ao lado das árvores. O mestre parou na beirada da grama e da areia branca, olhando para o menino. Darken Rahl sorriu.

— Qual é o seu nome, meu filho?

O lábio inferior do menino tremeu e ele olhou para Rahl. Depois olhou com medo para o homem grande perto das árvores. Rahl se voltou para o comandante.

— Deixe-nos e, por favor, leve meus guardas com você. Não quero ser perturbado.

Demmin inclinou a cabeça e saiu, seguido pelos guardas. Darken Rahl se voltou para o menino e se sentou na grama. Arrumou o manto e sorriu outra vez.

— Melhor?

O menino fez que sim com a cabeça. Seu lábio tremia ainda.

— Você tem medo do homem grande? - O menino fez que sim.

— Ele machucou você. Tocou em você onde não devia tocar?

O menino balançou a cabeça. Seus olhos, com um misto de medo e fúria, estavam fixos em Rahl. Uma formiga passou da areia branca para o pescoço dele.

— Qual seu nome? -perguntou Rahl outra vez. O menino não respondeu.

O mestre olhou atentamente para os olhos castanhos dele.- Você sabe quem eu sou?

— Darken Rahl — respondeu o menino com voz fraca.

— Pai Rahl — corrigiu ele.

O menino olhou para ele.

— Eu quero ir para casa. — A formiga inspecionava seu queixo.

— É claro que quer — Disse Rahl com carinhosa simpatia-, por favor, acredite em mim. Não vou falar mal a você. Você está aqui simplesmente para me ajudar com uma cerimônia importante. Você é meu convidado de honra, representando a inocência e a força da juventude. Foi escolhido porque me disseram que você é um ótimo menino. Todos falaram bem de você. Disseram que é inteligente e forte. Isso é verdade?

O menino hesitou e desviou timidamente os olhos.

— Bem, acho que é. — Olhou para Rahl. — Mas sinto falta de minha mãe e quero ir para casa. — A formiga andava em círculos no rosto dele.

Darken Rahl olhou para longe tristemente e disse: — Eu compreendo. Também sinto falta da minha mãe. Ela era uma mulher

maravilhosa e eu a amava muito. Ela cuidava de mim. Quando eu fazia alguma coisa que lhe agradava, ela me fazia um jantar especial, o que eu quisesse.

O menino arregalou os olhos.

— Minha mãe também faz isso.

— Meu pai, minha mãe e eu tivemos momentos maravilhosos juntos. Nós nos amávamos muito e nos divertíamos. Minha mãe tinha um riso alegre. Quando meu pai contava vantagem de alguma coisa, ela zombava dele e nós três ríamos, às vezes até ficar com os olhos cheios de lágrimas.

Os olhos do menino se iluminavam e ele disse com um sorriso tímido: — Por que sente falta dela? Ela foi embora?

— Não — suspirou Rahl. — Ela e meu pai morreram há alguns anos. Eles eram velhos. Tiveram uma boa vida juntos, mas mesmo assim tenho saudade. Por isso compreendo o quanto você sente falta dos seus pais.

O menino assentiu balançando a cabeça. Seu lábio não tremia mais. A formiga foi para cima do nariz e ele franziu o nariz.

— Vamos nos divertir por enquanto e você estará com eles quando menos esperar.

Rahl sorriu.

— É uma honra conhecê-lo, Carl. — Estendeu a mão e tirou a formiga do rosto dele.

— Obrigado — disse Carl, com alívio.

— Para isso estou aqui, Carl, para ser seu amigo e ajudar você como puder.

— Se você é meu amigo, então me desenterre e me mande para casa. — As lágrimas brilhavam nos seus olhos.

— Logo, meu filho, logo. Eu gostaria de fazer isso agora, mas o povo espera que eu o proteja das pessoas malvadas que querem matar todos, por isso devo fazer o que puder para ajudar. Você vai ser uma parte importante da cerimônia que salvará sua mãe, não quer?

Enquanto Carl pensava, os archotes bruxuleavam e sibilavam.

— Bem, quero. Mas quero ir para casa. — Seu lábio começou a tremer outra vez.

Darken Rahl passou a mão no cabelo dele, penteando com os dedos e ajeitando.

— Eu sei, mas tente ser corajoso. Não deixarei que ninguém faça mal a você, prometo. Protegerei você e o manterei a salvo. — Sorriu. — Está com fome? Gostaria de comer alguma coisa?

Carl balançou a cabeça.

— Muito bem, então. Já é tarde. Vou deixar você descansar. — Levantou-se e ajeitou o manto, tirando a grama grudada na fazenda.

— Pai Rahl?

Rahl parou e olhou para baixo.

— Sim, Carl?

Uma lágrima desceu pelo rosto de Carl.

— Tenho medo de ficar aqui sozinho. Pode ficar comigo?

O mestre olhou para o menino com expressão confortadora.

— É claro, meu filho. — Pai Rahl voltou a se sentar na grama.
— O tempo que você quiser, até a noite toda.

CAPÍTULO 20



Luz verde iluminava tudo quando eles começaram a andar cautelosamente no meio dos escombros da encosta, passando por cima ou por baixo de troncos caídos, chutando galhos quando necessário. O verde lençol iridescente da fronteira os pressionava dos dois lados. Tudo estava escuro, a não ser a fantasmagórica luz que os fazia sentirem-se como se estivessem em uma caverna.

Richard e Kahlan tinham chegado à mesma decisão quase ao mesmo tempo. Não tinham escolha. Não podiam voltar e não podiam ficar no meio da rocha partida, não com os sugadores e as sombras atrás deles, portanto foram obrigados a seguir em frente, no Estreito.

Richard guardou a pedra da noite. Não adiantava seguir na trilha, uma vez que não havia uma trilha e tornava mais difícil dizer onde a luz da fronteira mudava para a parede verde. Ele não a guardou na bolsa de couro, para o caso de vir a precisar outra vez, com urgência, mas simplesmente a pôs no bolso.

— Deixemos que as paredes da fronteira nos mostrem o caminho — disse ele, sua voz baixa ecoando no escuro. — Vá devagar. Se uma parede ficar escura, não dê nem mais um passo, vá um pouco para o outro lado. Assim podemos ficar entre elas e atravessar a passagem.

Kahlan não hesitou. Os sugadores e as sombras eram morte certa. Segurou na mão de Richard e voltaram para a luz verde. Ombro a ombro entraram na passagem invisível. O coração de Richard batia forte. Ele tentava não pensar no que estavam fazendo — andando às cegas entre as paredes da fronteira.

Ele sabia como era a fronteira desde que estivera muito perto dela com Chase e outra vez quando a coisa escura tentou levar Kahlan para dentro. Sabia que se pusessem os pés na parede escura, não haveria volta, mas se ficassem no brilho verde, na frente da parede, pelo menos teriam uma chance.

Kahlan parou. Empurrou Richard para a direita. Ela estava perto da parede. Então a parede apareceu à direita dele. Voltaram para o centro e continuaram a andar, percebendo que, se fossem devagar, com cuidado, podiam ficar entre as paredes, caminhando em uma fina linha de vida, com a morte de cada lado. Anos servindo de guia não o ajudavam. Richard finalmente parou, tentando encontrar algum sinal da trilha e sentindo a força das paredes pressionando dos dois lados, deixando que a pressão fosse sua guia.

Era uma marcha lenta, sem nenhum sinal da trilha à vista, nenhum sinal da encosta, só o mundo opressivo da luz verde, como uma bolha de vida flutuando impotente num infinito mar de escuridão e morte.

A lama prendia suas botas, o medo inundava suas mentes. Qualquer obstáculo que encontravam tinha de ser vencido, não podiam desviar-se dele. As paredes da fronteira determinavam seu caminho. Às vezes eram árvores caídas, às vezes rochas, às vezes deslizamentos onde tinham de usar raízes aéreas para passar. Ajudavam-se em silêncio, com um aperto de mão como encorajamento. Nunca mais de um ou dois passos qualquer lado deixava de levá-los para perto das paredes escuras. Sempre depois de uma curva na trilha, a parede negra aparecia, muitas vezes seguidamente, até que pudessem decifrar para que lado ela ia. Cada vez que a parede surgia ameaçadora, eles recuavam o mais depressa possível, o que sempre provocava nele um medo gelado.

Richard começou a sentir dor no ombro. A tensão do que estavam fazendo retesava seus músculos, acelerava sua respiração. Procurou relaxar, respirou profundamente, deixou os braços caírem ao longo do corpo, sacudiu os pulsos para aliviar a tensão e segurou outra vez a mão de Kahlan. Sorriu para o rosto iluminado pela fantasmagórica luz verde. Kahlan sorriu, mas ele percebeu nos olhos dela o terror controlado. Pelo menos, ele pensou, os ossos

mantinham longe as sombras e os animais e nada aparecia atrás das paredes quando acidentalmente as encontravam.

Richard quase podia sentir sua vontade de viver se esvaír com cada passo cauteloso. O tempo adquiria uma dimensão abstrata, sem significado real. Podia estar por horas no Estreito, ou dias, era difícil calcular. Começou a desejar apenas paz, que aquilo acabasse, estar seguro outra vez. O medo começava a ser entorpecido pelo nível de tensão a que era obrigado.

Um movimento chamou sua atenção. Olhou para trás. Sombras envoltas em luz verde flutuavam entre as paredes muito perto deles, seguindo-os na trilha, pairando acima do chão, subindo para passar sobre um tronco caído no meio do caminho. Richard e Kahlan pararam imóveis, vigilantes. As sombras não pararam.

— Vá na frente — murmurou ele — e não largue minha mão. Eu as vigiarei.

O camião de Kahlan estava encharcado de suor como o dele, embora a noite não estivesse quente. Sem hesitar, ela recomeçou a andar. Richard andou de costas para ela, de frente para as sombras, a mente em pânico. Kahlan seguiu o mais depressa possível, parando e mudando de direção varias vezes, puxando Richard com ela.

Kahlan parou outra vez e finalmente descobriu o caminho quando a trilha invisível fazia uma curva fechada para a direita na descida da encosta. Andar de costas na descida era difícil. Richard seguia com cuidado para não cair. As sombras seguiam em fila indiana, fazendo as curvas da trilha. Richard resistiu ao impulso de dizer para Kahlan ir mais depressa, pois não queria que ela cometesse um erro, mas as sombras estavam se aproximando. Era só uma questão de minutos e elas fechariam à distância e estariam em cima dele.

Com os músculos tensos, segurou o punho da espada. Debateu mentalmente a conveniência de desembainhá-la, sem saber se ela os ajudaria ou se aumentaria o perigo. Mesmo que a espada funcionasse contra as sombras, uma luta no espaço confinado do Estreito seria um grande risco, na melhor das hipóteses. Mas se não

tivesse escolha, se elas se aproximassem demais, teria de usar a espada.

As sombras pareciam ter adquirido rostos. Em vão Richard tentou lembrar se tinham rostos antes. Segurou o punho da espada com força, continuando a andar de costas para Kahlan, com a mão dela na sua. Os rostos pareciam tristonhos e bondosos no brilho verde. Olhavam para ele como quem suplica. As letras em relevo da palavra Verdade na espada pareciam queimar seus dedos. Fúria emanava da espada, procurando sua mente, procurando sua fúria, mas encontrando só medo e confusão, a fúria dominada. As sombras não estavam mais se aproximando. Mas continuavam a andar, fazendo companhia a ele na escuridão. De certo modo, elas o faziam sentir menos medo, menos tensão.

Os murmúrios delas o acalmavam. Richard relaxou os dedos na espada, esforçando-se para ouvir o que diziam. Os sorrisos lentos e calmos o tranquilizavam, diminuía sua cautela, seu alarme, fazendo com que ele quisesse ouvir melhor, compreender os murmúrios. A luz verde em volta delas tremulava, aconchegante. Seu coração batia forte, precisando descansar, ter paz, precisando da companhia delas. Como as sombras, sua mente adejava suave e silenciosamente. Richard pensou em seu pai, desejou estar com ele. Lembrou os momentos alegres com ele, momentos de amor, momentos compartilhados de carinho, momentos de segurança, quando nada o ameaçava, nada o assustava, nada o preocupava. Desejou ter momentos como aqueles outra vez. Percebeu que era isso que as sombras diziam, que tudo podia ser outra vez como antes. Queriam ajudá-lo a voltar àquele lugar, isso era tudo.

Pequenos sinais de alarme surgiram em sua mente, mas logo desapareceram. Tirou a mão do punho da espada.

Estava enganado, cego, incapaz de ver isso antes. Elas não queriam fazer mal algum, mas ajudá-lo a alcançar a paz que desejava. Não era o que elas queriam, mas o que ele queria, era isso que as sombras ofereciam. Só queriam libertá-lo da solidão. Um sorriso tristonho curvou seus lábios. Como não vira isso antes? Como pudera ser tão cego? Murmúrios como música suave o envolviam em ondas, aliviando seus temores, iluminando os cantos escuros de sua

mente. Richard parou de andar para não sair do alcance do calor envolvente, dos murmúrios encantadores, do suspiro da música.

Sentiu a mão fria puxando a sua, querendo tirá-lo dali, e Richard a soltou. A mão se despreendeu sem objeção, sem insistir.

As sombras flutuaram para mais perto. Richard esperou por elas, olhando para os rostos bondosos, ouvindo os murmúrios suaves. Estremeceu de prazer quando elas murmuraram seu nome. Ele as recebeu quando o envolveram em um círculo reconfortante, flutuando para mais perto, estendendo as mãos para ele. Ergueram as mãos para seu rosto, quase tocando-o, procurando acariciá-lo. Richard olhou de uma para outra, encontrando o olhar de seus salvadores, todos olhando nos olhos dele, murmurando promessas maravilhosas.

Uma das mãos quase roçou seu rosto e Richard teve a impressão de sentir uma dor lancinante, mas não tinha certeza. A sombra que estendeu a mão prometia que ele nunca mais sentiria dor depois que se juntasse a elas. Richard queria falar, fazer muitas perguntas, mas então isso pareceu sem importância, trivial demais. Bastava se entregar aos cuidados delas e tudo ficaria bem. Ofereceu-se para cada uma delas, esperando ser aceito.

Quando virou para trás, procurou Kahlan para levá-la com ele, para partilhar com ela aquela paz. Lembranças de Kahlan povoaram sua mente, distraindo sua atenção, embora as sombras murmurassem que as ignorasse. Richard procurou na encosta, entre os destroços escuros. Uma luz fraca tingia o céu, a manhã se materializava. Espaços escuros e vazios entre as árvores sobressaiam contra o céu rosa-claro, estava quase no fim da encosta. Não viu Kahlan em lugar algum. As sombras murmuravam insistentemente para ele, chamando seu nome. Lembranças de Kahlan surgiram claras em sua mente. Um medo repentino e agonizante o assaltou, reduzindo a cinzas os murmúrios em sua mente.

— Kahlan! — gritou ele.

Nenhuma resposta.

Mãos escuras, mãos mortas estenderam-se para ele. Os rostos das sombras ondulavam como vapores de veneno fervente. Vozes

entrecortadas chamaram seu nome. Richard recuou um passo, afastando-se delas, confuso.

— Kahlan! — gritou outra vez.

Mãos se estenderam para ele, provocando dor lancinante, embora não o tocassem. Richard deu outro passo para trás, mas dessa vez lá estava a parede atrás dele. As mãos se estenderam para empurrá-lo. Ele olhou em volta, procurando Kahlan, perplexo. Dessa vez a dor o despertou completamente. Aterrorizado, viu onde estava e o que estava acontecendo.

Então sua fúria explodiu.

Ondas de raiva provocadas pela magia o inundaram quando a espada saiu da bainha, descrevendo um arco na direção das sombras. As que foram atingidas pela lâmina desapareceram em fumaça, que espiralou como apanhada no vórtice do vento, antes de se desfazer com um uivo. Outras se lançaram contra ele. A espada as atacou, e outras vieram, como se nunca fossem acabar. Quando ele as dizimava de um lado, do outro estendiam as mãos para ele, a dor do quase contato o queimava antes de ele virar para elas a espada. Richard imaginou o que aconteceria se finalmente elas o alcançassem se sentiria dor ou simplesmente morreria. Afastou-se da parede, brandindo a espada sem parar. Deu outro passo à frente, desferindo golpes à medida que se movia, a lâmina runindo no ar.

Richard ficou parado, os pés fincados no chão, destruindo as sombras rapidamente. Seu braço doía, sua cabeça latejava. O suor lhe escorria no rosto. Estava exausto. Sem ter para onde fugir, era obrigado a manter a posição, mas sabia que não era possível fazer isso para sempre. Gritos e gemidos enchiam a noite, à medida que as sombras caíam sobre os golpes da espada. Um grupo delas se adiantou, obrigando-o a recuar outra vez antes de ter tempo de manejar a espada. Outra vez a parede escura surgiu atrás dele. Vultos escuros no outro lado procuravam alcançá-lo, soltando gritos agonizantes. Muitas sombras atacaram de uma vez, não permitindo que ele se afastasse da parede. Tudo que podia fazer era ficar onde estava. A dor causada pela proximidade das mãos que se estendiam começava a esgotá-lo. Sabia que se elas o atacassem rapidamente e em grande número, seria empurrado para dentro da parede, para o

mundo subterrâneo. Richard lutou quase insensivelmente, infinitamente.

A fúria cedia lugar ao pânico. Os músculos dos seus braços queimavam com o esforço de brandir a espada. Parecia que a intenção das sombras era simplesmente esgotar suas forças, vencendo-o com seu número. Reconheceu que estava certo quando achou que não devia usar a espada, que ela só ia piorar as coisas. Mas não tinha escolha. Precisava usá-la para salvar os dois.

Mas então compreendeu que não era mais os dois. Kahlan não estava em lugar algum. Era só ele. Brandindo a espada, imaginou se tinha sido assim pra ela, se as sombras a tinham seduzido com seus murmúrios e tocado nela, obrigando-a a atravessar a parede. Kahlan não tinha a proteção da espada. Foi o que ele disse que faria. A fúria explodiu nele outra vez. A idéia de Kahlan ter sido levada pelas sombras, pelo mundo subterrâneo, trouxe a raiva com toda a força, a magia da Espada da Verdade atendendo ao seu chamado. Richard atacou as sombras com renovado vigor. O ódio, provocado pela necessidade ardente, o fez avançar para os vultos, brandindo a espada com maior rapidez do que elas se podiam mover. Ele continuou a atacar. Gritos angustiosos das sombras que desapareciam erguiam-se como um único brado de angustia. A fúria de Richard com o que elas tinham feito a Kahlan o impeliu para um frenesi de violência.

Sem que ele percebesse as sombras pararam de se mover e pairaram no ar, enquanto Richard continuava pela trilha entre as paredes, atacando-as. Durante um tempo, não fizeram nada para evitar os golpes da espada, mas simplesmente flutuaram no mesmo lugar. Então começaram a deslizar como fileiras de fumaça no ar quase parado. Penetraram nas paredes da fronteira, perdendo o brilho verde, transformando-se em coisas escuras no outro lado. Finalmente exausto, Richard parou, com os braços latejando de cansaço.

Elas eram aquilo, não o povo-sombra, mas as coisas do outro lado da fronteira, as coisas que escapavam e tentavam pegar as pessoas como tentaram pegar Richard.

Como tinham conseguido pegar Kahlan.

Uma dor profunda o dominou e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Kahlan — murmurou ele no ar frio da manhã.

Sentiu uma dor agonizante no coração. Kahlan se fora e a culpa era sua, ele baixou a guarda, não a protegeu. Como podia ter acontecido tão depressa? Com tanta facilidade? Adie o tinha avisado de que eles o chamariam. Por que não foi mais cauteloso? Por que não deu mais atenção ao aviso? Muitas e muitas vezes Richard imaginou o medo dela, imaginou Kahlan suplicando sua ajuda. A dor que ela deve ter sentido. Sua morte. Desesperadamente, ele imaginava tudo isso, chorando, tentando fazer voltar o tempo, fazer tudo de outro modo, ignorar as vozes, não soltar a mão dela, salvá-la. As lágrimas lhe desceram pelo rosto e ele abaixou a espada encostando a ponta no chão, cansado demais para pô-la na bainha, começou a andar a esmo. Os escombros do deslizamento terminaram. A luz verde desapareceu quando ele entrou na trilha do bosque.

Alguém murmurou seu nome. Uma voz de homem. Richard parou e olhou para trás.

Seu pai estava ali, iluminado pela luz da fronteira.

— Filho — disse ele —, deixe que eu o ajude.

Richard olhou impassível para ele. A manhã iluminava o céu nublado, envolvendo tudo numa luz cinzenta. O único tom era o brilho verde em volta do seu pai, que estendia as mãos abertas.

— Você não pode me ajudar — murmurou Richard com voz rouca.

— Sim, posso. Ela está conosco. Está a salvo agora.

Richard deu alguns passos até o pai.

— A salvo?

— Sim, ela está a salvo. Venha, eu o levarei até ela.

Richard deu mais alguns passos, arrastando a ponta da espada no chão. As lágrimas continuavam a descer no seu rosto. Sentia o peito pesado.

— Pode mesmo me levar a ela?

— Sim, meu filho — disse o pai suavemente. — Venha. Ela espera por você. Eu o levarei a ela.

Atordoado, Richard caminhou até o pai.

— E posso ficar com ela para sempre?

— Para sempre. — veio a resposta na voz tão conhecida.

Richard voltou para a claridade verde, para seu pai, que sorria para ele.

Quando o alcançou, Richard ergueu a Espada da Verdade e trespassou com ela o coração do pai. O pai olhou para ele atônito, enquanto a espada lhe penetrava no peito.

— Quantas vezes, querido pai — perguntou Richard entre lágrimas e grilhando os dentes —, preciso matar sua sombra?

O pai apenas tremeluziu e se desfez na luz da manhã.

Satisfação amarga substituiu sua fúria, mas desapareceu também quando, mais uma vez ele se voltou para a trilha. As lágrimas escorriam na poeira e no suor do seu rosto. Ele as enxugou com a manga da camisa. O bosque o envolveu indiferente, quando ele recomeçou a caminhar pela trilha.

Com esforço, Richard embainhou a espada. Notou então que a luz da pedra da noite brilhava através do seu bolso, pois ainda estava escuro. Ele parou e guardou a pedra na bolsa de couro, apagando a pálida luz amarela.

Richard seguiu em frente com tristonha determinação, levando a mão ao dente pendurado no pescoço. Solidão mais profunda do que jamais sentira lhe curvava os ombros. Todos os seus amigos estavam perdidos para ele. Sabia agora que sua vida não lhe pertencia. Pertencia ao dever, à tarefa que tinha de realizar. Ele era o Seeker. Nada mais. Nada menos. Não se pertencia mais, era uma peça do jogo a ser usada por outros. Um instrumento, como sua espada, para ajudar os outros, para que eles pudessem ter a vida que ele apenas vislumbrara por breve momento.

Ele não era diferente das coisas escuras da fronteira. Um portador da morte.

E sabia claramente a quem levaria essa morte.

* * *

O Mestre estava sentado na grama, à frente do menino adormecido, com as costas retas, as pernas cruzadas, as mãos sobre os joelhos, as palmas voltadas para cima, e um sorriso nos lábios, pensando no que tinha acontecido com a Confessora Kahlan na fronteira. A luz da manhã entrava pelas janelas lá no alto, tornando vibrantes as cores das flores do jardim. Vagarosamente, levou as pontas dos dedos da mão direita aos lábios, molhou-os com a língua e alisou com eles as sobrancelhas. Pensamentos do que faria com a Madre Confessora tinham acelerado sua respiração. Agora ele a fez voltar ao normal, pensando nos problemas do momento. Rahl agitou os dedos e Carl abriu os olhos.

— Bom dia, meu filho. É bom ver você outra vez — disse ele com sua voz mais amistosa. Mas o sorriso era por outro motivo.

Carl piscou os olhos e os entrecerrou por causa da luminosidade.

— Bom dia — disse ele, com um gemido. Então olhou em volta e acrescentou: — Pai Rahl.

— Você dormiu bem — garantiu Rahl.

— Você ficou aqui? A noite toda?

— A noite toda. Como prometi. Eu não mentiria para você, Carl.

Carl sorriu.

— Obrigado. — abaixou os olhos timidamente, — Acho que foi bobagem minha ficar assustado.

— Não acho bobagem. Estou satisfeito por estar aqui para tranquilizar você.

— Meu pai me diz que sou tolo quando tenho medo do escuro.

— Há coisas no escuro que podem pegar você — disse Rahl, solenemente. — Você é sensato em saber disso e em estar preparado para se defender. Seu pai faria um favor a ele mesmo se ouvisse e aprendesse com suas palavras.

Carl se entusiasmou.

— É mesmo? — Rahl fez que sim. — Bem, foi o que sempre pensei também.

— Se você ama alguém de verdade, ouve o que esse alguém diz.

— Meu pai sempre me diz para ficar com a língua parada.

Rahl balançou a cabeça, desaprovadamente.

— Isso me surpreende. Pensei que eles o amavam muito.

— Bem, eles me amam. Pelo menos, a maior parte do tempo.

— Tenho certeza de que você tem razão. Deve saber melhor do que eu.

O cabelo louro e comprido do Mestre cintilava à luz da manhã, o manto branco brilhava. Ele esperou. Houve um longo momento de silêncio embaraçoso.

— Mas me cansa ouvir sempre o que devo fazer.

Rahl ergueu as sobrancelhas.

— Para mim, parece que você está na idade de poder pensar e decidir as coisas. Um bom menino como você, quase um homem, e eles dizem o que deve fazer — acrescentou, como para si mesmo, balançando a cabeça outra vez. Como se não pudesse acreditar no que Carl dizia, perguntou: — Quer dizer que eles o tratam como uma criancinha?

Carl confirmou com um movimento da cabeça, depois pensou em corrigir a impressão.

— Mas a maior parte do tempo eles são bons para mim.

Rahl assentiu com ar de dúvida.

— É bom ouvir isso. É um alívio para mim.

Carl ergueu os olhos para a luz do sol.

— Mas posso dizer uma coisa, meus pais vão ficar danados da vida por eu ter demorado tanto fora de casa.

— Eles ficam zangados quando você demora?

— Claro. Uma vez, eu estava brincando com um amigo e cheguei tarde em casa e minha mãe ficou furiosa. Meu pai me bateu com um cinto. Ele disse que era porque eu os deixei preocupados.

— Um cinto? Seu pai bateu em você com um cinto? — Darken Rahl abaixou a cabeça, depois se levantou, dando as costas para o menino. — Sinto muito, Carl, eu não sabia que eles eram assim.

— Bem, é só porque eles me amam. — Carl se apressou a dizer. — Foi o que eles disseram, que me amam e eu os deixei

preocupados. — Rahl continuou de costas. Carl perguntou, intrigado: — Não acha que isso mostra que eles se importam comigo?

Rahl molhou os dedos com a língua e os passou nas sobrancelhas e nos lábios antes de virar para ele e se sentar outra vez na frente do rosto ansioso do menino.

— Carl — falou em voz baixa e Carl só com esforço o ouviu —, você tem um cachorro?

— Claro. Tinker. Ele é muito bom. É meu desde pequeno.

— Tinker. — Rahl rolou o nome na língua com prazer. — E Tinker alguma vez se perdeu ou fugiu?

Carl franziu as sobrancelhas, pensando.

— Bem, sim, algumas vezes, antes de ele crescer. Mas voltou no dia seguinte.

— Você ficou preocupado quando ele desapareceu? Quando não o encontrou?

— É claro.

— Por quê?

— Porque eu o amo.

— Compreendo. Então, quando Tinker voltou no dia seguinte, o que você fez?

— Eu o peguei no colo e o abracei com força.

— Não bateu em Tinker com seu cinto?

— Não!

— Por que não?

— Porque eu o amo.

— Mas ficou preocupado?

— Fiquei.

— Então o abraçou quando ele voltou, porque você o ama e estava preocupado com ele.

— Sim.

Rahl inclinou o corpo um pouco para trás, os olhos azuis intensos.

— Sim. E, se você tivesse batido em Tinker com o seu cinto, o que acha que ele teria feito?

— Aposto que da próxima vez não teria voltado. Não ia querer voltar para apanhar. Teria ido para algum lugar onde as pessoas

gostassem dele.

— Compreendo. — disse Rahl significativamente.

As lágrimas desceram dos olhos de Carl. Desviou os olhos de Rahl, enquanto chorava. Finalmente, Rahl passou a mão na cabeça do menino.

— Lamento, Carl. Eu não quis aborrecer você. Mas quero que saiba que quando isto acabar e você voltar para casa, se algum dia precisar de um lar, será sempre bem-vindo aqui. Você é um bom menino, um bom jovem e terei orgulho em ter você aqui comigo. Você e Tinker. E quero que saiba que confio em você para pensar sozinho e vai poder entrar e sair à vontade.

Carl ergueu os olhos cheios de lágrima.

— Muito obrigado, Pai Rahl.

Rahl sorriu, calorosamente.

— Agora, que tal alguma coisa para comer?

Carl inclinou a cabeça afirmativamente.

— Do que gostaria? Temos qualquer coisa que queira.

Carl pensou por um minuto e depois disse com um sorriso:

— Eu quero torta de mirtilo. É minha favorita. — Olhou para baixo e o sorriso desapareceu. — Mas não posso comer torta no café da manhã.

Darken Rahl deu um largo sorriso.

— Pois então você vai comer torta de mirtilo. Vou buscar e volto num minuto.

O Mestre atravessou o jardim até uma pequena porta lateral coberta por trepadeiras. A porta se abriu quando ele se aproximou, segura pelo braço grande de Demmin Nass, e Rahl entrou na sala escura. Uma mistura malcheirosa fervia em um grande caldeirão dependurado sobre uma pequena fornalha. Dois guardas silenciosos permaneciam na outra extremidade da sala, cobertos de suor.

— Mestre Rahl — Demmin inclinou a cabeça —, espero que o menino mereça sua aprovação.

Rahl lambeu as pontas dos dedos.

— Ele será ótimo. — Alisou as sobrancelhas. — Sirva um prato daquela mistura para esfriar.

Demmin apanhou uma vasilha de estanho e começou a passar o mingau para ela com uma colher de madeira.

— Se está tudo bem — disse ele com um sorriso maldoso no rosto marcado. —, eu vou apresentar meus respeitos à Rainha Milena.

— Ótimo, no caminho diga à dragão que preciso dela.

Demmin parou de servir o mingau.

— Ela não gosta de mim.

— Ela não gosta de ninguém — disse Rahl secamente. — Mas não se preocupe, Demmin. Ela sabe o que farei se abusar da minha paciência.

Demmin recomeçou a servir o mingau.

— Ela vai perguntar quando vai precisar dela.

Rahl olhou de soslaio para ele.

— Não é da conta dela e pode dizer que eu disse isso. Ela deve vir quando for chamada e esperar até que eu esteja pronto. — Voltou-se e olhou, por uma pequena abertura da folhagem, para a cabeça do menino. — Mas quero você de volta dentro de duas semanas.

— Duas semanas, está bem. — Demmin pôs o prato com o mingau em cima da mesa. — Mas precisa mesmo de tanto tempo com o menino?

— Preciso, se eu quiser voltar do mundo subterrâneo. — Rahl continuou a olhar para a abertura entre a folhagem. — Pode demorar mais. O tempo que for preciso. Devo conseguir a completa confiança dele, o empenho voluntário de sua completa lealdade.

Demmin pôs o polegar no cinto.

— Temos outro problema.

Rahl olhou para trás.

— É tudo que você faz, Demmin, anda por aí à procura de problemas?

— Mantém minha cabeça presa aos ombros.

Rahl sorriu.

— Tem razão, meu amigo, tem razão — suspirou. Fale então.

Demmin mudou o peso do corpo de um pé para outro.

— A noite passada recebi a informação de que a nuvem rastreadora desapareceu.

— Desapareceu?

— Bem, não desapareceu de fato, ela foi escondida. — Coçou o rosto. — Disseram que outras nuvens se moveram e a esconderam.

Rahl riu, Demmin ficou confuso.

— Nosso amigo, o velho mago. Parece que ele viu a nuvem e usou um dos seus pequenos truques para me aborrecer. Era de esperar. Isso não é problema, meu amigo. Não é importante.

— Mestre Rahl, era assim que o senhor ia encontrar o livro. Além da última caixa, o que pode ser mais importante?

— Eu não disse que o livro não é importante. Eu disse que a nuvem não é importante, por isso não vou confiar a busca apenas a uma nuvem rastreadora. Demmin, como pensa que prendi a nuvem ao rapaz Cypher?

— Meus talentos não estão na área da magia, Mestre Rahl.

— Verdade, meu amigo. — Rahl molhou as pontas dos dedos. — Há muitos anos, antes de o meu pai ser assassinado por aquele mago cruel, ele me falou dos livros de Orden e do *Livro de sombras contadas*. Ele estava tentando recuperá-los, mas não tinha conhecimento suficiente. Era mais um homem de ação, de luta. — Rahl olhou nos olhos de Demmin. — Muito parecido com você, meu grande amigo. Mas foi bastante sábio quando me ensinou o valor da cabeça sobre a espada; como, usando a cabeça, pode derrotar qualquer número de homens. Providenciou para que eu tivesse os melhores instrutores. Então ele foi assassinado. — Rahl bateu na mesa com o punho fechado. Seu rosto ficou vermelho. Depois de um momento, se acalmou. — Então estudei com maior afinco por muitos anos, para ter sucesso onde meu pai fracassou e devolver à casa da Rahl o lugar a que tem direito: o de governar todas as terras.

— E o senhor ultrapassou as mais profundas esperanças de seu pai, Mestre Rahl.

Rahl sorriu de leve. Olhou outra vez para a abertura na folhagem e continuou: — Nos meus estudos, descobri onde estava escondido o *Livro das Sombras Contadas*. Estava em Midlands, do

outro lado da fronteira, mas eu ainda não podia viajar pelo mundo subterrâneo para apanhá-lo. Por isso mandei um animal para servir de guarda e vigiar por mim, até o dia em que eu pudesse ir pessoalmente liberar o livro.

Olhou sombriamente para Demmin.

— Antes que eu pudesse pegar o livro, um homem chamado George Cypher, matou o animal que o guardava e roubou o livro. Meu livro. Ele tirou um dente do animal como troféu. Uma coisa muito idiota, pois o animal fora mandado por magia, minha magia — ergueu as sobrancelhas —, e eu posso encontrar minha magia.

Rahl molhou as pontas dos dedos e os passou nos lábios, olhando para longe.

— Depois que ativei as caixas de Orden, fui buscar o livro. Foi quando descobri que tinha sido roubado. Levei algum tempo, mas encontrei o homem que o roubou. Infelizmente o livro não estava mais com ele e não quis me dizer onde estava. — Rahl sorriu para Demmin. — Eu o fiz sofrer por não me ajudar. — Demmin devolveu o sorriso. — Mas fiquei sabendo que ele tinha dado o dente ao filho.

— Então é por isso que sabe que o rapaz Cypher está com o livro.

— Sim, Richard Cypher tem o *Livro das Sombras Contadas*. E também usa o dente. Foi assim que rastreei a nuvem a ele, ligando-a ao dente dado pelo pai, o dente com minha magia. Eu já podia ter recuperado o livro, mas tenho de tratar de muitos outros assuntos. Só liguei a nuvem a ele para me ajudar a rastreá-lo enquanto espero. Foi mera conveniência. Mas o assunto está praticamente resolvido. Posso ter o livro quando quiser. A nuvem não é importante. Posso encontrá-lo por meio do dente.

Rahl apanhou o prato de mingau e entregou a Demmin.

— Experimente isso, veja se está frio. — Ergueu uma sobrancelha. — Não quero machucar o menino.

Demmin cheirou o prato e franziu o nariz com nojo. Deu para um dos guardas, que aceitou sem nenhuma objeção e levou uma colherada à boca. Fez que sim com a cabeça.

— Cypher pode perder o dente ou jogar fora. Então não vai poder encontrá-lo, nem ao livro. — Demmin inclinou a cabeça num gesto de submissão. — Por favor, perdoe-me por dizer isso, Mestre Rahl, mas me parece que confia muito na sorte.

— Às vezes, Demmin, confio na sorte, mas nunca na chance. Tenho outros meios para encontrar Richard Cypher.

Demmin respirou profundamente e relaxou, pensando nas palavras de Rahl.

— Compreendo agora por que não está preocupado. Eu não sabia de tudo isso.

Rahl franziu a testa para seu leal comandante.

— Nós apenas roçamos o pêlo do que você não sabe Demmin. Por isso você serve a mim e eu não sirvo a você. — Sua expressão se abrandou. — Você tem sido um bom amigo. Demmin, desde que éramos pequenos, portanto, vou acalmar sua mente. Tenho muitos assuntos importantes que exigem meu tempo, assuntos de magia que não podem esperar. Como esse. — Estendeu o braço, indicando o menino. — Eu sei onde está o livro e conheço meus talentos. Posso conseguir o livro quando quiser. Por enquanto, Richard Cypher o está simplesmente guardando para mim. — Rahl se inclinou para Demmin. — Está satisfeito?

Demmin olhou para o chão.

— Sim, Mestre Rahl. — Ergueu os olhos. — Por favor, saiba que só falo das minhas preocupações porque desejo seu sucesso. O senhor é, por direito, o proprietário de todas as terras. Nós todos precisamos da sua orientação. Só desejo fazer parte da sua vitória. A única coisa de que tenho medo é falhar com o senhor.

Darken Rahl passou o braço pelos ombros fortes de Demmin, olhando para o rosto marcado, para a faixa negra no meio do cabelo louro.

— Quisera eu ter mais homens como você, meu amigo. — Retirou o braço e pegou o prato. — Vá agora e conte à Rainha Milena nossa aliança. Não esqueça de chamar a dragão. — Outra vez com a sugestão de um sorriso, acrescentou: — E não deixe que suas pequenas diversões atrasem sua volta.

Demmin inclinou a cabeça.

— Obrigado, Mestre Rahl, pela honra de servir-lhe.

O homenzarrão saiu pela porta dos fundos e Rahl, pela que dava para o jardim.

Os guardas ficaram na pequena sala quente da fornalha.

Apanhando o chifre que servia para alimentar, Rahl se aproximou do menino. O chifre era um longo tubo de bronze, com bocal pequeno, maior na altura do ombro, para que o mingau pudesse descer. Rahl o pôs no chão, de modo que o bocal ficasse na frente de Carl.

— O que é isso? — perguntou Carl, olhando para o objeto. — Um chifre?

— Sim, isso mesmo. Muito bem, Carl. É um chifre para alimentar, Faz parte da cerimônia. Os outros jovens que ajudaram o povo no passado acharam que é o modo mais engraçado de comer. Você põe a boca nesta extremidade e eu sirvo, derramando a comida pela parte de cima.

Carl disse, com ceticismo:

— É mesmo?

— Sim. — Rahl sorriu para tranqüilizá-lo. — E, se quer saber, consegui sua torta preferida, ainda quente do forno.

Os olhos de Carl se iluminaram.

— Ótimo! — Avidamente pôs a boca na extremidade do chifre.

Rahl passou a mão em círculo sobre o prato três vezes, para mudar o sabor, depois olhou para Carl. — Tive de amassar a torta para passar pelo chofre. Espero que esteja boa.

— Eu sempre amasso com o garfo — disse Carl com um largo sorriso e pôs outra vez a boca no chifre.

Rahl derramou um pouco da mistura. Quando chegou à boca de Carl, ele comeu avidamente.

— Muito gostosa! A melhor que já comi!

— Fico satisfeito. — Disse Rahl, com um sorriso. — A receita é minha. Tive medo de que não fosse tão boa quanto a de sua mãe.

— É melhor. Posso comer mais?

— É claro, meu filho. Com o Pai Rahl, sempre tem mais.

CAPÍTULO 21



Cansado, Richard procurou no chão onde a trilha continuava no fim do deslizamento, desesperançado. Nuvens escuras surgiam ocasionalmente, trazendo grossos pingos de chuva fria que batiam na sua nuca enquanto ele procurava.

Ocorreu-lhe que talvez Kahlan tivesse chegado ao fim do Estreito, que apenas fora separada dele e tivesse continuado a andar. Ela usava o osso dado por Adie e teria sido salva da fronteira. Devia ter conseguido passar. Mas ele estava usando o dente e Adie tinha dito também que não poderia ser visto, mas as sombras o atacaram mesmo assim. Era estranho, as sombras não se moveram até ficar escuro na rocha partida. Por que não os atacaram antes?

Não havia qualquer rastro. Nada tinha atravessado o Estreito havia muito tempo. Fadiga e desespero o dominaram outra vez quando pedacinhos de gelo começaram a cair sobre sua capa, parecendo incitá-lo a prosseguir, a sair do Estreito. Perdida toda esperança, ele voltou para a trilha, a caminho de Midlands.

Depois de poucos passos, uma idéia o fez parar de repente.

Se Kahlan tinha se separado dele, se ela pensava que o mundo subterrâneo o tinha levado, se pensou que o tinha perdido e estava sozinha, ela teria continuado para Midlands? Sozinha?

Não.

Richard se virou para o Estreito. Não. Ela voltaria. Voltaria para o mago.

Não ia adiantar ir sozinha para Midlands. Ela precisava de ajuda, por isso tinha vindo a Westland. Sem o Seeker, só o mago podia ajudá-la.

Richard não ousava confiar muito nessa idéia, mas o lugar em que lutara contra as sombras não ficava longe, o lugar em que a tinha perdido. Não podia seguir sem verificar. A fadiga esquecida, ele voltou para o Estreito.

A luz verde o recebeu de volta. Seguindo o caminho por onde tinha vindo, logo encontrou o lugar em que lutara contra as sombras. Suas pegadas estavam em toda a parte na lama do deslizamento, contando a história da batalha. Com surpresa, viu quanto espaço tinha ocupado durante a luta. Não se lembrava de todas as voltas, dos movimentos para frente e para trás, até a última parte.

De repente, viu o que procurava. Os rastros dos dois, juntos, depois os dela, sozinha. Seu coração bateu mais forte e ele seguiu os passos, esperando, com uma esperança tão intensa que chegava a doer, que não o levassem à parede. Abaixou-se e examinou as pegadas, tocando-as com as mãos. Os rastros primeiro iam de um lado para o outro, em confusão e então paravam e voltavam. Onde os primeiros levavam para fora do Estreito, os outros levavam para dentro.

Kahlan.

Richard se levantou rapidamente, com a respiração entrecortada, o pulso disparado. A luz verde brilhava irritantemente à sua volta. Tentou imaginar até onde Kahlan tinha ido. Tinham levado a maior parte da noite para atravessar o Estreito. Mas então não sabiam onde ficava a trilha. Olhou para as pegadas na lama. Agora ele sabia.

Teria de se apressar, não podia hesitar. Lembrou-se do que Zedd tinha dito quando deu a ele a espada. A força da raiva, o mago dissera, dá a você o impulso para vencer.

O canto claro e metálico da lâmina se espalhou no ar da manhã escuro quando o Seeker desembainhou a espada. A fúria o dominou. Sem pensar duas vezes, Richard começou a andar pela trilha, seguindo os rastros. A parede o pressionava enquanto ele corria na névoa fria. Quando os rastros viraram, indo para frente e para trás, ele não diminuía o passo, mas levava os pés para um lado ou para o outro, para continuar na trilha.

Mantendo o passo, ele conseguiu atravessar o Estreito antes do meio da manhã. Duas vezes, encontrou uma sombra flutuando parada na trilha. Elas não se moveram, nem pareceram dar conta de sua presença. Richard continuou, com a espada na mão. Mesmo sem rosto, elas pareciam surpresas quando foram partidas ao meio.

Sem diminuir o passo, ele atravessou a rocha fendida, chutando um sugador para longe. No outro lado, parou para tomar fôlego. Foi enorme o alívio que sentiu vendo que as pegadas dela seguiam em frente. Agora, de volta à trilha da floresta, era mais difícil perceber os rastros, mas não importava. Richard sabia para onde Kahlan estava indo e sabia que ela estava a salvo. Sentiu vontade de chorar de alegria sabendo que Kahlan não morreria.

Sabia que estava chegando perto dela, a névoa ainda não tivera tempo de desmanchar o contorno das pegadas, como quando ele as encontrou. Quando o dia clareou, ela devia ter seguido os rastros em vez de usar as paredes para ver o caminho, do contrário ele teria a encontrado antes. Garota inteligente, ele pensou, ela usara a cabeça. Ainda faria dela uma boa habitante dos bosques.

Richard seguiu pela trilha com a espada — e sua ira — desembainhadas. Não perdeu tempo parando para ver sinais da passagem de Kahlan na trilha, mas nos trechos de lama ele olhava para baixo, diminuindo um pouco o passo. Depois de percorrer uma área de solo coberto de musgo, chegou a um trecho pequeno cheio de pegadas. Olhava rapidamente para o chão, enquanto corria. Então viu uma coisa que o fez parar tão de repente que caiu. De quatro no chão, olhou para as marcas e arregalou os olhos.

Sobrepostas a uma parte das pegadas de Kahlan havia marcas de botas de homem, quase três vezes maiores do que as dela. Richard imediatamente soube a quem pertenciam: ao último homem do quad.

A fúria explodiu, ele se levantou e continuou a correr. Galhos e rochas passavam como envoltos em névoa. Sua única preocupação era ficar na trilha e evitar acidentalmente entrar na fronteira, não temendo por ele mesmo, mas porque sabia que não poderia ajudar Kahlan se fosse morto. Seus pulmões ansiavam por ar e seu peito

subia e descia com o esforço. Com a ira da magia, ele ignorava a exaustão, a falta de sono.

Subindo ao topo de uma pequena elevação rochosa, ele a viu no outro lado. Por um instante, Richard ficou imóvel. Kahlan estava à esquerda, com os pés separados, meio agachada com uma parede de rocha atrás. O ultimo homem do quad estava na frente dela, à direita de Richard. O pânico se misturou à sua raiva. O uniforme de couro do homem brilhava, molhado. O capuz da cota de malha cobria os cabelos louros. Ele ergueu a espada com os punhos maciços e os músculos se destacaram nos braços e então soltou um grito de guerra.

Ele ia matar Kahlan.

A cólera explodiu em Richard. Ele gritou: — Não! — com fúria assassina e saltou da rocha. Com as duas mãos, ergueu a Espada da Verdade quando ainda no ar. Quando chegou ao solo, recuou, brandindo a espada de trás para frente, num arco. A espada assobiou com a velocidade do movimento. O homem tinha se virado quando Richard saltou. Ergueu a espada defensivamente com toda a velocidade, os tendões dos pulsos estalando.

Richard viu, como em sonho, sua espada fazer a volta.

Concentrou toda a força em fazer com que a espada se movesse com mais pressa, com maior precisão. A magia respondeu furiosa. Richard olhou da espada para os olhos azuis do homem. A espada do Seeker seguiu os seus olhos. Ouviu a própria voz gritar. O homem ergueu a espada para se defender do golpe.

Tudo em volta do homem se dissolveu para Richard. Sua fúria e a magia estavam livres como nunca antes. Nenhum poder da terra podia negar a ele o sangue do homem. Richard estava além de todo o raciocínio. Além de qualquer outra necessidade. Além de outro motivo para viver. Ele era a morte viva.

Toda a força de vida de Richard focalizou ódio mortal no golpe da espada.

Sentindo a batida do coração nos músculos tensos do pescoço, com sua visão periférica, Richard viu com alegria expectante, olhando para os olhos azuis do homem, sua espada descreveu o resto da distância em um arco suave, finalmente contatando a

espada erguida do inimigo. Viu o detalhe da lâmina partida ergue-se girando no ar, a superfície polida brilhar na luz com um flash em cada uma das três voltas antes que a espada do Seeker, com toda a força da sua raiva e sua magia, atingisse a cabeça do homem, o capuz da cota de malha, virando um pouco a cabeça dele para o lado antes de a espada explodir entre os elos da malha de metal, alcançando a cabeça na altura do olho, enchendo o ar com uma chuva de pedaços de aço e pedaços de malha.

A manhã nevoenta explodiu numa neblina vermelha e Richard, satisfeito, viu cabelos louros, ossos e cérebro espalhados loucamente quando a lâmina continuou a golpear o ar avermelhado, destruindo os últimos fragmentos da cabeça do inimigo, seguindo sua jornada, enquanto o corpo, só com pescoço e mandíbula e pouca coisa mais, começou a desmoronar como se todos os seus ossos se tivessem dissolvido, não deixando nada para sustentá-lo, finalmente caindo no chão com um baque surdo. Bolhas de sangue subiram no ar em longas tiras que finalmente formaram um arco e caíram no chão e em cima de Richard, oferecendo ao vitorioso o gosto quente quando entrou na sua boca aberta para o grito de raiva. Mais sangue escorreu copiosamente na terra ao mesmo tempo que pedaços de cota de malha e da espada partida caíam como chuva, enquanto na rocha atrás dele mais sangue e ossos tombavam finalmente no solo, tingindo tudo de vermelho vivo.

O portador da morte parou vitorioso sobre o objeto do seu ódio e da sua raiva, encharcado de sangue e da glória de uma alegria que jamais tinha imaginado. Seu peito arfava, feliz. Levando a espada para frente de novo, ele olhou em volta, à procura de nova ameaça. Não havia.

Então o mundo implodiu dentro dele.

Tudo que o rodeava apareceu. Richard viu o olhar chocado de Kahlan antes de a dor o fazer cair de joelhos, dilacerando-o, dobrando seu corpo para frente.

A Espada da Verdade caiu de sua mão.

A súbita compreensão do que acabava de fazer o atingiu. Matara um homem. Pior, matara um homem que queria matar. Teve prazer com isso. Não teria permitido que nada o impedisse de matar.

A visão de sua espada explodindo na cabeça do homem se repetia sem cessar em sua mente. Não conseguia apagar a imagem.

Com uma dor lancinante que jamais havia sentido, apertou o corpo com os braços. Abriu a boca mas nenhum grito saiu dela. Tentou perder a consciência para se livrar da dor, mas não foi possível. Nada mais existia a não ser a dor, como nada mais existira no seu desejo de matar, não ser o homem.

A dor embaçou-lhe a visão. Ele estava cego. Fogo queimava em cada músculo, em cada órgão do seu corpo, consumindo-o, tirando o ar dos pulmões, sufocando-o numa agonia compulsiva. Caiu de lado no chão, os joelhos erguidos para o peito, gritando de dor, finalmente, como gritara de raiva há pouco. Richard sentiu a vida se esvaír. Através da angústia e da dor sabia que, se isso continuasse, não poderia conservar sua sanidade, ou pior, sua vida. O poder da magia o assoberbava. Jamais teria imaginado que existisse tanta dor, agora não podia imaginar que ela ia desaparecer. Sentiu que ela estava destruindo sua sanidade. Mentalmente, pediu a morte. Se alguma coisa não mudasse, rapidamente ele satisfaria esse desejo de um modo ou de outro.

Entre a névoa da agonia, ele percebeu uma coisa. Reconheceu a dor. Era igual à raiva. Ela a invadiu como a raiva da espada. Conhecia bem esse sentimento, era a magia. Uma vez reconhecida como magia, tentou urgentemente controlá-la, como tinha aprendido a controlar a cólera. Agora sabia que precisava tomar o controle ou morrer. Raciocinou, chegou a compreender a necessidade do que tinha feito, por mais horrível que fosse. O homem tinha se condenado à morte com sua intenção de matar.

Finalmente conseguiu dominar a dor, como aprendera a afastar a raiva. Sentiu grande alívio. Vencera as duas batalhas. A dor diminuiu e desapareceu.

Deitado de costas, ofegante, ele sentiu o mundo voltar. Kahlan estava ajoelhada ao seu lado, passando um pano molhado e frio no seu rosto, limpando o sangue. Sua testa estava franzida e lágrimas lhe desciam dos olhos. Pingos do sangue do homem formavam longas listras no seu rosto.

Richard se ajoelhou e apanhou o pano molhado para limpar o rosto dela, como para apagar-lhe da lembrança o que acabava de ver. Antes que ele tivesse tempo de fazer isso, ela o abraçou com uma força que ele jamais imaginaria que possuía. Ele a abraçou também e, com a mão na nuca dele, chorando, ela puxou a cabeça de Richard para a sua. Richard não podia acreditar no quanto era bom ter Kahlan de volta. Não queria deixar que ela se fosse, nunca mais.

— Eu sinto tanto, Richard! — ela soluçou.

— Por quê?

— Por você ter de matar um homem por mim.

Ele a acalentou suavemente, acariciando seu cabelo.

— Está tudo bem.

Ela balançou a cabeça encostada no pescoço dele.

— Eu sabia o quanto essa magia ia ferir você, por isso não quis que lutasse contra os homens na estalagem.

— Zedd disse que a raiva me protegeria da dor, Kahlan. Não compreendo. De modo algum eu podia ficar mais furioso.

Ela se afastou um pouco e apertou os braços dele, como para ver se Richard era real.

— Zedd me disse para tomar conta de você se tivesse de usar a espada para matar um homem. Disse que era verdade que a raiva o protegeria, mas que a primeira vez é diferente, que a magia ia testar, avaliar o Seeker com a dor e nada poderia proteger você. Disse que não lhe podia dizer isso porque, se você soubesse, ia ser mais cuidadoso no uso da espada e isso podia ser desastroso. Disse que a magia tem de se juntar ao Seeker com seu primeiro uso definitivo, para garantir sua intenção quando ele mata — Apertou os braços dele. — Zedd disse que a magia pode fazer coisas terríveis. Ela testa com a dor para ver quem será o senhor, quem o súdito.

Richard se sentou nos calcanhares, atônico. Adie tinha dito que o mago guardava um segredo dele. Devia ser isso. Zedd devia estar muito preocupado e temendo por ele.

Richard teve pena do velho amigo.

Pela primeira vez, Richard compreendeu o significado de ser um Seeker, de um modo que só um Seeker podia compreender.

Portador da morte. Agora ele compreendia. Compreendeu a magia, como ela o tinha usado, como agora estavam ligados. Para o melhor ou para o pior, ele jamais seria o mesmo. Tinha provado a realização do seu mais sinistro desejo. Estava feito. Não era possível voltar a ser o que era antes.

Richard limpou o sangue do rosto de Kahlan com o pano molhado.

— Eu compreendo. Sei do que ele estava falando. Você fez a coisa certa não me dizendo. — Tocou o rosto dela e continuou com voz suave. — Tive tanto medo de que você estivesse morta!

Kahlan pôs a mão sobre a dele.

— Pensei que você estivesse morto. Num minuto, eu estava segurando sua mão e de repente não estava mais. — Seus olhos se encheram de lágrimas outra vez — Não consegui encontrar você. Não sabia o que fazer. A única coisa em que podia pensar era ir para Zedd, esperar que ele acordasse para me ajudar. Pensei que o tivesse perdido para o mundo subterrâneo.

— Também pensei que isso tinha acontecido com você. Quase continuei sozinho — Sorriu ele. — Parece que tenho de sempre voltar para você.

Kahlan sorriu pela primeira vez, abraçou-o novamente e depois retirou os braços depressa.

— Richard, temos de sair daqui. Há animais por toda parte. Eles virão buscar o corpo dele, não podemos estar aqui quando chegarem.

Ele apanhou a espada e se levantou. Estendeu a mão para ajudá-la. Kahlan segurou a mão dele.

A magia se acendeu em fúria, avisando o seu mestre.

Assustado, Richard olhou para ela. Como na última vez, quando ela tocou sua mão que segurava a espada, a magia despertou, só que dessa vez com mais força. Sorrindo, ela aparentemente não sentiu nada. Richard obrigou a ira a se acalmar. Ela se foi, com grande relutância.

Kahlan o abraçou outra vez, um abraço rápido, com o braço livre.

— Ainda não acredito que esteja vivo. Estava certa de ter perdido você.

— Como escapou das sombras?

Kahlan balançou a cabeça.

— Não sei. Elas estavam nos seguindo e, quando nos separamos e eu voltei, não as vi mais. Você viu alguma?

Richard assentiu solenemente, inclinando a cabeça.

— Sim, vi. E vi meu pai outra vez. Elas me atacaram, tentaram me empurrar para a fronteira.

Kahlan perguntou, preocupada: — Por que só você? Por que não nós dois?

— Não sei. A noite passada na rocha fendida e depois, quando elas começaram a nos seguir, certamente estavam atrás de mim, não de você. O osso a protegeu.

— A última vez na fronteira, eles atacaram todos, menos você — disse ela. — O que foi diferente agora?

Richard pensou por um momento.

— Eu não sei, mas temos de atravessar a passagem. Estamos cansados demais para passar a noite lutando contra as sombras outra vez. Temos de chegar a Midlands antes do anoitecer. E, desta vez, prometo não largar sua mão.

Kahlan sorriu e apertou a mão dele.

— Eu também não vou largar a sua.

— Eu voltei correndo pelo estreito. Não levei muito tempo. Está disposta a correr?

Ela fez que sim com a cabeça e eles começaram a correr numa velocidade que Richard achou que ela podia manter. Como na última vez em que atravessou o Estreito, Richard ia com a espada na mão, nenhuma sombra os seguiu, embora várias flutuassem sobre a trilha. E como antes, Richard passou por elas com a espada em punho, para ver o que fariam. Kahlan se encolheu cada vez que elas uivavam. Ele observava os rastros enquanto corria, puxando Kahlan nas curvas, mantendo-a na trilha.

Quando se livraram dos restos do deslizamento e na trilha da floresta, no outro lado do Estreito, passaram para um passo rápido, para retomar o fôlego. A garoa lhes molhava os rostos e os cabelos.

A felicidade de encontrar Kahlan viva amenizava sua preocupação sobre as dificuldades que os esperavam. Comeram pão e frutas enquanto andavam. O estomago de Richard roncava de fome, mas ele não queria parar para comer mais.

Richard estava ainda confuso com a reação da magia quando Kahlan pôs a mão sobre a dele. Era alguma coisa que a magia sentia nela ou uma reação a algo em sua mente. Era porque tinha medo do segredo de Kahlan? Ou seria algo mais, alguma coisa que a magia encontrava nela? Richard queria que Zedd estivesse ali, para perguntar o que ele pensava. Mas Zedd estava presente na outra vez e ele não tinha perguntado. Teria medo do que Zedd podia dizer?

Depois de comer um pouco e a tarde ter passado, ouviram rosnados no bosque. Kahlan disse que eram os animais. Resolveram correr outra vez, para sair da passagem o mais depressa possível. Richard estava mais do que cansado. Estava simplesmente insensível, enquanto corriam pelo bosque espesso. A chuva leve nas folhas amortecia o som dos seus passos.

Antes do anoitecer, chegaram a uma longa cordilheira. Lá embaixo, a trilha descia numa série de curvas fechadas. Pararam no topo da cordilheira, olhando para o pasto aberto sob a chuva.

Kahlan parou, rígida.

— Conheço esse lugar — murmurou ela.

— O que é?

— Chama-se Agreste. Estamos em Midlands. — Virou-se para ele. — Voltei para casa.

Richard ergueu a sobrancelha.

— O lugar não me parece tão agreste assim.

— O nome não é por causa da terra, mas por causa das pessoas que vivem nelas.

Depois de descer a encosta íngreme, Richard encontrou um lugar protegido debaixo de uma laje de pedra, não bastante grande para protegê-los da chuva, por isso ele cortou galhos de pinheiro e os pendurou na beirada da pedra, criando um pequeno abrigo, fechando a entrada com os galhos, evitando a chuva. Os dois se deitaram molhados e exaustos.

Kahlan tirou a capa e sacudiu a água.

— Nunca vi o céu encoberto tão demoradamente nem chover por tanto tempo. Nem lembro mais como é o sol. Começo a me cansar disso.

— Eu não — disse Richard. Ela olhou para ele, intrigada, e Richard explicou: — Lembra-se da nuvem em forma de serpente, a que foi mandada por Rahl para me seguir? Prefiro a chuva à Darken Rahl.

Kahlan pensou por um momento.

— A partir de agora, vou me sentir melhor com as nuvens. Mas, da próxima vez, pode pedir a ele para trazer as nuvens menos molhadas? — Richard sorriu. — Quer comer alguma coisa? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Estou cansado demais. Só quero dormir. É seguro aqui?

— Sim. Ninguém mora perto da fronteira no Agreste. Adie disse que estamos protegidos contra os animais, portanto os sabujos do coração não nos incomodarão.

Richard ficou com mais sono ouvindo o som cadenciado da chuva. Enrolaram-se nos cobertores, pois a noite já estava fria. À luz fraca, Richard via vagamente o rosto de Kahlan encostado na rocha. O abrigo era muito pequeno para acender um fogo e, de qualquer modo, tudo estava molhado. Pôs a mão no bolso e apalpou a bolsa de couro com a pedra da noite. Pensou em usá-la, mas desistiu.

Kahlan sorriu para ele.

— Bem-vindo a Midlands. Você fez o que disse que faria, trouxe-nos até aqui. Agora começa o trabalho. O que vamos fazer?

Com a cabeça latejando, Richard se inclinou para ela.

— Precisamos que alguém possa nos mostrar a direção certa. Quem você conhece que pode fazer isso?

Kahlan olhou para ele.

— Estamos muito longe de qualquer pessoa disposta a nos ajudar.

Kahlan estava evitando dizer alguma coisa. A raiva de Richard se alvoroçou.

— Eu não disse que teriam de nos ajudar, eu disse que precisariam ter a capacidade para nos ajudar. Leve-me até eles, que eu cuido do resto! — Imediatamente se arrependeu daquele tom de voz. Encostou a cabeça na rocha e controlou a raiva. — Kahlan, desculpe. — Afastou a cabeça da dela. — Tive um dia difícil. Além de matar aquele homem, tive de golpear meu pai com a espada outra vez. Mas o pior foi pensar que tinha perdido você para o mundo subterrâneo. Tudo que quero é deter Rahl, para acabar com esse pesadelo.

Virou o rosto para ela e Kahlan deu um dos seus sorrisos especiais, com os lábios fechados. Olhou nos olhos dele, por alguns minutos, na quase escuridão do abrigo.

— Não é fácil ser um Seeker — disse ela, suavemente.

Richard sorriu.

— Não é fácil — concordou.

— O Povo da Lama — disse ela, finalmente. — Eles podem nos dizer onde procurar, mas não garanto que queiram nos ajudar. O Agreste é uma região remota de Midlands e o Povo da Lama não está acostumado a tratar com pessoas de fora. Eles têm costumes estranhos. Não se importam com os problemas de outras pessoas. Tudo que querem é ficar em paz.

— Se Darken Rahl conseguir o que quer, não vai respeitar desejos de ninguém — lembrou Richard.

Kahlan respirou profundamente.

— Richard, eles podem ser perigosos.

— Já tratou com eles antes?

— Algumas vezes. Não falam a nossa língua, mas eu falo a deles.

— Eles confiam em você?

Kahlan desviou a vista e apertou mais o cobertor em volta do corpo.

— Acho que sim. — Olhou para ele. — Mas têm medo de mim e, como o Povo da Lama, isso pode ser mais importante do que confiança.

Richard mordeu a parte interna do lábio para não perguntar por que eles tinham medo dela.

— A que distância?

— Não sei exatamente onde estamos no Agreste. Não posso ver o bastante para ter certeza, mas sei que não estão a mais de uma semana, ao nordeste.

— Muito bem. De manhã, rumamos para o nordeste.

— Quando chegarmos lá, você deve fazer o que eu disser, deve prestar atenção ao que eu mandar. Deve convencê-los a ajudar você, do contrário não ajudarão, com espada ou sem ela. — Ele inclinou a cabeça, concordando. Kahlan tirou a mão debaixo do cobertor e pôs no braço dele. — Richard — murmurou ela —, obrigada por ter voltado. Sinto ter custado isso para você.

— Eu tinha de voltar. De que adiantava vir a Midlands sem a minha guia?

Kahlan sorriu.

— Tentarei corresponder às suas expectativas.

Richard apertou a mão dela, e eles se deitaram. O sono chegou logo depois que ele agradeceu aos bons espíritos por terem protegido Kahlan.

CAPÍTULO 22



Zedd abriu os olhos. O cheiro da sopa variada era espesso no ar. Sem se mover, ele olhou em volta cautelosamente. Viu Chase deitado ao seu lado, viu os ossos nas paredes e pela janela viu que estava escuro lá fora. Olhou para o próprio corpo. Estava debaixo de uma pilha de ossos. Sem se mover, ele os fez se erguerem no ar, depois flutuarem para um lado e finalmente pararem. Silenciosamente ele se levantou. Estava em uma casa cheia de ossos, ossos de animais. Zedd olhou para trás.

Surpreso, viu se na frente de uma mulher exatamente no momento em que ela também virou para trás.

Os dois gritaram assustados e levantaram os braços.

— Quem é você? — perguntou ele, inclinando-se para a frente e olhando nos olhos brancos.

Ela pegou as muletas antes que tivessem tempo de cair e as pôs debaixo dos braços.

— Eu ser Adie — respondeu ela com a voz áspera. — Você me pregou susto! Acordou mais cedo do que eu esperava.

Zedd ajustou o manto.

— Quantas refeições eu perdi? — perguntou.

Franzindo a testa, Adie o examinou dos pés a cabeça.

— Muitas ao que parece.

Um sorriso enrugou o rosto de Zedd. Então olhou também Adie, de cima a baixo.

— Você é uma mulher bonita — anunciou. Com uma curvatura, segurou a mão dela, que Beijou de leve, depois endireitou o corpo orgulhosamente, erguendo um dedo magro para o céu. — Zeddicus

Zu'l Zorander, humildemente ao seu dispor, minha cara senhora. — Inclinou-se para a frente. — O que há de errado com sua perna?

— Nada. Está perfeitamente bem.

— Não, não — disse ele, franzindo a testa e apontando. — Não essa, a outra.

Adie olhou para a perna sem pé, depois outra vez para Zedd.

— Não vai até o chão. Seu olho tem problema?

— Bem, espero que tenha aprendido a lição. Você tem só um pé, você sabe. — A testa franzida deu lugar a um largo sorriso. — E o problema com meus olhos — disse ele com a voz fina — é que eles estavam famintos, mas agora vão se banquetear.

Adie sorriso de leve.

— Aceita um prato de sopa, mago?

— Pensei que nunca ia perguntar, feiticeira.

Ela atravessou a sala atrás dela até o caldeirão dependurado na lareira e, depois que ela serviu dois pratos de sopa, levou-os para a mesa. Encostando a muleta na parede, Adie se sentou de frente para ele e cortou uma grossa fatia de pão e outra de queijo, empurrando-as para ele. Zedd se sentou e atacou a comida, mas parou depois de uma colherada e olhou para os olhos brancos.

— Richard fez esta sopa — disse ele com a voz firme, a segunda colherada entre o prato e a boca.

Adie pegou um pedaço de pão e o mergulhou na sopa, olhando para ele.

— Isso ser verdade. Você ter sorte, a que eu faço não é tão boa.

Zedd olhou em volta e pôs a colher no prato.

— E onde ele está?

Adie levou um pedaço de pão à boca e mastigou, olhando para ele. Quando engoliu, respondeu: — Ele e a Madre Confessora foram para a passagem, para Midlands. Embora ele conheça ela apenas como Kahlan, ela ainda esconde dele sua identidade. — Contou para o mago a história de como Kahlan e Richard tinham ido até ela, procurando ajuda para os dois amigos.

Zedd com o queijo em uma das mãos e o pão na outra, mordia alternadamente cada um enquanto ouvia Adie, fazendo uma careta

quando ela disse que o tinha alimentado só com mingau.

— Ele pediu para dizer que não pode esperar por você, mas sabia que você ia compreender. O Seeker me deu instruções para dizer a Chase para fazer preparativos, quando a fronteira ruir, para enfrentar as forças de Rahl. Ele sentia não saber qual é o seu plano, mas ele temia não poder esperar.

—Melhor assim — murmurou o mago. — Meu plano não inclui Richard.

Zedd voltou a comer avidamente. Quando terminou a sopa, foi até o caldeirão e serviu-se de outra porção. Ofereceu-se para servir a Adie também, mas a feiticeira ainda não tinha terminado o primeiro prato, pois não tirou os olhos do mago o tempo todo. Quando Zedd se sentou de novo, ela empurrou mais pão e queijo para ele.

— Richard guarda segredo de você — disse ela, em voz baixa. — Se não era por esse negocio com Rahl, eu não dizia, mas achei que você deve saber.

A luz do lampião iluminava o rosto magro e o cabelo branco de Zedd e as sombras o faziam parecer mais emaciado e magro. Ele pegou a colher, olhou para a sopa por um momento, depois outra vez para Adie.

— Como você sabe, nós todos temos segredos, os magos mais do que os outros. Se soubéssemos os segredos uns dos outros, o mundo seria muito estranho. Além disso, tiraria toda a graça de contá-los. — Seus lábios finos se curvaram num sorriso, seus olhos brilharam. — Mas não temo o segredo de uma pessoa em quem confio e ele não precisa temer o meu. Faz parte de ser amigo.

Adie se recostou na cadeira, olhando para ele com os olhos brancos. O sorriso voltou.

— Para bem dele, espero que você esteja certo em confiar. Eu não ia gostar de zanga de mago.

Zedd deu de ombros.

—Para um mago, sou bastante inofensivo.

Ela olhou para os olhos dele à luz do lampião.

— Isso ser mentira — murmurou a feiticeira com sua voz raspante.

Zedd pigarreou e pensou em mudar de assunto.

— Parece que eu devo a você por cuidar de mim, minha cara senhora.

— Isso ser verdade.

— E por ajudar Richard e Kahlan. — Olhou para Chase e apontou com uma colher. — e o guarda da fronteira também. Sou seu devedor.

O sorriso de Adie de alargou.

— Talvez alguma dia você pode devolver favor.

Zedd arregaçou as mangas do manto e voltou a tomar sopa, mas não com a mesma voracidade. Ele e a feiticeira se observavam. O fogo na lareira estalava e lá fora os insetos noturnos zuniam. Chase dormia.

— Há quanto tempo eles se foram? Perguntou Zedd, finalmente.

— Este é o sétimo dia que ele deixou você e o guarda da fronteira pra eu tomar conta.

Zedd acabou de comer e empurrou o prato cuidadosamente. Cruzou as mãos sobre a mesa e olhou para baixo, batendo um polegar contra o outro. A luz do lampião tremeluziu e dançou no seu farto cabelo branco.

—Richard disse como vou encontrá-lo?

Por um momento, Adie não respondeu. O mago esperou, batendo os polegares, até que finalmente ela disse: — Eu dei a ele uma pedra da noite.

Zedd se levantou de um pulo.

— O que você fez?

Adie olhou calmamente para ele.

— Queria que eu mandasse ele para passagem a noite, sem luz para enxergar? Ser cego na passagem é morte na certa. Eu queria que ele atravessasse. Só assim eu podia ajudar.

O mago apoiou as mãos fechadas na mesa e inclinou-se para frente, o cabelo branco ondulado em volta do rosto.

— E você o avisou?

— É claro que avisei.

Zedd entrecerrou os olhos.

— Como? Com um enigma de feiticeira?

Adie pegou as maçãs e jogou uma para Zedd. Ele a apanhou no ar com um encantamento silencioso. A maçã flutuou, girando devagar enquanto ele continuava a olhar para mulher.

— Senta, mago e pára de se mostrar. — Deu uma mordida na maçã e mastigou devagar. Zedd sentou-se, emburrado.

— Eu não queria assustar ele. Ele já estava bastante assustado. Se eu tinha dito o que uma pedra da noite pode fazer, ele ia ter medo de usar e aí ele ia ser apanhado pelo mundo subterrâneo. Sim, eu avisei ele, mas com um enigma, para ele resolver mais tarde, depois que ele atravessar a passagem.

Zedd apanhou a maçã no ar.

— Maldição, Adie, você não compreende. Richard detesta enigmas, sempre detestou. Ele os considera um insulto à honestidade. Ele se recusa a resolvê-los. Ele sempre os ignora, por questão de princípio — A maçã estalou quando ele deu uma mordida.

— Ele ser Seeker, é isso que Seeker faz, resolve enigmas.

Adie largou a maçã e se inclinou pra frente com a mão na mesa. A preocupação suavizou-lhe o rosto.

— Zedd, eu estava tentando ajudar o rapaz. Quero que ele tem sucesso. Perdi o meu pé na passagem, ele ia perder vida. Se o Seeker perder vida, nós todos também perdemos. Eu não quis fazer mal a ele.

Zedd largou a maçã e descartou a zanga com um largo gesto da mão.

— Eu sei disso, Adie. Não estava sugerindo que você queria fazer mal a ele — pegou as mãos de Adie. — tudo vai dar certo.

— Fui tola. Ele me disse que não gosta de enigmas, mas eu não dei atenção, Zedd, procura Richard por meio de pedra da noite. Vê se ele consegue passar.

Zedd fechou os olhos e encostou o queixo no peito, respirando profundamente três vezes. Então parou de respirar por um longo tempo. O som de vento distante se espalhou no ar. Vento numa planície aberta, deserta, sinistra, vento constante. O som morreu

finalmente e o mago começou a respirar outra vez. Ergueu a cabeça e abriu os olhos.

— Ele está em Midlands. Consegui atravessar a passagem.

Adie ficou aliviada.

— Eu dar a você osso pra passar a salvo. Você vai encontrar ele agora?

O mago olhou para mesa, desviando o olhar dos olhos brancos.

— Não — disse ele, em voz baixa. — Ele terá de fazer isso, entre outras coisas, sozinho. Como você disse, ele é o Seeker. Tenho de fazer um trabalho importante, se quisermos deter Darken Rahl. Espero que enquanto isso ele consiga ficar longe de encrencas.

— Segredos? — perguntou a feiticeira, com seu pequeno sorriso.

— Segredos — respondeu o mago. — Devo partir imediatamente.

Ele tirou a mão debaixo dele e acariciou a pele ressecada do mago.

— Está escuro lá fora.

— Escuro — concordou ele.

— Por que não passa a noite aqui? E pode partir com a primeira luz da manhã.

Zedd ergueu os olhos para ela.

— Passar a noite?

Adie deu de ombros, continuando acariciar a mão dele.

— Às vezes é muito solitário aqui.

— Bem — o sorriso maroto iluminou o rosto de Zedd-, como você disse, está escuro lá fora. Acho que seria mais sensato partir de manhã. — De repente franziu a testa — Esse não é um dos seus enigmas, é?

Ela balançou a cabeça e o sorriso voltou.

— Eu trouxe minha pedra de mago. Você estaria interessada?

O rosto de Adie de suavizou, com um sorriso embaraçado.

— Eu gostar muito. — olhou para ele, recostou na cadeira e deu uma mordida na maçã.

Zedd ergueu uma sobrancelha.

— Nua?

Vento e chuva vergavam o mato alto com ondas lentas quando os dois atravessaram a planície aberta. As árvores eram poucas e espaçadas, a maioria grupos de bétulas e amieiros nas margens de regatos. Kahlan observava atentamente o mato, estavam perto do território do Povo da Lama podia. Richard seguia atrás em silêncio, como sempre vigiando Kahlan.

Não agradava a ela a idéia de levá-lo ao Povo da Lama, mas Richard tinha razão, precisavam saber onde procurar a última caixa e não havia mais ninguém por perto para lhes indicar a direção certa. O outono estava quase no fim e o tempo passava rapidamente. Mas, o Povo da Lama podia não estar disposto a ajudar e nesse caso teriam perdido tempo.

Pior ainda, embora ela soubesse que eles provavelmente não ousariam matar uma Confessora, mesmo uma que viajava sem proteção de um mago, não tinha idéia de se ousariam matar um Seeker. Nunca viajara em Midlands sem um mago. Nenhuma Confessora faria isso. Richard era melhor proteção do que Giller, o último mago que a tinha acompanhado, mas não era considerado protetor da Confessora. Ela era protetora do Seeker. Não podia permitir que ele arriscasse a vida por ela outra vez. Richard era mais importante do que ela para deter Rahl. Era isso que importava, acima de tudo. Ela empenhava sua vida em defesa do Seeker... em defesa do Richard. Nunca fora tão ardentemente sincera em toda sua vida. Se chegasse um momento em que devesse escolher, quem deveria morrer seria ela.

O caminho no meio do mato alto os levou a dois postes, cada um de um lado da trilha, envoltos em peles tingidas com listras vermelhas. Richard parou, olhando para os crânios nas pontas dos postes.

— Não. São os crânios de honrados ancestrais, estão aí para tomar conta de suas terras. Só os mais respeitados merecem essa honra.

Kahlan se virou para ele e levantou uma sobrancelha.

— Um dos modos de ser reverenciado pelo Povo da Lama é matar estranhos. — Olhou para os crânios. — Mas isso não é uma

ameaça a outra pessoa. É simplesmente uma tradição deles.

Richard respirou fundo e tirou a mão do poste.

— Vamos ver se conseguimos alguma ajuda deles, para que passemos continuar a reverenciar seus ancestrais e manter longe os estranhos.

— Lembre-se do que eu disse — avisou ela — Eles podem não querer ajudar. Você terá que respeitar essa decisão. Este é um dos povos que estou tentando salvar. Não quero que faça mal a eles.

— Kahlan, não é a minha intenção nem meu desejo fazer mal. Não se preocupe, eles nos ajudarão. É para seu próprio bem.

— Talvez eles não pensem assim — insistiu ela. A chuva tinha parado e foi substituída por uma névoa leve e fria. Ela tirou o capuz da capa. — Richard, prometa que não fará mal a eles.

Ele tirou também o capuz, pôs as mãos na cintura e a surpreendeu com um sorriso de canto de boca.

— Agora sei qual é a sensação.

— Do quê? Perguntou ela, desconfiada.

Richard olhou pra ela e seu sorriso se largou.

— Lembra quando tive febre causada pela trepadeira serpente e pedi a você para não fazer mal a Zedd? Agora sei como você se sentiu quando não pode me prometer.

Kahlan olhou para os olhos cinzentos dele, pensando no quanto queria deter Rahl, e pensou em todos que ele tinha matado.

— E agora eu sei como deve ter se sentido quando eu disse que não podia prometer. — Ela sorriu. — Você se sentiu um tolo por pedir?

— Quando compreendi o que estava em jogo. E quando vi que tipo de pessoa você era, incapaz de fazer mal a alguém, exceto se não tivesse escolha. Então me senti tolo. Por não confiar em você.

Kahlan se sentiu tola por não confiar nele. Mas sabia que Richard confiava demais nela.

— Desculpe — disse ele, ainda sorrindo. — Eu devia conhecer melhor você.

— Você sabe como podemos convencê-los a nos ajudar?

Kahlan estivera várias vezes no povoado do Povo da Lama, mas como convidada. Eles jamais pediriam a presença de uma

Confessora. Fazia parte da rotina das Confessoras visitar profissionalmente os povos de Midlands. Eles tinham sido bastante delicados, mas deixaram claro que preferiam resolver os próprios problemas e não queriam interferência externa. Não era um povo que reagisse a ameaças.

— O Povo da Lama tem um conselho de videntes. Nunca tive permissão para assistir a uma dessas reuniões, talvez por ser uma estranha, talvez por ser mulher. O grupo adivinha as respostas às questões que afetam o povoado. Não fariam uma reunião à ponta de espada. Se resolvessem nos ajudar, deve ser voluntariamente. Você deve convencê-los.

Richard olhou nos olhos dela.

— Com sua ajuda, podemos fazer isso. Precisamos.

Ela assentiu e voltou a nadar. As nuvens pairavam baixas e espessas sobre a planície, parecendo ferver lentamente enquanto rolavam em suas procissão infundável. Na planície, parecia haver muito mais céu do que em qualquer outro lugar. Era uma presença dominadora, impondo-se à terra plana e imutável.

A chuva engrossava os regatos e a água revolta e enlameada espumava e batia com um rugido nas toras de madeira usadas como pontes. Kahlan sentia a madeira estremecer com a força da água debaixo dos pés. Andava com cuidado porque a madeira era escorregadia e não havia uma corda para servir de corrimão. Richard ofereceu a mão para ajudá-la e ela aceitou satisfeita a desculpa para segurar a mão dele. Surpreendeu-se esperando ansiosa pelas pontes, para poder segurar a mão de Richard. Porém, por mais difícil que fosse, não podia encorajar os sentimentos dele por ela. Desejou ser apenas uma mulher como qualquer outra. Mas não era. Era uma Confessora. Porém, às vezes em breves momentos podia esquecer e fingir que não era.

Queria que Richard caminhasse ao seu lado, mas continuava atrás, vigiando a paisagem, cuidando dela. Ele estava em terra estranha, não confiava em nada e em tudo via ameaça. Em Westland, Kahlan tinha sentido a mesma coisa, por isso compreendia. Ele arriscava a vida para combater Rahl, para combater coisas que nunca havia encontrado antes e tinha razão

para estar alerta. Os cautelosos morriam depressa em Midlands, os descuidados mais depressa ainda.

Depois de atravessarem outro regato e voltarem para a relva molhada, oito homens surgiram de repente na frente deles. Kahlan e Richard pararam bruscamente. Peles de animais cobriam grande parte de seus corpos. Lama grossa que não era lavada pela chuva cobria o resto do corpo, o rosto e o cabelo. Molhos de relva atados nos braços e nas peles que vestiam e debaixo das faixas que usavam na cabeça os faziam invisíveis quando estavam agachados. Pararam em silêncio e carrancudos na frente dos dois. Kahlan reconheceu vários deles, era um grupo de caça do Povo da Lama.

O mais velho, um homem forte e musculoso que Kahlan conhecia pelo nome de Savidlin, aproximou-se dela. Os outros esperaram, lanças e arcos abaixados, mas prontos para serem usados. Kahlan sentiu Richard muito perto dela. Sem virar para trás, murmurou para ele ficar calmo e fazer o mesmo que ela. Savidlin estava parado na frente deles.

— *Força para a Confessora Kahlan* — Disse ele.

— *Força para Savidlin e o Povo da Lama* — respondeu ela, na língua deles.

Savidlin a esbofeteou com força. Ela retribuiu do mesmo modo. Imediatamente Kahlan ouviu o som cantante da espada de Richard sendo desembainhada, Kahlan virou para trás.

— Não, Richard! — A espada estava pronta para atacar. — Não! — Segurou os pulsos dele. — Eu disse para ficar calmo e fazer o mesmo que eu.

Richard olhou de Savidlin para ela, com fúria, com magia pronta para matar. Os músculos do seu rosto ficaram tensos quando ele cerrou os dentes com força.

— E se eles cortarem seu pescoço, devo deixar que façam o mesmo comigo?

— É assim que eles cumprimentam as pessoas. Demonstra respeito pela força do outro.

Richard hesitou.

— Desculpe por não ter avisado. Richard, guarde a espada.

Richard olhou dela para Savidlin e outra vez para ela, antes de ceder e, zangado, embainhar a espada. Aliviada, ela se virou para o Povo da Lama, sempre muito perto de Richard. Savidlin e os outros apenas os observavam calmamente. Não compreendiam as palavras, mas pareciam entender o que tinha acontecido. Savidlin olhou para Kahlan e falou em seu dialeto:

— *Quem é esse homem de gênio forte?*

— *Chama-se Richard. É o Seeker, o que procura a verdade.*

Murmúrios irromperam no grupo. Savidlin olhou nos olhos de Richard.

— *Força para Richard, o Seeker.*

Kahlan traduziu para ela o que Savidlin tinha dito. Richard continuava furioso. Savidlin se aproximou e golpeou Richard, não com a mão aberta como fizera com Kahlan, mas com o punho fechado. Richard revidou imediatamente com um murro tão forte que derrubou Savidlin de costas no chão. Ele ficou deitado e atordoado, com pernas e braços abertos. As mãos apertaram as armas. Com um olhar ameaçador, Richard os imobilizou.

Savidlin ergueu o corpo apoiado em uma das mãos, esfregando o queixo com a outra.

— *Ninguém jamais demonstrou tanto respeito por minha força! Esse é um homem sábio.*

Os homens caíram na gargalhada. Kahlan cobriu a boca com a mão, tentando disfarçar o riso. A tensão desapareceu.

— O que ele disse?- Perguntou Richard.

— Disse que você tem grande respeito por ele, que você é sábio. Acho que você fez um amigo.

Savidlin estendeu a mão para Richard ajudá-lo a se levantar. Desconfiado, Richard o ajudou. Quando ficou de pé, Savidlin bateu nas costas de Richard e passou o braço em volta dos ombros fortes dele.

— *Estou realmente satisfeito por você conhecer a minha força, mas espero que não venha apresentar seus respeitos outra vez — Os homens riram — Entre o povo da Lama você será conhecido como Richard , o Esquentado.*

Esforçando-se para não rir, Kahlan traduziu. Os homens sorriam ainda. Savidlin virou para eles.

— *Talvez vocês queiram cumprimentar meu grande amigo e deixar que ele demonstre seu respeito por sua força.*

Todos se levantaram as mãos na frente do rosto e balançavam a cabeça vigorosamente.

— *Não* — disse um deles, rindo-, *ele já demonstrou respeito suficiente por todos nós.*

Savidlin se voltou para Kahlan.

— *Como sempre a Confessora Kahlan é bem-vinda entre o povo de Lama* — Sem olhar para ele, indicou Richard com a cabeça

— *Ele é o seu companheiro?*

— *Não!*

Savidlin ficou tenso.

— *Então veio escolher um dos nossos homens?*

— *Não* — disse ela recuperando a calma.

Savidlin ficou aliviado.

— *A Confessora escolhe companheiros de viagem perigosos.*

— *Não para mim, só para aqueles que querem me fazer mal.*

Savidlin sorriu compreendendo e olhou para Kahlan de alto a baixo.

— *Está com roupas estranhas. Diferentes das que usava antes.*

— *Mas por baixo delas eu sou a mesma* — Disse Kahlan inclinando-se um pouco para ele para enfatizar suas palavras. — *É isso que você precisa saber.*

Savidlin recuou um pouco ante a expressão intensa dela e assentiu com a cabeça. Entrecerrou os olhos. — *E porque está aqui?*

— *Para que possamos nos ajudar. Há um homem que vai reinar sobre o seu povo. O Seeker e eu preferimos que vocês mesmos façam isso. Viemos procurar a força e a sabedoria do seu povo para nos ajudar a lutar contra ele.*

— *Pai Rahl* — disse Savidlin com convicção.

— *Você sabe?*

— *Um homem veio. Disse que era um missionário que queria nos ensinar tudo sobre a bondade de um homem chamado Pai Rahl. Falou com nosso povo durante três dias, até ficarmos cansados dele.*

Foi a vez de Kahlan ficar tensa. Olhou para os outros homens, que começaram a sorrir à menção do missionário. Olhou outra vez para o rosto coberto de Lama do mais velho.

— *E o que aconteceu com ele no fim dos três dias?*

— *Ele era um bom homem.* — Savidlin sorriu significativamente.

Kahlan enrijeceu o corpo. Richard chegou mais perto dela.

— O que estão dizendo?

— Querem saber por que estamos aqui. Dizem que ouviram falar de Darken Rahl.

— Diga que quero ficar com seu povo, que precisamos que convoquem uma reunião.

Kahlan ergueu os olhos para ele.

— Estou chegando lá. Adie estava certa, você não é um homem paciente.

Richard sorriu.

— Não, ela estava errada. Sou muito paciente, mas não muito tolerante. Há uma diferença.

Kahlan sorria para Savidlin enquanto falava com Richard.

— Muito bem, não fique intolerante logo agora, nem que demonstre mais seu respeito por enquanto. Eu sei o que estou fazendo e tudo está indo bem. Deixe que eu faça do meu modo. Certo?

Ele concordou e cruzou os braços, frustrado. Kahlan se voltou outra vez para o mais velho dos homens que olhou atentamente para ela e fez uma pergunta que surpreendeu.

— *Kahlan, o Esquentado nos trouxe chuva?*

Kahlan ficou intrigada.

— *Bem eu acho que pode dizer que sim* — A pergunta a deixou confusa e ela não sabia o que dizer, por isso disse a verdade. — *As nuvens o seguem.*

O homem olhou atentamente para ela e balançou a cabeça definitivamente. Kahlan não se sentiu bem sob o olhar dele e procurou voltar a conversar para o motivo se sua visita.

— *Savidlin, o Seeker veio ver seu povo a conselho meu. Ele não está aqui para prejudicar seu povo ou interferir nos seus assuntos. Você me conhece. Já estive com vocês antes. Você sabe*

do meu respeito pelo Povo de Lama. Eu não traria outra pessoa para vocês se não fosse importante. Neste momento o tempo é nosso inimigo.

Savidlin considerou as palavras dela por algum tempo e então falou: — *Como eu disse antes, você é bem vinda entre nós* — Olhou com um sorriso para o Seeker e outra vez para ela, — *Richard, o Esquentado também é bem vindo ao nosso povoado.*

Os outros homens ficaram satisfeitos com a decisão. Todos pareciam gostar de Richard. Apanharam suas coisas, incluindo dois gamos e um javali, cada um amarrado a um pau para carregar. Kahlan não tinha visto antes o resultado da caçada deles porque estava escondido na relva. Caminhando na trilha, os homens se aproximaram de Richard, tocando nele cautelosamente e fazendo perguntas que ele não podia compreender. Savidlin bateu no ombro dele, ansioso pra amostrar o novo amigo grandalhão para todos no povoado. Kahlan seguia ao lado dele, quase completamente ignorada e feliz porque eles gostavam de Richard. Ela compreendia, era difícil não gostar dele, mas havia outro motivo para aquela aceitação imediata. Ela se preocupava com qual podia ser esse motivo.

— Eu disse que os conquistaria. — Richard sorriu olhando por cima das cabeças deles. — Nunca pensei que conseguiria isso esmurrando um deles.

CAPÍTULO 23



Galinhas ciscavam entre seus pés quando o grupo de caça entrou no povoado do Povo da Lama com Kahlan e Richard. Sobre uma pequena elevação que passava por uma colina nas pastagens do Agreste, a aldeia consistia numa coleção de casa feitas numa espécie de tijolos de lama, cobertos com reboco de argila que tinha de ser constantemente reconstituído para proteger da chuva. Havia portas de madeira, mas nenhum vidro nas janelas das paredes grossas e só um pedaço de pano protegia algumas.

Dispostas num círculo tosco na área aberta, ficavam as casas de família, com só um cômodo, amontoadas no lado sul, quase todas compartilhando pelo menos uma parede, com passagens estreitas entre elas; as construções de uso comum ficavam todas juntas ao norte. Estruturas variadas a leste e oeste as separavam. Algumas não passavam de quatro postes com telhado de palha, usadas como refeitório ou como área de trabalho para fazer armas e cerâmica ou para preparar comida. Quando o tempo estava seco, todo o povoado era envolto por uma nuvem de poeira que entrava nos olhos, no nariz e cobria a língua, mas agora as construções estavam lavadas pela chuva e no chão milhares de pegadas se transformavam em poças d'água que refletiam as casas rústicas.

Mulheres com vestidos simples de cores vivas se sentavam nas áreas de trabalho moendo raiz de tava, com a qual faziam o pão, que era o alimento básico do Povo da Lama.

Fumaça com cheiro adocicado subia nos fogos acesos para cozinhar. Meninas adolescentes, com cabelo cortado curto alisado com a lama pegajosa, ajudavam as mulheres.

Kahlan sentia os olhares tímidos. Sabia por já ter estado ali, que era objeto de grande interesse entre as meninas, uma viajante que conhecia lugares estranhos e tinha visto de tudo. Uma mulher temida e respeitada pelos homens. As mulheres mais velhas permitiam a distração das meninas com compreensiva indulgência.

Crianças apareciam correndo de todos os cantos para ver os estranhos trazidos pelo grupo de caça de Savidlin. Amontoavam-se em volta dos caçadores gritando, batendo na lama os pés descalços e molhando os homens. Normalmente estariam interessadas no gamo e no javali, mas agora os animais eram ignorados a favor dos estranhos. Os homens os toleravam com sorrisos bem-humorados. As crianças pequenas nunca eram repreendidas. Quando cresciam, recebiam treinamento rigoroso para aprender a disciplina do Povo de Lama — da caça, das reuniões e dos espíritos-, mas por enquanto se permitia que fossem crianças, com liberdade quase completa para brincar.

O grupo de crianças oferecia restos de comida como suborno para historia de quem podiam ser os estranhos. Os homens riam declinando o oferecimento, guardando a historia para os adultos. Levemente desapontadas, as crianças continuavam a dançar em volta deles, aquilo sendo a coisa mais excitante que tinha acontecido em suas vidas, algo fora do comum, com uma insinuação de perigo.

Seis anciãos, debaixo da precária proteção de uma das estruturas sobre quatro postes, esperavam que Savidlin levasse os estranhos a eles. Vestiam calças de pele de gamo, tinham o peito nu e uma pele de coioete que lhes cobria os ombros. A despeito dos rostos severos, Kahlan sabia que eram mais amistosos do que pareciam. O Povo da Lama nunca sorria para estranhos antes de trocar saudações, do contrario suas almas seriam roubadas.

As crianças ficaram longe da construção sobre os quatro postes, sentadas na lama, para ver o grupo de caça levar os estranhos para os mais velhos da aldeia. As mulheres interromperam suas tarefas junto ao fogo onde preparavam comida, bem como os jovens que faziam armas, e agora todos estavam em silêncio, incluindo as crianças. Os negócios do Povo da Lama eram tratados ao ar livre, onde todos podiam assistir.

Kahlan se aproximou dos seis homens, Richard um pouco mais atrás a sua direita, Savidlin à direita dele. Os seis examinaram os dois estranhos.

— *Força a Confessora Kahlan — Disse o mais velho.*

— *Força para Toffalar* — respondeu ela.

Ele bateu de leve no rosto dela, pouco mais do que uma carícia. Era costume entre eles dar somente tapinhas nos habitantes do povoado. Os mais fortes, como o que Savidlin tinha dado, eram reservados para encontros ocasionais na planície, longe do povoado. Esse costume ajudava a preservar a ordem e os dentes. Surin, Calvus, Arbrin, Breginderin e Hajanter, cada um por sua vez, ofereceram força e um tapinha. Voltaram-se para Richard. Savidlin adiantou-se, puxando seu novo amigo. Orgulhosamente mostrou o lábio inchado para os seis homens.

Kahlan murmurou o nome de Richard com uma entonação crescente em tom de aviso.

— Eles são homens importantes. Por favor, não quebre os dentes deles.

Richard olhou brevemente para ela com o canto do olho e um sorriso maroto.

— *Este é o Seeker Richard, o Esquentado* — disse Savidlin, orgulhoso do seu protegido. Inclinou-se para os homens e disse significativamente: — *A Confessora Kahlan o trouxe a nós. Ele é a pessoa de quem vocês falaram, a que trouxe chuva. Ela me disse.*

Kahlan começou a ficar preocupada. Não sabia do que ele estava falando. Os homens continuaram inexpressivos, exceto Toffalar, que ergueu uma sobrancelha.

— *Força para Richard, o Esquentado* — disse Toffalar, dando leve tapa no rosto de Richard.

— *Força para Toffalar* — respondeu ele na sua língua, tendo reconhecido o seu nome e imediatamente retribuiu o tapa.

Kahlan respirou aliviada, ao ver que foi um tapa leve. Savidlin, com um largo sorriso, mostrou outra vez o lábio inchado. Toffalar finalmente sorriu. Depois que os outros deram e receberam saudação, sorriram também.

E então fizeram uma coisa muito estranha.

Os seis anciãos e Savidlin dobraram um joelho e abaixaram a cabeça na frente de Richard, Kahlan ficou tensa imediatamente.

— O que esta acontecendo?- Perguntou Richard, falando pelo canto da boca, alertado pela ansiedade dela.

— Eu não sei — respondeu ela em voz baixa. — Talvez seja o modo de cumprimentar o Seeker. Nunca os vi fazer isso antes.

Os homens se levantaram, sorridentes, Toffalar levantou a mão e fez um sinal para as mulheres.

— *Por favor-* disse Toffalar para os dois- *Sentem-se conosco. É uma honra ter os dois entre nós.*

Puxando Richard para baixo, Kahlan se sentou com as pernas cruzadas no chão de madeira molhado. Os anciãos esperaram que eles estivessem sentados antes de se sentar também, ignorando o fato de Richard ficar com a mão perto do punho da espada. As mulheres se aproximaram com bandeja de madeira de pães redondos e chatos de tava e outros alimentos, oferecendo primeiro a Toffalar e depois aos outros anciãos, todas olhando e sorrindo para Richard. Comentaram em voz baixa o tamanho de Richard, o Esquentado, e as roupas estranhas que ele usava. Ignoraram Kahlan quase que completamente.

Em Midlands, de modo geral, as mulheres não gostam de Confessoras. Elas as viam como uma ameaça. Podiam roubar seus homens e perturbar seu estilo de vida. Mulheres não deviam ser independentes. Kahlan ignorava olhares gelados, estava mais do que acostumada com eles.

Toffalar cortou um pão em três partes, oferecendo um terço a Richard primeiro e outro terço a Kahlan. Com um sorriso, uma mulher ofereceu um prato com pimentas assadas para cada um. Kahlan e Richard pegaram uma cada um e, seguindo o exemplo dos anciãos, a enrolaram no pão. Em tempo, Kahlan notou que Richard estava com a mão perto da espera e ia comer com a mão esquerda.

— Richard — Ela murmurou severamente. —Não ponha comida na boca com mão esquerda.

Ele parou:

— Por quê?

— Porque eles acreditam que os mais espíritos comem com a mão esquerda.

— Isso é bobagem — disse ele, com tom de intolerância.

— Richard, por favor. Eles são em maior número. Todas as suas armas são mergulhadas em veneno. Não é hora pra discussão teológica.

Ela sentiu os olhos dele quando sorriu para os anciãos. Com o canto dos olhos, viu aliviada Richard passar a comida para a mão direita.

— *Por favor, perdoem nosso escasso oferecimento de comida* — disse Toffalar. — *Teremos um banquete esta noite.*

— Não!- Disse Kahlan apressadamente. — Quero dizer, não queremos dar trabalho ao seu povo.

— *Como queira* — disse Toffalar, dando de ombros, um pouco desapontado.

— Estamos aqui porque o Povo da Lama e muitos outros correm grande perigo.

Os anciãos assentiram, inclinando a cabeça e sorrindo.

— *Sim* — disse Surin.- *Mas agora que você trouxe Richard, o Esquentado para nós, tudo está bem. Nós agradecemos a você. Confessora Kahlan, nunca esqueceremos o que fez.*

Kahlan olhou para os rostos felizes e sorridentes. Não sabia o que fazer com aquele novo problema, por isso comeu um pedaço de pão de tava insosso com a pimenta assada para ter tempo de pensar.

— O que eles estão dizendo? — Perguntou Richard, antes de dar uma mordida no pão.

— Por algum motivo, estão contentes por eu ter trazido você.

Richard olhou para ela.

— Pergunte para eles por quê.

Kahlan se voltou para Toffalar.

— Honrado ancião, tenho de admitir que não compartilho seu conhecimento sobre Richard, o Esquentado.

Ele sorriu, compreensivo.

— *Desculpe minha filha. Esqueci que você não estava aqui quando houve a reunião do conselho dos videntes. Estava tudo seco, nossas plantações murcharam e nosso povo corria perigo de morrer de fome. Então fizemos uma reunião para pedir ajuda aos espíritos. Eles disseram que alguém viria e traria chuva. As chuvas chegaram e aqui está Richard, o Esquentado, como eles prometeram.*

— *Então vocês estão felizes com a presença dele porque ele é um auspício?*

— *Não* — disse Toffalar, entusiasmado-, *estamos felizes porque o espírito de um dos nossos ancestrais veio nos visitar.* — Apontou para Richard. — *Ele é um homem-espírito.*

Kahlan quase deixou cair o pão, surpresa.

— O que foi?- Perguntou Richard.

Ela olhou para ele:

— Eles fizeram uma reunião para pedir chuva. Os espíritos disseram que alguém viria e traria chuva. Richard, eles pensam que você é o espírito de um ancestral. Um homem-espírito.

Richard olhou para ela por um momento.

— Muito bem, eu não sou.

— Eles pensam que é. Richard, eles farão qualquer coisa por um espírito. Reunirão o conselho dos videntes se você pedir.

Kahlan não gostou de pedir aquilo a ele, não era direito enganar o Povo da Lama, mas precisavam saber onde estava a caixa. Richard considerou o problema.

— Não — disse ele, em voz baixa.

— Richard, temos de fazer algo importante. Se eles pensam que você é um espírito e se isso nos ajuda a achar a última caixa, que importância tem?

— Tem importância porque é mentira. Não farei isso.

— Prefere que Rahl vença? — Perguntou ela em voz baixa.

Richard olhou zangado para ela.

— Para começar, não farei porque é errado enganar esse povo num assunto tão importante quanto esse. E depois, esse povo tem um poder e por isso estamos aqui. Eles provaram isso por terem dito que alguém viria e traria chuva. Essa parte é verdade. No seu entusiasmo, chegaram à uma conclusão precipitada que não é

verdade. Eles disseram que quem viria seria um espírito? — Ela balançou a cabeça. — As pessoas às vezes acreditam nas coisas simplesmente porque querem acreditar.

— Se é vantajoso para nós e para eles, que mal há nisso?

— O mal está no poder deles. E se eles fizerem reunião e virem a verdade, que eu não sou um espírito? Acha que ficarão satisfeitos por termos mentido, enganado? Então estaremos mortos e Rahl vence.

Ela se inclinou para trás com um suspiro. “Os magos escolhem bem os Seekers”. Kahlan pensou.

— *Nós descontentamos o espírito?* — Perguntou Toffalar com preocupação evidente nos rosto enrugado.

— Ele quer saber por que você está zangado — disse ela. — O que devo dizer?

Richard olhou para os anciãos e depois para ela.

— Eu digo a eles. Traduza minhas palavras.

Kahlan inclinou a cabeça, assentindo.

— O Povo da Lama é sábio e forte — ele começou — Por isso estou aqui. Os espíritos dos seus ancestrais estavam certos quando disseram que eu traria chuva. — Todos pareceram satisfeitos com essas palavras. Todos no povoado ouviam em silêncio. — Mas eles não disseram tudo. Como vocês sabem que os espíritos são assim. — Os anciãos concordaram com um gesto. — Deixaram a cargo da sua sabedoria descobrir o resto da verdade. Desse modo, vocês continuam fortes, como seus filhos continuam fortes porque vocês os guiam, não porque dão a eles tudo que querem. A esperança de todos os pais é que seus filhos se tornem fortes e sábios que, aprendam a pensar por eles mesmos.

Muitos assentiram balançando a cabeça, mas não tanto quanto antes.

— *O que está dizendo, grande espírito?*— Perguntou Arbrin, um dos anciãos.

Richard passou a mão no cabelo depois que Kahlan traduziu.

— Estou dizendo que sim, eu trouxe a chuva, porém há mais. Talvez dos espíritos tenham visto o grande perigo que seu povo corre e essa é a razão mais importante da minha vida. Um homem

muito perigoso quer governar o seu povo, fazer dele seus escravos. O nome dele é Darken Rahl.

Os anciãos riram com desprezo.

— Então ele manda tolos para serem nossos senhores — disse Toffalar.

Richard olhou para eles, zangado. Os sorrisos desapareceram.

— É o modo dele, aplacar vocês, transmitindo sua super confiança. Não se deixem enganar. Ele tem usado seu poder e sua magia para conquistar povos mais numerosos do que vocês. Quando quiser, ele os aniquilará. As chuvas vieram porque ele enviou nuvens para me seguir, para saber onde estou para poder me matar quando bem entender. Não sou um espírito, sou o Seeker. Apenas Um homem. Quero deter Darken Rahl para que seu povo e outros possam viver suas vidas livremente.

Toffalar entrecerrou os olhos.

— *Se o que você diz é verdade, então o homem chamado Rahl mandou as chuvas, e salvou nosso povo. Foi o que seu missionário tentou nos ensinar, que Rahl nos salvaria.*

— Não. Rahl mandou as nuvens para me seguir, não para salvar vocês. Eu quis vir aqui, como os espíritos dos seus ancestrais disseram que eu viria. Eles disseram que a chuvas chegariam e que um homem viria com elas. Não disseram que seria um espírito.

Foi grande o desapontamento dos anciãos quando Kahlan interpretou essas palavras. Ela esperava que não se transformasse em raiva.

— *Então talvez a mensagem dos espíritos fosse um aviso sobre o homem que viria* — disse Surin.

— E talvez fosse um aviso sobre Rahl — respondeu Richard imediatamente. — Eu estou lhes oferecendo a verdade. Devem usar sua sabedoria para ver isso ou seu povo está perdido. Ofereço a vocês a oportunidade de se salvar.

Os anciãos pensaram em silêncio.

— *Suas palavras parecem verdadeiras, Richard, o Esquentado, mas isso ainda está para ser decidido* — disse Toffalar, finalmente. — *O que você quer de nós?*

Os anciãos ficaram calados, a alegria desapareceu dos seus rostos. O resto dos habitantes do povoado esperava quieto, temeroso. Richard olhou para cada ancião, depois falou em voz baixa:

— Darken Rahl procura certa magia que dará a ele o poder de reinar sobre todos, incluindo o Povo da Lama. Eu procuro essa magia também, para negar a ele esse poder. Eu gostaria de que vocês reunissem o conselho dos videntes para me dizer onde posso encontrar essa magia, antes que seja tarde demais, antes que Rahl a encontre primeiro.

Toffalar disse, severamente: — *Não convocamos reuniões para estranhos.*

Kahlan percebeu que Richard começava a se irritar e só com esforço se controlava. Sem mover a cabeça, ela olhou em volta, vendo onde estavam todos, especialmente os homens armados, para o caso de precisarem sair lutando. Não achava muito boas as chances de escapar. De repente, desejou nunca ter levado Richard ao Povo da Lama.

Os olhos de Richard fuzilavam quando olhou para o povo e depois para os anciãos.

— Em troca de ter trazido a chuva, peço apenas que não decidam neste momento. Considerem que tipo de homem acham que eu sou. — Mantinha a voz calma, mas não havia dúvida do significado do que dizia. — Pensem com calma. Muitas vidas dependem dessa decisão. A minha. A de Kahlan. As de vocês.

Enquanto traduzia, Kahlan de repente teve a impressão de que Richard não falava para os anciãos. Ele falava para outra pessoa. Então sentiu os olhos dessa pessoa nela. Procurou entre a multidão. Todos os olhos estavam nos dois, ela não sabia de quem era o olhar que sentia ainda.

— *É justo* — disse Toffalar. — Vocês dois estão livres para ficar entre nosso povo como convidados de honra enquanto resolvemos. Por favor, desfrutem de tudo que temos. Compartilhem nossa comida e nossas casas.

Os anciãos se retiraram, debaixo da chuva fina, para as casas comunais. O povo voltou aos seus afazeres, levando as crianças.

Savidlin foi o último a partir. Sorriu e ofereceu sua ajuda para qualquer coisa de que precisassem. Kahlan agradeceu e ele saiu para a chuva. Kahlan e Richard ficaram sozinhos, sentados no chão de madeira, procurando evitar as gotas de chuva que pingavam do telhado. As bandejas com pão de tava e o prato com pimenta assada ficaram. Kahlan pegou um pão e o enrolou em volta de uma pimenta. Deu a Richard e fez outro para ela.

— Está zangada comigo? — perguntou ele.

— Não — disse ela, com um sorriso. — Estou orgulhosa de você.

Um sorriso de menino iluminou o rosto dele. Começou a comer com a mão direita e rapidamente. Quando terminou, falou outra vez.

— Olhe por cima do meu ombro direito. Há um homem encostado na parede, cabelo comprido grisalho com os braços cruzados. Diga se sabe quem ele é.

Kahlan deu uma mordida no pão com pimenta e enquanto mastigava olhou por cima do ombro dele.

— É o Homem Pássaro. Não sei coisa alguma sobre ele, exceto que sabe chamar os pássaros.

Richard pegou outro pão, enrolou a pimenta e deu uma mordida.

— Acho que está na hora de ter uma conversa com ele.

— Porquê?

Richard olhou para ela.

— Porque ele é o encarregado de tudo aqui.

Kahlan ficou intrigada.

— Os anciãos são os encarregados.

Richard sorriu com o canto da boca.

— Meu irmão sempre diz que o verdadeiro poder não é exercido em público. — Olhou atentamente para ela. — Os anciãos são para mostrar. São respeitados e por isso exibidos para quem quiser ver. Como os crânios nos postes, só que ainda têm a pele sobre os ossos. Eles têm autoridade porque são estimados, mas não são os encarregados. — Com um movimento rápido dos olhos, Richard indicou o Homem Pássaro encostado na parede atrás dele. — Ele é.

— Então por que ele não se dá a conhecer?

— Porque — disse Richard, com um sorriso — ele quer saber o quanto somos espertos.

Richard se levantou e estendeu a mão para ela. Kahlan pôs na boca o último pedaço de pão e limpou as mãos na calça. Quando ele a ajudou a se levantar, ela pensou no quanto gostava do modo com que ele sempre oferecia a mão. Richard era a primeira pessoa a fazer isso. Era apenas parte do quanto ela se sentia à vontade com ele.

Andando na lama e na chuva, eles se aproximaram do Homem Pássaro. Ele continuou encostado na parede, olhando para eles com olhos penetrantes. Cabelo comprido, quase todo prateado, chegava aos ombros, sobre a túnica cinzenta igual à calça. Sua roupa não tinha qualquer enfeite, mas ele usava um entalhe de osso dependurado em uma tira de couro do pescoço. Não velho nem jovem, ainda bonito, era quase tão alto quanto Kahlan. A pele do rosto parecia tão áspera quanto a pele de gamo da roupa.

Pararam à frente dele. O homem continuou encostado na parede, com a perna direita dobrada, o pé apoiado no tijolo de lama, os braços cruzados. Olhou atentamente para eles.

Richard cruzou os braços.

— Eu gostaria de falar com você, se não teme que eu possa ser um espírito.

O Homem Pássaro olhou para Kahlan quando ela traduziu, depois para Richard.

— *Já vi espíritos antes* — disse de calmamente. — *Eles não usam espadas.*

Kahlan traduziu. Richard riu. Ela gostava da risada descontraída dele.

— Eu também já vi espíritos e você tem razão, eles não usam espadas.

Um leve sorriso recurvou os lábios do Homem Pássaro. Descruzando os braços, desencostou da parede.

— *Força para o Seeker.* — Bateu de leve com a mão aberta no rosto de Richard.

— Força para o Homem Pássaro — disse Richard, retribuindo a saudação.

O Homem Pássaro pegou o osso dependurado no pescoço e o levou aos lábios. Kahlan viu que era um apito. Ele soprou, mas não se ouviu som algum. Largando o apito, ele estendeu o braço, sempre olhando para Richard. Depois de um momento, um falcão mergulhou do céu cinzento e pousou no braço estendido. Eriçou as penas ajustando-as, piscando os olhos e virando a cabeça de um lado para o outro.

— *Venham* — disse o Homem Pássaro —, *vamos conversar*.

Ele os levou para uma passagem entre os prédios comunais para um menor, nos fundos, distanciado dos outros. Kahlan conhecia a construção sem janelas, mas nunca estivera dentro dela. Era a casa dos espíritos, onde se realizavam as reuniões.

O falcão continuou no braço do Homem Pássaro quando ele abriu a porta e fez sinal a eles para entrarem. Uma pequena fogueira brilhava em uma cavidade, era a única iluminação na sala. A fumaça saía por uma abertura no telhado, acima do fogo. A sala cheirava a fumaça. Pratos da refeição mais recente espalhavam-se no chão e numa prateleira de madeira; na parede havia bem umas duas dúzias de crânios dos ancestrais. Fora isso, a sala era vazia. O Homem Pássaro encontrou um lugar no centro da sala onde a chuva não entrava e se sentou no chão de terra. Kahlan e Richard se sentaram lado a lado, de frente para ele, com o falcão vigiando seus movimentos.

O Homem Pássaro olhou nos olhos de Kahlan. Ela percebeu que ele estava acostumado a que as pessoas sentissem medo quando olhava para elas, mesmo que isso não fosse justificado. Ela sabia porque estava acostumada à mesma coisa. Dessa vez, ele não percebeu medo nenhum.

— *Madre Confessora, você ainda não escolheu um companheiro*. — Acariciou a cabeça do falcão.

Kahlan não gostou do tom de voz dele. Era um teste.

— *Não. Está se oferecendo?*

Ele sorriu.

— Não. Peço desculpas. Não tive intenção de ofender. Por que não está com um mago?

— Todos os magos, menos dois, estão mortos. Desses dois, um vendeu seus serviços a uma rainha. O outro foi atingido por um animal do mundo subterrâneo e dorme profundamente. Não há um deles para me proteger. Todas as outras Confessam foram mortas. Estamos vivendo em tempos terríveis.

Os olhos dele demonstrava simpatia genuína, mas o tom de voz era ainda agressivo.

— É perigoso para uma Confessora andar sozinha.

— Sim. E é perigoso para um homem estar sozinho com uma Confessora que precisa muito de uma coisa. Na minha opinião, você corre maior perigo do que eu.

— Talvez — disse ele, acariciando o falcão, o sorriso voltando.

— Talvez. Esse é um verdadeiro Seeker? Nomeado por um mago?

— Sim, é.

O Homem Pássaro assentiu, inclinando a cabeça.

— Há muitos anos eu não via um verdadeiro Seeker. Um falso Seeker esteve aqui cena vez. Matou alguns do meu povo quando não demos o que ele queria.

— Lamento por eles — disse Kahlan. Ele balançou a cabeça lentamente.

— Não lamente. Eles morreram rapidamente. Tenha pena do Seeker. Ele não morreu assim. — O falcão piscou os olhos e olhou para ela.

— Eu nunca vi um falso Seeker, mas já vi este aqui enraivecido. Acredite, você e seu povo nunca vão querer dar motivo para que ele desembainhe a espada. Ele sabe usara magia. Eu o vi abater maus espíritos.

Ele olhou atentamente para os olhos dela por um momento, parecendo julgar a verdade do que acabava de ouvir.

— Obrigado pelo aviso. Não esquecerei.

Richard falou finalmente: — Vocês já acabaram de ameaçar um ao outro?

Kahlan olhou para ele, surpresa.

— Pensei que você não entendia a língua deles.

— Não entendo. Mas compreendo os olhos. Se olhar provocasse faíscas, este lugar estará em chamas.

Kahlan se voltou para o Homem Pássaro.

— *O Seeker quer saber se acabamos de nos ameaçar.*

Ele olhou para Richard e depois para ela.

— *Ele é um homem impaciente, não é?*

— *Eu já disse isso a ele. Ele nega.*

— *Deve ser penoso viajar com ele.*

Kahlan sorriu.

— *Nem um pouco.*

O Homem Pássaro retribuiu o sorriso e então olhou para Richard.

— *Se resolvemos não ajudá-los, quantos de nós ele matará?*

Kahlan interpretava as palavras enquanto ele falava.

— Nenhum.

O Homem Pássaro falou, olhando para o falcão: — *E se resolvemos não ajudar Darken Rahl, quantos de nós ele matará?*

— Mais cedo ou mais tarde, muitos.

Ele tirou a mão do falcão e olhou para Richard, com seus olhos penetrantes.

— *Parece que você argumenta para que ajudemos Darken Rahl.*

Richard sorriu.

— Se vocês resolverem não ajudar e ficarem neutros, por mais tolo que isso seja é um direito seu, e não farei mal a ninguém do seu povo. Mas Rahl fará. Eu insistirei e lutarei contra ele até o último suspiro, se for preciso.

Inclinou-se para frente com uma expressão sombria.

— Se, por outro lado, resolverem ajudar Darken Rahl e eu o derrotar, voltarei e... — Passou o dedo no pescoço com um gesto rápido que não precisava ser traduzido.

O Homem Pássaro continuou impassível, sem resposta imediata.

— *Tudo que queremos é ser deixados em paz* — disse ele finalmente.

Richard deu de ombros e olhou para o chão.

— Compreendo isso. Também quero ser deixado em paz. — Ergueu os olhos. — Darken Rahl matou meu pai e envia maus espíritos com a forma do meu pai para me assombrar. Manda homens para matar Kahlan. Derruba a fronteira para invadir minha terra natal. Seus asseclas atingiram meus dois melhores amigos. Estão dormindo profundamente, quase mortos, mas pelo menos viverão... a não ser que ele seja bem sucedido da próxima vez. Kahlan me falou dos muitos que ele matou. Crianças, histórias que partirão seu coração. — Prosseguiu em voz baixa, pouco mais de um murmúrio. — Sim, meu amigo, eu também quero ser deixado em paz. No primeiro dia do inverno, se Darken Rahl conseguir a magia que procura, terá um poder contra o qual ninguém poderá lutar. Então será tarde demais. — Levou a mão ao punho da espada. Kahlan arregalou os olhos. — Se ele estivesse aqui, no meu lugar, empunharia esta espada e o obrigaria a ajudá-lo ou cortaria sua cabeça. — Tirou a mão da espada. — É por isso, meu amigo, que não posso fazer mal a você se resolver não me ajudar.

O Homem Pássaro ficou imóvel e calado por um longo tempo.

— *Vejo agora que não quero Darken Rahl por inimigo. Nem você.* — Levantou-se, foi até a porta e soltou o falcão para o céu. Sentou-se outra vez, suspirando pesadamente sob o peso dos seus pensamentos. — *Suas palavras parecem verdadeiras, mas não posso ter certeza ainda. Parece também que, embora você queira nossa ajuda, quer também nos ajudar. Acredito que é sincero nisso. É sábio o homem que procura ajuda ajudando e não por meio de ameaças e truques.*

— Se eu quisesse conseguir sua ajuda por meio de truques, teria deixado que acreditassem que sou um espírito.

Os cantos da boca do Homem Pássaro se ergueram num sorriso.

— *Se fizéssemos uma reunião, teríamos descoberto que não é. Um homem sábio pensaria nisso também. Então, o que o fez dizer a verdade? Não nos quis enganar ou ficou com medo?*

Richard sorriu também.

— De verdade? As duas coisas.

— *Muito obrigado por dizer a verdade.*

Richard respirou profundamente e soltou o ar devagar.

— Então, Homem Pássaro, já contei minha história. Você deve julgar se é verdadeira ou não. O tempo está contra mim. Vai ajudar?

— *Não é tão simples assim. Meu povo me procura para orientá-lo. Se você pedisse comida, eu poderia dizer. "Dêem comida a ele" e eles dariam. Mas você pede uma reunião. Isso é diferente. O conselho dos videntes é constituído por mim e os seis anciãos com quem você falou. Eles são homens velhos, apegados às nossas tradições. Jamais um estranho teve uma reunião, jamais foi permitido perturbar a paz dos espíritos dos nossos ancestrais. Logo os seis vão se juntar aos espíritos e não querem pensar que serão chamados do mundo dos espíritos para atender a necessidade de um estranho. Se quebrarem a tradição, sentirão para sempre o peso do resultado. Não posso mandar que façam isso.*

— Não é para atender a necessidade de um estranho. — disse Kahlan, traduzindo para os dois. — Ao nos ajudarem, estarão ajudando também o Povo da Lama.

— *Talvez no fim.* — disse o Homem Pássaro —, *mas não no começo.*

— E se eu fizesse parte do Povo da Lama? — perguntou Richard entrecerrando os olhos.

— *Então eles fariam a reunião para você, sem violar a tradição.*

— Você pode fazer de mim um homem do Povo da Lama?

O cabelo cinza prateado do Homem Pássaro brilhava à luz do fogo enquanto ele pensava.

— *Se você primeiro fizer alguma coisa para ajudar nosso povo, alguma coisa que nos beneficie, sem vantagem para você, provando que tem boas intenções para conosco, sem promessa de ajuda da nossa parte e os anciãos concordarem, eu poderia.*

— E quando você me nomeasse um membro do seu povo, eu poderia pedir uma reunião e eles fariam?

— *Se você fosse um de nós, saberiam que agia de acordo com nossos interesses. Eles convocariam um conselho dos videntes para ajudá-lo.*

— E se reunissem o conselho, poderiam me dizer onde está o objeto que procuro?

— Não posso responder a isso. Às vezes os espíritos não respondem, às vezes não sabem a resposta. Não há garantia de que poderemos ajudar, mesmo com a reunião do conselho. Tudo o que posso prometer é que tentaríamos ao máximo.

Richard olhou para o chão, pensando. Com a ponta do dedo empurrou um pouco de terra para uma das poças de água da chuva.

— Kahlan — perguntou ele em voz baixa —, você sabe de mais alguém com o poder de nos dizer onde devemos procurar a caixa?

Kahlan tinha pensado nisso o dia todo.

— Sei. Mas entre todos que conheço não sei de alguém tão disposto a nos ajudar quanto o Povo da Lama. Alguns deles nos matariam só por perguntar.

— Bem, os que não nos matariam só por perguntar a que distância estão?

— Três semanas pelo menos, ao norte, numa região muito perigosa controlada por Rahl!

— Três semanas — disse Richard em voz alta, desapontado.

— Mas Richard, o Homem Pássaro pode nos prometer muito pouco. Se você descobrisse um meio de ajudá-los, se isso agradar aos anciãos, se eles pedirem ao Homem Pássaro para nomear você um deles, se os videntes do conselho puderem dar uma resposta, se os espíritos souberem a resposta... se, se, se. Muitas oportunidades para um passo em falso.

— Não foi você que disse que eu devia conquistá-los? — perguntou ele com um sorriso.

— Sim.

— Então, o que acha? Acha que devemos ficar e tentar convencê-los a nos ajudar ou devemos procurar a resposta em outro lugar?

Kahlan balançou a cabeça devagar.

— Eu acho que você é o Seeker e terá de decidir.

Richard sorriu outra vez.

— Seu conselho me seria útil.

Ela pôs o cabelo atrás da orelha.

— Não sei o que aconselhar Richard, e minha vida também depende da escolha certa. Confio em você para tomar a decisão

mais sábia.

— Vai me odiar — ele sorriu. — se eu fizer a escolha errada?

Kahlan olhou nos olhos cinzentos, olhos que viam através dela e a fazia se sentir fraca de desejo.

— Mesmo que faça a escolha errada e isso custe a minha vida — ela murmurou —, eu jamais poderia odiar você.

Richard olhou outra vez para o chão, depois para o Homem Pássaro.

— Vocês gostam de ter telhados com goteiras?

O Homem Pássaro ergueu uma sobrancelha.

— *Você gostaria de água pingando no seu rosto enquanto está dormindo?*

Sorrindo, Richard balançou a cabeça.

— Então por que não fazem telhados que não vazem?

O Homem Pássaro deu de ombros.

— *Porque não podem ser feitos. Não temos material adequado. Tijolos de argila são muito pesados e caem lá de cima. A madeira é muito escassa, precisa ser carregada de uma grande distância. Palha é tudo que temos e ela vaza.*

Richard apanhou um prato de cerâmica e o pôs de cabeça para baixo sobre a goteira.

— Vocês têm argila com que fazem cerâmicas.

— *Nossos fornos são pequenos, não podemos fazer uma panela desse tamanho e, além disso, a cerâmica quebra e então vaza. Não pode ser feito.*

— É um erro dizer que alguma coisa não pode ser feita simplesmente porque não se sabe fazer. Do contrário, eu não estaria aqui — disse isso gentilmente, sem malícia.

— Seu povo é forte e sábio. Será uma honra para mim se o Homem Pássaro permitir que eu ensine seu povo a fazer um telhado sem goteiras e que ao mesmo tempo deixe sair a fumaça.

O Homem Pássaro pensou no assunto sem demonstrar emoção.

— *Se você puder fazer isso, será um grande benefício para meu povo e ele ficará muito agradecido. Mas não posso prometer mais nada.*

Richard deu de ombros.

— Nenhuma promessa está sendo pedida.

— *A resposta pode ser não, mesmo assim. Você terá de aceitar e não fazer mal ao meu povo.*

— Farei o melhor possível por seu povo e só espero ser julgado justamente.

— *Então pode tentar, mas não vejo como pode fazer um telhado de argila que não quebre nem deixe passar água.*

— Vou fazer um telhado para a sua casa dos espíritos que terá milhares de quebraduras, mas não deixará passar a água. E depois ensino vocês a fazerem outros.

O Homem Pássaro sorriu e assentiu, inclinando a cabeça.

CAPÍTULO 24



— Eu odeio minha mãe.

O Mestre, sentado na grama com as pernas cruzadas, olhou para a expressão amarga do menino e esperou um momento antes de dizer em voz baixa:

— Isso é uma coisa muito forte para dizer, Carl. Não quero que diga uma coisa da qual pode se arrepender depois de pensar bem.

— Eu já pensei muito bem — disse Carl, irritado. — Falamos sobre isso por um longo tempo. Sei agora como eles me usaram, me enganaram. Como são egoístas. — Apertou os olhos. — Como são inimigos do povo.

Rahl olhou para as janelas lá em cima, para os últimos raios do sol tingindo de púrpura as nuvens esgarçadas, com as pontas douradas. Esta noite. Esta noite, finalmente, será a noite da minha volta ao mundo subterrâneo.

A maior parte dos dias e das noites, ele manteve o menino acordado com o mingau, permitindo que ele dormisse apenas algumas horas, mantendo-o acordado para martelar suas idéias até esvaziar a mente dele e remodelá-la. Falara incessantemente com o menino, convencendo-o de como tinha sido usado, abusado e como tinham mentido para ele. Às vezes deixava que ele pensasse no que tinha ouvido, dando como desculpa uma visita ao túmulo do pai para ler as sagradas inscrições ou aproveitar para descansar.

Então, na noite anterior, levava uma jovem para sua cama, para relaxar, um breve momento de diversão. Um interlúdio de suavidade para sentir a carne macia contra a sua, aliviar a tensão da expectativa. Ela devia se sentir honrada, especialmente depois de

Rahl ter sido tão carinhoso, tão encantador. Ela estava bastante ansiosa. Mas o que ela fez? Ela riu. Quando viu as cicatrizes, ela riu.

Pensando nisso agora, Rahl com esforço controlou a raiva, sorrindo para o menino, com dificuldade escondendo a impaciência de continuar e acabar com aquilo. Pensou no que tinha feito com a jovem, a satisfação da sua violência libertada, os gritos lancinantes dela. O sorriso chegou mais fácil aos seus lábios. Nunca mais ela ia rir dele.

— Por que esse largo sorriso? — perguntou Carl.

Rahl olhou para os grandes olhos castanhos do garoto.

— Eu estava pensando no quanto me orgulho de você. — O sorriso se alargou quando se lembrou do sangue quente e grosso jorrando quando ela gritava. Onde estava a risada do desprezo?

— De mim? — perguntou Carl, sorrindo timidamente.

Rahl balançou afirmativamente a cabeça loura.

— Sim, Carl, de você. Não muitos jovens da sua idade são bastante inteligentes para ver o mundo como realmente é. Para ver além das suas vidas, os perigos e as maravilhas que nos rodeiam. Ver como é difícil trazer segurança e paz para o povo. — Balançou a cabeça tristemente. — Às vezes me dói o coração quando vejo as pessoas por quem luto com tanto afinco darem as costas para mim, rejeitarem meus esforços incansáveis, ou, pior ainda, juntarem-se aos inimigos do povo.

— Eu não queria preocupar você, mas neste exato momento, enquanto estou falando, gente malvada conspira para nos conquistar, para nos esmagar. Derrubaram a fronteira que protegia D'Hara e agora a segunda fronteira também. Temo que estejam planejando uma invasão. Tentei avisar o povo de Westland, para que se protegesse, mas eles são pobres e simples, esperam que eu os proteja.

Carl arregalou os olhos.

— Pai Rahl, você está em perigo?

Rahl descartou a possibilidade com um gesto.

— Não temo por mim, mas pelo povo. Se eu morrer, quem os protegerá?

— Morrer? — Os olhos de Carl encheram-se de lágrimas. — Oh, Pai Rahl. Precisamos de você. Por favor, não deixe que eles o peguem! Por favor, deixe-me lutar ao seu lado. Quero ajudar a proteger você. Não suportar a idéia de você ser ferido.

A respiração de Carl acelerou, seu coração disparou. Estava chegando a hora. Não ia demorar agora. Sorriu calorosamente para Carl, lembrando os gritos roucos da jovem.

— Não posso nem pensar em você correr perigo por minha causa, Carl. Nestes últimos dias, tive oportunidade de conhecê-lo e você é mais para mim do que simplesmente um jovem que se dispôs a me ajudar nessa cerimônia; você se tornou meu amigo. Partilhei com você minhas preocupações mais profundas, minhas esperanças, meus sonhos. Não faço isso com muitas pessoas. Basta saber que você se importa.

Com os olhos cheios de lágrimas, Carl olhou para o Mestre.

— Pai Rahl — murmurou ele. — Eu faria qualquer coisa por você. Por favor, deixe-me ficar. Depois da cerimônia, deixe-me ficar com você. Farei qualquer coisa que você precisar, prometo, se puder ficar com você.

— Carl, isso é bem você, tão bondoso! Mas você tem uma vida, pais, amigos. E Tinker, não se esqueça de Tinker. Logo vai querer voltar para tudo isso.

Carl balançou a cabeça lentamente olhando para Rahl.

— Não, não vou. Só quero estar com você. Pai Rahl, eu o amo. Farei qualquer coisa por você.

Rahl, muito sério, considerou as palavras do menino.

— Seria perigoso para você ficar comigo. — Rahl sentia o coração bater com força.

— Não me importo. Quero servir a você. Não me importa o fato de poder ser morto. Só quero ajudá-lo. Não quero fazer nada mais a não ser ajudar sua luta contra esses inimigos. Pai Rahl, se eu morrer ajudando-o, valerá a pena. Por favor, deixe-me ficar. Farei tudo o que você mandar. Para sempre.

Para ajudar a controlar a respiração acelerada, Rahl respirou profundamente e soltou o ar devagar. Estava muito sério.

— Tem certeza do que está dizendo, Carl? Tem absoluta certeza? Quero dizer, está certo de que daria a vida por mim?

— Eu juro. Eu morreria para ajudar você. Minha vida é sua, se quiser.

Rahl se inclinou um pouco para trás, pôs as mãos nos joelhos e balançou a cabeça lentamente, os olhos azuis fixos no menino.

— Sim, Carl. Eu quero a sua vida.

Carl não sorriu, mas estremeceu de leve, excitado, aceitando o que lhe pediam.

— Quando podemos fazer a cerimônia? Quero ajudar você e o povo.

— Logo — disse Rahl, arregalando os olhos e falando mais devagar. — Esta noite, depois de dar comida a você. Está pronto para começar?

— Estou.

Rahl se levantou, sentindo o sangue correr nas veias, esforçando-se para controlar a excitação. Lá fora estava quase escuro. A luz dos archotes dançava nos seus olhos azuis, brilhava no cabelo louro e cintilava no seu manto. Antes de ir para a sala da fornalha, pôs o chifre de alimentar perto da boca de Carl.

Na sala escura, os guardas esperavam, os braços maciços cruzados. O suor formava pequenas linhas na leve camada de fuligem dos seus rostos. Um cadinho estava no fogo da fornalha e um cheiro acre saía da mistura. Olhos muito abertos, Rahl perguntou aos guardas: — Demmin já voltou?

— Há vários dias, Mestre.

— Digam a ele para vir e esperar — disse Rahl num murmúrio. — E agora quero que me deixem sozinho.

Com uma inclinação, eles saíram pela porta dos fundos. Rahl passou a mão sobre o cadinho e o cheiro se transformou num aroma delicioso. De olhos fechados, orou em silêncio para o espírito do seu pai. Sua respiração era rápida, ofegante. No fervor da emoção, mal podia controlar-se. Molhou com a língua os dedos trêmulos e os passou nos lábios.

Prendendo alças de madeira ao cadinho para não sei queimar, usou a magia para que o caldeiro pesado ficasse leve e voltou com

ele para o jardim. Os archotes iluminavam uma área em volta do menino, a areia branca com os símbolos riscados, o círculo de grama, o altar na beirada da pedra branca. A luz dos archotes refletia no bloco de pedra polida onde estava a vasilha de ferro com o Shinga na tampa.

Os olhos azuis de Rahl viram tudo isso quando se aproximou do menino. Parou na frente dele, perto da boca do chifre. Seus olhos tinham um brilho intenso quando os abaixou para o rosto do menino virado para cima.

— Você tem certeza, Carl? — perguntou ele com voz rouca. — Posso confiar a você minha vida?

— Juro minha lealdade a você, Pai Rahl. Para sempre.

Rahl fechou os olhos e respirou profundamente. O suor brilhava no seu rosto, grudava-lhe o manto ao corpo. Sentia ondas de calor rolando do cadinho. Acrescentou o calor da sua mágica para que a mistura continuasse a ferver.

Com voz suave, começou a entoar as encantações sagradas na antiga língua. O murmúrio das palavras mágicas e cabalísticas enchia o ar. As costas de Rahl se curvaram para trás quando ele sentiu o poder em todo o corpo, envolvendo-o numa quente promessa. Estremecia enquanto cantava, oferecendo suas palavras ao espírito do menino.

Entreabriu os olhos, a visão da paixão devassa queimando neles. Sua respiração era áspera, suas mãos tremiam levemente. Olhou para o menino.

— Carl — murmurou ele roucamente. — Eu amo você.

— Eu amo você, Pai Rahl.

Rahl voltou a fechar os olhos.

— Ponha a boca no chifre, meu caro menino e aperte bem.

Enquanto Carl obedecia, Rahl cantava o último encantamento, com o coração disparado. Os archotes sibilavam, os sons misturando-se aos do encantamento.

Então ele derramou a mistura do cadinho no chifre.

Carl arregalou os olhos e ele inalou e engoliu ao mesmo tempo involuntariamente quando o chumbo derretido chegou à sua boca, queimando todo o seu corpo.

Darken Rahl estremeceu, excitado. Deixou cair no chão o cadinho vazio.

O Mestre passou ao segundo conjunto de encantamentos, o envio do espírito do menino para o mundo subterrâneo. Disse as palavras, todas na ordem certa, abrindo o caminho para o mundo subterrâneo, abrindo o vazio escuro.

Quando ergueu as mãos, vultos escuros rodopiaram em volta dele. Uivos de terror encheram o ar da noite. Darken Rahl foi até o altar de pedra, ajoelhou-se, estendeu o braço por cima dele, encostou o rosto na pedra fria. Pronunciou as palavras na língua antiga que ligariam o espírito do menino a ele. Por algum tempo, recitou os encantamentos necessários. Quando terminou, ficou parado, com os punhos fechados aos lados do corpo, o rosto corado. Demmin saiu das sombras e deu um passo à frente.

Rahl fixou os olhos no amigo.

— Demmin — murmurou ele com voz rouca.

— Mestre Rahl — cumprimentou Demmin inclinando a cabeça.

Rahl se aproximou de Demmin com o rosto tenso e coberto de suor.

— Desenterre o corpo e o ponha no altar. Use o balde de água para lavá-lo. — Olhou para o sabre de Demmin. — Quebre o crânio dele para mim e depois pode se afastar e esperar.

Passou as mãos por cima da cabeça de Demmin e o ar estremeceu.

— Esse encantamento protegerá você. Então espere por mim até minha volta, antes do nascer do dia. Vou precisar de você. — Olhou para longe, perdido em pensamentos.

Demmin obedeceu, executando a tarefa sinistra, enquanto Rahl continuava a entoar palavras estranhas, balançando-se para frente e para trás, os olhos fechados, como num transe.

Demmin limpou a espada no antebraço e a embainhou. Com um último olhar para Rahl, ainda em transe murmurou: “Detesto esta parte.” Virou-se e voltou para a sombra das árvores, deixando o Mestre fazer seu trabalho.

Darken Rahl foi para trás do altar, respirando profundamente. Pôs a mão sobre o fogo e as chamas saltaram com um rugido.

Estendeu as duas mãos, com os dedos dobrados, e o caldeirão de ferro se ergueu e flutuou até ficar sobre o fogo. Rahl tirou a faca curva da bainha e a levou para a barriga do menino. Tirou o manto, deixando-o cair no chão e o chutou para longe. O suor cobria seu corpo esguio, correndo em filetes pelo pescoço.

Sua pele era macia e firme sobre os músculos bem proporcionados, exceto na coxa direita, em parte do abdome e da cintura e no lado esquerdo do sexo ereto. Era onde ficava a cicatriz, onde as chamas enviadas pelo velho mago o tinham atingido, as chamas do fogo do mago, que consumiram seu pai quando Rahl estava do lado direito dele, chamas que o alcançaram também, provocando a dor do fogo do mago.

Foi um fogo como nenhum outro, escaldante, pegajoso, destruidor, vivo e Rahl gritou até ficar sem voz.

Darken Rahl molhou os dedos com a língua e os passou sobre as cicatrizes. Como quis fazer isso quando foi queimado, para acabar com o terror da dor incessante da queimadura!

Mas os curandeiros não permitiram. Disseram que não devia tocar nas queimaduras e amarram seus pulsos para impedir que ele alcançasse a coxa e a barriga. Então ele molhou os dedos com a língua e os passou nos lábios, tremendo, tentando deter o choro, e nos olhos, para afastar a visão do pai sendo queimado vivo. Durante meses ele chorou e gritou querendo aliviar a dor, mas eles não deixaram.

Como odiava o mago, como queria matá-lo! Como queria enfiar a mão no corpo vivo do mago olhando nos olhos dele e arrancar seu coração!

Darken Rahl tirou os dedos da cicatriz e, apanhando a faca, afastou esses pensamentos, voltando ao que tinha que fazer. Recitando o encantamento adequado, enfiou a faca no peito do menino.

Cuidadosamente removeu o coração e o pôs numa tigela de ferro com água fervente. Em seguida, removeu o cérebro e o pôs também na tigela, finalmente largou a faca. O sangue se misturou ao suor que o cobria, pingando nos cotovelos.

Estendeu os braços sobre o corpo e ofereceu orações ao espírito. Ergueu o rosto para as janelas, fechou os olhos e continuou com encantamento, recitando sem precisar pensar. Durante uma hora, entoou as palavras da cerimônia, espalhando o sangue no peito nos momentos certos.

Quando terminou as runas mágicas do túmulo do pai, foi até a areia de feiticeiro onde o menino estivera enterrado durante o teste. Alisou a areia com os braços, fazendo-a grudar no sangue e formando uma casca branca. Agachado, começou a desenhar cuidadosamente os símbolos, partindo do centro, desenvolvendo-se em formas intrincadas, aprendidas durante anos de estudo. Concentrado, trabalhou noite a dentro, o cabelo louro liso caído para a frente, a testa franzida com a intensidade da atenção acrescentando cada elemento, não deixando de traçar linha ou curva alguma, pois isso seria fatal.

Terminou finalmente, foi até a tigela sagrada e viu que a água tinha fervido, quase desaparecendo, como devia ser. Com magia, fez a tigela flutuar de volta à pedra polida, deixou esfriar um pouco e então começou a amassar com um pilão de pedra. O suor escorria do seu rosto e ele amassou até o coração, o cérebro e os testículos se transformarem em uma pasta e acrescentou pós mágicos, retirados dos bolsos do manto no chão.

De pé, na frente do altar, ergueu a tigela com a mistura, recitando encantamentos. Abaixou a tigela quando terminou e olhou em volta, para o Jardim da Vida. Gostava sempre de olhar para coisas belas antes de ir para o mundo subterrâneo.

Comeu com a mão a mistura da tigela. Detestava o gosto da carne e só comia vegetais. Agora, porém, não tinha escolha, aquele era o modo. Se queria ir ao mundo subterrâneo, tinha de comer carne. Ignorou o gosto e comeu tudo, tentando fingir que era uma pasta de vegetais.

Lambendo os dedos, pôs a tigela no altar e se sentou com as pernas cruzadas na grama, na frente da areia. Seu cabelo louro estava manchado de sangue seco. Com as palmas das mãos voltadas para cima, fechou os olhos e respirou profundamente várias vezes, preparando-se para se encontrar com o espírito do menino.

Pronto finalmente, todos os preparativos feitos, todos os encantamentos recitados, o Mestre ergueu a cabeça e abriu os olhos.

— Venha para mim, Carl — murmurou na antiga língua secreta.

Do centro da areia, o centro do encantamento, o espírito do menino se ergueu sob a forma do Shinga, a besta do mundo subterrâneo.

O Shinga, transparente no começo, ergueu-se do chão como fumaça, se virou, como para se livrar da areia, atraído pelos desenhos, expelindo vapor pelas narinas dilatadas. Rahl observou calmamente a besta se tornar sólida, rasgando o chão e puxando a areia com ela, as fortes pernas traseiras empurrando até se livrar com um bramido. Um buraco se abriu, negro como piche. A areia nas bordas caiu na escuridão. O Shinga flutuou no ar, olhos castanhos penetrantes olharam para baixo, para Rahl.

— Obrigado por vir, Carl.

A besta se inclinou para frente, esfregando o focinho no peito nu do Mestre. Rahl se levantou e acariciou a cabeça do Shinga, acalmando sua impaciência para partir. Quando finalmente ele se acalmou, Rahl subiu nas costas da besta e segurou-a com força no pescoço.

Com um flash de luz, o Shinga, com Darken Rahl nas costas, dissolveu-se no vazio escuro, girando o corpo enquanto descia. O solo estremeceu e o buraco se fechou com um som raspante. O Jardim da Vida de repente foi envolto pelo silêncio da noite.

Demmin Nass saiu da sombra das árvores, com a testa coberta de suor.

— Tenha uma jornada segura, meu amigo — murmurou ele —, uma jornada segura.

CAPÍTULO 25



A chuva parou por algum tempo, mas o céu continuou nublado como estava quase desde que ela podia lembrar. Sentada sozinha num pequeno banco encostado na parede, Kahlan sorria, vendo Richard construir o telhado da casa dos espíritos. O suor escorria nas costas nuas dele, sobre os músculos, sobre as cicatrizes dos arranhões das garras do gar.

Richard trabalhava com Savidlin e mais alguns homens, ensinando-lhes. Tinha dito que não precisava de tradutor, que o trabalho manual era universal e, se tivesse de descobrir por eles mesmos uma grande parte, compreenderiam melhor e teriam mais orgulho da sua obra.

Savidlin não parava de fazer perguntas que Richard não compreendia. Ele apenas sorria e explicava com palavras que o outro não entendia, usando as mãos em uma linguagem de sinais que inventava de acordo com a necessidade. Às vezes os outros achavam graça e todos acabavam rindo. Tinham feito muito para homens que não se compreendiam.

A princípio, Richard não disse a ela o que ia fazer, apenas sorriu e disse que Kahlan teria de esperar para ver. Primeiro, ele apanhou blocos de argila de mais ou menos trinta por sessenta centímetros e os modelou com formas onduladas. A metade da face dos blocos era côncava, como uma calha, a outra metade abaloada. Ele as esvaziou e pediu às mulheres que trabalhavam com cerâmica para levá-las ao forno.

Em seguida, prendeu duas tiras de madeira a uma tábua, uma de cada lado, e pôs uma bola de argila no centro. Com um rolo de pastel, alisou a argila, as duas tiras de madeira agindo como medida

de espessura. Retirando o excesso de cima e de baixo da tábua, terminou com placas de argila de tamanho e espessura iguais, que alisou sobre as telhas, que tinham ido ao forno. Com uma vareta, fez um buraco nos dois cantos superiores.

As mulheres o acompanhavam, inspecionando o trabalho com atenção, por isso ele recrutou a ajuda delas. Logo tinha uma grande equipe de mulheres sorridentes e tagarelas fazendo as telhas, mostrando a ele como fazer melhor. Quando as telhas estavam secas, podiam ser retiradas das fôrmas. Enquanto eram cozidas, as mulheres, curiosas, faziam mais. Quando perguntaram quantas deviam fazer, ele apenas as mandou continuarem com o trabalho.

Richard as deixou na nova atividade, foi até a casa dos espíritos e começou a fazer uma lareira com os tijolos de lama usados para a construção das casas. Savidlin o seguia por toda a parte, tentando aprender tudo.

— Você está fazendo telhas de argila, não está? — perguntou Kahlan.

— Sim — disse ele, com um sorriso.

— Richard, já vi telhados de sapê que não deixam passar água.

— Eu também.

— Então por que não fazer simplesmente telhados de palha bem-feitos, que não vazem?

— Você sabe fazer telhados de palha?

— Não.

— Nem eu. Mas sei fazer telhados de argila, portanto, é o que devo fazer.

Enquanto ele fazia a lareira, mostrando para Savidlin, mandou outros homens tirarem a palha do telhado, deixando apenas os postes em todo o comprimento do prédio, postes usados para atar cada molho de palha. Agora seriam usados para suportar as telhas de argila.

As telhas iam de um poste ao outro, a parte inferior apoiada no primeiro poste, a parte superior no segundo, com as aberturas usadas para atá-las firmemente aos postes.

A segunda camada de telhas foi arrumada de modo que a parte inferior ultrapassava a parte superior da primeira, cobrindo as

aberturas que as prendiam e, devido à forma ondulada, cada uma se prendia à anterior. Como as telhas de argila eram mais pesadas que as de palha, Richard primeiro reforçou os postes com suportes até o alto do telhado, com telhas atravessadas como apoio.

Parecia que metade do povoado estava ocupada com a construção. O Homem Pássaro aparecia uma vez ou outra para ver o trabalho, satisfeito com o que via. Às vezes sentava-se ao lado de Kahlan, calado, às vezes falava com ela, mas quase sempre apenas olhava. Ocasionalmente, fazia uma pergunta sobre o caráter de Richard.

A maior parte do tempo, enquanto Richard trabalhava, Kahlan ficava sozinha. As mulheres não estavam interessadas em suas ofertas de ajuda, os homens guardavam distância, observando-a de soslaio e as meninas eram tímidas demais para ter coragem de falar com ela. Às vezes Kahlan as via olhando para ela. Quando ela perguntava como se chamavam, elas apenas sorriam timidamente e fugiam correndo. As crianças queriam se aproximar, mas as mães não deixavam. Não permitiam que ela ajudasse com o preparo da comida nem com a fabricação das telhas. Suas tentativas de aproximação eram recusadas com a desculpa de que ela era uma convidada de honra.

Mas Kahlan sabia que não era por isso. Ela era uma Confessora. Tinham medo dela.

Kahlan estava acostumada com essa atitude, com os olhares, os murmúrios. Não se incomodava mais como quando era mais moça. Lembrava a mãe dizer sorrindo que o povo era assim e não podia ser mudado, que ela não devia deixar que isso a amargurasse e que algum dia ia superar. Kahlan pensava que não se importava mais, que não era nada para ela, que tinha aceitado o que era, o seu modo de vida, que não podia ter nada do que as outras pessoas tinham e que tudo estava bem. Isso foi antes de conhecer Richard, antes de ele se tornar seu amigo, aceitando-a, falando com ela, tratando-a como uma pessoa normal. Ele se importava com ela.

Mas Richard não sabia o que ela era.

Savidlin pelo menos foi amistoso. Ele a levou com Richard à sua pequena casa, para conhecer sua mulher, Weselan e seu filho

pequeno Siddin, e deu a eles um lugar para dormir no chão. Mesmo tendo sido por insistência de Savidlin, Weselan aceitou Kahlan em sua casa com graciosa hospitalidade, sem demonstrar frieza quando tinha oportunidade, quando o marido não estava perto. À noite, quando ficava escuro demais para trabalhar, Siddin, de olhos arregalados, se sentava no chão com Kahlan e ela contava histórias de reis e castelos, de terras distantes e de animais ferozes. Ele se aconchegava no colo dela, pedia mais histórias e a abraçava. Seus olhos se enchiam de lágrimas pensando em como Weselan permitia isso, sem afastá-lo de Kahlan, como tinha a bondade de não demonstrar medo. Quando Siddin ia dormir, ela e Richard contavam para Savidlin e Weselan algumas histórias de sua jornada de Westland. Savidlin respeitava o sucesso nas lutas e ouvia com os olhos quase tão arregalados quanto os do filho.

O Homem Pássaro parecia satisfeito com o novo telhado. Balançando a cabeça devagar, sorriu quando viu o bastante para saber como ia funcionar. Mas os outros seis anciãos não ficaram tão impressionados. Para eles, algumas gotas de chuva, pingando uma vez ou outra, não era motivo para preocupação, fora assim durante toda sua vida, e eles se ressentiam por um estranho mostrar-lhes como tinham sido idiotas. Algum dia, quando um deles morresse, Savidlin seria um dos seis. Kahlan queria que ele fosse um deles agora, pois podiam usar aquele aliado tão forte.

Kahlan se preocupava com o que ia acontecer quando o telhado ficasse pronto, se os anciãos se recusassem a declarar Richard um deles. Richard não tinha prometido não fazer mal a eles. Embora ele não fosse do tipo que faz coisas assim, era o Seeker. Havia mais em jogo do que a vida daquele povo. Muito mais. O Seeker tinha de levar isso em conta. Ela também.

Kahlan não sabia se matar o último homem do quad o tinha mudado, tinha-o deixado mais insensível. Aprender a matar faz com que a pessoa veja as coisas de modo diferente, torna mais fácil matar outra vez. Era algo que ela conhecia muito bem.

Kahlan queria muito que ela não tivesse a ajudado, desejava que ele não tivesse matado o homem. Não tinha coragem de dizer a ele que não era necessário. Podia ter resolvido sozinha a situação.

Afinal, um homem só não era um perigo mortal para ela. Por isso, Rahl sempre mandava quatro homens para matar uma Confessora, um para ser tocado por seu poder, os outros três para matá-lo e à Confessora. As vezes sobrava só um, mas era o bastante, depois que a Confessora tivesse usado seu poder. Mas um homem sozinho! Quase não tinha chance. Mesmo que fosse um homem grande, ela era mais rápida. Quando ele brandisse a espada, ela o tocava e ele seria vencido. Seria o fim dele.

De modo algum Kahlan podia dizer a Richard que não precisava ter matado o homem. O que piorava as coisas era o fato de Richard ter matado por ela. Ele pensou que a estava salvando.

Kahlan sabia que outro quad provavelmente estava a caminho. Eles eram impiedosos. O homem que Richard matou sabia que ia morrer, sabia que não tinha chance, sozinho, contra uma Confessora, mas mesmo assim a atacou. Eles jamais desistiriam, nunca pensavam em outra coisa que não fosse seu objetivo.

E tinham prazer com o que faziam com as Confessoras.

Embora ela tentasse, não conseguia esquecer de Dennee. Sempre que pensava em um quad, se lembrava do que tinham feito com Dennee.

Quando Kahlan era ainda muito jovem, sua mãe foi vitimada por uma doença terrível que nenhum curandeiro conseguia curar. Ela morreu rapidamente. As Confessoras formavam uma irmandade muito unida. Quando um problema atingia uma delas, atingia todas. A mãe de Dennee adotou Kahlan e a consolou. As duas jovens, que eram grandes amigas, ficaram felizes por se tornarem irmãs e isso ajudou Kahlan a suportar a dor da perda da mãe.

Dennee era frágil como a mãe. Não tinha a força do poder como Kahlan e, com o passar do tempo, Kahlan se tornou sua protetora e guardiã, protegendo-a contra situações que exigiam mais do que ela podia dar. Depois de usar sua força, Kahlan podia recuperá-la em uma ou duas horas, mas para Dennee eram necessários às vezes sete dias.

Num dia fatídico, Kahlan tinha saído para uma curta viagem, a fim de ouvir a confissão de um assassino que ia ser enforcado, missão que devia ter sido de Dennee. Kahlan tinha ido no lugar da

irmã porque queria poupá-la do tormento daquela tarefa. Dennee detestava confissões, detestava ver a expressão dos olhos deles. Às vezes ela chorava durante muitos dias depois de uma confissão. Nunca pediu a Kahlan para ir em seu lugar, mas o alívio que Kahlan viu nos olhos dela não precisava de palavras. Kahlan também não gostava de ouvir confissões, porém era mais forte, mais sábia, refletia mais. Ela compreendia e aceitava o de fato de que ser Confessora era seu poder, o que ela era, e por isso não a afetava tanto quanto a Dennee. Kahlan sempre podia pôr a cabeça na frente do coração. E teria feito qualquer trabalho desagradável no lugar de Dennee.

De volta a casa, Kahlan ouviu gemidos fracos nos arbustos ao lado da estrada, gemidos de dor mortal. Para seu horror, descobriu Dennee, ali jogada.

— Eu ia... me encontrar.. com você... queria voltar com você. — disse Dennee quando Kahlan pôs a cabeça dela no colo. — Um quad me apanhou. Desculpe, Kahlan. Eu peguei um deles. Eu o toquei. Peguei um deles. Você ficaria orgulhosa de mim.

Chocada, Kahlan acalentou a cabeça de Dennee e a confortou, dizendo que tudo acabaria bem.

— Por favor, Kahlan... quer puxar meu vestido para baixo? — Sua voz parecia vir de muito longe. Indistinta e fraca. — Não posso mover meus braços.

Em pânico, Kahlan viu o porquê. Os braços de Dennee tinham sido brutalmente quebrados. Estavam um de cada lado do corpo, inúteis, dobrados onde não deviam estar dobrados. O sangue pingava de um lado do ouvido. Kahlan puxou para baixo o que restava do vestido encharcado de sangue, cobrindo a irmã do melhor modo possível. Estava atordoada com o horror do que os homens tinham feito. A sensação de uma coisa presa na garganta a impedia de falar. Esforçou-se para não gritar, temendo não assustar mais ainda a irmã. Sabia que tinha de ser forte por ela pela última vez.

Dennee murmurou o nome de Kahlan, chamando-a para mais perto.

— Darken Rahl fez isso comigo... ele não estava aqui, mas fez isto.

— Eu sei — disse Kahlan com ternura. — Fique imóvel. Tudo vai dar certo. Eu a levarei para casa. — Sabia que era mentira, sabia que não ia dar certo.

— Por favor, Kahlan — murmurou ela. — Mate Darken Rahl. Acabe com essa loucura. Eu queria ser bastante forte. Mate Darken Rahl por mim.

A fúria ferveu dentro dela. Foi a primeira vez que Kahlan desejou usar seu poder para fazer mal a alguém. Chegara muito perto de sentir algo que nunca sentira antes. Um fúria terrível, uma força que vinha das profundezas do seu ser, um legado assustador. Com os dedos trêmulos, acariciou o cabelo de Dennee, empapado de sangue.

— Eu o matarei — prometeu.

Dennee relaxou nos braços dela. Kahlan tirou do pescoço o colar de ossos e o pôs no pescoço da irmã.

— Quero que fique com isso. Ajudará a proteger você.

— Obrigada, Kahlan. — Ela sorriu e as lágrimas descenderam dos olhos para o rosto pálido. — Mas nada pode me proteger agora. Salve-se. Não deixe que eles peguem você. Eles gostam de fazer isso. Eles me machucaram tanto... e tiveram prazer. Eles riram de mim.

Kahlan fechou os olhos para não ver a dor da irmã, embalou-a nos braços e beijou a testa dela.

— Lembre-se de mim, Kahlan. Lembre-se de como nos divertimos.

— *Más lembranças?*

Kahlan ergueu a cabeça bruscamente, arrancada de seus pensamentos. O Homem Pássaro estava ao seu lado, tendo chegado em silêncio, sem ser notado. Ela fez que sim com a cabeça e desviou os olhos dos dele.

— *Por favor, perdoe-me por demonstrar fraqueza.* — disse ela, enxugando as lágrimas com a mão.

Ele olhou para ela com seus suaves olhos castanhos e se sentou ao seu lado no pequeno banco.

— *Não é fraqueza, minha filha, ser uma vítima.*

Kahlan limpou o nariz com as costas da mão e engoliu o soluço que tentava sair da sua garganta. Sentia-se tão só! Sentia tanta falta de Dennee! O Homem Pássaro passou carinhosamente a mão em volta dos ombros dela, num abraço paternal.

— *Eu estava pensando em minha irmã Dennee. Ela foi assassinada por ordem de Darken Rahl. Eu a encontrei... Ela morreu nos meus braços... Eles a maltrataram tanto! Rahl não se contenta com matar. Ele tem de ver a pessoa sofrer antes de morrer.*

Ele balançou a cabeça, compreendendo.

— *Embora sejamos de povos diferentes, sentimos a dor da mesma forma.* — Com o polegar, enxugou uma lagrima no rosto dela, depois pôs a mão no bolso. — *Dê-me sua mão.*

Kahlan estendeu a mão, onde ele pôs algumas sementes. Olhando para o céu, tocou o apito silencioso que trazia no pescoço e logo um pássaro pequeno e amarelo lhe pousou no dedo. Ele pôs a mão ao lado da dela para que ele pudesse comer as sementes. Kahlan sentiu os pezinhos no dedo quando ele abaixou para comer. O pássaro era tão brilhante e bonito que Kahlan sorriu. O rosto enrugado do Homem Pássaro sorriu para ela. Quando terminou, o pássaro sacudiu as penas e ficou satisfeito no dedo dela, sem nenhum medo.

— *Achei que você gostaria de uma pequena visão de beleza entre tantas coisas feias.*

— *Obrigada* — ela sorriu.

— *Quer ficar com ele?*

Kahlan olhou para o pássaro, para as penas amarelas brilhantes, o modo como ele virava a cabeça para o lado e então o soltou no ar.

— *Não tenho esse direito* — disse ela, vendo o pássaro voar para longe. — *Ele deve ser livre.*

Um leve sorriso iluminou o rosto do Homem Pássaro. Inclinando-se para a frente e apoiando os braços nos joelhos, olhou para a casa dos espíritos. O trabalho estava quase terminando. Talvez mais um dia. O cabelo prateado e comprido escorregou dos ombros e emoldurou o rosto, escondendo-o de Kahlan. Ela olhou

para Richard trabalhando no telhado. Era quase doloroso o desejo de ser abraçada por ele, maior ainda por saber que não se podia permitir isso.

— *Você quer matar esse homem Darken Rahl?* — perguntou ele sem virar para ela.

— *Quero muito.*

— *E seu poder é suficiente?*

— *Não* — admitiu ela.

— *E a lâmina do Seeker tem poder suficiente para matá-lo?*

— *Não. Por que pergunta?*

As nuvens ficavam mais escuras à medida que o dia se despedia. Uma chuva leve começou a cair e a escuridão entre as casas se acentuava.

— *Como você disse, é perigoso estar com uma Confessora que precisa muito de alguma coisa. Acho que isso vale também para o Seeker. Talvez mais perigoso.*

Ela fez uma pausa, depois disse suavemente. — *Não quero pôr em palavras o que Darken Rahl fez ao pai de Richard com as próprias mãos. Faria com que você temesse muito mais o Seeker. Mas saiba que Richard também teria deixado o pássaro voar em liberdade.*

O Homem Pássaro pareceu rir silenciosamente.

— *Você e eu somos muito inteligentes para esses jogos de palavras. Vamos conversar sem eles.* — Recostou-se na parede e cruzou os braços. — *Tentei dizer aos outros anciãos que coisa maravilhosa o Seeker está fazendo para nosso povo, como é bom que ele esteja nos ensinando essas coisas. Eles não têm tanta certeza, pois estão acostumados com seu modo de vida e são teimosos, às vezes muito além da tolerância. Temo o que você e o Seeker farão ao meu povo se eles disserem não.*

— *Richard deu a você sua palavra de que não fará mal ao seu povo.*

— *Palavras não têm a força do sangue de um pai. Ou de uma irmã.*

Kahlan se encostou na parede, envolvendo-se na capa, defendendo-se da brisa úmida.

— *Eu sou Confessora porque nasci assim. Não procurei o poder. Eu teria escolhido outra coisa, teria escolhido ser como todas as outras pessoas. Mas devo viver com o que recebi e fazer o melhor possível. A despeito do que você pode pensar das Confessoras, a despeito do que muita gente pensa, estamos aqui para servir ao povo, para servir a verdade. Eu amo todo o povo de Midlands e daria minha vida para protegê-la, para mantê-la livre. É tudo que quero fazer. E, no entanto, estou sozinha.*

— *Richard toma conta de você, ele se importa com você.*

Kahlan olhou de soslaio para ele.

— *Richard é de Westland. Ele não sabe o que eu sou. Se soubesse...*

O Homem Pássaro ergueu a sobrancelha.

— *Para alguém que serve à verdade...*

— *Por favor, não me faça lembrar. É um problema criado por mim e devo arcar com as conseqüências, o que me dá muito medo. Isso prova minhas palavras. O Povo da Lama vive distante dos outros povos. Isso lhes permite o luxo de estar longe dos problemas do passado. O problema tem braços longos que logo alcançarão vocês. Os anciãos podem discutir o quanto quiserem e resolver não nos ajudar, mas não poderão discutir contra as presas da verdade. Todo o seu povo pagará o preço se esses poucos homens puserem o orgulho à frente da sensatez.*

O Homem Pássaro ouviu atenta e respeitosamente. Kahlan se voltou para ele.

— *Neste momento, não posso dizer honestamente o que farei se os anciões disserem não. Não é meu desejo fazer mal ao seu povo, mas salvá-lo da dor que tenho visto. Eu vi o que Darken Rahl faz com as pessoas. Sei o que ele fará. Se eu soubesse que podia de algum modo deter Rahl matando o precioso filho de Savidlin, eu o mataria sem hesitar, com minhas mãos se fosse preciso, porque, por mais que isso ferisse meu coração, estaria salvando todos os seus outros preciosos filhos. É um peso terrível para carregar, o peso do guerreiro. Você já matou para salvar outros homens e sei que não sente prazer com isso. Darken Rahl tem prazer em matar, acredite. Por favor, me ajude a salvar seu povo sem fazer mal a ninguém. —*

As lágrimas escorreram no seu rosto. — *O que mais desejo é não fazer mal a ninguém.*

O Homem Pássaro a puxou carinhosamente para ele e a deixou chorar no seu ombro.

— *O povo de Midlands é afortunado por ter uma guerreira como você.*

— *Se pudermos encontrar o que procuramos e esconder de Darken Rahl até o primeiro dia do inverno, ele morrerá. Ninguém mais precisa ser ferido. Mas precisamos de ajuda para encontrar.*

— *O primeiro dia do inverno. Minha filha, não falta muito. A estação está quase no fim, logo chegará a próxima.*

— *Eu não faço as regras da vida, honrado ancião. Se você tem o segredo de parar o tempo, por favor me diga para que eu possa usá-lo.*

Ele ficou calado, sem ter o que responder.

— *Tenho observado você com nosso povo antes. Você sempre respeitou nossos desejos, nunca procurou nos fazer mal. O mesmo com o Seeker. Estou do seu lado, minha filha. Farei o possível para convencer os outros. Só espero que minhas palavras sejam suficientes. Não desejo que nada de mau aconteça ao meu povo.*

— *Não é ao Seeker ou a mim que devem temer se eles disserem não* — disse ela, encostada no ombro dele, olhando para longe. — *É ao homem de D'Hara. Ele virá como uma tempestade e destruirá seu povo. Vocês não têm chance contra ele. Será uma carnificina.*

Naquela noite, no calor da casa de Savidlin, sentada no chão, Kahlan contou a Siddin a história do pescador que se transformou em peixe e vivia no lago, astutamente roubando a isca dos anzóis, sem nunca ser apanhado. Era uma história antiga contada por sua mãe quando ela era pequena como Siddin. A expressão maravilhada de Siddin a fez lembrar o seu entusiasmo quando a ouviu pela primeira vez.

Mas tarde, enquanto Weselan cozinhava raízes doces, o aroma misturando-se a fumaça, Savidlin mostrou a ela como fazer pontas de flechas para diferentes animais, endurecendo-as no carvão em brasa e aplicando veneno. Kahlan, deitada no chão em cima de uma

pele, com Siddin adormecido enrodilhado junto dela, acariciava o cabelo escuro do menino. Sentiu um aperto na garganta ao lembrar de ter dito ao Homem Pássaro que, se fosse preciso matar Siddin para deter Rahl, ela o faria sem hesitar.

Queria poder voltar atrás, retirar aquelas palavras. Detestava saber que era verdade, mas desejava não as ter dito. Richard a vira falando com o Homem Pássaro e ela não contou sobre o que conversaram. Não valia a pena preocupá-lo. O que tinha de acontecer, aconteceria. Só esperavam que os anciões desses ouvidos à razão.

* * *

No dia seguinte, o vento soprava forte e fazia um calor excepcional, com ocasionais pancadas de chuva. No começo da tarde, uma multidão se reuniu na casa dos espíritos quando o telhado ficou pronto e o fogo foi aceso na lareira. O povo, maravilhado, soltou gritos de emoção quando as primeiras espirais de fumaça surgiam da chaminé. Espiaram na porta para ver o fogo queimando sem encher a sala de fumaça. A idéia de viver sem fumaça nos olhos parecia tão excitante quanto viver sem água pingando nas suas cabeças. Quando o vento trazia a chuva, como naquele dia, era pior. A água atravessava os telhados de capim.

Todos olhavam encantados para a água escorrendo sobre as telhas e nem um pingo passando para dentro. Richard desceu, bem-humorado. O telhado estava pronto, não vazava, a lareira puxava bem a fumaça e todos estavam alegres com o que tinha feito.

Os homens que tinham ajudado orgulhavam-se do seu trabalho, do que tinham aprendido. Serviam de guia, mostrando entusiasmados os melhores pontos da construção.

Ignorando os curiosos, parando só para prender a espada nas costas, Richard foi para o centro do povoado, onde os anciões esperavam dispostos a dar todo apoio a ele. O povo o viu andar até os anciões e foi atrás, espalhando-se entre as casas, rindo e gritando. Os músculos do rosto de Richard estavam tensos.

— Acha que vai precisar da espada? — Perguntou Kahlan.

Richard olhou para ela e continuou a andar com passos largos. Sorriu com o canto da boca. Água da chuva escorria do cabelo dele.

— Eu sou o Seeker.

Kahlan olhou para ele com ar de censura.

— Richard, não brinque comigo. Você sabe o que quero dizer.

O sorriso dele aumentou.

— Estou esperando que a espada sirva para lembrar a eles que devem fazer a coisa certa.

Kahlan teve uma premonição de desastre, de que as coisas fugiam do seu controle, de que Richard ia fazer algo terrível se os anciãos dissessem não. Ele tinha trabalhado duro, desde que acordava até ir para a cama, o tempo todo pensando apenas que os convenceria. Tinha convencido a maior parte do povo, mas não era o povo que contava. Kahlan temia que ele não tivesse pensando sensatamente no que faria se a resposta fosse negativa.

Toffalar estava de pé, orgulhoso, no centro da estrutura aberta. A chuva caindo em volta dele formava pequenas poças no chão. Surin, Caldus, Arbrin, Breginderin e Hajanlet estavam dos dois lados dele. Usavam suas peles de coioote, uma coisa que Kahlan sabia que só faziam nos eventos oficiais. Parecia que todo o povoado estava ali, espalhado em volta da área aberta, sentado debaixo de telhados das construções abertas, todos tendo visto o trabalho ser terminado e agora esperavam ouvir o que os anciãos diriam sobre seu futuro.

Kahlan viu o Homem Pássaro no meio de alguns homens armados ao lado de um poste que segurava o telhado sobre a cabeça dos anciãos. Quando seus olhos se encontraram, o coração dela se apertou. Ela segurou a manga de Richard e se inclinou para ele.

— Não esqueça, seja o que for que eles digam, devemos sair daqui se quisermos ter uma chance de deter Rahl. Nós somos dois, eles são muitos, espada ou não espada.

Richard a ignorou.

— Honrados anciãos — ele começou em alta e clara. Kahlan ia traduzindo à medida que ele falava. — Tenho o privilégio de informar que a casa dos espíritos tem um novo telhado que não deixa passar chuva. Foi também meu privilégio ensinar seu povo a construir esse

telhado para que possam melhorar as outras construções do seu povoado. Fiz isso por respeito ao seu povo e não espero nada em troca. Só espero que estejam satisfeitos.

Os seis ouviram muito sérios enquanto Kahlan traduzia. Quando ela terminou, fez-se longo silêncio.

Finalmente Toffalar falou, com muita determinação.

— *Não estamos satisfeitos.*

Richard ficou carrancudo quando Kahlan traduziu.

— Por quê?

— *Um pouco de chuva não derrete a força do Povo da Lama. Seu telhado pode não deixar passar água, mas só porque é engenhoso. Engenhoso como tudo que vem de estranhos. Não é o nosso modo de vida. Seria só o começo até que estranhos nos digam o que devemos fazer. Sabemos o que você quer. Quer ser declarado um de nós para que possamos fazer uma reunião para você. Apenas outro truque de um estranho para conseguir o que quer de nós. Você quer nos envolver na sua luta. Nós dizemos não!*

— Voltou-se para Savidlin. — *O telhado da casa dos espíritos voltará a ser como era. Do modo que nossos ancestrais queriam.*

Savidlin ficou lívido, mas não se mexeu. O ancião, com um leve sorriso nos lábios enrugados, virou-se para Richard.

— *Agora que seus truques falharam — disse ele com desdém —, pretende fazer mal a nosso povo, Richard, o Esquentado?* — Era um desafio, destinado a desacreditar Richard.

Richard parecia mais perigoso do que nunca. Olhou brevemente para o Homem Pássaro, depois outra vez para os seis homens debaixo do abrigo. Kahlan prendeu a respiração. Um silêncio de morte pairou sobre o povo. Richard se voltou lentamente para eles.

— Não farei mal ao seu povo — disse ele com voz calma. Houve um suspiro coletivo de alívio. Quando tudo ficou quieto outra vez, ele continuou: — Mas lamento o que vai acontecer com vocês. — Sem se voltar para os anciões, ergueu o braço apontado para eles. — Por vocês seis, não lamentarei. Não lamento a morte de tolos. — Suas palavras eram como veneno. A multidão deixou escapar uma exclamação abafava.

O rosto de Toffalar se crispou raivosamente. Murmúrios de medo se espalharam pela multidão. Kahlan olhou para o Homem Pássaro. Ele parecia ter envelhecido anos. Ela via nos olhos dele o quanto sentia. Por um momento, seus olhos se encontraram e compartilharam a dor do que ambos sabiam que ia dizimar suas vidas, então ele olhou para o chão.

Richard se voltou para os anciões e desembainhou a Espada da Verdade. Foi um movimento tão rápido que quase todos, incluindo os anciões, recuaram um passo e depois ficaram imóveis, os seis rostos refletindo o medo que os paralisava. A multidão começou a se afastar. O Homem Pássaro não se moveu. Kahlan temia a ira de Richard e a compreendia. Resolveu não interferir, mas fazer o possível para proteger o Seeker, fosse o que fosse que ele fizesse. O silêncio era completo. O único som era o ruído do aço. Com dentes cerrados, Richard apontou a espada cintilante para os anciões, a ponta quase tocando os rostos deles.

— Tenham a coragem de fazer uma última coisa por seu povo.
— Kahlan sentiu um arrepio. Traduziu mecanicamente, petrificada. Então, incrivelmente, Richard virou a espada, segurou-a pela ponta e ofereceu o punho para os anciões. — Tomem minha espada — ordenou ele. — Usem-na para matar as mulheres e as crianças. Será mais misericordioso do que aquilo que Darken Rahl fará com elas. Tenham a coragem de poupá-las da tortura que sofrerão. Dispensem a elas a caridade de uma morte rápida. — Sua atitude eliminou a determinação deles.

Kahlan ouviu o choro manso das mulheres agarradas aos filhos. Os anciões, aterrorizados com aquela atitude inesperada, ficaram imóveis. Finalmente desviaram os olhos dos de Richard. Quando ficou claro que não tinham coragem para empunhar a espada, Richard a embainhou lentamente, como que extinguindo as chances de salvação. Uma prova inequívoca de que os anciões haviam perdido para sempre a ajuda do Seeker. A finalidade do gesto era assustadora.

Então, finalmente ele se voltou para Kahlan, mudando a expressão do rosto. Quando Kahlan viu o olhar dele, sentiu um nó na garganta. Era um olhar de sofrimento por um povo que ele

chegara a amar, mas a quem não podia ajudar. Todos olharam para Richard quando ele se aproximou de Kahlan e segurou-lhe gentilmente o braço.

— Vamos apanhar nossas coisas e sair daqui — disse ele em voz baixa, — Perdemos muito tempo. Só espero que não tenha sido tempo demais. — Havia lágrimas nos olhos dele. — Eu sinto muito, Kahlan... Por ter feito a escolha errada.

— Sua escolha não foi errada, Richard, a deles sim. — Sua raiva dos anciãos era final, uma porta que se fechava para qualquer esperança para aquele povo. Não se preocupava mais com eles. Era um povo de mortos vivos. Uma chance fora oferecida e eles escolheram a própria sorte.

Quando passaram por Savidlin, os dois homens deram-se o braço por um momento, sem se olhar. Alguns estendiam a mão e tocavam em Richard e ele retribuía o gesto de simpatia com um breve aperto nos braços deles, incapaz de encará-los.

Apanharam suas coisas na casa de Savidlin, guardando as capas nas mochilas, sem dizer uma única palavra. Kahlan se sentia vazia. Quando finalmente seus olhos se encontraram, eles se abraçaram silenciosamente, compartilhando a dor por seus novos amigos, por aquilo que sabiam que aconteceria com eles, tinham jogado com a única coisa que possuíam, o tempo. E perderam.

Quando se separaram, Kahlan guardou suas coisas e fechou a mochila. Richard tirou a capa outra vez. Ela o viu enfiar a mão na mochila. Procurando urgentemente alguma coisa. Foi até a porta por causa da luz e olhou dentro da mochila, revirando as coisas guardadas. O braço que segurava a mochila se abaixou e ela viu alarme nos olhos dele.

— A pedra da noite desapareceu.

O tom de voz dele assustou Kahlan.

— Talvez você a tenha deixado em algum outro lugar...

— Não. Eu não a tirei da mochila. Nunca.

Kahlan não entendia o porquê do pânico.

— Richard, não precisamos dela agora, já atravessamos a passagem. Tenho certeza de que Adie perdoará você por ter perdido a pedra. Temos coisas mais importantes com que nos preocupar.

Richard deu um passo para ela.

— Você não compreende. Temos de encontrar a pedra.

— Por quê? — perguntou ela, intrigada.

— Porque eu acho que aquela coisa pode acordar os mortos. —

Kahlan ficou boquiaberta. — Kahlan, estive pensando sobre ela. Lembra que Adie estava nervosa quando me deu a pedra da noite, como olhava em volta, enquanto eu não a guardei? E quando aquelas sombras nos atacaram na passagem? Quando eu tirei a pedra da bolsa. Lembra?

Kahlan arregalou os olhos.

— Mas mesmo que outra pessoa use a pedra, ela disse que só funcionaria para você.

— Ela estava falando na luz. Não disse nada sobre despertar os mortos. Não posso acreditar que Adie não nos tenha avisado.

Kahlan pensou por um momento. Então fechou os olhos quando compreendeu.

— Sim, ela avisou, Richard. Ela lhe avisou com um enigma de feiticeira. Sinto muito, nunca pensei nisso. As feiticeiras são assim. Nem sempre elas dizem o que sabem.

Richard virou para a porta e olhou para fora.

— Não posso acreditar. O mundo está sendo sugado para o extermínio e aquela velha nos vem com enigmas. — Bateu com o punho fechado no batente. — Ela devia nos ter dito!

— Richard, talvez Adie tivesse motivo, talvez fosse o único meio.

Ele olhou para fora, pensando.

— Se você precisar muito. Foi o que ela disse. Como água. Só é valiosa nas condições certas. Para um homem que está se afogando, a água é inútil e até pode causar grandes problemas. Foi como ela tentou nos avisar. Grandes problemas. — Virou-se para a sala, pegou a mochila e olhou dentro dela outra vez. — Estava aqui a noite passada, eu vi. O que pode ter acontecido?

Os dois ergueram os olhos.

— Siddin — disseram ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 26



Largando as mochilas, os dois correram para a porta e foram para a área aberta, onde tinham visto Siddin pela última vez, e o chamaram em voz alta. Eles corriam, espalhando lama por todos os lados e todos se afastavam do seu caminho. Quando chegaram à área aberta, o povo entrou em pânico, sem saber o que estava acontecendo, e procurava o abrigo das casas. Os anciãos recuaram na plataforma. O homem Pássaro esticou o pescoço, tentando ver. O grupo de caçadores atrás deles pôs as flechas nos arcos.

Kahlan viu Savidlin, assustado e confuso ouvindo os dois gritarem o nome do seu filho.

— *Savidlin!* — gritou Kahlan. — *Encontre Siddin. Não deixe que abra a bolsa que está com ele!*

Savidlin empalideceu, virou-se rapidamente e correu meio agachado, procurando o filho, sua cabeça passando rapidamente entre o povo que corria também. Kahlan não viu Weselan em parte alguma. Richard e Kahlan se separaram, aumentando a área de busca. O lugar era uma confusão e Kahlan tinha de afastar as pessoas do caminho. O coração de Kahlan estava na boca. Se Siddin abrisse a bolsa de couro...

Então ela o viu.

Quantas pessoas saíram do centro do povoado, lá estava ele, sem dar atenção ao pânico, sentado na lama, sacudindo a bolsa de couro, tentando tirar a pedra de dentro.

— *Siddin! Não!* - gritou ela uma porção de vezes, correndo para ele.

Siddin não ouviu o grito. Talvez não fosse possível tirar a pedra. Ele era apenas um menino pequeno. Por favor, ela pediu

mentalmente, que a sorte seja boa para ele.

A pedra caiu da bolsa e saltou na lama. Siddin sorriu e a apanhou. Kahlan ficou congelada.

Sombras começaram a se materializar por toda parte. Surgiram como fios de névoa no ar úmido, como procurando alguma coisa. Então flutuaram para Siddin.

Richard correu para ele, gritando para Kahlan.

— Pegue a pedra. Ponha de volta na bolsa!

Sua espada cintilou no ar, cortando as sombras, enquanto ele corria em linha reta para Siddin. Quando a espada as atacou, elas gritaram em agonia e desapareceram. Ouvindo os gritos terríveis, Siddin ergueu os olhos e ficou petrificado. Kahlan gritou para ele pôr a pedra na bolsa, mas o menino não conseguiu se mexer. Siddin ouvia outras vozes. Kahlan correu como nunca, desviando-se do grupo de sombras que flutuavam para o menino.

Uma coisa escura e pequena passou zunindo por ela, fazendo-a prender a respiração. Então outra, logo atrás. Flechas. De repente, o ar ficou repleto de flechas, o Homem Pássaro tinha ordenado aos seus homens para abaterem as sombras. Todas acertavam o alvo, mas simplesmente atravessavam as sombras como se fossem fumaça. Flechas com as pontas envenenadas zuniam por todos os lados. Se uma acertasse em Kahlan ou em Richard eles morreriam. Agora ela precisava se desviar das flechas e das sombras. Ouviu outro assobio ao lado do seu ouvido e abaixou no último momento. Uma saltou na lama e passou voando perto da sua perna. Richard tinha alcançado o menino, mas não pôde pegar a pedra. Tudo que ele conseguiu fazer foi derrubar as sombras que avançavam. Não podia parar para pegar a pedra.

Kahlan estava muito longe ainda, não podendo correr como Richard tinha feito, destruindo as sombras. Sabia que, se tocasse em uma sombra, morreria. Eram tantas materializando-se a sua volta que o ar parecia um labirinto cinzento. Richard lutava em volta do menino, num círculo cada vez menor. Segurando a espada com as duas mãos, ele a brandia ferozmente. Não ousava parar nem um instante, para que elas não fechassem o círculo; as sombras pareciam não ter fim.

Kahlan não conseguia avançar. As sombras, flutuavam em volta dela e as flechas zunindo, impediam-na de se adiantar. Cada vez que via uma abertura entre as sombras, tinha de recuar por causa das flechas. Sabia que Richard não deteria as sombras por muito mais tempo. Por mais que lutasse, o círculo se fechava, aproximando-se do menino. Ela era a única chance e não conseguia nem chegar perto.

Outra flecha passou, a pena lhe roçou o cabelo.

— *Parem com as flechas!*- ela gritou zangada para o Homem Pássaro. — *Parem de atirar flechas! Vocês vão nos matar!*

Frustrado, ele percebeu a dificuldade dela e relutantemente de ordens aos arqueiros para atirar. Mas então eles se armaram com suas facas e correram para atacar as sombras. Não tinham idéia de contra o que lutavam. Seriam mortos até o último homem.

— *Não!*- Ela gritou, sacudindo o punho no ar. — *Se vocês as tocarem vão morrer! Fiquem onde estão!*

O Homem Pássaro levantou o braço, fazendo pararem seus homens. Kahlan sabia como ele se sentia inútil vendo-a correr entre as sombras, chegando cada vez mais perto de Richard e de Siddin.

Ouviu outra voz. Era Toffalar gritando.

— *Detenham os dois! Então destruindo os espíritos do nossos ancestrais! Atirem suas flechas neles! Atirem nos estranhos!*

Hesitantes, entreolharam- e e os arqueiros puseram as flechas nos arcos outra vez. Não podiam desobedecer a um dos anciãos.

— *Atirem neles!* — gritou Toffalar, com o rosto muito vermelho, sacudindo o punho fechado — *Vocês ouviram! Atirem neles!*

Os homens ergueram os arcos. Kahlan se agachou, preparando-se para saltar quando viesse a primeira flecha. O Homem Pássaro ficou na frente dos seus homens, com um braço levantado, anulando a ordem. Ele e Toffalar trocaram palavras que Kahlan não ouviu. Ela não perdeu tempo e aproveitou a oportunidade para se adiantar, agachando-se para evitar os braços estendidos das sombras flutuantes.

Com o canto dos olhos, ela viu Toffalar. Com uma faca na mão, ele correu para ela. Kahlan ignorou o perigo; mais cedo ou mais tarde ele encontraria uma sombra e seria morto. Ele parava aqui e

ali para suplicar às sombras. Ela não podia ouvir as palavras por causa dos uivos. Quando olhou outra vez, ele já tinha percorrido metade do caminho. Era incrível que não tivesse esbarrado em uma sombra. As passagens se abriam para ele enquanto corria incautamente, temerariamente para ela, o rosto contraído de raiva. Mesmo assim Kahlan não se preocupou; logo ele teria de tocar em uma sombra e morreria.

Kahlan atravessou o resto do espaço aberto, mas o círculo de sombra em volta de Richard e Siddin era uma parede cinzenta impenetrável. Não havia qualquer abertura. Ela desviou para direita, tentando penetrar, mas inutilmente. Estava tão perto, mas tão longe, e a armadilha se fechava em volta dela também. Varias vezes escapou por pouco, recuando quando as sombras convergiam para ela. Richard tentava ver onde Kahlan estava. Ele tentou lutar para chegar perto dela varias vezes, mas foi obrigado a voltar para evitar que as sombras alcançassem Siddin.

De repente, ela viu a faca erguendo-se no ar. Toffalar a alcançou. Num frenesi de ódio, ele gritava coisas que ela não entendia. Mas compreendeu a faca e o que ele ia fazer. Toffalar queria matá-la. Kahlan se desviou do golpe. Era a abertura de que precisava.

E então ela cometeu um erro.

Começou a estender o braço para tocar em Toffalar, mas viu Richard olhando para ela. Hesitou, pensando em mostrar a ele seu poder. Então Toffalar teve o momento que queria. Richard gritou o nome dela, avisando, e voltou a lutar contra as sombras que estavam atrás dele.

A faca de Toffalar desceu, atingindo o braço direito de Kahlan, indo até o osso.

Choque e dor acenderam sua raiva. Raiva do erro que tinha cometido. Não perdeu a oportunidade dessa vez. Ergueu a mão esquerda e segurou Toffalar pelo pescoço. Sentiu os dedos cortando a entrada de ar por um instante. Bastava tocar nele, segurá-lo pelo pescoço foi um reflexo da raiva, não do seu poder.

Entre os gritos apavorados do povo e os uivos terríveis das sombras que Richard destruía por atacado, sua mente estava quieta

e calma. Não havia som algum em sua cabeça, só silêncio. O silêncio do que ela ia fazer.

Na calma de uma fração de segundos, que para ela apareceu uma eternidade, ela viu olhar de medo de Toffalar, a compreensão do seu destino. Viu nos olhos deles a tentativa de evitar o fim, sentiu os músculos começando a retesar para lutar contra ela, as mãos começando a lenta e desesperada jornada para a garganta da moça.

Mas Toffalar não tinha chance. Kahlan estava no controle. O tempo lhe pertencia. Ele lhe pertencia. Não sentiu pena. Nem remorso. Só uma calma mortal.

Como havia feito varias vezes sem conta antes, calmamente a Madre Confessora relaxou a força da mão. Libertando afinal, seu poder atacou o corpo de Toffalar.

Um duro impacto no ar, um trovão se som. A água nas poças em volta deles dançou, atirando gotas de lama no ar.

Toffalar arregalou os olhos. Os músculos do seu rosto relaxaram. Ele abriu a boca.

— *Senhora!*- Murmurou ele, reverente.

O rosto calmo de Kahlan se crispou de raiva. Com toda a força, empurrou Toffalar para trás, para o circulo de sombras em volta do Richard, e Siddin. Sacudindo os braços, ele caiu no meio das sombras e gritou antes de cair na lama. O contato abriu uma pequena brecha no circulo de sombras. Sem hesitar, ela correu e passou por ele um segundo antes de a abertura se fechar outra vez.

Kahlan se atirou para Siddin.

— Depressa! — Gritou Richard.

Siddin não olhou para ela, seus olhos estavam fixos nas sombras, sua boca aberta, todos os seus músculos paralisados, Kahlan tentou tirar a pedra da mãozinha fechada, mas os dedos se fechavam sobre ela com força do medo. Tirou a bolsa da outra mão dele. Segurando a bolsa e o pulso dele com a mão esquerda, Kahlan começou a soltar com a direita, os dedinhos que envolviam a pedra, pedindo a ele o tempo todo para abrir a mão. Ele não a ouviu. O sangue escorria do braço dela para a mão trêmula, misturando-se com a chuva, tornando seus dedos escorregadios.

A mão de uma sombra tentou tocar seu rosto. Ela recuou. A espada passou pela frente dela e atacou a sombra que juntou seus gritos de dor aos das outras. Os olhos de Siddin estavam fixos nas sombras, todos os seus músculos rígidos. Richard estava ao lado dela brandindo a espada com um movimento circular. Não tinha mais para onde recuar. Agora eram só os três. Os dedos de Siddin não se abriam.

Cerrando os dentes, com um esforço que provocou uma dor lancinante no ferimento do seu braço, Kahlan finalmente arrancou a pedra da mão de Siddin. Por causa do sangue e da lama, a pedra saltou dos seus dedos como uma semente de melão e caiu na lama ao lado do joelho dela. Imediatamente sua mão estava sobre ela e Kahlan a apanhou. Enfiou a pedra na bolsa e amarrou as tiras de couro. Ofegante, olhou para cima.

As sombras pararam. Ela ouvia a respiração acelerada de Richard enquanto ele continuava brandindo a espada contra elas. Lentamente a princípio, as sombras começaram a recuar, como se estivessem confusas, perdidas, procurando. Então se dissolveram no ar, voltando para o mundo subterrâneo de onde tinham vindo. Num instante, desapareceram. Exceto pelo corpo de Toffalar, os três estavam numa área de lama vazia.

Kahlan, com a chuva escorrendo pelo rosto, pegou Siddin no colo e o abraçou com força quando ele começou a chorar. Exausto, Richard fechou os olhos, caiu de joelhos e sentou-se nos calcanhares, de cabeça baixa, ofegante.

— *Kahlan* — choramingou Siddin-, *eles estavam me chamando.*

— *Eu sei* — murmurou ela, beijando a orelha dele-, *tudo está bem agora. Você foi muito corajoso. Parecia um caçador.*

Ele passou o braço em volta do pescoço dela e Kahlan o consolou. Ela estava fraca, trêmula. Tinham quase perdido a vida para salvar apenas uma outra vida. Uma coisa que ela disse que o Seeker nunca deveria fazer, mas tinham feito Sem pensar duas vezes. Como podia não tentar? Com os braços de Siddin em volta do seu pescoço, tudo aquilo valia a pena. Richard ainda segurava a espada com as duas mãos, a ponta enfiada na lama. Kahlan pôs a mão no ombro dele.

Sentindo que o tocavam, ele levantou a cabeça e a espada se virou rapidamente para ela, parando na frente do seu rosto, Kahlan pulou, surpresa. A fúria se acendeu nos olhos de Richard.

— Richard- disse ela, assustada-, sou eu. Acabou. Não queria assustar você.

Ele relaxou o músculo e caiu de lado na lama.

— Desculpe — disse ele, tentando tomar fôlego. — Quando sua mão tocou em mim... acho que pensei que era uma sombra.

De repente, estavam rodeados de pernas. Ela ergueu os olhos. O homem Pássaro estava ali, bem como Savidlin e Weselan. Weselan soluçava alto. Kahlan se levantou e deu Siddin a ela. Weselan o passou para o marido e abraçou Kahlan, beijando o rosto dela muitas vezes.

—*Obrigado, Madre Confessora, muito obrigada por salvar meu filho-* disse ela chorando- *Obrigada, Kahlan, muito obrigada.*

— *Eu sei, eu sei.* — Kahlan retribuiu o abraço. — *Está tudo bem agora.*

Weselan pegou Siddin outra vez no colo. Kahlan viu Toffalar caído perto, morto. Ela se sentou outra vez na lama, exausta, dobrou as pernas e as abraçou.

Encostou o rosto nos joelhos, perdendo o controle, e começou a chorar. Não por ter matado Toffalar, mas por ter hesitado. Quase custou sua vida, quase custou a vida de Richard e Siddin — de todos eles. Ela quase deu a vitória a Rahl porque não queria que Richard visse o que ia fazer e hesitou. Foi a coisa mais idiota que já tinha feito em toda a sua vida, a não ser não contar a Richard que era uma Confessora. Ela chorou com lágrimas de frustração e soluços dolorosos.

Alguém pôs a mão debaixo de seu braço bom e a levantou. Era o Homem Pássaro. Kahlan mordeu o lábio trêmulo, obrigando- se a parar de chorar. Não podia demonstrar fraqueza àquele povo. Ela era uma Confessora.

— *Muito bem, Madre Confessora* — disse ele, pegando uma tira de pano das mãos de um dos seus homens e passando em volta do ferimento dela.

Kahlan levantou a cabeça.

— *Muito obrigada, honrado ancião.*

— *Isto precisa ser costurado. Chamarei a mais dedicada das nossas curandeiras para fazer isso.*

Ela ficou imóvel enquanto ele apertava a atadura, provocando ondas de dor no corte profundo. O Homem Pássaro olhou para Richard, que parecia contente em ficar deitado de costas na lama, como se estivesse na cama mais confortável do mundo.

O Homem Pássaro ergueu uma sobancelha para ela e indicou Richard.

— *Seu aviso de que eu não deveria dar ao Seeker motivo para desembainhar a espada com raiva é tão verdadeiro quanto uma flecha do melhor arqueiro* — disse ele com olhar malicioso, os cantos da boca curvados num sorriso. Olhou para o Seeker. — *Você também deu um belo espetáculo, Richard o Esquentado. Felizmente os maus espíritos não aprenderam a usar a espada.*

— O que ele disse? — perguntou Richard.

Kahlan traduziu e ele sorriu da piadinha. Levantou-se e embainhou a espada. Tirou a bolsa da mão de Kahlan. Ela nem tinha percebido que ainda a segurava com força. Richard a guardou no bolso.

— Que eu nunca encontre espíritos armados com espadas.

O Homem Pássaro concordou, inclinando a cabeça.

— *E agora vamos aos negócios.*

Abaixou-se e puxou a pele de coiole do corpo de Toffalar. O corpo rolou na lama. Ele de voltou para os caçadores.

— *Enterrem o corpo.* — Entrecerrou os olhos. — *Todo ele.*

Os homens se entreolharam, hesitantes.

— *Ancião, quer dizer tudo, menos o crânio.*

— *Eu quis dizer exatamente o que disse. Só conservamos o crânio dos anciãos dignos, para lembrar da sua sabedoria. Não guardamos os crânio dos tolos.*

A multidão sentiu um arrepio. Era simplesmente a pior coisa que se podia fazer a um ancião, uma desonra de mais alta ordem. Significava que sua vida não havia valido coisa alguma. Os homens assentiram. Ninguém defendeu o ancião morto, nem os cinco outros.

— *Agora estamos com um ancião a menos-* anunciou o Homem Pássaro. Olhou lentamente para os olhos dos homens à sua volta, depois empertigou o corpo e jogou a pele de coiole no peito de Savidlin. — *Escolho você.*

Savidlin pôs as mãos em volta da pele enlameada com reverencia devida a uma coroa de ouro e sorriu com orgulho para o Homem Pássaro.

— *Você tem alguma coisa a dizer ao nosso povo, como seu mais novo ancião?*

Não era uma pergunta, mas um comando.

Savidlin se adiantou e ficou entre Kahlan e Richard. Pôs a pele nos ombros, sorrindo com orgulho para Weselan e dirigiu-se ao seu povo. Kahlan olhou em volta e viu que todo o povoado estava ali.

— *Mais honradas entre nós-* disse ele ao Homem Pássaro-, *essas duas pessoas agiram generosamente em defesa do nosso povo. Podiam ter nos deixado nos defender sozinhos, depois de termos dado as costas a eles. Em vez disso, nos mostraram que tipo de pessoas são. São tão bons quanto os melhores de nós.* — Quase todos na multidão inclinaram a cabeça, concordando. — *peço que os declarem membros do Povo da Lama.*

O Homem Pássaro sorriu. O sorriso se evaporou quando olhou para os outros cinco anciãos.

Embora disfarçasse bem, Kahlan viu cintilar nos olhos dele o fantasma da ira — *Adiantem-se.* — Eles se entreolharam e obedeceram. — *o pedido de Savidlin é extraordinário. Deve ser unânime. Vocês pedem a mesma coisa?*

Savidlin foi até os arqueiros e pegou o arco de um deles. Pôs uma flecha do arco com os olhos fixos nos anciãos. Esticou a corda e ficou na frente dos cinco. — *Façam o pedido. Ou novos anciãos o farão.*

Carrancudos, eles olharam para Savidlin. O Homem Pássaro não fez movimento para interferir. Houve um longo silêncio enquanto a multidão esperava, fascinada. Finalmente, Calvus deu um passo à frente. Pôs a mão no arco de Savidlin e gentilmente o baixou.

— *Por favor, Savidlin, permita que falemos com o coração, não ameaçados por uma flecha.*

— *Fale então.*

Caldus parou à frente de Richard e olhou nos olhos dele.

— *A coisa mais difícil para um homem, especialmente um homem velho — disse ele suavemente, esperando que Kahlan traduzisse — é admitir que foi tolo e egoísta. Você não agiu como tolo e nem egoísta. Vocês dois são melhor exemplo do Povo da Lama. Por favor Richard, o Esquentado, e Madre Confessora, nosso povo precisa de vocês —* Ergueu as mãos com as palmas para cima.
— *Se não me consideram digno de fazer esse pedido por vocês, por favor, eliminem-me, para que um homem melhor possa fazê-lo.*

Inclinando a cabeça, ele se ajoelhou à frente de Richard e Kahlan. Ela traduziu palavra por palavra, omitindo apenas o próprio título. Os outros quatro anciãos se ajoelharam ao lado dele, acrescentando se pedido sincero ao de Caldus. Kahlan suspirou, aliviada. Finalmente tinham o que queriam, aquilo de que precisavam.

Richard ficou à frente dos homens, calado, com os braços cruzados, olhando para as cabeças deles. Ela não podia entender por que ele não dizia que estava bem e os mandava levantar. Ninguém se mexeu. O que estava fazendo? O que estava esperando? Tudo tinha acabado. Por que ele não aceitava a contrição dos anciãos?

Kahlan viu os músculos tensos do rosto dele. Ela ficou gelada. Reconheceu o olhar. A fúria. Aqueles homens tinham cruzado a linha contra ele. Contra ela. Lembrou de como ele embainhou a espada na última vez em que falou com eles, naquele mesmo dia. Foi um gesto de finalidade e Richard estava sendo sincero, não estava apenas pensando. Pensava em matar.

Richard descruzou o braço e levou a mão ao punho da espada. A arma saiu da bainha lenta e suavemente, como entrara na última vez. O som agudo do aço anunciou a chegada da lâmina no ar silencioso, provocando um doloroso arrepio nos ombros e na nuca de Kahlan. Ela viu o peito de Richard arfando.

Kahlan olhou rapidamente para o Homem Pássaro. Ele não se moveu, nem tinha intenção de se mover. Richard não sabia, mas pela lei do Povo da Lama, aqueles homens lhe pertenciam para

matar, se quisesse, não foi uma oferta falsa da parte deles. Savidlin não estava blefando também, teria matado os anciãos. Sem hesitar. Força, para o povo da Lama, significava força para matar o adversário. Aqueles homens já estavam mortos aos olhos do povo e só Richard podia devolver-lhes suas vidas.

Porém a lei era irrelevante. O Seeker era por si próprio uma lei, respondendo somente a ele mesmo. Ninguém podia detê-lo.

Com as juntas das mãos esbranquiçadas, Richard empunhou a espada sobre as cabeças dos anciãos. Kahlan viu a cólera crescer nele, a necessidade ardente, a fúria.

Tudo parecia um sonho que ela só podia ver inerte, um sonho que não podia impedir.

Kahlan pensou em todos os que ela sabia que já estavam mortos, tanto inocentes quanto os que tinham dado a vida tentando deter Darken Rahl. Dennee, todas as outras Confessoras, os magos, Shar, o fogo-fátuo, talvez Zedd e Chase.

Ela compreendeu.

Richard não estava decidindo se devia matar os anciãos, mas se ousaria deixá-los vivos.

Podia confiar àqueles homens a sua chance de deter Rahl, confiar na sinceridade deles? Podia confiar a eles sua vida? Ou formaria um novo conselho de anciãos mais interessantes no seu sucesso?

Se não podia confiar naqueles homens para indicar a direção certa contra Rahl, teria de matá-los, substituindo-os por homens que julgava estar ao seu lado. Deter Rahl era tudo que importava. As vidas daqueles homens deviam ser tiradas se houvesse alguma chance de que prejudicariam seu sucesso. Kahlan sabia que aquilo estava certo. Não era menos do que ela teria feito, nada menos do que o Seeker devia fazer.

Ela o viu ali parado na frente dos anciãos. A chuva tinha passado. O suor escorria do rosto de Richard. Ela se lembrou da dor sofrida por ele quando matou o último homem do quad. Viu a ira crescer, esperando que fosse suficiente para protegê-lo do que ia fazer.

Kahlan compreendeu por que um Seeker era tão temido. Aquilo não era um jogo. Era sério, Richard estava perdido nele mesmo, com a magia. Se alguém tentasse detê-lo naquele momento ele mataria também. Se, realmente, esse alguém conseguisse passar por ela.

A lâmina da espada estava agora na frente do rosto de Richard. Ele inclinou a cabeça para trás. Fechou os olhos. Estremeceu de fúria. Os cinco imóveis, ajoelhados diante do Seeker.

Kahlan lembrou do homem que Richard matara, lembrou como a espada explodiu, cortando a cabeça do homem. Lembrou-se do sangue por toda parte. Richard o matou por causa de uma ameaça direta. Matar ou ser morto, não importando se a ameaça era contra ela ou contra ele.

Mas isso era uma ameaça indireta, um modo diferente de matar. Muito diferente. Isso era uma execução. E Richard era juiz e executor.

Richard abaixou outra vez a espada. Olhou severamente para os anciãos, fechou o punho e passou a lâmina no lado de dentro do braço. Virou a lâmina, molhando com o sangue os dois lados, até pingar de ponta.

Kahlan olhou em volta rapidamente. O Povo da Lama, petrificado, assistia ao drama mortal sem querer assistir, mas incapaz de desviar os olhos. Ninguém falava. Ninguém se movia. Ninguém sequer piscava os olhos.

Todos acompanharam o movimento de Richard quando ele ergueu a espada outra vez, encostando-a na testa.

— Lâmina, seja verdadeira neste dia — murmurou ele.

O sangue brilhou na sua mão esquerda. Kahlan o viu estremecer. A espada cintilou entre o vermelho do sangue. Richard olhou para os cinco homens.

— Olhe para mim — disse ele para Calvus. O ancião não se moveu. — Olhe para mim enquanto faço isso — gritou ele. — Olhe nos meus olhos! Calvus continuou imóvel.

— Richard — disse Kahlan. Ele olhou furioso para ela. Olhou de um modo diferente. A magia dançava nos olhos dele. Com voz calma, sem emoção, ela disse: — Ele não pode compreender você.

— Então, diga a ele.

— *Caldus*. — Caldus olhou para ela. — *O Seeker quer que você olhe para ele enquanto ele faz isso.*

Caldus não respondeu, mas simplesmente olhou para o Richard, preso pelo olhar do Seeker.

Richard respirou profundamente quando a espada se ergueu no ar. Ela viu a ponta parar por um breve momento. Alguns na multidão desviaram os olhos, outros tamparam os olhos dos filhos. Kahlan prendeu a respiração e se virou de lado, fortalecendo-se para enfrentar os fragmentos de tudo aquilo.

Com um grito, o Seeker brandiu a Espada da Verdade. A ponta sibilou no ar. Da multidão subiu uma exclamação abafada.

A espada parou no ar, a poucos centímetros do rosto de Caldus, como tinha parado na primeira vez em que Richard a usou, quando Zedd o fez tentar cortar a árvore.

Por uma eternidade, Richard ficou parado, os músculos dos braços rígidos como aço. Então eles finalmente relaxaram, ele afastou a lâmina de Caldus e desviou o olhar severo.

Sem virar a cabeça, ele disse a Kahlan:

— Como se diz na língua deles “devolvo a vocês suas vidas e sua honra”?

Ela respondeu em voz baixa.

— *Caldus, Surin, Arbrin, Bregrimderim, Hajanlet* — disse ele em voz bem alta. — *Devolvo a vocês duas vidas e sua honra.*

Depois de um momento de silêncio, o Povo da Lama explodiu num grito de alegria. Richard embainhou a espada e ajudou os anciãos a se levantarem. Pálidos, eles sorriram, satisfeitos e não pouco aliviados. Voltaram-se para o Homem Pássaro.

— *Fizemos um pedido unânime a você, honrado ancião: O que tem a dizer?*

O Homem Pássaro cruzou os braços. Olhou dos anciãos para Richard e Kahlan.

Seus olhos mostravam a tensão emocional do que acabava de ver. Descruzando os braços, aproximou-se de Richard. O Seeker parecia vazio, exausto. O Homem Pássaro passou os braços pelos ombros dele como que para congratulá-lo por sua coragem, depois pôs a mão no ombro de cada ancião, para que soubessem que

estava tudo bem. Então se virou e começou a andar, esperando que eles o seguissem. Kahlan e Richard atrás dele, Savidlin e os outros anciãos seguindo, uma escolta real.

— Richard- perguntou ela em voz baixa —, você esperava que a espada parasse?

Olhando para frente, Richard respirou profundamente.

— Não.

Foi o que ela pensou. Tentou imaginar o que aquilo significava para ele. Embora não tivesse executado os anciãos, ele esperava, comprometido. Não teria de viver com o ato, mas tinha de viver com a intenção.

Ela imaginava se Richard tinha feito a coisa certa não matando. Sabia o que teria feito no lugar dele: não teria permitido a opção da clemência. Muita coisa estava em jogo. Mas, afinal, Kahlan tinha visto muito mais do que ele. Talvez demais e estava muito preparada para matar. Não se pode matar sempre que há algo em risco, o risco era constante. Tinha de parar em algum lugar.

— Como está o braço?- perguntou ele tirando- a dos seus pensamentos.

— Lateja como louco — admitiu — O Homem Pássaro diz que precisa ser costurado.

Richard olhava deliberadamente para frente, andando ao lado dela.

— Preciso da minha guia — disse ele, em voz baixa, sem emoção. — Você me pregou um susto.

Foi o máximo de reprimenda que ele se permitiu. Kahlan sentiu o rosto em fogo e ficou feliz por ele não estar olhando. Ele não sabia o que ela podia fazer, mas sabia que Kahlan tinha hesitado porque não queria que ele visse. Não perguntou nada quando teve a chance, o direito, como naquele momento, mas respeitou os sentimentos dela. O coração de Kahlan parecia que ia se partir.

O pequeno grupo subiu na plataforma da construção com os postes. Os anciãos ficaram atrás, o Homem Pássaro entre os dois, de frente para o povo.

O Homem Pássaro olhou para ela intensamente.

— *Está preparada para fazer isto?*

— *Como assim?* — perguntou ela, desconfiando do tom de voz dele.

— *Estou dizendo que se vocês dois querem se tornar Povo da Lama, devem fazer o que se espera do Povo da Lama: respeitar suas leis. Nosso modo de vida.*

— *Só eu sei que o que teremos que enfrentar. Espero morrer na procura.* - Manteve a voz deliberadamente severa. — *Já escapei da morte mais vezes do que qualquer pessoa tem direito. O que queremos é salvar o seu povo. Empenhamos nossas vidas nisso. O que mais pode ser pedido do que nossas vidas?*

O Homem Pássaro sabia que ela estava evitando a pergunta, decidindo a não permitir que fosse ignorada.

— *Isto não é uma coisa que faço sem pensar. Faço porque sei que vocês são sinceros na sua luta, que pretendem proteger o meu povo da tempestade que virá, mas preciso da sua ajuda. Você deve concordar com nosso modo de vida. Não para me agradar, mas por respeito ao meu povo. Eles esperam isso.*

Kahlan estava com a boca tão seca que mal podia engolir.

— *Eu não como carne* — mentiu ela. — *Você sabe disso das outras vezes em que estive aqui.*

— *Mas embora seja uma guerreira, você é também mulher, portanto, pode ser desculpada. Para isso tenho poder. Ser Confessora a exclui do outro.* — Seus olhos diziam que era tudo o que ele podia fazer. — *Não o Seeker. Ele precisa fazer essas coisas.*

— *Mas...*

— *Você disse que não vai escolher o Seeker para seu companheiro. Se ele convocar uma reunião, tem que ser como um de nós.*

Kahlan se sentiu acuada. Se abandonasse Richard agora, ele ficaria furioso. Perderíamos para Rahl. Sendo de Westland. Richard não estava habituado aos costumes dos diversos povos de Midlands. Ele talvez não quisesse se conformar. Kahlan não podia correr o risco. Havia muita coisa em jogo. O Homem Pássaro esperou.

— *Faremos o que sua lei exige* — disse ela, tentando não demonstrar o que pensava realmente.

— *Não quer consultar o Seeker sobre o que ele pensa a respeito?*

Ela olhou para longe por cima das cabeças do povo que esperava.

— *Não.*

O Homem Pássaro segurou o queixo dela e a fez olhar para ele.

— *Então será sua responsabilidade ver que ele faça o que deve fazer. Confio na sua palavra.*

A raiva cresceu dentro dela. Richard se inclinou para ela.

— Kahlan o que há? Qual o problema?

Kahlan olhou para Richard, depois para o Homem Pássaro e balançou a cabeça afirmativamente para ele.

— Não é nada. Está tudo bem.

O Homem Pássaro tirou a mão do queixo dela e voltou-se para o seu povo, soprando o apito silencioso que levava pendurado no seu pescoço. Começou a falar da história do Povo da Lama, dos seus costumes, de por que evitavam a influência de estranhos, por que ainda tinham o direito de ser um povo orgulhoso. Enquanto ele falava. Pombos apareceram e pousaram no meio do povo.

Kahlan ouvia sem escutar, imóvel na plataforma, sentindo-se como um animal na armadilha. Quando pensou que tinham conquistado o Povo da Lama e iam ser declarado como dois deles, não achou que teria que concordar com aquilo tudo. Imaginou que a iniciação seria mera formalidade e que Richard poderia pedir uma reunião. Não passou por sua cabeça que seria assim.

Talvez pudesse simplesmente omitir algumas coisas. Ele jamais saberia. Afinal, ele não compreendia a língua. Bastava ela não dizer tudo. Era melhor.

Mas algumas coisas, pensou desanimada, eram óbvias. Sentia as orelhas em fogo e um nó na boca do estômago.

Richard percebeu que ainda não precisava entender as palavras do Homem Pássaro e não pediu que fossem traduzidas. O Homem Pássaro terminou a introdução e chegou à parte importante.

— *Quando estes dois vieram nos procurar, eram estranhos. Por suas ações, provaram que se importam com o nosso povo, provaram*

seu valor. A partir de hoje, todos devem saber que Richard, o Esquentado, e a Confessora Kahlan fazem parte do Povo da Lama.

Kahlan traduziu, omitindo seu título, e o povo aplaudiu. Sorrindo, Richard estendeu a mão para o povo e eles aplaudiram mais. Savidlin bateu amistosamente nas costas dele. O Homem Pássaro apertou de leve os ombros dos dois, como se para amenizar a discussão que acabava de ter com ela.

Kahlan respirou resignada. Logo tudo acabaria e então eles iriam embora, continuando a jornada para deter Rahl. Isso era tudo que importava. Além do mais, ela especialmente não tinha o direito de se aborrecer.

— Há mais uma coisa — continuou o Homem Pássaro. *— Eles não nasceram como Povo da Lama. Kahlan nasceu Confessora, uma questão de hereditariedade, não de escolha. Richard, o Esquentado, nasceu em Westland, no outro lado da fronteira, de modo que é um mistério para nós. Os dois concordam em ser Povo da Lama, honrar nossas leis e nosso modo de vida a partir de hoje, mas devemos compreender que pela primeira vez eles tentam ser o Povo da Lama. Nós vivemos toda a vida como o Povo da Lama, para eles este é o primeiro dia. São como crianças pequenas para nós. Dêem a eles a compreensão que dariam aos nossos filhos e eles farão o melhor possível.*

Um murmúrio subiu da multidão, as cabeças se inclinaram assentindo, todos concordando em considerar as sábias palavras do Homem Pássaro, Kahlan suspirou. O Homem Pássaro lhes concedera uma pequena margem de erro, para o caso de não sair tudo certo. Ele era mesmo sábio. Apertou outra vez de leve o ombro dela e Kahlan pôs a mão sobre a dele, agradecendo.

Richard não perdeu um segundo. Voltou-se para os anciãos.

— Sinto-me honrado em pertencer ao Povo da Lama. Por onde quer que minhas viagens me levem, defenderei a honra do nosso povo, para que tenham orgulho de mim. Neste momento, nosso povo está em perigo. Preciso de ajuda para protegê-lo. Peço um conselho dos videntes. Peço uma reunião.

Kahlan traduziu e todos os anciãos concordaram.

— *Concedido*- disse o Homem Pássaro. — *Precisamos de três dias de preparativos.*

— Honrado ancião- disse Richard, procurando se controlar —, o perigo é grande. Respeito seus costumes, mas não podem fazer isso mais depressa? A vida do nosso povo depende disso.

O Homem Pássaro respirou profundamente, o longo cabelo prateado refletindo a luz tristonha.

— *Nessa circunstância especial faremos o melhor possível para ajudá-lo. Esta noite teremos o banquete, amanhã a noite faremos a reunião. Isso é o mais depressa que podemos fazer. São necessários preparativos para que os anciãos anulem a distancia entre nós e os espíritos.*

Richard também respirou profundamente.

— Amanhã a noite, então.

O Homem Pássaro soprou outra vez o apito e os pombos voaram. Kahlan sentiu que suas esperanças, impossíveis e tolas como eram, voavam com eles.

* * *

Os preparativos começaram imediatamente e Savidlin levou Richard a sua casa para tratar dos ferimentos e se lavar. O Homem Pássaro levou Kahlan à curandeira, para tratar o braço. A atadura improvisada estava encharcada de sangue e o corte muito dolorido. Ele a conduziu por umas passagens estreitas com um braço nos seus ombros. Kahlan ficou satisfeita por ele não falar no banquete.

Deixou- a com uma mulher curvada chamada Nissel, dizendo-lhe para tratar de Kahlan como se fosse filha dele. Nissel sorria pouco, em geral nos momentos mais estranhos, e falava pouco, a não ser para dar instruções. Fique de pé, aqui, levante o braço, abaixe, respire, beba isso, deite ali, recite a Candra. Kahlan não sabia o que era a Candra. Nissel deu de ombros e mandou então que ela equilibrasse pedras chatas uma em cima da outra na barriga, enquanto ela examinava o ferimento. Quando Kahlan sentia dor e as pedras começavam a cair, Nissel ralhava com ela, mandando tentar com mais afinco manter as pedras equilibradas. Kahlan teve de

mastigar folhas amargas, enquanto Nissel tirava a sua roupa e lhe dava banho.

O banho fez mais por ela do que as folhas. Kahlan não se lembrava de banho melhor. Tentou se livrar dos pensamentos deprimentes como estava se livrando da lama. Tentou com todas as forças. Quando Nissel a deixou no banho, lavou a sua roupa e a estendeu em frente ao fogo, onde um pequeno caldeirão fervia uma pasta marrom com cheiro de breu de pinho. Nissel a enxugou, enrolando-a em peles quentes e a fez sentar-se em um banco embutido na parede, perto do fogo. O gosto das folhas pareciam melhorar à medida que ela mascava, mas sua cabeça começou a girar.

— *Nissel, para que são estas folhas?*

Nissel examinava a camisa de Kahlan, achando-a muito curiosa e se virou para ela.

— *Para você relaxar e não sentir o que eu vou fazer. Continue mastigando. Não se preocupe, minha filha. Vai relaxar tanto que nem vai sentir eu costurar.*

Kahlan imediatamente cuspiu as folhas. A mulher olhou para as folhas no chão e ergueu uma sobranceira.

— *Nissel, sou uma Confessora. Se eu relaxar desse modo, não poderei controlar meu poder. Quando você me tocar, posso usá-lo sem querer.*

Nissel ficou intrigada.

— *Mas você dorme, minha filha. Quando dorme, relaxa.*

— *Isso é diferente. Durmo desde que nasci, antes de adquirir o poder. Se eu ficar muito relaxada ou distraída com suas folhas, posso tocar em você sem querer.*

Nissel assentiu, compreendendo. Então ergueu outra vez a sobranceira e se aproximou de Kahlan.

— *Então, como é que você...*

Kahlan olhou para ela com uma expressão que dizia nada e tudo.

De repente, Nissel compreendeu. Ela endireitou o corpo.

— *Ah, agora entendo.*

Acariciou o cabelo de Kahlan, depois foi até a outra extremidade da sala e voltou com um pedaço de couro.

— *Ponha isso entre os dentes.* — Bateu de leve no ombro de kahlan. — *Se você for ferida outra vez, faça questão de ser trazida para Nissel. Vou lembrar e sei o que não devo fazer. Às vezes, para uma curandeira é mais importante saber que não deve ser feito. Talvez para uma Confessora também, não é mesmo?*— Kahlan sorriu, assentindo— *Agora minha filha, morda esse couro para mim.*

Quando terminou, Nissel enxugou o suor do rosto de Kahlan com um pano molhado em água fria. Kahlan estava tão atordoada e nauseada que nem podia se sentar. Nissel a fez ficar deitada enquanto aplicava a pasta marrom e lhe envolvia o braço em ataduras.

— *Você deve dormir um pouco. Chamo você antes do banquete.*

Kahlan pôs a mão no braço dela e sorriu com esforço.

— *Muito obrigada, Nissel.*

Quando acordou, Nissel escovava seu cabelo que já estava seco. Nissel sorriu para ela.

— *Vai ficar difícil escovar seu cabelo enquanto o braço não melhora. Poucas têm a honra de ter um cabelo tão bonito. Achei que você ia querer que estivesse escovado para o banquete. Vai começar logo. Um belo jovem a espera lá fora.*

Kahlan sentou.

— *Há quanto tempo ele está aqui?*

— *Quase o tempo todo. Tentei enxotá-lo com uma vassoura.* — Nissel franziu a testa — *Mas ele não foi embora. Ele é muito teimoso não é?*

— *É*— Sorriu Kahlan.

Nissel a ajudou a vestir a roupa limpa. O braço já não doía tanto. Richard estava encostado, impaciente, na parede da casa e endireitou o corpo quando Kahlan saiu. Ele tinha tomado banho e vestia uma calça simples de pele e uma túnica e, é claro, estava com a espada. Nissel tinha razão: estava muito bonito.

— *Como vai você? Como está o braço? Você está bem?*

— *Estou ótima* — sorriu ela. — Nissel me curou.

Richard beijou o alto da cabeça da velha mulher.

— Obrigada, Nissel. Eu perdôo a vassoura.

Nissel sorriu quando Kahlan traduziu, inclinou-se para ele e o examinou por um tempo tão longo que Richard ficou embaraçado.

— *Devo dar para ele uma poção* — perguntou Nissel a Kahlan — *para fortalecer?*

— *Não* — disse Kahlan, ofendida —, *tenho certeza de que ele está ótimo.*

CAPÍTULO 27



Risos e o som de tambores vinham do centro do povoado quando Richard e Kahlan passaram entre as casas muito juntas e escuras. O céu negro segurou a chuva e o ar úmido e quente trouxe o cheiro da relva molhada que circundava a aldeia. Archotes iluminavam as plataformas das construções com postes e grandes fogueiras na área aberta estalavam e pipocavam, desenhando sombras ondulantes. Kahlan sabia que dava trabalho carregar lenha para cozinhar e para os fornos de cerâmica e as achas eram pequenas. Aquilo era uma extravagância que o Povo da Lama raramente via.

Aromas apetitosos chegavam até ela, levados pelo ar da noite, mas não conseguiam aguçar seu apetite. Mulheres de vestidos de cores vivas, com jovens ao lado, se encarregavam da festa, verificando que tudo corresse bem. Os homens vestiam suas melhores peles, facas cerimoniais nos cinto e o cabelo alisado com lama, no modo tradicional.

Cozinhavam sem parar, enquanto o povo passava pelas fogueiras, experimentando a comida, conversando, contando histórias. A maioria aparentemente cozinhava ou comia. Havia crianças por toda a parte, brincando e correndo, rindo excitadas com a inesperada reunião noturna à luz das fogueiras.

Debaixo de telhados de capim, músicos tocavam tambores, raspavam tábuas onduladas e tocavam tubas em forma de sinos. Os acordes estranhos, a música, que tinha como finalidade chamar os espíritos dos ancestrais para o banquete, chegavam até muito longe nas pastagens. Outros músicos estavam no lado oposto da área aberta, os sons dos dois grupos às vezes se unindo, às vezes se

separando, um chamado o outro num ritmo e toques de sinos ocasionalmente frenéticos. Homens fantasiados, alguns de animais, outros pintados como caçadores estilizados, pulavam e dançavam, representando histórias das lendas do Povo da Lama. Crianças alegres rodeavam os dançarinos, imitando-os e batendo os pés ao ritmo dos tambores. Jovens pares nas áreas escuras assistiam às atividades enquanto namoravam. Kahlan nunca se sentiu tão sozinha.

Savidlin, com a pele de coiole limpa em volta dos ombros, encontrou Kahlan e Richard e os levou com ele, batendo amistosamente nas costas de Richard, para se sentar com os anciãos sob o abrigo. O Homem Pássaro estava, como sempre, com calça e túnica de couro. Era importante o bastante para não precisar usar nada diferente. Weselan estava lá, bem como as mulheres dos outros anciãos, e foi sentar perto de Kahlan, segurando a mão dela e perguntando, com sincero interesse, como estava seu braço. Kahlan não estava acostumada a que as pessoas se preocupassem com ela. Era bom sentir que fazia parte do Povo da Lama, mesmo que fosse só fingimento. Fingimento porque ela era Confessora e, por muito que desejasse o contrário naquele momento, não era verdade e nenhum decreto podia fazer com que fosse. Ela fez como tinha aprendido a fazer quando era ainda muito jovem: ignorar as emoções e pensar na tarefa que tinha pela frente, pensar em Darken Rahl e no pouco tempo que tinham. E pensou em Dennee.

Richard, resignado a ter de esperar outro dia pela reunião, tentava fazer o melhor possível, sorrindo e assentindo aos conselhos que não entendia. O povo passava numa procissão infindável pelo abrigo dos anciãos, para cumprimentar o mais novo deles, com leves tapas no rosto. Kahlan tinha de admitir que eles a tratavam tão bem quanto a Richard.

Bandejas tecidas com fios de tava e pratos de cerâmicas repletos de vários tipos de comida estavam no chão, na frente dos homens sentados com as pernas cruzadas, e as pessoas passavam e os cumprimentavam e algumas se sentavam ao seu lado por algum tempo. Richard experimentou a maior parte da comida, se

lembrando de usar a mão direita. Kahlan mordiscou um pedaço de pão de tava para não parecer desinteressada pela comida.

— Isto é bom — disse Richard, apanhando outra costeleta. — Acho que é porco.

— É javali — disse ela, olhando para os dançarinos.

— E a carne de veado está boa também. Tome, experimente um pedaço — ofereceu ele.

— Não obrigado.

— Você está bem?

— Estou ótima. Só não estou com fome.

Richard deu de ombros e comeu a carne de veado.

Depois de algum tempo, o número das pessoas que se aproximavam para cumprimentá-los diminuiu e elas passaram a se ocupar de outras atividades. Com o canto dos olhos, ela viu o Homem Pássaro levantar a mão, fazendo sinal para alguém que estava longe dele. Kahlan procurava não demonstrar o esforço que fazia para dominar seus sentimentos como sua mãe tinha ensinado: uma expressão de Confessora.

Quatro mulheres jovens, com sorrisos tímidos e cabelos curtos alisados com lama, aproximaram-se. Richard as recebeu com sorrisos, inclinações da cabeça e leves tapas no rosto, como fizera com os outros. Elas ficaram paradas, encostadas umas nas outras, rindo nervosamente e comentando em voz baixa que ele era bonito. Kahlan olhou outra vez para o Homem Pássaro. Ele apenas inclinou brevemente a cabeça.

— Por que elas não vão embora? — perguntou Richard, falando com o canto da boca. — O que elas querem?

— Elas são para você — disse Kahlan, calmamente.

A luz do fogo iluminou o rosto de Richard quando ele olhou para as quatro mulheres.

— Para mim? E o que vou fazer com elas?

Kahlan respirou profundamente e olhou para o fogo por um momento.

— Sou apenas sua guia, Richard. Se precisa de instruções a esse respeito, terá de procurar em outro lugar.

Houve um momento de silêncio.

— As quatro? Para mim?

Kahlan olhou para ele, viu o sorriso maroto e ficou irritada.

— Não. Você deve escolher uma.

— Escolher uma? — disse ele, ainda sorrindo.

Kahlan procurou se consolar, pensando que pelo menos ela não ia criar problemas.

Richard olhou de uma para outra das quatro mulheres.

— Escolher uma. Isso vai ser difícil. Quanto tempo tenho para decidir?

Kahlan olhou outra vez para o fogo, fechou os olhos por um momento e então voltou-se para o Homem Pássaro.

— O Seeker quer saber quanto tempo tem para escolher uma delas.

O homem Pássaro ficou surpreso com a pergunta.

— *Até ele ir se deitar. Então deve escolher uma e dar um filho ao nosso povo. Desse modo, ficaremos unidos pelo sangue.*

Ela traduziu para Richard.

Richard pensou cuidadosamente.

— Muito sábio. — Olhou para o Homem Pássaro sorriu e inclinou a cabeça afirmativamente. — O Homem Pássaro é muito sábio.

— Seeker diz que você é muito sábio — disse Kahlan, tentando controlar a sua voz.

— Bem, é uma decisão difícil. Tenho que pensar. Não é uma coisa que se faça às presas.

Kahlan afastou o cabelo do rosto e voltou-se para as jovens.

— O Seeker está tendo dificuldades para decidir.

Com um largo sorriso, Richard fez sinal para que elas subissem à plataforma. Duas se sentaram de um lado e duas, entre ele e Kahlan, que teve que se afastar um pouco para dar lugar. Elas se inclinaram para ele, pondo as mãos nos seus braços, apalpando os músculos e rindo. Comentaram com Kahlan o quanto ele era alto e ela também e como ele faria filhos altos. Queria saber se ele as achava bonitas. Kahlan disse que não sabia. Pediram para ela perguntar.

Kahlan respirou profundamente outra vez.

— Elas querem saber se você as acha bonitas.

— É claro! São muito bonitas! Todas elas. Por isso não posso decidir. Não acha que são bonitas?

Kahlan não respondeu e disse a elas que o Seeker as achava muito bonitas. Elas sorriram timidamente. O Homem Pássaro e os anciãos pareciam satisfeitos.

Continuavam a sorrir. Tudo estava sob controle. Kahlan olhou desanimadamente para a festa, olhando para os dançarinos sem os ver.

As quatro jovens davam comida na boca de Richard com as mãos e riam. Ele disse a Kahlan que era o melhor banquete que já tinha tido e perguntou se ela não concordava. Engolindo em seco, ela disse que era maravilhoso, e olhou inexpressivamente para longe as fagulhas que subiam para a escuridão.

Depois do que pareceram horas, uma mulher mais velha se aproximou respeitosamente dos anciões com a cabeça abaixada, carregando uma grande bandeja. O Homem Pássaro se serviu primeiro. Algumas das mulheres dos anciãos, sentadas ao lado dos maridos, recusaram.

A mulher levou a bandeja para a frente de Kahlan. Ela recusou delicadamente. A mulher apresentou a bandeja a Richard. Ele tirou um pedaço. As quatro jovens balançaram a cabeça, recusando, e olharam para Richard. Kahlan esperou que ele desse uma mordida, olhou brevemente para o Homem Pássaro e voltou a olhar para o fogo.

— Quer saber, estou tendo muita dificuldade para escolher uma dessas jovens — disse Richard, engolindo a carne. — Será que pode me ajudar, Kahlan? Qual delas devo escolher? O que você acha?

Esforçando-se para diminuir o ritmo da respiração, ela olhou para o rosto sorridente de Richard.

— Você tem razão. É uma escolha difícil. Acho melhor deixar isso para você.

Ele comeu mais um pouco da carne e Kahlan cerrou os dentes e engoliu em seco.

— Isto é meio estranho, jamais comi nada parecido. — Richard fez uma pausa e mudou o tom de voz. — O que é? — A aspereza da

pergunta a assustou e Kahlan quase deu um pulo. Viu o olhar ameaçador de Richard. Kahlan não pretendia dizer, mas o modo com que Richard olhou para ela a fez mudar de idéia.

Perguntou ao Homem Pássaro e olhou outra vez para Richard.

— Ele disse que é um bombeiro.

— Um bombeiro? Que tipo de animal é um bombeiro?

Kahlan olhou para os olhos penetrantes dele e respondeu, com voz suave:

— Um dos homens de Darken Rahl.

— Compreendo. — Richard inclinou o corpo um pouco para trás.

Ele sabia. Kahlan teve certeza de que ele sabia antes de perguntar. Só queria ver se ela ia mentir para ele.

— Quem são esses bombeiros?

Ela perguntou aos anciões como sabiam sobre bombeiros. Savidlin estava mais do que disposto a contar a história. Quando ele terminou, Kahlan se voltou para Richard.

— Bombeiros são os que viajam por todo o país para garantir que seja cumprida a lei de Rahl de não acender fogos. Podem ser extremamente brutais. Savidlin diz que dois deles estiveram aqui há algumas semanas e disseram que acender fogo era contra a lei e os ameaçaram quando o Povo da Lama recusou-se a obedecer à nova lei. Eles ficaram com medo de que os sujeitos voltassem com mais homens. Por isso os mataram. O Povo da Lama acredita que pode adquirir a sabedoria do inimigo comendo sua carne. Para ser um homem entre o Povo da Lama, para ser um deles, você deve comer também, desse modo terá todo o conhecimento que o inimigo tem. É o objetivo principal dos banquetes. Isso e a evocação dos espíritos dos ancestrais.

— E eu comi o bastante para satisfazer aos anciões? — Richard olhou friamente para ela.

Kahlan teve vontade de fugir.

Com um gesto deliberado, Richard largou o pedaço da carne. O sorriso voltou aos seus lábios e ele olhou para as quatro jovens, abraçando as duas que estavam mais perto.

— Kahlan, faça-me um favor. Vá apanhar uma das maçãs da minha mochila. Preciso de alguma coisa familiar para tirar o gosto da boca.

— Suas pernas funcionam — disse ela, secamente.

— Sim, mas preciso dedicar um tempo para resolver qual destas beldades vai dormir comigo.

Levantando-se, Kahlan olhou furiosa para o Homem Pássaro e saiu intempestivamente para a casa de Savidlin. Estava feliz por ficar longe, por não precisar ver aquelas jovens tocando em Richard.

Sem perceber, enfiou as unhas nas palmas das mãos quando passou por aquele povo feliz. Os dançarinos dançavam, os músicos tocavam os tambores, as crianças riam. As pessoas pelas quais passava lhe desejavam boa sorte. Ela queria que alguém a ofendesse, para ter uma desculpa de descarregar sua fúria.

Chegou à casa de Savidlin e se sentou pesadamente na pele que cobria o chão, tentando em vão não chorar. Só alguns minutos, ela pensou, era tudo de que precisava para recobrar o controle. Richard estava fazendo o que o Povo da Lama exigia, o que ela prometera ao Homem Pássaro que ele ia fazer. Não tinha o direito de ficar zangada, de modo algum, Richard não lhe pertencia. Chorou sentidamente. Não tinha direito de se sentir assim, de ficar zangada com ele. Mas estava zangada, estava furiosa.

Lembrou-se do que tinha dito ao Homem Pássaro — problema criado por ela com conseqüências que teria de suportar e que temia.

Richard estava fazendo apenas o necessário para conseguir uma reunião, o necessário para encontrar a caixa e deter Rahl. Kahlan enxugou as lágrimas.

Mas ele não precisava ter tanto prazer em fazer aquilo. Podia fazer sem agir como se...

Tirou uma das maçãs da mochila dele. Não tinha importância. Ela não podia mudar as coisas. Mas não precisava se sentir feliz com isso. Mordeu os lábios e saiu da casa, tentando evitar que seu rosto demonstrasse o que sentia. Ainda bem que estava escuro.

Depois de atravessar a parte mais animada da comemoração, encontrou Richard sem a camisa. As jovens o pintavam com símbolos dos caçadores do Povo da Lama.

Aplicavam lama preta e branca com as mãos, desenhando linhas denteadas no peito dele, anéis em volta dos braços. Pararam quando ela chegou e olhou para elas.

— Tome. — Ela pôs a maça na mão dele e se sentou, carrancuda.

— Eu ainda não decidi. — disse ele, polindo a maçã na perna da calça, olhando de uma jovem para outra. — Kahlan tem certeza de que não tem preferência? Eu preciso da sua ajuda. — Abaixou a voz agora áspera. — Estou surpreso por você não ter escolhido uma delas para mim.

Kahlan olhou para ele, atônita. Ele sabia. Sabia disso também, um compromisso que ela fizera por ele.

— Não. A que você escolher estará bem, tenho certeza. — Olhou para o lado outra vez.

— Kahlan — perguntou ele e esperou que ela virasse para ele —, alguma dessas jovens é parente dos anciãos?

Ela olhou outra vez para as jovens.

— A que está à sua direita. O Homem Pássaro é tio dela.

— Tio! — Com um largo sorriso, Richard continuou a polir a maça na perna da calça. — Bem, então, acho que vou escolher essa. Será um sinal de respeito pelos anciãos escolher a sobrinha do Homem Pássaro.

Segurou a cabeça da moça com as duas mãos e beijou a testa dela. A jovem sorriu feliz. O Homem Pássaro sorriu feliz. As outras foram embora.

Kahlan olhou para o Homem Pássaro e ele a olhou, com expressão solidária. Kahlan virou a cabeça e olhou tristemente para a noite. Então Richard tinha escolhido. Então agora, ela pensou desanimada, os anciãos realizariam uma cerimônia e o feliz casal iria para algum lugar fazer um filho. Ela viu os outros casais andando de mãos dadas, felizes juntos. Com um nó na garganta, Kahlan engoliu as lágrimas que ameaçavam lhe subir aos olhos. Ouviu o estalo quando Richard mordeu sua maçã idiota.

E então ouviu uma exclamação abafada dos anciãos e suas mulheres, depois gritos.

A maçã! Em Midlands frutas vermelhas eram venenosas! Eles não sabiam o que era maçã! Pensavam que Richard estava comendo veneno! Kahlan se virou rapidamente.

Richard estendeu o braço para os anciãos, pedindo silêncio e mandando que ficassem onde estavam. Mas olhou diretamente para Kahlan.

— Diga a eles para ficarem sentados — disse ele, em voz baixa.

Alarmada, ela olhou para os anciãos e traduziu. Eles obedeceram, hesitantes. Richard se inclinou para trás, voltando-se casualmente para eles com um ar inocente.

— Olhem, em Hartland, Westland, de onde venho, comemos estas coisas o tempo todo. — Deu mais algumas mordidas. Eles olhavam arregalados. — Comemos há nem sei quanto tempo. Homens e mulheres comem isto. Temos crianças saudáveis. — Tirou outro pedaço da maçã, virando e olhando enquanto ela traduzia. Mastigou devagar, prolongando a tensão. Olhou para trás, para o Homem Pássaro. — É claro eu talvez ela faça com que a semente de um homem seja veneno para uma mulher que não seja a sua. Ao que eu saiba, nunca experimentei.

Olhou de novo para Kahlan e deu outra mordida na maçã, deixando que absorvessem as palavras que ela traduzia. A jovem ao seu lado estava ficando nervosa. Os anciãos estavam ficando nervosos. O Homem Pássaro não demonstrava emoção. Richard cruzou os braços com um cotovelo apoiado na outra mão para a maçã ficar perto da boca, onde todos podiam ver. Fez menção de dar outra mordida e pariu, pensando em oferecer a fruta à sobrinha do Homem Pássaro. Ela virou a cabeça. Ele olhou outra vez para os anciãos.

— Eu acho muito boa. De verdade. — Deu de ombros. — Mas talvez seja verdade esse negocio de tornar venenosa a semente do homem. Mas não quero que pensem que não estou disposto a cumprir os deveres exigidos para que eu faça parte do Povo da Lama. Estou mais do que disposto. — Passou a ponta do dedo no rosto da jovem. — Garanto a vocês que será uma honra. Esta bela

jovem será perfeita para ter meu filho, estou certo. — Richard deu um suspiro. — Se ela viver, é claro. — Deu outra mordida na maçã.

Os anciãos se entreolharam apreensivos. Ninguém disse nada. O estado de espírito na plataforma mudou radicalmente. Não estavam mais no controle, Richard estava. Aconteceu numa fração de segundo. Agora tinham medo de mover muito mais do que os olhos. Sem olhar para eles, Richard continuou:

— Claro, depende de vocês. Estou disposto a tentar, mas achei que deviam saber sobre os costumes da minha terra natal. Achei que não seria justo não contar. — Então virou-se para eles, as sobrancelhas franzidas, a voz sugerindo ameaça: — Assim, se os anciãos, na sua sabedoria, desejarem pedir que eu não cumpra este dever, compreenderei e, com muita pena, obedecerei ao seu desejo.

Ele continuou olhando firmemente para eles. Savidlin sorriu. Os outros cinco nem pensavam em desafiar Richard e olharam para o Homem Pássaro, procurando orientação. Imóvel, uma gota de suor escorrendo na pele áspera do pescoço, o cabelo prateado tocando os ombros da túnica de pele, ele sustentou o olhar de Richard brevemente. Seus lábios se curvaram num sorriso que chegou aos olhos também e balançou a cabeça afirmativamente para si mesmo.

— *Richard, o Esquentado* — sua voz estava calma e forte, dirigida não só aos anciãos mas também ao povo reunido na frente da plataforma —, *uma vez que você é de outro país e sua semente pode ser veneno para esta jovem...* — ergueu uma sobrancelha e se inclinou um pouco para frente — *... minha sobrinha* — olhou para ela e outra vez para Richard —, *pedimos que não siga essa tradição, que não a tome por esposa. Sinto ter de pedir isso. Sei que você estava ansioso para nos dar um filho.*

Richard inclinou a cabeça, concordando muito sério.

— Sim, eu estava. Mas terei de viver com meu fracasso e tentar fazer com que o Povo da Lama, meu povo, se orgulhe de mim de outros modos. — Ele fechou o negócio com uma condição: eles não podiam voltar atrás agora, ele era um deles agora e nada podia mudar isso.

Os anciãos respiraram aliviados. Todos balançaram a cabeça concordando, satisfeitos por resolver o problema ao gosto dele. A

jovem sorriu para o tio com alívio e foi embora. Richard se voltou para Kahlan, com o rosto inexpressivo.

— Há outras condições que eu desconheço?

— Não. — Kahlan estava confusa. Não sabia se estava feliz porque Richard não se ia casar ou se estava triste porque ele achava que ela o tinha traído.

Richard voltou-se para os anciãos.

— Minha presença ainda é exigida esta noite?

Alegremente, os cinco o dispensaram. Savidlin parecia um pouco desapontado. O Homem Pássaro disse que o Seeker era o grande salvador do seu povo, cumprira seu dever com honra, estava cansado das lutas do dia e tinha licença para sair.

Richard se levantou devagar e ficou de pé, com as botas bem na frente do rosto de Kahlan. Embora sabendo que ele a olhava, Kahlan olhou para o chão.

— Um conselho — disse ele com uma voz que a surpreendeu pela gentileza — uma vez que você nunca teve um amigo antes. Amigos não negociam os direitos dos seus amigos. Nem seus corações.

Kahlan não teve coragem de olhar para ele.

Richard jogou o que sobrou da maçã no colo dela e desapareceu no meio do povo.

* * *

Kahlan ficou sentada na plataforma dos anciãos, envolta em uma névoa de solidão, olhando para seus dedos trêmulos. Os outros olhavam para os dançarinos. Com grande esforço, ela contava as batidas dos tambores para ajudar a controlar a respiração e não chorar. O Homem Pássaro se sentou ao lado dela. Kahlan gostou da companhia.

Com uma sobrancelha erguida, ele se inclinou para ela.

— *Algum dia quero conhecer o mago que nomeou esse homem. Quero saber onde ele encontra esses Seekers.*

Kahlan viu, com surpresa, que ainda podia rir.

— *Algum dia* — disse ela, sorrindo —, *se eu viver e se vencermos, prometo que o trarei aqui para você conhecer. De muitos modos, ele é tão notável quanto Richard.*

Ele ergueu outra vez a sobancelha.

— *Vou afiar meu espírito para me defender nesse encontro.*

Kahlan encostou a cabeça no ombro dele e riu até começar a chorar. Ele passou o braço em volta dos ombros dela.

— *Eu devia ter dado ouvidos a você* — ela soluçou —, *devia ter perguntado o que ele queria. Não tinha o direito de fazer o que fiz.*

— *Sua vontade de deter Darken Rahl a fez fazer o que julgou necessário. Às vezes escolher erradamente é melhor do que não escolher. Você tem a coragem para seguir em frente, o que é raro. Uma pessoa que fica indecisa, incapaz de escolher, nunca chega a parte alguma.*

— *Mas machuca tanto ver Richard zangado comigo.*

— *Vou contar um segredo que você só saberia quando fosse velha demais para aproveitar o que ele ensina.* — Olhos cheios de lágrimas ergueram-se para o sorriso dele. — *Machuca Richard igualmente ficar zangado com você.*

— *É mesmo?*

Ele riu silenciosamente e fez que sim com a cabeça.

— *Acredite, minha filha.*

— *Eu não tinha o direito. Devia ter visto isso antes. Sinto tanto ter feito isso.*

— *Não diga isso para mim. Diga para ele.*

Kahlan se afastou um pouco dele e olhou para o rosto enrugado do Homem Pássaro.

— *Acho que vou fazer isso. Obrigada, honrado ancião.*

— *E, quando se desculpar, apresente minhas desculpas também.*

— *Por quê?* — perguntou Kahlan, intrigada.

Ele suspirou.

— *O fato de ser velho, de ser um ancião, não evita que eu tenha idéias idiotas. Hoje eu também cometi um erro, com Richard e com minha sobrinha. Eu também não tinha o direito. Agradeça a ele por mim, por evitar que eu impusesse ações que eu devia*

questionar, mas não questionei. — Tirou o apito do pescoço. — *Dê a ele este presente, com meu agradecimento por abrir meus olhos. Que isto lhe sirva bem. Amanhã mostro a ele como deve ser usado.*

— *Mas você precisa dele para chamar os pássaros.*

Ele sorriu.

— *Eu tenho outros. Vá agora.* — Kahlan segurou o apito com força e enxugou as lágrimas do rosto.

— *Em toda a minha vida, quase nunca chorei. Desde que a fronteira de D'Hara ruiu, parece que é tudo que faço.*

— *O que nós todos fazemos, minha filha. Vá.*

Com um beijo rápido no rosto dele, Kahlan foi embora. Procurou na área aberta mas não viu nem sinal de Richard. As pessoas a quem perguntou não o tinham visto. Ela andou em círculos, procurando. Onde ele estava? Crianças tentavam fazer com que Kahlan dançasse com elas, as pessoas lhe ofereciam comida, outras queriam conversar. Delicadamente, ela se livrou de todos.

Finalmente foi para a casa de Savidlin, quase certa de que ele estaria lá. Mas a casa estava vazia. Kahlan se sentou no chão, pensativa. Richard teria ido embora sem ela? Entrou em pânico. Procurou em volta. Não. A mochila estava ali onde ela a deixara quando foi apanhar a maçã. Além disso, ele não partiria antes da reunião.

Então lembrou. Sabia onde ele estava. Kahlan sorriu, tirou uma das maçãs da mochila dele e foi para os corredores escuros entre as casas do povoado do Povo da Lama, para a casa dos espíritos.

Uma luz se acendeu de repente no escuro, iluminando as paredes em volta dela. A princípio a moça não sabia o que era, mas então, olhando entre as casas, viu o relâmpago. Relâmpagos no horizonte, em todas as direções, em toda a volta, estendendo os dedos furiosos no céu para as nuvens escuras, iluminando-as de dentro para fora com cores escaldantes. Sem trovão. Então, desapareceu, deixando tudo escuro outra vez.

Aquele tempo estranho nunca mais ia acabar, ela pensou. Será que algum dia veria as estrelas outra vez, ou o sol? Os magos e suas nuvens!, Kahlan pensou, balançando a cabeça. Imaginou se jamais

veria Zedd de novo. Pelo menos as nuvens protegiam Richard contra Darken Rahl.

A casa dos espíritos estava escura, longe do som e da atividade do banquete. Cautelosamente, Kahlan abriu a porta. Richard estava sentado no chão à frente do fogo, a espada na bainha ao seu lado. Ele não se voltou quando ouviu o barulho.

— Sua guia deseja falar com você — ela disse.

A porta rangeu quando ela a fechou. Kahlan se sentou nos calcanhares ao lado dele, com o coração disparado.

— E o que minha guia deseja me dizer? — Ele sorriu, ela pensou sem querer.

— Que ela cometeu um erro — disse ela suavemente, tirando um fiapo da perna da calça. — E que está muito arrependida. Muito, muito mesmo. Não apenas pelo que fez, mas especialmente por não ter confiado em você.

Richard abraçava os joelhos dobrados, as mãos cruzadas. Richard se virou para ela, com brilho quente e vermelho do fogo refletindo nos olhos bondosos.

— Eu tinha ensaiado um longo discurso. Mas agora não consigo lembrar nem uma palavra. Você tem esse efeito em mim — ele sorriu outra vez. — Desculpas aceitas.

Kahlan respirou aliviada. Era como se os pedaços do seu coração tivessem sido juntados outra vez. Olhou para ele.

— Era um bom discurso?

O sorriso ficou mais largo.

— Pareceu, na ocasião, mas agora não acho que fosse bom.

— Você é muito bom para discursos. Quase matou de medo os anciãos, incluindo o Homem Pássaro. — Estendendo o braço, ela passou o apito com a tira de couro pela cabeça dele.

Descruzando as mãos, ele tocou no apito.

— Para que isto?

— É um presente do Homem Pássaro, com um pedido de desculpas pelo que ele tentou obrigar você a fazer. Ele disse que também não tinha o direito e quer agradecer a você com este presente por abrir os olhos dele. Amanhã ele ensina como usar. — Kahlan se sentou de costas para o fogo, de frente para Richard,

muito perto dele. A noite estava quente e com o calor do fogo a pele de Richard brilhava de suor. Os símbolos pintados no seu peito e em volta do braço davam-lhe uma aparência selvagem. — Você tem jeito para abrir os olhos dos outros — disse ela. — Acho que deve ter usado magia.

— Talvez tenha usado. Zedd diz que às vezes um truque é a melhor magia.

A voz dele ressoou profundamente dentro dela, dando-lhe uma sensação de fraqueza.

— E Adie disse que você tem a magia da língua. — murmurou ela.

O olhar de Richard parecia penetrar nela, empalando-a com sua força, acelerando sua respiração. Nunca se sentira tão segura, tão relaxada e tão tensa ao mesmo tempo. Um sentimento confuso.

Seus olhos se deliciaram com o rosto dele, com a forma do nariz, o ângulo da face, a linha do queixo. Pararam nos lábios. De repente, Kahlan percebeu que a casa dos espíritos estava quente. Sentia a cabeça vazia.

Olhando outra vez nos olhos dele, tirou a maçã do bolso e deu uma dentada suculenta, arrastando os dentes na polpa. Com um movimento fluido e impulsivo, ela levou a maçã à boca de Richard e segurou para ele dar uma mordida grande e molhada. Seria bom se ele pudesse pôr os lábios daquele modo nos seus, ela pensou.

Por que não? Seria seu destino morrer naquela aventura sem ter a permissão para ser mulher? Será que tinha de ser somente guerreira? Lutar pela felicidade de todos, exceto pela sua? Os Seekers, nos melhores tempos, morriam cedo demais e os tempos não eram dos melhores.

Era o fim dos tempos.

Kahlan sofria só em pensar na morte. Sofria pensando na morte de Richard.

Apertou a maçã contra os dentes dele quando o olhou. Mesmo que ela o possuísse, Richard podia continuar lutando ao seu lado, ela pensou, talvez até com maior determinação. Seria por motivos diferentes, mas ele seria tão letal quanto agora, talvez mais. Porém

seria diferente, não a mesma pessoa. Essa pessoa desaparecia para sempre.

Mas pelo menos seria dela. Kahlan o desejava tão desesperadamente, como jamais desejara qualquer coisa antes, que chegava a doer. Deviam morrer sem ter vivido? A necessidade que tinha dele era como um formigamento em todo o seu corpo.

Com ar de brincadeira, tirou a maçã da boca de Richard. O suco escorreu pelo queixo. Lenta e deliberadamente, ela se inclinou e lambeu o suco doce. Ele não se moveu. Seus rostos estavam a poucos centímetros um do outro. Ela partilhava a respiração dele, rápida e quente. Estavam tão perto que quase não podia focalizar os olhos de Richard. Kahlan engoliu o suco doce.

A razão evaporou-se rapidamente, substituída por sentimentos que a tantalizavam com promessas, dominavam-na com uma necessidade escaldante.

Kahlan largou a maçã, levou os dedos molhados aos lábios dele e observou, passando a língua no lábio superior. Richard deixou os dedos dela entrarem na sua boca, sugando o suco devagar, de um dedo de cada vez. Kahlan estremeceu sentindo o interior da boca de Richard, molhado e quente.

Um leve som saiu dos lábios dela. O coração lhe ressoou nos ouvidos. Seu peito arfou. Passou os dedos molhados no queixo dele, no pescoço, no peito, levemente delineando o contorno dos símbolos pintados, sentindo os montes e vales.

Ajoelhada em cima de Richard, Kahlan apertou de leve os mamilos dele, acariciou o peito e fechou os olhos por um momento, cerrando os dentes. Gentilmente, empurrou-o para trás. Ele se deitou sem protesto. Kahlan deitou em cima, com a mão apoiada no peito dele. A sensação a surpreendeu, a suavidade da pele, a umidade do suor, a aspereza dos pêlos, o calor. O peito de Richard subia e descia com a respiração pesada, com a vida.

Com um joelho perto do quadril de Richard, ela pôs o outro entre as pernas dele, olhos nos olhos, seu cabelo cascadeando em volta do rosto dele, sempre apoiada no peito forte, sem querer se mover, sem querer perder a conexão com a carne úmida. Uma conexão que incendiava com seu calor.

Entre os joelhos dela, os músculos do quadril de Richard retesaram, acelerando mais ainda sua pulsação. Kahlan abriu a boca para respirar. Perdeu-se nos olhos dele, que pareciam atravessar sua alma, desnudando-a, inundando de fogo todo o seu corpo.

Com a outra mão, desabotoou a camisa e a tirou de dentro da calça.

Pôs a mão na nuca do homem, sempre com o corpo levantado, não encostado no dele, apoiada com a outra mão no peito. Passou os dedos pelo cabelo molhado e segurou com força a cabeça de Richard contra o chão.

Ele pôs a mão grande e forte debaixo do camisão dela, nas costas, acariciando em pequenos círculos, percorrendo a linha da espinha, fazendo-a estremecer, parando entre as omoplatas. Com os olhos semicerrados, ela curvou o corpo para a mão macia e quente, querendo que Richard a puxasse para ele. Kahlan respirava rapidamente, quase ofegante.

Levou o joelho para cima da perna dele. Sons leves escapavam da sua respiração. O peito de Richard arfou. Debaixo dela, Richard nunca lhe pareceu tão grande.

— Eu quero você — murmurou ela.

Abaixou a cabeça. Roçou os lábios nos dele.

Uma expressão de dor apareceu nos olhos de Richard.

— Só se antes me disser o que você é.

Surpresa, Kahlan arregalou os olhos. Moveu um pouco a cabeça para trás. Ela o estava tocando, Richard não podia evitar, ela pensou, não queria que ele tentasse. Tinha somente uma sugestão do seu poder que aos poucos fugia ao seu controle. Kahlan sentia. Encostou outra vez os lábios nos dele, com outro som leve escapando dos seus lábios.

A mão nas suas costas se moveu debaixo do camisão, segurou-lhe uma mecha dos cabelos, puxando de leve, afastando sua cabeça.

— Kahlan. Falo sério. Só se primeiro você me disser.

A razão voltou à sua mente, fria, afogando a paixão. Nunca desejou alguém daquele modo. Como podia tocá-lo com seu poder? Como podia fazer isso com ele? Kahlan se afastou. O que estava fazendo? O que estava pensando?

Ela se sentou nos calcanhares, tirou a mão do peito dele e cobriu a boca com ela. O mundo desmoronou à sua volta. Como podia dizer a ele? Richard ia odiá-la, ela o perderia. Sua cabeça girava.

Richard se sentou e delicadamente pôs a mão no ombro dela.

— Kahlan — disse ele com voz suave, atraindo os olhos dela para os seus —, não precisa dizer se não quiser. Só quando estiver resolvida.

Kahlan se esforçou para não chorar.

— Por favor. — Ela mal podia falar. — Apenas me abrace.

Richard a puxou ternamente para ele, encostou sua cabeça no ombro. Dor, a dor do que ela era, estendeu os dedos gelados outra vez. Ele a abraçou, segurando-a contra o peito, acalentando-a.

— Para isso são os amigos — murmurou ele no ouvido dela.

Kahlan estava vazia demais para chorar.

— Prometo, Richard, que direi. Mas não esta noite. Esta noite apenas me abrace, por favor.

Ele se deitou outra vez devagar, segurando-a contra ele com os braços fortes, e Kahlan mordeu as juntas de uma das mãos e o segurou com força com a outra.

— Quando você quiser. Não antes — prometeu ele.

O horror do que ela era a envolveu com braços frios. Ela estremeceu. Seus olhos se recusaram a fechar por um longo tempo, até que finalmente ela adormeceu; seu último pensamento foi Richard.

CAPÍTULO 28



— *Tente outra vez* — Disse o Homem Pássaro. — *E pare de pensar no pássaro que você quer*- bateu na cabeça de Richard com a mão fechada — *daqui*.- Espetou com o dedo a barriga de Richard. — *Pense daqui!*

Richard assentiu quando Kahlan traduziu e levou o apito aos lábios. Soprou, estufando as bochechas. Como sempre, não houve qualquer som. O Homem Pássaro, Richard e Kahlan olharam para a paisagem plana. Os caçadores que os tinham escoltado giraram as cabeças, nervosos, apoiados nas lanças com as pontas para cima.

Saindo aparentemente do nada, estorninhos, andorinhas e pequenos pássaros do campo desceram, mergulhando em reviravoltas e dirigindo-se para o pequeno grupo. Os caçadores abaixaram as cabeças, rindo. O ar se encheu de pequenos pássaros voando freneticamente, escurecendo o céu. Os caçadores, as gargalhadas, se deitaram no chão e cobriram as cabeças. Richard revirou os olhos. Kahlan virou o rosto, rindo também. O homem Pássaro apressadamente levou seu apito aos lábios e soprou, o cabelo prateado solto no vento, tentando desesperadamente mandar os pássaros embora. Finalmente eles atenderam e desapareceram. O silêncio voltou á planície, exceto, é claro, pelas gargalhadas dos caçadores, rolando no chão.

O Homem Pássaro respirou profundamente e pôs as mãos na cintura.

— *Eu desisto. Estamos tentando o dia inteiro e tudo está como no começo. Richard, o Esquentado* — disse ele —, *você é o pior chamador que já vi. Uma criança pode aprender com três tentativas, mas você não tem respiração suficiente para aprender nem que*

tente pelo resto da vida. É inútil. A única coisa que seu apito diz é: "Venham, tem comida aqui."

— Mas eu estava pensando em falcão. Pensei em todos os tipos de pássaros que você disse, do melhor modo possível.

Quando Kahlan traduziu, os caçadores riram mais ainda. Richard olhou para eles, zangado, mas os homens continuaram a rir. O homem Pássaro cruzou os braços e suspirou.

— Não adianta. o dia está no fim, logo teremos a reunião. — Pôs a mão no ombro do Seeker frustrado. — Fique com o presente. Embora nunca possa ajudar você, guarde como lembrança de que, embora você possa ser melhor do que muita gente em várias coisas, isso até uma criança faz melhor.

Os caçadores riram. Com um suspiro, Richard concordou. Apanharam suas coisas e voltaram para o povoado.

Richard se inclinou para Kahlan.

— Eu estava fazendo o melhor possível. De verdade. Não compreendo.

Kahlan sorriu e segurou a mão dele.

— Tenho certeza disso.

A luz começou a esmaecer, mas o dia nublado fora o mais claro daqueles que ela lembrava havia muito tempo e isso ajudou a animá-los. Porém, o que mais a ajudou, foi o modo com que Richard a tratou. Deixou que ela se refizesse da noite anterior sem pedir nada. Apenas a abraçou, deixando-a em paz.

Embora nada mais tivesse acontecido, ela se sentia mais perto de Richard do que nunca, mas sabia que isso não era bom. Dependia só do seu dilema. Quase cometera um grande erro a noite passada. O maior de sua vida. Ainda bem que ele a tinha tirado da beira do abismo. Ao mesmo tempo, parte dela desejava que isso não tivesse acontecido.

Naquela manhã, quando acordou, não sabia o que ele estava sentindo, se estaria magoado, zangado ou se a odiava. Embora tivesse dormindo a noite toda com o peito nu ao lado dele, se virou de costas, embaraçada, para abotoar o camisã. Disse que ninguém jamais tivera um amigo tão paciente. Disse que só esperava algum dia poder provar que era tão boa amiga quanto ele.

— Você já provou. Depositou sua confiança, sua vida em minhas mãos. Empenhou sua vida para me defender. Que prova melhor posso pedir?

Kahlan se virou de frente para ele e, resistindo ao desejo urgente de beijá-lo, agradeceu sua paciência.

— Mas tenho de admitir- sorriu Richard- que nunca mais vou olhar para as maçãs do mesmo modo.

Isso a fez rir meio embaraçada e os dois riram juntos por longo tempo. De algum modo, sentiu-se melhor e retirou da mente o que podia ter sido um espinho.

Richard parou de andar de repente. Kahlan parou também. Os outros continuaram a andar.

— Richard, o que foi?

— O sol — ele empalideceu. — Por um momento, um raio de sol iluminou meu rosto.

Kahlan se virou para o leste.

— Tudo que vejo são nuvens.

— Estava aqui, uma pequena abertura, porém não a vejo mais.

— Acha que significa alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei. Mas é a primeira vez em que veja uma abertura nas nuvens desde que Zedd as juntou. Talvez não seja nada.

Recomeçaram a andar, os sons dos tambores chegando até eles, levados pelo vento da planície. Quando chegaram ao povoado, estava escuro. O banquete continuava, como continuaria mais uma noite até terminar a reunião. Todos estavam ainda animados, exceto as crianças, muitas das quais andavam de uma lado para outro, sonolentas, ou dormiam nos cantos.

Os seis anciãos estavam na plataforma. Suas mulheres tinham ido embora. Faziam uma refeição servida por mulheres especiais: as únicas cozinheiras a quem era permitido preparar o banquete da reunião. Kahlan as viu servirem uma bebida aos anciãos. Era diferente de todas as outras bebidas do banquete. Os olhos dos seis estavam vidrados, distantes, como se vissem coisas que ninguém mais via. Kahlan sentiu um arrepio.

Os espíritos dos ancestrais estavam com eles. O Homem Pássaro falou com eles. Quando pareceu satisfeito com o que tinham dito, fez um sinal e todos se levantaram, seguindo em fila para a casa dos espíritos. O som dos tambores e das marimbas mudou, provocando calafrios em Kahlan. O Homem Pássaro se aproximou deles, seus olhos mais penetrantes e intensos do que nunca.

— *Está na hora — disse ele. — Richard e eu devemos ir agora.*

— *Como assim, Richard e você? Eu também vou.*

— *Não pode.*

— *Por que?*

— *Porque a reunião é só para homens.*

— *Eu sou a guia do Seeker. Preciso estar lá para traduzir.*

O Homem Pássaro desviou os olhos, incerto.

— *Mas a reunião é só para homens — repetiu, aparentemente não encontrando outro motivo.*

Kahlan cruzou os braços.

— *Muito bem. Essa terá uma mulher.*

Richard olhou dela para o Homem Pássaro e para ela outra vez, sabendo pelo tom de voz que alguma coisa estava acontecendo, mas resolveu não interferir. O Homem Pássaro se inclinou para ela e abaixou a voz.

— *Quando nos encontrarmos com os espíritos, será do modo que eles são.*

Kahlan entrecerrou os olhos.

— *Está dizendo que não podemos estar vestidos?*

Ele respirou profundamente e assentiu.

— *E devemos estar pintados com lama.*

— *Ótimo — disse ela, levantando a cabeça. — Não tenho objeção.*

Ele recuou um pouco.

— *Bem, e o Seeker? Talvez seja bom perguntar a opinião dele.*

Kahlan olhou para ele por longo tempo, depois se voltou para Richard.

— Tenho de explicar uma coisa. Quando uma pessoa convoca uma reunião, às vezes os espíritos fazem perguntas a ela, por intermédio dos anciãos, para terem certeza de estar agindo por uma

causa nobre. Se você responder a uma pergunta de uma modo que o espírito considera desonroso ou inverídico... eles podem matá-lo. Não os anciãos, os espíritos.

— Eu tenho a espada- lembrou ele.

— Não, não tem. Se você quer uma reunião deve fazer como os anciãos: enfrentar os espíritos apenas você mesmo. Não pode usar a espada ou roupa e deve ter o corpo pintado a lama. -Kahlan parou para respirar e pôs o cabelo para trás do ombro. — Se eu não tiver lá para traduzir, você pode ser morto simplesmente por não poder responder a uma pergunta que não compreendeu. Então Rahl vence. Preciso estar lá. Mas, para estar lá, não posso estar vestida. O Homem Pássaro está todo nervoso e quer saber o que você acha disso. Ele espera que você me proíba de ir à reunião.

Richard cruzou os braços e olhou nos olhos dela.

— Acho que você está determinada a ir de um modo ou de outro e tirar a roupa na casa dos espíritos.

Os cantos da boca de Richard se ergueram e seus olhos brilharam. Kahlan mordeu o lábio para não rir. O Homem Pássaro olhou de um para outro, confuso.

— Richard!- Ela disse o nome dele em tom de aviso. — Isto é sério. E não espere muito. Vai estar escuro. — Mas continuava se esforçando para não rir.

Richard ficou sério e disse para o Homem Pássaro: — Eu convoquei a reunião. Preciso de Kahlan lá.

Ela quase podia ver o Homem Pássaro se encolher quando traduziu.

— *Vocês têm me feito ultrapassar todos os limites desde que chegaram — suspirou. — Por que mudar agora? Vamos.*

Lado a lado, Kahlan e Richard acompanharam o Homem Pássaro pelos corredores escuros do povoado, se virando para a direita várias vezes, depois para a esquerda. Richard segurou a mão dela. Kahlan estava muito mais nervosa do que deixava transparecer, ao pensar em ficar nua numa sala com oito homens nus. Mas não ia deixar que Richard fosse à reunião sem ela. Não era hora de deixar escapar uma oportunidade. Tinham trabalhado arduamente e o tempo era curto.

Adotou sua expressão de Confessora.

Antes de chegarem à casa dos espíritos, o Homem Pássaro os fez entrarem, por uma porta estreita, para uma pequena sala em uma casa ao lado. Os outros anciãos estavam lá, sentados no chão, com as pernas cruzadas, olhando para a frente. Ela sorriu para Savidlin, mas ele não retribuiu o sorriso. O Homem Pássaro pegou um pequeno banco e dois potes de argila.

— *Quando eu chamar seu nome, saiam. Esperem o chamado.*

Quando o Homem Pássaro saiu com o bando e as vasilhas, passando de lado pela porta estreita, Kahlan contou a Richard o que ele tinha dito. Depois de algum tempo, Calvus foi chamado e, em seguida, em pequenos intervalos, todos os anciãos, Savidlin por último. Savidlin não falou com eles, nem sequer demonstrou notar sua presença. Os espíritos estavam nos seus olhos.

Kahlan e Richard esperaram em silêncio na sala escura. Ela segurou o salto da bota, tentando não pensar naquilo em que se tinha comprometido, mas incapaz de pensar em outra coisa.

Richard estaria desarmado, sem a espada, sua proteção. Mas Kahlan não estaria sem seu poder. Ela o protegeria. Embora não tivesse dito, essa era a outra razão pela qual precisava estar na reunião. Se alguma coisa saísse errada, ela morreria, não ele, disso tinha certeza. Kahlan se preparou, concentrando-se. Ouviu o Homem Pássaro chamar Richard.

Ele se levantou.

— Esperemos que isto funcione. Caso contrário, estamos numa grande encrenca. Estou satisfeito por você estar aqui. — Era um aviso para ficar alerta.

— Apenas lembre, Richard, eles são o nosso povo agora, pertencemos ao Povo da Lama. Eles querem nos ajudar, farão o melhor possível.

Kahlan ficou sentada, abraçando os joelhos, esperando até seu nome ser chamado e então saiu para a noite escura e fria. O Homem Pássaro estava sentado no pequeno banco, encostado na parede da casa dos espíritos. Kahlan viu que ele estava nu, com símbolos pintados em linhas dentadas, tiras e curvas no corpo todo, o cabelo prateado até os ombros.

Galinhas empoleiradas em um pequeno muro observavam. Um caçador estava ao lado do homem pássaro, tendo aos pés peles de coioote, roupas e a espada de Richard.

— *Tire a roupa* — disse o homem pássaro.

— *O que é isso?*- perguntou ela, apontando para o caçador.

— *Ele está aqui para levar as roupas para a plataforma dos anciãos, para que o povo veja que estamos reunidos. Antes do amanhecer, ele voltará, para que todos saibam que a reunião terminou.*

— *Muito bem, diga a ele para virar de costas.*

O homem pássaro deu a ordem. O caçador obedeceu. Ela abriu a fivela do cinto. Fez uma pausa, olhando para o homem pássaro.

— *Minha filha* — disse ele, suavemente-, *esta noite você não é mulher nem homem. Você é uma pessoa da lama. Esta noite eu não sou homem nem mulher. Sou um espírito guia.*

Kahlan tirou a roupa e ficou na frente dele, sentindo o ar frio da noite no corpo todo. Ele pegou um punhado de lama branca de um dos potes. Sua mão parou na frente dela. Kahlan esperou. Ele estava visivelmente embaraçado. Ver é uma coisa, tocar é outra.

Kahlan estendeu o braço, segurou a mão dele e a encostou com firmeza no seu corpo, sentindo a lama se achatar.

— *Faça* — ordenou ela.

Terminado o trabalho, eles abriram a porta e entraram. Ele se sentou entre os anciãos, ela na frente deles, ao lado de Richard. Linhas brancas e pretas se entrecruzavam diagonalmente no rosto dele, uma máscara que todos usavam para os espíritos. Os crânios da prateleira estavam dispostos no centro do círculo. Um fogo pequeno queimava lentamente na lareira atrás dela, com um cheiro acre estranho. Os anciãos olhavam para a frente enquanto entoavam palavras que ela não entendia. Os olhos distantes do homem pássaro se ergueram. A porta se fechou sozinha.

— *A partir de agora, até o fim, quando começar a amanhecer, ninguém pode sair. A porta está barrada pelos espíritos.*

Kahlan olhou em volta mas não viu nada. Sentiu um arrepio na espinha. O Homem pássaro pôs a mão dentro de um cesto que estava ao seu lado. Tirou uma pequena rã e passou o cesto para

outro ancião. Cada um tirou uma rã e começou a esfregar as costas do animal no peito. Quando o cesto chegou a ela, Kahlan o segurou e olhou para o homem pássaro.

— *O que eu faço com isto?*

— *Essas são rãs de espírito vermelho, muito difíceis de ser encontradas. Têm uma substância nas costas que nos faz esquecer este mundo e nos permite ver os espíritos.*

— *Honrado ancião, eu posso ser uma pessoa do povo da lama, mas sou também Confessora. Devo sempre controlar meu poder. Se eu esquecer este mundo, posso ser incapaz de fazer isso.*

— *É tarde demais para recuar agora. Os espíritos estão conosco. Eles a viram, viram em você os símbolos que abrem seus olhos. Você não pode sair. Se houver alguém aqui cego para eles, os espíritos matarão e roubarão seu espírito. Compreendo seu problema, mas não posso ajudar. Você terá de fazer o melhor possível para controlar seu poder. Se não puder, então um de nós está perdido. É um preço que temos de pagar. Se você quer morrer, deixe a rã no cesto. Se quer deter Darken Rahl, tire.*

Ela olhou para o rosto severo dele e enfiou a mão no cesto. A rã esperneou e chutou a mão dela quando Kahlan passou o cesto a Richard, dizendo-lhe o que devia fazer.

Engolindo em seco, ela passou as costas pegajosas da rã no peito, entre os seios, no lugar onde não havia símbolos pintados, empurrando-a em círculos como os outros tinham feito. Onde a gosma tocava sua pele tinha a sensação de picadas, de aperto. A sensação a envolveu. Os sons dos tambores e das marimbas cresceram no seus ouvidos até parecer até parecer que eram a única coisa que existia no mundo. Seu corpo vibrava com o ritmo. Em sua mente, ela tomou o controle do seu poder, concentrando-se e então, esperando que fosse suficiente, entregou-se.

Todos deram-se as mãos. As paredes da sala desapareceram. Sua consciência ondulava como círculos concêntricos num lago, flutuando, balançando, inclinando-se. Kahlan sentiu que começava a girar com os outros, em volta dos crânios. Foram todos lançados num vazio, no nada. Raios de luz vindos do centro giravam sobre eles.

Vultos se aproximaram de todos os lados. Apavorada, ela percebeu o que eram. As sombras da passagem.

Sem poder gritar, a respiração presa na garganta, ela apertou a mão de Richard. Tinha de protegê-lo. Tentou se levantar, lançar-se sobre ele para que elas não o tocassem.

Mas seu corpo não se movia. Com horror, viu que as mãos das sombras a seguravam. Lutou para se levantar, para proteger Richard. Sua mente disparou, em pânico. Já estava morta?

Não passava de um espírito agora? Incapaz de se mover?

As sombras olharam para ela. Aquelas coisas do desfiladeiro não tinham rosto. Estas tinham. Rostos de povo da lama.

Não eram as sombras da passagem, ela compreendeu com alívio, mas os espíritos dos ancestrais. Kahlan tomou fôlego e dominou o pânico. Relaxou.

— *Quem convoca esta reunião?*

Eravam os espíritos falando. Todos ao mesmo tempo. O som, oco, plano, morto, quase a impediu de respirar. Mas era a boca do homem pássaro que se movia.

— *Quem convoca esta reunião?*- repetiu ele.

— *Este homem*- disse ela-, *este homem ao meu lado. Richard, o Esquentado.*

As sombras flutuaram entre os anciãos, reunindo-se no centro do círculo.

— *Soltem as mãos dele.*

Kahlan e Savidlin soltaram as mãos de Richard. Os espíritos giraram no centro do círculo, depois rapidamente fizeram uma fila e passaram através do corpo de Richard.

Richard inalou o ar, lançou a cabeça para trás e gritou em agonia. Kahlan deu um pulo. Os espíritos pairavam agora atrás dele. Os anciãos fecharam os olhos.

— Richard!

Ele levou a cabeça para a frente.

— Está tudo bem. Eu estou bem — disse com voz rouca, mas claramente ainda sentindo dor.

Os espíritos se moveram em círculo atrás dos anciãos, depois se instalaram nos corpos deles, espíritos e homens no mesmo lugar,

ao mesmo tempo. Os anciãos estavam emoldurados por uma suave linha indefinida. Abriram os olhos.

— *Por que nos chamou?*- perguntou o Homem Pássaro, com a voz oca e harmoniosa.

Kahlan se inclinou um pouco para Richard, sem tirar os olhos do homem pássaro.

— *Eles querem saber por quê você convocou a reunião.*

Richard respirou profundamente algumas vezes, recuperando-se do que eles tinham feito.

— *Convoquei esta reunião porque preciso encontrar um objeto mágico antes que Darken Rahl o encontre. Antes que ele possa usá-lo.*

Kahlan traduzia, enquanto os espíritos falavam com Richard por intermédio dos anciãos.

— *Quantos homens você matou?*- perguntou Savidlin, com a voz dos espíritos.

Richard respondeu sem hesitar:

— Dois.

— *Por quê?* — perguntou Hajanlet.

— Para evitar que me matassem.

— *Os dois?*

Ele pensou por um momento.

— O primeiro matei em autodefesa. O segundo matei para defender uma amiga.

— *Acha que defender uma amiga dá a você o direito de matar?*

- Dessa vez foi a boca de Arbrin que se moveu.

— Sim.

— *E se ele ia matar sua amiga só para defender a vida de um amigo?*

Richard respirou profundamente.

— Qual a finalidade da pergunta?

— *A finalidade é que, de acordo com o que você acredita, é justificado matar em defesa de um amigo, então, se ele estava matando para defender um amigo, ele tinha o direito de matar sua amiga. Tinha justificativa. Uma vez que tinha justificativa, isso anula seu direito, não anula?*

- Nem todas as perguntas têm respostas.
- *Talvez nem todas tenham uma resposta de que você goste.*
- Talvez.

Kahlan percebeu, pelo tom da voz, que Richard começava a se irritar. Todos os olhos dos anciãos espíritos estavam nele.

- *Você teve prazer em matar esse homem?*
- Qual deles?
- *O primeiro.*
- Não.
- *E o segundo?*

Os músculos do rosto de Richard ficaram tensos.

- Qual a finalidade da pergunta?
- *Todas as perguntas têm uma razão diferente para ser feitas.*
- E às vezes as razões não têm nada a ver com a pergunta.
- *Resposta à pergunta.*
- Só se você me disser a razão dela.
- *Você está aqui para nos fazer perguntas. Podemos perguntar suas razões?*
- Parece que sim.
- *Responda à nossa pergunta ou não responderemos à sua.*
- Se eu responder, prometem que responderão à minha?
- *Não estamos aqui para negociar. Estamos aqui porque fomos chamados. Responda à pergunta ou a reunião acaba aqui.*

Richard respirou profundamente, soltando o ar devagar e olhando para o vazio.

— Sim, tive prazer em matar o homem por causa da magia da Espada da Verdade. É assim que funciona. Se eu o tivesse matado de outro modo, sem a espada, não teria sentido prazer.

- *Irrelevante.*
- O quê?
- *"Se" é irrelevante. "Fiz" não é. Então agora você deu duas razões para matar o segundo homem: defender uma amiga e porque você sentiu prazer. Qual é a razão verdadeira?*

— As duas. Matei para defender a vida de uma amiga e por causa da espada tive prazer em matar.

— *E se você não precisasse matar para proteger sua amiga? E se você estivesse enganado no seu julgamento? Se a vida da sua amiga não estivesse de fato em perigo?*

Kahlan ficou tensa. Hesitou um momento antes de traduzir.

— Em minha mente, a ação não é tão importante quanto a intenção. Eu acreditei realmente que a vida de minha amiga corria perigo. Portanto, considerei justificado matar o homem para protegê-la. Eu tinha apenas um momento para agir. Na minha mente, a indecisão resultaria na morte dela.

“Se os espíritos acham que errei ao matar ou que o homem que matei podia ter uma justificativa, o que anularia meu direito, então discordamos. Alguns problemas não têm solução clara. Alguns problemas não nos dão tempo para analisá-los. Tive de agir com o coração. Um homem sábio me disse certa vez que todo assassino se sente justificado em matar. Eu matei para evitar minha morte ou a de um amigo ou a de um inocente. Se vocês acham que isso é errado, digam agora para que possamos dar um fim a essas perguntas e eu possa procurar as respostas de que preciso.”

— *Como dissemos, não estamos aqui para negociar. Você disse que, em sua mente, o ato não é tão importante quanto a intenção. Há alguém que você pretendeu matar, mas não matou?*

O som das vozes deles era doloroso. Kahlan sentiu como se estivesse queimando sua pele.

— Vocês interpretaram erroneamente o contexto do que eu disse. Eu matei porque pensei que tinha de matar, pensei que a intenção dele era matar minha amiga, portanto pensei que devia agir, do contrário ela morreria. Não que minha intenção se equacione com o ato. Provavelmente há uma longa lista de pessoas que, em um ou outro momento, eu tive vontade de matar.

— *Se você teve vontade, por que não matou?*

— Por muitos motivos. Para algumas eu não tinha verdadeira justificativa, era apenas um jogo mental, uma fantasia, para contrabalançar uma injustiça. Mas para algumas, embora me considerasse justificado, consegui escapar sem matar. Outras, bem, simplesmente não matei, isso foi tudo.

— *Os cinco anciãos?*

Richard suspirou.

— Sim.

— *Mas sua intenção era matar.*

Richard não respondeu.

— *Esse é um caso em que a intenção é igual ao ato?*

Richard respondeu: — No meu coração, sim. O fato de ter tido a intenção me feriu quase tanto quanto o ato teria me ferido.

— *Então me parece que não interpretamos suas palavras inteiramente fora do contexto.*

Kahlan viu lágrimas nos olhos de Richard.

— Por que estão fazendo essas perguntas?

— *Para que você quer esse objeto de magia?*

— Para deter Darken Rahl!

— *E como com esse objeto pode detê-lo?*

Richard se inclinou um pouco para trás. Arregalou os olhos. Ele compreendeu. Uma lágrima desceu no seu rosto.

— Porque se eu puder encontrar esse objeto e evitar que vá parar nas mãos dele — murmurou Richard —, ele morrerá. Só assim eu o matarei.

— *O que você está então nos pedindo é ajuda para matar outra pessoa.* — As vozes ecoaram no escuro, em volta de Kahlan.

Richard balançou a cabeça, assentindo.

— *Por isso estamos fazendo essas perguntas. Você está pedindo nossa ajuda para matar. Não acha justo de nossa parte querer saber que tipo de pessoa estaremos ajudando na sua tentativa de matar?*

O suor escorria do rosto de Richard.

— Acho que sim. — Ele fechou os olhos.

— *Por que você quer matar esse homem?*

— Por varias razões.

— *Por que você quer matar esse homem?*

— Porque ele torturou e matou meu pai. Porque ele torturou e matou muitos outros. Porque ele me matará se eu não o matar. Porque ele matará muitos outros se eu não o matar. É o único modo de detê-lo. Não é possível tentar convencê-lo do contrário. Não tenho opção a não ser matá-lo.

— *Considere cuidadosamente a próxima pergunta. Responda com a verdade ou está reunião terminará aqui.*

Richard inclinou a cabeça, assentindo.

— *Qual a razão, acima de todas as outras, pela qual você quer matar esse homem?*

Richard olhou para baixo e fechou os olhos outra vez.

— Porque — murmurou ele, com as lágrimas descendo pelo rosto —, se eu não o matar, ele matará Kahlan.

Kahlan teve a impressão de ter levado um soco no estômago. Mal conseguiu traduzir. Houve um longo silêncio. Richard estava despido em mais de um modo. Ela se revoltou contra o que os espíritos estavam fazendo com ele. Também a perturbava profundamente o que ela estava fazendo com ele. Shar tinha razão.

— *Se Kahlan não fosse um fator, você mesmo assim ia querer matar esse homem?*

— Certamente. Vocês perguntaram a razão acima de todas as outras e eu respondi.

— *Qual é o objeto de magia que você procura?* — perguntaram eles de repente.

— Isso quer dizer que concordam com meus motivos para matar?

— *Não. Quer dizer que, de acordo com nossas razões, resolvemos responder à sua pergunta. Se pudermos. Qual é o objeto de magia que procura?*

— Uma das três caixas de Orden.

Quando Kahlan traduziu, os espíritos gemeram como se sentissem dor.

— *Não nos é permitido responder a essa pergunta. As caixas de Orden estão ativadas. Esta reunião terminou.*

Os anciãos começaram a fechar os olhos. Richard se levantou de um pulo.

— Vão deixar que Darken Rahl mate toda essa gente quando têm o poder de ajudar?

— *Sim.*

— Deixarão que mate seus descendentes, sua carne e seu sangue? Vocês não são os espíritos dos ancestrais do seu povo, são

espíritos traidores!

— *Não é verdade.*

— Então me digam!

— *Não temos permissão.*

— Por favor! Não nos deixem ir sem sua ajuda. Posso fazer mais uma pergunta?

— *Não temos permissão para dizer onde estão as caixas de Orden. É proibido. Pense e faça outra pergunta.*

Richard se sentou e dobrou os joelhos. Esfregou os olhos. Os símbolos pintados em todo o seu corpo o faziam parecer uma criatura selvagem. Cobriu o rosto com as mãos, pensando. Levantou a cabeça bruscamente.

— Vocês não me podem dizer onde estão as caixas. Há outras restrições?

— *Sim.*

— Quantas caixas Darken Rahl já tem?

— *Doas.*

Ele olhou para os anciãos.

— Vocês acabam de revelar onde estão duas das caixas. Isso é proibido — ele os fez lembrar. — Ou talvez seja simplesmente um grau indefinido de intenção.

Silêncio.

— *Essa informação não é restrita. Sua pergunta?*

Richard se inclinou para a frente como um cão farejando a caça.

— Podem me dizer quem sabe onde está a ultima caixa?

Kahlan desconfiou de que Richard sabia a resposta a essa pergunta. Reconheceu o modo de ele cortar o outro lado do pão.

— *Sabemos o nome da pessoa que tem a caixa e os nomes de várias outras pessoas próximas, mas não podemos dizer porque seria o mesmo que dizer onde a caixa está isso é proibido.*

— Então podem me dizer o nome de uma pessoa que não seja Rahl, que não esteja com a ultima caixa, que não esteja perto dela mas que saiba onde ela está?

— *Há uma pessoa cujo nome podemos dizer. Ela sabe onde está a caixa. Se dissermos a você seu nome, isso não o levará à*

caixa, apenas a essa pessoa. Isso é permitido. Dependerá de você, não de nós, conseguir qualquer informação.

— Esta é a minha pergunta: qual o nome dessa pessoa? Digam seu nome.

Quando eles disseram o nome, Kahlan se sobressaltou. Ela não traduziu. Os anciãos estremeceram ao dizer o nome em voz alta.

— Quem é? Qual é o nome? — perguntou Richard para Kahlan. Kahlan ergueu os olhos para ele.

— Estamos mortos — murmurou ela.

— Por quê? Quem é?

Kahlan se fechou.

— É aquela feiticeira, Shota.

— E você sabe onde ela está?

Kahlan fez que sim com a cabeça, apavorada.

— Em Agaden Reach — murmurou ela, como se as palavras tivessem gosto de veneno. — Nem mesmo um mago ousaria ir a Reach.

Richard viu o medo no rosto dela e os anciãos estremecerem, abalados.

— Pois então vamos a Agaden Reach procurar a feiticeira Shota — disse ele com voz firme — e descobrir onde está a caixa.

— *Nós lhes desejamos boa sorte* — os espíritos disseram, pela boca do Homem Pássaro. — *As vidas dos nossos descendentes dependem de vocês.*

— Obrigado pela ajuda, honrados ancestrais — disse Richard. — Farei o melhor possível para deter Rahl. Para ajudar o nosso povo.

— *Você deve usar a cabeça. Darken Rahl é assim. Enfrente Rahl nos termos dele e você perde. Não será fácil. Você terá de sofrer, como nosso povo, como os outros povos, antes de ter pelo menos uma chance de ter sucesso. E, provavelmente, assim mesmo fracassará. Lembre-se de nosso aviso, Richard, o Esquentado.*

— Lembrarei as coisas que disseram. Prometo fazer o melhor possível.

— *Então testaremos a verdade da sua promessa. Vamos dizer mais uma coisa.* — Fizeram uma pausa. — *Darken Rahl está aqui. Ele procura você.*

Kahlan traduziu apressadamente, levantando-se. Richard ficou ao lado dela.

— O quê? Ele está aqui agora? Onde? O que ele está fazendo?

— *Ele está no centro do povoado. Está matando pessoas.*

O medo se apossou de Kahlan. Richard deu um passo à frente.

— Tenho de sair daqui. Preciso da minha espada. Tenho de tentar deter Darken Rahl!

— *Seja como quiser. Mas ouçam primeiro. Sentem-se* — ordenaram eles.

Richard e Kahlan obedeceram, entreolhando-se, de mãos dadas. As lágrimas apareceram nos olhos dela.

— Depressa então — disse Richard.

— *Darken Rahl quer você. Sua espada não pode matá-lo. Esta noite a balança do poder pende para o lado dele. Se você for até lá, ele o matará. Você não terá chance. Para vencer, você deve mudar a balança do poder, uma coisa que não pode fazer esta noite. As pessoas que ele está matando morrerão, quer você saia ou não para lutar contra ele. Muitas mais. Para ter sucesso, você deve ter a coragem de deixar que essas pessoas morram esta noite. Deve se salvar para lutar em outro momento. Deve sofrer essa dor. Deve ouvir sua cabeça, e não sua espada, se quiser ter uma chance de vencer.*

— Mas tenho de sair daqui mais cedo ou mais tarde!

— *Darken Rahl libertou muitos terrores. Ele pode equilibrar muitas coisas, inclusive seu tempo. Ele não tem tempo para esperar a noite inteira. Está confiante, e com razão, de que pode derrotar você a qualquer hora. Não tem motivo para esperar. Logo irá embora para tratar de outros assuntos e deixará para procurar você em outro dia.*

"Os símbolos pintados em você abrem nossos olhos para você, permitindo que o vejamos. Fecham os olhos dele para você. Rahl não pode vê-lo. A não ser que você empunhe sua espada. Isso ele pode ver, então você estará nas mãos dele. Enquanto você tiver os símbolos e a magia da sua espada permanecer na bainha, enquanto estiver com o Povo da Lama, ele não poderá encontrá-lo."

— Mas não posso ficar aqui!

— *Não, se deseja deter Darken Rahl. Quando deixar nosso território, o poder dos símbolos desaparecerá e ele poderá ver você outra vez.*

Richard respirava pesadamente, suas mãos tremiam. Kahlan sentiu que ele estava muito perto de ignorar o aviso, prestes a sair para lutar.

— *A escolha é sua* — disseram os espíritos. — *Espere aqui enquanto ele mata alguns membros do nosso povo e, quando ele se for, vá procurar a caixa para matá-lo. Ou saia agora e não realize coisa alguma.*

Richard fechou os olhos e engoliu em seco. Seu peito arfava com a respiração entrecortada.

— Eu espero — disse ele, com voz quase inaudível.

Kahlan passou os braços em volta do pescoço dele, encostou sua cabeça na dele e os dois choraram. O círculo dos anciãos começou a girar outra vez.

Foi a última coisa que Kahlan lembrou, antes de ser sacudida pelo Homem Pássaro para acordar. Teve a sensação de estar saindo de um pesadelo quando lembrou o que os espíritos tinham dito sobre Rahl estar matando o Povo da Lama e que para encontrar a caixa tinham de ir a Agaden Reach, procurar Shota. Ela estremeceu pensando na feiticeira. Os outros anciãos estavam ao lado dele, ajudando-os a se levantarem. Todos pareciam tristes. As lágrimas ameaçaram encher seus olhos outra vez. Kahlan conseguiu evitá-las.

O Homem Pássaro abriu a porta para o frio da noite, para um céu claro e estrelado. As nuvens tinham desaparecido. Até a nuvem em forma de serpente.

Faltava menos de uma hora para amanhecer e o céu a leste já tinha uma sugestão de cor. Um caçador com ar solene entregou as roupas dos dois e a espada para Richard. Vestiram-se em silêncio e saíram.

Uma falange de caçadores e arqueiros rodeava a casa dos espíritos. Muitos estavam sujos de sangue. Richard passou à frente do Homem Pássaro.

— Conte-me o que aconteceu — ordenou ele em voz baixa.

Um homem armado de lança se adiantou. Kahlan esperava ao lado de Richard para traduzir. A raiva fuzilava nos olhos do homem.

— *O demônio vermelho veio do céu carregando um homem nas costas. Ele queria você.* — Com os olhos em fogo, ele encostou a ponta da lança no peito de Richard, o Homem Pássaro, impassível, pôs a mão na lança, afastando a ponta do peito de Richard. — *Quando ele encontrou apenas suas roupas, começou a matar nossa gente. Crianças!* — seu peito arfava de raiva. — *Nossas flechas não o tocavam. Nossas lanças não o tocavam. Nossas mãos não o tocavam. Muitos dos que tentaram foram mortos pelo fogo da magia. Então ele ficou cada vez mais zangado quando viu que nós usamos o fogo. Apagou todas as fogueiras. Depois montou outra vez nas costas do demônio vermelho e nos disse que, se acendermos fogo outra vez, ele voltará para matar todas as crianças do povoado. Com magia, ele fez Siddin flutuar e o pôs debaixo do braço. Um presente, ele disse, para um amigo. Então foi embora. E onde estavam você e sua espada?*

Os olhos de Savidlin se encheram de lágrimas. Kahlan pôs a mão sobre o coração, para aliviar a dor lancinante. Ela sabia para quem era o presente.

O homem cuspiu em Richard. Savidlin se lançou sobre ele mas Richard estendeu o braço e o deteve.

— *Ouvi as vozes dos espíritos dos nossos ancestrais* — disse Savidlin. — *Eu sei que não foi culpa dele!*

Kahlan passou o braço em volta dos ombros de Savidlin e o consolou.

— Seja forte. Nós o salvamos uma vez, quando parecia perdido. Nós o salvaremos outra vez.

Ele inclinou a cabeça afirmativamente, tentando ser corajoso. Richard perguntou o que ela tinha dito a Savidlin.

— Uma mentira — respondeu ela — para aliviar a dor.

Richard compreendeu e se virou para o homem com a lança.

— Mostre-me os que ele matou — disse, sem emoção.

— *Por quê?* — o homem quis saber.

— Para que eu jamais esqueça por que vou matar o homem que fez isso.

Com um olhar furioso para os anciãos, o homem os levou ao centro do povoado. Kahlan procurou parecer impassível para se proteger do que ia ver. Tinha visto isso tantas vezes antes, em outros povoados, em outros lugares. E, como esperava, era igual. Amontoados, em terrível confusão ao lado da parede, alguns sem braços ou sem parte do rosto. A sobrinha do Homem Pássaro estava entre eles. Sem demonstrar emoção, Richard atravessou o caos das pessoas que choravam e se lamentavam, passou pelos mortos, a calma no olho do furacão. Ou talvez, Kahlan pensou, o relâmpago prestes a atacar.

— *Foi isso que você nos trouxe* — sibilou o homem. — *Isso é culpa sua!*

Richard viu que todos inclinavam as cabeças, concordando, e se virou para o homem com a lança. Disse, com voz tranqüila: — Se ajuda a diminuir a dor que estão sentindo, então ponham a culpa em mim. Eu prefiro culpar aquele que tem o sangue deles nas mãos. — Dirigiu-se ao Homem Pássaro e aos outros anciãos: — Até tudo isto acabar, não acendam fogo. Só servirá para provocar mais mortes. Eu juro que deterei esse homem ou morrerei tentando. Muito obrigado, meus amigos, por me ajudarem.

Olhou para Kahlan. Seus olhos intensos revelavam fúria provocada pelo que acabava de ver. Cerrou os dentes.

— Vamos encontrar essa feiticeira.

Não tinham escolha, é claro. Mas Kahlan conhecia Shota.

Eles iam morrer.

Seria melhor perguntar a Darken Rahl onde poderiam encontrar a caixa.

Kahlan foi até o Homem Pássaro e impulsivamente o abraçou.

— *Lembre-se de mim* — murmurou ela.

Quando se separaram, o Homem Pássaro olhou tristemente para o povo.

— *Estes dois precisam de homens para guardá-los até saírem a salvo da nossa terra.*

Savidlin se adiantou imediatamente. Sem hesitar, um grupo de dez dos seus melhores caçadores se pôs ao seu lado.

CAPÍTULO 29



A princesa Violeta se virou de repente e esbofeteou Rachel. Com força. Rachel não tinha feito nada errado, é claro. A princesa apenas gostava de bater no rosto dela quando Rachel menos esperava. A princesa achava graça nisso. Rachel não tentou disfarçar a dor; se não doesse bastante a princesa repetiria a brincadeira. Rachel pôs a mão no rosto que queimava, o lábio inferior tremendo, olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada. Voltando-se para a parede brilhante e polida, repleta de pequenas gavetas de madeira, a princesa enfiou o dedo gorducho em uma alça dourada e abriu outra gaveta, dela tirando um cintilante colar de pedras grandes azuis.

— Este é bonito. Levante meu cabelo.

Virou-se de frente para o espelho emoldurado, admirando-se enquanto prendia o fecho do colar no pescoço gordo e Rachel segurava o cabelo longo, castanho e opaco. Rachel olhou para a própria imagem no espelho, examinando a marca vermelha no rosto. Ela detestava se olhar no espelho, detestava ver seu cabelo cortado muito curto pela princesa. Não tinha permissão para deixar crescer o cabelo, ela era ninguém, mas queria tanto que pelo menos tivesse sido cortado igual... Quase todas tinham o cabelo cortado curto, mas bem cortado. A princesa Violeta queria que as outras pessoas achassem Rachel feia.

Rachel passou o peso do corpo de um pé para o outro e girou o tornozelo para aliviar a rigidez. Tinham passado a tarde toda no quarto de jóias da rainha, a princesa experimentando uma jóia depois da outra, depois desfilando na frente do espelho alto. Era a coisa que ela mais gostava de fazer, experimentar as jóias da rainha

na frente do espelho. Como sua companheira de folguedos, Rachel era obrigada a lhe fazer companhia, para garantir que a princesa se divertisse. Dezenas de pequenas gavetas estavam abertas, algumas escancaradas, outras meio fechadas. Colares e braceletes estavam dependurados na beirada de umas, como línguas brilhantes. Mais se espalhavam no chão ao lado de broches, tiaras e anéis.

A princesa apontou para um anel de pedra azul no chão.

— Dê-me aquele.

Rachel passou por baixo do dedo estendido na sua frente e a princesa se olhou no espelho, virando a mão de um lado para o outro. Passou a mão pelo bonito vestido de cetim azul-claro, admirando o anel. Com um longo suspiro de tédio, foi até o belo Pedestal de mármore branco, na outra extremidade da sala das jóias. Estava olhando para o objeto favorito da mãe, o objeto que ela acariciava sempre que tinha oportunidade.

Os dedos gorduchos da princesa Violeta retiraram do lugar de honra a caixa ornada com pedras preciosas.

— Princesa Violeta! — exclamou Rachel, antes que tivesse tempo de pensar. — Sua mãe não quer que você toque nisso.

A princesa, com uma expressão de inocência, jogou a caixa para ela. Rachel com uma exclamação abafada, pegou a caixa, com medo de que ela batesse na parede. Apavorada, imediatamente a pôs no chão, como se fosse uma brasa. Recuou, com medo de apanhar se fosse encontrada perto da preciosa caixa da rainha.

— Qual é o problema?- disse a princesa Violeta, zangada. — A magia não a deixa sair desse quarto. Ninguém vai roubar essa caixa ou coisa assim.

Rachel não sabia coisa alguma sobre magia, mas sabia que não queria ser apanhada tocando na caixa da rainha.

— Vou descer para a sala de jantar — disse a princesa, com o nariz petulantemente no ar — para ver a chegada dos convidados e esperar o jantar. Limpe esta bagunça horrível, depois vá até a cozinha e diga aos cozinheiros que não quero minha carne esturricada como couro, como da última vez, senão conto para minha mãe e eles levam uma boa sova.

— É claro, princesa Violeta. — Rachel se curvou numa cortesia.

A princesa, com o nariz no ar, disse: — E...?

— E...obrigada, princesa Violeta, por me trazer e me deixar ver como fica bonita com essas jóias.

— Bem, é o mínimo que posso fazer. Você deve ficar cansada de ver sua cara feia no espelho. Minha mãe diz que devemos fazer coisas boas para os menos afortunados. — Tirou uma coisa do bolso. — Tome. Fique com a chave e tranque a porta quando terminar de arrumar tudo.

Rachel fez uma cortesia.

— Sim princesa Violeta.

Quando estava pondo a chave na mão de Rachel, a outra mão da princesa apareceu do nada e esbofeteou Rachel inesperadamente, com força também inesperada. Rachel, atordoada, viu a princesa sair do quanto com uma risada eqüina e estridente. A risada da princesa machucou quase tanto quanto o tapa.

Com lágrimas descendo pelo rosto, Rachel, de quatro no chão, começou a apanhar punhados de anéis do tapete. Parou e sentou-se por um momento, tocando cautelosamente com as pontas dos dedos o lugar da bofetada. Doía demais.

Deliberadamente, ela trabalhou em volta da caixa da rainha, olhando para ela desconfiada, com medo de tocá-la, mas sabendo que teria de pegar a caixa para pôr no lugar. Trabalhou lenta e meticulosamente, guardando as jóias nos lugares certos, fechando as gavetas com cuidado, esperando nunca terminar para não ter de pegar a caixa, a coisa favorita da rainha, o objeto mais precioso do mundo.

A rainha não ia gostar nem um pouco se souber que uma “ninguém” a tinha tocado. Rachel sabia que a rainha estava sempre mandando cortar cabeças. Às vezes a princesa fazia Rachel assistir a uma decapitação, mas Rachel sempre fechava os olhos. A princesa não fechava.

Quando todas as jóias estavam guardadas, ela olhou de soslaio para a caixa no chão. Teve a impressão de que a caixa a olhava, como se fosse contar para a rainha. Finalmente abaixou-se e, com os olhos arregalados, a apanhou. Segurando-a com o braço estendido, ela andou cuidadosamente no tapete, apavorada, com

medo de deixá-la cair. Pôs a caixa no lugar o mais lentamente possível, com cuidado, temendo que alguma jóia caísse de dentro dela. Retirou a mão rapidamente, aliviada.

Virou-se para trás e viu a barra de um manto prateado que ia até o chão. Prendeu a respiração. Não ouvira passos. Sua cabeça se levantou, quase involuntariamente seguindo a linha do manto, e seus olhos passaram pelas mãos enfiadas nos punhos das mangas, até a barba longa, branca e pontuda, subiram para o rosto, para o nariz adunco, a cabeça calva e os olhos escuros voltados para seu rosto assustado.

O mago.

— Mago Giller — disse ela com voz fraca, esperando ser morta a qualquer momento. — Eu estava pondo a caixa no lugar. Por favor, por favor, não me mate. — Com o rosto crispado de medo, tentou recuar, mas seus pés não se moviam. — Por favor. — Pôs a bainha do vestido na boca e a mordeu, choramingando.

Rachel fechou os olhos com força e estremeceu quando o mago começou a se abaixar.

— Minha filha — disse ele com voz suave. Rachel abriu um olho cautelosamente e, com surpresa, viu o mago sentado no chão, o rosto à altura do seu. — Eu não vou matar você.

Rachel abriu o outro olho com a mesma cautela.

— Não? — Não acreditou nele. Alarmada, viu que a porta estava fechada, seu único meio de fuga bloqueado.

— Não — sorriu ele, balançando a cabeça calva. — Quem tirou a caixa do pedestal?

— Estávamos brincando. Só isso, brincando. Eu estava pondo a caixa no lugar para a princesa. Ela é muito boa para mim, muito boa. Eu queria ajudá-la. A princesa é uma pessoa maravilhosa. Eu a amo, ela é tão boa para mim...

Ele pôs um dedo sobre os lábios dela.

— Já entendi, minha filha. Então você é a companheira de brinquedos da princesa?

Ela inclinou a cabeça e assentiu ansiosa.

— Rachel.

O sorriso dele ficou mais largo.

— Um belo nome. Muito prazer em conhecer você, Rachel. Desculpa se a assustei. Eu vim apenas verificar a caixa da rainha.

Nunca ninguém tinha dito que seu nome era bonito. Mas o mago fechara a porta pesada.

— Não vai me matar? Nem me transformar em uma coisa horrível?

— Claro que não — ele riu. Virou a cabeça, olhando para ela com um olho fechado. — O que são essas marcas vermelhas no seu rosto?

Ela não respondeu, assustada demais para contar. Lenta e cuidadosamente ele estendeu o braço e tocou num lado do rosto dela, depois no outro. Rachel arregalou os olhos. O ardor da bofetada passou por completo.

— Melhor?

Ela fez que sim com a cabeça. Os olhos dele eram muito grandes, vistos assim de perto. Rachel sentiu que devia contar e contou.

— A princesa bate em mim — admitiu, envergonhada.

— Verdade? Então ela não é tão boa assim?

Rachel balançou a cabeça, olhando para o chão. Então o mago fez uma coisa que a deixou atônica. Ele a abraçou brevemente. Rachel ficou rígida por um momento, depois passou a mão em volta do pescoço dele, retribuindo o abraço. As suíças longas e brancas fizeram cócegas no lado do rosto dela e no pescoço, mas mesmo assim ela gostou.

Ele olhou tristemente nos olhos dela.

— Eu sinto muito, minha filha. A princesa e a rainha podem ser muito cruéis.

A voz dele é tão bonita, ela pensou, é como a de Brophy. Um largo sorriso curvou os lábios dele, sob o nariz adunco.

— Vamos fazer uma coisa. Tenho algo aqui que pode ajudar. — Enfiou a mão magra num bolso do manto e olhou para cima quando seus dedos tocaram no que estava procurando. Rachel arregalou os olhos quando viu a boneca com cabelo curto, louro como o dela. Ele bateu de leve na barriga da boneca. — Esta é uma boneca problema.

— Boneca problema? — murmurou ela.

— Sim. — Ela viu as rugas profundas nos cantos do sorriso dele. — Quando você tem problemas, você conta à boneca e ela os leva embora. Ela tem magia. Tome, experimente.

Rachel mal podia respirar quando estendeu as duas mãos e pegou a boneca cuidadosamente, ela a apertou contra o peito, abraçando com força. Então, hesitante e vagarosamente, ela a afastou e examinou o rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— A princesa Violeta diz que sou feia — disse à boneca.

A boneca sorriu. Rachel abriu a boca.

— Eu amo você — disse a boneca com voz fina.

Surpresa, Rachel deixou escapar uma exclamação abafada, depois riu feliz e abraçou a boneca com força outra vez. Rachel riu muito, balançando o corpo para frente e para trás, com a boneca apertada contra o peito.

Então, ela lembrou. Estendeu a boneca para o mágico e virou o rosto.

— Não tenho permissão para ter uma boneca. A princesa disse. Ela a jogará no fogo, foi o que ela disse. Se eu tivesse uma boneca, ela a jogaria no fogo. — Rachel mal podia falar, com um nó na garganta.

— Bem, deixe-me pensar — o mago passou a mão na barba. — Onde você dorme?

— Quase sempre no quarto da princesa. Ela me tranca na caixa à noite. Eu acho que é uma maldade. Às vezes, quando ela diz que eu fui má, ela me faz sair do castelo à noite e tenho de dormir lá fora. Ela acha isso uma maldade muito maior, mas eu gosto porque tenho um lugar secreto para dormir num pinheiro amigo.

“Pinheiros caprichosos não têm fechaduras, o senhor sabe. Posso ir ao banheiro quando preciso. Às vezes faz muito frio, mas tenho um monte de palha para me cobrir. Tenho de voltar de manhã, antes que ela mande alguém me procurar e eles descubram meu lugar secreto. Eu não quero que eles descubram. Contariam à princesa e ela não me mandaria mais para fora.”

O mago segurou o rosto dela ternamente, com as duas mãos. Isso a fez se sentir especial.

— Minha filha — murmurou ele —, penso que talvez eu tenha parte da culpa. — Os olhos dele estavam cheios de lágrimas; Rachel não sabia que os magos tinham lágrimas. Então o sorriso voltou e ele levantou um dedo.- Tenho uma idéia. Você conhece o jardim, o jardim formal?

— Passo por ele para ir ao meu lugar secreto, quando ela me põe para fora à noite. A princesa me obriga a sair pelo muro que fica perto do portão do jardim. Ela receia que alguém me abrigue durante a noite. Ela diz que não devo ir à cidade nem ao campo. Devo ir para o bosque, como castigo.

— Muito bem, no caminho central do jardim, há urnas pequenas dos dois lados, com flores amarelas.- Rachel sabia quais eram.- Vou esconder sua boneca na terceira urna a direita. Só você.- Ele guardou a boneca cuidadosamente no bolso do manto. — Na próxima vez em que você for posta para fora à noite, vá até lá que encontrará sua boneca. Então pode guardá-la no seu lugar secreto, onde ninguém pode encontrá-la ou tira-la de você.

“Darei também a você um acendedor de fogo mágico. Basta juntar alguns gravetos numa pilha pequena com pedras em volta, encostar o acendedor mágico neles e dizer: ‘Acenda para mim’, que os gravetos se acendem e você não sentirá frio.”

Rachel o abraço tanto, que ele teve de bater de leve nas costas dela, para que parasse.

— Muito obrigada, mago Giller.

— Pode me chamar de Giller quando estivermos sozinhos; é como me chamam meus bons amigos.

— Muito obrigada pela boneca, Giller. Ninguém jamais me deu alguma coisa antes. Vou cuidar muito bem dela. Tenho de ir agora. Preciso ralhar com os cozinheiros, pela princesa. Depois tenho de me sentar e ver a princesa comer. — Ela sorriu. — Depois tenho de pensar em fazer alguma coisa má, para que a princesa me ponha para fora esta noite.

O mago sorriu e seus olhos brilharam. Despenteou o cabelo dela com a mão grande. Giller a ajudou a abrir a porta pesada, que trancou, e deu a chave a ela.

— Eu gostaria tanto de que pudéssemos conversar outra vez!
— ela disse, olhando para ele.

O mago sorriu.

— Conversaremos Rachel, conversaremos. Tenho certeza.

Acenando para ele, ela correu pelo corredor longo e vazio, muito mais feliz do que jamais se sentira desde que foi morar no palácio. Era um caminho longo, muito longo, até a cozinha, descendo escadas, passando por salões com tapetes e quadros nas paredes, por salas com janelas altas com cortinas douradas e vermelhas e cadeiras de veludo vermelho com pernas douradas, longas tapeçarias com figuras de homens a cavalo, lutando, passando por guardas imóveis como pedras na frente das portas enfeitadas ou marchando de dois em dois e por criados que corriam para todos os lados carregando roupas de cama e mesa, bandejas, vassouras, esfregões e baldes cheios de água com sabão.

Os guardas e os criados pareciam não ver Rachel, embora ela estivesse correndo. Sabiam que ela era a companheira de brincadeiras da princesa Violeta e muitas vezes a viam correndo pelo castelo, cumprindo as ordens da princesa.

Estava sem fôlego quando chegou a cozinha, cheia de vapor, fumaça e barulho. Os ajudantes corriam carregando sacos pesados, panelas grandes ou bandejas quentes, tentando não se chocar uns com os outros. As pessoas picavam coisas que ela não podia ver nas mesas altas e nos cepos enormes. Panelas tiniam, cozinheiros gritavam ordens, ajudantes tiravam frigideiras e tigelas de metal dos ganchos e dependuravam outras. Havia um constante raspar de colheres mexendo e batendo, o silvo agudo do óleo com alho e manteiga, cebolas e temperos nas panelas quentes; todos pareciam gritar ao mesmo tempo. Aquele lugar caótico cheirava tão bem que Rachel ficava atordoada.

Puxou a manga de um dos dois cozinheiros-chefes, tentando dizer a ele que tinha um recado da princesa, mas ele discutia com outro cozinheiro e mandou que ela fosse embora até terminar a discussão. Ela se sentou num banquinho ao lado dos fornos, encostada nos tijolos. A cozinha cheirava tão bem e ela estava com tanta fome...Mas sabia que ia ter problemas se pedisse comida.

Os cozinheiros-chefes estavam ao lado de uma grande vasilha de barro agitando os braços e gritando um com o outro. De repente, a vasilha caiu com um baque surdo, partiu-se ao meio e um líquido marrom inundou o chão. Rachel subiu no banco para não molhar os pés. Os cozinheiros ficaram imóveis, quase tão brancos quanto sua roupa.

— O que vamos fazer agora? — perguntou o mais baixo. — Não temos mais os ingredientes que o Pai Rahl mandou.

— Espere um pouco — disse o mais alto, levando a mão a testa —, deixe-me pensar. Apertou o rosto com as mãos, depois levantou os braços.

— Tudo bem. Tudo bem. Tive uma idéia. Pegue outra vasilha e fique de boca fechada. Talvez possamos salvar nossas cabeças. Apanhe outros ingredientes.

— Quais ingredientes? — gritou o mais baixo, muito vermelho. O cozinheiro alto se inclinou para ele.

— Ingredientes marrons.

Rachel os viu correrem de um lado para o outro, pegando coisas, derramando líquidos, acrescentando ingredientes, mexendo, provando. Finalmente os dois sorriram.

— Tudo bem, tudo bem, vai dar certo, acho. Deixe que eu fale — disse o mais alto.

Rachel desceu do banquinho, foi nas pontas dos pés até o cozinheiro e puxou a manda dele.

— Você! Ainda está aqui? O que você quer? — disse ele, irritado.

— A princesa Violeta mandou dizer para não esturricar o bife outra vez, senão ela faz a rainha mandar aqueles homens baterem em você. — Olhou para o chão. — Ela me mandou dizer isso.

O homem olhou para ela por algum tempo, depois se voltou para o cozinheiro mais baixo, sacudindo o dedo.

— Eu disse! Eu disse para você! Desta vez tire o bife do centro e não misture os pratos, do contrario perdemos nossas cabeças. E você não viu nada disso. — disse ele para Rachel, indicando a vasilha de barro com um movimento circular do dedo.

— Cozinhando? Não quer que eu diga a ninguém que o vi cozinhando? Tudo bem — disse ela um pouco confusa e saiu nas pontas dos pés pelo chão molhado. — Não vou dizer a ninguém, prometo. Não gosto de ver gente sendo machucada por aqueles homens com chicotes. Não vou dizer nada.

— Espere um pouco — chamou ele — Rachel, não é isso?

Ela se virou para trás e fez sim com a cabeça.

— Volte aqui.

Ela não queria, mas voltou nas pontas dos pés. Ele apanhou uma faca enorme que a princípio a assustou, se virou para um prato na mesa atrás dele e cortou um pedaço suculento de carne. Rachel nunca tinha visto nada igual, com gordura e cartilagem em volta, pelo menos não tão de perto. Era como a carne que a rainha e a princesa comiam. O cozinheiro colocou a carne na mão dela.

— Desculpe-me por ter gritado com você, Rachel. Sente-se naquele banquinho, coma isso e depois trate de se lavar muito bem para que ninguém saiba. Está bem?

Rachel correu para o banquinho com o prêmio, esquecendo de andar nas pontas dos pés. Era a coisa melhor, mais deliciosa que jamais tinha comido. Tentou comer devagar enquanto olhava toda aquela gente correndo, batendo panelas e carregando coisas, mas não conseguiu. O suco da carne lhe escorria pelos braços e pingava dos cotovelos.

Quando terminou, o cozinheiro baixo enxugou suas mãos, braços e rosto com uma toalha e pôs na mão dela, como o outro cozinheiro tinha feito com a carne, uma fatia de torta de limão. Disse que ele mesmo tinha feito e queria saber se estava boa. Ela disse, com toda a sinceridade, que era a coisa mais gostosa que já tinha comido. Ele sorriu.

Aquele fora o melhor dia de que se lembrava. Duas coisas boas no mesmo dia: a boneca problema e agora a comida. Rachel se sentiu uma rainha.

Mais tarde, sentada na grande sala de jantar na sua pequena cadeira atrás da princesa, foi a primeira vez em toda a sua vida em que seu estomago não roncou de fome enquanto as pessoas importantes comiam. A mesa principal onde estavam ficava três

degraus mais alta do que as outras, de modo que, se ela se sentasse ereta, podia ver toda a sala mesmo da sua cadeirinha. Os criados iam de um lado para o outro servindo, tirando pratos ainda com comida, servindo vinho e trocando bandejas quase vazias por outras cheias, que chegavam da cozinha.

Ela olhava para todas as belas senhoras e para os cavalheiros vestidos com roupas finas e casacos com galões coloridos, sentados às longas mesas, comendo nos pratos elegantes e, pela primeira vez, ela sabia qual era o gosto da comida. Ainda não compreendia por que precisavam de tantos garfos e colheres. Certa vez, ela perguntou à princesa por que havia tantos garfos e colheres e a princesa disse que era uma coisa que uma ninguém como Rachel jamais precisava saber.

De modo geral, Rachel era ignorada nos banquetes. A princesa só virava para trás e olhava para ela uma vez ou outra. Rachel estava ali só porque era a companheira de folgedos da princesa Violeta, só por uma questão de importância, ela achava. A rainha também tinha pessoas atrás dela, de pé ou sentadas, quando comia. A rainha dizia que Rachel servia para a princesa praticar a arte da liderança.

Ela se inclinou para a frente e murmurou:

— Seu bife grelhado está com bastante suco, princesa Violeta? Eu disse aos cozinheiros que era maldade dar a você carne ruim e que você disse para nunca mais fazerem isso.

A princesa Violeta olhou para trás, com o molho pingando do queixo.

— Está suficientemente bom para que eles não sejam chicoteados. E, você tem razão, eles não deviam ser tão malvados comigo. Está na hora de aprenderem.

A rainha Milena estava, como sempre, com seu cãozinho no braço. Ele empurrava o braço gordo dela com as patas pequeninas e magras, deixando-lhe marcas na pele. A rainha dava a ele pedaços de carne melhores do que Rachel jamais tinha comido. Antes desse dia, é claro, ela pensou com um sorriso.

Rachel não gostava do cachorrinho. Ele latia muito e, as vezes, quando a rainha o punha no chão, corria para ela e mordida sua

perna com os dentinhos afiados e Rachel não ousava dizer nada. Quando o cão a mordida, a rainha sempre dizia para ele ter cuidado para não se machucar. Sempre falava com o cão com uma voz engraçada, aguda mas doce.

Enquanto a rainha e seus ministros falavam sobre uma espécie de aliança, Rachel balançava as pernas, batia um joelho no outro, pensando na boneca problema. O mago estava atrás e à direita da rainha, oferecendo conselhos quando eram pedidos. Ele estava imponente com seu manto prateado. Rachel nunca prestara atenção a Giller antes, ele era apenas uma das pessoas importantes da rainha, sempre com ela, como o cãozinho. Agora, olhando para ele, o mago era a pessoa mais bondosa que já tinha visto.

Ele a ignorou durante todo o jantar; nem uma vez a olhou. Rachel achou que ele não queria chamar atenção para ela, o que podia enfurecer a princesa. Era uma boa idéia. A princesa Violeta ficaria zangada se soubesse que Giller tinha dito que o nome de Rachel era bonito.

O cabelo comprido da rainha chegava até as costas da cadeira elegante, balançando as ondas quando suas pessoas importantes falavam com ela e ela balançava a cabeça.

Quando terminou o jantar, os criados entraram com um carrinho com a vasilha de barro em que Rachel tinha visto os cozinheiros preparando o líquido, que foi servido em taças com uma concha e levado aos convidados. Todos pareciam considerar a bebida importante.

A rainha se levantou, segurando sua taça, com o cão no outro braço.

— Senhores e senhoras, presenteio todos com a bebida do esclarecimento, para que possamos ver a verdade. É um artigo muito precioso. A poucos é oferecida a oportunidade do esclarecimento. Eu tenho tomado muitas vezes, é claro, para ver a verdade, ao modo do Pai Rahl, para conduzir meu povo ao bem comum. Bebam.

Alguns pareceram não querer beber, mas apenas por um minuto. Então, todos tomaram o líquido marrom. A rainha bebeu depois de ver que todos tinham bebido. Então se sentou, com uma

expressão estranha. Inclinou-se para um criado e murmurou alguma coisa. Rachel começou a ficar preocupada; a rainha estava franzindo a testa. Quando a rainha franzia a testa, pessoas eram decapitadas.

O cozinheiro alto apareceu sorridente. Levantando um dedo, a rainha o chamou para mais perto. A testa dele estava molhada de suor. Rachel achou que era por causa do calor da cozinha. Ela estava sentada atrás da princesa, à direita da rainha, e podia ouvir o que eles diziam.

— Isto não tem o mesmo gosto — disse ela com sua voz cruel. Nem sempre ela usava esse tom de voz, mas quando usava todos tinham medo.

— Ah, bem, vossa majestade, a senhora compreende, na verdade, bem, não é. Quero dizer, o gosto não é o mesmo. — Ela ergueu as sobrancelhas e ele começou a falar mais depressa. — A senhora compreende, bem, na verdade, bem, eu sabia que este jantar era importante e não ia querer que nada desse errado. A senhora compreende. Não ia querer que alguém não fosse esclarecido, que não visse seu brilhantismo em tudo isto, bem, em todo esse negócio, por isso, a senhora compreende, bem — ele se inclinou para ela e abaixou a voz para falar confidencialmente —, portanto, tomei a liberdade de fazer a bebida do esclarecimento mais forte. Muito mais forte, na verdade, a senhora compreende. Desse modo, ninguém deixaria de ver a verdade em tudo que a senhora diz. Garanto, vossa majestade, é tão forte, que ninguém deixará de ser esclarecido.

Ele se inclinou mais para ela e baixou mais a voz.

— Na verdade, vossa majestade, é tão forte que aquele que não for esclarecido e se opuser à senhora depois de beber, bem, só pode ser um traidor.

— É mesmo? — murmurou a rainha surpresa. — Bem, eu achei que estava mais forte.

— Muito perceptivo da sua parte, vossa majestade, muito perceptivo. Vossa majestade tem o paladar muito apurado. Eu sabia que não podia enganá-la.

— Certamente. Mas tem certeza de que não está forte demais? Já posso sentir o esclarecimento tomando conta de mim.

— Vossa majestade — ele olhou para os convidados —, quando se trata do vosso reino, tive medo de fazer fraca demais. — Ele levantou as sobrancelhas. — Para que nenhum traidor passe despercebido.

Finalmente, ela sorriu.

— Você é um cozinheiro sábio e leal. A partir de agora, você é o encarregado exclusivo da bebida do esclarecimento.

— Muito obrigado, vossa majestade.

Ele fez uma porção de curvaturas e se retirou. Rachel ficou contente por ele não ter tido problemas.

— Senhores e senhoras, um oferecimento especial. Esta noite mandei o cozinheiro preparar a bebida do esclarecimento extra forte. — Ela estalou os dedos. — Tragam o tolo.

Os guardas entraram com um homem e o fizeram ficar no centro da sala, bem na frente da rainha, com todas as mesas em volta. Ele era grande e forte mas estava acorrentado. A rainha se inclinou para a frente.

— Nós todos aqui concordamos em que uma aliança com nosso aliado Darken Rahl trará grandes benefícios para todo o nosso povo, de que nós todos tiraremos proveito, juntos. Que os povos menores, os trabalhadores, os camponeses serão os mais beneficiados. Que serão libertados da opressão daqueles que só os querem explorar, para benefício próprio, por ouro, por ganância. Que a partir de agora nós todos trabalharemos para o bem comum, não por objetivos pessoais. — A rainha franziu a testa. — Por favor, diga a todos esses senhores e senhoras ignorantes — indicou toda a sala com o braço — do quanto você é mais inteligente do que eles e por que terá permissão de trabalhar só para você mesmo, em vez de para todos os seus semelhantes.

O homem estava furioso. Rachel desejou que ele mudasse de atitude antes de se meter em encrenca.

— O bem comum — disse ele, indicando também a sala com o braço erguido como a rainha, só que suas mãos estavam acorrentadas —, é isto o bem comum? Todos vocês, nobres, parecem estar se deliciando com a boa comida, o calor do fogo. Meus filhos vão dormir com fome esta noite porque grande parte da

colheita foi tomada de nós, pelo bem comum, por aqueles que resolveram não trabalhar, mas comer o fruto do meu trabalho.

Todos riram.

— E você nega comida a eles, simplesmente porque terão a boa fortuna de ver suas colheitas melhorarem? — perguntou a rainha. — Você é um homem egoísta.

— As colheitas só melhorarão se eles primeiro plantarem as sementes.

— Então você se importa tão pouco com seus semelhantes que os condena à fome?

— Minha família passa fome! Para alimentar outros, para alimentar o exército de Rahl. Para alimentar senhores e senhoras da classe alta que não fazem nada a não ser discutir e resolver o que fazer com minha colheita, como dividir o produto do meu labor entre outros.

Rachel queria que o homem ficasse quieto. Ele ia ter a cabeça cortada. Mas os convidados e a rainha achavam graça.

— E minha família sente frio — disse ele mais zangado ainda —, porque não podemos acender fogo. — Apontou para algumas lareiras. — Mas aqui há fogo para aquecer as pessoas que me dizem que agora somos iguais, que não haverá mais ninguém melhor do que outros e por isso não me permitem guardar o que é meu. Não é estranho que as pessoas que dizem que seremos todos iguais com a aliança com Darken Rahl e que não trabalham, a não ser para dividir o fruto do meu labor, estejam todas aquecidas e com boas roupas? Mas minha família passa fome e sente frio.

Todos riram. Rachel não riu. Ela sabia o que era ter fome e sentir frio.

— Senhoras e senhores — disse a rainha, com um riso desdenhoso —, eu não lhes prometi uma verdadeira diversão? A bebida do esclarecimento nos faz ver o quanto esse homem é tolo e egoísta. Pensem um pouco, ele acredita realmente que é direito ganhar dinheiro enquanto os outros morrem de fome. Ele põe seus ganhos acima da vida dos seus semelhantes. Por sua ganância, ele matará os que têm fome.

Todos riram com a rainha.

A rainha bateu com a mão na mesa. Pratos saltaram e alguns copos caíram, manchando de vermelho a toalha branca. Todos ficaram quietos, exceto o pequeno cão, que latiu para o homem. — Esse é o tipo de ganância que acabará quando o Exército Popular da Paz vier nos ajudar a dar cabo dessas sanguessugas humanas que sugam nosso sangue! — o rosto redondo da rainha estava tão vermelho quanto as manchas de vinho na toalha.

Todos aplaudiram por longo tempo. A rainha se sentou sorrindo, finalmente.

O rosto do homem estava vermelho como o dela.

— Não é estranho que agora, que eu e todos os fazendeiros, todos os operários das cidades trabalhamos para o bem comum, não haja suprimentos ou comida para todos, como antes?

A rainha se levantou de um salto.

— É claro que não — gritou ela. — Por causa de pessoas gananciosas como você! — respirou profundamente varias vezes até diminuir a vermelhidão do rosto e então se voltou para a princesa.

— Violeta, minha querida, mais cedo ou mais tarde você terá de aprender assuntos de Estado. Deve aprender a servir ao bem do publico para todo o nosso povo. Por isso, ponho o assunto em suas mãos, para que você adquira experiência. O que você faria com esse traidor do nosso povo? O que você escolher, querida, será feito.

A princesa Violeta ficou de pé. Sorrindo, olhou em volta.

— Eu digo — ela se inclinou um pouco para a frente e olhou para o homem grande acorrentado. — Eu digo: cortem a cabeça dele!

Todos aplaudiram outra vez. Os guardas arrastaram o homem, que saiu gritando nomes que Rachel não entendeu. Ela ficou triste por ele e por sua família.

Depois de conversar por mais algum tempo, todos decidiram assistir à decapitação do homem. Quando a rainha saiu e princesa Violeta disse a ela que estava na hora de assistir ao espetáculo, Rachel se levantou com os punhos fechados nos dois lados do corpo.

— Você é mesmo malvada. Você é mesmo malvada dizendo para cortar a cabeça do homem!

A princesa pôs as mãos na cintura.

— Sou mesmo? Muito bem, pos então você pode passar a noite lá fora!

— Mas, princesa Violeta, está fazendo tanto frio!

— Muito bem, enquanto estiver congelando, pode pensar na sua ousadia em falar comigo nesse tom! E, para se lembrar da próxima vez, vai ficar lá fora o dia inteiro amanhã também! — o rosto dela estava crispado de raiva, como o da rainha ficava algumas vezes. — Isso lhe ensinará a ter mais respeito.

Rachel começou a dizer alguma coisa, mas se lembrou da boneca problema e de que ela mesmo queria ficar fora do castelo. A princesa apontou para a porta em arco.

— Vá. Agora mesmo, sem jantar. — Bateu o pé no chão.

Rachel olhou para o chão, fingindo que estava triste.

— Sim, princesa Violeta — disse ela, fazendo uma cortesia.

Saiu com a cabeça baixa e atravessou o grande hall de entrada com tapeçarias nas paredes. Ela gostava de olhar as cenas das tapeçarias, mas dessa vez não levantou os olhos, para o caso de a princesa notar que ela estava feliz por ter sido posta para fora. Guardas com peitorais brilhantes de metal, espadas e lanças abriram os pesados portões de ferro para ela, sem dizer nada. Eles nunca diziam coisa alguma quando a deixavam sair ou entrar. Sabiam que ela era a companheira de brincadeiras da princesa, uma ninguém.

Assim que saiu, Rachel tentou não andar muito depressa, para o caso de alguém estar olhando. A pedra era fria como gelo debaixo dos seus pés. Cautelosamente, aquecendo as mãos debaixo das axilas, ela desceu os largos degraus, um de cada vez, para não cair. Finalmente chegou ao caminho de lajes de pedra. Mais guardas patrulhavam o lado de fora do castelo, mas eles a ignoraram. Eles a viam sempre. Quanto mais perto chegava do jardim, mais depressa ela andava.

Rachel diminuiu o passo na passagem principal do jardim e esperou que os guardas estivessem de costas. A boneca problema estava onde Giller dissera que estaria. Pondo o acendedor de fogo no bolso, abraçou a boneca com força e depois a escondeu nas costas. Murmurava para ela que ficasse quieta. Mal podia esperar para chegar ao pinheiro amigo e contar à boneca a maldade da

princesa mandando cortar a cabeça do homem. No escuro, ela olhou em volta.

Não havia pessoa alguma por perto, ninguém para ver Rachel falando com a boneca. No muro externo, mais homens patrulhavam os caminhos altos e os guardas da rainha estavam no portão, rígidos, com suas armaduras. Usavam uniformes elegantes por cima da armadura, túnicas vermelhas sem mangas com o brasão da rainha, uma cabeça de lobo negro no centro. Quando levantaram a pesada barra de ferro e dois deles abriram a porta pesada que rangia, nem olharam para ver o que ela levava escondido nas costas.

Quando Rachel ouviu o baque da barra de ferro se fechando, se virou para trás, para as costas dos guardas, e só então sorriu e começou a correr; era um longo caminho.

Em uma torre alta, olhos escuros vigiavam. Viram quando ela passou pela guarda pesada sem despertar a menor suspeita ou interesse, como um suspiro entre os dentes, como passou pelo portão do jardim que já havia impedido a entrada de exércitos e de traidores, viram quando ela cruzou a ponte onde centenas de inimigos tinham morrido em combate, sem vencer a batalha, viram quando ela correu pelo campo, descalça, desarmada, inocente e entrou na floresta. Para seu lugar secreto.

* * *

Furioso, Zedd bateu com a mão aberta na placa fria de metal. A porta de pedra maciça se fechou lentamente. Ele teve de passar por cima dos corpos dos guardas de D'Hara para chegar ao muro baixo. Seus dedos tocaram a pedra lisa e familiar quando ele se inclinou para a frente, olhando para a cidade adormecida lá embaixo.

Daquele muro alto, no sopé da montanha, a cidade parecia bastante calma. Mas ele já tinha se esgueirado pelas ruas escuras e visto os soldados por toda a parte. Soldados que estavam na cidade ao custo de muitas vidas dos dois lados.

Mas isso não era o pior.

Darken Rahl devia ter estado ali. Zedd bateu com a mão fechada na pedra. Só Darken Rahl podia ter feito aquilo.

A teia intrincada dos escudos devia ter resistido, mas não resistiu. Zedd estiveram fora muitos anos. Fora um tolo.

— Nada é fácil — murmurou o mago.

CAPÍTULO 30



— Kahlan — perguntou Richard —, lembra quando estávamos com o Povo da Lama e aquele homem disse que Rahl tinha aparecido montado em um demônio vermelho? Você sabe do que ele estava falando?

Depois de viajaram três dias na planície com Savidlin e seus caçadores, eles se despediram com a promessa nos olhos tristes de fazer o possível para encontrar Siddin e havia uma semana subiam para as terras altas, na Rang'Shada, a vasta cordilheira rochosa que, segundo Kahlan, estendia-se para o nordeste, atravessando a parte detrás de Midlands, e abrigava em suas montanhas o lugar remoto chamado Agaden Reach. Um lugar, ela disse, circundando por montes escarpados, como uma coroa de espinhos destinada a afastar estranhos.

— Você não sabe? — perguntou Kahlan surpresa.

Richard balançou a cabeça e ela se sentou em uma rocha para tomar fôlego. Richard tirou a mochila dos ombros com um gemido cansado e se sentou pesadamente no chão, encostado em uma pequena rocha, e estendeu os braços para trás e para cima, para descansar os músculos. Kahlan estava diferente, ele pensou, agora sem a lama negra e branca no rosto. Richard tinha se acostumado com o disfarce nos três dias que levaram para deixar as terras do Povo da Lama.

— Então, o que era? — perguntou ele outra vez.

— Um dragão.

— Um dragão! Existem dragões em Midlands? Nunca pensei que dragões fossem criaturas reais.

— Pois são — ela olhou para ele, intrigada. — Pensei que você soubesse. — Ele apenas balançou a cabeça. — Bem, acho que não podia saber, uma vez que na há magia em Westland. Dragões têm magia. Acredito que seja assim que eles voa, com a ajuda da magia.

— Sempre pensei que fossem apenas lendas, velhas histórias. — Jogou uma pedra para longe e a viu ricochetear na rocha.

— Velhas histórias de coisas lembradas, talvez. Seja como for, eles são bem reais. — Com o polegar, levantou o cabelo atrás da cabeça, para refrescar, e fechou os olhos. — Há várias espécies. Cinzentos, verdes, vermelhos e de algumas outras cores, menos comuns. Os cinzentos são menores e tímidos. Os verdes são muito maiores. O inteligente e o maior de todos é o vermelho. Algumas pessoas em Midlands têm os cinzentos como animais de estimação e para caçar. Ninguém tem em casa os verdes, são muito burros, tem mau gênio e podem ser muito perigosos. — Abriu os olhos, inclinou a cabeça e olhou para ele. — Os vermelhos são completamente diferentes, eles fritam e comem você num piscar de olhos. E são inteligentes.

— Eles comem gente! — Richard apertou os olhos com as palmas das mãos e gemeu.

— Só quando estão com muita fome ou muita raiva. Nós não seríamos uma boa refeição para eles. — Quando Richard tirou as mãos dos olhos, viu os olhos verdes fixos nele. — O que não compreendo é o que Rahl estava fazendo com um dragão.

Richard se lembrou da coisa vermelha no céu, que voou por cima dele na parte alta da Floresta Vem, um pouco antes de ter encontrado Kahlan. Jogou outra pedra pequena na rocha. — Deve ser assim que ele cobre tanto território.

Kahlan balançou a cabeça lentamente.

— Não. Estou dizendo que não compreendo por que um dragão vermelho se submeteria a isso. Eles são extremamente independentes, não tomam partido nos assuntos dos humanos, na verdade pouco se importam. Preferem morrer a ser subjugados. E lutam ferozmente para evitar isso, acredite. Como eu disse, eles tem magia e podem opor boa resistência a qualquer pessoa de D'Hara, pelo ao menos durante algum tempo. Mesmo que Rahl o ameaçasse

de morte com alguma das suas mágicas, ele não se importaria, os dragões vermelhos preferem morrer a ser dominados.

— Simplesmente lutaria até matar o adversário ou ser morto. — Ela se inclinou um pouco para ele e abaixou a voz. — A idéia de um dragão voando com Rahl nas costas é muito estranha. Não posso imaginar qualquer pessoa dominando um dragão vermelho.”

Ela olhou para ele por um momento, depois endireitou o corpo e começou a tirar o líquen de uma rocha.

— Esses dragões são uma ameaça para nós? — Richard achou idiota perguntar se um dragão era perigoso, mas perguntou.

— Provavelmente não. Muitas vezes vi dragões vermelhos de perto. Certa vez, eu estava andando numa estrada e um mergulhou no campo ao meu lado. E pegou duas vacas. Levou embora cada uma em uma garra. Se encontrarmos um vermelho e ele estiver mal-humorado, suponho que pode ser um problema, mas é pouco provável.

— Já encontramos um vermelho — lembrou ele em voz baixa — e foi um grande problema.

Kahlan não respondeu. Por sua expressão, a lembrança obviamente a torturava tanto quanto a ele.

— Ora, ai estão vocês! — exclamou uma voz estranha.

Os dois se sobressaltaram. Richard levantou-se rapidamente com a mão na espada. Kahlan estava meio agachada, pronta para o que desse e viesse.

— Sentem-se, sentem-se. — O velho sacudiu as duas mãos e caminhou para eles. — Não quis assustar vocês. — A barba branca balançava quando ele ria. — É só o Velho John, que veio procurar vocês. Sentem-se, sentem-se.

A barriga dele redonda e mole tremia debaixo do manto marrom-escuro quando ele ria. O cabelo branco era repartido com uma linha retas no meio da cabeça, sobrancelhas longas e crespas e pálpebras caídas protegiam os olhos castanhos. O rosto alegre e redondo se enrugou com um largo sorriso enquanto ele esperava. Kahlan cautelosamente voltou a se sentar. Richard se sentou na rocha na qual estava apenas encostado.

— Como assim, estava nos procurando? — perguntou em tom não completamente amistoso.

— Meu velho amigo, o mago, me mandou procurar vocês.

Richard levantou de um pulo.

— Zedd! Zedd o mandou?

O Velho John segurou a barriga para rir mais.

— Quantos velhos magos você conhece, meu rapaz? É claro que foi o velho Zedd. — Puxou de leve a barba, arrancou alguns fios e olhou para eles com um olhar fechado. — Ele tinha negócios urgentes para tratar, mas precisa de vocês agora. Por isso me pediu para vir chamar vocês. Como eu não tinha nada melhor para fazer, eu disse sim. Ele me disse onde poderia encontrá-los. Ao que parece, ele estava certo, como sempre.

Richard sorriu.

— Muito bem, como vai ele? Onde ele está e para que precisa de nós?

O Velho John puxou a barba com mais força, balançando a cabeça e sorrindo.

— Ele me disse, disse-me que você faria uma porção de perguntas. Ele está ótimo. O negocio é que não sei para que ele precisa de vocês. Quando o velho Zedd está irritado, você não pergunta nada, apenas faz o que ele pede. Foi o que fiz. E aqui estou.

— Onde ele está? Está muito longe? — Richard estava feliz porque ia ver Zedd outra vez.

O Velho John coçou o queixo e se inclinou um pouco para frente.

— Depende. Por quanto tempo você pretende ficar parado aí, batendo papo?

Richard sorriu e pegou a mochila, o cansaço esquecido. Kahlan deu um dos seus sorrisos especiais com os lábios fechado quando começaram a subir uma trilha rochosa, seguindo o Velho John. Richard deixou Kahlan ir na frente, enquanto ele vigiava o bosque. Kahlan tinha dito que não estavam longe da casa da feiticeira.

Só agora Richard percebia o quanto estava tenso, preocupado com o velho amigo. Sabia que Adie tomaria conta dele muito bem,

mas ela não prometera que Zedd ficaria bom. Richard esperava que isso significasse que Chase estava bem. Estava mais que entusiasmado com a idéia de ver Zedd outra vez. Tinha tanta coisa para contar, para perguntar... Sua mente estava a mil.

— Então ele está bem? — perguntou Richard ao Velho John, que ia a frente dos dois. — Ele sarou! Não emagreceu muito, emagreceu? Zedd não se pode dar ao luxo de perder peso.

— Não — O Velho John riu sem virar para trás —, ele está o mesmo de sempre.

— Bem, espero que ele não tenha acabado com a sua comida.

— Não se preocupe, meu rapaz. Quanto um velho mago magérrimo pode comer?

Richard sorriu. Zedd podia estar bem, mas não devia estar curado de todo, do contrario não teria sobrado nem uma migalha de comida do Velho John.

Depois de algumas horas, durante as quais se apressaram para acompanhar o passo do Velho John, o bosque ficou mais fechado, mais escuro, as arvores maiores e mais juntas. A trilha era rochosa, difícil, principalmente naquele passo acelerado. Vozes de pássaros estranhos ecoavam na escuridão. Chegaram a uma encruzilhada. O Velho John entrou na trilha da esquerda, sem hesitar. Kahlan foi atrás dele. Richard parou, preocupado com alguma coisa, mas não conseguia descobrir o que era. Sempre que tentava lembrar, seu pensamento voltava para Zedd. Kahlan ouviu quando ele parou, se virou para trás e foi até ele.

— Qual o caminho para a feiticeira? — perguntou Richard.

— Para a esquerda — respondeu Kahlan, com alívio na voz, porque o velho tinha entrado à direita. Com um dedo debaixo da alça da mochila, ela apontou com o queixo para varias escarpas que ele via por cima dos galhos mais altos das árvores. — Aquelas são algumas das montanhas que circulam Agaden Reach. — Os picos cobertos de neve brilhavam no ar fino da montanha. Richard nunca tinha visto cordilheiras mais inóspitas. Um anel de espinhos.

Ele olhou para a trilha da esquerda. Parecia muito usada e desaparecia rapidamente na floresta densa. O Velho John parou e se virou com as mãos na cintura.

— Vocês vem ou não?

— Você acha que Zedd pode esperar?

O Velho John deu de ombros e puxou a barba.

— Não sei. Mas não me teria mandado se não fosse importante. Você resolve, meu rapaz. Mas Zedd é assim.

Richard desejou não ter de tomar aquela decisão. Desejou saber que Zedd podia esperar. Desejou saber o que Zedd queria. Pare de desejar e comece a pensar, ele ordenou a si mesmo.

Olhou para o velho homem.

— Quanto falta?

O Velho John olhou através das árvores para o sol do fim da tarde, puxando a barba.

— Se não pararmos cedo e não dormirmos até amanhã, chegaremos mais ou menos ao meio-dia amanhã. — Olhou para Richard esperando.

Kahlan não disse nada, mas Richard sabia o que ela estava pensando. Por ela, nem chegariam perto de Shota e, mesmo que fosse primeiro aonde Zedd estava, que não era tão longe, poderiam voltar, se preciso. E talvez Zedd até soubesse onde estava a última caixa e então não precisariam ir a Agaden Reach. Tinha mais sentido ir ao encontro de Zedd. Era o que Kahlan diria.

— Você tem razão — disse Richard.

— Eu não falei nada. — Kahlan pareceu confusa.

Richard disse, com largo sorriso: — Eu ouvi você pensando. Você tem razão. Vamos com o Velho John.

— Eu não sabia que pensava tão alto — resmungou ela.

— Se não pararmos — disse ele para o Velho John —, podemos chegar antes do amanhecer.

— Eu sou velho — Ele se queixou com um suspiro. — Mas sei o quanto você está ansioso. E sei o quanto ele precisa de vocês. — Sacudiu o dedo para Richard. — Eu devia ter ouvido quando Zedd me avisou a seu respeito.

Richard riu e fez Kahlan continuar à frente dele. Ela andou depressa para alcançar o velho, que já estava andando.

Richard olhou distraidamente para Kahlan, viu quando ela afastou uma teia de aranha do rosto e cuspiu a parte que lhe tinha

entrado na boca. Alguma coisa o incomodava, alguma coisa estava errada. Richard gostaria de saber o que era. Tentou descobrir, mas só conseguia pensar em Zedd, no quanto queria vê-lo e que mal podia esperar para falar com ele. Ignorou a sensação de que olhos os observavam.

* * *

— Sinto falta especialmente do meu irmão — disse ela a boneca. Olhou para longe. — Disseram que ele morreu — disse, suavemente.

Rachel passou grande parte do dia contando à boneca todos os problemas que conseguia lembrar. Quando seus olhos se encheram de lágrimas, a boneca disse que a amava e isso a fazia sentir-se bem. Às vezes achava graça.

Rachel pôs outro graveto no fogo. Era tão bom estar aquecida e ter luz! Mas mantinha o fogo bem pequeno, como Giller recomendara. A luz evitava que tivesse medo do bosque, especialmente à noite. Logo a noite chegaria. Às vezes barulhos no escuro a faziam chorar de medo.

— Foi quando morava naquele lugar que te falei. Com as outras crianças, antes de a rainha me escolher. Eu gostava muito mais de lá do que de morar com a princesa. Eles eram bons. — Olhou para a boneca para ver se ela estava ouvindo. — Um homem, Brophy, aparecia algumas vezes. As pessoas falavam mal dele, mas ele era bom para as crianças. Bom como Giller. Brophy também me deu uma boneca, mas a rainha não me deixou levar quando fui morar no castelo. Não me importei, porque estava muito triste com a morte do meu irmão. Ouvi dizer que tinha sido assassinado. Por que as pessoas matam crianças?

A boneca apenas sorriu. Rachel retribuiu o sorriso.

Ela pensou no novo menininho que tinha visto a rainha trancar num quarto. Ele falava engraçado e era engraçado, mas a fez se lembrar do seu irmão, porque ele parecia apavorado. Seu irmão também estava sempre assustado. Rachel sabia quando ele estava assustado porque ele ficava inquieto e agitado o tempo todo. Sentia

muita pena do novo menino e queria ser importante, para poder ajudá-lo.

Rachel estendeu as mãos para o fogo para se aquecer por um minuto, depois as pôs nos bolsos. Estava com fome. Algumas frutas silvestres foi tudo que encontrou para comer. Ofereceu uma grande à boneca. A boneca não parecia estar com fome e Rachel comeu a fruta, depois mais um punhado delas, até acabar. Continuava com fome mas não queria sair para procurar mais. O lugar onde as frutas cresciam não ficava perto e começava a escurecer. Não queria andar no bosque à noite. Queria estar no seu pinheiro com sua boneca. Ao lado do calor e da luz do fogo.

— Talvez a rainha fique mais bondosa quando conseguir a aliança. Talvez fique mais feliz e não mande cortar cabeças. A princesa me faz assistir às execuções com ela, mas eu não gosto de ver e fecho os olhos. Agora até a princesa Violeta manda cortar cabeças. Ela fica mais malvada a cada dia. Agora tenho medo de que mande cortar a minha cabeça. Eu gostaria de fugir e nunca mais voltar. E de levar você comigo.

A boneca sorriu.

— Eu amo você, Rachel.

Ela abraçou a boneca com força, depois lhe beijou a cabeça.

— Mas, se fugirmos, a princesa Violeta manda os guardas nos procurarem e joga você no fogo. Não quero que ela jogue você no fogo. Eu amo você.

— Eu amo você, Rachel.

Rachel abraçou outra vez a boneca e se deitou na palha. Tinha de voltar no dia seguinte e a princesa ia continuar a ser má para ela. Teria de deixar a boneca, ela sabia, para que não fosse jogada no fogo.

— Você é a melhor amiga que já tive. Você e Giller.

— Eu amo você, Rachel.

Ela começou a se preocupar, pensando no que podia acontecer com sua boneca sozinha no abrigo do pinheiro. Ela ia se sentir sozinha. E se a princesa nunca mais a mandasse para fora, se alguém descobrisse que ela queria ser mandada para fora e não a deixasse sair mais do palácio, só por maldade?

— Sabe o que eu devia fazer? — perguntou a boneca, olhando para o fogo dentro do pinheiro.

— Ajudar Giller — disse a boneca.

Ela levantou o corpo, apoiada num cotovelo e olhou para a boneca.

— Ajudar Giller?

A boneca inclinou a cabeça afirmativamente.

— Ajudar Giller.

* * *

Raios de sol poente refletiam na camada de folhas, deixando a trilha clara e brilhante entre a massa escura do bosque nos dois lados. Richard ouvia as botas de Kahlan passando nas rochas escondidas sob o tapete colorido. Um leve cheiro de decomposição enchia o ar. Folhas caídas apodreciam nos lugares baixos e úmidos e nas espessas pilhas depositadas nas rochas pelo vento.

Embora começasse a esfriar, nenhum dos dois usava capa, aquecidos pelo exercício de acompanhar o passo acelerado do Velho John. Richard continuava tentando pensar em Zedd, mas seu pensamento era constantemente interrompido e tinha de voltar atrás, para continuar. Quando percebeu que começava a perder o fôlego, tirou Zedd da cabeça. Mas um pensamento não o deixava: alguma coisa não escava certa.

Finalmente, permitiu que a cautela tomasse conta de sua mente. Como um homem velho podia manter aquele passo e parecer descansado e calmo? Richard pôs a mão na testa, imaginando que talvez estivesse doente, com febre. Sentia o corpo quente. Talvez não estivesse bem, talvez houvesse alguma coisa errada com ele. Havia dias estavam andando, mas nunca com tanta urgência. Não, ele estava bem, apenas um pouco sem fôlego.

Por algum tempo, observou Kahlan andando à sua frente. Ela também começava a ter dificuldade para acompanhar o Velho John. Ela tirou outra teia de aranha do rosto e continuou a andar. Richard percebeu que, como ele, Kahlan respirava pesadamente.

Por algum motivo, a cautela de Richard começou a se transformar em pressentimento. Richard percebeu vagamente alguma coisa à esquerda, no bosque, acompanhando-os. É só um pequeno animal, pensou. Mas parecia uma coisa com braços longos, deslizando no chão, e depois desapareceu. Richard sentiu a boca seca. Deve ser minha imaginação, pensou.

Voltou a atenção novamente para o Velho John. Em alguns lugares, a trilha era larga, estreita em outros, com galhos que iam quase até o meio. Quando Kahlan e Richard passavam, às vezes roçavam neles, outras vezes os afastavam. Mas não o Velho John. Ele andava no centro da trilha, evitando os galhos, segurando a capa com as duas mãos contra o corpo.

Richard notou os fios de uma teia de aranha cintilando dourada à luz do sol poente, estendida de um lado ao outro da trilha, na frente de Kahlan. A teia se partiu contra a perna dela quando Kahlan passou.

O suor da sua testa imediatamente ficou frio como gelo.

Como o Velho John conseguiu não partir a teia de aranha?

Olhou pau cima e viu um galho com a ponta em cima da trilha. O velho se desviou. Mas a ponta passou através do seu braço, como se estivesse passando por fumaça.

Respirando rapidamente, Richard olhou para as marcas dos pés de Kahlan num trecho de terra macia. Não havia qualquer marca dos pés do Velho John.

Richard estendeu a mão, segurou na camisa de Kahlan e a puxou para ele. Kahlan gritou, surpresa. Richard a empurrou para trás dele e desembainhou a espada.

O Velho John parou e se virou a meio, ouvindo o barulho da espada.

— O que foi, meu rapaz? Viu alguma coisa? — Sua voz parecia o silvo de uma serpente.

— Na verdade, vi — Richard segurou a espada com as duas mãos, com as pernas em posição de defesa, o peito arfando. Sentiu a cólera inundar seu medo. — Como é que você não quebra teias de aranha quando passa por elas, nem deixa pegadas no chão!

Com um sorriso lento e malicioso, o Velho John olhou para ele, avaliando-o com um olho fechado.

— Não esperava que um velho amigo do mago tivesse algum talento especial?

— Talvez — disse Richard, olhando para a esquerda e para a direita, vigilante.

— Mas diga uma coisa, Velho John, qual é o nome do seu velho amigo?

— Ora, é Zedd. — Ergueu as sobrancelhas. — Como eu podia saber se ele não fosse meu amigo? — Sua capa estava bem fechada em volta do corpo e a cabeça, enfiada nos ombros.

— Fui eu quem idiotamente disse a você que o nome dele era Zedd. Agora diga o sobrenome do seu velho amigo.

O Velho John olhou para ele carrancudo, os olhos movendo-se vagarosamente em volta, avaliando, medindo. Olhos de animal.

Com um rugido brusco que fez Richard se encolher, o velho se virou e abriu a capa. No tempo que levou para virar completamente, ele ficou duas vezes maior do que era antes.

Um pesadelo impossível se fez realidade: pêlo e garras e presas, onde até poucos momentos atrás havia um homem.

Uma criatura que rosnava e mordia.

Com uma exclamação abafada, Richard olhou para a mandíbula aberta da besta que rugiu e deu um passo gigantesco para a frente. Richard deu três passos para trás. Ele empunhou a espada com tanta força que suas mãos doíam. O bosque ecoou com o grito ensurdecido da coisa, profundo, selvagem, cruel. A boca se arreganhava a cada rugido. Inclinou-se sobre Richard, os olhos vermelhos e encovados brilhando, rilhando os dentes. Richard recuou rapidamente, protegendo-se com a espada. Olhou de relance para trás, mas não viu Kahlan.

Então a coisa atacou. Richard não teve tempo de brandir a espada. Tropeçou numa raiz e caiu para trás. Não conseguiu tomar fôlego. Instintivamente levantou a espada para empalar a coisa, esperando que ela se atirasse sobre ele.

Dentes afiados e agudos se lançaram estalando, na direção da espada, quando ele a levantou, mas o animal não se aproximou.

Olhos vermelhos furiosos olharam para a arma erguida. Recuou e olhou para o bosque, à direita. Abaixou as orelhas e rosnou para alguma coisa no bosque.

O animal pegou uma pedra duas vezes do tamanho da cabeça de Richard, encheu o ar com seu grito, respirou profundamente e, com um rugido, apertou a pedra com as garras. Poeira e lascas de pedra subiram no ar. A besta olhou em volta, virou para trás e deslizou para o meio das árvores.

Richard ficou deitado de costas, ofegante, olhando para o bosque, esperando que a coisa reaparecesse. Chamou Kahlan em voz alta. Ela não respondeu.

Antes que ele tivesse tempo de ficar de pé, uma coisa cinzenta com braços longos saltou em cima dele, derrubando-o outra vez. A coisa gritava de raiva. Mãos fortes e nodosas seguraram as suas, tentando tirar a espada. Um dos braços se estendeu e bateu no queixo dele com as costas da mão, quase o deixando inconsciente. Lábios brancos se curvaram, revelando dentes afiados, quando o animal rugiu. Olhos amarelos saltados olharam para ele. O animal tentou desesperadamente chutar o rosto de Richard. Richard segurou a espada com toda a força, tentando se libertar dos dedos fortes e longos.

— Minha espada — rosnou a coisa. — Me dá. Me dá minha espada.

Agarrados desesperadamente, os dois rolaram no chão, folhas e gravetos voando. Uma das mãos se estendeu para trás, agarrou o cabelo de Richard e bateu com sua cabeça no chão, procurando levá-lo para uma rocha. Com um rosnado, de repente ele tentou outra vez segurar o punho da espada, tirando uma das mãos suadas de Richard e batendo na outra. Seu grito estridente quebrou a quietude da floresta. Dedos musculosos começaram a puxar a mão de Richard do punho, unhas afiadas penetraram sua carne.

Richard sabia que estava perdendo. A pequena criatura musculosa, a despeito do tamanho, era mais forte do que ele. Tinha de fazer alguma coisa ou perderia a espada.

— Dê para mim — sibilou a criatura, virando de repente a cabeça para trás, para ele, rilhando os dentes, tentando morder seu

rosto. Os espaços entre os dentes estavam cheios de restos esponjosos de comida. O hálito pesado cheirava a podridão. A cabeça brilhante e calva tinha manchas escuras.

Quando mais uma vez eles rolaram no chão, Richard desesperadamente levou a mão ao cinto e tirou a faca da bainha. Num instante, a faca estava encostada nas dobras do pescoço da coisa.

— Por favor! — berrou a criatura. — Não matar! Não matar!

— Então, largue a espada! Agora!

A coisa, lenta e relutantemente, soltou a mão. Richard estava deitado de costas, a coisa fedida e pútrida no seu peito. Ela relaxou o corpo em cima dele.

— Por favor, não me mate — repetiu num murmúrio.

Richard se desvencilhou da criatura nojenta, agora deitada de costas. Pôs a ponta da espada no peito dela. Os olhos amarelos estavam apavorados.

A fúria da espada, que parecia confusa e perdida, finalmente o envolveu.

— Se eu desconfiar de que você vai fazer alguma coisa que não quero que faça... — Richard empurrou a ponta da espada no peito da coisa. — Eu atravesso seu peito. Compreende? — O monstro fez que sim com a cabeça. Richard se inclinou para ele. — Para onde foi seu amigo?

— Amigo?

— Aquela coisa grande que quase me pegou antes de você me pegar.

— O Calthrop. Não amigo — ele choramingou. — Homem de sorte. Calthrop mata à noite. Estava esperando noite chegar. Para matar você. Ele tem poder à noite. Homem de sorte.

— Não acredito em você! Você estava com ele.

— Não. — Ele fez uma careta. — Eu só o segui. Até ele matar você.

— Por quê?

Os olhos saltados miraram a espada.

— Minha espada. Por favor, me dá.

— Não!

Richard olhou em volta, procurando Kahlan. A mochila dela estava no chão, um pouco atrás dele, mas a moça não estava em parte alguma. De repente, Richard ficou gelado. Examinou a área rapidamente. Sabia que o Calthrop não estava com ela, ele tinha ido sozinho para o bosque. Com a ponta da espada encostada no peito da criatura no chão, ele gritou por ela, esperando que Kahlan respondesse ao seu chamado. Nenhuma resposta.

— A senhora está com a moça bonita.

Richard olhou furioso para os olhos amarelos.

— Do que você está falando?

— A senhora. Ela levou a moça bonita, — Richard empurrou a capada no peito dele, indicando que queria ouvir mais e imediatamente. — Nós estávamos seguindo vocês. Vendo o Calthrop brincar com vocês. Para ver o que ia acontecer. — Os olhos amarelos saltados foram outra vez para a espada.

— Para roubar a espada — disse Richard, furioso.

— Não roubar! Minha! Me dá! — Outra vez começou a estender a mão para a espada até Richard empurrar mais um pouco a lâmina outra vez. A criatura ficou imóvel.

— Quem é a sua dona?

— Senhora! — Ele estremeceu, pedindo socorro. — Senhora é Shota.

Richard inclinou um pouco a cabeça para trás.

— Sua dona é a feiticeira Shota?

A criatura assentiu vigorosamente com a cabeça.

A mão de Richard apertou o punho da espada.

— Por que ela levou a moça bonita?

— Não sei. Talvez para brincar. Talvez para matar. — O monstro olhou para ele. — Talvez para pegar você.

— Vire de bruços — disse Richard. A criatura se encolheu. — Vire ou eu o atravesso!

Ele se virou, tremendo. Richard pôs o pé nas costas dele, debaixo da curva aguda da coluna. Tirou uma corda da mochila e fez um nó corrediço em volta do pescoço da criatura. — Você tem nome?

— Companheiro. Sou o companheiro da senhora. Samuel.

Richard o levantou, folhas estavam grudadas na pele cinzenta do peito.

— Muito bem, Samuel, vamos procurar sua senhora. Você vai na frente. Se fizer um movimento errado, aperto a corda no seu pescoço. Compreendeu?

Samuel fez que sim com a cabeça rapidamente, depois, olhando para a corda, balançou a cabeça mais devagar.

— Agaden Reach. Companheiro leva você lá. Não me mata?

— Se me levar até tua dona e se a moça bonita estiver bem, não mato você.

Richard puxou um pouco a corda para que Samuel soubesse quem mandava, depois embainhou a espada.

— Tome você leva a mochila da moça bonita.

Samuel tirou a mochila das mãos de Richard.

— Minha. Me dá! — Mãos grandes começaram a remexer na mochila.

Richard puxou a corda com força.

— Isso não pertence a você. Tire as mãos de dentro!

Olhos amarelos saltados cheios de ódio, voltaram-se para ele.

— Quando a senhora matar você, eu como você.

— Se eu não comer você antes — zombou Richard. — Estou faminto. Talvez coma um ensopado de Samuel no caminho.

O ódio foi substituído por uma expressão de puro terror.

— Por favor, não me mate! Samuel leva você à senhora, à moça bonita. Prometo. — Pôs a mochila nas costas e deu alguns passos, até esticar a corda ao máximo. — Siga Samuel. Depressa — disse ele, querendo provar que valia mais vivo. — Não cozinha Samuel, por favor — repetiu ele várias vezes num murmúrio, enquanto seguiam pela trilha.

Richard não tinha idéia de que espécie de criatura era Samuel. Havia algo familiar e inquietante nele. Não era muito alto, mas era extremamente forte. O queixo de Richard ainda estava dolorido no lugar que Samuel tinha atingido e o pescoço e a cabeça doíam por terem sido batidos no chão.

Braços longos quase tocavam o chão quando Samuel andava com um gingado estranho e ele repetia sem cessar que não queria

que o cozinhassem. Calça curta escura presa por tiras de pano era tudo que vestia. Os pés, as mãos e os braços eram de tamanho desproporcional. A barriga era redonda e parecia cheia, do quê, Richard só podia imaginar. Não tinha pêlo algum e a pele parecia não ver o sol havia anos. Uma vez ou outra, Samuel pegava um graveto ou uma pedra e dizia "Meu! Me dá!" para ninguém em particular, mas logo perdia o interesse e jogava fora.

Vigiando atentamente o bosque e Samuel, Richard seguiu o companheiro, incitando-o a andar mais depressa. Temia por Kahlan e estava furioso consigo mesmo. O Velho John, ou o Calthrop, fosse o que fosse, tinha-o enganado completamente. Não podia acreditar que tivesse sido tão idiota. Acreditou na história dele porque queria muito acreditar que ia ver Zedd. Exatamente o que ele dizia a todos para não fazer. E foi o que ele fez, dando ao monstro a informação que ele repetiu para provar sua autenticidade. Estava furioso com a própria idiotice. Estava também dolorosamente envergonhado.

As pessoas acreditavam porque queriam acreditar, ele tinha dito a Kahlan, e foi exatamente o que fez. E agora a feiticeira estava com ela, o que Kahlan temia tanto, e tudo por sua estupidez, por ter baixado a guarda. Parecia que sempre que baixava a guarda era Kahlan quem pagava. Se a feiticeira fizesse algum mal a Kahlan, ia conhecer a ira do Seeker.

Mais uma vez, Richard se censurou. Estava se deixando levar pela imaginação. Se Shota quisesse matar Kahlan, já o teria feito. Não a teria levado para Agaden Reach. Mas por que levá-la para lá? A não ser, como Samuel dizia, para brincar com ela. Richard tentou afastar esse pensamento. Quem a feiticeira queria era ele. Provavelmente por isso o Calthrop tivesse fugido tão depressa, a feiticeira o assustou.

Quando chegaram à encruzilhada por onde tinham passado antes, Samuel entrou imediatamente para a trilha da esquerda. Começava a escurecer, mas o companheiro não diminuiu o passo. A trilha subia em ziguezague e logo estavam fora das árvores, numa trilha aberta na rocha, na direção dos picos escarpados cobertos de neve.

Na neve iluminada pelo luar, Richard viu duas marcas de pé, uma delas de Kahlan. Um bom sinal, pensou, ela ainda estava viva. Não parecia que Shota tinha intenção de matá-la, pelo menos não imediatamente.

Contornando a parte inferior dos picos nevados, a trilha levava à margem da neve molhada, pesada e difícil. Richard compreendeu que, sem Samuel para guiá-lo, levaria dias para escalar aqueles picos. O vento frio entrava nas aberturas das rochas, levando filetes longos da respiração deles no ar gelado. Samuel tremia de frio. Richard vestiu o casaco, depois tirou o de Kahlan da mochila que Samuel carregava.

— Isto é da moça bonita. Você pode usar por enquanto, para se aquecer.

Samuel arrancou o agasalho das mãos dele.

— Meu. Me dá!

— Se é assim, não deixo você usar. — Richard puxou a corda e tirou a capa dele. — Por favor! Samuel com frio — choramingou ele. — Por favor! Usar casaco da moça bonita?

Richard devolveu o casaco. Dessa vez, o companheiro o pegou devagar e pôs nos ombros. A criaturinha dava arrepios em Richard. Tirou da mochila um pedaço de pão de uva e comeu, sem parar de andar. Samuel virava a cabeça constantemente para ver Richard comer. Quando não agüentou mais, Richard ofereceu um pedaço a Samuel.

Ele estendeu as mãos grandes.

— Meu! Me dá! — Richard afastou o pão dele. Olhos amarelos suplicantes se ergueram para ele à luz da lua. — Por favor? — Cuidadosamente, Richard pôs o pio nas mãos ávidas.

Samuel começou a conversar, enquanto andavam na neve. O pão foi todo comido de uma vez. Richard sabia que, se tivesse oportunidade, Samuel lhe cortaria a garganta sem pensar duas vezes. Parecia uma criatura sem nenhuma qualidade.

— Samuel, por que Shota quer você por perto? Samuel olhou para trás, os olhos amarelos intrigados. — Samuel companheiro.

— E sua dona não vai ficar zangada com você por me levar a ela?

Com um som gorgolejante que Richard interpretou como risada, Samuel disse: — Senhora não tem medo do Seeker.

* * *

Quase ao nascer do dia, na borda da descida para um bosque escuro, o longo braço de Samuel apontou para baixo.

— Agaden Reach — gorgolejou ele. Olhou para trás com um sorriso desafiador. — Senhora.

O calor era opressivo no bosque. Richard tirou o casaco e o guardou na mochila, depois guardou o de Kahlan. Samuel olhou sem protestar. Ele parecia feliz, confiante por voltar a Agaden Reach. Richard fingiu ver para onde estavam indo, para não dar ao companheiro a idéia de que era quase cego no escuro. Deixou-se guiar pela corda, como um cego. Samuel continuava a andar como se fosse dia claro. Sempre que virara para trás a cabeça calva, os olhos amarelos brilhavam como lanternas.

Quando a luz da manhã lentamente penetrou no bosque, Richard começou a ver as árvores grandes, com tiras longas de musgo, trechos pantanosos com o vapor subindo da água negra e turva, olhos que vigiavam e piscavam nas sombras. Gritos ocos cortavam a névoa e o vapor enquanto ele escolhia o caminho cautelosamente entre o emaranhado de raízes. O lugar lembrava um pouco o Pântano Skow. Tinha o mesmo cheiro rançoso.

— Quanto falta?

— Perto. — Samuel sorriu.

Richard esticou a corda.

— Lembre que, se alguma coisa der errada, você morre primeiro.

O sorriso desapareceu dos lábios brancos.

Aqui e ali, na lama, Richard via o par de pegadas que vira na neve, Kahlan ainda estava andando. Vultos escuros os seguiam escondidos nas sombras, nos arbustos, às vezes soltando berros e uivos. Richard imaginava e se preocupava, pensando se haveria mais coisas como Samuel. Ou piores. Algumas iam pelo alto das árvores, onde não podiam ser vistas. Richard não pôde evitar um arrepio.

Samuel saiu da trilha, desviando-se das raízes retorcidas de uma árvore anã com tronco grosso.

— O que você está fazendo? — perguntou Richard, fazendo-o parar.

Samuel virou e sorriu para ele.

— Veja. — Apanhou um pedaço de pau forte do tamanho do seu pulso e jogou nas raízes da árvore. As raízes soltaram, enrolando-se em volta do pau, puxando-o para o meio da massa de tentáculos. Richard ouviu o pau ser quebrado. Samuel gorgolejou, feliz.

Quando o sol subiu mais, o bosque de Agaden Reach pareceu ficar mais escuro. Galhos mortos se entrelaçavam no alto e a névoa ocasionalmente passava entre eles.

As vezes Richard nem enxergava Samuel na outra ponta da corda molhada. Mas sempre ouvia coisas arranhando, raspando, assobiando, coisas invisíveis estalando. Às vezes a névoa se espiralava à passagem de criaturas próximas mas invisíveis.

Richard lembrou o que Kahlan tinham dito: eles iam morrer. Tentou não pensar nisso. Kahlan dissera que não conhecia a feiticeira, só tinha ouvido falar nela. Mas o que ouviu a deixou apavorada. Os que entraram lá jamais saíam. Nem mesmo um mago iria a Agaden Reach, ela disse. Mas era informação de segunda mão, ela nunca tinha visto Shota. Talvez as histórias fossem exageradas. Ele examinava atentamente o bosque ameaçador e sinistro. E talvez não fossem.

À frente deles, através da massa emaranhada das árvores, o sol aparecia e ouvia-se o som da água corrente. Quanto mais se adiantavam, mais claro tudo ficava. Logo chegaram ao fim do bosque escuro. A trilha simplesmente acabava ali. Samuel gorgolejou de alegria.

Lá embaixo estendia-se um vale comprido, verde, claro, iluminado pelo sol. Gigantescos picos rochosos erguiam-se quase retos em volta. Campos de relva dourada entre grupos de carvalhos, faias e bordo com as ricas cores de outono farfalhavam na brisa.

Da floresta escura onde estavam, parecia a noite olhando para o dia. A água despencava verticalmente da rocha, desaparecendo

silenciosamente no ar, até chegar aos lagos limpos e aos regatos lá embaixo, com um rugido e um silvo distante. Borrifos de água chegavam até eles, molhando seus rostos.

Samuel apontou para o vale.

— Senhora.

Richard assentiu com a cabeça e o fez continuar. Samuel os levou atrás de um labirinto de arbustos, árvores muito juntas e pedras cobertas de samambaias, para um lugar que Richard jamais teria encontrado sem o pequeno guia. Uma trilha escondida atrás de rochas e trepadeiras, à beira do precipício, que descia para o vale. Da trilha, a vista do belo lugar lá embaixo era panorâmica. As árvores pareciam pequenas nas encostas das colinas, os regatos serpenteavam entre os campos, sob o céu brilhante e azul.

No centro de tudo, entre tapetes de bonitas árvores, Richard viu um belo lugar de graça e esplendor. Espirais delicadas se erguiam, pontes frágeis ligavam uma torre à outra, escadas espiralavam em volta de torreões. Bandeiras e flâmulas coloridas em todas as pontas tatalavam suave e preguiçosamente ao vento. O palácio magnífico parecia querer alcançar o céu.

Richard ficou em silêncio por um momento, boquiaberto, sem poder acreditar no que via. Ele amava sua casa em Hartland, mas lugar nenhum se comparava àquele. Era simplesmente o lugar mais bonito que já vira. Jamais teria imaginado que uma visão de tanta beleza pudesse existir.

Os dois retomara a caminhada, descendo para o vale. Havia degraus em alguns lugares, milhares deles, cortados na pedra, espiralando, formando túneis, passando por baixo dos que estavam acima. Samuel desceu correndo, como se tivesse feito aquilo milhares de vezes. Evidentemente, ele estava contente por voltar para casa, para a proteção da sua senhora.

Lá embaixo, à luz do sol, uma estrada atravessava as encostas arborizadas e os campos relvados. Samuel seguia com seu gingar estranho, rindo sozinho. Richard, de vez em quando, puxava a corda para lembrá-lo de que ele ainda segurava a outra ponta.

Quando começaram a cruzar o solo do vale, seguindo um regato durante algum tempo, aproximando-se do palácio, o arvore

ficou mais fechado; cada árvore era um magnífico espécime, sombreando a estrada ou o campo, protegendo-os da luz clara do sol. A estrada subiu um pouco. No alto da subida, as árvores pareciam ter sido amontoadas, abrigando, circundando um lugar mais adiante.

Entraram numa cathedral fechada e imóvel de árvores.

Richard ouviu o som de água correndo entre rochas cobertas de musgo. Raios brumosos de sol penetravam a quietude do lugar. Sentia-se o aroma de relva e folhas.

Samuel estendeu o braço. Richard olhou para onde ele apontava, para o centro de um lugar aberto e abrigado. Do centro de uma rocha, a água borbulhava e corria pelos lados até um pequeno regato pontilhado de pedras verdes. Certa mulher com um vestido longo, cabelo castanho, de costas para eles, sentada na beirada da rocha, na paisagem salpicada de sol passava a mão na água. Mesmo de costas, ela parecia familiar.

— Senhora — disse Samuel, com olhos vidrados. Apontou outra vez, para o lado da estrada, mais perto deles. — Moça bonita.

Richard viu Kahlan de pé, rígida. Havia algo estranho nela. Alguma coisa se movia sobre seu corpo. Samuel virou a cabeça deformada para trás e apontou para a corda. Olhou para Richard com os olhos amarelos.

— Seeker prometeu — disse ele, num rosnado.

Richard desamarrou a corda, tirou a mochila de Kahlan dos ombros dele e a pôs no chão. Samuel franziu os lábios sem cor para Richard, sibilando e, bruscamente, correu para a sombra e se acocorou, observando.

Richard engoliu em seco quando caminhou para Kahlan, com um nó no estômago. Sobressaltado, viu o que se movia nela.

Serpentes.

Kahlan estava coberta por várias serpentes que se contorciam. As que ele reconheceu eram todas venenosas. Serpentes grandes e gordas se enrolavam nas pernas dela, uma lhe apertava a cintura, outras se enrolavam nos braços nos dois lados do corpo. Cobras pequenas se esgueiravam entre o cabelo, com a língua de fora, outras em volta do pescoço, outras ainda rastejavam na frente do

camisão, enfiando as cabeças entre os botões. Com esforço, Richard controlou a respiração ao se aproximar. Seu coração batia forte. Lágrimas desciam pelo rosto de Kahlan e ela estremeceu um pouco.

— Fique imóvel — disse ele em voz baixa. — Vou tirá-las daí.

— Não — murmurou ela, os olhos arregalados, em pânico —, se tocar nelas, ou se eu me mexer, elas me picam.

— Tudo bem — ele tentou tranquilizá-la. Vou tirar você disso.

— Richard — suplicou ela num murmúrio. — Eu estou morta. Deixe-me. Saía daqui. Fuja.

Richard sentiu um aperto na garganta. Viu nos olhos dela o quanto Kahlan se esforçava para conter o pânico. Tentou parecer o mais calmo possível para animá-la.

— Não vou abandonar você — ele murmurou.

— Por favor, Richard — disse ela num murmúrio rouco —, por mim, antes que seja tarde demais. Fuja.

Uma serpente venenosa fina e listrada, com a causa enrolada para cima, abaixou a cabeça na frente do rosto dela e bateu de leve com a língua em Kahlan. Kahlan fechou os olhos e outra lágrima desceu no seu rosto. A cobra rastejou pelo rosto dela e desceu para a clavícula. O corpo listrado desapareceu dentro do camisão. Kahlan deixou escapar um gemido leve.

— Eu vou morrer. Você não pode me salvar. Por favor, Richard, salve-se. Fuja. Fuja enquanto ainda tem chance.

Richard temia que ela se movesse deliberadamente, para ser picada, para tentar salvá-lo, se não tivesse motivo para ficar. Precisava convencê-la de que não adiantaria. Olhou para ela, muito sério.

— Não. Vim aqui para descobrir onde está a caixa. Não vou embora enquanto não souber. Agora, não se mexa.

Kahlan arregalou os olhos por causa do que a serpente fazia no seu camisão. Mordeu com força o lábio inferior e franziu a testa. Richard engoliu em seco.

— Kahlan, agente firme. Tente pensar em outra coisa.

Furioso, ele foi até a mulher sentada na rocha, ainda de costas para ele. Alguma coisa ao avisou para não desembainhar a espada,

mas ele não podia, não queria evitar a raiva com o que ela fazia com Kahlan. Ele cerrou os dentes.

Quando chegou perto dela, a mulher se levantou e virou gentilmente para ele, dizendo seu nome com uma voz que Richard reconheceu.

Seu coração saltou para a garganta quando viu o rosto dela.

CAPÍTULO 31



Era sua mãe.

Como que atingido por um raio, todo seu corpo ficou rígido. A fúria amorteceu e desapareceu, recuando à idéia de intenção mortal e sua mãe na mesma imagem.

— Richard. — Ela sorriu tristemente para ele, mostrando no sorriso o quanto o amava e sentia falta dele.

A mente de Richard disparou, tentando compreender o que estava acontecendo incapaz de encaixar o que via no que sabia. Não podia ser simplesmente era impossível.

— Mãe? — murmurou ele.

Braços que ele conhecia e de que se lembrava o envolveram, confortando-o, enchendo-lhe os olhos de lágrimas e formando um nó na sua garganta.

— Oh, Richard — disse ela suavemente —, quanta saudade tive de você! — Passou os dedos no cabelo dele. — Quanta saudade tive de você!

Atordoado, Richard lutou para controlar a emoção. Esforçou-se para pensar em Kahlan. Não podia desapontá-la outra vez, deixando-se enganar. Kahlan estava naquela situação porque tinha deixado que o enganassem. Esta não era sua mãe, era Shota, uma feiticeira. Mas, e se tivesse errado?

— Richard, por que você veio a mim?

Richard pôs as mãos nos pequenos ombros da mulher e a empurrou gentilmente.

As mãos dela abraçaram sua cintura com afeição. Ela não era sua mãe, ele se esforçava para pensar, era a feiticeira, uma feiticeira que sabia onde estava a última caixa de Ordem, o que ele precisava

saber. Mas por que fazia aquilo? E se estivesse enganado? Isso de algum modo podia ser verdade?

Passou o dedo na pequena cicatriz acima da sobrancelha dela, delineando a marca tão conhecida. Uma cicatriz causada por ele. Estava brincando com Michael, com suas espadas de madeira, e acabava de saltar de cima da cama, desferindo um golpe tolo e violento contra o irmão, quando sua mãe entrou no quarto, sua espada atingiu na testa. O grito dela o apavorou.

Nem a sova que levou do pai foi tão dolorosa quanto a idéia do que tinha feito à sua mãe. O pai mandou para a cama sem jantar e naquela noite, quando estava escuro, ela sentou na beirada da cama e acariciou a cabeça dele enquanto Richard chorava. Ele lhe perguntou se estava doendo muito. Ela sorriu e disse:

— Não tanto quanto magoou você — murmurou a mulher a sua frente.

Richard arregalou os olhos e sentiu um arrepio.

— Como você....

— Richard — ele ouviu uma voz calma alertando-o.- Fique longe dela. — Era a voz de Zedd.

Sua mãe pôs a mão no rosto dele. Richard a ignorou e virou para trás, olhando para a entrada, para o topo da subida. Era Zedd ou, pelo menos, ele pensou que fosse. Parecia-se com ele, mas afinal, aquela mulher também se parecia com sua mãe. Zedd estava ali, com uma expressão que Richard conhecia, uma expressão fria de aviso de perigo.

— Richard — soou a voz de Zedd outra vez.- Faça o que eu digo. Afaste-se dela. Agora.

— Por favor, Richard — implorou sua mãe —, não me deixe. Você não me reconhece?

Richard se voltou para o rosto suave.

— Sim, você é Shota.

Segurou os pulsos da mulher, tirou as mãos dela de sua cintura e recuou. Quase chorando ela o viu se afastar.

De repente, ela se voltou para o mago. Ergueu as mãos. Com um estalo ensurdecedor, um relâmpago azul saiu dos seus dedos e se dirigiu para o mago. Zedd imediatamente ergueu um escudo,

como vidro refletindo a luz. A luz de Shota bateu no escudo com ruído e se desviou, atingindo um carvalho enorme e estilhaçando o tronco. A árvore caiu por terra. O solo tremeu.

As mãos de Zedd já estavam levantadas. Fogo de mago saiu dos dedos curvos, gritando furiosamente no ar.

— Não!- gritou Richard.

A bola de chama líquida iluminou a área sombreada com intensa luz amarela.

Ele não podia deixar que aquilo acontecesse. Shota era o único meio de encontrar a caixa! O único meio de deter Rahl!

O fogo, com gemido lamentoso, se dirigiu diretamente para Shota. Ela ficou imóvel.

— Não! — Richard desembainhou a espada e saltou para a frente dela. Segurou o punho da espada com uma das mãos, a ponta com a outra, horizontalmente, como um escudo.

A magia o envolveu. A ira o dominou. O fogo estava em cima dele. O rugido das chamas lhe enchia os ouvidos. Richard virou o rosto, fechou os olhos, prendeu a respiração e cerrou os dentes, esperando morrer. Mas não tinha escolha. A feiticeira era sua única chance. Não podia deixar ela fosse morta.

O impacto o fez recuar um passo. Sentiu o calor. Mesmo com os olhos fechados, via a luz. O fogo do mago gemeu de raiva quando atingiu a espada, explodindo em volta dele.

Então, silêncio. Richard abriu os olhos. O fogo do mago tinha desaparecido. Zedd não perdeu tempo. Já estava lançado um punhado de poeira mágica que cintilava no ar. Richard viu alguma coisa às suas costas, a poeira mágica da feiticeira. Brilhava como cristais de gelo, amortecendo o brilho da poeira de Zedd, e se chocou contra ele.

Zedd ficou imóvel, com a mão no ar.

— Zedd!

Nenhuma resposta. Richard se virou rapidamente para a feiticeira. Ela não era mais sua mãe. Shota estava com um vestido de fazenda muito fina de várias cores, as pregas e as pontas flutuando na brisa leve. O cabelo farto e ondulado era ruivo, a pele imaculada. Olhos amendoados e brilhantes se fixaram nele. Era tão

bonita quanto o palácio atrás dela e o vale que o rodeava. Tão atraente que quase o deixou sem fôlego e isso teria acontecido, não fosse pela raiva que sentia.

— Meu herói — disse ela com uma voz que não era mais de sua mãe. Com um leve sorriso, continuou: — Totalmente desnecessário, mas o que conta é a intenção. Estou impressionada.

— E quem é você agora? Outra visão da minha mente? Ou a verdadeira Shota? — Richard estava furioso. Reconhecia muito bem a fúria da espada, mas resolveu não usar.

Com um largo sorriso, ela disse: — Essas roupas são realmente você — provocou — ou uma coisa que usa de vez em quando para um objetivo determinado?

— E qual o seu objetivo agora?

Ela ergueu a sobrancelha.

— Ora, agradar a você, Richard. Só isso.

— Com uma ilusão?

— Não — a voz ficou mais macia. — Isto não é ilusão, é como apareço para mim mesmo, pelo menos na maior parte do tempo. Isto é real.

Richard ignorou a resposta e apontou para a estrada com a espada.

— O que fez com Zedd?

Ela deu de ombros com um sorriso tentador.

— Apenas evitei que ele me fizesse mal. Pelo menos por um momento. — Os olhos amendoados brilharam sob a sobrancelha. — Eu o matarei mais tarde, depois que tivermos conversado.

Richard apertou o punho da espada.

— E Kahlan?

Shota olhou para Kahlan que continuou imóvel, pálida, lábios tremendo, olhos fixo em Shota. Richard sabia que Kahlan temia aquela mulher mais do que temia as cobras. Shota franziu a testa, depois voltou a sorrir tentadoramente, olhando para ele.

— Ela é uma mulher muito perigosa. — Seus olhos demonstravam muito maior conhecimento do que seria normal para a idade que aparentava. — Mais perigosa do que ela mesma imagina. Tenho de protegê-la de si mesma. — Deu de ombros outra

vez, segurando uma ponta flutuante do vestido fino. O resto do vestido foi para o lugar, como se a brisa tivesse parado. — Fiz isso para que ela ficasse imóvel. Se se mover, as serpentes a atacam, mas não se ficam imóveis. — Shota pensou por um momento. — Eu a matarei mais tarde também. — Sua voz parecia muito bondosa, por demais agradável para as palavras que proferia.

Richard pensou em usar a espada para decapitar a feiticeira. Sua raiva o exigia. Ele visualizou a cena concentradamente, esperando que Shota pudesse ver também. Então amainou a cólera, mas continuou alerta.

— E eu? Não tem medo de mim?

Shota sorriu.

— Um Seeker? — levou as mãos para os lábios para esconder o sorriso. — Não, acho que não.

Richard mal podia se conter.

— Talvez devesse temer.

— Talvez. Talvez em tempos normais. Mas estes não são tempos normais. Do contrário, porque você estaria aqui? Para me matar? — Seu olhar dizia que Richard devia se envergonhar por dizer coisa tão idiota, depois de uma volta completa em torno dele. Richard girou com ela, mantendo a espada entre os dois, embora isso não parecesse intimidá-la. — São tempos que exigem estranhas alianças, Richard. Só os fortes e sábios reconhecem isso. — Parou, cruzou os braços, avaliando-o com um sorriso pensativo. — Meu herói! Ora, não me lembro da última vez que alguém pensou em salvar minha vida. — inclinou-se para ele. — Muito galante. De verdade.- Passou um braço pela cintura dele. Richard queria parar com aquilo, mas não fez nada.

— Não fique lisonjeada. Tive meus motivos. — Richard achava a atitude descontraída dela enervante e extremamente atraente. Sabia que não tinha razão para se sentir atraído por ela. Shota acabava de dizer que ia matar seus dois melhores amigos e, ao ver Kahlan, sabia que ela falava sério. Pior ainda, sua espada estava fora de bainha, a fúria solta. Richard compreendeu que até aquela magia estava sendo enfeitiçada. Tinha a sensação de estar se afogando e, com surpresa, notou que era uma experiência agradável.

O sorriso dela se alargou, os olhos amendoados cintilaram.

— Como eu disse, só os fortes e sábios são necessários para a aliança. O mago não foi bastante sábio, ele tentou me matar. Ela também não é. Chegou a não querer vir aqui. Só você foi bastante sábio para ver que estes tempos exigem uma aliança como a nossa.

Richard esforçou para demonstrar certo nível de ofensa.

— Não faço aliança com pessoas que matam meus amigos.

— Mesmo quando eles tentam me matar primeiro? Não tenho o direito de me defender? Devo deitar e morrer porque os assassinos são seus amigos? Richard- disse ela, sacudindo a cabeça com um sorriso intrigado — , pense no que está dizendo. Veja as coisas com meus olhos.

Richard pensou, mas não disse nada. Shota apertou a cintura dele carinhosamente.

— Mas você foi muito galante. Você meu herói, fez uma coisa muito rara. Arriscando a vida por mim, uma feiticeira. Esse tipo de coisa que não fica sem recompensa. Você ganhou um desejo. Qualquer coisa que queira, é só dizer, que será concedida. — Com a mão livre, fez movimentos deslizando no ar. — Qualquer coisa, tem minha palavra.

Richard começou a abrir a boca. Mas Shota pôs um dedo delicadamente nos seus lábios. Encostou nele o corpo morno e firme sob a fazenda fina do vestido.

— Não estrague a opinião que eu tenho de você falando depressa demais. Deve haver alguma coisa que você quer. Não desperdice o desejo. Pense cuidadosamente antes de pedir. É um desejo importante oferecido por uma razão e talvez o mais importante desejo que você jamais terá. Pressa pode significar a morte.

Richard ferveu de raiva, a despeito da estranha atração que sentia por ela.

— Não preciso pensar. Meu desejo é que não mate meus amigos. Liberte- os e deixe-os irem ilesos.

Shota suspirou.

— Temo que isso complique as coisas.

— É mesmo? Então, sua palavra não vale nada?

Ela olhou zangada para ele. Sua voz estava áspera.

— Minha palavra vale tudo. Simplesmente quero que você saiba que isso vai complicar as coisas. Você veio à procura da resposta de uma pergunta importante. Você ganhou um desejo. Basta fazer a pergunta, que terá seu desejo realizado. Não é isso que você quer realmente? Pergunte a você mesmo o que é mais importante: quantos morrerão se não cumprir seu dever? — Apertou a cintura dele outra vez, o belo sorriso voltando. — Richard, a espada o está confundindo. A magia interfere com seu julgamento. Embainhe a espada e pense outra vez. Se for sensato, dará atenção á minha advertência. Ela tem razão de ser.

Zangado, Richard pôs a espada na bainha, para mostrar que não ia mudar de opinião. Olhou para Zedd, imóvel, petrificado. Olhou para Kahlan, com as cobras rastejando em cima dela. Quando seus olhos se encontraram, seu coração doeu por ela. Sabia que Kahlan queria que ele fizesse, via nos olhos dela. Queria que ele usasse o desejo para encontrar a caixa. Richard desviou a vista, incapaz de ver aquele tormento por mais tempo. Olhou determinado para Shota.

— Embainhei a espada, Shota. Isso não muda nada. Você vai responder à minha pergunta de qualquer modo. Sua vida também depende de eu saber a resposta. Você praticamente admitiu isso. Não estou desperdiçando meu desejo. Usá-lo para conseguir uma resposta que você pretende dar, isso sim, seria desperdiçar a vida dos meus amigos. Agora, conceda meu desejo!

— Caro Richard- disse ela com voz suave-, um Seeker precisa de raiva, mas não deixe que isso exclua da sua mente a sabedoria. Não julgue precipitadamente ações que não compreende inteiramente. Nem todos os atos são o que parecem. Alguns têm como objetivo salvar você.

Shota passou a mão lentamente na face de Richard, fazendo-o outra vez se lembrar da mãe. A suavidade dela o fez se acalmar e de algum modo o deixou triste. Naquele momento, sentiu medo do enfraquecimento dela.

— Por favor, Shota — murmurou ele. — Já fiz meu pedido. Conceda-o.

— Seu pedido, meu caro Richard, é concedido — disse ela tristemente, num murmúrio.

Richard se voltou para Kahlan. As cobras continuavam em cima dela.

— Shota, você prometeu.

— Prometi não matá-la e deixar que ela se vá. Quando você for, ela poderá ir com você, não a matarei. Ocorre que ela ainda é um perigo para mim. Se ficar quieta, as cobras não a atacarão.

— Você disse que Kahlan teria tentado matar você. Isso não é verdade, ela me guiou até aqui à procura de sua ajuda, como eu. Embora ela não tivesse a intenção de fazer mal a você, você a teria matado. E agora faz isso!

— Richard — ela pôs um dedo no queixo, pensando —, você veio pensando que sou malvada, não foi? Mesmo sem saber coisa alguma a meu respeito, estava preparado para me fazer mal, com base no que a sua mente inventou. Você aceitou o que ouviu de outros.- A voz dela era maligna. — Pessoas que tem inveja ou sentem medo dizem essas coisas. As pessoas também dizem que usar fogo é errado e que os que usam fogo são pessoas más. Muitos dizem que o velho mago é malvado e que muita gente morre por causa dele. Isso faz com que seja verdade? Algumas pessoas do Povo da Lama dizem que você levou a morte ao seu povoado. Isso faz com que seja verdade. Só porque os tolos dizem que é?

— Que espécie de pessoa tentaria me fazer pensar que é minha falecida mãe? — perguntou ele amargamente.

Shota ficou realmente magoada.

— Você não ama sua mãe?

— Claro que amo.

— Que maior presente pode uma pessoa dar do que a volta de um ente querido que se foi? Você não ficou contente por rever sua mãe? Eu pedi alguma coisa em troca? Exigi pagamento? Por um instante dei a você uma coisa bela, pura, a lembrança viva do seu amor por ela e o dela por você, à custa do um esforço que você nem pode imaginar, e você considera isso maldade. E, como pagamento, pensou em cortar minha cabeça com sua espada!

Richard engoliu a seco mas não respondeu. Desviou os olhos, inesperadamente envergonhado.

— Sua mente está envenenada pelas palavras dos outros? Por seus medos? Tudo que peço é ser julgada por meus atos, ser vista como sou, não como os outros dizem. Richard não seja um soldado desse exercito silencioso de tolos.

Richard não sabia o que dizer, ouvindo-a falar das suas próprias crenças a respeito da feiticeira.

— Olhe em volta — disse Shota, estendendo o braço. — Este é um lugar feio? De maldade?

— É o lugar mais belo que já vi — admitiu Richard em voz baixa. — Mas isso não prova nada. O que me diz daquele lugar lá em cima? — Apontou com o queixo para o bosque escuro no alto.

Ela olhou rapidamente.

— Pense nele como um fosso. — Shota sorriu com orgulho. — Afasta os tolos que me querem fazer mal.

Richard guardou a pergunta difícil para o fim.

— E ele? — Olhou para a sombra, de onde Samuel olhava para eles com olhos brilhantes.

Olhando para os olhos de Richard, ela disse, com voz repleta de tristeza: — Samuel, venha cá.

A criatura nojenta atravessou a relva até chegar perto de Shota e se encostou nela, gorgolejando feliz. Os olhos de Samuel estavam fixos na espada. Shota abaixou a mão e acariciou ternamente a cabeça calva. Depois sorriu bravamente para Richard.

— Acho que cabe uma apresentação formal. Richard, permita que apresente Samuel, seu predecessor. O Seeker.

Richard olhou para baixo, para o companheiro, com os olhos arregalados, mudo.

— Minha espada! Me dá! — Samuel começou a estender a mão. Shota disse o nome dele sem tirar os olhos de Richard e a criaturinha imediatamente recolheu o braço e se encostou outra vez nela. — Minha espada — ele se queixou em voz baixa.

— Por que ele é assim? — perguntou Richard cautelosamente, com medo da resposta.

— Você não sabe mesmo, sabe? — Shota ergueu uma sobrancelha olhando atentamente para o rosto dele. O sorriso tristonho reapareceu. — A magia. O mago não avisou a você?

Richard balançou a cabeça lentamente, incapaz de falar. Sua língua estava grudada no céu da boca.

— Muito bem, sugiro que tenha uma conversa com ele.

Richard disse com esforço: — Está dizendo que a magia vai fazer isso comigo?

— Lamento Richard, não posso responder. — Com um suspiro, ela continuou: — Um dos meus talentos é ter visões do passar do tempo, do modo em que os eventos fluem para o futuro. Mas esse é o tipo de magia de mago que não posso ver. Sou cega para ela. Não posso ver como o tempo flui para a frente.

— Samuel foi o último Seeker. Veio para cá há muitos anos, desesperado à procura de ajuda. Mas não foi capaz de fazer coisa alguma por ele, a não ser ter pena. Então o velho mago veio de repente, um dia, e tomou a espada dele. — Ergueu uma sobrancelha. — Foi uma experiência muito desagradável para nós dois. Infelizmente, tenho de admitir que não gosto muito do velho mago. — Seu rosto se abrandou outra vez. — Até hoje, Samuel pensa que a espada da verdade é dele. Mas eu sei das coisas. Os magos, através dos tempos, têm sido guardiões da espada e, portanto, da sua magia. Só dão a espada a simples Seekers por determinado tempo.

Richard lembrou que Zedd tinha dito que o último falso Seeker fora atraído por uma feiticeira e por isso tirou a espada dele. Kahlan estava enganada. Havia pelo menos um mago que ousaria ir a Agaden Reach.

— Talvez porque ele não fosse um verdadeiro Seeker. — Richard tentou de tranquilizar. Sentia a língua ainda grossa.

Shota pareceu realmente preocupada;

— Talvez. Eu simplesmente não sei.

— Deve ter sido isso — murmurou ele. — Tem de ser. Zedd teria me avisado. Ele é meu amigo.

Shota olhou para ele muito séria.

— Richard, há coisas mais importantes em jogo do que amizade. Zedd sabe disso e eu também. Afinal, você escolheu essas coisas em vez da vida dele, quando precisou.

Richard olhou para Zedd. Como queria falar com ele! Precisava tanto do mago naquele momento! Podia isso ser verdade, poderia ele ter trocado a informação sobre a caixa pela vida de Zedd, facilmente, sem pensar duas vezes?

— Shota, Você prometeu libertar Zedd.

Shota olhou atentamente por um momento.

— Desculpe, Richard. — Sacudiu a mão no ar, na direção de Zedd. Zedd oscilou e desapareceu.

— Foi só uma pequena ilusão, uma demonstração. Na verdade, não era o velho mago.

Richard pensou que devia se zangar, mas não se zangou. Apenas ficou um pouco magoado com o truque, mas triste por Zedd não estar ali com ele. Então, um medo gelado tomou conta dele e ficou todo arrepiado.

— Aquela é mesmo Kahlan? Ou você já a matou e me apresentou sua imagem, outro truque? Outra demonstração?

Shota respirou profundamente.

— Infelizmente — ela suspirou — ela é real. Esse é o problema.

Shota deu o braço a ele e o levou para frente de Kahlan. Samuel foi atrás e ficou ao lado deles. Seus braços eram tão longos que, de pé, olhando de um para o outro, seus dedos desenhavam círculos na terra.

Shota olhou para Kahlan por um momento, aparentemente perdida em pensamentos, como que tentando resolver um dilema. Richard só queria tirar aquelas cobras de cima dela. Apesar das palavras de ajuda e de amizade da feiticeira, Kahlan ainda morria de medo, não das cobras, mas da feiticeira. Era Shota que seus olhos acompanhavam, como os olhos de um animal numa armadilha, acompanham o caçador, não a armadilha.

— Richard — perguntou Shota, olhando nos olhos de Kahlan —, será que você poderia matá-la se fosse preciso? Se ela fosse uma ameaça ao seu sucesso, teria coragem de matá-la? Se isso significasse a vida de todos os outros? Diga-me a verdade.

A despeito do tom descontraído de Shota, as palavras penetraram nele com um punhal gelado. Richard olhou para os olhos de Kahlan, depois para a mulher ao seu lado.

— Ela é minha guia. Preciso dela — disse ele, simples e calmamente.

Olhos grandes amendoados se voltaram frios para ele.

— Seeker, não foi isso que eu perguntei.

Richard não disse nada, tentando evitar que seu rosto revelasse alguma coisa.

Shota sorriu, com pena.

— Como pensei. Por isso você cometeu um erro com seu desejo.

— Não cometi erro algum — protestou Richard —, se eu não tivesse usado daquele modo, você a mataria?

— Sim — admitiu Shota sinistramente. — Eu a mataria. A imagem de Zedd foi um teste. Você passou no teste e, como recompensa, eu lhe concedi um desejo, não para que tivesse algo que deseja, mas para que eu pudesse praticar um ato realmente importante para você, porque você não tem coragem necessária. Esse foi seu segundo teste. Nesse, caro rapaz, você fracassou. Devo honrar seu desejo. Esse foi seu erro, devia ter deixado que eu a matasse para você.

— Você é louca! Primeiro tenta me dizer que não é malvada, que devo julgá-la por suas ações e agora prova sua verdadeira natureza dizendo que cometi um erro quando não permiti que matasse Kahlan! E para que? Uma ameaça imaginária! Ela não fez nada para ameaçar você, nem fará. Tudo que ela quer é deter Darken Rahl, assim como eu. Assim como você!

Shota ouviu pacientemente. O olhar atemporal passou por seus olhos outra vez.

— Você não ouviu quando eu disse que nem todos os atos são o que parecem? Que alguns têm por objetivo salvar você? Mais uma vez, você julga depressa demais, sem conhecer todos os fatos.

— Kahlan é minha amiga. Esse é o único fato que importa.

Shota suspirou, como se esforçasse, para não perder a paciência e estivesse tentando ensinar uma coisa a uma criança.

Richard a olhou, sentindo-se um idiota.

— Richard, escute. Darken Rahl ativou as caixas da Ordem. Se ele tiver sucesso, ninguém terá poder para detê-lo. Jamais. Muita gente vai morrer. Você. Eu. É do meu interesse ajudar você, porque é o único que tem uma chance de deter Darken Rahl. Como ou por quê eu não sei, mas posso ver o fluxo do poder. Você é o único que tem chance.

“ Isso não significa que terá sucesso, apenas que tem uma chance. Por menor que seja, está dentro de você. Saiba também que existem forças para derrotá-lo, antes que tenha oportunidade de usar sua chance. O velho mago não tem poder de deter Rahl. Por isso ele deu a espada a você. Eu não tenho o poder de deter Rahl, mas tenho poder para ajudar. É tudo que quero fazer e, fazendo isso, ajudo a mim mesma. Não quero morrer. Se Rahl vencer, eu morro.”

— Eu sei. Por isso disse que você responderia à minha pergunta sem eu precisar usar o desejo.

— Mas sei de outras coisas, Richard que você não sabe.

Os belos olhos o estudaram atentamente, com uma tristeza dolorosa. Tinham o mesmo fogo dos olhos de Kahlan. O fogo da inteligência. Richard sentiu nela a necessidade de ajudá-lo. De repente, sentiu medo do que ela sabia, porque percebeu que a intenção de Shota não era fazer mal a ele, mas simplesmente aceitar a verdade. Viu Samuel vigiando a espada e olhou para a própria mão segurando o punho da arma, sentindo as letras em relevo da palavra Verdade.

— Shota, o que mais você sabe?

— As coisas mais fáceis primeiro — suspirou ela. — sabe quando você deteve o fogo do mago com a espada? Pratique esse movimento. Fiz esse teste por um motivo. Zedd usará o fogo do mago contra você. Só que da próxima vez, será real. O fluxo do tempo não diz quem vencerá, só que você tem uma possibilidade de vencê-lo.

Richard arregalou os olhos.

— Isso não pode ser verdade.

— Verdade — disse ela, acentuando as palavras —, como um dente dado por um pai para identificar o guardião do livro, para mostrar como realmente ele foi tomado.

Isso abalou Richard.

— E não, não sei quem é o guardião. — os olhos dela pareciam queimá-lo. — Você terá de descobrir sozinho.

Richard mal podia respirar, mal conseguiu fazer a pergunta seguinte.

— Se essa é a parte fácil, qual é a difícil?

O cabelo ruivo pousou no ombro dela quando Shota virou a cabeça, desviando os olhos dele, e olhou para Kahlan, que continuava imóvel, enquanto as cobras rastejavam no seu corpo.

— Eu sei quem ela é e que é uma ameaça para mim...- Não terminou a frase e o olhou outra vez. — Está claro que você não sabe quem ela é, do contrario não estariam juntos. Kahlan tem um poder. Um poder mágico.

— Isso eu sei — disse Richard cautelosamente.

— Richard. — Shota tentava encontrar as palavras para algo que achava difícil.- E sou uma feiticeira. Como já sabe, um dos meus poderes é ver as coisas que estão para acontecer. Por isso os tolos têm medo de mim. — Aproximou desconfortavelmente o rosto do dele. Se hálito cheirava rosa. — Por favor, Richard, não seja um desses tolos, não tenha medo de mim por causa das coisas sobre as quais não tenho controle. Posso ver a verdade dos eventos futuros, não os determino ou controlo. E justamente porque os vejo não quer dizer que me sinto feliz com eles. Só por nossas ações no presente podemos mudar o futuro. Tenha a sabedoria de usar as vantagens da verdade, não se limite a reclamar.

— E qual a verdade você vê, Shota? — perguntou Richard.

A intensidade dos olhos dela o fez prender a respiração e Shota continuou com a voz cortante com uma lâmina afiada.

— Kahlan tem um poder e, se ela não for morta, ela o usará contra você. — observou atentamente os olhos dele. — Não há dúvida sobre a verdade disso. Sua espada pode protegê-lo do fogo do mago, mas não o protegerá do toque das mãos dela.

Richard sentiu o impacto daquelas palavras como se estivessem cortando se coração.

— Não! — murmurou Kahlan. Os dois olharam para ela, para o rosto crispado de dor, — Não farei isso! Shota, eu juro, não poderia fazer isso com ele.

As lágrimas desciam no seu rosto. Shota chegou perto de Kahlan e, passando a mão no meio das cobras, tocou o rosto dela ternamente.

— Se você não for morta, lamento, mas fará o que eu disse. — Uma lágrima desceu no rosto da moça e Shota a enxugou com o polegar. — Você já chegou muito perto uma vez- disse Shota, com surpreendente compaixão. — Muito perto. — Balançou a cabeça de leve. — Isso é verdade, não é? Diga a ele se estou ou não dizendo a verdade.

Kahlan olhou para Richard. Ele contemplou as profundezas dos olhos verdes e lembrou das três vezes que ela o havia tocado quando ele segurava a espada e como o contato despertava a ira da magia. Na ultima vez, no povoado do Povo da Lama, quando as sombras apareceram, a reação mágica foi tão forte que ele quase a trespassou com a lâmina, antes de ver que era ela. Kahlan franziu as sobrancelhas e desviou os olhos dos dele. Mordeu o lábio inferior e um pequeno gemido lhe escapou da garganta.

— É verdade? — Perguntou Richard num murmúrio, com o coração na boca. — você esteve muito perto de usar seu poder contra mim, como Shota diz?

Kahlan empalideceu. Com um gemido baixo e doloroso, fechou os olhos e chorou perdidamente. — Por favor, Shota, mate-me. Você deve. Jurei proteger Richard, para deter Rahl. Por favor — implorou entre soluços. — É o único meio. Você deve me matar.

— Eu não posso — murmurou Shota. — Eu concedi um desejo. Um desejo muito tolo.

Richard mal podia suportar a dor de ver Kahlan pedindo para morrer. O nó na garganta ameaçava sufocá-lo.

De repente, Kahlan deu um grito e levantou os braços para que as cobras a picassem. Richard se lançou para as serpentes, porém

elas haviam desaparecido. Kahlan ficou com os braços erguidos, procurando as cobras que não estavam mais ali.

— Desculpe, Kahlan. Se eu deixasse que elas a picassem, a concessão do desejo seria quebrada.

Kahlan caiu de joelhos chorando, com o rosto no chão, os dedos cavando a terra.

— Sinto muito, Richard — disse ela, chorando. Agarrou as hastes de relva, depois segurou a perna da calça de Richard. — Por favor, Richard — soluçou ela —, por favor. Jurei proteger você. Tantos já morreram! Pegue sua espada e me mate. Faça isso. Por favor. Richard, acabe comigo.

— Kahlan... eu jamais poderia... — Não conseguiu dizer mais.

— Richard- disse Shota, quase chorando também —, se ela não for morta antes que Rahl abra as caixas, usará o poder contra você. Não há dúvida. Isso não pode ser mudado se ela viver. Eu concedi seu desejo. Não posso matá-la. Por isso você deve fazê-lo.

— Não! — gritou ele.

Com um gemido angustiado, Kahlan desembainhou sua faca. Richard segurou-lhe o pulso.

— Por favor, Richard — exclamou ela, encostando nele —, você não compreende. Tenho de fazer isso. Se eu viver, serei responsável pelo que Rahl fará. Por tudo que acontecer.

Richard a fez se levantar e com um braço a puxou para ele, enquanto com o outro impediu que ela usasse a faca. Olhou furioso para Shota, parada, com os braços dos dois lados do corpo, observando os dois. Aquilo tudo seria possível? Podia ser verdade? Richard desejou ter dado ouvido a Kahlan e não ter procurado Shota.

Afrouxou o braço em volta de Kahlan, quando percebeu que a estava machucando. Atordoado, perguntou-se se devia deixar que ela se matasse. Sua mão tremeu.

— Por favor, Richard — disse Shota, com os olhos cheios de lágrimas —, pode me odiar pelo que eu sou, se quiser, mas não me odeie por dizer a verdade.

— A verdade como você a vê, Shota! Mas talvez não a verdade como será. Não vou matar Kahlan só por causa do que você disse.

Shota assentiu tristemente, balançando a cabeça, olhando para ele através das lágrimas.

— A rainha Milena está com a caixa de Ordem. — Sua voz era pouco mais de um murmúrio. — Mas ouça este aviso: ela não a terá por muito tempo. Se você resolver ouvir a verdade como eu a vejo. — Virou-se para o seu companheiro. — Samuel — disse ela gentilmente —, conduza os dois para fora de Agaden Reach. Não pegue nada que pertence a eles. Eu ficaria muito aborrecida. E isso inclui a Espada da Verdade.

Richard viu uma lágrima no rosto de Shota, quando ela se voltou sem olhar para ele e começou a andar na estrada. Parou de repente e ficou imóvel, o belo cabelo ruivo afagando os ombros e quase metade das costas do vestido fino. Levantou a cabeça, mas não se virou para ele.

— Quando tudo terminar — disse ela com voz entrecortada — e se por acaso você vencer... nunca mais venha aqui. Se vier... eu o matarei.

Continuou a andar em direção do palácio.

— Shota — murmurou ele com voz rouca. — Sinto muito. Ela não parou nem olhou para trás.

CAPÍTULO 32



Quando ela virou a curva do corredor, quase tropeçou nas pernas do mago Giller, tão silenciosamente ele andava. Seus olhos percorreram o manto prateado até o rosto, lá em cima.

— Giller, você me assustou!

As mãos dele estavam enfiadas nas mangas do manto.

— Desculpe, Rachel, eu não queria assustar você. — Olhou para os dois lados do corredor e se abaixou. — O que está fazendo?

— Levando recados. — disse ela, respirando profundamente. — a princesa Violeta quer que eu vá falar com os cozinheiros e depois com as lavadeiras para dizer que ela encontrou uma mancha de molho em um dos seus vestidos e que ela nunca derramaria molho no vestido e que elas devem ter feito isso e se ela encontrar outra mancha, manda cortar as cabeças delas. Eu não quero dizer isso, elas são tão boazinhas! — Tocou no galão prateado da manga de Giller. — Mas se eu não disser, ficarei muito encrencada.

— Muito bem, diga o que ela mandou, tenho certeza de que as lavadeiras vão saber que são palavras da princesa.

Rachel olhou para os olhos grandes e escuros.

— Todo mundo sabe que ela derrama molho no vestido.

Giller riu baixinho.

— Tem razão, eu mesmo já vi. Mas não vale a pena puxar o rabo de um texugo adormecido. — Ela não entendeu e fez uma careta. — Isso quer dizer que você vai arranjar problemas se disser isso a ela, por isso é melhor ficar calada.

Rachel sabia que era verdade. Giller olhou outra vez para os dois lados. Não viu pessoa alguma.

Inclinou-se para Rachel e murmurou:

— Sinto não ter podido falar com você. Encontrou a boneca problema?

Ela sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.

— Muito obrigada. Giller. Ela é maravilhosa. Fui mandada para fora duas vezes depois que você me deu a boneca. Ela me disse que não devo falar com você a não ser que você diga que posso, por isso esperei. Nós conversamos muito e eu me senti muito melhor.

— Fico contente com isso, minha filha — sorriu ele.

— Eu a chamo de Sara. Uma boneca deve ter um nome, você entende.

— É mesmo? — Giller ergueu uma sobrancelha. — Eu não sabia disso. Muito bem, Sara é um belo nome para ela.

Rachel sorriu satisfeita por Giller gostar do nome da boneca. Passou o braço pelo pescoço do mago e, com o rosto perto do ouvido dele, disse: — Sara tem contado os problemas dela também — disse em voz baixa. — Prometi a ela que vou ajudar você. Eu nunca imaginei que você também quisesse fugir. Quando podemos ir, Giller? Estou ficando com muito medo da princesa Violeta.

Giller bateu de leve nas costas dela com a mão grande quando a menina o abraçou.

— Logo, minha filha. Mas tenho de preparar umas coisas antes, para que não nos encontrem e nos tragam de volta. Não queremos isso, certo?

Rachel balançou a cabeça encostada no ombro dele e então ouviu passos. Giller se levantou, olhando para o salão.

— Rachel seria muito ruim se nos vissem conversando. Alguém pode... ficar sabendo da boneca. De Sara.

— Acho melhor eu ir — disse ela, apressadamente.

— Não temos tempo. Fique encostada na parede e me mostre o quanto pode ser corajosa e quieta.

Rachel obedeceu e Giller ficou à frente dela, escondendo-a com seu manto. Rachel ouviu o tilintar da armadura. Deve ser algum guarda, ela pensou. Então ouviu os latidos finos. O cachorro da rainha! Devia ser a rainha com seus guardas! Estariam numa boa trapalhada, se a rainha a encontrasse escondida atrás do mago. Ela

podia descobrir a boneca! Rachel se encolheu mais entre as pregas do manto, que mexeram quando Giller se inclinou.

— Majestade — disse Giller, quando ergueu o corpo.

— Giller! — exclamou ela, com sua voz zangada. — O que está fazendo emboscado aqui?

— *Emboscado*, majestade? Pensei que sou empregado para não permitir que alguém fique emboscado por aí. Eu estava só verificando o selo mágico na sala das jóias, para ter certeza de que ninguém mexeu na caixa. — Rachel ouviu o cãozinho farejando o manto de Giller. — Se for vosso desejo, majestade, deixo as coisas ao sabor do destino e não investigo mais quando ficar preocupado. — O cão foi para o lado de Giller, bem perto de Rachel. Ela o ouviu farejar. Rachel desejou que ele seguisse seu caminho antes que ela fosse descoberta. — Nós todos iremos dormir à noite com uma prece aos nos espíritos para que, quando o Pai Rahl chegar, tudo esteja em ordem. E se alguma coisa estiver errada, podemos simplesmente dizer a ele que não queríamos ver alguém emboscado por aí, por isso não verificamos. Talvez ele compreenda.

O cãozinho começou a rosnar. Os olhos de Rachel começavam a se encher de lágrimas.

— Não precisa se irritar, Giller, eu só estava perguntando. — Rachel via o focinho negro debaixo do manto do mago. — Precioso, o que você encontrou aí? O que é, meu pequeno Precioso?

O cachorro rosnou e latiu. Giller recuou um pouco, espremendo Rachel contra a parede. Rachel tentou pensar em Sara, desejando estar com ela naquele momento.

— O que foi, Precioso? O que você farejou?

— Receio, Majestade, ter estado *emboscando* também nos estábulos. Tenho certeza de que é isso que ele está farejando. — Giller enfiou a mão no manto, bem na altura da cabeça de Rachel.

— Os estábulos. — A voz dela continuava irritada. — O que você podia ter para investigar nos estábulos? — Rachel ouviu a voz da rainha subir de tom, quando ela se inclinou para pegar o cachorro. — O que está fazendo aí, Precioso?

Tremendo, Rachel mordeu a bainha do vestido para não fazer barulho. Giller tirou a mão de dentro do manto. Ela viu uma pitada

de alguma coisa entre o polegar e o indicador dele. O cachorro enfiou a cabeça debaixo do manto e começou a latir. Giller abriu os dedos e a poeira brilhante caiu na cabeça do cão, que começou a espirrar. Então Rachel viu a mão da rainha tirando o cachorrinho de lá.

— Pronto, pronto, meu Precioso. Está tudo bem agora. Pobrezinho. — Rachel a ouviu beijar o focinho do cão como fazia sempre; depois ela também começou a espirrar. — Como você dizia, Giller, o que um mago tem de fazer num estábulo?

— Como eu dizia, majestade — a voz de Giller também podia ficar desagradável, mas Rachel achou graça porque ele estava falando com a rainha —, se um assassino quisesse entrar no castelo de uma rainha e trespassá-la com uma gorda flecha, acha que entraria pelo portão principal, calmamente? Ou ia preferir atacar com a besta, escondendo-se debaixo do feno ou atrás de alguns sacos? E depois sair do estábulo no escuro?

— Bem... eu... mas há... você acha... descobriu alguma coisa...

— Mas uma vez que vossa majestade não me quer ver emboscado no estábulo também, vou tirar o local da minha lista. Mas se não se importar, a partir de agora, quando vossa majestade estiver diante do público, ficarei bem longe. Não quero atrapalhar se um dos seus súditos quiser demonstrar seu amor pela rainha.

— Mago Giller — a voz dela estava agradável agora, como quando falava com o cachorrinho —, por favor, perdoe-me. Ando irritada ultimamente com a iminente visita do Pai Rahl. Só quero que tudo corra bem. Então nós todos teremos tudo que desejamos. Sei que você vela por meus interesses. Por favor, continue e esqueça a momentânea tolice de uma dama.

— Como quiser, majestade. — Ele se curvou outra vez.

A rainha saiu rapidamente, espirrando; Rachel ouviu parar o ruído forte dos passos dela e o tilintar da armadura.

— A propósito, mago Giller — disse ela, olhando para trás —, eu não lhe contei? Chegou um mensageiro. Disse que o Pai Rahl estará aqui mais cedo do que esperamos. Muito mais cedo. Amanhã, para ser mais precisa. Ele espera receber a caixa, é claro, para selar a aliança. Por favor, trate disso.

A perna de Giller estremeceu com tanta força que quase derrubou Rachel.

— É claro, majestade. — Giller fez outra curvatura. — Amanhã!
— resmungou ele. — Malditos espíritos, eu não estou pronto.

— O que foi, Giller?

— Rachel — murmurou ele, com o nariz adunco muito perto do dela. — A princesa está no quarto agora?

— Não — Rachel murmurou também. — Ela foi escolher tecido para um novo vestido, para quando o Pai Rahl chegar.

— Você sabe onde ela guarda a chave do quarto das jóias?

— Sei. Quando não está com ela, guarda na escrivaninha. Na gaveta do lado da janela.

Ele saiu andando pelo corredor, carregando Rachel, para o quarto da princesa. Os pés de Giller eram tão quietos no tapete que Rachel nem ouviu os passos.

— Mudança de planos, minha filha. Você pode ser corajosa por mim? E por Sara?

Ela fez que sim com a cabeça e abraçou o pescoço dele para se firmar. Giller passou por todas as portas de madeira escura, pontudas em cima, até chegar à maior de todas, uma porta dupla um pouco recuada do corredor com um pequeno hall de entrada na frente, emoldurada por pedra cinzelada. Era o quarto da princesa. Ele abraçou Rachel com força.

— Tudo certo — murmurou Giller —, você entra e apanha a chave. Eu fico aqui de guarda.

Giller pôs Rachel no chão.

— Vá depressa agora. — Ela entrou e ele fechou a porta.

As cortinas estavam abertas, deixando entrar a luz do sol, por isso ela viu logo que o quarto estava vazio. Ninguém estava fazendo limpeza ou coisa assim. O fogo na lareira tinha se apagado e os criados não tinham ainda acendido outro para a noite. A cama grande com dossel já estava arrumada. Rachel gostava da colcha com todas as pequenas flores. Combinava com o dossel, agora aberto, e com as cortinas. Rachel sempre se perguntava por que a princesa precisava de uma cama tão grande. Dava para dez pessoas. De onde ela vinha, seis meninas dormiam juntas em uma cama com

a metade do tamanho daquela e a colcha não era estampada. Rachel imaginava como seria dormir na cama da princesa. Rachel nunca havia sequer sentado nela.

Sabia que Giller estava com pressa, por isso atravessou o quarto sobre o tapete espesso, até a escrivaninha polida de madeira elegantemente espiralada. Enfiou o dedo na alça de ouro e abriu a gaveta. Isso a fez ficar nervosa, embora já tivesse feito antes sem que a princesa tivesse mandado. A chave grande do quarto das jóias estava no escaninho forrado de veludo ao lado da chave da caixa onde Rachel dormia. Pôs a chave no bolso e fechou a gaveta, com cuidado.

Quando já estava quase na porta, olhou para o canto onde ficava a caixa em que dormia. Sabia que Giller estava com pressa, mas assim mesmo foi até a caixa — precisava verificar. Entrou na caixa escura e foi até o fundo, onde o cobertor estava dobrado. Cuidadosamente puxou o cobertor.

Sara olhou para ela. A boneca estava exatamente onde ela a deixara.

— Tenho de ir depressa — murmurou ela. — Volto mais tarde.

Rachel beijou a cabeça da boneca e a cobriu outra vez com o cobertor, escondendo-a no canto, onde ninguém a encontraria. Sabia que era perigoso levar a boneca para o palácio, mas não suportava a idéia de deixá-la sozinha no abrigo do pinheiro. Rachel sabia como era solitário e assustador lá dentro, sob os galhos do pinheiro.

Correu para a porta, entreabriu-a e olhou para Giller. Ele fez sinal de que ela podia sair.

— A chave.

Rachel tirou a chave do mesmo bolso onde guardava o acendedor que Giller lhe tinha dado e o mostrou orgulhosamente a Giller. Ele sorriu e disse que ela era uma boa menina. Nunca ninguém a chamava de boa menina, pelo menos não havia muito tempo. Giller a pegou no colo outra vez e andou rapidamente pelo corredor, depois desceu a escada estreita de serviço. Ela mal ouvia os passos dele no chão de pedra. As calças dele faziam cócegas no rosto dela. Acabou de descer a escada e Giller a pôs no chão.

— Rachel — disse ele, abaixando-se para ficar à altura dela —, ouça com atenção isto não é uma brincadeira. Precisamos sair do castelo, senão cortam nossas cabeças, como Sara disse. Mas devemos agir com inteligência para não sermos apanhados. Se formos depressa, sem fazer a coisa certa primeiro, eles nos encontram. E se formos muito vagarosos, bem, é melhor não sermos vagarosos demais.

Ela começou a sentir lágrimas nos olhos.

— Giller, tenho medo de ter a cabeça cortada. Dizem que dói muito.

Giller a abraçou com força.

— Eu sei, minha filha, eu também tenho medo. — pôs as mãos nos ombros da menina e, olhando nos olhos dela, continuou: — Mas confie em mim; se fizer exatamente o que eu disser e for bastante corajosa, sairemos daqui e iremos para onde ninguém corta a cabeça das pessoas, nem as tranca em caixas e onde você pode ter sua boneca, que jamais a tirarão de você nem a jogarão no fogo. Está bem?

As lágrimas secaram.

— Isso será maravilhoso, Giller.

— Mas você tem de ser corajosa e fazer o que eu disser. Uma parte pode ser difícil.

— Vou fazer, prometo.

— E eu prometo, Rachel, que farei o que for preciso para proteger você. Estamos nisto juntos, você e eu, mas muitas outras pessoas dependem disto também. Se fizermos um bom trabalho, poderemos fazer com que muitas outras pessoas inocentes nunca mais tenham a cabeça cortada.

Ela arregalou os olhos.

— Eu gostaria disso, Giller. Detesto quando cortam as cabeças das pessoas. Fico morrendo de medo.

— Muito bem; então, a primeira coisa que você tem a fazer é dar o recado para os cozinheiros, como foi mandada, e quando estiver na cozinha, pegue um pão, o maior que encontrar. Não importa como vai fazer isso, roube, se for preciso. Depois leve-o no quarto das jóias. Use a chave e espere por mim lá dentro. Preciso

tratar de umas coisas. Então digo o que mais terá de fazer. Acha que é capaz disso?

— Claro. É fácil.

— Pois então vá.

Ela entrou no grande salão do primeiro andar e Giller subiu a escada silenciosamente. A escada da cozinha ficava no outro lado da escadaria no centro, usada pela rainha. Rachel gostava de subir a grande escada com a princesa porque tinha tapete e não era fria como a de pedra que ela devia usar. O salão era aberto no meio, onde a escada grande ia dar em um salão assoalhado com quadrados de mármore brancos e pretos. Eram muito frios sob seus pés.

Rachel tentava pensar em um meio de apanhar um pão grande sem precisar roubar, quando viu a princesa Violeta atravessando a sala, na direção da escadaria. A costureira e duas ajudantes a acompanhavam, carregando peças de tecido cor-de-rosa. Rachel procurou um lugar para se esconder, mas já tinha sido vista pela princesa.

— Bom você estar aqui, Rachel — disse a princesa. — Venha cá.

Rachel obedeceu e fez uma curvatura.

— Sim, princesa Violeta.

— O que você está fazendo?

— O que você mandou. Estava indo para a cozinha.

— Muito bem.. não precisa ir.

— Mas, princesa Violeta, tenho de ir!

A princesa franziu a testa.

— Por quê? Estou dizendo que não precisa.

Rachel mordeu os lábios; a testa franzida da princesa a apavorava. Tinha de pensar no que Giller diria.

— Bem, se não quer que eu vá, não vou — disse ela. — Mas seu almoço foi simplesmente horrível e eu detestaria ver você comer outra refeição igual. Deve estar faminta por alguma coisa boa. Mas se não quer que eu vá, não vou.

A princesa pensou por um minuto.

— Pensando melhor, vá em frente, foi mesmo horrível. Não deixe de dizer a eles o quanto estou zangada!

— Sim, princesa Violeta. — Fez uma cortesia e deu alguns passos.

— Vou fazer uma prova do vestido. — Rachel virou para trás. — Depois quero ir ao quarto das jóias para experimentar algumas que combinem com meu vestido novo. Quando der o recado para os cozinheiros, apanhe a chave e me espere lá.

Rachel teve a impressão de que seus lábios estavam grudados.

— Mas, princesa, não prefere esperar até amanhã, quando o vestido estiver pronto, para escolher as jóias?

A princesa Violeta ficou surpresa.

— Bem, sim, isso seria muito bom, experimentar as jóias com o vestido. — Pensou por algum tempo e começou a subir a escada. — Ainda bem que você pensou nisso.

Rachel respirou e foi para a escada de serviço. A princesa a chamou.

— Pensando bem, Rachel, preciso escolher alguma coisa para o jantar desta noite, portanto, preciso ir ao quarto das jóias. Encontre-se lá comigo daqui a pouco.

— Mas, princesa...

— Nada de mas. Depois de dar o recado aos cozinheiros, vá apanhar a chave e me espere no quarto das jóias. Irei para lá assim que terminar a prova.

A princesa subiu a escadaria e desapareceu.

O que ia fazer agora? Giller ia se encontrar com ela no quarto das jóias também. Sua respiração estava entrecortada, como se fosse chorar. O que ia fazer?

Faria o que Giller tinha dito. Ia ser corajosa. Para que as pessoas não tivessem as cabeças cortadas. Conteve o choro e desceu para a cozinha, imaginando para quê Giller queria um pão grande.

— Muito bem, o que você acha? — murmurou ele. — Alguma idéia?

Kahlan estava deitada no chão muito perto dele, olhando para a cena lá embaixo.

— Nem posso imaginar — murmurou ela. — Nunca vi tantos gares de cauda curta juntos.

— O que eles estarão queimando?

— Não estão queimando nada. A fumaça sai do chão. Este lugar se chama Fonte de Fogo. Aquelas são as aberturas por onde a fumaça sai e em outra a água ferve de baixo para cima e mais adiante onde outras coisas fervem, líquido amarelo malcheiroso e lama espessa. Não tenho idéia do que os gares estão fazendo aqui.

— Bem, olhe para lá, para o fundo, onde a encosta começa a subir, onde fica a maior abertura. Tem alguma coisa em cima dela, uma coisa oval envolta em vapor. Eles estão sempre indo até lá, para tocar na coisa.

Kahlan balançou a cabeça.

— Você enxerga melhor do que eu. Não vejo o que é, nem mesmo se é redonda.

Richard sentia e ouvia roncões debaixo dos pés, alguns acompanhados por enorme emissão de vapor. O cheiro horrível e sufocante de enxofre chegava até as árvores anãs, no penhasco onde estavam escondidos.

— Talvez seja bom olhar mais de perto — murmurou ele, meio para si mesmo, olhando para os gares.

— Isso seria mais do que tolice — murmurou ela zangada. — Seria estupidez completa. Um gar já é problema suficiente, ou será que esqueceu tão depressa? Deve haver dúzias deles lá embaixo.

— Você tem razão. O que é aquilo atrás deles, um pouco acima, no lado da montanha? Uma caverna?

Ela olhou para a abertura escura.

— Sim, chama-se a Caverna do Shadrin. Dizem que atravessa a montanha e vai até o vale, no outro lado. Mas não sei se alguém tem certeza, nem se existe alguém disposto a descobrir.

Richard viu os gares despedaçando um animal, brigando sobre a presa.

— O que é um shadrin?

— Shadrin é uma besta que supostamente vive na caverna. Alguns dizem que é um mito, outros juram que é real, mas ninguém quer se certificar.

Richard olhou para ela.

— E o que você acha?

Kahlan deu de ombros.

— Eu não sei. Há muitos lugares em Midlands onde supostamente existem feras. Estive em muitos deles e não encontrei fera nenhuma. A maioria dessas histórias é apenas isso, uma história. Mas não todas.

Richard ficou satisfeito de ouvir Kahlan falar. Era muito mais do que ela dizia havia dias. O comportamento estranho dos gares aparentemente despertou sua curiosidade e a tirou, por alguns instantes, do distanciamento. Mas não podiam ficar deitados ali conversando. Estavam perdendo tempo, além disso, se demorassem mais, as moscas dos gares os encontrariam. Arrastaram-se para trás, para longe da borda do penhasco, com as cabeças abaixadas e sem fazer barulho. Kahlan se recolheu outra vez no silêncio.

Uma vez longe dos gares, voltara para a estrada, a caminho de Tamarang, a terra do agreste governada pela rainha Milena. Logo chegaram a uma encruzilhada. Richard calculou que deviam ir para a direita porque Kahlan dissera que Tamarang ficava a leste. Os gares e a Fonte de Fogo estavam à esquerda deles. Kahlan seguiu pela estrada da esquerda.

— O que está fazendo? — Richard tinha de vigiá-la de perto, desde que saíram de Agaden Reach. Não podia mais confiar nela. Tudo que Kahlan queria era morrer e ele sabia que ia conseguir, se ele não vigiasse seus menores movimentos.

Ela olhou para ele com o rosto inexpressivo dos últimos dias.

— Isso se chama uma encruzilhada invertida. Lá na frente, onde não dá pra ver, por causa da disposição do terreno e do bosque fechado, as estradas se entrecruzam e mudam de direção. Por causa do arvoredo fechado, é difícil dizer onde está o sol, para onde você está indo. Se tomarmos a estrada da direita aqui, vamos chegar aos gares. A da esquerda nos leva a Tamarang.

Richard ficou intrigado.

— Por que alguém se daria ao trabalho de construir uma estrada como esta?

— É só um pequeno modo entre os muitos usados pelos dirigentes de Tamarang para confundir invasores e afastá-los do agreste. As vezes isso os detinha o tempo suficiente para que os defensores recuassem e se reagrupassem, se fosse preciso, e então voltaram ao ataque.

Ele olhou para ela por algum tempo, tentando resolver se era verdade. Irritava Richard ter de se preocupar em saber se Kahlan estava dizendo a verdade.

— Você é a guia — disse ele, afinal. — Vá em frente.

Em silencio, Kahlan começou a andar. Richard não sabia por quanto tempo ia suportar aquilo. Kahlan só falava quando era necessário, não ouvia quando ele tentava conversar e recuava sempre que ele se aproximava. Era como se ele fosse veneno, mas Richard sabia que ela se preocupava com o próprio contato. Teve esperança de que o fato de ela ter falado quando viram os gares significasse uma mudança, mas se enganou. Kahlan voltara rapidamente à atitude sombria. A cada passo, ela se distanciava mais e mais dele. Richard sabia que a estava perdendo, mas não tinha idéia do que podia fazer.

À noite, quando Kahlan vigiava e ele dormia, tinha de amarrar as mãos e os pés dela para que não se matasse. Na primeira vez em que ele a amarrou, Kahlan aceitou indiferente. Para ele foi muito doloroso. Mesmo assim, tinha de dormir com um olho aberto. Dormia aos pés dela; assim, se Kahlan visse ou ouvisse alguma coisa, podia acordá-lo. Richard estava morto de cansaço com toda aquela tensão.

Desejou nunca ter procurado Shota. A idéia de que Zedd se voltaria contra ele era inconcebível. A idéia de que Kahlan também faria isso era insuportável.

Richard comeu alguma coisa. Procurava dar um tom alegre à voz para animá-la.

— Tome, coma um pouco deste peixe seco — disse ele, sorrindo —, está realmente horrível.

Ela não sorriu.

— Não, obrigada. Não estou com fome.

Só com esforço Richard mantinha o sorriso e disfarçava a ira. Sua cabeça latejava.

— Kahlan, há dias você quase não come. Precisa comer.

— Eu disse que não quero.

— Vamos. Por mim? — insistiu ele.

— O que você vai fazer agora? Vai me segurar e me dar comida à força?

A voz calma dela o deixou furioso, mas ele disfarçou do melhor modo possível com o tom de voz, senão com as palavras.

— Se for preciso.

Ela se virou para ele.

— Richard, por favor! Deixe-me ir! Não quero estar com você! Deixe-me ir! — Era a primeira vez que ela demonstrava emoção desde Agaden Reach.

Foi a vez de Richard esconder suas emoções.

— Não.

Kahlan olhou para ele com fogo nos olhos verdes.

— Não pode me vigiar a cada minuto. Mas cedo ou mais tarde...

— Cada minuto.. se for preciso.

Entreolharam-se furiosos. Então a emoção desapareceu do rosto dela e Kahlan continuou a andar.

Tinham parado só por alguns minutos, mas foi o bastante para que a coisa que os seguia cometesse outro erro, um erro rato. Baixou a guarda brevemente e se aproximou mais — o suficiente para que Richard visse os ferozes olhos amarelos outra vez, apenas por um instante.

Richard sabia que estavam sendo seguidos desde o segundo dia da viagem. Anos passados sozinho nos bosques faziam com que percebesse quando alguém ou alguma coisa o seguia. Era um jogo que ele e os outros guias faziam às vezes no Bosque Hartland, ver até onde podiam seguir uns aos outros sem ser descobertos. Fosse o que fosse que os seguia agora, era bom nesse jogo. Mas não tanto quanto Richard. Por três vezes, agora Richard vira os olhos amarelos, quando ninguém mais teria visto.

Sabia que não era Samuel, o amarelo era mais escuro e os olhos mais juntos — e a coisa era mais esperta. Não podia ser um sabujo do coração. Eles teriam atacado muito tempo antes. Fosse o que fosse, apenas vigiava.

Richard estava certo de que Kahlan não tinha visto. Ela estava muito distante, perdida nos seus pensamentos sombrios. Mais cedo ou mais tarde a coisa apareceria e Richard estaria pronto. Mas com Kahlan daquele jeito, não precisava de mais problemas.

Ele não olhou para trás, mostrando que suspeitava, não voltou na estrada e não fez um círculo inesperado, como ele e os outros guias chamava de manobra, mas deixou que seus olhos percebessem as imagens rápidas quando elas apareciam, sem dar a perceber que as tinha visto. Estava razoavelmente certo de que a coisa que os seguia não desconfiava de que ele a tinha visto. Por enquanto, era assim que ele queria continuar. A vantagem estava do seu lado.

Observou Kahlan andando com os ombros curvados para a frente, imaginando o que faria quando chegassem a Tamarang. Quer Richard gostasse ou não, ela estava vencendo aquela batalha lenta, simplesmente porque as coisas não podiam continuar assim. Ela podia fracassar muitas vezes, mas bastava ter sucesso uma vez. Richard tinha de vencer sempre. Um descuido faria com que Kahlan desse fim à própria vida. No fim, Richard sabia, ele não podia vencer, sabia que ia perder e não conseguia pensar em nada para mudar aquilo.

* * *

Rachel sentou na banquetta baixa, na frente da cadeira alta recoberta de veludo vermelho, botões e entalhes de ouro, esperando, batendo os joelhos. Depressa, Giller, ela pensava, depressa, antes que a princesa chegue. Olhou para a caixa da rainha. Esperava que, quando a princesa viesse experimentar as jóias, não tocasse na caixa outra vez. Rachel detestava quando ela fazia aquilo, ficava morrendo de medo.

A porta se abriu um pouco e a cabeça de Giller apareceu.

— Depressa, Giller — murmurou ela.
O rosto dele entrou. Pôs a cabeça para fora, olhou para os dois lados do corredor e fechou a porta. Olhou para ela.
— Pegou o pão?
— Está aqui. — Tirou o embrulho de baixo da cadeira e pôs na banquetta. — Embrulhei numa toalha para ninguém ver.
— Muito bem — ele sorriu e deu as costas para ela.
Rachel sorriu para ele, depois franziu a testa.
— Tive de roubar. Nunca roubei nada antes.
— Pode estar certa de que foi por uma boa causa. — ele olhou para a caixa.
— Giller, a princesa Violeta vem para cá.
Ele arregalou os olhos.
— Quando?
— Ela disse que depois de provar o vestido novo. Ela é muito exigente, por isso pode demorar um pouco, mas talvez não. Ela gosta de experimentar jóias na frente do espelho.
— Malditos espíritos — murmurou Giller —, nada é muito fácil.
— Virou-se e tirou a caixa da rainha do pedestal de mármore.
— Giller! Não deve tocar nisso! É da rainha!
Ele pareceu enlouquecido quando olhou para ela.
— Não! Não é! Espere um pouco, que eu explico.
Pôs a caixa no chão, ao lado do pão. Tirou do manto outra caixa. — O que você acha desta? — Com um sorriso de canto de boca, estendeu a caixa para ela.
— Parece igual!
— Ótimo. — Pôs a caixa no pedestal, se sentou no chão ao lado dela e da banquetta. — Agora, ouça com atenção, Rachel. Não temos muito tempo e é muito importante que você compreenda.
Rachel viu que ele falava sério.
— Vou prestar atenção, Giller.
Ele pôs a mão na caixa.
— Esta caixa tem magia e não pertence à rainha.
Rachel ficou intrigada.
— Não? De quem é então?

— Não tenho tempo para explicar agora. Talvez depois que estivermos longe daqui. O importante é que a rainha é uma pessoa má. — Rachel concordou, inclinando a cabeça. Sabia que era verdade. — Ela corta cabeças só para se divertir. Não se importa com ninguém, a não ser ela mesma. Ela tem poder. Poder significa que pode fazer o que quiser. Esta caixa tem magia e a ajuda a ter poder. Por isso ela a pegou.

— Compreendo. Como a princesa tem poder, pode me esbofetear, picar meu cabelo e rir de mim.

— É isso. Muito bem, Rachel. Agora, há um homem pior ainda do que a rainha. O nome dele é Darken Rahl.

— O pai Rahl? — Rachel ficou confusa. — Todo mundo diz que ele é bom. A princesa diz que é o melhor homem do mundo.

— A princesa também diz que não derrama molho no vestido. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isso é mentira.

Giller pôs as mãos nos ombros dela, muito suavemente.

— Ouça com atenção. Darken Rahl, o Pai Rahl, é o homem mais cruel que já existiu no mundo. Ele faz mal a mais gente do que a rainha pode pensar. É tão malvado que até mata crianças. Você sabe o que isso significa, matar alguém?

Rachel ficou triste e assustada.

— Significa que você corta a cabeça e faz a pessoa morrer.

— E do mesmo modo que a princesa ri quando a esbofeteia, Darken Rahl ri quando mata as pessoas. Sabe como a princesa é no jantar, com todos os cavalheiros e as damas, como é agradável e bem-educada? Mas quando está sozinha com você ela bate no seu rosto?

Rachel fez que sim com a cabeça, sentindo um nó na garganta.

— Ela não quer que saibam o quanto é malvada.

Giller levantou um dedo.

— Exatamente! Você é uma menina muito inteligente. Muito bem, o Pai Rahl também é assim. Não quer que saibam que ele é malvado, por isso pode ser muito cortês e parecer o melhor homem do mundo. Aconteça o que acontecer, Rachel, fique sempre longe dele, se puder.

— Vou ficar, pode estar certo.

— Mas se ele falar com você, seja delicada também, não deixe que ele desconfie de que você sabe. Não deve deixar que os outros saibam tudo que você sabe. Assim estará segura.

— Como Sara — sorriu ela. — Não deixo que ninguém saiba que ela existe, para que não a possam tomar de mim. Desse modo, ela está segura.

Ele a abraçou rapidamente.

— Louvados sejam os espíritos. Você é uma criança inteligente. — Rachel ficou feliz. Ninguém nunca tinha dito que ela era inteligente. — Agora, ouça com atenção. Esta é a parte importante.

— Vou ouvir, Giller.

Ele pôs outra vez a mão na caixa.

— Esta caixa tem magia. Quando a rainha a der ao Pai Rahl, ele vai poder usar essa magia para fazer mal às pessoas. Vai cortar muitas cabeças mais. A rainha é uma pessoa malvada e quer que ele faça isso, por isso vai dar a caixa a ele.

Rachel arregalou os olhos.

— Giller, não podemos deixar que ela dê a caixa a ele. Senão, todo mundo vai ter a cabeça cortada.

Um largo sorriso apareceu sob o nariz adunco. Giller segurou o queixo dela.

— Rachel, você é a menina mais inteligente que já conheci. De verdade.

— Temos de esconder a caixa como eu escondi Sara!

— É o que vamos fazer — Giller apontou para a caixa que acabava de pôr no pedestal. — Essa é uma caixa falsa. Isso quer dizer que eles serão enganados por algum tempo e poderemos sair daqui antes que descubram que a verdadeira desapareceu.

Ela olhou para a caixa falsa. Era igual à verdadeira.

— Giller, você é o homem mais inteligente que já conheci.

O sorriso dele esfriou um pouco.

— Na verdade, minha filha, acho que sou inteligente demais para meu próprio bem. — O sorriso aqueceu outra vez. — Ouça o que vamos fazer.

Giller pegou o pão roubado da cozinha e o partiu ao meio. Com as mãos grandes, tirou um pouco do miolo. Uma parte enfiou na boca, suas bochechas estufaram, era miolo demais. Ele pôs um pouco na boca de Rachel. Ela mastigou o mais depressa possível. Estava bom, ainda quente. Quando terminaram de comer, ele pôs a caixa verdadeira no meio do pão, juntou as duas partes e mostrou para ela.

— O que você acha?

Ela fez uma careta.

— Está todo rachado. Todos vão saber que foi partido.

Ele balançou a cabeça.

— Inteligente. Você é mesmo inteligente. Muito bem, como sou mago, talvez eu possa fazer alguma coisa. O que você acha?

— Talvez.

Giller pôs o pão no colo e girou as mãos no ar por cima dele. Abaixou as mãos e segurou o pão na frente dela outra vez. As rachaduras tinham desaparecido! O pão parecia novo em folha!

— Agora, ninguém vai saber — ela riu, divertida.

— Esperemos que você tenha razão, minha filha. Teci uma teia de mago, um encantamento mágico em volta do pão, para que ninguém possa ver a magia da caixa dentro dele.

Giller estendeu o pano em cima da banquetta e pôs o pão em cima, depois virou os quatro cantos para dentro e atou com um nó. Levantou o embrulho pelo nó e o pôs na palma da outra mão, na frente dela. Olhou nos olhos de Rachel sem sorrir. Parecia quase triste.

— Agora a parte difícil, Rachel. Temos de tirar a caixa daqui. Não podemos esconder no castelo, porque seria encontrada. Lembra onde escondi a boneca, no jardim?

Rachel sorriu orgulhosa. Sim, ela lembrava.

— Terceira urna à direita.

— É onde vou esconder isto, como escondi a boneca. Você deve apanhá-la, como apanhou a boneca e levá-la para fora do castelo. — Inclinou-se para ela. — Tem de fazer isso esta noite.

Rachel começou a enrolar a bainha do vestido com o dedo. As lágrimas apareceram nos seus olhos.

— Giller, tenho medo de tocar na caixa da rainha.

— Sei que tem medo. Mas não se lembra de que a caixa não é da rainha? Você quer evitar que toda aquela pobre gente tenha a cabeça cortada, não quer?

— Sim — choramingou ela. — Mas você não pode tirar a caixa do castelo?

— Se pudesse, juro, Rachel, que tiraria. Mas não posso. Algumas pessoas me vigiam e não querem que eu saia do castelo. Se me encontrassem com a caixa, então o Pai Rahl ficaria com ela e não podemos permitir isso, podemos?

— Não... — Então ela ficou realmente apavorada. — Giller, você disse que ia fugir comigo. Você prometeu.

— E pretendo cumprir essa promessa, acredite. Mas posso levar alguns dias para poder sair de Tamarang. É muito perigoso a caixa ficar aqui mais um dia e eu não posso levá-la para fora. Você deve fazer isso. Leve para seu lugar secreto, para seu pinheiro amigo. Espere por mim lá até eu poder cobrir sua fuga, que vou me encontrar com você.

— Acho que eu consigo. Se você diz que é importante, vou tentar.

Giller se sentou na banquetta. Levantou Rachel, segurando-a pela cintura e a pôs no colo.

— Rachel, ouça bem. Mesmo que você viva cem anos, nunca mais vai fazer uma coisa tão importante. Deve ser corajosa, mais corajosa do que nunca. Não deve confiar em ninguém. Não deve deixar que alguém pegue a caixa. Dentro de alguns dias, estarei com você, mas, se alguma coisa sair errada e eu não aparecer, você deve se esconder com a caixa até o inverno. Então tudo estará bem. Se eu conhecesse alguém que pudesse ajudar você, eu o procuraria. Mas não conheço. Você é a única pessoa que pode fazer isso.

Rachel olhou arregalada para ele.

— Eu sou tão pequena... — disse ela.

— Por isso estará segura. Todos pensam que você é ninguém. Mas isso não é verdade. Você é a pessoa mais importante do mundo, mas pode enganá-los porque eles não sabem. Você tem de

fazer isso, Rachel. Preciso muito da sua ajuda, bem como todas as outras pessoas. Sei que é bastante inteligente e corajosa.

Rachel viu que os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

— Vou tentar, Giller. Vou ser corajosa. Você é o melhor dos melhores homens do mundo. Se me diz para fazer, eu faço.

Ele balançou a cabeça.

— Eu fui um homem muito tolo, Rachel, nem de perto tenho sido o melhor homem do mundo. Se eu tivesse sido sensato antes e me lembrasse do que me ensinaram, do meu verdadeiro dever, da razão pela qual me tornei mago, talvez não tivesse de pedir isso a você. Mas, assim como esta é a coisa mais importante que você jamais fará na vida, é também a mais importante que jamais farei. Você não pode fracassar, Rachel. Não pode. Aconteça o que acontecer, não deixe que ninguém a detenha. Ninguém.

Ele pôs um dedo de cada lado da testa dela e Rachel teve uma sensação de segurança. Sabia que ia conseguir e que nunca mais precisaria obedecer à princesa. Seria livre. Giller retirou os dedos bruscamente.

— Vem vindo alguém — murmurou ele. Beijou rapidamente a cabeça dela. — Que os bons espíritos a protejam, Rachel.

Giller se levantou e encostou na parede, atrás da porta. Guardou o pão sob o manto e encostou um dedo nos lábios. A porta se abriu e Rachel se levantou de um salto. Era a princesa Violeta. Rachel fez uma curvatura. Quando ergueu o corpo, a princesa a esbofeteou, depois riu. Rachel olhou para o chão e, enquanto esfregava o rosto, contendo as lágrimas, viu um pedaço de pão entre os pés da princesa Violeta. Olhou rapidamente para Giller espremido na parede atrás da porta. Ele viu também. Mais quieto do que um gato, ele se curvou e pegou o pedaço de pão, pôs na boca e saiu pela porta atrás da princesa Violeta, sem que ela o visse.

* * *

Kahlan estendeu os braços para ele, as mãos fechadas, os pulsos muito juntos, esperando que Richard os amarasse com a corda. Os olhos parados olhavam para alguma coisa. Kahlan tinha

dito que não estava cansada, mas Richard estava — sua cabeça latejava tanto que chegava a provocar náuseas —, por isso ela ia fazer o primeiro turno da vigia. Richard não sabia de que adiantava aquela vigia, olhando daquele modo sem ver. Ele amarrou com força os pulsos dela, vendo desaparecer sua última esperança. Nada estava mudando, nada estava ficando melhor, como tinha esperado, era apenas uma batalha sem fim, Kahlan querendo morrer, Richard tentando constantemente evitar.

— Não posso continuar a fazer isso — murmurou ele, olhando para os pulsos dela à luz da pequena fogueira. — Kahlan, é você que quer morrer mas é a minha que está matando.

Os olhos verdes ergueram-se para ele, refletindo a luz do fogo.

— Então deixe-me ir, Richard. Por favor, se gosta um pouco de mim, deixe-me ir.

Ele deixou cair a corda. Com mãos tremulas, tirou do cinto a faca de Kahlan e olhou para ela por um minuto. O brilho da lâmina parecia obscuro aos seus olhos. Segurando com força o cabo da arma, ele a pôs na bainha na cintura de Kahlan.

— Você venceu. Saia daqui. Saia da minha frente.

— Richard...

— Eu disse, saia! — Apontou para o caminho por onde tinham vindo. — Volte e deixe que os gares se encarreguem disso. Você pode não fazer um bom trabalho com faca! Detesto pensar que você pode não fazer a coisa direito e que depois de tudo isso possa não morrer.

Deu as costas para ela e se sentou num abeto derrubado pelo vento, à frente do fogo. Ela olhou para ele em silêncio, depois deu alguns passos.

— Richard.. depois de tudo que passamos juntos, não quero que termine assim.

— Não me importa o que você quer. Você perdeu esse direito. — Então, com esforço disse: — Saia da minha frente.

Kahlan olhou para o chão. Richard se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, o rosto nas mãos trêmulas. Teve vontade de vomitar.

— Richard — disse ela suavemente —, quando tudo isto terminar, espero que possa pensar em mim sem rancor, com mais carinho do que sente agora.

Foi a gota d'água. Ele se levantou do tronco caído e agarrou o camisão dela.

— Vou me lembrar de você pelo que você é! Uma traidora! Traidora de todos os que morreram, de todos que vão morrer! — Assustada, ela tentou se livrar dele, mas Richard não permitiu. — Traidora de todos os magos que deram a vida, de Shar, Siddin e das pessoas do Povo da Lama que foram mortas. Traidora de sua irmã!

— Isso não é verdade...

— Traidora de todos esses e de outros mais! Se eu falhar e Rahl vencer, será graças a você. É a você que Darken Rahl deverá agradecer. Você o terá ajudado!

— Faço isso para ajudar você! Você ouviu o que Shota disse. — Ela começou a ficar zangada também.

— Não venha com isso. Não caio nessa. Sim, ouvi o que Shota disse. Ela disse que você e Zedd se voltarão contra mim. Não disse que estarão errados!

— Como assim?

— Isso não é uma aventura para mim. É para deter Rahl! Como você sabe que quando tivermos a caixa não serei eu quem vai entregá-la a ele? E se eu for o traidor e a única chance de evitar que Rahl tenha a caixa é você e Zedd tentarem me deter?

— Isso não tem sentido.

— Tem mais sentido do que você e Zedd tentarem me matar? Seria necessário que os dois estivessem errados, mas, se eu for o traidor, será necessário só um estar. É apenas um enigma idiota de uma feiticeira! Você vai morrer por um enigma idiota! Não podemos saber o que acontecerá. Não podemos saber o significado do que ela disse, qual será a verdade! Ou se há alguma verdade. Não enquanto não acontecer! Só então podemos saber o que significa e tenta resolver.

— Só sei que não me posso permitir viver para realizar a profecia. Você é o fio que tece esta luta.

— E esse fio não pode tecer sem a agulha! Você é minha agulha. Sem você, eu não teria chegado até aqui. A cada curva preciso de você. Hoje, na encruzilhada invertida, eu teria tomado o caminho errado. Você conhece a rainha, eu não. Mesmo que eu consiga a caixa sem você, e depois? Para onde irei? Não conheço Midlands. Para onde eu iria, Kahlan, diga-me. Como saberei onde posso estar seguro? Posso ir diretamente para as mãos de Rahl, levar a caixa diretamente a ele.

— Shota disse que você é o único com alguma chance. Sem você, tudo estará perdido. Não sem mim. Sem você. Ela disse que se viver... Richard, não posso permitir isso. Não vou permitir.

— Você está nos traindo — ele insistiu num murmúrio.

Kahlan balançou a cabeça devagar.

— A despeito do que você pensa, Richard, faça isso por você.

Com um grito, Richard a empurrou para trás com toda a força. Kahlan caiu de costas no chão. Richard ficou de pé ao lado dela, olhando furioso para baixo, com a poeira erguendo-se em volta dos pés.

— Não se atreva a dizer isso! — gritou ele, fechando os punhos. — Faz isso por você mesma, porque não tem coragem para enfrentar o que a vitória exige! Não se atreva a dizer que faz isso por mim!

Kahlan se levantou, sem tirar os olhos dele.

— Richard, eu daria quase tudo para que você não se lembrasse de mim desse modo. Mas faço o que devo fazer. Por você. Para que você tenha uma chance. Jurei proteger o Seeker com a minha vida. Chegou a hora do pagamento. — As lágrimas desciam no seu rosto entre a poeira.

Ao ver Kahlan se virar e desaparecer no escuro, Richard sentiu como se alguma coisa tivesse se desligado dentro dele e a vida estivesse escoando do seu corpo.

Foi para perto do fogo e deslizou o corpo para baixo, encostado no tronco caído, até se sentar no chão. Ergueu os joelhos e passou os braços em volta, apoiou o rosto neles e chorou como jamais tinha chorado.

CAPÍTULO 33



Sentada na banqueta baixa atrás da princesa, Rachel batia um joelho no outro, pensando em um meio de fazer com que a princesa a mandasse sair do castelo para levar a caixa e nunca mais voltar. Pensava no pão com a caixa dentro, que a esperava no jardim. Estava com medo, mas excitada também. Porque estaria ajudando toda aquela gente a não ter a cabeça cortada. Era a primeira vez em que se sentia como uma pessoa importante. Torceu a bainha do vestido. Mal podia esperar para sair dali.

Todos os cavalheiros e damas tomavam a bebida especial. Pareciam felizes. Giller estava de pé atrás da rainha, com os outros conselheiros. Conversava em voz baixa com o artista da corte. Rachel não gostava do artista, ele a assustava, sempre sorria de modo estranho para ela. E tinha só uma das mãos. Rachel ouvira os criados dizendo que tinham medo de que o artista os pintasse num quadro.

Os convidados começaram a ficar assustados. Olharam para a rainha e começaram a se levantar. Rachel olhou para a rainha e viu que eles não estavam olhando para ela, mas para outra coisa atrás dela. Rachel arregalou os olhos quando viu os dois homens grandes.

Eram os maiores homens que já tinha visto. Suas camisas não tinham mangas, mas os braços exibiam argolas de metal com pontas aguçadas. Eram musculosos e seu cabelo era amarelo. Pareciam os homens mais malvados do mundo, piores até do que os guardas das masmorras. Eles olharam em volta, para os convidados, depois ficaram de pé, cada um de um lado do arco de entrada da sala atrás da rainha, e cruzaram os braços. A rainha bufou e se virou para trás para ver o que estava acontecendo.

Um homem de olhos azuis, cabelo louro comprido, vestindo um manto branco com uma faca com cabo de ouro no cinto entrou na sala. Era o homem mais bonito que Rachel já tinha visto. Ele sorriu para a rainha. Ela se levantou de um salto.

— Que surpresa! — disse ela com sua voz mais gentil. — É uma honra para nós. Mas o esperávamos amanhã.

O homem sorriu outra vez gentilmente para ela.

— Não pude esperar para vir aqui, para ver seu rosto adorável outra vez. Perdoe-me por ter vindo mais cedo, majestade.

Com uma risadinha nervosa, a rainha estendeu a mão para ser beijada. Estava sempre fazendo todo mundo beijar sua mão. Rachel ficou surpresa com o que o homem bonito tinha dito. Nunca pensou que alguém pudesse achar adorável o rosto da rainha. A rainha segurou as mãos dele e o levou para a frente dos convidados.

— Senhores e senhoras, permitam-me que lhes apresente o Pai Rahl.

Pai Rahl! Rachel olhou em volta para ver se alguém a vira dar um pulo na banquetta, mas estavam todos olhando para o Pai Rahl. Rachel tinha certeza de que ele ia olhar para ela e descobrir que estava pronta para fugir com a caixa. Olhou para Giller, mas ele não a olhou. Estava muito pálido. O Pai Rahl chegara antes de ela fugir com a caixa! O que Rachel ia fazer?

Ia fazer o que Giller tinha dito: ser corajosa e salvar todas aquelas pessoas que agora estavam ali de pé. O cachorrinho latiu. Pai Rahl se voltou para o lugar de onde vinha o som e o cachorro parou de latir e começou a ganir baixinho. Ele voltou a olhar para os convidados, que estavam em completo silêncio.

— O jantar terminou. Vão nos dar licença agora — disse ele, com voz suave.

Todos começaram a murmurar. Os olhos azuis os observavam. O murmúrio cessou e as pessoas começaram a se retirar, vagarosamente a principio, depois depressa. Pai Rahl olhou para alguns conselheiros e eles saíram, satisfeitos. Para poucos ele não olhou, incluindo Giller, e eles ficaram. A princesa Violeta também ficou e Rachel tentou se esconder atrás dela para não ser notada. A rainha sorriu e levantou a mão, indicando a mesa.

— Não quer se sentar, Pai Rahl? Tenho certeza de que fez uma viagem cansativa. Permita que o sirvam de alguma coisa para comer. Temos um belo assado esta noite.

Ele olhou para ela com os olhos parados.

— Não aprovo carnificina de animais indefesos para comer-lhes a carne.

Rachel pensou que a rainha ia sufocar.

— Bem, então... temos também uma ótima sopa de nabos e algumas outras coisas, tenho certeza de que deve haver alguma coisa; se não tivermos, os cozinheiros podem preparar o que for do...

— Talvez em outra ocasião. Não estou aqui para comer, estou aqui para receber sua contribuição à aliança.

— Mas... é muito mais cedo do que eu esperava, não terminamos a redação do acordo, muitos papéis ainda precisam ser assinados e com certeza vai querer examiná-los primeiro.

— Terei prazer em assinar o que estiver pronto e dou minha palavra de que assinarei qualquer documento adicional que tenham redigido. Confio na sua honestidade para fazermos um acordo justo — sorriu ele. — Não tem intenção de me enganar com seus acordos, tem?

— É claro que não, Pai Rahl.

— Pois então é isso. Por que vou precisar de que alguém examine os papéis, se está sendo honesta comigo? Está sendo honesta, não foi o que disse?

— Bem, é claro que estou. Acho que não há necessidade... mas isso é muito fora do comum.

— Como nossa aliança. Então, vamos em frente.

— Sim. Sim, é claro. — Voltou-se para um dos conselheiros. — Vá apanhar tudo sobre a aliança que já estiver pronto. Traga penas e tinta. E o meu selo. — O conselheiro fez uma mesura e saiu. A rainha se virou para Giller. — Seja onde for que tenha escondido a caixa, vá buscá-la.

Giller curvou o corpo.

— É claro, majestade.

Rachel se sentiu sozinha e com medo quando Giller saiu da sala, com o manto prateado flutuando atrás dele.

Enquanto esperavam, a rainha apresentou a princesa ao Pai Rahl. Rachel ficou atrás da cadeira da princesa quando ela se adiantou para ter a mão beijada. O Pai Rahl se inclinou para ela, beijou sua mão e disse que ela era tão bonita quanto a mãe. A princesa sorriu muito e encostou no peito a mão que ele tinha beijado.

O conselheiro voltou com seus auxiliares; cada um carregava braçadas de papéis. Empurraram os pratos da mesa, fazendo lugar para os papéis, virados para a rainha e para o Pai Rahl. Um dos auxiliares pingou cera vermelha derretida nos papéis e a rainha calcou seu selo. Pai Rahl disse que não tinha selo, mas que bastava assinar seu nome, que tinha certeza de que o reconheceriam no futuro. Giller voltou e ficou num lado, esperando que terminassem. Os homens começaram a recolher os papéis, discutindo sobre a ordem em que deviam ser arrumados. A rainha fez sinal para Giller se adiantar.

— Pai Rahl — disse Giller com seu sorriso mais amável —, permita-me entregar ao senhor a caixa de Orden da rainha Milena. — Estendeu a caixa falsa com as duas mãos, cuidadosamente, como se fosse a verdadeira. As jóias que a ornavam cintilavam.

Pai Rahl sorriu e, cuidadosamente também, tirou a caixa das mãos de Giller. Ele a virou de um lado para outro por um momento, olhando para as belas jóias. Então fez sinal para um dos homens grandes, com todos aqueles músculos, se adiantar. O homem obedeceu e Pai Rahl, olhando nos olhos dele, lhe entregou a caixa.

O homem apertou a caixa com uma das mãos e a esfacelou. A rainha arregalou os olhos.

— O que significa isso? — ela perguntou.

O rosto do Pai Rahl era agora assustador.

— É o que eu quero saber, majestade. Esta caixa é falsa.

— Ora, simplesmente não é possível... de modo algum... eu tenho certeza... — A rainha voltou-se para Giller. — Giller! O que você sabe sobre isso?

Com as mãos enfiadas nos pinhos do manto, ele disse: — Majestade, eu não compreendo... ninguém quebrou o selo mágico, eu mesmo tomei conta disso. Garanto que é a mesma caixa que estou guardando desde que vossa majestade a pôs em minhas mãos. Devia ser falsa desde o principio. Fomos enganados. É a única explicação possível.

Os olhos azuis do Pai Rahl não deixaram o rosto de Giller enquanto ele falava. Então ele olhou para um dos seus homens. O guarda agarrou por trás da gola o manto de Giller e com uma das mãos o ergueu do chão.

— O que está fazendo? Largue-me, seu brutamontes! Respeite um mago ou vai se arrepender, eu garanto! — Seus pés balançavam no ar.

Rachel sentiu um nó na garganta e os olhos cheios de lágrimas. Tentou se corajosa e não chorar. Sabia que, se chorassem, podia ser notada.

Pai Rahl lambeu as pontas dos dedos.

Não é a única explicação possível, mago. A caixa verdadeiramente tem magia, um tipo especial de magia. A magia desta caixa está errada. Uma rainha não poderia notar. Mas um mago sim.

Pai Rahl sorriu para a rainha.

— O mago e eu vamos agora ter uma conversa particular. — Saiu da sala, com o manto branco flutuando atrás dele. O homem que segurava Giller no ar saiu com ele. O outro homem grande parou na frente da porta com os braços cruzados. Os pés de Giller não tocavam o chão.

Rachel quis correr atrás de Giller, temendo por ele. Viu quando ele virou a cabeça e olhou para as pessoas na sala. Os olhos escuros e arregalados do mago por um segundo olharam diretamente nos olhos dela. Então ele ouviu uma voz dentro da sua cabeça, clara como se ele tivesse gritado. A voz gritou apenas uma palavra:

Fuja.

Então ele se foi. Rachel queria chorar. Em vez disso, mordeu a bainha do vestido. Todos em volta da rainha começaram a falar ao mesmo tempo. James, o artista da corte, apanhou alguns pedaços

da caixa falsa e os examinou, virando de um lado para outro, apoiando no braço que não tinha mão. A princesa Violeta tirou dele um pedaço grande e passou a mão nas jóias.

Rachel se lembrou da voz dentro da sua cabeça, a voz de Giller, dizendo para ela fugir. Olhou em volta. Ninguém prestava atenção nela. Deu a volta às mesas, com a cabeça mais baixa do que as toalhas, para não ser vista. Quando chegou ao outro lado da sala, olhou para trás para ver se alguém estava olhando. Ninguém.

Tirou alguma comida das bandejas, um pedaço de carne, três pãezinhos e um pedaço grande de queijo duro. Guardou tudo nos bolsos e olhou outra vez para as pessoas que estavam na sala.

Então correu para o corredor. Continha-se para não chorar, procurando ser corajosa para Giller. Seus pés descalços deslizavam no tapete e ela passou pelas tapeçarias penduradas na parede. Antes de chegar aos guardas das portas, diminuiu o passo, para que eles não dissessem nada. Os guardas do lado de fora apenas a olharam brevemente.

Rachel enxugou algumas lágrimas do rosto quando desceu os degraus frios. Tentava evitar as lágrimas, mas algumas escaparam. Os guardas a ignoraram quando ela passou rapidamente pelas pedras em direção ao jardim.

Longe dos archotes presos nas paredes no lado de fora do castelo, estava escuro, mas Rachel sabia o caminho. A grama estava molhada sob seus pés. Na terceira urna, ela se ajoelhou, olhou em volta para ver se havia alguém por perto e pôs a mão debaixo das flores. Sentiu o pano que envolvia o pão e o tirou da floreira. Desfez o nó, abriu as quatro pontas, tirou do bolso a carne, os pãezinhos e o queijo, pôs tudo em cima do pão, depois dobrou para cima outra vez as pontas e deu um nó.

Quando se preparava para correr para o portão externo, ela lembrou e deixou escapar uma exclamação abafada. Parou rígida, com os olhos muito abertos.

Tinha esquecido Sara! A boneca estava ainda na caixa onde ela dormia! A princesa Violeta ia encontrá-la e jogá-la no fogo! Não podia deixar a boneca lá. Estava fugindo para nunca mais voltar. Sara ficaria com medo sem ela. Seria queimada.

Pôs o pão outra vez debaixo das flores, olhou em volta e correu para o castelo. Teve de andar devagar quando chegou perto, outra vez iluminada pela luz dos archotes. Um dos guardas olhou para ela.

— Eu acabei de deixar você sair — disse ele.

Rachel engoliu em seca.

— Eu sei, mas agora preciso voltar por uns dez minutos.

— Esqueceu alguma coisa?

Ela fez que sim com a cabeça e a custou conseguir dizer: — Sim.

O guarda balançou a cabeça e ergueu a pequena janela.

— Abra a porta — disse ele para o guarda que estava no lado de dentro. Rachel ouviu a tranca sendo retirada.

Uma vez dentro do castelo, Rachel olhou para os lados. O salão com o chão de mármore branco e preto e a escadaria ficavam em frente, logo depois vinha os corredores longos e algumas salas grandes. Uma delas era a sala de jantar. Era o caminho mais curto. Mas a rainha ou a princesa podia estar lá ou até mesmo o Pai Rahl. Podiam vê-la. Rachel não podia ser vista. A princesa Violeta era capaz de levá-la para o quarto e trancá-la na caixa. Já era tarde.

Rachel virou-se e entrou na pequena porta à direita. Era o corredor de serviço, muito mais longo, mas ninguém importante a deteria ali, todos sabiam que ela era a companheira de brincadeiras da princesa e não queriam que a princesa ficasse zangada com eles. Teria de passar pela sala em que ficavam os criados, debaixo dos salões e da cozinha.

A escada era de pedra, com as bordas dos degraus gastas. Uma janela no alto deixava passar a chuva e os degraus estavam sempre molhados com a água que escorria das paredes, em alguns lugares pouco, em outros muito e os degraus eram cobertos de limo. Archotes em suportes de ferro faziam com que as pedras e os degraus parecessem vermelhos e amarelos.

Havia algumas pessoas nos corredores no fim da escada, criados carregando roupa de cama e mesa e mulheres faxineiras com baldes de água e esfregões e homens carregando lenha para as lareiras lá em cima. Alguns paravam para conversar em voz baixa.

Pareciam nervosos. Rachel ouviu o nome de Giller e sentiu nó na garganta.

Quando passou pelo alojamento dos criados, todos os lampiões a óleo estavam acesos, dependurados nas vigas grandes do teto e em volta deles um grupo conversavam, cada um contando o que tinha visto. Rachel viu um homem falando alto com as mulheres em volta e alguns homens. Era o Sr. Sanders, o criado que usava o sobretudo bonito e cumprimentava as belas senhoras e os cavalheiros que chegavam para jantar e anunciava os nomes deles quando entravam na sala.

— Eu mesmo ouvi dos dois que guardavam a sala de jantar. Sabem de quem estou falando, o jovem Frank e o outro, o que anda mancando, Jenkins. Contaram que os Guardas de D’Hara disseram para que eles pessoalmente que vai haver uma revista no castelo, de alto a baixo.

— O que estão procurando? — perguntou uma mulher.

— Não sei. Pelo menos eles não disseram a Frank e Jenkins. Mas seja lá o que for, eu não queria que estivesse comigo. Aqueles homens de D’Hara podem dar pesadelos em quem está acordado.

— Eu queria que encontrassem o que procuram debaixo da cama de Violeta — disse alguém.

—Seria bom que ela tivesse um pesadelo, para variar, em vez de dar pesadelos à gente .

Todos riram.

Rachel continuou seu caminho atravessando a grande sala de depósito com colunas. Num lado ficavam os barris enfileirados, uns em cima dos outros; caixas, engradados e sacos, no outro. Cheirava a bolor e umidade e ela ouvia os ratos correndo. Atravessou pelo centro, passou pelos lampiões que pendiam dos lados das colunas, até uma porta pesada, no outro lado. As dobradiças de ferro rangeram quando ela puxou a argola de ferro e abriu a porta. Esfregou a mão na pedra para limpar a ferrugem da argola. Outra porta grande à direita levava à masmorra. Rachel subiu a escada. Estava escura, só com um archote no alto, e ela ouvia a água pingando e escoando nas paredes. Passou pela porta entreaberta no topo da escada e foi para os corredores frios com blocos de pedra

como o vento que passava por eles. Estava assustada demais para chorar. Queria que Sara estivesse a salvo, com ela, bem longe dali.

Finalmente, no último andar, ela espiou pela porta para os dois lados do corredor que passava pelo quarto da princesa Violeta. O corredor estava vazio. Nas pontas dos pés, sobre o tapete com os desenhos de barcos, chegou à entrada do quarto, um pouco afastada do corredor. Verificou o corredor outra vez. Cautelosamente, entreabriu a porta. O quarto estava escuro. Ela entrou e fechou a porta.

Havia fogo na lareira, mas nenhum lampião aceso. Atravessou o quarto, sentindo o tapete espesso sob os pés descalços. Foi como se um vento gelado tivesse passado por ela.

— Procurando alguma coisa? — Era a voz da princesa Violeta.

Por um momento ela não conseguiu se mover. Sua respiração ficou difícil, mas lutou para conter as lágrimas. Não podia deixar que a princesa Violeta a visse chorando. Saiu da caixa de costas e viu um vulto escuro à frente do fogo. Era a princesa Violeta. Ela deu um passo à frente, afastando-se da lareira, na direção de Rachel. Suas mãos estavam atrás das costas. Não dava para ver o que ela segurava.

— Eu ia entrar na caixa para dormir.

— É mesmo? — Rachel agora podia ver melhor no escuro. Viu o sorriso da princesa Violeta. — Por acaso não estava procurando isto, estava?

Tirou as mãos das costas e Rachel viu Sara. Rachel arregalou os olhos e de repente compreendeu que precisava usar todas as cartas que tinha.

— Princesa Violeta, por favor... — choramingou ela. Estendeu a mão, suplicando.

— Venha cá, vamos conversar.

Lentamente ela se aproximou da princesa e parou na frente dela, torcendo a bainha do vestido. Bruscamente a princesa a esbofeteou, com mais força do que nunca. Foi tão forte que a empurrou para trás. Rachel soltou um grito e levou a mão ao rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas. Fechou o punho no bolso, determinada a não chorar dessa vez.

A princesa se aproximou dela e bateu na outra face com as costas da mão. As juntas dos seus dedos doeram mais do que na primeira bofetada. Rachel cerrou os dentes e segurou com força uma coisa no bolso, para impedir as lágrimas.

A princesa Violeta voltou para perto da lareira.

— O que eu disse que faria se você tivesse uma boneca?

— Princesa Violeta, por favor, não faça isso... — Rachel tremia por causa da dor no rosto e porque estava muito assustada. — Por favor, deixe-me ficar com ela. Ela não faz qualquer mal a você.

Com um riso malvado, a princesa disse: — Não. Vou jogar no fogo, como eu disse que faria. Para você aprender. Qual é o nome dela?

— Ela não tem nome.

— Bem, não faz mal, queimará do mesmo modo.

Virou-se para a lareira. Rachel segurava ainda alguma coisa. Tirou do bolso e olhou.

— Se jogar minha boneca no fogo, vai se arrepender.

A princesa se virou para ela rapidamente.

— O que você disse? Como se atreve a falar comigo desse modo? Você é ninguém, eu sou uma princesa.

Rachel encostou o acendedor mágico na toalha que cobria uma pequena mesa de mármore, ao seu lado.

— Acenda para mim — murmurou ela.

A toalha pegou fogo. A princesa ficou surpresa. Rachel encostou o acendedor num livro, sobre outra mesa de mármore. Olhou rapidamente para os olhos da princesa, para se certificar que ela estava vendo, murmurou outra vez e, com um rugido, o livro também se incendiou. A princesa Violeta arregalou os olhos. Rachel pegou o livro por uma ponta e o jogou na lareira. Virou-se para trás, deu um passo e encostou o acendedor na princesa.

— Dê-me a boneca ou eu ponho fogo em você.

— Você não ousaria...

— Agora mesmo! Se não der, ponho fogo em você e sua pele vai ficar toda queimada.

A princesa Violeta deu a boneca a ela.

— Tome. Por favor, Rachel, não me queime. Tenho medo do fogo.

Rachel pegou a boneca com a mão esquerda e a apertou contra o peito, com o acendedor ainda encostado na princesa. Rachel começou a ter pena dela. Então pensou na dor do seu rosto. Doía mais que nunca.

— Vamos esquecer tudo isso, Rachel. Pode ficar com a boneca, está bem? — A voz dela era agradável agora, não agressiva como antes.

Rachel sabia que era um truque. Assim que houvesse guardas por perto, a princesa mandaria cortar sua cabeça. Então a princesa Violeta ia rir de verdade e também queimaria Sara.

— Entre na caixa — disse Rachel. — Para ver como é bom.

— O quê?

Rachel empurrou o acendedor contra a princesa.

— Agora mesmo ou ponho fogo em você.

A princesa Violeta andou devagar, com o acendedor nas suas costas.

— Rachel, pense no que está fazendo; quer mesmo...

— Cale a boca e entre. A não ser que queira pegar fogo.

A princesa ficou de quatro e entrou na caixa. Rachel se abaixou para olhar.

— Vá para o fundo.

A princesa obedeceu. Rachel bateu a porta e foi até a gaveta apanhar a chave. Trancou a porta de ferro e guardou a chave no bolso. Ajoelhou-se e olhou para dentro, pela pequena portinhola. Mal dava para ver os olhos da princesa, no escuro.

— Boa noite, Violeta, Vá dormir. Esta noite vou dormir na sua cama. Estou cansada da sua voz. Se fizer algum barulho, ponho fogo em você. Entendeu?

— Entendi — disse a princesa com voz fraca.

Rachel pôs Sara no chão para erguer o tapete de pele e cobrir com ele a caixa. Foi até a cama e se sentou com força. Fazendo ranger as molas, para que a princesa pensasse que ela ia se deitar.

Sorrindo, Rachel foi nas pontas dos pés até a porta, abraçando Sara.

Depois de voltar pelo caminho que tinha percorrido, passando pelos corredores de serviço e pela porta no fim, olhou cuidadosamente p^êra os dois lados do hall de entrada e foi até a porta grande onde ficavam os guardas. Rachel não disse nada. Não conseguia pensar em coisa alguma para dizer. Apenas ficou parada, esperando que eles abrissem a porta.

— Então foi isso que voc^ê esqueceu, uma boneca — disse o guarda.

Ela assentiu, balançando a cabeça.

Ouviu a porta se fechar atrás dela quando entrou no escuro e foi para o jardim. Havia mais guardas que de hábito, com roupa diferente. Olharam para ela com mais atenção do que os outros costumavam olhar. Ouviu os guardas do castelo explicando quem ela era. Tentou evitar que a vissem olhar para trás quando passou com a boneca apertada contra o peito, procurando conter a vontade de sair correndo.

O Embrulho com o pão e a caixa estavam no mesmo lugar, debaixo das flores. Rachel o tirou, segurando-o pelo nó com uma das mãos. Atravessando o jardim, imaginou se a princesa Violeta ainda pensava que Rachel dormia na sua cama ou se tinha descoberto seu truque e estava gritando pedindo socorro. Se ela tivesse gritado e fosse socorrida pelos guardas, podiam já estar à sua procura. Ela havia feito o caminho mais longo, levou muito tempo voltando para o castelo e saindo outra vez. Rachel prestou atenção para ver se ouvia gritos indicando que procuravam alguém.

Mal podia respirar, esperando sair do castelo antes que começassem a busca. Lembrou-se do Sr. Sanders dizer que iam revistar todo o castelo. Sabia o que procurava. Queriam a caixa. Tinha prometido a Giller tirá-la do castelo para que não a encontrassem e não pudessem fazer mal a tanta gente.

Havia uma porção de homens no alto do muro. Quando ela estava quase na porta, diminuiu o passo. Antes eram dois os guardas. Agora havia três. Dois ela reconheceu — eram os túnicas vermelhas com a cabeça do lobo negro, a guarda da rainha — mas o

outro vestia couro negro e era maior. Era um dos novos homens. Rachel não sabia se devia continuar ou fugir. Mas fugir para onde? Tinha de passar pelo portão para começar a correr.

Antes que tivesse tempo de resolver, eles a viram, por isso ela continuou a andar. Um dos guardas da rainha se virou para retirar a tranca. O novo homem estendeu o braço para detê-lo.

— É só a companheira de brincadeiras da princesa. A princesa a põe para fora às vezes.

— Ninguém sai — disse o homem.

O guarda do castelo ficou imóvel.

— Desculpe, pequenina, mas você ouviu, ninguém sai.

Rachel ficou parada, com a boca fechada. Olhou para o novo homem e ele a olhou. Engoliu em seco. Giller dependia dela para tirar a caixa do castelo. Não havia outra saída. Tentou pensar no que Giller faria.

— Está bem — disse ela, finalmente —, está frio está noite. Acho melhor mesmo eu ficar aqui dentro.

— Isso mesmo, agora vá — disse o guarda da rainha. — Vai ficar no castelo esta noite.

— Qual o seu nome? — perguntou Rachel.

O guarda ficou surpreso.

— Reid, lanceiro da rainha.

Com a boneca na mão, Rachel apontou para outro guarda.

— E o seu?

— Walcott, lanceiro da rainha.

— Lanceiro da rainha Reid e lanceiro da rainha Walcott — repetiu ela. — Muito bem, acho que vou lembrar. — Apontou para o novo homem, sacudindo a boneca para cima e para baixo perto do braço dele. — E qual o seu nome?

Ele pôs os polegares no cinto.

— Por que quer saber?

Rachel abraçou a boneca com força.

— Bem, a princesa gritou comigo, quando disse para eu sair esta noite. Se eu não sair, ela vai ficar danada da vida e vai querer cortar minha cabeça por não fazer o que ela mandou, por isso quero dizer a ela quem não me deixou sair. Quero seus nomes para ela não

pensar que estou inventando e poder vir perguntar a vocês. Ela me dá medo. Começou a dizer que vai cortar a cabeça de muita gente.

Os três recuaram um pouco e se entreolharam.

— É verdade — disse Reid, o lanceiro da rainha, para o novo homem. — A princesa está ficando igualzinha à mãe. Um problema e tanto, agora que a mãe permite que ela comece a usar o machado.

— Ninguém sai, essas são nossas ordens — disse o novo homem.

— Bem, nós dois somos a favor de obedecer às ordens da princesa. — Reid, o lanceiro da rainha, se virou para o lado e cuspiu no chão. — Agora, se você quer que a menina fique aqui dentro, tudo bem para nós, desde que fique bem claro qual a cabeça que vai rolar. Se chegar a isso, nós dissemos para deixá-la sair. Não vamos ter as cabeças cortadas como você. — o outro guarda, Walcott, concordou. — Não pela ameaça de uma menininha desse tamanho. — Estendeu a mão na altura da cabeça dela. — Não vou dizer que três soldados grandes e fortes acharam que ela podia ser perigosa. A decisão é sua, mas a cabeça também será a sua, não as nossas se desobedecer às ordens da princesa. Vai responder ao carrasco, não a nós.

O novo homem olhou para ela. Parecia zangado. Olhou para os outros dois por algum tempo, depois para ela outra vez.

— Bem, é evidente que ela não é uma ameaça. As ordens foram dadas para proteger o castelo de ameaças, portanto, acho...

Walcott, lanceiro da rainha, começou a levantar a pesada tranca da porta.

— Mas quero saber o que ela tem aí — disse o novo homem.

— Só meu jantar e minha boneca — disse Rachel, tentando fazer parecer que era algo sem importância.

— Vamos dar uma olhada.

Rachel pôs o embrulho no chão e desatou os nós, abrindo o pano. Entregou Sara a ele.

O guarda pegou Sara com a mão grande e a virou de um lado para o outro, examinando. Virou de cabeça para baixo e levantou o vestido com a ponta de um dedo. Rachel chutou a perna dele com toda a força.

— Não faça isso! Não tem respeito? — gritou ela.

Os outros dois guardas riram.

— Encontrou alguma coisa perigosa aí embaixo? — perguntou Reid, lanceiro da rainha.

O novo homem olhou para os outros dois e devolveu a boneca a Rachel.

— O que mais você tem aí?

— Eu já disse, meu jantar.

Ele começou a se inclinar.

— Bem, uma coisinha pequena como você não precisa de um pão inteiro.

— É meu! — gritou ela. — Tire a mão!

— Deixe para lá — disse Walcott, lanceiro da rainha. — Ela recebe pouca comida. Acha que parece que a princesa a alimenta demais?

O novo homem endireitou o corpo.

— Acho que não — respirou profundamente. — Vá em frente. Saia daqui.

Rachel amarrou o pano em volta do pão e do resto da comida, segurou com força pelo nó, passou entre as pernas dos homens e foi para a porta.

Quando ouviu a tranca se fechar no lugar, começou a correr. Correu o mais depressa possível, sem olhar para trás, como medo de descobrir que estava sendo seguida. Depois de algum tempo, achou que precisava ter certeza. Não havia ninguém. Ofegante, ela parou para tomar fôlego e se sentou numa raiz, no meio da estrada.

Viu a silhueta do castelo contra o céu estrelado, o alto do muro denteado, as torres iluminadas. Nunca mais voltaria para lá, nunca. Ela e Giller iriam para um lugar onde as pessoas eram boas e jamais voltariam. Ouviu uma voz.

— Rachel? — Era Sara.

Pôs Sara no colo, em cima do embrulho.

— Estamos seguras agora, Sara. Nós saímos.

Sara sorriu.

— Estou tão contente, Rachel.

— Nunca mais voltaremos àquele lugar horrível.

— Rachel, Giller quer que você saiba uma coisa.

Ela se inclinou para a boneca. Mal podia ouvir a voz de Sara.

— O que é?

— Ele não pode ir com você. Você deve seguir em frente sem ele.

Rachel sentiu as lágrimas chegando.

— Mas eu quero que ele vá comigo.

— Ele também gostaria, mais do que qualquer coisa, mas ele precisa ficar e evitar que encontrem você, para que você possa fugir. É o único meio de garantir sua segurança.

— Mas tenho medo de ir sozinha.

— Não estará sozinha, Rachel, eu estarei com você. Sempre.

— Mas o que vou fazer? Para onde devo ir?

— Você precisa fugir. Giller diz para não ir ao seu pinheiro amigo, eles a encontrarão. — Rachel arregalou os olhos quando ouviu isso. — Vá para outro pinheiro, depois, no dia seguinte, para outro, sempre fugindo e se escondendo, até chegar o inverno. Então, procure pessoas boas que possam tomar conta de você.

— Tudo bem, se Giller diz, é o que vou fazer.

— Rachel, Giller quer que você saiba que ele a ama.

— Eu também o amo — disse Rachel — mais do que tudo no mundo.

A boneca sorriu.

De repente, o bosque se iluminou com uma luz amarela e azul. Rachel olhou para cima. Então ouviu um baque surdo que a fez dar um pulo. Abriu a boca e arregalou os olhos.

Uma gigantesca bola de fogo saiu de trás dos muros do castelo.

A bola de fogo subiu, expelindo fagulhas e fumaça. O fogo se transformou em fumaça negra à medida que subiu, até tudo ficar escuro outra vez.

— Você viu isso? — perguntou Rachel a Sara.

Sara não disse nada.

— Espero que Giller esteja bem.

Rachel olhou para a boneca, mas Sara não disse nada, nem sorriu.

Rachel a abraçou com força e apanhou o embrulho.

— Acho melhor irmos, como Giller disse.

Quando passou pelo lago, jogou na água a chave da caixa de dormir e sorriu quando a ouviu mergulhar.

Sara não disse nada enquanto se distanciavam do castelo. Seguindo a estrada, Rachel lembrou-se de que Giller tinha dito que ela não devia ir para o mesmo pinheiro. Virou para trás e seguiu uma trilha de veados, passando pelas amoreiras silvestres, seguindo em outra direção.

Para oeste.

CAPÍTULO 34



Ouviu um barulho. Fraco, suave, como uma chuva leve.

Meio adormecido, meio acordado, não fez sentido, por mais que se esforçasse por entender. Lentamente a princípio, depois com urgência acelerada, ele acordou, sentindo o cheiro da carne sendo preparada. Imediatamente se arrependeu da experiência de ficar consciente, com a lembrança do que tinha acontecido, sentindo saudades de Kahlan. Estava com os joelhos encostados no peito e a cabeça encostada neles. A casca áspera da árvore em que se encostava incomodava suas costas e seus músculos estavam rígidos, quase paralisados por ter dormido a noite toda na mesma posição. Com a cabeça encostada nos joelhos não podia ver nada, a não ser que o dia apenas começava a raiar.

Havia alguém ou alguma coisa perto dele.

Fingindo que dormia ainda, ele verificou a posição das próprias mãos em relação às armas. A espada estava relativamente longe e não seria fácil desembainhá-la. A faca não. As pontas dos seus dedos tocaram o cabo de noqueira. Dobrando os dedos devagar, cautelosamente, conseguiu levar a lâmina para a palma da mão. Fosse o que fosse, estava à sua esquerda. Um salto e um golpe com a faca, ele pensou.

Olhou disfarçadamente. Chocado, viu que era Kahlan. Ela estava sentando, encostada no tronco caído, olhando para ele. Um coelho cozinhava no fogo. Richard se sentou, com o corpo ereto.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, cautelosamente.

— Podemos conversar?

Richard embainhou a faca e esticou as pernas, massageando para ativar a circulação. — Pensei que tínhamos dito tudo a noite

passada. — Imediatamente fez uma careta, ouvindo as próprias palavras. Kahlan olhou para ele inexpressivamente. — Desculpe — disse ele, amenizando o tom de voz. — É claro que podemos conversar. Sobre o que você quer falar?

Ela deu de ombros à luz fraca do começo do dia.

— Eu estive pensando muito. — Ela tirava a casca branca de um pedaço de galho de bétula que ele cortara para fazer fogo na noite anterior. — A noite passada, depois que fui embora, bem, eu sabia que você estava com dor de cabeça.

— Como sabia?

Ela deu de ombros outra vez.

— Eu sempre sei, por seus olhos, quando você está com dor de cabeça. — A voz dela era suave. — Eu sabia que ultimamente você não tem dormido muito por minha culpa, por isso resolvi antes... antes de ir, vigiar enquanto você dormia. Por isso fui para lá — apontou com o galo —, para aquelas árvores, de onde podia ficar de olho em você. — Olhou para o galho de bétula e continuou a tirar a casca. — Eu queria ter certeza de que você ia dormir um pouco.

— Você passou a noite inteira lá? — Richard tinha medo de pensar no que tudo aquilo podia significar.

Ela fez que sim com a cabeça, mas não ergueu os olhos.

— Enquanto eu estava de vigia, resolvi fazer uma armadilha, como você me ensinou, para ver se apanhava alguma coisa para o desjejum. Enquanto estava sentada lá, pensei muito. A maior parte do tempo eu chorei. Não podia suportar que você pensasse aquelas coisas de mim. Doía só de pensar. Fiquei zangada também.

Richard resolveu que era melhor não dizer nada enquanto ela se esforçava para encontrar as palavras certas. Ele não sabia o que dizer e tinha medo de dizer alguma coisa que a fizesse ir embora outra vez. Kahlan puxou uma tira da casca do galho e o atirou no fogo, onde ela pegou fogo.

— Então pensei no que você disse e resolvi que precisava dizer algumas coisas sobre como se conduzir quando estiver com a rainha. Então lembrei que precisava dizer também quais as estradas que devem ser evitadas e para onde você deve ir. Fiquei pensando

nessas coisas que precisava dizer, coisas que você precisa saber. Quando menos esperava, concluí que você estava certo. Sobre tudo.

Richard achou que parecia que ela ia chorar, mas Kahlan não chorou. Descascando o galho com a unha, ela evitava os olhos dele. Ele continuou calado. Então ela fez uma pergunta que Richard não esperava.

— Você acha que Shota é bonita?

Ele sorriu.

— Sim, mas não tanto quanto você.

Kahlan sorriu e empurrou o cabelo para trás do ombro.

— Poucos ousariam dizer isso a uma... — Parou de falar outra vez. Seu segredo estava entre os dois como uma terceira pessoa. Ela começou outra vez. — Há um provérbio de mulheres velhas que talvez você já tenha ouvido: “Nunca deixe uma bela mulher escolher o caminho para você, quando há um homem na linha de visão dela.”

Richard riu e se levantou para mover as pernas.

— Não, eu nunca tinha ouvido. — Ele se inclinou um pouco para ela e cruzou os braços. Não achava que Kahlan precisava se preocupar com a idéia de Shota roubar seu coração. Shota tinha dito que o mataria se o visse outra vez. Mesmo sem esse juramento, Kahlan não tinha motivo para se preocupar.

Ela jogou fora o galho e ficou de pé ao lado dele, encostada na árvore caída. Finalmente, olhou nos olhos dele e franziu as sobrancelhas.

— Richard — sua voz era quase um murmúrio —, a noite passada eu concluí que fui uma idiota. Tive medo de que a feiticeira me matasse e de repente compreendi que ela ia conseguir. Só que eu estava fazendo isso para ela, deixando que ela escolhesse o meu caminho.

“Você estava certo sobre tudo. Eu devia saber e dar ouvidos ao que o Seeker diz. — Olhou para o chão e depois para ele outra vez. — Se... não for tarde demais, eu gostaria de ter meu emprego de volta, como sua guia.”

Richard mal podia acreditar que tudo tinha acabado. Nunca se sentira tão feliz, tão aliviado em toda a vida. Em vez de responder, ele a abraçou e puxou para bem junto dele. Os braços de Kahlan o

envolveram e ela apoiou a cabeça no peito dele por um momento. Então se afastou.

— Richard, há uma outra coisa. Antes que você diga que me aceita de volta, precisa ouvir o resto. Não posso continuar sem falar a meu respeito. Sobre o que eu sou. Está partindo meu coração porque você me considera sua amiga. Eu devia ter contado antes. Nunca tive um amigo como você e não queria que isso acabasse. — Desviou os olhos dos dele. — Mas agora preciso contar — acrescentou debilmente.

— Kahlan, eu já disse antes, você é minha amiga e nada pode mudar isso.

— Esse segredo pode. — Os ombros dela estavam curvados para a frente. — É sobre magia.

Richard já não tinha certeza de que queria saber o segredo. Acabava de recuperar Kahlan e não queria perdê-la outra vez. Agachou na frente do fogo e apanhou a vara com o coelho. Fagulhas saltaram no escuro. Ficou orgulhoso por ela ter pegado o coelho sozinha, do modo como ele tinha ensinado.

— Kahlan, não me importo com seu segredo. Eu me importo com você, isso é tudo. Não precisa me contar. Venha, o coelho está pronto, venha comer.

Cortou um pedaço com a faca e o deu a ela. Kahlan se sentou no chão ao lado dele e afastou o cabelo do rosto. A carne estava quente, por isso ela segurou com as pontas dos dedos e assoprou para esfriar. Richard cortou outro pedaço e sentou.

— Richard, quando você viu Shota pela primeira vez, ela se parecia mesmo com sua mãe?

Richard olhou para o rosto dela iluminando pelo fogo e assentiu balançado a cabeça, antes de começar a comer.

— Sua mãe era muito bonita. Você tem os olhos dela e a boca. Richard sorriu, lembrando.

— Mas não era realmente ela.

— Então você ficou zangado por Shota ter fingido ser alguém que não podia ser? Por ter enganado você? — ela comeu um pedaço do coelho, soprando com a carne na boca porque ainda estava quente. Olhou demoradamente para Richard.

Ele deu de ombros, ainda irritado com a lembrança.

— Acho que sim. Não foi justo.

Kahlan comeu por um minuto.

— Por isso deve contar quem eu sou, mesmo que você me odeie por isso, porque você tem sido meu amigo. Embora eu não tenha sido a amiga que você merece.

O outro motivo pelo qual voltei foi não querer que você saiba por outra pessoa. Queria que soubesse por mim. Depois que eu contar, se você quiser, vou embora.

Richard olhou para o céu, para a cor que chegava devagar. De repente, desejou que Kahlan não contasse o que ela era, desejou que as coisas ficassem como estavam.

— Não se preocupe. Não vou mandar você embora. Temos um trabalho para fazer. Lembre-se do que Shota disse. A rainha não terá a caixa por muito mais tempo. Isso quer dizer que alguém a vai tirar dela. Melhor nós do que Darken Rahl.

Kahlan pôs a Mao no braço dele.

— Não quero que você decida antes de ouvir o que vou dizer, até você saber o que eu sou. Então, se quiser que eu vá, vou compreender. — Olhou nos olhos dele. — Richard, só quero que você saiba que jamais gostei de alguém como gosto de você, nem gostarei. Mas não é possível passar disso. Isso não pode levar a coisa alguma. Pelo menos a nada que seja bom.

Richard recusava-se a acreditar. Havia uma saída, tinha de haver. Respirou profundamente, soltando o ar devagar.

— Muito bem, então, diga logo.

— Lembra quando eu disse que algumas pessoas de Midlands eram criaturas de magia? E que não podiam desfazer-se dessa magia porque era parte dela? — Ele fez que sim com a cabeça. — Eu sou uma dessas criaturas. Sou mais do que uma mulher.

— Então, o que você é?

— Sou uma Confessora.

Confessora.

Richard conhecia aquela palavra.

Todos os seus músculos ficaram rígidos. A respiração se prendeu na garganta. *O Livro das Sombras contadas* lhe inundou a

mente. *A verificação da verdade das palavras do Livro das Sombras Contadas, quando feita por outra pessoa, não lida por quem comanda as caixas, só pode ser garantida com o uso de uma Confessora.*

Sua mente disparou folheando as páginas, examinando as palavras, tentando lembrar todo o livro. Richard sabia cada palavra e Confessora aparecia apenas um vez, no começo. Lembrava-se de ter ficado intrigado, querendo saber o que podia ser uma Confessora. Nem mesmo tinha certeza de que fosse uma pessoa. Sentiu o peso do dente dependurado no seu pescoço.

Kahlan olhou intrigada para ele.

— Você sabe o que é uma Confessora?

— Não — disse ela. — Já ouvi a palavra, isso é tudo... dita por meu pai. Mas não sei o que significa. — Controlou-se com esforço. — Então, o que significa ser uma Confessora?

Kahlan dobrou os joelhos e passou os braços em volta deles.

— É um poder, poder mágico passado de mãe para filha, quase tão antigo quanto a terra, anterior à idade das trevas.

Richard não sabia o que era a "idade das trevas", mas não interrompeu.

— É uma coisa inata em nós, a magia é parte de nós e não pode ser separada, como você não pode ser separado do seu coração. Uma Confessora terá filhas Confessoras. Sempre. Mas o poder não é igual em todas; em algumas é fraco, em outras, mais forte.

— Então não pode livrar-se dele, mesmo que queira. Mas que tipo de magia?

Ele olhou para o fogo.

— É um poder evocado pelo toque. Está sempre dentro de nós. Não o trazemos para fora para ser usado, mas devemos sempre tê-lo sob controle, relaxando esse controle para usá-lo, deixando-o sair.

— Assim como controlar o estômago.

Ela riu da analogia.

— Mais ou menos.

— E o que esse poder faz?

Kahlan torceu a ponta do casaco.

— Não se revela muito bem em palavras. Nunca pensei que fosse tão difícil explicar, mas para quem não é de Midlands, bem, é difícil pôr em palavras. Nunca tive de definir esse poder antes, nem mesmo sei se pode ser definido. É como tentar explicar o fogo para um cego.

— Tente.

Ela olhou nos olhos dele.

— É o poder do amor.

Richard quase riu.

— E devo ter medo do poder do amor?

Kahlan ficou rígida, a indignação surgiu nos seus olhos, indignação e aquele olhar atemporal que ele vira em Shota e Adie, como se suas palavras fossem desrespeitosas, como se até seu leve sorriso fosse insolente. Jamais Kahlan o tinha olhado daquele modo. Compreendeu que ela não estava acostumada a ver alguém rir do seu poder e de quem ela era. Aquele olhar dizia mais sobre seu poder do que qualquer palavra. Fosse qual fosse sua magia, não era definitivamente uma coisa de que se pudesse rir. Seu sorriso desapareceu. Quando teve certeza de que Richard não ia dizer mais nada parecido, continuou:

— Você não compreende. Não leve na brincadeira. — Entrecerrou os olhos. — Uma vez tocado por meu poder, você nunca mais será o mesmo. Mudará para sempre. Será para sempre dedicado a quem o tocou, acima de tudo o mais. O que você desejava, o que você era, não significava mais nada. Sua alma não lhe pertence mais, porém a ela. A pessoa que você era deixa de existir.

Richard sentiu um arrepio nos braços.

— Quanto tempo dura essa magia ou seja lá o que for?

— Enquanto a pessoa tocada viver — disse ela.

O arrepio percorreu todo o corpo dele.

— É como se você enfeitiçasse a pessoa?

— Não exatamente, mas se ajuda a compreender, acho que pode dizer que sim. Porém o toque de uma Confessora é muito mais do que isso. Muito mais poderoso e definitivo. Um feitiço pode ser desfeito. Meu toque, não. Você estava sendo enfeitiçado pela Shota,

embora sem perceber. É uma coisa que faz parte delas. As feiticeiras não podem evitar. Mas a ira que vem da espada o protegeu.

“O toque do meu poder é todo de uma vez e final. Nada pode proteger dele. A pessoa tocada não pode ser trazida de volta porque, uma vez tocada por mim, ela não existe mais. Ela se foi para sempre. Seu livre arbítrio se foi. Um dos motivos pelos quais eu tinha medo de procurar Shota era porque as feiticeiras odeiam Confessoras. Elas têm um ciúmes feroz do nosso poder, porque uma vez tocada, a pessoa é totalmente dedicada a nós. Quem é tocada por uma Confessora faz qualquer coisa que ela mandar. — Olhou muito séria para ele. — Qualquer coisa.”

Richard sentiu a boca seca e seus pensamentos se espalharam em todas as direções, tentando desesperadamente manter as esperanças, os sonhos. O único meio de controlar isso era ganhar tempo, era fazer perguntas.

— Funciona com qualquer pessoa?

— Qualquer ser humano. Exceto Darken Rahl. Os magos me avisaram que a magia de Orden o protege do nosso toque. Ele não tem nada a temer da minha parte. Nos que não são humanos, em geral não funciona porque eles não são capazes de compaixão, que a magia exige para funcionar. Um gar, por exemplo, não seria mudado por meu toque. Funciona em algumas criaturas, mas não exatamente como nos seres humanos.

Richard a olhou.

— Shar? Você a tocou, não tocou?

Kahlan assentiu, inclinando a cabeça.

— Sim, ela estava morrendo e solitária. Sofria a dor de estar longe dos seus iguais, a dor de morrer sozinha. Ela me pediu para tocá-la. Meu toque substitui o medo pelo amor por mim, que não deixava espaço para a dor, para a solidão. Nada sobrou dela, a não ser seu amor por mim.

— E quando eu a conheci, quando o quad nos perseguia? Você tocou em um dos homens também, não tocou?

Kahlan inclinou a cabeça outra vez afirmativamente, se encostou no tronco caído, fechou bem o manto e olhou para o fogo.

— Embora eles tenham jurado me matar, quando toco neles, eles são meus — disse ela, firmemente. — Eles lutarão até a morte para me proteger. Por isso Rahl manda quatro homens para matar uma Confessora. Espera que ela toque um deles e então os outros três podem matá-lo e à Confessora. Em raras ocasiões, ele mata os outros três. Isso aconteceu comigo, com o quad que me perseguiu antes de os magos me mandarem para a fronteira. Um quad é a unidade mais econômica que ele pode mandar, quase sempre tem sucesso e, quando não tem, Rahl simplesmente manda outro.

“Não fomos mortos no penhasco porque você os separou. O que eu toquei matou outro, enquanto você lutava contra os dois restantes. Então ele foi atrás dos dois, mas você tinha empurrado um para o precipício. Por isso ele usou a própria vida para levar o líder também para baixo. Fez isso porque não havia chance de perder uma luta a espada. Significava a vida dele também, mas isso não importava depois que eu o toquei. Era o único meio de ter certeza de que me protegeria.”

— Você não podia simplesmente tocar nos quatro?

— Não. O poder se gasta cada vez que é usado. Leva algum tempo para voltar.

Richard sentiu o punho da espada no cotovelo e de repente teve uma idéia.

— Quando passamos para o outro lado da fronteira e aquele último homem do quad estava atrás de você e eu o matei... na verdade, eu não estava salvando sua vida, estava?

Ela ficou calada por algum tempo antes de responder.

— Um homem, por maior e mais forte que seja, não constitui ameaça para uma Confessora, mesmo para uma Confessora fraca, muito menos para mim. Se você não tivesse chegado naquela hora... eu teria resolvido. Sinto muito, Richard — murmurou ela —, mas você não precisava matá-lo. Eu teria resolvido.

— Bem — disse ele secamente —, pelo menos eu a poupei de fazer isso.

Kahlan não disse nada, apenas olhou tristemente para ele. Não podia dizer nada que servisse de consolo para Richard.

— Quanto tempo? — perguntou ele. — Em quanto tempo uma Confessora recupera o poder?

— Em cada uma o poder é diferente. Em algumas é mais fraco e pode levar vários dias e noites para ser recobrado. Na maior parte delas, leva cerca de um dia e uma noite.

Richard olhou para ela.

— E em você?

Kahlan olhou nos olhos dele, quase como se desejasse que a pergunta não tivesse sido feita.

— Cerca de duas horas.

Richard olhou para o fogo, não gostando da resposta.

— Isso é incomum?

Kahlan suspirou.

— Foi o que me disseram — continuou com a voz cansada. — Menor tempo de recuperação significa também que o poder é mais forte, funciona com maior força em quem é tocado. Por isso alguns membros do quad tocados por mim podem matar os outros três. Não aconteceria isso com uma Confessora com poder menor.

“A posição da Confessora depende do seu poder porque as que têm mais força terão filhas com maior chance de ter também poder mais forte. Nenhuma Confessora inveja as que são mais fortes, sente apenas afeição e devoção mais profundas nos tempos de crise, como desde que Rahl atravessou a fronteira. As que têm postos mais baixos protegem as outras com a própria vida, se for preciso.”

Richard tinha certeza de que ela não diria se ele não perguntasse.

— E qual o seu posto?

Kahlan olhou fixamente para o fogo.

— Todas as Confessoras me seguem. Muitas ofereceram a vida para me proteger... — fez uma pausa — ... para que eu possa sobreviver e de algum modo usar meu poder para deter Rahl. É claro que agora não há qualquer uma para me seguir. Só eu ainda estou viva. Darken Rahl matou todas.

— Lamento, Kahlan — disse ele suavemente. Richard começava a compreender a importância do que ela era. — Então

— você tem um título? Qual é?

— Eu sou a Madre Confessora.

Richard ficou tenso. O título de Madre Confessora tinha a força de uma terrível autoridade. Ele ficou impressionado. Sempre soube que Kahlan era importante, mas já tinha tratado com pessoas importantes na sua profissão de guia e aprendera a não se impressionar com elas. Mas nunca pensou que ela fosse tão preeminente. Madre Confessora. Mesmo sendo apenas um guia e ela tão importante, não fazia diferença, podia aceitar isso. Certamente ela também podia.

Não ia perder Kahlan ou mandá-la embora por causa do que ela era.

— Não sei o que significa. É algo assim como uma princesa ou uma rainha?

Kahlan ergueu uma sobrancelha.

— As rainhas se curvam perante uma Madre Confessora.

Agora ele estava intimidado.

— Você é mais do que uma rainha? — ele estremeceu.

— Lembra o vestido que eu usava quando me conheceu? É o vestido da Confessora. Nós todas o usamos para que todos saibam quem somos, embora a maioria das pessoas em Midlands possa nos reconhecer com qualquer roupa. Todas as Confessoras, de qualquer idade, usam um vestido preto de Confessora; exceto a Madre Confessora, que usa um vestido branco. — Kahlan parecia um pouco aborrecida por ter de explicar sua importância. — É muito estranho para mim explicar tudo isso, Richard. Todos em Midlands sabem, por isso nunca precisei pensar em como dizer. Parece tão... eu não sei. Tão arrogante.

— Bem, eu não sou de Midlands. Apenas tente. Preciso compreender.

Kahlan olhou para ele.

— Reis e Rainhas são donos de suas terras, cada um tem seu domínio. Há muitos em Midlands. Outras terras são governadas de modos diferentes, como por conselhos. Algumas são lugares de criaturas mágicas. Os fogos-fátuos, por exemplo — não-humanos vivem em suas terras.

“O lugar onde vivem as Confessoras, meu lar, chama-se Aydindril. É também o lar dos magos e do Conselho Central de Midlands. Aydindril é um belo lugar. Há muito tempo não vou ao meu lar — disse ela, tristemente. — As Confessoras e os magos são muito unidos, ligados, da mesma forma como o velho Zedd é ligado ao Seeker.

“Ninguém é dono de Aydindril. Nenhum governante ousaria reclamá-lo, todos têm medo, medo das Confessoras e dos magos. Todas as terras de Midlands contribuem para sustentar Aydindril. Todos pagam tributos. As Confessoras estão acima da lei de qualquer terra, como o Seeker está acima de qualquer lei que não seja a dele. Mas, ao mesmo tempo, servimos ao povo de Midlands através do Conselho Central.

“No passado, governantes arrogantes pensaram em fazer as Confessoras obedecerem à sua palavra. Naquele tempo, havia Confessoras de larga visão, agora reverenciadas como lendas, que sabia que deviam plantar as bases da nossa independência ou se submeter para sempre ao domínio; então, a Madre Confessora dominou os governantes com seu poder. Eles foram retirados dos tronos e substituídos por outros, que compreendiam que as Confessoras deviam ser deixadas em paz. Os governantes antigos, que foram dominados, ficaram em Aydindril como pouco mais do que escravos. As Confessoras os levavam com elas quando viajavam para terras diferentes, faziam-nos carregar as provisões e cuidar do conforto da viagem. Naquele tempo, as Confessoras eram rodeadas de mais cerimônia do que hoje. De qualquer modo, isso causava a impressão desejava.”

— Eu não compreendo — disse Richard. — Reis e rainhas devem ser líderes poderosos. Eles não tinham proteção? Não tinha guardas e outros encarregados da sua segurança? Como uma Confessora chegou perto de um rei ou de uma rainha para poder tocá-los?

— Sim, eles têm proteção, muita, na verdade, mas não é tão difícil quanto parece. Uma Confessora toca uma pessoa, talvez um guarda, e tem um aliado, ele a leva a outra pessoa e logo ela está dentro. Cada pessoa que ela toca pode levá-la a outra de posição

mais alta e assim ganha mais aliados. Seguindo a hierarquia, à medida que ascende, ela pode chegar ao rei ou à rainha mais cedo do que se pode imaginar, antes que alguém comece a perceber, muito menos dar o alarme. Qualquer Confessora pode fazer isso. Para a Madre Confessora é mais fácil ainda.

“A Madre Confessora com um grupo de suas irmãs pode se espalhar num castelo como uma praga. Não que o esforço seja isento de perigo, muitas Confessoras morreram, mas o objetivo valia a pena. Por isso nenhuma terra é fechada a uma Confessora, por mais difícil que seja para as demais.

“Fechar uma terra a uma Confessora é o mesmo que uma admissão de culpa e o bastante para fazer com que o líder seja deposto. Por isso o Povo da Lama, por exemplo, permite minha entrada, embora nem sempre deixe entrar estranhos. Não permitir acesso a uma Confessora levanta perguntas e suspeitas. Um líder envolvido em qualquer tipo de conspiração dará de boa vontade acesso livre a uma Confessora, para tentar esconder sua participação na subversão.

“Naquele tempo, algumas Confessoras estavam mais do que dispostas a usar seu poder à vontade, para acabar com o que estava errado, conforme sua opinião. Os magos exerceram influencia para controlar essa prática, mas o zelo das Confessoras mostrou ao povo o que elas eram capazes de fazer. Mas isso foi em outros tempos.”

Depor um governante. Outros tempos os não, para Richard era difícil aceitar, justificar.

— O que dava esse direito às Confessoras?

Kahlan balançou a cabeça devagar.

— O que estamos fazendo agora, você e eu, é muito diferente do que foi feito no passado? Depor um governante? Nós todos fazemos o que achamos que devemos fazer, o que achamos certo.

Richard mudou de posição, embaraçado.

— Eu compreendo seu ponto de vista — admitiu. — Você já fez isso antes? Depor um governante?

Kahlan balançou a cabeça.

— Ainda assim, os líderes das terras procuravam evitar minha atenção. É muito parecido com o que acontece com o Seeker. Pelo

menos era, antes de termos nascido. Então, os Seekers eram mais temidos e respeitados do que as Confessoras. — Olhou para ele de modo significativo. — Eles também destronaram reis. Mas agora, porque o Velho Mago foi ignorado e a espada se tornou um favor político, são vistos como muito menos, pouco mais do que peões, ladrões.

— Não tenho certeza de que isso tenha mudado — disse Richard, mais para si mesmo do que para ela. — Na maior parte do tempo, sinto-me como nada mais do que um peão, movido por outros. Até por Zedd e...

Ele fechou a boca e não terminou a frase, Kahlan a terminou para ele.

— E por mim.

— Não era o que eu queria dizer. Só que, às vezes, gostaria de nunca ter ouvido falar na Espada da Verdade. Porém, ao mesmo tempo, não posso deixar Rahl vencer, portanto, estou preso ao meu dever. Acho que não tenho escolha e é isso que detesto.

Sorrindo tristemente, Kahlan dobrou as pernas debaixo do corpo.

— Richard, quando você compreender o que sou, espero que possa lembrar que comigo também é assim. Eu também não tenho escolha. Mas comigo é pior porque nasci com meu poder. Pelo menos quando isso terminar você pode devolver a espada, se quiser. Eu sou Confessora por toda a vida. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Desde que conheci você, pagaria qualquer preço para poder desistir e ser apenas uma mulher normal.

Richard não sabia o que fazer com as mãos, por isso apanhou um graveto e começou a rabiscar a terra.

— Eu ainda não compreendo por que vocês são chamadas de Confessoras. O que significa Confessora? — Só com grande dificuldade ele conseguia olhar para ela.

Viu a expressão de sofrimento de Kahlan e teve pena dela.

— É o que fazemos. Somo os árbitros finais da verdade. Por isso os magos nos deram o poder, em tempos há muito esquecidos. É como servimos o povo.

— Árbitro final da verdade — repetiu ele intrigado. — Mais ou menos como um Seeker.

— Seekers e Confessoras estão ligados propositalmente. De certo modo, somos os lados opostos da mesma magia. Os magos de outrora eram quase como governantes e ficaram frustrados com a corrupção entre eles. Odiavam mentiras e fraudes. Queriam um meio de evitar que os líderes corruptos usassem seu poder para enganar e subverter o povo. Você compreende, esses líderes inescrupulosos simplesmente acusavam os inimigos políticos de um crime e os executavam, desonrando-os e os eliminando ao mesmo tempo.

“Os magos queria um meio de acabar com isso. Precisavam de alguma coisa que não permitisse qualquer margem de dúvida. Então criaram certa magia e deram a ela vida própria. Criaram as Confessoras, escolhendo-as de um grupo seletivo de mulheres. Seleccionaram com cuidado porque, uma vez tomando vida nessas mulheres, o poder teria vida própria e passaria de mãe para filha para sempre.”

Ela olhou para o graveto que rabiscava a esmo na terra.

— Usamos nosso poder para encontrar a verdade, quando a verdade é importante. Agora é usado especialmente para ter certeza de que uma pessoa condenada à morte é realmente culpada. Quando uma pessoa é condenada à morte, nós a tocamos e, quando ela é nossa, fazemos com que confesse.

Richard, quase sem perceber, inclinou-se para a frente, o graveto imóvel. Obrigou-se a se mover quando ela continuou.

— Uma vez tocado, até o mais cruel assassino obedece às nossas ordens e confessa os crimes. Ocasionalmente, o tribunal não tem certeza de estar com o homem certo e a Confessora é chamada para descobrir a verdade. Na maioria dos lugares, segundo a lei, ninguém pode ser condenado à morte sem antes confessar, assim todos podem ter certeza de que ele é o homem certo, de que não estão deixando escapar o culpado e de que não se trata de vingança política.

“Alguns povos de Midlands ao usam as Confessoras; o Povo da Lama, por exemplo. Não querem o que consideram interferência de estranhos. Mas, mesmo assim, eles nos temem porque sabem o que

podemos fazer. Respeitamos a vontade desses povos. Não há lei que os obrigue a usar nossos serviços. Mas os forçamos a aceitar quando há uma suspeita de fraude de qualquer tipo. Mas a maior parte faz uso dos nossos poderes. Acham prático.

“Foram as Confessoras que descobriram a conspiração e a subversão a favor de Darken Rahl. Para descobrir verdades importantes, como essa foi, os magos criaram as Confessoras e os Seekers. Darken Rahl não gostou nada quando descobrimos seus planos.

“Em casos raros, uma pessoa condenada à morte sem o uso de uma Confessora nos chama para provar sua inocência. Em toda Midlands, esse é um direito dos condenados.”

Sua voz ficou mais branda, mais fraca.

— É o que eu mais detesto. Uma pessoa culpada não chama a Confessora, só servirá para provar sua culpa. Mesmo antes de tocar nesses homens, sei que são inocentes, mas devo tocá-los mesmo assim. Se você visse o olhar deles quando eu os toco, compreenderia. Então, quando somos chamadas e mesmo quando eles são inocentes, são deixados...

Richard perguntou: — Quantas confissões você já ouviu?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Incontáveis. Passei a metade da minha vida em prisões e masmorras, com os mais vis e odiosos animais que se pode imaginar, mas muitos parecem não passar de bondosos comerciantes ou um irmão, pai ou vizinho. Durante muito tempo, no começo, isso provocava pesadelos tão horríveis que eu tinha medo de dormir. As histórias das coisas que tinham feito... você nem pode imaginar.

Richard jogou fora o graveto e segurou as mãos dela. Kahlan começou a chorar.

— Kahlan, você não precisa...

— Lembro-me do primeiro homem que matei. — Seus lábios tremeram. — Ainda sonho com ele. Ele me confessou as coisas que tinha feito com as três filhas do vizinho... a mais velha tinha apenas cinco anos. Ele olhou para mim depois de ter contado as coisas mais horríveis e disse: “O que deseja, minha senhora?” e, sem pensar, eu

disse: “Desejo que você morra.” — Ela enxugou as lágrimas do rosto com dedos trêmulos. — Ele caiu morto imediatamente.

— O que o povo do lugar disse?

— O que podia dizer a uma Confessora que acabava de fazer o homem cair morto na frente deles, apenas com uma ordem? Todos recuaram e abriram caminho para mim quando fui embora. Não é uma coisa que todas as Confessoras podem fazer. Até meu mago ficou espantado.

Richard franziu a testa.

— Seu mago?

Ela terminou de enxugar as lágrimas.

— Os magos consideram seu dever nos proteger, porque somos universalmente temidas e odiadas. As Confessoras quase sempre viajam sob proteção de um mago. Um é... bem, um era designado a cada uma de nós quando éramos chamadas para ouvir uma confissão. Rahl conseguiu nos separar dos nosso magos e agora eles também estão mortos. Menos Zedd e Giller.

Richard pegou o coelho grelhado. Começava a esfriar. Cortou um pedaço e deu a ela, depois cortou outro.

— Por que as Confessoras são temidas e odiadas?

— Os parentes e amigos dos homem que vai ser executado nos odeiam porque geralmente não acreditam que ele possa ter feito as coisas que confessou. Preferem acreditar de que algum modo, o enganamos para fazê-lo confessar. — Ela tirou um pequeno pedaço da carne e comeu. — Descobri que nem sempre as pessoas querem saber a verdade. Tem pouco valor para elas. Alguns tentaram me matar. Essa é uma das razões pelas quais um mago está sempre conosco, para nos proteger até recuperarmos nosso poder.

Richard comeu um pedaço da carne.

— Não me parece razão suficiente.

— É mais do que simplesmente o que fazemos. Deve parecer muito estranho para quem não viveu com isso. Os costumes de Midlands, a magia, tudo deve parecer estranho para você.

Estranho não era a palavra certa, ele pensou. *Assustador* era bem melhor.

— As Confessoras são independentes e as pessoas se ressentem disso. Homens se ressentem do fato de nenhum deles poder mandar em nós, nem dizer o que devemos fazer. As mulheres se ressentem do fato de não termos a mesma vida que elas, não vivermos tradicionalmente como todas as mulheres, não cuidarmos de um homem nem nos submetermos a qualquer um deles. Somos consideradas privilegiadas. Nosso cabelo é comprido, um símbolo de autoridade, elas devem usar o cabelo curto, um sinal de submissão aos seus homens e a qualquer outra pessoa de posição superior. Para você, pode parecer coisa insignificante, mas, para o nosso povo, nada que tenha a ver com poder é insignificante. Uma mulher que deixa o cabelo crescer além do comprimento apropriado à sua posição é obrigada a se desfazer de parte dessa posição, como castigo. Em Midlands, o cabelo longo de uma mulher é sinal de autoridade, quase de desafio. É sinal de que podemos fazer o que queremos e ninguém nos pode dar ordens, somos uma ameaça para todos. Como sua espada dá a todos essa mesma mensagem. Nenhuma Confessora usa cabelo curto e isso amargura as pessoas, o fato de ninguém nos poder obrigar a cortar o cabelo. Fazemos para todos o que ninguém gosta de fazer e não somos livres para escolher nosso modo de vida. Somos prisioneiras do nosso poder.

Kahlan acabou de comer a carne que Richard tinha dado enquanto ele pensava na ironia do fato de a Confessora levar amor aos criminosos mais odiosos e não poder levá-los àqueles com quem desejam estar. Ele sabia que ela tentava explicar mais alguma coisa.

— Eu acho seu cabelo comprido bonito — disse ele. — Gosto dele assim.

Kahlan sorriu.

— Obrigada. — Jogou os ossos no fogo e por algum tempo ficou observando, depois olhou para as mãos e estalou uma unha de um polegar na do outro. — E então há a escolha de um parceiro.

Richard acabou o pedaço de carne e jogou o osso no fogo. Recostou no tronco caído. Não gostou do que ela disse.

— Escolha de um companheiro? Como assim?

Kahlan olhou para as mãos, como procurando refúgio nelas.

— Quando a Confessora chega à idade de procriar, deve escolher um companheiro. Pode escolher qualquer homem, mesmo que seja casado. Pode percorrer toda Midlands à procura de um pai adequado para suas filhas, um homem forte e talvez um que ela ache bonito. O que ela quiser.

“Os homens têm pavor de uma Confessora que está à procura de companheiro porque não querem ser escolhidos, tocados por ela. As mulheres se apavoram porque não querem que seu homem, seu irmão ou seu filho seja escolhido. Todas sabem que não podem fazer nada. Quem se opõe à escolha de uma Confessora é tomada por ela. As pessoas têm medo de mim, primeiro porque sou a Madre Confessora e depois porque há muito tempo devia ter escolhido um companheiro.”

Richard se apegou ainda tenazmente às suas esperanças e aos seus sonhos.

— Mas e se você gostar de alguém e esse alguém gostar de você?

Kahlan balançou a cabeça tristemente.

— As confessoras não têm amigos, a não ser as outras Confessoras. Isso não é problema, ninguém jamais gostaria de uma Confessora. Todos os homens têm medo de nós. — Ela não disse que era um problema agora. Sua voz começou a ficar entrecortada outra vez. — Aprendemos desde muito cedo que o companheiro que escolhermos deve ser um homem forte, para que os filhos sejam fortes. Mas não deve ser alguém de quem gostamos porque nós o destruiremos. Por isso o que há entre nós dois jamais levará a nada.

— Mas... por quê? — Richard estava lutando contra as palavras dela, contra o poder de Kahlan.

— Porque... — Ela desviou os olhos, incapaz de disfarçar a dor, e os olhos verdes se encheram de lágrimas. — Porque, no arroubo da paixão, o controle da Confessora sobre seu poder pode relaxar e então ele não será mais a pessoa de quem ela gosta. De modo nenhum ela pode evitar isso. De modo nenhum. Ele será dela, mas não a mesma pessoa. Aquele de quem ela gosta estará com ela mas só por causa da magia, não mais por escolha e não por querer. Será

apenas uma concha com o que ela pôs dentro dele. Nenhuma Confessora quer isso para um homem de quem ela gosta.

“Por isso as Confessoras, desde tempos imemoriais, se fecham para os homens, temendo gostar de algum. Não somos sem coração, como pensam, temos medo do que o nosso toque pode fazer para um homem de quem gostamos. Algumas Confessoras escolhem homens dos quais ninguém gosta, que são até mesmo odiados, para não destruir outros de bom coração. Embora poucas façam isso, é assim que resolvemos o assunto e temos esse direito. Nenhuma confessora critica as que fazem essa escolha, nós compreendemos.”

Olhou para ele com os olhos marejados de lágrimas, pedindo sua compreensão.

— Mas... eu podia... — Richard não encontrava nenhuma defesa para seu coração.

— Eu não poderia. Para mim, seria o mesmo que você querer estar com sua mãe e, em vez disso, ficar com Shota, parecendo ser ela. Mas não seria ela. Seria apenas uma ilusão de amor. Você compreende? — exclamou ela. — Acha que isso lhe traria alguma alegria verdadeira?

Richard sentiu desmoronar as esperanças do seu mundo nas chamas da compreensão. Seu coração mergulhou nas cinzas.

— A casa dos espíritos — perguntou ele com voz seca —, era disso que Shota estava falando? Quando disse que você esteve muito perto de usar seu poder em mim? — Seu tom foi um pouco mais frio do que ele pretendeu.

— Sim — disse Kahlan, procurando conter as lágrimas. — Eu sinto muito, Richard. — Ela cruzou os dedos. — Nunca antes gostei de alguém como gosto de você. Eu queria tanto estar com você! Quase esqueci quem sou. Quase não importava mais — as lágrimas começaram a descer no seu rosto. — Compreende o quanto meu poder é perigoso? Vê com que facilidade posso destruir você? Se não me tivesse feito parar... você estaria perdido.

Richard sentiu uma agonia de compaixão por ela, pelo que ela era e pelo fato de não poder fazer nada, e sentiu a própria dor, a sensação de perda, mesmo sabendo que não havia nada para

perder; Kahlan jamais poderia ser sua, ou mais precisamente, ele jamais poderia ser dela. Tudo não passava de uma fantasia de sua mente.

Zedd tentara avisá-lo, tentara evitar toda essa dor. Por que não tinha dado atenção a ele? Por que tinha de ser tão idiota, pensando que era bastante inteligente para encontrar uma solução? Richard sabia por quê. Levantou-se vagarosamente e deu um passo para o fogo, para que Kahlan não visse suas lágrimas. Com esforço, conseguiu falar.

— Por que você sempre diz “ela”, a “filha” dela? Por que sempre mulher? E os filhos homens? As Confessoras não têm filhos homens? — Ouviu a própria voz como se estivesse raspando em cascalho.

Ouviu os estalos do fogo durante o longo tempo que ela levou para responder. Voltou-se quando ouviu que Kahlan estava chorando. Ela ergueu os olhos e estendeu a mão para que ele a ajudasse a se levantar. Então, encostada no tronco caído, Kahlan pôs o cabelo para trás e cruzou os braços.

— Sim. As Confessoras têm filhos homens. Não tão frequentemente quanto no passado, mas ainda têm. Mas o poder é mais forte neles, é recuperado imediatamente. Às vezes o poder se torna tudo para eles e os corrompe. Esse foi o erro dos magos.

“Por isso escolheram as mulheres, mas não se lembraram que o poder podia ter vida própria. Não pensaram que o poder passaria para todos os filhos e seria tão diferente nos homens.

“Há muito tempo, alguns Confessores uniram forças e criaram um reino de terrível crueldade. Foi chamado o tempo das trevas. Os Confessores deram origem a ele. Foi mais ou menos como agora com Darken Rahl. Finalmente os magos os caçaram e o mataram. Muitos magos morreram também. Desde então, eles apenas servem ao povo, ajudando como podem. Mas não interferem mais com os governantes. Aprenderam a amarga lição.”

Kahlan olhou para baixo, desviando os olhos dos dele, e continuou:

— Por algum motivo, é preciso a compaixão exclusiva das mulheres para controlar o poder, para se livrar das más influências.

Os magos não sabem por quê. O mesmo se dá com o Seeker. Ele de ser a pessoa certa, descoberta por um mago. Do contrário, usará o poder para fins corruptos. Por isso Zedd ficou tão zangado com o Conselho de Midlands por tirar dele a responsabilidade de nomear o Seeker. Os Confessores, não todos, mas a maioria, não conseguiam manter a noção de equilíbrio com o poder. Não tinham a força de controlar o poder quando era preciso. — Kahlan olhou para ele.

“Quando queriam uma mulher, simplesmente usavam o poder. Muitas mulheres. Não tinham controle algum, nem qualquer noção de responsabilidade do que faziam. Pelo que me contaram, o tempo das trevas foi uma longa noite de terror. O reinado durou anos. Os magos tiveram de matar muitos. Finalmente assassinaram toda a prole dessa luxúria, para evitar que o poder se disseminasse descontroladamente. Dizer que os magos ficaram furiosos é dizer pouco.”

— Então, o que acontece agora? — perguntou ele com voz cansada. — O que acontece quando uma Confessora tem um filho?

Kahlan hesitou, detendo os soluços.

— Quando nasce um menino, ele é levado a um lugar especial no centro de Aydindril e a mãe o põe sobre a Pedra. — Ela mudou de posição. Evidentemente, estava tendo dificuldade de falar naquilo. Richard segurou a mão dela entre as suas e a acariciou com os polegares, muito embora sentisse que não tinha o direito de tocar em Kahlan daquele modo famílias. — Como eu disse, um homem tocado por uma Confessora faz tudo que ela mandar. — Richard sentiu a mão dela tremer. — A mãe diz ao marido o que ele deve fazer... e ele... põe um bastão no pescoço da criança... e... pisa nas duas pontas.

Richard soltou a mão dela. Passando os dedos no cabelo, olhou para o fogo.

— Todos os filhos homens?

— Sim — admitiu ela com voz quase inaudível. — Não se pode arriscar que um Confessor fique vivo porque ele pode ser incapaz de controlar o poder e usá-lo para dominar os outros, trazendo de volta o tempo das trevas. Os magos e as Confessoras vigiam atentamente

uma Confessora grávida e fazem de tudo para confortá-la se tiver um filho homem que deverá ser... — Não terminou a frase.

De repente, Richard compreendeu que odiava Midlands, com um ódio só superado pelo que sentia por Darken Rahl. Pela primeira vez, compreendeu por que o povo de Westland havia escolhido um lugar sem magia. Desejou estar de volta a Westland, longe de qualquer magia. Seus olhos se encheram de lágrimas quando pensou no quanto sentia falta do Bosque Hartland. Jurou que, se conseguisse deter Rahl, faria erguer novamente a fronteira. Sem dúvida, Zedd o ajudaria nisso. Richard compreendia agora por que Zedd também queria ficar longe de Midlands. E, quando a fronteira fosse restaurada, Richard estaria no outro lado. Para o resto da vida.

Mas antes disso havia a espada. Não devolveria a Espada da Verdade. Ele a destruiria.

— Muito obrigado, Kahlan — disse ele —, por me contar. Eu não ia querer ouvir de outra pessoa. — Sentia seu mundo se reduzir a nada. Sempre vira sua campanha contra Rahl como o começo de sua vida, um ponto de onde partiria para a frente, para onde tudo era possível. Agora, deter Rahl era um fim. Não só para Rahl, mas para ele. Não havia nada além tudo depois daquilo estava morto. Quando conseguisse deter Rahl e Kahlan estivesse a salvo, voltaria para Hartland sozinho e sua vida teria terminado.

Richard ouviu Kahlan chorando atrás dele.

— Richard, se você quer que eu vá embora, por favor, não tenha medo de dizer. Eu compreenderei. As Confessoras estão acostumadas com isso.

Richard olhou para o fogo que morria e fechou os olhos com força, tentando desfazer o nó na garganta, tentando conter as lágrimas. A dor atormentava seu peito, dificultando a respiração.

— Por favor, Kahlan, existe algum modo — perguntou ele —, qualquer modo... de podermos... de nós...

— Não — gemeu ela.

Ele esfregou as mãos trêmulas. Tudo estava perdido para ele.

— Kahlan — finalmente conseguiu dizer —, há alguma lei, ou alguma regra, ou coisa assim que nos impeça de sermos amigos?

Ela respondeu com uma exclamação chorosa.

— Não!

Richard se voltou para ela e a abraçou.

— Eu bem que preciso de uma pessoa amiga agora — murmurou ele.

— Eu também — disse ela retribuindo o abraço. — Mas não posso ser nada mais.

— Eu sei — as lágrimas desciam no rosto de Richard. — Mas, Kahlan, eu amo...

Ela pôs o dedo sobre os lábios dele.

— Não diga isso. Por favor, Richard, nunca diga isso.

Ela podia fazer com que ele na dissesse em voz alta, mas não calar sua mente.

Ela soluçou abraçada a ele e Richard lembrou quando estavam no pinheiro amigo, logo depois de se conhecerem, quando o mundo subterrâneo quase a levou. Kahlan o abraçou então e ele pensou que ninguém jamais a tinha abraçado. Agora sabia por quê. Encostou o rosto na cabeça dela.

Uma pequena chama de cólera lampejou nas cinzas dos seus sonhos.

— Você já escolheu seu companheiro?

Ela balançou a cabeça.

— Tenho coisas mais importantes para pensar agora. Mas se vencermos e eu viver... então terei de escolher.

— Prometa uma coisa.

— Se puder.

Sua garganta estava tão quente que ele teve de engolir duas vezes antes de falar.

— Prometa que não vai escolher antes que eu esteja de volta a Westland. Não quero saber quem é ele.

Ela soluçou por um momento, segurando com força a camisa dele.

— Eu prometo.

Depois de algum tempo abraçados, Richard tentando se controlar, lutando contra a escuridão, forçou um sorriso.

— Você está errada sobre uma coisa.

— Sobre o que?

— Você disse que nenhum homem pode comandar uma Confessora. Está errada. Eu comando a Madre Confessora. Você jurou me proteger, exijo que cumpra seu dever de guia.

Com o rosto no peito dele, ela disse, com um riso doloroso; — Você tem razão. Meus parabéns, você é o primeiro homem que faz isso. E quais as ordens do meu mestre para sua guia?

— Que ela não me preocupe mais com tentativas de tirar a própria vida. Eu preciso dela. E que nos leve à rainha e à caixa antes de Rahl e nos faça sair ilesos.

Kahlan inclinou a cabeça encostada no peito dele.

— Suas ordens serão cumpridas, meu senhor. — Afastou-se e pôs as mãos nos braços de Richard, sorrindo entre as lágrimas. — Como é que você consegue me fazer sentir melhor, mesmo nos piores momentos da minha vida?

Ele deu de ombros e fez um esforço para sorrir, embora estivesse morrendo por dentro.

— Eu sou o Seeker. Posso fazer qualquer coisa. — Queria dizer mais, porém a voz não saiu.

Com um sorriso, ela balançou a cabeça.

— Você é uma pessoa muito rara, Richard Cypher — murmurou Kahlan.

Tudo que ele queria naquele momento era ficar sozinho para poder chorar.

CAPÍTULO 35



Com o pé, Richard jogou terra sobre as brasas da fogueira, abafando o único calor da madrugada fria do novo dia. O céu começou a se iluminar com um azul gelado e um vento cortante soprava do oeste. Pelo menos, o vento estaria nas costas deles, Richard pensou. Ao lado do seu outro pé, estava o galho que Kahlan tinha usado para assar o coelho — o coelho que apanhou sozinha com uma armadilha ensinada por ele.

Sentiu um calor no rosto pensando nisso, pensando num guia florestal ensinando aquelas coisas a Kahlan. À Madre Confessora. Mais do que uma rainha. As rainhas se curvam para a Madre Confessora. Quem ele pensava que era? Zedd tentara avisá-lo. Se ao menos ele tivesse ouvido...

O vazio ameaçou tomar conta dele. Pensou no irmão, nos amigos Zedd e Chase. Embora não preenchessem o vazio, pelo menos ainda tinha os três. Viu Kahlan pôr a mochila nos ombros. Ela não tinha pessoa alguma. Suas únicas amigas, as outras Confessoras, estavam mortas. Kahlan estava sozinha no mundo, sozinha em Midlands, rodeada por pessoas que ela tentava salvar, que a temiam e odiavam e por inimigos que queriam matá-la e não tinha nem mesmo um mago para protegê-la.

Richard compreendeu por que ela não quis contar antes. Ele era seu único amigo. Sentiu-se um tolo por pensar só em si mesmo. Se amigo era tudo que podia ser, então amigo ele seria. Mesmo que isso o matasse.

— Deve ter sido difícil me contar tudo isso — disse ele, ajustando a espada.

Kahlan fechou bem o casaco, protegendo-se das rajadas de vento. Sua expressão era outra vez calma, não demonstrando nada, a não ser os traços de dor que ele podia ver, agora que a conhecia bem.

— Teria sido mais fácil me matar.

Ele a viu começar a andar e a seguiu. Se Kahlan tivesse contado no começo, ele se perguntou, ainda estaria com ela? Se tivesse contado antes de conhecê-la como conhecia agora, teria medo de ficar perto dela, como todos tinham? Talvez ela estivesse certa em ter medo de contar antes. Mas, pelo menos, o teria poupado do que sentia agora.

Perto do meio-dia, chegaram a uma encruzilhada marcada com uma pedra com a metade da altura dele. Richard parou, examinando os símbolos gravados nas faces polidas.

— O que significam?

— Indicam a direção das cidades e dos povoados e a distância — disse ela, pondo as mãos nas axilas para aquecê-las. Inclinou a cabeça para uma das trilhas. — Se quisermos evitar movimento, este é o melhor caminho.

— Fica muito longe?

Ela olhou para a pedra.

— Geralmente viajo pelas entradas entre as cidades, não por estas trilhas menos usadas. O marco não dá a distância daqui, só da entrada, mas dentro de alguns dias poderei calcular.

Richard tamborilou os dedos no punho da espada.

— Há cidades por perto?

— Estamos a uma hora de Horners Mill. Por quê?

— Pouparíamos tempo se tivéssemos cavalos.

Ela olhou para a trilha, como se pudesse ver a cidade.

— Horners Mill é uma cidade madeireira, uma serraria. Deve haver muitos cavalos, mas talvez não seja uma boa idéia. Ouvi dizer que o povo simpatiza com D'Hara.

— Por que não damos uma olhada? Se tivéssemos cavalos, economizaríamos pelo menos um dia. Tenho algumas moedas de prata e uma ou duas peças de ouro. Talvez possamos comprar alguns.

— Acho que, se tivermos cuidado, podemos ir até lá. Mas nem pense em mostrar sua prata ou seu ouro. As moedas têm a marca de Westland e as pessoas daqui consideram uma ameaça tudo o que vem do outro lado da fronteira. São histórias e superstições.

— Muito bem, então como podemos conseguir os cavalos? Roubando?

Kahlan ergueu uma sobrancelha.

— Esqueceu tão depressa? Você está com a Madre Confessora. Tudo o que tenho de fazer é pedir.

Richard disfarçou o desagrado do melhor modo possível.

— Vamos dar uma olhada.

Horners Mill ficava à margem do Rio Callisidrin; as águas lamacentas forneciam força à serraria e ao transporte das toras de madeira. Desaguadouros serpenteavam pelas áreas de trabalho e as construções decrepitas da serraria se erguiam mais altas do que as outras estruturas. Madeira cortada se empilhava em galpões abertos ou debaixo de lonas, à espera de barcaças que as levariam pelo rio ou de carroças que as levariam pela estrada. Na encosta se erguiam casas muito juntas umas das outras acima da serraria, aparentemente construídas a princípio como abrigos provisórios e, com o passar dos anos, por infelicidade se tornaram permanentes.

Mesmo a distância, Richard e Kahlan viram que havia alguma coisa errada. A serraria estava parada, as ruas vazias. A cidade deveria estar vibrando de atividade. Devia haver pessoas nas lojas, nas docas, na serraria e nas ruas, mas não havia sinal de gente ou animais. A cidade parecia se encolher no silêncio, a não ser por algumas lonas tatalando ao vento e alguns painéis de lata guinchando e batendo nos prédios da serraria.

Quando chegaram perto, o vento levou até eles algo mais do que lonas tatalando e latas tilintando, levou o cheiro pútrido da morte. Richard verificou se a espada estava solta na bainha.

Corpos inchados, quase prestes a estourar, os botões das roupas esticados e fluido escorrendo atraíram nuvens de moscas. Os mortos estavam nos cantos e encostados nos prédios, como folhas de outono empilhadas pelo vento. Quase todos tinham ferimentos horríveis, alguns estavam atravessados por lanças quebradas. O

silêncio parecia vivo. Portas arrombadas pendiam em ângulos estranhos, presas a uma única dobradiça ou estavam no meio da rua com objetos de uso pessoal e móveis. Todas as janelas estavam quebradas. Alguns prédios não passavam de pilhas queimadas e frias de vigas e entulho. Richard e Kahlan cobriram o nariz e a boca com os casacos, tentando se proteger do cheiro, enquanto olhavam para os mortos.

— Rahl? — perguntou Richard.

Ela olhou de longe para vários corpos amontoados.

— Não. Rahl não mata assim. Isto foi uma batalha.

— Para mim parece mais uma carnificina.

Kahlan concordou.

— Lembra-se dos mortos do Povo da Lama? É assim que Rahl mata. Sempre da mesma forma. Isto é diferente.

Atravessaram a cidade, sempre perto dos prédios, longe do centro da rua, ocasionalmente desviando-se do sangue e dos outros restos de matéria. Todas as lojas tinham sido saqueadas e o que não foi levado estava destruído. Saindo de uma das lojas, uma peça de fazenda azul-clara desenrolada com manchas escuras, atravessava a rua, jogada fora por estar manchada com o sangue do dono da loja. Kahlan puxou a manga de Richard e apontou. Numa parede estava escrita esta mensagem em sangue: MORTE A TODOS QUE RESISTEM A WESTLAND.

— O que você acha que significa? — perguntou ela em voz baixa, como se os mortos pudessem ouvir.

Richard olhou para as palavras escritas com sangue.

— Não tenho a mínima idéia. — Começou a andar, virando para trás duas vezes e olhando para as palavras na parede. Richard viu uma carroça na frente de uma loja de cereais. Estava cheia pela metade com móveis pequenos e roupas; o vento açoitava as mangas dos vestidos pequeninos. Trocou um olhar com Kahlan. Alguém estava vivo e parecia que se preparava para sair da cidade.

Ele entrou cautelosamente no vão sem porta da loja, Kahlan atrás. O sol entrava pela porta e pela janela, formando listras na poeira, iluminando sacos rasgados de grãos e barris quebrados. Richard ficou ao lado da porta até seus olhos se adaptarem ao

escuro. Viu marcas recentes de pés, quase todas pequenas, na poeira. Seguiu as marcas com os olhos até atrás do balcão. As pessoas estavam escondidas, trêmulas de medo.

— Não vou machucar vocês — disse ele gentilmente —, saiam daí.

— Você é um soldado do Exército Popular da Paz e está aqui para nos ajudar? — perguntou uma voz de mulher de trás do balcão.

Richard e Kahlan se entreolharam.

— Não — disse Kahlan. — Somos... apenas viajantes, de passagem.

Uma mulher com o rosto sujo molhado de lágrimas e cabelo curto despenteado levantou a cabeça. O vestido simples marrom estava sujo e rasgado. Richard tirou a mão do punho da espada para não a assustar. O lábio dela tremia, olhou para ele com os olhos fundos e fez sinal para os outros saírem do esconderijo. Eram seis crianças — cinco meninas e um menino —, outra mulher e um velho. Quando saíram, as crianças agarradas à saia da mulher, os três adultos olharam rapidamente para Richard, depois, espantados, para Kahlan. Arregalaram os olhos e recuaram, encostando na parede. Richard, a princípio confuso, percebeu que olhavam para o cabelo dela.

Os três adultos se ajoelharam, com as cabeças abaixadas, olhos no chão; as crianças esconderam o rosto nas saias das mulheres. Olhando brevemente para Richard, Kahlan fez sinal para que se levantassem. Com os olhos no chão, não viram seu gesto.

— Levantem-se — disse ela —, não há necessidade disso. Levantem-se.

Ergueram as cabeças, confusos. Olharam para as mãos dela, que faziam sinal para que se levantassem. Obedeceram com grande relutância.

— As suas ordens, Madre Confessora — disse uma das mulheres com voz tremula. — Perdoe-nos, somos gente humilde. Perdoe-nos por...

Kahlan interrompeu.

— Qual o seu nome?

A mulher fez uma profunda curvatura e ficou curvada.

— Sou Regina Clark, Madre Confessora.

Kahlan segurou os ombros dela e a fez erguer o corpo.

— Regina, o que aconteceu aqui?

Os olhos de Regina se encheram de lágrimas, olhou timidamente para Richard, e seus lábios tremeram. Kahlan olhou para ele.

— Richard — disse ela suavemente —, por que você não leva o velho e as crianças para fora?

Richard compreendeu. As mulheres estavam assustadas demais para falar na frente dele. Deu o braço ao velho e levou quatro das crianças para fora. Duas meninas mais novas recusaram-se a largar as saias das mulheres, mas Kahlan, com um gesto, fez Richard entender que estava tudo bem.

As quatro crianças, muito juntas, se sentaram no degrau na frente da casa. Nenhuma quis responder quando ele perguntou seus nomes, sequer olhavam para ele a não ser com olhares rápidos e assustados, para ter certeza de que ele não estava chegando mais perto delas. O velho só olhou para longe quando Richard perguntou o nome dele.

— Pode me dizer o que aconteceu aqui? — perguntou Richard.

O homem olhou para a rua.

— Gente de Westland...

As lágrimas não permitiram que ele dissesse nada mais. Temendo insistir, Richard resolveu deixar o velho em paz. Ofereceu-lhe um pedaço de carne-seca que tirou da mochila, mas o homem ignorou. As crianças recuaram quando ele ofereceu a carne. Richard a guardou na mochila. A menina mais velha, adolescente, olhou para ele como se Richard fosse matá-los ou come-los todos. Ele nunca tinha visto pessoas, tão apavoradas. Para não a assustar e às outras crianças mais do que elas já estavam, ele manteve distância e prometeu que não lhes ia fazer mal, nem tocar neles. Aparentemente, as crianças não acreditaram, Richard a todo momento olhava para a porta. Não estava a vontade e queria que Kahlan sáísse.

Finalmente ela saiu; o rosto expressava interna calma e muita tensão. Richard se levantou e as crianças correram para dentro da

casa. O velho ficou onde estava. Richard segurou o braço dele e o levou para a porta.

— Não há cavalos aqui—disse Kahlan, olhando para a frente, voltando para o caminho por que tinham vindo. — Acho melhor sairmos das estradas, ficar nas trilhas menos usadas.

— Kahlan, o que está acontecendo? — Ele olhou para trás. — O que aconteceu aqui?

Ela olhou para a mensagem sangrenta na parede quando passaram por ela. MORTE A TODOS QUE RESISTEM A WESTLAND.

— Missionários vieram e falaram para o povo da glória de Darken Rahl. Costumaram vir sempre, contando ao conselho as coisas que teriam quando D'Hara governasse as terras. Dizendo do amor de Darken Rahl pelo povo.

— Isso é loucura! — murmurou Richard asperamente.

— Mesmo assim o povo de Horners Míll foi convencido. Todos concordaram em declarar a cidade território de D'Hara. O Exército Popular da Paz entrou na cidade, tratando todos com o maior respeito, comprando mercadorias dos comerciantes, gastando prata e ouro. — Ela apontou para as fileiras de madeira debaixo das lonas. — Os missionários fizeram o que tinham prometido. Chegaram pedidos de madeira. Muita madeira. Para construir novas cidades onde o povo pudesse viver com prosperidade sob o novo e esplêndido governo do Pai Rahl.

Richard balançou a cabeça, atônito. — E então?

— A notícia se espalhou, havia mais trabalho do que o povo da cidade podia dar conta. Trabalho para o Pai Rahl. Mais homens vieram para ajudar a despachar os pedidos. Enquanto tudo isso acontecia, os missionários falavam sobre a ameaça de Westland. A ameaça de Westland para o Pai Rahl.

— De Westland! — disse Richard incrédulo.

— Então os homens do Exército Popular da Paz deixaram a cidade, dizendo que iam lutar contra as forças de Westland para proteger as outras cidades que haviam jurado obediência a Darken Rahl. O povo pediu que deixassem alguns homens, para proteção. Em troca da lealdade e devoção do povo, eles acederam.

Richard a fez passar na frente dele e olhou para trás.

— Então não foi o exército de Rahl que fez isto?

A trilha era larga e ela esperou que Richard estivesse ao seu lado para responder.

— Não. Elas disseram que tudo correu bem por algum tempo. Então, mais ou menos há uma semana, ao nascer do dia, uma unidade do exército de Westland atacou a cidade, matando os homens de D'Hara. Depois disso começaram a matar as pessoas indiscriminadamente e a saquear a cidade. Enquanto matavam, os soldados de Westland gritavam que era isso que acontecia a quem seguia Rahl, a todos que resistiam a Westland. Antes do pôr-do-sol eles se foram.

Richard segurou o ombro do camisão dela e a fez se virar para ele.

— Não é verdade. O povo de Westland não faria isso! Não foram eles! Não pode ter sido!

Kahlan olhou para de.

— Richard, eu não disse que era verdade. Estou apenas contando o que me contaram, o que esse povo acredita que aconteceu.

Richard soltou o camisão dela, com mais de um motivo para corar. Não pôde deixar de dizer: — Nenhum exército de Westland jamais fez isso. — Começou a voltar para a trilha, mas Kahlan segurou o braço dele.

— Isso não foi tudo.

Pela expressão dos olhos dela, Richard teve certeza de que não queria ouvir o resto. Inclinou a cabeça para que ela continuasse.

— Os que ficaram vivos começaram a deixar a cidade imediatamente, levando tudo que podiam carregar. Outros saíram no dia seguinte, alguns depois de enterrar membros das suas famílias. Naquela noite, um destacamento de homens de Westland voltou, uns cinqüenta, mais ou menos. Havia apenas um punhado de gente na cidade. Disseram que os que tinham resistido aos homens de Westland não podiam ser enterrados, mas deixados para os animais, como lembrança do que acontecia a quem resistia a Westland. Para enfatizar, reuniram todos os homens e os meninos ainda vivos e os executaram. — Pelo tom de voz de Kahlan quando disse executaram,

Richard decidiu que não queria saber como. — O menino e o velho não foram vistos, senão estariam mortos também. As mulheres foram obrigadas a olhar. — Kahlan parou de falar.

— Quantas mulheres restaram?

Kahlan balançou a cabeça.

— Não sei, não muitas. — Olhou para trás, para a cidade, e então voltou para ele os olhos intensamente furiosos. — Os soldados violentaram as mulheres. E as meninas. — Os olhos dela queimavam os de Richard. — Cada uma dessas meninas que você viu foi violentada pelo menos...

— Os homens de Westland não fizeram isso!

Kahlan o olhou atentamente.

— Eu sei. Mas quem, então? Por quê? — Ela voltou a ficar calma.

Richard olhou para ela, frustrado.

— Não podemos fazer nada por eles?

— Nossa tarefa não é proteger algumas pessoas ou os mortos, é proteger os vivos, detendo Darken Rahl. Não temos tempo sobrando, precisamos chegar a Tamarang.

— Tem razão — admitiu ele com relutância. — Mas eu não gosto disso.

— Eu também não. — Seu rosto ficou menos duro. — Richard, acho que estaremos seguros. Seja qual for o exército que fez aquilo, não deve voltar por causa de algumas mulheres e crianças, estará à procura de caça maior.

Grande consolo, os assassinos estavam caçando grupos maiores de pessoas para matar, em nome de sua terra natal. Richard pensou no quanto detestava tudo aquilo e lembrou que, quando voltasse a Hartland, seu maior problema era o irmão estar sempre dizendo o que ele devia fazer.

— Um grupo tão grande de soldados não viajaria por uma trilha num bosque tão fechado quanto este; eles viajam pelas estradas, mas acho melhor começarmos a procurar pinheiros amigos para passar a noite. Nunca se sabe quem pode estar nos vigiando,

Kahlan concordou.

— Richard, muita gente da minha terra juntou-se a Rahl e tem cometido crimes indizíveis. Isso faz com que pensem mal de mim?

— É claro que não.

— E eu também não pensaria que foram soldados de Westland. Você não é culpado de crime algum quando seus compatriotas fazem coisas que você odeia. Estamos em guerra, estamos tentando fazer o que nossos ancestrais fizeram no passado, Seekers e Confessoras. Destronar um governante. Neste caso, só podemos contar com duas pessoas. Você e eu. — Olhou para ele intensamente. Richard percebeu que segurava outra vez o punho da espada. — Pode chegar um tempo quando será só você. Nós todos fazemos o que temos de fazer. — Não foi Kahlan quem falou, mas a Madre Confessora.

Foi um momento difícil e embaraçoso até ela se virar e começar a andar. Richard fechou bem o casaco, sentindo-se gelado de fora para dentro e de dentro para fora.

— Não foram os soldados de Westland — resmungou ele, seguindo atrás dela.

* * *

— Acenda para mim — disse Rachel. A pequena pilha de gravetos com pedras em volta se acendeu, iluminando o interior do pinheiro amigo com um brilho vermelho. Ela guardou o acendedor no bolso e, com um arrepio, estendeu as mãos para o fogo, olhando para Sara no seu colo.

— Estaremos seguras aqui esta noite — disse ela à boneca. Sara não respondeu. Não falava desde a noite em que fugiram do castelo, por isso Rachel fingiu que ela estava falando, dizendo que a amava. Deu um abraço apertado na boneca.

Tirou algumas frutas silvestres do bolso e comeu uma de cada vez, aquecendo as mãos entre uma e outra. Mordiscou o pedaço de queijo duro que trouxera do castelo. Todos os outros alimentos tinham acabado. Exceto o pão, é claro. Mas Rachel não podia comer aquilo, a caixa estava escondida dentro dele.

Rachel sentia muita falta de Giller, mas tinha de fazer o que ele tinha dito, encontrar um pinheiro amigo diferente cada noite. Não sabia a que distância estava do castelo. Continuava a andar enquanto era dia, com o sol nas costas de manhã e no rosto no fim da tarde. Tinha aprendido isso com Brophy. Ele chamava de viajar pelo sol. Imaginava que era o que ela estava fazendo: viajando.

Um galho do pinheiro se moveu e Rachel se sobressaltou. Viu a mão grande segurando o galho. Então a lâmina brilhante de uma longa espada. Olhou arregalada, sem poder se mexer.

Um homem pós a cabeça dentro do pinheiro.

— O que temos aqui? — sorriu ele.

Rachel ouviu um gemido fraco e percebeu que vinha da sua garganta. Continuava sem poder se mexer. Apareceu a cabeça de uma mulher atrás dele. Rachel apertou a boneca contra o peito.

— Guarde a espada — disse a mulher —, você está assustando a menina.

Rachel puxou o pão parcialmente descoberto para perto dela. Queria fugir, mas suas pernas não funcionavam. A mulher entrou no pinheiro, aproximou-se e se abaixou. Empurrando o homem para trás. Rachel olhou para ela e então viu o cabelo comprido, iluminado pelo fogo. Arregalou mais ainda os olhos e outro gemido saiu da sua garganta. Finalmente suas pernas se mexeram um pouco e a levaram para trás, contra o tronco da árvore. Rachel puxou o pão para si. Mulheres de cabelo comprido sempre significavam encrenca. Rachel mordeu o pé de Sara, ofegante, um gemido saindo com cada respiração. Apertou Sara com toda a força. Desviou os olhos do cabelo da mulher, olhando para os lados, procurando um lugar para fugir.

— Não vou machucar você — disse a mulher. Sua voz era agradável, mas a princesa Violeta às vezes dizia a mesma coisa antes de esbofetear seu rosto.

A mulher tocou no braço de Rachel. Ela gritou e pulo para trás.

— Por favor — pediu ela —, não queime Sara.

— Quem é Sara? — perguntou o homem.

A mulher se virou para trás e o fez ficar calado. Voltou a olhar para Rachel, os olhos da menina fixos no cabelo que chegava abaixo

dos ombros.

— Não vou queimar Sara — disse ela, com sua bela voz. Rachel sabia que quando uma mulher de cabelo comprido falava daquele jeito, provavelmente estava mentindo. Mas a voz dela parecia estar dizendo a verdade.

— Por favor — gemeu ela. — Não podem nos deixar em paz?

— Nós? — a mulher olhou em volta. Depois outra vez para Sara. — Ah, compreendo. Então esta é Sara? — Rachel fez que sim com a cabeça, mordendo com mais força o pé de Sara. Sabia que ia levar um tapa se não respondesse a uma mulher de cabelo comprido. — É uma boneca muito bonita. — Ela sorriu. Rachel desejou que ela não sorrisse. Quando mulheres de cabelo comprido sorriam, quase sempre significava que ela teria problemas.

O homem pôs a cabeça na frente da mulher.

— Meu nome é Richard. Qual o seu?

Ela gostou dos olhos dele.

— Rachel.

— Rachel. Um nome bonito. Mas tenho de dizer, Rachel, que você tem o cabelo mais feio que já vi.

— Richard! — exclamou a mulher. — Como pode dizer uma coisa dessas?

— Bem, é verdade. Quem o cortou assim, alguma bruxa velha?

Rachel riu.

— Richard — exclamou a mulher outra vez. — Você vai assustar a menina.

— Bobagem. Rachel, eu tenho uma tesourinha na minha mochila e sei cortar cabelo muito bem. Gostaria de que eu arrumasse seu cabelo? Pelo menos posso cortar reto. Se deixar desse jeito, pode assustar um dragão ou coisa parecida.

Rachel riu outra vez.

— Sim, por favor. Gostaria do meu cabelo cortado direito.

— Muito bem, então venha se sentar no meu colo, que já arrumaremos isso.

Rachel se levantou procurando ficar longe da mulher, pelo menos tanto quanto era possível dentro do pinheiro, olhando para as

mãos dela. Richard a pôs no colo, levantando-a com as mãos grandes. Puxou algumas mechas de cabelo.

— Vejamos o que temos aqui.

Rachel não tirou os olhos da mulher, com medo de um tapa. Richard também olhou para Kahlan. Apontou com a tesoura.

— Esta é Kahlan. No começo ela me assustou também. Ela é muito feia, não é?

— Richard! Onde você aprendeu a falar desse jeito com crianças?

Ele sorriu.

— Aprendi com um guarda da fronteira que conheço.

Rachel não pôde deixar de rir.

— Não acho que ela seja feia. Acho que é a mulher mais bonita que já vi. — Era verdade. Mas o cabelo comprido de Kahlan a apavorava.

— Bem, muito obrigada, Rachel, você também é muito bonita. Está com fome?

Rachel não devia dizer a ninguém com cabelo comprido, dama ou cavalheiro, que estava com fome. A princesa Violeta dizia que não era apropriado e certa vez a castigou por dizer que estava com fome, quando perguntaram. Ela ergueu os olhos pra Richard. Ele sorriu, mas ela ainda estava com medo de dizer a Kahlan que estava com fome.

Kahlan bateu de leve no braço dela.

— Aposto que está. Nós pegamos alguns peixes e, se nos deixar usar seu fogo, repartiremos os peixes com você. O que acha?

— Ela sorriu gentilmente.

Rachel olhou outra vez para Richard. Ele piscou um olho e suspirou.

— Acho que peguei mais do que podemos comer. Se não nos ajudar, teremos de jogar fora.

— Está bem, se vão jogar fora, ajudo a comer.

Kahlan começou a tirar a mochila do ombro.

— Onde estão seus pais?

Rachel disse a verdade porque não conseguia pensar em outra coisa para dizer.

— Mortos.

As mãos de Richard pararam de trabalhar por um momento e depois recomeçaram. Kahlan pareceu triste, mas Rachel não sabia se era de verdade ou não. Kahlan apertou de leve o braço dela.

— Eu sinto muito, Rachel — Rachel não se sentia tão triste, não se lembrava dos pais, só do lugar em que tinha morado com as outras crianças.

Richard continuou a cortar o cabelo, enquanto Kahlan pegou uma frigideira e começou a fritar o peixe. Richard tinha razão, era muito peixe. Kahlan pôs algum tempero, como Rachel tinha visto os cozinheiros fazerem. O cheiro era tão bom que seu estômago começou a roncar. Pequenos pedaços de cabelo caíram em volta dela. Rachel sorriu, pensando como a princesa Violeta ficaria furiosa se soubesse que o cabelo de Rachel estava bem cortado. Richard cortou um dos cachos longos, amarrou um pedaço de trepadeira na extremidade e pôs o cabelo na mão dela. Rachel olhou para ele, intrigada.

— Você deve guardar isto. Se um dia gostar de um rapaz, pode dar a ele uma mecha do seu cabelo e ele pode guardar no bolso, perto do coração. — Richard piscou para ela. — Para se lembrar de você.

Rachel riu.

— Você é o homem mais bobo que já vi. — Ele riu. Kahlan olhou para ele e sorriu. Rachel guardou o cabelo no bolso. — Você é um lorde?

— Sinto muito, Rachel, mas sou um mero guia florestal. — Rachel ficou um pouco triste, mas logo achou bom que ele não fosse um lorde. Richard tirou da mochila um espelhinho e o deu a ela. — Dê uma olhada. Diga o que acha.

Rachel levantou o espelho tentando ver sua imagem e levou um minuto para pôr no lugar certo para poder ver à luz do fogo. Era o menor espelho que já tinha visto. Rachel arregalou os olhos e eles se encheram de lágrimas.

Abraçou Richard.

— Oh, muito obrigada, Richard, muito obrigada. Nunca meu cabelo esteve tão bonito. — Richard a abraçou e a sensação foi

melhor ainda do que quando Giller a abraçava. Uma de suas mãos grandes e quentes esfregou as costas dela. Foi um longo abraço, o maior que Rachel já tinha recebido, e ela desejou que nunca acabasse. Mas acabou.

Kahlan balançou a cabeça.

— Você é uma pessoa muito rara, Richard Cypher — murmurou ela.

Kahlan espetou um grande pedaço de peixe num graveto e o deu a Rachel, dizendo que ela devia assoprar para não queimar a boca. Rachel assoprou um pouco, mas estava com muita fome para assoprar muito. Foi o melhor peixe de sua vida. Tão bom quanto o pedaço de carne que os cozinheiros lhe tinham dado.

— Pronta para outro pedaço? — perguntou Kahlan. Rachel fez que sim. Então Kahlan tirou uma faca do cinto. — Será que podemos comer um pedaço de pão com o peixe? — Estendeu a mão para o pão.

Rachel mergulhou para o pão, pegando antes de Kahlan e o apertou contra o peito.

— Não! — Firmando os calcanhares no chão, arrastou-se para longe de Kahlan.

Richard parou de comer. Kahlan franziu a testa. Rachel enfiou a mão no bolso, segurando o acendedor que Giller tinha dado.

— Rachel, qual o problema? — perguntou Kahlan.

Giller tinha dito para não confiar em ninguém. Tinha de pensar em alguma coisa. O que Giller diria?

— É para minha avó! — Rachel sentiu uma lágrima descer no rosto.

— Muito bem, se é para sua avó — disse Richard —, não tocamos nele. Prometo. Certo, Kahlan?

— É claro. Desculpe, Rachel, nós não sabíamos. Eu também prometo. Você me perdoa?

— Rachel — perguntou Richard. — Onde está sua avó?

Rachel ficou rígida. Na verdade, não tinha avó. Tentou se lembrar de algum lugar de que tivesse ouvido falar. Pensou nos lugares que ouvira os conselheiros da rainha citar. Disse o primeiro nome que veio à sua cabeça.

— Horners Mill.

Antes de acabar de falar percebeu que tinha cometido um erro. Richard e Kahlan olharam para ela, assustados, depois se entreolharam. Tudo ficou silencioso por um minuto. Rachel não sabia o que ia acontecer. Olhou para os lados do abrigo do pinheiro, para os espaços entre os galhos.

— Rachel, não vamos tocar no pão da sua avó — disse Richard. — Nós prometemos.

— Venha, coma mais um pedaço de peixe — disse Kahlan. — Pode deixar o pão ali, não vamos tocar nele.

Rachel continuou imóvel. Pensou em fugir o mais depressa possível, mas sabia que não podia correr mais depressa e eles a pegariam. Tinha de fazer o que Giller disse, esconder a caixa até o inverno, do contrário toda aquela gente teria as cabeças cortadas.

Richard pegou Sara e a pôs no colo. Fingiu que dava um pedaço de peixe à boneca.

— Sara vai comer todo o peixe. Se você quiser mais, acho bom vir até aqui e pegar sua parte. Venha, pode se sentar no meu colo e comer. Está bem?

Rachel olhou para os dois, um de cada vez, tentando decidir se diziam a verdade. Mulheres com o cabelo comprido mentiam facilmente. Richard a pôs no colo e Sara no colo dela.

Rachel se aconchegou no peito dele enquanto todos comiam o peixe. Não olhou para Kahlan. Às vezes não era apropriado olhar para uma mulher de cabelo comprido, a princesa Violeta dizia. Rachel não queria fazer nada que merecesse um tapa no rosto. Também não queria sair do colo de Richard. Era quente e a fazia sentir-se segura.

— Rachel — disse Richard. — Sinto muito, mas não podemos deixar você ir a Horners Mill. Não é seguro.

— Tudo bem, vou para algum outro lugar.

— Temo que não seja seguro em lugar algum. Levaremos você conosco para que esteja segura.

— Para onde?

Kahlan sorriu.

— Nós vamos a Tamarang, para ver a rainha. — Rachel parou de mastigar. Não conseguia respirar. — Levamos você conosco. Tenho certeza de que a rainha encontrará alguém para tomar conta de você, se eu pedir.

— Kahlan, você tem certeza disso? — perguntou Richard em voz baixa. — Que tal o mago?

Kahlan respondeu suavemente.

— Trataremos disso depois que eu esfolar Giller.

Rachel engoliu para poder respirar. Ela sabia! Sabia que não devia confiar numa mulher de cabelo comprido. Ela quase chorou, estava começando a gostar de Kahlan. Richard era tão bom! Por que ele era bom para Kahlan? Por que estava com uma mulher tão má, capaz de fazer mal a Giller? Devia ser cômico quando ela era boa para a princesa Violeta, só para não ser maltratada. Ele devia ter medo de ser maltratado. Teve pena de Richard. Teve vontade de poder fugir de Kahlan, como estava fugindo da princesa Violeta. Talvez devesse contar a ele sobre a caixa e ele podia fugir de Kahlan com ela.

Não. Giller disse para não confiar em ninguém. Ele também devia ter medo de Kahlan e podia contar a ela. Tinha de ser corajosa por Giller. Por todas aquelas pessoas. Por isso tinha de fugir deles.

— Podemos tratar disso de manhã — disse Kahlan. — Acho bom dormir um pouco para sairmos logo à primeira luz do dia.

Richard abraçou Rachel.

— Eu fico com o primeiro turno da vigia. Você procure dormir um pouco.

Ele entregou a menina a Kahlan. Rachel mordeu a língua para não gritar. Kahlan a abraçou com força. Rachel olhou para a faca. Nem a princesa tinha uma faca. Estendeu os braços para Richard, choramingando. Richard sorriu e pôs Sara nas mãos dela. Não era o que Rachel queria, mas abraçou Sara e mordeu o pé dela para não chorar.

Richard passou a mão na cabeça dela.

— Vejo você de manhã, pequenina.

Então ele se foi e Rachel ficou sozinha com Kahlan. Fechou os olhos com força. Tinha de ser corajosa. Não podia chorar. Mas chorou.

Kahlan a abraçou carinhosamente. Rachel estremeceu. Dedos acariciaram seu cabelo. Kahlan a embalou, enquanto Rachel olhava para uma abertura escura entre os galhos, no outro lado do pinheiro. O peito de Kahlan fazia pequenos movimentos estranhos e Rachel percebeu, atônita, que ela estava chorando. Kahlan encostou o rosto na cabeça dela.

Rachel quase começou a acreditar... mas então lembrou do que a princesa Violeta dizia às vezes, que doía mais castigar do que ser castigada. Rachel tentou imaginar o que Kahlan planejava para fazê-la chorar. Nem mesmo a princesa Violeta chorava quando se tratava de castigar. Rachel chorou mais e estremeceu.

Kahlan enxugou as lágrimas do rosto dela com as mãos. As pernas de Rachel estavam fracas demais para correr.

— Você está com frio? — murmurou Kahlan. Parecia ainda haver lágrimas na sua voz.

Rachel tinha medo de que, fosse qual fosse sua resposta, levaria um tapa. Fez que sim com a cabeça, pronta para o que desse e viesse. Mas Kahlan tirou um cobertor da mochila e enrolou em volta das duas e Rachel pensou que devia ser para dificultar sua fuga.

— Venha, deite mais perto e eu conto uma história. Assim uma aquece a outra. Está bem?

Rachel deitou de lado, encostada em Kahlan, que a puxou para muito perto e a abraçou. Estava bom, mas Rachel sabia que era um truque. O rosto de Kahlan estava perto do seu ouvido e ela ficou ali deitada e Kahlan contou a história do pescador que virou peixe. As palavras criavam imagens em sua mente e por algum tempo Rachel esqueceu seus problemas. Ela e Kahlan chegaram a rir juntas. Quando terminou a história, Kahlan beijou a cabeça de Rachel e acariciou-lhe a testa.

Rachel fingiu que Kahlan não era malvada. Não fazia mal fingir. Nada era tão agradável quanto os dedos dela em sua testa e as pequenas canções cantadas nos seus ouvidos. Rachel pensou que devia ser essa a sensação de ter uma mãe.

Contra a vontade, ela adormeceu e teve sonhos maravilhosos.

Acordou no meio da noite quando Richard chamou Kahlan, mas fingiu que estava dormindo.

— Você quer continuar a dormir com ela? — murmurou ele.

Rachel prendeu a respiração.

— Não — respondeu Kahlan. — Vou fazer meu turno de vigia.

Rachel ouviu Kahlan vestir o casaco e sair do abrigo do pinheiro. Prestou atenção na direção dos passos dela. Depois de pôr mais lenha no fogo, Richard se deitou. Rachel viu o abrigo se iluminar. Sabia que Richard a olhava, sentiu os olhos dele nas suas costas. Queria muito dizer a ele o quanto Kahlan era malvada e pedir que fugisse com ela. Ele era um homem muito bom e seus abraços as melhores coisas do mundo. Richard puxou o cobertor dela para cima, agasalhando-a melhor. Lágrimas desceram no rosto da menina.

Ela o ouviu deitar de costas e puxar o cobertor. Rachel esperou até ter certeza de que ele estava dormindo e saiu de baixo do cobertor.

CAPÍTULO 36



Kahlan se virou quando ele afastou o galho, entrou no abrigo do pinheiro amigo, se sentou na frente do fogo e começou a guardar as coisas na mochila.

— E então?

Richard olhou para ela zangado.

— Encontrei rastos dela indo para oeste, de onde viemos. Chegaram à trilha a alguns metros daqui. Foram feitos há horas. — Apontou para o chão no fundo do abrigo do pinheiro. — Foi por ali que ela saiu. Deu uma volta pelo bosque para que você não a visse. Já rastreei homens que não queriam ser encontrados e suas pegadas eram fáceis de seguir. Ela anda por cima de raízes e das pedras e é muito pequena para deixar pagadas. Você viu os braços dela?

— Vi as longas equimoses. Feitas de uma vara.

— Não, estou falando dos arranhões.

— Não vi arranhão algum.

— Exatamente. Tem carrapichos no vestido, ela passou por espinheiros, mas seus braços não estão arranhados. Ela é leve e evita tocas nas coisas. Um adulto passaria direto, deixando rastos de galhos quebrados. Que nunca toca em alguma coisa. Você devia ver o rastro que deixei procurando seguir sua pista, um rastro que até um cego poderia seguir. Ela se move no meio do mato como o ar. Mesmo quando voltar à trilha, não consegui perceber por algum tempo. Está descalça, não gosta de pisar na água ou na lama- esfria os pés —, por isso pisa onde está seco, onde deixa marcas.

— Eu devia ter visto quando ela fugiu.

Richard percebeu que Kahlan pensou que ele a estava culpando. Disse, irritado:

— Não foi culpa sua, Kahlan. Se eu estivesse de vigia também não teria visto. Ela não quer ser vista. É uma menininha muito esperta.

Isso não serviu de consolo para Kahlan.

— Mas você pode seguir os passos dela, não pode?

Richard olhou de soslaio para ela.

— Eu posso — cevou a mão ao bolso da camisa. — Encontrei isto no meu bolso. — Ergueu uma sobancelha. — Sobre o meu coração. — Mostrou o cabelo de Rachel atado com uma trepadeira e girou entre os dedos. — Para me lembrar dela.

Muito pálida, Kahlan se levantou.

— Foi culpa minha. — Saiu do abrigo do pinheiro. Richard tentou segurar o braço dela, mas Kahlan se livrou.

Richard largou a mochila e foi atrás. Kahlan parou a distancia com os braços cruzados, de costas para ele, olhando para o bosque.

— Kahlan, você não tem culpa.

— Foi o meu cabelo. Não viu o medo nos olhos dela, quando olhou para o meu cabelo? Já vi esse olhar milhares de vezes. Tem idéia do que é assustar as pessoas, até as crianças o tempo todo? — Richard ficou calado. — Richard quer cortar meu cabelo?

— O que?

Os olhos dela imploravam.

— Você corta o meu cabelo?

Ele viu sofrimento no rosto dela.

— Por que você mesma não corta?

— Não posso. A magia não permite que uma Confessora corte o próprio cabelo. Se tentar, a dor é insuportável.

— Como pode ser isso?

— Lembra da dor que sentiu com a magia da espada, quando matou um homem pela primeira vez? É igual. Deixa a Confessora inconsciente antes que possa terminar de cortar. Tentei uma só vez. Toda confessora tenta uma vez. Mas só uma. Nosso cabelo deve ser cortado por outra, quando precisa ser aparado. Mas nenhuma se

atreve a cortar curto. — Virou-se para ele outra vez. — Faria isso por mim? Cortaria meu cabelo?

Richard desviou os olhos dos dela para o céu que começava a clarear, tentando compreender o que sentia, o que ela devia estar sentindo. Havia tanta coisa que não sabia sobre ela... Sua vida, seu mundo eram um mistério para ele. Houve um tempo em que queria saber tudo. Agora tinha certeza de que nunca saberia, o abismo entre eles estava repleto de magia. Magia destinada, ao que parecia, explicitamente a separá-los.

Finalmente olhou para ela.

— Não.

— Posso saber por quê?

— Porque eu a respeito pelo que você é. A Kahlan que conheci não ia querer enganar as pessoas, tentando parecer o que não é. Mesmo que enganasse alguns, não mudaria nada. Você é quem é, a Madre Confessora. Não podemos ser mais ou menos do que somos. — Ele sorriu.- Uma mulher sensata, minha amiga, disse isso certa vez.

— Qualquer homem gostaria de cortar o cabelo de uma Confessora.

— Não esse aqui. Este é seu amigo.

Ela assentiu, inclinando a cabeça, ainda com os braços cruzados.

— Ela deve estar com frio. Nem levou cobertor.

— Também não levou comida, a não ser aquele pão que está guardando por algum motivo, apesar de estar faminta.

Finalmente Kahlan sorriu.

— Ela comeu mais do que nós dois juntos. Pelo menos está com a barriga cheia. Richard quando ela chegar a Horners Mill...

— Ela não vai para Horners Mill.

Kahlan chegou mais perto dele.

— Mas é onde a avó dela está.

Richard balançou a cabeça.

— Ela não tem avó. Quando disse que a avó estava em Horners Mill e eu disse que ela não podia ir para lá, Rachel nem hesitou. Simplesmente resolveu que iria para outro lugar. Nem

pensou, não perguntou da avó, não fez qualquer objeção. Ela está fugindo de alguma coisa.

— Fugindo? Talvez das sombras que fizeram aquele ferimento no seus braços.

— E nas costas. Sempre que meus dedos tocavam algum, ela se encolhia, mas não dizia nada. Ela queria tanto ser abraçada! — Kahlan franziu a testa, sentindo pena de Rachel. — Ela diria que está fugindo de quem cortou seu cabelo daquele jeito.

— O cabelo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Era uma marca, talvez de propriedade. Ninguém cortaria daquele modo a não ser como uma mensagem. Especialmente em Midlands, onde todos prestam tanta atenção ao cabelo. Uma mensagem deliberada, uma mensagem de poder sobre ela. Por isso eu cortei, para remover a marca.

Kahlan olhou para longe.

— Por isso ela ficou tão feliz — murmurou.

— Mas há mais do que simplesmente fugir. Ela mente com mais facilidade do que um jogador. Com facilidade de quem precisa intensamente mentir.

Kahlan olhou para ele.

— Por quê?

— Eu não sei — suspirou. — Mas tinha algo a ver com aquele pão.

— O pão? Você acha mesmo isso?

— Ela não tinha sapatos, nem casaco, nada além da boneca. É sua possessão mais preciosa, é delicada a ela, e deixou que nós a tocássemos. Mas não permitiu que chegássemos perto do pão. Não sei muita coisa sobre magia em Midlands, mas de onde venho, uma menina não dá mais valor a um pão do que a uma boneca e não acredito que aqui seja diferente. Viu os olhos dela quando você tentou pegar o pão e ela o segurou imediatamente? Se Rachel tivesse uma faca e você não tivesse recuado, ela a teria usado em você.

— Richard — discordou ela —, você não pode realmente pensar isso de uma menina. Um pão não pode ser mais importante

do que ela.

— Não? Você mesma disse que ela comeu mais do que nós dois juntos. Comecei a pensar que fosse parente do Zedd. Explique por quê, se ela estava faminta, não tinha tirado nem um pedaço do pão? — Richard balançou a cabeça. — Alguma coisa está acontecendo e aquele pão é o centro de tudo.

Kahlan deu um passo para ele.

— Então, vamos atrás dela?

Richard sentiu o peso do dente dependurado no seu pescoço. Respirou fundo e soltou o ar devagar.

— Não. Como Zedd gosta de dizer, nada é fácil. Como podemos justificar o fato de irmos atrás de uma menina para resolver o enigma do pão, enquanto Rahl procura a caixa?

Kahlan segurou a mão dele.

— Detesto o que Darken Rahl fez conosco, o modo com que ele nos obriga a fazer coisas. — Apertou a mão dele. — Ela entrou muito depressa nos nossos corações.

Richard a abraçou.

— É verdade. Rachel é uma menininha especial. Espero que encontre o que procura e que esteja segura. — Foi até o pinheiro amigo, para apanhar as coisas deles. — Vamos embora.

Nenhum dos dois queria pensar no que sentia, que estavam abandonando Rachel, condenando-a a perigos que ela desconhecia e contra os quais estava indefesa, por isso se concentraram em percorrer a maior distância, o mais depressa possível. O dia continuou claro e chegaram a uma vasta área de floresta; com a pressa, nem notaram o frio.

Richard sempre gostava de encontrar uma teia de aranha estendida no meio da trilha. Começava a pensar nas aranhas como guardiãs. Quando era guia, não gostava de teias de aranha no rosto. Obrigada, irmã aranha, ele pensava agora, cada vez que passava por uma.

Quase ao meio dia, pararam para descansar nas rochas aquecidas pelo sol em um regato gelado, Richard passou água fria no rosto, tentando criar mais energia. Já estava cansado. Almoçaram comida fria que durou apenas o tempo de descer pela garganta.

Enfiaram os últimos pedaços na boca, limpavam as mãos nas pernas das calças e desceram da rocha plana e cor-de-rosa.

Por mais que tentasse não pensar em Rachel, Richard não podia evitar. Às vezes, quando Kahlan se virava para trás, ele a via olhando para os lados, com a testa franzida. Uma vez ele perguntou se Kahlan achava que ele tinha tomado a decisão certa. Ela não precisou perguntar de qual decisão ele estava falando. Perguntou de quando tempo ele calculava que precisariam para alcançar Rachel. Richard disse que uns dois dias, se tudo corresse bem, pelo menos um para alcançá-la e outro para voltar. Dois dias, Kahlan disse, era mais do que tinham. Richard ficou tranqüilo ouvindo isso.

No fim da tarde, o sol deslizou para trás do pico distante de uma montanha de Rang'Shada, tirando o brilho e diminuindo a intensidade das cores do bosque, acalmando o vento e envolvendo paisagem em silêncio. Richard conseguiu afastar o pensamento de Rachel, concentrando-se no que fariam quando chegassem a Tamarang.

— Kahlan, Zedd disse que precisamos ficar longe de Darken Rahl, porque não temos poder contra ele, nenhuma defesa.

Kahlan olhou brevemente para trás.

— Foi o que ele disse.

Richard ficou intrigado.

— Bem, Shota disse que a rainha não teria a caixa por muito mais tempo.

— Talvez estivesse nos avisado que a caixa logo estaria em nossas mãos.

— Não, foi uma advertência de que a rainha não teria por muito mais tempo e que por isso precisávamos nos apressar. E se Darken Rahl já estiver lá?

Kahlan olhou para trás, diminuiu o passo e foi até ele.

— E se tiver? Não há outro meio. Eu vou a Tamarang. Quer esperar aqui por mim?

— Claro que não! Só estou dizendo que devemos nos lembrar do que estaremos enfrentando, que Darken Rahl pode estar lá.

— Há muito tempo estou pensando nisso.

Richard andou ao lado dela por algum tempo sem dizer nada. Finalmente perguntou.

— E o que concluiu? O que faremos se ele estiver lá?

Ela disse olhando para frente: — Se Darken Rahl estiver em Tamarang e nós chegarmos, então o mais provável é que... morreremos.

Richard perdeu um passo, Kahlan não esperou por ele, mas continuou a andar.

À medida que o bosque escurecia, algumas nuvens pequenas se tingiam de vermelho, as brasas agonizantes do dia. A trilha começou a seguir o Rio Callisidrin, às vezes levando-os para bem perto dele; quando não o viam podiam ouvir o barulho da corrente de água marrom. Richard não vira qualquer pinheiro amigo durante toda a tarde. Olhando para as copas das árvores, não viu nem sinal deles. O dia escurecia rapidamente e ele perdeu a esperança de encontrar algum antes da noite, por isso começou a procurar outro abrigo. A uma distância segura da trilha, encontrou uma face de rocha pequena, no sopé de uma subida. Árvores a protegiam de todos os lados e achou que era um bom lugar para acampar, embora aberto para o céu.

A lua estava alta quando Kahlan pôs o assado no fogo e, por um golpe de sorte que o surpreendeu, Richard encontrou dois coelhos na armadilha muito antes do que esperava e os acrescentou ao assado.

— Acho que temos o suficiente para satisfazer Zedd — disse ela.

Como que chamado, o velho homem, com o cabelo branco despenteado, entrou no círculo de luz, parando no outro lado do fogo, as mãos na cintura, o manto parecendo um pouco andrajoso.

— Estou faminto! — anunciou ele. — Vamos comer.

Richard e Kahlan se levantaram surpresos. O velho piscou os olhos quando Richard desembainhou a espada. Numa fração de segundo, ele estava no outro lado do fogo com a espada encostada no peito do velho.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Para trás — ordenou Richard. Eles recuaram, a espada entre os dois, até as árvores. Richard olhou cuidadosamente para o bosque.

— Posso perguntar o que estamos fazendo, meu rapaz?

— Fui chamado por você uma vez e o vi uma vez e em nenhuma dela era você.

Deixar-se enganar pelo mesmo truque pela terceira vez é a marca do tolo — citou Richard. Viu o que procurava. — Não vou ser enganado uma terceira vez, não serei tolo. Para lá — apontou com o queixo. — Vá para o meio daquelas duas árvores.

— Não vou fazer isso! — protestou o homem. — Embainhe sua espada, meu rapaz.

— Se não for para o meio das duas árvores — disse Richard, com os dentes cerrados —, enfio minha espada nas suas costelas.

O velho ergueu os ombros, surpreso, segurou o manto e passou pelo mato, resmungando, enquanto Richard o espicaçava com a espada. Olhou rapidamente apenas uma vez para trás, antes de parar entre as árvores. Richard viu a teia de aranha se partir. Um sorriso iluminou seu rosto.

— Zedd! É você mesmo?

Zedd, mãos na cintura, olhou para ele com um olho só.

— Tão verdade quanto sapos assados, meu rapaz.

Richard embainhou a espada e abraçou o velho amigo, quase lhe quebrando os ossos; olhou para ele com um sorriso feliz e o abraçou outra vez.

— Temo só em pensar o que aconteceria se você estivesse mais feliz por me ver.

Richard o levou para perto do fogo com o braço nos ombros dele.

— Desculpe tudo aquilo, mas eu precisava ter certeza. Nem posso acreditar que esteja aqui! Estou tão feliz por vê-lo! Tão feliz por você estar bem! Temos muito que conversar.

— Sim, sim. Podemos comer agora?

Kahlan se aproximou e o abraçou também.

— Estávamos muito preocupados com você.

Zedd olhou para a panela com olhos compridos, por cima dos ombros dela.

— Sim, sim. Mas tudo isso vai melhorar com o estômago cheio.

— Mas ainda não está pronto — sorriu ela.

Zedd olhou para ela desapontado.

— Não está pronto? Tem certeza? Talvez a gente possa verificar.

— Tenho certeza. Começamos agora mesmo.

— Não está pronto — resmungou ele, segurando o cotovelo com uma das mãos, passando os dedos da outra no queixo. — Muito bem, vamos ver isso. Para trás, os dois.

O mago arregaçou as mangas olhando para o fogo como se olha para uma criança mal-comportada. Estendeu os braços magros e os dedos para a frente. Luz azul chiou em volta de suas mãos, parecendo ganhar impulso. Com um assobio, emitiu uma faixa azul denteada, que atingiu a panela, que deu um pulo. O fogo azul ficou debaixo da panela, girando, acariciando. O assado ferveu e borbulhou com luz azul. O mago retirou as mãos e o fogo azul se apagou.

Zedd sorriu satisfeito.

— Agora está pronto. Vamos comer!

Kahlan se ajoelhou junto ao fogo e provou o assado com uma colher de pau.

— Tem razão. Está pronto.

— Muito bem, não fique aí olhando, meu rapaz. Pegue os pratos!

Richard balançou a cabeça e obedeceu. Kahlan serviu um prato cheio, pôs alguns biscoitos secos ao lado e Richard deu para Zedd. O velho não se sentou, mas ficou ao lado deles, perto do fogo, comendo com grandes garfadas. Kahlan serviu mais dois pratos e, quando terminou, Zedd estava estendendo o dele para uma segunda porção.

Terminando o primeiro prato, Zedd agora teve tempo para se sentar. Richard se sentou numa pequena saliência da rocha. Kahlan ficou sentada ao lado dele, com as pernas dobradas, e Zedd no chão, à frente dos dois.

Richard esperou que Zedd comesse metade do assado do prato, finalmente permitindo uma pausa para perguntar — Então, como foi com Adie? Ela tomou bem conta de você?

Zedd olhou para ele, piscando os olhos. Mesmo à luz do fogo, Richard podia jurar que Zedd corou.

— Adie? Bem, nós... — Olhou para a expressão intrigada de Kahlan. — Bem, nós... nos demos... muito bem. — Franziu a testa para Richard. — Isso é pergunta que se faça?

Richard e Kahlan se entreolharam.

— Eu não quis dizer nada — disse Richard. — Só que não deixei de notar que Adie é uma bela mulher. É interessante. Só pensei que você a tivesse achado interessante,— Richard sorriu mentalmente.

Zedd enfiou o rosto no prato.

— Ela é uma ótima mulher. — Girou alguma coisa no prato com o garfo. — O que é isto? Comi três e ainda não sei o que é.

— Raiz de tava — disse Kahlan. — Não gostou?

Zedd rosnou.

— Não disse que não gostei. Só queria saber o que era, nada mais. — Ergueu os olhos do prato. — Adie me disse que deu uma pedra da noite a você. — Sacudiu o garfo na direção de Richard. — Espero que esteja tendo cuidado com essa coisa. Não a tire da bolsa se não for extremamente necessário. Necessário mesmo. Pedras da noite são muito perigosas. Adie devia ter avisado. E eu disse isso a ela. — Espetou uma raiz de cava com o garfo — Seria melhor você se livrar dela.

Richard empurrou um pedaço de carne no prato.

— Nós sabemos.

A mente de Richard estava tão repleta de perguntas que nem sabia por onde começar. Zedd perguntou primeiro.

— Vocês dois têm feito o que eu disse? Têm evitado encrenca? O que andam fazendo?

— Bem — disse Richard, respirando profundamente —, passamos muito tempo com o Povo da Lama.

— O Povo da Lama? — pensou Zedd por um momento. — Bom — resolveu finalmente, com o garfo no ar com um pedaço de carne

espetado. — Não se pode arranjar muita encrenca com o Povo da Lama. — Tirou a carne do garfo com os dentes e mergulhou o garfo outra vez para pegar mais assado e um pedaço de biscoito. Falou mastigando: — Então passaram um tempo agradável com o Povo da Lama. — Notou que os dois estavam calados e olhou de um para o outro. — Não é possível arranjar muita encrenca com o Povo da Lama. — Parecia uma ordem.

Richard olhou para Kahlan. Ela molhou o biscoito no assado.

— Eu matei um dos anciãos — disse Kahlan, levando o biscoito à boca sem erguer os olhos.

Zedd deixou cair o garfo e o apanhou no ar pouco antes de chegar ao chão.

— O quê?

— Foi autodefesa — disse Richard para ela. — Ele ia matar você.

— Maldição! Por que um ancião ousaria matar urna... — Fechou a boca e olhou para Richard.

— Uma Confessora. — Richard terminou a frase. Sua zanga amainou.

Zedd olhou de uma para outra cabeça abaixada.

— Então finalmente você contou a ele.

— Há poucos dias — disse Kahlan.

— Só há poucos dias — resmungou Zedd, depois comeu mais ensopado em silêncio, olhando desconfiado para os dois de vez em quando. — Por que um ancião ousaria matar uma Confessora?

— Bem — disse Richard —, foi quando descobrimos o que a pedra da noite pode fazer. Um pouco antes de nos declararem membros do Povo da Lama.

— Eles fizeram de vocês membros do Povo da Lama? Por quê? — Zedd arregalou os olhos. — Você se casou?

— Bem... não. — Richard tirou a tira de couro de baixo da camisa e mostrou o apito a Zedd. — Trocaram por isto.

Zedd olhou rapidamente para o apito.

— Por que concordaram que não se casasse... E por que fizeram de vocês membros do Povo da Lama?

— Porque pedimos. Tínhamos de pedir. Era o único meio de fazer com que convocassem uma reunião para nós.

— O quê? Fizeram uma reunião para vocês?

— Fizeram. Isso foi um pouco antes de Darken Rahl chegar.

— O quê? — gritou Zedd outra vez, levantando de um salto — Darken Rahl esteve lá! Eu disse para ficar longe dele!

Richard ergueu os olhos.

— Bem, nós não chegamos a convidá-lo...

— Ele matou uma porção de gente — disse Kahlan em voz baixa, ainda olhando para o prato, mastigando devagar.

Zedd olhou para a cabeça dela, depois voltou a se sentar lentamente.

— Desculpe — disse ele com voz mansa. — Então o que os espíritos dos ancestrais disseram?

Richard deu de ombros.

— Que tínhamos de procurar uma feiticeira.

— Uma feiticeira! — Zedd entrecerrou os olhos. — Qual feiticeira? Onde?

— Shota. Em Agaden Reach.

Zedd estremeceu e quase derrubou o prato, o ar sibilando entre os dentes quando respirou.

— Shota! — Olhou em volta como se alguém pudesse ouvir. Inclinou-se para Kahlan e disse em voz baixa: — Maldição! O que deu em você para levá-lo a Agaden Reach? Você jurou protegê-lo!

— acredite — disse ela, olhando nos olhos dele. — Eu não queria ir. — Tínhamos de ir — disse Richard, defendendo Kahlan.

Zedd olhou para ele.

— Por quê?

— Para saber onde encontrar a caixa. E descobrimos. Shota nos disse.

— Shota disse a vocês — zombou Zedd. — E o que mais da disse? Shota não diz nada que você quer saber sem dizer alguma coisa que você não quer.

Kahlan olhou de soslaio para Richard, mas ele não retribuiu o olhar.

— Nada. Ela não disse nada mais. — Não desviou os olhos dos de Zedd. — Ela disse que a rainha Milena, em Tamarang, está com a última caixa de Orden. Contou porque a vida dela depende disso.

Sempre olhando nos olhos de Zedd, Richard duvidava de que o amigo acreditasse nele, mas não queria contar o que Shota tinha dito. Como podia dizer que um deles ou os dois podiam acabar como traidores? Que Zedd usaria o fogo do mago contra ele, que Kahlan o tocaria com seu poder? Temia que isso acabasse sendo justificado. Afinal, era ele quem sabia do livro. Eles não sabiam.

— Zedd — disse ele com voz calma —, você disse que queria que eu os trouxesse para Midlands e que quando chegássemos aqui você teria um plano. Foi derrubado por aquela besta do mundo subterrâneo, você estava inconsciente, não sabíamos quando, nem se ia acordar. Eu não sabia o que fazer, não sabia qual era seu plano. O inverno está chegando. Temos de deter Oarken Rahl.

Sua voz ficava mais áspera à medida que falava.

— Estive fazendo o melhor possível sem você. Perdi a conta das vezes em que quase fomos mortos. Tudo que eu sabia fazer era tentar encontrar a caixa. Kahlan ajudou e descobrimos onde ela está. Custou caro para nós dois. Se você não gosta do que fizemos, então tire de mim sua maldita Espada da Verdade, estou ficando cheio dela! Cheio de tudo!

Jogou o prato no chão, saiu para o escuro e parou de costas para eles, sentindo um nó na garganta. As árvores escuras à frente dele pareciam estar debaixo d'água. Richard se surpreendeu com o modo com que sua ira cresceu e o dominou. Queria tanto ver Zedd e, agora que ele estava ali, ficou zangado com ele. Deixou a ira solta, esperando que desaparecesse por conta própria.

Zedd e Kahlan se entreolharam.

— Sim — disse ele. — Posso ver que você contou mesmo para ele. — Pôs o prato no chão, levantou-se e bateu de leve no ombro dela. — Eu sinto muito, minha cara.

Richard não se moveu quando sentiu a mão de Zedd no seu ombro.

— Desculpe, meu rapaz. Acho que você tem tido muitas dificuldades.

Richard assentiu, balançando a cabeça, olhando para o escuro.

— Eu matei *um* homem com a espada. Com a magia.

Zedd esperou um pouco antes de responder.

— Bem, eu conheço você, tenho certeza de que tinha de matá-lo.

— Não — disse Richard num murmúrio doloroso. — Não precisava. Pensei que estava protegendo Kahlan, protegendo a vida dela. Não sabia que ela era uma Confessora, que não precisava de proteção. Mas eu queria. E tive um grande prazer.

— Você só pensou que teve. Foi a magia.

— Não tenho certeza. Não tenho certeza do que está acontecendo comigo.

—Richard, perdoe-me se falei como se estivesse zangado com você. É comigo que estou zangado. Você agiu bem, fui eu que falhei.

— Como assim?

Zedd bateu no ombro dele.

— Vamos nos sentar. Contarei a vocês o que aconteceu.

Caminharam juntos para o fogo, Kahlan olhando os dois, parecendo muito solitária. Richard se sentou ao lado dela e sorriu. Kahlan sorriu também.

Zedd apanhou seu prato, olhou muito sério para ele e o pôs no chão outra vez.

— Infelizmente temos um grande problema — disse ele em voz baixa.

Uma observação sarcástica imediatamente surgiu na mente de Richard, mas ele a afastou e disse apenas: — Por quê? O que aconteceu? Qual é o seu plano?

— Meu plano — sorriu Zedd, levantou os joelhos e puxou o manto para cima deles, formando uma pequena barraca. — Meu plano era deter Rahl sem ter de me aproximar dele e sem que vocês dois corressem perigo. Meu plano era vocês ficarem fora de encrencas enquanto eu tratava disso. Parece que seus planos são os únicos que temos agora. Eu não contei a vocês tudo sobre as caixas de Orden porque vocês não precisavam saber. Não era da sua conta, só eu devia saber. — Olhou para os dois, a ira faiscou nos seus olhos

por um momento e depois desapareceu. — Mas acho que agora importa.

— O que não devíamos saber? — perguntou Kahlan, franzindo a testa, ira nos olhos. Aparentemente ela não gostou mais do que Richard do fato de estarem em perigo sem saber tudo.

— Bem — disse Zedd —, as três caixas funcionam exatamente como eu disse, mas você precisa saber quais deve ser aberta. Essa é a parte que eu sei. Está toda num livro chamado o *Livro das sombras contadas*, que é um livro de instrução para as caixas. Eu sou seu guardião.

Richard ficou rígido. O dente pareceu que ia saltar do cordão pendurado no seu pescoço. Não podia mover um músculo, não podia respirar.

— Você sabe quais são as caixas? — perguntou Kahlan. — Sabe qual ele deve abrir?

— Não. Sou o guardião do livro. Essas informações estão no livro. Mas eu nunca li. Não sei qual é a caixa, nem como descobrir. Se eu abrisse o livro, arriscaria espalhar o conhecimento. Ele não deve ser aberto. Pode ser muito perigoso. Por isso nunca o abri. Sou guardião de muitos livros, esse entre eles, mas ele é muito importante.

Richard percebeu que seus olhos estavam arregalados e tentou relaxar, fazendo-os voltar ao normal, piscando. Durante quase toda a vida, esperou ansiosamente pelo dia em que encontrasse o guardião do livro e era Zedd o tempo todo. O choque o deixou gelado.

— Onde ele estava? — perguntou Kahlan. — O que aconteceu?

— Estava na minha fortaleza, a Fortaleza do Mago. Em Aydindril.

— Você foi a Aydindril? — perguntou Kahlan ansiosamente.

Zedd desviou a vista.

— Aydindril caiu.

Kahlan tampou a boca com a mão e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não.

Zedd disse: — Infelizmente é verdade. — Puxou a bainha do manto — Não está sendo bom para eles. Pelo menos dei à força de

ocupação alguma coisa para pensar— acrescentou, em voz baixa.

— Capitão Riffkin? Tenentes Delis e Miller? A Guarda Doméstica?

Zedd olhou para o chão quando ela disse os nomes. Kahlan levou a mão ao peito, respirando fundo e mordendo os lábios. Fossem quem fossem aqueles homens, ela parecia muito abalada com a notícia.

Richard pensou que devia disfarçar o próprio choque dizendo alguma coisa.

— O que é a Fortaleza do Mago?

— Um refugio, um lugar onde os magos preservam coisas importantes de magia, como livros de profecias e outros mais importantes, livros de magia e instrução, como o *Livro das sombras contadas*. Alguns deles são usados para ensinar aos novos magos, alguns como referência e outros usados como armas. Outros itens de magia são guardados ali também, como a Espada da Verdade entre um Seeker e outro. A fortaleza é vedada por magia, ninguém pode entrar a não ser um mago. Pelo menos ninguém a não ser um mago devia poder entrar. Mas alguém entrou. Como conseguiu sem ser morto, não sei. Deve ter sido Darken Rahl. O livro deve estar com ele.

—Talvez não tenha sido Darken Rahl — disse Richard, o corpo ereto como uma tábua.

Zedd olhou para ele com a testa franzida.

— Se não foi Darken Rahl, então foi um ladrão. Um ladrão muito esperto, mas um ladrão.

Richard engoliu em seco.

— Zedd... eu... Você acha que esse livro, *O Livro das sombras contadas*, pode nos dizer como deter Rahl? Como evitar que ele use as caixas?

Zedd ergueu os ombros magros.

— Como eu disse, nunca abri o livro. Mas pelo que aprendi em outros livros de instrução, só ajudará a quem tiver as caixas. Tem como finalidade ajudar a usar a magia, não ajuda alguém a evitar que seja usada. O mais provável é que não nos ajudaria. Meu plano era simplesmente pegar o livro e destruí-lo, para evitar que Rahl

conseguisse a informação. Com o livro perdido não temos alternativa, precisamos encontrar a última caixa.

— Mas, sem o livro, Rahl pode abrir as caixas? — perguntou Kahlan.

— Com tudo que ele sabe, tenho certeza de que sim. Mas mesmo assim não saberia qual abrir primeiro.

— Então, com ou sem o livro, ele vai abrir uma caixa — disse Richard — Ele tem de abrir. Se não o fizer, ele morre. Rahl não tem nada a perder. Mesmo que tivesse recuperado o livro, ele abriria a caixa. Afinal, há uma chance de ele escolher a caixa certa.

— Bem, se ele está com o livro, saberá qual deve abrir. Eu tinha esperança, se não conseguíssemos achar a última caixa, de pelo menos poder destruir o livro, evitando que Rahl o tenha, o que nos daria uma última chance. A chance de que ele escolha certo para nós — disse Zedd desanimado. — Eu daria qualquer coisa para destruir aquele livro.

Kahlan pôs a mão no braço de Richard, que quase deu um pulo.

— Então Richard fez o que o Seeker devia fazer. Ele descobriu onde está a caixa. Está com a rainha Milena. — Sorriu para Richard. — O Seeker fez bem seu trabalho. — A mente dele estava a mil, rápida demais para retribuir o sorriso.

Zedd tocou o queixo com dois dedos.

— E como pretendem tirar a caixa dela? Saber onde está é uma coisa, conseguir pega é outra.

Kahlan sorriu para ele.

— Foi para a rainha Milena que a serpente com manto prateado vendeu seus serviços. Ele vai ter um encontro desagradável com a Madre Confessora.

— Giller? Giller está trabalhando para a rainha Milena? — As rugas no seu rosto se aprofundaram. — Acho que ele vai ficar atônito quando olhar outra vez para meus olhos.

Kahlan franziu a testa.

— Deixe isso comigo. Ele é o meu mago. Eu cuido dele.

Richard olhava de um para o outro, sentindo-se de repente deslocado. O grande mago e a Madre Confessora discutindo como

iam lidar com o mago presunçoso, como se estivessem falando em tirar ervas daninhas de um jardim. Pensou no seu pai quando disse que tinha roubado o livro para evitar que caísse em mãos erradas. Nas mãos de Darken Rahl. Ele falou sem pensar.

—Talvez de tenha tido uma boa razão para fazer o que fez.

Os dois olharam para ele, como se tivessem esquecido sua presença.

— Uma boa razão? — disse Kahlan, zangada. — Cobiça foi a boa razão. Ele me abandonou e me deixou para os quads.

— Às vezes as pessoas fazem coisas por razões que não são o que parecem — disse Richard, olhando nos olhos dela. — Talvez tivesse pensado que a caixa era mais importante.

Kahlan ficou surpresa demais para falar.

Zedd franziu a testa, seu cabelo branco despenteado iluminado pela luz do fogo.

—Talvez você tenha razão. Pode ser que Giller soubesse que a rainha tinha a caixa e queria protegê-la. Certamente ele sabia o que são as caixas. — Sorriu ironicamente para Richard. — Talvez o Seeker nos tenha dado uma nova perspectiva. Talvez tenhamos um aliado em Tamarang.

— E talvez não — disse Kahlan.

— Logo saberemos — suspirou o mago.

— Zedd — disse Richard —, ontem estivemos num lugar chamado Horners Mill.

— Sim, eu vi. E tenho visto muitos iguais.

Richard se inclinou para a frente.

—Não foram os soldados de Westland, foram? Não podia ser. Eu disse para Michael reunir o exército e proteger Westland. Não mandei atacar ninguém. Muito menos pessoas indefesas. Não podem ter sido os homens de Westland, eles não fariam aquilo.

— Não, não foi ninguém de Westland. Não vi Michael nem recebi qualquer mensagem dele.

— Quem foi então?

— Os homens de Rahl, seguindo suas ordens.

— Não tem sentido — disse Kahlan. — A cidade era leal a D'Hara. Lá havia homens do Exército Popular da Paz e foram todos

mortos.

— Exatamente por isso ele fez aquela matança.

Richard e Kahlan olharam para ele, intrigados.

— Não faz sentido — disse Kahlan.

— A primeira regra do mago.

— O quê? — perguntou Richard.

— A primeira regra do mago: as pessoas são tolas. — Richard e Kahlan ficaram mais intrigados ainda. — As pessoas são tolas. Com a motivação adequada, qualquer pessoa acredita em quase tudo. Porque são tolas, acreditam numa mentira porque querem acreditar. Ou porque têm medo de que seja verdade. As cabeças delas estão cheias de conhecimentos, fatos e crenças e a maior parte é falsa, mas elas pensam que é a verdade. As pessoas são tolas, raramente distinguem a diferença entre mentira e verdade, mas pensam que podem distinguir, por isso é mais fácil enganá-las.

"Por causa da primeira regra do mago, os magos antigos criaram as Confessoras e os Seekers como meios para ajudar a encontrar a verdade, quando a verdade é suficientemente importante para dar uma sensação de propósito definido. Rahl conhece as regras do mago. Está usando a primeira. O povo precisa de um inimigo para ter uma sensação de propósito. É fácil conduzir um povo quando ele tem uma noção de propósito. A noção de propósito é mais importante do que a verdade. De fato, a verdade não tem nada a ver com isso. Darken Rahl está dando a eles um inimigo, além dele mesmo, uma noção de propósito. As pessoas são tolas, querem acreditar, por isso acreditam."

— Mas era o povo dele — protestou Kahlan. — Ele estava matando os que o apoiavam.

— Devem ter notado que nem todos foram mortos, alguns foram violentados, torturados, mas deixados vivos para fugir, para espalhar a notícia. Devem notar também que nenhum dos soldados foi deixado vivo para negar a história. O que importa não é a verdade e os que ouvirem contar acreditarão porque dá a eles uma noção de propósito, um inimigo para combater. Os sobreviventes espalharão a notícia como fogo na floresta. Embora Rahl tenha destruído algumas cidades leais a ele e alguns dos seus soldados,

ganhou mais cidades para seu lado, muitas mais. Mais pessoas se reunirão a ele e o apoiarão porque ele disse que quer proteger o povo contra esse inimigo. É difícil vender verdade, não dá uma noção de propósito. É simplesmente a verdade.

Richard estava perplexo.

— Mas não é verdade. Como Rahl pode fazer isso? Como todos podem acreditar nele?

Zedd olhou para ele, zangado.

— Você sabia muito bem, você sabia que não foi o povo de Westland, mas mesmo assim duvidou dessa certeza. Teve medo de que fosse verdade. Ter medo de alguma coisa é aceitar a possibilidade. Aceitar a possibilidade é o primeiro passo para acreditar. Pelo menos você é bastante inteligente para questionar. Pense em como é fácil acreditar para as pessoas que não questionam, que nem ao menos sabem a pergunta. Para a maioria das pessoas, não é a verdade que importa, é a causa. Rahl é inteligente, ele deu a eles a causa.—Seus olhos cintilaram. — É a primeira regra do mago, por ser a mais importante. Lembre-se disso.

— Mas os que mataram, eles sabiam que era assassinato. Como puderam fazer isso?

Zedd ergueu os ombros.

— Noção de propósito. Fizeram por uma causa.

— Mas isso é contra a natureza. Assassinato é contra a natureza.

O mago sorriu.

—Assassinato é o modo da natureza, de todas as coisas vivas.

Richard sabia que Zedd o estava doutrinando — era o modo de ele fazer aceitar uma declaração absurda, mas seu sangue estava ativado e ele não pôde deixar de protestar.

— Só uma parte da natureza. Como os predadores. E isso é só para sobreviver. Olhe para aquelas árvores, elas não podem sequer pensar em assassinato.

— Assassinato é o modo de todas as coisas, o modo da natureza — repetiu Zedd. — Todas as coisas vivas são assassinas.

Richard olhou para Kahlan, pedindo ajuda.

— Não olhe para mim — disse ela. — Há muito tempo aprendi a não debater com magos.

Richard olhou para cima, para o belo pinheiro grande com os galhos sobre eles, iluminado pela luz do fogo. Uma centelha de compreensão se acendeu em sua mente. Viu os galhos esticados com intenção de matar, numa luta de anos, para atingir a luz do sol e despachar os vizinhos com sua sombra. O sucesso daria espaço à sua prole, em grande parte tremendo de frio na sombra dos pais. Vários vizinhos próximos do grande pinheiro estavam murchos e fracos, todos eles vítimas. Era verdade, o desígnio da natureza era o sucesso pelo assassinato.

Zedd observou os olhos de Richard. Aquilo era uma lição, como o velho mago tinha ensinado a Richard desde muito jovem. — Aprendeu alguma coisa, meu rapaz?

Richard fez que sim com a cabeça.

— Vida para o mais forte. Não há simpatia pelo crime, só admiração pela força do vencedor.

— Mas as pessoas não pensam assim — disse Kahlan, incapaz de ficar calada.

Zedd sorriu para ela.

— Não? — Apontou para uma árvore pequena e murcha perto deles. — Olhe para esta árvore, minha cara. — Apontou para o pinheiro. — E para esta. Diga qual você admira mais.

— Esta — disse ela, apontando para o pinheiro grande. — É uma bela árvore.

— Esta. Está vendo? É assim que as pessoas pensam. É bonita, você disse. Você escolheu a árvore que mata, não a que é assassinada. — Zedd sorriu, triunfante. — Assim é a natureza.

Kahlan cruzou os braços.

— Eu sabia que devia ter ficado com a boca fechada.

— Pode ficar com a boca fechada se quiser, mas não feche sua mente. Para vencer Darken Rahl, precisamos compreendê-lo para saber como podemos destruí-lo.

— É assim que ele está ganhando tanto território — disse Richard, batendo com os dedos no punho da espada. — Está deixando que outros façam o trabalho para ele, dando a eles uma

causa, depois tudo que tem a fazer é se preocupar com as caixas. Não haverá alguém para interferir.

— Ele usa a primeira regra do mago para fazer quase todo o trabalho. É isso que torna nosso trabalho tão difícil. Ele consegue que as pessoas fiquem do seu lado porque elas acreditam no que querem acreditar e lutam até a morte por essas crenças, a despeito do quanto são falsas.

Richard se levantou olhando para a noite.

— Durante todo esse tempo, pensei que estávamos lutando contra o mal. O mal libertado enlouquece. Mas não é nada disso. Estamos lutando contra uma praga. Uma praga de tolos.

— Isso mesmo, meu rapaz, uma praga de tolos.

— Dirigida por Darken Rahl — observou Kahlan.

Zedd olhou para ela por um momento.

— Se alguém cava um buraco e ele se enche de água da chuva, onde está a culpa? A culpa é da chuva? Ou de quem cavou? É culpa de Darken Rahl ou dos que cavam o buraco e deixam que a chuva entre nele?

— Talvez dos dois — disse Kahlan. — Isso nos deixa com uma porção de inimigos.

Zedd ergueu um dedo.

— São muito perigosos. Tolos que não vêm a verdade são letais. Como Confessora talvez você já tenha aprendido essa lição, não é? — Ela inclinou a cabeça, assentindo. — Nem sempre eles fazem o que você pensa que fariam ou que deveriam fazer e você pode ser apanhada desprevenida. Pessoas que você não acha que são problemas podem matá-la num instante.

— Isso não muda nada—disse Kahlan. — Se Rahl conseguir todas as caixas e abrir a caixa certa, é ele quem vai nos matar. Ele é ainda a cabeça da serpente e é essa cabeça que temos de remover.

Zedd deu de ombros.

— Você está certa. Mas devemos ficar vivos para ter uma chance de matar a serpente e há uma porção de pequenas serpentes que nos podem matar primeiro.

— Essa lição já aprendemos — observou Richard. — Mas, como Kahlan disse, não muda nada. Ainda precisamos da caixa para matar

Rahl.— Ele se sentou outra vez ao lado dela.

Zedd ficou sério.

— Lembrem-se, Darken Rahl pode matar vocês — apontou com o dedo magro para Richard e para Kahlan, depois para si mesmo — e a mim, facilmente.

Richard inclinou o corpo um pouco para trás.

— Então por que ele ainda não nos matou?

Zedd ergueu uma sobrancelha.

—Você anda por um aposento matando todas as moscas? Não. Você as ignora. Elas não merecem sua atenção. Até que comecem a picar. Então você as mata. — Inclinou-se para eles. — Estamos prestes a picá-lo.

Richard e Kahlan se entreolharam.

— A primeira regra do mago. — Richard sentiu o suor escorrendo nas costas. — Vou lembrar.

— E não repita para ninguém — avisou o mago. — As regras dos magos só devem ser conhecidas pelos magos. Podem parecer cínicas ou triviais para você, mas são armas poderosas quando se sabe usá-las, porque são verdadeiras. A verdade é poder. Eu contei duas para vocês porque sou o chefe dos magos e acho importante que compreendam. Devem saber o que Rahl está fazendo, uma vez que somos nós três que devemos detê-lo.

Richard e Kahlan juraram guardar segredo.

— É tarde — bocejou Zedd. — Viajei um longo tempo para encontrar vocês. Conversaremos mais depois.

Richard se levantou imediatamente.

— Faço o primeiro turno de vigia. — Tinha de fazer algo importante e devia ser antes que acontecesse alguma coisa. — Use meus cobertores, Zedd.

— Certo. O segundo turno é meu. — O segundo turno de vigia era o menos agradável porque dividia o sono em duas partes. Kahlan começou a protestar, mas Richard disse. —Eu falei primeiro, minha cara.

Richard apontou para a saliência da rocha onde ia ficar, depois da área examinada e além. Sua mente fervia com milhares de pensamentos, mas um acima de todos. A noite estava calma e fria,

mas não demais. Deixou o casaco aberto enquanto caminhava entre as árvores, atento aonde ia. Criaturas da noite chamavam umas às outras, mas ele não notava. Subiu numa rocha e olhou para trás, para os espaços entre as árvores, vendo o fogo, esperando até ver os dois enrolados nos cobertores, então desceu da rocha e continuou na direção da água corrente.

Na margem do rio, procurou até encontrar um pedaço de madeira trazida pela água do tamanho que queria. Richard se lembrou de Zedd ter dito que ele devia ter a coragem de fazer o que fosse necessário para seu objetivo e que devia estar preparado para matar qualquer um dos dois, se fosse preciso. Richard conhecia Zedd e sabia que ele não estava falando só por falar. Zedd falava sério. Sabia que Zedd era capaz de matá-lo ou, o mais importante, matar Kahlan.

Tirou o cordão com o dente de baixo da camisa. Segurou o dente triangular, sentindo o peso, examinando-o à luz da lua e pensou no seu pai. O dente era o único meio de provar a Zedd que seu pai não era ladrão, que tinha apanhado o livro para evitar que fosse parar nas mãos de Darken Rahl. Richard queria tanto dizer a Zedd que seu pai foi um herói, tinha dado a vida para deter Rahl e morreu como herói para proteger todos eles... Queria que ele fosse lembrado pelo que tinha feito. Queria dizer a Zedd.

Mas não podia.

O mago queria o *Livro das sombras contadas* destruído. Richard era o *Livro das sombras contadas*. Shota o avisara de que Zedd usaria o fogo do mago contra ele, mas que Richard tinha uma chance de vencê-lo. Talvez esse fosse o meio. Para destruir o livro, Zedd teria de matá-lo. Richard não se importava por si mesmo, não tinha nada pelo qual valesse a pena viver, a morte não era importante.

Mas não queria que Kahlan morresse. Se Zedd soubesse que Richard tinha o livro dentro dele, certamente o faria recitar o livro todo e então ficaria sabendo que, para ter certeza de que o livro era verdadeiro, Rahl teria de usar uma Confessora. E havia só uma Confessora viva. Kahlan. Se Zedd soubesse, ele a mataria para evitar que Rahl soubesse o que o livro dizia.

Richard não podia permitir que Zedd soubesse e matasse Kahlan.

Enrolou a tira de couro no pedaço de madeira e apertou o dente contra ele numa fenda da rocha, prendendo-o à madeira para não cair, Richard queria o dente tão longe dele quanto possível.

— Perdoe-me, pai — murmurou ele.

Jogou a madeira com o dente enfiado nela com toda a força. Ele viu a madeira fazer um arco no ar e mergulhar na água escura com um som distante. À luz da lua, ele a viu subir para a superfície. Com um nó na garganta, viu o dente ser levado rio abaixo. Richard se sentiu despido sem o dente.

Quando o dente desapareceu, ele deu a volta ao acampamento, atordoado. Sentia-se vazio. Sentou-se na rocha onde dissera que ia ficar e olhou para o acampamento lá embaixo.

Detestava ter de fazer aquilo. Detestava ter de mentir para Zedd, sentir que não podia confiar nele. No que se estava tornando? Não era mais capaz de confiar no seu mais velho amigo? A mão de Rahl se estendia para ele mesmo a distância e o levava a fazer coisas que não queria.

Quando tudo aquilo terminasse, Kahlan estivesse a salvo e se ele vivesse, podia voltar para casa.

Perto do meio do turno de vigia, mais uma vez ele percebeu a coisa que os seguia. Não podia ver os olhos dela, mas os sentia. Estava na colina oposta ao campo, vigiando. Richard sentiu um arrepio.

Um som distante o fez ficar alerta. Um rosnado, seguido por um ganido. Silêncio outra vez. Alguma coisa acabava de ser morta. Os olhos de Richard estavam atentos, esforçando-se para enxergar no escuro. A coisa que os seguia acabava de matar algo. Ou fora morta. Sentiu uma preocupação estranha. Enquanto os seguia, nem uma vez tentou fazer mal a eles. E claro que isso não queria dizer nada. Podia estar esperando a hora certa. Mas, por algum motivo, Richard não achava que ela pretendia fazer mal a eles.

Sentiu os olhos outra vez. Richard sorriu, estava viva ainda. Teve vontade de procurá-la descobrir o que era, mas desistiu do

impulso. Aquele não era o momento. Era uma criatura da noite. Melhor enfrentá-la nos próprios termos.

Mais uma vez no seu turno de vigia, ele ouviu alguma coisa ser morta. Mais perto. Sem que Richard precisasse chamá-lo, Zedd apareceu para seu turno de vigia, parecendo descansado, comendo um pedaço de carne-seca. Zedd se sentou ao lado dele.

— Zedd, e Chase, ele está bem?

— Está. Pelo que sei, ele foi para Westland, segundo suas instruções.

— Ótimo. Fico feliz por saber que ele está bem. — Richard desceu da rocha, pronto para ir dormir.

— Richard, o que Shota disse a você?

Richard olhou para o amigo à luz fraca da lua.

— O que Shota me disse é assunto privado. Não é para ninguém mais ouvir. — A aspereza da própria voz o surpreendeu. — E ponto final.

Zedd deu uma mordida na carne, olhando para Richard.

—A espada tem muita raiva nela. Vejo que está tendo dificuldade para a controlar.

— Está bem, está bem. Vou contar uma coisa que Shota disse. Ela disse que acha que devo falar com você sobre Samuel.

—Samuel?

Richard cerrou os dentes e se inclinou para Zedd.

— Meu predecessor.

—Ah, aquele Samuel.

— Sim. Aquele Samuel. Não gostaria de me explicar? Não quer me dizer que é assim que vou acabar também? Ou pretendia esconder de mim até eu acabar de fazer o trabalho do mago e você ter de dar a espada para outro tolo? — Zedd olhava para ele calmamente e Richard ficava cada vez mais zangado. Agarrou o manto de Zedd e o puxou para si. — Primeira regra do mago! É assim que os magos encontram alguém para empunhar a espada? Procuram alguém bastante tolo que não sabe de nada? Diga-me! Há mais alguma outra coisinha que devo saber?

Richard soltou o manto de Zedd e o empurrou para trás. Ele arfava de raiva. Zedd o olhou calmamente.

— Eu sinto muito, meu rapaz — murmurou ele —, que ela o tenha magoado tanto.

Richard olhou para ele, tudo que tinha acontecido tomou conta dele e extinguiu a raiva. Tudo parecia sem esperança. Começou a chorar, abraçado a Zedd. Chorou com soluços dolorosos, incapaz de se controlar.

—Zedd, eu só quero ir para casa.

Zedd o acalentou gentilmente.

— Eu sei, Richard, eu sei.

— Queria ter dado ouvidos a você. Mas não pude evitar. Não posso deixar de me sentir assim, por mais que tente. Sinto como se estivesse me afogando e não posso respirar. Quero que este pesadelo acabe. Odeio Midlands. Odeio magia. Só quero ir para casa. Zedd, quero me livrar desta espada e da sua magia. Nunca mais quero ouvir falarem em magia.

Zedd o abraçou e o deixou chorar.

— Nada é fácil.

— Talvez não fosse tão ruim se Kahlan me odiasse ou coisa assim, mas sei que ela gosta de mim. É a magia. A magia nos separa.

— acredite, Richard, sei como está se sentindo.

Richard se sentou no chão encostado a uma rocha, chorando. Zedd sentou ao lado dele.

— O que vai ser de mim?

— Você vai continuar. Não pode fazer mais nada.

— Não quero continuar a viver. E Samuel? E assim que vou acabar?

Zedd balançou a cabeça.

— Sinto muito, Richard. Eu não sei. Dei a espada a você contra minha vontade, porque tinha de dar, por todos os outros. A magia da Espada da Verdade, no fim, faz aquilo ao Seeker. As profecias dizem que quem domina realmente a espada mágica e com isso faz a lâmina ficar branca será protegido desse destino. Mas não sei como é feito. Não sei nem mesmo o que significa. Não tive coragem de dizer a você. Desculpe. Se quiser, pode me matar pelo que eu fiz. Mas prometa que vai continuar e vai deter Darken Rahl.

Com um riso amargo entre as lágrimas, Richard disse: — Matar você! Isso é piada, Você é tudo que eu tenho, tudo que posso amar. Como posso matá-lo? Eu devia *me* matar.

— Não diga isso — murmurou Zedd. — Richard, sei o que você sente sobre a magia. Eu também me afastei dela. Às vezes acontecem coisas que você não pode ignorar. Você é tudo que me resta. Procurei o livro porque não queria que você corresse perigo. Eu faria qualquer coisa para evitar que você fosse magoado. Mas isso não posso evitar. Temos de deter Rahl, não só por nós mesmos, mas por todos os que não têm chance alguma.

Richard esfregou os olhos.

— Eu sei. Não vou abandonar o trabalho antes de terminar, prometo. Então talvez possa desistir da espada antes que seja tarde demais para mim.

— Procure dormir um pouco. A cada dia, as coisas ficam um pouco melhores para você. Se servir de consolo, embora eu não saiba por que os Seekers acabam como Samuel, realmente não acredito que acontecerá com você. Mas, se acontecer, vai demorar ainda, portanto, isso só pode significar que você venceu Darken Rahl e todos os povos da terra estarão a salvo. Saiba que, se acontecer, sempre tomarei conta de você. Se pudermos deter Darken Rahl, talvez eu possa ajudá-lo a descobrir o segredo de fazer a lâmina ficar branca.

Richard se levantou, fechando o casaco.

— Muito obrigado, meu amigo. Desculpe se fui tão duro com você esta noite. Não sei o que deu em mim. Talvez os bons espíritos tenham me abandonado. Desculpe por não poder dizer o que Shota me disse.

“ E, Zedd, tenha cuidado esta noite. Há alguma coisa por aí. Há dias vem nos seguindo. Não sei o que é, não tive tempo de fazer um círculo em volta dela. Mas não acho que nos queira fazer mal, pelo menos não fez até agora, mas em Midlands nunca se sabe.”

— Vou ter cuidado.

Richard começou a se afastar. Zedd o chamou, Ele parou e virou para trás.

— Procure ficar satisfeito com o fato de Kahlan gostar tanto de você. Se não gostasse, poderia ter tocado em você.

Richard olhou para o mago por um longo momento.

— Eu acho que, de algum modo, ela já me tocou.

Kahlan andou no escuro, entre as árvores e as rochas e encontrou Zedd sentado numa rocha, com as pernas cruzadas debaixo do corpo, vendo-a se aproximar.

— Eu a teria acordado quando chegasse a hora — disse ele.

Kahlan se sentou ao lado dele, apertando o manto contra o corpo.

— Eu sei, mas não consegui dormir, por isso pensei em vir me sentar com você.

— Trouxe alguma coisa para comer?

Kahlan tirou do bolso um pequeno embrulho.

— Tome. — Ela sorriu. — Coelho e alguns biscoitos.

Zedd esfregou as mãos e começou a comer imediatamente. Kahlan olhava a noite, pensando em como faria a pergunta pela qual estava ali. Zedd não demorou para acabar o lanche.

— Maravilhoso, minha cara, maravilhoso. Foi tudo que você trouxe?

Kahlan riu.

— Trouxe também algumas frutas silvestres. — Tirou do bolso um embrulho enrolado em um pano. — Achei que você ia gostar de alguma coisa doce. Posso comer também?

Ele a olhou de cima a baixo.

— Acho que você é bem pequena, não pode comer muito.

Ela riu outra vez e tirou um pequeno punhado de frutas do embrulho aberto nas mãos dele.

— Acho que sei por que Richard é bom para encontrar comida. Crescendo perto de você tinha de ser bom, do contrario morreria de fome.

— Eu nunca o deixaria morrer de fome — protestou Zedd. — Gosto muito dele.

— Eu sei. Também gosto.

Zedd comeu algumas frutinhas.

— Quero agradecer a você por manter sua palavra.

— Minha palavra?

Zedd ergueu os olhos para ela, inclinado sobre as fruías, comendo-as uma de cada vez.

— Sua palavra de não tocá-lo, não usar seu poder nele.

— Sei.. — Ela olhou outra vez para a noite, juntando coragem.

— Zedd, você é o único mago que sobrou, a não ser Giiler. Eu sou a última Confessora. Você morou em Midlands, morou em Aydindril, Você é o único que sabe o que é ser uma Confessora. Tentei explicar a Richard, mas ele precisaria de uma vida inteira para compreender realmente; mesmo assim acho que ninguém, a não ser um mago ou uma Confessora, pode compreender.

Zedd bateu de leve no braço dela.

— Acho que tem razão.

— Não tenho ninguém. Não posso ter ninguém. Pode imaginar o que é isso? Por favor, Zedd. — Ela franziu a testa. — Por favor, pode usar sua magia para tirar isso de mim? Pode tirar a magia da Confessora de mim e me deixar ser uma mulher normal?

Kahlan tinha a impressão de estar dependurada num fio fino sobre um abismo escuro. Girava na ponta do fio enquanto olhava os olhos dele.

Zedd abaixou a cabeça. Não ergueu os olhos.

— Só há um modo de livrar você da magia, Madre Confessora.

O coração de Kahlan subiu para a garganta.

— Como? — murmurou ela.

Zedd olhou nos olhos dela, com um olhar repleto de dor.

— Posso matar você.

Kahlan sentiu o fio se partindo. Com esforço, procurou não demonstrar nada, mantendo seu rosto de Confessora, sentido-se desaparecer na escuridão.

— Muito obrigada, mago Zorander, por ouvir meu pedido. Na verdade, não pensei que fosse possível, mas mesmo assim quis perguntar. Aprecio sua franqueza. Acho melhor você tratar de dormir um pouco.

— Antes você tem de me dizer o que Shota disse.

Com o rosto ainda inexpressivo, ela respondeu: — Pergunte ao Seeker. Foi com ele que ela falou, no momento eu estava coberta de serpentes.

— Serpentes. — Zedd ergueu uma sobrancelha. — Shota deve ter gostado de você. Já vi Shota fazer muito pior.

Kahlan olhou para ele.

— Ela fez o pior para mim também.

— Perguntei a Richard, mas ele não quis me contar. Você deve me dizer.

— Acha que eu ficaria entre dois amigos? Está pedindo para trair a confiança dele?

Não, muito obrigada.

— Richard é inteligente, talvez o Seeker mais inteligente que já vi, mas sabe pouco sobre Midlands. Viu apenas uma parte dela. De certo modo, é sua melhor defesa e a vantagem mais forte. Ele descobriu onde está a caixa, procurando Shota. Nenhum Seeker de Midlands teria feito isso. Você passou toda a vida aqui, conhece os perigos, há criaturas que podem usar a magia da Espada da Verdade contra ele. Há criaturas que sugariam a magia dele e o matariam com ela. Há perigos de toda espécie. Não temos tempo de ensinar tudo que ele precisa saber, por isso precisamos protegê-lo para que possa fazer seu trabalho. Preciso saber o que Shota disse para julgar se é importante ou não, se precisamos proteger Richard.

— Zedd, por favor, ele é meu único amigo. Não me peça para trair sua confiança.

— Minha cara, ele não é teu único amigo, eu sou seu amigo também. Ajude-me a proteger Richard. Não direi a ele que você me contou.

Kahlan olhou para ele, indignada.

— Ele tem um modo estranho de descobrir coisas que você não quer que de saiba.

Zedd sorriu compreensivo, depois seu rosto ficou sério outra vez.

— Madre Confessora, isso não é um pedido, é uma ordem. Espero que a considere assim.

Kahlan cruzou os braços e se virou de lado para ele, zangada. Não podia acreditar que Zedd estivesse fazendo aquilo com ela. Não tinha escolha...

— Shota disse que Richard é o único que tem chance de deter Darken Rahl. Ela não sabe como ou por quê, mas ele é o único com essa possibilidade.

Zedd esperou em silêncio.

— Continue — disse ele finalmente.

Kahlan cerrou os dentes.

— Ela disse que você tentará matá-lo com o fogo do mago e que ele tem uma chance de vencer você. Há uma chance de você não conseguir.

Fez-se silêncio outra vez.

— Madre Confessora.

— Ela disse que eu também usaria meu poder contra ele. Mas que de não tem a menor chance de se livrar. Se eu viver, não falharei.

Zedd respirou profundamente.

— Vejo agora por que ele não me quis contar. — Pensou em silêncio por um momento. — Por que Shota não matou você?

Kahlan queria que ele parasse de fazer perguntas. Virou-se para Zedd.

— Shota tinha tudo planejado. Você estava lá. Bem, não era realmente você, apenas uma ilusão, mas pensamos que fosse de verdade. Você, quero dizer, sua imagem tentou matar Shota, Richard sabia que ela era o único meio de encontrar a caixa, por isso ele a protegeu. Ele...

Zedd ergueu uma sobrancelha.

—Francamente...

— Em troca de salvar a vida dela, Shota concedeu a ele um desejo. Ele o usou para nos salvar, fez com que ela poupasse nossas vidas. Ela disse que, se alguma vez ele voltasse a Agaden Reach, ela o mataria.

— Esse rapaz nunca deixa de me surpreender. Ele realmente conseguiu informações negociando a minha vida?

Um pouco surpresa com o sorriso dele, ela assentiu, balançando a cabeça.

— Ele saltou na frente do fogo do mago e usou a espada para desviá-lo.

Zedd coçou o queixo.

— Que extraordinário! Isso é exatamente o que ele devia ter feito. Sempre temi que não fosse capaz de fazer. Não preciso mais ter medo disso. E depois?

Kahlan olhou para as mãos.

— Eu queria que Shota me matasse, mas ela não quis, porque tinha prometido a Richard. Zedd, eu... não podia suportar a idéia de fazer isso com ele. Pedi a ele para me matar. Eu não queria viver para realizar a profecia, para fazer mal a ele.

Kahlan engoliu em seco e trançou e destrançou os dedos.

— Ele não quis. Então eu tentei. Durante dias eu tentei. Ele tirou minha faca, ele me amarrava à noite e me vigiava a cada segundo. Eu tinha a impressão de estar enlouquecendo. Talvez por algum tempo, tenha estado louca. Finalmente de me convenceu de que não sabemos o que significam as profecias, nem mesmo se não era ele quem ia se voltar contra nós e teria de ser morto para deter Darken Rahl. Ele me fez ver que eu não podia agir baseada numa profecia que ainda não compreendíamos.

— Eu sinto muito, minha cara, ter feito você me contar, depois de tudo por que você passou. Mas Richard tem razão. Profecias são coisas perigosas, quando levadas muito a sério.

— Mas as profecias de uma feiticeira sempre são verdade, não são?

— Sim — ele deu de ombros e falou mansamente. — Mas nem sempre do modo como pensamos.

Kahlan olhou para ele, intrigada.

— É mesmo?

— Claro. Imagine, só para dar um exemplo, que eu tente matar você para proteger Richard, para evitar que a profecia se realize. Ele vê isso, lutamos, um de nós vence, digamos que seja ele. Aquela parte da profecia se realiza, portanto, ele teme que a outra parte também se torne verdade e acha que precisa matar você. Você

não quer ser morta, então o toca para se proteger. Aí está a profecia realizada.

"O problema é que é uma profecia que se auto-realiza. Sem ela, nada dessas coisas teria acontecido. Não houve influência externa, a não ser a profecia. Profecias sempre são verdade, mas raramente sabemos como." Olhou para ela, para ver se Kahlan tinha compreendido.

— Sempre pensei que profecias deviam ser levadas a sério.

— São, mas só por quem compreende essas coisas. Profecias são perigosas. Os magos guardam livros de profecias, como você sabe. Quando eu estava na minha fortaleza, reli os livros mais importantes. Mas não compreendi a maior parte. Antigamente havia magos que não faziam outra coisa a não ser estudar os livros de profecias. Há profecias neles que deixam a gente morrendo de medo. Às vezes até eu acordo à noite suando de medo. Há coisas nesses livros que acho que são sobre Richard, mas não sei o que significam não me atrevo a agir baseado no que eu li. Nem sempre podemos saber o que as profecias significam, por isso devem ser guardadas em segredo. Algumas podem provocar grandes problemas se outras pessoas souberem.

Kahlan arregalou os olhos.

— Richard está nos livros de profecias? Nunca conheci quem estivesse o nome nos livros de profecias.

Zedd olhou para ela.

— Você também está nos livros.

— Eu? Meu nome está nos livros de profecias?

— Bem. Sim e não. Não é assim que funciona. Raramente se sabe ao certo. Mas neste caso eu sei. Diz coisas como "A última Madre Confessora" isso e "A última Madre Confessora" aquilo, mas não pode haver dúvida de quem é a última Madre Confessora. É você, Kahlan. Também não há dúvida de quem é "o Seeker que comanda o vento contra o herdeiro de D' Hara". É Richard. O herdeiro de D' Hara é Rahl.

— Comanda o vento! O que quer dizer isso?

— Não tenho a menor idéia.

Kahlan olhou para baixo.

— Zedd, o que os livros de profecias dizem de mim?

Zedd a observou quando seus olhos se encontraram.

— Desculpe, minha cara, não posso dizer. Você teria medo de dormir pelo resto da vida.

— Sinto-me muito tola agora por querer me matar por causa da profecia de Shota. Por querer evitar que se realize, quero dizer. Você deve me achar idiota.

— Kahlan, até que aconteça, não poderemos saber. Mas não deve achar-se tola. Pode ser que, exatamente como diz, Richard seja a única chance e que você nos vai trair e vai tocá-lo, desse modo dando a vitória a Rahl. Pode ser que você faça isso para salvar nós todos.

— Você não está fazendo me sentir nada melhor.

— Pode ser também que Richard venha a ser o traidor e que você nos salve.

Kahlan olhou para ele sombriamente.

— De um modo ou de outro, não me agrada.

— Profecias não são para ser vistas. Podem causar mais problemas do que se pode imaginar. Já houve guerras por causa delas. Mesmo eu não compreendo a maior parte. Se tivéssemos ainda os antigos magos, os estudiosos das profecias, talvez eles pudessem nos ajudar, mas sem eles para nos orientar, o melhor é esquecer a profecia de Shota. A primeira página de um dos livros das profecias diz: "Veja essas profecias com a mente, não com o coração." É a única coisa escrita em uma página inteira, num livro do tamanho de uma mesa grande. Cada letra é delineada com ouro. Para você ver como é importante.

— A profecia de Shota é de algum modo diferente das dos livros, não é?

— Sim. Profecia dita diretamente de uma pessoa para outra tem por objetivo ajudar esta pessoa, Shota estava tentando ajudar Richard. Ela mesma não sabia como. Ela era apenas um canal. Algum dia, pode significar alguma coisa para Richard, se puder ajudá-lo. Não há meio de dizer. Eu esperava poder entender e ajudá-lo. Richard não gosta de enigmas. Infelizmente é do tipo chamado profecia de duas pontas e não posso ajudar.

— Duas pontas quer dizer que pode significar duas coisas diferentes?

— Sim. Pode significar o que diz ou qualquer outra coisa. As profecias de duas pontas geralmente são inúteis, pouco mais do que uma adivinhação. Richard teve razão em não se deixar guiar por ela. Eu gostaria de acreditar que foi porque eu lhe ensinei bem, mas pode ser instinto. Ele tem o instinto de um Seeker.

— Zedd. por que você não diz a ele essas coisas, como disse a mim? Ele não tem o direito de saber?

Zedd olhou para a noite por um longo tempo.

— É difícil explicar. Richard sente as coisas. — Franziu a testa.
— Você já atirou com um arco?

Kahlan sorriu. Levantou os joelhos, cruzou as mãos em volta deles e apoiou o queixo nas mãos.

— Moças não devem fazer isso. Por isso fiz como diversão, quando era jovem. Antes de começar a ouvir confissões.

Zedd deu uma risada.

—Alguma vez sentiu o alvo? Alguma vez conseguiu ignorar todo o barulho dentro de sua cabeça e ouvir o silêncio e saber para onde ia a flecha?

Ela fez que sim com a cabeça, o queixo encostado nas mãos.

— Uma ou duas vezes. Mas sei do que você está falando.

— Muito bem, Richard pode sentir o alvo desse modo quase quando quer. Às vezes eu penso que ele poderia acertar até com os olhos fechados. Quando lhe perguntei como fazia isso, ele deu de ombros e não foi capaz de explicar: simplesmente diz que pode sentir para onde a flecha deve ir. Richard pode fazer isso um dia inteiro. Mas eu comecei a dizer certas coisas a ele, como a velocidade do vento, a quantos metros está o alvo ou que o alvo passou a noite úmida fora de casa, o que afetava o tiro, e então ele não conseguia nem acertar no chão. O pensamento interfere com o sentimento.

"Ele faz a mesma coisa com as pessoas. É implacável na procura de uma resposta. Ele está se dirigindo à caixa como uma flecha. Richard nunca esteve em Midlands, mas encontrou um meio de passar pela fronteira e encontrou as respostas de que precisava

para continuar, para procurar o alvo. Um verdadeiro Seeker é assim. O problema é que, se eu der a ele muitas informações, ele começa a fazer o que pensa que eu quero que faça, em vez do que sente. Tenho de mostrar a direção certa para o alvo e depois deixar que ele vá, Deixar que encontre sozinho."

— Isso é muito cinismo. Richard é um ser humano, não uma flecha. Ele só faz isso pela consideração que tem por você e faria qualquer coisa para agradar-lhe. Você é um ídolo para ele. Richard o ama muito.

Zedd olhou para ela, taciturno.

— Eu não poderia sentir mais orgulho dele, nem amá-lo mais, porém, se ele não detiver Darken Rahl, serei um ídolo morto. Às vezes os magos devem usar as pessoas para fazer o que deve ser feito.

— Acho que sei o que você sente, não dizendo a ele o que desejaria poder dizer.

Zedd se levantou.

— Sinto que vocês tenham tido tantas dificuldades. Talvez comigo aqui, fique mais fácil. Boa noite, minha cara. — Saiu para a escuridão.

—Zedd? — Ele parou e olhou para trás, um vulto escuro na floresta iluminada pela lua. — Você já foi casado.

— Sim, fui.

Ela pigarreou e engoliu em seco.

— Como era? Amar alguém mais do que a própria vida e poder estar junto, e essa pessoa nos amar do mesmo modo?

Zedd ficou imóvel e em silêncio por longo tempo, olhando para ela no escuro. Kahlan esperou, desejando poder ver o rosto dele. Decidiu que ele não ia responder.

Kahlan ergueu o queixo.

— Mago Zorander, não estou pedindo. É uma ordem. Você deve responder.

Ela esperou. A voz de Zedd veio suave.

— Era como encontrar minha outra metade e ser completo, inteiro pela primeira vez na vida.

— Obrigada, Zedd. — Ficou contente por ele não poder ver suas lágrimas e, com esforço, disse com voz firme: — Eu só queria saber.

CAPÍTULO 37



Richard acordou quando ouviu Kahlan voltar e pôr lenha na fogueira. A luz apenas começava a aparecer no topo das montanhas distantes, tingindo-as de rosa-claro, nuvens escuras atrás, destacando mais ainda os picos nevados. Zedd estava deitado de costas, olhos completamente abertos, roncando. Richard esfregou os olhos para afastar o sono e bocejou.

— Que tal um mingau de tava? — murmurou ele, para não acordar Zedd.

— Boa idéia — murmurou ela também.

Richard tirou as raízes da mochila e começou a descascá-las com a faca e Kahlan apanhou a panela.

Quando acabou de cortar as raízes, ele as jogou na água que Kahlan tirou de um odre.

— Estas são as últimas. Temos de começar a desenterrar mais raízes esta noite. Duvido de que encontremos tava. Não neste solo rochoso.

— Eu apanhei algumas frutas silvestres.

Juntos, aqueceram as mãos no fogo. Mais do que uma rainha, ele pensou. Tentou imaginar uma rainha com belos trajes e uma coroa, apanhando frutas no mato.

— Viu alguma coisa quando estava vigiando?

Ela balançou a cabeça. Então se lembrou e ergueu o rosto.

— Mas, uma vez, ouvi algo estranho. Eu estava lá, perto do acampamento. Era como um rosnado, depois um grito. Quase vim acordar você, mas acabou tão depressa quanto tinha começado e não ouvi outra vez.

— Isso mesmo. — Ele olhou para trás. — Lá onde você estava. Gostaria de saber o que era. Acho que eu estava tão cansado que não me acordou.

Richard amassou as raízes na panela e, quando a mistura ficou pronta, ele acrescentou um pouco de açúcar. Kahlan serviu os pratos de mingau com um punhado de frutas silvestres em cima.

— Por que você não o lembra? — perguntou ela.

Richard sorriu.

— Veja isto.

Bateu com a colher no prato de lata. Zedd rosnou e se sentou de um pulo.

O velho homem piscou os olhos duas vezes.

— Café da manhã?

De costas para ele, os dois riram.

— Você está bem-disposto esta manhã — disse Kahlan, olhando para ele.

Richard sorriu.

— Zedd “voltou à terra”.

Richard deu a Zedd um prato de mingau, depois se sentou na rocha baixa. Kahlan se ajeitou no chão, enrolando um cobertor nas pernas enquanto equilibrava o prato com uma das mãos. Zedd não se deu ao trabalho de sair de baixo dos cobertores para comer. Richard esperou aproveitando o tempo, comendo devagar enquanto Zedd devorava o mingau.

— Ótimo — exclamou Zedd, levantando-se para se servir de outra porção da panela.

Richard esperou que o velho amigo se servisse e então disse:

— Kahlan me contou o que aconteceu. Que você a fez contar o que Shota disse.

Kahlan ficou rígida, como se tivesse sido atingida por um raio.

Zedd se virou para ela.

— Por que contou para ele? Pensei que não queria que ele soubesse que você...

— Zedd, eu não...

Zedd fez uma careta. Voltou-se lentamente para Richard, que se debruçou sobre o prato, comendo metodicamente.

Ele não ergueu os olhos.

— Ela não me contou. Mas você acaba de contar.

Richard levou a última colherada à boca, lambeu a colher e a pôs no prato de estanho com um tinido.

O mago viu a expressão, calma e triunfante.

— A primeira regra do mago — anunciou ele com um leve sorriso. — O primeiro passo para acreditar em alguma coisa é querer acreditar que é verdade... ou ter medo de que seja verdade.

— Eu disse a você. — Kahlan voltou-se furiosa para Zedd. — Eu disse que ele ia descobrir.

Zedd a ignorou, com os olhos fixos em Richard.

— Pensei nisso a noite passada — explicou Richard, pondo o prato no chão. — Resolvi que você estava certo, que devia saber o que Shota disse. Afinal, você é um mago, talvez haja algo nisso que nos possa ajudar a deter Darken Rahl. Eu sabia que você não descansaria enquanto não soubesse. Resolvi contar hoje, mas então pensei que você tentaria fazer Kahlan contar primeiro, de um modo ou de outro.

Kahlan se deitou no cobertor, rindo.

Zedd empertigou o corpo e pôs as mãos na cintura.

— Maldição! Richard, você tem idéia do que acaba de fazer?

— Magia — sorriu Richard. — Um truque, quando bem feito, é magia. — Deu de ombros. — Pelo menos foi o que me disseram.

Zedd assentiu, balançando a cabeça devagar.

— Sem dúvida. — Apontou para cima, o brilho voltando aos seus olhos castanhos. — Você enganou um mago com a regra dele. Nenhum dos meus magos foi jamais capaz de fazer isso. — Aproximou-se de Richard com um largo sorriso. — Maldição, Richard! Você tem o dom, meu rapaz! Você pode ser um mago da Primeira Ordem, como eu.

Richard franziu a testa.

— Eu não quero ser mago.

Zedd o ignorou.

— Você passou no primeiro teste.

— Você acabou de dizer que nenhum mago conseguia fazer isso, então como podiam ser magos, se não passavam no primeiro

teste?

Zedd olhou para ele com um sorriso de canto de boca.

— Eles eram magos de Terceira Ordem. Nenhum passou no teste para a Primeira Ordem. Não tinham o dom. Só vocação.

Richard sorriu com ar superior.

— Foi só um truque. Não aumente a coisa, não foi nada.

— Foi um truque muito especial. — Zedd entrecerrou os olhos.

— Estou impressionado. Estou também muito orgulhoso de você.

— E são quantos os testes, se esse é o primeiro?

Zedd deu os ombros.

— Ah, nem sei. Talvez uns cento e poucos. Mas você tem o dom, Richard. — Uma sombra de preocupação passou por seus olhos, como algo inesperado. — Você tem de aprender a controlá-lo ou... — Ergueu os olhos outra vez. — Eu ensino. Você pode realmente ser um mago da Primeira Ordem. — Richard percebeu que estava ouvindo com toda a atenção e balançou a cabeça.

— Eu já disse. Não quero ser mago — acrescentou em voz baixa. — Não quero nada a ver com magia nunca mais, quando isso acabar. — Viu que Kahlan olhava para ele. Olhou de um para o outro. — Foi apenas um pequeno truque idiota. Nada mais.

— Um pequeno truque idiota quando feito pra outra pessoa. Não quando é feito para um mago.

Richard virou os olhos para cima.

— Vocês dois são...

Zedd se inclinou para a frente, ansioso, interrompendo. — Você pode comandar o vento?

Richard se inclinou um pouco para trás.

— É claro que posso — disse ele, entrando no jogo. Ergueu as duas mãos para o céu. — Venha a mim irmão vento! Junte suas forças! Faça uma tempestade de vento para mim! — Abriu os braços dramaticamente.

Kahlan se enrolou no casaco e esperou. Zedd olhou em volta. Nada aconteceu. Os dois pareceram desapontados.

— O que há com vocês dois? — perguntou Richard. — Comeram alguma fruta estragada?

Zedd se voltou para Kahlan.

— Ele deve aprender mais tarde.

Kahlan pensou no que Zedd acabava de dizer, depois olhou para Richard.

— Richard... ser mago não é uma oferta que se faz a qualquer um.

Zedd esfregou as mãos.

— Maldição! Eu queria ter os livros comigo agora. Mas então há o caso da dor... e....

Richard pareceu sentir-se desconfortável.

— E que tipo de mago você é? Você nem tem barba. Zedd deixou seus pensamentos e franziu a testa.

— O quê?

— Uma barba. Onde está sua barba? Tenho pensado nisso desde que descobri que você é mago. Magos devem ter barba, você sabe.

— Quem disse isso?

— Bem... não sei. Todo mundo sabe. Magos devem ter barba. E de conhecimento geral. Surpreende-me você não saber.

Zedd fez uma careta como se tivesse chupado um limão.

— Mas eu odeio barbas. Barba coça.

Richard deu de ombros.

— Parece que você não sabe tanto quanto pensa sobre ser um mago. Se nem sabe que magos devem ter barba...

Zedd cruzou os braços.

— Uma barba, é? — Descruzou os braços e passou o polegar e o indicador aos dois lados do queixo. Passou os dedos repetidamente. A barba começou a aparecer. Quanto mais ele fazia isso, mais longa a barba ficava. Richard olhou arregalado, até uma barba branca como a neve chegar ao meio do peito de Zedd.

Zedd inclinou a cabeça para um lado, olhando atentamente para Richard.

— Isto chega, meu rapaz?

Richard se deu conta de que estava com a boca aberta. Fechou-a, mas apenas fez que sim com a cabeça.

Zedd coçou o queixo e o pescoço.

— Ótimo. Agora dê-me sua faca para raspar esta coisa. Coça como se estivesse cheia de formigas.

— Minha faca? Para que precisa de uma faca? Por que simplesmente não a faz desaparecer como a fez aparecer?

Kahlan riu, depois ficou séria quando Richard olhou para ela.

— Não é assim que funciona. Todo mundo sabe disso—zombou Zedd. Voltou-se para Kahlan. — Não é verdade que todo mundo sabe? Diga para ele.

— A magia só pode fazer coisas que usam o que já existe. Não pode desfazer coisas que aconteceram.

— Não compreendo.

Zedd olhou para ele atentamente.

— Sua primeira lição, se algum dia resolver ser mago. Nós três temos magia. Magia Aditiva. Funciona com o que existe e acrescenta alguma coisa ou a usa de algum modo. A magia de Kahlan usa a centelha de amor da pessoa por menor que seja e acrescenta a ela, até se transformar em outra coisa. A magia da Espada da Verdade usa sua raiva e acrescenta alguma coisa, toma força dela até se tornar uma coisa diferente.

— Eu faço a mesma coisa. Posso usar o que preciso da natureza para mudar as coisas. Posso transformar um inseto numa flor. Posso transformar o medo num monstro. Posso soldar ossos quebrados. Posso tirar calor do ar à minha volta e acrescentar a ele, multiplicá-lo transformando-o em fogo do mágico. Posso fazer crescer minha barba. Mas não posso fazê-la desaparecer. — Uma pedra do tamanho do seu pulso começou a se erguer no ar. — Posso levantar coisas. Posso mudá-las. — A pedra se desfez em pó.

— Então você pode fazer qualquer coisa — murmurou Richard.

— Não. Posso erguer ou amassar a pedra, mas não posso fazê-la desaparecer. Para onde ela iria? Desfazer as coisas chama-se Magia Subtrativa. Minha magia, a magia de Kahlan e a da Espada são deste mundo. Toda magia deste mundo é Magia Aditiva. Darken Rahl pode fazer tudo que eu faço — continuou Zedd sombriamente. — A Magia Subtrativa é do mundo subterrâneo. Darken Rahl sabe como usar essa também. Eu não sei.

— É tão poderosa quanto a Magia Aditiva?

— Magia Subtrativa é o oposto da Aditiva. Como o dia e a noite. Porém, tudo é parte da mesma coisa. A Magia de Orden é a magia das duas, Aditiva e Subtrativa. Pode acrescentar ao mundo e pode transformar o mundo em nada. Para abrir as caixas, você deve ser mestre nas duas magias. As pessoas nunca se preocuparam com a possibilidade de isso acontecer, porque ninguém jamais conseguiu usar a Magia Subtrativa; Mas Darken Rahl a comanda com a mesma facilidade com que comanda a Aditiva.

— E como você supõe que isso aconteceu?— perguntou Richard, intrigado.

— Não tenho idéia. Mas me perturba extremamente.

Richard suspirou.

— Bem, eu ainda penso que você está exagerando. Tudo que fiz foi um pequeno truque.

Zedd olhou para ele muito sério.

— Se fosse feito para uma pessoa normal, você teria razão. Mas eu sou mago. Sei como funcionam as regras dos magos. Você não faria isso comigo, a não ser que tivesse magia. Ensinei muitos a serem magos. Tive de ensinar a eles o que você fez. Eles não teriam feito se eu não ensinasse. Uma vez ou outra, muito raramente alguém nasce com o dom. Eu fui um deles. Richard, você também tem o dom. Mais cedo ou mais tarde terá de aprender a controlá-lo. — Estendeu a mão. — Agora me dê a faca para me livrar desta barba ridícula.

Richard pôs o cabo da faca na mão de Zedd. — A lâmina não está afiada. Estive desenterrando raízes com ela. Não está boa para fazer a barba.

— E mesmo? — Zedd segurou a ponta da lâmina entre o polegar e o indicador e os passou até o cabo. Virou a faca e a segurou delicadamente entre o polegar e dois dedos. Richard fez uma careta vendo o mago se barbear a seco. Com uma leve passagem da lâmina, uma parte da barba saiu.

— Você usou Magia Subtrativa! Fez com que parte da lâmina desaparecesse para afiar.

Zedd ergueu uma sobrancelha.

— Não, eu usei o que já existia, reformei o corte, para afiar.

Richard balançou a cabeça e começou a apanhar suas coisas enquanto Zedd se barbeava. Kahlan o ajudou.

— Quer saber, Zedd — disse ele, apanhando os pratos. — Acho que você esta sendo muito obstinado no que faz. Acho que, quando isso tudo acabar, vai precisar de alguém para tomar conta de você, ajudá-lo a manter as perspectivas. Tirar a luz do dia da sua imaginação. Acho que precisa de uma mulher.

— Uma mulher?

— Sim, é o que eu acho que você precisa. Talvez você deva voltar e dar outra olhada em Adie.

— Adie?

— Sim, Adie — disse Richard muito sério. — Você se lembra de Adie. A mulher com um só pé.

— Ah, me lembro muito bem de Adie. — Olhou para Richard inocentemente. — Mas Adie tem dois pés, não um.

Richard e Kahlan se levantaram apressadamente.

— O quê?

— Sim — sorriu Zedd e deu as costas a eles.

— Parece que o pé cresceu outra vez. — Inclinou-se e apanhou uma das maçãs da mochila de Richard. — De repente.

Richard puxou Zedd pela manga e o fez virar para ele.

— Zedd, você...

O mago sorriu.

— Tem certeza de que não quer ser mago? — Deu uma mordida na maçã, satisfeito por ver o espanto de Richard. Deu a faca a ele, a lâmina mais afiada do que nunca. Richard balançou a cabeça e voltou ao que estava fazendo.

— Eu só quero ir para casa e ser guia. Nada mais. — Pensou por algum tempo e perguntou: — Zedd, enquanto eu crescia com você, você era o mago e eu nunca desconfiei. Você não usava magia. Como conseguiu se controlar? Por que não usou da magia?

— Bem, há perigos no uso da magia. Sofrimento também.

— Perigos? Quais, por exemplo?

Zedd olhou para ele por um momento.

— Você usou magia com a espada. Diga-me você.

— Mas isso é a espada, é diferente. Que perigo há para um mago em usar de magia? E que sofrimentos?

Com um breve sorriso malicioso, Zedd disse:

— Acaba de terminar a primeira lição e já quer a segunda?

— Deixe para lá. — Pôs a mochila nas costas. — O que eu quero ser é guia florestal. Com a maçã na mão, Zedd caminhou para a trilha.

— Foi o que você disse. — Deu uma mordida na maçã. — Agora, quero que vocês dois me contem tudo que aconteceu desde que fiquei inconsciente. Não deixem de contar nada, por mais trivial que seja. Richard e Kahlan trocaram um olhar.

— Não conto se você não contar — murmurou ele.

Ela pôs a mão no braço dele, puxando-o para mais perto.

— Juro. Nem uma palavra sobre o que aconteceu na casa dos espíritos.

Pelo olhar dela, Richard tinha certeza de que Kahlan cumpriria sua palavra. Durante o resto do dia, enquanto caminhavam pelas trilhas, evitando as estradas principais, os dois contaram a Zedd tudo que tinha acontecido desde que foram atacados na fronteira. Zedd os fazia voltar para trás e repetir certos eventos e os trechos mais estranhos da história. Richard e Kahlan, um ajudando o outro, conseguiram contar a história do Povo da Lama, sem mencionar o que aconteceu entre os dois na casa dos espíritos.

Quando estavam perto de Tamarang, atravessaram estradas e começaram a ver refugiados carregando tudo que tinham nas costas ou em pequenas carroças. Richard se encarregou de fazer com que não ficassem por muito tempo sob as vistas das pessoas e se punha entre elas e Kahlan sempre que podia. Não queria que reconhecessem a Madre Confessora. Ficava aliviado cada vez que voltavam para a floresta. Era onde ele se sentia mais à vontade, embora os bosques tivessem comprovado seus perigos.

Quase no fim do dia, tiveram de tomar a estrada principal para cruzar o Rio Callisidrin, muito grande e rápido para ser atravessado a pé, por isso passaram pela grande ponte de madeira. Zedd e Richard mantinham Kahlan entre os dois enquanto andavam entre o povo que atravessava também a ponte. Kahlan puxou para a cabeça o

capuz do casaco, para que não vissem seu cabelo comprido. A maioria das pessoas ia para Tamarang à procura de abrigo e segurança contra as forças que pilhavam e saqueavam, supostamente vindas de Westland. Kahlan disse que chegariam a Tamarang no meio do dia seguinte. Dali por diante, teriam de viajar a maior parte do tempo na estrada. Richard sabia que precisavam sair da estrada à noite, para ficarem longe do povo. Começou a observar o sol para ter tempo de entrar na floresta antes que ficasse muito escuro.

* * *

— Assim está bem?

Rachel fez de conta que Sara respondeu que sim e juntou mais relva em volta da boneca, para ficar certa de que ela estava bem aquecida. Pôs perto de Sara o pão embrulhado no pano.

— Você estará aquecida por enquanto. Preciso apanhar lenha antes que fique muito escuro e aí teremos uma fogueira e nós duas nos aqueceremos.

Deixou Sara com o pão no abrigo do pinheiro e saiu. O sol se punha, mas ainda havia luz suficiente. As nuvens estavam tingidas de um belo tom cor-de-rosa. Rachel olhou para elas uma vez enquanto apanhava gravetos e os segurava contra o corpo com o outro braço. Pôs a mão no bolso para se certificar de que o acendedor ainda estava lá. Tinha quase se esquecido dele na noite anterior e agora estava com medo, por isso queria ter certeza de não o esquecer outra vez.

Olhou novamente para as belas nuvens. Então uma coisa escura passou baixo sobre as árvores um pouco acima da montanha. Deve ser algum pássaro grande, ela pensou. Corvos eram grandes e negros. Deve ser um desses corvos barulhentos. Apanhou mais gravetos. Viu um arbusto com frutas silvestres num lugar aberto, as folhas começando a ficar de um vermelho vivo. Pôs os gravetos no chão.

Estava com fome, por isso se sentou ao lado do arbusto e começou a comer o mais pressa possível. O ano estava quase no fim

e as frutas começavam a murchar, mas ainda eram gostosas. Na verdade, tinham um gosto maravilhoso. Começou a pôr no bolso uma fruta para cada que comia. Apoiando-se nas mãos e nos joelhos, colhia as frutas, as comia e as punha no bolso. Começou a escurecer. Uma vez ou outra olhava para as belas nuvens, que estavam ficando purpúreas.

Quando aliviou a fome e seu bolso estava cheio, apanhou os gravetos e voltou para o pinheiro amigo. Desamarrou o pano que envolvia o pão e pôs as frutas em cima. Sentou-se e começou a comer, enquanto falava com Sara, oferecendo as frutas silvestres. Sara não comeu muitas. Rachel gostaria de ter um espelho. Gostaria de ver seu cabelo. Tinha visto o reflexo do seu rosto num pequeno lago escuro. O cabelo estava uma maravilha, todo igual. Richard foi muito bondoso em fazer aquilo.

Sentia falta de Richard. Queria que ele estivesse ali para fugir com ela, para abraçá-la. Seu abraço era o melhor do mundo. Ele também podia abraçar Kahlan, se ela não fosse tão malvada. Então Kahlan saberia como era maravilhoso seu abraço. Por algum motivo, Rachel sentia falta dela também. De suas histórias, suas canções e dos dedos na testa. Porque Kahlan tinha de ser tão má e dizer que ia fazer mal a Giller? Giller era um dos melhores homens do mundo. Giller lhe tinha dado Sara.

Rachel partiu os gravetos do melhor modo possível, para que coubessem no círculo de pedra que tinha feito. Então tirou o acendedor do bolso. —Acenda para mim.

Pôs o acendedor sobre o pano, junto com as frutas silvestres, aqueceu as mãos e comeu um pouco mais, enquanto contava a Sara alguns dos seus problemas: queria que Richard a estivesse abraçando. Queria que Kahlan não fosse malvada; esperava que ela não machucasse Giller; desejava ter outra coisa para comer que não aquelas frutas.

Um inseto lhe picou o pescoço. Ela soltou um grito e o amassou com a palma da mão. Viu um pouco de sangue na mão. Era uma mosca. — Veja, Sara. Olhe como essa mosca idiota me picou. Tirou sangue.

Sara ficou triste por isso. Rachel comeu mais algumas frutas. Outra mosca lhe picou o pescoço. Rachel a amassou, sem gritar dessa vez. Outra vez, um pouco de sangue na mão.

— Isso dói!—disse ela a Sara. Franzindo a testa, jogou no fogo a mosca amassada. A mosca picou seu braço e ela deu um pulo. Amassou também. Outra picada no pescoço. Rachel enxotou com as mãos as moscas à sua volta. Duas outras picadas no pescoço, tirando sangue antes que ela tivesse tempo de amassar. Seus olhos se encheram de lágrimas por causa da dor.

— Vão embora! — ela gritou, enxotando os insetos com as mãos.

Algumas estavam dentro do seu vestido, picando seu peito e suas costas. Outras lhe picavam o pescoço.

Rachel começou a gritar agitando as mãos no ar, tentando fazer com que elas fossem embora. O zumbido no seu ouvido a fez chorar e gritar enquanto enfiava a mão na orelha para tirar a mosca. Agitava os braços e gritava.

Rachel saiu do abrigo do pinheiro, gritando estridentemente, enxotando moscas dos olhos. Correu, sempre agitando os braços. As moscas a seguiram quando ela correu gritando.

Uma coisa a fez parar de repente.

Olhou para cima, para o corpo gigantesco coberto de pêlo. A barriga cor-de-rosa estava cheia de moscas.

Contra as cores do céu que esmaeciam, a coisa lentamente abriu as asas. Não asas cobertas de penas, mas cobertas de pele. Rachel viu as veias grandes pulsando.

Juntando toda a sua coragem, ela pôs a mão trêmula no bolso. O acendedor não estava lá. Suas pernas estavam paralisadas. Nem sentia mais as picadas das moscas. Ouviu um som como o ronronar de um gato, mas muito mais alto. Olhou mais para cima.

Olhos verdes brilhantes a olharam. O ronronar era um rosnado baixo.

A boca se abriu com um rosnado mais forte e os lábios se afastaram, mostrando os dentes longos e curvos.

Rachel não conseguia fugir. Não conseguiu se mexer. Não conseguiu sequer gritar. Estremeceu quando olhou para aqueles

olhos cruéis, verdes e brilhantes. Esqueceu como mover os pés.
Uma garra grande se estendeu para ela.
Rachel sentiu uma coisa quente lhe escorrer pelas pernas.

CAPÍTULO 38



Richard cruzou os braços e se encostou na rocha.

— Chega!

Zedd e Kahlan olharam para ele como se tivessem esquecido sua presença. Por mais ou menos meia hora, Richard ouvia a discussão dos dois sentados perto do fogo e estava cansado daquilo. Na verdade, estava simplesmente farto. Havia muito tempo tinham jantado e eles deviam procurar dormir um pouco, mas estavam tentando decidir o que fariam no dia seguinte quando chegassem a Tamarang. Agora, pararam de discutir e começaram a apresentar o caso a ele.

— Eu digo que devemos entrar no castelo e resolver o caso de Giller. Ele foi meu aluno. Quero que me conte o que está acontecendo. Ainda sou um mago da Primeira Ordem. Ele vai me obedecer. Giller me dará a caixa.

Kahlan tirou da mochila o vestido de Confessora e o mostrou a Richard.

— É assim que vamos tratar Giller. Ele é meu mago e me obedecerá porque sabe das conseqüências.

Richard respirou lentamente, esfregando os olhos com as pontas dos dedos.

— Vocês dois querem comer uma galinha que ainda não depenamos. Nem sabemos a quem ela pertence.

— Como assim? — perguntou Kahlan.

Richard se inclinou para a frente. Finalmente tinha a atenção dos dois.

— Na melhor das hipóteses, Tamarang está ouvindo D'Hara com simpatia. Na pior das hipóteses, Darken Rahl está lá. O mais

provável está entre essas duas probabilidades. Se entrarmos dizendo o que queremos, eles podem não gostar. Tamarang tem um bom exercito para nos dizer o quanto não gostaram. E então? Nós três vamos lutar contra o exercito? Como isso nos dará a caixa? Como isso vai nos levar a Giller? Se tivermos de lutar, prefiro estar saindo, não entrando.

Richard esperava que um dos dois apresentasse uma objeção, como se estivesse ralhando com crianças, mas ninguém disse nada. Então ele continuou:

— Talvez Giller esteja esperando que alguém apareça para ajudá-lo a pegar a caixa. Por outro lado, talvez ele não esteja muito disposto a se separar dela. Mas não saberemos se não chegarmos a ele, certo? — Voltou-se para Zedd. — Você disse que a caixa tem magia que um mago, ou Rahl, pode sentir, mas um mago pode também cobrir a sensação dessa magia com uma teia de mago, para que a caixa não seja descoberta. Talvez, por isso, a rainha Milena tenha querido um mago: para esconder a caixa de Rahl e usá-la como instrumento de negociação. Se fizermos muito barulho e assustarmos Giller, não importa o que ele sente por nós, ele pode aproveitar a oportunidade para fugir. Pode ser também que Rahl esteja esperando que a presa saia do esconderijo, para então atacar.

Zedd olhou para Kahlan.

— Acho que o Seeker tem bons argumentos. Talvez seja bom ouvir o que ele tem a dizer.

Kahlan sorriu e disse: — Acho que você está certo, bom mago. — Voltou-se para Richard. — O que você acha que devemos fazer?

— Você conhece a rainha Milena, certo? Que tipo de pessoa ela é?

Kahlan não preciso de tempo para responder.

— Tamarang é um reinado pequeno e relativamente insignificante. Mesmo assim, a rainha Milena é pomposa e arrogante, mais do que qualquer outra rainha.

— Uma serpente pequena mas que nos pode matar. — Richard observou.

Kahlan disse: — Mas uma serpente com cabeça grande.

— Serpentes pequenas precisam ser cautelosas quando não sabem o que estão combatendo. A primeira coisa que devemos fazer é deixá-la preocupada. Fazer com que fique insegura o bastante para não nos picar.

— Como assim? — Kahlan perguntou.

— Você disse que já tratou com ela antes. Confessoras vão aos lugares para inspecionar prisões, para encontrar o que querem. Ela não ia querer fechar Tamarang a uma Confessora, certo?

— Não se ela tiver a metade de um cérebro. — Zedd riu baixinho.

— Muito bem, então é isso que devemos fazer. Você veste seu vestido e faz seu dever. Simplesmente uma Confessora fazendo o que se espera que uma Confessora faça. Ela pode não gostar, mas quer tratá-la bem, quer que você fique feliz. Vai querer que você veja o que quiser e vá embora. A última coisa que ela vai querer é criar problemas. Então, você inspeciona a masmorra, sorri, ou franze a testa ou seja lá o que você faz e então antes de nos pormos a caminho, você diz que quer falar com seu antigo mago.

— Você acha que ela deve ir sozinha? — protestou Zedd.

— Não. Kahlan não tem um mago com ela. A rainha verá isso como uma vulnerabilidade tentadora. Não queremos que ela fique com água na boca.

Zedd cruzou os braços.

— Eu serei o mago!

— Não, você não será seu mago! — exclamou Richard. — Darken Rahl está matando gente enquanto conversamos aqui, à sua procura. Se você remover a teia do mago, eles saberão quem você é e ficaremos com problemas até os olhos antes de conseguirmos a caixa. Quem sabe qual é a recompensa por sua pele enrugada? Você será a proteção dela, mas uma proteção anônima. Você será... — Richard bateu com a mão no punho da espada, pensando. Abaixou os olhos outra vez. — Você será um intérprete das nuvens. Um conselheiro de confiança da Madre Confessora, na ausência de um mago. — Richard franziu a testa, ouvindo Zedd resmungar. —Tenho certeza de que você sabe como representar essa parte.

— Então você também esconderá da rainha sua espada e sua identidade? — perguntou Kahlan.

— Não. A presença do Seeker a fará hesitar, será alguma coisa para preocupá-la, uma coisa que a fará manter as presas dentro da boca até irmos embora. A intenção é dar-lhe algo que ela conheça, uma Confessora, para não a alarmar. Ao mesmo tempo, ela vai preferir se livrar de nós a descobrir que tipo de problema podemos criar. O modo com que vocês querem agir nos leva a uma luta, onde um de nós ou os três podemos sair machucados. O meu modo oferece um mínimo de risco de luta e, se acontecer, pelo menos será quando estivermos saindo com a caixa. — Olhou severamente para os dois. — Vocês se lembram da caixa, não lembram? Para o caso de terem esquecido, é o que queremos, não a cabeça da Giller num cesto. De que lado ele está não é a questão. Devemos apenas pegar a caixa, nada mais.

Kahlan cruzou os braços e franziu a testa. Zedd passou a mão no queixo, olhando para o fogo. Richard deixou que pensassem por algum tempo. Sabia que o modo por que eles queriam agir certamente criaria problemas e que logo eles iam compreender isso.

Zedd o olhou.

— É claro que você está certo. Eu concordo — Voltou o rosto magro para Kahlan. — Madre Confessora?

Ela olhou para Zedd por um momento e depois para Richard.

— Concordo também. Mas, Richard, vocês dois terão de representar o papel de cortesãos da Madre Confessora. Zedd conhece o protocolo, mas você não.

— Espero não ficar lá muito tempo. Diga apenas o que preciso saber para um curto tempo.

Kahlan respirou profundamente.

— Bem, acho que o mais importante é parecer que vocês são parte da minha escolta. Sejam... respeitosos. — Ela desviou os olhos. — Finjam que eu sou a pessoa mais importante com a qual já estiveram e me tratem de acordo, que ninguém vai questionar. Todas as Confessoras permitem aos seus acompanhantes certas liberdades e, desde que sejam respeitosos, ninguém vai pensar nada

se vocês fizerem alguma coisa imprópria. Mesmo que considerem meu comportamento estranho, continuem representando. Está bem?

Richard olhou para ela por um momento enquanto Kahlan olhava para o chão. Ele se levantou.

— Será uma honra para mim, Madre Confessora. — Ele fez uma reverência.

Zedd pigarreou.

— Curve-se um pouco mais, meu rapaz. Você não está viajando com uma mera Madre Confessora. Você faz parte da escolta.

— Muito bem — suspirou Richard. — Farei o melhor possível. Agora durmam um pouco. Cumpro o primeiro turno de vigia. — Ele começou a andar para as árvores.

— Richard — chamou Zedd. Richard parou e olhou para trás. — Muita gente em Midlands tem magia. Muitos tipos diferentes e perigosos de magia. Nunca se sabe quantos sicofantas a rainha Milena tem à sua volta. Preste atenção ao que Kahlan e eu dizemos e procure não irritar alguém. Você não pode saber quem ou o que são seus ajudantes.

Richard fechou o casaco.

— Entrar e sair com o mínimo de alvoroço. É o que pretendo fazer. Se tudo correr bem, amanhã a esta hora teremos a caixa e a única preocupação será encontrar um buraco para escondê-la até o inverno.

— Ótimo. Vejo que compreendeu, meu rapaz. Boa noite.

Num lugar com poucos arbustos, Richard encontrou um tronco coberto de musgo para se sentar, enquanto vigiava o acampamento e o bosque. Verificou se o musgo estava seco. Não queria sentar-se em musgo molhado para não molhar a calça e sentir frio. O musgo estava seco, por isso ele ajeitou a espada, se sentou e fechou bem o casaco. Nuvens escondiam a lua. Se não fosse o fogo que iluminava o bosque próximo, seria o tipo de noite escura que nos faz pensar que estamos cegos.

Richard se sentou e mergulhou em pensamentos. Não gostava da idéia de Kahlan ter de usar o vestido e enfrentar o risco. Gostava menos ainda do fato de a idéia ter sido sua. Preocupado, tentou

imaginar o que ela quis dizer com agir “estranhamente” e ele fazer o jogo. Imaginou e se preocupou mais com o fato de Kahlan ter falado sobre fingir que ela era a pessoa mais importante que ele já conhecera. Não gostava nem um pouco disso. Sempre imaginava Kahlan sua amiga, pelo menos. Não gostava de vê-la como Madre Confessora. Era a magia da Confessora que tornava impossível para eles serem mais do que amigos. Tinha medo de ver Kahlan como os outros a viam, como a Madre Confessora. Qualquer lembrança do que ela era e da sua magia só aumentava a dor do seu coração.

Um ruído quase inaudível o fez ficar alerta.

Os olhos estavam nele. Estavam perto e, embora Richard não os visse, sentia. Saber que alguma coisa estava perto vigiando o fez sentir um arrepio na espinha. Sentiu-se despido. Vulnerável.

Seus olhos estavam bem abertos, o coração batia forte, quando olhou diretamente para a frente, para onde sabia que a coisa estava. O silêncio, exceto pelas batidas do seu coração nos ouvidos, era opressivo. Richard prendeu a respiração, tentando escutar.

Outra vez o som leve de um pé furtivo no chão da floresta. Ia na sua direção. Richard olhou nervosamente para a escuridão, tentando ver algum movimento.

A coisa estava a menos de dez passos quando apareceram os olhos amarelos, bem perto do chão. Olhando para ele. A coisa parou. Richard prendeu a respiração.

Com um uivo, ela saltou. Richard se levantou rapidamente, levando a mão à espada. Quando a coisa pulou, Richard viu que era um lobo. O maior lobo que já vira. Estava em cima dele antes de sua mão alcançar o punho da espada. As pernas da frente do lobo atingiram seu peito. O impacto o atirou para trás contra o tronco onde estava antes sentado.

Quando Richard caiu para trás, sem poder respirar, viu atrás uma coisa mais assustadora do que o lobo.

Um sabujo do coração.

As mandíbulas enormes se lançaram para seu peito no momento em que o lobo saltou para o pescoço do sabujo.

Richard bateu com a cabeça em alguma coisa dura. Ouviu um ganido e som de dentes dilacerando um músculo. Então tudo escureceu.

Richard abriu os olhos. Zedd olhava para ele com os dedos médios das mãos nas suas têmporas. Kahlan segurava um archote. Atordoado, se levantou, sentindo as pernas fracas, e Kahlan o fez se sentar no tronco caído.

Preocupada, ela acariciou seu rosto.

— Você está bem?

— Acho que sim — disse ele. — Minha cabeça dói. — Pensou que ia vomitar.

Zedd tirou o archote da mão de Kahlan e o segurou atrás do tronco, iluminando o corpo de um sabujo do coração, com a garganta rasgada. Zedd olhou para a espada de Richard, ainda na bainha.

— Como foi que o sabujo não pegou você?

Richard pôs a mão atrás da cabeça. Doía como se tivesse punhais espetados.

— Eu... não sei. Tudo aconteceu tão depressa. — Então lembrou, como quem lembra de um sonho ao acordar. Ficou de pé outra vez. — Um lobo! Era um lobo que nos vinha seguindo.

Kahlan se aproximou e pôs a mãos na sua cintura para ajudá-lo a se equilibrar.

— Um lobo? — Ouvindo o estranho tom de suspeita, Richard olhou para ela. — Tem certeza?

Richard fez que sim com a cabeça.

— Eu estava sentado aqui e, de repente, senti que alguma coisa me vigiava. Ele chegou mais perto e vi os olhos amarelos. Então ele saltou para cima de mim. Pensei que estava me atacando. Ele me derrubou bem em cima do tronco. Nem tive tempo de desembainhar a espada, tudo aconteceu muito depressa. Mas o lobo não estava me atacando. Atacava o sabujo do coração, para me proteger. Eu só vi o sabujo quando caí para trás. O lobo deve ter matado o sabujo. Salvou minha vida.

Kahlan pôs as mãos fechadas na cintura.

— Brophy! — chamou ela, olhando para o escuro. — Brophy! Sei que está aí. Venha agora mesmo!

O lobo apareceu à luz do archote com a cabeça abaixada e o rabo entre as pernas.

Seu pêlo espesso tinha a cor do carvão, da ponta do nariz até a ponta da cauda. Os olhos amarelos, ferozes, brilhavam na cabeça negra. Com a barriga no chão, se arrastou até os pés de Kahlan. Então se virou de costas com as patas para o ar e ganiu.

— Brophy! — disse ela, zangada. — Você estava nos seguindo?

— Só para protegê-la, senhora.

Richard olhou boquiaberto. Imaginou se a pancada na cabeça tinha sido forte demais.

— Ele fala! Eu ouvi! Esse lobo não pode falar!

Zedd e Kahlan olharam para ele. Zedd então olhou para Kahlan.

— Pensei que você tinha contado a ele.

Kahlan ficou um pouco embaraçada.

— Bem, não contei tudo. — Olhou para Zedd com a testa franzida. — É difícil se lembrar de tudo que ele não sabe. Nós vivemos com isso a vida toda. Esqueci que ele não teve as mesmas experiências.

— Vamos — disse Zedd —, vamos voltar para o acampamento. Nós todos.

O mago saiu na frente com o archote, Kahlan atrás, o lobo ao lado dela, orelhas caídas, a cauda arrastando no chão.

Quando se sentaram em volta do fogo, Richard se dirigiu ao lobo sentado ao lado de Kahlan.

— Lobo, imagino que...

— Brophy. O meu nome é Brophy.

Richard sentou-se um pouco mais para trás.

— Brophy. Desculpe. Meu nome é Richard e este é Zedd. Brophy, eu queria agradecer a você por salvar minha vida.

— De nada — rosnou ele.

— Brophy — disse Kahlan, em tom de desaprovação —, o que você está fazendo aqui?

O lobo abaixou mais as orelhas.

— Há perigo para a senhora. Eu a estava protegendo.

— Está desculpado — disse ela.

— Era você a noite passada? — perguntou Richard.

Brophy voltou para ele os olhos amarelos.

— Era. Sempre que vocês acampavam, eu limpava a área dos sabujos do coração. E de outras coisas desagradáveis. A noite passada, quase de manhã, um deles chegou perto do acampamento. Eu me encarreguei dele. O sabujo desta noite estava caçando você. Ele podia ouvir as batidas do seu coração. Eu sabia que a Senhora Kahlan ficaria triste se ele devorasse você, por isso eu evitei isso.

Richard engoliu em seco.

— Muito obrigado! — disse ele, com voz fraca.

— Richard — perguntou Zedd, passando a mão no queixo. — Os sabujos são feras do mundo subterrâneo. Até agora não se importaram com você. O que foi que mudou?

Richard quase se engasgou.

— Bem, Adie deu um osso a Kahlan, para que pudéssemos passar pela fronteira e para nos proteger das feras do mundo subterrâneo. Eu tinha um osso antigo que meu pai me deu e Adie disse que teria o mesmo efeito. Mas eu o perdi há uns dois dias.

Zedd pensou por um momento. Richard olhou para o lobo, querendo mudar de assunto.

— Como é que você pode falar?

Brophy passou a língua nos lábios.

— Do mesmo modo como você. Posso falar porque... — Olhou para Kahlan. — Quer dizer que ele não sabe quem eu sou?

Kahlan olhou zangada para ele e Brophy se deitou e apoiou a cabeça nas patas. Kahlan cruzou as mãos num joelho, estalando as unhas dos polegares uma na outra.

— Richard, lembra quando eu disse que às vezes, quando ouvíamos confissão, descobríamos que a pessoa era inocente? — Richard balançou a cabeça, assentindo. Kahlan olhou para o lobo — Brophy ia ser executado por matar um menino...

— Eu não mato crianças — rosnou o lobo, ficando de pé.

— Você quer contar a história?

O lobo se deitou outra vez.

— Não, senhora.

— Brophy preferiu ser tocado pelo poder de uma Confessora a ser considerado um assassino de criança. Para não mencionar o que mais foi feito ao menino. Ele pediu uma Confessora. Isso é feito raramente, a maioria dos homens prefere o carrasco, mas significava muito para ele. Eu contei que levamos um mago conosco, quando ouvimos confissões. Uma das razões é proteção, mas há outra. Em um caso como esse, quando a pessoa é acusada injustamente e descobrimos que é inocente, ela continua tocada por nosso poder, não pode voltar a ser o que era antes. Então o mago a transforma em alguma outra coisa. A transformação remove parte da magia da Confessora e dá à pessoa disposição para começar uma nova vida.

Richard perguntou, incrédulo: — Você era inocente? Mesmo assim foi transformado em um lobo? Para toda a vida?

— Completamente inocente — confirmou Brophy.

— Brophy — disse Kahlan em um tom mais alto, que Richard conhecia bem.

O lobo se sentou.

— Da morte daquele menino. — olhou para Kahlan humildemente e ela olhou para ele. — Foi o que eu quis dizer. Inocente da morte daquele menino.

Richard franziu a testa.

— Como assim?

Kahlan olhou para ele.

— Quer dizer que ele confessou também outras coisas das quais não foi acusado. Você compreende, Brophy tinha tomado parte em coisas de natureza duvidosa — olhou para o lobo — à margem da cinzenta lei.

— Eu era um comerciante honesto — protestou o lobo.

Kahlan olhou outra vez para ele enquanto falava com Richard.

— Brophy era negociante.

— Meu pai era negociante — disse Richard, começando a ficar zangado.

— Eu não sei o que os negociantes fazem em Westland, mas, em Midlands, alguns deles negociam coisas de magia.

Richard pensou no *Livro das Sombras Contadas*.

— E daí?

Kahlan ergueu uma sobrancelha.

— Algumas delas ainda estão vivas.

Brophy se ergueu nas patas dianteiras.

— Como eu ia saber? Nem sempre é fácil. Às vezes você pensa que uma coisa é apenas um artefato, como um livro, pelo qual um colecionador pagaria um bom dinheiro. Às vezes é algo mais, uma pedra, uma estátua ou um cajado ou talvez uma... bem, como eu ia saber que elas ainda estavam vivas?

Kahlan continuava a olhar para o lobo.

— Você negociava outras coisas de magia, além de livros e estátuas — disse ela, severa. — No seu negocio inocente, ele às vezes entrava em desacordo com as pessoas, desacordos como direito de propriedade. Brophy era tão grande para um homem como é para um lobo. Às vezes usava o tamanho para “persuadir” as pessoas a fazerem sua vontade. Não é verdade, Brophy?

As orelhas do lobo murcharam outra vez.

— É verdade, senhora. Eu tenho gênio forte. Do tamanho dos meus músculos. Mas só se manifestava quando eu era enganado. Muita gente pensa que pode enganar os comerciantes, pensa que não passamos de ladrões e que não podemos nos defender. Quando eu resolvia os desacordos com meu gênio, essas pessoas tendiam a “se acalmar”.

Kahlan sorriu para o lobo.

— Brophy tinha uma reputação que, embora não fosse imerecida, era maior do que a verdade. — Olhou para Richard. — O negocio dele era perigoso, portanto lucrativo. Brophy ganhou dinheiro suficiente para sustentar seu “passatempo”. Quase ninguém sabia disso até depois que eu o toquei e ele confessou.

O lobo pôs as patas sobre a cabeça.

— Oh, senhora, por favor! Precisamos contar?

Richard perguntou, intrigado: — Qual era seu “passatempo”?

Kahlan sorriu.

— Brophy tinha uma fraqueza: crianças. Quando viajava à procura de coisas para negociar, parava nos orfanatos e providenciava o que eles precisavam para tomar conta das crianças,

para que elas não passassem fome. Ele intimidava as pessoas que dirigiam os orfanatos, para obrigá-las a jurar guardar segredo. Não queria que ninguém soubesse. É claro que não era difícil fazer com que elas concordassem.

Com as patas ainda sobre a cabeça, Brophy fechou os olhos com força.

— Senhora, por favor — choramingou ele. — Eu tenho uma reputação. — Abriu os olhos e levantou o corpo nas patas dianteiras. —E bem merecida! Quebrei um bom numero de braços e narizes! Fiz coisas desprezíveis!

Kahlan ergueu uma sobrancelha.

— Sim, você fez mesmo. Algumas delas suficiente para a mandá-lo para a prisão por bom tempo. — Olhou para Richard. — Você compreende, uma vez que Brophy era visto rodeando os orfanatos e, por causa da sua reputação, ninguém ficou surpreso quando ele foi acusado da morte de um menino.

— Demmin Nass — rosnou Brophy. — Acusado por Demmin Nass. — Arreganhou os lábios, mostrando os dentes compridos.

— Por que o pessoal dos orfanatos não o defendeu?

— Demmin Nass — rosnou Brophy outra vez. — Ele teria cortado os pescoços deles.

— Quem é esse Demmin Nass?

Kahlan trocou um olhar com o lobo.

— Está lembrado quando Darken Rahl foi ao povoado do Povo da Lama e pegou Siddin? Lembra quando ele disse que era um presente para um amigo? Demmin Nass é esse amigo. — Olhou significativamente para Richard. — Demmin Nass tem um interesse doentio por meninos.

Richard sentiu uma pontada de medo por Siddin e por Savidlin e Weselan. Lembrou-se da sua promessa de encontrar o menino. Sentiu-se mais impotente do que nunca.

— Se algum dia eu o encontrar — rosnou Brophy ferozmente —, acertarei algumas contas. Ele não vai morrer imediatamente. Vai sofrer pelas coisas que fez.

— Você fique longe dele — avisou Kahlan. — Ele é um homem perigoso. Não quero que você se machuque mais do que já foi

machucado.

Os olhos amarelos do lobo faiscaram ferozes para Kahlan por um momento mas a raiva passou logo.

— Sim, senhora — voltou a se deitar. — Eu teria enfrentado um carrasco com a cabeça erguida, os espíritos sabem que eu posso ter merecido, mas não por causa de que fui acusado. Não ia querer que me matassem pensando que fiz aquelas coisas para crianças. Por isso exigi uma Confessora.

— Eu não queria ouvir a confissão dele. — Kahlan apanhou um graveto e riscou a terra com ele. — Sabia que ele não teria exigido uma Confessora se não fosse inocente. Falei com o juiz. Ele disse que, por causa da gravidade do crime, não comutaria a sentença. Era morte ou uma confissão. Brophy insistiu na confissão. — Richard viu a luz do fogo refletida nos olhos verdes úmidos. — Depois, pedi a ele para escolher a criatura na qual queria ser transformado, se tivesse escolha. Ele escolheu um lobo. Por quê, eu não sei — sorriu ela. — Acho que combina com sua natureza.

— Porque os lobos são criaturas honradas — sorriu Richard. — Você não viveu na floresta, mas sempre com pessoas. Os lobos são criaturas muito sociáveis, têm laços afetivos e relacionamentos muito fortes. Protegem ferozmente sua prole. Toda a alcatéia luta para proteger os filhotes. Todos eles tomam conta dos filhotes.

— Você compreende — murmurou Brophy.

— É mesmo, Brophy? — perguntou Kahlan.

— Sim, senhora. Tenho uma boa vida agora. — Sacudiu o rabo. — Tenho uma companheira! É uma bela loba. Tem um cheiro divino e suas tetas me dão arrepios e tem o mais engraçadinho... bem, deixa para lá. — Olhou para Kahlan. — Ela é a líder da nossa alcatéia. Está satisfeita comigo. Diz que eu sou o lobo mais forte que já viu. Tivemos uma ninhada na última primavera. Seis. São ótimos filhotes, estão quase crescidos. É uma boa vida, dura, mas boa. Muito obrigado, senhora, por me libertar.

— Fico contente com isso, Brophy. Mas por que você está aqui? Por que não está com sua família?

— Bem, quando a senhora estava descendo do Rang'Shada, passou perto da minha caverna. Senti sua presença. Descobri que

posso farejá-la. O impulso de protegê-la foi forte demais para ser ignorado. Sei que corre perigo e não posso estar em paz na minha alcatéia até saber que está segura. Devo protegê-la.

— Brophy — disse ela —, estamos lutando para deter Darken Rahl. É muito perigoso para você estar conosco. Não queremos que você perca a vida. Já sacrificou muito por causa de Darken Rahl, por meio de Demmin Nass.

— Senhora, quando fui transformado me lobo, grande parte da minha necessidade da sua presença desapareceu, minha necessidade de agradá-la. Porém, ainda daria a vida pela senhora. É extremamente difícil contrariar seus desejos. Mas, neste caso, preciso. Não a deixarei correndo perigo. Devo protegê-la, do contrário jamais terei paz. Ordene que eu vá embora, se quiser, mas não irei. Eu a seguirei até que esteja a salvo de Darken Rahl.

— Brophy — disse Richard. O lobo olhou para ele. — Eu também quero que Kahlan seja protegida para que possa fazer seu trabalho de deter Rahl. Será uma honra ter você conosco. Você já provou seu valor e seu coração. Se pode ajudar a proteger Kahlan, ignore o que ela diz e continue a protegê-la.

Brophy ergueu os olhos para Kahlan. Ela sorriu.

— Ele é o Seeker. Jurei proteger sua vida, bem como Zedd. Se é esse o caso, eu concordo.

O focinho de Brophy se abriu, surpreso.

— Ele manda em você? Ele manda na Madre Confessora?

— Sim, ele manda.

O lobo olhou para Richard vendo-o sob uma nova luz e balançou a cabeça.

— Maravilha das maravilhas. — Passou a língua nos lábios. — A propósito, eu queria agradecer a comida que ele deixou para mim.

Kahlan franziu a testa.

— Do que você está falando?

— Sempre que ele pega comida, deixa um pouco para mim.

— Você faz isso? — perguntou ela.

Richard deu de ombros.

— Bem, eu sabia que ele estava lá e não sabia o que ele era, mas não achei que nos pretendia fazer mal. Então eu deixava

comida, para que ele soubesse que eu também não pretendia mal. — Sorriu para o lobo. — Mas quando você veio para cima de mim, pensei que tinha me enganado. Outra vez, obrigado.

Brophy pareceu embaraçado com aquela gratidão e se levantou.

— Já estou aqui já muito tempo. Tenho de patrulhar a floresta. Pode haver coisas por aí. Vocês três não precisam fazer vigia com Brophy por perto.

Richard empurrou um graveto para o fogo, olhando para as centelhas que giravam no ar.

— Brophy, qual a sensação quando Kahlan o tocou? Quando ela liberou seu poder em você?

Ninguém disse nada. Richard olhou para os olhos amarelos do lobo. Brophy virou a cabeça para Kahlan.

— Diga a ele — disse Kahlan, com voz entrecortada.

Brophy se deitou outra vez e cruzou as patas, com a cabeça erguida. Ficou em silêncio por longo tempo. Finalmente falou.

— É difícil lembrar tudo daquele tempo, mas tentarei explicar do melhor modo possível. — Inclinou a cabeça um pouco para o lado. — Dor. Lembro-me da dor. Era intensa, além de qualquer coisa que possa imaginar. A primeira coisa que lembro depois da dor é o medo. Um medo avassalador de estar respirando de modo errado e de algum modo desagradar-lhe. Então, quando eu disse o que ela queria saber, foi a maior alegria que já senti. Alegria porque eu sabia o que fazer para agradar-lhe. Fiquei alegre por ela ter me pedido alguma coisa, porque eu podia fazer alguma coisa para agradar à Madre Confessora. É disso que mais me lembro: a necessidade desesperada e frenética de fazer o que ela queria, de satisfazê-la e deixá-la feliz. Não havia nada mais em minha mente, só agradar à Madre Confessora. Estar na presença dela era mais do que uma benção. O prazer de estar em sua presença me fez chorar de alegria.

“Ela mandou que eu dissesse a verdade e fiquei tão feliz porque era uma coisa que eu tinha certeza de poder fazer. Fiquei entusiasmado por ter uma tarefa dentro das minhas possibilidades. Comecei a falar o mais depressa que podia, contando a verdade. Ela

me disse para falar mais devagar porque não estava me compreendendo. Se eu tivesse uma faca, eu a teria usado contra mim por ter desagradado à Madre Confessora. Então ela disse que estava tudo bem e chorei porque ela não estava zangada comigo. Contei o que tinha acontecido. — Suas orelhas caíram um pouco. — Depois de afirmar que eu não tinha matado o menino, lembro que ela pôs a mão no meu braço, quase desmaiei de prazer, e disse que sentia muito. Eu não compreendi. Pensei que ela sentia o fato de eu não ter matado o menino. Pedi para me deixar matar outro menino para ela.”

As lágrimas desceram dos cantos dos olhos do lobo.

— Então ela explicou que sentia muito por mim, por ter sido acusado do crime injustamente. Lembro-me de ter chorado incontrolavelmente porque ela demonstrou bondade, sentia por mim, gostava de mim. Lembro o que sentia perto dela, como me sentia na sua presença. Acho que era amor, mas as palavras eram vazias perto da força do meu desejo por ela.

Richard se levantou. Olhou apenas de relance para Kahlan, que chorava.

— Obrigado, Brophy, — fez uma pausa para ter certeza de que sua voz não ia traí-lo — É tarde. Acho melhor dormimos um pouco. Amanhã é um dia importante. Vou começar minha vigia. Boa noite.

Brophy ficou de pé.

— Vocês três vão dormir. Eu fico de vigia esta noite.

Richard tentou engolir o nó que sentia na garganta.

— Agradeço, mas vou ficar de vigia. Se você quiser, pode guardar minhas costas.

Ele deu alguns passos.

— Richard — chamou Zedd. Ele parou sem olhar para trás. — Que osso seu pai lhe deu?

A mente de Richard disparou em pânico. Por favor, Zedd, ele pensou, se alguma vez você acreditou em uma mentira que eu tenha dito, acredite nessa também.

— Você deve lembrar. Era redondo. Você o viu. Sei que o viu.

— Oh sim, devo tê-lo visto. Boa noite.

A Primeira Regra do Mago. Obrigado, meu velho amigo, Richard pensou, por me ensinar a proteger a vida de Kahlan.

Saiu para a noite, a cabeça latejando de dor, de fora para dentro e de dentro para fora.

CAPÍTULO 39



A cidade de Taramang não podia abrigar toda aquela gente. Simplesmente era gente demais. Pessoas vindas de todos os lados à procura de proteção e segurança inundaram o campo em volta dos bairros. Barracas e barracões surgiam no solo vazio fora dos muros da cidade, criando um bairro comercial provisório. Pessoas vindas de outras cidades, vilarejos e povoados se instalavam nas ruas de modo desordenado, com quiosques improvisados, vendendo o que tinham. Vendiam tudo, desde roupas a jóias finas. Outras barracas estavam repletas de frutas e vegetais.

Havia barbeiros e curandeiros e cartomantes, pessoas com papel que queriam desenhar rostos e pessoas que tinham sanguessugas e queriam tirar o sangue dos outros. Vinho e bebidas fortes estavam à venda por toda a parte. Apesar das circunstâncias, o povo parecia alegre. Eram a proteção imaginada e o amplo suprimento de bebida, Richard suspeitava. As conversas fluíam livremente sobre as maravilhas do Pai Rahl. Oradores, no centro do pequeno grupo de cidadãos, contavam as últimas notícias, as últimas atrocidades. Os esfarrapados gemiam e gritavam, contando os ultrajes perpetrados pelos soldados de Westland. Havia gritos de vingança.

Richard não viu mulher alguma com cabelo que passasse da altura do queixo.

O castelo ficava no topo de uma alta colina, com seus muros, dentro das muralhas da cidade. Flâmulas vermelhas com a cabeça de um lobo negro voejavam em intervalos regulares em volta dos enormes muros do castelo. As enormes portas de madeira que

davam para a cidade permaneciam fechadas. Provavelmente para manterem longe a ralé.

Soldados a cavalo patrulhavam as ruas, as armaduras cintilando ao sol do meio-dia, pontos de luz no oceano de gente. Richard viu um destacamento, bandeiras vermelhas com o lobo negro, passando pelas novas ruas. Algumas pessoas aplaudiam, algumas se inclinavam, mas todas recuavam quando os cavalos passavam. Os soldados as ignoravam como se elas não existissem. Quem não saía depressa do caminho levava uma bota na cabeça.

Mas ninguém se afastava tanto dos soldados quanto de Kahlan. O povo evitava a proximidade da Madre Confessora como um bando de cães fugindo de um porco-espinho.

O vestido branco de Kahlan brilhava ao sol. Ereta, a cabeça erguida, ela andava como se fosse dona da cidade. Olhando para a frente, não falava com ninguém. Recusou-se a usar a capa, dizendo que não era apropriado e que não queria que houvesse dúvida sobre que ela era. Não havia dúvida alguma.

As pessoas se atropelavam para abrir caminho para Kahlan e todos se curvavam no amplo círculo formado à sua passagem. Murmúrios discretos diziam seu título para a multidão. Kahlan ignorava as mesuras.

Zedd, carregando a mochila de Kahlan, andava ao lado de Richard, dois passos atrás dela. Ele e Richard examinavam a multidão. Em todo o tempo em que Richard conhecia o mago, jamais o vira com uma mochila nas costas. Seria pouco dizer que era estranho. Richard levava a capa dependurada atrás da Espada da Verdade. Algumas sobancelhas se erguiam, mas nada como para a Madre Confessora.

— É assim em todo lugar que ela passa? — murmurou Richard para Zedd.

— Receio que sim, meu rapaz.

Sem hesitar, Kahlan atravessou a ponte maciça de pedra que levava aos portões da cidade. Guardas na extremidade da ponte afastaram-se, abrindo caminho. Ela os ignorou. Richard examinava tudo, para o caso de precisar sair rapidamente.

As duas dúzias de guardas nos portões da cidade tinham instrução para não deixarem ninguém entrar. Olharam nervosamente uns para os outros. Não esperavam uma visita da Madre Confessora. Com um tilintar de metal contra metal, alguns deles recuaram, atropelando-se, e outros não se mexeram, sem saber o que fazer. Kahlan parou. Olhou para os portões, como se esperando que evaporassem. Os guardas à sua frente se encostaram nos portões, olhando para o capitão.

Zedd se aproximou de Kahlan, se virou para ela, fez uma profunda curvatura, como que pedindo desculpas por passar à frente, depois olhou para o capitão.

— O que há com vocês? Estão cegos? Abram os portões!

Os olhos escuros do capitão iam de Zedd para Kahlan.

— Desculpem, mas ninguém entra. E seu nome é...?

Zedd ficou rubro. Richard com esforço, se manteve serio. A voz do mago soou baixa como o silvo de uma cobra.

— Está me dizendo, capitão, que disseram a você “se a Madre Confessora aparecer, não a deixe entrar”?

O capitão hesitou. — Bem...recebi ordens...eu não...

— Abra os portões imediatamente! — gritou Zedd, os punhos fechados aos lados do corpo. — E providencie uma escolta!

O capitão quase saltou de dentro da armadura. Gritou ordens e os homens obedeceram apressadamente. Os portões se abriram. Cavaleiros apareceram e entraram em forma na frente de Kahlan, com suas flâmulas. Outros entraram em forma atrás dela. Soldados da infantaria chegaram correndo e posicionaram-se ao lado dela, mas não muito perto.

Richard viu o mundo de Kahlan pela primeira vez, o mundo solitário da Confessora. No que seu coração tinha se metido? Dolorosamente, ele sentiu o quanto ela precisava de um amigo.

— Você chama isso de escolta? — rugiu Zedd. — Bem tem que servir. — Voltou-se para Kahlan com uma curvatura. — Peço desculpas, Madre Confessora, pela insolência desse homem e por seu fraco esforço de providenciar uma escolta.

Kahlan olhou para Zedd e inclinou levemente a cabeça.

Mesmo sabendo que não tinha o direito, ver Kahlan com aquele vestido fazia Richard transpirar de desejo.

Discretamente, os soldados olhavam para Kahlan esperando: quando ela recomeçou a andar, andaram com ela. A poeira se ergueu em volta dos cavalos quando passaram pelos portões.

Zedd voltou para o lado de Richard quando a procissão começou a se mover e inclinou-se para o capitão.

— Agradeça o fato de a Madre Confessora não saber seu nome capitão! — ele disse, furioso.

Richard sorriu quando o capitão relaxou, aliviado. Ele queria dar a eles motivos para se preocuparem, mas nunca pensou que fosse dar tão certo.

Havia tanta ordem dentro da cidade quanto havia desordem lá fora. Lojas com as mercadorias expostas nas vitrines alinhavam-se ao lado das calçadas pavimentadas que saiam da fortaleza do castelo. As ruas não tinham a poeira nem os cheiros do lado de fora. Estalagens pareciam melhores do que todas as que já tinha visto e nas em que tinha estado. Algumas tinham porteiros com uniformes vermelhos e luvas brancas. Belas tabuletas pendiam sobre as portas: Estalagem Jardim Prateado, Estalagem Collins, O Garanhão Branco e Casa da Carruagem.

Homens com casacos de cores vivas, acompanhando senhoras de vestidos elegantes, moviam-se com graça tranqüila. Uma coisa não era diferente do povo do lado de fora: é que eles também se curvavam profundamente quando a Madre Confessora se aproximava. Alertados pelas patas dos cavalos na pedra, quando viam Kahlan, abriam caminho e se curvavam, embora não tão rapidamente. Não havia convicção na deferência, nenhuma sinceridade no gesto de submissão. Nos seus olhos, notava-se leve sugestão de desprezo. Kahlan os ignorou. O povo dentro da cidade também notava mais a espada. Richard via os homens olhando para ela e as mulheres coravam com desdém.

Os cabelos das mulheres eram curtos, mas, ocasionalmente, os de algumas chegavam aos ombros. Nunca além disso. Desse modo, Kahlan se destacava ainda mais com seu cabelo cascadeando quase

até o meio das costas. O de mulher alguma sequer chegava perto. Richard ficou satisfeito por não ter cortado o cabelo dela.

Um dos cavaleiros recebeu ordens e saiu das fileiras galopando para o castelo, para anunciar a chegada da Madre Confessora. Kahlan estava calma e inexpressiva, como Richard estava acostumado a ver. A expressão da Madre Confessora.

Antes de chegarem aos portões do castelo, trombetas anunciaram a chegada da Madre Confessora. O topo dos muros estava repleto de soldados: lanceiros, arqueiros e espadachins. Todos enfileirados, curvavam-se quando Kahlan se aproximava e ficavam assim até ela passar pelos portões que se abriam. Dentro dos portões, soldados em atenção enfileiravam-se nos dois lados da rua e se curvaram em uníssono quando Kahlan passou.

Algumas varandas tinham floreiras dos dois lados, com folhagens e folhas que certamente eram levadas diariamente das estufas. Grandes áreas planas exibiam cercas vivas.

De desenhos complicados, até com labirintos. Mais perto dos muros do castelo, as cercas vivas eram maiores, cortadas como objetos ou animais. Estendia-se para os lados até onde a vista podia alcançar.

Os muros do castelo erguiam-se acima deles. O complicado trabalho na pedra encantou Richard. Nunca tinha estado tão perto de qualquer coisa daquele tamanho feita pelo homem. O palácio de Shota era grande, mas não tanto e ele não chegara perto dele. Torres grandes e pequenas, muros e rampas, balcões e nichos se erguiam para o ar acima deles. Admirou-se ao lembrar o que Kahlan tinha dito: que era um reino insignificante e imaginou o que seriam os castelos de reinos mais importantes.

A cavalaria os tinha deixado no baluarte e, quando entraram no castelo, os homens da infantaria, seis na frente com espaço para mais seis de cada lado, entraram marchando pelas enormes portas duplas revestidas de bronze e abriram as fileiras, dando passagem aos três, Kahlan a frente.

Na sala imensa. Um oceano cintilante de azulejos brancos e pretos estendia-se a perder de vista. Colunas de pedra polida tão grandes que precisariam de dez pessoas de mãos dadas para

circundar, caneladas, com espirais gravadas, erguiam-se de cada lado, encimadas por arcos na borda do teto abobadado com nervuras gravadas. Richard se sentiu pequeno como um inseto.

Enormes tapeçarias mostrando cenas heróicas de batalhas pendiam das paredes. Richard já tinha visto tapeçarias. Seu irmão tinha duas. Richard gostava delas e sempre pensou que eram uma grande extravagância. Mas as tapeçarias de Michael estavam para as do castelo como um desenho feito na terra com um graveto está para um quadro a óleo. Ele nem sabia que coisas tão majestosas existiam.

Zedd se inclinou para ele e murmurou. — Ponha os olhos de volta nas órbitas e feche a boca.

Magoado, Richard fechou a boca e olhou para frente. Inclinou-se para Zedd e perguntou em voz baixa: — É este o tipo de palácio a que ela está acostumada?

— Não. A Madre Confessora está acostumada a coisa muito melhor.

Richard ficou atônito.

Na frente ficava a escadaria. Richard calculou que sua casa caberia, e ainda sobraria espaço, na parte central. De cada lado, corrimões de mármore esculpido. Entre eles e a escadaria, um grupo de pessoas esperava.

Na frente deles, estava a rainha Milena, mulher grande, gorda, vestida com camadas de seda de cores berrantes. Usava uma capa guarnecida com pele rara de raposa pintada. Seu cabelo era quase tão longo quanto o de Kahlan. A princípio Richard não distinguiu o que ela carregava, mas então ouviu um latido e ficou sabendo que era um cachorrinho.

Quando se aproximaram, todos, exceto a rainha, dobraram um joelho, numa profunda reverência. Quando eles se inclinaram, Richard olhou diretamente para a rainha Milena. Nunca vira uma rainha antes. Zedd chutou-lhe a perna. Richard dobrou o joelho e, seguindo o exemplo de Zedd, abaixou a cabeça. As duas únicas pessoas que não se ajoelharam nem abaixaram a cabeça foram Kahlan e a rainha.

Mal ele se ajoelhou, todo mundo se levantou e Richard foi o último. Ele deduziu que as duas mulheres não precisavam fazer reverência uma para a outra.

A rainha olhou para Kahlan que, com a cabeça erguida, não perdeu a calma e sequer olhou para a rainha. Ninguém disse nada.

Kahlan levantou um pouco a mão, a poucos centímetros do corpo, sem dobrar o braço. A expressão da rainha se anuviou. A de Kahlan continuou a mesma. Richard imaginou que, se alguém piscasse, ele ouviria. A rainha se virou um pouco para o lado e entregou o cachorrinho a um homem de roupa verde vivo, manga doublet, camisa justa negra e pantalonas listradas de vermelho e amarelo. Havia um grupo de homens atrás da rainha vestidos do mesmo modo. O cachorro rosnou ameaçadoramente e mordeu a mão do homem. Ele fez o possível para não notar.

A rainha dobrou os dois joelhos à frente de Kahlan.

Um jovem vestido de negro imediatamente se pôs ao lado da rainha, segurando uma bandeja. Abaixou a cabeça quase até o chão e estendeu a bandeja para a rainha. Ela apanhou uma pequena toalha, mergulhou na água de uma vasilha e passou nos lábios. Devolveu a toalha à bandeja.

A rainha segurou de leve a mão da Madre Confessora e a beijou com os lábios limpos.

— Fidelidade jurada a Confessora por minha coroa, minha terra, minha vida.

Richard nunca tinha ouvido alguém mentir tão suavemente.

Finalmente Kahlan moveu os olhos. Olhou para baixo, para a cabeça inclinada da rainha.

— Levante-se, minha filha.

Sem dúvida mais do que uma rainha, pensou Richard. Lembrou quando ensinou Kahlan a fazer uma armadilha, ler os rastros, desenterrar raízes e corou.

A rainha Milena se levantou com dificuldade. Seus lábios sorriam. Os olhos não.

— Não pedimos uma Confessora.

— Mesmo assim, estou aqui — A voz de Kahlan dava para congelar a água.

— Sim, bem, isso é...ótimo. Simplesmente...ótimo — seu rosto se iluminou. — Teremos um banquete. Sim, um banquete. Mandarei mensageiros com convites imediatamente. Todos virão. Tenho certeza que terão o maior prazer em jantar com a Madre Confessora. É uma grande honra. — Virou-se, indicando os homens com pantalonas vermelhas. — Esses são meus advogados. — Os homens se inclinaram. — Não lembro os nomes de todos eles. — Estendeu a mão para dois homens com mantos dourados. — E esses são Silas Tannic e Brandin Gadding, os principais conselheiros da coroa. — Os dois inclinaram a cabeça levemente. — E meu ministro das Finanças, Lord Rondel, e minha estrela guia Lady Kyley. — Richard não viu mago algum com manto prateado no séquio da rainha. A rainha acenou para um homem vestido simplesmente, lá atrás. — E James, meu artista da corte.

Com o canto dos olhos, Richard viu Zedd ficar rígido. James se curvou de leve, com os olhos concupiscentes em Kahlan. O sorriso meloso do artista fez Richard levar instintivamente a mão ao punho da espada, antes de perceber o que fazia. Sem olhar para ele, Zedd segurou seu punho e tirou a mão da espada. Richard olhou em volta, para ver se alguém havia notado. Ninguém viu. Todos olhavam para a Madre Confessora.

Kahlan se voltou para os dois.

— Zeddicus Zorander, interprete das nuvens, conselheiro de confiança da Madre Confessora. — Zedd se curvou dramaticamente. — E Richard Cypher, Seeker, protetor da Madre Confessora. — Imediatamente Richard imitou a curvatura de Zedd.

A rainha olhou para ele e ergueu uma sobrancelha, duvidosa.

— Uma patética proteção para a Madre Confessora.

A expressão de Richard não mudou; Kahlan continuou serena.

— É a espada que corta. O homem não é importante. Seu cérebro pode ser pequeno, mas seus braços não são. Mas ele tende a usar a espada com muita frequência.

A rainha pareceu não acreditar. Atrás do grupo real, uma menina desceu a escada. Usava um vestido rosa de cetim e jóias grandes demais para ela. Foi para o lado da rainha, jogando o cabelo longo para trás do ombro. Não se curvou.

— Minha filha, princesa Violeta. Querida, esta é a Madre Confessora.

A princesa Violeta olhou carrancuda para Kahlan.

— Seu cabelo é comprido demais. Talvez possamos cortar.

Richard percebeu o leve traço de satisfação no rosto da rainha. Decidiu que estava na hora de elevar o nível de preocupação dela.

A Espada da Verdade saiu da bainha, enchendo a sala com um tilintar único, a pedra ampliando o som. Com a ponta da espada a um centímetro do nariz da princesa Violeta, ele deixou que a raiva tomasse conta dele, para que suas palavras soassem com maior dramaticidade.

— Curve-se para a Madre Confessora — sibilou ele — ou morrerá.

Zedd pareceu entediado. Kahlan esperou calmamente. Ninguém tinha os olhos tão arregalados quanto a princesa, olhando para a ponta da espada. Caiu de joelhos e inclinou a cabeça. Levantou-se e olhou para Richard, como que perguntando se tinha feito direito.

— Tenha cuidado com essa língua — disse Richard com desprezo. — Da próxima vez eu a separo de você.

A princesa Violeta inclinou a cabeça afirmativamente, deu a volta na mãe e ficou longe dela. Richard embainhou a espada, se virou, fez uma profunda curvatura para Kahlan, que não olhou para ele, e voltou a ficar atrás dela.

A demonstração teve o efeito desejado na rainha e a voz dela ficou mais clara e animada.

— Sim, bem, como estava dizendo, é ótimo ter a senhora aqui. Nós todos estamos simplesmente encantados. Deixem que lhe mostrem nosso melhor quarto. Deve estar cansada da viagem. Talvez queira descansar antes do jantar e então depois podemos ter uma longa...

— Não estou aqui para comer — Kahlan a interrompeu. — Estou aqui para inspecionar sua masmorra.

— Masmorra? — ela fez uma careta — É sujo lá embaixo. Tem certeza de que não prefere...

Kahlan parou de andar.

— Conheço o caminho. — Richard e Zedd se puseram atrás dela. Kahlan parou outra vez e olhou para a rainha. — Você espere aqui — sua voz estava gelada — até eu terminar. — Quando a rainha começou a se inclinar, assentindo, Kahlan se virou com um farfalhar do vestido e continuou a andar.

Se Richard não a conhecesse tão bem, todo o encontro o teria deixado morto de medo. Para dizer a verdade, ele não tinha certeza de que não era exatamente como se sentia.

Kahlan desceu uma escada e atravessou salas cada vez menos grandiosas à medida que desciam. Richard estava atônito com o tamanho do castelo.

— Eu esperava que Giller estivesse lá — disse Kahlan. — Então não precisaríamos fazer isto.

— Eu também — resmungou Zedd. — Você faz uma inspeção rápida, pergunta se alguém quer se confessar e, quando eles disserem que não, voltamos lá para cima e perguntamos por Giller. — Ele sorriu. — Você se saiu muito bem até agora, minha cara. — Ela sorriu para os dois. — E Richard. — preveniu ele —, fique longe daquele artista James.

— Por quê? Ele pode fazer um desenho horrível de mim?

— Tire esse sorriso dos lábios. Fique longe porque ele pode enfeitiçar você com um desenho.

— Um feitiço? Por que é preciso um artista para fazer um feitiço?

— O caso é que há muitas linguagens diferentes em Midlands, embora a mais usada seja a mesma de Westland. Para ser enfeitiçado, você tem de compreender o feitiço. Se não conhecer a língua, não pode enfeitiçar alguém. Mas todo mundo compreende um desenho. Ele pode fazer um feitiço para qualquer pessoa, não para Kahlan ou para mim, mas para você, sim. Fique longe dele.

Seus passos ecoavam nos degraus de pedra. Nas paredes muito abaixo do nível do solo a água escorria, e em alguns lugares estavam cobertas de limo.

Kahlan indicou uma porta pesada.

— Por ali.

Richard puxou o anel e abriu a porta. As dobradiças rangeram. Archotes iluminavam um corredor estreito de pedra com o teto tão baixo que ele precisou ter cuidado para não bater a cabeça. O chão era coberto de palha e cheirava a decomposição. Quase no final, Kahlan diminuiu o passo e se aproximou de uma porta de ferro com uma portinhola. Olhos espiaram para fora quando ela parou.

Zedd passou à frente dela.

— A Madre Confessora está aqui para ver os prisioneiros — rosnou ele — Abra a porta.

Richard ouviu o eco de uma chave girando na fechadura. Um homem atarracado com um uniforme imundo puxou a porta para dentro. Um machado pendia de seu cinto, ao lado das chaves. Ele se curvou para Kahlan, aparentemente contrafeito. Sem uma palavra, ele os levou para uma pequena sala perto da porta, onde viram que o guarda estava comendo sentado a uma mesa quando chegaram, e por outro corredor escuro até outra porta de ferro. Bateu na porta com o punho fechado. Os dois guardas do outro lado se curvaram, surpresos. Os três guardas apanharam archotes da parede e os levaram por um corredor curto a uma terceira porta de ferro que obrigou todos a abaixarem a cabeça para passar por ela.

Luz bruxuleante de archotes cortava a escuridão. Atrás de barras de ferro paralelas de cada lado, homens se encostavam nos cantos, protegendo os olhos da claridade. Kahlan disse o nome de Zedd em voz baixa, indicando que ela queria alguma coisa. Zedd aparentemente compreendeu, tirou um archote da mão de um dos guardas e o segurou na frente de Kahlan para que todos os homens nas celas pudessem vê-la.

Os homens a reconheceram, com exclamações abafadas.

Kahlan se dirigiu a um dos guardas.

— Quantos destes homens estão condenados à morte?

Ele passou a mão redonda na barba por fazer.

— Ora, todos.

— Todos — repetiu ela.

— Crimes contra a coroa — disse o guarda.

Kahlan olhou para os prisioneiros.

— Todos vocês cometeram ofensas capitais?

Depois de um momento de silêncio, um homem emaciado se aproximou, segurou as barras de ferro e cuspiu em Kahlan. Ela ergueu a mão para deter Richard antes que ele tivesse tempo de se mexer.

— Veio fazer o trabalho sujo da rainha, Confessora? Eu cuspo em você e na sua rainha imunda.

— Não estou aqui pela rainha. Estou aqui pela verdade.

— A verdade! A verdade é que nenhum de nós fez nada! A não ser talvez falar contra as novas leis. E desde quando reclamar que sua família está morrendo de fome ou morrendo congelada é um crime capital? Os coletores de impostos tomaram toda a minha colheita, mal deixando alguma coisa para alimentar minha família. Quando vendi o pouco de que podia me desfazer, disseram que eu estava explorando o povo. Os preços de tudo sobem cada vez mais. Não estou fazendo nada além de sobreviver. Sim, vou ser executado por trapacear nos preços. Todos estes homens são fazendeiros inocentes, negociantes ou comerciantes. Nós todos vamos morrer por tentar ganhar a vida com nosso trabalho.

Kahlan olhou para outro homem no canto.

— Algum de vocês quer se confessar para provar sua inocência?

Eles confabularam em voz baixa. Um homem emaciado se levantou no escuro e foi até as grades. Olhou para eles com olhar assustado.

— Eu quero. Não fiz nada e mesmo assim vou ser decapitado, deixando uma mulher e os filhos sozinhos. Estou disposto a confessar. — Enfiou um braço entre duas grades, procurando alcançá-la. — Por favor, Madre Confessora, ouça a minha confissão.

Outros homens se levantaram e foram até as grades, todos pedindo para se confessar. Kahlan e Zedd trocaram um olhar.

— Em toda a minha vida só encontrei três homens dispostos a se confessar. — murmurou ela para o mago.

— Kahlan? — A voz familiar veio da cela escura, no outro lado do corredor.

Kahlan segurou as barras com os dedos abertos.

— Siddin? Siddin! — Ela se voltou rapidamente para os guardas. — Todos esses homens se confessaram à Madre Confessora. São todos inocentes. Abra as portas!

Richard desceu a espada num arco entre grades. Lascas de aço quente e fagulhas encheram o ar. Ele se virou e, com o pé, fechou a porta na frente dos guardas anônimos.

— Abra as portas ou corto você pelo meio e tiro as chaves do seu cinto.

O guarda com as chaves obedeceu, tremendo. A porta se abriu, Kahlan entrou e foi até o fundo, no escuro. Voltou carregando nos braços Siddin muito assustado, segurando a cabeça dele sobre o ombro. Kahlan murmurava no ouvido dele, acalmado-o. Siddin respondeu na língua do Povo da Lama, Kahlan sorriu e disse coisas que o fizeram sorrir também. Quando ela saiu, o guarda abriu a outra cela. Segurando Siddin com um braço com a mão livre, Kahlan segurou o guarda pelo colarinho da camisa.

— A Madre Confessora declara todos esses homens inocentes. — Sua voz era dura como o ferro que os rodeava. — Devem ser soltos por minha ordem. Vocês três os escoltarão para fora da cidade. — O guarda era uma cabeça mais baixo do que ela. Kahlan puxou o rosto dele para perto do seu. — Se alguma coisa sair errada, vocês se verão comigo.

O guarda balançou a cabeça, assentindo vigorosamente.

— Sim, Madre Confessora, eu compreendo. Suas ordens serão cumpridas. Dou minha palavra.

— Ou dará sua vida — disse ela.

Soltou o colarinho do guarda. Os prisioneiros saíram das celas e caíram de joelhos em volta dela chorando, segurando e beijando a bainha do seu vestido. Kahlan se afastou.

— Chega disso. Vão embora todos vocês. Apenas não esqueçam. Confessoras não servem a ninguém. Só servem à verdade.

Todos juraram que não esqueceriam e saíram com os guardas. Richard viu que a maior parte das camisas dos homens estava rasgada ou com manchas de sangue seco, as costas cobertas de marcas de chibatadas.

Antes de entrar na sala onde a rainha esperava, Kahlan parou e pôs Siddin nos braços de Zedd. Ajeitou o cabelo, alisou o vestido e compôs o rosto, respirando profundamente.

— Lembre por que estamos aqui, Madre Confessora — disse o mago.

Kahlan assentiu com um gesto, ergueu a cabeça e entrou na sala. A rainha Milena esperava onde eles a tinham deixado, acompanhada de seus cortesãos. Ela olhou impaciente e carrancuda para Siddin.

— Espero que tenha encontrado tudo em ordem, Madre Confessora.

Kahlan continuou calma, mas sua voz severa.

— Por que esta criança está na sua masmorra?

A rainha ergueu as mãos abertas.

— Bem, não tenho certeza. Lembro que foi apanhado roubando e foi levado para lá até que seus pais possam ser encontrados, isso é tudo. Posso garantir que não foi mais do que isso.

Kahlan olhou friamente para ela.

— Todos os prisioneiros são inocentes e por isso mandei soltá-los. Tenho certeza de que fica satisfeita por eu ter evitado que executasse homens inocentes e que vai providenciar para que suas famílias sejam compensadas pelos problemas que esse “erro” causou. Se um “erro” como esse se repetir, da próxima vez não esvaziarei apenas sua prisão, mas seu trono também.

Richard sabia que Kahlan não estava representando para conseguir a caixa, mas fazendo seu trabalho. Por isso os magos tinham criado as Confessoras. Era o que ela era realmente, a Madre Confessora.

A rainha arregalou os olhos.

— Ora... sim. É claro. Tenho alguns comandantes do exército muito ambiciosos e eles devem ter feito isso. Eu não tinha conhecimento. Obrigada por nos salvar de cometer um grande erro. Vou tratar disso imediatamente, como deseja. O que, é claro, não é menos do que eu mesma teria feito se tivesse...

Kahlan a interrompeu.

— Nós vamos agora.

O rosto da rainha se iluminou.

— Já? Ora, que pena! Nós todos esperávamos ansiosamente ter a honra da sua presença no jantar. Sinto muito que tenha de ir.

— Tenho outros negócios prementes para tratar. Antes de ir, quero falar com meu mago.

— Seu mago?

— Giller — sibilou Kahlan.

Por um breve momento, a rainha olhou para o teto.

— Bem, isso não será possível.

Kahlan se inclinou para ela.

— Faça ser possível. Imediatamente.

Toda a cor desapareceu do rosto da rainha.

— Por favor acredite, Madre Confessora, não vai querer ver Giller na condição em que ele está.

— Imediatamente — repetiu Kahlan.

Richard tirou a espada da bainha o bastante para chamar a atenção dela.

— Muito bem. Ele está... lá em cima.

— Você espere aqui até eu terminar de falar com ele.

A rainha olhou para o chão.

— É claro, Madre Confessora. — Voltou-se para um dos homens de pantalonas. — Mostre o caminho.

O homem os levou pela escadaria até o ultimo andar e por vários salões, depois por uma escada de pedra em espiral ao quarto mais alto de uma torre, parando finalmente com um olhar temeroso para uma porta de madeira no patamar. Kahlan o dispensou. Ele se curvou, feliz por ir embora. Richard abriu a porta, que fechou depois que entraram.

Com uma exclamação abafada, Kahlan escondeu o rosto no ombro de Richard. Zedd virou o rosto de Siddin.

O cômodo estava completamente destruído. O teto tinha desaparecido como levado por uma explosão, deixando entrar a luz do sol e o céu. Poucas vigas aparentes restavam. Uma corda pendia de uma delas.

O corpo nu de Giller balançava lentamente, de cabeça para baixo, pendurado na corda, um gancho de açougueiro enfiado no tornozelo. Se não fosse pelo teto aberto, o fedor os teria feito sair do quarto.

Zedd entrou Siddin a Kahlan e, ignorando o corpo, começou a andar vagorosamente em volta do quarto circular, com ar pensativo. Parou e tocou lascas móveis enfiadas na parede, como se a pedra fosse feita de manteiga.

Richard olhava paralisado para o corpo de Giller.

— Richard, venha ver uma coisa — chamou Zedd.

O mago estendeu o braço e passou um dedo numa área negra na parede. Na verdade, havia duas áreas negras. Uma ao lado da outra, duas manchas escuras, com o formato de duas pessoas em posição de sentido, que tivessem ido embora, deixando sua sombra. Logo acima de cada cotovelo, em lugar da cor preta, havia uma faixa de metal cor de ouro derretido na pedra da parede.

Zedd ergueu uma sobrancelha.

— Fogo de mago.

Richard disse, incrédulo: — Quer dizer que isso eram homens?

Zedd balançou a cabeça afirmativamente.

— Embutidos na parede pelo fogo — experimentou a mancha negra na ponta do dedo e sorriu. — Mas isso foi mais do que o fogo do mago. — Richard olhou para ele, intrigado. Zedd apontou para a mancha negra na parede. — Experimente.

— Por quê?

Zedd roçou a cabeça de Richard com a mão fechada.

— Para aprender alguma coisa.

Com uma careta, Richard passou o dedo na fuligem negra, como Zedd tinha feito.

— É doce!

Zedd sorriu, satisfeito.

— Isto é mais do que fogo de mago. Giller deu sua vida e sua energia a ele. Deu sua vida ao fogo. Isso foi um fogo de vida do mago.

— Ele morreu fazendo o fogo do mago?

— Sim. E tem gosto doce. Isso significa que deu a vida para salvar outra. Se tivesse feito só por ele mesmo, para se livrar da tortura, seria amargo. Giller fez isso por outra pessoa.

Zedd ficou à frente do corpo de Giller, enxotando as moscas, virando a cabeça para ver melhor. Com um dedo, empurrou a corda de esparto para ver o rosto de Giller. Endireitou o corpo.

— Ele deixou uma mensagem.

— Uma mensagem? — perguntou Kahlan. — Qual?

— Há um sorriso nos lábios dele. Um sorriso, imobilizado pela morte, significa, para quem entende dessas coisas, que ele não entregou o que eles queriam. — Richard se aproximou quando Zedd apontou para o corte na barriga. — Está vendo esse corte? É feito pelos que praticam a magia chamada antropomancia, adivinhação das respostas, inspirada nas entranhas. Darken Rahl faz seu corte muito parecido com o de seu pai.

— Tem certeza de que foi Darken Rahl? — perguntou Kahlan. Zedd deu de ombros.

— Quem mais? Darken Rahl é o único que ficaria ileso quando atacado pelo Fogo da Vida do Mago. Além disso, o corte é sua assinatura. Veja isto. Está vendo o fim da abertura? Vê como começa a voltar?

Kahlan virou o rosto.

— O que tem isso?

— Isso é o gancho. Pelo menos deve ser. Ele vira para trás num corte curvo. Enquanto são ditas encantações, o gancho é cortado, unindo quem pergunta a quem está sendo interrogado. O gancho os obriga a dar a resposta certa às perguntas. Mas, está vendo isto? O gancho começou, mas não acabou — disse Zedd, com um sorriso tristonho. — Foi quando Giller deu sua vida para o fogo. Ele esperou que Rahl estivesse quase terminando e então, no último momento, negou-lhe o que Rahl procurava. Provavelmente o nome de quem está com a caixa. Sem vida, então, suas entranhas não podiam dizer nada a Rahl.

— Nunca pensei que Giller fosse capaz de um ato tão altruísta — murmurou Kahlan.

— Zedd — perguntou Richard —, como Giller pôde fazer isso, com a dor do que estavam fazendo com ele, e conseguiu manter um sorriso?

O olhar de Zedd fez Richard sentir um frio na espinha.

— Os magos devem saber tudo sobre a dor. Na verdade, devem conhecê-la muito bem. Para poupar você dessa lição, aceitei alegremente sua escolha de não ser mago. E uma lição à qual poucos sobrevivem.

Richard imaginou as coisas misteriosas e secretas que Zedd devia saber e jamais compartilhara com ele.

Zedd pôs a mão carinhosamente no rosto de Giller.

— Você fez muito bem, meu aluno. Honra no fim.

— Aposto que Rahl ficou furioso — disse Richard. — Zedd, acho melhor sairmos daqui. Está me parecendo muito uma isca no anzol.

Zedd concordou.

— Seja onde for que a caixa está, não é aqui. Pelo menos Rahl não a encontrou ainda. — Estendeu as mãos. — Dê-me o menino. Precisamos sair como entramos. Não queremos dizer a eles por que viemos.

Zedd murmurou alguma coisa no ouvido de Siddin e o menino riu, abraçando o pescoço do mago.

A rainha Milena ainda estava pálida, torcendo o canto da capa, quando Kahlan caminhou calma e com passo firme para ela.

— Obrigada pela hospitalidade — disse Kahlan. — Nós vamos agora.

A rainha abaixou e levantou a cabeça.

— É sempre um prazer ver a Madre Confessora. — A curiosidade superou o medo —

— E... Giller?

Kahlan olhou friamente para ela.

— Sinto que você tenha passado à minha frente. Eu só queria ter o prazer de fazer aquilo ou, pelo menos, testemunhar. Mas o que importa é o resultado. Foi uma divergência, imagino?

A cor voltou ao rosto da rainha.

— Ele roubou uma coisa que me pertencia.

— Compreendo. Bem, espero que a consiga de volta. Um bom dia. — Começou a se mover e parou, — Rainha Milena, eu voltarei para verificar, portanto, não deixe de manter na linha seus comandantes muito ambiciosos e que eles não se enganem executando pessoas inocentes.

Richard e Zedd, este com Siddin no colo, saíram atrás de Kahlan.

Os pensamentos de Richard giravam loucamente enquanto seguia, inexpressivo, ao lado de Zedd, acompanhando Kahlan, no meio do povo que se curvava, para fora da cidade. O que iam fazer agora? Shota tinha avisado que a rainha não teria a caixa por muito tempo e estava certa. Onde poderia estar agora? Certamente não podia voltar e perguntar a Shota. Para quem Giller teria dado a caixa? Como iam descobrir? Sentia-se desesperadamente deprimido, com vontade de desistir. Via, pelos ombros caídos de Kahlan, que ela sentia a mesma coisa. O único que falava era Siddin e Richard não entendia a língua dele.

— O que ele está dizendo? — perguntou ele a Zedd.

— Que foi muito corajoso, como Kahlan tinha dito que devia ser, mas está satisfeito por Richard, o Esquentado, ter vindo também para levá-lo para casa.

— Acho que sei o que ele está sentindo. Zedd, o que vamos fazer agora?

Zedd olhou intrigado para ele.

— Como vou saber? Você é o Seeker.

Ótimo. Ele tinha feito o melhor possível e ainda não tinha a caixa, mas esperavam que de algum modo a encontrasse. Sentia como se tivesse batido com a cabeça numa parede que não sabia que estava lá. Continuaram a andar, mas Richard não sabia para onde deviam ir agora.

O sol poente era dourado entre nuvens douradas. Richard teve a impressão de ver algo ao longe. Foi ficar ao lado de Kahlan. Ela também estava vendo. Todos tinham desaparecido da estrada com o cair da noite.

Demorou para, finalmente, Richard saber o que era. Quatro cavalos galopando na direção deles. Só um tinha cavaleiro.

CAPÍTULO 40



Por segurança, Richard segurou o punho da espada, enquanto via os quatro cavalos levantando uma nuvem de pó dourada à luz do sol poente. Logo ouviu o som das patas dos cavalos. O cavaleiro solitário se inclinou na cela, incitando o animal a ir mais depressa. Richard puxou a espada da bainha, para verificar se estava solta, depois a empurrou para dentro outra vez. Quando o cavaleiro vestido de preto se aproximou, Richard achou que havia nele algo familiar.

— Chase!

O guarda da fronteira parou com os cavalos na frente deles, quase derrapando. Ele olh para a poeira que se ergueu no ar.

— Vocês todos parecem que estão bem.

— Chase! É muito bom ver você — sorriu Richard. — Como nos encontrou?

Chase ficou insultado.

— Sou guarda da fronteira. — Achou que essa explicação bastava. — Encontraram o que procuravam?

— Não — admitiu Richard com um suspiro.

Viu braços pequeninos abraçando a cintura de Chase. Um rostinho miúdo apareceu ao lado da capa preta.

— Rachel? É você?

Ela mostrou mais o rosto, com um largo sorriso.

— Richard! Estou tão feliz por ver você outra vez. Chase não é maravilhoso? Lutou contra um gar e me salvou de ser devorada.

— Não lutei contra ele — resmungou Chase. — Só atravessei a cabeça dele com uma flecha, nada mais.

— Mas teria lutado. Você é o homem mais corajoso que já vi. Franzindo a testa, embaraçado, Chase revirou os olhos para cima.

— Ela não é a menina mais feia que já viram? — Virou-se para trás e olhou para ela. — Não posso acreditar que mesmo um garquisesse comer você.

Rachel riu e apertou a cintura dele.

— Veja, Richard. — Estendeu a perna mostrando o sapato. — Chase caçou um gamo. Ele disse que foi um erro, porque era muito pesado, por isso trocou com um homem, mas tudo que o homem tinha para trocar eram estes sapatos e a capa. Não são maravilhosos? E Chase diz que posso ficar com eles.

Richard sorriu para ela.

— Sim, isso é mesmo maravilhoso. — Viu a boneca de Rache e o embrulho com o pão entre ela e Chase. Notou também que ela olhava para Síddin como se o tivesse visto antes.

Kahlan pôs a mão na perna de Rachel.

— Por que você fugiu? Ficamos preocupados.

Rachel se encolheu com o toque da mão de Kahlan. Apertando mais a cintura de Chase com uma das mãos, pôs a outra no bolso. Não respondeu à pergunta de Kahlan, mas olhou para Síddin.

— Por que estão com ele?

— Kahlan o salvou — disse Richard. — A rainha o tinha trancado na masmorra. Não é lugar para uma criança, então nós o tiramos de lá.

Rachel olhou para Kahlan.

— A rainha não ficou zangada?

— Não permito que ninguém faça mal a crianças — disse Kahlan. — Nem mesmo uma rainha.

— Muito bem, não fiquem aí parados. Eu trouxe cavalos para vocês. Montem.

Calculei que os encontraria hoje. Tenho um javali cozinhando no lugar em que ficaram a noite passada, deste lado do Callisidrin.

Com uma das mãos na sela e a outra segurando Siddin, Zedd saltou para montar.

— Javali! Que tipo de tolo é você? Deixar um javali cozinhando sem ninguém para proteger. Alguém pode passar e roubar seu javali!

— Por que pensa que estou com pressa? O lugar está cheio de pegadas de lobo, embora eu duvide que eles cheguem perto do fogo.

— Não se atreva a machucar aquele lobo — disse Zedd. — Ele é amigo da Madre Confessora.

Chase olhou para Kahlan, depois para Richard, antes de virar o cavalo e levá-los para o sol poente. Richard se animou com a presença de Chase. Ele sentia outra vez que tudo era possível. Depois de montar, Kahlan pegou Siddin e os dois seguiram, conversando e rindo enquanto cavalgavam.

No acampamento, Zedd não perdeu tempo, foi ver o javali e disse que estava pronto para comer. Ajeitou o manto e se sentou, esperando, com um sorriso no rosto enrugado, que alguém com uma faca trinchasse o jantar. Siddin, com um largo sorriso, inclinou-se para Kahlan quando ela se sentou. Richard e Chase começaram a trincar o javali. Rachel se sentou perto de Chase, olhando para ele, de vez em quando para Kahlan, com a boneca no colo e o pão embrulhado no pano, ao seu lado.

Richard cortou um pedaço grande de carne para Zedd.

— Então, o que aconteceu com meu irmão?

Chase sorriu.

— Quando eu disse a ele o que você mandou, ele disse que, se você estava encrocado, ele ajudaria. Ele reuniu o exército e mandamos grande parte para as posições defensivas ao longo da fronteira, com os guardas da fronteira no comando. Depois que a fronteira desmoronou, ele se recusou a esperar. Conduzi mil dos seus melhores homens para Midlands. Estão todos aquartelados no Rang'Shada neste momento, esperando para ajudar você.

Richard, atônito, parou de cortar o javali.

— Foi mesmo? Meu irmão disse isso? Ele veio ajudar? E com um exército!

— Ele disse que, se você está metido nisso, ele também está.

Richard sentiu remorso por ter duvidado de Michael e ficou alegre porque o irmão deixou tudo para ajudá-lo.

— Ele não ficou zangado?

— Eu estava certo de que ficaria e isso me preocupava, mas ele só queria saber de você, quais os riscos que você corre e onde você está. Disse que o conhece bem e que, se você acha que é importante, então ele também acha. Ofereceu-se para vir comigo, mas eu não deixei. Ele está com seus homens, provavelmente esperando na sua barraca neste momento, andando de um lado para o outro. Tenho de dizer que eu também fiquei surpreso.

Richard estava maravilhado.

— Meu irmão com mil homens, em Midlands, para me ajudar.
— Olhou para Kahlan. — Não é maravilhoso? — Ela apenas sorriu.

Chase olhou para ele severamente enquanto cortava o javali.

— Em certo momento, pensei que você estava acabado, quando vi seu rastro indo para Agaden Reach.

Richard ergueu os olhos.

— Você foi a Agaden Reach?

— Eu pareço idiota? Não se chega a chefe dos guardas da fronteira sendo idiota. Comecei a pensar como ia dizer a Michael que você estava morto. Então encontrei seu rastro saindo de Agaden Reach. — Franziu a testa. — Como conseguiu sair vivo do Reach?

Richard disse, com um largo sorriso: — Acho que os bons espíritos... Rachel gritou.

Richard e Chase se viraram com as facas na mão. Antes que Chase tivesse tempo de usar a faca, Richard o deteve. Era Brophy.

— Rachel? É você mesmo?

Ela tirou o pé da boneca da boca e arregalou os olhos.

— Parece a voz de Brophy.

O lobo abanou a cauda.

— Isso é porque eu sou Brophy! — Ele trotou até ela.

— Brophy, como é que você virou lobo?

Ele se sentou à frente dela.

— Foi porque um mago bondoso me transformou em lobo. Era o que eu queria e ele me fez virar lobo.

— Giller transformou você num lobo? Richard prendeu a respiração.

— Isso mesmo. Tenho uma vida nova maravilhosa.

Rachel abraçou o pescoço do lobo e riu quando Brophy lambeu o rosto dela.

— Rachel — perguntou Richard —, você conhece Giller?

Rachel passou um braço cm volta do pescoço de Brophy.

—Giller é um bom homem. Ele me deu Sara, — Olhou temerosa para Kahlan. — Você quer fazer mal a ele. Você é amiga da rainha. Você é malvada. — Encostou em Brophy para proteção.

Brophy lambeu o rosto dela.

— Você está enganada, Rachel. Kahlan é minha amiga. É uma das melhores pessoas do mundo.

Kahlan sorriu e estendeu a mão para Rachel.

— Venha cá.

Rachel olhou para Brophy; o lobo fez sinal de que tudo estava bem. Ela foi até Kahlan, amuada. Kahlan segurou as mãos de Rachel entre as suas.

— Você me ouviu dizer uma coisa contra Giller, não foi? — Rachel fez que sim com a cabeça.

— Rachel, a rainha é malvada. Até hoje eu não sabia quanto. Antigamente Giller era meu amigo. Quando foi morar com a rainha, pensei que de também fosse malvado e estava do lado dela. Eu me enganei. Eu jamais faria mal a Giller, agora que sei que ele ainda é meu amigo.

Rachel olhou para Richard.

— Ela está dizendo a verdade. Estamos do mesmo lado de Giller.

Rachel se voltou para Brophy.

Ele também assentiu, balançando a cabeça.

— Você e Richard não são amigos da rainha?

Kahlan riu.

— Não. Por mim ela não seria rainha por muito tempo. Quanto a Richard, bem, ele desembainhou a espada e ameaçou matar a princesa. Não acho que isso faça dele um amigo da rainha.

Rachel arregalou os olhos.

— A princesa Violeta? Você fez isso a ela?

— Ela foi grosseira com Kahlan — respondeu Richard — e eu disse que, se ela fizesse aquilo outra vez, eu cortaria a língua dela.

Rachel ficou boquiaberta.

— Ela não mandou cortar sua cabeça?

— Não vamos deixar que elas cortem mais cabeças — disse Kahlan.

Rachel olhou para Kahlan com os olhos cheios de lágrimas.

— Pensei que você fosse malvada e ia fazer mal a Giller. Estou muito feliz por você não ser má. — Passou os braços em volta do pescoço de Kahlan, abraçando-a com força. Kahlan também a abraçou com força.

Chase perguntou a Richard: — Você ameaçou a princesa com a espada? Sabe que isso é um crime capital?

Richard olhou friamente para ele.

— Se eu tivesse tempo, teria posto a princesa nos meus joelhos e dado uma boa sova nela. — Rachel riu. Richard sorriu para ela. — Você conhece a princesa, não conhece?

O riso desapareceu.

— Sou sua companheira de brincadeiras. Eu morava num belo lugar com outras crianças, mas, depois que meu irmão morreu, a rainha apareceu e me levou para ser companheira da princesa.

Richard olhou para Brophy.

— Foi ele? — O lobo balançou a cabeça solenemente, assentindo. — Então você morou com a princesa. Foi ela que cortou seu cabelo daquele jeito, não foi? Ela batia em em você.

— Ela é má para as pessoas — disse Rachel. — Ela está começando a mandar cortar cabeças. Fiquei com medo que quisesse cortar a minha e fugi.

Richard olhou para o embrulho com o pão, ao lado dela.

— Giller a ajudou a fugir, não foi?

Rachel estava quase chorando.

— Giller me deu Sara. Ele queria fugir comigo. Mas então um homem malvado, Pai Rahl, chegou. Ele ficou muito zangado com Giller. Giller me disse para fugir e me esconder até o inverno, depois encontrar uma boa família para tomar conta de mim. — Uma lágrima desceu pelo rosto dela. — Sara me disse que ele não podia mais fugir comigo.

Richard olhou outra vez para o pão. Era do tamanho certo. Pôs as mãos nos ombros dela. — Rachel, Zedd, Kahlan, Chase e eu estamos lutando contra Darken Rahl para que ele não possa mais fazer mal a ninguém.

Ela olhou para Chase.

Chase assentiu, balançando a cabeça.

— Ele está dizendo a verdade, minha filha. Conte a verdade a ele também.

Richard apertou as mãos nos ombros dela.

— Rachel, Giller deu este pão para você? — Ela fez que sim com a cabeça.

— Rachel, nós íamos procurar Giller para apanhar uma caixa, uma caixa que nos ajudará a evitar que Darken Rahl continue a fazer mal às pessoas. Você a daria para nós? Ajudaria a deter Rahl?

Com os olhos cheios de lágrimas, Rachel olhou para Richard. Então, com um bravo sorriso pegou o pão e o deu a ele.

— Está dentro do pão. Giller a escondeu aí com magia.

Richard pegou Rachel, a abraçou com força, quase sufocando-a e a girou no ar até ela rir.

— Rachel, você é a menininha mais corajosa, mais esperta que conheci! — Quando a pôs no chão, ela correu para Chase e subiu para o colo dele. Chase passou a mão na cabeça dela e eles se abraçaram.

Richard segurou o pão com as duas mãos e o ofereceu a Kahlan. Ela sorriu e balançou a cabeça. Richard o ofereceu a Zedd.

— O Seeker o encontrou — disse Zedd. — O Seeker deve abrir.

Richard partiu o pão e lá estava a caixa de Orden, incrustada com pedras preciosas. Ele limpou as mãos nas pernas da calça e a ergueu a luz da fogueira. Sabia, pelo *Livro das Sombras Contadas*, que a caixa externa apenas servia de cobertura para a caixa verdadeira. Richard sabia pelo livro como abrir a caixa externa.

Pôs a caixa no colo de Kahlan. Quando ela olhou para Richard com o maior sorriso de já tinha visto, impulsivamente Richard se inclinou e beijou de leve os lábios dela. Kahlan arregalou os olhos e não retribuiu o beijo, mas a sensação de tocar os lábios dela com os seus o fez se dar conta do que acabava de fazer.

— Oh, desculpe — disse ele.

Kahlan riu.

— Está desculpado.

Richard abraçou Zedd, os dois rindo. Chase riu também, olhando para eles. Richard mal podia acreditar que um pouco antes quase tinha desistido, não sabia o que fazer, aonde ir ou como deter Rahl. E agora tinham a caixa.

Pôs a caixa sobre uma rocha, onde podia ser vista à luz do fogo, enquanto tinham o melhor jantar de que podiam se lembrar. Richard e Kahlan contaram a Chase alguma coisa do que lhes tinha acontecido. Richard riu quando Chase ficou perturbado ao saber que devia sua vida a Bill, em Southaven. Chase contou algumas das suas histórias sobre conduzir um exército de mil homens do outro lado do Rang'Shada. Gostava de contar histórias das tolices da burocracia no acampamento dos soldados.

Rachel se aninhou no colo de Chase enquanto comia e ele falava. Richard achou interessante ela ter escolhido o mais temível de todos eles. Quando ele finalmente terminou sua história, a menina olhou para ele e perguntou: — Chase, para onde devo ir para me esconder até o inverno?

Chase olhou para ela muito sério.

— Você é feia demais para ficar andando por aí. Um gar certamente vai comer você — Ela riu. — Eu tenho filhos, todos feios também. Você se encaixa direitinho entre eles. Acho que vou levá-la para morar em minha casa.

— Verdade, Chase? — perguntou Richard.

— Estive em casa muitas vezes e minha mulher sempre me presenteava com um novo filho. Acho que está na hora de mudar isso. — Olhou para Rachel, que se agarrava nele como se Chase fosse desaparecer de repente. — Mas tenho regras, você sabe. Você terá de seguir minhas regras.

— Eu farei qualquer coisa que você quiser, Chase.

— Muito bem, para começar, a primeira regra. Não permito que qualquer filho meu me chame de Chase. Se quiser ser um membro da família, tem de me chamar de pai. E seu cabelo é curto demais. Todos os meus filhos têm cabelos compridos e eu gosto. Terá de

deixar crescer um pouco o cabelo. E terá uma mãe. Deve obedecer a ela. E precisará brincar com seus novos irmãos e irmãs. Acha que pode fazer tudo isso?

Ela fez que sim com a cabeça, incapaz de falar, abraçada a ele, com lágrimas brilhando nos olhos.

Todos eles, entusiasmados, acabaram de comer. Até Zedd parecia satisfeito. Richard estava exausto e ao mesmo tempo cheio de energia, por ter finalmente conseguido a caixa. Tinham feito a parte mais difícil, encontrar a caixa antes de Rahl. Agora era só guardá-la longe dele até o inverno.

— Há semanas estamos nessa busca — disse Kahlan. — Falta um mês para o primeiro dia do inverno. Hoje de manhã parecia que mal tínhamos tempo para encontrar a caixa. Agora que a temos, um mês parece uma eternidade. O que vamos fazer nesse tempo?

Chase foi o primeiro a falar.

— Nós todos precisamos proteger a caixa e temos mil homens para nos protegerem. Quando estivermos outra vez no outro lado da fronteira, teremos mais do dobro.

Kahlan olhou para Zedd.

— Você acha prudente? Será fácil nos encontrarmos com mil homens? Não será melhor nos escondermos em algum lugar, separados?

Zedd passou a mão na barriga cheia.

— Podemos nos esconder melhor sozinhos mas também estaremos mais vulneráveis, se formos descobertos. Talvez Chase esteja certo. Haverá muita proteção numa força tão grande e, se for preciso, podemos deixá-los e nos esconder.

— Acho melhor sairmos cedo amanhã — disse Richard.

* * *

A luz do dia mal começava a aparecer e estavam todos montados seguindo para a estrada, Brophy acompanhando, de volta para a floresta, ou às vezes passando na frente do grupo para ver se tudo estava bem. Chase, cheio de armas, os conduzia, os cavalos a trote, com Rachel agarrada à sua cintura. Kahlan outra vez com a

roupa de andar na floresta, com Siddin no colo, cavalgava ao lado de Zedd. Richard insistiu em que a caixa ficasse com Zedd. Estava embrulhada com o pano, como o pão antes, e amarrada no arção da sela. Richard ia atrás, vigiando, enquanto seguiam rapidamente no ar frio da manhã. Agora que tinham a caixa, ele se sentia de repente vulnerável, como se todo mundo fosse saber, só de olhar para eles.

Richard ouviu as águas do Callisidrin, antes da última curva para a ponte. Ficou satisfeito quando viu a estrada deserta. Chase pôs o cavalo a galope quando se aproximou da grande ponte de madeira; os outros acompanharam o passo. Richard sabia o que Chase estava fazendo. O guarda da fronteira sempre dizia que as pontes eram a ruína dos descuidados. Richard olhou para todos os lados e os três galoparam na sua frente. Não viu nada.

Bem no centro da ponte, a galope, ele bateu com força em alguma coisa que não estava lá.

Atordoadado, Richard caiu sentado no chão enquanto seu grande ruão seguia a galope, acompanhando os outros três, só parando quando eles pararam e voltaram para trás. Olharam confusos quando Richard, ainda aturdido, desnordeado, se ergueu com dificuldade. Ele tirou o pé da roupa e, mancando, foi pegar seu cavalo. Antes que chegasse ao centro da ponte, bateu outra vez na coisa invisível. Teve a impressão de bater num muro de pedra, mas não havia nada. Caiu sentado outra vez. Os outros agora estavam em volta dele quando se levantou.

Zedd apeou do cavalo e, segurando as rédeas com uma das mãos, ajudou Richard com a outra.

— Que aconteceu?

— Eu não sei — disse Richard. — Foi como se eu tivesse batido numa parede. Mas devo apenas ter caído, nada mais. Estou bem agora.

Zedd olhou em volta, segurando o cotovelo de Richard. Antes de ir muito longe, ele bateu outra vez, mas como se movia devagar, não caiu, apenas foi lançado para trás. Devagar, deu um passo para a frente e entrou em contato com a coisa outra vez. Zedd franziu a testa, muito sério. Richard estendeu as mãos e sentiu a forma sólida e macia da parede que não queria deixá-lo passar, mas tinha

deixado os outros. Quando tocou na parede, ficou tonto e nauseado. Zedd passou de um lado para o outro da barreira invisível.

O mago ficou exatamente onde estava a parede.

— Vá até o fim da ponte e ande para cá, para mim.

Richard levou a mão ao galo na cabeça e foi até o fim da ponte. Kahlan apeou do esvaio, perto de Zedd. Brophy se aproximou para ver o que estava acontecendo e ficou ao lado dela. Dessa vez, Richard andou com os braços estendidos para a frente.

Antes de chegar ao meio do caminho, entrou em contato com a parede sólida e não conseguiu continuar, obrigado a recuar pela sensação provocada pelo toque.

Zedd coçou o queixo.

— Maldição!

Os outros foram até Richard, uma vez que ele não podia ir até eles. Zedd o levou para a frente outra vez. Quando fez contato, recuou um pouco.

Zedd segurou a mão esquerda de Richard.

— Toque na coisa com a outra mão.

Richard tocou até a náusea e a tontura o obrigarem a retirar a mão. Zedd pareceu sentir por meio de Richard. A essa altura, estavam no começo da ponte. A cada toque, a coisa o fazia voltar um pouco.

— Maldição! Dupla maldição!

— O que é? — perguntou Richard.

Zedd olhou para Kahlan e Chase, antes de responder.

— Um feitiço do carcereiro.

— O que é um feitiço do carcereiro?

— É uma maldição lançada por aquele imundo artista, James. Ele a lançou em volta de você e quando você a tocou pela primeira vez ativou o feitiço. Assim que você a toca, ela se solidifica como uma armadilha. Se não a retirarmos, vai encolher até você estar todo dentro dela, sem poder se mover.

— E depois?

— O toque é veneno. Quando ele acaba de se fechar em volta de você, como um casulo, ele o amassa ou o veneno o mata.

Kahlan segurou na manga de Zedd, com pânico nos olhos.

— Temos de voltar! Temos de tirar isso dele.

Zedd puxou o braço, soltando a manga da mão dela.

— Bem, é claro que vamos tirar. Encontraremos o desenho e o apagaremos.

— Eu sei onde ficam as cavernas sagradas — ofereceu Kahlan, segurando na sela com uma das mãos e pondo o pé no estribo.

O mago voltou para onde estava seu cavalo.

— Não podemos perder tempo. Vamos.

— Não — disse Richard.

Todos se viraram para ele.

— Richard, é preciso — disse Kahlan.

— Ela tem razão, meu rapaz. Não há outro meio.

— Não — ele olhou para os rostos espantados. — É o que ele quer. Você disse que o artista não pode enfeitiçar você ou Kahlan, por isso me escolheu, pensando que nos faria voltar. A caixa é muito importante. Não podemos correr o risco. — Olhou para Kahlan. — Você me diz onde ficam as cavernas e Zedd me ensina a neutralizar o feitiço.

Kahlan segurou as rédeas do seu cavalo e as do cavalo de Richard, fazendo-os dar alguns passos. — Zedd e Chase podem proteger a caixa, eu vou com você.

— Não, não vai! Eu vou sozinho. Tenho a espada para me proteger. O que importa é a caixa, é nossa responsabilidade. Devemos protegê-la acima de tudo. Apenas me diga onde ficam as cavernas e como desfazer o feitiço. Quando eu terminar, alcanço vocês.

— Richard, eu acho...

— Não! Trata-se de deter Darken Rahl, não se trata de qualquer um de nós. Isto não é um pedido, é uma ordem!

Zedd se voltou para Kahlan.

— Diga a ele onde ficam as cavernas.

Zangada, Kahlan entregou as rédeas a Zedd e pegou um graveto. Desenhou um mapa na terra da estrada e começou a indicar as linhas com o graveto.

— Este é o Callisidrin e aqui a ponte. Esta é a estrada e aqui ficam Tamarang e o castelo. — Desenhou a linha de uma estrada ao

norte da cidade. — Aqui. Nestas montanhas, a nordeste da cidade, há um regato que corre entre as duas montanhas, mais ou menos a dois quilômetros ao sul de uma pequena ponte que atravessa o regato. As montanhas gêmeas têm penhascos nos lados do regato. As cavernas sagradas ficam no penhasco no lado nordeste do regato. É onde o artista desenha seus feitiços.

Zedd tirou o graveto da mão dela e o partiu em dois pedaços do comprimento de um dedo. Rolou um deles entre as palmas das mãos.

— Tome, isto vai apagar o feitiço. Sem ver o desenho, não posso dizer qual parte você deve apagar, mas você certamente pode descobrir. É um desenho e você tem de compreender, do contrário, não adianta.

O graveto que Zedd rolou entre as palmas das mãos não parecia mais madeira. Era macio e pegajoso. Richard o pôs no bolso. Zedd fez o mesmo com o outro pedaço e o entregou a Richard. Esse também não parecia madeira. Era negro, quase como carvão, e duro.

— Com isto — disse o mago —, você pode desenhar no feitiço e mudá-lo, se for preciso.

— Mudar como?

— Não posso dizer sem ver o desenho. Você mesmo terá de resolver. Agora, vá logo. Mas eu ainda penso que nós devíamos...

— Não, Zedd. Nós todos sabemos do que Darken Rahl é capaz. O que importa é a caixa, não um de nós. — Trocou um longo olhar com o velho amigo. — Cuide-se. E cuide de Kahlan. — Olhou para Chase. — Leve os dois para Michael. Ele poderá proteger a caixa melhor do que nós sozinhos. E não parem para me esperar. Eu os alcanço. — Richard olhou para ele com ar decidido. — Se eu não os alcançar, não quero que ninguém volte para me procurar. Tratem de tirar a caixa daqui. Compreenderam?

Chase olhou para ele muito sério.

— Por minha vida. — Disse brevemente como Richard podia encontrar o exército de Westland lá em cima do Rang'Shada.

Richard olhou para Kahlan.

— Tome conta de Siddin. Não se preocupe. Logo estarei de volta. Agora vão.

Zedd montou. Kahlan deu Siddin para o mago e fez um sinal para ele e para Chase.

— Vão. Eu os alcanço dentro de poucos minutos.

Zedd começou a protestar, mas a moça o interrompeu e disse outra vez para continuarem a viagem. Ela viu os dois cavalos e o lobo galopando na ponte e logo na estrada. Então se voltou para Richard.

Com profunda preocupação, ela disse: — Richard, por favor, deixe-me...

— Não.

Ela deu a ele as rédeas do cavalo. Os olhos verdes estavam cheios de lágrimas.

— Há perigos em Midlands que você não conhece. Tenha cuidado. — Uma lágrima rolou no rosto dela.

— Estarei de volta com você antes de ter tempo de sentir minha falta.

— Temo por você.

— Eu sei. Mas estarei bem.

Ela ergueu para ele os olhos que o desnorteavam.

— Eu não devia fazer isso.

Kahlan passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou. Com força, rápida e desesperadamente.

Richard a abraçou e a puxou para ele, os lábios dela nos seus; o pequeno suspiro e a sensação dos braços dela o fizeram esquecer o próprio nome.

Aturdido, ele a viu pôr a bota no estribo e passar a perna sobre a sela. Kahlan puxou as rédeas, levando o cavalo para perto dele.

— Não se atreva a fazer tolice alguma, Richard Cypher. Prometa.

— Eu prometo. — Richard não disse que a idéia de permitir que algum mal acontecesse com ela era a maior tolice que podia imaginar.

— Não se preocupe. Estarei outra vez com você assim que esse feitiço for desfeito. Proteja a caixa. Rahl não a pode ter. É isso que

importa. Agora vá.

Ele ficou segurando as rédeas do cavalo, vendo Kahlan atravessar a ponte a galope e desapareceu ao longe.

— Eu a amo, Kahlan Amnell — murmurou.

* * *

Batendo no pescoço do ruão para encorajá-lo, Richard levou o cavalo grande para fora da estrada e o esporeou ao longo da margem do regato. O cavalo galopava facilmente, espirrando a água rasa quando os arbustos impediam o caminho. Montanhas iluminadas pelo sol, a maioria sem árvores, erguiam-se ao longo do regaço. Quando as margens ficaram íngremes, ele conduziu o cavalo para o terreno mais alto, onde podia ir mais depressa. Richard estava atento à possibilidade de estar sendo seguido ou vigiado. Mas não viu ninguém. As montanhas pareciam desertas.

Penhascos brancos como giz se erguiam dos dois lados do regato, faces fendidas nas montanhas idênticas, uma de cada lado da água. Richard apeou antes que o cavalo parasse. Olhando em volta, ele o amarrou numa árvore de sumagre, com as frutas vermelhas já secas e murchas. Suas botas escorregaram na terra solta quando desceu a margem íngreme. Viu uma trilha estreita na inclinação de rochas e terra. Seguindo a trilha, chegou à entrada de uma caverna.

Com a mão no punho da espada, Richard espiou pela abertura, para ver se o artista ou qualquer outra pessoa estava lá dentro. Não havia ninguém. Logo depois da entrada, as paredes eram repletas de desenhos que cobriam toda a superfície e continuavam para o fundo escuro.

Richard ficou impressionado. Havia centenas de desenhos, talvez milhares. Alguns eram pequenos, não maiores do que sua mão, outros eram grandes, da sua altura. Cada um mostrava uma cena diferente. A maioria exibia apenas uma pessoa, mas alguns exibiam mais. Era evidente que tinham sido desenhados por mãos diferentes. Alguns eram delicados, ricos em detalhes, com sombras e realces, mostrando pessoas com membros quebrados ou bebendo

em xícaras com caveiras e ossos cruzados ou no campo, ao lado da colheita murcha. Outros eram feitos por mãos menos hábeis, as pessoas eram desenhadas com linhas simples. Mas as cenas eram igualmente medonhas. Richard concluiu que o talento do artista não era importante, o que contava era a mensagem.

Richard encontrou desenhos feitos por mãos diferentes sobre o mesmo assunto. As pessoas tinham uma espécie de mapa desenhado em volta delas, mas em cada um havia um círculo com a caveira e os ossos cruzados.

Feitiços do carcereiro.

Mas como encontrar o seu. Os desenhos estavam por toda a parte. Ele não sabia como era o seu. Procurou nas paredes, com o pânico crescendo dentro dele, entrando mais no escuro. Passava as mãos nos desenhos enquanto caminhava, tentando ver todos para não perder o seu. Olhava para todos os lados, espantado com o número de feitiços, procurando alguma coisa familiar, sem saber ao certo o que era ou onde estava.

Richard continuou a andar no escuro, pensando que talvez em algum lugar os desenhos acabassem e que os mais novos estivessem no fim. Estava escuro demais para ver. Foi até a entrada da caverna para apanhar um dos archotes de junco que tinha visto.

Antes de ir muito longe, colidiu com a parede invisível. Com pânico crescente, percebeu que estava preso na caverna. Seu tempo estava quase acabando. Os archotes estavam fora de alcance.

Ele correu para o escuro, procurando. Era difícil ver os feitiços e nunca chegava ao fim deles. Um pensamento definitivamente desagradável tomou conta de sua mente. Se fosse realmente necessário. A pedra da noite.

Sem tempo a perder, ele tirou da mochila a bolsa de couro. Olhou para ela, tentando decidir se seria uma ajuda ou simplesmente outro problema. Lembrou-se das vezes em que tinha visto a pedra fora da bolsa. Sempre demorava algum tempo para as sombras aparecerem. Talvez se a tirasse por pouco tempo, olhasse os desenhos e a guardasse, teria o tempo de que precisava até que as sombras o encontrassem. Não sabia se era uma boa idéia.

Se fosse realmente necessário.

Virou a bolsa e pôs a pedra na mio. A luz encheu a caverna. Richard não perdeu tempo e continuou a olhar os desenhos, porém cada vez se aprofundava mais, procurando o fim. Com o canto dos olhos, viu a primeira sombra se materializar. Ainda estava longe. Ele continuou a andar.

Finalmente, chegou ao fim dos desenhos. As sombras estavam quase em cima dele. Guardou a pedra na bolsa. No escuro, ele prendeu a respiração, com os olhos arregalados, esperando o toque doloroso da morte. Mas não veio. A única luz era um brilho fraco com um ponto cintilante no centro, a entrada, mas não era suficiente para ver os desenhos. Tinha de tirar outra vez a pedra da bolsa.

Antes disso, procurou no bolso e encontrou o pedaço de madeira macio e pegajoso que Zedd tinha dado. Segurando o graveto com mão firme, tirou a pedra da bolsa. A luz o cegou por um segundo. Virou a cabeça, procurando.

Então ele viu. O homem no desenho tinha sua altura, mas o resto era maior ainda. Era um desenho tosco, mas Richard sabia que era ele. A espada na mão direita tinha gravada a palavra *Verdade*. Havia um mapa em volta dele, igual ao que Kahlan desenhara ao chão. De um lado, a linha que circundava o mapa descia para o Callisidrin e chegava ao centro da ponte. Onde tinha colidido com a parede.

As sombras diziam seu nome. Richard olhou para cima e viu mãos procurando alcançá-lo. Guardou a pedra na bolsa e se encostou na parede, sobre seu desenho, com o coração batendo disparado. Desanimado, viu que o desenho era muito grande para apagar o círculo desenhado em volta. Se apagasse só uma parte, não tinha meio de saber onde ficava a abertura ou como apagar a abertura em que estava na caverna.

Richard recuou para ver melhor na próxima vez em que tirasse a pedra da bolsa. Então bateu na parede invisível. Seu coração pareceu perder uma batida. A parede dava quase uma volta completa. Não tinha mais tempo.

Tirou a pedra e começou a apagar a espada, esperando desfazer sua identidade e anular o feitiço. As linhas se apagavam com grande dificuldade. Recuou um passo para ver e colidiu com a parede. As sombras estendiam as mãos para ele e diziam seu nome sedutoramente.

Richard tornou a guardar a pedra e ficou parado no escuro, respirando com dificuldade, quase em pânico com a sensação de ter caído numa armadilha. Sabia que não podia usar a espada contra as sombras enquanto trabalhava no desenho. Antes, quando lutou contra elas, precisou usar todas as suas forças. Tinha apagado a espada e não adiantou. O feitiço ainda o reconhecia. Não tinha tempo para apagar toda a linha que lhe circundava a figura. Sua respiração era agora um arquejo desesperado.

Então surgiu uma luz bruxuleante. Richard virou para trás. Um homem com um dos archotes de junco aproximou-se dele com um sorriso obsequioso. Era James, o artista.

— Achei que o encontraria aqui. Vim verificar. Posso ajudar em alguma coisa?

Pela risada dele, Richard percebeu que James não tinha a menor intenção de ajudar. James sabia que, com a parede entre os dois, Richard não podia usar a espada. Ele riu da impotência de Richard.

Richard olhou rapidamente para o lado. A luz do archote era suficiente para ver o desenho. A parede invisível empurrava seu ombro, levando-o para a parede da caverna. Com o toque vieram a náusea e a tontura. Estava a um passo da parede. Em poucos momentos seria encasulado, amassado ou envenenado.

Richard virou para o desenho. Enquanto trabalhava com uma das mãos, com a outra tirou do bolso o graveto que Zedd dissera que servia para alterar o desenho.

James se inclinou para a frente rindo baixinho, vendo Richard trabalhar.

O riso cessou.

— O que você está fazendo?

Richard não respondeu, começando a apagar a mão direita da figura.

— Pare com isso! — gritou James.

Richard o ignorou e continuou a apagar. James jogou o archote no chão, pegou um graveto e começou a desenhar rapidamente, seu cabelo oleoso sacudindo a cada movimento. James estava desenhando uma figura. Outro feitiço. Richard sabia que, se James terminasse antes dele, não teria uma segunda chance.

— Pare com isso, seu tolo! — gritou James, apressando-se a terminar seu desenho. A parede invisível fazia pressão nas costas de Richard, obrigando-o a chegar cada vez mais perto da parede da caverna. Mal tinha espaço para mexer os braços. James desenhou uma espada e começou a desenhar a palavra *Verdade*.

Com o graveto, Richard ligou com uma linha os dois lados do pulso da figura, amputando a mão. Exatamente como o defeito de James.

Quando terminou, a pressão nas costas se aliviou e a náusea desapareceu.

James gritou.

Richard se virou para trás e viu o artista se contorcendo no chão da caverna, encolhido como uma bola e vomitando. Richard estremeceu e pegou o archote.

O artista o olhou com olhos súplices.

— Eu... não ia deixar que a parede o matasse... Só queria prendê-lo...

— Quem o mandou fazer esse feitiço?

Com um sorriso fraco, James murmurou: — Mord-Sith. Você vai morrer...

— O que é um Mord-Sith?

Richard ouviu um longo suspiro e ossos se partindo. James estava morto. Richard não podia dizer que sentia muito...

Não sabia o que era um Mord-Sith, mas não ia esperar para descobrir. De repente, sentiu-se sozinho e vulnerável. Zedd e Kahlan o tinham avisado de que havia muitas coisas em Midlands, muitas criaturas de magia que eram perigosas e que ele não conhecia. Ele odiava Midlands, odiava a magia. Só queria voltar para Kahlan.

Richard correu para a entrada da caverna, deixando cair o archote no caminho. Correndo para a luz brilhante do sol,

protegendo os olhos, parou de repente. Forçando a vista, viu um círculo de pessoas à sua frente. Soldados. Vestiam uniformes de couro negro e cota de malha com as espadas nos ombros, achas de batalha nos cintos largos.

A frente dos soldados, Richard viu uma pessoa diferente, uma mulher com cabelo longo castanho-avermelhado. Vestia couro dos pés à cabeça, justo como uma luva. Couro vermelho-sangue. O único desvio do vermelho era uma meia-lua amarela e uma estrela no peito. Richard viu que os homens usavam a mesma meia-lua e a estrela no peito, só que a deles era vermelha. A mulher olhou para ele sem emoção, a não ser o traço leve de um sorriso.

Richard parou com os pés bem separados defensivamente, a mão no punho da espada, sem saber o que fazer nem ter idéia do que eles queriam. Ela olhou para cima e para trás. Richard ouviu dois homens saltarem do penhasco. Sentiu a ira da espada dominando-o rapidamente através da mão que segurava o punho da arma. Com os dentes cerrados, ele conteve a espada enraivecida.

A mulher estalou os dedos para os dois homens, depois apontou para ele.

— Peguem-no. — Richard ouviu o som das espadas sendo desembainhadas.

Era tudo de que precisava saber. O compromisso estava feito.

O portador da morte.

Sua espada saiu da bainha num arco e ele se virou para trás. Liberou a cólera violentamente. Seus olhos encontraram os dos homens. Com os músculos do rosto contraídos de raiva, eles tiraram as espadas da bainha.

Richard manteve a Espada da Verdade abaixada, à altura da cintura, com toda sua força e peso subjacente a ela. As espadas dos dois homens se abaixaram defensivamente. Richard gritou com raiva letal, ódio letal. Necessidade letal. Entregou-se completamente ao desejo ardente de matar, sabendo que qualquer coisa menos do que isso significaria seu fim. A ponta da sua espada sibilou.

A portadora da morte.

Lascas de aço partido espiralaram no ar da manhã.

Dois rosnados. Um impacto, dois golpes molhados, como melões maduros caindo no chão. Entranhas saindo em longas tiras vermelhas. As partes superiores dos corpos caíram quando as pernas dobraram.

A espada continuou traçando uma linha de sangue. Ele voltou a se concentrar na raiva, no ódio, na necessidade. A mulher os comandava. Richard quem seu sangue. A magia se agitou dentro dele, completamente liberada. Richard gritava ainda. Ela ficou parada com a mão na cintura.

Richard olhou nos olhos dela e alterou levemente o curso da espada para que ela os atingisse. O sorriso dela só serviu para alimentar o fogo violento da sua ira. Os dois te entreolharam. A espada silvou no ar, na direção da cabeça da mulher. Sua necessidade de matar estava além do ponto de retorno.

A portadora da morte.

A dor da magia da espada o acometeu como uma cascata de água fria no corpo nu.

A lâmina não alcançou a mulher. A espada caiu no chão quando a dor o fez ajoelhar, dilacerando-o, dobrando seu corpo.

Com a mão ainda na cintura, ainda sorrindo, ela parou ao lado dele. Richard cruzou os braços com força, vomitando sangue, sufocando. Fogo queimava todo seu corpo. A dor da magia o estava consumindo, tirando o ar dos seus pulmões. Desesperadamente tentou controlar a magia, tentou afastar a dor, como tinha aprendido. Mas a magia não respondeu à sua vontade. Com pânico crescente, Richard compreendeu que não tinha mais controle sobre a magia.

A mulher a controlava.

Richard caiu com o rosto na terra, tentando em vão gritar, respirar. Pensou em Kahlan um instante, mas então a dor tirou-lhe até isso.

Nenhum dos homens do círculo se moveu. A mulher pôs o pé na nuca de Richard e, com o cotovelo apoiado num joelho, abaixou-se ao lado dele. Com a outra mão, segurou-o pelos cabelos e levantou sua cabeça. Ela chegou mais perto, o couro da sua roupa estalando.

— Ora, ora. E eu pensei que teria de torturá-lo por dias e dias até conseguir fazer com que sua raiva finalmente o fizesse usar sua magia contra mim. Bem, não se preocupe. Tenho outras razões para torturá-lo.

No meio da dor intensa, Richard compreendeu que cometera um erro terrível. De algum modo tinha dado a ela o controle da magia da espada. Sabia que estava na maior encrenca de toda a sua vida. Kahlan estava a salvo, ele pensou, era tudo que importava.

— Você quer que a dor vá embora, meu querido?

A pergunta o enraiveceu. A raiva que sentia dela, a vontade de matar aquela mulher intensificou a dor.

— Não — conseguiu dizer, reunindo todas as suas forças. Ela deu de ombros e soltou a cabeça dele.

— Tudo bem para mim. Mas quando resolver que quer se livrar da dor da magia, tudo que tem a fazer é parar de ter esses pensamentos horríveis a meu respeito. A partir de agora, eu controlo a magia da sua espada. Se pensar em erguer um dedo que seja Contra mim, a dor da magia o derrubará. — Ela sorriu. — E a única dor que poderá controlar. Pense algo agradável a meu respeito, que a dor desaparece.

“É claro que eu terei também o controle da dor da magia e posso a qualquer momento provocar outra dor, como vai verificar.”

Ela franziu a testa.

— Diga-me, meu querido, você tentou usar a magia contra mim porque é um tolo, ou porque se julga corajoso?

A dor aliviou um pouco. Richard tentou respirar. Ela amorteceu a dor apenas o bastante para que ele pudesse responder.

— Quem... é... você?

Outra vez ela ergueu a cabeça de Richard puxando seu cabelo e a virou para olhar nos olhos dele. Quando ela se abaixou, o pé no seu pescoço provocou uma dor aguda nos ombros. Richard não podia mover os braços. Ele viu a curiosidade no rosto dela.

— Você não sabe quem eu sou? Todos em Midlands me conhecem. Eu sou... Westland.

Ela ergueu as sobrancelhas, encantada.

— Westland! Ora, ora! Que delícia! Isso vai ser divertido. — Ela sorriu. — Eu sou Denna. Senhora Denna para você, meu querido. Sou uma Mord-Sith.

— Não... direi... onde Kahlan está. Acho melhor... me matar... agora.

— Quem? Kahlan?

— A Madre Confessora.

— Madre Confessora — disse ela, com repugnância. — Por que cargas d'água eu ia querer uma Confessora? É você, Richard Cypher, que Mestre Rahl me mandou buscar, ninguém mais. Um dos seus amigos o traiu para ele. — Virou a cabeça dele com força, apertou mais o pé no pescoço. — E agora eu tenho você. Pensei que seria difícil, mas você não me divertiu nem um pouco. Estou encarregada do seu treinamento. Mas é claro que você não sabe disso, uma vez que é de Westland. Olhe, uma Mord-Sith sempre se veste de vermelho quando tem de treinar alguém, para que o sangue não apareça muito. Tenho o pressentimento de que terei muito do seu sangue na minha roupa antes de terminar o treinamento. — Largou a cabeça dele e pôs todo o peso do pé no seu pescoço, com a mão a frente do rosto dele. Richard viu que as costas da luva eram protegidas por armadura até os dedos. Um bastão de couro vermelho-sangue, de uns trinta centímetros, pendia do pulso num elegante cordão de ouro. Balançava de um lado para outro à frente dos olhos dele.

— Este é o Agiel. É parte do que usarei para treinar você. — Olhou para ele com um sorriso, erguendo uma sobrancelha. — Curioso? Quer ver como funciona?

Denna comprimiu o Agiel no lado do corpo de Richard. Richard gritou de dor, embora não quisesse dar a ela essa satisfação. Todos os seus músculos enrijeceram com a agonia daquela coisa no seu corpo. Sua mente só pensava em se livrar daquilo. Denna pressionou um pouco mais, fazendo-o gritar mais alto. Richard ouviu um estalo e sentiu uma costela se quebrando.

Ela retirou o Agiel e sangue quente brotou do lado do corpo dele. Richard estava coberto de suor, deitado na terra, ofegante, as

lágrimas escorrendo dos olhos. Tinha a impressão de que a dor lhe dilacerava todos os músculos. Tinha terra e sangue na boca.

Com um sorriso cruel e zombeteiro. Denna disse: — Agora, meu querido, diga: "Obrigado, senhora Denna, por me ensinar." — O rosto dela se aproximou. — Diga.

Reunindo toda a sua força mental, Richard focalizou seu desejo de matá-la e visualizou a espada explodindo na cabeça dela.

— Morra, cadela.

Denna estremeceu e semicerrou os olhos, passando a língua no lábio superior em êxtase.

— Oh, essa foi uma visão deliciosamente cruel, meu querido. É claro que você vai aprender a se arrepender seriamente de ter dito isso. Treinar você vai ser um divertimento especial. Pena que não saiba o que é uma Mord-Sith. Se você soubesse, estaria com muito medo. Eu gostaria muito. — Sorriu, mostrando os dentes perfeitos. — Mas acho que vou ter o prazer de surpreendê-lo mais ainda.

Richard guardou a visão de matar aquela mulher até ficar inconsciente.

CAPÍTULO 41



Richard abriu um pouco os olhos. Confuso, viu que estava deitado de bruços num chão frio de pedra, iluminado por um archote. As paredes de pedra não tinham janelas para ele saber se era dia ou noite. Tinha um gosto amargo na boca. Sangue. Tentou pensar onde podia estar e por quê. Uma dor aguda no lado o fez prender a respiração quando tentou inalar. Todo o seu corpo doía, latejava. Era como se tivesse sido espancado com um bastão.

A lembrança do pesadelo voltou à sua mente. Pensou em Denna e a cólera se acendeu. Imediatamente a dor da magia o fez perder o fôlego. O choque inesperado o fez dobrar os joelhos, com um gemido de agonia. Richard afastou a ira da mente. Pensou em Kahlan, lembrou o beijo dela. A dor desapareceu. Desesperado, tentou continuar a pensar em Kahlan, não suportaria outra vez aquela dor. Era demais.

Tinha de pensar num meio de sair daquela situação. Se não controlasse a raiva, não teria chance. Lembrou-se do seu pai dizendo que raiva não era coisa boa, que durante quase toda a vida tinha conseguido controlá-la. Zedd dizia que muitas vezes era mais perigoso liberar a ira do que abafá-la. Aquela era uma dessas vezes. Tinha uma vida inteira de experiência de manter a cólera sob controle. Devia fazer isso agora. Esse pensamento lhe trouxe uma fagulha de esperança.

Cautelosamente, sem se mover muito, procurou avaliar sua situação. A espada estava na bainha, a faca também, a pedra da noite ainda no bolso. Sua mochila estava encostada na parede. O lado esquerdo da camisa estava cheio de sangue seco. A cabeça latejava mas não estava pior do que o resto do corpo.

Virou um pouco a cabeça e viu Denna reclinada numa cadeira, com os tornozelos cruzados. Com o cotovelo direito apoiado numa mesa de madeira, comia alguma coisa de um prato que segurava com a outra mão. Vigiando Richard. Ele pensou que talvez devesse dizer alguma coisa.

— Onde estão seus homens?

Denna mastigou por algum tempo, olhando para ele. Finalmente pôs o prato na mesa e apontou para um ponto no chão ao seu lado. Sua voz era calma, quase gentil.

— Fique de pé aqui.

Com grande dificuldade, Richard se levantou e foi para onde ela apontou. Denna olhava para ele sem emoção. Richard esperou em silêncio. Ela se levantou e, com o pé, empurrou a cadeira para o lado. Era quase da altura dele. Deu as costas para Richard, apanhou uma luva na mesa e a calçou na mão direita, puxando bem os dedos da luva para baixo.

Então virou bruscamente e bateu com força na boca de Richard com as costas da mão enluvada. A parte encouraçada cortou seu lábio.

Imediatamente, antes que a raiva o dominasse, Richard pensou num belo lugar na Floresta Hartland. Seus olhos se encheram de lágrimas com o ardor do corte.

Com um sorriso amistoso, ela disse: — Você esqueceu o título, meu querido. Eu já disse, deve me chamar de senhora ou de senhora Denna. Tem sorte de ter a mim como treinadora, a maioria dos Mord-Sith não é tão leniente. Eles teriam usado o Agiel na primeira ofensa. Mas eu tenho um lugar no coração para homens bonitos e, além disso, embora a luva não seja um bom castigo, devo admitir que sou favorável ao seu uso. Gosto de fazer contato. O Agiel é estimulante mas não substitui o uso das mãos para sentir o que se faz, — Franziu a testa e sua voz endureceu.

— Tire a mão do lábio.

Richard obedeceu e ficou com as mãos dos dois lados do corpo. Sentia o sangue pingar do queixo. Denna olhou satisfeita. Inesperadamente, ela se inclinou e lambeu o sangue do queixo dele, saboreando com prazer. Aparentemente, isso a excitou. Apertou o

corpo contra o de Richard e dessa vez sugou os lábios dele, depois mordeu bem em cima do corte. Richard fechou os olhos e as mãos, segurando a respiração até ela recuar, lambendo o sangue dos lábios com um sorriso. Ele estremeceu de dor, mas manteve na mente a visão da Floresta Hartland.

— Esse foi só um leve aviso, como você logo vai ver. Agora, repita a pergunta apropriadamente.

Richard resolveu que ia chamá-la de Senhora Denna e que seria um título de respeito e que nunca a chamaria simplesmente de Senhora. Seria seu modo de lutar contra ela, de manter o amor-próprio. Pelo menos em sua mente.

Ele respirou profundamente para firmar a voz.

— Onde estão seus homens, Senhora Denna?

— Muito melhor assim — disse ela, com voz branda. — A maioria dos Mord-Sith não permite que as pessoas que estão sendo treinadas falem, muito menos que façam perguntas, mas eu acho que isso é tedioso. Gosto de falar com quem treino. Como eu disse, você tem sorte por eu ser sua treinadora — continuou com um sorriso gelado. — Mandei meus homens embora. Não preciso mais deles. Só são usados para capturar e manter o cativo até ele usar sua magia contra mim. Então não são mais necessários. Você não pode fazer nada para escapar ou para lutar. Nada.

— E por que tenho ainda minha espada e minha faca?

Tarde demais, ele lembrou. Ergueu a mão fechada para proteger o rosto. O ato de deter Denna trouxe outra vez a dor da magia. O Agiel foi aplicado no seu estômago. Richard rolou no chão, gritando de agonia.

— Levante-se!

Richard sufocou a raiva para eliminar a dor da magia, mas a dor do Agiel não desapareceu tão depressa. Levantou-se com grande dificuldade.

— Agora ajoelhe-se e peça perdão.

Richard demorou para se mover e ela aplicou o Agiel com força no ombro dele. Seu braço ficou entorpecido.

— Por favor, senhora Denna, perdoe-me.

— Assim é melhor — sorriu ela. — Levante-se. — Ela esperou que de ficasse de pé. — Você tem sua espada e sua faca porque não constituem perigo para mim e talvez algum dia você as use para proteger sua senhora. Prefiro que meus bichinhos de estimação fiquem com suas armas, como lembrança constante de que são impotentes contra mim.

Deu as costas para ele e tirou a luva. Richard sabia que ela estava certa: a espada tinha magia e ela a controlava. Mas imaginou se seria esse o único meio. Precisava saber. As mãos dele se estenderam para o pescoço dela.

Denna continuou a descalçar a luva devagar quando Richard caiu de joelhos, gritando com a dor da magia. Desesperadamente, procurou pensar na Floresta Hartland. A dor diminuiu e ele se levantou quando ela mandou. Denna o olhou, impacientemente.

— Você vai dificultar as coisas, certo? — Seu rosto desanuviou e ela sorriu suavemente. — Mas acontece que gosto quando um homem dificulta o treinamento. Mas você está fazendo errado. Eu disse que para fazer passar a dor deve pensar em algo agradável a meu respeito. Não é o que está fazendo. Está pensando em árvores idiotas. Este é o último aviso. Pense alguma coisa agradável a meu respeito para fazer passar a dor da magia, ou eu o deixarei em agonia a noite inteira. Compreendeu?

— Sim, Senhora Denna.

Com um largo sorriso, ela disse: — Muito bem. Está vendo? Você pode ser treinado. Apenas lembre alguma coisa agradável a meu respeito. — Segurou as mãos de Richard e, olhando nos olhos dele, comprimiu-as sobre os seios. — Penso que a maioria dos homens focaliza seus pensamentos agradáveis aqui. — Chegou mais perto, segurando as mãos dele contra ela, e disse, com voz leve: — Mas se você prefere outra coisa, por favor, deixe que sua mente a visualize.

Richard decidiu que achava seu cabelo bonito e que isso era a única coisa agradável que pensaria dela. A dor inesperada o fez cair de joelhos, até não poder respirar. Abriu a boca, mas em vão. Seus olhos pareciam que iam saltar das órbitas.

— Agora mostre que você pode fazer o que eu mando. Elimine a dor quando quiser, mas como eu mandei.

Richard olhou para o cabelo dela. Sua vista estava embaçada. Concentrou-se e pensou o quanto achava atraente sua trança. Obrigou-se a pensar nela como bonita. A dor aumentou e ele caiu de lado, sem poder respirar.

— Levante-se. — Richard obedeceu, ainda ofegante. — Esse é o modo certo. É o único modo que poderá remover a dor no futuro, do contrário mudarei a magia e nunca mais poderá se livrar dela. Compreendeu?

— Sim, Senhora Denna. — Richard ainda tentava respirar. — Senhora Denna, a senhora disse alguma coisa sobre alguém ter me traído. Quem foi?

— Um dos seus.

— Nenhum dos meus amigos faria isso, Senhora Denna.

Ela olhou para ele com desprezo. — Então eu diria que não são realmente seus amigos, certo?

Richard olhou para o chão e sentiu um nó na garganta. — Não, Senhora Denna, mas quem foi?

Ela deu de ombros. — Mestre Rahl não julgou importante me dizer. A única coisa importante que você deve saber agora é que ninguém virá salvá-lo. Você nunca mais será livre. Quanto antes aprender isso, mais fácil será para você, mais fácil também seu treinamento.

— E qual o propósito do meu treinamento, Senhora Denna?

Ela voltou a sorrir.

— Ensinar a você o significado da dor. Ensinar que sua vida não é mais sua, é minha e posso fazer o que quiser com ela. Qualquer coisa. Posso machucá-lo como eu quiser e ninguém vai ajudar você. Só eu. Vou ensinar que cada momento que você tiver sem dor é um momento que só eu posso determinar. Você vai aprender a me obedecer sem questionar, sem hesitar, seja o que for. Vai aprender a pedir qualquer coisa que queira.

— Depois de alguns dias de treinamento aqui — e acho que você já fez um grande progresso —, eu o levarei a outro lugar, onde os outros Mord-Sith e eu continuaremos seu treinamento até o fim,

não importa o tempo que for preciso. Deixarei que outros Mord-Sith brinquem com você, para que veja como tem sorte em ter a mim. Eu gosto de homens. Outras os odeiam. Deixarei que algumas delas o tenham por algum tempo, para que você veja como sou gentil.

— E qual o propósito desse treinamento, Senhora Denna? Qual o objetivo? O que vocês querem?

Ela parecia realmente ter prazer dizendo essas coisas.

— Você é especial. O próprio Mestre Rahl quis que fosse treinado — continuou com um largo sorriso. — Ele mandou me chamar para isso. Imagino que ele queira perguntar alguma coisa a você. Não deixarei que me embarace aos olhos dele. Quando terminar com você, vai pedir para dizer qualquer coisa que ele queira saber. Quando Mestre Rahl terminar, você será meu para o resto da vida. Por mais longa que seja.

Richard teve de se concentrar no cabelo dela, para dominar a raiva. Sabia o que Darken Rahl queria saber. Ele queria saber onde estava o *Livro das Sombras Contadas*. A caixa estava a salvo. Kahlan também. Nada mais importava. Denna podia matá-lo, ele pouco se importava. Na verdade, ela estaria lhe fazendo um favor.

Denna olhou para Richard dos pés à cabeça, andando em volta dele.

— Se for um bom animalzinho de estimação, posso escolher você para meu companheiro. — Parou à frente de Richard, com o rosto muito perto do dele e um sorriso tímido. — Companheiro da Mord-Sith para a vida toda. — O sorriso mostrava os dentes, — Tive muitos companheiros. Mas não fique muito entusiasmado com a perspectiva, meu animalzinho — murmurou ela. — Duvido de que vá gostar da experiência, se viver. Nenhum deles está vivo. Todos morreram depois de um curto espaço de tempo.

Richard não achou que precisava se preocupar com aquilo. Darken Rahl queria o livro. Se ele não descobrisse um meio de fugir, Darken Rahl o mataria do mesmo modo com que matou seu pai e Giller. O máximo que ele podia ficar sabendo com a leitura das entranhas de Richard era o lugar onde estava — dentro da sua cabeça — e, por mais que ele lesse suas entranhas, Richard não recitaria o livro para ele. Só esperava viver o bastante para ver a

surpresa de Rahl quando percebesse que havia cometido um erro fatal.

Sem o livro, sem a caixa, Darken Rahl era um homem morto. Só isso importava. Quanto à questão de ter sido traído, decidiu que não acreditava. Darken Rahl sabia as Regras do Mago e estava usando apenas a primeira, tentando fazer com que Richard tivesse medo da possibilidade. O primeiro passo para acreditar. Richard resolveu que não ia ser enganado pela Primeira Regra do Mago. Conhecia Zedd. Chase e Kahlan. Não ia acreditar mais em Darken Rahl do que nos seus amigos.

— A propósito, onde você conseguiu a Espada da Verdade?

Richard olhou nos olhos dela.

— Comprei do último homem que a usou, Senhora Denna.

— E mesmo? O que você teve de dar a ele?

Sempre olhando nos olhos dela, Richard respondeu: — Tudo que eu tinha. Ao que parece, custou também minha liberdade e provavelmente minha vida.

Denna riu.

— Você tem coragem. Gosto de domar um homem com coragem. Sabe por que Mestre Rahl me escolheu?

— Não, Senhora Denna.

— Porque sou inflexível. Posso não ser tão cruel quanto os outros, porém tenho mais prazer do que eles em quebrar a vontade de um homem. Gosto de machucar meus animaizinhos de estimação mais do que tudo no mundo. Vivo para isso. — Ergueu uma sobrancelha e sorriu. — Eu nunca desisto, nunca me canso e nunca cedo. Nunca.

— Sinto-me honrado, Senhora Denna, por estar nas mãos da melhor.

Ela encostou o Agiel no corte do lábio dele e segurou ali até Richard cair de joelhos, com as lágrimas descendo dos olhos.

— Essa é a última coisa irreverente que quero ouvir de você. — Tirou o Agiel e deu uma joelhada na boca de Richard. Ele caiu para trás. Denna pôs o Agiel no estômago dele. Antes de Richard desmaiar, ela o retirou. — O que você tem a dizer?

— Por favor, Senhora Denna — conseguiu ele dizer com o maior esforço —, perdoe-me.

— Tudo bem, levante-se. Está na hora de começar o treinamento.

Denna apanhou alguma coisa da mesa e apontou para um lugar no chão.

— Fique de pé ali. Agora!

Richard se moveu o mais depressa possível. Não podia endireitar o corpo. A dor não permitia. Ficou de pé no lugar indicado, respirando com dificuldade, suando. Denna deu a de uma coisa presa a uma corrente. Era uma coleira de couro da mesma cor da sua roupa.

Então ela disse, com voz estranhamente suave: — Ponha a coleira.

Richard não estava em condição de fazer perguntas. Convenceu-se de que faria qualquer coisa para evitar o Agiel. Prendeu a coleira no pescoço. Denna pegou a corrente. Na extremidade havia um laço de metal que ela prendeu no espaldar da cadeira.

— A magia castigara você por contrariar meus desejos. Quando eu ponho a corrente em algum lugar, quero que fique lá até eu a soltar. Quero que aprenda que não pode remover a coleira. — Apontou para a porta aberta. — Durante a próxima hora, tente tanto quanto possível chegar àquela porta. Se tão tentar realmente, é isto que farei no resto da hora. — Pôs o Agiel no lado do pescoço dele até Richard cair de joelhos, gritando de agonia e pedindo a ela para parar. Denna retirou o Agiel e mandou que ele começasse, depois se encostou numa parede, com os braços cruzados.

A primeira coisa que ele fez foi simplesmente tentar andar para a porta. A dor dobrou suas pernas antes que pudesse pôr uma pequena tensão na corrente e só parou quando ele recuou, procurando voltar para a cadeira.

Richard levou a mão à coleira. A dor da magia prendia seus braços e ele tremeu quando tentou tocar a coleira. O suor escorria do seu rosto. Ele tentou voltar para a cadeira depois se virar, mas antes que seus dedos tocassem a corrente, a dor o derrubou outra

vez. Com esforço, Richard tentou alcançar a cadeira, mas não suportou a dor e caiu novamente no chão, vomitando sangue. Quando terminou, apoiou-se na mão, com as lágrimas escorrendo no rosto, a outra mão no estômago, tremendo. Com o canto dos olhos viu Denna descruzar os braços e se desencostar da parede. Richard começou a se mover outra vez.

O que ele estava fazendo evidentemente não ia funcionar. Tinha de pensar em alguma coisa. Ele desembainhou a espada, pensando em levantar a corrente. Por um breve momento e com o maior esforço, conseguiu tocar na corrente com a lâmina. A dor o fez soltar a espada. Só podia fazer passar a dor se pusesse a espada na bainha.

Richard teve uma idéia. Deitou-se no chão e, com um movimento rápido, chutou a cadeira debaixo da corrente antes que a dor o paralisasse. A cadeira deslizou no chão, bateu na mesa e caiu. A corrente se soltou.

A vitória durou pouco. Com a corrente fora da cadeira, a dor aumentou. Ele caiu no chão sufocado, tentando respirar. Com esforço, Richard se arrastou no chão de pedra. A cada centímetro que se adiantava, a dor aumentava até ele não conseguir mais enxergar. Parecia que seus olhos iam explodir. Tinha conseguido se mover apenas uns sessenta centímetros. Não sabia o que fazer, a dor o impedia de se mover e de pensar.

— Por favor, Senhora Denna — murmurou com toda a força que tinha ainda —, me ajude. Por favor! — Percebeu que estava chorando, mas não se importou. Só queria a corrente outra vez na cadeira, para a dor passar.

Ouviu os passos dela. Denna se inclinou, pegou a cadeira do chão e refez o laço na cadeira. A dor desapareceu mas ele não conseguiu parar de chorar, deitado no chão.

Denna parou perto dele, com as mãos na cintura.

— Foram só quinze minutos, mas, como tive de ajudar você, a hora começa agora. Da próxima vez em que eu tiver de ajudá-lo, serão duas horas. — Inclinou-se e encostou o Agiel no estômago dele, a dor explodiu dentro do seu corpo. — Entendeu?

— Sim, Senhora Denna — exclamou ele. Richard temia que houvesse um meio de escape e temia o que podia acontecer se o encontrasse e tinha medo de não tentar. Se havia um meio, até o fim daquela hora de não achou.

Denna ficou de pé ao lado dele e Richard se apoiou nas mãos e nos joelhos.

— Acha que compreende agora? Compreende o que acontecera se você tentar escapar?

— Sim, Senhora Denna. — E ele realmente compreendia. Não havia meio de escapar. O desespero o dominou, como se fosse sufocá-lo. Richard queria morrer. Pensou na faca que tinha no cinto.

— Levante-se. — Como se estivesse lendo sua mente, ela disse com voz suave: — Se pensa que seu serviço como meu animal de estimação pode acabar, pense outra vez. A magia evitará que se mate, como evita que você mova a corrente do lugar. — Richard piscou os olhos, atordoado. — Não há meio de você escapar daqui, nem pela morte. Você será meu o tempo que eu achar que deve viver.

— Não será muito longo, Senhora Denna. Darken Rahl vai me matar.

— Talvez. Mas, mesmo que isso aconteça, será só depois de você revelar o que ele quer saber. O que eu quero é que você responda às perguntas dele e você vai fazer o que eu quero, sem hesitar. — Os olhos castanhos de Denna tinham a dureza do aço. — Talvez você não acredite agora, mas não tem idéia de como sou boa para treinar pessoas. Nunca deixei de quebrar a vontade de um homem. Você pode pensar que será o primeiro, mas logo começará a implorar para me agradar.

O primeiro dia de tortura não havia terminado e Richard já tinha certeza de que faria quase qualquer coisa que ela quisesse. Denna tinha semanas para treiná-lo. Se Richard pudesse se matar, já o teria feito. A pior coisa era saber que ela estava certa, ele não podia fazer nada para detê-la. Estava à mercê de Denna e sabia que ela nem começara ainda.

— Compreendo, Senhora Denna. Acredito no que diz. — O sorriso amável de Denna o fez pensar em como era bonito o cabelo

dela.

— Ótimo. Agora, tire a camisa. — Sorriu vendo a expressão intrigada dele e o modo como começou a desabotoar a camisa. Denna segurou o Agiel na frente dos olhos dele. — Está na hora de você aprender todas as coisas que o Agiel pode fazer. Se não tirar a camisa, vai ficar coberta de sangue e não poderei encontrar um novo lugar no seu corpo. Vai entender por que minha roupa é vermelha.

Richard tirou a camisa. Respirava com dificuldade, quase em pânico. — Mas, Senhora Denna, o que eu fiz de errado?

Ela pôs a mão no lado do rosto dele, fingindo preocupação. — Ora, você não sabe? — Richard balançou a cabeça, sentindo um nó na garganta. — Você se deixou capturar por uma Mord-Sith. Devia ter matado todos os meus homens com sua espada. Tenho certeza de que poderia ter feito isso. Você foi impressionante, até onde chegou. Então devia ter usado a faca para me matar, quando eu ainda estava vulnerável, antes de controlar a magia. Jamais devia ter me dado a chance de controlar a magia. Nunca devia ter usado a magia contra mim.

— Mas por que precisa usar o Agiel agora?

Ela riu.

— Porque você quer aprender. Aprender que posso fazer o que quiser e de modo algum você pode me deter. Deve aprender que está completamente indefeso e que, se está tendo o prazer de algum tempo sem dor, é só porque eu quero assim. — O sorriso desapareceu. Ela foi até a mesa e voltou com algemas presas a uma corrente. — Muito bem. Você tem um problema que me desagrada. Está sempre caindo. Vamos consertar isso. Ponha isto.

Jogou as algemas para ele. Richard se esforçou para controlar a respiração quando fechou as algemas nos pulsos trêmulos. Denna arrastou a cadeira para baixo de uma viga do teto e o mandou ficar bem debaixo dela. Subiu na cadeira para prender a corrente numa cavilha de ferro.

— Estique o corpo. Ainda não alcanço. — Richard teve de ficar nas pontas dos pés para que ela prendesse a corrente. — Pronto —

ela sorriu. — Agora não teremos mais o problema de você estar sempre caindo.

Dependurado na corrente, Richard tentou controlar o terror; as algemas cortavam os pulsos por causa do seu peso. Sabia que não era possível ter feito nada antes, mas isso era diferente. Aumentava sua impotência, o fazia muito mais consciente de que não podia lutar. Denna calçou as luvas, andou em volta dele várias vezes, batendo o Agiel na mão, prolongando sua ansiedade.

Se ao menos tivesse sido morto tentando deter Darken Rahl, estaria preparado para pagar esse preço. Isso era diferente. Era morte sem morrer. Morte em vida. Não lhe seria permitida sequer a dignidade de lutar. Sabia o que o Agiel podia fazer. Ela não precisava mostrar outra vez. Denna só fazia aquilo para tirar dele todo o orgulho, todo o amor-próprio. Para dominá-lo.

Denna bateu com o Agiel no peito e nas costas dele, sem parar de andar. Cada batida era como uma punhalada. Cada contato o fazia gritar de dor e girar na corrente e Richard sabia que ela nem tinha começado ainda. O primeiro dia não terminara e haveria muitos outros. Richard chorava por estar completamente indefeso.

Richard imaginou seu senso de individualidade, sua dignidade como coisas vivas que podia ver em sua mente. Imaginou um quarto. Um quarto inacessível. Pôs a dignidade e o amor-próprio dentro dele e trancou a porta. Ninguém teria a chave. Nem Denna, nem Darken Rahl. Só ele. Suportaria o que estava para vir, sem sua dignidade. Faria o que tinha de fazer e algum dia abriria a porta e seria ele mesmo outra vez, nem que fosse só na morte. Mas, por enquanto, seria escravo de Denna. Por enquanto. Mas não para sempre. Algum dia aquilo tinha de acabar.

Denna segurou o rosto dele com as duas mãos e o beijou com força bastante para fazer o lábio ferido latejar e arder. Aparentemente ela sentia mais prazer em beijá-lo quando estava prestes a começar a tortura. Ela afastou o rosto do dele, com imenso prazer nos olhos. — Vamos começar, meu querido? — murmurou ela.

— Por Favor, Senhora Denna — murmurou ele —, não faça isso.

Ela Sorriu.

— Era o que eu queria ouvir.

Denna começou a mostrar o que o Agiel podia fazer. Se o passasse no corpo dele formaria vergões inchados e se o apertasse um pouco mais, os vergões se encheriam de sangue. Quando ela encostou o Agiel no seu corpo, Richard sentiu uma umidade morna na pele suada. Ela podia também provocar exatamente a mesma dor sem deixar marcas. Os dentes de Richard doíam com a força com que ele os cerrava. Às vezes Denna ficava atrás dele esperando que estivesse desprevenido, para usar o Agiel. Quando cansou disso, mandou-o fechar os olhos enquanto ela andava em volta dele, apertando um lugar com o Agiel ou passando-o no peito dele.

Ela ria quando conseguia fazer com que Richard se preparasse para a dor do Agiel e não o usava. Um golpe especialmente violento o fez abrir os olhos, dando a ela pretexto para usar a luva. Ela o fez pedir perdão por abrir os olhos sem ser mandado. Os pulsos de Richard sangravam por causa das algemas que cortavam sua carne. Era impossível aliviar o peso do corpo na corrente.

Richard só perdeu o controle da raiva quando Denna pôs o Agiel na sua axila. Denna sorriu vendo-o girar o corpo, tentando pensar no cabelo dela. Percebendo que Richard tinha perdido o controle da raiva, ela se concentrou na área por um longo tempo, mas ele não repetiu o erro. Uma vez que ele não demonstrou novamente a dor da magia, ela se encarregou disso e, quando provocada por ela, Richard não conseguia se livrar, por mais que tentasse. Richard teve de pedir a ela que o fizesse. Às vezes ela ficava na frente dele, vendo-o segurar a respiração. Algumas vezes, apertava com força o corpo contra o dele, o couro duro renovando a dor de cada ferimento.

Richard não teve idéia do quanto durou essa tortura. A maior parte do tempo não percebia coisa alguma, a não ser a dor, como uma coisa viva dentro dele. Só sabia que, em algum momento, faria tudo que ela mandasse, não importava o quê, se pelo menos deixasse de torturá-lo. Ele procurou não olhar para o Agiel. Só de vê-lo seus olhos se enchiam de lágrimas. Denna estava certa, nunca se cansava ou se entediava com o que fazia. Parecia que aquele

trabalho a fascinava, divertia, satisfazia. A única coisa que a fazia mais feliz do que provocar dor era quando de lhe implorava para parar. Richard teria implorado mais para fazer Denna feliz, mas quase todo o tempo era incapaz de falar. Respirar era quase mais do que podia suportar.

Não tentava mais diminuir a pressão nos pulsos e ficou dependurado flácido, delirante. Pensou que a tortura tinha parado por algum tempo, mas era tanta a dor que sentia ainda, que não tinha certeza. O suor nos olhos o cegava, escorria nos ferimentos, queimando como fogo.

Quando sua mente clareou um pouco, ela voltou e ficou atrás dele. Richard juntou todas as forças, preparando-se para o que sabia que ia acontecer. Mas Denna puxou sua cabeça para trás pelo cabelo.

— Agora, meu bichinho, vou mostrar uma coisa nova. Vou mostrar que sou uma dona realmente bondosa. — Puxou a cabeça dele para trás até a dor fazer Richard retesar os músculos do pescoço para resistir à pressão. Denna pôs o Agiel no pescoço dele. — Pare de lutar contra mim, ou não tiro mais.

O sangue escorria na sua boca. Richard relaxou os músculos, deixando que ela puxasse sua cabeça à vontade.

— Agora, meu querido, ouça com atenção. Vou pôr o Agiel no seu ouvido direito. — Richard quase sufocou de medo. Denna puxou a cabeça dele para fazê-lo parar. — É diferente de qualquer outro lugar. É muito mais doloroso. Mas você deve fazer exatamente o que eu mandar. — Ela falou com a boca muito perto do ouvido dele, murmurando como uma amante: — No passado, quando eu tinha uma irmã Mord-Sith comigo, nós duas aplicávamos o Agiel nos dois ouvidos do homem ao mesmo tempo. O grito era diferente de qualquer outro. O som é embriagador. Fico arrepiada só de lembrar.

"Mas isso também os matava. Nunca tivemos sucesso com o uso de dois Agíeis ao mesmo tempo daquele modo, sem os matar. Tentamos por longo tempo, mas eles sempre morriam. Agradeça por ser eu a sua dona; outras continuam tentando."

— Obrigado, Senhora Denna. — Richard não sabia ao certo o que estava agradecendo, mas não queria que ela fizesse fosse o que

fosse que tinha planejado.

— Preste atenção — murmurou ela asperamente. Então sua voz suavizou outra vez. — Quando eu fizer isso, você deve ficar imóvel. Do contrário, danificará coisas dentro de você. Não o matará, mas provocará dano irreparável. Alguns homens que se movem ficam cegos, outros não podem mover um lado do corpo, outros ainda perdem a fala ou nunca mais podem andar. Mas em todos os que não ficam imóveis, alguma coisa é danificada. Quero você perfeitamente funcional. Mord-Siths mais cruéis do que eu não dizem aos seus animaizinhos para não se moverem, simplesmente aplicam o Agiel sem os avisar. Então, está vendo? Não sou tão cruel como pensa. Porém poucos dos homens em quem eu fiz isso conseguiram ficar imóveis. Mesmo depois de serem avisados, ficam danificados para sempre.

Richard não se conteve e gritou: — Senhora Denna, por favor, não faça isso, por favor.

Richard sentiu o hálito do sorriso dela. Denna passou a língua na orelha dele e a beijou.

— Mas eu quero fazer, meu querido. Não esqueça, fique parado, não se mova.

Richard cerrou os dentes, mas nada o teria preparado para aquilo. Era como se sua cabeça fosse de vidro e estivesse sendo estilhaçada. Suas unhas cortaram as palmas das mãos. Toda noção de tempo desmoronou com todo o resto. Ele estava num deserto de agonia sem começo nem fim. Cada nervo do seu corpo queimava com um tormento agudo como uma navalha. Não teve idéia do tempo que durou, mas quando ela o retirou, seus gritos ecoavam nas paredes de pedra.

Quando finalmente Richard relaxou o corpo, Denna beijou sua orelha e murmurou ofegante: — Foi um grito simplesmente delicioso, meu querido. Nunca ouvi melhor. Exceto o grito da morte, é claro. Você foi muito bem, não se moveu nem um centímetro. — Beijou o pescoço dele carinhosamente, depois a orelha outra vez. — Vamos tentar o outro lado?

Richard relaxou todo o corpo. Não podia sequer chorar. Denna puxou com força a cabeça dele para trás e passou para o outro lado.

Quando finalmente ela terminou e soltou a corrente, Richard caiu falecidamente no chão. Não acreditava que seria capaz de se mover, mas, quando Denna fez um gesto com o Agiel, só de ver o instrumento de tortura ele fez o que ela quis.

— Por hoje é só, meu querido. — Richard pensou que ia morrer de alegria — Vou dormir um pouco. Hoje foi só uma parte do dia, amanhã teremos o dia inteiro de treinamento. Você vai achar um dia inteiro muito mais doloroso.

Richard estava exausto demais para pensar no amanhã. Tudo que queria era se deitar. O chão de pedra era a melhor cama que já tinha visto. Olhou para o chão ansiosamente.

Denna levou a cadeira para debaixo da viga, soltou a corrente do pescoço dele e aprendeu no gancho de ferro. Richard olhava confuso, cansado demais para imaginar a intenção dela. Quando terminou, Denna foi para a porta. Richard viu que a corrente não dava para deitar no chão.

— Senhora Denna, como vou dormir?

Ela se voltou com um sorriso condescendente.

— Dormir. Não me lembro de ter dito que você podia dormir. O sono é um privilegio que você ganha. Você não o mereceu ainda. Não se lembra desta manhã, quando teve aquela maldosa visão de me matar com sua espada? Lembra que eu disse que você ia se arrepender?

Ela fez menção de sair do quarto, mas voltou.

— E se está pensando em tirar a corrente do gancho e deixar que a dor o faça desmaiar, eu não tentaria se fosse você. Mudei a magia. Agora ela não permite que você perca a consciência. Se tirar a corrente ou cair no chão acidentalmente e for estrangulado pela corrente, não estarei aqui para ajudá-lo. Você ficará sozinho durante toda a noite, com a dor. Pense nisso, se tiver sono. Denna saiu do quarto, levando o archote.

Richard ficou no escuro, chorando. Depois de algum tempo, obrigou-se a parar e pensou em Kahlan. Era algo agradável que Denna não podia tirar dele. Pelo menos não essa noite. Esforçou-se para se sentir bem por saber que Kahlan estava a salvo e com pessoas para protegê-la. Zedd e Chase e logo o exército de Michael.

Imaginou onde ela estaria naquele momento, num acampamento em algum lugar, com Siddin e Rachel, tomando conta deles, contando histórias, fazendo-os rir.

Richard sorriu vendo a imagem de Kahlan em sua mente. Saboreou a lembrança daquele beijo, a sensação do corpo dela junto ao seu. Mesmo de tão longe, Kahlan ainda o fazia sorrir e feliz. O que acontecesse com ele não importava. Ela estava a salvo. Só isso era importante. Kahlan, Zedd e Chase estavam seguros e com a última caixa. Darken Rahl ia morrer e Kahlan ia viver.

Quando tudo isso acabasse, não importava o que acontecia com ele. Agora era o mesmo que estar morto. Denna ou Darken Rahl se encarregaria disso. Só precisava suportar a dor até lá. Ele conseguiria isso. Que importância tinha? Nada que Denna fizesse era uma dor maior do que não poder estar com Kahlan. A mulher que ele amava. A mulher que ele amava e que devia escolher outro para seu companheiro.

Ficou feliz por saber que estaria, morto antes disso. Talvez pudesse fazer alguma coisa para apressar o processo. Certamente não precisava muita coisa para enfurecer Denna. Se eu não ficar imóvel na próxima vez em que da puser o Agiel no meu ouvido, pensou, ficarei permanentemente inutilizado e então talvez não tenha mais utilidade para ela. Talvez ela o matasse. Richard nunca tinha se sentido tão sozinho em toda a vida.

— Eu amo você, Kahlan — murmurou ele no escuro.

* * *

Como Denna prometera, o dia seguinte foi pior. Ela estava descansada e ansiosa para gastar um pouco de energia na tarefa de quebrar a vontade de Richard. Ele sabia que era possível controlar uma coisa, uma escolha. Esperava que ela repetisse a tortura de pôr o Agiel no seu ouvido e ele então faria um movimento com todas as suas forças e seria gravemente inutilizado, mas Denna não repetiu a tortura, como se adivinhasse o que ele pretendia fazer. Isso deu a Richard uma migalha de esperança. Ele a tinha obrigado a não fazer aquilo. Tinha impedido que ela usasse o Agiel daquele modo. Denna

não tinha todo o controle que pensava ter. Richard podia ainda obrigá-la a fazer uma coisa que ele escolhesse. Esse pensamento o animou. Lembrar como havia trancado seu amor-próprio, sua dignidade naquele quarto secreto permitia a ele fazer o que era necessário. Deixou que ela fizesse tudo que queria com ele.

As únicas vezes em que Denna fez uma pausa, sentou-se à mesa e comeu. Ela o vigiava enquanto comia frutas bem devagar, sorrindo quando ele gemia. Não deu comida alguma a Richard, só água num copo que Denna segurou, quando acabou de comer.

No fim do dia, ela prendeu a corrente na viga outra vez, obrigando-o a passar a noite de pé. Richard não se deu ao trabalho de perguntar por quê. Não importava. Denna ia fazer o que queria e ele não podia fazer nada para mudar isso.

De manhã, quando ela voltou com o archote, ele estava ainda de pé, mas precariamente. Ela parecia estar de bom humor.

— Quero um beijo de bom-dia — sorriu ela. — Espero que você retribua. Mostre como ficou feliz por ver sua dona.

Richard fez o melhor possível, mas precisou se concentrar na beleza do cabelo dela. O abraço acendeu chamas de dor nos ferimentos. Quando terminou e ele estava trêmulo de dor, ela tirou a corrente do gancho e a jogou no chão.

— Você está aprendendo a ser um bom animalzinho de estimação. Ganhou duas horas de sono.

Richard caiu no chão e adormeceu antes de ela sair da sala. Ele descobriu que ser acordado pelo Agiel era um terror à parte. O sono breve pouco fez para revivê-lo. Precisava de muito mais do que duas horas. Jurou a si mesmo lutar com todas as forças para passar o dia todo sem cometer erros, fazer tudo que ela mandasse e assim talvez ganhar uma noite inteira de sono.

Juntando todas as forças, procurou fazer tudo que ela queria, esperando agradar-lhe. Richard esperava também merecer alguma coisa para comer. Não comia desde sua captura. Não sabia o que mais desejava — sono ou comida. Decidiu que seu maior desejo era parar de sentir dor. Ou que o deixassem morrer.

Estava no fim das forças, sentia a vida se esvair e esperava ansiosamente a morte. Denna aparentemente percebeu a queda na

resistência dele e aliviou a tortura, dando mais tempo para Richard se refazer, alongando o tempo dos intervalos. Richard não se importou. Sabia que aquilo jamais ia acabar, que estava perdido. Renunciou ao desejo viver, de continuar, de resistir. Denna falava ternamente, acariciava seu rosto, enquanto ele estava dependurado pelas algemas. Ela o encorajou, incitando-o a não desistir e prometeu que, quando sua vontade estivesse quebrada, tudo seria melhor. Richard apenas ouvia, incapaz até de chorar.

Quando finalmente ela soltou a corrente das algemas, ele pensou que devia ser noite outra vez, não tinha mais a noção do tempo. Esperou que ela prendesse a corrente ou a jogasse no chão, dizendo que ele podia dormir. Denna não fez nada disso. Prendeu torrente na cadeira, mandou que ele ficasse de pé e saiu do quarto. Voltou carregando um balde.

— De joelhos, animalzinho. — Sentou-se na cadeira ao lado dele, tirou uma escova da água quente e começou a lavá-lo. As cerdas duras da escova sobre os ferimentos provocaram uma dor completamente nova. — Temos um convite para jantar. Preciso limpar você. Gosto muito do cheiro do seu suor, do seu medo, mas certamente ofenderia os convidados.

Ela trabalhou com uma estranha espécie de ternura. Era como se ele fosse um cão. Apoiou-se nela, incapaz de ficar de pé. Não faria isso se tivesse forças para evitar, mas não tinha. Ela o deixou ficar assim enquanto o lavava. Richard imaginou de quem seria o convite, mas não perguntou.

Mas Denna contou.

— A rainha Milena nos convidou para jantar com seus convidados. Uma grande honra para uma pessoa tão baixa quanto você, não acha?

Richard apenas balançou a cabeça afirmativamente, sem forças para ralar.

A rainha Milena. Então estavam no castelo! Isso não o surpreendeu. Para onde mais ela teria tido tempo de levá-lo? Terminado o banho, Denna concedeu-lhe uma hora de sono, como descanso para o jantar. Richard dormiu aos pés dela.

Denna o acordou com o pé, não com o Agiel. Richard quase chorou com aquele ato de misericórdia e ouviu a própria voz agradecendo profusamente tanta bondade. Ela fez recomendações quanto ao seu comportamento. A corrente estaria presa ao cinto dela e Richard devia olhar só para ela, só falar quando falassem com ele e só depois de pedir permissão a Denna. Não se sentaria à mesa, mas no chão, e se fosse bem-comportado receberia alguma coisa para comer.

Ele prometeu fazer tudo isso. A idéia de se sentar no chão parecia maravilhosa, poder descansar e não ficar de pé o tempo todo, sofrendo dor. E ter alguma coisa para comer, finalmente. Prometeu a si mesmo se esforçar para não fazer nada para desagradar a Denna e evitar que não lhe dessem comida.

Atordoado, seguiu Denna, ligado a ela pela corrente da coleira, concentrando-se para evitar que fosse esticada. Denna tirou as algemas, mas os cortes estavam vermelhos inchados e latejavam. Richard se lembrou vagamente das salas que atravessaram.

Na sala, com os convidados, Denna parou para conversar com pessoas bem vestidas. Richard não tirou os olhos do cabelo dela. A trança evidentemente fora preparada para o jantar. O uso vigoroso do Agiel a desfizera em parte, liberando fios de cabelo. Ela devia ter refeito a trança enquanto ele dormia.

Richard se surpreendeu pensando em como o cabelo dela era realmente bonito e que Denna era a mais bonita das mulheres presentes. Sabia que todos o olhavam, pela sua espada, enquanto era levado pela coleira e pela corrente. Lembrou que, por enquanto seu orgulho estava trancado num quarto. O importante agora era ter uma chance para descansar e ficar livre da dor por algum tempo.

Richard se curvou e ficou assim enquanto Denna falava com a rainha. A rainha e a Mord-Sith trocaram apenas uma inclinação da cabeça. A princesa estava ao lado da rainha. Richard lembrou como a princesa Violeta tinha tratado Rachel e teve de voltar a pensar na trança de cabelo de Denna.

Quando Denna se sentou, estalou os dedos e mostrou um lugar no chão atrás de sua cadeira. Richard se sentou no chão com as pernas cruzadas. Denna estava à esquerda da rainha, à direita da

princesa Violeta, que olhou para ele friamente. Richard reconheceu alguns dos conselheiros da rainha e sorriu mentalmente. O artista da corte não estava entre eles. A mesa da rainha era mais alta do que as outras, mas, sentado no chão, ele não podia ver muitos dos convidados.

— Como você não come carne — disse a rainha a Denna —, mandei os cozinheiros prepararem um jantar especial de que, tenho certeza, vai gostar. Sopas maravilhosas, legumes e frutas raras.

Denna sorriu e agradeceu. Enquanto comia, um criado apareceu com um prato simples numa bandeja.

— Para meu animalzinho de estimação — disse ela, interrompendo brevemente a conversa.

O criado tirou o prato da bandeja e o deu a Richard. Era uma espécie de mingau, mas para Richard, segurando o prato com as mãos trêmulas, preparando-se para comer, pareceu a melhor refeição que já tivera.

— Se ele é seu animalzinho de estimação — disse a princesa Violeta—, porque permite que ele coma assim?

Denna olhou para a princesa.

— Assim como?

— Bem, se ele é um animal — a princesa sorriu —, devia comer no chão, sem usar as mãos.

Denna sorriu com um brilho nos olhos.

— Faça o que ela diz.

— Ponha o prato no chão — disse a princesa Violeta — e coma como um cachorro para que todos vejam. Que todos vejam que o Seeker não é melhor do que um cão.

Richard estava com muita fome para se arriscar a perder a refeição. Concentrado na imagem do cabelo de Denna, pôs o prato cuidadosamente no chão, olhando nos olhos da princesa Violeta, vendo-lhe o sorriso de desprezo, e comeu o mingau ao som das risadas. Deixou o prato limpo, dizendo a si mesmo que era porque precisava de todas as forças.

Depois que a rainha e os convidados terminaram de comer, um homem acorrentado foi levado para o centro da sala. Richard o reconheceu. Era um dos homens que Kahlan tinha livrado da

masmorra. Os dois trocaram um breve olhar de compreensão e desespero.

Falaram de infrações e crimes cometidos. Richard se esforçou para ignorar, sabia que era mero pretexto. A rainha fez um discurso curto sobre os crimes do homem e depois se voltou para a princesa.

—Talvez a princesa queira determinar o castigo para este homem.

A princesa Violeta se levantou, com um sorriso satisfeito.

— Por crimes contra a coroa, cem chicotadas. Por crimes contra o povo, sua cabeça.

Um murmúrio de aprovação passou pela sala. Richard ficou nauseado, mas ao mesmo tempo pensou que gostaria de trocar de lugar com o homem. As cem chicotadas seriam fáceis e, no fim, haveria o machado.

A princesa Violeta voltou-se para Denna.

— Algum dia, quero ver como você castiga.

— Quando desejar — Denna olhou para trás —, deixarei você assistir.

Quando voltaram ao quarto de pedra, Denna não perdeu tempo em tirar a camisa dele e logo Richard estava outra vez dependurado na viga. Ela informou friamente que os olhos dele tinham se movido demais durante o jantar. O coração de Richard disparou. Mais uma vez as algemas queimavam seus pulsos. As habilidades de Denna em pouco tempo o deixaram coberto de suor, tentando respirar, gritando em agonia. Ela disse que ainda era cedo e que queria fazer muito treinamento antes do fim da noite.

Os músculos de Richard se retesaram, levantando-o do chão quando Denna aplicou o Agiel nas suas costas. Em vão pediu a ela para parar. Quando mais uma vez ele relatou todo o corpo, viu uma silhueta na porta.

— Gosto do modo como você o faz implorar — disse a princesa Violeta.

A Mord-Sith sorriu.

— Chegue mais perto, minha querida, que eu mostro mais.

Denna o abraçou, apertando o corpo contra seus ferimentos. Beijou a orelha dele e murmurou:

— Vamos mostrar para a princesa como você sabe implorar bem?

Richard jurou a si mesmo que não ia implorar, mas logo quebrou o juramento. Denna fez uma demonstração, para a princesa Violeta, dos diferentes modos de ferir Richard. Parecia ter orgulho em mostrar seus talentos.

— Posso tentar? — perguntou a princesa.

Denna olhou para ela por um momento.

— É claro, minha querida. Tenho certeza de que meu animalzinho não vai se importar — Sorriu para ele. — Não é verdade?

— Por favor, Senhora Denna, não deixe que ela faça isso. Por favor. Ela é apenas uma criança. Faço o que a senhora quiser, mas não deixe. Por favor!

— Pronto, está vendo, minha querida, ele não se importa.

Denna deu a ela o Agiel.

A princesa Violeta sorriu para ele quando pegou o instrumento de tortura. Tentativamente, aplicou o Agiel no músculo da coxa de Richard. Feliz ao vê-lo se encolher de dor. Satisfeita com o resultado, andou em volta dele, usando o Agiel.

— É fácil! — disse ela. — Nunca pensei que fosse tão fácil fazer uma pessoa sangrar.

Com os braços cruzados, Denna olhou para ele com um sorriso quando a princesa ficou mais ousada. Não demorou para que sua crueldade se revelasse. A princesa entrou na nova brincadeira com prazer.

— Lembra o que fez a mim? — perguntou ela a Richard. Apertou o Agiel contanto lado do corpo dele. — Lembra como me deixou embaraçada? Acho que está tendo o que merece, não acha? — Richard manteve os dentes fortemente cerrados. — Responda! Não acha que você merece isso?

Richard fechou os olhos e tentou controlar a dor.

— Responda! E depois me peça para parar. Quero confirmar isso enquanto você pede.

— Acho melhor você responder—disse Denna. — Parece que ela aprende depressa.

— Por favor, Senhora Denna, não ensine isso a ela. O que está fazendo a ela é pior do que o que faz a mim. Ela é só uma criança. Por favor, não faça isso a ela. Não deixe que ela aprenda essas coisas.

— Eu aprendo o que quiser. Acho melhor você começar a pedir. Agora mesmo!

Mesmo sabendo que era pior para ele, Richard esperou até não poder suportar a dor.

— Desculpe, princesa Violeta — disse ele, ofegante. — Por favor, perdoe-me. Eu estava errado.

Richard descobriu que foi um erro ter respondido. Só serviu para excitar a princesa, que não demorou em aprender a fazê-lo pedir e chorar, embora procurasse com todas as forças controlar a dor. Richard não podia acreditar no absurdo de uma menina estar fazendo aquilo. Muito menos tendo prazer. Era uma loucura.

Ela aplicou o Agiel no estômago de Richard, sorrindo para ele.

— Mas isto é menos do que a Confessora merece. Algum dia ela terá muito mais. E sou eu quem vai fazer. Minha mãe disse que eu ficarei encarregada disso, quando ela voltar. Quero que você me peça para machucar a Confessora. Vamos ouvir você me pedir para cortar a cabeça da Madre Confessora.

Richard não tinha idéia do que era, mas algo dentro dele despertou.

A princesa Violeta cerrou os dentes e apertou o Agiel com toda força na barriga dele.

— Peça! Peça que eu mate a feia Kahlan!

A dor fez Richard gritar com toda a força dos pulmões.

Denna ficou entre os dois e tirou o Agiel da mão da princesa Violeta.

— Chega! Você vai matá-lo usando o Agiel desse modo.

— Obrigado, Senhora Denna — ele arquejou, sentindo estranha afeição por ela.

A princesa Violeta recuou um passo, amuada, carrancuda.

— Não me importa que ele morra!

Denna disse, com voz fria e autoritária: — Mas eu me importo. Ele é valioso de mais para ser desperdiçado desse modo. — Denna

era sem dúvida a única que mandava ali. Não a princesa ou a rainha. Denna era agente de Darken Rahl.

A princesa Violeta olhou furiosa para ele.

— Minha mãe diz que a Confessora Kahlan voltará e que uma surpresa a espera. Quero que saiba, porque minha mãe disse que você estará morto quando ela voltar, minha mãe diz que eu vou decidir o que fazer com ela. Primeiro, vou cortar seu cabelo. — suas mãos estavam fechadas, o rosto rubro de raiva. — Depois vou deixar que seja violentada pelos guardas, todos eles! Então vou deixá-la na masmorra por alguns anos, para que eles tenham com quem se divertir! Quando eu me cansar de ferir a Confessora mandarei cortar sua cabeça e a espetar num poste onde eu possa vê-la apodrecer!

Richard sentiu pena da pequena princesa. A tristeza por ela foi como uma onda que o envolveu. Com essa tristeza, o que havia despertado dentro dele cresceu.

A princesa Violeta fechou os olhos e pôs a língua para fora.

Era como uma bandeira vermelha.

A força do poder despertado explodiu no corpo de Richard.

Sentiu a mandíbula dela despedaçar como cristal no chão de pedra quando a atingiu com o pé. O impacto do golpe ergueu a princesa no ar. Seus dentes cortaram completamente a língua antes de se estilhaçarem também. Ela caiu de costas, a uma boa distância dele, tentando em vão gritar no meio do sangue que jorrava.

Denna olhou rapidamente para ele. Por um momento, ele viu o medo nos olhos dela. Richard não tinha idéia de como conseguira fazer isso, por que a magia não o tinha impedido e, pela expressão de Denna, teve certeza de que não devia poder fazer.

— Eu a avisei antes—disse Richard, olhando para os olhos de Denna. — Promessa feita. Promessa cumprida — ele sorriu. — Obrigado, Senhora Denna, por salvar minha vida. Sou-lhe devedor.

Denna olhou para ele por um momento antes de ficar furiosa. Saiu da sala. De onde estava, dependurado nas algemas, viu a princesa se contorcendo no chão.

— Vire-se de costas, Violeta, senão vai se afogar no sangue. Vire-se de costas!

A princesa conseguiu se virar com uma poça de sangue debaixo dela. Homens apareceram e correram para ela. Denna só olhava. Eles a ergueram cuidadosamente e a levaram.

Então ele ficou sozinho com Denna.

As dobradiças de couro rangeram quando ela fechou a porta com um dedo de unha comprida. Naqueles últimos dias, Richard tinha aprendido que Denna tinha uma bondade perversa. Aprendeu a interpretar o estado de espírito dela pelo modo com que ela usava o Agiel. Às vezes, quando ela o machucava, Richard sabia se estava controlando um instante por ele. Richard sabia que era loucura, mas compreendeu que às vezes ela partilhava o que sentia por ele, torturando-o o mais possível — Sabia também que nessa noite Denna ia fazer o pior.

Ela ficou parada na frente da porta, olhando para ele. Disse, com a voz suave: — Você é uma pessoa muito rara. Richard Cypher. Mestre Rahl me preveniu contra você. Disse para ter cuidado, que as profecias falavam através de você — Ela se adiantou lentamente, as botas ecoando os passos na pedra, e ficou na frente dele, muito perto. Olhou nos olhos dele, com a testa levemente franzida. Sua respiração no rosto de Richard estava mais rápida do que o normal. — Isso foi extraordinário — murmurou ela completamente excitante. — Seus olhos examinaram avidamente o rosto dele. — Resolvi — disse ela, ofegante — tomar você por companheiro.

Dependurado pelas algemas, Richard se sentiu impotente contra aquela loucura. Não sabia qual o poder que tomara conta dele, nem como chamá-lo de volta. Ele tentou. Nada aconteceu.

Denna parecia dominada por alguma coisa que ele não compreendia, como se estivesse reunindo coragem para fazer algo, ao mesmo tempo com medo, mas desejando ansiosamente. Incrédulo, ele viu algo que a crueldade dela jamais o tinha deixado ver. Denna era atraente. De tirar o fôlego, estupendamente atraente. Richard pensou estava ficando louco.

Chocado e estranhamente preocupado, ele a viu pôr o Agiel entre os dentes. Vendo as pupilas dela aumentarem de tamanho, Richard sabia que ela estava sentindo dor, Denna ficou pálida. Respirava rapidamente, tremendo um pouco. Ela pôs os dedos na

nuca de Richard e segurou sua cabeça. Lentamente encostou os lábios nos dele, Denna o beijou profunda e apaixonadamente, partilhando com ele a dor do Agiel. Com a língua, ela o manteve entre os lábios dos dois. O beijo foi selvagem, bestial, enquanto ela esfregava o corpo no dele.

Cada fibra do corpo de Richard queimava com a tortura. Seus gemidos abafados sugaram todo o ar dos pulmões dela, o mesmo acontecendo com ele. Richard só podia respirar o ar que vinha da boca de Denna e ela só respirava o que vinha da boca de Richard. Ele se esqueceu de tudo, exceto da dor, que invadiu sua mente. Sabia, pelos sons que Denna fazia, que ela estava sentindo a mesma agonia que ele. Os dedos dela se crispavam no cabelo dele, por causa da dor. Ela gemeu. Seus músculos se retesaram. A dor os invadiu e dominou.

Sem compreender por quê, ele a beijou com a mesma paixão, com a mesma selvageria. A dor alterou sua percepção de tudo. Desesperadamente. Richard jamais havia beijado alguém com tanta luxúria. Ele queria parar desesperadamente. Desesperadamente não parou.

O poder estranho despertou outra vez. Richard tentou segurá-lo, ficar com ele. Mas o poder escapou da sua vontade e desapareceu.

A dor o esmagou quando Denna apertou mais os lábios contra os dele, o Agiel entre os dois, seus dentes se encostando. Ela apertou mais o corpo contra o dele, enganchou as pernas nas de Richard, abraçou-o com força. Seus gritos de angustia eram cada vez mais desesperados. Richard quis desesperadamente abraçá-la.

Quando ele estava quase inconsciente, Denna se afastou, ainda com os dedos no cabelo dele. As lágrimas escorriam dos seus olhos quando olhou nos olhos dele, a poucos milímetros de distância. Denna girou o Agiel com a língua, mantendo-o entre os dentes, tremendo de dor, como para mostrar que era mais forte do que ele. Ergueu a mão devagar e tirou o Agiel da boca. Seus olhos rolaram nas órbitas. Ela procurou respirar.

Denna franziu a testa. Lágrimas de dor e de alguma coisa mais brotavam dos seus olhos. Ela o beijou. Richard ficou chocado com a

ternura, a delicadeza do beijo.

— Estamos ligados — murmurou ela. — Ligados pela dor do Agiel. Desculpe, Richard. — Passou os dedos trêmulos no rosto dele, a sombra da dor ainda nos seus olhos. — Desculpe o que vou fazer com você. Você é meu companheiro pelo resto da vida.

Richard ficou atônico com o tom de compaixão na voz dela.

— Por favor, Senhora Denna. Por favor, deixe-me ir. Ou, pelo menos, ajude-me a deter Darken Rahl. Prometo que estarei disposto a ser seu companheiro para a vida toda, se me ajudar a detê-lo. Juro por minha vida que, se me ajudar, ficarei, sem ser obrigado pela magia. Para sempre.

Denna pôs a mão no peito dele para se equilibrar enquanto se refazia da dor.

— Pensa que não compreendo o que estou fazendo com você? — Com um brilho vazio nos olhos, continuou: — Seu treinamento e serviço vão durar apenas semanas, antes da sua morte. O treinamento de uma Mord-Sith dura anos. Tudo que faço com você e muito mais foi feito milhares de vezes comigo. Um Mord-Sith deve conhecer seu Agiel melhor do que conhece a si mesmo. Meu primeiro treinador me tomou para companheira quando eu tinha quinze anos, depois de me treinar desde os doze anos. De modo algum eu podia suportar sua crueldade ou sua habilidade para manter uma pessoa no ápice entre a vida e a morte. Ele me treinou até os dezoito anos, quando eu o matei. Fui punida com o Agiel todos os dias durante dois anos. Com este Agiel. O mesmo que usei em você foi o que ele usou para me treinar. Ganhei de presente quando me tomei Mord-Sith. Vivo só para usá-lo.

— Senhora Denna — murmurou ele. — Eu sinto muito.

A dureza reapareceu nos olhos dela.

— Você vai sentir. Ninguém poderá ajudá-lo. Nem eu. Vai descobrir que ser companheiro de uma Mord-Sith não traz qualquer privilégio, somente muita dor.

Richard continuava indefeso pendurado pelas algemas, arrasado com a enormidade de tudo aquilo. Compreender um pouco Denna só aumentou sua impotência. Não havia escape para ele. Era o companheiro de uma louca.

A testa franzida e o sorriso voltaram.

— Por que foi tão tolo fazendo o que fez? Certamente sabe que preciso fazer você sofrer por isso.

Richard olhou para ela por um momento, sem compreender.

— Senhora Denna, que diferença faz? Vai me torturar de qualquer modo. Não posso imaginar o que mais pode fazer comigo.

Ela sorriu com desprezo.

— Oh, meu amor, sua imaginação é muito limitada.

Denna desafivelou o cinto dele.

Ela cerrou os dentes.

— Está na hora de descobrirmos algum lugar novo no seu corpo. Chegou a hora de ver do que você é feito realmente. — A expressão dos olhos dela deixou Richard gelado. — Muito obrigada, meu amor, por me dar um pretexto para fazer isso. Nunca antes fiz em outra pessoa, mas já foi feito muitas vezes. Foi o que quebrou minha vontade quando eu tinha catorze anos. Esta noite — murmurou ela —, nenhum de nós vai dormir.

CAPÍTULO 42



Água fria do balde jogada no seu corpo nu mal chegou a reavivar Richard. Ele viu vagamente os filetes de água tingidos de vermelho escorrerem do seu corpo para as rachaduras das pedras nas quais estava deitado de bruços. Cada respiração era um esforço tremendo. Imaginou quantas costelas estariam quebradas.

— Vista-se. Vamos embora — disse ela.

— Sim, Senhora Denna — murmurou ele com voz rouca por causa dos gritos, sabendo que ela não podia ouvir e ia torturá-lo por não responder, porém Richard não podia fazer mais do que aquilo.

Quando o Agiel não foi usado, Richard se moveu um pouco, viu suas botas e as puxou para ele. Sentou-se mas não conseguia erguer a cabeça. Com grande dificuldade, começou a calçar as botas. Os cortes nos pés fizeram seus olhos se encherem de lágrimas.

Com o joelho no queixo dele, Denna o derrubou para trás. Sentou-se no peito dele, batendo no seu rosto com os punhos fechados.

— O que há com você? É idiota? A calça vai antes das botas. Será que tenho de dizer tudo?

— Sim, Senhora Denna, não, Senhora Denna, perdoe-me, Senhora Denna, obrigado, Senhora Denna, por me machucar. Obrigado, Senhora Denna, por me ensinar — murmurou ele.

Denna sentou no peito dele, ofegando de raiva. Depois de um tempo, sua respiração se acalmou.

— Vamos, vou ajudar você. — Inclinou-se e o beijou. — Venha, meu amor. Vai poder descansar enquanto viajamos.

— Sim, Senhora Denna. — O som de sua voz foi pouco mais de um suspiro.

Ela o beijou outra vez.

— Vamos, meu amor. Será melhor agora, que eu quebrei sua vontade. Vai ver.

Uma carruagem fechada os esperava no escuro. Nuvens formadas pela respiração dos cavalos subiam e deslizavam no ar frio e parado. Richard tropeçou várias vezes atrás dela, tentando manter frouxa a corrente. Não tinha a mínima idéia de quanto tempo fazia exatamente que Denna decidira que ele seria seu companheiro, nem se importava com isso. Um guarda abriu a porta da carruagem.

Denna jogou a ponta da corrente no chão.

— Entre.

Richard segurou nos dois lados da porta. Ouviu vagamente que alguém se aproximava. Denna deu um puxão na corrente, indicando que ele devia ficar onde estava.

— Denna! — Era a rainha, na frente dos seus conselheiros.

— Senhora Denna — corrigiu ela.

A rainha parecia furiosa.

— Aonde pensa que vai com ele?

— Não é da sua conta. Devemos partir agora. Como vai a princesa?

A rainha olhou para ela, carrancuda.

— Não sabemos ainda se viverá. Eu fico com o Seeker. Ele tem de pagar.

— O Seeker pertence a mim e ao Mestre Rahl. Ele está sendo punido e continuará assim até ser morto por Mestre Rahl ou por mim. Você não pode fazer nada que se compare ao que já foi feito.

— Ele deve ser executado. Imediatamente.

A voz de Denna era fria como o ar da noite.

— Volte para seu castelo, rainha Milena, enquanto ainda tem um castelo.

Richard viu uma faca na mão da rainha. O guarda ao lado dele tirou do cinto sua acha e a segurou com força. Houve um momento de silêncio claro como cristal.

A rainha empurrou Denna com as costas da mão e avançou para Richard com a faca. Denna aplicou o Agiel no peito volumoso da rainha.

Quando o guarda passou por ele, com a acha erguida para atacar Denna, o poder estranho despertou com um rugido. Reunindo todas as suas forças, Richard, completamente tomado pelo poder, passou o braço esquerdo em volta do pescoço do guarda e o esfaqueou. Denna olhou brevemente para o homem quando ele soltou um grito. Ela sorriu e olhou outra vez para a rainha, que tremia, paralisada, com o Agiel entre os seios. Denna girou o Agiel. A rainha desmoronou.

Denna olhou para os conselheiros da rainha.

— O coração da rainha deixou de bater. — Ergueu uma sobancelha. — Inesperadamente. Por favor, transmitam meus sentimentos ao povo de Tamarang pela morte da sua rainha. Sugiro que procurem outro governante mais disposto a dar atenção aos desejos do Mestre Rahl.

Todos se curvaram brevemente. O poder desperto tremeluziu e desapareceu. O ato de matar o guarda exigiu toda a força, que ainda havia em Richard. Suas pernas trêmulas cederam ao peso do corpo. O chão se inclinou e subiu ao encontro dele.

Denna segurou a corrente perto da coleira, levantando a cabeça dele do chão.

— Não mandei você se deitar! Não dei permissão! Levante-se!

Richard não conseguiu se mexer. Ela aplicou o Agiel no estômago dele e subiu para o peito, para a garganta. Richard estremeceu convulsivamente de dor, mas não conseguiu fazer o que ela queria.

— Desculpe — murmurou ele.

Denna deixou a cabeça de Richard cair no chão, quando viu que ele não podia se mover, e voltou-se para os guardas.

— Levem-no para dentro da carruagem.

Subiu depois dele, gritando para o cocheiro para partir e fechou a porta. Richard caiu para trás quando a carruagem se moveu.

— Por favor, Senhora Denna — disse ele com voz quase inaudível —, perdoe-me por desapontá-la, por não poder fazer o que a senhora quer. Sinto muito. Farei melhor no futuro. Por favor, me castigue, para que eu aprenda a ser melhor.

Ela segurou a corrente com força perto da coleira, as juntas da mão brancas, e o levantou do banco. Com um sorriso desdenhoso e os dentes cerrados, disse: — Não se atreva a mover agora, não ainda. Você precisa fazer algumas coisas antes.

Richard estava com os olhos fechados.

— Às suas ordens, Senhora Denna.

Ela largou a corrente, segurou os ombros dele e o fez deitar no banco e lhe beijou a testa.

— Tem permissão para descansar agora, meu amor. O caminho pela frente é longo. Terá muito tempo para descansar antes de tudo recomeçar.

Richard sentiu os dedos dela atrás da cabeça, os solavancos da carruagem e adormeceu.

De quando em quando, ele acordava, nunca totalmente consciente. Às vezes Denna se sentava ao lado, deixando que Richard se encostasse nela, e dava comida a ele. Engolir era doloroso, quase mais do que ele podia suportar. Todo o seu corpo se contraía a cada colherada, a fome insuficiente para anular a dor na garganta, e Richard afastava a cabeça da colher. Denna o incitava a comer por ela. Fazer por ela era a única coisa à qual ele respondia.

Sempre que um solavanco o acordava bruscamente, Richard se agarrava a ela para proteção, segurança, até que Denna dizia que não era nada e o mandava voltar a dormir. Richard sabia que às vezes dormia no chão, às vezes no banco. Não via nada da paisagem lá fora, mas não se importava. O que importava era estar perto dela, nada mais. A não ser estar pronto para obedecer às ordens de Denna. Algumas vezes ele acordava e a via sentada no canto do banco, ele deitado, coberto com o casaco, a cabeça no colo dela, seus dedos acariciando o cabelo dele. Quando isso acontecia, Richard tentava não deixar Denna perceber que estava acordado, para poder continuar assim.

Nesses momentos, sentindo o calor reconfortante dela, Richard sentia também despertar o poder dentro dele. Não tentava alcançá-lo nem se apossar dele, apenas o sentia. Certa vez, Richard o reconheceu, sabia o que era. Era a magia da espada.

Deitado no colo de Denna, sentindo que precisava dela, a magia ficava com ele. Richard a tocava, acariciava, sentia seu poder. Era como o que evocava quando ia matar com a espada, mas diferente de um modo que ele não podia compreender. O poder que conhecera antes não podia mais sentir. Agora pertencia a Denna, mas ela não sabia. Quando Richard tentava alcançar a magia, ela desaparecia como vapor. Uma vaga parte de sua mente queria essa ajuda, mas, como não podia controlá-la, pedir ajuda a ela, Richard se desinteressou.

Com o passar do tempo, seus ferimentos começaram a cicatrizar. Cada vez que ele acordava, estava um pouco mais alerta. Quando Denna disse que tinham chegado, Richard conseguiu ficar de pé sozinho, embora sua cabeça não estivesse completamente clara.

No escuro, saíram da carruagem. Richard observava os pés de Denna para manter suficientemente frouxa a corrente presa no cinto. Mesmo assim, ele notou onde entravam. Era um lugar imenso, muito maior do que o castelo de Tamarang. Os muros se estendiam a perder de vista. Torres e telhados se erguiam a alturas estonteantes. Estava suficientemente consciente para notar que o desenho da vasta estrutura era elegante e gracioso. Imponente, mas leve e nada agressivo.

Denna o conduziu por corredores de mármore e granito polidos. Colunas apoiavam arcos magníficos. Enquanto caminhavam, Richard notou o quanto tinha recuperada as forças. Alguns dias antes, não suportaria ficar de pé por tanto tempo.

Não viram ninguém. Richard olhava para o cabelo dela, pensando no quanto era bonito, em como tinha sorte por ter uma companheira tão bela. Pensando no quanto gostava de Denna, o poder despertou. Antes que desaparecesse, a parte fechada e vaga de sua mente o segurou, enquanto o resto pensava nela e essa parte se agarrou à esperança de fuga. Quando compreendeu que

controlava o poder, parou de pensar em Denna. O poder se evaporou.

O coração de Richard se apertou. O que importava, ele pensou, jamais podem escapar, e afinal, por que queria tanto? Era o companheiro de Denna. Para onde iria? O que faria sem ela para dar as ordens?

Denna passou por uma porta e a fechou. Uma janela terminada em ponta na parte superior, emoldurada por cortinas simples, estava aberta para a escuridão da noite. Richard viu uma cama com um cobertor grosso e travesseiros. O assoalho era de madeira polida. Lâmpadas estavam acesos ao lado da cama e na mesa com cadeira, no outro lado do quarto. Sobre uma estante havia uma bacia e uma jarra. Denna soltou a corrente.

— Estes são meus alojamentos. Como você é meu companheiro, pode dormir aqui se eu quiser. — Prendeu a corrente num dos postes dos pés da cama, estalou os dedos e apontou para o chão. -- Pode dormir aqui esta noite. No chão.

Richard olhou para o chão. O Agiel aplicado no seu ombro o fez ajoelhar.

— Eu disse no chão. Agora.

— Sim, Senhora Denna, desculpe, Senhora Denna.

— Estou exausta. Não quero ouvir o menor som esta noite. Compreendeu?

Ele balançou a cabeça afirmativamente, com medo de falar.

— Ótimo. — Ela se deitou de bruços na cama e adormeceu imediatamente.

Richard passou a mão no ombro dolorido. Fazia algum tempo que ela não usava o Agiel. Pelo menos dessa vez não tirou sangue. Talvez, ele pensou, ela não quisesse sangue no quarto. Não, Denna gostava do seu sangue. Richard se deitou no chão. Sabia que no dia seguinte ela o machucaria mais. Tentou não pensar nisso, seus ferimentos apenas começavam a cicatrizar.

Richard acordou antes dela, queria evitar o choque de ser acordado pelo Agiel. Ouviu o longo badalar de um sino. Denna acordou, ficou algum tempo deitada de costas, calada, então se sentou e verificou se ele estava acordado.

— Orações matutinas — anunciou ela. — Isso foi o sino, o chamado. Depois das orações, você será treinado.

— Sim, Senhora Denna.

Ela prendeu a corrente no cinto e o levou outra vez pelos corredores até uma praça aberta, com colunas apoiando arcos dos dois lados. No centro da praça, a céu aberto, havia areia com desenhos de linhas concêntricas, em volta de uma rocha escura. Em cima da rocha havia um sino — o que Richard ouvira há pouco. No chão de azulejos, entre as colunas, pessoas estavam ajoelhadas, com o corpo inclinado para a frente, a testa tocando o chão.

Eles cantavam em uníssono: "Mestre Rahl seja o nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas".

Cantavam incessantemente a mesma coisa. Denna estalou os dedos, apontando para o chão. Richard se ajoelhou, imitando os outros. Denna ajoelhou-se ao lado dele e encostou a testa no chão de ladrilhos. Ela começou a cantar junto com os outros, mas parou quando percebeu que Richard não escava cantando.

— Duas horas — disse ela, olhando carrancuda para ele. — Se tiver de lembrar você outra vez, serão seis.

— Sim, Senhora Denna.

Richard começou a cantar. Teve de se concentrar na visão da trança de Denna para dizer as palavras sem provocar a dor da magia. Não sabia ao certo quanto tempo aquilo durou, mas calculou umas duas horas. Suas costas doíam por ficar tanto tempo naquela posição. As palavras eram sempre as mesmas. Depois de algum tempo, se desfizeram num som incoerente e pareceram um mingau na sua boca.

O sino tocou duas vezes e as pessoas se levantaram, saindo cada uma para um lado. Denna ficou de pé. Richard ficou onde estava, sem saber o que fazer. Sabia que ia arranjar encrenca por ficar ali parado, mas sabia também que, se se levantasse sem ser mandado, a punição seria muito pior. Ouviu passos se aproximando deles, mas não ergueu os olhos.

Uma voz de mulher disse: — Irmã Denna, como é bom ver que está de volta! D'Hara estava vazia sem você.

D'Hara! Através da névoa do seu treinamento, a palavra acendeu-lhe a mente. No mesmo instante pensou na trança de Denna, protegendo-o.

— Irmã Constance! É bom estar em casa e ver você outra vez.

Richard percebeu sinceridade na voz de Denna. O Agiel tocou sua nuca, deixando-o sem fôlego. Era como se uma corda lhe estivesse apertando o pescoço. Pelo modo com que o Agiel foi aplicado, ele sabia que não foi obra de Denna. — E o que temos aqui? — perguntou Constance.

Ela retirou o Agiel. Tossindo, cheio de dor, Richard procurou respirar. Levantou-se quando Denna mandou, querendo poder se esconder atrás dela. Constance era bem mais baixa do que Denna, gorducha e sua roupa era de couro como a de Denna, porém marrom. O cabelo castanho sem brilho estava trançado também, mas não era tão farto quanto o de Denna. Tinha cara de quem comeu e não gostou.

Denna bateu de leve no estômago dele com as costas da mão.

— Meu novo companheiro.

— Companheiro — falou Constance, como se a palavra fosse algo amargo.

— Juro, Denna, nunca vou entender como você agüenta ter um companheiro. Só de pensar fico com dor de estômago. Então é o Seeker, vejo pela espada. Um belo partido. Deve ter sido difícil.

Denna sorriu, com ar de superioridade.

— Ele só matou dois dos meus homens, antes de me entregar sua magia. — Denna riu, vendo o choque de Constance. — Ele é de Westland.

Constance ergueu as sobrancelhas.

— Não! — Olhou para os olhos de Richard. — Está domado?

— Está. — disse Denna com um suspiro. — Mas ainda me faz sorrir. Estamos ainda nas orações matutinas e ele já ganhou duas horas.

Constance deu um risinho e perguntou: — Importa-se se eu assistir?

Denna sorriu calorosamente.

— Você sabe que o que é meu é seu, Constance. Você será minha assistente.

Constance ficou satisfeita e orgulhosa. Richard teve de pensar furiosamente no cabelo de Denna quando sentiu que por pouco quase perdeu o controle da raiva.

Denna se inclinou para a amiga.

— Na verdade, só para você, se o quiser emprestado por uma noite, não faço objeção. — Constance ficou rígida. Denna riu.

— Sem experimentar, nunca vai saber.

Constance disse, carrancuda: — Terei prazer com a carne dele de outros modos. Vou vestir minha roupa vermelha e encontro você lá.

— Não, essa roupa serve, por enquanto.

Constance olhou atentamente para ela.

— Nem parece você, Denna.

— Tenho minhas razões. Além disso, o próprio Mestre Rahl me mandou apanhar este.

— Mestre Rahl... Seja, então, como você quer. Afinal, ele é seu para fazer o que quiser.

A sala de treinamento era um quadrado com paredes e assoalho de granito cinzento e teto com vigas de madeira. Quando entraram, Constance passou uma rasteira em Richard. Ele caiu de bruços. Antes que tivesse tempo de se controlar, a raiva tomou conta dele. Ela parou ao lado dele, satisfeita consigo mesma, vendo-o lutar para se controlar.

Denna prendeu os pulsos e cotovelos dele muito juntos atrás das costas. A espécie de algema dupla estava unida a uma corda que passava por uma roldana no teto e era presa na parede. Ela o levantou até ficar nas pontas dos pés e amarrou a corda na parede. A dor nos ombros era tremenda, dificultando a respiração, e ela nem havia usara o Agiel ainda. Richard estava completamente indefeso, desequilibrado e em agonia antes mesmo de a tortura começar. Sentiu um profundo desânimo.

Denna se sentou numa cadeira inclinada para trás, encostada na parede, e disse para Constance se divertir. Denna sempre o

treinava sorrindo. Constance não sorria.

Trabalhava como um boi puxando o arado, fios de cabelo se soltando e logo seu rosto estava coberto com uma camada brilhante de suor. Nunca variava o toque do Agiel. Era sempre o mesmo, duro, furioso. Richard não precisava antecipar, não havia pressa. Ela trabalhava ritmadamente, sem descanso. Mas não tirava sangue. Sentada na cadeira encostada na parede. Denna assistia com um sorriso. Finalmente Constance parou. Richard ofegava e gemia.

— Ele suporta bem. Há muito tempo eu não tinha um assim. Todos os que consegui ultimamente desmoronam ao primeiro toque.

A cadeira foi para frente, caindo sobre as pernas dianteiras com um baque surdo.

Denna ficou atrás dele e parou por um momento, fazendo-o se encolher de antecipação por uma coisa que não aconteceu. Assim que ele soltou o ar dos pulmões. O Agiel foi aplicado em um lugar sensível no lado direito do seu corpo, Richard gritou e ela pressionou mais o Agiel. Não conseguiu controlar o peso do corpo e a corda puxou seus ombros com tanta força que ele pensou que seus braços iam se deslocar. Com um sorriso de desprezo, Denna manteve o Agiel até ele começar a chorar.

— Por favor, senhora Denna — soluçou ele. — Por favor.

Ela retirou o Agiel.

— Está vendo?

Constance balançou a cabeça.

— Eu queria ter sua habilidade, Denna.

— Aqui é outro lugar. — Ela o fez gritar. — E aqui e aqui também. — ficou na frente dele e sorriu. — Não importa que eu mostre a Constance seus lugares especiais, importa-se?

— Por favor, Senhora Denna. Não faça isso. Dói demais.

— Está vendo? Ele não se importa.

Voltou para a cadeira. As lágrimas desceram no rosto de Richard. Se sorriu. Constance recomeçou a trabalhar e também a fez implorar ofegante. Mas aquele modo de nunca variar a pressão era pior que o de Denna. Não dava a ele um momento de descanso. Richard aprendeu a temer o toque de Constance mais que o de Denna. Denna às vezes agia como que levada por uma estranha

compaixão. Constance, não. Quando a tortura ia além de certo ponto, Denna a mandava parar por um momento, orientando-a para não provocar algum dano mais sério. Constance lhe obedecia e deixava Denna orientar o trabalho.

— Você não precisa ficar, Denna, se tiver de fazer alguma coisa. Não me importo.

Medo e pânico se apossaram dele. Não queria ficar sozinho com Constance. Tinha certeza de que ela faria com ele coisas que Denna não queria que fossem feitas. Não sabia o quê. Mas tinha medo.

— Em uma outra ocasião, eu a deixarei sozinha com ele... para fazer as coisas ao seu modo, mas hoje eu fico.

Richard se esforçou para não demonstrar alívio. Constance voltou ao trabalho.

Depois de algum tempo, quando estava atrás, Constance o segurou pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás com força. Richard sabia muito bem o que significava. Lembrou-se da dor do que ela ia fazer. A dor de ter o Agiel aplicado no ouvido. Ele estremeceu incontrolavelmente. Não pode respirar, de tanto medo.

Denna levantou-se da cadeira.

— Não faça isso, Constance.

Constance rilhou os dentes e olhou para ele, puxando a cabeça com mais força.

— Por que não? Certamente você já fez!

— Sim, mas não quero que você faça. Mestre Rahl ainda não falou com ele. Não quero arriscar.

Constance sorriu malevolamente.

— Denna, vamos fazer juntas, ao mesmo tempo. Você e eu. Como costumávamos fazer.

— Eu já disse. Mestre Rahl quer falar com ele.

— Depois, então?

Denna sorriu.

— Há muito tempo não ouço aquele grito. — Olhou nos olhos de Richard. — Se Mestre Rahl não o matar e se ele não morrer antes por... outras coisas, então, sim, faremos. Está bem? Mas não agora.

E, Constance, por favor, respeite meu desejo no uso do Agiel no ouvido dele.

Constance soltou o cabelo de Richard.

— Não pense que se livrou assim facilmente. — Olhou para ele com o cenho franzido. — Mais cedo ou mais tarde, você e eu ficaremos sozinhos e então terei todo o prazer que desejo.

— Sim, Senhora Constance — murmurou ele com voz rouca.

Quando terminaram o treinamento, elas saíram para almoçar. Richard foi atrás, com a corrente presa ao cinto de Denna. A sala de jantar era elegante, de estilo simples, com painéis de carvalho e assoalho de mármore branco. O suave murmúrio de conversação nas várias mesas enchia o ar. Denna estalou os dedos, apontando para o chão atrás de sua cadeira. Os criados serviram às duas Mord-Sith mas não a Richard. O almoço era de sopa que parecia apetitosa, queijo, pão preto e frutas. O cheiro bom da comida deixou Richard atordoado. Não foi servida carne. No meio da refeição, Denna se virou para trás e disse que ele não ia almoçar por ter ganho duas horas de treinamento naquela manhã. Disse que, se ele se comportasse, ganharia o jantar.

A tarde foi passada com outra sessão de orações e, depois, várias horas de treinamento. Denna e Constance se revezaram. Richard se esforçou para não fazer nada errado e foi recompensado no jantar com um prato de arroz com legumes. Depois do jantar, mais orações e mais treinamento até que finalmente deixaram Constance e voltaram aos alojamentos. Richard estava morto de cansaço, com o corpo curvado de dor.

— Eu quero tomar banho — disse ela. Mostrou a ele o cômodo ao lado do dela. Era pequeno, vazio, a não ser por uma corda presa ao teto, com a presilha e uma banheira num canto. Ela disse que o aposento era para treinamento, se ele precisasse de repente, e evitava sangue no quarto de dormir e para quando ele tivesse de deixá-lo dependurado durante a noite. Garantiu que ele passaria muito tempo no pequeno cômodo.

Ela o fez arrastar a banheira até os pés da cama. Richard apanhou o balde da banheira e Denna disse onde devia ir buscar água quente. Ele não devia falar com ninguém, mesmo que falassem

com ele, e devia ir e voltar correndo, para que a água não esfriasse antes de a banheira estar cheia. Disse que, se ele não seguisse suas instruções, mesmo longe dela a dor da magia o derrubaria e, se ela precisasse sair à sua procura, ele se arrependeria. Richard jurou solenemente fazer o que ela mandava. A água quente vinha de uma fonte numa piscina circundada por assentos de mármore e ficava a uma boa distância do aposento. Quando a banheira ficou cheia, Richard estava molhado de suor e exausto. Richard esfregou as costas dela, escovou-lhe o cabelo e ajudou-a a lavá-lo. Com os braços para fora da banheira, Denna inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, relaxando, e Richard se ajoelhou ao lado, para o caso de Denna precisar de alguma coisa.

— Você não gosta de Constance, gosta?

Richard não sabia o que responder. Não queria falar mal da amiga dela, mas se mentisse seria punido também.

— Eu... tenho medo dela, Senhora Denna.

Denna sorriu, com os olhos fechados.

— Resposta inteligente, meu amor. Você não está tentando ser insolente, está?

— Não, Senhora Denna. Eu disse a verdade.

— Ótimo. Você deve ter medo dela. Ela odeia homem. Sempre que mata um, ela grita o nome do homem que a treinou, Rastin. Lembra quando falei do homem que me treinou? Ele foi o treinador de Constance. Chamava-se Rastin. Foi ele quem a domou. Foi Constance que me disse como matá-lo. Eu faria qualquer coisa por ela. E, porque eu matei o homem que ela odiava tanto, ela fará qualquer coisa por mim.

— Sim, Senhora Denna. Mas, Senhora Denna, por favor não me deixe sozinho com ela.

— Sugiro que preste muita atenção aos seus deveres. Se fizer isso e não merecer muito mais tempo de treinamento, eu estarei presente quando ela estiver treinando você. Está vendo? Vê como tem sorte por ter uma treinadora bondosa?

— Sim, Senhora Denna, muito obrigado por me ensinar. É uma professora talentosa.

Denna abriu um olho para ver se não havia sugestão de ironia no rosto dele. Não viu nenhuma.

— Traga-me uma toalha e arrume minha roupa de dormir na mesa ao lado da cama.

Richard ajudou Denna a se enxugar. Ela não se vestiu mas se deitou na cama com o cabelo úmido espalhado no travesseiro.

— Apague o lampião daquela mesa, — Richard obedeceu. — Dê-me o Agiel, meu amor.

Richard se encolheu. Detestava quando ela o fazia apanhar o Agiel. Tocar nele provocava dor. Temendo mais o resultado da hesitação, ele cerrou os dentes e pegou o instrumento de tortura, segurando-o nas palmas das mãos abertas. A dor vibrava nos seus cotovelos e nos ombros. Ele mal podia esperar para dar a ela o Agiel. Denna estava recostada nos travesseiros, olhando para ele. Com um suspiro de alívio, Richard entregou o Agiel.

— Senhora Denna, por que não sente dor quando segura o Agiel?

— Eu sinto o mesmo que você, porque é o que foi usado para me treinar.

Richard ficou surpreso.

— Quer dizer que durante todo o tempo em que está com ele na mão sente dor? Durante todo o tempo que está me treinando?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, desviando os olhos dos dele por um segundo. Então sorriu, franzindo a testa.

— Raros são os momentos em que não sinto dor, de um modo ou de outro. Por isso o treinamento de uma Mord-Sith leva anos, para aprender a suportar a dor. Acho que por isso só as mulheres são Mord-Sith. Os homens são fracos demais. A corrente no meu pulso me permite deixá-lo dependurado e assim não provoca dor. Mas quando eu o uso em alguém, a dor é constante.

— Nunca imaginei. — Richard ficou angustiado. — Sinto muito, Senhora Denna, que deva sofrer para me ensinar.

— A dor pode causar um prazer diferente de todos os outros, meu amor. Essa é uma das coisas que estou ensinando a você. E está na hora de outra lição. — Olhou para ele de alto a baixo. — Chega de conversa.

Richard reconheceu o olhar dela, a respiração acelerada.

— Mas, Senhora Denna, acaba de tomar banho e eu estou suado.

Uma insinuação de sorriso apareceu no canto da boca de Denna e ela disse:

— Gosto do seu suor.

Olhando nos olhos dele, ela pôs o Agiel entre os dentes.

Os dias passaram iguais e tediosos. Richard não se importava com as orações porque era um descanso do treinamento. Mas detestava dizer as palavras e tinha de se concentrar no cabelo de Denna o tempo todo em que cantava com os outros. Cantar a mesma coisa hora após hora, de joelhos, com a cabeça nos ladrilhos do chão era pouco mais desagradável do que o treinamento. Richard acordava durante a noite, ou de manhã cantando *Mestre Rahl, seja nosso guia. Mestre Rahl, nos ensine. Mestre Rahl, nos proteja. Na sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, somos protegidos. Na sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.*

Denna não se vestia mais de vermelho. Agora usava couro branco. Ela disse a ele que significava que sua vontade estava quebrada, que fora escolhido para seu companheiro e o fato de ter resolvido não o fazer sangrar demonstrava seu poder sobre ele. Constance não gostava disso. Para Richard não fazia muita diferença. O Agiel machucava do mesmo modo, quer fizesse sangrar ou não. Constance passava quase a metade do tempo do treinamento com Denna. Ocasionalmente ia treinar outro animalzinho de estimação. Insistia em ficar sozinha com Richard, mas Denna não deixava. Ela se entregou totalmente ao treinamento dele. Quanto mais a via, mais Richard se apavorava, Denna sorria para ele sempre que cedia seu lugar a Constance.

Certo dia, depois das orações vespertinas, quando Constance tinha saído para treinar outra pessoa, Denna o levou para o pequeno cômodo pegado ao dela, para o treinamento. Ela o suspendeu com a corda até ele mal poder tocar no chão.

— Senhora Denna, com sua permissão, deixaria que a Senhora Constance se encarregar do meu treinamento a partir de hoje?

A pergunta teve efeito inesperado. Denna ficou furiosa. Olhou para ele, o rosto rubro de cólera, e começou a bater nele com o Agiel, gritando, dizendo que ele não valia nada, que era insignificante, que estava farta de ouvir sua voz. Denna era forte e batia com a maior força possível. Aquilo parecia não ter fim.

Richard não se lembrava de ter visto Denna tão zangada, tão severa, tão cruel. Logo, ele não conseguiu se lembrar de nada mais, nem mesmo de onde estava. Só tinha noção da dor. Não podia dizer nada nem fazê-la parar, nem respirava a maior parte do tempo. Denna não esmorecia, não diminuía a força. Parecia ficar cada vez mais furiosa. Ele viu sangue no chão, muito sangue, manchando a roupa de couro branco de Denna. Ela arfava com o esforço, com a raiva. A trança do cabelo se soltou.

Denna agarrou o cabelo dele e puxou-lhe a cabeça para trás. Sem aviso, enfiou o Agiel no ouvido de Richard com força. Repetidas vezes. O tempo se distorceu em eternidade. Richard não sabia mais quem era, o que estava acontecendo. Não tentava mais pedir, chorar, agüentar.

Denna parou perto dele, ofegante, furiosa.

— Vou jantar. — Richard sentiu a agonia da magia. Tentou respirar, arregalou os olhos. -Enquanto eu estiver fora, e não vou apressar-me, deixarei a dor da magia com você. Não poderá desmaiar, nem fazê-la cessar. Se perder o controle da sua raiva, a dor ficará pior. Garanto.

Ela o suspendeu até erguer os pés dele do chão. Richard gritou. Parecia que seus braços estavam sendo arrancados.

— Divirta-se — disse ela e saiu.

Na linha tênue entre a sanidade e a loucura, dilacerado pelo sofrimento, incapaz de controlar a raiva, como Denna garantira, Richard balançava no ar. As chamas da dor o consumiam. De certo modo, era pior na ausência dela. Richard nunca se sentiu tão só, tão indefeso, e a dor nem o deixava gritar, só conseguia ofegar de agonia.

Não tinha idéia de quanto tempo ficou sozinho. Só teve consciência de cair de repente no chão, das botas de Denna, uma de cada lado da sua cabeça. Ela desligou a dor da magia, mas os braços dele estavam ainda presos nas costas e o inferno escaldante da dor nos ombros não passou. Ele gritou quando viu o sangue no chão.

— Eu disse antes — sibilou ela, com os dentes cerrados —, você é meu companheiro para toda a vida. — Ele ouviu raiva na respiração entrecortada dela. — Antes de começar fazer coisas piores a você, e você não puder mais falar, quero que me diga por que pediu que Constance se encarregasse do seu treinamento no meu lugar.

Ele tossiu com a garganta cheia de sangue, tentando falar.

— Não é assim que deve falar comigo! De joelhos! Agora!

Richard tentou se ajoelhar, mas com os braços presos nas costas era impossível, Denna o segurou pelos cabelos e o fez se levantar. Atordoado, ele caiu em cima dela, com o rosto encostado na roupa suja de sangue. O seu sangue.

Denna o empurrou, aplicando a ponta do Agiel na testa dele. Isso o fez abrir os olhos. Richard a olhou, para responder.

Denna bateu na boca do homem com as costas da mão.

— Olhe para baixo quando falar comigo. Ninguém deu permissão de olhar para mim — Richard olhou para as botas dela. — Seu tempo está acabando. Responda!

Richard tossiu e o sangue escorreu no seu queixo. Só com esforço não vomitou.

— Porque, Senhora Denna — disse ele com voz rouca. — Sei que a senhora sente dor quando segura o Agiel. Sei que é doloroso para a senhora me treinar. Eu queria que a Senhora Constance fizesse isso, para poupar a senhora da dor. Eu sei o que é sentir dor, a senhora me ensinou. A senhora já sofreu muito. Não quero que sofra mais. Prefiro que a Senhora Constance me castigue, a saber que a senhora está sentindo dor.

Richard fez um esforço para se equilibrar nos joelhos. Fez-se longo silêncio. Richard olhou para as botas dela e tossiu um pouco, respirando com dificuldade por causa da dor nos ombros. O silêncio

parecia que nunca mais ia acabar. Richard não sabia o que ia acontecer agora.

— Eu não compreendo você, Richard Cypher — disse ela suavemente, sem raiva na voz. — Que os espíritos me levem, eu não compreendo você.

Foi para trás de Richard, soltou os braços dele e saiu do quarto sem dizer mais nada. Richard não conseguiu esticar os braços e caiu para a frente. Não tentou se levantar, apenas ficou chorando com o rosto no sangue do chão.

Depois de algum tempo, ouviu o sino chamando para as preces do começo da noite. Denna voltou, agachou-se ao lado dele, passou o braço gentilmente por sua cintura e o ajudou a se levantar.

— Não nos deixam perder a prece — explicou ela em voz baixa, prendendo a corrente ao cinto.

O sangue na roupa de couro branco era chocante. Havia sangue também no rosto e no cabelo de Denna. Quando entraram na sala de orações, as pessoas que geralmente falavam com ela desviaram os olhos e abriram caminho. Ajoelhar com a cabeça no chão fazia doer as costelas de Richard e era difícil respirar, quanto mais cantar. Ele não sabia se estava dizendo direito as palavras, mas Denna não o corrigiu e ele continuou. Richard não tinha idéia de como agüentou ficar tanto tempo naquela posição.

Quando o sino tocou duas vezes, Denna se levantou, mas não o ajudou. Constance apareceu, exibindo um raro sorriso.

— Ora, ora, Denna, parece que você esteve se divertindo. — Constance o empurrou com as costas da mão, mas Richard conseguiu ficar de pé. — Você se comportou mal, não foi?

— Sim, Senhora Constance.

— Muito mal, pelo que vejo. Delicioso. — Voltou para Denna os olhos ávidos. — Estou livre. Vamos ensinar a ele o que duas Mord-Siths podem fazer juntas.

— Não, não esta noite, Constance.

— Não? Como assim, não?

Denna explodiu.

— Estou dizendo que não. Ele é meu companheiro e vou treiná-lo assim! A não ser que queira assistir quando vou para a

cama com meu companheiro! Quer assistir ao que eu faço quando estou com o Agiel entre os dentes?

Richard se encolheu. Então era isso que ela estava planejando. Se ela fizesse aquilo outra vez nessa noite, ferido como ele estava...

Homens com mantos brancos — missionários, Denna tinha dito — olharam para eles. A um olhar furioso de Constance, eles saíram apressadamente da sala. As duas mulheres estavam coradas: Denna de raiva, Constance de embaraço.

— É claro que não, Denna — disse ela em voz baixa. — Desculpe. Eu não sabia. Vou deixar você em paz. — Sorriu com desdém para Richard. — Parece que você já tem problemas demais, meu rapaz. Espero que consiga desempenhar seus deveres.

Bateu com o Agiel no estômago dele e saiu da sala. Atordoado, Richard tocou o lugar da pancada e gemeu. Com a mão no braço dele, Denna o ajudou a ficar de pé. Olhando furiosa para a porta por onde Constance acabava de sair, Denna começou a andar, esperando que ele a seguisse. Richard a seguiu.

De volta ao quarto de Denna, ela deu o balde a ele. Richard quase desmoronou só de pensar em encher a banheira.

Ela disse, em voz baixa e calma:

— Vá apanhar um balde de água quente.

Richard quase morreu de alívio quando soube que não precisava encher a banheira. Apanhou a água, um pouco confuso. Denna parecia zangada, mas não com ele. Richard esperou com os olhos baixos, até ela pôr o balde no chão e levar a cadeira para perto. Ele ficou surpreso por ela não ter mandado que ele fizesse isso.

— Sente-se. — Ela foi até a mesa ao lado da cama e voltou com uma pêra. Olhou para a fruta por um momento, girando-a na mão, esfregando o polegar na casca e a estendeu para ele.

— Eu trouxe isto do jantar. Mas não estou com fome. Você não jantou, pode comer.

Richard olhou para a pêra na mão dela.

— Não, Senhora Denna. É sua. Não minha.

— Eu sei de quem é, Richard — falava ainda em voz baixa. — Faça o que estou mandando.

Richard apanhou a pêra e a comeu toda, até as sementes. Denna ajoelhou e começou lavá-lo. Ele não tinha idéia do que estava acontecendo, mas aquilo doía, embora não tanto quanto o Agiel. Perguntou-se por que ela fazia isso quando estava na hora de recomeçar o treinamento.

Denna pareceu sentir a apreensão dele.

— Estou com dor nas costas.

— Sinto muito, Senhora Denna, a culpa é minha por causa do meu comportamento.

— Fique quieto — disse ela gentilmente. — Quero dormir numa superfície dura, para melhorar a dor nas costas. Vou dormir no chão. Você pode dormir na minha cama e não quero que a suje de sangue.

Richard ficou atônito. No chão havia espaço suficiente para os dois e com certeza Denna já tivera sangue na cama antes. Isso nunca a incomodou no passado. Richard decidiu que não cabia a ele questionar, por isso ficou calado.

— Muito bem — disse ela quando terminou —, vá para a cama.

Richard se deitou. Denna o observava. Resignado, ele apanhou o Agiel da mesa de cabeceira e o ofereceu a ela, sentindo a dor no braço. Queria não ter de fazer aquilo nessa noite.

Denna apanhou o Agiel e o pôs na mesa.

— Não esta noite. Eu já disse que estou com dor nas costas. — Apagou o lampião. — Agora, durma.

Ele a ouviu se deitar no chão, praguejando em voz baixa. Richard estava muito cansado para pensar e adormeceu quase imediatamente.

Quando o sino o acordou, Denna já estava de pé. Limpou o sangue da roupa branca e refizera a trança. Não falou com ele quando foram para a oração. Era doloroso para Richard ajoelhar e ficou satisfeito quando terminou. Não viu Constance. Andando atrás de Denna, ele começou a se virar para ir à sala de treinamento, mas Denna seguiu em frente e a corrente se esticou. A dor o fez parar.

— Não vamos para lá — disse ela.

— Sim, Senhora Denna.

Andaram por algum tempo, por corredores que pareciam nunca acabar e então Denna o olhou impaciente.

— Ande perto de mim. Vamos dar um passeio. É uma coisa que gosto de fazer ocasionalmente, quando tenho dor nas costas. Ajuda.

— Sinto muito, Senhora Denna. Eu esperava que estivesse melhor esta manhã.

Denna olhou para ele por um breve momento e depois para a frente outra vez.

— Mas não está. Por isso vamos dar um passeio.

Richard nunca tinha estado tão longe do alojamento de Denna. Olhava esporadicamente para o novo ambiente. De vez em quando, passavam por lugares iguais ao da prece, abertos para o céu e para o sol, todos com uma rocha e um sino no centro. Alguns tinham grama em lugar de areia e até mesmo um pequeno lago onde estava a rocha. Peixes deslizavam em grupos na água clara. Os corredores eram às vezes tão largos quanto as salas, com ladrilhos formando desenhos, arcos e colunas, e o teto muito alto. Eram lugares luminosos e arejados com a luz e o ar que entravam pelas janelas. Havia gente por toda a parte, a maioria vestida de branco ou de cores pálidas. Ninguém parecia ter pressa e quase todos pareciam ter para onde ir, mas havia também alguns sentados nos bancos. Richard viu poucos soldados. Quase todos passaram por eles como se fossem invisíveis, mas alguns sorriram e trocaram cumprimentos com Denna.

O tamanho do palácio era espantoso, os corredores e as passagens entediavam-se a perder de vista. Escadas largas levavam para cima ou para baixo, para partes desconhecida do grande edifício. Um salão tinha estátuas de pessoas nuas em poses orgulhosas. As estátuas eram feitas de pedra polida e cinzelada, a maioria branca, algumas com veios de ouro e todas tinham duas vezes a altura de Richard. Ele não viu qualquer lugar escuro, feio ou sujo. Tudo era belo. Os passos das pessoas ecoavam nos salões como sumários reverentes, Richard, admirado, pensava em como um lugar daqueles podia ser concebido e construído. Devia ter levado uma vida inteira.

Denna o levou a uma ampla praça a céu aberto. Árvores grandes cobriam o solo musgoso e uma trilha de ladrilhos de cerâmica marrom serpenteava no centro, levando à floresta interna. Andaram pela trilha, Richard olhando para as árvores. Eram belas Mesmo assim, desfolhadas.

Denna o observava.

— Você gosta de árvores, não gosta?

Ele balançou a cabeça assentindo, olhando em volta.

— Muito, Senhora Denna — murmurou ele.

— Por que gosta delas?

Richard pensou por um momento.

— Parecem ser parte do meu passado. Lembro vagamente que eu era guia. Guia florestal, eu acho. Mas não lembro muito bem, senhora Denna. Exceto que gostava dos bosques.

— O treinamento faz esquecer o passado — disse ela em voz baixa. — Quanto mais eu o treinar, mais você esquece, a não ser as perguntas específicas que eu faço. Logo, não lembrará nada mais.

— Sim, Senhora Denna. Senhora Denna, que lugar é este?

— Chama-se Palácio do Povo. É o centro do poder em D'Hara. A casa de Mestre Rahl.

Almoçaram em um lugar diferente do habitual. Ela o fez se sentar numa cadeira, Richard não sabia por quê. Foram à oração da tarde num lugar que tinha água em lugar de areia e, depois da prece, andaram um pouco mais pelos vastos salões e chegaram ao lugar onde sempre jantavam. A caminhada o fez se sentir melhor. Seus músculos precisavam de movimento.

Depois da oração noturna, no pequeno cômodo ao lado do quarto de Denna, ela prendeu os braços dele nas costas e na corda e o suspendeu, mas não tirou os pés dele do chão. Sentiu dor nos ombros, mas não foi demais.

— Melhorou a dor nas costas, Senhora Denna? A caminhada ajudou?

— Não é nada que eu não possa suportar.

Denna andou lentamente em volta dele, olhando para o chão. Finalmente parou na frente de Richard, girando o Agiel entre os dedos durante um tempo, examinando-o.

Ela não ergueu os olhos. Sua voz era pouco mais do que um murmúrio.

— Diga que me acha feia.

Richard olhou para ela até Denna erguer os olhos.

— Isso seria uma mentira.

Os lábios dela de curvaram num sorriso tristonho.

— Isso foi um erro, meu amor. Você desobedeceu a uma ordem direta e esqueceu do meu título.

— Eu sei, Senhora Denna.

Ela fechou os olhos, mas um pouco da força voltou à sua voz.

— Você só me causa problemas. Não sei por que Mestre Rahl me encarregou do seu treinamento. Você merece duas horas.

Denna deu a ele as duas horas, não com tanto rigor quanto de costume, mas o bastante para fazer Richard gritar de dor. Depois do treinamento, ela disse que ainda estava com dor nas costas e dormiu no chão outra vez, deixando-o dormir na cama.

Nos dias seguintes, voltaram à rotina; o treinamento já não era tão longo nem tão rigoroso quanto antes, a não ser quando Constance estava presente. Denna a vigiava de perto, guiando seus movimentos mais do que antes. Constance não gostava e às vezes olhava furiosa para Denna. Quando ela era mais violenta do que Denna queria, não era convidada para a próxima sessão.

Com as sessões menos rigorosas, a cabeça dele clareou um pouco e Richard começou a lembrar coisas do passado. Um poucas vezes, quando as costas de Denna a incomodavam, davam longos passeios e visitavam lugares esplendidamente belos.

Depois de uma oração vespertina, certo dia, Constance perguntou se podia tomar parte no treinamento. Denna sorriu e disse que sim. Ela foi mais violenta que de costume e fez Richard gritar de agonia, com as lágrimas lhe inundando o rosto. No fim da sua tolerância à dor, ele esperava que Denna a fizesse parar. Quando Denna se levantou da cadeira, um homem entrou na sala.

— Senhora Denna, Mestre Rahl quer vê-la.

— Quando?

— Imediatamente.

Denna suspirou.

— Constance, quer terminar a sessão?

Olhando nos olhos de Richard, Constance disse: — Ora, é claro, Denna.

Richard ficou apavorado, mas não ousou dizer nada.

— Está quase acabando, apenas leve-o de volta ao meu alojamento e o deixe lá. Tenho certeza de que não vou demorar.

— Com prazer, Denna. Pode contar comigo.

Denna foi para a porta. Constance olhou para Richard cruelmente, com o rosto muito perto do dele. Desafivelou-lhe o cinto. Richard mal podia respirar.

— Constance — Denna voltou da porta —, não quero que faça isso.

Constance foi apanhada de surpresa.

— Na sua ausência, eu estou encarregada e faço o que quiser.

Denna pôs o rosto muito perto do dela.

— Ele é meu companheiro e eu disse que não quero que faça isso. E não quero também que ponha o Agiel no ouvido dele.

— Eu faço o que...

— Não, não faz. — Denna rilhou os dentes e olhou para a mulher mais baixa do que ela. — Só eu fui castigada quando matamos Rastin. Só eu. Não nós duas. Nunca falei nisso antes, mas estou falando agora. Você sabe o que fizeram comigo e eu jamais contei que você tomou parte. Ele é meu companheiro e eu sou sua Mord-Sith. Não você. Eu. Você vai respeitar minha vontade ou haverá problemas entre nós.

— Está bem, Denna — disse ela ofendida. — Está bem. Respeitarei sua vontade.

Denna olhou severamente para ela.

— Faça isso, irmã Constance.

Constance terminou a sessão com o maior esforço possível, mas manteve o Agiel quase sempre onde Denna queria. Richard percebeu que a sessão durou mais do que devia. Quando ela o levou para o alojamento de Denna, passou uma boa hora esbofeteando-o, depois prendeu a corrente nos pés da cama e disse para Richard ficar de pé até Denna voltar.

Constance pôs o rosto o mais perto possível do dele, considerando sua pouca altura, e lhe apertou a virilha.

— Tome bem conta disto para mim — disse com desdém. — Não o terá por muito mais tempo. Tenho motivo para acreditar que logo Mestre Rahl vai passar você para mim e, quando isso acontecer, vou alterar sua anatomia. — Com um largo sorriso, continuou: — E penso que você não vai gostar.

A raiva se acendeu dentro dele, trazendo a dor da magia. Richard caiu de joelhos. Constance, rindo, saiu do quarto. Ele conseguiu controlar a raiva, mas a dor só passou quando ficou de pé.

O sol quente entrava pela janela. Ele esperava que Denna voltasse logo. O sol se pôs. A hora do jantar chegou e se foi. Denna ainda não tinha voltado. Richard começou a ficar preocupado. Sentia que alguma coisa estava errada. Ouviu o sino para a prece da noite, mas não podia ir, amarrado como estava nos pés da cama. Imaginou se devia ajoelhar-se onde estava, mas viu que não podia. Constance lhe tinha mandado ficar de pé. Pensou que assim mesmo devia entoar a prece, mas resolveu que não tinha ninguém para ouvir e por isso não adiantava. A noite chegara havia muito tempo, mas por sorte os lampiões estavam acesos e ele não ficou no escuro. A hora do treinamento chegou e se foi. Nada de Denna. Richard se preocupou.

Finalmente ouviu a porta se abrir. Denna entrou com a cabeça abaixada e o corpo rígido. A trança estava desfeita e o cabelo despenteado. Richard viu a pele dela cinzenta e os olhos úmidos. Denna não olhou para ele.

— Richard — disse ela com voz fraca —, encha a banheira para mim, por favor. Preciso de um banho. Sinto-me muito suja neste momento.

— É claro, Senhora Denna. — Ele arrastou a banheira para o quarto e correu para apanhar água. Nunca tinha feito aquilo tão depressa. De pé, Denna esperou que ele trouxesse baldes e mais baldes de água quente. Quando terminou, ele esperou, ofegante.

Com dedos trêmulos, Denna começou a desabotoar o couro.

— Quer me ajudar com isto? Acho que não posso fazer sozinha.

Richard desabotoou a roupa para ela enquanto Denna tremia de frio. Estremecendo, Richard teve de descolar a roupa de couro das costas dela, tirando também uma parte da pele. O coração dele estava disparado. Denna estava coberta de vergões, desde a nuca até a parte de trás dos tornozelos. Richard, cheio de medo, sofria por ela, com a dor que ela sentia. Seus olhos se encheram de lágrimas. O poder rugiu dentro dele. Richard o ignorou.

— Senhora Denna, quem fez isto?

Ela fez uma careta quando ele pôs o pano ensaboado nas suas costas.

— Constance contou a ele que eu estava sendo pouco rigorosa com você. Mereci isto. Tenho descuidado do seu treinamento. Eu sou uma Mord-Sith. Devia ter feito melhor. Só recebi o que merecia.

— A senhora não merece isso, Senhora Denna. Eu devia ser castigado. Não a senhora.

As mãos dela tremiam segurando os lados da banheira enquanto Richard a lavava. Ele enxugou suavemente o suor do rosto dela. Denna olhava fixo para a frente, as lágrimas descendo no rosto.

O lábio dela tremeu.

— Amanhã Mestre Rahl vai ver você. — A mão de Richard ficou imóvel por um segundo. — Eu sinto muito, Richard. Você responderá às perguntas dele.

Richard olhou para ela, mas Denna continuou a olhar para a frente.

— Sim, Senhora Denna. — Tirou o sabão das costas dela, enchendo de água as mãos. — Deixe-me enxugá-la. — Ele enxugou com a maior suavidade possível. — Quer se sentar, Senhora Denna?

Com um sorriso embaraçado, ela disse: — Não creio que gostaria, neste momento. — Virou a cabeça com dificuldade. — Lá. Vou deitar na cama. — Segurou a mão que ele estendeu. — Parece que não posso parar de tremer. Por que não posso parar de tremer?

— Porque dói, Senhora Denna.

— Já me fizeram muito pior. Isso foi só para lembrar quem eu sou. Mesmo assim, não consigo parar de tremer.

Deitou de bruços na cama, olhando para ele. A preocupação fez a mente de Richard funcionar outra vez.

— Senhora Denna, minha mochila ainda está aqui?

— No armário. Por quê?

— Fique quieta, Senhora Denna, deixe-me fazer uma coisa, se me conseguir lembrar como se faz.

Tirou a mochila de uma prateleira alta do armário, pôs na mesa e começou a procurar alguma coisa. Denna o observava, o lado do rosto nas costas das mãos. Debaixo de um apito de pedra pendurado numa tira de couro, encontrou o pacote que procurava e o abriu sobre a mesa. Tirou uma vasilha, depois a faca do cinto e pôs tudo na mesa. Depois tirou do armário um vidro de creme. Tinha visto Denna passar na pele. Era exatamente do que ele precisava.

— Senhora Denna, posso usar isto?

— Por quê?

— Por favor?

— Está bem.

Richard pôs todas as folhas secas de aum na vasilha de lata, depois escolheu outras ervas cujo cheiro lembrava, mas não o nome, e misturou com as folhas de aum. Com o cabo da faca, amassou tudo até ficar pó. Apanhou o vidro, tirou todo o creme e jogou na vasilha, misturando com dois dedos. Então pegou a vasilha e se sentou na cama ao lado dela.

— Fique quieta — disse ele.

— O título, Richard, o título. Você não aprende!

— Desculpe, Senhora Denna — sorriu ele. — Pode me castigar mais tarde. Agora, fique quieta. Quando eu terminar, vai se sentir suficientemente bem para me punir a noite inteira, eu prometo.

Passou a pasta delicadamente nos vergões. Denna gemeu e fechou os olhos enquanto ele trabalhava. Quando Richard chegou à parte de trás dos tornozelos, ela estava quase dormindo. Ele passou o aum no cabelo dela.

— Que tal, Senhora Denna? — murmurou ele.

Denna virou de lado e arregalou os olhos.

— A dor desapareceu! Como você fez isso? Como fez a dor ir embora?

Richard sorriu satisfeito.

— Apreendi com um velho amigo chamado... — Franziu a testa. — Não consigo lembrar o nome dele. Mas é um velho amigo e ele me ensinou. Estou aliviado, Senhora Denna. Não gosto de ver a senhora sentindo dor.

Denna passou gentilmente os dedos no rosto dele.

— Você é uma pessoa muito rara, Richard Cypher. Nunca tive um companheiro como você. Pelos espíritos, nunca vi uma pessoa como você. Eu matei o homem que fez comigo o que eu fiz com você e você me ajuda.

— Nós todos só podemos ser o que somos, nada mais, nada menos, Senhora Denna. — Ele olhou para as mãos. — Não gostei do que Mestre Rahl fez com a senhora,

— Você não compreende o que é uma Mord-Sith, meu amor. Somos selecionadas com muito cuidado, quando ainda muito jovens. As escolhidas são as mais gentis, de coração mais bondoso. Dizem que a crueldade mais profunda vem do amor mais profundo. Procuram por toda D'Hara cada ano e só cerca de meia dúzia é escolhida. Uma Mord-Sith é treinada três vezes.

— Três vezes? — murmurou ele.

— A primeira do modo com que treinei você, para quebrar o espírito. A segunda para quebrar sua empatia. Para isso devemos ver o treinador dominar a vontade de nossa mãe e fazer dela seu animalzinho de estimação até matá-la. A terceira é para nos fazer perder o medo de machucar outra pessoa e nos ensinar a ter prazer em provocar dor. Para isso devemos quebrar a vontade do nosso pai, sob a orientação do treinador, e fazer dele nosso animalzinho. Quanto mais bondosa for a jovem, melhor Mord-Sith será, porém é mais difícil quebrar seu espírito da segunda e da terceira vez. Mestre Rahl me considera especial porque tiveram muita dificuldade na segunda vez. Minha mãe viveu por longo tempo, tentando evitar que eu perdesse a esperança e isso dificultou o treinamento. Para nós duas. Eles falharam na terceira vez, desistiram e iam me matar, mas

Mestre Rahl disse que, se eu pudesse ser treinada, seria especial e se encarregou ele mesmo do meu treinamento. Foi ele quem conseguiu me fazer passar pela terceira fase. No dia em que matei meu pai, ele me levou para a cama, como recompensa. Sua recompensa me deixou estéril.

Richard mal podia falar. Sentia um nó na garganta, Com dedos trêmulos, afastou o cabelo do rosto dela.

— Não quero que ninguém a machuque. Nunca mais, Senhora Denna.

— É uma honra — murmurou Denna entre as lágrimas. — Mestre Rahl ter se dignado a punir alguém tão baixa quanto eu, com meu próprio Agiel.

Richard estava atônito.

— Espero que ele me mate amanhã para que eu não precise aprender nada mais que provoque tanta dor, Senhora Denna.

Os olhos dela, cheios de lágrimas, brilhavam na lua do lampião.

— Fiz coisas para machucar você que nunca tinha feito antes, mesmo assim você é a primeira pessoa, desde que fui escolhida, que fez alguma coisa para aliviar minha dor. — Ela se sentou na cama e pegou a vasilha com a mistura feita por ele. — Ainda resta um pouco. Deixe que eu passe onde Constance fez em você o que eu disse para não fazer.

Denna passou o creme de aum nos vergões dos ombros dele, depois na barriga e no peito, até o pescoço. Seus olhos se encontraram. A mão dela ficou imóvel. O quarto estava muito quieto. Denna se inclinou e o beijou suavemente. Pôs a mão com o dente na nuca de Richard e o beijou outra vez.

Ela se deitou segurando a mão dele sobre sua barriga.

— Venha para mim, meu amor. Quero muito você neste momento.

Richard estendeu a mão para o Agiel na mesa-de-cabeceira, Denna segurou o pulso dele.

— Esta noite eu quero você sem o Agiel. Você me faz esse favor? Quero que me ensine como é sem dor.

Ela pôs a mão na nuca de Richard e gentilmente o puxou para cima dela.

CAPÍTULO 43



Denna não o treinou na manhã seguinte, mas saíram para um passeio. Mestre Rahl tinha dito que queria ver Richard depois da segunda oração. Quando terminou e eles iam sair, Constance os deteve.

— Você parece surpreendentemente bem hoje, irmã Denna.

Denna olhou para ela sem emoção. Richard, furioso com Constance por ter delatado Denna para Mestre Rahl, por ter feito com que ela fosse punida, teve de se concentrar no cabelo de Denna. Constance se voltou para ele.

— Ouvi dizer que tem uma audiência com Mestre Rahl hoje. Se estiver vivo depois dela, você me verá mais vezes. Só nos dois. Na verdade, quero um pedaço de você, quando ele terminar.

Richard falou sem pensar.

— O ano em que a escolheram, Senhora Constance, deve ter sido um ano de necessidade desesperada, do contrário uma pessoa de inteligência tão limitada jamais teria sido escolhida para Mord-Sith. Só a criatura mais ignorante pode pôr as próprias ambições mesquinhas acima do valor de uma amiga. Especialmente uma amiga que tanto se sacrificou pela senhora. A senhora não merece nem beijar o Agiel da Senhora Denna. — Richard sorriu mansamente, confiante, vendo o espanto dela. — Acho melhor esperar que Mestre Rahl me mate, Senhora Constance, porque, se ele não me matar, da próxima vez em que eu a vir, vou matá-la por causa do que fez à Senhora Denna.

Constance ficou paralisada, mas em seguida ergueu o Agiel para atacá-lo. Denna ergueu o braço e aplicou seu Agiel na garganta de Constance, afastando-a de Richard, Constance arregalou os

olhos, surpresa. Tossiu sangue e caiu de joelhos, levando a mão a garganta.

Denna a olhou por um momento e depois saiu da sala sem uma palavra, Richard a seguiu, amarrado à corrente. Apressou-se para ficar ao lado dela.

Denna olhou para a frente, sem demonstrar emoção.

— Adivinhe quantas horas de treinamento você ganhou com isso.

Richard sorriu.

— Senhora Denna, se há uma Mord-Sith capaz de fazer um morto gritar é a senhora.

— E se Mestre Rahl não o matar, quantas horas?

— Senhora Denna, não há horas suficientes numa vida inteira para diminuir meu prazer pelo que fiz.

Ela sorriu, mas não olhou para ele.

— Fico satisfeita por eu ter tanto valor para você. — Olhou de soslaio para Richard. — Eu ainda não o compreendo. Como você disse, não podemos ser mais nem menos do que somos. Sinto não poder ser mais do que sou e temo que você não possa ser menos. Se não fôssemos guerreiros lutando em lados opostos nesta guerra, eu o guardaria para mim por toda a vida e me esforçaria para fazer com que você vivesse o maior tempo possível.

Richard sentiu o calor da voz dela.

— Eu tentaria viver por muito tempo para a senhora, Senhora Denna.

Passaram pelos salões, pelas praças de oração, pelas estátuas, pelo povo. Ela o levou para cima, atravessaram salas imensas requintadamente decoradas. Denna parou à frente de uma porta dupla, coberta de entalhes representando montanhas e florestas, feitos de ouro.

Denna se virou para ele.

— Está preparado para este dia, meu amor?

— O dia ainda não acabou, Senhora Denna.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou ternamente. Afastou um pouco o rosto e acariciou a cabeça de Richard. — Desculpe, Richard, por fazer isso com você, mas fui

treinada para isso e não posso fazer por menos. Vivo só para machucar você. Quero que saiba que não é por minha escolha, mas pelo meu treinamento. Não posso ser mais do que sou, uma Mord-Sith. Se você tiver de morrer hoje, meu amor, então me dê o orgulho de morrer bem.

"Sou o companheiro de uma mulher louca", Richard pensou com tristeza. "E não por culpa dela."

Ela abriu as portas e entraram num jardim grande. Richard teria ficado impressionado, se não estivesse pensando em outras coisas. Seguiram pela passagem entre flores e arbustos, passaram por muros de pedra cobertos de trepadeiras, por pequenas árvores e chegaram a um extenso gramado. O teto de vidro permitia a entrada da luz, mantendo as plantas saudáveis e floridas.

A distância, estavam dois homens identicamente enormes. Acima dos cotovelos dos braços cruzados, ambos tinham faixas com pontas aguçadas. Uma espécie de guardas, Richard pensou. Ao lado deles estava outro homem. Músculos fortes apareciam tensos no peito. O cabelo curto e louro, espetado, tinha uma faixa negra no meio.

Perto do centro do gramado, ao lado de um círculo de areia branca, sob um raio quente do sol da tarde, estava um homem de costas para eles. O sol fazia brilhar o cabelo louro que ia até os ombros e o manto branco. Centelhas de sol se refletiam no cinco de ouro e no punhal curvo.

Quando Richard e Denna se aproximaram, Denna ajoelhou-se e encostou a testa no chão. Richard, instruído para fazer o mesmo, ajeitou a espada para se ajoelhar.

Juntos cantaram: "Mestre Rahl, seja nosso guia. Mestre Rahl, nos ensine. Mestre Rahl, nos proteja. Na sua luz, prosperamos. Por sua misericórdia, somos protegidos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas."

Cantaram só uma vez e esperaram, Richard tremendo levemente. Lembrou que não devia chegar perto de Mestre Rahl, que devia ficar longe dele, mas não lembrava quem tinha dito isso, só que era importante. Teve de se concentrar ao cabelo de Denna para controlar a raiva do que Mestre Rahl fizera com ela.

— Levantem-se, meus filhos.

Richard levantou-se com o ombro muito perto da Senhora Denna enquanto os intensos olhos azuis o observavam. O fato de o rosto de Mestre Rahl parecer bondoso, inteligente, agradável não acalmou o medo que o consumia nem os pensamentos que ferviam logo abaixo da superfície de sua mente. Os olhos azuis se voltaram para Denna.

— Você parece surpreendentemente bem esta manhã, minha querida.

— A Senhora Denna é boa tanto para suportar quanto para infligir dor. Mestre Rahl— Richard se surpreendeu dizendo.

Os olhos azuis se voltaram para ele. Richard estremeceu vendo a calma, a paz no rosto de Rahl.

— Minha querida disse que você só dá problemas. Fico satisfeito vendo que ela não mentiu. Mas não fico satisfeito vendo que é verdade. — Cruzou as mãos descontraidamente. — Bem, não importa. É muito bom conhecê-lo finalmente, Richard Cypher.

Denna aplicou o Agiel nas costas dele, para lembrá-lo do que devia dizer.

— E uma honra para mim estar aqui, Mestre Rahl. Vivo só para servir. Sinto-me humilhado na sua presença.

Um leve sorriso curvou os lábios de Rahl.

— Sim, tenho certeza disso. — Olhou atenta e desconfortavelmente para Richard por um momento. — Tenho algumas perguntas. Você vai me dar as respostas.

Richard sentiu um leve tremor.

— Sim, Mestre Rahl.

— Ajoelhe-se — disse ele suavemente.

Richard se ajoelhou, com a ajuda do Agiel no ombro. Denna ficou atrás dele com um pé de cada lado. Encostou as coxas nos ombros de Richard, para apoio, e agarrou o cabelo dele, puxando a cabeça um pouco para trás, fazendo-o olhar para os olhos azuis de Mestre Rahl. Richard engoliu em seco, apavorado.

Darken Rahl olhou para ele sem emoção.

— Você já viu o *Livro dos sombras contadas*?

Algo poderoso no fundo de sua mente disse a Richard para não responder. Ficou calado. Denna puxou o cabelo dele com mais força e apertou o Agiel contra a base do seu crânio.

O pânico explodiu na sua cabeça. A mão de Denna no seu cabelo era a única coisa que o fazia ficar com o corpo ereto. Era como se ela tivesse comprimido a dor de todas as sessões de treinamento naquele toque. Ele não podia mover-se, respirar ou gritar. Estava além da dor, o choque tirou tudo dele, deixando apenas uma agonia consumidora de fogo e gelo. Ela retirou o Agiel. Richard não sabia onde estava, quem o segurava, só que aquela era a maior dor que já sentira e que à sua frente estava um homem vestido de branco.

Olhos azuis o fitaram.

— Você já viu o *Livro das sombras contadas*?

— Sim — ouviu a própria voz dizer.

— Onde ele está agora?

Richard hesitou. Não sabia a resposta, não sabia o que a voz queria. A dor explodiu outra vez na sua cabeça. Quando cessou, ele sentiu as lágrimas descendo no rosto.

— Onde está o livro agora? — repetiu a voz.

— Por favor, não me machuque mais — exclamou ele. — Não compreendo a pergunta.

— O que há para compreender? Simplesmente diga onde está o livro.

— O livro ou os conhecimentos do livro? — perguntou Richard apavorado.

Os olhos azuis ficaram intrigados.

— O livro.

— Eu o queimei. Há muitos anos.

Richard pensou que os olhos iam despedaçá-lo.

— E onde está o conhecimento?

Richard hesitou demais. Quando voltou a si, Denna puxou outra vez seu cabelo, fazendo-o olhar para os olhos azuis. Richard nunca se sentira tão só, tão indefeso, com tanto medo.

— Onde está o conhecimento que estava no livro?

— Na minha cabeça. Antes de queimar o livro, eu decorei as palavras, o conhecimento.

O homem olhou para ele, imóvel. Richard chorava baixinho.

— Recite as palavras do livro.

Richard, desesperado, não queria o Agiel na nuca outra vez. Tremia de medo.

— *A verificação da verdade das palavras do Livro das sombras contadas, se dita para outra pessoa e não lidas por quem comanda as caixas, só pode ser garantida com o uso de uma Confessora...*

Confessora.

Kahlan.

O nome Kahlan penetrou a mente de Richard como um raio. O poder despertou com um rugido, afastando a névoa com o brilho escaldante e branco das lembranças. A porta do quarto trancado em sua mente se abriu. Tudo voltou para ele, trazido pelo poder que crescia. Richard era o poder, só de pensar em Darken Rahl ter Kahlan, fazer mal a ela.

Darken Rahl se voltou para os outros homens. O que tinha a faixa negra no cabelo se adiantou.

— Está vendo, meu amigo? A sorte está comigo. Ela já está a caminho daqui com o velho. Encontre-a e a traga para mim. Leve dois quads, mas quero a mulher viva, compreendeu? — O homem fez que sim com a cabeça. — Você e seus homens terão proteção do meu encantamento. O velho está com ela, mas não tem qualquer arma contra o feitiço do mundo subterrâneo, se estiver vivo. — A voz de Rahl ficou mais severa. — E, Demmin, não me importa o que seus homens farão com ela, mas acho bom que esteja viva quando chegar aqui e capaz de usar seu poder.

O homem empalideceu.

— Compreendo. Será feita a sua vontade, senhor Rahl. — Fez uma profunda curvatura.

Demmin saiu depois de olhar nos olhos de Richard e sorrir.

Darken Rahl voltou outra vez os olhos azuis para Richard.

— Continue.

Richard tinha ido até onde pretendia ir. Lembrava-se de tudo.

Estava na hora de morrer.

— Não vou continuar. Não pode fazer coisa alguma para me obrigar. A dor é bem-vinda. A morte é bem-vinda.

Antes que o Agiel chegasse, Rahl olhou para Denna. Richard sentiu que ela soltava seu cabelo. Um dos guardas se adiantou; com a mão enorme segurou Denna pelo pescoço e o apertou até Richard ouvir que ela lutava para respirar.

Rahl olhou para ela.

— Você disse que ele estava treinado.

— Ele estava, Mestre Rahl — Denna falou com esforço, quase sufocada. — Eu juro.

— Estou muito desapontado com você, Denna.

Quando o homem a ergueu do chão, Richard ouviu os sons da dor. Outra vez o poder se acendeu nele. Denna estava sendo machucada. Antes que soubessem o que acontecia, Richard estava de pé, o poder da magia crescendo furioso dentro dele.

Richard passou um braço em volta do pescoço grosso do homem, segurando-o num dos ombros. Com o outro braço segurou a cabeça dele e a virou rapidamente com um golpe seguro. O pescoço do homem estalou e ele desmoronou no chão.

Richard se virou para trás. O outro guarda estava quase em cima dele, com a mão estendida. Richard o segurou pelo pulso e usou a força do movimento para enfiar a faca no peito dele. Ergueu a faca até o coração do homem arregalado, surpreso. As entranhas saltaram no chão.

Richard ofegava. Tudo na sua visão periférica era branco. Branco do calor, branco da magia. Denna, com as mãos no pescoço, procurava aliviar a dor.

Darken Rahl calmamente lambia as pontas dos dedos, olhando para Richard.

Denna usou a dor da magia o suficiente para fazer Richard se ajoelhar com os braços cruzados apertando o corpo.

— Mestre Rahl — disse Denna, ofegante —, deixe-me levá-lo comigo esta noite. Juro que de manhã ele responderá a qualquer coisa. Se ainda estiver vivo, Permita que eu me redima.

— Não — disse Rahl, pensativo, sacudindo a mão. — Peço desculpas, minha querida. A falha não foi sua. Eu não tinha idéia do

que estávamos fazendo. Tire a dor dele.

Richard ficou de pé. O atordoamento passou. Teve a impressão de acordar de um sonho para entrar num pesadelo. O que restava dele estava fora do quarto onde o havia trancado e ele não ia guardá-lo outra vez. Morreria perfeitamente consciente, com dignidade, intacto. Controlou a ira, mas havia fogo nos seus olhos. Fogo no seu coração.

— Foi o velho quem lhe ensinou isso? — perguntou Rahl curioso.

— Que ensinou o quê?

— A separação de sua mente. Foi assim que evitou ter sua vontade quebrada.

— Não sei do que está falando.

— Você ergueu uma divisória para proteger o centro e sacrificou o resto ao que ia ser feito. Uma Mord-Sith não pode domar uma mente dividida. Punir, sim. Quebrar, não. — Voltou-se para Denna. — Outra vez peço desculpas, minha querida. Pensei que você tinha falhado. Não falhou. Só a mais talentosa poderia ter conseguido tanto. Você agiu bem, mas isso torna tudo diferente.

Sorriu, molhou as pontas dos dedos na língua, passou nas sobrancelhas.

— Richard e eu vamos ter uma conversa particular. Enquanto ele estiver aqui comigo, quero que você o deixe falar sem a dor da magia, que interfere com o que preciso fazer. Enquanto estiver aqui, ele deve estar fora do seu controle. Pode voltar para seus alojamentos. Quando eu terminar, e se ele ainda estiver vivo, mando chamar você, como prometi.

Denna se curvou profundamente.

— Vivo para servir, Mestre Rahl.

Com o rosto muito vermelho, olhou para Richard e ergueu um pouco o queixo dele com um dedo.

— Não me desaponte, meu amor.

O Seeker sorriu.

— Nunca, Senhora Denna.

Ele liberou a raiva, só para senti-la outra vez, vendo Denna sair da sala. Raiva dela e do que tinham feito com ela. Não pense no

problema, ele pensou, pense na solução. Voltou-se para Darken Rahl. Rahl estava calmo, com o rosto inexpressivo. Richard o imitou.

— Você sabe que quero saber o que mais o livro diz.

— Então me mate.

Rahl sorriu.

— Tão ansioso assim para morrer?

— Sim. Mate-me. Como matou meu pai.

Darken Rahl, ainda sorrindo, olhou intrigado para ele.

— Seu pai! Eu não matei seu pai, Richard.

— George Cypher! Você o matou! Não tente negar! Você o matou com essa faca que tem no cinto!

Rahl ergueu as mãos abertas, fingindo inocência.

— Oh, não nego que matei George Cypher. Mas não matei seu pai.

Richard foi apanhado de surpresa.

— Como assim?

Darken Rahl começou a andar em volta dele, olhos nos olhos, quando Richard tentou acompanhá-lo, virando a cabeça.

— É muito boa. Muito boa mesmo. O melhor que já vi. Feito pelo próprio grande homem.

— O quê?

Darken Rahl molhou as pontas dos dedos e parou na frente dele.

— A teia do mago em volta de você. Nunca vi outra igual. Realmente intrincada acho que nem eu posso desmanchá-la.

— Se está tentando me convencer de que George Cvpher não é meu pai, você falhou. Se está tentando me convencer de que você é louco, não se dê o trabalho. Isso eu já sei.

— Meu caro rapaz — riu Rahl. — Pouco me importa quem você acredita que é seu pai. Porém há uma teia de mago escondendo a verdade de você.

— É mesmo? Faço seu jogo. Quem é meu pai, se não George Cvpher?

— Não sei. — Rahl deu de ombros. — A teia esconde. Mas, pelo que vi, tenho minhas suspeitas. — O sorriso desapareceu. — O que o *Livro das sombras contadas* diz?

Richard deu de ombros.

— É essa a sua pergunta? Está me desapontando.

— Como assim?

— Bem, depois do que foi feito ao desgraçado do seu pai, pensei que ia querer saber o nome do velho mago.

Darken Rahl olhou fixo para ele, molhando os dedos com a língua.

— Qual é o nome do velho mago?

Foi a vez de Richard sorrir. Abriu os braços.

— Abra meu corpo com sua faca. Está escrito nas minhas entranhas. Terá de encontrar nelas.

Richard continuou a sorrir com desprezo. Sabia que estava indefeso e esperava que Rahl o matasse. Se morresse, o livro morreria com ele. Sem a caixa e sem o livro, Rahl morreria e Kahlan estaria a salvo. Só isso importava.

— Dentro de uma semana, estaremos no primeiro dia do inverno e eu terei o nome do mago e o poder de descobrir onde ele está e trazê-lo para mim.

— Dentro de uma semana você estará morto. Você tem só duas caixas. Darken Rahl molhou as pontas dos dedos outra vez e passou nos lábios. —Tenho duas agora e a terceira está vindo para cá neste momento.

Richard tentou não acreditar; manteve o rosto impassível.

— Uma gabolice corajosa. Mas uma mentira. Dentro de uma semana, você vai morrer.

Rahl ergueu as sobrancelhas.

— Estou dizendo a verdade. Você foi traído. O mesmo que o traiu para mim traiu também a caixa. Estará aqui em poucos dias.

— Eu não acredito — disse Richard, secamente.

Darken Rahl molhou as pontas dos dedos, se virou de costas e deu a volta no círculo de areia.

— Não? Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Richard o seguiu até a pedra branca sobre a qual estava uma laje de granito apoiada em dois pedestais curtos, estriados. No centro estavam as duas caixas de Orden. Uma era adornada com pedras preciosas como a que Richard já tinha visto. A outra era

negra como a pedra da noite, a superfície um vazio na luz da sala: a caixa propriamente dita sem a cobertura protetora.

— Duas caixas de Orden — disse Rahl, estendendo a mão para elas. — para que vou querer o livro? Será inútil sem a terceira caixa. Você tinha a terceira. Quem o traiu me disse. Se a caixa não estivesse a caminho, para que eu precisaria do livro? Eu abriria seu corpo para descobrir onde escava a caixa.

Richard estremeceu de raiva.

— Quem me traiu e à caixa? *Diga* seu nome.

— Senão, o quê? Vai me cortar e ler o nome nas minhas entranhas? Não trairei o nome de quem me ajudou. Você não é o único homem honrado.

Richard não sabia no que acreditar. Rahl tinha razão numa coisa. Não ia precisar do livro se não tivesse as três caixas. Alguém o tinha traído realmente. Era impossível, mas devia ser verdade.

— Pois então, pode me matar — disse Richard, com voz fraca. — Não vou dizer. Acho melhor começar a me cortar.

— Antes você tem de me convencer de que está dizendo a verdade. Pode estar me enganando quando diz que sabe de cor todo o livro. Pode ter lido só a primeira página e queimado o resto ou simplesmente ter inventado o que me disse.

Richard cruzou os braços e olhou para trás.

— E por que eu ia querer que você acreditasse em mim?

Rahl deu de ombros.

— Pensei que gostasse da Confessora Kahlan. Pensei que se importasse com o que pode acontecer com ela. Se não me convencer de que está dizendo a verdade, então terei de cortar a Confessora e examinar suas entranhas para ver se elas podem me dizer alguma coisa.

Richard olhou ferozmente para ele.

— Seria o maior erro da sua vida. Você precisa dela para confirmar a verdade do livro. Se fizer isso, destruirá sua chance.

Rahl deu de ombros.

— É o que você diz. Como vou saber se você sabe realmente o que o livro diz? Pode até ser esse o modo pelo qual ela pode confirmar a verdade.

Richard não disse nada; sua mente corria em todas as direções. Pense na solução, ele dizia a si mesmo, não no problema.

— Como você conseguiu tirar a cobertura dessa caixa, sem o livro?

— O *Livro das sombras contadas* não é a única fonte de informação. Há outros lugares que me ajudam. — Olhou para a caixa negra. — Levou um dia inteiro e todo o talento que possui para tirar a cobertura. — Olhou para trás com uma sobrancelha levantada. — É presa com magia, você sabe. Mas eu consegui e vou poder retirar das outras duas.

Era desanimador saber disso. Para abrir uma caixa era preciso tirar a cobertura. Richard esperava que, sem o livro, Rahl não pudesse descobrir como fazer isso e abrir a caixa. Essa esperança estava perdida agora.

Richard olhou para a caixa adornada com pedras preciosas. "Página doze do *Livro das sombras contadas*. Sob o título *Retirando as coberturas*, está escrito: *A cobertura das caixas podem ser retirada por qualquer pessoa com conhecimento, não apenas por quem as ativou*". Richard tirou a caixa coberta de cima do granito. "Página dezessete, terceiro parágrafo. *Porém, não nas horas de escuridão, mas nas horas de sol a cobertura deve ser removida da segunda caixa do seguinte modo: Segure a caixa onde possa ser tocada pelo sol, virada para o norte. Se houver nuvens, segure a caixa onde o sol possa tocá-la. Se não houver nuvens virada para o oeste.*" Richard segurou a caixa na última luz do dia. "*Vire a caixa de modo que a extremidade menor com a pedra azul fique de frente para quadrante com o sol. A pedra amarela está na parte de cima.*" Richard virou a caixa. "*Com o segundo dedo da mão direita na pedra amarela no centro em cima, leve o polegar da mão direita na pedra clara no canto inferior.*" Richard segurou a caixa como o livro mandava. "*Ponha o indicador da mão esquerda na pedra azul do lado de fora, o polegar da mão esquerda no rubi, no lado mais próximo*". Richard fez isso. "*Livre sua mente de todo pensamento e o substitua apenas pela imagem de branco com um quadrado negro no meio. Afaste as duas mãos, tirando a cobertura com elas.*"

Enquanto Rahl observava, Richard limpou a mente e visualizou branco com um quadrado negro no centro e puxou com as duas mãos. A cobertura estalou e se abriu. Ele segurou a caixa acima do granito e tirou a parte de fora, como se estivesse quebrando um ovo para fritar. Duas caixas negras iguais estavam agora lado a lado, parecendo sugar a luz da sala.

— Notável — murmurou Rahl. — E você sabe todo o livro tão bem assim?

— Cada palavra — disse Richard. — O que eu contei não vai adiantar para remover a abertura da terceira caixa. Para cada uma é diferente.

Rahl sacudiu a mão.

— Não importa. Eu vou conseguir. — Apoiou o cotovelo na mão e tocou no queixo com um dedo da outra mão, absorto em pensamentos. — Você pode ir.

Richard franziu a testa.

— Como assim, posso ir? Não vai tentar me fazer recitar o livro? Não vai me matar?

Rahl deu de ombros.

— Não adiantaria. Os meios que tenho para obter informações danificariam seu cérebro. As informações seriam adulteradas. Se fosse outra coisa qualquer, eu poderia refazer, mas posso ver que o livro é muito específico para isso. As informações seriam danificadas e inúteis. Portanto, você não tem utilidade para mim agora; pode ir.

Richard ficou preocupado. Havia alguma coisa mais.

— Assim, sem mais nem menos? Posso ir? Deve saber que vou tentar deter você.

Rahl molhou as pontas dos dedos e ergueu os olhos.

— Não estou preocupado com o que você pode fazer. Mas deve voltar dentro de uma semana, quando vou abrir as caixas, se é que se importa com o que pode acontecer com todos.

Richard entrecerrou os olhos.

— Como assim, se me importo com o que pode acontecer com todos ?

— Dentro de uma semana, no primeiro dia do inverno, vou abrir uma das caixas. Consegui aprender em outras fontes que não o *Livro das sombras contadas*, as fontes que me ensinaram a remover a cobertura. Como saber qual a caixa que pode me matar. A não ser isso, terei de adivinhar. Se eu abrir a caixa certa, reinarei incontestavelmente. Se abrir a outra, o mundo será destruído.

— Você deixaria que isso acontecesse?

Darken Rahl ergueu uma sobrancelha e se inclinou para Richard.

— Um mundo só ou nenhum. É como deve ser.

— Não acredito. Você não sabe qual a caixa que o destruirá.

— Mesmo que eu esteja mentindo, ainda tenho duas chances de conseguir o que quero. Você teria apenas uma em três a seu favor. Não é uma boa vantagem para você. Mas não estou mentindo. Ou o mundo será destruído ou eu o governarei. Você deve decidir o que prefere. Se não me ajudar e eu abrir a caixa errada, eu serei destruído com o mundo todo, incluindo as pessoas com quem você se importa. Se me ajudar e eu abrir a caixa que quero, então darei Kahlan para Constance treinar. Um treinamento sólido e longo. Você assistirá a tudo antes de ser morto. Então Kahlan me dará um filho e herdeiro. Um filho que será um Confessor.

Richard ficou gelado, com uma dor pior do que qualquer uma infligida por Denna.

— Está tentando me fazer uma oferta?

Rahl balançou a cabeça, assentindo.

— Se você voltar a tempo e me ajudar, poderá continuar com sua vida. Eu o deixarei em paz.

— E Kahlan?

— Ela vai morar aqui, no Palácio do Povo, e será tratada como uma rainha. Terá todo o conforto que uma mulher pode desejar, o tipo de vida ao qual uma Confessora está acostumada. Uma coisa que você jamais lhe poderia dar. Levará uma vida de paz e segurança e me dará o filho Confessor que eu desejo. De qualquer modo, me dará um filho. A escolha é minha. Sua escolha é como ela vai viver, como um animalzinho de Constance ou como uma rainha.

Então, compreendeu? Acho que você vai voltar. E se eu estiver enganado... — Deu de ombros. — Um mundo só ou nenhum.

Richard mal podia respirar.

— Eu acho que você não sabe qual caixa o destruirá,

— Você terá de decidir no que quer acreditar. Não sinto necessidade de convencê-lo — Seu rosto se anuviou. — Escolha sabiamente, meu jovem amigo. Pode não gostar das opções que apresentei, mas gostará menos do resultado se não me ajudar. Nem todas as escolhas na vida são do seu agrado, mas essas são as que nos são apresentadas. Às vezes precisamos escolher o que é melhor para aqueles a quem amamos e não para nós mesmos.

— Eu ainda acho que você não sabe qual é a caixa que o matará — murmurou Richard.

— Pense o que quiser, mas pergunte a você mesmo se está disposto a arriscar o futuro de Kahlan com Constance. Mesmo que esteja certo, ainda terá só uma chance em três.

Richard se sentiu vazio, devastado.

— Posso ir agora?

— Bem, há algumas outras coisas que você vai querer saber.

De repente, Richard se sentiu paralisado, como se mãos o segurassem. Não podia mover um músculo. Darken Rahl pôs a mão no bolso dele e tirou a bolsa de couro com a pedra da noite. Richard lutou em vão contra a força que o detinha. Rahl pôs a pedra na palma da mão, sorrindo.

As sombras começaram a se materializar. Reuniram-se em volta de Rahl, em números cada vez maior. Richard queria recuar, mas não conseguiu mover-se. — Está na hora de irem para casa, meus amigos.

As sombras começaram a girar em volta de Rahl, cada vez mais depressa, até se transformarem numa névoa cinzenta. Com um uivo, foram sugadas pela pedra da noite num redemoinho de sombras e formas. Silêncio. Todas desapareceram. A pedra da noite virou cinza na palma da mão de Rahl. Ele assoprou e a cinza sumiu no ar.

— O velho está à sua procura, usando a pedra da noite. Na próxima vez que ele procurar, vai ter uma surpresa desagradável. Vai

se encontrar no mundo subterrâneo.

Richard ficou furioso com o que Rahl estava fazendo com Zedd e furioso por não poder se mover, por estar indefeso e só poder olhar.

Richard relaxou a mente, desistiu do esforço para se mover e o substituiu pela calma. Esvaziou a mente, deixou-se ficar relaxado, flácido. A força desapareceu. Ele deu um passo à frente, livre do que o segurava.

Rahl sorriu calorosamente.

— Muito bom, meu rapaz. Você sabe como quebrar a teia do mago, pelo menos uma pequena. Mas, de qualquer modo, muito bom. O velho escolhe bem seus Seekers. Mas você é mais do que um Seeker. Você tem o dom. Espero ansiosamente o dia em que estaremos do mesmo lado. Terei muito prazer com sua presença. As pessoas com quem temos de tratar são muito limitadas. Depois que o mundo for unificado, eu ensinarei mais a você, se quiser.

— Jamais estaremos do mesmo lado. Jamais.

— A escolha é sua, Richard. Não tenho nada contra você. Espero que venhamos a ser amigos. — Olhou atentamente para Richard. — Há mais uma coisa. Você pode ficar no Palácio do Povo ou pode ir embora, se quiser. Meus guardas o atenderão, porém você estará envolvido por uma teia de mago. Diferente da que acaba de quebrar, essa não o afetará, só os que o vêem, portanto, não poderá quebrá-la. É chamada de teia inimiga. Todos o verão como inimigo. Isso quer dizer que, quando seus aliados o virem, verão você como inimigo. Meus partidários o verão como você é, uma vez que você é meu inimigo, por enquanto, e portanto também inimigo deles. Pelo menos por enquanto. Mas os que são seus amigos o verão como a pessoa que mais temem, seu pior inimigo. Eu gostaria de que você visse o que as pessoas pensam de mim, que visse o mundo com meus olhos, que visse como sou injustamente julgado.

Richard não precisou conter a raiva; ela não existia. Sentia uma paz estranha. — Posso ir agora?

— É claro, meu rapaz.

— E a senhora Denna?

— Quando você sair desta sala, estará outra vez sob o seu poder. Ela ainda comanda a magia da espada. Quando uma Mord-Sith tem sua magia, pertence a ela para sempre. Eu não posso tirá-la dela e devolvê-la a você. Você mesmo tem de recuperá-la.

— Então, posso sair?

— Não é óbvio? Se quer sair, pode matá-la.

— Matar? — Richard ficou atônito. — Não acha que se eu pudesse matá-la já o teria feito? Pensa que teria suportado o que ela fez comigo se pudesse tê-la matado?

Darken Rahl disse, com um breve sorriso: — Você sempre teve essa possibilidade.

— Como?

— Não existe nada com apenas um lado. Até um pedaço de papel fino tem dois lados. A magia também não é unidimensional. Você tem olhado só para um lado dela, a maioria das pessoas faz isso. Veja o todo. — Apontou para os corpos dos dois guardas. Os guardas mortos por Richard. — Ela controla sua magia, contudo, você fez isso.

— Mas é diferente, não funciona contra ela.

— Sim, funciona. Mas você deve ser seu mestre, meias medidas só criarão problemas. Ela o controla com uma dimensão da magia, o lado que você ofereceu. Deve usar o outro lado. É uma coisa que todos os Seekers sempre puderam fazer, mas nenhum conseguiu dominar. Talvez você venha a ser o primeiro.

— E se eu não for? Se não conseguir? — Darken Rahl estava falando de modo muito parecido com o de Zedd, para agrado de Richard. Era assim que Zedd sempre lhe ensinava: fazendo com que pensasse por si mesmo, encontrasse as respostas com a própria mente.

— Então, meu jovem amigo, você vai ter uma semana muito dura. Denna não está satisfeita porque você a embarçou. No fim da semana, ela o trará para mim e você me dirá o que resolveu. Ajudar, ou deixar que seus amigos sofram e morram.

— Apenas me diga como usar a magia da espada, como dominá-la.

— É claro. Logo depois que você me disser o conhecimento do *Livro das sombras contadas*. — Rahl sorriu. — Não, não lhe vou ensinar isso. Boa noite, Richard. Não esqueça, uma semana.

O sol estava se pondo quando Richard deixou o jardim e Darken Rahl. Sua mente estava a mil, com tudo que ficara sabendo. O fato de Darken Rahl saber qual a caixa que o destruiria preocupava Richard, mas talvez ele estivesse usando a Primeira Regra do Mago. O pior era que um dos seus o traía. Não gostava nada disso. Gostava menos ainda de saber quem podia ter sido. Shota tinha dito que Zedd e Kahlan usariam seus poderes contra ele. Tinha de ser Zedd ou Kahlan. Richard não podia aceitar essa idéia, por mais que tentasse, por mais que procurasse raciocinar. Não podia ser nenhum dos dois, mas tinha de ser um deles. Richard os amava mais do que precisava viver. Zedd dissera que devia preparar-se para matar qualquer um deles que prejudicasse o sucesso da sua missão, mesmo que pensasse que era apenas uma suspeita. Procurou afastar o pensamento.

Precisava encontrar um meio de se afastar de Denna. Não podia ajudar de modo algum, e só isso importava, se não pudesse se afastar de Denna. Não adiantava pensar em outros problemas se não fizesse isso e se não descobrisse logo um meio. Denna ia torturá-lo e ele não poderia mais pensar. As coisas que ela fazia tornavam impossível pensar, ele esquecia tudo. Precisava se concentrar nesse problema primeiro e deixar os outros para depois.

A espada, ele pensou. Denna controlava a magia da espada. Ele não precisava da espada, talvez pudesse se desfazer dela, desfazer-se da magia que ela controlava. Estendeu a mão para o punho, mas a dor da magia o fez parar antes mesmo que o tocasse.

Seguiu pelos corredores para o alojamento de Denna. Era um longo caminho. Talvez pudesse ir para outro lugar, sair do Palácio do Povo. Darken Rahl tinha dito que nenhum dos guardas o deteria. Quando chegou a um cruzamento nos corredores, seguiu por um caminho diferente. A dor o fez cair de joelhos. Com grande esforço, conseguiu voltar ao caminho certo. Teve de parar para descansar. A dor o deixou sem fôlego.

Perto, logo adiante, o sino para a prece noturna tocou. Iria à oração. Isso lhe daria tempo para pensar. Ajoelhou-se aliviado, ao ver que a dor não tinha voltado. Estava numa das praças com água. Eram as de que ele mais gostava, as mais tranquilas. Perto da água, rodeado de gente, Richard encostou a cabeça no ladrilho e começou a cantar, clareando a mente, esvaziando. Usou o canto para afastar as preocupações. Afastou o pensamento de todos os problemas, deixou que a mente procurasse a paz, que perambulava a esmo. A prece terminou, aparentemente muito depressa. Richard se levantou, descansado, renovado e continuou o caminho para o alojamento de Denna.

Os corredores pelos quais passou, as salas e as escadas eram belíssimos e Richard mais uma vez se maravilhou. Imaginou como alguém tão vil quanto Rahl podia se rodear de tanta beleza.

— Nada é unidimensional. Dois lados da magia.

Richard pensou nas vezes em que o poder estranho tinha despertado nele. Quando sentiu pena da princesa Violeta, quando o guarda da rainha tentou fazer mal a Denna, quando sentiu a dor do que tinham feito com ela, quando pensou em Rahl torturando Kahlan, quando o guarda de Rahl tentou machucar Denna. Lembrou que, em todas as vezes, parte da sua visão ficou branca.

Em todas as vezes, ele sabia que era a magia da espada. Mas no passado a magia da espada era raiva também. Porém, uma raiva diferente. Lembrou como se sentia quando empunhava a espada com raiva, a ira, a fúria, a vontade de matar.

O ódio.

Richard parou de repente no centro do salão silencioso. Era tarde e não havia ninguém por perto. Estava sozinho. Sentiu uma onda de frio, um formigamento na pele.

Dois lados. Ele compreendeu.

Que os espíritos o ajudassem, ele compreendeu.

Ele evocou o poder, deixando que cobrisse tudo de branco.

* * *

Entorpecido, embalado na bruma da magia, quase em transe, Richard entrou no alojamento de Denna e fechou a porta. Calmamente sustentou o poder, a brancura, sustentando a alegria e a tristeza dele. O quarto silencioso era iluminado pela luz suave, quente e perfumada de um lampião na mesa-de-cabeceira. Denna estava deitada na cama, completamente nua, com as pernas cruzadas, a trança desfeita e o cabelo escovado. O Agiel no cordão de ouro repousava entre seus seios. As mãos estavam ao colo. Olhou para ele tristemente.

— Veio me matar, meu amor? — murmurou eia.

Richard balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, senhora.

Com um pequeno sorriso, ela disse: — É a primeira vez que me chama simplesmente de senhora. Sempre me chamou de Senhora Denna. Significa alguma coisa?

— Sim. Significa tudo, minha companheira. Significa que perdôo tudo.

— Eu me preparei.

— Por que está nua?

A luz refletiu as lágrimas nos olhos dela.

— Porque tudo que tenho para vestir é Mord-Sith. Não tenho nada mais. Não queria morrer com a roupa de Mord-Sith. Quero morrer como nasci. Denna. Nada mais.

— Compreendo — murmurou ele. — Como sabia que eu vinha matá-la?

— Quando Mestre Rahl me escolheu para procurar você, ele disse que não era uma ordem, mas que eu devia ir voluntariamente. Disse que as profecias falam de um Seeker que será o primeiro a dominar a magia da espada, a magia branca. Que ele faria a lâmina da espada ficar branca. Disse que se você fosse esse Seeker, eu morreria por suas mãos, se você quisesse. Pedi para procurar você, para ser sua Mord-Sith. Algumas das coisas que fiz com você nunca tinha feito com nenhum outro, na esperança de que você fosse esse Seeker e me matasse. Quando você fez aquilo à princesa, suspeitei. Quando você matou os dois guardas hoje, tive certeza. Você não

devia ser capaz de fazer aquilo. Eu o mantinha sob a magia da espada o tempo todo.

Tudo era branco em volta da beleza quase infantil do rosto dela.

— Eu sinto tanto, Denna! — murmurou ele.

— Vai se lembrar de mim?

— Terei pesadelos pelo resto da vida.

Ela sorriu.

— Fico feliz com isso. — Parecia genuinamente orgulhosa. — Você ama essa mulher Kahlan?

Richard perguntou intrigado: — Como sabe disso?

— Às vezes, quando torturo bastante alguns homens e eles não sabem o que estão dizendo, choram e chamam pela mãe ou pela esposa. Você chamava Kahlan. Vai escolher Kahlan para sua companheira?

— Não posso — disse ele, sentindo um nó na garganta, — Ela é uma Confessora. Seu poder me destruiria.

— Lamento. Isso o faz sofrer?

Ele balançou a cabeça afirmativamente, devagar.

— Mais do que qualquer coisa que você tenha feito.

— Ótimo — sorriu Denna tristemente —, estou contente porque a mulher que você ama pode causar mais dor do que eu causei.

Richard sabia que, do seu modo pervertido, Denna queria consolá-lo, que ficar feliz por alguém provocar mais dor do que ela era uma dádiva de amor. Sabia que Denna às vezes o fazia sofrer para mostrar que gostava dele. Para ela, pelo menos, se essa outra mulher podia provocar mais dor, era uma demonstração de amor.

Uma lágrima desceu pelo rosto dele. O que tinham feito àquela pobre criança?

— É uma dor diferente. Nenhuma pode ser igual às que você me infligiu.

Uma lágrima de orgulho desceu pelo rosto dela.

— Obrigada, meu amor — murmurou Denna. Tirou o Agíel do pescoço e estendeu para ele. — Vai usar isto para se lembrar de

mim? Não vai machucar se usar pendurado no pescoço, nem se você segurar a corrente, só se o pegar.

Richard manteve o rosto dela na luminosidade branca.

— Será uma honra para mim, minha companheira. — Inclinou-se e deixou que ela passasse a tira de couro por sua cabeça e beijasse seu rosto.

— Como vai fazer? — perguntou ela.

Richard sabia do que ela estava falando. Engoliu em seco. Suas mãos foram para o punho da espada.

Lentamente desembainhou a Espada da Verdade. A lâmina não cantou, como sempre cantava.

Mas sibilou. Com um assobio de calor branco.

Richard não olhou, mas sabia que a lâmina estava branca. Olhou nos olhos úmidos dela. O poder o tomou. Ele estava em paz. Toda a raiva, toda a fúria, todo o ódio, toda a maldade tinham desaparecido. Em vez de sentir tudo isso como antes, sentia só amor por aquela criança, aquele recipiente onde haviam despejado dor, aquele receptáculo de crueldade, aquela alma inocente torturada, treinada para fazer coisas que ela odiava acima de tudo: provocar dor nos outros. Sua empatia o fazia sentir pena, sentir amor por ela.

—Denna — murmurou ele. — Você podia apenas me deixar ir. Isso não é necessário. Por favor! Deixe-me ir. Não me obrigue a fazer isso.

Denna levantou o queixo.

— Se você tentar ir embora, eu o deterei com a dor da magia e farei com que se arrependa por ter criado problemas para mim. Eu sou Mord-Sith. Sou sua senhora. Não posso ser mais do que sou. Você não pode ser menos, meu companheiro.

Richard olhou tristemente para ela e pôs a ponta da espada entre os seios dela; as lágrimas e o brilho branco lhe dificultavam a visão.

Denna gentilmente levou a espada um pouco mais para cima.

— Meu coração está aqui, meu amor.

Com a espada no peito dela, Richard se inclinou e passou o braço carinhosamente em volta dos ombros macios de Denna. Contendo o poder com todas as suas forças, beijou-a no rosto.

— Richard — murmurou ela. — Nunca tive um companheiro como você. Estou feliz por você ter sido o último. Você é uma pessoa muito rara. A única pessoa, desde que fui escolhida, que se importou com a dor que eu sentia ou que fez qualquer coisa para aliviá-la. Obrigada pela noite passada, por me ensinar o que poderia ter sido.

Com o rosto molhado de lágrimas, ele a abraçou com força.

— Perdoe-me, meu amor.

Ela sorriu.

— Perdôo tudo. Obrigada por me chamar de meu amor. É bom ouvir isso de verdade, pelo menos uma vez antes de morrer. Gire a espada, para ter certeza de que está terminado. E, Richard, por favor, absorva meu último suspiro, como eu ensinei. Quero que você fique com meu último suspiro de vida.

Atordado, ele a beijou nos lábios e nem sentiu o movimento da sua mão direita. Não houve resistência. A espada a atravessou como se ela fosse um tecido diáfano. Richard sentiu sua mão girar a espada e aspirou o último suspiro de vida de Denna.

Ele a deitou gentilmente na cama, deitou-se ao lado dela e chorou incontrolavelmente, acariciando o rosto pálido.

Ele lamentou não poder desfazer o que tinha feito.

CAPÍTULO 44



Era tarde da noite quando Richard saiu dos alojamentos de Denna. Os salões estavam vazios, a não ser pelas sombras bruxuleantes. Seus passos ecoavam na pedra polida e nas paredes, enquanto caminhava pesaroso, vendo sua sombra girar quando passava pelos archotes, consolado só por ter outra vez a mochila nas costas e por estar deixando o Palácio do Povo. Não sabia para onde estava indo, só que precisava sair dali.

A dor do Agiel nas costas o fez parar de repente, o suor brotando no seu rosto, enquanto tentava em vão respirar. O fogo chamuscou seus quadris e suas pernas.

—Vai a algum lugar? — ouviu o murmúrio cruel.

Constance.

A mão trêmula procurou alcançar a espada. Ela riu olhando para ele. Uma visão de entregar o controle da magia a ela, de todo o pesadelo recomeçar, passou por sua mente. Afastou a mão da espada e controlou a raiva da magia. Ela ficou à frente dele, com o braço em volta do seu corpo, o Agiel nas suas costas, paralisando suas pernas. Constance estava vestida de couro vermelho.

— Não? Ainda não está pronto para usar a magia contra mim? Logo estará. Vai tentar muito em breve, vai tentar se salvar com ela. — Sorriu. — Poupe-se de mais dor, use-a agora. Talvez eu seja misericordiosa se a usar agora.

Richard pensou em todos os modos pelos quais Denna infligia dor e em como lhe tinha ensinado a tolerar, para que ela pudesse provocar mais. Lembrou tudo que tinha aprendido. Controlou a dor, bloqueando-a o tempo suficiente para poder respirar profundamente.

Passou o braço esquerdo em volta de Constance, apertando o corpo dela contra o seu. Segurou o Agiel de Denna dependurado no seu pescoço. A dor subiu por seu braço. Ele a suportou, ignorou. Constance grunhiu quando ele a levantou do chão. Tentou aplicar o Agiel nas costas dele, mas não tinha ponto de apoio e Richard prendeu seu braço, imobilizando-o.

Quando ele a tinha erguido bastante e o rosto contorcido estava à frente do seu, ele aplicou o Agiel de Denna no peito dela. Constance arregalou os olhos. Seu rosto relaxou. Richard se lembrou de Denna segurando o Agiel daquele modo no peito da rainha Milena. Teve o mesmo efeito em Constance. Ela estremeceu, aliviando a pressão nas suas costas. Mas ainda o machucava, bem como o de Denna que tinha na mão.

Richard rilhou os dentes para controlar a dor.

— Não vou matar você com a espada. Para isso teria de perdoar tudo que você fez. Eu jamais poderia perdoá-la por ter traído uma amiga. Posso perdoar o que fez a mim, mas não o que fez contra sua amiga Denna. Essa é uma coisa que jamais perderei.

Constance gemeu de agonia.

— Por favor...

— Promessa feita... — zombou de.

— Não... por favor... não.

Richard girou o Agiel como vira Denna fazer com a rainha. Constance se encolheu e ficou flácida nas mãos dele. Sangue escorreu das suas orelhas. Ele deixou o corpo inerte escorregar para o chão.

— Promessa cumprida.

Richard olhou por longo tempo para o Agiel que segurava com força, antes de se dar conta de que estava causando dor, e finalmente o soltou, deixando-o pender do cordão em volta do pescoço.

Enquanto retomava o fôlego, olhou para a Mord-Sith morta. Obrigado, Denna, por me ensinar a suportar a dor. Você salvou minha vida.

Levou quase uma hora para encontrar o caminho no labirinto de corredores, até a noite fria, para fora do palácio. Com a mão no

punho da espada, passou por dois guardas corpulentos no portão aberto, para o muro externo, mas eles apenas o cumprimentaram com uma inclinação da cabeça, como se ele fosse um convidado retirando-se depois de um jantar real.

Richard parou, olhando para a paisagem iluminada pelas estrelas. Nunca se sentiu tão feliz por ver estrelas. Virou-se para trás, olhando para tudo. O Palácio do Povo, circundado por muros imponentes, no alto do planalto imenso que descia para uma planície. O planalto ficava a centenas de metros acima da terra estéril, mas havia uma estrada cortada nos penhascos que descia para o terreno plano.

— Cavalos, senhor?

Richard se virou rapidamente. Um dos guardas tinha falado com ele.

— O quê?

— Perguntei se quer um cavalo, senhor. Parece que está de partida. É uma longa caminhada.

— Que longa caminhada?

O guarda indicou a descida com a cabeça.

— Aquela é a Planície Azrith. Está olhando para oeste, para além da Planície Azrith. É uma longa caminhada. Deseja um cavalo?

Intrigado, Richard pensou que Darken Rahl parecia pouco se importar com o que ele podia fazer, a ponto de permitir que lhe dessem um cavalo.

— Sim, quero um cavalo.

O guarda assoprou num pequeno apito uma série de sinais curtos e longos, para outro homem no muro. Richard ouviu a curta melodia repetida a distância. O guarda voltou para seu posto.

— Não vai demorar, senhor.

— A que distância ficam as montanhas Rang'Shada?

O homem franziu a testa.

— Onde nos montes Rang'Shada? Eles são muito extensos.

— Noroeste de Tamarang. O mais perto possível de Tamarang.

O homem passou a mão no queixo, pensando.

— Quatro, talvez cinco dias. — Olhou para o outro guarda. — O que você acha?

O outro guarda deu de ombros.

— Se cavalgar depressa dia e noite e mudar várias vezes de cavalo, uns cinco dias talvez, mas duvido que possa fazer em quatro.

O coração de Richard se apertou. Por isso Rahl não se importava que ele tivesse um cavalo. Para onde podia ir? Michael e o exército de Westland estavam a quadro dias de distância, no Rang'Shada. Não podia ir até eles e voltar antes do fim da semana, antes do primeiro dia do inverno.

Mas Kahlan devia estar mais perto. Rahl enviara aquele homem com a faixa negra no cabelo louro e dois quads para apanhá-la. O que ela estava fazendo tão perto dali? Tinha dito para não o procurar. Ficou furioso com Chase por não os ter impedido. Então, a raiva passou. Se fosse ele, não poderia ficar em paz sem saber o que tinha acontecido a um amigo. Talvez não estivessem nas montanhas e sim a caminho dali. Mas de que adiantaria um exército? Dez bons homens num lugar como aquele podiam conter o avanço de um exército durante um mês.

Dois soldados montados, com armadura completa de combate, saíram pelo portão, trazendo um terceiro cavalo com eles.

— Vai querer uma escolta, senhor? — perguntou o guarda, — São bons homens.

— Não — disse Richard. — Eu vou sozinho.

O guarda dispensou os soldados.

— Então vai para oeste-sudoeste? — Richard não respondeu e o guarda continuou: — Tamarang, o lugar no Rang'Shada que o senhor perguntou. Fica a oeste-sudoeste. Posso dar um conselho, senhor?

— Diga — disse Richard cautelosamente.

— Se vai nessa direção, para atravessar a Planície Azrith, então quando for quase de manhã vai chegar a um campo rochoso entre montanhas escarpadas. Há um cruzamento na estrada num desfiladeiro profundo Siga para a esquerda.

Richard entrecerrou os olhos.

— Por quê?

— Porque à direita há um dragão. Um dragão vermelho. Um dragão muito rabugento. O dragão de Mestre Rahl.

Richard montou e olhou para o guarda.

— Obrigado pelo aviso. Não vou esquecer.

Esporeou o cavalo e começou a descer pelo lado do planalto, pela estrada em ziguezague. Depois de uma curva, viu uma ponte levadiça sendo abaixada. Richard não diminuiu a marcha e entrou a galope nas tábuas pesadas. Viu que a estrada era o único caminho prático para os penhascos do planalto e o abismo sobre o qual estava a ponte seria um impasse para um exercito. Mesmo sem a força formidável dos defensores que ele tinha deixado para trás, mesmo sem a magia de Darken Rahl, a simples inacessibilidade do Palácio do Povo era defesa suficiente.

Cavalgando, Richard abriu o fecho da coleira odiosa e a jogou para longe, na noite. Jurou nunca mais usar um colar. Para ninguém. Por nenhum motivo.

Atravessando a planície, olhou para trás, para a silhueta negra do Palácio do Povo no alto do planalto, ameaçador, bloqueando um quadrante inteiro de estrelas. Seus olhos lacrimejavam por causa do ar frio. Ou talvez fosse a lembrança de Denna. Por mais que tentasse, não podia afastá-la da mente. Se não fosse por Kahlan e Zedd, ele teria se matado, tamanha era a dor que sentia.

Matar com a espada, enraivecido, cheio de ira e de ódio era horrível. Matar com a magia branca da espada, por amor, era muito além do horror. A lâmina voltara ao brilho prateado, mas ele sabia como fazê-la voltar a ficar branca. Esperava morrer antes que isso fosse preciso. Não sabia se jamais ia poder fazer aquilo outra vez.

Porém, ali estava ele, correndo na noite, correndo para Zedd e Kahlan, para descobrir qual deles contara a Darken Rahl onde estava a caixa, traindo todos.

Nada daquilo tinha sentido. Por que Rahl usaria a pedra da noite para capturar Zedd, se Zedd fosse o traidor? E por que mandar homens atrás de Kahlan, se fosse ela? Mas Shota tinha dito que os dois tentariam matá-lo. Tinha de ser um deles. O que Richard podia fazer? Tornar a lâmina branca e matar os dois? Sabia que isso era tolice. Preferia morrer a fazer mal a qualquer um deles. Mas, e se Zedd os estivesse traindo e o único modo de salvar Kahlan fosse

matar seu velho amigo? Ou se fosse Kahlan? Ele preferia morrer a matá-la?

O importante era deter Rahl. Precisava recuperar a última caixa. Tinha de parar de gastar energia pensando em coisas que não podia saber. O que importava era deter Rahl; então todo o resto seria explicado. Richard encontrara a caixa uma vez, tinha de encontrar de novo.

Mas como? Não tinha tempo. Como ia encontrar Zedd e Kahlan? Era só um homem a cavalo, com um país inteiro para procurar. Não estariam viajando nas estradas, não se Chase estivesse com eles. Chase os faria ficar longe das estradas, bem escondidos. Richard não conhecia as estradas, muito menos as trilhas.

Era uma tarefa absurda. Era uma grande extensão para procurar. Darken Rahl tinha criado muitas dúvidas em sua mente. Os pensamentos redemoinhavam, cada vez mais confusos, mais impotentes. Sentia que sua mente era sua pior inimiga naquele momento. Richard esvaziou a mente e entoou uma prece ao homem que ele queria matar, cantou assim mesmo enquanto cavalgava na noite. Mestre Rahl seja nosso guia. *Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Em sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.*

Duas vezes ele apeou para descansar o cavalo, mas o resto do tempo cavalgou o mais depressa possível. A Planície Azrith parecia infindável. O terreno plano quase sem vegetação estendia-se para o infinito. O canto o ajudou a manter a mente livre de todo pensamento, exceto um: o horror de ter matado Denna. Dessa lembrança não podia livrar-se. Essas lágrimas ele não podia conter.

O nascer do dia trouxe sua sombra para ser perseguida. Rochas surgiam, parecendo deslocadas, no terreno plano, lançando sombras longas. À medida que avançava, elas cresciam em número. O terreno começou a ficar ondulado, abrindo-se em ravinas, erguendo-se em cordilheiras. Atravessou passagem estreitas e brechas, um desfiladeiro com paredes esfareladas. A estrada virava

para a esquerda, com uma trilha estreita à direita. Richard foi para a esquerda, se lembrando do que o guarda tinha dito.

Em sua mente clara, despontou uma idéia. Parou o cavalo de repente. Olhou para o caminho da direita. Pensou por um minuto, então puxou as rédeas para a direita, espicaçando o animal para a estrada estreita.

Darken Rahl tinha dito que ele era livre para ir aonde quisesse, permitiria até que lhe dessem um cavalo. Talvez ele não se importasse se Richard tomasse emprestado o seu dragão.

Deixando o cavalo escolher o caminho, Richard vigiava atentamente em volta, com a mão no punho da espada. Certamente não seria difícil encontrar um dragão vermelho. O único som era das patas do cavalo no solo duro. Richard não sabia a que distancia estava e cavalgou longo tempo por entre entulhos de rochas no solo do desfiladeiro. Começou a ficar preocupado, pensando que o dragão talvez tivesse ido embora, talvez Rahl tivesse montado nele em algum lugar. Talvez para pegar a caixa. Não sabia se era uma boa idéia, mas era a única que tinha no momento.

Uma rajada ofuscante de fogo explodiu com um rugido estrondoso. O cavalo empinou, Richard saltou da sela, caiu de pé e correu para trás de uma rocha quando o ar se encheu de pedras e fogo. Lascas de pedra ricocheteavam acima de sua cabeça. Ouviu o cavalo patear e sentiu o cheiro de pêlo queimado. O animal relinchou dolorosamente e Richard ouviu o ruído de ossos quebrados. Agachado, ele se encostou mais na rocha, com medo de olhar.

Ouvindo o rugido do fogo a intervalos regulares, o estalo dos ossos se quebrando, a carne sendo dilacerada, Richard decidiu que fora uma idéia perfeitamente idiota. Não podia acreditar que o dragão estivesse tão bem escondido. Imaginou se o teria visto se esconder atrás da rocha. Pelo menos, até o momento, parecia que não. Olhou em volta a procura de um meio de fuga, mas o terreno era muito aberto para ele correr sem ser visto. O som do cavalo sendo devorado lhe revoltou o estômago. Finalmente terminou. Richard imaginou se dragões tiravam uma soneca depois da

refeição. Ouviu o dragão bufar. Mais perto agora. Richard tentou se fazer quase invisível.

Garras raspam a rocha atrás da qual estava escondido e a ergueu do chão, jogando-a para o lado. Richard olhou para os olhos amarelos penetrantes. Quase todo o resto era de um vermelho intenso. A cabeça com ferrões flexíveis, com as pontas negras em volta da base da mandíbula e atrás das orelhas, o pescoço grosso e longo, o corpo imenso. A cauda musculosa terminava em ferrões como os da cabeça, só que rígidos e duros, e abanava de um lado para o outro, empurrando as rochas. Quando flexionava as asas, músculos potentes apareciam sob as escamas sobrepostas dos ombros. Dentes afiados como navalhas, manchados de vermelho da refeição recente, apareceram sob os lábios arreganhados no focinho comprido. A besta bufou. Fumaça saiu das narinas na ponta do focinho.

— O que temos aqui? — disse uma voz firme, feminina. — Um petisco?

Richard se levantou rapidamente e desembainhou a espada. A lamina cantou no ar.

— Preciso da sua ajuda.

— Será um prazer ajudá-lo, homenzinho. Mas só depois que eu o devorar.

— Estou avisando, fique onde está! Esta espada tem magia.

— Magia! — zombou o dragão, fingindo estar com medo. Levou uma das patas ao peito. — Oh, por favor, bravo homem, não me mate com sua espada mágica. — Fez um barulho rouco que Richard interpretou como uma risada.

Ainda empunhando a espada, Richard achou que estava sendo idiota.

— Então pretende me comer?

— Bem, devo admitir que mais por divertimento do que pelo paladar.

— Ouvi dizer que os dragões são independentes, mas você é pouco mais do que um cãozinho de colo de Darken Rahl. — Uma bola de fogo saiu da boca do dragão e se ergueu no ar. — Pensei que você gostaria de se livrar e ser independente outra vez.

A cabeça maior do que ele, Richard notou temeroso, se aproximou, até ficar a poucos metros. As orelhas se inclinaram para a frente. Uma língua vermelha brilhante como a de uma cobra se estendeu para ele, investigando com curiosidade. Richard tirou a espada do caminho quando a língua áspera passou por seu corpo, da virilha até o pescoço. Foi um toque leve para um dragão, mas o fez recuar alguns passos.

— E como um homem pequeno como você vai fazer isso?

— Estou tentando deter Darken Rahl, quero matá-lo. Se você me ajudar, ficará livre.

O dragão ergueu a cabeça; fumaça lhe saiu das narinas e deu uma risada estrondosa. O solo tremeu. Olhou para Richard, piscou os olhos, pôs outra vez a cabeça para trás e deu outra gargalhada.

O estrondo cessou e o dragão franziu a sobrancelha, zangado.

— Acho que não. Não acho que deva confiar meu destino a um homem pequeno como você. Prefiro continuar a servir a Mestre Rahl. — rosnou, soprando pequenas nuvens de pó para o lado, aos pés de Richard. — A diversão acabou. Hora do meu petisco.

— Tudo bem. Estou preparado para morrer. — Richard precisava pensar num modo de ganhar tempo para pensar. Por que um dragão vermelho estaria a serviço de Darken Rahl? — Mas antes de você me comer, posso dizer uma coisa?

— Fale — rosnou o dragão. — Mas seja breve.

— Eu sou de Westland. Nunca tinha visto um dragão. Sempre pensei que fossem criaturas assustadoras e, devo admitir, você é assustadora, mas eu não estava preparado para uma coisa.

— Não estava preparado para o que?

— Você é, sem dúvida, a criatura mais estonteantemente bela que já vi.

Era verdade. A despeito da sua natureza letal, o dragão era extremamente belo. O pescoço tomou a forma de um S quando a criatura pôs a cabeça para trás piscando os olhos, surpresa. Richard viu a dúvida nos olhos dela.

— É verdade — disse ele — vou ser devorado, não tenho motivo para mentir. Nunca pensei que um dia visse uma criatura tão magnífica. Você tem nome?

— Scarlet.

— Scarlet. Belo nome! Todos os dragões são estonteantemente belos ou você é especial?

Scarlet pôs a pata no peito.

— Não sei dizer. — A cabeça se aproximou dele outra vez. — Nunca um homem prestes a ser comido me disse isso.

Uma idéia se formou na mente de Richard. Embainhou a espada.

— Scarlet, sei que uma criatura orgulhosa como você jamais estaria à disposição de alguém, muito menos de uma pessoa exigente como Darken Rahl, a não ser que tenha uma necessidade premente. Você é bonita e nobre demais para isso.

A cabeça de Scarlet chegou mais perto dele.

— Por que está me dizendo essas coisas?

— Porque acredito na verdade. Acho que você também acredita.

— Qual o seu nome?

— Richard Cypher. Sou o Seeker.

Scarlet levou uma garra negra aos lábios.

— Seeker — franziu a testa. — Acho que ainda não comi um Seeker. — Com um sorriso estranho de dragão, continuou: — Será um petisco raro. Nossa conversa acabou, Richard Cypher. Obrigada pelo elogio. — A cabeça chegou mais perto, os lábios arreganhados.

— Darken Rahl roubou seu ovo, não foi?

Scarlet recuou. Piscou os olhos, depois inclinou a cabeça para trás, com as mandíbulas escancaradas. Um rugido ensurdecedor fez vibrar as escamas do pescoço. Fogo subiu para o céu numa rajada ruidosa. O som ecoou nas paredes do penhasco, provocando deslizamento de rochas.

A cabeça de Scarlet se aproximou dele, com fumaça saindo das narinas.

— O que você sabe sobre isso?

— Eu sei que uma criatura orgulhosa como você nunca se sujeitaria a uma escravidão tão baixa sem um motivo forte. Para proteger algo importante. Como a sua prole.

— Então você sabe. Isso não o salvará — rosnou ela.

— Sei também onde Darken Rahl guarda seu ovo.

— Onde? — Richard teve que se desviar das chamas. — Diga onde ele está!

— Pensei que ia me comer agora.

Um olho chegou muito perto dele.

— Alguém devia ensinar você a não ser tão atrevido — disse a voz tonitruante.

— Desculpe, Scarlet. É um mau hábito que me causou muitos problemas no passado. Escute, se eu ajudar a reaver seu ovo, Rahl não terá poder algum sobre você. Se eu puder fazer isso, você me ajudará?

— Ajudar como?

— Bem, você voa com Rahl nas costas. É disso que eu preciso. Preciso que me leve nas costas por alguns dias, que me ajude a encontrar meus amigos, para protegê-los de Rahl. Preciso percorrer grandes distâncias, procurar em uma vasta área. Acho que se puder fazer isso do ar, como um pássaro, poderei encontrá-los e terei tempo suficiente para deter Rahl.

— Não gosto de levar homens nas costas. É humilhante.

— Dentro de seis dias tudo estará acabado, de um modo ou de outro. Se você me ajudar, terei de tudo que preciso. Depois disso, nada mais importa, aconteça o que acontecer. Por quanto tempo terá de servir a Rahl se não me ajudar?

— Tudo bem. Diga onde está o meu ovo que o deixo ir. Deixo você viver.

— Como vai saber que estou dizendo a verdade? Posso inventar um lugar para me salvar.

— Como os dragões, os verdadeiros Seekers têm honra. Isso eu sei. Portanto se você sabe realmente, diga e estará livre.

— Não.

— Não! — rugiu Scarlet. — Como assim, não?

— Não me importo com minha vida. Como você, só me interessam coisas mais importantes. Se quer que a ajude a recuperar seu ovo, tem de concordar em me ajudar a salvar as pessoas de quem gosto. Pegaremos o ovo primeiro, depois você me

ajuda. Acho que é mais do que justo. A vida de sua prole em troca de me levar nas costas durante poucos dias.

O olho penetrante de Scarlet chegou muito perto do rosto dele e ela empinou as orelhas.

— E como você sabe que quando eu tiver meu ovo vou cumprir minha parte do acordo?

— Porque — murmurou Richard — você sabe o que é temer pela segurança de outra pessoa e porque tem honra. Não tenho escolha. Não sei de qualquer outro meio para salvar meus amigos e evitar que passem o resto da vida como você vive agora, sob o domínio de Rahl. Estarei arriscando minha vida para salvar seu ovo. Acredito que você seja uma criatura honrada. Confiarei na sua palavra, com a minha vida.

Scarlet bufou, recuando um pouco, olhando atentamente para ele. Fechou as asas. Abanou a cauda, derrubando pedras e fazendo deslizar alguns pequenos rochedos. Richard esperou. Um braço se estendeu para ele. Uma garra com ponta negra, grossa como sua perna, aguçada com a ponta de sua espada. Enganchou no talabarte da espada e puxou de leve. Scarlet aproximou mais a cabeça.

— Está combinado. Por sua honra, pela minha — sibilou Scarlet. — Mas não dei minha palavra de que não vou comer você no fim dos seis dias.

— Se me ajudar a salvar meus amigos e a deter Rahl, não me importo com o que você possa fazer depois — rosnou Richard. — Os gares de cauda curta são uma ameaça para os dragões?

O dragão largou o cinturão a tiracolo da espada.

— Gares... — disse ela com desprezo. — Já comi muitos deles. Não são páreo para mim, a não ser oito ou dez ao mesmo tempo, mas os gares não gostam de andar juntos, portanto, não são problema.

— São um problema agora. Quando vi seu ovo, havia dezenas de gares em volta dele.

Scarlet rosnou e línguas de fogo saíram de sua boca.

— Dezenas? Dezenas deles podem me puxar do céu. Especialmente se eu estiver carregando meu ovo.

Richard sorriu.

— Por isso você precisa de mim. Vou pensar num plano.

* * *

Zedd gritou. Kahlan e Chase se viraram para trás, sobressaltados. Kahlan ficou intrigada. Zedd nunca fizera aquilo antes, quando procurava a pedra da noite. O sol já tinha desaparecido, mas à luz fraca ela viu o rosto de Zedd quase tão branco quanto seu cabelo.

Ela segurou nos ombros dele.

— Zedd! O que foi?

Ele não respondeu. Sua cabeça caiu para o lado, seus olhos viraram para dentro das órbitas. Zedd ainda não respirava, mas isso era normal, nunca respirava quando procurava a pedra da noite. Kahlan trocou um olhar preocupado com Chase. Sentiu Zedd tremer sob suas mãos. Ela o sacudiu outra vez.

— Zedd! Pare com isso! Volte!

Ele respirou e murmurou alguma coisa. Kahlan encostou o ouvido na boca do mago. Ele murmurou outra vez.

Kahlan ficou horrorizada.

— Zedd, não posso fazer isso com você.

— O que ele disse? Perguntou Chase.

Kahlan ergueu os olhos cheios de medo para o guarda da fronteira.

— Ele disse para eu tocá-lo com meu poder.

— Mundo subterrâneo — murmurou Zedd. — O único meio.

— Zedd o que está acontecendo?

— Fui apanhado — murmurou ele. — Toque-me ou estou perdido. Depressa.

— Acho melhor fazer o que ele diz — avisou Chase.

Kahlan não gostou nada da idéia.

— Zedd, não posso fazer isso com você!

— É o único modo de quebrar a armadilha. Depressa!

— Faça — berrou Chase. — Não há tempo para discutir.

— Que os bons espíritos me perdoem — murmurou ela, fechando os olhos.

Em pânico, Kahlan sentiu que não tinha escolha. Temendo o que ia fazer, sua mente se aquietou. Ela relaxou a tensão. Sentiu o poder crescer, tirando seu fôlego. Liberado, o poder se chocou contra o mago.

O ar em volta deles sofreu um impacto. Trovão sem som. Agulhas de pinheiro choveram em profusão. Inclinado para os dois, Chase deixou escapar um gemido de dor. Estava mais perto do que devia. O silêncio envolveu o bosque. O mago ainda não respirava.

Zedd parou de tremer, os olhos voltaram ao normal, ele piscou várias vezes, ergueu as mãos e segurou os braços de Kahlan. Com esforço ele respirou.

— Muito obrigado, minha cara — conseguiu ele dizer entre uma respiração profunda e outra.

Kahlan viu, surpresa, que o poder, a magia, aparentemente não teve o efeito devido. Ela ficou aliviada mas atônita.

— Zedd, você está bem?

O mago fez que sim com a cabeça.

— Graças a você. Mas, se você não estivesse aqui ou se tivesse esperado um pouco mais, eu estaria preso no mundo subterrâneo. Seu poder me trouxe de volta.

— Por que ele não mudou você?

Zedd ajustou o manto, parecendo um pouco embaraçado.

— Por causa do lugar em que eu estava — levantou o queixo.

— E porque sou um mago da Primeira Ordem. Usei seu poder de Confessora como uma corda de salvação para encontrar o caminho de volta. Era como um farol no escuro. Voltei sem que eles me tocassem.

— O que você estava fazendo no mundo subterrâneo? — perguntou Chase antes que Kahlan tivesse a chance de perguntar.

Zedd olhou zangado para o guarda da fronteira e não respondeu.

Kahlan ficou preocupada.

— Zedd, responda. Isso nunca aconteceu antes. Por que foi levado para o mundo subterrâneo?

— Quando procuro a pedra da noite, uma parte de mim vai para ela. É assim que eu a encontro e posso dizer onde ela está.

Kahlan tentou não pensar no que eles estava dizendo.

— Mas a pedra da noite ainda está em D'Hara. Richard ainda está em D'Hara. — Segurou o manto dele. — Zedd...

Zedd olhou para baixo.

— A pedra da noite não está mais em D'Hara. Está no mundo subterrâneo. — Olhou para ela, furioso. — Mas isso não quer dizer que Richard não está em D'Hara. Não quer dizer que aconteceu alguma coisa com ele. Só com a pedra da noite.

Chase, tenso, começou a armar o acampamento antes que escurecesse demais. Kahlan continuava agarrada ao manto de Zedd, paralisada de terror.

— Zedd... por favor. Você pode estar errado?

Ele balançou a cabeça devagar.

— A pedra da noite está no mundo subterrâneo. Mas, minha cara, isso não quer dizer que Richard também está. Não se deixe dominar pelo medo.

Kahlan assentiu, com as lágrimas descendo no rosto.

— Zedd, ele tem de estar bem. Tem de estar. Se Rahl o manteve todo esse tempo lá não vai matá-lo agora.

— Nós não sabemos se Rahl está com Richard.

Kahlan sabia que o mago se recusava a admitir isso em voz alta. Por que ele estaria no Palácio do Povo se Rahl não o tivesse capturado?

— Zedd, quando você procurou a pedra da noite antes, disse que podia senti-lo, que ele estava vivo. — Quase não tinha coragem de perguntar, com medo do que ele ia dizer. — Você o sentiu no mundo subterrâneo?

Zedd olhou por longo tempo para os olhos dela.

— Eu não o senti. Mas não sei se sentiria se ele estivesse lá. Se ele estivesse morto. — Quando ela começou a chorar, Zedd a puxou para ele e a fez encostar a cabeça em seu ombro. — Mas acho que só a pedra da noite está lá. Acho que Rahl estava tentando me capturar. Ele deve ter tirado a pedra da noite de Richard e a mandou para o mundo subterrâneo para me atrair.

— Mesmo assim vamos procurá-lo. — exclamou ela. — Não vou desistir.

— Ora, é claro que vamos.

Kahlan sentiu a língua quente nas costas da mão. Acariciou o pêlo do lobo e sorriu.

— Vamos encontrá-lo, Senhora Kahlan. Não se preocupe, vamos encontrá-lo.

— Brophy tem razão — disse Chase, se virando para trás —, estou até esperando ansiosamente a descompostura que vamos ouvir por termos voltado.

— A caixa está segura — disse o mago —, é isso que importa. De amanhã a cinco dias, será o primeiro dia do inverno e aí Darken Rahl estará morto. Teremos Richard de volta então, se não antes.

— Eu os levarei antes disso, se é o que quer dizer — resmungou Chase.

CAPÍTULO 45



Richard segurou com força os esporões grossos dos ombros de Scarlet quando ela fez uma curva fechada para a esquerda. Com surpresa, aprendeu que, quando ela se inclinava numa curva, ele não escorregava das suas costas, porque Scarlet o apertava com mais força contra ela. Richard achou a experiência de voar divertida e assustadora ao mesmo tempo, como estar na beirada de um penhasco impossivelmente alto, que se movesse. A sensação de ser erguido no ar pelo corpo forte do dragão era estimulante. Músculos flexionavam debaixo dele quando ela cortava o ar com asas potente, subindo a cada movimento. Quando ela fechava as asas e descia, o vento enchia de água os olhos dele e a sensação de estar caindo o fazia perder o fôlego, como se seu estômago fosse subir até a boca. Ele se maravilhava à mera idéia de estar montado num dragão.

— Você os vê? — perguntou ele, elevando a voz acima do som do vento. Scarlet rosnou, para indicar que via. A luz fraca do fim do dia, os gares pareciam pontinhos movendo-se no terreno rochoso lá embaixo. Vapor subiu da Fonte de Fogo e até daquela altura Richard sentiu o cheiro ácido. Scarlet subiu mais, fazendo Richard apertar as pernas contra o corpo dela, e depois fez uma curva fechada para a direita.

— São muitos — disse ela.

Virou a cabeça para trás, olhando para ele com o olho amarelo. Richard apontou.

— Desça ali, atrás daquelas colinas, e não deixe que eles nos vejam.

Scarlet subiu, batendo as asas com força. Quando estavam mais alto do que nunca, ela se afastou da Fonte de Fogo. Mergulhou

então, entre as encostas rochosas, dirigindo-se para onde Richard a mandara descer. Com um tatarar silencioso das asas, ela aterrissou mansamente perto da entrada de uma caverna e abaixou o pescoço para ele descer. Richard sabia que Scarlet não o queria nas costas mais do que o tempo necessário. Ela virou a cabeça para ele com olhos zangados e impacientes.

— Há muitos gares. Darken Rahl sabe que não posso lutar contra todos eles, por isso são tantos, para o caso de eu encontrar meu ovo. Você disse que ia pensar num plano. Qual é?

Richard olhou para a entrada da caverna. A caverna de Shadrin, Kahlan tinha dito.

— Precisamos uma diversão, alguma coisa para distraí-los enquanto pegamos o ovo. Olhou outra vez para a caverna.

— Uma amiga minha disse que a caverna vai até onde está o ovo. Talvez eu possa ir até lá pegá-lo.

— Pois então vá.

— Não devemos discutir se é uma boa idéia? Talvez a gente possa pensar em algo melhor. Ouvei dizer também que há alguma coisa na caverna.

O olho furioso de Scarlet chegou muito perto dele,

— Alguma coisa na caverna? — Virou a cabeça para a entrada da caverna e mandou uma terrível rajada de fogo para o escuro. — Agora, não tem nada na caverna. Vá pegar o meu ovo.

A caverna tinha quilômetros de comprimento. Richard sabia que o logo não teria feito mal algum a qualquer coisa que estivesse muito adiante. Sabia também que dera sua palavra. Apanhou juncos que cresciam ali perto e os amarrou com trepadeiras. Deu uma Scarlet.

— Quer acender a ponta para mim?

O dragão soprou uma chama na extremidade de um dos amarrados de junco.

— Você espera aqui — disse Richard. — Às vezes é melhor ser pequeno. Não poderão ver-me facilmente. Vou pensar em alguma coisa, pegar o ovo e trazer para a caverna. É um longo caminho. Pode amanhecer antes de eu voltar. Não sei se os gares estarão perto de mim, por isso talvez tenhamos de sair depressa. Fique

alerta, certo? — Dependurou a mochila num dos espigões das costas de Scarlet. — Tome conta disto para mim. Não quero carregar mais do que o necessário.

Richard não sabia se um dragão podia parecer preocupado, mas achou que Scarlet parecia.

— Cuidado com o ovo. Ele logo vai chocar, mas se a casca for quebrada antes do tempo...

Richard sorriu para tranquilizá-la.

— Não se preocupe, Scarlet. Vamos recuperar o ovo.

Ela o acompanhou até a entrada da caverna e espiou para dentro até Richard desaparecer.

— Richard Cypher — chamou ela —, se você tentar fugir, eu o encontrarei e, se voltar sem o ovo, vai desejar que os gares o tivessem matado, porque vou cozinhar você em fogo lento, começando pelos pés.

Richard olhou para o vulto que tomava toda a entrada da caverna.

— Eu dei minha palavra. Se os gares me pegarem, tentarei matar um número suficiente deles para que você possa pegar o ovo e fugir.

Scarlet rosnou.

— Procure evitar que isso aconteça. Eu ainda quero comer você quando tudo acabar.

Richard sorriu e entrou mais na caverna. A escuridão engoliu a luz do archote e ele teve a impressão de estar caminhando para o nada. Só uma pequena área à sua frente era iluminada. À medida que se adiantava, o chão da caverna se inclinava para o ar frio e parado. Apareceram paredes e um teto de rocha quando o caminho se estreitou, formando um túnel sinuoso que continuava a descer. O túnel terminou numa sala enorme. A trilha seguia ao longo da uma rocha estreita na beirada de um lago verde. A luz bruxuleante do archote mostrou o teto pontudo e paredes de pedra lisa. O teto ficou mais baixo quando ele entrou numa passagem larga. Richard teve de se curvar. Durante uma hora ou mais, ele andou, com o corpo curvado o pescoço começando a doer. Ocasionalmente, encostara o archote no reto para tirar as cinzas e mantê-lo bem aceso.

A escuridão era opressiva. Ela o rodeava, seguia-o e o sugava cada vez mais para dentro, chamando-o para a frente com visões invisíveis. Formações delicadas e coloridas de rocha cresciam como vegetação, como flores crescendo da rocha sólida. Cristais cintilantes brilharam quando ele passava com o archote, os estalos da chama o único ruído ecoando no escuro.

Richard passou por salas de beleza estonteante. No escuro, erguiam-se colunas de pedra ondulada, algumas terminando antes de chegar ao destino, com companheiras pendentes do teto para encontrá-las no meio do caminho. Lençóis cristalinos flutuavam sobre as paredes em alguns lugares, como pedras preciosas derretidas.

Algumas passagens eram fendas na rocha e ele tinha de passar muito rente; outras aberturas ele tinha de atravessar de quatro. O ar era estranhamente inodoro. Era um lugar de noite perpétua, jamais tocado pela luz e pela vida. Continuando a andar, o corpo aquecido pelo esforço, o ar frio fazia sair vapor da sua pele. Quando passava o archote para a outra mão via o vapor sair dos dedos, como a energia da vida evaporando. Embora não fosse frio como no inverno, era um frio capaz de sugar todo o calor da pessoa numa questão de minutos. Era um lugar que podia matar o descuidado ou quem tivesse pouca sorte. Richard verificava constantemente o archote aceso e os outros que tinha levado.

A noite eterna passava lentamente. Richard sentia as pernas cansadas de tanto subir e descer. Na verdade, todo o seu corpo estava cansado. Esperava que a caverna acabasse logo, parecia que tinha caminhado a noite inteira. Não tinha noção do tempo.

A rocha se fechava em volta dele. O teto plano ficou mais baixo até ele ter de andar curvado outra vez e foi abaixando cada vez mais até precisar ficar de quatro no solo frio, molhado e escorregadio, com limo que cheirava a coisa podre. Era o primeiro cheiro que ele sentia em muito tempo. Suas mãos estavam frias por causa da umidade e a lama era malcheirosa.

O caminho era agora uma pequena abertura, um buraco negro à luz do archote. Richard não gostou do tamanho minúsculo da passagem. O ar gemia, fazendo a chama oscilar e tremeluzir. Ele pós

o archote na abertura estreita mas não viu nada, a não ser escuridão. Retirou o archote, pensando no que ia fazer. A abertura era muito pequena, plana em cima e embaixo, e ele não tinha idéia da sua extensão, nem do que havia no outro lado. O ar entrava na passagem, portanto devia levar ao fim da caverna, aos gares, ao ovo, mas ele não sabia a que distância estavam.

Richard recuou. Devia haver outros caminhos lá atrás, em um dos cômodos, mas quanto tempo ele podia perder procurando em vão? Voltou para a abertura e olhou para ela com medo.

Tentando não pensar no medo que sentia, desembainhou a espada e a segurou com a mão que segurava os archotes apagados longe dele e entrou na abertura. Imediatamente sentiu, apavorado, a rocha se fechar em volta dele, por cima e por baixo. Braços estendidos para a frente, cabeça de lado, ele entrou cada vez mais. A pressão aumentou, obrigando-o a se arrastar por poucos centímetros de cada vez. Pedra fria pressionava seu peito e suas costas. Não podia respirar profundamente. A fumaça do archote lhe ardia os olhos.

Ele continuou na passagem cada vez mais apertada. Balançava os ombros para a frente e para trás, levando uma perna depois da outra à frente, sentindo-se como uma cobra tentando se desfazer da pele. O archote mostrava só escuridão. A ansiedade começou a tomar conta dele. Vá até o fim. Richard pensou, continue para a frente.

Apoiando-se na rocha com as pontas das botas, Richard impulsionava o corpo. Cada movimento o prendia mais. Tentou empurrar novamente. Não se moveu. Zangado. Fez mais força. Nada. O pânico se espalhou dentro dele. Estava preso. A rocha pressionava seu peito e suas costas ao mesmo tempo e ele mal podia respirar, imaginou uma montanha de rochas prendendo-o, um peso incalculável por cima dele. Apavorado, girou o corpo tentando voltar, mas não conseguiu. Tentou segurar alguma coisa, para dar impulso. Não adiantou. Estava preso. Ofegante, não podia respirar. Sentiu que sufocava, os pulmões queimando como se estivesse se afogando.

Seus olhos se encheram de lágrimas e o medo apertou sua garganta. Seus pés raspavam a rocha, tentando se mover, mas em vão. Seus braços presos junto ao corpo o fizeram lembrar quando Denna o prendeu nas algemas. Impotente. Não poder mover os braços era o pior, sentindo como se a rocha estivesse se movendo, cada vez apertando mais. Em desespero, Richard queria que alguém o ajudasse. Mas não havia ninguém.

Com um grunhido de esforço desesperado, ele se moveu alguns centímetros. Isso só o fez ficar mais preso ainda. Ouviu a própria voz gritando histericamente, tentando respirar. Sentia que a rocha o esmagava.

Mestre Rahl, seja nosso guia. Mestre Rahl, nos ensine. Mestre Rahl, nos proteja. Na sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Na sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

Entoou a oração muitas vezes, concentrado, até sua respiração voltar ao normal, até ficar calmo outra vez. Ainda estava preso, mas pelo menos sua mente funcionava novamente.

Uma coisa tocou sua perna. Richard arregalou os olhos. Foi um toque hesitante, tímido. Richard deu um chute, ou pelo menos tentou dar, da melhor maneira possível. Foi mais uma contração muscular. A coisa se foi.

Então voltou. Richard ficou gelado. Dessa vez, entrou na perna da sua calça. Fria, molhada, pegajosa. Escorregando, a coisa com ponta dura subiu por sua perna, acariciando-lhe a pele, até a parte interna na coxa. Richard chutou e sacudiu a perna outra vez. A coisa não foi embora. Sua ponta se movia como se estivesse explorando o lugar. Alguma parte dela beliscou Richard, o pânico ameaçou dominá-lo outra vez, mas ele se controlou.

Agora não tinha escolha. Richard soltou o ar dos pulmões, tendo pensado nisso antes, mas com medo de tentar. Quando os pulmões estavam vazios, ele se fez o menor possível, empurrou com os pés e com as mãos e sacudiu o corpo. Conseguiu se adiantar alguns centímetros.

Estava preso ainda. Não conseguia respirar. A garganta doía. Lutou para controlar o pânico. Seus dedos encontraram uma coisa.

Uma ponta da abertura, talvez. Possivelmente a abertura do buraco onde estava. Soltou o ar que restava nos pulmões. A coisa agarrou sua perna dolorosamente, com urgência. Ele ouviu um rosnado seco e furioso. Puxou com as mãos e empurrou com os pés. Conseguiu se mover. Seus cotovelos estavam quase na ponta saliente. Alguma parte afiada da coisa se moveu na sua perna; como garras de gato, penetrou sua carne. Richard não conseguiu gritar. Continuou para a frente. Sua perna queimava como fogo.

O archote aceso, os juncos amarrados e a espada caíram. A espada deslizou, batendo na rocha. Usando os cotovelos para dar impulso, ele passou a parte superior do corpo pela abertura, procurando avidamente respirar. A coisa puxou sua perna. Richard saiu do buraco e escorregou de cabeça pela rocha lisa e íngreme.

O archote queimava no fundo curvo da câmara oval. Sua espada estava logo depois dele. Quando caiu de cabeça, com as mãos na frente, estendeu o braço para a espada. As garras presas na sua perna o fizeram parar, segurando-o de cabeça para baixo. Richard gritou de dor, o som ecoando na câmara. Não alcançava a espada.

Dolorosa e lentamente, ele foi arrastado para trás por garras enfiadas nas suas pernas, rasgando a carne. Ele gritou outra vez. Outra parte da coisa subiu por dentro da outra perna da calça, explorando o músculo da barriga da perna com a ponta dura.

Richard tirou a faca da bainha e virou o corpo para alcançar a coisa. Enfiou a lâmina uma porção de vezes na coisa. Do fundo do buraco, ecoou um berro estridente. As garras se soltaram. Richard caiu, escorregando na rocha, e parou ao lado do archote. Segurando a bainha com uma das mãos, ele tirou a espada quando tentáculos como serpentes surgiram do buraco, girando no ar. Procurando. Deslizaram pela rocha na direção dele. Richard atacou com a espada, cortando vários deles. Com um berro, todos voltaram para o buraco. Richard ouviu um rosnado surdo do fundo da escuridão.

À luz trêmula do archote, ainda no chão de pedra, ele viu o vulto grande saindo da abertura, expandindo-se à medida que saía. Não dava para alcançá-lo com a espada, mas Richard não o queria na câmara com ele.

Um tentáculo enrolou-se na sua cintura. Ele viu os dentes brancos. Quando o tentáculo o puxou para os dentes, Richard enfiou a espada no olho do animal. Um berro e o tentáculo o soltou. Richard deslizou outra vez para o fundo. A criatura voltou para o buraco e os tentáculos a seguiram. Os berros morreram na escuridão distante.

Richard se sentou no chão, tremendo, passando a mão no cabelo. Finalmente sua respiração voltou ao normal e o medo diminuiu. Pôs a mão na perna. A calça estava encharcada de sangue. Resolveu que não podia fazer nada no momento, precisava pegar o ovo primeiro. Luz fraca iluminava a câmara. Seguindo pelo túnel largo no outro lado, ele chegou finalmente à outra entrada da caverna.

A primeira luz da madrugada e o chilrear dos passarinhos o receberam. Lá embaixo, ele via dezenas de gares andando de um lado para o outro, vigiando. Richard se sentou atrás de uma rocha para descansar. De onde estava, viu o ovo, envolto em vapor. Viu também que era grande demais para carregar pela caverna. Além disso, não queria entrar nunca mais naquela caverna. O que fazer então, se não podia levar o ovo de volta? Logo seria dia. Precisava pensar numa resposta.

Alguma coisa picou sua perna. Richard a amassou. Era uma mosca de sangue. Richard gemeu. Agora os gares o achariam. Eram atraídos pelo sangue. Precisava pensar em alguma coisa.

Outra mosca o picou e ele teve uma idéia. Rapidamente tirou a faca da bainha e cortou tiras do tecido ensangüentado da perna da calça. Enxugou o sangue da perna com elas e amarrou uma pedra na ponta de cada uma.

Levou o apito do Homem Pássaro aos lábios e assoprou várias vezes com a maior força possível. Girou sobre a cabeça uma tira do tecido amarrada a uma pedra e a jogou para baixo e para longe dele. Para o meio dos gares. Jogou as tiras de pano ensangüentado bem para longe, à direita, para o meio das árvores. Ele não as ouvia, mas sabia que as moscas de sangue estavam alvoroçadas. Tanto sangue certamente provocam uma corrida frenética para se alimentarem.

Pássaros famintos, a princípio poucos, depois centenas, milhares, mergulharam para a Fonte de Fogo, devorando as moscas na descida. A confusão foi total. Gares urraram quando os pássaros devoraram as moscas nas suas barrigas ou as pegavam no ar. Gares corriam para todos os lados, alguns levantaram vôo. Cada pássaro que um gar pegava no ar era substituído por centenas.

Richard desceu correndo a encosta, saltando de rocha em rocha. Não precisava se preocupar com o barulho que fazia, os pássaros faziam muito mais. Os gares, frenéticos, perseguiram os pássaros, uivando e gritando. O ar estava repleto de penas. Se o Homem Pássaro pudesse ver aquilo..., pensou ele, sorrindo.

Richard correu para o ovo. No caos, os gares caíam uns sobre outros, mordendo e dilacerando. Um viu Richard. Ele o atravessou com a espada. Outro, ele cortou na altura dos joelhos. O gar caiu no chão, berrando. De outro, Richard cortou uma asa e de outro ainda, os dois braços. Não os matou, mas os deixou no chão, urrando, gritando, para aumentar a confusão. Na desordem, os gares que o viam nem o atacavam. Mas Richard atacava.

Matou dois ao lado do ovo. Tirou o ovo do lugar. Estava quente, mas não o bastante para queimar seus braços. Era mais pesado do que esperava e teve de usar os dois braços para carregá-lo. Sem perder tempo, Richard correu para a esquerda, para a vala entre as colinas. Pássaros voaram em todas as direções, alguns chocando-se contra ele. Era o caos. Dois gares voaram para ele. Richard pôs o ovo no chão, matou o primeiro e cortou as pernas do segundo. Correu com o ovo o mais depressa que era possível para não cair. Outro gar o atacou. Richard não acertou o primeiro golpe, mas o atravessou com a espada quando o gar se lançou sobre ele.

Ofegante, Richard correu entre as colinas. Seus braços doíam por causa do peso do ovo. Gares aterrissaram em volta dele, os olhos verdes furiosos. Richard pôs o ovo no chão outra vez e atacou com a espada o primeiro, cortando parte da asa e a cabeça. Urrando, os outros lançaram-se sobre ele.

Árvores e rochas se iluminaram quando as chamas começaram a incinerar os gares. Richard ergueu os olhos e viu Scarlet pairando acima da sua cabeça, batendo as asas gigantescas e incendiando

tudo à sua volta. Ela estendeu uma garra, pegou o ovo, estendeu outra, agarrou Richard pela cintura e o ergueu. Levantou vôo no momento em que dois gares corriam para atacá-la. Um ele atingiu com a espada, o outro se incendiou e caiu.

Scarlet rugiu furiosa para os gares quando subiu com Richard seguro no ar por uma garra. Richard achou que não era seu modo favorito de voar, mas era melhor do que estar no meio dos gares. Outro gar atacou de baixo, tentando pegar o ovo. Richard cortou uma asa do animal. O gar girou o corpo, urrando, e caiu. Nenhum outro se aproximou, Scarlet o carregou para o alto, para longe da Fonte de Fogo. Dependurado, seguro pela garra do dragão, Richard se sentia como uma refeição levada para os filhotes. A garra de Scarlet machucava um pouco suas costelas, mas ele não se queixou. Não queria que ela o largasse, era um longo caminho até o solo.

Voaram durante horas. Richard conseguiu se ajeitar numa posição mais confortável e viu as montanhas e as árvores passando lá embaixo. Viu regatos e pequenos povoados. As montanhas cresceram, mais rochosas agora, como se a pedra brotasse da paisagem. Rochas escarpadas, penhascos e picos se erguiam na frente deles. Cortando o ar suavemente com as asas, Scarlet subiu acima das rochas que Richard teve a impressão de que ia roçar com os pés. Ela os levou a uma região inóspita, sem vida. Pedras marrons e cinzentas pareciam jogadas a esmo por um gigante, como moedas numa mesa, em colunas finas, algumas isoladas, outras amontoadas, outras, ainda, caídas da pilha.

Além e acima das colunas de rocha, havia penhascos escarpados, cheios de fendas e rachaduras, prateleiras e projeções. Algumas poucas nuvens passavam pela frente dos penhascos. Scarlet se virou para uma parede de pedra. Richard teve a impressão de que iam bater, mas no último momento ela parou, tatalando as asas enormes, e o largou numa prateleira de rocha, antes de aterrissar.

Atrás da prateleira havia uma abertura na rocha. Scarlet passou por ela. Na parte de trás, no escuro, havia um ninho de rochas onde ela depositou o ovo, depois lançou uma chama sobre ele. Richard a viu acariciar o ovo com a garra, virando-o

gentilmente, examinando, murmurando para ele. Espalhou o fogo sobre o ovo. Virando a cabeça, ouvindo, vigiando.

— Está tudo bem? — perguntou Richard.

Scarlet se virou para ele com uma expressão sonhadora nos olhos amarelos.

— Sim, está tudo bem.

— Fico satisfeito, Scarlet — disse Richard. — De verdade.

Caminhou até Scarlet, que estava deitada ao lado do ovo. Ela ergueu a cabeça ameaçadoramente. Richard parou.

— Só quero minha mochila. Está num dos ferrões nas suas costas.

— Desculpe, Vá em frente.

Richard apanhou a mochila e se encostou na parede, um pouco mais perto da luz. Olhou por cima da plataforma de pedra. Parecia ter quilômetros de altura. Ele esperava com fervor que Scarlet fosse um dragão de palavra. Sentou-se e tirou da mochila uma calça limpa.

Encontrou outra coisa também. O vidro do quarto de Denna com um pouco de creme de aum que ele havia preparado quando Rahl a machucou. Denna devia ter posto na sua mochila. Olhando para o Agiel, ele sorriu tristemente, se lembrando dela. Como podia gostar de quem fizera aquelas coisas a ele? Richard perdoara Denna, por meio da magia branca.

O creme de aum foi um alívio. Richard gemeu baixinho. Refrescou o ardor dos ferimentos, aliviou a dor. Richard agradeceu silenciosamente a Denna. Tirou o que restava da calça.

— Você fica engraçado sem calça.

Richard se virou para trás. Scarlet olhava para ele.

— Não é tranquilizador para um homem ouvir isso de uma fêmea, mesmo que a fêmea seja um dragão. — Dando as costas a ela, vestiu a calça limpa.

— Você está ferido. Foram os gares?

Richard balançou a cabeça.

— Foi na caverna — falou baixo, lembrando. Sentou-se encostado na parede, olhando para as botas. — Tive de passar por uma abertura estreita na rocha. Era o único caminho. Fiquei preso.

— Olhou para os grandes olhos amarelos. — Desde que deixei minha casa para deter Darken Rahl, senti medo várias vezes. Mas quando fiquei preso naquele buraco, no escuro, a rocha me apertando tanto que mal podia respirar... bem, foi um dos piores momentos. Enquanto estava preso, uma coisa agarrou minha perna e enfiou as garras afiadas na carne. Fez isso quando eu tentava sair.

Scarlet olhou para ele por longo tempo, em silêncio, com uma das garras sobre ovo.

— Obrigada, Richard Cypher, por fazer o que prometeu. Por trazer meu ovo. Você é corajoso, mesmo não sendo um dragão. Nunca pensei que um homem arriscaria a vida por um dragão.

— Eu fiz por algo mais do que seu ovo. Fiz porque tinha de fazer, para conseguir ajuda para encontrar meus amigos.

Scarlet balançou a cabeça.

— Além de tudo, você é honesto. Eu acho que você teria feito o que fez de qualquer modo. Sinto muito que tenha sido ferido e tenha se assustado tanto para me ajudar. Os homens tentam matar dragões. Você deve ser o único que ajudou um deles. Não sei por quê, mas eu tinha minhas dúvidas.

— Bem, foi bom você ter aparecido naquele momento. Os gares estavam quase me pegando. A propósito, pensei ter mandado você ficar onde estava. Por que foi atrás de mim?

— Fico embaraçada por ter de admitir. Pensei que você estava tentando fugir. Fui para ver de perto e então ouvi a confusão. Vou compensar você. Eu o ajudo a encontrar seus amigos, como prometi.

Richard sorriu.

— Obrigado, Scarlet. Mas e o ovo? Pode deixá-lo sozinho? E se Rahl o roubar outra vez?

— Não daqui, daqui ele não rouba. Procurei este lugar durante muito tempo, depois que ele roubou meu ovo, um lugar onde pudesse escondê-lo com segurança, se algum dia o recuperasse. Rahl não pode vir aqui. Quanto a deixar o ovo sozinho, não é problema. Quando os dragões saem à procura de comida, simplesmente aquecem a rocha com suas chamas, para manter o ovo aquecido.

- Scarlet, o tempo é curto. Quando podemos partir?
- Agora mesmo.

CAPÍTULO 46



Foi um dia frustrante. Scarlet voou baixo sobre bosques fechados enquanto os dois examinavam as estradas e as trilhas. Desanimado, Richard não viu nem sinal dos amigos. Exausto, mal conseguia se firmar nos esporões de Scarlet enquanto voavam, procurando, mas não queria descansar, tinha de encontrar Zedd e Kahlan. Além do cansaço, estava com uma tremenda dor de cabeça por forçar tanto a vista lá de cima. Esquecia a fadiga, a falta de sono, cada vez que viam gente no chão, mas tinha de dizer a Scarlet que não eram seus amigos.

O dragão voava baixo, quase roçando o topo das árvores na beirada de um campo. Soltou um grito estridente que sobressaltou Richard e fez uma volta fechada que o deixou atordoado. Um gamo correu no campo, expulso do esconderijo pelo urro do dragão. Acelerando num mergulho rápido, Scarlet desceu sobre o campo. Sem esforço, ergueu o gamo da relva alta e marrom, quebrando o pescoço dele no processo. Richard estremeceu vendo a facilidade com que ela pegou a presa.

Scarlet subiu para a luz dourada do sol poente, entre as nuvens foras, carregando o puno. Richard teve a impressão de que seu coração descia no peito como o sol no horizonte. Sabia que Scarlet estava voltando para o ovo. Quis dizer a ela para procurar mais, enquanto ainda havia luz, mas sabia também que ela precisava voltar para o ninho, para o ovo.

Estava quase escuro quando Scarlet aterrissou na plataforma da rocha, esperando Richard descer, antes de correr para o ovo. Richard ficou de lado, enrodilhado na capa, tremendo de frio.

Depois de verificar o ovo, murmurar para ele e o aquecer com teu fogo, ela voltou a atenção para o gamo. Disse a Richard: — Parece que você não come muito. Acho que posso dar um pouco.

— Você cozinha para mim? Não como carne crua.

Ela disse que sim e ele cortou um pedaço do gamo, enfiou na ponta da espada, segurou bem alto, virou a cabeça para evitar o calor e Scarlet assoprou uma fina faixa de fogo na carne. Richard, virou outra vez e começou a comer, tentando não ver o dragão rasgar o gamo com presas e garras, jogando grandes pedaços para cima e engolindo quase sem mastigar.

— Se não encontrarmos seus amigos, o que você vai fazer?

Richard engoliu um pedaço de carne,

— Acho melhor que os achemos, isso é tudo.

— O primeiro dia do inverno é de amanhã a quatro dias.

Com o indicador e o polegar, ele pegou um pequeno pedaço de carne.

— Eu sei.

— Para um dragão, é melhor morrer do que ser dominado.

Richard olhou para Scarlet. Ela sacudiu a cauda.

— Se escolher para você, talvez, mas e para os outros? Você preferiu ser dominada para salvar seu ovo, para dar a ele uma chance de vida.

Scarlet rosnou sem responder e olhou outra vez para o ovo, acariciando-o com sua garras.

Richard sabia que, se não pudesse encontrar a última caixa e deter Rahl, teria de salvar a vida de todos, poupar Kahlan da tortura de uma Mord-Sith. Teria de concordar em ajudar Darken Rahl a abrir a caixa certa. Então Kahlan poderia viver o tipo de vida a que uma Confessora estava acostumada.

Era uma idéia deprimente e desesperada, ajudar Darken Rahl a conquistar poder absoluto sobre todos. Mas não tinha escolha. Talvez Shota estivesse certa, talvez Zedd e Kahlan tentassem matá-lo. Talvez devesse morrer só por ter pensado em ajudar Darken Rahl. Mas, se precisasse escolher, não permitiria que Kahlan fosse torturada por uma Mord-Sith. Teria de ajudar Rahl.

Richard se deitou, nauseado com aqueles pensamentos, incapaz de acabar de comer. Deitou a cabeça na mochila, fechou a capa em volta do corpo e pensou em Kahlan. Adormeceu quase imediatamente.

No dia seguinte, Scarlet o levou a D'Hara, acima de onde ela disse que ficava antes a fronteira, examinando as estradas e as trilhas. Nuvens finas e altas filtravam a luz do sol. Richard esperava que seus amigos não estivessem tão perto de Darken Rahl, mas, se Zedd tinha procurado a pedra da noite antes de Rahl a destruir, e sabia que ele estava no Palácio do Povo, era para lá que se dirigiam. O dragão fez uma volta, voando baixo sobre as pessoas que encontravam, assustando-as, mas não eram seus amigos.

Quase ao meio-dia, Richard os viu. Zedd, Chase e Kahlan cavalgavam numa trilha perto da estrada principal. Ele gritou para Scarlet descer. O dragão fez uma volta e mergulhou como uma fagulha vermelha. Os três cavaleiros o viram, pararam e desmontaram.

Scarlet abriu as asas vermelhas, interrompendo a descida, e aterrissou numa clareira perto da trilha. Richard desceu e correu. Os três ficaram parados, segurando as rédeas dos cavalos. Chase segurava certa maçã na outra mão. Ao ver Kahlan, Richard não conteve a emoção. Reviveu cada lembrança que tinha dela. Os três ficaram imóveis enquanto Richard corria para eles. Descendo uma pequena rampa na trilha, Richard prestou atenção para não tropeçar nas raízes.

Quando ergueu os olhos, viu o fogo do mago sibilando na sua direção. Ficou paralisado e surpreso. O que Zedd estava fazendo? A bola de fogo líquido era maior do que todas as que já vira. Iluminou as árvores com a chama azul e amarela, guinchando estridentemente. Richard a viu se aproximar, girando, se expandindo.

Temendo o que estava para acontecer, a mão de Richard foi para o punho da espada, sentindo a palavra *Verdade* contra a palma da mão. Com um puxão forte, desembainhou a espada e a lâmina cantou no ar. Como fizeram quando estava com Shota, ele ergueu a espada, segurando o punho com uma das mãos e a ponta com a

outra, braços na frente do corpo, como um escudo. A ira acendeu a idéia de que Zedd os estava traindo. Não podia ser Zedd.

O impacto o fez recuar alguns passos com o calor e o fogo em volta. A fúria do mago explodiu, espalhando-se no ar, voltando para onde tinha saído e desaparecera.

— Zedd! O que está fazendo? Ficou louco? Sou eu, Richard! — Adiantou-se, zangado. Zangado por Zedd ter feito aquilo, zangado por causa da magia da espada. O calor da raiva pulsava em suas veias.

Zedd, com seu manto simples parecendo mais frágil do que nunca, não recuou. Chase, fortemente armado, parecendo mais ameaçador que nunca, também ficou firme. Zedd segurou o braço de kahlan e a fez ficar atrás dele. Chase se adiantou, o olhar tão negro quanto sua roupa.

— Chase — Zedd avisou em voa baixa—, não seja tolo. Fique onde está.

Richard olhou de um rosto determinado para o outro.

— O que há com vocês três? O que estão fazendo aqui? Eu disse para não me procurar! Darken Rahl mandou homens para capturar vocês. Vocês devem voltar.

Zedd, o cabelo branco em desordem como sempre, virou-se um pouco para Kahlan, sem tirar os olhos de Richard.

— Você entende o que ele está dizendo?

Kahlan balançou a cabeça, empurrando para trás o cabelo comprido.

— Não. Acho que é D'Haran culto. Eu não falo D'Haran.

— D'Haran culto? Do que estão falando? Do que...

Com uma onda gelada de compreensão, ele lembrou. Era a teia inimiga tecida em volta dele por Darken Rahl. Eles não o reconheceram. Pensavam que era seu pior inimigo. Pensaram que era Darken Rahl.

Então teve outra idéia. Sentiu um calafrio na espinha. Zedd, pelo menos, pensava que ele era Darken Rahl e usara o fogo do mago contra ele. Zedd não era o traidor. Sobrava só Kahlan. Será que ela o via como ele era realmente?

Gelado de medo, ele avançou para ela e olhou nos olhos verdes. Kahlan se empertigou, com as mãos aos lados do corpo, a cabeça erguida. Richard reconheceu a atitude ameaçadora. De ameaça séria. Sabia o que o toque de Kahlan faria a ele Lembrou-se do aviso de Shota de que poderia vencer Zedd, mas que Kahlan não falharia.

Zedd tentou ficar entre eles. Richard mal o notou quando empurrou o velho amigo para o lado. Zedd, agora atrás dele. pôs os dedos magros na nuca de Richard. A dor quase igual à do Agiel. O fogo lhe correu pelos nervos dos braços e desceu para as pernas. Antes de sua experiência com Denna, a dor o teria paralisado. Mas Denna passara longo tempo treinando Richard, obrigando-o a tolerar a dor, obrigando-o a suportar muito mais do que isso. O poder de Zedd era igual a o que Denna podia fazer, mas Richard encontrou forças no seu íntimo e afastou a dor da mente, substituindo-a pela raiva da espada. Olhou para Zedd para alertá-lo. O mago não desistiu. Richard o empurrou outra vez, com mais força do que pretendia, e Zedd caiu. Kahlan ficou imóvel na frente dele.

— Como você me vê? — murmurou o Seeker. — Darken Rahl ou Richard?

Kahlan estremeceu de leve. Parecia incapaz de se mover. A atenção desviada por um momento. Richard olhou para baixo e viu que estava com a ponta da espada no pescoço dela. Não tinha lembrança de ter feito isso, era como se a magia tivesse resolvido. Mas sabia que não era verdade. Ele mesmo a tinha posto ali. Por isso ela estava tremendo. Uma gota de sangue apareceu na pele, debaixo da ponta da espada. Se ela fosse a traidora. Richard teria de matá-la.

A lâmina agora estava branca. Assim como o rosto de Kahlan.

— Quem você vê? — murmurou ele outra vez.

— O que você fez com Richard? — O murmúrio dela era cheio de raiva. — Se fez algum mal a ele, juro que vou matá-lo.

Richard se lembrou do beijo dela. Não era o beijo de uma traidora, era um beijo de amor. Compreendeu que de nenhum modo poderia matá-la, mesmo que seus temores fossem verdadeiros. Mas

sabia agora que não eram. Com os olhos cheios de lágrimas, embainhou a espada.

— Desculpe, Kahlan. Que os bons espíritos me perdoem pelo que eu quase fiz. Sei que não pode compreender o que digo, mas peço desculpas. Darken Rahl esta usando a Primeira Regra do Mago em mim, tentando nos jogar uns contra os outros. Está tentando me fazer acreditar numa mentira e eu quase acreditei. Sei que você e Zedd jamais me trairiam. Perdoe-me por ter pensado isso.

— O que você quer? — perguntou Zedd. — Não compreendemos o que diz.

— Zedd... — Passou a mão no cabelo, frustrado. — Como posso fazer você compreender? — Segurou o manto do mago. — Zedd, onde está a caixa? Preciso da caixa antes que Rahl a encontre! Não podemos deixar que ele a encontre!

Zedd franziu a testa. Richard sabia que aquilo não estava adiantando. Nenhum deles podia entender o que ele dizia. Foi até onde estavam os cavalos e começou a procurar nas mochilas.

— Pode procurar à vontade, jamais a encontrará — sorriu o mago. — Não estamos com a caixa. Você vai morrer dentro de quatro dias.

Richard percebeu que alguma coisa se movia atrás dele. Virou-se rapidamente. Chase estava com a maça erguida. Uma língua de fogo passou entre os dois. Scarlet continuou a soltar fogo até Chase abaixar a arma e recuar.

— Belos amigos você tem — rosnou o dragão.

— Darken Rahl me envolveu numa teia de mago. Eles não me reconhecem.

— Bem, se ficar muito tempo com eles, vai ser morto.

Richard compreendeu que eles não estavam com a caixa. Não, se tinham ido a D'Hara para salvá-lo. Os três observavam em silêncio Richard e o dragão.

— Scarlet, diga alguma coisa a eles, para ver se compreendem.

O dragão pôs a cabeça muito perto dos três.

— Este não é Darken Rahl, mas seu amigo, escondido debaixo de uma teia de mago. Algum de vocês pode me compreender?

O três ficaram calados. Furioso, Richard se aproximou de Zedd.

— Zedd, por favor, tente me compreender. Não procure a pedra da noite. Se procurar, Rahl o prenderá no mundo subterrâneo. Tente compreender.

Nenhum dos três entendeu uma palavra. Richard precisava pegar a caixa primeiro, então voltaria e os protegeria dos homens enviados por Rahl. Com relutância, subiu nas costas de Scarlet. O dragão olhou desconfiado para os três, exalando um pouco de fogo e fumaça, como advertência. Richard queria desesperadamente ficar com Kahlan, mas não podia — tinha de pegar a caixa antes.

— Vamos sair daqui. Temos de encontrar meu irmão.

Com um rugido de fogo, avisando os três para ficarem longe, Scarlet levantou vôo. Richard segurou com força nos esporões. O pescoço vermelho coberto de escamas se esticou quando ela subiu até deixar as nuvens finas entre eles e os três. Richard olhou para os três amigos até desaparecerem. Sentia-se desesperadamente indefeso. Desejou ter visto Kahlan sorrir, pelo menos uma vez.

— E agora? — perguntou Scarlet, virando-se para trás.

— Temos de encontrar meu irmão. Ele deve estar com um exército de mil homens em algum lugar entre aqui e Rang'Shada. Não deve ser difícil encontrá-los.

— Eles não compreenderam o que eu disse. A teia deve ter me afetado também, uma vez que estou com você. Mas deve ser uma teia para humanos, não para dragões, pois eu vejo a verdade. Se aqueles três queriam matar você por causa de uma teia de magos, certamente os outros vão querer também. Não posso protegê-lo contra mil homens.

— Tenho de tentar. Pensarei em alguma coisa. Michael é meu irmão, descobrirei um modo de fazer com que ele veja a verdade. Ele está vindo com seu exército para me ajudar. Preciso muito dessa ajuda.

Uma vez que um exército era mais fácil de ser encontrado, voaram alto para ver maior extensão de terreno. Scarlet fazia curvas abertas entre as imensas nuvens macias. Richard nunca tinha pensando em como as nuvens eram grandes quando vistas de perto. No meio delas, era como uma terra de maravilhosas montanhas e vales. O dragão roçava nas bases escuras, às vezes passando

através de um retalho de nuvem, sua cabeça e as pontas das asas desaparecendo na brancura úmida. O tamanho das nuvens fazia até Scarlet parecer pequena e insignificante.

Procuraram durante horas, sem ver sinal do exército. Richard estava ficando tão acostumado a voar, que não preciso mais segurar com força nos esporões de Scarlet o tempo todo. Encostou em dois deles, relaxou o corpo e apreciou a paisagem lá embaixo.

Enquanto voavam, Richard pensava num modo de convencer Michael de quem ele era. Zedd devia ter deixado a caixa com Michael. Depois de escondê-la com magia, deixou-a sob a proteção do exército. Assim que estivesse com a caixa, faria Scarlet voar para seu ovo. No ninho, a caixa estaria protegida de Rahl.

Então poderia voltar para Kahlan e protegê-la dos homens de Rahl. Talvez fizesse Scarlet levá-la para sua caverna também. Lá ela estaria protegida.

Mas três dias e meio e Rahl estaria morto. Então Kahlan estaria segura. Para sempre. Ai ele voltaria para Westland e acabaria com a magia. Para sempre longe de Kahlan. A idéia de nunca mais vê-la era dolorosa.

No fim da tarde, Scarlet viu o exército. Ela era melhor do que Richard para ver coisas daquela altura. Estavam ainda muito longe e Richard se esforçou para ver. A principio viu apenas uma fina coluna de pó depois viu as fileiras de homem na estrada.

— Muito bem, qual o seu plano? O que pretende fazer? — perguntou Scarlet.

— Acha que pode pousar na frente deles, sem deixar que nos vejam?

Um grande olho amarelo se voltou para ele, intrigado.

— Sou um dragão vermelho. Posso pousar no meio deles sem que me vejam. A que distância quer ficar?

— Não quero que me vejam. Tenho de falar com Michael sem ser visto por seus homens. Preciso evitar problemas. — Richard pensou por um momento. — Pouse a algumas horas de marcha na frente deles. Deixe que venham a nós. Logo estará escuro e então poderei me aproximar de Michael.

Scarlet, com as asas abertas, planou para as colinas na frente do exército em marcha. Desceu um pouco atrás da parte mais alta, sobrevoou os vales, longe da vista da estrada, e pousou numa pequena clareira com relva alta. Suas escamas vermelhas brilhantes cintilaram à luz do fim da tarde. Richard desceu das costas dela.

Scarlet se virou para trás.

— E agora?

— Quero esperar até escurecer, até o exército acampar para a noite. Quando terminar o jantar, poderei entrar na barraca de Michael sem ser visto e falar sozinho com ele. Pensarei num modo de convencê-lo de quem eu sou realmente.

O dragão resmungou, olhou para o céu e para a estrada. Virou a cabeça, com o grande olho amarelo em Richard.

— Logo estará escuro. Preciso voltar para aquecer meu ovo.

— Eu compreendo, Scarlet. — Richard respirou profundamente, pensando. — Volte de manhã. Espero por você aqui, ao nascer do sol.

Scarlet olhou para o céu.

— As nuvens estão se acumulando. — Olhou para baixo. — Se houver nuvens, não posso voar dentro delas.

— Por quê?

Ela rosnou e um jato de fumaça saiu das suas narinas.

— Porque as nuvens têm pedras.

Richard olhou para ela, intrigado.

— Pedras?

Scarlet abanou a cauda, impaciente.

— As nuvens escondem coisas, como o fog, coisas que não se pode ver. Quando você não pode ver, pode bater em colinas e montanhas. Sou forte, mas bater numa rocha quando estou voando pode quebrar meu pescoço. Se a parte inferior da nuvem estiver bastante alta, posso voar por cima dela, mas então não vejo o solo. Não poderei encontrar você. E se houver nuvens e eu não puder encontrá-lo ou se alguma coisa sair errada?

Richard pôs a mão no punho da espada, olhando para a estrada.

— Se alguma coisa sair errada, terei de voltar para meus três amigos. Tentarei ficar na estrada principal para que você possa me ver. — Engoliu em seco, — Se tudo o mais falhar, terei de voltar para o Palácio do Povo. Por favor, Scarlet, se eu não puder deter Rahl com o que fizer aqui, preciso estar no Palácio do Povo depois de amanhã. — Não é muito tempo.

— Eu sei.

— De amanhã a três dias nossa tarefa acaba.

Richard sorriu.

— Foi o que combinamos. Scarlet olhou para cima outra vez.

— Não estou gostando da aparência do céu. Boa sorte, Richard Cypher. Volto de manhã.

Deu uma corrida rápida e levantou vôo. Richard a viu fazer um círculo acima dele e partir, ficando cada vez menor, desaparecendo entre as montanhas. Richard de repente lembrou ter visto Scarlet antes. No dia em que conheceu Kahlan, logo depois da picada da trepadeira serpente. Ele a tinha visto passar lá no alto como agora e desaparecer entre as montanhas. Tentou imaginar o que ela estaria fazendo em Westland naquele dia.

Andando na relva alta e seca, Richard chegou a uma colina próxima e subiu a encosta com poucas árvores, de onde podia ver os caminhos de oeste. Encontrou um bom esconderijo entre os arbustos, sentou-se confortavelmente e comeu carne e frutas secas. Descobriu que tinha ainda umas poucas maçãs. Comeu sem prazer enquanto esperava o exército de Westland e seu irmão, imaginando como poderia convencer Michael de quem ele era.

Pensou em escrever, ou talvez fazer um desenho ou um mapa, mas duvidava de que desse certo. Se a teia de inimigo mudava as palavras ditas oralmente, mudaria também as escritas. Tentou se lembrar de brincadeiras de quando eram pequenos, mas não conseguiu. Michael não brincava muito com ele, naquele tempo. Richard lembrou que Michael só gostava de lutar com espadas de brinquedo. Não achava que desembainhar sua espada para o irmão seria uma boa coisa.

Mas lembrou então. Quando brincava com as espadas, Michael gostava de que Richard fizesse uma saudação, dobrando um joelho.

Michael se lembraria disso? Queria que Richard fizesse sempre. Isso o fazia sorrir mais do que qualquer outra coisa. Chamava de saudação do perdedor. Quando Richard vencia Michael não fazia a saudação e Richard não tinha tamanho para enfrentá-lo e obrigá-lo a saudar o vencedor. Mas Michael o fez saudar muitas vezes. Richard sorriu lembrando, embora naquele tempo não tivesse vontade de sorrir. Talvez Michael lembrasse. Valia a pena tentar.

Antes de escurecer, Richard ouviu os cavalos se aproximando, o som das armaduras, os estalos do couro, a batida dos metais, os sons de muitos homens em movimento. Cerca de cinquenta cavaleiros bem armados passaram rapidamente, levantando poeira e deslocando torrões de terra. Ele viu Michael à frente, vestido de branco. Richard reconheceu os uniformes, o penacho de Hartland nos ombros, a flâmula amarela com a silhueta em azul de um pinheiro e as espadas cruzadas debaixo dele. Cada homem tinha uma adaga presa ao ombro, um machado de guerra no cinto largo e carregava uma lança curta. As cotas de malha, chamadas redes de batalha, eram centelhas de luz entre a poeira. Não eram soldados regulares de Westland, mas a guarda pessoal de Michael.

Onde estava o exército? Do ar, ele vira todos juntos, cavaleiros e infantaria. Esses cavalos se moviam depressa demais para que pudessem ser alcançados pelos soldados a pé. Richard se levantou depois que passaram, olhou para a estrada à espera dos outros. Ninguém apareceu.

No começo, preocupado sem saber o que significava, logo relaxou e sorriu, compreendendo. Zedd, Chase e Kahlan tinham deixado a caixa com Michael, dizendo que iam a D'Hara procurar Richard. Provavelmente Michael não pôde esperar mais e ia ajudá-los. A infantaria não podia acompanhar o passo para chegar a tempo ao Palácio do Povo, por isso Michael partirá na frente com sua guarda pessoal.

Cinquenta homens, mesmo da guarda pessoal de Michael, por melhores que fossem, não seriam suficientes para enfrentar a força de Rahl. Richard pensou que Michael escava pondo o coração acima da cabeça.

Richard só os alcançou muito depois de escurecer. Eles iam depressa e pararam tarde. Estavam muito mais na sua frente do que esperava e havia muito tinham jantado quando ele chegou ao acampamento. Os cavalos tinham sido tratados e presos para a noite. Alguns homens já estavam deitados nos sacos de dormir, os guardas nos seus postos, difíceis de serem vistos no escuro, mas Richard sabia onde estavam, depois de olhar lá de cima os pequenos fogos do acampamento.

A noite estava escura. Nuvens encobriam a lua. Ele desceu cautelosamente a colina, passou silenciosamente pelos guardas. Richard estava no seu elemento. Foi fácil, sabia onde estavam e eles não o esperavam movendo-se sorratamente no escuro. Ele os viu vigiando e se abaixou quando viraram para seu lado. Uma vez passados os guardas, ele foi para o acampamento. Michael facilitara as coisas para ele, sua barraca ficava longe das outras. Se estivesse no meio delas, seria mais difícil. Mas, mesmo assim, havia guardas em volta. Richard os observou por algum tempo, analisando os pontos fracos, até encontrar um lugar por onde podia passar entre eles, na sombra da barraca, desenhada pela luz do fogo. Os guardas ficaram à luz porque não podiam enxergar na sombra.

Richard passou no escuro para a barraca e se agachou, imóvel, silencioso, rente ao chão. Escutou por longo momento para ver se havia alguém com Michael. Ouviu barulho de papéis e viu um lampião aceso, mas não havia ninguém mais. Cuidadosamente fez um pequeno corte com a faca, o bastante para ver dentro da barraca. Viu Michael à sua esquerda, sentado a uma mesa de armar, examinando papéis, com o cabelo revoltado apoiado em uma das mãos. Os papéis não pareciam ter linhas nem palavras e, pelo que Richard podia ver, eram grandes. Provavelmente mapas.

Precisava entrar, empertigar o corpo, dobrar um joelho e fazer a saudação, antes que Michael tivesse tempo de dar o alarme. No lado de dentro, à sua frente, estava uma cama de campanha. Era do que Richard precisava para esconder sua entrada. Segurando a corda bem esticada, para que a lona não fizesse barulho, Richard cortou o laço mais ou menos no centro de onde estava a cama,

depois levantou a ponta da lona um pouco e a enrolou cuidadosamente atrás dela.

Quando Michael ouviu um barulho e se voltou, Richard te levantou na frente da pequena mesa. Richard sorriu ao ver o irmão mais velho outra vez. Michael se virou para ele. Empalideceu. Levantou-te de um salto. Richard começou a fazer a saudação quando Michael falou.

— Richard... como você... o que está fazendo aqui? É... tão... bom... ver você! Nós todos estávamos tão... preocupados.

O sorriso morreu nos lábios de Richard.

Quando a teia inimiga foi posta nele, Rahl tinha dito que os seus seguidores o viajam como ele era.

Michael o via como ele era.

Michael era o traidor. Michael foi quem permitiu que fosse capturado e torturado por uma Mord-Sith. Michael era quem entregaria Zedd e Kahlan a Darken Rahl. Michael era quem entregaria todos a Darken Rahl. Richard gelou.

Tudo que conseguiu foi murmurar: — Onde está a caixa?

— Você parece faminto, Richard. Deixe-me pedir jantar para você. Precisamos conversar. Faz tanto tempo!

Richard não aproximou a mão da espada, com medo de usá-la. Lembrou que era o Seeker e que era isso que importava naquele momento. Não era Richard. Era o Seeker. Tinha um trabalho a fazer. Não se podia permitir ser Richard. Não se podia permitir ser o irmão de Michael. Havia coisas mais importantes. Muito mais importantes.

— Onde está a caixa? Michael olhou em volta.

— A caixa... bem... Zedd me falou nela... Ele ia dá-la a mim, mas então disse alguma coisa sobre encontrar você em D'Hara por meio de uma pedra e os três foram para lá. Eu disse que queria ir também salvar meu irmão mas precisava reunir e preparar meus homens, por isso eles partiram na frente. Zedd ficou com a caixa. Está com ele.

Richard agora sabia. Darken Rahl tinha a terceira caixa. Darken Rahl tinha dito a verdade.

O Seeker dominou suas emoções e fez um rápido estudo da situação. A única coisa que importava agora era estar com Kahlan.

Se perdesse a cabeça, ela sofreria, terminaria torturada por um Agiel. Richard se concentrou na imagem mental do cabelo de Denna. Entregou-se a ela. Qualquer coisa que funcionasse, ele pensou. Não podia matar Michael, não podia arriscar-se a ser capturado pelos homens dele. Não podia nem mesmo deixar que Michael soubesse o que ele sabia. Isso não serviria para nada e arriscaria a vida dos outros.

Respirou profundamente e forçou um sorriso.

— Bem, desde que a caixa esteja segura. É tudo que importa.

Um pouco de cor voltou ao rosto de Michael e ele sorriu.

— Richard, você está bem? Parece... diferente. Parece que passou... por muita coisa.

— Mais do que você pode imaginar, Michael. — Sentou-se na cama. Cautelosamente, Michael voltou para a cadeira. Com calça branca folgada e camisa também branca, um cinto de ouro, Michael parecia um discípulo de Darken Rahl. Richard notou os mapas que o irmão estava estudando. Mapas de Westland para Darken Rahl. — Eu estava em D'Hara, como Zedd disse, mas escapei. Temos de sair de D'Hara. Ir para o mais longe possível. Preciso me juntar aos outros, antes que eles cheguem lá à minha procura. Você pode levar seus homens de volta agora. Leve seu exército para proteger Westland. Muito obrigado, Michael, por vir me ajudar.

O irmão disse, com um largo sorriso:— Você é meu irmão. O que mais eu podia fazer?

Com a dor da traição queimando, Richard forçou um sorriso. De certo modo, era pior do que se Kahlan fosse a traidora. Tinha crescido com Michael, eram irmãos e partilhavam de uma boa parte de suas vidas. Richard sempre admirou Michael, sempre o apoiou, dera a ele seu amor incondicional. Lembrava-se de gabar o irmão mais velho para os outros meninos.

— Michael, preciso de um cavalo. Tenho de ir. Agora.

— Nós todos iremos com você, eu e meus homens. — O sorriso ficou mais largo. — Agora que estamos juntos outra vez, não quero mais perder você de vista.

Richard se levantou bruscamente.

— Não! — Procurou se acalmar—Você me conhece, estou acostumado a ficar sozinho na floresta. É o que eu faço melhor. Você só iria me atrasar. Não tenho tempo agora.

Michael se levantou e olhou para a entrada da barraca.

— Nada disso. Vamos...

— Não. Você é Primeiro Conselheiro de Westland. Essa é sua primeira responsabilidade, não tomar conta do seu irmão mais novo. Por favor Michael, leve o exercito de volta a Westland. Eu ficarei bem.

Michael passou a mão ao queixo.

— Bem, acho que tem razão. Íamos a D'Hara só para ajudar você, é claro, e agora que está seguro...

— Obrigado por ter vindo me ajudar, Michael. Vou arranjar um cavalo. Volte para seu trabalho.

Richard se sentiu o maior tolo do mundo. Devia saber. Devia ter imaginado muito tempo atrás. Lembrou-se do discurso de Michael sobre o fogo ser inimigo do povo. Devia ter percebido então. Kahlan tentara avisá-lo naquela primeira noite. As suspeitas dela de que Michael estava do lado de Darken Rahl estavam certas. Se ele ao menos tivesse dado ouvidos a cabeça e não ao coração...

— Primeira Regra do Mago: o povo é tolo, acredita no que quer acreditar. Ele fora o mais idiota de todos. Estava por demais zangado consigo mesmo para ficar zangado com Michael.

Sua recusa em ver a verdade ia custar tudo para ele. Não tinha mais escolhas. Merecia morrer.

Com os olhos nos de Michael, Richard dobrou um joelho lentamente e fez a saudação do perdedor.

Com as mãos na cintura, Michael sorriu.

— Você lembra. Isso foi há muito tempo, irmãozinho.

Richard se levantou.

— Não há tanto tempo. Algumas coisas nunca mudam. Eu sempre amei você. Adeus, Michael.

Richard pensou outra vez, por um momento, em matar o irmão. Sabia que teria de fazer isso com a raiva da espada, jamais poderia perdoar Michael e fazer a lâmina ficar branca. Por ele talvez, mas pelo que ele tinha feito a Zedd e Kahlan, nunca. Matar Michael

não era tão importante quanto ajudar Kahlan. Não podia arriscar-se só para minimizar a própria idiotice. Foi até a saída da barraca. Michael o seguiu.

— Pelo menos coma alguma coisa. Temos de conversar. Ainda não tenho certeza...

Richard olhou para o irmão, de pé, na entrada da barraca. Começava a cair uma leve garoa. Percebeu pela expressão do irmão que Michael não pretendia deixá-lo partir, estava apenas esperando a oportunidade para chamar o reforço dos seus homens.

— Faça do meu modo, Michael, por favor. Preciso ir.

— Homens — ele chamou os guardas. — Quero que meu irmão fique conosco, para sua proteção.

Os guardas se adiantaram. Richard saltou por cima dos arbustos, para a escuridão da noite. Eles o seguiram sem saber bem para onde ir. Não eram homens da floresta, eram soldados. Richard não queria ter de matá-los. Eram soldados de Westland. Desapareceu no escuro, enquanto o acampamento despertava com as ordens gritadas. Ouviu Michael gritando ordens para que ele fosse detido, mas não morto. Claro que não, ele queria entregar Richard a Darken Rahl pessoalmente.

Richard deu a volta ao campo até chegar aos cavalos, passando entre os guardas. Cortou todas as rédeas que prendiam os animais e montou em pêlo. Gritou, chutou e bateu com a mão nos outros cavalos. Os animais saíram correndo, em pânico. Homens e cavalos corriam de um lado para outro. Richard esporeou o cavalo.

O som das vozes frenéticas diminuiu e cessou. Seu rosto estava molhado de garoa e de lágrimas quando galopou e penetrou na noite escura.

CAPÍTULO 47



Zedd permanecia acordado no começo da manhã, com a mente atormentada. Nuvens tinham se acumulado durante a noite e parecia que a jornada seria chuvosa. Kahlan deitada de lado, virada para ele, muito perto, respirava lentamente, num sono profundo. Chase estava de vigia em algum lugar.

O mundo desmoronava e ele se sentia impotente. Uma folha ao vento. Pensou que, depois de tantos anos como mago, devia ter algum controle sobre os acontecimentos. Porém, era pouco mais do que um espectador, vendo os outros serem feridos, mortos, enquanto tentava guiar aqueles que podiam fazer uma diferença, para o que tinha de ser feito.

Como um Mago da Primeira Ordem, sabia que não deviam ir a D'Hara, mas o que podia fazer? Tinham de ir, se havia alguma chance de salvar Richard. Dentro de três dias seria o primeiro dia do inverno. Darken Rahl tinha só duas caixas, ele ia morrer. Se não tirasse Richard de lá, Darken Rahl o mataria primeiro.

Pensou outra vez no encontro com Darken Rahl, na véspera. Por mais que tentasse, não conseguia compreender. Fora por demais estranho. Obviamente, Rahl queria a caixa tão freneticamente, que nem o matou quando teve a chance. O mago que matara seu pai, o homem que ele procurava e, quando encontrou, não fez nada. Todo o seu comportamento era estranho.

Zedd ficou arrepiado quando viu Rahl com a espada de Richard. Por que Darken Rahl, mestre da magia de dois mundos, estaria usando a Espada da Verdade? Mais importante ainda: o que tinha feito com Richard para tirar a espada dele?

O mais estranho foi quando ele desembainhou a espada contra Kahlan. Zedd nunca se sentira mais inútil em toda a sua vida. Era idiotice usar a dor do mago nele. Os que tinham o dom e que sobreviveram ao teste da dor, podiam sobreviver ao toque. Mas o que ele podia fazer? Ver Darken Rahl encostar a espada no pescoço de Kahlan foi extremamente doloroso para ele. Por um momento, teve certeza de que Darken Rahl ia matá-la e então, logo em seguida, antes que Zedd tivesse tempo de fazer alguma coisa, por mais ineficiente que fosse, os olhos de Rahl encheram-se de lágrimas e ele embainhou a espada. Por que Darken Rahl se daria ao trabalho de usar a espada, se quisesse matar Kahlan ou qualquer um deles? Para isso bastava estalar os dedos. Por que usar a espada? E por que parar então?

Porém, o pior era Darken Rahl ter feito a lâmina ficar branca. Quando Zedd viu isso, quase desmoronou. As profecias falavam do homem que feria a Espada da Verdade ficar branca. Falavam com muita cautela. A idéia de que seria Darken Rahl era por demais assustadora. Pensando que seria Richard o assustara, mas Rahl...

O véu era chamado pelas profecias, o véu entre o mundo da vida e o mundo subterrâneo. Se o véu fosse rasgado pela magia de Orden por meio de um agente, prediziam as profecias, só aquele que havia feito a espada ficar branca podia restaurá-lo. A não ser que pudesse fazer isso, o mundo subterrâneo seria libertado para o mundo dos vivos.

A palavra *agente* tinha um significado terrível, que o preocupava. Podia significar que Darken Rahl não agia por conta própria, mas era um agente. Um agente do mundo subterrâneo. Que conseguira dominar o mistério da magia subtrativa, a magia do mundo subterrâneo. Significava também que, mesmo que Rahl fracassasse e fosse morto, ainda assim a magia de Orden rasgaria o véu. Zedd tentou não pensar ao significado daquelas profecias. A idéia do mundo subterrâneo liberado o sufocava. Seria melhor morrer antes. Melhor para todos.

Zedd se virou para o lado e olhou para Kahlan. A Madre Confessora. A última Confessora criada pelos velhos magos. Seu coração doía com a dor de Kahlan, porque não pudera ajudá-la

quando Rahl encostou a espada no seu pescoço. Doía pelo que ela sentia por Richard e por tudo que não podia contar a ela.

Se ao menos não tivesse sido Richard... Qualquer outro, mas não Richard! Nada era fácil.

Zedd se sentou de repente. Alguma coisa estava errada. Já estava claro e Chase já devia ter voltado. Encostando um dedo na testa de Kahlan, ele a acordou. Kahlan viu a preocupação no rosto do mago.

— O que foi? — murmurou ela.

Zedd ficou imóvel, procurando sinais de vida à sua volta.

— Chase não voltou e já devia ter voltado.

Kahlan olhou em volta.

— Talvez tenha adormecido. — Zedd ergueu uma sobrancelha.

— Bem, talvez haja uma boa razão. Talvez não seja nada.

— Nossos cavalos desapareceram.

Kahlan se levantou, verificando se estava com sua faca.

— Pode sentir onde ele está?

Zedd estremeceu.

— Há outras pessoas. Pessoas tocadas pelo mundo subterrâneo.

Zedd se levantou bruscamente. Quando fez isso, Chase foi empurrado e caiu de bruços no acampamento. Seus braços estavam amarrados nas costas e havia sangue nele. Muito sangue. Ele gemeu com o rosto no chão. Zedd sentiu a presença de homens em volta deles. Quatro homens. Encolheu-se com a aura que sentiu deles.

O grandalhão que tinha empurrado Chase deu um passo à frente. O cabelo louro curto e espetado tinha uma faixa negra no centro. Os olhos frios e o sorriso provocaram um arrepio no mago.

Kahlan estava meio agachada.

— Demmin Nass — sibilou ela.

Ele enfiou os polegares no cinto.

— Ah, ouviu falar de mim. Madre Confessora — o sorriso cruel se alargou. — Eu certamente ouvi falar de você. Seu amigo aqui matou cinco dos meus melhores homens. Eu o executarei mais tarde, depois das festividades. Quero que ele tenha o prazer de assistir ao que vamos fazer com você.

Kahlan olhou para os outros três homens, não tão grandes quanto Demmin Nass, porém maiores do que Chase, que saíram do bosque. Kahlan e Zedd estavam cercados, mas isso não era problema para o mago. Todos os homens eram louros, musculosos e estavam cobertos de suor, apesar do ar frio. Evidentemente Chase dera trabalho a eles. No momento, não empunhavam suas armas. Estavam certos de controlar a situação.

Essa confiança irritou Zedd. Os sorrisos o deixaram furioso. A luz do dia fazia parecer mais penetrantes os olhos deles.

Zedd sabia que aquilo era um quad e sabia muito bem o que os quads faziam com as Confessoras. Muito bem. Seu sangue ferveu. De modo algum deixaria que aquilo acontecesse com Kahlan. Não enquanto estivesse vivo.

Demmin Nass e Kahlan se entreolharam.

— Onde está Richard? O que Rahl fez com ele? — perguntou ela.

— Quem?

Ela rilhou os dentes.

— O Seeker.

Demmin sorriu.

— Bem, isso é da conta de Mestre Rahl e minha. Não sua.

— Diga-me — exigiu ela.

Com um grande sorriso, ele disse: — Você tem coisas mais importantes com que se preocupar no momento, Confessora. Vai proporcionar um bom divertimento aos meus homens. Quero que pense nisso e procure fazer com que eles se divirtam. O Seeker não é da sua conta.

Zedd resolveu que estava na hora de acabar com aquilo, antes que acontecesse mais alguma coisa. Levantou as mãos e soltou a teia mais paralisante possível. Com um estalo, uma luz verde iluminou o campo em todas as direções ao mesmo tempo, dirigindo-se aos quatro homens de olhos azuis. A luz verde os atingiu com um baque surdo.

Antes que o mago tivesse tempo de reagir, tudo saiu errado.

Assim que atingiu os homens, a luz verde ricocheteou neles. Tarde demais, Zedd compreendeu que eles estavam protegidos por

algum encantamento — um feitiço do mundo subterrâneo, que ele não podia ver. De quatro direções ao mesmo tempo, a luz verde atingiu Zedd. Sua própria teia o paralisou. Ficou petrificado. Indefeso. Por mais que tentasse, não conseguiu mover-se.

Demmin Nass tirou o polegar do cinto.

— Problemas, velho?

Kahlan, furiosa, estendeu o braço para libertar seu poder e encostou a mão no peito dele. Zedd se preparou para receber o poder, para o trovão silencioso. Não aconteceu.

Zedd viu a surpresa nos olhos de Kahlan.

Demmin Nass abaixou a mão fechada e quebrou o braço dela.

Kahlan caiu de joelhos com um grito de dor. Levantou-se e tentou atacar Demmin com a faca. Ele a agarrou pelos cabelos e a afastou. Kahlan enfiou a faca no braço que a segurava. O homem torceu o pulso dela, tirou a faca e a atirou numa árvore. Segurando Kahlan pelos cabelos, ele a esbofeteou com as costas da mão. Ela chutou, arranhou e gritou. O homem apenas sorriu. Os outros se aproximaram.

— Desculpe, Madre Confessora, sinto muito, mas você não é meu tipo. Porém, não se preocupe, estes homens ficarão felizes em fazer as honras. Mas procure mexer o traseiro — zombou ele. — Eu terei o maior prazer em assistir.

Demmin a jogou, pelos cabelos, para os outros três. Eles começaram a jogá-la de um lado para o outro, esbofeteando, batendo, fazendo-o girar, até Kahlan ficar atordoada demais para se manter de pé, indo dos braços de um para os de outro. Indefesa como um camundongo nas garras de três gatos. O cabelo cobriu seu rosto. Kahlan tentou alcançá-los, desorientada demais para fazer contato. Eles riram mais ainda.

Um deles deu um soco no estômago dela. Kahlan dobrou o corpo e caiu de joelhos, numa convulsão de dor. Outro a ergueu pelos cabelos. O terceiro arrancou os botões da sua blusa. Eles a jogaram violentamente de um para o outro, rasgando sua blusa, tirando pedaços a cada movimento. Quando a puxaram pelo braço quebrado, ela gritou de dor,

Zedd não podia sequer tremer de raiva. Não podia fechar os olhos, tampar os ouvidos. Lembranças dolorosas de ter visto aquilo antes se sobrepunham à realidade do que acontecia agora. Ele não conseguia respirar com a dor dessas lembranças. Não conseguia respirar com a dor do que estava acontecendo naquele momento. Daria a vida para se libertar. Queria que ela não lutasse contra eles, isso só piorava as coisas. Mas sabia que as Confessoras sempre lutavam. Lutavam com tudo que tinham. E o que Kahlan tinha, Zedd sabia, não era suficiente.

Da prisão do seu corpo, como se fosse de pedra, Zedd se rebelou com todas as forças contra sua impotência, procurando evocar cada encantamento, cada truque. Não foi suficiente. Ele sentiu o rosto molhado de lágrimas.

Kahlan gritou quando um dos homens a puxou pelo braço quebrado e a jogou para os braços dos outros dois. Com os lábios erguidos sobre os dentes cerrados, ela girou o corpo e chutou quando eles a seguraram pelos braços e pelos cabelos. O terceiro homem desafivelou o cinto dela e arrancou os botões da calça. Kahlan cuspiu nele e rogou pragas. Ele riu enquanto tirava a calça dela. Os outros dois a seguraram, ela era quase mais do que podiam controlar. Se seu braço não estivesse quebrado, não poderiam segurar Kahlan. Um dos homens torceu o braço dela brutalmente. Kahlan gritou.

Os dois homens que a seguravam puxaram sua cabeça para trás pelos cabelos e o terceiro pôs os lábios e os dentes no pescoço dela. Apalpando-a com uma das mãos, ele abriu o próprio cinto e desabotoou a calça. Pôs a boca sobre a dela, sufocando os gritos enquanto os dedos grossos desciam dos seios para o meio das pernas.

A calça dele caiu e ele a forçou a abrir as coxas com as pernas. Ela rosnou contra a boca do homem num esforço para evitar o que de estava fazendo, mas em vão. Kahlan arregalou os olhos. Com o rosto rubro de raiva, ela arfou furiosa.

— Deite a Confessora no chão e a faça ficar quieta — rosnou ele. O joelho de Kahlan subiu e atingiu a virilha dele. O homem dobrou o corpo com um gemido. Os outros dois riram. Havia fogo

nos olhos dele quando se endireitou. Com um soco, rasgou-lhe o lábio. O sangue escorreu pelo queixo.

Chase, com os braços ainda amarrados nas costas, bateu violentamente contra a cabeça no meio do corpo do homem. Os dois caíram no chão, a calça do homem em volta das pernas fez com que perdesse o equilíbrio e, antes que ele tivesse tempo para reagir, Chase prendeu o pescoço dele entre as pernas cruzadas. Os olhos azuis quase saltaram das órbitas. O guarda da fronteira rolou para o lado, puxando com força a cabeça do homem. Ouviu-se um estalo e o corpo do homem amoleceu.

Demmin Nass chutou as costelas e a cabeça de Chase, até ele ficar imóvel. Como que surgindo do ar, pêlo e presas se abateram contra Nass. O lobo, rosnando selvagememente, saltou sobre o homem grande. Caíram no chão rolando na terra, na direção do fogo. Uma faca brilhou no ar.

— Não! — gritou Kahlan. — Brophy! Não! Vá embora!

Tarde demais. A faca penetrou no lobo com um baque surdo lhe dilacerando as costelas. Com repetidos golpes, Nass abriu a barriga do lobo. Tudo terminou num instante. Brophy caiu no chão, o pelo cheio de sangue. Suas pernas se moveram convulsivamente e depois ficaram imóveis.

Kahlan, segura pelos braços e pelos cabelos, soluçando, repetiu o nome do lobo. Nass se levantou, ofegante com o esforço da breve luta. O sangue saía dos ferimentos no peito e nos braços. A raiva se acendeu nos seus olhos.

— Façam com que ela pague — sibilou para os dois homens que a seguravam. Kahlan continuou a lutar contra eles.

— Qual é o problema, Demmin? — gritou da. — Não é homem para fazer você mesmo? Precisa que outros façam por você?

Por favor, Kahlan, Zedd pediu mentalmente, por favor, fique com a boca fechada. Por favor, não diga mais nada.

O rosto de Nass ficou rubro. Seu peito arfou. Olhou furioso para da.

— Pelo menos eles são homens de verdade. Pelo menos têm o que é preciso para lidar com uma mulher! Provavelmente você não tem. Tem só o necessário para meninos! O que há com você,

menino? Tem medo de mostrar o que tem para uma mulher de verdade? Estarei rindo de você enquanto homens de verdade fazem o trabalho que você não pode fazer!

Nass deu um passo para da, rilhando os dentes.

— Cala a boca, vadia.

Kahlan cuspiu no rosto dele.

— Isso é o que seu pai faria se soubesse que você não pode manejar uma mulher. Você é uma desgraça para o nome do seu pai!

Zedd imaginou se Kahlan tinha enlouquecido. Não tinha a mínima idéia de por que ela estava fazendo aquilo. Se queria provocar Nass para fazer pior, esse era o caminho certo.

Nass pareceu que ia explodir, mas seu rosto relaxou e o sorriso voltou. Olhou em volta e viu o que procurava.

— Ali — ele apontou. — Segurem a vadia de braços naquele tronco caído. — Pôs o rosto muito perto do dela. — Você quer que eu faça? Tudo bem, vadia, vai ter. Mas do meu modo. Agora veremos o quanto você pode se contorcer.

Kahlan estava rubra de fúria.

— Acho que tudo que você tem de grande são palavras! Acho que vai ficar embaraçado. Seus homens e eu vamos nos divertir. Mais uma vez eles terão de fazer o trabalho por você. — Sorrindo desafiadoramente, continuou: — Estou esperando, menininho, faça comigo o que seu pai fazia com você, para que nós todos possamos rir, pensando em você de joelhos debaixo dele. Mostre como ele fazia.

As veias da testa de Demmin ameaçaram explodir, seus olhos saltaram das órbitas. Nass segurou Kahlan pelo pescoço, apertando, erguendo-a do chão. Ele tremia de raiva. Seus dedos se apertaram, sufocando-a.

— Comandante Nass — advertiu um dos homens em voz baixa —, você vai matá-la.

Demmin ergueu os olhos furiosos para o homem, mas soltou os dedos. Olhou para Kahlan.

— O que uma ordinária como você sabe das coisas?

— Sei que você é um mentiroso. Sei que seu mestre não deixaria um menino como você saber o que foi feito com o Seeker.

Você não sabe de coisa alguma. Não pode dizer porque não sabe e é tão imprestável que nem pode admitir isso.

Então era isso, Zedd compreendeu. Kahlan sabia que ia morrer e estava disposta a trocar qualquer coisa que Nass podia fazer com ela pela informação de que Richard estava bem. Não queria morrer sem saber que ele estava a salvo. A enormidade do que estava acontecendo fez com que as lágrimas lhe descessem no rosto. Ele ouviu Chase se mexer aos seus pés.

Nass largou o pescoço de Kahlan e fez sinal para os dois homens. Num assomo de raiva, deu um soco nela. Kahlan caiu de costas. Nass se inclinou e ergueu a cabeça dela pelos cabelos como se Kahlan não tivesse peso.

— Você não sabe de nada! Seus punhos dizem tudo. Seu mestre poderia dizer para seu pai, mas para a menininha do papai ele não diz nada.

— Está bem. Está bem. Vou dizer. Será mais divertido contar quando estiver dentro de você, para que saiba o que fazemos com pestinhas como o Seeker. Então talvez você compreenda que está perdendo tempo lutando contra nós.

Kahlan ficou de pé na frente dele, nua, o rosto contorcido de raiva. Não era uma mulher pequena, mas parecia minúscula na frente de Demmin Nass. Esperou, respirando com dificuldade, uma das mãos fechada ao lado do corpo, o outro braço flácido, o corpo manchado de sangue.

— Mais ou menos há um mês, um artista desenhou um feitiço para capturar o Seeker. Ele matou o artista, mas assim mesmo foi capturado. Capturado por uma Mord-Sith.

Kahlan empalideceu. Ficou branca como um lírio.

Zedd teve a impressão de uma faca atravessando seu coração. Se fosse possível, teria caído no chão, de agonia.

— Não — murmurou ela.

— Sim — zombou Nass. — E por uma Mord-Sith especialmente cruel chamada Denna. Até eu procuro ficar longe dela. É a favorita do Mestre Rahl por causa dos seus... — ele sorria — ... talentos. Pelo que ouvi, ela se superou com o Seeker. Eu a vi um dia, durante o jantar, coberta dos pés à cabeça com o sangue dele.

Kahlan estremeceu, com os olhos cheios de lágrimas, e Zedd teve certeza de que ela empalideceu mais ainda.

— Mas ele ainda está vivo — murmurou ela, com a voz embargada.

Demmin, vendo a reação dela, sorriu satisfeito.

— Para dizer a verdade, Madre Confessora, a última vez em que vi o Seeker ele estava de joelhos na frente do Mestre Rahl, com o Agiel de Denna na nuca. Acho que ele nem sabia o próprio nome. Mestre Rahl não estava muito feliz. Quando Mestre Rahl fica infeliz, as pessoas geralmente morrem. Pelo que Mestre Rahl me disse quando saí, tenho certeza de que o Seeker ficará para sempre de joelhos. Seu corpo deve estar podre agora.

Zedd chorou por não poder consolar Kahlan e por ela não poder consolá-lo.

Kahlan ficou impassivelmente calma.

Ergueu os braços lentamente, os punhos fechados para o céu. Inclinou a cabeça para trás.

Soltou um grito que atravessou Zedd como milhares de agulhas de gelo e ecoou nas montanhas, nos vales, fazendo vibrar as árvores. Zedd mal pôde respirar. Nass e os outros dois homens recuaram alguns passos.

Se já não estivesse petrificado, Zedd ficaria agora, com medo do que ela estava fazendo. Kahlan não devia poder fazer aquilo.

Ela respirou profundamente, apertou os punhos e as lágrimas desceram no seu rosto.

Kahlan gritou outra vez. Um grito longo, penetrante, não deste mundo. Pedras dançaram no chão. A água dançou nos lagos. O ar dançou e começou a se mover. Os homens tamparam os ouvidos. Zedd teria feito o mesmo, se pudesse se mexer.

Kahlan suspirou profundamente outra vez. Esticou o corpo para o céu.

O terceiro grito foi pior. A magia dele rasgou o tecido do ar. Zedd teve a impressão de que seu corpo ia se despedaçar. O ar começou a girar em volta dela, levantando poeira.

A escuridão se aproximou, a magia do grito eliminando toda a luz, puxando a noite como puxava o vento. Luz e escuridão

envolveram a Madre Confessora quando ela liberou com o grito a antiga magia.

Zedd quase sufocou de medo. Tinha visto aquilo ser feito só uma vez antes e o resultado não foi bom. Ela estava juntando à magia da Confessora, a magia aditiva, o amor, com a magia do mundo subterrâneo, a magia subtrativa, o ódio.

Kahlan continuou a gritar no centro do turbilhão. A luz foi sugada para ela. A escuridão invadiu tudo. Onde Zedd estava, ficou escuro como a noite. A única luz era a que circundava Kahlan. Noite durante o dia.

Relâmpagos cortaram violentamente o céu escuro, acendendo-se rapidamente em todas as direções, dividindo-se, duplicando-se, coalescendo numa fúria contínua misturada com o grito, tornando-se parte dele.

O solo tremeu. O grito ultrapassou o som, chegando a algo inteiramente diferente. O solo rachou em fendas dentadas e ferozes, Colunas de luz violeta subiram das fendas. As cortinas azuis e purpúreas de luz vibravam, dançavam e acelerando, eram sugadas para o vórtice, sugadas para Kahlan. Ela era uma forma de luz brilhante no mar de escuridão. Era a única coisa que existia, todo o resto era nada, completamente sem luz. Tudo que Zedd conseguia ver era Kahlan.

O ar vibrou com um horrível impacto. Num breve e tremendo flash de luz, Zedd viu as árvores em volta de repente despidas das agulhas de pinheiro, todas elas levadas pela nuvem verde. Uma parede de pó e areia tingiu seu rosto como se fosse arrancar a pele na passagem explosiva.

A ferocidade da concussão levou embora o escuro. A luz voltou.

A união estava completa.

Zedd viu Chase de pé ao seu lado, observando, as mãos ainda amarradas nas costas. Guardas da fronteira, Zedd pensou, eram mais resistentes do que tinham o direito de ser.

Luz azul-clara, formando um oval dentado em volta dela, cresceu de intensidade, de decisão e, de certo modo, de violência. Kahlan se virou para trás. O braço quebrado estava ao lado do

corpo. O outro, erguido a meio, tocou no mago. A luz azul escorreu do anel que a rodeava, para sua mão. Pareceu fundir-se e numa libertação explodiu no espaço entre eles.

Com um golpe certo, atingiu Zedd, iluminando-o como se ele estivesse ligado a Kahlan por um fio de luz viva e o envolveu com o brilho azul-claro. O mago sentiu o toque familiar da magia aditiva e o zumbido desconhecido da magia subtrativa do mundo subterrâneo. Ele foi atirado um passo para trás, a teia que o prendia se partiu. Ele estava livre. A linha de luz desapareceu.

Zedd se voltou para Chase e o desamarrou com um simples movimento de magia. Chase gemeu de dor quando seus braços ficaram livres,

— Zedd — murmurou ele —, o que, em nome dos profetas, está acontecendo? O que ela fez?

Kahlan passou os dedos na luz azul que vibrava em volta dela, acariciando-a, banhando-se nela. Demmin Nass e um dos seus homens a observavam, mas estavam imóveis, esperando. Os olhos de Kahlan viam coisas que eles não podiam ver. Estavam em outro mundo. Zedd sabia que ela estava vendo a lembrança de Richard.

— Isso se chama Con Dar. A Raiva de Sangue. — Zedd olhou de Kahlan para o guarda da fronteira. — É algo que poucas Confessoras mais fortes podem fazer. E Kahlan não devia poder.

Chase perguntou: — Por quê?

— Porque deve ser ensinado pela mãe verdadeira dela; só ela pode ensinar como fazer isso, se for muito necessário. É uma magia antiga, tão antiga quanto a magia das Confessoras, parte dela, mas raramente usada. Só pode ser ensinada depois que a filha atingir certa idade. A mãe de Kahlan morreu antes de poder ensinar a ela. Adie me disse. Kahlan não devia poder fazer isso. Mas fez. O fato de Kahlan poder fazer sem ter aprendido, só por instinto e desejo, fala de coisas muito perigosas nas profecias.

— Muito bem, por que ela não fez antes? Por que não impediu que acontecesse tudo que aconteceu?

— Uma Confessora não pode invocar para si mesma, só por outras pessoas. Kahlan invocou por Richard. Com a raiva por seu assassinato. Estamos numa grande encrenca.

— Por quê?

— O Con Dar é invocado para vingança, as Confessoras que o invocam raramente sobrevivem, dão a vida por seu objetivo, para a vingança. Kahlan vai usar seu poder em Darken Rahl.

Chocado, Chase disse: — Você disse que o poder de Kahlan não pode tocá-lo, não pode prendê-lo.

— Não podia antes. Não sei se pode agora, mas duvido. Mesmo assim, ela vai tentar. Está tomada pelo Con Dar, a Raiva de Sangue. Não se importa de morrer. Vai tentar, vai tocar Darken Rahl, mesmo que seja em vão, mesmo que ela tenha de morrer por isso. Se alguém se interpuser, ela matará. Sem pensar duas vezes. — Aproximou o rosto do de Chase para enfatizar. — Isso inclui nós dois.

Kahlan estava encolhida no chão, a cabeça abaixada, os braços cruzados, as mãos nos ombros, envolta pela luz azul. Esticou o corpo e levantou-se, empurrando a luz, como que saindo de um ovo. Ficou de pé, nua, o sangue saindo ainda dos ferimentos. Sangue líquido e fresco pingou do seu queixo.

Mas seu rosto não demonstrava dor, a não ser dos ferimentos do corpo. E então até isso desapareceu e tudo que ela mostrou foi o rosto de uma Confessora.

Kahlan se voltou para um dos homens que a seguravam antes. O outro tinha desaparecido. Calmamente, ergueu a mão para ele. O homem estava a uns dez passos dela.

Um impacto no ar, trovão sem som. Zedd sentiu dor nos ossos.

— Senhora — disse o homem, se ajoelhando —, quais são suas ordens? O que quer de mim?

Kahlan olhou friamente para ele.

— Quero que morra por mim. Agora.

O homem caiu de bruços no chão. Kahlan foi até Demmin Nass. Ele sorria, com os braços cruzados. O braço quebrado de Kahlan pendia ao lado do corpo. Bateu com a outra mão no peito dele. Os olhos deles se encontraram. O homem era muito mais alto do que ela.

— Impressionante, vadia. Mas você usou todo o seu poder. E eu estou protegido pelo feitiço de Mestre Rahl. Não pode tocar-me

com seu poder. Precisa ainda aprender uma lição e eu vou lhe ensinar como nunca ensinei coisa alguma. — Ergueu a mão e agarrou o cabelo despenteado de Kahlan. — Incline-se.

O rosto de Kahlan estava inexpressivo. Ela não disse nada. Um impacto no ar, trovão sem som. Outra vez Zedd sentiu a dor nos ossos. Demmin Nass arregalou os olhos. Abriu a boca.

— Senhora! — murmurou de.

Chase perguntou a Zedd: — Como Kahlan fez isso? Ela acabou de tocar no outro homem e as Confessoras só podem usar o poder uma vez, depois precisam descansar para recobrá-lo.

— Não mais. Ela está no Con Dar.

— Fique aí e espere — ordenou ela a Nass.

Movendo-se com graça, Kahlan foi até o mago. Parou e ergueu o braço quebrado para ele.

Os olhos dela pareciam levemente vidrados.

— Conserte isto para mim, por favor. Preciso deste braço.

Desviando os olhos dos dela, Zedd examinou o braço. Tocou nele levemente, falando em voz baixa para distrair a mente dela da dor, segurou acima do cotovelo e abaixo da fratura, puxou e pôs o osso no lugar. Kahlan não gritou nem estremeceu. Zedd se perguntou se ela sentira alguma coisa. Carinhosamente, seus dedos envolveram a fratura, deixando que o calor da magia penetrasse nela, passando a dor para ele, sentindo-a, sofrendo, suportando estoicamente.

A dor aguda o fez parar de respirar por um momento. Ele a sentiu toda, de mistura com a própria dor, ameaçando dominá-lo, até poder finalmente anulá-la. Sentiu o osso soldar e acrescentou mais magia para proteger e reforçar, até se soldar de todo. Retirou a mão. Os olhos verdes se ergueram para ele, revelando a raiva fria, assustadora.

— Obrigada — disse ela suavemente. — Espere aqui.

Voltou até Demmin Nass, que esperava, como Kahlan havia mandado. Os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

— Por favor, senhora, dê-me suas ordens.

Kahlan tirou uma faca do cinto dele, ignorando o pedido. Com a outra mão, soltou a maça de guerra do gancho.

— Tire a calça. — Esperou que ele obedecesse e ficasse de pé na frente dela. — Ajoelhe-se.

Zedd sentiu um arrepio ouvindo a frieza na voz dela e olhou para o homenzarrão. Chase segurou o manto de Zedd.

— Zedd, precisamos detê-la! Ela vai matar o homem! Precisamos de informações. Quando ele disser o que desejamos saber, ela pode fazer o que quiser, mas não antes de o interrogarmos!

Zedd olhou zangado para ele.

— Por mais que concorde com você, não posso fazer nada. Se interferirmos, ela nos matará. Se você der dois passos até ela, Kahlan o matará antes que você dê o terceiro. Não se pode discutir com uma Confessora na Raiva de Sangue. É como discutir com uma tempestade, é ser atingido por um relâmpago.

Chase soltou o manto do mago bufando, frustrado, e cruzou os braços com resignado. Kahlan girou a maça e entregou o cabo a Nass.

— Segure para mim.

Demmin Nass segurou a arma ao lado do corpo. Kahlan ajoelhou-se na frente dele.

— Abra as pernas — ordenou com voz gelada, segurando-o com uma das mãos. Ele se encolheu e fez uma careta — Não se mexa — avisou ela. Nass ficou imóvel — Quantos dos meninos que molestou você matou?

— Não sei, senhora. Não contei. Faço isso há muitos anos, desde que era jovem. Nem sempre eu os mato. A maior parte continua viva.

— Tente calcular.

Ele pensou por um momento.

— Mais de oitenta. Menos de cento e vinte.

Zedd viu o brilho da faca quando Kahlan a pôs debaixo dele. Chase descruzou os braços e empertigou o corpo, com os músculos do rosto tensos quando ouviu o que Demmin Nass tinha feito.

— Vou cortar isto. Quando eu cortar, não quero que faça o menor som — murmurou ela. — Nem um som. Nem se mexa.

— Sim, senhora.

— Olhe nos meus olhos. Quero ver nos seus olhos o que vou fazer.

Moveu o braço e levantou a faca. A lâmina saiu vermelha.

As juntas da mão de Demmin Nass que segurava a maça estavam brancas. A Madre Confessora se levantou na frente dele.

— Abra a mão.

Demmin estendeu a mão trêmula para ela. Kahlan pôs os testículos ensangüentados na palma.

— Coma.

Chase sorriu.

— Muito bem — murmurou ele para ninguém em particular. — Uma mulher que sabe o significado de justiça.

De pé na frente de Demmin, Kahlan esperou que ele terminasse. Jogou a faca para o lado. — Dê-me a maça.

Ele a entregou.

— Senhora, estou perdendo muito sangue. Não sei se posso continuar de pé.

— Eu ficaria muito aborrecida. Agüente. Não vai demorar.

— Sim, senhora.

— O que você me disse sobre Richard, o Seeker, é verdade?

— Sim, senhora.

A voz de Kahlan estava mortalmente calma. — Tudo?

Demmin pensou por um momento, para ter certeza.

— Tudo que eu disse, senhora.

— Há alguma coisa que não me disse?

— Sim, senhora. Eu não disse que a Mord-Sith Denna também o tomou para companheiro. Suponho que para poder machucá-lo mais.

Durante uma eternidade de silêncio, Kahlan ficou imóvel. Zedd mal podia respirar de dor, mal podia fazer o ar passar pelo nó na garganta. Seus joelhos tremeram.

A voz de Kahlan soou com tanta suavidade que Zedd mal conseguiu ouvir.

— E você tem certeza de que ele está morto?

— Eu não vi o Seeker ser morto, senhora, mas tenho certeza.

— Por quê?

— Parecia que Mestre Rahl estava disposto a matá-lo e, mesmo que não estivesse. Denna o mataria. É o que as Mord-Sith fazem. Companheiros das Mord-Sith não duram muito. Fiquei surpreso por ele ainda estar vivo quando deixei o palácio. Parecia muito mal. Nunca vi um homem com um Agiel na nuca por tanto tempo continuar vivo.

“Ele gritava seu nome. Denna só não permitiu que ele morresse antes porque Mestre Rahl queria falar com ele. Embora eu não tenha visto com meus olhos, senhora, tenho certeza. Denna o dominava com a magia da espada, ele não podia escapar. Ela o teve por mais tempo do que é comum, ela o torturou mais do que é comum, ela o manteve entre a vida e a morte mais tempo do que é comum. Nunca vi um homem durar tanto tempo. Por algum motivo, Mestre Rahl queria que o Seeker sofresse por longo tempo, por isso escolheu Denna. Ninguém tem mais prazer em manter vivas suas vítimas. De qualquer modo, ele estaria morto agora, por ter sido companheiro de uma Mord-Sith. Não pode ter sobrevivido até agora.”

Zedd caiu de joelhos, seu coração partido de agonia. Chorava de dor. Era como se seu mundo tivesse acabado. Não queria continuar. Só queria morrer. O que tinha feito? Como podia ter deixado que Richard se envolvesse nisso? Richard especialmente. Agora sabia por que Rahl não o matou quando teve chance: ele queria que Zedd sofresse. Rahl era assim.

Chase agachou ao lado dele e passou o braço em volta dos seus ombros.

— Sinto muito, Zedd — murmurou ele. — Richard era meu amigo também. Sinto muito.

— Olhe para mim — disse Kahlan, segurando a maçã com as duas mãos.

Nass ergueu os olhos para ela. Kahlan desferiu o golpe com toda a força. Com um ruído assustador, a arma se enterrou na testa dele, firme, escapando das mãos dela quando Demmin Nass caiu, flácido e fluido, como se não tivesse ossos.

Com esforço, Zedd parou de chorar e se levantou quando Kahlan caminhou para eles, tirando da mochila uma vasilha de lata.

Entregou a vasilha a Chase.

— Encha até a metade com amoras venenosas.

Chase olhou para a vasilha, um pouco confuso.

— Agora?

— Sim.

Ele viu os olhos alarmados de Zedd e ficou rígido.

— Tudo bem. — Ia sair mas se virou para trás, pegou a capa preta pesada e a pôs nos ombros dela, cobrindo sua nudez. — Kahlan... — Olhou para ela, incapaz de falar, e saiu para cumprir sua tarefa.

Kahlan olhou fixo para o nada, com olhos vazios. Zedd passou um braço em volta dela e a levou para um saco de dormir. Pegou o que restava da blusa dela, cortou em tiras e a molhou com água de um odre. Kahlan não protestou quando Zedd limpou todo o sangue do corpo dela, aplicou bálsamo em alguns dos ferimentos e magia em outros. Kahlan suportou em silêncio. Quando Zedd terminou, ergueu o queixo dela com um dedo e a fez olhar para ele. Zedd disse, em voz baixa:

— Ele não morreu em vão, minha cara. Ele encontrou a caixa, salvou todos, Lembre-se dele como tendo feito o que ninguém mais poderia fazer.

A garoa fina das nuvens muito baixas começou a molhar seus rostos.

— Lembrarei apenas que eu o amo e que nunca pude dizer isso a ele.

Zedd fechou os olhos procurando aliviar a dor, o peso de ser um mago.

Chase voltou e deu a ela a vasilha com as frutas venenosas. Kahlan pediu alguma coisa para amassá-las. Com a faca, Chase cortou um galho de árvore na forma de pilão e Kahlan começou a trabalhar.

Ela parou como se tivesse se lembrado de alguma coisa e olhou para o mago, os olhos ainda vidrados.

— Darken Rahl é meu. — Era um aviso. Uma ameaça. Zedd concordou.

— Eu sei, minha cara.

Ela voltou a amassar as frutas, enquanto algumas lágrimas lhe desciam no rosto.

— Vou enterrar Brophy — disse Chase a Zedd. — Os outros podem apodrecer.

Kahlan fez uma pasta das frutas e acrescentou um pouco de cinza da fogueira.

Quando terminou, fez Zedd segurar um pequeno espelho enquanto ela aplicava a pasta formando o desenho do Con Dar, dois relâmpagos, a magia guiando sua mão. Começando nas têmporas, os dois lados iguais, a parte superior de cada relâmpago em ziguezague sobre a sobrancelha, o lobo central de cada um passando sobre uma pálpebra, com a parte inferior nos dois lados, terminando em ponta no centro de cada face.

O efeito era assustador, como devia ser. Era um aviso para os inocentes. Uma jura para os culpados.

Depois de desembaraçar o cabelo com a escova, tirou o vestido de Confessora da mochila e a capa e os vestiu. Chase voltou. Kahlan entregou a ele sua capa e agradeceu.

— Fique com ela — disse Chase —, é mais quente do que a sua.

— Eu sou a Madre Confessora. Não vou usar uma capa.

O guarda da fronteira não discutiu.

— Os cavalos se foram. Todos.

Kahlan olhou para ele com indiferença.

— Então iremos a pé. Não vamos parar à noite. Você pode vir se quiser, se não for me atrasar.

Chase ergueu uma sobrancelha, surpreso com o insulto, mas não disse nada. Kahlan começou a andar sem apanhar suas coisas. Chase olhou para Zedd, soltando o ar ruidosamente.

Abaixou para pegar suas coisas.

— Não vou sem minhas armas.

— Acho melhor nos apressarmos antes que ela se adiante muito. Kahlan não vai esperar por nós. — O mago apanhou a mochila de Kahlan e guardou o que estava fora dela. — Acho bom pelo menos levar alguns suprimentos. — Alisou uma dobra da

mochila. — Chase, acho que não voltaremos desta caminhada. O Com Dar é uma missão suicida. Você tem família. Não precisa ir.

Chase não ergueu os olhos.

— O que é uma Mord-Sith? — perguntou de em voz baixa.

O mago engoliu em seco, segurando a mochila com tanta força que suas mãos tremiam.

— As Mord-Sith tão treinadas desde pequenas na arte da tortura e no uso de um impiedoso instrumento chamado Agiel para provocar dor. Era aquela coisa vermelha que pendia do pescoço de Darken Rahl. Mord-Siths são usadas contra os que têm magia. Têm o poder de tomar a magia de uma pessoa e usá-la contra ela. — A voz de Zedd ficou entrecortada. — Richard não sabia disso. Não teve a menor chance. O único objetivo na vida de uma Mord-Sith, a única coisa para a qual da vive é torturar até a morte os que têm magia.

Chase guardou um cobertor na mochila.

— Eu vou com vocês.

Zedd balançou a cabeça afirmativamente, compreendendo.

— Ficarei contente com sua companhia.

— Essas Mord-Sith representam perigo para nós?

— Não para você, você não tem magia, e não para magos, eu tenho proteção.

— E para Kahlan?

Zedd balançou a cabeça.

— A magia de uma Confessora é diferente de todas as outras. O toque da magia da Confessora é a morte para uma Mord-Sith. Uma morte nada agradável. Eu vi uma vez. Não quero ver nunca mais. — Zedd olhou para a desordem sangrenta e pensou no que tinham feito a Kahlan e no que quase tinham feito. — Eu acho — murmurou de — que já vi muitas coisas que nunca mais quero ver.

Quando Zedd pôs a mochila de Kahlan no ombro, houve um impacto no ar, um trovão sem ruído. Os dois correram para a trilha, para Kahlan. Encontraram o último homem, deitado de costas onde estava à espreita, com a própria espada enfiada no peito. Com as duas mãos segurava o punho da arma.

Continuaram a correr até alcançar Kahlan. Ela caminhava decidida, olhando para a frente, sem se interessar por mais nada. O

vestido de Confessora flutuava e adejava atrás dela como uma chama ao vento. Zedd sempre achara as Confessoras belas com seus vestidos, especialmente com o vestido branco da Madre Confessora.

Mas agora ele o via como o que era realmente. Uma armadura de guerra.

CAPÍTULO 48



A água da chuva leve, acumulada no rosto de Richard, escorreu-lhe pelo nariz, deixando uma gota na ponta, que provocava coceira. Ele a enxugou, zangado. Estava tão cansado que nem sabia mais o que fazia. A única coisa de que tinha certeza era de não poder encontrar Kahlan, Zedd e Chase. Ele os tinha procurado incansavelmente, em infindáveis trilhas e estradas, indo e voltando, zigzagueando, a caminho do Palácio do Povo, sem encontrar nem sinal deles. Havia trilhas e caminhos por toda parte e Richard sabia que tinha procurado somente em alguns deles. Parava por poucas horas à noite, mais para descansar o cavalo, e às vezes procurava a pé. Desde que deixara o irmão, nuvens baixas tinham se acumulado, limitando a visibilidade. Estava furioso por elas terem aparecido agora, quando mais precisava de Scarlet.

Tinha a impressão de que tudo conspirava contra ele, que a sorte estava realmente do lado de Darken Rahl. Rahl devia estar com Kahlan agora. Era tarde demais, ela devia estar no Palácio do Povo.

Esporeou o cavalo na subida da montanha, passando entre grandes abetos que cresciam na encosta íngreme. Musgo esponjoso abafava o som das patas do cavalo. A escuridão escondia quase tudo. À medida que subia, no escuro e no meio da névoa, as árvores escasseavam, expondo-o ao vento frio. Fazia tatarar sua capa e o ruído gemia nos seus ouvidos. Manchas negras de nuvens e névoa eram levadas para a trilha pelo vento. Richard pôs o capuz. Mesmo sem enxergar nada, sabia que tinha chegado ao topo da montanha e virado de frente para o lado oposto.

Era tarde da noite. O amanhecer traria o primeiro dia do inverno. O último dia de liberdade.

Encontrando um pequeno abrigo numa saliência da rocha, Richard resolveu dormir algumas horas antes da madrugada que seria sua última. Exausto, apeou das costas molhadas do cavalo e o amarrou num pinheiro que crescia entre a relva alta. Nem tirou a mochila das costas, mas simplesmente fechou bem a capa, deitou-se debaixo da rocha e tentou dormir, pensando em Kahlan, pensando no que teria de fazer para evitar que ela caísse nas mãos de uma Mord-Sith. Depois de ajudar Darken Rahl a abrir a caixa que daria a ele o poder que tanto queria, Rahl o mataria. Apesar de Darken Rahl ter garantido que Richard seria livre para continuar sua vida, que vida podia ter depois de ser tocado pelo poder de Kahlan?

Além disso, sabia que Rahl estava mentindo. Rahl pretendia matá-lo. Só esperava que fosse uma morte rápida. Sabia que sua decisão de ajudar Darken Rahl significava que Zedd também ia morrer, mas significava que muitos outros viveriam. Viveriam sob o governo brutal de Darken Rabi, mas estariam vivos. Richard não suportava a idéia de ser responsável pela morte de tanta gente e tantas coisas. Rahl dissera a verdade sobre Richard ter sido traído e provavelmente era também verdade que sabia qual a caixa que o mataria. Mesmo que estivesse mentindo, Richard não podia arriscar a vida de tantas pessoas baseado naquela única chance. Richard não tinha mais qualquer opção. Não tinha escolha senão ajudar Darken Rahl.

Suas costelas doíam ainda por causa do que Denna tinha feito. Ainda era difícil deitar-se e ainda doía quando respirava. O sono trouxe os pesadelos que o atormentavam desde que deixara o Palácio do Povo. Sonhava que estava dependurado enquanto Denna o torturava, indefeso, sem nenhuma esperança de fuga. Sonhava com Michael assistindo à tortura. Sonhava com Kahlan sendo torturada e Michael assistindo a isso também.

Acordou encharcado de suor, tremendo de medo, ouviu os próprios gemidos com o terror do sonho. A luz do sol batia de lado na saliência da rocha. O sol cor de laranja começou a aparecer no horizonte.

Richard se levantou, espreguiçou-se para se livrar das câibras nos músculos e contemplou o nascer do primeiro dia do inverno. Estava no alto da montanha. Os picos em volta se erguiam acima do lençol de nuvens que se estendia à sua frente, até o horizonte do leste como um mar cinzento tingido de alaranjado.

O mar de nuvens só era quebrado pelo Palácio do Povo. Ao longe, tocado pela luz do sol, erguia-se orgulhoso no planalto, acima das nuvens, à sua espera. Richard sentiu um frio no estômago. Estava muito longe ainda. Tinha calculado mal a distância. Não podia perder tempo. Quando o sol estivesse no zênite, as caixas poderiam ser abertas.

Quando se virou para trás, viu um movimento. O cavalo relinchou apavorado. Uivos cortaram o silêncio da manhã. Sabujos do coração.

Richard desembainhou a espada quando eles apareceram em cima da rocha. Antes que Richard tivesse tempo de alcançar o cavalo, os sabujos derrubaram o animal. Mais corriam para ele. Por um momento paralisado pelo choque, saltou para cima da rocha debaixo da qual tinha dormido. Os sabujos, dentes arreganhados, saltaram para a rocha também. Ele cortou a primeira leva com a espada, depois recuou mais para cima, quando outros correram para atacá-lo. Richard brandiu a espada, cortando os sabujos que avançavam, rosnando é uivando.

Era como um mar de pêlo bege, atacando-o em ondas. Freneticamente ele os atacava e cortava, tentando recuar ao mesmo tempo. Os sabujos subiram na rocha atrás dele. Richard saltou para o lado e os dois grupos se chocaram, dilacerando uns aos outros, disputando o coração de Richard.

Richard subiu mais, lutando sempre, matando os que chegavam perto. Era um esforço inútil, ele sabia, os sabujos eram em maior número do que ele podia deter. Entregou-se totalmente à raiva da magia da espada, lutando com fúria, avançando para as fileiras do inimigo. Não podia falhar com Kahlan, não agora. O ar parecia cheio de dentes amarelos, todos indo para cima dele. Sangue dos sabujos mortos estava por toda parte. O mundo era vermelho.

E então se transformou em chamas.

O fogo explodiu em volta dele. Sabujos uivaram de dor mortal. O dragão rugiu furioso. A sombra de Scarlet pairou sobre ele. A espada de Richard cortou os sabujos que chegavam perto. O ar cheirava a sangue e a pêlo queimado.

A garra de Scarlet o segurou pela cintura, tirando-o do meio dos animais que saltavam arreganhados. Ofegante e exausto, Richard voou na garra do dragão até uma clareira em outra montanha. Ela o pôs gentilmente no chão e pousou.

Richard, quase chorando, abraçou as escamas vermelhas, acariciando-as com a cabeça encostada nelas.

— Obrigado, minha amiga. Você salvou a minha vida. Você salvou muitas vidas. Você é um dragão honrado.

— Eu fiz um trato, só isso — bufou com desdém uma tira de fumaça. — Além disso, alguém precisa ajudar você. Parece que está sempre se metendo em encrencas quando fica sozinho.

Richard sorriu.

— Você é o animal mais bonito que já vi. — Ainda respirando com dificuldade, apontou para o planalto. — Scarlet, preciso chegar ao Palácio do Povo. Você me leva, por favor?

— Não encontrou seus amigos? Seu irmão? Richard sentiu um nó na garganta.

— Meu irmão me traiu. A mim e a todos, para Darken Rahl. Eu gostaria de que as pessoas tivessem a metade da honra que têm os dragões.

Scarlet rosnou, fazendo vibrar as escamas do seu pescoço.

— Sinto muito, Richard Cypher. Suba. Eu levo você.

Com batidas lentas e firmes das asas o dragão subiu acima do mar de nuvens que cobriam a Planície Azrith, levando Richard ao último lugar do mundo para onde ele queria ir, se pudesse escolher. A jornada que a cavalo teria levado boa parte do dia, durou menos de uma hora nas costas do dragão, que fechou as asas para trás e voou para a planície. O vento lhe açoitou a roupa quando Scarlet mergulhou. Do ar, Richard viu o quanto era grande o Palácio do Povo. Era difícil acreditar que fora construído por homens. Parecia um sonho. Era como as maiores cidades juntas num único complexo.

Scarlet sobrevoou uma vez o planalto, passando pelas torres, muros e telhados. Passaram rapidamente por uma infundável variedade, que deixou Richard atordoado. Ela passou por cima do muro externo e pousou num pátio imenso, tatalando as asas para diminuir a velocidade da descida. Não viram guardas, povo, ninguém.

Richard deslizou pelas escamas vermelhas, caindo de pé com um baque surdo. Scarlet virou a cabeça e o olhou. Suas orelhas se inclinaram para a frente.

— Tem certeza de que quer que o deixe aqui? — Richard balançou a cabeça, assentindo, olhando para o chão. Scarlet bufou. — Então terminaram os seis dias. Nosso trato terminou. Da próxima vez em que eu o vir, será jogo limpo.

Richard sorriu para ela.

— É justo, minha amiga. Mas não terá essa oportunidade. Hoje eu vou morrer.

Scarlet virou o olho amarelo para ele.

— Tente não deixar que isso aconteça, Richard Cypher. Eu ainda gostaria de devorar você.

Com um largo sorriso, Richard passou a mão numa escama brilhante.

— Tome conta do seu pequeno dragão quando ele nascer. Eu gostaria de poder ver. Vai ser uma beleza também, eu sei. Sei que você não gosta de levar homens nas costas e só o faz contra sua vontade, mas obrigado por me fazer conhecer a alegria de voar. Considero um privilégio.

— Eu também gosto de levar você. — Soltou um pouco de fumaça, — Você é um homem raro, Richard Cypher. Nunca vi ninguém igual.

— Eu sou o Seeker. O último Seeker.

Ela balançou a cabeça outra vez.

— Cuide-se, Seeker. Você tem o dom. Use. Use tudo que tem para lutar. Não se entregue. Não deixe que ele mande em você. Se tiver de morrer, morra lutando com tudo que tem, tudo que sabe. Como fazem os dragões.

— Se ao menos fosse assim tão fácil... — Richard ergueu os olhos para o dragão. — Scarlet, antes de a fronteira ruir, você levou Darken Rahl a Westland?

— Muitas vezes.

— Aonde você o levou?

— A uma casa maior do que as outras. Era de pedra branca. Com telhados de ardósia. Uma vez eu o levei a outra casa. Uma casa simples. Ele matou um homem lá. Ouvi os gritos. E, uma outra vez, a outra casa simples.

A casa de Michael. A de seu pai e a sua.

Richard olhou tristemente para os pés.

— Obrigado, Scarlet. — Sentiu um nó na garganta. — Se Darken Rahl tentar dominar você outra vez, espero que seu pequeno dragão esteja seguro e que você possa lutar até a morte. Você é muito nobre para ser dominada.

Com um sorriso de dragão, Scarlet levantou vôo. Richard a viu sobrevoar em círculo, olhando para ele. Então, ela virou a cabeça para o leste. Richard olhou por alguns minutos enquanto Scarlet diminuía de tamanho na distância. Então ele seguiu para o palácio.

Richard olhou para os guardas na entrada, preparado para lutar, mas eles apenas o cumprimentaram com uma inclinação delicada da cabeça. Um convidado voltando. Os vastos salões o acolheram.

Richard sabia a direção geral para o jardim onde Rahl guardava as caixas. Por um longo tempo, não reconheceu os salões, mas logo alguns começaram a parecer familiares. Reconheceu os arcos e as colunas, as praças de oração. Passou pelo corredor onde ficavam os alojamentos de Denna. Não olhou para aquele lado.

Sua mente estava confusa, assoberbada pela decisão que havia tomado. A idéia de que seria ele quem ia entregar a Darken Rahl o poder da Orden era avassaladora. Sabia que com isso salvaria Kahlan de um destino pior e muitos outros da morte, mas mesmo assim se sentia um traidor. Desejava que fosse qualquer outra pessoa, não ele a ajudar Rahl. Contudo ninguém mais podia. Só ele tinha as respostas de que Rahl precisava.

Parou numa praça de orações com um pequeno lago e olhou para os peixes que deslizavam formando círculos na superfície. Lute com tudo que sabe. Scarlet tinha dito. O que ganharia com isso? O que outras pessoas ganhariam? O mesmo fim ou pior. Podia jogar com a própria vida, mas não com a vida de todos. Não com a vida de Kahlan. Estava ali para ajudar Darken Rahl e era isso que devia fazer. Estava decidido.

O sino tocou para a prece. Richard viu as pessoas chegando, inclinando-se com a testa no chão e começando a cantar. Duas Mord-Siths vestidas de couro se aproximaram e olharam para ele ali parado de pé. Não era hora de criar problemas. Richard se ajoelhou, encostou a testa no ladrilho e começou a cantar a oração. Uma vez que tinha resolvido, não precisava mais pensar e Richard esvaziou sua mente.

Mestre Rahl, seja nosso guia. Mestre Rahl, nos ensine. Mestre Rahl, nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Em sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.

Richard cantou sem parar, soltando-se, livrando-se das preocupações. Sua mente se acalmou quando de procurou a paz interior e se fundiu com ela.

Uma idéia o fez parar.

Se ia proclamar sua devoção, devia ser uma que significasse alguma coisa para ele. Mudou as palavras.

— Kahlan, seja minha guia. Kahlan, me ensine. Na sua luz, eu prospero. Na sua misericórdia, eu me abrigo. Na sua sabedoria, me humilho. Vivo só para amá-la. Minha vida é sua.

O choque da compreensão o fez sentar-se nos calcanhares bruscamente, com os olhos arregalados.

Richard soube o que devia fazer.

Zedd tinha dito que a maioria das coisas em que o povo acreditava estava errada. Primeira Regra do Mago. Fora tolo por muito tempo. Por muito tempo ouvira o que os outros diziam. Não mais evitaria a verdade. Um sorriso se espalhou no rosto dele.

Levantou-se. Acreditava de todo o coração. Richard se virou e passou entre as pessoas ajoelhadas, cantando a devoção.

As duas Mord-Siths se levantaram. Uma ao lado da outra, ombro a ombro, puseram-se na frente dele.

— Ninguém pode perder uma devoção. Ninguém.

Richard devolveu os olhares furiosos.

— Eu sou o Seeker — ergueu a mão com o Agiel de Denna —, companheiro de Denna. Eu a matei. Matei com a magia que ela usou para me prender. Acabo de dizer minha última devoção ao Pai Rahl. Seu próximo movimento vai determinar se vão viver ou morrer. Escolham.

Uma sobrancelha se ergueu sobre um frio olho azul. As duas Mord-Siths se entreolharam e saíram da frente dele. Richard seguiu para o Jardim da Vida, para Darken Rahl.

* * *

Zedd olhou cautelosamente para os lados da estrada quando subiram a encosta do planalto, tudo ficando mais claro à medida que subiam. Os três saíram da névoa para o sol da manhã. Na frente, uma ponte pênsil começou a ser baixada, as engrenagens rangendo quando a ponte desceu sobre o abismo. Chase soltou na bainha a adaga que trazia no ombro quando viu uma dúzia de soldados esperando no outro lado da ponte. Nenhum deles empunhava arma nem procurou bloquear o caminho, mas os soldados continuaram em posição de descanso, sem demonstrar nenhum interesse.

Kahlan passou por eles ignorando-os. Chase, não, Ele parecia um homem presto a presidir uma carnificina. Os guardas inclinaram a cabeça e sorriram amavelmente.

O guarda da fronteira chegou mais perto de Zedd, sem tirar os olhos dos homens armados.

— Não gosto disso. Está fácil demais.

Zedd sorriu.

— Se Darken Rahl vai nos matar, precisa antes nos levar ao lugar do sacrifício.

Chase olhou para o mago com a testa franzida.

— Isso não faz com que eu me sinta melhor.

Zedd pôs a mão no ombro de Chase.

— Não perde nada de sua honra com isso, meu amigo. Vá para casa, antes que a porta se feche atrás de nós para sempre.

Chase empertigou o corpo.

— Não antes de tudo terminar.

Zedd inclinou a cabeça, assentindo, e apressou o passo para alcançar Kahlan. Quando chegaram ao alto do planalto, encontraram um muro enorme que ia de um lado ao outro. As ameias na parte de cima estavam repletas de homens. Kahlan, sem parar nem diminuir o passo, caminhou para o portão. Com esforço, dois guardas abriram o portão enorme quando ela se aproximou. Kahlan passou pelo portão.

Chase olhou zangado para o capitão da guarda.

— Você deixa qualquer pessoa entrar?

O capitão, surpreso, respondeu: — Ela é esperada. Por Mestre Rahl.

Chase resmungou e entrou atrás dela.

— E nós querendo chegar de surpresa.

— Ninguém pega de surpresa um mago com as habilidades de Darken Rahl.

Chase segurou o braço de Zedd.

— Mago! Darken Rahl é um mago?

Zedd olhou para ele.

— Claro. Como acha que ele pode comandar a magia desse modo? Ele descende de uma longa linhagem de magos.

Chase ficou aborrecido.

— Pensei que os magos só ajudavam as pessoas, não que as dominavam.

Zedd respirou fundo.

— Antes de alguns de nós resolvermos não mais interferir nos assuntos do homem, os magos costumavam governar. Houve uma cisão, a guerra dos magos, como foi chamada. Poucos sobreviveram do outro lado e continuaram com os velhos costumes, tomando o poder, governando o povo. Darken Rahl descende diretamente dessa linhagem — a casa de Rahl. Ele nasceu com o dom. Nem todos nascem. Mas usou só para si mesmo. Darken Rahl é uma pessoa que não suporta o peso da consciência.

Subiram os degraus, Chase em silêncio, passando entre colunas caneladas e por uma abertura circundada por pedras entalhadas com desenhos de trepadeiras e folhas. Entraram nos salões. Chase virava a cabeça para todo lado, atônito com o tamanho, a beleza, o volume soberbo de pedras polidas. Kahlan passou pelo centro do enorme salão sem ver nada, o vestido fluando fluido atrás dela, o ruído leve dos passos murmurando na cavernosa distância.

Pessoas vestidas de branco passavam pelos corredores. Alguns estavam sentados nos bancos de mármore, outros, ajoelhados nas praças com uma pedra e um sino, meditavam. Todos com o mesmo sorriso perpétuo dos divinamente iludidos, a expressão de paz dos que têm certeza da sua fantasia de compreensão. A verdade era apenas uma névoa móvel para eles, para ser queimada pela luz do raciocínio distorcido. Seguidores, discípulos de Darken Rahl todos eles. A maioria não prestava atenção aos três, limitando-se a um vago inclinar da cabeça.

Zedd viu duas Mord-Siths, ostentando com orgulho sua roupa de couro vermelho, caminhando para eles. Quando viram Kahlan e os desenhos iguais aos dos relâmpagos do Con Dar no rosto dela, empalideceram, viraram rapidamente e desapareceram.

O caminho que seguiram os levou a um cruzamento de corredores enormes, formando um círculo. Janelas com vitrais no centro do teto alto deixavam entrar a luz do sol em faixas coloridas que desciam para a área cavernosa.

Kahlan parou e seus olhos verdes se voltaram para o mago.

— Por onde?

Zedd apontou para um corredor à direita. Kahlan seguiu sem hesitar.

— Como você sabe para onde devemos ir? — Chase perguntou.

— De dois modos. Primeiro, o Palácio do Povo é construído com um padrão que eu conheço, o padrão do encantamento da magia. Todo o palácio é um encantamento gigantesco destinado a proteger e manter Darken Rahl seguro, amplificando seu poder. Um encantamento feito para protegê-lo contra outros magos. Eu quase

não tenho poder algum aqui. O centro da magia é chamado Jardim da Vida. Darken Rahl deve estar lá.

Chase pareceu preocupado.

— Qual é o segundo modo?

Zedd hesitou.

— As caixas. Elas estão sem as coberturas protetoras. Eu posso senti-las. Elas estão também no Jardim da Vida. — Alguma coisa estava errada. Zedd sabia como era sentir uma das caixas e a sensação de duas era duas vezes mais forte. Contudo, o que ele sentia agora era três vezes mais forte.

O mago conduziu a Madre Confessora pelos corredores e pelas escadas. Cada corredor, cada nível tinha pedra de cor ou tipo diferente. Em alguns lugares, as colunas se erguiam por vários níveis. Balcões entre elas davam para o salão. As escadarias eram de mármore de cores diferentes. Passaram por estátuas enormes como sentinelas junto das paredes, dos dois lados. Os três andaram por várias horas, dirigindo-se ao centro do Palácio do Povo. Era impossível seguir numa linha reta, não havia nenhuma.

Finalmente chegaram a portas fechadas, com entalhes que representavam uma cena rural toda de ouro. Kahlan parou e olhou para o mago.

— Este é o lugar, minha cara. O Jardim da Vida. As caixas estão aí. Darken Rahl também deve estar.

Kahlan olhou atentamente para ele.

— Obrigada, Zedd, e a você também, Chase.

Kahlan se virou para a porta, mas Zedd pôs a mão no ombro dela e a fez olhar para ele.

— Darken Rahl tem só duas caixas. Ele logo estará morto. Sem a sua ajuda.

Os olhos dela eram fogo gelado entre os relâmpagos no rosto decidido.

— Então não posso perder tempo.

Ela empurrou a porta e entrou no Jardim da Vida.

CAPÍTULO 49



O perfume das flores os envolveu quando entraram no Jardim da Vida. Zedd percebeu imediatamente que alguma coisa estava errada. Não havia dúvida, as três caixas estavam ali. Ele tinha se enganado. Rahl tinha as três. Sentiu outra coisa também, algo fora de lugar, mas, com seu poder diminuído, não podia confiar na sensação. Com Chase logo atrás dele, Zedd caminhou perto de Kahlan pela passagem entre as árvores, passando pelas paredes cobertas de trepadeiras e de flores coloridas. Chegaram ao gramado. Kahlan parou.

No outro lado do gramado havia um círculo de areia branca. Areia de bruxo. Em toda a sua vida, Zedd jamais tinha visto tanta num único lugar. Aquela quantidade de areia valia dez reinos. Pontinhos de luz prismática se refletiram nele. Com temor crescente, Zedd tentou imaginar para que Rahl precisava de tanta areia de feiticeiro, o que ele fazia com ela. Era difícil para Zedd desviar os olhos da atração da areia.

Além da areia, havia um altar de sacrifícios. Sobre ele, as três caixas de Orden. Zedd sentiu como se seu coração tivesse perdido uma batida. As três caixas estavam sem a cobertura protetora. As três eram negras como a meia-noite.

À frente das caixas, de costas para eles, estava Darken Rahl. Zedd ficou furioso quando viu o homem que matara Richard. A luz do sol que entrava pela clarabóia de vitrais destacava a brancura do manto e o ouro do cabelo louro, fazendo-os cintilar. Rahl olhava para as caixas, seu prêmio.

Zedd sentiu o rosto em fogo. Como Rahl tinha encontrado a última caixa? Como a tinha conseguido? Descartou as perguntas,

eram irrelevantes. A questão era o que fazer agora. Com as três, Rahl podia abrir uma. Zedd viu Kahlan olhando para Darken Rahl. Se ela pudesse realmente tocá-lo com seu poder, estariam salvos, mas Zedd duvidava de que ela tivesse o poder necessário. Naquele lugar, especialmente naquela sala, Zedd sentiu que seu poder era praticamente inútil. O lugar todo era uma magia gigantesca contra qualquer mago que não fosse Rahl. Se Darken Rahl tinha de ser detido, Kahlan era a única que podia fazer isso. Ele sentiu a Raiva de Sangue emanando dela, a fúria escaldante.

Kahlan atravessou o gramado. Zedd e Chase a seguiram, mas, quando tinham quase alcançado a areia no outro lado, Rahl se virou para eles e pôs a mão no peito do mago.

— Vocês dois esperem aqui.

Zedd sentiu a fúria nos olhos dela e compreendeu, porque também a sentia. Ele também sentia a dor de ter perdido Richard.

Quando Zedd ergueu a cabeça, estava olhando nos olhos azuis de Darken Rahl. Ficaram assim por um momento. Rahl olhou então para Kahlan, que dava a volta no círculo de areia, perfeitamente calma.

Chase murmurou para Zedd:

— O que vamos fazer se não der certo?

— Vamos morrer.

As esperanças de Zedd renasceram quando viu o alarme no rosto de Darken Rahl. Alarme e medo quando viu Kahlan pintada com o Con Dar. Zedd sorriu. Darken Rahl não esperava por isso e pareceu assustado.

O alarme se transformou em ação. Quando Kahlan se aproximou, Darken Rahl rapidamente desembainhou a Espada da Verdade. A lâmina sibilou no ar e ficou branca. Ele a segurou com o braço estendido, detendo Kahlan com a ponta.

Estavam muito perto, não podiam mais ser detidos. Zedd teve de ajudá-la a usar a única coisa que podia salvá-los. Reunindo rodas as suas forças, que não eram tantas quanto queria, Zedd lançou um relâmpago por cima do círculo de areia. Usou todo o seu poder nisso. O relâmpago azul se chocou contra a espada e a tirou das mãos de Darken Rahl. A espada voou no ar e caiu longe de todos.

Darken Rahl gritou alguma coisa para Zedd, depois se voltou para Kahlan, falando com ela, mas nenhum dos dois pôde entender o que ele dizia.

Darken Rahl recuou quando Kahlan avançou para ele. Bateu com as costas no altar e não era mais possível recuar. Passou os dedos no cabelo quando Kahlan parou à frente dele.

O sorriso de Zedd desapareceu. Alguma coisa estava errada. O modo com que Rahl passou a mão no cabelo despertou sua memória.

A Madre Confessora estendeu o braço e segurou o pescoço de Darken Rahl.

— Isto é por Richard.

Zedd arregalou os olhos. Sentiu o sangue gelar. Compreendeu o que estava errado.

Aquele não era Darken Rahl.

Zedd gritou.

— Kahlan, não! Pare! Esse é...

Ouviram o impacto no ar, o trovão sem som. As folhas das árvores estremeceram. A relva ondulou, voltando-se para fora.

—... Richard. — Tarde demais, o mago percebeu. A dor tomou conta dele.

— Senhora — murmurou ele, caindo de joelhos na frente dela.

Zedd ficou paralisado. O desespero esmagou a alegria de ver Richard vivo. Uma porta coberta por trepadeiras se abriu. O verdadeiro Darken Rahl apareceu, acompanhado por Michael e dois guardas enormes. Kahlan piscou os olhos, confusa.

A teia inimiga estremeceu e, no brilho da luz fraca, o que era Darken Rahl voltou a ser quem era realmente: Richard.

Horrorizada, Kahlan recuou. O poder do Con Dar vacilou e desapareceu. Kahlan gritou, angustiada com o que acabava de fazer.

Os dois guardas ficaram atrás dela. Chase estendeu a mão para a espada. Foi imobilizado antes que sua mão a alcançasse, Zedd ergueu as mãos mas não havia mais poder algum. Nada aconteceu. Ele correu para eles, mas antes que pudesse dar dois passos, colidiu contra a parede invisível. Estava preso nela, como numa cela de pedra. Ficou furioso com a própria estupidez.

Vendo o que tinha feito, Kahlan tirou a faca do cinto de um dos guardas. Com um grito de angústia, ela a segurou com as duas mãos, para se matar.

Michael a segurou por trás, tirou a faca e encostou no pescoço dela. Richard se lançou com fúria contra o irmão, mas chocou-se contra uma parede invisível. Kahlan tinha gasto toda a energia no Con Dar e escava fraca demais para resistir. Tudo que podia fazer era chorar. Um dos guardas a amordaçou para evitar que sequer murmurasse o nome de Richard.

Richard, de joelhos, caiu contra Darken Rahl, segurando o manto dele, e implorou:

— Não faça mal a ela! Por favor! Não a machuque!

Darken Rahl pôs a mão no ombro dele.

— Estou contente por você ter voltado, Richard. Achei que voltaria. Estou feliz por ter decidido me ajudar. Admiro sua dedicação aos seus amigos.

Zedd ficou perplexo. Que ajuda Richard podia dar a Darken Rahl?

— Por favor — pediu Richard, chorando —, não faça mal a ela.

— Muito bem, isso agora depende inteiramente de você. — Tirou as mãos de Richard do seu manto.

— Qualquer coisa. Eu faço qualquer coisa. Mas não a machuque.

Darken Rahl sorriu. Molhou com a língua as pontas dos dedos. Passou a outra mão na cabeça de Richard.

— Sinto que tenha de ser deste modo, Richard. Sinto de verdade. Seria um prazer ter você por perto como era antes. Embora você não perceba, nós dois somos muito parecidos. Mas temo que você tenha sido vítima da Primeira Regra do Mago.

— Não faça mal à Senhora Kahlan — exclamou Richard —, por favor!

— Se você fizer o que eu mandar, cumprirei o que prometi e ela será bem tratada. Talvez eu até o transforme em alguma coisa agradável, alguma coisa que você queira ser, talvez um cãozinho de colo. Posso até deixar que durma no nosso quarto para ver que cumpra minha palavra. Talvez até dê seu nome ao meu filho, por

— você ter me ajudado. Gostaria disso? Richard Rahl. Um tanto irônico, não acha?

— Faça o que quiser comigo mas, por favor, não machuque a Senhora Kahlan. Diga o que quer que eu faça, por favor.

Darken Rahl bateu de leve na cabeça de Richard.

— Logo, meu filho, logo. Espere aqui.

Darken Rahl deixou Richard de joelhos e deu a volta no círculo de areia, aproximando-se de Zedd. Os olhos azuis fixaram-se nos do velho homem. Zedd se sentiu completamente vazio.

Rahl parou à frente dele e molhou os dedos com a língua, passando-os na sobrancelha. — Qual o seu nome, velho?

Zedd olhou para ele, sem mais nenhuma esperança.

— Zeddicus Zu’l Zorander. — Levantou o queixo. — Fui eu quem matou seu pai.

Darken Rahl inclinou a cabeça, assentindo.

— E sabe que seu fogo de mago também me queimou? Sabe que quase me matou quando eu era ainda criança? E que passei meses em agonia? E que até hoje tenho cicatrizes por causa do que você fez, tanto externas quanto internas?

— Lamento ter ferido uma criança, não importa qual. Mas, nesse caso, eu diria que foi uma punição prematura.

A expressão de Rahl continuou agradável, com a sugestão de um sorriso.

— Vamos passar um longo tempo juntos, você e eu. Vou lhe ensinar a dor que passei e muito mais. Você saberá como é.

Havia amargura nos olhos de Zedd.

— Nenhuma dor pode se igualar a que já me fez sentir.

Darken Rahl molhou as pontas dos dedos e deu as costas a Zedd.

— Veremos.

Zedd indefeso e frustrado, viu Darken Rahl parar outra vez na frente de Richard.

— Richard! — gritou ele. — Não o ajude! Kahlan prefere morrer a ver você ajudar Darken Rahl!

Richard olhou inexpressivamente para o mago antes de erguer os olhos para Darken Rahl.

— Faço qualquer coisa, se você não a machucar.

Darken Rahl fez sinal para Richard se levantar.

— Tem minha palavra, meu filho. Se fizer o que eu quero. — Richard assentiu com a cabeça. — Recite o *Livro das Sombras Contadas*.

Zedd estremeceu, Richard se voltou para Kahlan.

— O que devo fazer, senhora?

Kahlan lutava contra Michael, contra a faca no seu pescoço, seus gritos abafados pela mordada.

A voz de Rahl era calma e suave.

— Recite o *Livro das Sombras Contadas*, Richard, ou Michael começará a cortar os dedos dela, um a um. Quanto mais tempo você ficar em silêncio, mais dedos ele cortará.

Richard em pânico, olhou para Rahl.

— *A verificação da verdade das palavras do Livro das Sombras Contadas, quando ditas por outra pessoa e não lidas por aquele que comanda as caixas, só pode ser garantida pelo uso de uma Confessora.*

Zedd desabou no chão. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Ouvindo Richard recitar o livro, sabia que era verdade, reconheceu a sintaxe exclusiva de um livro de magia. Richard não podia estar inventando. Era o *Livro das Sombras Contadas*. Zedd não tinha forças para sequer imaginar como Richard sabia.

O mundo que eles conheciam estava no fim. Era o primeiro dia do governo de Rahl. Tudo estava perdido. Darken Rahl era vitorioso. O mundo lhe pertencia.

Zedd ouvia, atordoado. Algumas das palavras eram mágicas e só quem tivesse o dom podia guardá-las na memória, a magia apagaria todo o resto quando certas palavras fossem pronunciadas. Proteção contra circunstâncias inesperadas. Proteção contra qualquer pessoa que conseguisse se apossar da magia do livro. O fato de Richard poder citar era prova de que ele nascera com o dom. Nascera da e para a magia. Por mais que Richard detestasse magia, ele era mágico, como as profecias prediziam.

Zedd lamentou as coisas que tinha feito. Lamentou tentar proteger Richard das forças que procurariam usá-lo se soubessem

quem ele era. Os que nasciam com o dom eram sempre vulneráveis quando jovens. Darken Rahl era prova disso. Zedd deliberadamente tinha resolvido não ensinar a Richard, para evitar que aquelas forças soubessem quem ele era. Zedd sempre teve medo de que Richard tivesse o dom, mas esperava que ele crescesse antes que o dom se manifestasse e então Zedd teria tempo de lhe ensinar, quando tivesse idade suficiente. E antes que as forças pudessem matá-lo. Um esforço inútil, que não tinha levado a um bom fim. Zedd sempre soube que Richard tinha o dom, que era uma pessoa especial. Todos que conheciam Richard sabiam que ele era especial. Raro. A marca da magia.

Zedd chorou, lembrando o tempo passado com Richard. Foram bons anos. Os melhores da sua vida. Os anos longe da magia. Ter alguém que o amava sem medo e só por ele mesmo. Ter um amigo.

Richard recitou o livro sem hesitar, sem nenhum erro. Zedd se admirou por ele lembrar com tanta perfeição e surpreendeu-se sentindo orgulho, mas logo desejou que Richard não fosse tão talentoso. Grande parte do que ele recitou foi sobre coisas já feitas, como remover a cobertura das caixas, mas Darken Rahl não o deteve nem apressou, com medo de perder alguma coisa. Deixou Richard recitar no próprio tempo, ouvindo atentamente, em silêncio. Ocasionalmente Rahl o fazia repetir uma parte, para ter certeza, e ouvia absorto a descrição dos ângulos do sol, das nuvens, dos padrões dos ventos.

A tarde passou e Richard continuou recitando, Rahl à frente dele, ouvindo, Michael com a faca no pescoço de Kahlan, os dois guardas segurando os braços dela. Chase paralisado, a mão erguida para a espada e Zedd sentado no chão, condenado, na sua prisão invisível. Zedd percebeu que a abertura das caixas ia demorar mais do que tinha pensado. Levaria a noite toda. Encantamentos precisavam ser desenhados. Por isso Darken Rahl precisava de tanta areia de feiticeiro. As caixas deviam ser dispostas de modo que o primeiro raio de sol do inverno as tocasse, determinando sua posição de acordo com a sombra que desenhavam.

Cada caixa, embora as três parecessem iguais, desenhava uma sombra diferente. À medida que o sol descia no céu, os dedos das

sombras se estendiam de cada caixa. Uma delas lançava um único dedo de sombra, outra lançava dois e a terceira três. Agora ele sabia por que se chamava o *Livro das sombras contadas*.

Em determinadas partes do livro, Darken Rahl fazia Richard parar enquanto encantamentos eram desenhados na areia de feiticeiro. Alguns deles tinham nomes que Zedd nunca tinha ouvido. Mas Rahl, sim. Ele desenhava sem hesitar. Quando a noite chegou, ele acendeu archotes em volta da areia. A luz dos archotes, desenhava os encantamentos à medida que eram citados. Todos ficaram em silêncio, vendo Rahl desenhar cuidadosamente na areia. Zedd ficou impressionado com a habilidade dele para desenhar os encantamentos e mais do que um pouco preocupado vendo runas do mundo subterrâneo.

Os desenhos geométricos eram complexos e Zedd sabia que deviam ser feitos sem erro e na ordem certa, cada linha desenhada no momento exato, na seqüência exata. Não podiam ser corrigidos nem apagados ou recomeçados, se houvesse erro. Um engano significava morte.

Zedd conhecia magos que passavam anos estudando um encantamento antes de tentar desenhá-lo na areia do feiticeiro, temendo cometer um erro fatal Darken Rahl não parecia ter o menor problema. Sua mão firme movia-se com precisão. Zedd jamais rinha visto um mago com tanto talento. Pelo menos, pensou amargamente, seriam mortos pelo melhor. Não pôde deixar de admirar o nível de domínio do assunto. Era o maior nível de proficiência que jamais tinha visto.

Tudo aquilo tinha como único fim dizer qual a caixa que Rahl queria. Ele podia abrir uma de cada vez, o livro dizia. Zedd sabia, por outros livros de instruções, que todo aquele esforço era uma precaução contra o uso fácil da magia. Ninguém ia simplesmente decidir que era mestre do mundo e aprender isso num livro de magia. Por mais que soubesse, Zedd não tinha o conhecimento necessário para seguir as instruções. Darken Rahl tinha estudado para aquele momento durante quase toda a vida. Provavelmente o pai começara a instruí-lo quando ele era jovem. Zedd desejou que Darken Rahl tivesse morrido também no fogo do mago que matou

seu pai. Pensou nisso por um momento e depois descartou o pensamento.

De madrugada, os encantamentos já desenhados, as caixas foram postas sobre eles. Cada caixa, identificada pelo número de sombras que lançava, era posta sobre determinado desenho. Encantamentos eram lançados. Quando os raios do sol do segundo dia de inverno iluminaram a pedra, as caixas foram levadas para o altar outra vez. Admirado, Zedd viu que a caixa que na véspera lançara certo número de sombras, agora lançava um número diferente — outra precaução. Conforme mandava o livro, as caixas foram dispostas outra vez, a que lançava só uma sombra à esquerda, a que lançava duas no centro e a que lançava três à direita.

Darken Rahl olhou atentamente para as três caixas.

— Continue.

Sem hesitar, Richard continuou:

— *Uma vez dispostas desse modo, Orden está pronta para ser comandada. Enquanto uma sombra é insuficiente para adquirir o poder de manter a vida do jogador e três mais do que pode ser tolerado por qualquer tipo de vida, alcança-se o equilíbrio abrindo a caixa das duas sombras; uma sombra para você e uma para o mundo que será seu para comandar pelo poder de Orden. Um mundo sob um comando é marcado pela caixa com as duas sombras. Abra essa caixa para ganhar sua recompensa.*

Darken Rahl virou lentamente o rosto para Richard.

— Continue.

Richard piscou os olhos.

— Faça sua escolha. Este é o fim.

— Deve haver mais.

— Não. Mestre Rahl. Faça sua escolha. É o fim, são as últimas palavras.

Rahl agarrou Richard pelo pescoço.

— Você decorou tudo? O livro todo?

— Sim, Mestre Rahl.

Rahl ficou rubro.

— Não pode estar certo! Não é a caixa certa! A caixa com as duas sombras é a que me matará! Eu já disse, isso eu sei! Aprendi qual delas me matará.

— Eu disse cada palavra verdadeira. Cada palavra.

Darken Rahl largou o pescoço dele.

— Não acredito. — Olhou para Michael. — Corte a garganta dela.

Richard gritou e caiu de joelhos.

— Por favor! O senhor me deu sua palavra! Disse que se eu recitasse o livro não faria mal a ela! Por favor! Eu disse a verdade!

Rahl levantou a mão detendo Michael, sem tirar os olhos de Richard.

— Não acredito em você. Se não me disser a verdade agora mesmo, eu a corto pelo meio. Mato sua senhora!

— Não! — gritou Richard. — Eu disse a verdade! Não posso dizer nada diferente. Seria uma mentira!

— Última chance, Richard. Diga a verdade ou ela morre.

— Não posso dizer nada diferente — exclamou Richard. — Qualquer coisa diferente seria uma mentira. Tudo que eu disse é verdade.

Zedd se levantou. Olhou para a faca no pescoço de Kahlan, para os grandes olhos verdes; olhou para Darken Rahl. Evidentemente Rahl tinha, conseguido uma parte das informações de outra fonte que não o Livro das sombras contadas e essas informações eram diferentes das contadas no livro, o que não era incomum. Certamente Darken Rahl devia saber disso. Quando havia um conflito, as informações no livro de instruções para aquela magia específica devia sempre ter precedência. Fazer o contrário era sempre fatal. Era uma salvaguarda para proteger a magia. Zedd esperava, sem esperança, que a arrogância de Rahl o fizesse agir contra o livro.

O sorriso voltou aos lábios de Darken Rahl. Molhou as pontas dos dedos com a língua e passou nas sobrancelhas.

— Muito bem, Richard. Eu precisava ter certeza de que você estava dizendo a verdade.

— Eu estava mesmo, juro pela vida da Senhora Kahlan. Cada palavra que eu disse é a verdade.

Rahl fez um sinal para Michael, que desencostou a faca do pescoço de Kahlan. Ela fechou os olhos e as lágrimas lhe desceram no rosto. Rahl se voltou para as caixas, com um longo suspiro.

— Finalmente — murmurou ele. — A magia de Orden é minha.

Zedd não conseguiu ver, mas sabia que Darken Rahl acabava de levantar a tampa da caixa do meio com as duas sombras, por causa da luz que saiu dela. Luz dourada subiu no ar e, como se fosse um grande peso, pousou sobre Mestre Rahl, envolvendo-o no brilho dourado. Ele se virou para os outros, sorrindo. A luz acompanhou seu movimento. Ele se ergueu no ar, o bastante para tirar os pés do chão, e flutuou para o centro da areia do feiticeiro, com os braços estendidos, a luz começando a girar lentamente em volta dele. Voltou-se para Richard.

— Muito obrigado, meu filho, por ter voltado, por ajudar o Pai Rahl. Você será recompensado, como prometi. Você me entregou o que me pertence. Eu posso sentir. É maravilhoso. Posso sentir o poder.

Richard, de pé, com o rosto inexpressivo, olhou para ele. Zedd se sentou no chão outra vez. O que Richard tinha feito? Como pôde? Como pôde dar a Rahl a magia de Orden? Permitir que ele governasse o mundo? Fora tocado por uma Confessora, foi isso, não era culpa dele, não podia controlar. Tudo estava acabado. Zedd o perdoava,

Se tivesse o poder, Zedd teria criado o Fogo da Vida do Mago e posto sua vida nele. Mas ali não tinha poder, nenhum poder na presença de Mestre Rahl. Sentiu-se muito cansado, muito velho. Sabia que não teria chance de ficar muito mais velho. Darken Rahl se encarregaria disso. Mas não era por si mesmo que lamentava — era por todos os outros.

Banhado pela luz dourada, Darken Rahl se ergueu a alguns centímetros do solo, acima da areia do feiticeiro, com um sorriso satisfeito, os olhos azuis cintilando. Sua cabeça se inclinou para trás extasiada, fechou os olhos, o cabelo louro se afastando do rosto. Centelhas de luz giraram em volta dele.

A areia branca ficou dourada, cada vez mais escura, até ficar marrom. A luz que envolvia Darken Rahl ficou ambarina. Ele abaixou a cabeça, abriu os olhos e o sorriso desapareceu.

A areia de feiticeiro ficou negra. O chão tremeu.

Richard sorriu. Ele se adiantou e apanhou a Espada da Verdade; a ira da magia inundou seus olhos cinzentos. Zedd ficou de pé. A luz em volta de Darken Rahl era agora marrom-escura. Ele arregalou os olhos azuis.

Um rugido lamentoso subiu do solo. A areia negra sob os pés de Rahl se abriu. Luz violeta subiu da abertura, envolvendo-o. Darken Rahl se contorceu dentro dela. Gritando.

Richard arfava, imóvel, observando.

A prisão invisível em volta de Zedd se partiu. A mão de Chase bruscamente completou o gesto de pegar a espada e a desembainhou, correndo para Kahlan. Os dois guardas soltaram os braços dela e foram ao encontro dele.

Michael empalideceu. Chocado, viu Chase derrubar um dos homens com um golpe da espada. Kahlan deu uma cotovelada na barriga de Michael e lhe arrancou a faca da mão. Desarmado, Michael olhou em volta virando a cabeça rapidamente, os olhos apavorados, e correu para uma passagem entre as árvores.

Chase e o segundo guarda caíram no chão, os dois rosnando com fúria letal, cada um procurando ganhar vantagem. O guarda gritou. Chase ficou de pé. O guarda continuo no chão. Olhou para Darken Rahl e correu atrás de Michael. Zedd viu rapidamente o vestido de Kahlan quando ela desapareceu em outra direção.

Zedd e Richard ficaram parados, como que enfeitiçados, olhando para Darken Rahl que lutava, preso nas garras da magia de Orden. Luz violeta e sombras escuras o seguravam no ar, acima do buraco negro.

— Richard! — gritou Rahl. — O que você fez?

O Seeker se aproximou do círculo de areia negra.

— Ora, só o que você pediu, Mestre Rahl — disse ele inocentemente.—Eu disse o que você queria ouvir.

— Mas era verdade! Você disse as palavras verdadeiras!

Richard inclinou a cabeça, assentindo.

— Sim, eu disse, só não disse todas. Deixei de dizer quase todo o parágrafo no fim. *Tenha cuidado. O efeito das caixas é fluido. Muda de acordo com a intenção. Para ser Mestre de tudo, para poder ajudar os outros, mude uma caixa para a direita. Para ser Mestre de tudo, para que todos lhe obedeam, mude uma caixa para a esquerda. Faça sua escolha.* Sua informação estava certa: a caixa com duas sombras era a que o mataria.

— Mas você tinha de fazer o que eu mandei! Você foi tocado pelo poder de uma Confessora!

Richard sorriu.

— Fui mesmo? Primeira Regra do Mago. É a primeira porque é a mais importante. Você devia estar mais bem protegido contra ela. Esse é o preço da arrogância. Eu aceito minha vulnerabilidade, você não.

“Não gostei das escolhas que você me apresentou. Eu não poderia ganhar com suas regras, por isso fiz outras. O livro dizia que você tinha de conferir a verdade usando uma Confessora. Você só pensou que tinha feito isso. Primeira Regra do Mago. Você acreditou porque queria acreditar. Eu o venci.”

— Não pode ser! Não é possível! Como você podia saber como fazer isso?

— Você me ensinou: nada, incluindo a magia, é unidimensional. Veja o todo, você disse; nada que existe tem só um lado. Olhe para o todo. — Richard balançou a cabeça lentamente. — Você nunca devia ter me ensinado uma coisa que não queria que eu soubesse. Quando me ensinam uma coisa, ela é minha, para ser usada. Obrigado, Pai Rahl, por me ensinar a coisa mais importante que jamais vou aprender — como amar Kahlan.

O rosto de Darken Rahl se contraiu de dor. Ele riu e gritou.

Richard olhou em volta.

— Onde está Kahlan?

Zedd apontou um dedo comprido.

— Eu a vi sair por ali.

Richard embainhou a espada e olhou para a figura presa nas sombras e na luz.

— Adeus, Pai Rahl. Espero que morra sem que eu precise ver.

— Richard! — berrou Rahl, vendo o Seeker se afastar. — Richard!

Zedd ficou sozinho com Darken Rahl. Olhou para os dedos transparentes de fumaça entrelaçados em volta do manto branco, prendendo os braços de Rahl dos dois lados do corpo. Zedd chegou mais perto, os olhos azuis se voltaram para o velho mago.

— Zeddicus Zul Zorander, você venceu grande parte, mas não todo.

— Você continua arrogante até o fim?

Rahl sorriu.

— Diga-me quem é ele.

Zedd deu de ombros.

— O Seeker.

Rahl riu, lutando contra a dor. Os olhos azuis se voltaram outra vez para Zedd.

— Ele é seu filho, não é? Pelo menos fui vencido pelo sangue de um mago. Você é o pai dele.

Zedd balançou a cabeça, com um sorriso triste.

— Ele é meu neto.

— Está mentindo! Por que pôr uma teia em volta dele, para esconder a identidade do pai, se não é você?

— Teci a teia porque não queria que ele soubesse quem foi o desgraçado de olhos azuis que violentou sua mãe e lhe deu a vida.

Darken Rahl arregalou os olhos.

— Sua filha foi morta. Meu pai me disse.

— Um pequeno truque, para que ela ficasse a salvo. — O rosto de Zedd se anuviou. — Embora sem saber quem ela era, você a magoou. Sem intenção, também deu felicidade a ela. Você deu Richard a ela.

— Sou o pai dele? — murmurou Rahl.

— Quando você violentou minha filha, eu sabia que não podia fazer nada contra você e meu primeiro pensamento foi consolá-la e protegê-la, por isso a levei para Westland. Ela conheceu um jovem viúvo com um filho pequeno. George Cypher era um homem bondoso. Fiquei orgulhoso de ter George como marido de minha filha. Ele amava Richard como se fosse seu filho, mas sabia a

verdade, exceto a meu respeito, sobre quem eu era. Isso foi ocultado pela teia.

“Eu podia odiar Richard pelos crimes do pai, mas preferi amá-lo por ele mesmo. Ele cresceu como um homem e tanto, você não acha? Você foi derrotado pelo herdeiro que tanto queria. Um herdeiro nascido com o dom. Isso é raro. Richard é o verdadeiro Seeker. Do sangue dos Rahl, ele tem a raiva, a capacidade para a violência. Mas isso é compensado pelo sangue dos Zorander, com a capacidade de amar, compreender e perdoar.”

Darken Rahl estremeceu nas sombras da magia de Orden. Contorceu-se de dor quando ficou transparente como fumaça.

— Imagine as linhagens Zorander e Rahl unidas. Mas ele ainda é meu herdeiro. De certo modo — falou de com esforço —, eu venci.

Zedd balançou a cabeça.

— Você perdeu, de muitos modos.

Vapor, fumaça, sombras e luz giravam, rugindo. O solo tremeu violentamente. A areia do feiticeiro, agora negra como carvão, foi sugada pelo vórtice. Rodou sobre o abismo; os som do mundo da vida e do mundo subterrâneo confundiram-se com um uivo terrível.

A voz de Darken Rahl chegou oca, vazia, morta.

— Leia as profecias, velho. As coisas podem não ser ainda tão definitivas como você pensa. Eu sou um agente.

Um ponto de luz cegante se acendeu no centro da massa que girava. Zedd protegeu os olhos. Raios de luz branca, quente, subiram no ar, saíram pelas janelas lá no alto, para o céu e para baixo, para a escuridão do abismo. Ouviu-se um grito estridente. O ar estremeceu com o calor, com a luz e com o som. Um flash circundou tudo de luz branca e então se fez silêncio.

Cautelosamente, Zedd tirou as mãos dos olhos. Tudo tinha desaparecido. O sol de inverno aquecia o chão onde momentos antes estava o abismo negro. A areia do feiticeiro desapareceu. O círculo de terra que ela cobria estava fechado. A ruptura entre os dois mundos se fechou. Pelo menos, Zedd esperava que tivesse se fechado.

O mago sentiu o poder voltar ao seu corpo. Os que tinham desenhado o feitiço, contra ele tinham desaparecido. O efeito se foi

com eles.

De pé, na frente do altar, estendeu os braços para a luz do sol e fechou os olhos. — Eu retiro as teias. Sou quem eu era antes, Zeddicus Zu'l Zorander, Mago da Primeira Ordem. Que todos saibam mais uma vez. E o resto também.

O povo de D'Hara era ligado à casa de Rahl, uma ligação forjada em magia havia muito tempo por aqueles que governariam, uma ligação que acorrentava o povo de D'Hara à casa de Rahl e a casa de Rahl ao povo. Com as teias removidas, essa ligação com o dom seria sentida por muitos e isso faria com que todos soubessem que Richard era agora Mestre Rahl.

Zedd teria de contar a Richard que Darken Rahl era seu pai, mas não nesse dia. Primeiro precisava encontrar as palavras certas. Havia muita coisa para contar, mas não nesse dia.

* * *

Richard a encontrou ajoelhada na frente de um lago, na praça deserta de orações. A mordaca estava ainda em volta do seu pescoço. Kahlan chorava, o cabelo longo cascadeando sobre os ombros, o corpo inclinado para a frente, a faca nas mãos, a ponta encostada no peito. Seus ombros estremeciam com os soluços. Richard parou perto das pregas do vestido branco.

— Não faça isso — murmurou ele.

— Devo fazer. Eu amo você — gemeu Kahlan, desolada. — Eu toquei você com meu poder. Prefiro morrer a ser sua dona. E o único modo de libertá-lo. — Ela estremeceu com um soluço. — Quero que você me beije e depois me deixe sozinha. Não quero que veja.

— Não.

Kahlan ergueu os olhos para ele.

— O que você disse? — murmurou ela.

Richard pôs as mãos na cintura.

— Eu disse não. Não vou beijar você com essa coisa idiota pintada no seu rosto. Quase me matou de medo.

Os olhos verdes estavam incrédulos.

— Você não pode me negar coisa alguma, depois de ter sido tocado com meu poder.

Richard se agachou perto dela. Desamarrou a mordação. — Bem, você me mandou beijá-la — molhou a mordação na água do lago—e eu disse que não vou fazer isso com essa coisa pintada no seu rosto. — Ele começou a limpar os relâmpagos. — Então, acho que a única solução é nos livrarmos dela.

Kahlan ficou imóvel enquanto ele limpava seu rosto. Richard terminou e olhou para os grandes olhos verdes. Jogou fora a mordação e se ajoelhou na frente dela, abraçando sua cintura.

— Richard, toquei você com a magia. Eu senti. Eu ouvi. Eu vi. Como o poder não o dominou?

— Porque estou protegido.

— Protegido? Como?

— Por meu amor por você. Compreendi que amo você mais do que a própria vida e que preferia me entregar ao seu poder a viver sem você. Nada que a magia pudesse fazer comigo podia ser pior do que viver sem você. Eu estava disposto a dar tudo a você. Ofereci ao poder tudo que tenho. Todo o meu amor por você. Quando percebi o quanto a amava, estava disposto a ser seu de qualquer modo e compreendi que a magia não podia fazer mal a coisa alguma. Já sou devotado a você, não preciso da magia para isso. Eu estava protegido porque já tinha sido tocado por seu amor. Tinha certeza absoluta de que você sentia o mesmo e não temia o que podia acontecer. Se eu tivesse dúvida, a magia teria entrado por essa fenda e me dominado, mas eu não tinha dúvidas. Meu amor por você é harmonioso e definitivo. Meu amor por você me protegeu da magia.

Com seu sorriso especial, Kahlan disse: — Você se sentia assim? Não rinha dúvida?

Richard sorriu também.

— Bem, por um momento, quando vi aqueles relâmpagos no seu rosto, tenho de admitir que fiquei preocupado. Eu não sabia o que eram, o que significavam. Desembainhei a espada, tentando ganhar tempo para pensar. Mas então percebi que não importava, você era Kahlan e eu a amava. Eu queria que você me tocasse mais

do que tudo, para provar meu amor e minha devoção, mas tive de fingir para Darken Rahl.

— Esses símbolos significam que eu também dei tudo a você — murmurou ela.

Kahlan passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou, os dois ajoelhados no chão de ladrilhos, à frente do pequeno lago da devoção, muito junto um do outro. Richard a beijou suavemente nos lábios, como tinha sonhado milhares de vezes. Ele a beijou até ficar tonto e então beijou mais ainda, sem se importar com o espanto das pessoas que passavam.

Richard não tinha idéia de quanto tempo ficaram ali ajoelhados, abraçados, mas finalmente resolveu que era melhor procurar Zedd. Com o braço dela em volta da sua cintura, a cabeça encostada nele, voltaram para o Jardim da Vida, beijando-se outra vez antes de entrar.

Zedd estava com uma das mãos na cintura, passando a outra no queixo, examinando o altar e o que havia atrás dele. Kahlan ajoelhou-se na frente dele, segurou as mãos do mago e as beijou.

— Zedd, ele me ama! Ele descobriu um modo de fazer com que dê certo com a magia. Havia um modo e ele descobriu.

Zedd olhou para ela com a testa franzida.

— Bem, demorou um bocado...

Kahlan se levantou.

— Você também sabia?

Zedd ficou indignado com a pergunta.

— Sou um Mago da Primeira Ordem. É claro que sabia.

— E nunca nos disse?

Zedd sorriu.

— Se eu tivesse contado, minha cara, não teria funcionado. O conhecimento prévio teria provocado alguma dúvida. Isso significaria fracasso. Para ser o verdadeiro amor de uma Confessora, o compromisso deve ser total, deve ir além da magia. Sem a disposição de se entregar completamente a você, a despeito de conhecer as conseqüências, não funcionaria.

— Você parece conhecer muito o assunto — disse Kahlan, intrigada. — Nunca ouvi falar nisso. Com que frequência acontece?

Zedd coçou o queixo pensando, olhando para a janela no alto.

— Bem, só aconteceu uma vez antes, que eu saiba. — Olhou para os dois. — Mas não podem contar a ninguém, como eu não podia contar a vocês. Por maior que seja o sofrimento que pode causar, quaisquer que sejam as conseqüências, nunca podem dizer nada. Se uma só pessoa souber, isso pode ser passado adiante, destruindo para sempre as chances de outras pessoas. É uma das ironias da magia. Você tem de aceitar o fracasso antes de ter sucesso. É também um dos ônus da magia; você precisa aceitar os resultados, mesmo a morte de outros, para proteger a esperança do futuro. Egoísmo custa as vidas, as chances dos que ainda não nasceram.

— Eu prometo — disse Kahlan.

— Eu também — confirmou Richard. — Zedd, acabou? Quero dizer, Darken Rahl está morto?

Zedd olhou Richard com uma expressão inesperadamente embaraçada.

— Darken Rahl está morto. — Zedd pôs a mão magra no ombro de Richard e o apertou com força. — Você entendeu tudo muito bem, Richard. Quase me matou de medo. Nunca vi um desempenho igual.

Richard sorriu orgulhoso.

— Só um pequeno truque.

Zedd inclinou a cabeça assentindo, o cabelo voando para todos os lados.

— Foi mais do que um truque, meu rapaz. E mais do que pequeno.

Todos se voltaram quando ouviram que alguém se aproximava. Chase entrou arrastando Michael pela nuca. A sujeira na camisa e na calça brancas diziam que ele não estava ali voluntariamente. Chase o empurrou para a frente de Richard.

Richard ficou muito sério quando viu o irmão. Os olhos desafiadores de Michael se ergueram para ele.

— Não vou ser tratado deste modo, irmãozinho. — Seu tom era mais condescendente do que nunca. — Você não sabe com o que interferiu, o que eu tentava fazer, como eu teria ajudado a todos,

unindo Westland a D'Hara. Você condenou o povo a um sofrimento desnecessário, que Darken Rahl podia ter evitado. Você é um tolo.

Richard pensou em tudo que tinha passado, em tudo que Zedd, Chase e Kahlan tinham passado. Pensou em todos que tinham morrido nas mãos de Rahl e no número incontável de mortos dos quais jamais saberia. No sofrimento, na crueldade, na brutalidade. Pensou em todos os tiranos aos quais fora permitido prosperar sob Darken Rahl, desde o próprio Darken Rahl até a princesa Violeta. Pensou naqueles que matara. Sentiu e lamentou todas as coisas que tivera de fazer.

O canto metálico da Espada da Verdade encheu o ar. Michael arregalou os olhos quando a ponta da lâmina lhe tocou o pescoço.

Richard se inclinou para o irmão.

— Faça a saudação do perdedor, Michael.

O rosto de Michael ficou rubro.

— Prefiro morrer.

Richard endireitou o corpo. Olhou para os olhos do irmão e afastou a espada. Controlou a raiva, tentou fazer a espada ficar branca. Não aconteceu. Ele a embainhou.

— Fico satisfeito por ver que temos uma coisa em comum, Michael. Nós dois estamos dispostos a morrer por aquilo em que acreditamos. — Olhou para a machadinha de guerra que pendia do cinto de Chase. Depois olhou para o rosto carrancudo do guarda da fronteira. — Execute-o — murmurou ele. — Leve a cabeça dele para sua guarda pessoal. Diga que ele foi executado por minha ordem, por trair Westland. Westland terá de encontrar outro Primeiro Conselheiro.

Chase agarrou Michael pelos cabelos. Michael gritou e caiu de joelhos, fazendo a saudação do perdedor.

— Richard! Por favor! Eu sou seu irmão! Não faça isso! Não deixe que ele me mate! Peço desculpas, peço perdão. Eu estava errado. Por favor, Richard, perdoe-me.

Richard olhou para o irmão de joelhos na sua frente, de mãos postas, implorando. Segurou o Agiel, sentindo a dor que ele provocava, suportando, lembrando, visualizando mentalmente a tortura.

— Darken Rahl contou a você o que ia fazer comigo. Você sabia. Sabia o que ia acontecer comigo e não se importou, porque significava vantagem para você. Michael, perdôo tudo que você fez contra mim.

Michael respirou, aliviado. O Seeker se empertigou.

— Mas não posso perdoar o que você fez aos outros. Outros tiveram soas vidas arruinadas por causa das coisas que você fez. É por esses crimes que será executado, não pelos que cometeu contra mim.

Michael gritou e chorou quando Chase o arrastou para fora da sala. Sofrendo, trêmulo, Richard viu o irmão ser levado para a execução.

Zedd pôs a mão sobre a de Richard, que segurava o Agiel.

— Largue isso, Richard.

Os pensamentos de Richard disfarçaram a dor do Agiel. Olhou para Zedd de pé à sua frente com a mão magra e nodosa sobre a sua, viu nos olhos do amigo coisas que jamais tinha visto, uma compreensão compartilhada da dor. Ele soltou o Agiel.

Kahlan olhou para o instrumento de tortura quando de caiu no peito dele.

— Richard, você precisa guardar isto?

— Por enquanto preciso. Prometi a alguém que eu matei. Alguém que me ajudou a aprender o quanto eu amo você. Darken Rahl pensou que isso me derrotaria. Em vez disso, ensinou-me a derrotá-lo. Se eu me desfizer disto agora, estarei negando o que há dentro de mim, o que eu sou.

Kahlan pôs a mão no braço dele.

— Neste momento, eu não compreendo, mas espero compreender algum dia.

Richard olhou para o Jardim da Vida, pensando na morte de Darken Rahl e na morte do seu pai. Tinha feito justiça. Lamentou por um momento quando se lembrou do pai, mas a dor se desfez quando compreendeu que tinha executado a tarefa que seu pai determinara. Seu pai podia descansar em paz. Zedd ajeitou o manto e bufou.

— Maldição! Um lugar como este deve ter alguma coisa para comer, não acha?

Richard sorriu e, com um braço em volta do ombro de Zedd e outro no ombro de Kahlan, levou-os para fora do Jardim da Vida, para um refeitório do qual se lembrava. As pessoas se sentaram às mesas como se nada tivesse mudado. Os três encontraram uma mesa no canto. Criados serviram pratos de arroz, legumes, pão preto, queijo e sopa. Surpresos, mas sorridentes vendo a rapidez com que Zedd esvaziou os pratos, eles serviram mais.

Richard experimentou o queijo e, surpreso, achou o sabor enjoativo. Jogou-o na mesa, com uma careta.

— Qual é o problema? — perguntou Zedd.

— Este deve ser o pior queijo que já comi!

Zedd cheirou e deu uma mordida no queijo.

— Nada de errado com o queijo, meu rapaz.

— Ótimo, então coma.

Zedd concordou, satisfeito. Sorrindo, Richard e Kahlan tomaram sopa com pão preto, vendo o amigo comer. Quando finalmente ele terminou, continuaram a jornada para fora do Palácio do Povo.

Quando passaram pelos corredores, os sinos, com uma longa badalada, chamaram para a oração. Intrigada, Kahlan viu todos reunidos nas praças, ajoelhados com a testa no chão, cantando. Desde que mudara as palavras da sua prece, Richard não sentia mais a necessidade de se juntar ao povo. Passaram por várias praças, todas repletas de gente que cantava. Richard se perguntou se devia fazer alguma coisa, parar com a prece, mas resolveu que já tinha feito a parte mais importante.

Saíram dos corredores cavernosos para a luz do sol de inverno, para os degraus da encosta, para o vasto pátio. Pararam e Richard ficou surpreso ao ver tanta gente reunida.

Milhares de homens se enfileiravam. À frente, na base dos degraus, estava a guarda pessoal de Michael, conhecida como Guarda Doméstica, antes de Michael mudar o nome. As cotas de malha, os escudos e as flâmulas amarelas cintilavam á luz do sol. Arras deles, estavam quase mil homens do exército de Westland.

Chase estava à frente, com os braços cruzados, olhando para os degraus. Ao lado dele, enfiada no chão, estava uma vara longa com a cabeça de Michael espetada. Richard ficou perplexo com o silêncio. Se um homem lá atrás, a mais de meio quilômetro de distância, tivesse um acesso de tosse, ele ouviria.

Com a mão nas suas costas, Zedd o fez começar a descer os degraus. A impressão de Richard foi estar sendo empurrado. Kahlan segurou seu braço, apertou-o de leve e os dois desceram. Chase olhou nos olhos de Richard quando ele se aproximou. Richard viu Rachel segurando numa perna dele com uma das mãos, com a outra segurando Sara. Siddin compartilhava a mão que segurava Sara. Quando viu Kahlan, ele soltou a mão de Rachel e correu para ela. Kahlan, rindo, tomou-o nos braços. Ele sorriu para Richard e falou alguma coisa que ele não entendeu, antes de abraçar o pescoço de Kahlan. Depois de murmurar no ouvido dele, ela o pôs no chão e segurou sua mão.

O capitão da Guarda Doméstica se adiantou.

— A Guarda Doméstica está pronta para empenhar sua lealdade a você, Richard. O comandante do exército de Westland deu um passo à frente e ficou ao lado do capitão.

— Assim como o exército de Westland.

Foi a vez de um oficial de D'Hara se adiantar.

— Bem como as forças de D'Hara.

Richard olhou para eles inexpressivamente e sentiu a raiva crescer dentro dele.

— Ninguém vai jurar lealdade a ninguém, muito menos a mim! Sou um guia florestal. Nada mais. Ponham isso na cabeça desde agora. Um guia florestal!

Richard olhou para o oceano de cabeças. Todos os olhos estavam nele. Olhou para a cabeça decepada de Michael, espetada na vara. Fechou os olhos por um momento, depois se voltou para alguns homens da Guarda Doméstica e apontou para a cabeça do irmão.

— Enterrem isso com o resto dele. — Ninguém se moveu. — Agora!

Os homens correram para a cabeça. Richard olhou para o oficial de D'Hara à sua frente. Todos esperaram.

— Avise a todos que as hostilidades cessaram. A guerra acabou. Providencie para que todas as forças sejam mandadas para casa, todos os exércitos de ocupação retirados. Espero que todos aqueles que cometeram crimes contra pessoas indefesas, seja soldado de infantaria ou general, sejam levados a julgamento e, se declarados culpados, punidos de acordo com a lei. As forças de D'Hara devem ajudar a providenciar comida para que o povo não morra de fome durante o inverno. O fogo não é mais ilegal. Se alguma das forças se recusar a obedecer a essas ordens, vocês devem resolver a questão. — Richard apontou para o comandante do exército de Westland. — Reúna suas forças e o ajude. Juntos, será mais difícil serem ignorados. — Os dois oficiais olharam para ele, espantados. Richard se inclinou para eles. — Nada será feito se não começarem agora.

Os dois homens o saudaram, levando a mão fechada ao peito e curvando-se.

O oficial de D'Hara olhou para Richard ainda com a mão fechada no peito.

— Suas ordens serão cumpridas, Mestre Rahl.

Richard olhou para ele surpreso, depois deixou passar. O homem, pensou ele, estava acostumado a dizer Mestre Rahl.

Richard reconheceu um guarda. Era o capitão que estava no portão quando ele saiu do Palácio do Povo. O que lhe tinha oferecido um cavalo e avisado sobre o dragão. Richard fez sinal para ele se adiantar. O homem obedeceu e ficou na posição de sentido, parecendo um pouco preocupado.

— Tenho um trabalho para você. — O homem esperou em silêncio. — Acho que você é bom nisso. Quero que reúna todas as Mord-Siths. Todas.

— Sim, senhor. — Ele empalideceu. — Serão executadas antes do pôr-do-sol.

— Não! Não quero que sejam executadas!

O homem ficou confuso.

— Então, o que devo fazer?

— Deve destruir todos os Agiéis. Todos eles. Nunca mais quero ver um Agiel. — Segurou o que tinha pendurado no pescoço. — Exceto este. Depois vai arranjar novas roupas para elas. Queime todas as que elas usam agora. Elas devem ser tratadas com respeito e bondade.

O homem arregalou os olhos.

— Bondade — murmurou ele — e respeito?

— Foi o que eu disse. Providencie para elas empregos em que possam ajudar o povo. Devem aprender a tratar as pessoas do mesmo modo com que são tratadas: com bondade e respeito. Não sei como você vai fazer isso. Terá de inventar um meio. Você parece um homem inteligente. Está bem?

O homem franziu a testa.

— E se elas se recusarem a mudar?

Richard olhou carrancudo para o homem.

— Diga que, se preferirem continuar nesse caminho, em vez de tomar outro, então vão encontrar o Seeker com a espada branca.

O guarda sorriu, saudou-o com a mão sobre o coração e se curvou elegantemente. Zedd se aproximou de Richard.

— Richard, o Agiel é mágico, não pode ser simplesmente destruído.

— Então ajude-o, Zedd. Ajude o comandante a destruí-los, trancá-los em algum lugar ou coisa assim. Está bem? Não quero nunca mais ser torturado por um Agiel.

Zedd sorriu e inclinou a cabeça, assentindo.

— Será um prazer ajudar nisso, meu rapaz. — Hesitou, passando o dedo no queixo — Richard, você acha que isso vai dar cerco, enviar as forças para casa e mandar o exercito de Westland ajudá-los?

— Provavelmente não. Mas não se pode prever nada com sua Primeira Regra; isso servirá para ganhar tempo até que todos estejam em casa e você possa levantar a fronteira outra vez. Então estaremos a salvo novamente. E terminaremos com a magia.

Um rugido soou no céu. Richard olhou para cima e viu Scarlet voando em círculos. O dragão vermelho mergulhou numa espiral no ar frio. Homens recuaram, gritando e espalharam quando viram que

ela ia pousar na base dos degraus. Scarlet desceu na frente de Richard, Kahlan, Zedd, Chase e das duas crianças.

— Richard! Richard! — chamou Scarlet, pulando de um pé para o outro, as asas abertas, estremecendo de satisfação. A cabeça vermelha enorme virou para ele. — Meu ovo chocou! É um belo dragãozinho, como você disse que seria! Quero que você o veja! Ele é muito forte. Aposto que em um mês estará voando. — Scarlet de repente notou todos aqueles homens. Olhou em volta, examinando-os. Os olhos grandes e amarelos piscaram e ela se virou outra vez para Richard. — Algum problema por aqui? Precisamos de um pouco de fogo de dragão?

— Não — disse Richard. — Tudo está ótimo.

— Muito bem, então suba que eu o levo para ver meu pequenino.

Richard passou o braço pela cintura de Kahlan.

— Se você levar Kahlan também, terei prazer em ir.

Scarlet olhou Kahlan de cima a baixo.

— Se ela está com você, é bem-vinda.

— Richard — disse Kahlan —, e Siddin? Weselan e Savidlin devem estar preocupados. — Olhou nos olhos dele e murmurou. — E temos um assunto inacabado na casa dos espíritos. Acredito que lá deve haver certa maçã que precisamos terminar de comer. — Sorriu e apertou a cintura dele com o braço. O sorriso o fez prender a respiração.

Com dificuldade, Richard desviou os olhos para Scarlet.

— Este pequenino foi roubado do Povo da Lama quando você levou Darken Rahl ao povoado deles. Sua mãe deve estar tão ansiosa para vê-lo quanto você estava ansiosa para recuperar o ovo. Depois de vermos o dragãozinho, pode nos levar até lá?

O grande olho amarelo se voltou para Siddin.

— Bem, creio que posso compreender a preocupação da mãe dele. Subam.

Zedd se adiantou com as mãos na cintura e disse, incrédulo:

— Você vai deixar um homem subir nas suas costas? Um dragão vermelho? Vai levá-lo aonde ele quer ir?

Scarlet bufou fumaça no mago, obrigando-o a recuar.

— Um homem qualquer, não. Este é o Seeker. Ele manda em mim. Eu o levaria ao mundo subterrâneo e o traria de volta, se ele quisesse.

Richard segurou nos esporões e subiu nos ombros de Scarlet quando ela abaixou o corpo. Kahlan deu Siddin a ele. Richard o pôs no colo e segurou a mão de Kahlan quando ela passou a perna para cima de Scarlet, atrás dele. Segurou na cintura de Richard, as mãos no peito dele, a cabeça no ombro, apertando de leve.

Richard se inclinou um pouco para Zedd.

— Tenha cuidado, meu amigo — sorriu. — O Homem Pássaro ficará feliz em saber que finalmente resolvi tomar por esposa uma mulher do seu povo. Onde posso encontrar você?

Zedd levantou o braço fino e bateu de leve no tornozelo de Richard.

— Estarei em Aydindril. Venha me ver quando estiver pronto.

Richard olhou para ele quase ameaçadoramente.

— E então teremos uma conversa. Uma longa conversa.

Zedd sorriu.

— Sim, espero que sim.

Richard sorriu para Rachel, acenou para Chase e bateu numa escama de Scarlet.

— Para o céu, minha amiga vermelha!

Scarlet soltou um rugido de fogo quando levantou vôo. Os sonhos e a alegria de Richard alçaram vôo com ela.

* * *

Zedd ficou olhando o dragão diminuir de tamanho no céu e guardou suas preocupações para si mesmo. Chase passou a mão na cabeça de Rachel, depois cruzou os braços e ergueu uma sobrelanceira para Zedd.

— Para um guia florestal, ele dá um montão de ordens...

Zedd riu.

— Tem razão.

Um homenzinho calvo desceu correndo os degraus da encosta, com a mão levantada.

— Mago Zorander! Mago Zorander! — Finalmente parou ofegante na frente deles. — Mago Zorander!

— O que é? — perguntou Zedd, intrigado.

O homem procurou retomar o fôlego.

— Mago Zorander, temos problemas.

— Que problemas? E quem é você?

Ele se aproximou conspiratoriamente e disse em voz baixa: — Sou o chefe do pessoal da cripta. Temos problemas. — Olhou em volta. — Problemas na cripta.

— Que cripta?

O homem ficou surpreso com a pergunta.

— Ora, a cripta de Panis Rahl, o avô do Mestre Rahl, é claro. Zedd franziu a testa.

— E qual é o problema?

O chefe do pessoal encostou nervosamente um dedo nos lábios.

— Eu não vi pessoalmente, Mago Zorander, mas meu pessoal nunca mente. Nunca. Eles me contaram e jamais mentiriam.

— Mas o que é? — gritou Zedd. — Qual é o problema?

Ele olhou em volta outra vez e disse em voz muito baixa: — As paredes, Mago Zorander. As paredes.

Zedd rilhou os dentes.

— O que há com elas?

Ele olhou arregalado para o mago.

— Estão derretendo, Mago Zorander. As paredes da cripta estão derretendo. Zedd olhou zangado para o homem.

— Maldição! Você tem a pedra branca à mão? Pedra branca da pedreira dos profetas?

O homem balançou vigorosamente a cabeça.

— É claro.

Zedd tirou do manto uma pequena bolsa.

— Feche a entrada da tumba com a pedra branca da pedreira dos profetas.

— Fechar a cripta? — perguntou ele, surpreso.

— Sim. Sele a entrada. Do contrário todo o palácio derreterá.

— Entregou a pequena bolsa ao homem, — Misture este pó mágico

na argamassa. Isso deve ser feito antes do pôr-do-sol, compreendeu? Vedada antes do pôr-do-sol.

O homem tirou a bolsa das mãos de Zedd e voltou correndo, subindo os degraus o mais depressa que lhe permitiam suas pernas curtas. Outro homem mais alto, com as mãos enfiadas nos punhos do manto branco, desceu os degraus e passou por ele. Chase olhou para Zedd e cutucou o peito dele com um dedo.

— Panis Rahl, avô do Mestre Rahl?

Zedd pigarreou.

— Sim, bem, precisamos conversar.

O homem de manto branco se aproximou.

— Mago Zorander, Mestre Rahl está por aqui? Precisamos discutir um assunto.

Zedd olhou para o dragão que desaparecia no céu.

— Mestre Rahl estará ausente por alguns dias.

— Mas vai voltar?

— Sim. — Zedd olhou para o homem. — Sim, ele vai voltar.

Você terá de se arranjar até sua volta.

O homem deu de ombros.

— Estamos acostumados com isso aqui no Palácio do Povo, esperar a volta de Mestre Rahl. — Deu alguns passos, mas Zedd o chamou:

— Estou com fome. Há algum lugar por aqui onde possa encontrar algo para comer?

O homem sorriu e estendeu o braço para a entrada do Palácio.

— É claro, Mago Zorander. Permita-me levá-lo a um refeitório,

— E você, Chase, não quer almoçar antes da minha viagem?

O guarda da fronteira olhou para Rachel.

— Almoço? — Ela sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.

— Está bem, Zedd. E para onde você vai?

Zedd ajeitou o manto.

— Vou ver Adie.

Chase ergueu uma sobrancelha.

— Para um pouco de descanso e lazer? — sorriu ele.

Zedd sorriu também.

— Isso mesmo, e também porque preciso levá-la a Aydindril, para a Fortaleza do Mago. Temos muita coisa para ler.

— Por que quer levar Adie para Aydindril para ler na Fortaleza do Mago?

Zedd olhou de soslaio para o guarda da fronteira.

— Porque ela sabe mais sobre o mundo subterrâneo do que qualquer outra pessoa viva.

Fim